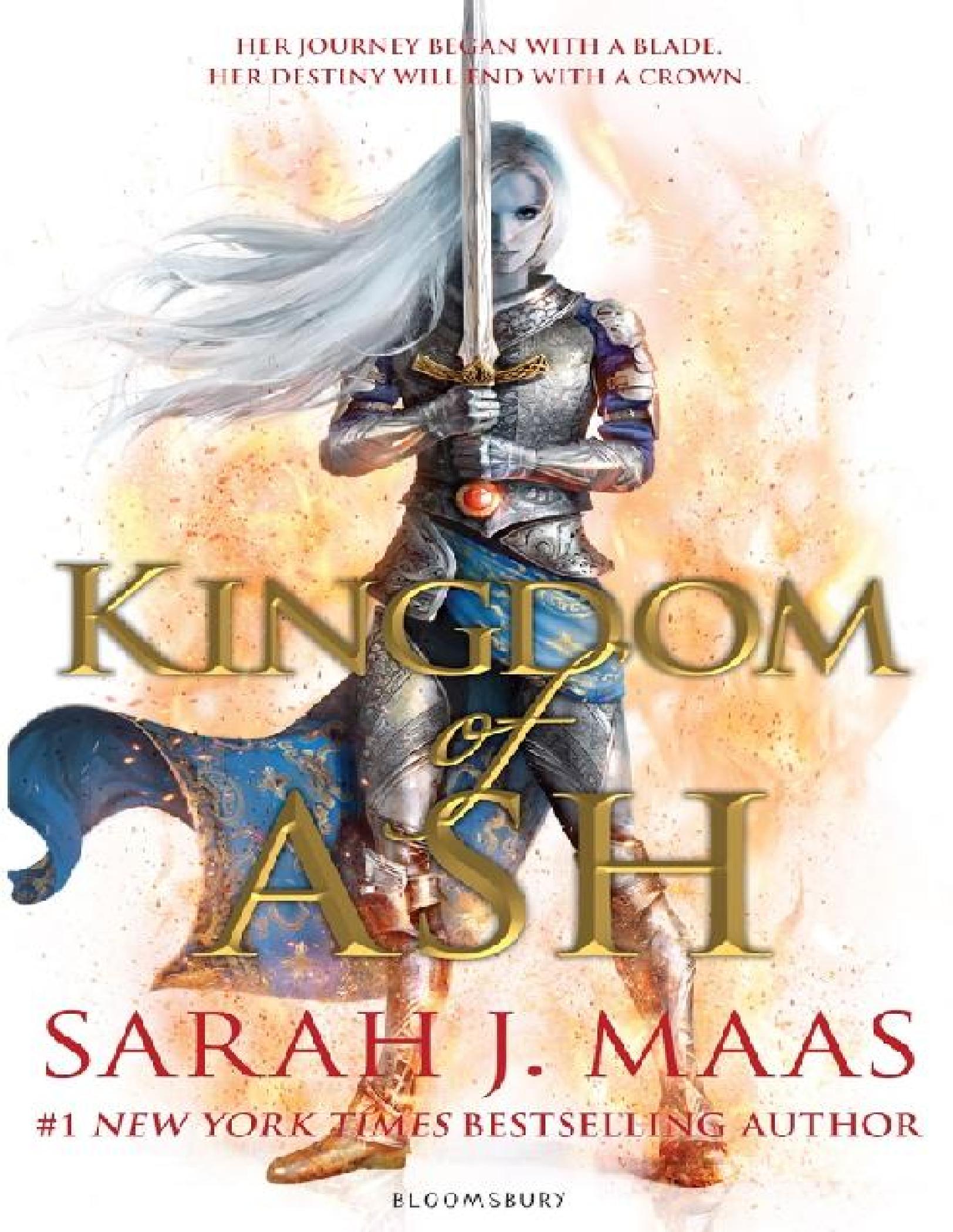


HER JOURNEY BEGAN WITH A BLADE.
HER DESTINY WILL END WITH A CROWN.



KINGDOM *of* ASH

SARAH J. MAAS

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

BLOOMSBURY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

KINGDOM
of
ASH

*Para meus pais — que me ensinaram a acreditar que garotas podem
salvar o mundo*

LIVROS POR SARAH J. MAAS

Série Trono de vidro

A Lâmina da Assassina

Trono de Vidro

Coroa da Meia-Noite

Herdeira do Fogo

Rainha das Sombras

Império de Tempestades

Torre do Alvorecer

Reino das Cinzas

•

The Throne of Glass Colouring Book



Série Corte de Espinhos e Rosas

Corte de Espinhos e Rosas

Corte de Névoa e Fúria

Corte de Asas e Ruína

Corte de Gelo e Estrelas

•

A Court of Thorns and Roses Colouring Book

KINGDOM
of
ASH

SARAH J. MAAS

BLOOMSBURY

LONDON OXFORD NEW YORK NEW DELHI SYDNEY

Conteúdo

O Príncipe
A Princesa

Parte Um: Exércitos e Aliados

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56

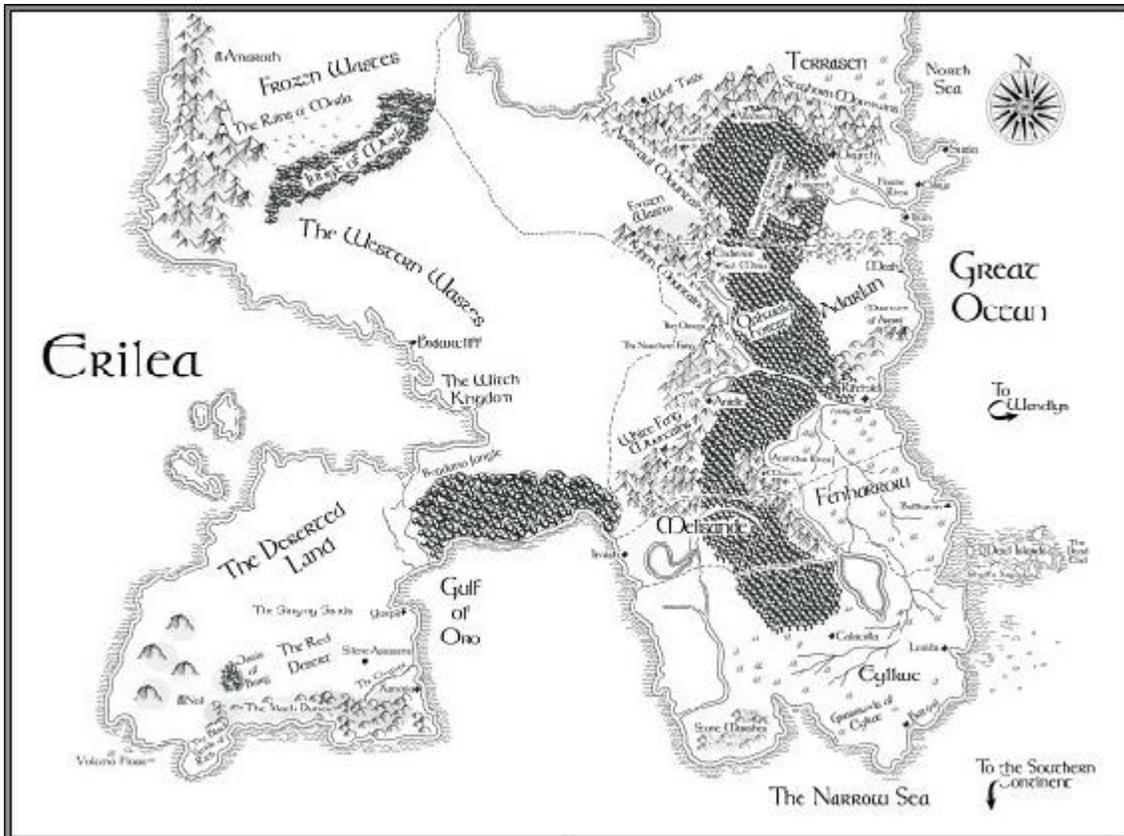
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67

Parte Dois: Deuses e Portões

Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88

Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Capítulo 101
Capítulo 102
Capítulo 103
Capítulo 104
Capítulo 105
Capítulo 106
Capítulo 107
Capítulo 108
Capítulo 109
Capítulo 110
Capítulo 111
Capítulo 112
Capítulo 113
Capítulo 114
Capítulo 115
Capítulo 116
Capítulo 117
Capítulo 118
Capítulo 119
Capítulo 120
Capítulo 121

Um Mundo Melhor
Agradecimentos



*Tradução por Whitethornteca: Drive e Traduções.
Sigam nosso twitter @whitethornteca*

O Príncipe

Ele esteve caçando-a desde o momento em que ela fora tirada dele.

Sua parceira.

Ele mal lembrava seu próprio nome. E apenas se recordava disso porque os três companheiros o falavam enquanto eles procuravam por ela através de mares escuros e violentos, através de florestas antigas e adormecidas, sobre montanhas já enterradas na neve, varridas pela tempestade.

Ele parou por tempo suficiente para alimentar o seu corpo e permitir aos seus colegas algumas horas de sono. Não fosse por eles, ele teria voado, decolado para bem longe.

Porém, precisaria da força das lâminas deles e da magia, precisaria da esperteza e da sabedoria deles antes que aquilo acabasse.

Anteriormente ele enfrentou a rainha obscura que tinha rasgado o seu íntimo, roubando sua parceira bem antes de ela ser trancafiada em um caixão de ferro. E depois que ele tivesse acabado com ela, depois daquilo, então ele enfrentaria os próprios deuses de sangue-frio, determinados a destruir o que poderia ter restado da parceira dele.

Então ele ficou com seus companheiros, mesmo enquanto os dias passavam. Então as semanas.

Então meses.

Ainda assim, ele procurava. Ainda assim, ele a caçava em cada estrada empoeirada e esquecida.

E às vezes, ele falava através do laço entre eles, enviando sua alma pelo vento para qualquer que fosse o lugar onde ela estava

cativa, sepultada.
Eu te encontrarei.

A Princesa

O ferro a sufocava. Tinha extinguido o fogo nas veias dela, tão certamente quanto como se as chamas estivessem sido encharcadas.

Ela era capaz de ouvir a água, mesmo dentro da caixa de ferro, mesmo com a máscara de ferro e as correntes adornando-a como laços de sedas. O rugido, a interminável corrida da água sobre pedra. Isso preenchia os intervalos entre seus gritos.

Um pedaço de ilha no coração de um rio velado pela neblina, um pouco mais do que um pedaço liso de rocha no meio das correntezas e cataratas. Era onde eles tinham a colocado. Guardado-a. Em um templo de pedra construído para algum deus esquecido.

Tão quanto ela provavelmente seria esquecida. Era melhor do que a alternativa: ser lembrada por sua derrota absoluta. Se restasse alguém para se lembrar dela. Se restasse alguém de todo modo.

Não permitiria aquilo. Aquela derrota.

Ela não contaria a eles o que desejavam saber.

Não importava o quão frequentemente seus gritos abafavam o rio furioso. Não importava o quão frequentemente o estalar de seus ossos cravavam através das correntezas gritantes.

Ela tentara manter a contagem dos dias.

Entretanto, ela não sabia por quanto tempo eles tinham a mantido dentro daquela caixa de ferro. Quanto tempo tinham a forçado a dormir, embalada pelo esquecimento causado pela fumaça adocicada que eles soltavam lá dentro enquanto viajavam até ali. Para aquela ilha, aquele templo de dor.

Não sabia por quanto tempo as lacunas duravam entre sua gritaria e seu despertar. Entre o final de uma dor e o começo de uma nova.

Dias, meses, anos – sangraram em conjunto, à medida que seu próprio sangue frequentemente rastejava sobre o chão de pedra até o próprio rio.

Uma princesa que viveria por mil anos. Até mais.

Aquele tinha sido o seu presente. Agora era a sua maldição.

Uma outra maldição para suportar, tão pesada quanto aquela posta sobre ela bem antes de nascer. Sacrificar seu próprio eu para consertar um erro antigo. Pagar o débito de um outro alguém para os deuses que acharam seu mundo, se tornaram prisioneiros nele, e então o governaram.

Ela não sentia a mão acolhedora da deusa que tinha a abençoado e a amaldiçoado com um poder tão terrível. Ela se perguntava se aquela deusa de luz e chamas sequer se importava que ela agora deitava aprisionada dentro da caixa de ferro – ou se a imortal tinha transferido sua atenção para outra pessoa. Para o rei que poderia oferecer a si mesmo no lugar dela e ao ceder a vida dele, poupar seu mundo.

Os deuses não se importavam quem iria pagar o débito. Logo, ela sabia que eles não viriam até ela, salvá-la. Logo, ela não se incomodava em orar para eles.

Mas, ela ainda contava a si mesma a história, às vezes ainda imaginava que o rio a cantava para ela. Que a escuridão vivente dentro do caixão selado cantava aquilo para ela também.

Era uma vez, numa terra há muito queimada até virar cinzas, lá viveu uma jovem princesa que amava o seu reino...

Seria levada para baixo pela corrente, profundamente naquela escuridão, dentro do mar de chama. Tão profundamente para baixo que quando o chicote estalava, quando osso se rompia, ela às vezes não sentia.

Na maioria das vezes, ela o fazia.

Era durante aquelas horas infinitas que ela fixava seu olhar na sua companhia.

Não no caçador da rainha, quem era capaz extrair dor como um músico arrancava uma melodia de um instrumento. Mas sim o enorme lobo branco, acorrentado por laços invisíveis. Forçado a testemunhar aquilo.

Havia alguns dias quando ela não poderia suportar olhar para o lobo.

Quando ela havia chegado tão perto, perto demais, de se quebrar. E

apenas a história evitava que ela fizesse aquilo.

Era uma vez, numa terra há muito queimada até virar cinzas, lá viveu uma jovem princesa que amava o seu reino...

Palavras que ela proferira para um príncipe. Uma vez – há muito tempo.

Um príncipe de gelo e vento. Um príncipe que tinha sido dela, e ela dele. Bem antes do laço entre suas almas ser conhecido por ambos.

Era nele que a tarefa de proteger aquele reino outrora glorioso agora recaía.

O príncipe do qual o aroma era beijado por pinho e neve, o aroma daquele reino que ela amara com seu coração de fogo selvagem.

Mesmo quando a rainha obscura presidia sobre os avanços do caçador, a princesa pensava nele. Agarrava-se à lembrança dele como se fosse uma rocha no rio raivoso.

A rainha obscura com um sorriso de aranha tentava manusear aquilo contra ela. Nas teias obsidianas que ela tecia, as ilusões e sonhos que ela fiava no ápice de cada ponto de ruptura, a rainha tentava torcer a memória dele como uma chave em sua mente.

Elas estavam se tornando um borrão. As mentiras e verdades e memórias. O sono e a negritude dentro do caixão de ferro. Os dias ligados ao altar de pedra no centro do cômodo, ou pendendo de um gancho no telhado, ou amarrado entre correntes ancoradas na

parede rochosa. Tudo estava começando a ficar embaçado, como tinta na água.

Então ela contava a si mesma a história. A escuridão e a chama dentro dela sussurrava aquilo, também, e ela cantava de volta para eles. Trancada naquele caixão, escondida numa ilha dentro do coração de um rio, a princesa recitava a história, de novo e de novo, e deixava que eles liberassem uma eternidade de dor sobre seu corpo.

Era uma vez, numa terra há muito queimada até virar cinzas, lá viveu uma jovem princesa que amava o seu reino...

PART ONE

Armies and Allies

CAPÍTULO 1

A neve viera cedo.

Mesmo para Terrasen, a primeira das brisas outonais tinham se deslocado bem à frente de sua chegada usual.

Aedion Ashryver não estava inteiramente certo de que aquilo era uma benção. Contudo, se aquilo mantivesse as legiões de Morath longe da porta deles um pouco mais, ele ficaria de joelhos e agradeceria aos deuses. Ainda que aqueles mesmos deuses ameaçassem tudo que ele amava. Isso se seres de outro mundo pudessem ser considerados deuses de alguma maneira.

Aedion supunha que tinha coisas mais importantes para contemplar, de qualquer forma.

Nas duas semanas desde que ele tinha se reunido com a sua Devastação, ele não viram nenhum sinal das forças de Erawan, nem terrestre ou aérea. A neve grossa tinha começado a cair três dias depois de sua volta, dificultando o já lento processo de transporte das tropas das armadas reunidas para o vasto campo da Devastação na Planície de Theralis.

Os navios tinham subido o Florine, direto para a porta de Orynth, bandeiras de todas as cores se agitando no vento intenso na Galhada do Cervo: a cobalto e dourada de Wendlyn, a preta e rubro de Ansel de Penhasco dos Arbustos, a prata cintilante dos nobres Whitethorn e seus vários primos. Os Assassinos Silenciosos, espalhados pela frota, não tinham nenhuma bandeira, embora nenhuma fosse necessária para identificá-los – não com as suas roupas pálidas e a variedade de armas belas e violentas.

Os navios logo iriam se juntar à retaguarda deixada na boca do Florine e patrulhariam a costa de Ilium até Suria, mas os soldados – a maioria pertencente às forças da Coroa do Príncipe Galan Ashryver – iriam à frente.

Uma frente que agora estava enterrada sob vários pés de neve.

Com mais a caminho.

Escondido acima de uma estreita passagem na montanha em Galhada do Cervo atrás de Allbrook, Aedion franziu a testa para o céu pesado.

Seu claro casaco de pele misturava-o ao afloramento rochoso cinza e branco, com um capuz ocultando seu cabelo dourado. E mantendo-o aquecido. Muitas das tropas de Galan nunca tinham visto neve, graças ao clima temperado de Wendlyn. Os nobres Whitethorn e suas menores forças dificilmente estavam melhor. Então Aedion deixara Kyllian, seu comandante mais confiável, encarregado de garantir que eles estavam tão aquecidos quanto poderiam.

Estavam longe de casa, lutando por uma rainha que eles não conheciam ou até mesmo acreditavam. Aquele frio gélido enfraqueceria os espíritos e faria brotar discórdia mais rápido do que vento uivante presente entre aqueles picos.

Um movimento tremeluzente do outro lado da passagem capturou o olhar de Aedion, visível apenas porque ele sabia para onde olhar.

Ela camuflara a si própria melhor do que ele tinha o feito. Mas Lysandra tinha a vantagem de estar vestindo um casaco que tinha sido feito para aquelas montanhas.

Não que ele tenha dito aquilo a ela. Ou tivesse a olhado de relance quando eles partiram nessa missão de reconhecimento.

Aelin, aparentemente, tinha negócio secreto em Eldrys e tinha deixado um recado com Galan e os novos aliados dela representá-la por seu desaparecimento. O que permitia que Lysandra os acompanhasse nessa.

Nenhum deles tinha notado, nos quase dois meses que eles estavam mantendo aquela farsa, que a Rainha do Fogo não tinha

nem uma fagulha para exhibir. Ou que ela e a metamorfa nunca apareciam no mesmo lugar. E ninguém, nem os Assassinos Silenciosos do Deserto Vermelho, ou Galan Ashryver, ou as tropas que Ansel de Penhasco dos Arbustos tinha enviado com a arma à frente da maior parte de seu exército, tinham pegado os mínimos detalhes que não pertenciam a Aelin de maneira alguma. Nem tinham eles notado a marca no pulso da rainha que não importasse qual pele vestisse, Lysandra não era capaz de mudar.

Ela fizera um bom trabalho em esconder a marca com luvas ou mangas longas. E se um vislumbre da pele marcada sequer aparecesse, poderia ser explicado como parte das cicatrizes das algemas que ainda restavam.

As cicatrizes falsas ela também adicionara, bem onde Aelin as tinha. Em conjunto com a risada e o sorriso perverso. Com a arrogância e a serenidade.

Aedion quase não podia suportar olhar para ela. Conversar com ela. Apenas o fazia porque tinha de manter aquela farsa também.

Fingir que ele era o primo fiel dela, seu comandante destemido que a guiaria e guiaria Terrasen à vitória, embora fosse pouco provável.

Então ele representava o papel. Um de tantos dos quais ele se vestira em sua vida.

Ainda assim no momento em que Lysandra mudava seu cabelo dourado por cachos escuros, os olhos Ashryver pelos esmeraldas, ele parava de reconhecer sua existência. Alguns dias, o nó de Terrasen tatuado em seu peito, os nomes de sua rainha e da nova corte tecidos do meio dele, parecia uma marca. Principalmente o nome dela.

Apenas tinha a trazido naquela missão para tornar aquilo mais fácil. Mais seguro. Havia outras vidas além da dele em risco, e embora ele pudesse ter se livrado daquela tarefa de reconhecimento passando-a para uma unidade da Devastação, ele precisava da ação.

Tinha levado mais de um mês para velejar desde Eyllwe com seus mais novos aliados, esquivando-se da frota de Morath em volta de

Forte da Fenda, e então aquelas últimas duas semanas para se mover para o interior.

Tinham enfrentado praticamente nenhum combate. Apenas poucos bandos excursionistas dos soldados de Adarlan, sem nenhum Valg entre eles, com os quais tinham lidado rapidamente.

Aedion duvidava que Erawan estava esperando até a Primavera. Duvidava a que a quietude tinha algo a ver com o clima.

Discutira aquilo com seus homens, e com Darrow e outros lordes poucos dias atrás. Era mais provável que Erawan estava esperando até a morte do inverno, quando a mobilidade estaria mais complicada para o exército de Terrasen, quando os soldados de Aedion estariam fracos pelos meses passados na neve, seus corpos rígidos com o frio.

Nem mesmo a fortuna do rei que Aelin tinha tramado e conquistado para eles na última Primavera poderia evitar aquilo.

Sim, comida e lençóis e roupas poderiam ser compradas, mas quando as linhas de suprimentos estivessem enterradas sob a neve, que benefício eles trariam então? Todo ouro em Erilea não seria capaz de parar o lento, firme sugador de força causado por meses num acampamento de inverno, expostos aos cruéis elementos de Terrasen.

Darrow e os outros lordes não acreditavam na afirmação dele de que Erawan atacaria no inverno rigoroso – ou em Ren, quando o Lorde de Allsbrook verbalizou a sua concordância. Erawan não era tolo, eles declararam. Apesar da legião aérea de bruxas dele, mesmo os soldados Valg não poderiam atravessar a neve quando estava com dez pés de profundidade. Tinham decidido que Erawan esperaria até a Primavera.

Ainda assim Aedion não iria arriscar. Nem o Príncipe Galan, que tinha permanecido calado naquela reunião, mas depois procurara Aedion para demonstrar seu apoio. Eles tinham de manter suas tropas aquecidas e alimentadas, mantê-las treinadas e preparadas para marchar a qualquer momento.

Aquela missão de exploração, se a informação de Ren se provasse correta, ajudaria a causa deles.

Próximo dali, a corda de um arco gemeu, quase inaudível pelo vento. Sua ponta e haste tinham sido pintadas de branco, e agora eram pouco visíveis, pois apontavam com precisão mortal para a abertura da passagem.

Aedion pegou o olhar de Ren Allsbrook de onde o jovem lorde estava escondido entre as rochas, a flecha pronta para voar. Vestindo as mesmas peles brancas e cinzentas que Aedion, um lenço pálido sobre a boca, Ren era pouco mais do que um par de olhos escuros e o vislumbre de uma cicatriz cortante.

Aedion fez um gesto para esperar. Mal olhando para a metamorfa do outro lado da passagem, Aedion transmitiu a mesma ordem.

Deixasse que seus inimigos se aproximarem.

A neve esmagada misturava-se com a respiração ofegante.

Bem na hora.

Aedion colocou uma flecha no seu próprio arco e abaixou-se no afloramento..

Como a observadora de Ren havia dito quando correu para a tenda de guerra de Aedion cinco dias atrás, havia seis deles.

Eles não se incomodavam em se misturar à neve e a rocha. Sua pele escura, desgrenhada e estranha, poderia muito bem ter sido um farol contra o branco de Galhada do Cervo. Contudo, era o fedor deles, carregado em um vento rápido, que continha Aedion o suficiente.

Valg. Nenhum sinal de colar em alguém no pequeno bando, nenhuma sugestão de um anel escondido por suas grossas luvas.

Aparentemente, mesmo vermes infestados de demônios poderiam ficar com frio. Ou seus hospedeiros mortais o faziam.

Deixe um deles vivo, Aedion ordenou antes de tomarem suas posições.

Tinha sido um palpite de sorte que eles escolhessem aquela passagem, uma espécie de porta dos fundos meio esquecida nas terras baixas de Terrasen. Larga o bastante para dois cavalos

andarem lado a lado, que havia sido há muito ignorada pelos exércitos conquistadores e pelos comerciantes que procuravam vender seus produtos no interior do país além da Galhada do Cervo.

O que morava ali fora, quem ousava ganhar a vida além de qualquer fronteira reconhecida, Aedion não sabia. Assim como ele não sabia por que esses soldados haviam se aventurado tão longe nas montanhas.

Mas ele descobriria em breve.

O grupo de demônios passou por baixo deles, e Aedion e Ren se moveram para reposicionar seus arcos.

Um tiro direto no crânio. Ele escolheu seu alvo.

O aceno de cabeça de Aedion foi o único sinal antes de sua flecha voar.



Sangue preto ainda estava vaporizando na neve quando a luta parou.

Durou apenas alguns minutos. Apenas alguns, depois que as flechas de Ren e Aedion encontraram seus alvos e Lysandra saltou de seu poleiro para destruir outros três. E arrancou os músculos das panturrilhas do sexto e único membro sobrevivente do grupo.

O demônio gemeu quando Aedion seguiu em sua direção, a neve nos pés do homem agora preta como azeviche, as pernas em tiras. Como restos de uma bandeira ao vento.

Lysandra se sentou perto de sua cabeça, seu boca manchado em ébano e seus olhos verdes fixos no rosto pálido do homem.

Garras agudas brilhavam em suas enormes patas.

Atrás deles, Ren verificou os outros em busca de sinais de vida.

Sua espada subiu e desceu, decapitando-os antes que o ar gelado pudesse torná-los rígidos demais para atravessar.

— Traidor imundo — o demônio fervia de raiva direcionada a Aedion, o rosto estreito, coalhado de ódio. O cheiro desagradável dele preenchia as narinas de Aedion, cobrindo seus sentidos como óleo.

Aedion puxou a faca da lateral do corpo – a longa e perversa adaga que Rowan Whitethorn lhe dera – e sorriu sombriamente.
— Isso pode acontecer rapidamente, se você for inteligente.
O soldado Valg cuspiu nas botas cobertas de neve de Aedion.



O Castelo de Allsbrook tinha a Galhada do cervo às suas costas e a Carvalhal a seus pés por mais de quinhentos anos.

Andando em frente ao fogo crepitante em uma de suas muitas amplas lareiras, Aedion podia contar as marcas de todo inverno brutal sobre as pedras cinzentas. Poderia sentir o peso da história do castelo naquelas rochas também – os anos de valor e serviço, quando esses corredores estavam cheios de cantos e guerreiros, e os longos anos de tristeza que se seguiram.

Ren tinha reivindicado uma poltrona tufada e gasta, ajustada ao lado do fogo, seus antebraços apoiados em suas coxas enquanto olhava para a chama. Eles chegaram tarde ontem à noite, e até mesmo Aedion tinha ficado drenado demais pela jornada através da neve da Carvalhal para conseguir fazer o grande tour. E depois do que eles fizeram esta tarde, duvidava que ele tivesse energia para fazê-lo agora.

O que fora outrora o salão principal estava silencioso e escuro, além do fogo, e acima deles, as tapeçarias e brasões desbotados do estandarte da família Allsbrook balançavam na corrente de ar através das janelas altas que se alinhavam em um dos lados da câmara. Uma variedade de pássaros aninhava-se nas vigas, agachados contra o frio letal além das paredes antigas da fortaleza.

E entre eles, um falcão de olhos verdes ouvia cada palavra.

— Se Erawan está procurando por um caminho para Terrasen — disse Ren finalmente. — As montanhas seriam tolice — ele franziu a testa em direção às bandejas de comida que devoraram minutos atrás. Ensopado de carne de carneiro e legumes assados. A maior parte estava insípida, mas estava quente. — A terra não perdoa

facilmente aqui. Ele perderia inúmeras tropas apenas para as causas naturais.

— Erawan não faz nada sem razão — respondeu Aedion. — A rota mais fácil para Terrasen seria através das fazendas, nas estradas do norte. É onde alguém esperaria que ele marchasse. Ou lá, ou lançar suas forças da costa.

— Ou ambos... por terra e mar.

Aedion assentiu. Erawan tinha espalhado sua rede em seu desejo de acabar com a resistência que havia surgido neste continente. Foi-se o disfarce do império de Adarlan: de Eyllwe à fronteira norte de Adarlan, das margens do Grande Oceano à imponente muralha de montanhas que dividiam seu continente em dois, a sombra do rei Valg crescia a cada dia. Aedion duvidava que Erawan parasse antes de prender colares pretos em volta de todos os pescoços.

E se Erawan alcançasse as outras duas Chaves de Wyrd, se fosse capaz de abrir o Portão de Wyrd à vontade e libertar hordas de Valg de seu próprio reino, talvez até mesmo escravizar exércitos de outros mundos e manejá-los para conquista ... Não haveria chance de detê-lo. Neste mundo ou em qualquer outro.

Toda a esperança de impedir aquele destino horrível agora estava com Dorian Havilliard e Manon Bico Negro. Para onde eles foram nesses meses, o que aconteceu com eles, Aedion não ouviu um sussurro. O que ele supunha era um bom sinal. Sua sobrevivência estava em sigilo.

Aedion disse:

— Então, Erawan desperdiçar um grupo de observadores para encontrar pequenas passagens nas montanhas, parece imprudente — ele coçou a bochecha com a barba por fazer. Eles partiram antes do amanhecer de ontem, e ele optou por dormir em vez de barbear-se. — Não faz sentido, estrategicamente. As bruxas podem voar, então enviar batedores para aprender as armadilhas do terreno é de pouca utilidade. Mas se a informação for para exércitos terrestres... Apertar as forças através de pequenas passagens como aquelas levaria meses, sem mencionar o risco do clima...

— O batedor deles ficou rindo — disse Ren, balançando a cabeça. Seus cabelos negros na altura dos ombros se moviam com ele. — O que estamos perdendo aqui? O que não estamos vendo? — à luz do fogo, a cicatriz que cortava seu rosto estava mais destacada.

Um lembrete dos horrores que Ren tinha sofrido, e dos que sua família não havia sobrevivido.

— Pode ser para nos manter na dúvida. Para nos fazer reposicionar nossas forças — Aedion apoiou a mão no suporte da lareira, a pedra quente penetrando em sua pele ainda gelada.

Ren realmente preparara a Devastação nos meses em que Aedion estivera fora, trabalhando de perto com Kyllian para posicioná-los tão ao sul de Orynth quanto a coleira de Darrow permitisse. O que, no fim das contas, estava pouco além dos sopés que se estendiam no extremo sul da Planície de Theralis.

Desde então, Ren havia cedido o controle a Aedion, embora o reencontro do Lorde Allsbrook com *Aelin* tivesse sido frio. Tão frio quanto a neve batendo fora daquela fortaleza, para ser exato.

Lysandra desempenhara bem o papel, dominando a culpa e a impaciência de Aelin. E depois disso, sabiamente evitava qualquer situação em que pudessem falar sobre o passado. Não que Ren tivesse demonstrado um desejo de relembrar os anos anteriores à queda de Terrasen. Ou os eventos do inverno passado.

Aedion só podia esperar que Erawan também não soubesse que eles não tinham mais a Portadora do Fogo no meio deles. O que as tropas de Terrasen diriam ou fariam quando percebessem que a chama de Aelin não as protegeria na batalha, ele não queria considerar.

— Também poderia ser uma verdadeira manobra que tivemos a sorte de descobrir — ponderou Ren. — Então, corremos o risco de mover tropas para as passagens? Já há algumas na Galhada do Cervo atrás de Orynth e nas planícies do norte além de lá.

Um movimento inteligente da parte de Ren – convencer Darrow a deixá-lo colocar parte da Devastação *atrás* de Orynth, caso Erawan

fosse para o norte e atacasse de lá. Ele não colocou nada além do bastardo.

— Eu não quero que a Devastação se espalhe muito — disse Aedion, estudando o fogo. Tão diferente, essa chama... tão diferente do fogo de Aelin. Como se o diante dele fosse um fantasma em comparação com a coisa vivente que era a magia de sua rainha. — E ainda não temos tropas suficientes para gastar.

Mesmo com as manobras desesperadas e ousadas de Aelin, os aliados que ela ganhou não chegavam perto do poder total de Morath.

E todo o ouro que ela acumulou fazia pouco para conseguir mais apoio — não quando restaram poucos para serem motivados a se juntar à causa deles.

— Aelin não pareceu muito preocupada quando ela foi para Eldry — Ren murmurou.

Por um momento, Aedion estava sobre uma parte da areia ensopada de sangue.

Uma caixa de ferro. Maeve a havia chicoteado e colocado em um verdadeiro caixão. E partiu para Mala-sabia-onde, um sádico imortal com eles.

— Aelin — disse Aedion, falando lentamente da melhor maneira que podia, mesmo quando a mentira o sufocou. — tem seus próprios planos que ela só vai nos dizer quando for a hora certa.

Ren não disse nada. E embora a rainha que Ren acreditava ter retornado era uma ilusão, Aedion acrescentou:

— Tudo o que ela faz é para Terrasen.

Ele tinha dito coisas tão horríveis para ela naquele dia que ela havia derrubado o ilken. *Onde estão nossos aliados?* ele exigiu. Ele ainda estava tentando se perdoar por isso. Para qualquer um deles.

Tudo o que ele tinha era a única chance de fazer o certo, fazer o que ela pediu e salvar o reino deles.

Ren olhou para as espadas gêmeas que ele descartou na antiga mesa atrás delas.

— Ainda assim, ela foi embora. — Não para Eldrys, mas há dez anos.

— Todos nós cometemos erros na última década. — Os deuses sabiam que Aedion tinha muito o que pagar.

Ren ficou tenso, como se as escolhas que o assombravam beliscassem suas costas.

— Eu nunca disse a ela — disse Aedion em voz baixa, para que o falcão sentado nas vigas não pudesse ouvir. — Sobre o ópio em Forte da Fenda.

Sobre o fato de que Ren conhecia o dono e frequentara o estabelecimento da mulher antes da noite que Aedion e Chaol tinham puxado um Ren quase inconsciente para se esconder dos homens do rei.

— Você pode ser um idiota de verdade, sabe disso? — a voz de Ren ficou rouca.

— Eu nunca usaria isso contra você — Aedion segurou o olhar furioso do jovem lorde, deixando Ren sentir o domínio fervendo dentro dele. — O que eu quis dizer, antes de você perder as estribeiras — acrescentou quando a boca de Ren se abriu novamente, — foi que Aelin lhe ofereceu um lugar nesta corte sem conhecer aquela parte do seu passado. — um músculo tremeu no queixo de Ren. — Mas mesmo se ela tivesse, Ren, ela ainda teria feito aquela oferta.

Ren estudou o chão de pedra sob as botas.

— Não existe uma corte.

— Darrow pode gritar tudo o que ele quer, mas eu discordo. — Aedion deslizou na poltrona em frente a Ren. Se Ren realmente apoiou Aelin, com Elide Lochan agora de volta, e Sol e Ravi de Suria provavelmente para apoiá-la, deu a sua rainha três votos a seu favor.

Contra os quatro se opondo a ela.

Havia pouca esperança de que o voto de Lysandra, como Lady de Caraverre, fosse reconhecido.

A metamorfa não pediu para ver a terra que seria sua casa caso sobrevivessem a aquela guerra. Só tinha se transformado em um falcão na trilha dali e voado por um tempo. Quando ela voltou, não disse nada, apesar de seus olhos verdes estarem brilhantes.

Não, Caraverre não seria reconhecido como um território, não até que Aelin assumisse seu trono.

Até que Lysandra fosse coroada rainha, se a sua não voltasse.

Ela *voltaria*. Ela tinha de fazê-lo.

Uma porta se abriu no final do corredor, seguida por passos leves e apressados. Ele levantou com uma batida do coração antes de um alegre — *Aedion!* — cantou sobre as pedras.

Evangeline estava radiante, vestida da cabeça aos pés com roupas de lã verde bordadas com pelo branco, o cabelo vermelho-dourado pendurado em duas tranças. Como as garotas da montanha de Terrasen.

Suas cicatrizes se esticaram quando ela sorriu, e Aedion abriu os braços antes de se lançar sobre ela.

— Disseram que você chegou tarde ontem à noite, mas você saiu antes da primeira luz, e eu estava preocupada de desencontrar com você novamente...

Aedion deu um beijo no topo da cabeça dela.

— Você parece ter crescido desde a última vez que a vi.

Os olhos citrinos de Evangeline brilharam quando ela olhou entre ele e Ren.

— Onde está...

Um flash de luz, e lá estava ela.

Brilhando. Lysandra parecia estar brilhando enquanto passava um manto ao redor de seu corpo despido, a roupa deixada em uma cadeira próxima exatamente para esse propósito. Evangeline se jogou nos braços da metamorfa, meio soluçando de alegria. Os ombros de Evangeline tremiam e Lysandra sorria profunda e calorosamente, acariciando a cabeça da menina.

— Você está bem?

Para todo mundo, a metamorfa teria parecido calma, serena.

Mas Aedion a conhecia – conhecia seu humor, seu segredo. Sabia que o leve tremor em suas palavras era a prova da torrente furiosa sob a bela superfície.

— Ah, sim — disse Evangeline, afastando-se para ir em direção a Ren. — Ele e Lorde Murtaugh me trouxeram aqui logo depois. Ligeirinha está com ele, a propósito. Murtaugh, quero dizer. Ela gosta mais dele do que de mim, porque ele trata suas guloseimas o dia todo. Ela é mais gorda do que uma gata preguiçosa agora.

Lysandra riu e Aedion sorriu. A garota tinha sido bem cuidada.

Como se percebendo, Lysandra murmurou para Ren, sua voz um ronronar suave.

— Obrigada.

As bochechas de Ren estavam vermelhas quando ele se levantou.

— Eu pensei que ela estaria mais segura aqui do que no campo de guerra. Mais confortável, pelo menos.

— Ah, é o lugar mais maravilhoso, Lysandra — Evangeline chiou, segurando a mão de Lysandra entre as suas. — Murtaugh até me levou a Caraverre uma tarde... antes de começar a nevar, quero dizer. Você deve ver isso. As colinas e rios e árvores bonitas, tudo contra as montanhas. Eu pensei ter visto um leopardo fantasma escondido sobre as rochas, mas Murtaugh disse que era um truque da minha mente. Mas eu juro que foi uma... ainda maior que a sua! E a casa! É a casa mais linda que já vi, com um jardim murado nos fundos que, segundo Murtaugh, estará cheio de verduras e rosas no verão.

Por um instante, Aedion não pôde suportar a emoção no rosto de Lysandra enquanto Evangeline tagarelava seus grandes planos para a propriedade. A dor de anseio por uma vida que provavelmente seria arrebatada antes que ela tivesse a chance de reivindicá-la.

Aedion se virou para Ren, o olhar do senhor transfixado em Lysandra. Como sempre foi quando ela tomou sua forma humana.

Lutando contra o desejo de apertar a mandíbula, Aedion disse:

— Você reconhece Caraverre, então.

Evangeline continuou tagarelando alegremente, mas os olhos de Lysandra deslizaram para eles.

— Darrow não é Lorde de Allsbrook — foi tudo o que Ren disse. De fato. E quem não gostaria de um vizinho tão bonito?

Quer dizer, quando ela não vivesse em Orynth sob a pele e a coroa de outra pessoa, usando o Aedion para criar uma linhagem real falsa. Pouco mais que um garanhão para se reproduzir.

Lysandra novamente acenou agradecendo, e o rubor de Ren se aprofundou. Como se eles não tivessem passado o dia todo viajando pela neve e matando Valg. Como se o cheiro de sangue ainda não se apegasse a eles.

De fato, Evangeline farejou a capa que Lysandra mantinha enrolada em volta de si e franziu o cenho.

— Você cheira mal. Todos vocês.

— Tenha modos — advertiu Lysandra, mas riu.

Evangeline colocou as mãos nos quadris em um gesto que Aedion tinha visto Aelin fazer tantas vezes que seu coração doeu ao contemplá-lo.

— *Você* me pediu para dizer se você estava cheirando mal. Especialmente seu hálito — Lysandra sorriu e Aedion resistiu ao puxão em sua própria boca. — Então eu fiz.

Evangeline puxou a mão de Lysandra, tentando arrastar a metamorfa pelo corredor.

— Você pode partilhar meu quarto. Há uma câmara de banho lá dentro. Lysandra concedeu um passo.

— Um bom quarto para um convidado — Aedion murmurou para Ren, suas sobranceiras subindo. Tinha que ser um dos melhores aqui, para ter sua própria câmara de banho.

Ren abaixou a cabeça.

— Ele pertencia a Rose.

Sua irmã mais velha. Quem tinha sido massacrado junto com Rallen, o irmão do meio Allsbrook, na academia de magia que eles participaram. Perto da fronteira com Adarlan, a escola estava diretamente no caminho das tropas invasoras.

Mesmo antes da magia cair, eles teriam poucas defesas contra dez mil soldados. Aedion não se deixou lembrar do massacre de Devellin – aquela escola lendária. Quantas crianças estiveram lá?

Como ninguém escapou.

Ren tinha estado perto de ambas as irmãs mais velhas, mas, acima de tudo, da mais animada Rose.

— Ela teria gostado dela — Ren esclareceu, empurrando o queixo em direção a Evangeline. Marcada por cicatrizes, Aedion percebeu, como Ren foi. O golpe no rosto de Ren tinha sido ganho enquanto escapava dos blocos destruidores, a vida de seus pais o custo do desvio que tirou ele e Murtaugh. As cicatrizes de Evangeline provinham de um tipo diferente de fuga, evitando por pouco a vida infernal que sua amante suportara.

Aedion também não se lembrava desse fato.

Evangeline continuou afastando Lysandra, alheia à conversa.

— Por que você não me acordou quando chegou?

Aedion não ouviu a resposta de Lysandra quando ela se deixou levar do corredor. Não como o olhar do shifter encontrou o seu próprio.

Ela tentou falar com ele nos últimos dois meses. Muitas vezes.

Dezenas de vezes. Ele a ignorou. E quando finalmente chegaram às terras de Terrasen, ela desistiu.

Ela mentiu para ele. Enganado-o tão completamente que a qualquer momento entre eles, qualquer conversa... ele não sabia o que tinha sido real. Não queria saber. Não queria saber se ela queria dizer alguma coisa, quando ele deixou tão estupidamente tudo o que havia antes dela.

Ele acreditava que esta era sua última caçada. Que ele poderia levar seu tempo com ela, mostrar a ela tudo o que Terrasen tinha a oferecer. Mostre a ela tudo o que ele tinha para oferecer também.

Vadia mentirosa, ele a chamou. Gritou as palavras para ela.

Ele reuniu clareza suficiente para se envergonhar disso. Mas a raiva permaneceu.

Os olhos de Lysandra estavam cautelosos, como se perguntassem: *Não podemos, neste raro momento de felicidade, falar como amigos?*

Aedion só retornou ao fogo, bloqueando seus olhos de esmeralda, seu rosto primoroso.

Ren poderia tê-la. Mesmo que o pensamento o fizesse querer quebrar alguma coisa.

Lysandra e Evangeline desapareceram do corredor, a garota ainda cantando.

O peso da decepção de Lysandra permaneceu como um toque fantasma.

Ren limpou a garganta.

— Você quer me dizer o que está acontecendo entre vocês dois?

Aedion lhe deu um olhar fixo que teria enviado homens menores correndo.

— Obtenha um mapa. Eu quero passar por cima dos passes novamente.

Ren, para seu crédito, foi em busca de um.

Aedion olhou para o fogo, tão pálido sem a faísca de magia de sua rainha.

Quanto tempo demoraria até que o vento uivando do lado de fora do castelo fosse substituído pelo bando das feras de Erawan?



Aedion recebeu sua resposta ao amanhecer do dia seguinte.

Sentado em uma das extremidades da longa mesa no Grande Salão, Lysandra e Evangeline tomando um café da manhã tranquilo na outra, Aedion dominou a agitação em seus dedos enquanto abria a carta que o mensageiro entregara momentos antes. Ren e Murtaugh, sentados ao redor dele, se abstinham de exigir respostas enquanto lia. Uma vez. Duas vezes.

Aedion finalmente pousou a carta. Respirou fundo enquanto ele franzia a testa em direção à luz cinzenta e aquosa que vazava através do banco de janelas no alto da parede.

Desceu a mesa, o peso do olhar de Lysandra pressionou-o. No entanto, ela permaneceu onde estava.

— É de Kyllian — disse Aedion com voz rouca. — As tropas de Morath atingiram a costa... em Eldrys.

Ren jurou. Murtaugh ficou em silêncio. Aedion continuou sentado, já que seus joelhos pareciam improváveis de apoiá-lo.

— Ele destruiu a cidade. Transformou-o em escombros sem liberar uma única tropa. — Por que o rei das trevas tinha esperado tanto tempo, Aedion só podia adivinhar.

— As torres das bruxa? — Ren perguntou. Aedion havia dito a ele tudo o que Manon Bico Negro havia revelado em sua jornada pelos pântanos de pedra.

— Não diz — era duvidoso que Erawan manejasse as torres, já que elas eram grandes o suficiente para exigir o transporte por terra, e os batedores de Aedion certamente teriam notado uma torre de 30 metros transportada através de seu território. — Mas as explosões nivelaram a cidade.

— Aelin? — A voz de Murtaugh estava quase sussurrando.

— Tudo bem — mentiu Aedion. — Estava no caminho de volta ao acampamento de Orynth no dia anterior ao que aconteceu. — Claro, não havia menção de seu paradeiro na carta de Kyllian, mas seu principal comandante especulara que, como não havia corpo ou comemorando o inimigo, a rainha havia conseguido. Fora.

Murtaugh ficou desossado no assento e Ligeirinha colocou a cabeça dourada em cima da coxa.

— Agradeça a Mala por essa misericórdia.

— Não agradeça a ela ainda — Aedion enfiou a carta no bolso da grossa capa que ele usava contra o calado no corredor. *Não agradeça a ela merda alguma*, ele quase acrescentou. — A caminho de Eldrys, Morath pegou dez navios de guerra de Wendlyn perto de Ilium e mandou o resto fugir de volta para o floreio, junto com o nosso.

Murtaugh esfregou o queixo.

— Por que não dar perseguição... segui-os rio acima?

— Quem sabe? — Aedion pensaria sobre isso mais tarde. — Erawan voltou sua atenção para Eldrys, e agora ele tomou a cidade.

Ele parece inclinado a lançar algumas de suas tropas de lá. Se desmarcada, eles chegarão a Orynth em uma semana.

— Temos que voltar para o acampamento — disse Ren, com o rosto escuro. — Ver se conseguimos levar nossa frota de volta ao floreio e atacar com Rolfe do mar. Enquanto martelamos da terra.

Aedion não sentia vontade de lembrá-los de que não tinham notícias de Rolfe além de mensagens vagas sobre sua busca pelos micênios dispersos e sua lendária frota. As chances de Rolfe emergir para livrar seus traseiros eram tão pequenas quanto a lendária Tribo dos Lobos, no extremo das Montanhas Anascaul, saindo do interior.

Ou os Feéricos que fugiram de Terrasen há uma década retornando de onde quer que fossem para se juntar às forças de Aedion.

A calma calculista que guiara Aedion pela batalha e o massacre se instalou nele, tão sólida quanto o manto de pele que ele usava. A velocidade seria seu aliado agora. Velocidade e clareza.

As linhas precisam aguentar, ordenou Rowan antes de se separarem. *Compre-nos o tempo que puder.*

Ele cumprirá essa promessa.

Evangeline ficou em silêncio quando a atenção de Aedion deslizou para a metamorfa na mesa.

— Quantos pode carregar em sua forma de serpente alada?

CAPÍTULO 2

Elide Lochan uma vez esperava viajar para longe, para um lugar onde ninguém nunca tinha ouvido falar de Adarlan ou Terrasen, tão distante que Vernon não tivesse chance de encontrá-la.

Ela não previu que isso poderia realmente acontecer.

De pé no antigo beco empoeirado de uma cidade igualmente poeirenta e antiga em um reino ao sul de Doranelle, Elide se maravilhou com os sinos do meio-dia ecoando pelo céu claro, o sol assando as pedras pálidas dos edifícios, o vento seco varrendo a estreita ruas entre eles. Ela aprendeu o nome desta cidade três vezes e ainda não conseguiu pronunciá-la.

Ela supôs que isso não importava. Eles não estariam aqui por muito tempo. Assim como eles não se demoraram em nenhuma das cidades pelas quais passaram, ou nas florestas, montanhas ou planícies. Reino após reino, o ritmo implacável estabelecido por um príncipe que mal parecia se lembrar de falar, muito menos se alimentar.

Elide fez uma careta para o couro de bruxa que ela ainda usava, a capa cinzenta e as botas desgastadas, depois olhou para os dois companheiros no beco. De fato, todos eles já viram dias melhores.

— A qualquer momento agora — Gavriel murmurou, um olho castanho na entrada do beco. Uma figura escura e imponente misturava-se nas sombras escassas do arco meio desmoronado, monitorando a movimentada rua além.

Elide não olhou muito para essa figura. Ela não conseguiu aguentar essas intermináveis semanas. Incapaz de engolir ele, ou a dor insuportável em seu peito.

Elide franziu a testa para Gavriel.

— Deveríamos ter parado para o almoço.

Ele empurrou o queixo para o saco gasto caindo contra a parede.

— Há uma maçã na minha mochila.

Olhando para o prédio que se erguia acima deles, Elide suspirou e pegou a mochila, vasculhando as roupas de reposição, corda, armas e vários suprimentos até arrancar a gorda maçã vermelha e verde. A última das muitas que eles arrancaram de um pomar em um reino vizinho. Elide, sem palavras, estendeu-a para o lorde feérico.

Gavriel arqueou uma sobrancelha dourada.

Elide refletiu o gesto.

— Eu posso ouvir seu estômago roncando.

Gavriel bufou uma risada e pegou a maçã com a cabeça inclinada antes de limpá-la na manga de sua pálida jaqueta.

— Realmente está.

No beco, Elide poderia jurar que a figura escura se enrijeceu.

Ela não lhe deu atenção.

Gavriel mordeu a maçã, seus caninos se revelando. O pai de Aedion Ashryver – a semelhança era estranha, embora elas parassem na aparência. Nos breves dias que passara com Aedion, ele provou ser o oposto do homem pensativo de fala mansa.

Ela se preocupou, depois que Asterin e Vesta os deixaram a bordo do navio que eles navegaram aqui, que ela poderia ter cometido um erro ao escolher viajar com três homens imortais. Que ela seria pisoteada.

Mas Gavriel tinha sido gentil desde o início, certificando-se de que Elide comesse o suficiente e tivesse cobertores nas noites frias, ensinando-a a montar os cavalos que gastaram preciosas moedas para comprar porque Elide não teria chance de acompanhá-los a pé, tornozelo ou não. E nos momentos em que eles tinham que conduzir seus cavalos por terrenos acidentados, Gavriel tinha até apoiado a perna com sua magia, seu poder uma brisa quente de verão contra sua pele.

Ela certamente não estava permitindo que Lorcan fizesse isso por ela.

Ela nunca esqueceria a visão dele rastejando atrás de Maeve quando a rainha tinha rompido o juramento de sangue. Rastejando atrás de Maeve como um amante evitado, como um cão quebrado desesperado por seu dono. Aelin tinha sido brutalizada, a sua localização entregue por Lorcan para Maeve, e ele ainda tentou segui-la. Através da areia ainda molhada com o sangue de Aelin.

Gavriel comeu metade da maçã e ofereceu a Elide o resto.

— Você deveria comer também.

Ela franziu a testa para o roxo sob os olhos de Gavriel. Sob os dela mesma, ela não tinha dúvidas. Seu ciclo, pelo menos, chegara no mês passado, apesar da viagem difícil que queimava qualquer reserva de comida em seu estômago.

Isso foi particularmente mortificante. Para explicar a três guerreiros que já podiam sentir o cheiro do sangue que ela precisava de suprimentos. Paradas mais frequentes.

Ela não mencionou as cólicas que torceram seu intestino, suas costas e amarraram suas coxas. Continuou andando, manteve a cabeça baixa. Sabia que eles teriam parado. Até mesmo Rowan teria parado para deixá-la descansar. Mas todas as vezes que pararam, Elide viu a caixa de ferro. Viu o chicote, brilhando de sangue, enquanto se quebrava no ar. Ouviu o grito de Aelin.

Ela foi embora para que Elide não fosse levada. Não hesitou em se oferecer no lugar de Elide.

Só o pensamento manteve Elide montada em sua égua.

Aqueles poucos dias haviam sido facilitados pelas tiras limpas de linho que Gavriel e Rowan providenciaram, sem dúvida de suas próprias camisas. Quando eles as cortaram, ela não tinha ideia.

Elide mordeu a maçã, saboreando a doce e tenra frescura.

Rowan havia deixado alguns cobres de um suprimento cada vez menor em um toco para dar conta das frutas que eles tinham levado.

Logo eles teriam que roubar seus jantares. Ou vender seus cavalos.

Um baque soou por trás das janelas seladas em um nível acima, pontuadas por gritos abafados de homens.

— Você acha que teremos mais sorte desta vez? — Elide calmamente perguntou.

Gavriel estudou as persianas pintadas de azul, esculpidas em uma treliça intrincada.

— Eu tenho que esperar que sim.

A sorte, de fato, se esgotou nos dias de hoje. Eles tinham pouco desde aquela maldita praia em Eyllwe, quando Rowan sentiu um puxão no laço entre ele e Aelin – o elo de parceria – e seguiu seu chamado através do oceano. No entanto, quando chegaram a essas praias depois de várias semanas terríveis em águas turbulentas, não havia mais nada para rastrear.

Nenhum sinal da armada restante de Maeve. Nenhum sussurro do navio da rainha, o *Rouxinol*, atracando em qualquer porto.

Nenhuma notícia dela voltando ao seu trono em Doranelle.

Rumores eram tudo o que eles tinham que seguir, arrastando-os através de montanhas amontoadas de neve, através de densas florestas e planícies secas.

Até o reino anterior, a cidade anterior, as ruas lotadas cheias de foliões para celebrar Samhuinn, para honrar os deuses quando o véu entre os mundos era mais fino.

Eles não tinham ideia de que aqueles deuses não eram nada além de seres de outro mundo. Que qualquer ajuda que os deuses oferecessem, qualquer ajuda que Elide tivesse recebido daquela pequena voz em seu ombro, tinha um objetivo em mente: voltar para casa. Peões – isso é tudo o que Elide e Aelin e os outros eram para eles.

Isso foi confirmado pelo fato de Elide não ter ouvido um sussurro da orientação de Anneith desde aquele dia horrível em Eyllwe.

Apenas cutucadas durante os longos dias, como se fossem lembretes de sua presença. Que alguém estava assistindo.

Que, se eles tivessem sucesso em sua busca para encontrar Aelin, a jovem rainha ainda deveria pagar o preço final a esses deuses. Se Dorian Havilliard e Manon Bico Negro conseguissem recuperar a terceira e última chave de Wyrd. Se o jovem rei não se oferecesse como sacrifício no lugar de Aelin.

Então Elide suportou aquelas cutucadas ocasionais, recusando-se a contemplar que tipo de criatura tinha tomado tanto interesse por ela. Por todos eles.

Elide descartara esses pensamentos enquanto vasculhava as ruas, ouvindo qualquer sussurro da localização de Maeve. O sol se pôs, Rowan rosnando a cada hora que passava e que não rendiam nada. Como todas as outras cidades não renderam nada.

Elide os fizera continuar passeando pelas ruas alegres, sem ser notados e sem identificação. Ela lembrou a Rowan toda vez que ele mostrava os dentes que havia olhos em todos os reinos, todas as terras. E se saísse a notícia de que um grupo de guerreiros feérico estava aterrorizando cidades em sua busca por Maeve, certamente voltaria para a rainha feérica num instante.

A noite caíra e, nas colinas douradas que se estendiam além das muralhas da cidade, as fogueiras haviam se acendido.

Rowan finalmente parou de rosnar ao ver. Como se tivessem puxado algum fio de memória, de dor.

Mas então eles passaram por um grupo de soldados feéricos bebendo e Rowan ficou parado. Tinha dimensionado os guerreiros daquela maneira fria e calculista que dizia a Elide que ele elaborara algum plano.

Quando eles se esconderam em um beco, o Príncipe feérico expôs em termos brutos e duros.

Uma semana depois, e aqui estavam eles. A gritaria cresceu no prédio acima.

Elide fez uma careta quando a madeira quebrada dominou os sinos da cidade.

— Devemos ajudar?

Gavriel passou a mão tatuada pelo cabelo dourado. Os nomes dos guerreiros que haviam caído sob seu comando, ele explicou quando ela finalmente ousou perguntar na semana passada.

— Ele está quase pronto.

De fato, até mesmo Lorcan agora franziu a testa com impaciência na janela acima de Elide e Gavriel.

Quando os sinos do meio-dia acabaram, as persianas se abriram.

Estilhaçaram-se era uma palavra melhor para ela quando dois machos feéricos vieram voando através delas.

Um deles, de cabelos castanhos e ensanguentados, gritou enquanto caía.

O Príncipe Rowan Whitethorn não disse nada enquanto caía com ele. Enquanto ele segurava o homem, os dentes à mostra.

Elide deu um passo para o lado, dando-lhes bastante espaço enquanto se chocavam contra a pilha de caixas no beco, estilhaços e detritos subindo.

Ela sabia que uma rajada de vento impedia que a queda fosse fatal para o homem de ombros largos, que Rowan arrastou dos destroços pelo colarinho de sua túnica azul.

Ele não tinha utilidade para eles morto.

Gavriel puxou uma faca, permanecendo ao lado de Elide enquanto Rowan batia o estranho contra a parede do beco. Não havia nada de amável no rosto do príncipe. Nada caloroso.

Apenas predador de sangue frio. Absolutamente determinado em encontrar a rainha que segurava seu coração.

— Por favor — o macho cuspiu. Na língua comum.

Rowan o encontrou então. Eles não podiam esperar rastrear Maeve, Rowan tinha percebido em Samhuinn. No entanto, encontrar os comandantes que serviam a Maeve espalhados por vários reinos emprestados a governantes mortais – isso eles podiam fazer.

E o macho Rowan rosou, seu próprio lábio sangrando, *era* um comandante. Um guerreiro, da largura dos ombros até as coxas musculosas. Rowan ainda o diminuía. Gavriel e Lorcan também.

Como se, mesmo entre os feéricos, os três fossem uma raça totalmente diferente.

— Aqui vai como acontecerá — disse Rowan ao comandante choramingar, sua voz mortalmente suave. Um sorriso brutal enfeitou a boca do príncipe, deixando o sangue do lábio partido correndo. — Primeiro eu quebro suas pernas, talvez uma parte da sua espinha para que você não possa engatinhar — ele apontou um dedo ensanguentado pelo beco. Para o Lorcan. — Você sabe quem é, não é?

Como se em resposta, Lorcan rondou pela arcada. O comandante começou a tremer.

— A perna e a espinha, seu corpo acabaria se curando — Rowan continuou enquanto Lorcan continuava sua abordagem de perseguição. — Mas o que Lorcan Salvaterre fará com você... — uma risada baixa e sem alegria. — Você não vai se recuperar disso, amigo.

O comandante lançou olhos frenéticos para Elide, e na direção de Gavriel.

A primeira vez que isso aconteceu – dois dias atrás – Elide não foi capaz de assistir. Aquele comandante em particular não possuía nenhuma informação que valesse a pena compartilhar, e dado o indizível tipo de bordel em que o haviam encontrado, Elide não tinha realmente se arrependido de que Rowan tivesse deixado seu corpo em uma extremidade do beco. Sua cabeça na outra.

Mas hoje, desta vez... *Assista. Veja*, uma pequena voz assobiou em seu ouvido. *Ouçã*.

Apesar do calor e do sol, Elide estremeceu. Apertou os dentes, engarrafando todas as palavras que inchavam dentro dela. *Encontre outra pessoa. Encontre uma maneira de usar seus próprios poderes para forjar o Fecho. Encontre uma maneira de aceitar seu destino para ficar preso neste mundo, então não precisamos pagar uma dívida que não era nossa para começar.*

No entanto, se Anneith agora falava quando só a cutucou naqueles meses... Elide engoliu aquelas palavras furiosas. Como

todos os mortais eram esperados a fazer. Para Aelin, ela poderia se submeter. Como Aelin acabaria por se submeter.

O rosto de Gavriel não tinha misericórdia, apenas um tipo de praticidade sombria quando viu o comandante tremendo pendurado no aperto de ferro de Rowan.

— Diga a ele o que ele quer saber. Você só vai piorar para você.

Lorcan quase os alcançou, um vento escuro girando em torno de seus longos dedos.

Não havia nada do macho que ela conhecia em seu rosto severo. Pelo menos, o macho que ele tinha sido antes daquela praia.

Não, esta foi a máscara que ela viu pela primeira vez em Carvalhal.

Insensível. Arrogante. Cruel.

O comandante viu o poder se reunindo na mão de Lorcan, mas conseguiu zombar de Rowan, com o sangue cobrindo os dentes.

— Ela vai matar todos vocês. — Um olho negro já floresceu, a tampa inchada e fechada. O ar pulsava nos ouvidos de Elide enquanto Rowan bloqueava um escudo de vento ao redor deles. Selando todo o som. — Maeve vai matar todos os seus traidores.

— Ela pode tentar — foi a resposta suave de Rowan.

Veja, Anneith sussurrou novamente.

Quando o comandante começou a gritar dessa vez, Elide não desviou o olhar.

E enquanto Rowan e Lorcan faziam o que tinham sido treinados para fazer, ela não conseguia decidir se a ordem de Anneith tinha sido para ajudar – ou um lembrete do que os deuses poderiam fazer, caso desobedecessem.

CAPÍTULO 3

A Galhada do Cervo estava queimando e Carvalhal com ela.

As árvores antigas e poderosas eram pouco mais que cascas chamuscadas, cinzas espessas quando a neve caía.

Brasas fluíam ao vento, uma zombaria de como eles haviam uma vez flutuado em seu rastro como vaga-lumes enquanto ela corria pelas fogueiras do Beltane.

Tanta chama, o calor sufocando, o próprio ar chamuscando seus pulmões.

Você fez isso, você fez isso, você fez isso.

A rachadura das árvores agonizantes gemeu as palavras, gritou-as.

O mundo foi banhado em fogo. Fogo, não escuridão.

O movimento entre as árvores atraiu sua atenção.

O Senhor do Norte estava frenético, inconsciente de agonia, enquanto galopava em sua direção. Enquanto a fumaça escorria de seu pelo branco, o fogo devorava seus poderosos chifres – não a chama imortal mantida entre eles em seu próprio sigilo, a chama imortal do veado sagrado de Terrasen e de Mala Portadora do Fogo antes disso. Mas chamas verdadeiras e cruéis.

O Senhor do Norte trovejou, queimando, queimando.

Ela estendeu a mão em direção a ele, invisível e inconsequente, mas o cervo orgulhoso mergulhou, gritos subindo de sua boca.

Gritos horríveis e implacáveis. Como se o coração do mundo estivesse sendo destruído.

Ela não podia fazer nada quando o cervo se jogou em uma parede de chamas espalhada como uma rede entre dois carvalhos

em chamas.

Ele não surgiu.



O lobo branco estava a observando novamente.

Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius passou um dedo de ferro sobre a borda do altar de pedra em que ela estava.

Tanto movimento quanto ela conseguiu.

Cairn a deixou aqui desta vez. Não se incomodou em movê-la para a caixa de ferro contra a parede adjacente.

Um indício raro. Acordar não na escuridão, mas na luz bruxuleante da fogueira.

Os braseiros estavam morrendo, acenando com o frio úmido que pressionava sua pele. Para o que quer que não tenha sido coberto pelo ferro.

Ela já havia puxado as correntes o mais silenciosamente que podia. Mas eles se mantiveram firmes.

Eles adicionaram mais ferro. Nela. Começando com as manoplas de metal.

Ela não se lembrava de quando era isso. Onde isso tinha sido.

Havia apenas a caixa então.

O caixão de ferro sufocante.

Ela havia testado as fraquezas repetidas vezes. Antes que eles mandassem aquela fumaça com cheiro adocicado para deixá-la inconsciente. Ela não sabia quanto tempo dormiu depois disso.

Quando ela acordou aqui, não havia mais fumaça.

Ela testou novamente, então. Tanto quanto os ferros permitiram.

Empurrando com os pés, os cotovelos, as mãos contra o implacável metal. Ela não tinha espaço suficiente para virar. Para aliviar a dor das correntes cavando nela. Atritando nela.

As feridas das chicotadas gravadas profundamente em suas costas haviam desaparecido. Os que tinham cortado a pele até o osso. Ou isso tinha sido um sonho também?

Ela tinha entrado na memória, em anos de treinamento na fortaleza de um assassino. Nas lições em que ela foi deixada acorrentada, em seu próprio lixo, até descobrir como removê-las.

Mas ela estava ligada a esse treinamento em mente. Nada do que ela experimentou na escuridão apertada havia funcionado.

O metal da luva raspou contra a pedra escura, quase inaudível sobre os braseiros sibilantes, o rio rugindo além deles. Onde quer que eles estivessem.

Ela e o lobo.

Fenrys.

Nenhuma corrente o amarrava. Nenhuma foi necessário.

Maeve ordenou que ele ficasse, para ficar de pé, e assim ele faria.

Por longos minutos, eles se encararam.

Aelin não refletiu sobre a dor que a levara à inconsciência.

Mesmo quando a lembrança de ossos quebrados fez seu pé se contorcer. As correntes soaram.

Mas nada cintilava onde a agonia deveria ter sido excessiva.

Não um sussurro de desconforto em seus pés. Ela excluiu a imagem de como aquele macho – Cairn – os separara. Como ela gritou até que sua voz falhou.

Pode ter sido um sonho. Uma das infinitas hordas que a caçaram na escuridão. Um cervo em chamas, fugindo através das árvores. Horas neste altar, seus pés se quebraram sob ferramentas antigas. Um príncipe de cabelos prateados cujo perfume era o de casa.

Eles se obscureceram e sangraram, até que mesmo neste momento, olhando para o lobo branco encostado na parede em frente ao altar, poderia ser um fragmento de uma ilusão.

O dedo de Aelin arranhou a borda curva do altar novamente.

O lobo piscou para ela – três vezes. Nos primeiros dias, meses, anos disso, eles criaram um código silencioso entre eles. Usando os poucos momentos em que conseguiu desenterrar a fala, sussurrando através dos buracos quase invisíveis no caixão de ferro.

Uma piscada para *sim*. Duas para *não*. Três para *você está bem?* Quatro para *estou aqui, estou com você*. Cinco para *Isto é real, você*

está acordada.

Fenrys piscou novamente três vezes. *Você está bem?*

Aelin engoliu a espessura de sua garganta, a língua descascando do céu da boca. Ela piscou uma vez. *Sim.*

Ela contou suas piscadas.

Seis.

Ele inventou isso. *Mentirosa* ou algo parecido. Ela se recusou a reconhecer esse código em particular.

Ela piscou mais uma vez. *Sim.*

Olhos escuros a examinaram. Ele viu tudo. Cada momento disso. Se lhe fosse permitido mudar, ele poderia dizer a ela o que foi feito e o que era real. Se alguma coisa daquilo tivesse sido real.

Nenhum ferimento permaneceu quando ela acordou. Sem dor.

Apenas a memória disso, do rosto sorridente de Cairn enquanto ele a esculpia repetidamente.

Ele deve tê-la deixado no altar porque ele pretendia voltar em breve.

Aelin mexeu o suficiente para puxar as correntes, a trava da máscara se cravando na parte de trás de sua cabeça. O vento não roçou suas bochechas, ou a maior parte de sua pele, em... ela não sabia.

O que não estava coberto de ferro era vestido com uma manta branca sem mangas que caía até o meio da coxa. Deixando as pernas e os braços nus para as ministrações de Cairn.

Houve dias, lembranças, até de que aquela mudança se foi, de facas raspando seu abdômen. Mas sempre que ela acordava, a mudança permanecia intacta. Intocada. Sem cor.

As orelhas de Fenrys se animaram, se contorcendo. Todo o alerta que Aelin precisava.

Odiava o tremor que começava a enrolar-se ao redor de seus ossos enquanto passos passeando arrastavam-se para além da sala quadrada e da porta de ferro para dentro. A única maneira de entrar.

Sem janelas. O salão de pedra que ela às vezes vislumbrava era igualmente selado. Apenas o som da água entrou nesse lugar.

Ele aumentou quando a porta de ferro se abriu e gemeu aberta.

Ela se obrigou a não tremer quando o homem de cabelos castanhos se aproximou.

— Acordada tão cedo? Eu não devo ter trabalhado com você o suficiente.

Aquela voz. Ela odiava aquela voz acima de todas as outras.

Cromada e fria.

Ele usava trajes de guerreiro, mas não havia armas de guerreiro penduradas no cinto em sua cintura fina.

Cairn notou onde seus olhos caíram e deu um tapinha no martelo pesado pendurado em seu quadril.

— Tão ansiosa por mais.

Não havia chamas para se reunir com ela. Nenhuma brasa.

Ele andou até a pequena pilha de troncos ao lado de um braseiro e alimentou alguns até o fogo agonizante. Ele rodou e estalou, saltando sobre a madeira com dedos famintos.

Sua magia não chegou a piscar em resposta. Tudo o que ela comeu e bebeu através da pequena fenda na boca da máscara estava cheio de ferro.

Ela recusou no começo. Tinha provado o ferro e cuspidos.

Ela tinha ido à beira de morrer de falta de água quando eles forçaram isto abaixo a garganta dela. Então eles a deixariam passar fome – morrer de fome até que ela quebrasse e devorasse o que eles colocassem na frente dela, com ferro ou não.

Ela não costumava pensar naquela época. Essa fraqueza. Quão animado Cairn ficou para vê-la comendo, e o quanto ele se enfureceu quando ainda não rendeu o que ele queria.

Cairn carregou o outro braseiro antes de estalar os dedos para Fenrys.

— Você pode fazer as suas necessidades no corredor e voltar aqui imediatamente.

Como se um fantasma o erguesse, o enorme lobo saiu.

Maeve considerou mesmo isso, concedendo poder a Cairn para ordenar quando Fenrys comesse e bebesse, quando ele urinasse. Ela

sabia que Cairn deliberadamente esqueceu às vezes. Os gemidos caninos de dor chegaram até ela, mesmo na caixa.

Real. Isso foi real.

O homem diante dela, um guerreiro treinado em tudo, exceto honra e espírito, examinou seu corpo.

— Como vamos brincar hoje à noite, Aelin?

Ela odiava o som do nome dela na língua dele.

Seu lábio se curvou para trás de seus dentes.

Rápido como uma víbora, Cairn agarrou sua garganta com força suficiente para machucar.

— Ainda com essa raiva.

Ela nunca deixaria isso – a raiva. Mesmo quando ela afundou naquele mar ardente dentro dela, mesmo quando ela cantou para a escuridão e a chama, a raiva a guiou.

Os dedos de Cairn afundaram em sua garganta, e ela não conseguiu parar o barulho de asfixia que engasgou com ela.

— Isso tudo pode acabar com algumas pequenas palavras, princesa — ele ronronou, caindo baixo o suficiente para que sua respiração escovasse sua boca. — Algumas pequenas palavras, e você e eu vamos nos separar para sempre.

Ela nunca faria isso. Nunca faria o juramento de sangue para Maeve.

Jurar e entregar tudo o que ela sabia, tudo o que ela era.

Tornar-se escrava eternamente. E inaugurar a desgraça do mundo.

O aperto de Cairn em seu pescoço afrouxou, e ela inalou profundamente. Mas seus dedos demoraram-se no lado direito de sua garganta.

Ela sabia precisamente que local, que cicatriz, ele passou os dedos. As pequenas marcas gêmeas no espaço entre o pescoço e o ombro.

— Interessante — Cairn murmurou.

Aelin afastou a cabeça, mostrando os dentes novamente.

Cairn a atingiu.

Não o rosto dela, vestido de ferro que rasgaria os nós dos dedos. Mas seu estômago desprotegido.

A respiração saiu nela, e o ferro bateu enquanto ela tentava e falhava em se enrolar de lado.

Com as patas silenciosas, Fenrys recuou e assumiu seu lugar contra a parede. A preocupação e a fúria queimavam nos olhos escuros do lobo enquanto ela ofegava por ar, enquanto seus membros acorrentados ainda tentavam se enrolar em torno de seu abdômen. Mas Fenrys só poderia se abaixar no chão mais uma vez.

Quatro piscadas. *Eu estou aqui, estou com você.*

Cairn não viu. Não comentou em seu piscar de olhos quando ele sorriu para as minúsculas mordidas em seu pescoço, seladas com o sal das águas quentes de Baía da Caveira.

Marcas de Rowan. Marcas de um parceiro.

Ela não se deixou pensar nele por muito tempo. Não quando Cairn folheou aquele martelo pesado e o pesou em suas mãos largas.

— Se não fosse pela ordem da mordança de Maeve — o macho meditou, examinando seu corpo como um pintor avaliando uma tela vazia. — Eu colocaria meus dentes em você. Vejo que as marcas de Whitethorn ainda continuam.

Pavor enrolou em seu intestino. Ela viu a evidência do que suas longas horas aqui convocaram dele. Seus dedos se curvaram, raspando a pedra como se fosse o rosto de Cairn.

Cairn mudou o martelo para uma mão.

— Isso terá que fazer, suponho — ele passou a outra mão pelo comprimento de seu torso, e ela empurrou contra as correntes no toque proprietário. Ele sorriu. — Tão sensível — ele agarrou seu joelho nu, apertando suavemente. — Nós começamos nos pés mais cedo. Vamos mais alto desta vez.

Aelin se preparou. Tomou respirações que a levariam para longe daqui. De seu corpo.

Ela nunca deixaria que eles a quebrassem. Nunca faça esse juramento de sangue.

Por Terrasen, por o seu povo, a quem ela deixou para suportar seu próprio tormento por dez longos anos. Ela devia muito a eles.

Profundo, profundo e profundo ela foi, como se pudesse superar o que estava por vir, como se ela pudesse se esconder dele.

O martelo brilhava à luz do fogo enquanto se erguia sobre o joelho, a respiração de Cairn sugando, a antecipação e o deleite se misturando em seu rosto.

Fenrys piscou, repetidamente. *Eu estou aqui, estou com você.*

Não impediu que o martelo caísse.

Ou o grito que se quebrou de sua garganta.

CAPÍTULO 4

— Este acampamento foi abandonado por meses.

Manon se virou do penhasco coberto de neve onde ela estava monitorando a borda oeste das Montanhas Canino Branco. Em direção aos Desertos.

Asterin permaneceu agachada sobre os restos semi-enterrados de uma fogueira, a pele de cabra desgrenhada pendurada nos ombros, agitando-se no vento gelado. A Segunda dela prosseguiu:

— Ninguém está aqui desde o começo do outono.

Manon suspeitava disso. As Sombras haviam avistado o local uma hora antes em sua patrulha do terreno à frente, percebendo de alguma forma as irregularidades escondidas de forma inteligente no lado sotavento do pico rochoso. A mãe sabia que a própria Manon poderia ter voado bem por cima.

Asterin ficou de pé, tirando a neve dos joelhos de seus couros.

Mesmo o material grosso não foi suficiente para evitar o frio brutal.

Daí as peles de cabra da montanha que eles recorreram ao uso.

Bom para se misturar na neve, Edda alegou, a Sombra até mesmo deixando a tintura de cabelo escuro que ela favorecia sair durante estas semanas para revelar a lua branca de sua tom natural.

O tom de Manon. Briar manteve a coloração. Uma delas era necessária para explorar a noite, a outra Sombra alegou.

Manon examinou as duas Sombras cuidadosamente passando pelo acampamento. Talvez não mais sombras, mas sim as duas faces da lua. Uma escura, uma clara.

Uma das muitas mudanças para as Treze.

Manon soltou um suspiro, o vento arrancando o sopro quente.

— Elas estão lá fora — Asterin murmurou para que as outras não pudessem ouvir de onde se juntaram pela pedra saliente que os protegia do vento.

— Três campos — Manon disse com igual tranquilidade. — Tudo há muito abandonado. Estamos caçando fantasmas.

O cabelo de ouro de Asterin se soltou da trança, soprando para o oeste. Em direção à terra natal elas poderiam muito bem nunca ver.

— Os acampamentos são a prova de que são carne e sangue.

Ghislaine acha que podem ser das caçadas do final do verão.

— Eles também poderiam ser dos homens selvagens destas montanhas — embora Manon soubesse que eles não eram. Ela havia caçado Crochans suficientes nos últimos cem anos para identificar seu estilo de fazer fogueiras, seus pequenos acampamentos. Todas as Treze tiveram. E todos eles rastrearam e mataram muitos dos homens selvagens dos Canino Branco no começo do ano, em nome de Erawan, que eles também conheciam seus hábitos.

Os olhos negros salpicados de ouro de Asterin caíram naquele horizonte borrado.

— Nós vamos encontrá-las.

Em breve. Eles tiveram que encontrar pelo menos *algumas* dos Crochans em breve. Manon sabia que eles tinham métodos de comunicação, espalhados como estavam. Formas de pedir ajuda. Um pedido de ajuda.

O tempo não estava do lado delas. Fazia quase dois meses desde aquele dia na praia de Eyllwe. Desde que ela descobriu o terrível custo que a Rainha de Terrasen deve pagar para acabar com essa loucura. O custo que outro com a linhagem de Mala também pode pagar, se necessário.

Manon resistiu ao desejo de olhar por cima do ombro para onde o rei de Adarlan estava entre as outras Treze, entretendo Vesta conjurando chamas, água e gelo para a palma da mão. Uma pequena exibição de uma terrível e maravilhosa magia. Ele colocou três espirais dos elementos dançando preguiçosamente ao redor um

do outro, e Vesta arqueou uma sobrancelha impressionada. Manon tinha visto o modo como a sentinela ruiva olhava para ele, notara que Vesta sabiamente se abstinha de agir de acordo com esse desejo.

Manon não lhe dera tais ordens, no entanto. Não disse nada às Treze sobre o que, exatamente, o rei humano era para ela.

Nada, ela queria dizer. Alguém tão desatento quanto ela. Tão silenciosamente zangado. E tão pressionado pelo tempo. Encontrar a terceira e última Chave de Wyrð provou-se fútil. As duas que o rei carregava no bolso não ofereciam orientação, apenas seu poder sobrenatural. Onde Erawan a mantinha, eles não tinham a menor ideia. Procurar em Morath ou qualquer outro posto avançado seria suicídio.

Então eles deixaram de lado a caçada, depois de semanas de busca infrutífera, em favor de encontrar as Crochans. O rei protestara inicialmente, mas cedera. Seus aliados e amigos no norte precisavam de tantos guerreiros quantos pudessem reunir. Encontrando as Crochans... Manon não quebraria sua promessa.

Ela poderia ser a herdeira deserddada do clã Bico Negro, agora poderia comandar apenas uma dúzia de bruxas, mas ela ainda podia se manter fiel à sua palavra.

Então ela encontraria as Crochans. Convenceria-as a voar para a batalha com as Treze. Com ela. A última rainha Crochan viva deles.

Mesmo que isso as levasse direto ao abraço da Escuridão.

O sol se arqueava mais alto, a luz das neves quase cegando.

Protelar tinha sido imprudente. Eles sobreviveram a esses meses com força e inteligência. Enquanto eles caçavam as Crochans, eles mesmos eram caçados. Pernas-amarelas e Sangue Azul, principalmente. Todas em patrulhas de reconhecimento.

Manon dera a ordem para não se envolver, não para matar.

Uma patrulha perdida de Dentes de Ferro só indicaria sua localização. Embora Dorian pudesse ter quebrado o pescoço sem levantar um dedo.

Foi uma pena que ele não tivesse nascido uma bruxa. Mas ela aceitaria de bom grado um aliado tão letal. Assim seria as Treze.

— O que você vai dizer... — pensou Asterin. — quando encontrarmos as Crochans?

Manon havia pensado várias vezes. Se as Crochans soubessem quem era Lothian Bico Negro, ela amara o pai de Manon — um Príncipe Crochan de nascimento raro. Que seus pais tinham sonhado, *acreditavam* que eles criaram uma criança para quebrar a maldição sobre os Dentes de Ferro e unir seus povos.

Uma criança não de guerra, mas de paz.

Mas essas eram palavras estrangeiras em sua língua. Amor.

Paz.

Manon passou um dedo enluvado no pedaço de tecido vermelho que prendia o final de sua trança. Um fragmento do manto da meia-irmã dela. Rhiannon. Nomeada pela última Rainha das Bruxas. De quem cara Manon de alguma forma suportou. Manon disse:

— Vou pedir as Crochans para não atirarem, suponho.

A boca de Asterin se contorceu em direção a um sorriso.

— Eu quis dizer sobre quem você é.

Ela raramente se recusou de qualquer coisa. Raramente temia qualquer coisa. Mas dizendo as palavras, essas palavras...

— Eu não sei — admitiu Manon. — Vamos ver se chegarmos tão longe.

O Demônio Branco. Isso é o que as Crochans a chamavam. Ela estava no topo de sua lista de matar. Uma bruxa que toda Crochan deveria matar à vista. Só esse fato dizia que eles não sabiam o que ela era para eles.

No entanto, sua meia-irmã havia descoberto. E então Manon cortou sua garganta.

Manon Assassina das Suas, sua avó havia zombado. A Matriarca provavelmente apreciara cada coração Crochan que Manon trouxera para ela na Fortaleza das Bico Negro nos últimos cem anos.

Manon fechou os olhos, ouvindo o canto oco do vento.

Atrás deles, Abraxos soltou um gemido impaciente e faminto.

Sim, eles estavam com fome todos esses dias.

— Vamos segui-la, Manon — disse Asterin suavemente.

Manon se virou para sua prima.

— Eu mereço essa honra?

A boca de Asterin pressionou em uma linha apertada. O ligeiro solavanco no nariz dela – Manon havia lhe dado isso. Ela quebrou na bagunça no corredor do Omega para brigas com Pernas-amarelas boca-a-boca. Asterin nunca se queixara disso. Tinha parecido usar a lembrança do espancamento que Manon deu como um distintivo de orgulho.

— Só você pode decidir se você merece, Manon.

Manon deixou as palavras se acalmarem quando ela desviou o olhar para o horizonte a oeste. Talvez ela merecesse essa honra se conseguisse trazê-los de volta para uma casa em que nunca tivessem visto.

Se eles sobreviveram a esta guerra e todas as coisas terríveis que devem fazer antes que acabasse.



Não era fácil escapar de treze bruxas adormecidas e suas serpentes aladas.

Mas Dorian Havilliard as estava estudando – seus relógios, que dormiam mais profundamente, que poderiam relatar tê-lo visto se afastar de sua pequena fogueira e que manteriam as bocas fechadas.

Semanas e semanas, desde que ele resolveu essa ideia. Este plano.

Eles acamparam no pequeno afloramento onde encontraram vestígios longos e frios das Crochans, abrigando-se sob a rocha suspensa, as serpentes aladas uma parede de calor coriáceo ao redor deles.

Ele tinha minutos para fazer isso. Estava praticando há semanas – não fazendo nenhum osso se levantar no meio da noite, não mais do que um homem sonolento descontente por ter que enfrentar os

elementos frígidos para atender às suas necessidades. Deixando as bruxas se acostumarem com seus movimentos noturnos.

Deixando Manon se acostumar com isso também.

Embora nada tivesse sido declarado entre eles, os seus sacos de dormir ainda ficavam ao lado um do outro todas as noites.

Não que um acampamento cheio de bruxas oferecesse qualquer tipo de oportunidade para se envolver com ela. Não, para isso, eles recorreram a florestas nuas de inverno e a jatos de neve, suas mãos buscando qualquer pedaço de pele nua que ousassem expor ao ar frio.

Seus acoplamentos eram breves e selvagens. Dentes e unhas e rosnando. E não apenas de Manon.

Mas depois de um dia de busca infrutífera, pouco mais que uma guarda glorificada contra os inimigos que os caçavam enquanto seus amigos sangravam para salvar suas terras, ele precisava da libertação tanto quanto ela. Eles nunca discutiram isso – o que os perseguiu. O que foi bom para ele.

Dorian não tinha ideia do tipo de homem que se tornou.

Na maioria dos dias, se ele estava sendo honesto, ele se sentia pouco. Sentia-se pouco há meses, salvo aqueles momentos selvagens e roubados com Manon. E salvo nos momentos em que ele treinou com as Treze, e uma espécie de raiva o levou a continuar balançando a espada, continuando a levantar quando elas o derrubaram.

Espada, arco e flecha, trabalho com faca, rastreamento – elas ensinaram tudo o que ele pedia. Junto com o peso sólido de Damaris, uma faca de bruxa agora estava pendurada no cinto da espada. Ele tinha sido presenteado com ela por Sorrel quando ele conseguiu prender pela primeira vez a Terceira de cara numa pedra. Duas semanas atrás.

Mas quando as lições terminavam, quando eles se sentavam ao redor da pequena fogueira que ousavam se arriscar a cada noite, ele se perguntava se as bruxas poderiam farejar a inquietação que mordiscava seus calcanhares.

Se elas pudessem agora farejar que ele não tinha intenção de mijar na noite gelada enquanto ele caminhava entre seus mantos de dormir, então através do pequeno espaço entre Narene, a égua azul-celeste de Asterin e Abraxos. Ele acenou para onde Vesta estava de vigia, e a bruxa ruiva, apesar do frio brutal, lançou um sorriso perverso antes de virar a esquina da saliência rochosa e desaparecer além da vista.

Ele escolheu o horário dela por um motivo. Havia alguns entre as Treze que nunca sorriam. Lin, que ainda parecia estar debatendo consigo mesma sobre para examinar as entranhas dele; e Imogen, que ficava na dela e não sorria para *ninguém*. Thea e Kaya geralmente reservavam seus sorrisos uma para a outra, e quando Faline e Fallon – os olhos demoníacos verdes gêmeos, como os outros os chamavam – sorriam, significava que o inferno estava prestes a se soltar.

Todos elas poderiam ter suspeitado se ele desaparecesse por muito tempo. Mas Vesta, que descaradamente flertou com ele – ela deixou que ele ficasse fora do acampamento. Provavelmente por medo do que Manon poderia fazer com ela se fosse flagrada atrás dele na escuridão.

Um cretino, ele era um cretino por usá-las assim. Para avaliar e monitorá-las quando elas atualmente arriscavam tudo para encontrar as Crochans.

Mas não fazia diferença se ele se importasse. Sobre elas. Sobre ele, ele supôs. Cuidar não lhe fez nenhum favor. Não fez nenhum favor a Sorscha.

E isso não importaria, uma vez que ele desistisse de tudo para selar o Portão de Wyrd.

Damaris era um peso ao seu lado, mas nada comparado aos dois objetos enfiados no bolso de sua jaqueta pesada. Felizmente, ele aprendeu rapidamente a abafar seus sussurros, seu aceno de outro mundo. A maior parte do tempo.

Nenhuma das bruxas havia questionado por que ele tinha sido tão facilmente persuadido a desistir da caça pela terceira Chave de

Wýrd.

Ele sabia que não devia perder tempo discutindo. Então ele planejou, e deixou que elas deixassem Manon acreditar que ele estivesse contente em seu papel de protegê-las com sua magia.

Alcançando a clareira envolta em pedregulhos que ele havia explorado antes sob o disfarce de vagar pelo local, Dorian fez um rápido trabalho com seus preparativos.

Ele não havia esquecido um único movimento das mãos de Aelin em Baía da Caveira quando ela manchara seu sangue no chão do quarto no Rosa do Oceano.

Mas não foi Elena quem ele planejou convocar com seu sangue.

Quando a neve estava vermelha, quando ele se assegurou de que o vento ainda estava soprando seu cheiro longe do acampamento das bruxas, Dorian desembainhou Damaris e mergulhou-a no círculo da Marca de Wýrd.

E então esperou.

Sua magia era um constante impulso através dele, a pequena chama que ele ousou conjurar o suficiente para aquecer seu corpo. Para evitar que ele tremesse até a morte enquanto os minutos passavam.

O gelo foi a primeira manifestação de sua magia. Ele supôs que deveria dar a ele algum tipo de preferência por isso. Ou pelo menos alguma imunidade. Ele não tinha nada disso. E ele decidiu que, se sobrevivessem o suficiente para suportar o calor escaldante do verão, ele nunca mais iria reclamar sobre isso.

Ele estava aperfeiçoando sua magia da melhor maneira possível durante essas semanas de caça implacável e inútil. Nenhuma das bruxas possuía poder, não além do Yielding, que elas disseram que só poderia ser conjurado uma vez - a um efeito terrível e devastador.

Mas as Treze assistiram com algum grau de interesse enquanto Dorian continuava as lições que Rowan tinha começado. Gelo. Fogo.

Água. Cura. Vento. Com a neve, tentar fazer a vida da terra congelada se mostrou impossível, mas ele ainda tentou.

A única magia que sempre saltou em sua convocação permaneceu aquela força invisível, capaz de quebrar ossos. Isso, as bruxas gostaram melhor. Especialmente desde que ele fez sua maior linha de defesa contra seus inimigos. Morte - esse foi o seu presente. Tudo o que ele parecia capaz de oferecer aos que o rodeavam. Ele era um pouco melhor que o pai a esse respeito.

A chama fluiu sobre ele, invisível e estável.

Eles não ouviram um sussurro de Aelin. Ou Rowan e seus companheiros. Nem um sussurro de se a rainha ainda era cativa de Maeve.

Ela estava disposta a ceder tudo para salvar Terrasen, para salvar todos eles. Ele não podia fazer nada menos. Aelin certamente tinha mais a perder. Um parceiro e marido que a amava. Um tribunal que a seguiria até o inferno. Um reino muito aguardando seu retorno.

Tudo o que ele tinha era um túmulo sem identificação para uma curandeira que ninguém se lembraria, um império quebrado e um castelo destruído.

Dorian fechou os olhos por um momento, bloqueando a visão do castelo de vidro explodindo, a visão de seu pai procurando por ele, implorando por perdão. Um monstro - o homem tinha sido um monstro em todos os sentidos possíveis. Tinha sido pai de Dorian enquanto estava possuído por um demônio Valg.

O que isso fez dele? Seu sangue ficou vermelho, e o príncipe Valg, que infestara o próprio Dorian, se deliciara em banquetear-se com ele, em fazê-lo *aproveitar* tudo o que ele fizera enquanto estava com o colar. Mas isso ainda o fez completamente humano?

Soltando um longo suspiro, Dorian abriu os olhos.

Um homem estava do outro lado da clareira nevada.

Dorian curvou-se baixo.

— Gavin.



O primeiro rei de Adarlan tinha seus olhos.

Ou melhor, Dorian tinha os olhos de Gavin, passado os mil anos entre eles.

O resto do antigo rosto do rei era estranho: o longo cabelo castanho-escuro, as feições ásperas, o tom grave da boca.

— Você aprendeu as marcas.

Dorian se levantou do arco.

— Eu sou um aluno rápido.

Gavin não sorriu.

— A convocação não é um presente para ser usado levemente.

Você arrisca muito, jovem rei, ao me chamar aqui. Considerando o que você carrega.

Dorian deu um tapinha no bolso da jaqueta onde estavam os dois Chaves de Wyrd, ignorando o poder estranho e terrível que pulsava contra sua mão em resposta.

— Tudo é um risco nos dias de hoje — ele se endireitou. — Preciso de sua ajuda.

Gavin não respondeu. Seu olhar deslizou para Damaris, ainda mergulhado na neve em meio às marcas. Um efeito pessoal do rei, pois Aelin usara o Olho de Elena para convocar a antiga rainha.

— Pelo menos você cuidou bem da minha espada — seus olhos se ergueram para Dorian, afiados como a própria lâmina. — Embora eu não possa dizer o mesmo do meu reino.

Dorian apertou sua mandíbula.

— Eu herdei uma bagunça do meu pai, estou com medo.

— Você era um príncipe de Adarlan muito antes de se tornar seu rei.

A magia de Dorian se transformou em gelo, mais fria que a noite ao redor dele.

— Então, considere-me tentando expiar os anos de mau comportamento.

Gavin sustentou seu olhar por um momento que se estendeu na eternidade. Um verdadeiro rei, é o que o homem diante dele era. Um rei não só no título, mas em espírito. Como poucos estavam

desde que Gavin foi colocado para descansar sob as fundações do castelo que ele construiu ao longo do Avery.

Dorian resistiu ao peso do olhar de Gavin. Deixe o rei ver o que restou dele, marque a faixa pálida em torno de sua garganta.

Então Gavin piscou uma vez, o único sinal de sua permissão para continuar.

Dorian engoliu em seco.

— Onde está a terceira chave?

Gavin ficou rígido.

— Eu estou proibido de dizer.

— Proibido, ou não vai? — ele supôs que deveria estar ajoelhado, deveria manter seu tom respeitoso. Quantas lendas sobre Gavin ele leu quando criança? Quantas vezes ele correu pelo castelo, fingindo ser o rei antes dele?

Dorian tirou o Amuleto de Orynth de sua jaqueta, deixando-o balançar no vento amargo. Uma música silenciosa e fantasmagórica vazou do medalhão de ouro e azul – falando em idiomas que não existiam.

— Brannon Galathynius desafiou os deuses colocando a chave aqui com um aviso para Aelin. O mínimo que você poderia fazer é me dar uma direção.

As bordas de Gavin ficaram embaçadas, mas seguraram. Não muito tempo. Para qualquer um deles.

— Brannon Galathynius era um cretino arrogante. Eu vi o que interferir com os planos dos deuses traz. Não vai acabar bem.

— Sua esposa, não os deuses, trouxe isso.

Gavin mostrou os dentes. E embora o homem estivesse morto há muito tempo, a magia de Dorian explodiu novamente, preparando-se para atacar.

— Minha parceira — Gavin rosnou. — É o custo disso. Minha parceira, se as chaves forem recuperadas, desaparecerá *para sempre*. Sabe o que é isso, jovem rei? Ter a eternidade... e depois arrancá-la?

Dorian não se incomodou em responder.

— Você não quer que eu encontre a terceira chave porque isso significará o fim de Elena.

Gavin não disse nada.

Dorian soltou um grunhido.

— Inúmeras pessoas vão morrer se as chaves não forem colocadas de volta no portão — ele empurrou o Amuleto de Orynth de volta em sua jaqueta, e mais uma vez ignorou o zumbido do outro mundo pulsando contra seus ossos. — Você não pode ser tão egoísta.

Gavin permaneceu em silêncio, o vento mudando seu cabelo escuro. Mas seus olhos piscaram - apenas mal.

— Diga-me onde — Dorian respirou. Ele tinha apenas alguns minutos até que Vesta veio procurá-lo. — Diga-me onde está a terceira chave.

— Sua vida também será perdida. Se você recuperar as chaves e forjar o bloqueio. Sua alma será reivindicada também. Nenhum fragmento de você viverá no Além Mundo.

— Não há ninguém que realmente se importe com isso de qualquer maneira — ele certamente não se importava. E ele certamente merecia esse tipo de final, quando ele falhou tantas vezes. Com tudo o que ele fez.

Gavin o estudou por um longo momento. Dorian ficou imóvel sob aquele olhar feroz. Um guerreiro que sobreviveu à segunda das guerras de Erawan.

— Elena ajudou Aelin — Dorian pressionou, sua respiração se curvando no espaço entre eles. — Ela não hesitou, mesmo sabendo o que significava para o seu destino. E nem Aelin, que não terá uma vida longa com seu próprio parceiro, nem a eternidade com ele — *como também não terei*. Seu coração começou a trovejar, sua magia subindo com ela. — E ainda assim você faria. Você fugiria disso.

Os dentes de Gavin brilharam.

— Erawan poderia ser derrotado sem selar o portão.

— Diga-me como e eu vou encontrar uma maneira de fazer isso.

No entanto, Gavin ficou em silêncio novamente, com as mãos apertadas ao lado do corpo.

Dorian bufou suavemente.

— Se você soubesse, teria sido feito há muito tempo — Gavin balançou a cabeça, mas Dorian mergulhou adiante. — Seus amigos morreram lutando contra as hordas de Erawan. Me ajude a evitar o mesmo destino para os meus. Já pode ser tarde demais para alguns deles. — Seu estômago revirou.

Chaol tinha feito isso para o continente do sul? Talvez fosse melhor se o amigo dele nunca voltasse, se ele ficasse seguro em Antica. Mesmo que Chaol nunca fizesse uma coisa dessas.

Dorian olhou para o canto rochoso que ele tinha arredondado.

Não resta muito tempo.

— E o que dizer de Adarlan? — Gavin exigiu. — Você deixaria sem rei? — A pergunta dizia o suficiente da opinião de Gavin sobre Hollin. — É assim que você expia por anos perdidos como seu príncipe herdeiro?

Dorian deu o golpe verbal. Não era nada além de verdade, tratada por um homem que servira a seu deus sem nome.

— Isso realmente importa mais?

— Adarlan foi o meu orgulho.

— Não é mais digno disso — Dorian retrucou. — Não tem sido há muito, muito tempo. Talvez mereça cair em ruínas.

Gavin inclinou a cabeça.

— As palavras de um garoto imprudente e arrogante. Você acha que é o único que enfrentou uma perda?

— E, no entanto, o seu próprio medo da perda faz com que você escolha uma mulher sobre o destino do mundo.

— Se você tivesse a escolha – sua mulher ou Erilea – você teria escolhido algo diferente?

Sorscha ou o mundo. A pergunta soou vazia. Algum do fogo dentro dele se inclinou. No entanto, Dorian ousou dizer:

— Você se ilude com o caminho à frente, mas serviu o deus da verdade — Chaol lhe contara sobre a descoberta deles nas

catacumbas sob os esgotos de Forte da Fenda, na primavera. O templo do osso esquecido onde a confissão do leito de morte de Gavin foi escrita. — O que *ele* tem a dizer sobre o papel de Elena nisso?

— O Que Tudo Vê não reivindica parentesco com essas criaturas covardes — Gavin rosnou.

Dorian poderia jurar que um vento empoeirado e seco passava pelo desfiladeiro.

— Então o que é ele?

— Não pode haver muitos deuses, de muitos lugares? Alguns nascidos deste mundo, alguns nascidos em outro lugar?

— Essa é uma questão para debater em outro momento — Dorian aterrou. — Quando não estivermos em guerra. — Ele respirou fundo. Outro. — Por favor — ele respirou. — Por favor me ajude a salvar meus amigos. Me ajude a consertar.

Era tudo o que ele realmente tinha deixado — essa tarefa.

Gavin novamente o observou, pesou-o. Dorian resistiu. Deixe-o ler qualquer verdade que tenha sido escrita em sua alma.

A dor obscureceu o rosto do rei. Dor e arrependimento, como Gavin finalmente disse:

— A chave está em Morath A boca de Dorian ficou seca.

— Onde em Morath?

— Eu não sei — Dorian acreditou nele. O pavor dos olhos de Gavin confirmou isso. O antigo rei acenou para Damaris. — Essa espada não é ornamental. Deixe-a guiá-lo, se você não puder confiar em si mesmo.

— Isso realmente diz a verdade?

— Foi abençoado pelo próprio que tudo vê, depois que eu me jurei a ele — Gavin encolheu os ombros, um gesto meio domesticado. Como se o homem nunca tivesse realmente saído dos confins de Adarlan, onde ele havia se levantado do líder da guerra para o Grande Rei. — Você ainda terá que aprender por si mesmo o que é verdade e o que é mentira.

— Mas Damaris me ajudará a encontrar a chave em Morath?

Para invadir a fortaleza de Erawan, onde todos esses colares foram feitos ...

A boca de Gavin se apertou.

— Eu não posso dizer. Mas vou lhe dizer isto: não se aventure em direção a Morath ainda. Até você estar pronto.

— Eu estou pronto agora — Mentira de um tolo. Gavin também sabia disso. Foi um esforço para não tocar seu pescoço, a faixa pálida para sempre estragando sua pele.

— Morath não é mero manter — disse Gavin. — É um inferno, e não é gentil com jovens imprudentes. — Dorian endureceu, mas Gavin continuou: — Você saberá quando estiver realmente pronto.

Permaneça neste acampamento, se você puder convencer seus companheiros. O caminho vai te encontrar aqui.

As bordas de Gavin se inclinaram ainda mais, seu rosto ficou escuro.

Dorian ousou dar um passo à frente.

— Eu sou humano?

Os olhos de safira de Gavin se suavizaram – apenas por pouco.

— Eu não sou a pessoa que pode responder isso.

E então o rei foi embora.

CAPÍTULO 5

O comandante do beco alegara que suas últimas ordens haviam sido despachadas de Doranelle.

Nenhum deles sabia se acreditava nele.

Sentado ao redor de uma pequena fogueira em um campo empoeirado nos arredores de uma cidade em ruínas, o sangue há muito lavado de suas mãos, Lorcan Salvaterre refletiu sobre a lógica disso.

Eles tinham, de alguma forma, esquecido a opção mais simples? Para Maeve ter estado em Doranelle esse tempo todo, escondido de seus súditos?

Mas aquele comandante estava mentindo. Ele cuspiu no rosto de Lorcan antes que eles terminassem.

O outro comandante que eles encontraram hoje, no entanto, depois de uma semana caçando-o no porto mais próximo, alegou ter recebido ordens de um reino distante que haviam vasculhado três semanas atrás. Na direção oposta de Doranelle.

Lorcan se encostou na terra.

Nenhum deles sentiu vontade de falar desde que o comandante desta tarde contradisse a afirmação do primeiro.

— Doranelle é a fortaleza de Maeve — Elide disse finalmente, sua voz firme preenchendo o silêncio pesado. — Simples como é, faria sentido para ela trazer Aelin para lá.

Whitethorn apenas olhou para o fogo. Ele não lavou o sangue do casaco cinza escuro.

— Seria impossível, mesmo para Maeve, mantê-la escondida em Doranelle — retrucou Lorcan. — Nós já teríamos ouvido sobre isso

agora.

Ele não tinha certeza quando falara pela última vez com a mulher antes dele.

Ela não recuou de como ele tinha quebrado os comandantes de Maeve, no entanto. Ela se encolheu durante o pior, sim, mas ouvirá cada palavra que Rowan e Lorcan haviam arranjado deles. Lorcan supôs que ela tivesse visto pior em Morath – odiava ter feito isso.

Odiava que seu monstro de um tio ainda respirasse.

Mas essa caça viria depois. Depois que eles encontraram Aelin.

Ou o que restou dela.

Os olhos de Elide ficaram frios, tão frios, quando ela disse:

— Maeve conseguiu esconder Gavriel e Fenrys de Rowan em Baía da Caveira. E de alguma forma escondeu e afastou toda a sua frota.

Lorcan não respondeu. Elide continuou, com o olhar inabalável:

— Maeve sabe que Doranelle seria a escolha óbvia – a escolha que provavelmente rejeitaríamos por ser *muito* simples. Ela antecipou que nós acreditaríamos que ela levaria Aelin para os confins mais distantes de Erilea, ao invés de voltar para casa.

— Maeve *teria* a vantagem de um exército facilmente convocado — Gavriel acrescentou, sua garganta tatuada balançando. — O que tornaria o resgate difícil.

Lorcan absteve-se de dizer a Gavriel que calasse a boca. Ele não deixará de notar quantas vezes Gavriel se esforçava para ajudar Elide, para conversar com ela. E sim, uma pequena parte dele era grata por isso, já que os deuses sabiam que ela não aceitaria qualquer tipo de ajuda *dele*.

Que Hellas o condenasse, ele teve que recorrer a dar sua camisa cortada para Whitethorn e Gavriel para entregar a ela por seu ciclo. Ele ameaçou matá-los vivos se dissessem que era dele, e Elide, com seu olfato humano, não tinha reconhecido o perfume no tecido.

Ele não sabia porque se incomodou. Ele não tinha esquecido suas palavras naquele dia na praia.

Espero que você passe o resto de sua vida imortal em sofrimento miserável. Espero que você passe sozinho. Espero que viva com

pesar e culpa em seu coração e nunca encontre uma maneira de suportá-lo.

Seu juramento, sua maldição, o que quer que tenha sido, se manteve verdadeiro. Cada palavra disso.

Ele quebrou alguma coisa. Algo precioso além da medida. Ele nunca se importou até agora.

Até mesmo o juramento de sangue cortado, ainda escancarado dentro de sua alma, não chegou perto do buraco em seu peito quando ele olhou para ela.

Ela lhe ofereceu uma casa em Perranth sabendo que ele seria um homem desonrado. Ofereceu-lhe uma casa com ela.

Mas não foi Maeve quebrando o juramento que havia rescindido a oferta. Tinha sido uma traição tão boa que ele não sabia como consertar isso.

Onde está Aelin? Onde está minha esposa?

A esposa de Whitethorn e sua parceira. Apenas essa missão deles, essa busca sem fim para encontrá-la, impedia Lorcan de mergulhar em um buraco do qual ele sabia que não iria emergir.

Talvez se eles a encontrassem, se ainda restasse o suficiente de Aelin para salvar depois das ministrações de Cairn, ele encontraria uma maneira de viver com ele mesmo. Para suportar esta... pessoa que ele se tornaria. Pode levar outros quinhentos anos para isso.

Ele não se permitiu considerar que Elide seria pouco mais do que poeira até então. Só o pensamento foi suficiente para transformar o jantar insignificante de pão velho e queijo duro no estômago.

Um idiota – ele era um tolo imortal e estúpido por começar esse caminho com ela, por ter esquecido que, mesmo que ela o perdoasse, a mortalidade dela acenava.

Lorcan finalmente disse:

— Também faria sentido Maeve ir aos acadianos, como afirmou o comandante hoje. Maeve há muito tempo mantém laços com esse reino. — Ele, Whitethorn e Gavriel tinham ido à guerra e voltaram naquele território arrasado de areia. Ele nunca quis pôr os pés nele novamente. — Seus exércitos a protegeria.

Pois seria preciso um exército para impedir que Whitethorn alcançasse seu companheiro.

Ele se virou para o príncipe, que não dava indicação de que ele estava ouvindo. Lorcan não queria pensar se Whitethorn precisaria em breve adicionar uma tatuagem ao outro lado do rosto.

— O comandante de hoje foi muito mais compreensivo — prosseguiu Lorcan para o príncipe que lutou ao lado por tantos séculos, que fora um bastardo de coração frio como o próprio Lorcan até a primavera. — Você mal o ameaçou e ele cantou para nós.

Aquele que alegou que Maeve estava em Doranelle ainda estava zombando no final.

— Eu acho que ela está em Doranelle — Elide interrompeu. — Anneith me disse para ouvir naquele dia. Ela não fez as outras duas vezes.

— É algo a considerar, sim — disse Lorcan, e os olhos de Elide provocaram irritação. — Não vejo razão para acreditar que os deuses seriam tão claros.

— Diz o homem que sente o toque de um deus, dizendo-lhe quando correr ou lutar — Elide estalou.

Lorcan a ignorou, essa verdade. Ele não sentia o toque de Hells desde os pântanos de pedra. Como se até mesmo o deus da morte fosse repellido por ele.

— A fronteira de Akkadia fica a três dias daqui. Sua capital três dias além disso. Doranelle está a mais de duas semanas de distância, se viajarmos com pouco descanso.

E o tempo não estava do lado deles. Com as chaves de Wyrđ, com Erawan, com a guerra certamente se soltando de volta no continente de Elide, cada atraso tinha um custo. Sem mencionar o que, sem dúvida, todos os dias trouxeram à rainha de Terrasen.

Elide abriu a boca, mas Lorcan a interrompeu.

— E então, para chegar à fortaleza de Maeve, exausto e faminto... Nós não temos chance. Sem mencionar que com o véu que ela pode usar, podemos muito bem passar por Aelin e nunca saber disso.

As narinas de Elide se dilataram, mas ela se virou para Rowan.

— A decisão é sua, Príncipe.

Não apenas um príncipe, não mais. Consorte da Rainha de Terrasen.

Por fim, Whitethorn levantou a cabeça. Quando aqueles olhos verdes se fixaram nele, Lorcan resistiu ao peso em seu olhar, o domínio inato. Ele estava esperando por Rowan para reivindicar a vingança que ele merecia, esperando por esse golpe. Esperando por isso. Isso nunca aconteceu.

— Chegamos até o sul — Rowan disse por fim, com a voz baixa.

— É melhor ir a Akkadia do que arriscar aventurar-se até Doranelle para descobrir que estávamos errados.

E foi isso.

Elide apenas lançou um olhar furtivo para Lorcan e se levantou, murmurando sobre as necessidades dela antes de ir dormir. Sua marcha se manteve firme enquanto ela mastigava a grama – graças ao suporte que Gavriel mantinha em torno de seu tornozelo.

Deveria ter sido sua magia ajudando-a. Tocando sua pele.

Seus passos se tornaram distantes, quase silenciosos. Ela costumava ir mais longe do que o necessário para evitar que eles ouvissem qualquer coisa. Lorcan deu-lhe alguns minutos antes de ele espreitar no escuro atrás dela.

Ele encontrou Elide já voltando, e ela parou em cima de uma pequena colina, pouco mais do que um monte de sujeira no campo.

— O que você quer.

Lorcan continuou andando, até que ele estava na base da colina e parou.

— Akkadia é a escolha mais sábia.

— Rowan também decidiu. Você deve estar tão satisfeito.

Ela fez para passar por ele, mas Lorcan entrou em seu caminho.

Ela esticou o pescoço para ver o rosto dele, mas ele nunca se sentiu menor. Mais curta.

— Eu não forcei Akkadia a te irritar — ele conseguiu dizer.

— Eu não me importo.

Ela tentou se virar ao redor dele, Lorcan facilmente se mantendo à frente dela.

— Eu não... — As palavras estrangularam ele. — Eu não queria que isso acontecesse.

Elide soltou uma risada suave e cruel.

— Claro que você não fez. Por que você pretendia que sua maravilhosa rainha cortasse o juramento de sangue?

— Eu não me importo com isso — ele não se importava. Ele nunca falou palavras mais verdadeiras. — Eu só quero fazer as coisas certas.

— Eu estaria inclinada a acreditar se eu não tivesse visto você *rastejando* atrás de Maeve na praia.

Lorcan piscou com as palavras, o ódio nelas, atordoado o suficiente para deixá-la passar por esse tempo. Elide não olhou mais para trás.

Não até Lorcan dizer:

— Eu não rastejei atrás de Maeve.

Ela parou, o cabelo balançando. Lentamente, ela olhou por cima do ombro. Imperioso e frio como as estrelas no céu.

— Eu rastejei... — Sua garganta balançou. — Eu me arrastei atrás de Aelin.

Ele excluiu a areia ensangüentada, os gritos da rainha, seus pedidos finais e implorantes para Elide. Desligou-os e disse:

— Quando Maeve cortou o juramento, eu não conseguia me mexer, mal conseguia respirar.

Tal agonia que Lorcan não podia imaginar como seria romper o juramento sozinho, sem licitação. Não foi o tipo de dor que se afastou.

O juramento podia ser esticado, magro. Que Vaughan, o último dos seus quadros, ainda vagueou, sem dúvida, pelas florestas do norte em sua — caçada — por Lorcan, era prova suficiente de que as restrições do juramento de sangue poderiam ser contornadas. Mas romper completamente com sua própria vontade, encontrar uma maneira de romper a corda, seria abraçar a morte.

Ele se perguntou durante esses meses se deveria ter feito exatamente isso.

Lorcan engoliu em seco.

— Eu tentei chegar até ela. Para Aelin. Tentei chegar àquela caixa. — Ele acrescentou tão baixo que só Elide pôde ouvir: — Eu juro.

Sua palavra era seu vínculo, a única moeda com a qual ele se importava em negociar. Ele disse a ela uma vez, durante aquelas semanas na estrada. Nada piscou em seus olhos para dizer que ela se lembrava.

Elide apenas voltou para o acampamento. Lorcan permaneceu onde estava.

Ele tinha feito isso. Trouxe isto sobre ela, sobre eles.

Elide chegou à fogueira e Lorcan seguiu por fim, aproximando-se do anel de luz a tempo de vê-la cair ao lado de Gavriel, com a boca apertada.

O Leão murmurou para ela:

— Ele não estava mentindo, você sabe.

Lorcan apertou a mandíbula, sem tentar disfarçar seus passos.

Se as orelhas de Gavriel fossem afiadas o suficiente para ter ouvido cada palavra da conversa, o Leão certamente sabia que ele estava se aproximando. E certamente sabia melhor do que enfiar o nariz em seus negócios.

Ainda assim, Lorcan ainda se viu examinando o rosto de Elide, esperando pela resposta dela.

E quando ela ignorou tanto o Leão quanto o Lorcan, ele se viu desejando não ter falado nada.



Príncipe Rowan Whitethorn Galathynius, consorte, marido e parceiro da Rainha de Terrasen, sabia que estava sonhando.

Ele sabe disso, porque ele podia vê-la.

Havia apenas escuridão aqui. E vento. E um grande abismo entre eles.

Nenhum fundo existia no abismo, aquele rachado no mundo.

Mas ele podia ouvir sussurros passando por ele, abaixo para baixo.

Ela ficou de costas para ele, o cabelo soprando em uma folha de ouro. Mais longo do que ele tinha visto da última vez.

Ele tentou mudar de forma, para voar sobre o abismo. A magia inata de seu corpo o ignorou.

Trancado em seu corpo feérico, o salto longe demais, ele só podia olhar para ela, a respiração em seu perfume – jasmim, limão, verbena e brasas crepitantes – como flutuou para ele no vento. Este vento não lhe dizia segredos, não tinha música para cantar.

Foi um vento de morte, de frio, de nada.

Aelin.

Ele não tinha voz aqui, mas ele falou o nome dela. Jogou-o através do abismo entre eles.

Lentamente, ela se virou para ele.

Era o rosto dela – ou seria daqui a alguns anos. Quando ela se estabelecesse.

Mas não foram as características um pouco mais velhas que lhe tiraram o fôlego.

Foi a mão na barriga arredondada dela.

Ela olhou para ele, o cabelo ainda fluindo. Atrás dela, quatro pequenas figuras surgiram.

Rowan caiu de joelhos.

A mais alta: uma garota com cabelos dourados e olhos verde-pinho, rosto solene e orgulhoso como o da mãe. O garoto ao lado dela, quase da altura dela, sorriu para ele, quente e brilhante, os olhos de Ashryver quase brilhando sob a touca de cabelos prateados. O garoto ao lado dele, de cabelos prateados e olhos verdes, poderia muito bem ter sido o irmão gêmeo de Rowan. E a menor garota, agarrada às pernas de sua mãe...

Uma criança de cabelos finos e prateados, pouco mais que uma bebê, seus olhos azuis remetendo a uma linhagem que ele não conhecia.

Filhos. Seus filhos. Os filhos deles.
Com outro meras semanas de nascer.
A família dele.

A família que ele poderia ter, o futuro que ele poderia ter. A coisa mais linda que ele já viu.

Aelin.

Seus filhos se aproximaram dela, a menina mais velha olhando para Aelin em advertência.

Rowan sentiu então. Um vento negro letal e poderoso varrendo por eles.

Ele tentou gritar. Tentou se levantar para encontrar algum caminho para eles.

Mas o vento negro rugiu, violento e rasgando tudo em seu caminho.

Eles ainda estavam olhando para ele enquanto varria-os também.

Até que só pó e sombra permaneceram.



Rowan estremeceu acordado, seu coração batia freneticamente enquanto seu corpo gritava para se *mover*, para *lutar*.

Mas não havia nada e ninguém para lutar aqui, neste campo empoeirado sob as estrelas.

Um sonho. Esse mesmo sonho.

Ele esfregou o rosto, sentando-se no seu saco de dormir. Os cavalos cochilaram, sem sinal de aflição. Gavriel vigiava a forma de leão da montanha logo depois da luz do fogo, com os olhos brilhando no escuro. Elide e Lorcan não se mexeram de seu sono pesado.

Rowan examinou a posição das estrelas. Apenas algumas horas até o amanhecer.

E depois para Akkadia – para aquela terra de arbustos e areia.

Enquanto Elide e Lorcan tinham debatido aonde ir, ele mesmo pesou. Seja para voar para Doranelle sozinho e arriscar perder dias preciosos no que pode ser uma busca idiota.

Se Vaughan estivesse com eles, se Vaughan tivesse sido libertado, ele poderia ter despachado o guerreiro em sua forma de águia para Doranelle enquanto eles continuavam em Akkadia.

Rowan voltou a considerar isso. Se ele empurrasse sua magia, aproveitando os ventos para ele, as duas semanas que levaria para chegar a Doranelle poderiam ser feitas em dias. Mas se de alguma forma ele encontrasse Aelin... Ele travara batalhas suficientes para saber que precisaria da força de Lorcan e Gavriel antes que as coisas terminassem. Que ele poderia comprometer Aelin em tentar libertá-la sem a ajuda deles. O que significaria voar *de volta* para eles, em seguida, fazer a viagem agonizantemente lenta para o norte.

E com Akkadia tão perto, a escolha mais sábia era procurar primeiro. No caso do comandante hoje ter falado a verdade. E se o que aprendessem em Akkadia os levasse a Doranelle, então a Doranelle iriam. Juntos.

Mesmo que fosse contra todos os instintos como seu parceiro.

Marido dela. Mesmo que todos os dias, todas as horas, Aelin passasse nas garras de Maeve, provavelmente lhe causaria mais sofrimento do que ele poderia considerar.

Então eles viajariam para Akkadia. Dentro de alguns dias, eles entravam nas planícies e depois nas distantes colinas secas além.

Assim que as chuvas de inverno comesçassem, a planície seria verde, viçosa – mas, depois do verão escaldante, as terras ainda eram marrons e cor de trigo, água escassa.

Ele garantiria que estocassem no próximo rio. O suficiente para os cavalos também. A comida pode estar em falta, mas havia jogo para ser encontrado nas planícies. Coelhos magros e pequenas coisas peludas que se enterravam na terra rachada. Precisamente o tipo de comida que Aelin se assustaria para comer.

Gavriel notou o movimento em seu acampamento e se aproximou, com as patas maciças em silêncio, mesmo na grama seca como osso. Tawny, olhos inquisitivos, piscaram para ele.

Rowan balançou a cabeça com a pergunta não formulada.

— Durma um pouco. Eu vou assumir.

Gavriel inclinou a cabeça em um gesto que Rowan sabia que significava: *Você está bem?*

Estranho – ainda era estranho trabalhar com o Leão, com Lorcan, sem os laços do juramento de Maeve, obrigando-os a fazê-lo.

Para saber que eles estavam aqui por escolha.

O que agora fazia deles, Rowan não estava completamente certo.

Rowan ignorou a pergunta silenciosa de Gavriel e olhou para o fogo que diminuía.

— Descanse enquanto puder.

Gavriel não objetou quando ele rondou para o seu saco de dormir, e se jogou sobre ele com um suspiro felino.

Rowan reprimiu a pontada de culpa. Ele estava empurrando-os com força. Eles não reclamaram, não pediram a ele que diminuísse o ritmo que ele tinha definido.

Ele não sentiu nada no vínculo desde aquele dia na praia. Nada.

Ela não estava morta, porque o vínculo ainda existia, ainda... estava em silêncio.

Ele ficou intrigado durante as longas horas em que viajaram, durante suas horas de observação. Mesmo as horas em que ele deveria estar dormindo.

Ele não sentiu dor no vínculo naquele dia em Eyllwe. Ele sentiu isso quando Dorian Havilliard a apunhalou no castelo de vidro, sentiu o vínculo – o que ele tão estupidamente pensou ser o laço *carranam* entre eles – estendendo-se ao ponto de ruptura como ela veio tão perto morte.

No entanto, naquele dia na praia, quando Maeve a atacara, Cairn a *chicoteara*...

Rowan apertou a mandíbula com força suficiente para doer, mesmo quando seu estômago se agitou. Ele olhou para Goldryn, deitado ao lado dele no saco de dormir.

Gentilmente, ele colocou a lâmina diante dele, encarando o rubi no centro de seu cabo, a pedra fumegando à luz do fogo.

Aelin sentiu a flecha que ele havia recebido durante a luta com Manon no templo de Temis. Ou o suficiente de um choque que ela

sabia, naquele momento, que eles eram parceiros.

No entanto, ele não sentiu nada naquele dia na praia.

Ele tinha a sensação de que sabia a resposta. Sabia que Maeve era provavelmente a causa disso, o amortecedor sobre o que havia entre eles. Ela entrou em sua cabeça para convencê-lo a pensar que Lyria era sua parceira, tinha enganado os próprios instintos que faziam dele um macho feérico. Não seria além de seus poderes encontrar uma maneira de abafar o que estava entre ele e Aelin, para impedi-lo de saber que ela estava em tal perigo, e agora para impedi-lo de encontrá-la.

Mas ele deveria saber. Sobre a Aelin. Não deveria ter esperado para pegar as serpentes aladas e os outros. Deveria ter voado direto para a praia, e não desperdiçado aqueles preciosos minutos.

Parceira. Sua parceira.

Ele deveria saber disso também. Mesmo que raiva e tristeza o tivessem transformado em um bastardo miserável, ele deveria saber quem ela era, o que ela era, desde o momento em que ele a mordera em Defesa Nebulosa, incapaz de parar a vontade de reivindicá-la. No momento em que seu sangue pousou em sua língua e ela *cantou* para ele, e então se recusou a deixá-lo em paz, seu sabor persistente por meses.

Em vez disso, eles brigaram. Ele os deixaria brigar, tão perdido em sua raiva e gelo. Ela tinha sido tão furiosa quanto ele, e tinha cuspidido uma coisa tão odiosa e indizível que ele a tratou como qualquer um dos machos e fêmeas que estiveram sob seu comando e mandaram embora, mas aqueles primeiros dias ainda o assombravam. Embora Rowan soubesse que se ele mencionasse a briga que eles fizeram com um pingo de vergonha, Aelin iria amaldiçoá-lo por um tolo.

Ele não sabia o que fazer com a tatuagem no rosto, no pescoço e no braço. A mentira contou sobre sua perda, e a verdade revelou sua cegueira.

Ele veio a amar Lyria – isso foi verdadeiro. E a culpa disso o comia vivo sempre que ele pensava nisso, mas ele podia entender agora.

Por que Lyria estivera tão assustada com ele naqueles meses iniciais, por que foi tão difícil cortejá-la, mesmo com esse vínculo de parceria, sua verdade também desconhecida para Lyria. Ela tinha sido gentil, calma e quieta. Um tipo diferente de força, sim, mas não o que ele poderia ter escolhido para si mesmo.

Ele se odiava por pensar nisso.

Mesmo quando a raiva o consumiu com o pensamento, com o que havia sido roubado dele.

De Lyria também. Aelin tinha sido dele e ele tinha sido dela desde o começo. Mais do que isso. E Maeve pensou em quebrá-los, *quebrá-la* para conseguir o que queria.

Ele não deixaria isso ficar impune. Assim como ele não podia esquecer que Lyria, independentemente do que realmente existisse entre eles, estava carregando seu filho quando Maeve enviou aquelas forças inimigas para sua casa na montanha. Ele nunca iria perdoar isso.

Eu vou matar você, Aelin disse quando ela ouviu o que Maeve tinha feito. Quão mal Maeve o manipulou, despedaçou-o e destruiu Lyria. Elide contara todas as palavras do encontro, repetidas vezes.

Eu vou matar você.

Rowan olhou para o coração ardente do rubi de Goldryn.

Ele rezou para que o fogo, essa raiva, não tivesse quebrado. Ele sabia há quantos dias, sabia quem Maeve prometera supervisionar a tortura. Sabia que as probabilidades estavam contra ela. Ele passou duas semanas amarrado na mesa do inimigo. Ainda tinha a cicatriz no braço de um de seus dispositivos mais criativos.

Pressa. Eles tinham que se apressar.

Rowan se inclinou para frente, apoiando a testa no punho de Goldryn. O metal estava quente, como se ainda segurasse um sussurro da chama de seu portador.

Ele não havia posto os pés em Akkadia desde a última e horrível guerra. Embora ele tivesse levado os feéricos e os soldados mortais para a vitória, ele nunca teve qualquer desejo de vê-lo novamente.

Mas para Akkadia eles iriam.

E se ele a encontrasse, se ele a libertasse... Rowan não se permitiu pensar além disso.

Para a outra verdade que eles enfrentariam, o outro fardo. *Diga a Rowan que eu sinto muito por ter mentido. Mas que todo o tempo foi emprestado de qualquer maneira. Mesmo antes de hoje, eu sabia que tudo era apenas tempo emprestado, mas eu ainda gostaria que tivéssemos mais do que isso* Ele se recusou a aceitar isso. Nunca aceitaria que ela seria o custo final para acabar com isso, para salvar seu mundo.

Rowan examinou o manto de estrelas no alto.

Enquanto todas as outras constelações passavam, o Senhor do Norte permanecia, a estrela imortal entre os chifres apontando para casa. Para Terrasen.

Diga que ele tem que lutar. Ele deve salvar Terrasen e lembrar-se dos votos que me fez.

O tempo não estava do lado deles, não com Maeve, não com a guerra voltando ao seu próprio continente. Mas ele não tinha intenção de voltar sem ela, pedido de despedida ou não, independentemente dos juramentos que fizera ao casar-se com ela para vigiar e governar Terrasen.

E diga-lhe obrigado por percorrer aquele caminho sombrio comigo de volta à luz.

Foi sua honra. Desde o começo, foi sua honra, a maior de sua vida imortal.

Uma vida imortal que eles compartilham – de alguma forma. Ele não permitiria outra alternativa.

Rowan silenciosamente jurou para as estrelas.

Ele poderia ter jurado que o Senhor do Norte piscou em resposta.

CAPÍTULO 6

O vento de inverno das ondas agitadas tinha esfriado Chaol Westfall desde o momento em que ele emergiu de seus aposentos. Mesmo com o grosso manto azul, o frio úmido penetrava em seus ossos e, agora, enquanto examinava a água, parecia que a pesada cobertura de nuvens não iria se quebrar tão cedo. O inverno estava rastejando pelo continente, tão certamente quanto as legiões de Morath.

O amanhecer veloz não revelara nada, apenas os mares revoltos e os marinheiros e soldados estóicos que haviam mantido o navio viajando rapidamente para o norte. Atrás deles, flanqueando-os, seguiu-se metade da frota de khagan. A outra metade ainda permanecia no continente sulista enquanto o resto da poderosa armada do império se reunia. Eles estariam apenas algumas semanas atrasados se a estação permanecesse desse jeito.

Chaol fez uma oração sobre o vento salgado, gelado que seria. Pois, apesar do tamanho da frota reunida atrás dele e, apesar dos milhares de cavaleiros que estavam apenas indo para o céu de seus poleiros nos navios para as caçadas matinais sobre as ondas, ainda não seria suficiente contra Morath.

E eles poderiam não chegar rápido o suficiente para que o exército fizesse alguma diferença, de qualquer maneira.

Três semanas de navegação lhes trouxeram poucas notícias do anfitrião que seus amigos tinham reunido e supostamente trazido para Terrasen, e eles mantiveram distância suficiente da costa para evitar qualquer navio inimigo – ou serpentes aladas. Mas isso mudaria hoje.

Um braço delicado e quente passou por ele e uma cabeça de cabelo castanho dourado encostou-se ao ombro dele.

— Está congelando aqui — Yrene murmurou, franzindo o cenho para as ondas açoitadas pelo vento.

Chaol deu um beijo no topo da cabeça dela.

— O frio constrói caráter.

Ela bufou uma risada, o vapor de sua respiração sendo levado pelo vento.

— Falou como um homem do norte.

Chaol deslizou seu braço ao redor de seus ombros, colocando-a em seu lado.

— Eu não estou mantendo você quente o suficiente nos dias de hoje, esposa?

Yrene corou e deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Mulherengo.

Mais de um mês depois, ele ainda estava maravilhado com a palavra: *esposa*. À mulher ao seu lado, que curou sua fraturada e cansada alma.

Sua espinha era secundária a isso. Ele passou esses longos dias no navio praticando como ele poderia lutar – seja a cavalo ou com uma bengala ou de sua cadeira de rodas – durante os momentos em que o poder de Yrene se tornava drenado o suficiente para que a ligação entre eles se tornasse fraca, e o ferimento assumisse mais uma vez.

Sua espinha não curou, não verdadeiramente. Nunca iria. Tinha sido o custo de salvar sua vida depois que uma princesa Valg o levou ao limiar da morte. No entanto, não parecia um custo muito alto.

Nunca foi um fardo – a cadeira, a lesão. Não seria agora.

Mas a outra parte da barganha com a deusa que guiara Yrene por toda a sua vida, que a trouxera para as praias de Antica e agora voltava para seu próprio continente... aquela era a parte que mais o assustava.

Se ele morresse, Yrene também morreria.

Para canalizar seu poder de cura para ele, para que ele pudesse andar quando a magia dela não estivesse drenada demais, suas vidas haviam sido entrelaçadas.

Então, se ele caísse em batalha contra as legiões de Morath... Sua vida não seria a única coisa perdida.

— Você está pensando demais. — Yrene franziu a testa para ele.

— O que foi?

Chaol apontou com o queixo para o navio mais próximo. Em sua popa, dois ruks, um dourado e um marrom avermelhado, ficaram em posição de destaque. Ambos já estavam sobrecarregados, embora não houvesse sinais dos pilotos de Kadara ou Salkhi.

— Não sei dizer se você está acenando para os ruks ou para o fato de que Nesryn e Sartaq são espertos o suficiente para permanecer na cama em uma manhã como esta. — *Como deveríamos estar*, seus olhos castanho-dourados soaram acertadamente.

Foi a vez de Chaol cutucá-la com um cotovelo.

— Foi você que me acordou esta manhã, sabe. — Ele deu um beijo na coluna de seu pescoço, uma lembrança precisa de como, exatamente, Yrene o acordou. E do que eles fizeram durante uma boa hora enquanto amanhecia.

Apenas sua pele quente e sedosa contra seus lábios era o suficiente para aquecer seus ossos gelados.

— Podemos voltar para a cama, se você quiser — ele murmurou.

Yrene soltou um som suave e sem fôlego que fez suas mãos doerem para passar pelo seu pequeno corpo. Mesmo com a pressão do tempo em cima deles, apressando-os em direção ao norte, ele havia amado aprender todos os sons dela – adorara persuadi-los dela.

Chaol afastou a cabeça da curva do pescoço dela, novamente fazendo um gesto para os rúks.

— Eles estão indo em uma missão de reconhecimento em breve.

— Ele apostava que Nesryn e o recém-coroadado Herdeiro do khagan estavam atualmente cobertos de armas e camadas. — Navegamos o

suficiente para o norte, de forma que precisamos de informações sobre onde atracar. — Assim, eles poderiam decidir onde, exatamente, atracar a armada e marchar para o interior o mais rápido possível.

Se Forte da Fenda ainda fosse mantido por Erawan e as legiões de Dentes de Ferro, então navegar a armada Avery acima e marchar para o norte em direção a Terrasen seria imprudente. Mas o rei Valg poderia muito bem ter forças à espreita a qualquer momento. Sem mencionar a frota da rainha Maeve, que desaparecera após a batalha com Aelin e misericordiosamente continuava desaparecida.

Pelos cálculos de seu capitão, eles estavam se aproximando da fronteira que Fenharrow compartilhava com Adarlan. Então eles precisavam decidir para onde exatamente eles estavam navegando. Tão rapidamente quanto possível.

Eles já tinham perdido um tempo precioso contornando as ilhas mortas, apesar da notícia de que elas pertenciam ao capitão Rolfe novamente. Conversas provavelmente já haviam chegado a Morath sobre sua jornada, mas não havia necessidade de proclamar sua localização exata.

Mas seu sigilo lhes custara: ele não tinha notícias sobre a localização de Dorian. Nem um sussurro sobre se ele foi para o norte com Aelin e a frota que ela reuniu de vários reinos. Chaol só podia rezar para que Dorian o tivesse, e que seu rei permanecesse a salvo.

Yrene estudou os dois ruks no navio próximo.

— Quantos patrulheiros estão indo?

— Apenas eles.

Os olhos de Yrene queimaram com aviso.

— Mais fácil para números menores ficarem escondidos. — Chaol apontou para o céu. — A cobertura de nuvens hoje também a torna ideal para patrulha. — Quando a preocupação em seu rosto não diminuiu, ele acrescentou: — Teremos que lutar nessa guerra em algum momento, Yrene. — Quantas vidas Erawan reivindicou para cada dia que eles se demoravam?

— Eu sei. — Ela apertou o medalhão de prata em seu pescoço. Ele tinha dado a ela, tinha pedido a um mestre gravador para esculpir as montanhas e os mares no medalhão. No interior, ainda trazia a nota que Aelin Galathynius a havia deixado anos atrás, quando sua esposa trabalhava como garçonete em um porto atrasado, e a rainha vivia como uma assassina sob outro nome. — Eu só... eu sei que é tolice, mas de alguma forma eu não achei que isso iria nos acontecer tão rapidamente.

Ele dificilmente chamaria essas semanas no mar de rápido, mas ele entendia o que ela queria dizer.

— Estes últimos dias ainda serão os mais longos.

Yrene aninhou-se ao seu lado, seu braço indo ao redor de sua cintura.

— Eu preciso verificar os suprimentos. Vou pedir a Borte que me leve ao navio de Hasar.

Arcas, a montaria do cavaleiro feroz, ainda estava cochilando na popa, onde havia dormido.

— Você talvez tenha que esperar um pouco por isso.

De fato, ambos aprenderam essas semanas a *não* perturbar nem o ruk nem o cavaleiro enquanto dormiam. Que os deuses os ajudassem caso Borte e Aelin algum dia se encontrem.

Yrene sorriu e levantou as mãos para segurar o rosto dele. Seus olhos claros examinaram os dele.

— Eu te amo — ela disse suavemente.

Chaol abaixou a cabeça até sua testa encostar na dela.

— Diga-me isso quando estivermos até os joelhos na lama gelada, está bem?

Ela bufou, mas não fez nenhum movimento para se afastar. Nem ele.

Então, de testas coladas e de alma para alma, eles ficaram ali em meio ao vento amargo e ondas ondulantes, e esperaram para ver o que os ruks poderiam descobrir.



Ela havia esquecido quão frio estava no norte.

Mesmo enquanto vivia entre os cavaleiros ruk nas Montanhas Tavan, Nesryn Faliq nunca tinha estado tão congelada.

E o inverno não havia descido completamente.

No entanto, Salkhi não mostrou nenhum indício de que o frio o afetou enquanto corriam sobre a nuvem e o mar. Mas isso também pode ser porque Kadara voou ao lado dele, o ruk dourado não se alterando no vento amargo.

Um ponto fraco – seu ruk havia desenvolvido um ponto fraco e uma admiração despreocupada pela montaria de Sartaq. Embora Nesryn supusesse que o mesmo poderia ser dito sobre ela e o cavaleiro do ruk.

Nesryn tirou os olhos das nuvens cinzentas e olhou para o cavaleiro à sua esquerda.

Seu cabelo despenteado havia crescido – quase nada. Apenas o suficiente para ser trançado contra o vento.

Percebendo sua atenção, o herdeiro do khaganate sinalizou: *Está tudo bem?*

Nesryn corou apesar do frio, mas sinalizou de volta, seus dedos entorpecidos e desajeitados ao fazer os símbolos: *Tudo limpo.*

Uma colegial corada. Isso é o que ela havia se tornado em torno do príncipe, não importava o fato de que eles estavam compartilhando uma cama nessas semanas, ou o que ele prometeu para seus futuros.

Governar ao lado dele. Como a futura imperatriz do khaganate.

Era absurdo, claro. A ideia dela se vestindo como a mãe, naqueles vistosos e lindos roupões e grandes cocares... Não, ela era mais adequada aos couros rukhin, ao peso do aço, não às jóias. Ela disse isso para a Sartaq. Muitas vezes.

Ele riu dela. Tinha dito que ela poderia andar nua pelo palácio, se quisesse. O que ela usava ou deixava de usar não o incomodava nem um pouco.

Mas ainda era uma ideia ridícula. Uma que o príncipe parecia achar que era o único caminho para o futuro deles. Ele apostou sua

coroa nisso, disse ao pai que se ser príncipe significava não estar com ela, então ele se renegaria ao trono. Ao invés disso, o khagan lhe oferecera o título de herdeiro.

Antes de partirem, seus irmãos não pareciam estar irritados com isso, embora tivessem passado a vida inteira lutando para serem coroados o herdeiro de seu pai. Até mesmo Hasar, que navegava com eles, se absteve de seus comentários costumeiros de língua afiada. Se Kashin, Arghun ou Duva – todos ainda em Antica, com Kashin prometendo navegar com o resto das forças de seu pai – haviam mudado de idéia sobre a nomeação da Sartaq, Nesryn não sabia.

Uma vibração de atividade à sua direita fez com que ela seguisse Salkhi.

Falkan Ennar, metamorfo e comerciante transformado em espião rukhin, assumira a forma de um falcão esta manhã e usava a notável velocidade da criatura para voar à frente. Ele deve ter visto alguma coisa, pois agora ele se inclinou e passou por eles, então subiu novamente para o interior. *Sigam-me*, ele parecia dizer.

Velejar para Terrasen ainda era uma opção, dependendo do que eles encontrassem hoje ao longo da costa. Se Lysandra ainda estava lá, se ela ainda estivesse viva, era outro assunto completamente diferente.

Falkan tinha jurado que sua fortuna, suas propriedades, seria sua herança bem antes que ele soubesse que ela havia sobrevivido à infância, ou recebido os presentes de sua família. Uma família estranha dos Desertos, que se espalhou pelo continente, seu irmão ficando em Adarlan por tempo suficiente para gerar Lysandra e abandonar sua mãe.

Mas Falkan não falara desses desejos desde que haviam saído das Montanhas Tavan e, em vez disso, dedicava-se a ajudar de qualquer maneira que pudesse: patrulhas, principalmente. Mas logo chegaria a hora em que precisariam de sua assistência adicional, como fizeram contra os *kharankui* no Dagul Fells.

Talvez tão vital quanto o exército que trouxeram com eles foram as informações que eles coletaram lá. Que Maeve não era nenhuma Rainha dos Feéricos, mas uma impostora Valg. Uma antiga rainha Valg, que se infiltrou em Doranelle na aurora dos tempos, rasgando as mentes das duas irmãs-rainhas e convencendo-as de que tinham uma irmã mais velha.

Talvez o conhecimento não trouxesse nada nessa guerra. Mas poderia mudá-la de alguma forma. Saber que outro inimigo espreitava em suas costas. E que Maeve fugira para Erilea para escapar do rei Valg com quem se casara, irmão de outros dois – que por sua vez separaram as chaves wyrd do portão e atravessaram mundos para encontrá-la.

Que os três reis Valg haviam invadido este mundo apenas para ficarem presos aqui, sem saber que sua presa agora se escondia em um trono em Doranelle, havia sido uma estranha reviravolta do destino. Apenas Erawan permaneceu aqui desses três reis, irmão de Orcus, marido de Maeve. O que ele pagaria para saber quem ela realmente era?

Foi uma questão, talvez, para os outros ponderarem. Para considerar como empunhar.

Falkan caiu em um mergulho através da cobertura de nuvens, e Nesryn seguiu.

Ar frio e enevoadado rasgou-a, mas Nesryn se inclinou na descida, Salkhi seguindo Falkan sem comando. Por um minuto, apenas as nuvens passaram e depois...

Penhascos brancos erguiam-se das ondas cinzentas e, além deles, gramas secas espalhavam-se nas últimas planícies mais ao norte de Fenharrow.

Falkan subiu em direção à costa, verificando sua velocidade para que ele não os perdesse.

Kadara acompanhou-os facilmente, e eles voaram em silêncio enquanto a costa ficava mais clara.

As gramíneas nas planícies não foram secas no inverno. Elas foram queimadas. E as árvores, estéreis de folhas, eram pouco mais

que cascas.

No horizonte, plumas de fumaça manchavam o céu de inverno.

Muitas e grandes demais para serem agricultores queimando as últimas colheitas para fertilizar o solo.

Nesryn sinalizou para a Sartaq: *vou olhar mais de perto.*

O príncipe sinalizou de volta: *roce as nuvens, mas não fique abaixo delas.*

Nesryn assentiu, e ela e seu ruk desapareceram na fina camada inferior das nuvens. Através de brechas ocasionais, vislumbres de terra queimada brilhavam abaixo.

Aldeias e fazendas: destruídas. Como se uma força tivesse vindo do mar e arrasado tudo em seu caminho.

Mas não havia nenhuma armada acampada na praia. Não, este exército estava a pé.

Mantendo-se apenas dentro do véu de nuvens, Nesryn e Sartaq cruzaram a terra.

Seu coração batia mais e mais rápido, com cada liga de paisagem estéril queimada que cobriam. Nenhum sinal de um exército adversário ou batalhas em andamento.

Eles queimaram para o seu próprio prazer doentio.

Nesryn marcou a terra, as feições que ela conseguiu distinguir. Eles realmente mal cruzaram as fronteiras de Fenharrow, Adarlan uma expansão para o norte.

Mas, no interior, cada vez mais perto de cada liga, um exército marchava. Se estendia por quilômetros e quilômetros, negro e contorcendo-se.

O poder de Morath. Ou alguma fração terrível, enviada para incutir terror e destruição antes da onda final.

Sartaq sinalizou: *um bando de soldados abaixo.*

Nesryn espiou por cima da asa de Salkhi, a queda impiedosa, e viu um pequeno grupo de soldados de armadura escura passando por entre as árvores – um desdobramento da massa abundante à frente. Como se tivessem sido enviados para caçar qualquer sobrevivente.

A mandíbula de Nesryn se apertou e ela fez sinal para o príncipe: *Vamos.*

Não de volta para os navios. Mas para os seis soldados, começando a longa jornada de volta ao seu hospedeiro.

Nesryn e Salkhi despencaram no céu, Sartaq um borrão à sua esquerda.

O bando de soldados não teve a chance de gritar antes que Nesryn e Sartaq estivessem sobre eles.



Lady Yrene Westfall, anteriormente Yrene Towers, havia contado os suprimentos cerca de seis vezes agora. Cada barco estava cheio deles, mas o navio da princesa Hasar, a escolta pessoal para a Alta Curandeira, continha a mistura mais vital de tônicos e pomadas. Muitos tinham sido criados antes de partirem de Antica, mas Yrene e os outros curandeiros que haviam acompanhado o exército passavam longas horas inventando-os da melhor maneira possível a bordo.

No porão escuro, Yrene firmou os pés contra o balanço das ondas e fechou a tampa do caixote de latas de bálsamo, anotando o número no pedaço de papel que trouxera consigo.

— O mesmo número de dois dias atrás — uma voz velha cacarejou das escadas. Hafiza, a Alta Curandeira, sentou-se nos degraus de madeira, as mãos apoiadas sobre a pesada saia de lã cobrindo os joelhos magros. — O que você acha que vai acontecer com eles, Yrene?

Yrene passou a trança por cima do ombro.

— Eu queria ter certeza de que tinha contado corretamente.

— Novamente.

Yrene embolsou o pedaço de pergaminho e pegou a capa de pele de onde ela jogou sobre um caixote.

— Quando estamos nos campos de batalha, manter estoque de nossos suprimentos...

— Será vital, sim, mas também impossível. Quando estivermos nos campos de batalha, menina, você terá sorte se conseguir encontrar uma dessas latas em meio ao caos.

— É isso que estou tentando evitar.

A curandeira no alto ofereceu-lhe um suspiro simpático.

— As pessoas vão morrer, Yrene. De maneira horrível e dolorosa, eles morrerão, e nem você nem eu conseguiremos salvá-los.

Yrene engoliu em seco.

— Eu sei disso. — Se eles não se apressassem, não chegassem a terra em breve e descobrissem onde o exército de khagan iria marchar, quantos mais pereceriam?

O olhar de sabedoria da velha mulher não desapareceu. Sempre, desde o primeiro momento que Yrene havia posto os olhos em Hafiza, ela emanara essa calma, essa segurança. O pensamento da Alta Curandeira naqueles sangrentos campos de batalha fez o estômago de Yrene se agitar. Mesmo que esse tipo de coisa fosse exatamente para o que eles vieram, o porquê deles terem treinado em primeiro lugar.

Mas isso foi sem a questão dos Valgs, agarrando-se em hospedeiros humanos como parasitas. Valgs que os mataria imediatamente se soubessem o que os curandeiros planejavam fazer.

O que Yrene planejava fazer com qualquer Valg que cruzasse seu caminho.

— Bálsamos são feitos, Yrene. — Hafiza gemeu quando se levantou do degrau na escada e ajustou as lapelas de sua grossa jaqueta de lã – cortada e bordada no estilo dos cavaleiros Darghan. Um presente da última visita que a curandeira fez às estepes, quando ela levou Yrene junto com ela. — Eles são contados. Não há mais suprimentos para fazer, não até chegarmos a terra e podermos ver o que pode ser usado lá.

Yrene segurou o manto no peito.

— Eu preciso ficar fazendo *alguma coisa*.

A Alta Curandeira deu um tapinha no corrimão.

— Você vai, Yrene. Em breve, você vai.

Hafiza subiu as escadas com isso, deixando Yrene no porão em meio às pilhas de caixas.

Ela não disse a Alta Curandeira que ela não tinha certeza de por quanto tempo ela seria uma ajuda – ainda não. Não havia sussurrado uma palavra dessa dúvida para ninguém, nem para o Chaol.

A mão de Yrene passou pelo seu abdômen e se demorou.

CAPÍTULO 7

Morath. A última chave estava em Morath.

A descoberta pairou sobre Dorian durante a noite, impedindo-o de dormir. Quando ele adormeceu, acordou com a mão em seu pescoço, agarrando-se a um colar que não estava lá.

Ele precisava achar alguma maneira de ir. Alguma maneira de achá-la.

Manon, sem dúvida, não estaria disposta a levá-lo. Mesmo que ela tenha sido a pessoa que sugeriu que ele poderia tomar o lugar de Aelin para forjar o Fecho.

As Treze mal haviam escapado de Morath – não tinham pressa para voltar. Não quando a tarefa de encontrar as Crochans se tornara tão vital. Não quando Erawan poderia muito bem sentir sua chegada antes que elas se aproximassem da fortaleza.

Gavin alegou que o caminho o encontraria aqui, neste acampamento. Mas encontrar uma maneira de convencer as Treze a permanecerem, quando o instinto e a urgência as forçavam a seguir em frente... isso poderia ser uma tarefa tão impossível como alcançar a terceira chave de Wyrd.

Seu acampamento se agitou na luz cinzenta do amanhecer e Dorian desistiu do sono. Levantando-se, encontrou o saco de dormir de Manon empacotado e a bruxa em pé com Asterin e Sorrel em suas montarias. Era esse trio que ele teria que convencer a permanecer – de alguma forma.

Já esperando perto da boca do desfiladeiro, as outras serpentes aladas mudaram de posição enquanto se preparavam para o voo insuportavelmente frio.

Outro dia, outra busca por um clã de bruxas que não tinha desejo de ser encontrado. E provavelmente teria pouco desejo de participar dessa guerra.

— Nós saímos em cinco minutos. — A voz rochosa de Sorrel atravessou o acampamento.

Convencer teria que esperar, então. Precisaria atrasá-las.

Dentro de três minutos, o fogo estava apagado e as armas foram guardadas, camas de dormir amarradas as selas e necessidades feitas antes do longo dia de vôo.

Afivelando Damaris, Dorian apontou para Manon, a bruxa em pé com aquela quietude sobrenatural. Linda, mesmo aqui na neve, com uma pele de cabra desgrenhada sobre os ombros. Quando ele se aproximou, seus olhos encontraram os dele em um lampejo de ouro queimado.

Asterin deu-lhe um sorriso malicioso.

— Bom dia, majestade.

Dorian inclinou a cabeça.

— Para onde estamos vagando hoje? — Ele sabia que as palavras casuais não encontravam seus olhos.

— Estávamos debatendo isso agora. — Sorrel respondeu, o rosto endurecido da Terceira, mas aberto.

Atrás deles, Vesta praguejou quando a fivela em sua sela se desfez. Dorian não se atreveu a olhar para confirmar que as mãos invisíveis de sua magia haviam funcionado.

— Nós já procuramos ao norte daqui — disse Asterin. — Vamos continuar rumo ao sul — chegar ao final do Canino antes de voltarmos.

— Elas podem nem estar nas montanhas — retrucou Sorrel. — Nós as caçamos nas terras baixas em décadas passadas.

Manon escutou com uma expressão fria e serena. Como ela fazia todas as manhãs. Pesando suas palavras, ouvindo o vento que cantava para ela.

O alforje de Imogen se soltou da corda. A bruxa sibilou quando desmontou para amarrá-la novamente. Quanto tempo esses

pequenos atrasos poderiam mantê-las aqui, ele não sabia. Não indefinidamente.

— Se nós abandonarmos essas montanhas — argumentou Asterin. — então seremos mais rastreáveis nas terras abertas. Ambos os nossos inimigos e as Crochans vão nos identificar antes de as encontrarmos.

— Seria mais quente — Sorrel resmungou. — Eyllwe seria muito mais quente.

Aparentemente, até bruxas imortais com aço em suas veias poderiam se cansar do frio sangüinário.

Mas ir tão longe para o sul, em Eyllwe, quando ainda estavam perto o suficiente de Morath... Manon também parecia considerar isso. Seus olhos mergulharam em sua jaqueta. Para as chaves escondidas dentro, como se ela pudesse sentir o seu sussurro pulsante, o deslizamento delas contra o poder delas. Tudo o que ficava entre Erawan e seu domínio sobre Erilea. Para trazê-las dentro de cem milhas de Morath... Não, ela nunca permitiria isso.

Dorian manteve seu rosto suavemente agradável, uma mão pousada no pomo de Damaris em forma de olho.

— Este acampamento não tem pistas sobre onde elas foram?

Ele sabia que elas não tinham a menor ideia. Sabia disso, mas esperou por suas resposta de qualquer maneira, tentando não segurar o pomo do Damaris com muita força.

— Não — disse Manon com uma sugestão de um grunhido.

No entanto, Damaris não deu resposta além de um calor fraco no metal. Ele não sabia o que esperava: algum chiado de poder, uma voz confirmadora em sua mente.

Certamente não o sussurro inexpressivo do calor.

Calor pela verdade; Provavelmente frio por mentiras. Mas pelo menos Gavin havia falado sobre a lâmina. Ele não deveria ter duvidado, considerando que o deus Gavin ainda honrava-a.

Segurando seu olhar com aquele foco implacável e predatório, Manon deu a ordem para sair. Norte.

Longe de Morath. Dorian abriu a boca, procurando qualquer coisa para dizer, para retardar a partida. A menos que quebrasse a asa de uma das serpentes aladas, não havia nada.

As bruxas se viraram para as serpentes aladas, onde Dorian viajaria com uma das sentinelas para a próxima etapa dessa incessante caçada. Mas Abraxos rugiu, pulando para Manon com um estalo de dentes.

Enquanto Manon girava, a magia de Dorian surgiu, atacando o inimigo invisível.

Um poderoso urso branco havia se levantado da neve atrás dela.

Dentes brilhando, derrubou sua enorme pata. Manon se abaixou, rolando para o lado, e Dorian lançou uma parede de sua magia – vento e gelo.

O urso foi jogado de volta, atingindo a neve com um baque gelado. Estava de pé instantaneamente, correndo para Manon.

Apenas Manon.

Meio pensamento fez com que Dorian atirasse mãos invisíveis para deter a fera. Assim que colidiu com sua magia, a neve se espalhou, a luz brilhou.

Ele conhecia essa luz. Um metamorfo.

Mas não foi Lysandra que emergiu da pele perfeitamente camuflada do urso.

Não, a coisa que saiu do urso era feita de pesadelos.

Uma aranha. Uma grande aranha stygian, enorme como um cavalo e negra como a noite.

Seus muitos olhos se estreitaram em Manon, com as pinças estalando, enquanto sibilava.

— Bico Negro.



A aranha stygian a encontrou, de alguma forma. Depois de todos esses meses, depois das milhares de léguas que Manon tinha viajado pelo céu, terra e mar, a aranha de quem roubou a seda para reforçar as asas de Abraxos a encontrou.

Mas a aranha não havia previsto as Treze. Ou o poder do rei de Adarlan.

Manon desembainhou Ceifadora do Vento enquanto Dorian segurava a aranha no lugar com sua magia, o rei mostrando pequenos sinais de esforço. Poderoso – ele ficava mais poderoso a cada dia.

As Treze cerraram fileiras, armas cintilando sob o sol ofuscante e a neve, as serpentes aladas formando uma parede de couro e garras atrás deles.

Manon andou alguns passos mais perto das pinças que se contorciam.

— Você está muito longe dos Ruhnns, irmã.

A aranha sibilou.

— Você não foi tão difícil de encontrar, apesar disso.

— Você conhece essa fera? — Asterin perguntou, rondando para o lado de Manon.

A boca de Manon se curvou em um sorriso cruel.

— Ela doou a seda de aranha para as asas de Abraxos.

A aranha rosou.

— Você *roubou* minha seda e empurrou a mim e minhas tecelãs de um penhasco.

— Como é que você pode mudar de forma? — Dorian perguntou, ainda prendendo a aranha no lugar enquanto se aproximava do outro lado de Manon, uma mão segurando o cabo de sua antiga espada. — As lendas não fazem menção a isso. — Curiosidade realmente iluminou em seu rosto. Ela supôs que a linha branca através de sua pele dourada em sua garganta era a prova de que ele lidou muito pior. E supôs que qualquer ligação entre eles também era prova de que ele tinha pouco medo da dor ou da morte.

Uma boa característica para uma bruxa, sim. Mas em um mortal? Provavelmente acabaria matando-o.

Talvez não tenha sido a falta de medo, mas sim a falta de... de qualquer coisa que os mortais consideravam vitais para suas almas.

Arrancado dele pelo pai. E aquele demônio Valg.

A aranha fervilhava.

— Eu levei duas décadas da vida de um jovem comerciante em troca da minha seda. O presente de seu deslocamento fluiu através de sua força vital – pelo menos alguns deles. — Todos aqueles olhos se estreitaram em Manon. — *Ele* pagou o preço de bom grado.

— Mate-a e termine com isso — murmurou Asterin.

A aranha recuou tanto quanto a coleira invisível do rei permitiria.

— Eu não tinha idéia de que nossas irmãs haviam se tornado tão covardes, se agora elas exigem magia para nos espetar como porcos.

Manon levantou Ceifadora do Vento, contemplando onde, entre os muitos olhos da aranha, mergulhar a lâmina.

— Vamos ver se você grita como um quando eu faço?

— Covarde — a aranha cuspiu. — Liberte-me e acabaremos com isso do jeito antigo.

Manon considerou a ideia. Então encolheu os ombros.

— Vou manter isso indolor. Considere isso a minha dívida paga com você. — Respirando profundamente, Manon se preparou para o golpe.

— Espere. — A aranha respirou a palavra. — *Espere.*

— De insultos a súplicas — murmurou Asterin. — Quem é a covarde agora?

A aranha ignorou a Segunda, seus olhos profundos devorando Manon, depois Dorian.

— Você sabe o que se move no sul? Que horrores se reúnem?

— Notícias antigas — disse Vesta, bufando.

— Como você acha que encontrei você? — perguntou a aranha. Manon ficou quieta. — Tantos bens deixados em Morath. Seu cheiro deixado sobre todos eles.

Se a aranha os encontrara tão facilmente, eles teriam que sair dali. Agora.

A aranha sibilou:

— Devo lhe contar o que eu vi a meros oitenta quilômetros ao sul daqui? Quem eu vi, Bico Negro? — Manon endureceu. — Crochans

— disse a aranha, depois suspirou profundamente. Com fome.

Manon piscou. Só uma vez. As Treze ficaram igualmente quietas.

Asterin perguntou:

— Você viu as Crochans?

A cabeça enorme da aranha balançou em um aceno antes de suspirar novamente.

— As Crochans sempre tiveram o gosto de como imagino que seja o vinho de verão. Do que *chocolate*, como vocês chamam, teria gosto.

— Onde? — exigiu Manon.

A aranha denominou a localização – vaga e desconhecida.

— Eu vou te mostrar onde — disse ela. — Irei lhe guiar.

— Pode ser uma armadilha — disse Sorrel.

— Não é — disse Dorian, a mão ainda no punho de sua espada. Manon estudou a clareza de seus olhos, os ombros quadrados. O rosto impiedoso, ainda inquisitivo em sua cabeça. — Vamos ver se as informações dela são verdadeiras – e depois decidir o destino dela.

Manon deixou escapar:

— O quê? — As Treze mudaram de posição com a morte negada.

Dorian empurrou o queixo para a aranha estremecendo.

— Não a mate. Ainda não. Há mais coisas que ela pode saber além do paradeiro das Crochans.

A aranha sibilou:

— Eu não preciso da misericórdia de um menino.

— É uma misericórdia de um rei que você recebe — Dorian disse friamente. — E eu sugiro que fique quieta por tempo suficiente para recebê-la. — Raramente, muito raramente Manon ouvia aquela voz vindo dele, o tom que enviava arrepios através de seu sangue e ossos. A voz de um rei.

Mas ele não era seu rei. Ele não era o líder do clã das Treze.

— Nós a deixamos morar e ela nos venderá pelo maior lance.

Os olhos de safira de Dorian se agitaram, a mão em sua espada se contraindo. Manon ficou tensa naquele olhar frio e contemplativo.

A sugestão do predador calculista sob o belo rosto do rei. Ele apenas disse à aranha:

— Parece que você dominou a mudança de forma em questão de meses.



Um caminho o encontraria aqui, Gavin tinha dito.

Um caminho para Morath. Não um caminho físico, não um curso de viagem, mas isso.

O terror profano permaneceu quieto por um instante antes de ela dizer:

— Nossos dons são coisas estranhas e famintas. Não apenas nos alimentamos de sua vida, mas também de seus poderes, se você os possuir. Uma vez que a magia foi libertada, aprendi a manejar as habilidades que o metamorfo transferiu para mim.

Damaris se aqueceu em sua mão. Verdade. Cada palavra que a aranha tinha falado tinha sido verdade. E isso... Um caminho para Morath – como algo completamente diferente. Na pele de outro.

Talvez um escravo humano, como Elide Lochan. Alguém cuja presença não seria marcada.

Sua força bruta se emprestara a qualquer outra forma de magia, capaz de se mover entre a chama, o gelo e a cura. Mas mudar de forma... poderia ele aprender isso também?

Dorian perguntou apenas a aranha:

— Você tem um nome?

— Um rei sem sua coroa pede o nome de uma aranha humilde — ela murmurou, seus olhos profundos se fixando nele. — Você não pode pronunciá-lo em sua língua, mas pode me chamar de Cyrene.

Manon rangeu os dentes.

— Não importa do que chamamos de você, pois vai morrer em breve.

Mas Dorian a olhou de soslaio.

— Os Ruhnns são uma parte do meu reino. Como tal, Cyrene é um dos meus assuntos. Acho que isso me dá o direito de decidir se

ela vive ou morre.

— Ambos estão à mercê do meu clã — rosnou Manon. — Afaste-se.

Dorian deu-lhe um leve sorriso.

— Eu estou?

Um vento mais frio que o ar da montanha encheu a passagem.

Ele poderia matar todas elas. Seja tirando o ar delas ou quebrando seus pescoços. Ele poderia matar todas elas, as serpentes aladas incluídas. O conhecimento esculpiu outro vazio dentro dele. Outro ponto vazio. Teria isso alguma vez incomodado seu pai, ou Aelin, ter todo esse poder?

— Traga-a conosco – questione-a mais profundamente no próximo acampamento.

Manon retrucou:

— Você planeja trazer *isso* com a gente?

Em resposta, a aranha mudou de posição, vestindo a forma de uma mulher de cabelos escuros e pele clara. Pequena e sem graça, exceto por aqueles olhos negros e enervantes. Não era bonita, mas havia um tipo de fascínio antigo e mortal que nem mesmo uma nova pele poderia esconder. E totalmente nua. Ela estremeceu, esfregando as mãos pelos braços finos.

— Será que esta forma é suficiente para viajar levemente?

Manon ignorou a aranha.

— E quando ela mudar de noite para nos rasgar em pedaços?

Dorian apenas inclinou a cabeça, dançando gelo na ponta dos dedos.

— Ela não vai.

Cyrene respirou fundo.

— Um raro presente de magia. — Seu olhar ficou voraz quando ela viu Dorian. — Para um raro rei.

Dorian apenas franziu a testa com desagrado.

Manon olhou para Asterin. Os olhos de sua Segunda eram cautelosos, sua boca uma linha apertada. Sorrel, a poucos metros

atrás, olhou furiosa para a aranha, mas a mão dela havia caído de sua espada.

As Treze, em algum sinal não dito, desceram das serpentes aladas. Apenas Cyrene as observava, aqueles horríveis olhos sem alma piscando de vez em quando, quando seus dentes começaram a estalar.

Manon inclinou a cabeça para ele.

— Você... está diferente hoje.

Ele encolheu os ombros.

— Se você quer alguém para aquecer sua cama e que se encolhe a cada palavra sua e obedece a todos os comandos, procure em outro lugar.

Seu olhar se dirigiu para a faixa pálida em torno de sua garganta.

— Eu ainda não estou convencido, Príncipezinho — ela sussurrou —, que eu não deveria simplesmente matá-la.

— E o que seria necessário, Bruxinha, para convencê-la? — Ele não se preocupou em esconder a promessa sensual em suas palavras, nem sua vantagem.

Um músculo cintilou na mandíbula de Manon.

Coisas de lendas, é o que o cercou. As bruxas, a aranha... Ele poderia muito bem ter sido um personagem em um dos livros que ele emprestou a Aelin no outono passado. Embora nenhum deles tivesse suportado um buraco tão grande dentro deles.

Franzindo para seus pés descalços na neve, as mãos de Cyrene se contorciam ao lado do corpo, um eco das pinças que ela carregara momentos antes.

Dorian tentou não estremecer. Suicídio, era o que seria necessário para se infiltrar em Morath — uma vez que ele aprendesse o que precisava dessa coisa.

O peso do olhar de Manon caiu sobre ele novamente, e Dorian não se esquivou dele. Não se esquivou das palavras de Manon quando ela disse:

— Se você acha o valor de sua existência tão pouco que isso o obriga a confiar nessa coisa, então, certamente traga-a junto. — Um

desafio para não olhar Morath ou a aranha, mas para dentro. Ela viu exatamente o que atormentava seu peito vazio, apenas porque uma fera similar atormentava-a. — Nós descobriremos em breve se ela falou a verdade sobre as Crochans.

Ela falou. Damaris se aqueceu quando Cyrene falou.

E quando eles encontrassem as Crochans, quando as Treze estivessem distraídas, ele também aprenderia o que precisava da aranha.

Manon se virou para as Treze, as bruxas zumbindo com impaciência.

— Nós voamos agora. Podemos chegar as Crochans ao cair da noite.

— E então o que? — perguntou Asterin. A única delas que tinha permissão para questionar.

Manon seguiu para Abraxos, e Dorian seguiu, jogando Cyrene um manto sobressalente enquanto sua magia a puxava com ele.

— E então nós fazemos o nosso movimento. — Manon restringiu. E pela primeira vez, ela não encontrou o olhar de ninguém.

Não fez nada além de olhar para o sul.

A bruxa também guardava segredos. Mas os dela eram tão terríveis quanto os dele?

CAPÍTULO 8

A escuridão cumprimentou Aelin quando ela se elevou à consciência. Apertado, negritude contida.

Um movimento de seus cotovelos os fez cavar os lados da caixa, correntes reverberando pelo pequeno espaço. Seus pés descalços poderiam roer o final se ela se contorcesse um pouco.

Ela levantou as mãos amarradas para a parede sólida de ferro a poucos centímetros acima do rosto. Seguiu as espirais e os sóis gravados em sua superfície. Mesmo no interior, Maeve ordenara que fossem gravados. Então Aelin nunca poderia esquecer que essa caixa havia sido feita para ela, muito antes de ela ter nascido.

Mas... aqueles eram os próprios dedos nus dela roçando o metal frio e áspero.

Ele tirou as manoplas de ferro. Ou tinha esquecido de colocá-los de volta depois do que ele fez. A maneira como ele os segurou no braseiro aberto, até que o metal estava em brasa em torno de suas mãos e ela estava gritando, gritando...

Aelin pressionou as palmas das mãos contra a tampa de metal e empurrou.

O braço despedaçado, as lascas de ossos que se projetavam de sua pele: se foram.

Ou nunca esteve lá. Mas parecia real.

Mais do que as outras memórias que insistiam, exigindo que ela as reconhecesse. Aceitasse-as.

Aelin empurrou as palmas das mãos contra o ferro, os músculos se esforçando.

Não mexeu muito.

Ela tentou novamente. Que ela tinha força para fazer isso era graças aos outros *serviços* que os curandeiros de Maeve providenciavam: impedir que seus músculos se atrofiassem enquanto ela estava ali.

Um gemido suave ecoou na caixa. Um aviso.

Aelin baixou as mãos quando a fechadura rangeu e a porta se abriu.

Os passos de Cairn foram mais rápidos desta vez. Urgente.

— Alivie-se no corredor e espere nesta porta — ele retrucou em Fenrys.

Aelin se preparou quando os degraus pararam. Um grunhido e assobio de metal e luz do fogo entraram. Ela piscou contra isso, mas ficou imóvel.

Eles ancoraram seus ferros na caixa em si. Ela aprendeu isso da maneira mais difícil.

Cairn não disse nada quando desatou as correntes de sua âncora.

O momento mais perigoso para ele, logo antes de movê-la para as âncoras no altar. Mesmo com os pés e as mãos atados, ele não se arriscou.

Ele também não o fez hoje, apesar de não se incomodar com as manoplas.

Talvez eles tivessem se derretido sobre aquele braseiro, junto com sua pele.

Cairn puxou-a para cima quando meia dúzia de guardas apareceram silenciosamente na porta. Seus rostos não mostravam horror pelo que havia sido feito com ela.

Ela já viu esses machos antes. Em um pedaço ensanguentado da praia.

— Varik — disse Cairn, e um dos guardas se adiantou, Fenrys agora ao seu lado junto à porta, o lobo tão alto quanto um pônei. A espada de Varik descansou na garganta de Fenrys.

Cairn agarrou suas correntes, puxando-a contra seu peito enquanto caminhavam em direção aos guardas, o lobo.

— Você faz um movimento, e ele morre.

Aelin não disse a ele que não tinha certeza se tinha forças para tentar qualquer coisa, muito menos correr.

Abatimento se estabeleceu nela.

Ela não lutou com o saco preto enfiado na cabeça enquanto passavam pela porta em arco. Não brigou enquanto caminhavam pelo corredor, embora contasse os passos e as voltas.

Ela não se importava se Cairn fosse inteligente o suficiente para adicionar alguns extras para desorientá-la. Ela contou-os de qualquer maneira. Ouviu o ímpeto do rio, cada vez mais alto, a névoa crescente que gelava sua pele exposta, alisando as pedras sob seus pés.

Então o ar aberto. Ela não podia ver, mas roçou os dedos úmidos sobre a pele, sussurrando a escancarada aberta do mundo.

Corra. Agora.

As palavras eram um murmúrio distante.

Ela não tinha dúvida de que a lâmina do guarda permanecia na garganta de Fenrys. Que isso derramaria sangue. A ordem de restrição de Maeve ligou Fenrys muito bem – junto com aquele estranho dom dele para saltar entre curtas distâncias, como se estivesse se movendo de um cômodo para outro.

Ela há muito tempo perdeu a esperança de que ele encontraria alguma maneira de usá-lo, para mantê-los longe daqui. Ela duvidava que ele milagrosamente recuperasse a habilidade, caso a espada do guarda atacasse.

No entanto, se ela atendesse àquela voz, se ela corresse, o custo de sua vida valeria a ela?

— Você está debatendo, não está — Cairn sibilou em seu ouvido. Ela podia sentir o sorriso dele mesmo através do saco cegando-a. — Se a vida do lobo é um custo justo para fugir. — A risada de um amante. — Tente. Veja até onde você chega. Nós temos alguns minutos de caminhada à esquerda.

Ela o ignorou. Ignorou aquela voz sussurrando para *correr, correr, correr.*

Passo após passo, eles andaram. Suas pernas tremeram com o esforço.

Isso disse a ela o suficiente sobre quanto tempo ela estava aqui.

Por quanto tempo ela não tinha sido capaz de se mover adequadamente, mesmo com os cuidados dos curandeiros para evitar que seus músculos se gastassem.

Cairn conduziu-a por uma escadaria sinuosa que a fez respirar, a névoa desaparecendo para refrescar o ar da noite. Cheiros doces. Flores.

Flores ainda existiam. Neste mundo, este inferno, flores floresciam em algum lugar.

O grito da água desvaneceu-se atrás deles para uma pressa abençoadamente maçante, logo substituído por uma frente escorrendo alegremente. Fontes. Azulejos frios e lisos mordiam seus pés e, através do capuz, chamas bruxuleantes lançavam ondas douradas. Lanternas.

O ar apertou, ficou parado. Um pátio, talvez.

Relâmpagos pulsavam em suas coxas, suas panturrilhas, avisando-a para diminuir a velocidade, para descansar.

Então o ar aberto se abriu novamente ao redor dela, a água rugindo mais uma vez.

Cairn parou, puxando-a contra seu corpo imponente, suas várias armas cavando em suas correntes, sua pele. As roupas dos outros guardas farfalharam quando pararam também. As garras de Fenrys clicaram na pedra, o som sem dúvida significava sinalizar que ele permanecia por perto.

Ela percebeu por que ele sentiu a necessidade de fazê-lo como uma voz feminina que era jovem e velha, divertida e sem alma, ronronando.

— Remova o capuz, Cairn.

Ela desapareceu, e Aelin precisou de apenas algumas piscadas para aceitar tudo.

Ela esteve aqui antes.

Estivera naquela ampla varanda com vista para um rio e cachoeiras poderosos, percorrera a antiga cidade de pedra que ela conhecia assomava às suas costas.

Tinha estado neste mesmo lugar, de frente para a rainha de cabelo escuro descansando em um trono de pedra em cima do estrado, a névoa envolvendo o ar ao seu redor, uma coruja branca empoleirada na parte de trás de seu assento.

Apenas um lobo estava esparramado aos pés dela desta vez.

Preto como a noite, negro como os olhos da rainha, que se assentaram em Aelin, estreitando-se de prazer.

Maeve parecia contente em deixar Aelin olhar. Deixar ela entrar.

O vestido roxo escuro de Maeve brilhava como a bruma atrás dela, a longa cauda pendurado sobre os poucos degraus do estrado. Reunindo-se para...

Aelin observou o que brilhava na base daqueles degraus e ficou imóvel.

Os lábios vermelhos de Maeve se curvaram em um sorriso enquanto ela agitava uma mão de marfim.

— Se você quiser, Cairn.

O macho não hesitou quando puxou Aelin para o que estava no chão.

Vidro quebrado, empilhado e arrumado em um círculo limpo.

Ele parou do lado de fora, o primeiro dos cacos grossos a uma polegada dos pés descalços de Aelin.

Maeve apontou para o lobo preto a seus pés e ele se levantou, pegando algo do braço largo do trono antes de trotar para Cairn.

— Eu pensei que sua classificação deveria pelo menos ser reconhecida — disse Maeve, aquele sorriso de aranha nunca vacilando quando Aelin viu o que o lobo ofereceu ao guarda ao lado de Cairn. — Coloque-a sobre ela — a rainha ordenou.

Uma coroa, antiga e cintilante, brilhava nas mãos do guarda. Feito de prata e pérola, moldado em asas que se encontravam em seu centro, cercado por pontas de diamante puro, ela brilhava como

se os raios da lua tivessem sido capturados enquanto o guarda a pousava na cabeça de Aelin.

Um peso terrível e surpreendente, o metal frio cavando em seu couro cabeludo. Muito mais pesado do que parecia, como se tivesse um núcleo de ferro sólido.

Um tipo diferente de manilha. Sempre foi.

Aelin controlou a vontade de recuar, sacudir a coisa da cabeça dela.

— A coroa de Mab — disse Maeve. — Sua coroa, por sangue e primogenitura. Sua verdadeira herdeira.

Aelin ignorou as palavras. Olhou para o círculo de cacos de vidro.

— Ah, isso — disse Maeve, notando sua atenção. — Eu acho que você sabe como isso deve ser, Aelin do Fogo Selvagem.

Aelin não disse nada.

Maeve deu um aceno de cabeça.

Cairn empurrou-a para a frente, diretamente no vidro.

Seus pés descalços se abriram, a nova pele gritou quando rasgou.

Ela inalou agudamente através de seus dentes, engolindo seu choro no momento em que Cairn a empurrava de joelhos.

A respiração bateu nela no impacto. Em cada fragmento que cortou e cavou em profundidade.

Respirar – respirar era a chave, era vital.

Ela puxou sua mente para longe, inalando e expirando. Uma onda se afastando da costa e voltando.

O calor se acumulou sob seus joelhos, suas panturrilhas e tornozelos, o cheiro acobreado de seu sangue subindo para se misturar na névoa.

Sua respiração ficou irregular quando ela começou a tremer, quando um grito surgiu dentro dela.

Ela mordeu o lábio, caninos perfurando a carne.

Ela não gritaria. Ainda não.

Respire – *respire*.

O cheiro do sangue dela cobria sua boca enquanto ela mordia mais forte.

— É uma pena que não haja audiência para testemunhar isso — disse Maeve, sua voz distante e ainda muito perto. — Aelin Portadora do Fogo, usando finalmente a coroa da Rainha das Fadas.

Ajoelhando-se aos meus pés.

Um tremor estremeceu por Aelin, balançando seu corpo o suficiente para que o vidro encontrasse novos ângulos, novas entradas.

Ela se afastou mais para longe. Cada respiração arrastou-a para o mar, para um lugar onde palavras, sentimentos e dor se tornaram uma costa distante.

Maeve estalou os dedos.

— Fenrys.

O lobo passou e sentou-se ao lado do trono. Mas não antes de dar uma olhada no lobo negro. Apenas um giro da cabeça.

O lobo negro retornou o olhar, sem graça e frio. E isso bastou para que Maeve dissesse:

— Connall, você pode finalmente dizer ao seu irmão gêmeo o que deseja dizer.

Um flash de luz.

Aelin inalou pelo nariz, exalou pela boca, repetidamente. Apenas registrou o belo homem de cabelos escuros que agora estava no lugar do lobo. De pele de bronze como seu irmão gêmeo, mas sem a selvageria, sem a travessura brilhando em seu rosto. Ele usava roupas em camadas de guerreiro, pretas para as facas gêmeas cinzentas de Fenrys penduradas ao lado do corpo.

O lobo branco olhou para seu gêmeo, enraizado no local por esse elo invisível.

— Fale livremente, Connall — disse Maeve, com o leve sorriso que restava. A coruja do celeiro empoleirada na parte de trás de seu trono observava solene, sem piscar os olhos. — Deixe seu irmão saber que estas palavras são suas e não do meu comando.

Um pé de botas cutucou a espinha de Aelin, uma pontada sutil para a frente. Mais fundo no vidro.

Nenhuma quantidade de respiração poderia afastá-la o suficiente para conter o gemido abafado.

Ela odiava isso – odiava esse som, tanto quanto odiava a rainha diante dela e o sádico em suas costas. Mas ainda assim saiu, quase inaudível pelas quedas trovejantes.

Os olhos escuros de Fenrys dispararam em direção a ela. Ele piscou quatro vezes.

Ela não conseguia se conter para piscar de volta. Seus dedos se curvaram e desenrolaram no colo.

— Você trouxe isso sobre si mesmo — disse Connall para Fenrys, chamando a atenção de seu irmão mais uma vez. Sua voz estava tão gelada quanto a de Maeve. — Sua arrogância, sua imprudência descontrolada... era isso que você queria? — Fenrys não respondeu. — Você não poderia me deixar ter isso... ter alguma parte disso para mim. Você fez o juramento de sangue não para servir a nossa rainha, mas então você não poderia ser superado por mim pela primeira vez em sua vida.

Fenrys arreganhou os dentes, mesmo quando algo como tristeza diminuiu seu olhar.

Outra onda ardente lavou através de seus joelhos, através de suas coxas. Aelin fechou os olhos contra ela.

Ela suportaria isso, iria suportar isso.

Seu povo sofreu por dez anos. Provavelmente estavam sofrendo agora. Pelo bem deles, ela faria isso. Abraçar isso. Superar isso.

A voz retumbante de Connall passou por ela.

— Você é uma desgraça para nossa família, para este reino. Você se prostituiu a uma rainha estrangeira e por quê? Eu implorei para você se controlar quando fosse enviado para caçar Lorcan. Eu te implorei para ser *inteligente*. Você pode muito bem ter cuspidado na minha cara.

Fenrys rosnou, e o som deve ter sido alguma linguagem secreta entre eles, porque Connall bufou.

— Sair? Por que eu iria querer sair? E para quê? *Isso?* — Mesmo com os olhos fechados, Aelin sabia que ele apontou para ela. —

Não, Fenrys. Eu não vou sair. E nem você vai.

Um gemido baixo cortou o ar úmido.

— Isso será tudo, Connall — disse Maeve, e a luz brilhou, penetrando até a escuridão atrás das pálpebras de Aelin.

Ela respirou e respirou e respirou.

— Você sabe com que rapidez isso pode acabar, Aelin — disse Maeve. Aelin manteve os olhos fechados. — Diga-me onde você escondeu os chaves de Wyrd, jure o juramento de sangue... A ordem não importa, suponho.

Aelin abriu os olhos. Levantou suas mãos amarradas diante dela.

E deu a Maeve um gesto obscuro, tão sujo e sujo quanto ela jamais fizera.

O sorriso de Maeve se apertou – apenas um pouco.

— Cairn.

Antes que Aelin pudesse respirar, as mãos bateram em seus ombros. Empurrando *para baixo*.

Ela não conseguia parar de gritar então.

Não quando ele a empurrou em um poço ardente de agonia que correu por suas pernas, sua espinha.

Ah deuses – *ah deuses*– De longe, o rosnado de Fenrys cortou seus gritos, seguido por Maeve.

— Muito bem, Cairn.

A pressão nos ombros dela se aliviou.

Aelin inclinou-se sobre os joelhos. Uma respiração completa – ela precisava respirar fundo.

Ela não podia. Os pulmões dela, o peito dela, só arfavam em calças rasas e rasgadas.

Sua visão turva, nadando, o sangue que se espalhou além de seus joelhos ondulando com ele.

Suportar; durar mais.

— Meus olhos me disseram uma informação interessante esta manhã — Maeve demorou. — Uma conta que *você* estava atualmente em Terrasen, preparando o pequeno exército que você

reuniu para a guerra. Você e o Príncipe Rowan e meus dois guerreiros desgraçados. Junto com o seu grupo habitual.

Aelin não tinha percebido que ela estava segurando isso.

Aquela lasca de esperança, tola e patética. Essa fatia de esperança que ele viria por ela.

Ela lhe dissera que não, afinal. Tinha dito a ele para proteger Terrasen. Tinha arranjado tudo para ele fazer uma posição desesperada contra Morath.

— Útil, ter um metamorfo para fazer sua parte como rainha — ponderou Maeve. — Embora eu me pergunte quanto tempo a estratégia pode durar sem seus presentes especiais para incinerar as legiões de Morath. Quanto tempo até que os aliados que você coletou comecem a perguntar por que a Portadora do Fogo não queima?

Não era mentira. Os detalhes, seu plano com Lysandra... Não havia como Maeve conhecê-los, a menos que fossem verdade.

Poderia Maeve ter feito um palpite de sorte ao mentir sobre isso?

Sim, sim e ainda assim.

Rowan foi com eles. Todos eles foram para o norte. E chegaram a Terrasen.

Uma pequena misericórdia. Uma pequena misericórdia, e ainda assim...

O copo ao redor dela brilhava na névoa e na luz da lua, seu sangue uma mancha espessa passando por ele.

— Eu não quero enxugar este mundo, como Erawan — disse Maeve, como se não fossem mais do que dois amigos conversando em um dos melhores campos de chá de Forte da Fenda. Se algum ainda existisse depois que as Dentes de Ferro saquearam a cidade.

— Eu gosto de Erilea exatamente do jeito que é. Eu sempre gostei.

O vidro, o sangue, a varanda e a luz da lua refletiam sua visão.

— Eu vi muitas guerras. Mandei meus guerreiros lutarem nelas, acabar com elas. Eu vi como elas são destrutivos. O próprio vidro que você se coloca vem de uma daquelas guerras, você sabe. Das

montanhas de vidro no sul. Eles já foram dunas de areia, mas os dragões os queimaram em vidro durante um conflito antigo e sangrento. — Um zumbido de diversão. — Alguns afirmam que é o vidro mais duro do mundo. O mais inflexível. Eu pensei, dado o seu próprio patrimônio, você pode apreciar suas origens.

Um clique da língua, e então Cairn estava lá novamente, as mãos em seus ombros.

Empurrando.

Cada vez mais duro. Deuses, deuses, *deuses*...

Não havia deuses para salvá-la. Na verdade não.

Os gritos de Aelin ecoaram na rocha e na água.

Sozinha. Ela estava sozinha nisso. Não adiantaria pedir ao lobo branco para ajudá-la.

As mãos nos ombros dela se afastaram.

Arquejo, bile queimando sua garganta, Aelin mais uma vez enrolada sobre os joelhos.

Suporte; dure mais...

Maeve simplesmente continuou:

— Os dragões não sobreviveram àquela guerra. E eles nunca mais se levantaram. — Os lábios dela se curvaram, e Aelin sabia que Maeve havia assegurado isso.

Outros detentores de fogo – caçados e mortos.

Ela não sabia por que ela sentiu isso então. Esse pingote de tristeza por criaturas que não existiam há incontáveis séculos. Quem nunca mais seria visto nesta terra? Por que isso a deixou tão indescritivelmente triste. Por que importava, quando o sangue dela estava gritando em agonia.

Maeve se virou para Connall, permanecendo em forma de Feérico ao lado do trono, os olhos furiosos ainda fixos em seu irmão.

— Refrescos.

Aelin se ajoelhou naquele vidro enquanto comida e bebida estavam reunidas. Ajoelhou-se enquanto Maeve jantava queijo e uvas, sorrindo para ela o tempo todo.

Aelin não conseguia parar o tremor que a atingiu, a dormência brutal.

Profundamente, profundamente, ela derivou.

Não importava se Rowan não estivesse vindo. Se os outros tivessem obedecido a seus desejos de lutar por Terrasen.

Ela também salvaria isso do seu próprio jeito. Por quanto tempo ela pudesse. Ela devia muito a Terrasen. Nunca pagaria totalmente essa dívida.

De longe, as palavras ecoaram e a memória brilhou. Ela deixou isso puxá-la para trás, puxá-la para fora de seu corpo.

Ela sentou-se ao lado de seu pai nos poucos degraus que desciam para o ringue de luta ao ar livre do castelo.

Era mais um templo do que um fosso de luta, flanqueado por colunas pálidas e desgastadas que durante séculos testemunharam a ascensão dos guerreiros mais poderosos de Terrasen. Isso no final da tarde de verão, estava vazio, a luz dourada enquanto entrava.

Rhoe Galathynius passou a mão pelo escudo redondo, o metal escuro marcado e apavorado pelos horrores há muito vencidos.

— Algum dia — ele disse enquanto traçava um dos longos arranhões sobre a superfície antiga, — este escudo passará para você. Como foi dado a mim e ao seu tio-avô antes de mim.

Sua respiração ainda estava irregular do treinamento que haviam feito. Apenas os dois, como ele prometera. A hora uma vez por semana que ele reservou para ela.

Seu pai colocou o escudo no degrau de pedra abaixo deles, sua batida reverberando pelos pés calçados com sandálias. Pesava quase tanto quanto ela, mas ele a carregava como se fosse apenas uma extensão de seu braço.

— E você — prosseguiu o pai — como muitas outras grandes mulheres e homens desta Câmara, o usarão para defender nosso reino. — Os olhos dela se elevaram para seu rosto, bonitos e sem rugas. Solene e real. — Essa é a sua carga, seu único dever. — Ele apoiou a mão na borda do escudo, batendo-o para dar ênfase. — Para defender, Aelin. Proteger.

Ela assentiu, não entendendo. E o pai dela tinha beijado sua testa, como se ele meio que esperasse que ela nunca precisasse.

Cairn a enterrou no copo novamente.

Nenhum som permaneceu nela por gritar.

— Estou ficando entediada com isso — disse Maeve, esquecendo sua bandeja de comida de prata. Ela se inclinou para frente em seu trono, a coruja atrás dela farfalhando suas asas. — Você acredita, Aelin Galathynius, que eu não farei os sacrifícios necessários para obter o que eu procuro?

Ela havia esquecido como falar. Não havia pronunciado uma palavra aqui, de qualquer maneira.

— Permita-me demonstrar — disse Maeve, endireitando-se. Os olhos de Fenrys brilharam com aviso.

Maeve acenou com a mão de marfim para Connall, congelada ao lado do trono. Onde ele permaneceu desde que ele trouxe a comida da rainha.

— Faça.

Connall tirou uma das facas do cinto. Deu um passo em direção a Fenrys.

Não.

A palavra foi um ruído frio através dela. Seus lábios até formaram-na quando ela se sacudiu contra as correntes, linhas de fogo líquido disparando ao longo de suas pernas.

Connall avançou outro passo.

Vidro rangia e rachava embaixo dela. Não, *não...*

Connall parou acima de Fenrys, sua mão tremendo. Fenrys apenas rosnou para ele.

Connall levantou a faca no ar entre eles.

Ela não conseguia levantar-se. Não podia subir contra as correntes e o vidro. Não podia fazer nada, *nada...*

Cairn a agarrou pelo pescoço, os dedos cavando com força suficiente para machucá-la, e a enterrou de novo nos fragmentos encharcados de sangue. Um grito áspero e quebrado escapou de seus lábios.

Fenrys. Sua única ligação à vida, a essa realidade...

A lâmina de Connall brilhou. Ele veio para ajudar em Defesa Nebulosa. Ele havia desafiado Maeve então; talvez ele fizesse isso agora, talvez suas palavras odiosas tivessem sido uma decepção...

A lâmina mergulhou.

Não em Fenrys.

Mas no próprio coração de Connall.

Fenrys se moveu – ou tentou. A boca aberta no que poderia ter sido um grito, ele tentou e tentou irromper para seu irmão quando Connall caiu na varanda de azulejos. Quando o sangue começou a se acumular.

A coruja no trono de Maeve bateu as asas uma vez, como se estivesse horrorizada. Mas Cairn soltou uma risada baixa, o som passando pela cabeça de Aelin.

Real. Isso foi real. Tinha que ser.

Algo frio e oleoso passou por ela. Suas mãos afrouxaram em seus lados. A luz deixou os olhos escuros de Connall, seu cabelo preto derramado no chão ao redor dele em um espelho escuro para o sangue escorrendo.

Fenrys estava tremendo. Aelin também poderia ter estado.

— Você estragou algo que me pertencia, Aelin Galathynius — disse Maeve. — E agora deve ser purgado.

Fenrys estava choramingando, ainda tentando rastejar para o irmão morto no chão. Feéricos podiam se curar; talvez o coração de Connall pudesse consertar...

O peito de Connall subiu em uma respiração rasa e chata.

Não se moveu novamente.

O uivo de Fenrys clivou a noite.

Cairn soltou, e Aelin caiu no vidro, mãos e pulsos ardendo.

Ela se deixou ali, meio esparramada. Deixou a coroa cair de sua cabeça e deslizar pelo chão, pulverizando o vidro de dragão onde ele saltou. Saltou, depois rolou, curvando-se pela varanda. Todo o caminho até o corrimão de pedra.

E no rio rugindo e odioso lá embaixo.

— Não há ninguém aqui para ajudá-lo. — A voz de Maeve era tão vazia quanto as lacunas entre as estrelas. — E não há ninguém vindo por você.

Os dedos de Aelin se enrolaram no vidro antigo.

— Pense nisso. Pense nesta noite, Aelin. — Maeve estalou os dedos. — Acabamos aqui.

As mãos de Cairn envolveram as correntes.

Suas pernas se dobraram, os pés se abrindo de novo. Ela mal sentiu, mal sentiu através da raiva e do mar de fogo profundo, profundo abaixo.

Mas como Cairn a puxou para cima, suas mãos selvagens se movendo, ela atacou.

Dois golpes.

Um pedaço de vidro caiu no lado do pescoço dele. Ele cambaleou para trás, amaldiçoando quando o sangue espirrou.

Aelin girou, o vidro rasgou a sola e jogou o estilhaço na outra mão.

Direito em Maeve.

Perdeu por um fio de cabelo. Raspando a bochecha pálida de Maeve antes de sair do trono atrás dela. A coruja empoleirada logo acima dela gritou.

Mãos ásperas a agarraram, Cairn gritando, gritos furiosos de *Sua vadiazinha*, mas ela não os ouviu. Não como um fio de sangue serpenteava pela bochecha de Maeve.

Sangue negro. Tão escuro quanto a noite.

Tão escuro quanto os olhos que a rainha fixou nela, uma mão subindo para sua bochecha.

As pernas de Aelin afrouxaram, e ela não lutou contra os guardas a arrastando.

Um piscar de olhos e o sangue ficou vermelho. Seu aroma tão acobreado quanto o dela.

Um truque da luz. Uma alucinação, outro sonho...

Maeve olhou para a mancha vermelha que cobria seus dedos pálidos.

Um vento de ônix se partiu para Aelin, envolvendo em torno de seu pescoço.

Ele apertou, e ela não sabia de mais nada.

CAPÍTULO 9

Cairn a amarrou no altar e a deixou.

Fenrys não entrou até muito depois dela acordar.

O sangue ainda estava vazando de onde Cairn havia deixado o vidro ainda em suas pernas, seus pés.

Não foi um lobo que entrou na câmara de pedra, mas um macho.

Cada um dos passos de Fenrys lhe contou o suficiente antes que ela visse a morte em seus olhos, a palidez de sua pele geralmente dourada. Ele olhou para o nada, mesmo quando ele parou diante dela, onde estava acorrentada.

Além das palavras, sem saber que sua garganta funcionaria, Aelin piscou três vezes. *Você está bem?*

Duas piscadas responderam. *Não.*

Faixas de sal persistentes riscavam suas bochechas.

Suas correntes farfalharam quando ela esticou um dedo tremendo na direção dele.

Silenciosamente, ele deslizou a mão na dela.

Ela balbuciou as palavras, mesmo que ele provavelmente não conseguisse enxergá-las com a fenda da boca da máscara. *Eu sinto muito.*

Seu aperto só intensificou.

Sua jaqueta cinza estava desabotoada no topo. Aberta o suficiente para revelar uma sugestão do peito musculoso abaixo.

Como se ele não tivesse se preocupado em fechar em sua pressa de ir embora.

Seu estômago se revirou. O que ele, sem dúvida, teve que fazer depois, com o corpo de seu gêmeo ainda deitado nas telhas da

varanda atrás dele...

— Eu não sabia que ele me odiava tanto — Fenrys falou, asperamente.

Aelin apertou a mão dele.

Fenrys fechou os olhos, respirando com dificuldade.

— Ela me deu licença apenas para tirar o vidro. Quando estiver fora, eu... eu volto para lá. — Ele apontou com o queixo em direção à parede onde ele geralmente se sentava. Ele fez menção de examinar as pernas dela, mas ela apertou a mão dele novamente, e piscou duas vezes. *Não*.

Deixá-lo ficar nesta forma por mais algum tempo, deixá-lo chorar como um macho e não um lobo. Deixá-lo ficar nessa forma para poder ouvir uma voz amigável, sentir um toque gentil...

Ela começou a chorar.

Ela não pôde evitar. Não foi possível parar assim que começou.

Odiava cada lágrima e respiração trêmula, cada movimento de seu corpo que enviava raios através de suas pernas e pés.

— Eu vou tirá-los — disse ele, e ela não podia dizer a ele, não podia começar a explicar que não era o vidro, a pele desfiada até o osso.

Ele não estava vindo. Ele não estava vindo para buscá-la.

Ela deveria estar feliz. Deveria estar aliviada. Ela *estava* aliviada. E ainda assim... e ainda assim...

Fenrys tirou um par de pinças do kit de ferramentas que Cairn havia deixado em uma mesa próxima.

— Eu serei o mais rápido que puder.

Mordendo o lábio com força suficiente para tirar sangue, Aelin virou a cabeça enquanto o primeiro pedaço de vidro deslizou de seu joelho. Carne e nervo se rompendo novamente.

Sal superou o sabor do sangue dela, e ela sabia que ele estava chorando. O cheiro de suas lágrimas encheu o pequeno quarto enquanto ele trabalhava.

Nenhum deles disse uma palavra.

CAPÍTULO 10

O mundo se tornara apenas lama congelante e sangue vermelho e preto, e os gritos dos moribundos subindo para o céu gelado.

Lysandra aprendera esses meses que a batalha não era uma coisa organizada. Era o caos e a dor e não havia duelos grandiosos e heróicos. Apenas o corte de suas garras e o rasgo de suas presas; o choque de escudos amassados e espadas ensanguentadas. A armadura que uma vez fora distinguível rapidamente se tornou esparramada, e se não fosse pela escuridão das cores de seu inimigo, Lysandra não tinha certeza de como ela teria discernido aliado de um inimigo.

Suas linhas se mantinham. Pelo menos eles tinham isso.

Escudo para proteger e ombro a ombro no campo nevado que desde então se tornara um poço de lama, eles encontraram com a legião que Erawan tinha marchado através de Eldrys.

Aedion havia escolhido o campo, a hora, o ângulo dessa batalha. Os outros haviam pressionado por um ataque instantâneo, mas ele deixaria que Morath marchasse o suficiente para o interior – exatamente para onde ele queria. A localização era tão importante quanto os números, foi tudo o que ele disse.

Não para Lysandra, claro. Ele mal dizia uma maldita palavra para ela nos dias de hoje.

Agora certamente não era a hora de pensar nisso. Se importar.

Seus aliados e soldados acreditavam que Aelin Galathynius permaneceu a caminho deles, permitindo que Lysandra vestisse a forma do leopardo fantasma. Ren Allsbrook tinha até encomendado armadura para o peito, laterais e flancos do leopardo. Tão leve que

não era um obstáculo, mas sólido o suficiente para que os três golpes que ela demorara muito para parar – uma flecha para o lado, depois dois golpes de espadas inimigas – tivessem sido desviados.

Pequenas feridas queimavam ao longo de seu corpo. Sangue emaranhou a pele de suas patas do abate que ela fez entre as linhas de frente e foi rasgada em espadas caídas e flechas quebradas.

Mas ela continuou, a Devastação segurando firme contra o que havia sido enviado para encontrá-los.

Apenas cinco mil.

Apenas parecia uma palavra ridícula, mas era o que Aedion e os outros usavam.

Apenas o suficiente para ser um exército, considerando o poder total de Morath, mas grande o suficiente para representar uma ameaça.

Para eles, Lysandra pensou enquanto se lançava entre dois guerreiros da Devastação e se lançou sobre o soldado Valg mais próximo.

O homem ergueu sua espada, pronto para atacar. Prestou atenção no ângulo de sua cabeça quando ele trouxe a lâmina para cima, o Valg não sentiu sua morte próxima até que suas mandíbulas estivessem ao redor de seu pescoço exposto.

Horas nessa batalha, era instinto reprimir, carne se partindo como um pedaço de fruta madura.

Ela estava se movendo novamente antes de ele atingir a terra, cuspidando sua garganta na lama, deixando o avanço da Devastação para decapitar seu cadáver. A que distância a vida da cortesã em Forte da Fenda agora parecia. Apesar da morte ao seu redor, ela não podia dizer que sentia falta disso.

Abaixo da linha, Aedion gritou ordens para o flanco esquerdo. Eles deixariam descansar alguns da Devastação ao ouvirem como poucos Erawan tinham enviado, e tinham enchido as fileiras com uma mistura de soldados das forças do próprio Lorde de Terrasen e os do Príncipe Galan Ashryver e da Rainha Ansel, ambos que tinham guerreiros adicionais no caminho.

Não havia necessidade de revelar que eles tinham um pequeno batalhão de soldados Feéricos, cortesia do Príncipe Endymion e da Princesa Sellene Whitethorn, ou que os Assassinos Silenciosos do Deserto Vermelho também estavam entre eles. Haveria um momento em que a surpresa de sua presença seria necessária, Aedion argumentou durante o rápido conselho de guerra que conduziram ao retornar ao acampamento. Lysandra, sem fôlego de carregá-lo, Ren, e Murtaugh sem descanso de Allsbrook para as bordas de Orynth, mal escutaram o debate. Aedion venceu mesmo assim.

Exatamente como ele ganha tudo, por pura vontade e arrogância.

Ela não ousou olhar para as linhas para ver como ele estava se saindo, ombro a ombro na lama com seus homens. Ren liderou o flanco direito, onde Lysandra estava estacionada. Galan e Ansel tinham tomado o esquerdo, Ravi e Sol lutando entre eles.

Ela não ousou ver cujas espadas ainda estavam balançando.

Eles contariam seus mortos após a batalha.

Não havia muitos inimigos agora. Mil, se isso. Os soldados nas costas dela eram muito mais numerosos.

Então Lysandra continuou matando, o sangue de seu inimigo como vinho estragado em sua língua.



Eles venceram, embora Aedion estivesse bem ciente de que a vitória contra cinco mil soldados provavelmente seria passageira, considerando que o anfitrião completo de Morath ainda estava por vir.

A adrenalina da batalha ainda não havia passado para nenhum deles – Aedion acabava em sua tenda de guerra uma hora após o último Valg ter caído, de pé ao redor de uma mesa coberta de mapas com Ren Allsbrook e Ravi e Sol.

Para onde Lysandra tinha ido, ele não sabia. Ela havia sobrevivido, o que ele supunha ser o suficiente.

Eles não tinham lavado o sangue ou a lama, cobrindo-os com tanta força que se encrustaram sob seus capacetes, suas armaduras. Suas armas estavam em uma pilha descartada perto das abas da tenda.

Tudo precisaria ser limpo. Mas depois.

— Perdas do seu lado? — perguntou Aedion a Ravi e Sol. Os dois irmãos loiros governaram Suria, embora Sol fosse tecnicamente seu lorde. Eles nunca lutaram nas guerras antes, apesar de estarem perto da idade de Aedion, mas eles se deram bem o suficiente hoje. Seus soldados também.

Os Lordes de Suria haviam perdido o pai para os massacres de Adarlan uma década atrás, sua mãe sobrevivendo às guerras e a ocupação de Adarlan por sua astúcia e pelo fato de sua próspera cidade portuária ser muito valiosa para a rota comercial do império para dizimar.

Sol, aparentemente, herdou traços de sua mãe esperta e inteligente.

Ravi, ousado, herdou de seu falecido pai.

Ambos, no entanto, odiavam Adarlan com uma intensidade de queima profunda, desmentida por seus pálidos olhos azuis.

Sol, seu rosto estreito salpicado de lama, soltou um suspiro pelo nariz. O nariz de um aristocrata, Aedion pensara quando eram crianças. O lorde sempre foi mais um estudioso do que um guerreiro, mas parecia que ele aprendeu uma coisa ou duas nos anos sombrios desde então.

— Não muitos, agradeço aos deuses. Duzentos no máximo.

A voz suave era enganadora – Aedion havia aprendido essas semanas. Talvez uma arma em si, para fazer as pessoas acreditarem que ele é gentil e fraco. Para mascarar a mente afiada e instintos mais aguçados por trás dela.

— E o seu flanco? — Aedion perguntou Ren.

Ren passou a mão pelos cabelos escuros, a lama desmoronando.

— Cento e cinquenta, só isso.

Aedion assentiu. Muito melhor do que ele previra. As linhas tinham segurado, graças a Devastação que ele intercalou entre eles. Os Valgs tentaram manter a ordem, mas uma vez que o sangue humano começou a derramar, eles se entregaram à luxúria da batalha e perderam o controle, apesar dos gritos de seus comandantes.

Todos Valg grunhem, sem príncipes entre eles. Ele sabia que não era uma bênção.

Sabia que as cinco mil tropas que Erawan tinha enviado, emboscando os navios de Galan Ashryver por Ilium antes de pousar em Eldrys, eram apenas para usá-las. Sem ilken, sem Dentes de Ferro, sem cães de Wyrđ.

Eles ainda eram difíceis de matar. Tinha lutado mais que a maioria dos homens.

Ravi olhou o mapa.

— Nós voltamos para Orynth agora? Ou vamos para a fronteira?

— Darrow nos mandou para Orynth, se sobrevivêssemos — respondeu Sol, franzindo a testa para o irmão. À luz nos olhos de Ravi que tão claramente expressou onde ele queria ir.

Darrow, que era velho demais para lutar, havia permanecido no campo secundário a trinta e dois quilômetros atrás deles. Ser a próxima linha de defesa, se cinco mil soldados conseguissem destruir uma das unidades de combate mais habilidosas que Terrasen já vira.

Com a palavra agora indubitavelmente chegando que a batalha tinha ido a seu favor, Darrow provavelmente voltaria para a capital.

Aedion olhou para Ren.

— Acha que seu avô pode convencer Darrow e os outros lordes a irem para o sul?

Guerra pelo comitê. Foi um absurdo. Cada escolha que ele fez, cada campo de batalha que ele escolheu, ele teve que argumentar por isso. Convencê-los.

Como se essas tropas não fossem para a rainha, não vieram para Aelin quando ela chamou. Como se a Devastação servisse a

qualquer outra pessoa.

Ren soltou um suspiro para o teto alto da tenda. Um grande espaço, mas sem adornos. Eles não tinham tempo nem recursos para mobiliá-

los em uma tenda de guerra adequada, montando apenas um catre, alguns braseiros e essa mesa, junto com uma banheira de cobre atrás de uma cortina na parte traseira. Assim que essa reunião terminasse, ele encontraria alguém para preenchê-la para ele.

Se Aelin estivesse aqui, ela poderia aquecê-la em um piscar de olhos.

Ele ignorou o aperto no peito.

Se Aelin estivesse aqui, uma respiração dela e as cinco mil tropas que eles se exauriram matando hoje teriam sido cinzas no vento.

Nenhum dos lordes ao seu redor havia questionado onde estava sua rainha. Por que ela não estava no campo hoje. Talvez eles não se atrevessem.

Ren disse:

— Se movermos os exércitos para o sul sem a permissão de Darrow e dos outros lordes, estaremos cometendo traição.

— Traição, quando estamos salvando nosso próprio maldito reino?

— Ravi exigiu.

— Darrow e os outros lutaram na última guerra — disse Sol ao irmão.

— E perderam — Ravi desafiou. — Mal. — Ele acenou com a cabeça em direção a Aedion. — Você estava em Theralis. Você viu o massacre.

Os lordes de Suria não tinham amor por Darrow nem pelos outros senhores que haviam liderado as forças naquela posição final e condenada. Não quando seus erros levaram à morte da maior parte de sua corte, seus amigos. Era pouca preocupação que Terrasen estivesse tão em desvantagem que nunca houvera esperança alguma.

Ravi continuou:

— Eu digo para nos dirigimos para o sul. Juntar nossas forças na fronteira, em vez de deixar que Morath se aproxime tanto de Orynth.

— E deixe que quaisquer aliados que ainda possamos ter no Sul não tenham viajado tão longe quando se juntarem a nós — acrescentou Ren.

— Galan Ashryver e Ansel irão aonde nós lhes dissermos: os Feéricos e os assassinos também — insistiu Ravi. — O resto das tropas de Ansel está indo para o norte agora. Nós poderíamos conhecê-los. Talvez mandar atacar do oeste enquanto atacamos do norte.

Uma ideia sensata que Aedion havia contemplado. No entanto, para convencer Darrow... Ele iria para o outro acampamento amanhã, talvez pegasse Darrow antes de voltar para a capital. Uma vez que ele cuidasse para que os feridos estivessem sendo cuidados.

Mas parecia que Darrow não queria esperar pela manhã.

— General Ashryver. — Uma voz masculina soou de fora – jovem e calma.

Aedion grunhiu em resposta, e certamente não foi Darrow quem entrou, mas um homem alto, de cabelos escuros e olhos cinzentos.

Nenhuma armadura, apesar de suas roupas escuras e sujas de lama revelarem um corpo tonificado embaixo. Uma carta estava em suas mãos, que ele estendeu a Aedion enquanto ele cruzava a tenda com facilidade graciosa, então se curvou.

Aedion pegou a carta, seu nome escrito na caligrafia de Darrow.

— Lorde Darrow pede que você se junte a ele amanhã — disse o mensageiro, empurrando o queixo na direção da carta lacrada. — Você e o exército.

— Qual é o sentido da carta — Ravi murmurou — se você vai contar a ele o que ela diz?

O mensageiro lançou um olhar confuso para o jovem lorde.

— Eu perguntei isso também, senhor.

— Então, estou surpreso que você ainda esteja empregado — disse Aedion.

— Não empregado. — disse o mensageiro. — Apenas... colaborando.

Aedion abriu a carta e, de fato, transmitiu a ordem de Darrow.

— Para você ter chegado aqui tão rápido, você teria que voar.

— disse ele ao mensageiro. — Isso deve ter sido escrito antes mesmo da batalha começar esta manhã.

O mensageiro sorriu.

— Eu recebi duas cartas. Um foi pela vitória, a outra derrota.

Corajoso – esse mensageiro era ousado e arrogante, para alguém da casa de Darrow.

— Qual o seu nome?

— Nox Owen. — O mensageiro curvou-se na cintura. — De Perranth.

— Eu ouvi falar de você — Ren disse examinando o homem novamente. — Você é um ladrão.

— Ex-ladrão — Nox emendou, piscando. — Agora rebelde, e o mensageiro mais confiável de Lorde Darrow. — De fato, um ladrão experiente faria um mensageiro inteligente, capaz de entrar e sair de lugares invisível.

Mas Aedion não se importou com o que o homem faz ou não.

— Eu suponho que você não vai voltar esta noite. — Um tremor de cabeça. Aedion suspirou. — Será que Darrow percebe que esses homens estão exaustos e, embora tenhamos conquistado o campo, não foi uma vitória fácil de qualquer maneira?

— Ah, tenho certeza que sim — disse Nox, as sobrancelhas escuras erguendo-se alto com aquela leve diversão.

— Diga a Darrow — interrompeu Ravi — que ele pode vir nos encontrar então. Em vez de nos fazer mover um exército inteiro só para vê-lo.

— A reunião é uma desculpa — Sol disse baixinho. Aedion assentiu. Nas sobrancelhas estreitas de Ravi, seu irmão mais velho esclareceu: — Ele quer ter certeza de que nós não... — Sol parou, ciente do ladrão que ouvia cada palavra. Mas Nox sorriu, como se entendesse o significado de qualquer maneira.

Darrow queria garantir que eles não pegassem o exército daqui e marchassem para o sul. Tinha-os cortado antes que eles pudessem fazê-lo, com esta ordem para se mover amanhã.

Ravi rosou, enfim recebendo a essência das palavras de seu irmão.

Aedion e Ren trocaram olhares. O lorde de Allsbrook franziu a testa, mas assentiu.

— Descanse onde quer que você possa encontrar um fogo para recebê-lo, Nox Owen — disse Aedion ao mensageiro. — Nós viajamos ao amanhecer.



Aedion partiu para encontrar Kyllian para transmitir a ordem. As tendas eram um labirinto de soldados exaustos, os feridos gemendo entre eles.

Aedion parou o tempo suficiente para saudar aqueles homens, para oferecer uma mão no ombro ou uma palavra de segurança. Alguns durariam a noite. Muitos não.

Ele parou em outras fogueiras também. Para elogiar a luta feita, se os soldados vieram de Terrasen, dos Desertos ou Wendlyn. Em alguns deles, ele até compartilhou em suas cervejas ou refeições.

Rhoe havia lhe ensinado isso – a arte de fazer seus homens quererem segui-lo, morrer por ele. Mas mais do que isso, vendo-os como homens, como pessoas com famílias e amigos, que tinham tanto a arriscar quanto a lutar aqui. Não foi nenhum fardo, apesar do esgotamento que se apoderou dele, para agradecer-lhes por sua coragem, suas espadas.

Mas levou tempo. O sol tinha se posto completamente, o acampamento lamacento lançado em profundas sombras em meio às fogueiras, no momento em que ele se aproximou da tenda de Kyllian.

Elgan, um dos capitães da Devastação, deu-lhe uma palmada no ombro quando ele passou, o rosto grisalho do homem em um sorriso sombrio.

— Não é um mau primeiro dia, filhote — resmungou Elgan. Ele chamou Aedion assim desde aqueles dias iniciais nas fileiras de Devastação, tinha sido um dos primeiros homens aqui a tratá-lo não como um príncipe que perdeu seu reino, mas como um guerreiro lutando para defendê-lo. Grande parte de seu treinamento no campo de batalha, ele devia a Elgan.

Junto com sua vida, considerando as inúmeras vezes que a sabedoria do homem e a espada rápida o salvaram.

Aedion sorriu para o capitão envelhecido.

— Você lutou bem, para um avô. — A filha do homem havia dado à luz um filho no inverno passado.

Elgan rosnou.

— Eu gostaria de ver você empunhando uma espada tão bem quando você tiver a minha idade, garoto.

Então ele se foi, apontando para uma fogueira que continha vários outros comandantes e capitães mais velhos. Eles notaram a atenção de Aedion e levantaram suas canecas em saudação.

Aedion apenas inclinou a cabeça e continuou.

— Aedion.

Ele reconheceria aquela voz se ele fosse cego.

Lysandra saiu de trás de uma tenda, com o rosto limpo apesar das roupas enlameadas.

Ele parou, finalmente sentindo o peso da sujeira e sangue em si mesmo.

— O que.

Ela ignorou o tom dele.

— Eu poderia voar para Darrow hoje à noite. Dar a ele qualquer mensagem que você quiser.

— Ele quer que movamos o exército de volta para ele, e depois para Orynth — disse Aedion, fazendo a continuação para a tenda de Kyllian. — Imediatamente.

Ela entrou em seu caminho.

— Eu posso ir, dizer a ele que este exército precisa de tempo para descansar.

— Isso é alguma tentativa de reentrar nas minhas boas graças?
— Ele estava cansado demais, cansado demais para se incomodar em saber a verdade.

Seus olhos de esmeralda ficaram tão frios quanto a noite de inverno ao redor deles.

— Eu não dou a mínima para suas boas graças. Eu me preocupo com este exército sendo usado com movimentos desnecessários.

— Como você sabe o que foi dito na tenda? — Ele sabia a resposta assim que ele fez a pergunta. Ela estava em uma forma pequena e despercebida. Precisamente por que tantos reinos e cortes caçaram e mataram quaisquer metamorfos. Espiões e assassinos incomparáveis.

Ela cruzou os braços.

— Se você não me quer sentada em seus conselhos de guerra, então diga isso.

Ele observou seu rosto, sua postura rígida. Exaustão pesava sobre ela, sua pele dourada pálida e os olhos assombrados. Ele não sabia onde ela estava hospedada neste acampamento. Se ela ainda tivesse uma tenda.

Culpa roeu nele por um batimento cardíaco.

— Quando, exatamente, nossa rainha fará seu grande retorno?

Sua boca se apertou.

— Hoje à noite, se você acha sensato.

— Perder a batalha e só parecer se aquecer na glória da vitória?

Duvido que as tropas achem isso animador.

— Então me diga onde e quando, e eu vou fazer isso.

— Assim como você obedeceu cegamente a nossa rainha, você agora me obedecerá?

— Eu não obedeco a homem nenhum — ela rosou. — Mas eu não sou tola o suficiente para acreditar que sei mais sobre exércitos e soldados do que você. Meu orgulho não é tão facilmente ferido.

Aedion deu um passo à frente.

— E o meu é?

— O que fiz, fiz por ela e por este reino. Olhe para esses homens, seus homens – olhe para os aliados que nós reunimos e diga que se eles soubessem a verdade, eles estariam tão ansiosos para lutar.

— A Devastação lutou quando acreditamos que ela estava morta. Não seria diferente.

Pode ser para nossos aliados. Para o povo de Terrasen. Ela não recuou por um momento.

— Vá em frente e me castigue pelo resto da sua vida. Por mil anos, se você acabar se estabelecendo.

Com Gavriel sendo seu pai, ele poderia muito bem. Ele tentou não se debruçar sobre a possibilidade. Ele mal interagira com a realeza dos Feéricos ou com seus soldados além do que era necessário. E eles principalmente se mantinham para si mesmos. No entanto, eles não zombaram dele por seu status de Semi-Feérico; realmente não parecia se importar com o sangue que fluía em suas veias, desde que ele os mantivesse vivos.

— Temos inimigos suficientes — continuou Lysandra. — Mas se você realmente deseja me fazer um deles também, tudo bem. Não me arrependo do que fiz, nem nunca irei.

— Tudo bem — foi tudo o que ele poderia pensar em dizer.

Ela astuciosamente olhou para ele. Como se pesasse o homem dentro.

— Era real, Aedion — disse ela. — Tudo isso. Eu não me importo se você acredita em mim ou não. Mas foi real para mim.

Ele não suportava ouvir isso.

— Eu tenho uma reunião — ele mentiu, e deu um passo ao redor dela. — Vá para outro lugar.

Dor brilhou em seus olhos, rapidamente escondida. Ele era o pior tipo de bastardo por isso.

Mas ele continuou para a tenda de Kyllian. Ela não foi atrás dele.



Ela era uma idiota estúpida.

Uma idiota estúpida, por ter dito qualquer coisa e agora sentir dor em seu peito.

Ela tinha dignidade suficiente para não implorar. Para não ver Aedion entrar na tenda de Kyllian e se perguntar se era para uma reunião, ou porque ele estava tentando se lembrar da vida depois de tantas mortes hoje. Para não dar um centímetro de espaço para a queimadura em seus olhos.

Lysandra dirigiu-se para a tenda confortável que Sol lhe dera perto da sua. Um homem gentil e inteligente – que não tinha interesse em mulheres. O irmão mais novo, Ravi, a olhou, como todos os homens.

Mas ele manteve uma distância respeitosa e conversou com ela, não com o peito dela, então ela também gostava dele. Não se importava de ter uma tenda no meio deles.

Uma honra, na verdade. Ela deixou de ter que rastejar para as camas dos lordes, fazendo o que quer que pedissem dela com um sorriso, para lutar ao lado deles. E ela agora era uma Lady. Uma a quem os dois lordes de Suria e o lorde de Allsbrook reconheceram, apesar de Darrow cuspiendo em sua cara.

Isso poderia tê-la enchido de alegria se a batalha não a tivesse desgastado tão completamente que o caminho de volta para a tenda parecia interminável. O príncipe-general não havia enfraquecido seu espírito tão completamente.

Cada passo foi um esforço, a lama sugando suas botas.

Ela se virou para um beco de tendas, os estandartes mudando do branco do verde esmeralda da Devastação para o peixe gêmeo de prata em turquesa vibrante daqueles que pertenciam à Casa de Suria.

Apenas cinquenta metros a mais de sua tenda, então ela poderia se deitar. Os soldados sabiam quem ela era, o que ela era. Nenhum deles, olhou duas vezes na direção dela, gritou para ela da maneira que os homens haviam feito em Forte da Fenda.

Lysandra se arrastou até a tenda, suspirando aliviada quando abriu caminho entre as abas, mirando no catre.

Sono, frio e vazio, encontrou-a antes que ela se lembrasse de tirar as botas.

CAPÍTULO 11

— Você tem certeza disso? — Com o coração acelerado, Chaol apoiou a mão na mesa dos aposentos que dividia com Yrene e apontou para o mapa que Nesryn e Sartaq haviam espalhado diante deles.

— Os soldados que questionamos receberam ordens sobre onde nos encontrar — disse Sartaq do outro lado da mesa, ainda vestido com suas roupas de vôo rukhin. — Eles estavam longe o suficiente por trás dos outros que eles precisariam de direções.

Chaol esfregou a mão no queixo.

— E você tem uma contagem no exército?

— Dez mil fortes — disse Nesryn, ainda encostada na parede próxima. — Mas nenhum sinal das legiões Dentes de Ferro. Apenas soldados a pé, e cerca de mil cavaleiros.

— Tanto quanto você poderia ver no ar — Princesa Hasar respondeu, girando o final de sua trança longa e escura. — Quem vai dizer o que pode estar à espreita entre as fileiras?

Quantos demônios Valg, a princesa não precisou adicionar. De todos os irmãos reais, Hasar levava a infestação da princesa Duva e o assassinato de sua irmã Tumelun mais pessoalmente. Tinha navegado aqui para vingar ambas as irmãs e para garantir que isso não acontecesse novamente. Se esta guerra não tivesse sido tão desesperada, Chaol poderia ter pago uma boa moeda para ver Hasar rasgando as peles de Valg.

— Os soldados não divulgaram essa informação — admitiu Sartaq — Apenas a localização pretendida.

Ao seu lado, Yrene envolveu os dedos ao redor de Chaol e apertou. Ele não tinha percebido o quão fria, quão trêmula, sua mão tinha se tornado até que seu calor se infiltrou nele.

Porque o alvo do exército inimigo agora marchando para o noroeste...

Anielle.

— Seu pai não se ajoelhou a Morath — ponderou Hasar, sacudindo sua pesada trança sobre o ombro de sua jaqueta azul-celeste bordada. — Isso deve deixar Erawan nervoso o suficiente para que ele veja a necessidade de enviar um exército assim para esmagá-lo.

Chaol engoliu a secura em sua boca.

— Mas Erawan já saqueou Forte da Fenda — disse ele, apontando para a capital na costa, depois arrastando um dedo para o interior ao longo do Avery. — Ele controla a maior parte do rio. Por que não mandar as bruxas para saquear? Por que não navegar até o Avery? Por que levar um exército tão longe para a costa, depois todo o caminho de volta?

— Para limpar o caminho para o resto — disse Yrene, sua boca era uma linha apertada. — Para incutir tanto terror quanto possível.

Chaol soltou um suspiro.

— Em Terrasen. Erawan quer que Terrasen saiba o que está por vir, que ele possa gastar seu tempo e dedicar forças à destruição de faixas de terra.

— Anielle tem um exército? — Sartaq perguntou, os olhos escuros do príncipe eram firmes.

Chaol se endireitou, a mão se contorcendo em um punho, como se pudesse evitar que o medo se acumulasse em seu estômago.

Pressa – eles tinham que se apressar.

— Ninguém capaz de enfrentar dez mil soldados. A fortaleza poderia sobreviver a um cerco, mas não indefinidamente, e não seria capaz de se encaixar na população da cidade. — Somente os poucos escolhidos de seu pai.

O silêncio caiu, e Chaol sabia que eles estavam esperando por ele para falar, para expressar a pergunta a si mesmo. Ele odiava cada palavra que saía de sua boca.

— Vale a pena lançar nossas tropas aqui e marchar para salvar Anielle?

Porque eles não podiam arriscar o Avery, não quando Forte da Fenda se sentou na sua entrada. Eles teriam que encontrar um lugar para pousar e marchar para o interior. Através das planícies, sobre o Acanthus, em Carvalhal, e até o sopé das Montanhas Canino Branco.

Dias de viagem a cavalo – os deuses sabiam quanto tempo um exército levaria.

— Talvez não haja uma Anielle quando chegarmos lá — disse Hasar com mais gentileza do que a princesa de rosto astuto geralmente se incomodava. O suficiente para que Chaol controlasse a vontade de dizer a eles que era precisamente por isso que eles tinham que se mover agora. — Se a metade sul de Adarlan está além da ajuda, então poderíamos pousar perto de Meath. — Ela apontou para a cidade no norte do reino. — Marchamos perto da fronteira e nos preparamos para interceptá-los.

— Ou poderíamos ir diretamente para Terrasen e subir o Florine até a porta de Orynth — Sartaq refletiu.

— Nós não sabemos o que vamos encontrar em ambos — Nesryn respondeu em voz baixa, sua voz fria enchendo o quarto.

Uma mulher diferente em alguns aspectos do que a que tinha ido com Chaol para o continente do sul.

— Meath poderia ser invadida, e Terrasen poderia estar enfrentando seu próprio cerco. Os dias que levaria para que nossos batedores voassem para o norte desperdiçariam tempo vital se retornarem.

Chaol respirou fundo, desejando que seu coração se acalmasse.

Ele não tinha a menor ideia de onde Dorian poderia estar, se ele tinha ido com Aelin para Terrasen. Os soldados que Nesryn e Sartaq haviam interrogado não sabiam. O que seu amigo teria escolhido? Ele quase podia ouvir Dorian gritando com ele por hesitar, ouvi-lo

ordenar Chaol para parar de se perguntar onde ele tinha ido e se apressar para Anielle.

— Anielle fica perto do Desfiladeiro Ferian — disse Hasar — que também é controlado por Morath e é outro posto avançado para as Dentes de Ferro e suas Serpentes Aladas. Ao trazer nossas forças para tão longe em terra, corremos o risco não apenas de o exército marchar em busca de Anielle, mas encontrar uma série de bruxas nas nossas costas. — Ela encontrou o olhar de Chaol, seu rosto tão firme quanto suas palavras. — Salvar a cidade ganharia alguma coisa para nós?

— É a casa dele — disse Yrene em voz baixa, mas não fracamente, o queixo se recusando a mergulhar nem um centímetro na presença da realeza. — Eu acho que isso seria toda a prova de que precisamos para defendê-la.

Chaol apertou a mão ao redor dela em agradecimento silencioso. Dorian teria dito o mesmo.

Sartaq estudou o mapa mais uma vez.

— O Avery se divide perto de Anielle — ele murmurou, correndo um dedo ao longo dele. — Ele segue para o sul até o Lago de Prata e Anielle, e então o outro ramo corre para o norte, após o Desfiladeiro Ferian, contornando ao longo dos Ruhnns e até quase a fronteira de Terrasen em si.

— Eu posso ler um mapa, irmão — Hasar rosnou.

Sartaq a ignorou, seus olhos encontrando Chaol novamente.

Uma faísca acendeu suas profundidades constantes.

— Evitamos o Avery até Anielle. Marchamos em terra. E quando a cidade estiver segura, começamos uma campanha para o norte, ao longo do Avery.

Nesryn se desencostou da parede para se aproximar do lado do príncipe.

— No Desfiladeiro Ferian? Nós estaríamos enfrentando as bruxas, então.

Sartaq deu-lhe um meio sorriso.

— Então é uma coisa boa que nós temos ruks.

Hasar se inclinou sobre o mapa.

— Se nós protegemos o Desfiladeiro Ferian, então poderíamos possivelmente marchar todo o caminho para Terrasen, tomando o caminho em terra. — Ela balançou a cabeça. — Mas e a armada?

— Eles esperam para interceptar a frota de Kashin — disse Sartaq — Nós levamos os soldados, a cavalaria Darghan, os ruks, e eles esperam o resto do exército chegar e avisar para eles nos encontrarem aqui.

A esperança se agitou no peito de Chaol.

— Mas isso ainda nos deixa pelo menos uma semana atrás do exército marchando para Anielle — disse Nesryn.

Verdade – eles nunca o alcançariam a tempo. Qualquer atraso poderia custar vidas incalculáveis.

— Eles precisam ser avisados — disse Chaol. — Anielle deve ser avisada e terá tempo para se preparar.

Sartaq assentiu.

— Eu posso estar lá em alguns dias de vôo.

— Não — disse Chaol, e Yrene levantou uma sobrancelha. — Se você puder me poupar um ruk e um cavaleiro, eu mesmo irei. Fique aqui e prepare os ruks para voar. Amanhã, se possível. Um dia ou dois no máximo. — Ele gesticulou para Hasar — Atrique os navios e conduza as tropas por terra, o mais rápido que elas puderem marchar.

Os olhos de Yrene se tornaram cautelosos, bem conscientes do que e quem ele enfrentaria em Anielle. O regresso à casa que ele nunca tinha imaginado, certamente não sob estas circunstâncias.

— Eu vou com você — disse sua esposa.

Ele apertou a mão dela novamente, como se quisesse dizer, *eu não estou nada surpreso em ouvir isso*.

Yrene apertou de volta.

Sartaq e Hasar assentiram, e Nesryn abriu a boca como se ela se opusesse, mas assentiu também.

Eles saíam esta noite, sob a cobertura da escuridão. Encontrar Dorian novamente teria que esperar. Yrene mordeu o lábio, sem

dúvida calculando o que precisariam colocar nas malas, o que dizer aos outros curandeiros.

Ele rezou para que fossem rápidos o suficiente, rezou para que ele pudesse descobrir o que diabos dizer ao seu pai, depois do juramento que ele quebrou, depois de tudo o que havia entre eles. E mais do que isso, o que ele diria para sua mãe, e para o irmão não tão jovem que ele deixou para trás quando ele escolheu Dorian sobre seu direito de nascença.

Chaol deu a Yrene o título que lhe devia em casamento: Lady Westfall.

Ele se perguntou se poderia suportar ser chamado de Lorde. Se isso importava, dado o que aguentava sobre a cidade no Lago de Prata.

Se isso importaria de qualquer modo se eles não conseguissem chegar a tempo.

Sartaq apoiou a mão no cabo da espada.

— Segure as defesas pelo maior tempo que puder, Lorde Westfall. Os ruks ficarão um dia ou mais atrás de você, os soldados a pé uma semana atrás disso.

Chaol apertou a mão de Sartaq e depois a de Hasar.

— Obrigado.

A boca de Hasar se curvou em um meio sorriso.

— Nos agradeça se salvarmos sua cidade.

CAPÍTULO 12

Tudo. Ela deu tudo por isso e ficou feliz em fazê-lo.

Aelin estava na escuridão, a laje de ferro como uma noite sem estrelas no céu.

Ela acordou aqui. Estivera aqui por um bom tempo.

Tanto tempo que ela se aliviou. Não se importou.

Talvez tudo tivesse sido para nada. A Rainha Que Foi Prometida.

Prometeu morrer, se render para cumprir a dívida de uma antiga princesa. Para salvar este mundo.

Ela não seria capaz de fazer isso. Ela falharia nisso, mesmo que sobrevivesse a Maeve.

Sobrevivesse o que ela poderia ter vislumbrado sob a pele da rainha. Se isso tivesse sido real.

Contra Erawan, havia pouca esperança. Mas contra Maeve também...

Lágrimas silenciosas se acumularam em sua máscara.

Não importava. Ela não estava deixando este lugar. Esta caixa.

Ela nunca mais sentiria o calor amanteigado do sol em seus cabelos, ou uma brisa marinha em suas bochechas.

Ela não conseguia parar de chorar, incessante e implacavelmente. Como se alguma represa tivesse se aberto dentro dela no momento em que ela viu o sangue escorrer pelo rosto de Maeve.

Ela não se importava se Cairn viu as lágrimas, cheirou-as.

Deixe-o quebrá-la até que ela estivesse em malditos pedaços no chão. Deixe-o fazer de novo e de novo.

Ela não lutaria. Não suportava lutar.

Uma porta abriu com um gemido e se fechou. Passos de espreita se aproximaram.

Então um baque na tampa do caixão.

— Como mais alguns dias soam para você?

Ela desejou poder se dobrar na escuridão ao redor dela.

Cairn disse a Fenrys para se aliviar e retornar. O silêncio encheu a sala.

Então uma raspagem fina. Ao longo do topo da caixa. Como se Cairn estivesse correndo uma adaga por cima.

— Eu tenho pensado em como recompensá-la quando eu deixar você sair.

Aelin bloqueou suas palavras. Não fez nada além de olhar para o escuro.

Ela estava tão cansada. Tão, tão cansada.

Por Terrasen, ela tinha feito isso com prazer. Tudo isso. Por Terrasen, ela merecia pagar esse preço.

Ela tentou fazer a coisa certa. Tinha tentado e falhado.

E ela estava tão, tão cansada.

Coração de Fogo.

A palavra sussurrada flutuou através da noite eterna, um lampejo de som, de luz.

Coração de Fogo.

A voz da mulher era suave e amorosa. A voz da mãe dela.

Aelin virou o rosto para o outro lado. Mesmo esse movimento era mais do que ela podia suportar.

Coração de Fogo, por que você chora?

Aelin não pôde responder.

Coração de Fogo.

As palavras foram um roçar em sua bochecha. *Coração de Fogo, por que você chora?*

E de longe, profundamente dentro dela, Aelin sussurrou em direção àquele raio de memória, *Porque eu estou perdida. E eu não sei o caminho.*

Cairn ainda estava falando. Ainda raspando sua faca sobre a tampa do caixão.

Mas Aelin não o ouviu quando ela encontrou uma mulher deitada ao lado dela. Um espelho – ou um reflexo do rosto que ela teria daqui a alguns anos. Ela deveria viver tanto tempo.

Tempo emprestado. Cada momento do tempo fora emprestado.

Evalin Ashryver passou os dedos gentilmente pela bochecha de Aelin. Sobre a máscara.

Aelin poderia jurar que ela os sentia contra sua pele.

Você tem sido muito corajosa, sua mãe disse. Você tem sido muito corajosa, por tanto tempo.

Aelin não conseguiu parar o soluço silencioso que subiu pela garganta.

Mas você deve ser corajosa mais um pouco, minha Coração de Fogo.

Ela se inclinou para o toque de sua mãe.

Você deve ser corajosa mais um pouco, e lembre-se...

Sua mãe colocou uma mão fantasma no coração de Aelin.

É a força disso que importa. Não importa onde você esteja, não importa o quão longe, isso vai levar você para casa.

Aelin conseguiu deslizar a mão até o peito, para cobrir os dedos da mãe. Apenas tecido fino e ferro encontrou sua pele.

Mas Evalin Ashryver segurou o olhar de Aelin, a suavidade tornando-se dura e reluzente como aço fresco. *É a força disso que importa, Aelin.*

Os dedos de Aelin cravaram em seu peito enquanto ela balbuciava. *A força disso.*

Evalin assentiu.

As ameaças sibilantes de Cairn dançaram através do caixão, sua faca raspando e raspando.

O rosto de Evalin não vacilou. *Você é minha filha. Você nasceu de duas linhagens de sangue poderosas. Essa força flui através de você. Vive em você.*

O rosto de Evalin brilhou com a ferocidade das mulheres que vieram antes delas, todo o caminho de volta para a Rainha das Fadas, cujos olhos ambas carregavam.

Você não cede.

Então ela se foi, como orvalho sob o sol da manhã.

Mas as palavras perduraram.

Floresceram dentro de Aelin, brilhantes como uma brasa acesa.

Você não cede.

Cairn raspou sua adaga sobre o metal, logo acima de sua cabeça.

— Quando eu te cortar desta vez, vadia, eu vou...

Aelin bateu a mão na tampa.

Cairn fez uma pausa.

Aelin bateu com o punho no ferro novamente. Novamente.

Você não cede.

Novamente.

Você não cede.

Novamente. Novamente.

Até que ela estava viva com isso, até que seu sangue estava chovendo em seu rosto, lavando as lágrimas, até que cada quilo de seu punho no ferro era um grito de guerra.

Você não cede.

Você não cede.

Você não cede.

Isso cresceu nela, queimando e rugindo, e ela se entregou totalmente a isso. Distante, mas por perto, madeira caiu. Como se alguém tivesse trombado em alguma coisa. Então gritado.

Aelin martelou seu punho no metal, a música de dentro dela pulsante e crescente, uma onda correndo para a costa.

— Me arranje aquela gloriella!

As palavras não significavam nada. Ele não era nada. Sempre seria nada.

Mais e mais, ela bateu contra a tampa. Mais e mais, aquela canção de fogo e escuridão queimava através dela, fora dela, no mundo.

Você não cede.

Algo assobiou e crepitou por perto, e fumaça saiu pela tampa.

Mas Aelin continuou batendo. Continuou a golpear até que a fumaça a sufocou, até que seu doce perfume a arrastou para baixo e para longe.

E quando ela acordou acorrentada no altar, viu o que havia feito no caixão de ferro.

O topo da tampa tinha sido deformado. Uma grande corcunda agora se projetava, o metal esticado.

Como se tivesse chegado muito perto de romper completamente.



Em uma colina escura, com vista para um reino adormecido, Rowan congelou.

Os outros já estavam na metade da colina, levando os cavalos ao longo da encosta seca que iria levá-los sobre a fronteira de Akkadia e sobre as planícies áridas abaixo.

Sua mão caiu das rédeas do garanhão.

Ele tinha que ter imaginado isso.

Ele examinou o céu estrelado, as terras adormecidas além, o Senhor do Norte acima.

Isso o atingiu uma batida do coração depois. Irrompeu em torno dele e *rugiu*.

Mais e mais e mais, como se fosse um martelo contra uma bigorna.

Os outros se voltaram para ele.

Essa música furiosa, ardente carregada mais perto. Através dele.

Abaixo do laço de parceria. Abaixo em sua alma.

Um berro de fúria e desafio.

De baixo da colina, Lorcan chamou.

— Rowan.

Era impossível, totalmente impossível, e ainda assim...

— Norte — disse Gavriel, virando sua bainha de cavalo. — A onda veio do norte.

De Doranelle.

Um farol na noite. Força ondulando no mundo, como tinha feito em Baía da Caveira.

Encheu-o com som, com fogo e luz. Como se gritasse, de novo e de novo, *eu estou viva, eu estou viva, estou viva*.

E então silêncio. Como se tivesse sido cortado.

Extinto.

Ele se recusou a pensar no por que. O laço de parceria permaneceu. Esticado, mas permaneceu.

Então, ele enviou as palavras ao longo dele, com tanta esperança e fúria e amor implacável como ele tivesse sentido dela.

Eu vou te encontrar.

Não houve resposta. Nada além de escuridão sussurrante e o Senhor do Norte brilhando acima, apontando o caminho para o norte.

Para ela.

Ele encontrou seus companheiros esperando por suas ordens.

Ele abriu a boca para expressá-las, mas parou. Considerado.

— Precisamos tirar Maeve de perto de Aelin — sua voz ressoou sobre o zumbido sonolento de insetos na grama. — Tempo o suficiente para nos infiltrarmos em Doranelle — pois mesmo com os três juntos, eles podem não ser o suficiente para enfrentar Maeve.

— Se ela souber que estamos indo — Lorcan respondeu — Maeve vai afastar Aelin de novo, não vir encontrar-nos. Ela não é tão tola.

Mas Rowan olhou para Elide, com os olhos da Lady de Perranth bem abertos.

— Eu sei — ele disse, seu plano se formando, tão frio e implacável quanto o poder em suas veias. — Vamos tirar Maeve com um tipo diferente de atração então.

CAPÍTULO 13

A aranha falou a verdade.

Mantendo-se escondidas entre as rochas cobertas de gelo de um pico de montanha irregular, Manon e as Treze perscrutaram o pequeno desfiladeiro.

No acampamento de bruxas de manto vermelho, a localização confirmada pelas Sombras há apenas uma hora.

Manon olhou por cima do ombro, para onde Dorian era quase invisível contra a neve, a aranha em sua forma humana simples ao lado dele.

Os olhos profundos da criatura encontraram os dela, brilhando com triunfo.

Bem. Cyrene, ou seja lá como ela se chamasse, poderia viver.

Onde isso os levaria, ela veria. Os horrores que a aranha mencionara em Morath...

Mais tarde.

Manon examinou o céu azul que escurecia. Ninguém havia questionado quando Manon havia voado em Abraxos horas antes. E nenhuma das suas Treze agora perguntou para onde ela tinha ido enquanto tinham monitorado o acampamento do antigo inimigo.

— Setenta e cinco que podemos ver — Asterin murmurou, os olhos fixos no acampamento movimentado. — O que diabos eles estão fazendo aqui fora? — Manon não sabia. As Sombras não conseguiram recolher nada.

Barracas cercavam pequenas fogueiras – e a cada poucos momentos, figuras partiam e chegavam em vassouras. Seu coração trovejou em seu peito.

Crochans. A outra metade de sua herança.

— Nós nos movemos em seu comando — Sorrel disse, um empurrão cuidadoso.

Manon respirou fundo, desejando que o vento coberto de neve a mantivesse fria e firme durante esse próximo encontro. E o que viria depois.

— Sem unhas ou dentes — Manon ordenou às Treze. Então ela olhou por cima do ombro mais uma vez para o rei e a aranha. — Vocês podem ficar aqui, se quiserem.

Dorian deu-lhe um sorriso preguiçoso.

— E perder a diversão? — No entanto, ela pegou o brilho em seus olhos – o entendimento que talvez ele sozinho pudesse entender que ela não estava prestes a enfrentar um inimigo, mas um povo com potencial. Ele sutilmente assentiu. — Todos nós entramos.

Manon meramente acenou de volta e se levantou. As Treze se levantaram com ela.

Foi a questão de alguns minutos antes de os gritos de alerta soarem.

Mas Manon manteve as mãos no ar quando Abraxos pousou na beira do acampamento de Crochans, as Treze e suas serpentes aladas atrás dela, Vesta levando tanto Dorian quanto a aranha.

Lanças, flechas e espadas apontavam para eles com uma precisão letal.

Uma bruxa de cabelos escuros passou pela linha de frente armada, uma lâmina fina na mão enquanto seus olhos se fixavam em Manon Crochans. O povo dela.

Agora – agora seria a hora de fazer o discurso que ela planejou.

Para libertar essas palavras que ela tinha amarrado dentro de si mesma.

Asterin se virou para ela em um pedido silêncio.

Ainda assim, os lábios de Manon não se mexeram.

A de cabelos escuros manteve os olhos castanhos fixos em Manon. Sobre um ombro, um bastão de madeira polida brilhou. Não

um bastão – uma vassoura. Além da capa vermelha da bruxa, galhos amarrados com ouro cintilaram.

Alta posição, então, para ter essas ligações finas. A maioria das Crochans usava metais mais simples, as mais pobres apenas fio.

— Que substituições interessantes para suas vassouras de ferro — disse a Crochan. As outras estavam com a cara tão fechada quanto as Treze. A bruxa olhou para onde Dorian estava sentado no topo da montaria de Vesta, provavelmente monitorando tudo com aquela astúcia de olhos claros. — E companhia interessante que você mantém agora. — A boca da bruxa ligeiramente enrolada. — A não ser que as coisas tenham se tornado tão pesadas para o seu tipo, Bico Negro, que você tem que recorrer à partilha.

Um rosnado ressoou de Asterin.

Mas a bruxa havia identificado ela – ou pelo menos o clã de onde elas vieram. A Crochan cheirou a aranha metamorfa. Seus olhos se fecharam.

— Companhia interessante, de fato.

— Nós não pretendemos te fazer mal — Manon finalmente disse.

A bruxa bufou.

— Nenhuma ameaça do Demônio Branco?

Ah, ela sabia, então. Quem era Manon, quem eram todos eles.

— Ou os rumores são verdadeiros? Que você rompeu com sua avó? — A bruxa analisou descaradamente Manon da cabeça as botas. Um olhar mais ousado do que Manon geralmente permitia que seus inimigos fizessem. — Rumor também afirma que você foi destruída por sua mão, mas aqui está. São e mais uma vez nos caçando. Possivelmente os rumores sobre sua deserção também não são verdadeiros.

— Ela rompeu com a avó — disse Dorian, deslizando fora da serpente alada de Vesta e rondando em direção a Abraxos. As Crochans ficaram tensas, mas não fizeram nenhum movimento para atacar. — Eu a puxei do mar meses atrás, quando ela deitou na porta da Morte. Vi os cacos de ferro que meus amigos removeram de seu abdômen.

As sobrancelhas escuras da Crochan se ergueram, novamente observando o homem bonito e polido. Talvez notando o poder que irradiava dele – e das chaves que ele carregava.

— E quem, exatamente, você é?

Dorian deu à bruxa um daqueles sorrisos encantadores e esboçou um riso.

— Dorian Havilliard, a seu serviço.

— O rei — uma das Crochans murmurou perto das serpentes aladas.

Dorian piscou.

— Isso, eu também sou.

A líder do clã, no entanto, estudou-o – depois Manon. A aranha.

— Há mais para ser explicado, parece.

A mão de Manon coçava pela Ceifadora do Vento nas costas dela.

Mas Dorian disse:

— Nós estamos procurando por vocês há dois meses — as Crochans novamente ficaram tensas. — Não por violência ou esporte — ele esclareceu, as palavras fluindo em uma melodia de língua prateada. — Mas para nós podermos discutir assuntos entre nossos povos.

Crochans se mexeram, as botas rangendo na neve gelada.

A líder do clã perguntou:

— Entre Adarlan e nós, ou entre as Bico Negro e nosso povo? — Manon finalmente se afastou de Abraxos, sua montaria bufando ansiosamente enquanto ele olhava suas armas reluzentes. — De todos nós — disse Manon firmemente.

Ela apontou o queixo para as serpentes aladas.

— Eles não vão machucá-las — a menos que ela sinalize um comando. Então as cabeças dos Crochans seriam arrancadas de seus corpos antes que pudessem empunhar suas espadas. — Vocês podem ficar no chão.

Uma das Crochans riu.

— E sermos lembradas como tolas por confiar em você? Eu acho que não.

A líder do clã lançou um olhar silencioso para a sentinela de cabelos castanhos que tinha falado, uma bruxa bonita e arrumada. A bruxa deu de ombros, suspirando para o céu.

A líder do clã se voltou para Manon.

— Nós vamos ficar no chão quando nos for ordenado a fazê-lo.

— Por quem? — Dorian examinou suas fileiras.

Agora seria a hora de Manon dizer quem ela era, o que ela era.

Para anunciar porque ela tinha realmente vindo.

A líder do clã apontou mais fundo no acampamento.

— Por ela.



Mesmo de longe, Dorian tinha se maravilhado com as vassouras que as Crochans montavam para voar no céu. Mas agora, cercado por elas... Não há mitos. Mas guerreiros. Todos muito felizes em acabar com eles.

Capas vermelho-sangue fluíam por toda parte, contra a neve e os picos cinzentos. Embora muitas das bruxas fossem jovens e bonitas, havia tantas que pareciam de meia-idade, algumas mesmo idosas. Com quantos anos elas deveriam ter para ficarem tão murchas, Dorian não conseguia entender. Ele tinha pouca dúvida de que elas poderiam matá-lo com facilidade.

A líder do clã apontou para as fileiras de tendas, e os guerreiros reunidos se separaram, paredes de vassouras e armas brilhando à luz morta.

— Então — uma voz antiga disse quando as fileiras se afastaram para revelar aquela a quem a Crochan tinha apontado.

Ainda não se curvou com a idade, mas o cabelo dela estava branco por isso. Seus olhos azuis, no entanto, eram claros como um lago de montanha.

— Os caçadores agora se tornaram os caçados.

A antiga bruxa parou na borda de suas fileiras, examinando Manon. Havia bondade no rosto da bruxa, Dorian notou — e sabedoria. E algo, ele percebeu, como tristeza. Não o parou de

deslizar a mão no cabo de Damaris, como se ele estivesse descansando casualmente.

— Nós procuramos você para que possamos falar — a voz fria e calma de Manon soou sobre as rochas. — Nós não pretendemos te fazer mal.

Damaris se aqueceu com a verdade em suas palavras.

— Desta vez — a bruxa de cabelos castanhos que tinha falado anteriormente murmurou. A líder do clã lhe deu uma cotovelada em aviso.

— Quem é você, no entanto? — Manon perguntou à velha senhora. — Você lidera esses clãs.

— Eu sou Glennis. Minha família serviu a realeza Crochan, muito antes de a cidade cair. — Os olhos da bruxa antiga foram para a tira de pano vermelho que amarrava a trança de Manon. — Rhiannon encontrou você, então.

Dorian tinha escutado quando Manon tinha explicado as Treze a verdade sobre sua herança, e que sua avó tentou matá-la no Omega.

Manon manteve o queixo erguido, mesmo quando seus olhos dourados cintilaram.

— Rhiannon não conseguiu sair do Desfiladeiro Ferian.

— Vadia — uma bruxa rosou, as outras ecoando. Manon ignorou e perguntou à antiga Crochan.

— Você a conhecia então?

As bruxas ficaram em silêncio.

A velha inclinou a cabeça, aquela tristeza enchendo seus olhos mais uma vez. Dorian não precisava da confirmação do calor de Damaris para saber que suas próximas palavras eram verdadeiras.

— Eu era bisavó dela — até mesmo o vento que chicoteava se acalmou. — Como eu sou a sua.

CAPÍTULO 14

As Crochans desceram – sob as ordens da tão chamada bisavó de Manon. Glennis.

Ela exigiu como, qual era a linhagem, mas Glennis só tinha acenado para Manon segui-la para o acampamento.

Pelo menos duas dúzias de outras bruxas cuidavam das várias fogueiras espalhadas entre as tendas brancas, todas elas fazendo seus vários trabalhos enquanto Manon passou. Ela nunca viu Crochans fazendo suas tarefas domésticas, mas aqui estavam elas: algumas cuidando de fogueiras, algumas carregando baldes de água, algumas monitorando caldeirões pesados do que cheirava a ensopado de cabra da montanha temperado com ervas secas.

Nenhuma palavra soou em sua cabeça enquanto ela caminhava pelas fileiras de Crochans eriçadas. As Treze também não tentaram falar. Mas Dorian falou.

O rei deu um passo ao lado dela, seu corpo uma parede de calor sólido, e perguntou baixinho.

— Você sabia que ainda tinha parentes entre as Crochans?

— Não — Sua avó não mencionou isso em suas provocações finais.

Manon duvidou que o acampamento fosse um lugar permanente para as Crochans. Elas seriam tolas de sequer revelar isso. No entanto, Cyrene descobrira isso de alguma forma.

Talvez seguindo o cheiro de Manon – as partes dele que reivindicavam parentesco com as Crochans.

A aranha agora andava entre Asterin e Sorrel, Dorian ainda sem mostrar nenhum sinal de tensão em mantê-la parcialmente

amarrada, embora ele mantivesse uma mão no cabo de sua espada.

Um olhar penetrante de Manon e ele a deixou cair.

— Como você quer fazer isso? — Dorian murmurou. — Você quer que eu fique quieto, ou fique ao seu lado?

— Asterin é minha segunda.

— E o que eu sou, então? — A pergunta suave passou a mão por sua espinha, como se ele a acariciasse com aquelas mãos invisíveis dele.

— Você é o rei de Adarlan.

— Devo ser uma parte das discussões, então?

— Se você quiser.

Ela sentiu seu crescente aborrecimento e escondeu seu sorriso.

A voz de Dorian caiu em um ronronar baixo.

— Você sabe o que eu sinto vontade de fazer?

Ela torceu a cabeça para encará-lo incrédula. E encontrou o rei sorrindo.

— Parece que você está prestes a fugir — ele disse, aquele sorriso persistente. — Vai dar a entonação errada.

Ele estava tentando irritá-la, para distraí-la a soltar seu aperto de ferro em seu controle.

— Elas sabem quem você é — Dorian continuou. — Provando que parte disso acabou. Se elas aceitam que você será a verdadeira importância. — Sua bisavó deve ter vindo da parte não real de sua linhagem, então. — Essas não parecem bruxas que serão vencidas pela brutalidade.

Ele não sabia a metade disso.

— Você está querendo me dar conselho?

— Considere isso uma dica, de um monarca para outro.

Apesar de quem andava a frente deles, atrás deles, Manon sorriu levemente.

Ele a surpreendeu ainda mais, dizendo:

— Eu tenho escavado meu poder desde que elas apareceram. Um movimento errado delas, e eu vou explodi-las.

Um arrepio percorreu suas costas com a violência fria em sua voz.

— Precisamos delas como aliadas.

Tudo o que ela tinha que fazer hoje, esta noite, era selar tal coisa.

— Então vamos esperar que não chegue a isso, Bruxinha —
Manon abriu a boca para responder.

Mas uma buzina, estridente e alerta, explodiu durante a noite descendente.

Então o bater de poderosas asas de couro explodiu nas estrelas.

O acampamento estava instantaneamente em ação, gritos ecoando dos batedores que soaram o alarme.

As Treze fecharam fileiras em torno de Manon, armas em punho.

As Dente de Ferro as encontraram.

Muito mais cedo do que Manon havia planejado.



Como a patrulha das Dentes de Ferro os encontrou, Dorian não sabia. Ele supôs que as fogueiras fossem um aviso.

Dorian reuniu sua magia quando vinte e seis formas maciças varreram o acampamento.

Pernas Amarelas. Dois clãs.

A velha que se apresentou como a bisavó de Manon começou a gritar ordens, e as Crochans obedeceram, saltando para o céu recém-escuro em suas vassouras, arcos puxados ou espadas para fora.

Não há tempo para questionar como eles foram encontrados, se a aranha realmente colocou uma armadilha – certamente não como a voz de Manon soou, ordenando as Treze em posições defensivas.

Rápidas como sombras, correram para o lugar onde haviam deixado as serpentes aladas, dentes de ferro brilhando.

Dorian esperou até que as Crochans estivessem longe dele antes de liberar seu poder. Lanças de gelo, para perfurar os peitos expostos do inimigo ou rasgar suas asas.

Meio pensamento fez com que ele soltasse os laços de Cyrene, embora não a liberasse do poder que a impediu de atacar. Apenas

dando-lhe espaço suficiente para mudar, para se defender. Um flash no outro lado do acampamento lhe disse que ela tinha feito.

O interrogatório viria depois. Manon e as Treze chegaram as serpentes aladas, e estavam no ar dentro de batimentos cardíacos, batendo no caos acima.

As Crochans eram tão pequenas – tão terrivelmente pequenas – contra a maior parte das serpentes aladas. Mesmo em suas vassouras.

E enquanto elas se aglomeravam em torno dos dois clãs Dentes de Ferro, disparando flechas e espadas, Dorian não conseguiu um tiro claro. Não com as Crochans correndo ao redor das feras, rápido demais para ele rastrear. Algumas das serpentes aladas berraram e caíram do céu, mas muitas ficaram no ar.

Glennis latiu ordens do chão, com um grande arco nas mãos enrugadas, apontado para cima.

Uma serpente alada pairou no alto, tão baixo que sua cauda venenosa e cravada se estendeu por tenda após tenda.

Glennis deixou sua flecha voar, e Dorian repetiu seu golpe com um de seus próprios.

Uma lança de gelo sólido, mirando no peito exposto e manchado.

Tanto a flecha quanto a lança de gelo atingiram o alvo, e sangue negro cuspiu para baixo – antes da serpente alada e a montadora caírem em um pico e virarem em um penhasco.

Glennis sorriu, aquela iluminação envelhecida.

— Eu golpееi primeiro — ela atirou outra flecha. Tamanha leveza, mesmo em frente a uma emboscada.

— Eu queria que você fosse minha bisavó — murmurou Dorian, e preparou seu próximo golpe. Ele teria que ter cuidado, com as Treze parecendo muito com as Pernas Amarelas vistas de baixo.

Mas as Treze não precisaram de sua cautela nem de sua ajuda.

Elas entraram nas linhas das Pernas Amarelas, separando-as, espalhando-as.

As Pernas Amarelas poderiam ter a vantagem da surpresa, mas as Treze eram mestres da guerra.

Crochans caíram dos céus quando foram atingidos por caudas brutais e pontiagudas. Algumas nem sequer chegando a cair quando se depararam cara a cara com enormes dentes e não emergiram novamente.

— Saiam! — A ordem latente de Manon ressoou sobre a briga.

— Formem linhas baixas perto do chão!

Não uma ordem para as Treze, mas às Crochans.

Glennis gritou, alguma magia sem dúvida amplificando sua voz.

— Sigam seu comando!

Assim, as Crochans recuaram, formando uma unidade sólida no ar acima das tendas.

Elas assistiram como Abraxos rasgou a garganta de um touro duas vezes o seu tamanho, e Manon disparou uma flecha através do rosto do cavaleiro. Assistiram como as gêmeas demônios de olhos verdes reuniram três serpentes aladas entre elas e as empurraram contra as montanhas. Assistiram como a égua azul de Asterin arrancou um cavaleiro da sela, depois rasgou parte da espinha da serpente alada abaixo dela.

Cada uma das Treze marcou um alvo com cada golpe através dos atacantes reunidos.

As Pernas Amarelas não tinham essa organização.

As sentinelas das Pernas Amarelas que tentaram romper o caminho das Treze para atacar as Crochans abaixo encontraram uma parede de flechas vindas em sua direção.

As serpentes aladas poderiam ter sobrevivido, mas os cavaleiros não.

E com algumas manobras cuidadosas, os animais sem cavaleiro se viram com gargantas cortadas, sangue fluindo quando eles colidiram nos picos próximos.

Piedade se misturou com o medo e raiva em seu coração.

Quantos desses animais poderiam ter sido como Abraxos, se eles tivessem bons cavaleiros que os amassem?

Foi surpreendentemente difícil explodir sua magia na serpente alada que conseguiu navegar por cima, mirando certamente para

Glennis, outra serpente alada em sua cauda.

Ele a deu uma morte fácil, quebrando o pescoço da besta com uma explosão de seu poder que o deixou ofegante.

Ele chicoteou sua magia para a segunda serpente alada em ataque, oferecendo o mesmo final rápido, mas não viu a terceira e quarta que agora caíram no acampamento, destruindo tendas e batendo suas mandíbulas para qualquer coisa em seu caminho.

Crochans caíram, gritando.

Mas então Manon estava lá, Abraxos navegando forte e rápido, e ela cortou a cabeça da montadora mais próxima. A sentinela das Pernas Amarelas ainda usava uma expressão de choque quando sua cabeça voou.

A magia de Dorian empacou.

A cabeça decepada bateu no chão perto dele e rolou.

Um flash de uma sala, o mármore vermelho manchado de sangue, o barulho de uma cabeça na pedra, o único som além de seus gritos.

Eu não deveria te amar.

A cabeça da Pernas Amarelas parou perto de suas botas, o sangue azul jorrando sobre a neve e a sujeira.

Ele não ouviu, não se importou, que a quarta serpente alada disparou em direção a ele.

Manon berrou seu nome e as flechas das Crochan dispararam.

Os olhos da sentinela das Pernas Amarelas não olhavam para ninguém, nada.

Uma boca escancarada se abriu diante dele, as mandíbulas esticadas.

Manon gritou seu nome de novo, mas ele não conseguiu se mexer.

A serpente alada desceu, e a escuridão se abriu quando as mandíbulas se fecharam ao redor dele.

Enquanto Dorian deixava sua magia se libertar de suas amarras.

Em uma batida do coração, a serpente alada estava engolindo-o inteiro, sua respiração rançosa manchando o ar.

Na seguinte, a besta estava no chão, o cadáver fumegando.

Fumegando, pelo o que ele fez com ela.

Não para ela, mas para si mesmo.

O corpo que ele transformou em chamas sólidas, tão quente que tinha derretido através das mandíbulas da serpente alada, sua garganta, e ele passou pela boca da fera como se não fosse nada além de uma teia de aranha.

A montadora das Pernas Amarelas que sobreviveu ao acidente puxou sua espada, mas tarde demais. Glennis colocou uma flecha através de sua garganta.

O silêncio caiu. Até a batalha acima se apagou.

As Treze aterrissaram, salpicadas de sangue azul e preto. Tão diferente do sangue vermelho de Sorscha – seu próprio sangue vermelho.

Então havia mãos com ponta de ferro segurando seus ombros e olhos dourados brilhando nos dele.

— Você é idiota?

Ele apenas olhou para a cabeça da bruxa Pernas Amarelas, ainda a alguns metros de distância. O olhar de Manon se voltou para isto. Sua boca se apertou, então ela soltou-o e girou para Glennis.

— Estou enviando minhas Sombras para procurar por outras.

— Algum sobrevivente inimigo? — Glennis examinou o céu vazio. Se a magia dele as surpreendeu, as chocou, nem Glennis nem as Crochans que se apressaram para cuidar de seus feridos demonstraram.

— Todos mortos — disse Manon.

Mas a Crochan de cabelos escuros que os havia interceptado pela primeira vez enfrentou Manon, com a espada em punho.

— Vocês fizeram isso.

Dorian segurou Damaris, mas não fez nenhum movimento para empunhá-la. Não enquanto Manon não recuou.

— Salvamos suas bundas? Sim, eu diria que sim.

A bruxa fervia.

— Você as trouxe até aqui.

— Bronwen — advertiu Glennis, limpando o sangue azul do rosto.
A jovem bruxa – Bronwen – se arrepiou.

— Você acha que é mera coincidência que elas chegam, e então somos atacadas?

— Elas lutaram conosco, não contra nós — disse Glennis. Ela virou-se para Manon. — Você jura? — Os olhos dourados de Manon brilhavam à luz do fogo. — Eu juro. Eu não as trouxe até aqui.

Glennis assentiu, mas Dorian olhou para Manon.

Damaris ficou fria como gelo. Tão fria que o punho dourado mordeu sua pele.

Glennis, de alguma forma satisfeita, assentiu novamente.

— Então vamos conversar... mais tarde.

Bronwen cuspiu no chão ensanguentado e saiu em disparada.

Uma mentira. Manon havia mentido.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele, mas Dorian se virou.

Deixando o conhecimento se estabelecer nele. O que ela havia feito.

Assim começou uma série de ordens e movimentos, reunindo os feridos e mortos. Dorian ajudou como melhor podia, curando aqueles que mais precisavam. Feridas abertas e abertas que vazaram sangue azul para as mãos dele.

O calor daquele sangue não o alcançou.

CAPÍTULO 15

Ela era uma mentirosa e uma assassina, e provavelmente teria que ser os dois novamente antes que isso terminasse.

Mas Manon não se arrependia do que ela fizera. Não tinha espaço para ela se arrepender. Não com o tempo caindo sobre elas, não com tanto repouso em seus ombros.

Durante longas horas, enquanto trabalhavam para consertar o acampamento e as Crochans, Manon monitorava os céus gelados.

Oito mortas. Poderia ter sido pior. Muito pior. Embora ela levasse as vidas daquelas oito Crochans com ela, aprendesse seus nomes para que ela pudesse se lembrar deles.

Manon passou a longa noite ajudando as Treze a puxar os serpente aladas caídas e as cavaleiras Dentes de Ferro a outro cume.

O chão era muito duro para enterrá-las, e as piras seriam facilmente marcadas, por isso optaram pela neve. Ela não ousou pedir a Dorian para usar seu poder para ajudá-las.

Ela viu esse olhar em seus olhos. Como ele sabia.

Manon despejou um corpo rígido de Pernas Amarelas, os lábios da sentinela já azuis, com crosta de gelo em seu cabelo loiro. Asterin puxou uma cavaleira corpulento em direção a ela pelas botas, depois depositou a bruxa com pouca fanfarra.

Mas Manon olhou para os rostos mortos. Ela as sacrificou também.

Ambos os lados deste conflito. Suas duas linhagens de sangue. Tudo iria sangrar; muitas morreriam.

Glennis teria recebido elas? Talvez, mas as outras Crochans não pareciam tão inclinados a fazê-lo.

E o fato permaneceu que elas não tiveram tempo a perder em cortejá-las. Então ela escolheu o único método que conhecia: batalha.

Tinha saído por conta própria mais cedo naquele dia, para onde ela sabia que Dentes de Ferro estariam patrulhando por perto, esperou até que o grande vento do norte carregasse seu perfume para o sul. E

então esperou seu tempo.

— Você a conhece? — Asterin perguntou quando Manon permaneceu olhando para o corpo de uma sentinela caída. Abaixo da linha delas, as serpente aladas usaram suas asas para escovar grandes montes de neve sobre os cadáveres.

— Não — disse Manon. — Eu não.

Amanhecer estava quebrando no momento em que elas voltaram para o campo de Crochans. Os olhos que tinham cuspidos horas antes agora as observavam cautelosamente, menos mãos à deriva em direção às armas enquanto miravam a enorme fogueira de anéis. O maior do acampamento e localizado em seu coração. O coração de Glennis.

A velha estava de pé diante dela, aquecendo as mãos retorcidas e sangrentas. Dorian sentou-se perto, e seus olhos de safira estavam realmente condenados quando ele encontrou o olhar de Manon.

Mais tarde. Essa conversa viria depois.

Manon se deteve a poucos metros de distância de Glennis, as Treze se posicionando na periferia do fogo, examinando as cinco tendas em volta, o caldeirão borbulhando em seu centro. Atrás deles, as Crochans continuavam seus reparos e curas – e mantinham um olho em todas elas.

— Coma alguma coisa — disse Glennis, apontando para o caldeirão borbulhante. Para o que cheirava como ensopado de cabra.

Manon não se incomodou em fazer objeções antes de obedecer, reunindo uma das pequenas tigelas de barro ao lado do fogo. Outra

maneira de demonstrar confiança: para comer sua comida. Aceitar isso.

Então Manon fez, devorando algumas mordidas antes de Dorian seguir sua liderança e fazer o mesmo. Quando os dois estavam comendo, Glennis sentou-se numa pedra e suspirou.

— Já se passaram mais de quinhentos anos desde que uma bruxa Dentes de Ferro e uma Crochan compartilharam uma refeição. Desde que eles procuraram trocar palavras em paz. Talvez exceto apenas por sua mãe e pai.

— Eu suponho que sim — disse Manon suavemente, parando de comer.

A boca da velha se contorceu em direção a um sorriso, apesar da batalha, da noite exaustiva.

— Eu era a avó do seu pai — ela esclareceu por fim. — Eu mesma chamei seu avô, que acasalou uma Rainha Crochan antes de morrer dando à luz seu pai.

Outra coisa que eles herdaram dos Feéricos: sua dificuldade em conceber e a natureza mortal do parto. Um caminho para a Deusa de Três Faces manter o equilíbrio, para evitar inundar as terras com muitas crianças imortais que devorariam seus recursos.

Manon examinou o acampamento meio arruinado, no entanto.

A velha leu sua pergunta em seus olhos.

— Nossos homens moram em nossas casas, onde estão seguros. Este acampamento é um posto avançado enquanto conduzimos nossos negócios. — As Crochans sempre deram à luz mais machos do que as Dentes de Ferro, e adotaram o hábito dos Feéricos de selecionar parceiros – se não um verdadeiro vínculo de união, então em espírito. — Ela sempre achou estranho. Desnecessário.

— Depois que sua mãe nunca mais voltou, seu pai foi convidado a se juntar a outra jovem bruxa. Ele era o único portador da linhagem Crochan, você vê, e se sua mãe e você não tivessem sobrevivido ao parto, terminaria com ele. Ele não sabia o que tinha acontecido com qualquer uma de vocês. Se você estava viva ou morta. Nem sabia onde procurar. Então ele concordou em fazer o seu dever, concordou

em ajudar o seu povo moribundo. — Sua bisavó sorriu tristemente. — Todos os que conheceram Tristan o amavam. — Tristan. Esse tinha sido o nome dele. Sua avó já sabia disso antes de matá-lo? — Uma jovem bruxa foi escolhida especialmente para ele. Mas ele não a amava — não com sua mãe como sua verdadeira parceira, a canção de sua alma. Tristan fez o trabalho, no entanto. Rhiannon foi o resultado disso.

Manon ficou tensa. Se a mãe de Rhiannon estivesse aqui.

Novamente, a velha leu a pergunta no rosto de Manon.

— Ela foi massacrada por um sentinela Pernas Amarelas nas planícies do rio de Melisande. Anos atrás.

Um lampejo de vergonha passou por Manon no alívio que a inundou. Para evitar esse confronto, para evitar pedir perdão, como ela deveria ter feito.

Dorian largou a colher. Um gesto tão gracioso e casual, considerando como ele havia derrubado aquela serpente alada.

— Como é que a linha Crochan sobreviveu? A lenda diz que eles foram aniquilados.

Outro sorriso triste.

— Você pode agradecer a minha mãe por isso. A filha mais nova de Rhiannon Crochan deu à luz durante o cerco à Cidade das Bruxas. Com nossos exércitos derrubados e apenas as muralhas da cidade para conter as legiões de Dentes de Ferro, e com tantos de seus filhos e netos abatidos e seu cônjuge disparado para as muralhas da cidade, Rhiannon contou aos arautos que tinha sido uma natimorta. Assim, as Dentes de Ferro nunca saberiam que uma Crochan ainda poderia viver. Naquela mesma noite, pouco antes de Rhiannon começar sua batalha de três dias contra as Grã-Bruxas Dentes de Ferro, minha mãe contrabandeou a princesa bebê para fora em sua vassoura. A garganta da velha agitou-se. — Rhiannon era sua amiga mais querida — uma irmã para ela. Minha mãe queria ficar, para lutar até o fim, mas ela foi convidada a fazer isso por seu povo. Nosso povo. Até o dia de sua morte, minha mãe acreditava que Rhiannon foi para manter os portões contra as Grã-Bruxas como

uma distração. Para tirar o último rebento Crochan enquanto as Dentes de Ferro olhava para o outro lado.

Manon não sabia exatamente o que dizer, como expressar o que se agitava dentro dela.

— Você vai descobrir — continuou Glennis — que você tem alguns primos neste acampamento.

Asterin enrijeceu, Edda e Briar também ficaram tensas onde permaneciam na beira do fogo. Os parentes de Manon, no lado de Bico Negro de sua herança. Sem dúvida, dispostos a lutar para manter essa distinção por si mesmas.

— Bronwen — disse a anciã, gesticulando em direção a líder do clã de cabelos escuros com a vassoura amarrada com ouro, agora monitorando Manon e as Treze das sombras além do fogo — é também minha bisneta. Sua prima mais próxima.

Nenhuma bondade brilhava no rosto de Bronwen, então Manon não se incomodou em parecer agradável também.

— Ela e Rhiannon eram próximas como irmãs — murmurou Glennis.

Foi preciso um esforço considerável para não tocar no pedaço de capa vermelha no final da trança.

Dorian, escuridão abraçando sua alma, cortou:

— Nós te encontramos por um motivo.

Glennis novamente aqueceu as mãos dela.

— Eu suponho que é para nos pedir para participar desta guerra.

Manon não suavizou seu olhar.

— Isto é. Você e todas as Crochans se espalharam pelas terras.

Uma dos Crochans nas sombras soltou uma gargalhada.

— Isso é rico. — Outros riram com ela.

Os olhos azuis de Glennis não vacilaram.

— Nós não reunimos um anfitrião desde antes da queda da Cidade das Bruxas. Você pode achar uma tarefa mais difícil do que você esperava.

Dorian perguntou:

— E se a rainha delas os convocou para lutar?

Neve triturava sob os passos, e então Bronwen estava lá, seus olhos castanhos brilhando.

— Não responda, Glennis.

Tal desrespeito, tal informalidade a um ancião...

Bronwen nivelou seu olhar ardente em Manon.

— Você não é nossa rainha, apesar do que seu sangue possa sugerir. Apesar dessa pequena escaramuça. Nós não, e nunca, responderemos a você.

— Morath encontrou vocês agora — disse Manon friamente. Ela antecipou essa reação. — Vai fazer isso de novo. Quer seja daqui a alguns meses ou um ano, eles vão encontrá-las. E então não haverá esperança de espancá-los. — Ela manteve as mãos ao lado do corpo, resistindo à vontade de desembainhar suas garras de ferro. — Uma série de muitos reinos se reúne em Terrasen. Junte-se a eles.

— Terrasen não veio em nossa ajuda quinhentos anos atrás — disse outra voz, aproximando-se. A bonita bruxa de cabelos castanhos de antes. Sua vassoura também estava encadernada em metal fino – prata para o ouro de Bronwen. — Não vejo por que devemos nos incomodar em ajudá-los agora.

— Eu pensei que vocês fossem um bando de bons fariseus — Manon cantou. — Certamente isso seria o seu tipo de coisa.

A jovem bruxa se arrepiou, mas Glennis levantou uma mão ressequida.

Não foi o suficiente para parar Bronwen, no entanto, quando a bruxa olhou para Manon e rosnou: — Você não é nossa rainha. Nós nunca iremos voar com você.

Bronwen e a bruxa mais nova saíram em disparada, as guardas Crochan se separaram para deixá-los passar.

Manon encontrou Glennis estremecendo ligeiramente.

— Nossa família, você vai reparar, tem um traço quente.



Crueldade.

O que Manon tinha feito esta noite, levando as Dentes de Ferro para este acampamento... Dorian não tinha uma palavra para isso além de *crueldade*.

Ele deixou Manon e sua bisavó, as Treze olhando, e foi em busca da aranha.

Ele encontrou Cyrene onde ele a deixou, agachada nas sombras de uma das tendas mais distantes.

Ela retornou à sua forma humana, seu cabelo escuro emaranhado, embrulhado em um manto de Crochan. Como se uma delas tivesse pena dela. Não percebendo que a fome nos olhos de Cyrene não era para o cozido de cabra.

— De onde vem a metamorfose? — Dorian perguntou quando ele parou diante dela, uma mão em Damaris. — Dentro de você?

A metamorfa piscou para ele, depois se levantou. Alguém lhe dera uma túnica, calças e botas marrons desgastadas também.

— Essa foi uma grande façanha de mágica que você realizou. — Ela sorriu, revelando dentes afiados. — Que rei isso pode fazer de você. Inquestionável, inigualável.

Dorian não sentiu vontade de dizer que não tinha certeza de que tipo de rei ele gostaria de ser, se ele vivesse o suficiente para recuperar seu trono. Qualquer um e qualquer coisa, menos o pai, parecia um bom lugar para começar.

Dorian manteve sua postura relaxada, mesmo quando perguntou de novo:

— Onde é que a metamorfose vem de dentro de você?

Cyrene inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo alguma coisa.

— Era estranho, rei mortal, descobrir que eu tinha um novo lugar dentro de mim com o retorno da magia. Para descobrir que algo novo tinha criado raízes. — Sua mão pequena foi para o meio dela, logo acima do umbigo. — Uma pequena semente de poder. Eu vou mudar, pensar no que eu quero ser, e a metamorfose começa aqui primeiro. Sempre, o calor vem daqui. — A aranha fixou seu olhar

nele. — Se você quer ser alguma coisa, rei-sem-coroa, então seja. Esse é o segredo para a transformação. Seja o que você deseja.

Ele evitou o impulso de revirar os olhos, embora Damaris aquecesse em seu aperto. *Seja o que você deseja* – uma coisa muito mais fácil dizer do que fazer. Especialmente com o peso de uma coroa.

Dorian colocou a mão em seu estômago, apesar das camadas de roupas e manto. Apenas um músculo tonificado o cumprimentou.

— É isso que você faz para convocar a metamorfose: primeiro pensa no que você quer se tornar?

— Com limites. Preciso de uma imagem clara em minha mente, ou então não funcionará de jeito nenhum.

— Então você não pode se transformar em algo que você não tenha visto.

— Eu posso inventar certas características – cor dos olhos, constituição, cabelo – mas não a própria criatura. — Um sorriso horrível floresceu em sua boca. — Use essa linda magia sua. Mude seus lindos olhos. — a aranha ousou. — Mude a cor deles.

Deuses amaldiçoem ele, mas ele tentou. Ele pensou em olhos castanhos. Retratou os olhos de bronze de Chaol, ferozes depois de uma de suas sessões de boxe. Não como tinham sido antes de seu amigo ter navegado para o continente sulista.

Chaol conseguiu ser curado? Teria ele e Nesryn convencido o khagan a enviar ajuda? Como Chaol aprenderia onde ele estava, o que aconteceu com todos eles, quando eles foram dispersos pelos ventos?

— Você pensa demais, jovem rei.

— Melhor do que muito pouco — ele murmurou.

Damaris se aqueceu novamente. Ele poderia jurar que foi com divertimento.

Cyrene deu uma risadinha.

— Não *pense* tanto na cor dos olhos como na *demanda*.

— Como você aprendeu isso sem instrução?

— O poder está em mim agora — a aranha disse simplesmente.

— Eu escutei.

Dorian deixou uma mecha de sua serpente mágica em direção à aranha. Ela ficou tensa. Mas sua magia roçou contra ela, gentil e inquisitiva como um gato. Magia crua, para ser moldada como ele desejava.

Ele desejou em direção a ela – desejou encontrar aquela semente de poder dentro dela. Para aprender.

— O que você está fazendo — a aranha respirou, mudando de pé.

Sua magia envolvia-a, e ele podia sentir isso – cada ano odioso e horrível de existência.

Cada...

Sua boca secou. Bile subiu em sua garganta com o cheiro que sua magia detectou. Ele nunca esqueceria aquele cheiro, essa falta de vileza. Ele levaria a marca em sua garganta para sempre como prova.

Valg. A aranha, de alguma forma, era Valg. E não possuída, mas *nascida*.

Ele manteve o rosto neutro. Desinteressado. Mesmo quando sua magia localizou aquela magia brilhante e bela.

Magia roubada. Como o Valg roubou todas as coisas.

Tomou tudo o que eles queriam.

Seu sangue se tornou um rugido surdo nos ouvidos.

Dorian estudou sua pequena estrutura, seu rosto comum.

— Você tem ficado um pouco quieta em relação à busca de vingança que te fez caçar em todo o continente.

Os olhos escuros de Cyrene se voltaram para poços profundos.

— Ah, eu não me esqueci disso. De modo nenhum.

Damaris permaneceu quente. Esperando.

Ele deixou sua magia envolver mãos suaves em torno da semente de poder presa dentro do inferno negro dentro da aranha.

Ele não se importava em saber por que e como as aranhas stygian eram Valgs. Como elas vieram aqui. Por que elas ficaram.

Elas se alimentaram de sonhos, vida e alegria. Se deleitaram nisso.

A semente de poder que mudava de forma cintilava em suas mãos, como se agradecida por um toque gentil. Um toque humano.

Isso. Seu pai permitira que esses tipos de criaturas crescessem, governassem. Sorscha foi abatida por essas coisas, por sua crueldade.

— Eu posso fazer uma barganha com você, você sabe — sussurrou Cyrene. — Quando chegar a hora, vou garantir que você seja poupado.

Damaris ficou mais frio que gelo.

Dorian encontrou seu olhar. Retirou sua magia, e poderia jurar que a semente de poder que mudava de forma presa dentro dela alcançou por ele. Tentou implorar para ele não ir.

Ele sorriu para a aranha. Ela sorriu de volta.

E então ele atacou.

Mãos invisíveis em volta do pescoço e torcendo. Assim como sua magia mergulhou em seu umbigo, onde a semente roubada da magia humana residia, e envolveu-a.

Ele segurou, um passarinho em suas mãos, quando a aranha morreu. Estudou a magia, cada faceta, antes que ela parecesse suspirar de alívio e desaparecer no vento, finalmente livre.

Cyrene caiu no chão, os olhos sem ver.

Metade do pensamento e Dorian a incinerara. Ninguém veio perguntar sobre o fedor que subiu de suas cinzas. A mancha negra que permaneceu abaixo delas.

Valg. Talvez um ingresso para ele em Morath, e ainda assim ele se viu encarando aquela mancha escura na terra meio descongelada.

Ele soltou Damaris, a lâmina relutantemente se acalmando.

Ele encontraria seu caminho em Morath. Uma vez ele que ele dominasse a metamorfose.

A aranha e toda a sua espécie poderiam queimar no inferno.



O coração de Dorian ainda estava acelerado quando ele se encontrou uma hora depois, deitado em uma tenda, nem alta o

suficiente para ficar em pé, em um dos dois colchonetes.

Manon entrou na tenda assim que ele tirou as botas e puxou os pesados cobertores de lã sobre ele. Eles cheiravam a cavalos e feno, e podiam muito bem ter sido roubados de um estábulo, mas ele não se importava. Estava quente e melhor que nada.

Manon examinou o espaço apertado, o segundo saco de dormir e o cobertor.

— Treze é um número ímpar — disse ela a título de explicação.

— Eu sempre tive uma tenda para mim mesma.

— Desculpe arruinar isso por você.

Ela lhe deu um olhar divertido antes de se sentar no colchão e desamarrar suas botas. Mas os dedos dela pararam quando as narinas dela se abriram.

Lentamente, ela olhou por cima do ombro para ele.

— O que você fez.

Dorian segurou seu olhar.

— Você fez o que tinha que fazer hoje — ele disse simplesmente.

— Eu também fiz. — Ele não se incomodou tentando tocar Damaris onde estava por perto.

Ela o cheirou novamente.

— Você matou a aranha. — Nenhum julgamento em seu rosto, apenas curiosidade crua.

— Ela era uma ameaça — ele admitiu. E um pedaço de merda Valg.

A cautela agora inundou seus olhos.

— Ela poderia ter te matado.

Ele deu-lhe um meio sorriso.

— Não, ela não poderia.

Manon o avaliou novamente, e ele resistiu.

— Você não tem nada a dizer sobre minhas próprias... escolhas?

— Meus amigos estão lutando e provavelmente sendo mortos no norte — disse Dorian. — Não temos tempo para passar semanas vencendo as Crochans.

Ali estava a verdade brutal. Para ganhar algum grau de boas-vindas aqui, eles tiveram que cruzar essa linha. Talvez tais decisões insensíveis fizessem parte do uso de uma coroa.

Ele manteria o segredo dela, desde que ela desejasse escondê-lo.

— Não há discursos arrogantes?

— Isso é guerra — ele disse simplesmente. — Passamos por esse tipo de coisa.

E não importaria, quando sua alma eterna fosse o preço pedido para estancar tanto a matança? Ele já tinha estragado o suficiente. Se cruzar linha após linha pouparia qualquer outro, ele o faria. Ele não sabia que tipo de rei isso o fez.

Manon cantarolou, considerando que uma resposta aceitável.

— Você sabe sobre intrigas da corte e esquemas — disse ela, dedos destros novamente voando sobre os cadarços e ganchos das botas. — Como você... tocaria isso, como você disse antes? Minha situação com as Crochans.

Dorian descansou uma mão sob sua cabeça.

— O problema é que elas seguram todas as cartas. Você precisa delas muito mais do que elas precisam de você. O único cartão que você tem que jogar é a sua herança — e elas parecem ter rejeitado, mesmo com a escaramuça. Então, como podemos torná-la vital para elas? Como você prova que elas precisam de sua última rainha viva, a última da linhagem Crochan? — Ele contemplou isso. — Há também a perspectiva de paz entre seus povos, mas você... — Ele estremeceu. — Você não é mais reconhecida como herdeira. Qualquer barganha que você possa ter como uma Bico Negro seria em nome de apenas você e as Treze, não o resto das Dentes de Ferro. Não seria um verdadeiro tratado de paz.

Manon terminou com as botas e deitou-se no colchão, deslizando o cobertor sobre ela enquanto olhava para o teto baixo da tenda.

— Eles te ensinaram essas coisas em seu castelo de vidro?

— Sim. — Antes que ele quebrasse o castelo em cacos e poeira.

Manon virou de lado, apoiando a cabeça com a mão, o cabelo branco saindo da trança para emoldurar seu rosto.

— Você não pode usar essa mágica para simplesmente... obrigá-las, não é?

Dorian bufou uma risada.

— Não que eu saiba.

— Maeve conseguiu entrar na mente do príncipe Rowan para convencê-lo a aceitar uma falsa parceira.

— Eu nem sei o que é o poder de Maeve — disse Dorian, encolhendo-se. O que a Rainha dos Feéricos tinha feito a Rowan, o que ela estava fazendo agora para a Rainha de Terrasen... — E eu não estou completamente certo de que quero começar a experimentar aliados em potencial.

Manon suspirou pelo nariz.

— Meu treinamento não incluiu essas coisas.

Ele não ficou surpreso.

— Você quer a minha opinião sincera? — Seus olhos dourados o prenderam ao local enquanto dava um breve aceno de cabeça. — Encontre o que elas precisam e use a seu favor. O que as levaria a se reunirem atrás de você, para vê-la como sua rainha Crochan? Lutar na batalha hoje à noite ganhou algum grau de confiança, mas não aceitação imediata. Talvez Glennis possa saber.

— Eu teria que arriscar perguntando a ela.

— Você não confia nela.

— Por que eu deveria?

— Ela é sua bisavó. E não ordenou que você fosse executada à primeira vista.

— Minha avó não fez até o final, também. — Nenhuma emoção passou por seu rosto, mas seus dedos cavaram em seu couro cabeludo em suas palavras.

Então, Dorian disse:

— Aelin precisava que o capitão Rolfe e seu povo fossem expulsos de séculos de esconderijo para reunir a frota micênica. Ela descobriu que só voltariam a Terrasen quando um dragão do mar reaparecesse por fim, um de seus aliados há muito perdidos nas ondas. Então, ela planejou que isso acontecesse: provocou uma pequena frota de

Valgs a atacar a Baía de Caveira enquanto esta estava praticamente indefesa, e então usou a batalha para mostrar o dragão do mar que chegou para ajudá-los, convocado por ar e magia.

— A metamorfa — disse Manon. Dorian assentiu. — E os micênicos acreditaram?

— Absolutamente. — Dorian demorou. — Aelin aprendeu o que os micênicos precisavam para se convencer a se juntar à causa dela. Que tipo de coisa as Crochans podem fazer para fazer o mesmo?

Manon deitou em seu colchonete, tão graciosa quanto uma dançarina. Ela brincou com o final de sua trança, a faixa vermelha lá.

— Vou perguntar a Ghislaine de manhã.

— Eu não acho que Ghislaine vai saber.

Aqueles olhos dourados deslizaram para os dele.

— Você realmente acredita que eu deveria perguntar a Glennis?

— Sim. E acho que ela vai te ajudar.

— Porque se importar?

Ele se perguntou se as Treze poderiam vê-lo, aquele indício de auto-aversão que às vezes cintilava em seu rosto.

— Sua mãe voluntariamente abandonou sua cidade, seu povo, sua rainha em suas últimas horas para que ela pudesse preservar a linhagem real. Sua linhagem. Acho que ela contou essa história hoje à noite para que você perceba que ela também fará o mesmo.

— Por que não dizer isso imediatamente, então?

— Porque, no caso de você não notar, você não é exatamente uma pessoa popular neste campo, apesar de sua manobra com as Dentes de Ferro. Glennis sabe como jogar o jogo. Você só precisa alcançá-la. Descubra por que elas estão aqui e planeje seu próximo passo.

Sua boca se apertou, depois relaxou.

— Seus tutores lhe ensinaram bem, Príncipezinho.

— Ser criado por um tirano infestado de demônios teve seus benefícios, parece. — Suas palavras soaram planas, mesmo quando uma borda se aguçou dentro dele.

Seu olhar se dirigiu para sua garganta, para a linha pálida do outro lado. Ele quase podia sentir seu olhar como um toque fantasma.

— Você ainda o odeia.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu não deveria?

Seu cabelo branco como a lua brilhava na luz fraca.

— Você me disse que ele era humano. No fundo, ele permaneceu humano e tentou protegê-lo da melhor maneira possível. Ainda assim você o odeia.

— Você vai me perdoar se eu achar seus métodos de me *proteger* intragáveis.

— Mas foi o demônio, não o homem, quem matou sua curandeira. Dorian apertou sua mandíbula.

— Não faz diferença.

— Não? — Manon franziu a testa. — A maioria mal consegue suportar alguns meses de infestação por Valg. Você mal resistiu. — Ele tentou não se encolher com as palavras bruscas. — No entanto, ele se manteve por décadas.

Ele segurou seu olhar.

— Se você está tentando lançar meu pai como um herói nobre, você está perdendo fôlego. — Ele debateu terminá-lo lá, mas ele perguntou: — Se alguém lhe dissesse que sua avó era secretamente boa, que ela não queria assassinar seus pais e tantos outros, que ela foi forçada a fazer você matar sua própria irmã, acharia tão fácil acreditar? Para perdoá-la?

Manon olhou para o abdome dela – para a cicatriz escondida sob seus couros. Ele se preparou para a resposta. Mas ela apenas disse:

— Estou cansada de falar.

Bem... Assim ele estava.

— Há algo que você prefere fazer em vez disso, Bruxinha? — Sua voz ficou áspera, e ele sabia que ela podia ouvir seu batimento cardíaco quando começou a martelar.

Sua única resposta foi deslizar sobre ele, fios de cabelo caindo ao redor deles em uma cortina.

— Eu disse que não quero falar — ela respirou e baixou a boca para o pescoço dele. Arrastou os dentes por cima, através daquela linha branca onde o colar estava.

Dorian gemeu baixinho, e moveu os quadris, apertando-se contra ela. Sua respiração ficou irregular em resposta, e ele passou a mão pelo lado dela.

— Cale-me, então — disse ele, uma mão deslizando para o sul para segurar seu traseiro enquanto mordiscava seu pescoço, sua mandíbula. Nenhuma sugestão daqueles dentes de ferro, mas a promessa deles permaneceu, uma espada requintada sobre sua cabeça.

Só com ela ele não precisava explicar. Só com ela ele não precisava ser um rei, ou qualquer outra coisa além do que ele era. Só com ela não haveria julgamento sobre o que ele fez, quem ele falhou, o que ele ainda teria que fazer.

Apenas isso – prazer e total esquecimento.

A mão de Manon encontrou a fivela do cinto e Dorian pegou a dela, e nenhum dos dois falou por algum tempo depois disso.



O lançamento que ela encontrou naquela noite – duas vezes – não foi completamente entediante quando a manhã começou, cinza e sombria, e Manon se aproximou da barraca maior de Glennis.

Ela deixou o rei dormindo, embrulhado nos cobertores que eles compartilharam, embora ela não tivesse permitido que ele a abraçasse. Ela simplesmente virou de lado, ficando de costas para ele, e fechou os olhos. Ele não parecia se importar, saciado e sonolento depois que ela o montou até que ambos encontrassem seu prazer e estivessem dormindo rapidamente. Tinha ficado dormindo, enquanto Manon tinha pensado em como exatamente ela teria esse encontro.

Talvez ela devesse ter trazido Dorian. Ele certamente sabia como jogar esses jogos. Pensar como um rei.

Ele matou aquela aranha como uma bruxa de Sangue Azul, no entanto. Não é uma pitada de misericórdia.

Não deveria tê-la emocionado do jeito que aconteceu.

Mas Manon sabia que seu orgulho nunca se recuperaria, e ela nunca mais seria capaz de se chamar de bruxa, se permitisse que ele fizesse essa tarefa para ela.

Então Manon atravessou as abas da tenda de Glennis sem se anunciar.

— Eu preciso falar com você.

Ela encontrou Glennis se prendendo em seu manto de glamour diante de um minúsculo espelho de bronze.

— Antes do café da manhã? Eu suponho que você tenha essa urgência de seu pai. Tristan estava sempre entrando na minha tenda com seus vários assuntos urgentes. Eu mal consegui convencê-lo a ficar parado o tempo suficiente para comer.

Manon descartou o núcleo da informação. Dentes de Ferro não tinham pais. Apenas mães e mães de mães. Sempre foi assim.

Mesmo que fosse um esforço para manter as perguntas sobre ele na baía. Como ele conheceu Lothian Bico Negro, o que os levou a deixar de lado seu antigo ódio.

— O que seria necessário para convencer as Crochans? Para se juntarem a nós na guerra?

Glennis ajeitou a capa no espelho.

— Apenas uma Rainha Crochan pode acender a Chama da Guerra, para convocar todas as bruxas de sua lareira.

Manon piscou com a resposta franca.

— A Chama da Guerra?

Glennis apontou o queixo na direção das abas da tenda, para a fogueira do outro lado.

— Toda família de Crochan tem uma lareira que se move com eles para cada acampamento ou lar que fazemos; os fogos nunca se extinguem. A chama em minha lareira remonta à cidade de Crochan,

quando Brannon Galathynius deu a Rhiannon uma centelha de fogo eternamente ardente. Minha mãe carregou com ela em um globo de vidro, escondido em sua capa, quando ela contrabandeava seu ancestral, e ele continuou a queimar em todos os lares reais de Crochan desde então.

— E quando a magia desapareceu por dez anos?

— Nossos videntes tinham uma visão de que desapareceria e a chama morreria. Então, acendemos vários fogos comuns daquela chama mágica e os mantivemos acesos. Quando a magia desapareceu, a chama realmente se apagou. E quando a magia retornou nesta primavera, a chama novamente acendeu, bem na lareira onde a vimos pela última vez. — Sua bisavó se virou para ela.

— Quando uma Rainha Crochan convoca seu povo para a guerra, uma chama é retirada da lareira real e passada para cada lar, de um acampamento e aldeia para o outro. A chegada da chama é uma convocação que somente uma verdadeira Rainha do Crochan pode fazer.

— Então eu só preciso usar a chama naquele buraco e o exército virá até mim?

Um pio de riso.

— Não. Você deve primeiro ser aceita como rainha para fazer isso. Manon rangeu os dentes.

— E como eu poderia conseguir *isso*?

— Isso não é para eu descobrir, é?

Foi preciso todo seu autocontrole para evitar desentocar suas unhas de ferro e rondar a tenda.

— Por que você está aqui – por que esse acampamento?

As sobranceiras de Glennis se levantaram.

— Eu não te disse ontem?

Manon bateu um pé no chão.

A bruxa notou a impaciência e riu.

— Estávamos a caminho de Eyllwe.

Manon começou.

— Eyllwe? Se você pensa em fugir desta guerra, posso dizer que também descobriu esse reino. Por muito tempo Eyllwe tinha suportado o impacto da ira de Adarlan. Em suas intermináveis reuniões com Erawan, ele estava particularmente focado em garantir que o reino ficasse fraturado.

Glennis assentiu.

— Nós sabemos. Mas recebemos a notícia de nossos lares do sul de que surgira uma ameaça. Nós viajamos para encontrar alguns dos grupos de guerra de Eyllwe que conseguiram sobreviver por tanto tempo – para enfrentar qualquer horror que Morath pudesse ter enviado.

Para ir para o sul, não para o norte para Terrasen.

— Erawan pode estar desencadeando seus horrores em Eyllwe apenas para dividir vocês — disse Manon. — Para impedi-las de ajudar Terrasen. Ele adivinhou que estou tentando reunir as Crochans. Eyllwe já está perdida – venha conosco para o norte.

A velha apenas balançou a cabeça.

— Isso pode ser. Mas nós demos nossa palavra. Então para Eyllwe nós iremos.

CAPÍTULO 16

Darrow estava esperando a cavalo no alto de uma colina quando o exército finalmente chegou ao anoitecer. Um dia inteiro de marcha, a neve e o vento chicoteando-os por cada maldito quilômetro.

Aedion, em cima de seu próprio cavalo, partiu da coluna de soldados mirando o pequeno acampamento e galopou pela neve coberta de gelo até o antigo lorde. Ele gesticulou com uma mão enluvada para os guerreiros atrás dele.

— Conforme solicitado: chegamos.

Darrow mal olhou para Aedion enquanto examinava os soldados que faziam o acampamento. Um trabalho exaustivo e brutal depois de um longo dia e uma batalha antes disso, mas eles dormiriam bem esta noite. E Aedion se recusaria a movê-los amanhã. Talvez no dia seguinte também.

— Quantos perdidos?

— Menos de quinhentos.

— Bom.

Aedion se arrepiou com a aprovação. Não foi o próprio exército de Darrow, nem o de Aedion.

— O que você queria que nos garantiu mover nossas bundas até aqui tão rápido?

— Eu queria discutir a batalha com você. Preste atenção no que você aprendeu.

Aedion cerrou os dentes.

— Vou escrever um relatório para você, então. — Ele juntou as rédeas, preparando-se para levar seu cavalo de volta ao acampamento. — Meus homens precisam de abrigo.

Darrow assentiu com firmeza, como se não percebesse a marcha exaustiva que exigira.

— De madrugada nos encontramos. Envie uma palavra para os outros lordes.

— Envie seu próprio mensageiro.

Darrow lhe deu um olhar de aço.

— Diga aos outros lordes. — Ele examinou Aedion de suas botas salpicadas de lama até o cabelo sujo. — E descanse um pouco.

Aedion não se incomodou em responder enquanto ele instigava o cavalo a galopar, o garanhão correndo pela neve sem hesitar. Um animal bom e orgulhoso que o servira bem.

Aedion olhou para a neve lamentando enquanto chicoteava seu rosto. Eles precisavam construir um abrigo – e rápido.

Ao amanhecer, ele iria ao encontro de Darrow. Com os outros lordes.

E Aelin a reboque.



Um pé de neve caiu durante a noite, cobrindo as tendas, sufocando os incêndios e colocando os soldados dormindo ombro a ombro para conservar o calor.

Lysandra tinha tremido em sua tenda, apesar de ter sido enrolada em forma de leopardo-fantasma pelo braseiro, e acordara antes do amanhecer simplesmente porque dormir se tornara fútil.

E por causa da reunião que estava a alguns momentos de acontecer.

Ela caminhou na direção da grande tenda de guerra de Darrow, Ansel de Briarcliff a seu lado, as duas empacotados contra o frio.

Misericordiosamente, a manhã gelada manteve qualquer conversa entre elas no mínimo. Nenhum ponto em falar quando o próprio ar gelou seus dentes ao ponto de doer.

A realeza feérica de cabelos prateados entrou logo antes delas, o Príncipe Endymion dando a ela – dando a *Aelin* – um arco da cabeça.

A esposa de seu primo. Isso é o que ele acreditava que ela era. Além de ser rainha. Endymion nunca havia encontrado Aelin, e não saberia que o cheiro da estranha metamorfa estava errado.

Agradeça aos deuses por isso.

A tenda de guerra estava quase cheia, lordes e príncipes e comandantes se reuniram em torno do centro do espaço, todos estudando o mapa do continente pendurado em uma das abas da parede. Os alfinetes se projetavam de sua grossa tela para marcar vários exércitos.

Tantos, muitos, agrupados no sul. Bloqueando a ajuda de quaisquer aliados além das linhas de Morath.

— Ela finalmente retorna — uma voz fria demorou.

Lysandra convocou um sorriso preguiçoso e entrou no centro da sala, Ansel permanecendo perto da entrada.

— Eu ouvi que perdi um pouco de diversão ontem. Eu percebi que eu deveria voltar antes que eu perdesse a chance de matar alguns grunhidos Valg.

Algumas risadas, mas Darrow não sorriu.

— Eu não me lembro de você ter sido convidada para essa reunião, Alteza.

— Eu a convidei — disse Aedion, caminhando para a borda do grupo. — Desde que ela está tecnicamente lutando na Devastação, eu fiz dela minha segunda em comando. — E, portanto, digna de estar aqui.

Lysandra se perguntou se mais alguém poderia ver a sugestão de dor no rosto de Aedion – dor e desgosto pela rainha impostora que se agitava entre eles.

— Desculpe desapontar — ela sussurrou para Darrow.

Darrow só voltou para o mapa enquanto Ravi e Sol se infiltravam. Sol deu um aceno respeitoso a Aelin, e Ravi lançou-lhe um sorriso. Aelin piscou antes de encarar o mapa.

— Depois da derrota de Morath ontem sob o comando do general Ashryver — disse Darrow — acredito que devemos posicionar nossas tropas em Theralis e preparar as defesas de Orynth para um sítio. —

Os lordes mais velhos – Sloane, Gunnar e Ironwood – grunhiram de acordo.

Aedion balançou a cabeça, sem dúvida já antecipando isso.

— Ele anuncia a Erawan que estamos fugindo e nos espalha muito longe de qualquer potencial aliado do sul.

— Em Orynth — disse Lorde Gunnar, mais velho e mais grisalho que Darrow e duas vezes mais malvado — temos paredes que podem resistir a catapultas.

— Se eles trouxerem aquelas torres de bruxa — interrompeu Ren Allsbrook — então até as paredes de Orynth vão desmoronar.

— Ainda precisamos ver evidências dessas torres de bruxas — retrucou Darrow. — Além da palavra de um inimigo.

— Um inimigo virou aliado — disse Aelin – Lysandra. Darrow cortou-lhe um olhar desagradável. — Manon Bico Negro não mentiu.

Nem as Treze estavam alinhadas com Morath quando lutaram ao nosso lado.

Um aceno da realeza dos feéricos, de Ansel.

— Contra Maeve — zombou Lorde Sloane, um homem magro, de rosto duro e nariz adunco. — Essa batalha foi contra Maeve, não Erawan. Elas teriam feito o mesmo contra sua própria espécie? As bruxas são leais até a morte e mais hábeis do que as raposas. Manon Blackbeak e sua cabala poderiam muito bem ter jogado por tolos desesperados e te dado a informação errada.

— Manon Blackbeak se virou contra sua própria avó, a Grã-

Bruxa do Clã Blackbeak — disse Aedion, sua voz caindo para um grunhido perigoso. — Eu não acho que as lascas de ferro que encontramos em seu intestino foram uma mentira.

— De novo — disse Lorde Sloane, — essas bruxas são astuciosas. Elas farão qualquer coisa.

— As torres de bruxas são reais — disse Lysandra, deixando a voz fria e imperturbável de Aelin encher a tenda. — Eu não vou desperdiçar minha respiração provando sua existência. Nem vou arriscar Orynth ao seu poder.

— Mas você arriscaria as cidades nas fronteiras? — Desafiou Darrow.

— Eu pretendo encontrar uma maneira de tirar as torres antes que eles possam passar o sopé — ela demorou. Ela rezou para que Aedion tivesse um plano.

— Com o fogo que você exibiu tão magnificamente — disse Darrow com igual suavidade.

Ansel de Briarcliff respondeu antes que Lysandra pudesse chegar a uma mentira adequadamente arrogante.

— Erawan gosta de jogar seus pequenos jogos mentais, para despertar o medo. Deixe-o pensar e se preocupar porque Aelin ainda não usou o dela. Contemple se ela está armazenando algo grandioso.

Uma piscadela maliciosa para ela. — Eu espero que seja horrível. Lysandra deu um sorriso à rainha.

— Ah, será.

Ela sentiu o olhar de Aedion, a agonia e preocupação bem escondidas. Mas o general disse:

— Eldrys deveria reduzir nossos números, nos fazer duvidar da sabedoria de Morath enviando seus grunhidos aqui. Ele quer que nós o subestimemos. Se nos movermos para a fronteira, teremos os contrafortes para retardar seu avanço.

Nós conhecemos esse terreno; ele não. Podemos usá-lo para nossa vantagem.

— E se ele cortar Carvalhal? — Lorde Gunnar apontou para a estrada que passava por Endovier. — O que então?

Ren Allsbrook respondeu desta vez.

— Então nós conhecemos esse terreno também. Carvalhal não tem amor por Erawan ou suas forças. Sua fidelidade é para Brannon.

E seus herdeiros. — Um olhar para ela, frio e ainda assim, aquecendo. Levemente.

Ela ofereceu ao jovem lorde uma sugestão de sorriso. Ren ignorou, encarando o mapa novamente.

— Se nos mudarmos para a fronteira — disse Darrow — corremos o risco de ser eliminados, deixando assim Perranth, Orynth e todas as cidades e vilas neste reino à mercê de Erawan.

— Há argumentos a serem feitos para ambos — disse o príncipe Endymion, adiantando-se. O mais velho entre eles, apesar de não parecer ter passado dos vinte e oito. — Seu exército continua pequeno demais para se arriscar a se dividir pela metade. Todos devem ir para o sul ou para o norte.

— Eu votaria no sul — disse a princesa Sellene, prima de Endymion. Prima de Rowan. Ela tinha estado curiosa sobre Aelin, Lysandra podia notar, mas tinha ficado longe. Como se hesitasse em forjar um vínculo quando a guerra pudesse destruir todos eles.

Lysandra se perguntara mais de uma vez o que na longa vida da princesa a tornara assim – cautelosa e solene, mas não totalmente indiferente. — Há mais rotas para escapar, se for necessário. — Ela apontou um dedo bronzeado para o mapa, seu cabelo prateado trançado brilhando entre as dobras de seu pesado manto esmeralda.

— Em Orynth, suas costas estarão contra as montanhas.

— Há caminhos secretos pelos Staghorns — disse Lorde Sloane, totalmente indiferente. — Muitos dos nossos funcionários usaram-los há dez anos.

E assim foi. Debatendo e discutindo, vozes subindo e descendo.

Até que Darrow chamasse uma votação – entre os seis lordes de Terrasen apenas. Os únicos líderes oficiais deste exército, aparentemente.

Dois deles, Sol e Ren, votaram na fronteira.

Quatro deles, Darrow, Sloane, Gunnar e Ironwood, votaram em mudar para Orynth.

Darrow disse simplesmente, quando o silêncio caiu:

— Se nossos aliados não quiserem arriscar nosso plano, podem partir. Nós não temos juramentos.

Lysandra quase começou com isso.

Aedion rosnou, mesmo quando a preocupação brilhou em seus olhos.

Mas o príncipe Galan, que ficara quieto e vigilante, um ouvinte, apesar de seus sorrisos frequentes e da ousada luta no mar e na terra, deu um passo à frente. Olhou direto para Aelin, seus olhos – os olhos *dela* – brilhando.

— Pobres aliados que faríamos de fato — disse ele, com seu sotaque wendlyniano rico e rolante. — Se abandonássemos nossos amigos quando as escolhas deles se desviassem das nossas. Nós prometemos nossa ajuda nesta guerra. Wendlyn não voltará atrás.

Darrow ficou tenso. Não com as palavras, mas com o fato de que elas foram direcionadas a ela. A Aelin.

Lysandra inclinou a cabeça, colocando a mão em seu coração.

O príncipe Endymion levantou o queixo.

— Fiz um juramento ao meu primo, seu consorte — disse ele, e os outros Lordes se arrepiaram. Como Aelin não era rainha, o título de Rowan ainda não era reconhecido por eles. Apenas os outros lordes, ao que parecia. — Desde que duvido que seremos bem-

vindos em Doranelle novamente, eu gostaria de pensar que isso talvez seja nossa nova casa, tudo deve correr bem.

Aelin teria concordado.

— Você é bem vindo aqui – todos vocês. Por quanto tempo quiserem.

— Você não está autorizado a fazer tais convites — disparou Lord Gunnar.

Nenhum deles se incomodou em responder. Mas Ilias dos Assassinos Silenciosos fez um aceno solene que expressou sua concordância em ficar, e Ansel de Briarcliff apenas piscou de novo para Aelin e disse:

— Eu cheguei até aqui para ajudá-la a bater aquele bastardo ao pó. Eu não vejo por que eu iria para casa agora.

Lysandra não fingiu a gratidão que apertou sua garganta quando se curvou para os aliados que sua rainha havia reunido.

Um jovem alto de cabelos escuros entrou na tenda, com os olhos cinzentos em volta da companhia reunida. Eles se arregalaram quando a viram... Aelin. Ampliado, então olhou para Aedion como se

para confirmar. Ele marcou o cabelo dourado, os olhos de Ashryver, e empalideceu.

— O que é isso, Nox — rosnou Darrow. O mensageiro se endireitou e correu para o lado do lorde, murmurando algo em seu ouvido. — Mande-o entrar — foi a única resposta de Darrow.

Nox saiu, gracioso apesar de sua altura, e um homem mais baixo e pálido entrou.

Darrow estendeu a mão para a carta.

— Você teve uma mensagem de Eldrys?

Lysandra sentiu o estranho no momento em que Aedion o fez.

Um momento antes do estranho sorrir e dizer:

— Erawan envia seus cumprimentos.

E soltou uma rajada de vento negro na direção dela.

CAPÍTULO 17

Lysandra se abaixou, mas não rápido o suficiente para evitar o chicote de poder que cortou seu braço.

Ela bateu no chão, rolando, como ela aprendeu sob a tutela cuidadosa de Arobynn. Mas Aedion já estava na frente dela, com a espada fora. Defendendo sua rainha.

Um lampejo de luz e frio – de Enda e Sellene – e o mensageiro de Morath estava imobilizado, seu poder sombrio açoitando uma barreira invisível de vento gelado.

Ao redor da tenda, todos haviam caído, armas brilhando.

Flanqueando o homem caído, Ilias e Ansel já tinham suas espadas voltadas para ele, suas poses defensivas refletiam imagens.

Treinados em seus próprios ossos pelo mesmo mestre, sob o mesmo sol escaldante. Nenhum dos dois olhou para o outro.

Ren, Sol e Ravi entraram em posição no lado de Lysandra – no lado de Aelin –, suas próprias lâminas preparadas para derramar sangue. Uma corte novata cercando a rainha.

Não importava que os lordes mais velhos tivessem tropeçado por trás da segurança da mesa de refrescos, com os rostos desgastados. Apenas Galan Ashryver ocupara um lugar perto da saída da tenda, sem dúvida para interceptar seu agressor se ele tentasse fugir. Um movimento ousado – e um tolo, considerando o que se ajoelhava no centro da tenda.

— *Ninguém* sentiu que ele era um demônio Valg? — Perguntou Aedion, puxando Lysandra para seus pés com o braço ileso. Mas não havia colar no estranho, nenhum anel em suas mãos nuas e pálidas.

O estômago de Lysandra se revirou quando ela apertou a mão no corte latejante em seu braço. Ela sabia o que batia no peito do homem. Um coração de ferro e pedra de Wyrd.

O mensageiro riu, assobiando.

— Corra para o seu castelo. Estávamos...

Ele cheirou o ar. Olhou diretamente para Lysandra. No sangue escorrendo pelo braço esquerdo, infiltrando-se no azul do oceano da túnica gasta de Aelin.

Seus olhos escuros se arregalaram de surpresa e deleite, a palavra tomando forma em seus lábios. *Metamorfa*.

— Mate-o — ela ordenou a realeza feérica de cabelos grisalhos, seu coração trovejando.

Ninguém se atreveu a dizer-lhe para queimá-lo.

Endymion levantou a mão e o homem possesso de Valg começou a ofegar. No entanto, não antes de seus olhos escurecerem completamente, até que nenhum branco brilhasse.

Não da morte que o varre. Mas como ele parecia transmitir uma mensagem por um longo vínculo de obsidiana.

A mensagem que poderia condená-los: Aelin Galathynius não está aqui.

— Chega disso — Aedion rosnou, e medo – o medo real empalideceu seu rosto quando ele também percebeu o que o mensageiro tinha acabado de transmitir ao seu mestre.

A Espada de Orynth brilhou, sangue negro jorrando, e a cabeça do homem caiu no chão coberto de tapete.

No silêncio, Lysandra ofegou, levantando a mão do braço para examinar a ferida. O corte não era profundo, mas seria macio por algumas horas.

Ansel de Briarcliff embainhou sua espada com cabeça de lobo e segurou o ombro de Lysandra, seu cabelo ruivo balançando ao avaliar a lesão, depois o cadáver.

— Pequenos babacas desagradáveis, não são?

Aelin teria uma resposta arrogante para fazer todos rirem, mas Lysandra não conseguiu encontrar as palavras. Ela apenas balançou

a cabeça quando a mancha negra avançou sobre o chão da tenda.

Os reis feéricos cheiraram o cheiro desagradável, fazendo caretas.

— Limpe essa bagunça — Darrow pediu a ninguém em particular. Mesmo quando suas mãos tremiam ligeiramente.

Pelas abas da tenda, Nox estava boquiaberto ao Valg decapitado. Seus olhos cinzentos encontraram os dela, procurando e depois baixaram.

— Ele não tinha um anel — Nox murmurou.

Pegando uma borda pendente de toalha de mesa da mesa de bebidas intocada, Aedion limpou a Espada de Orynth.

— Ele não precisava de um.



Erawan sabia que Aelin não estava com eles. Que uma metamorfa havia tomado o lugar dela.

Aedion andou pelo acampamento, Lysandra—como—Aelin em seus calcanhares.

— Eu sei — disse ele por cima do ombro, por uma vez ignorando os guerreiros que o saudaram.

Ela continuou seguindo-o de qualquer maneira.

— O que deveríamos fazer?

Ele não parou até chegar à sua própria tenda, o fedor do mensageiro Valg agarrado ao nariz. Aquele chicote de escuridão espetando por Lysandra ainda queimando atrás de seus olhos. Seu grito de dor ecoou em seus ouvidos.

Seu temperamento se agitou, uivando por uma saída.

Ela o seguiu até a tenda.

— O que devemos fazer? — Ela perguntou novamente.

— Que tal começarmos a ter certeza de que não há outros mensageiros à espreita no acampamento — ele rosnou, andando de um lado para o outro. A realeza dos feéricos já havia transmitido essa ordem e estava enviando seus melhores batedores.

— Ele sabe — ela respirou. Ele girou para encará-la, encontrando sua prima — encontrando Lysandra tremendo. Não Aelin, embora ela

tivesse sido muito convincente hoje. Melhor que o normal.

— Ele sabe o que eu sou.

Aedion esfregou o rosto.

— Ele também parece saber que estamos indo para Orynth.

Quer que façamos exatamente isso.

Ela caiu sobre o catre, como se seus joelhos não pudessem segurá-la na posição vertical. Por um instante, a vontade de se sentar ao lado dela, de puxá-la para ele, era tão forte que ele quase se rendeu a ela.

O cheiro de seu sangue encheu o espaço, junto com o perfume selvagem das muitas caras dela. Arrastou um dedo sensual por sua pele, enfurecendo sua raiva em algo tão mortal que ele poderia muito bem ter matado o próximo macho que entrou nesta tenda.

— Erawan pode ouvir as notícias e se preocupar — disse Aedion quando ele poderia pensar novamente. — Ele pode se perguntar por que ela não está aqui, e se ela está prestes a fazer algo que vai machucá-lo. Isso poderia forçá-lo a mostrar sua mão.

— Ou nos atacar agora, com todo o seu poder, quando ele souber que somos mais fracos.

— Nós vamos ter que ver.

— Orynth será um matadouro — ela sussurrou, os ombros curvados sob o peso — não apenas de ser uma mulher envolvida nesse conflito, mas uma mulher jogando como outra, que pode ser capaz de fingir, mas apenas até agora. Quem realmente não tem o poder de deter as hordas que marcham para o norte. Ela estava disposta a arcar com esse fardo, no entanto. Por Aelin. Por este reino.

Mesmo que ela tenha mentido para ele sobre isso, ela estava disposta a aceitar esse peso.

Aedion caiu ao lado dela e olhou fixamente para as paredes da tenda.

— Nós não vamos para Orynth.

Sua cabeça se levantou. Não apenas com as palavras, mas com o quão perto ele estava sentado.

— Onde estamos indo, então?

Aedion examinou sua armadura, lubrificou e esperou em um boneco do outro lado da tenda.

— Sol e Ravi levarão alguns de seus homens de volta à costa para garantir que não encontremos mais ataques do mar. Eles se encontrarão com o que restou da frota Wendlyniana enquanto Galan e seus soldados ficam conosco. Nós vamos marchar como um exército até a fronteira.

— Os outros lordes votaram contra. — Na verdade eles tinham, os velhos tolos.

Ele dançou com traição na última década. Tinha feito disso uma forma de arte. Aedion sorriu levemente. — Deixe isso para mim.



A Devastação não eram fiel a ninguém além de Aelin Galathynius.

Então foram os aliados que ela reuniu. E as forças de Ren Allsbrook e Ravi e Sol de Suria.

E assim, aparentemente, foi Nox Owen.

No entanto, foi Lysandra, não Aedion, que possibilitou seu vôo.

Ela estava andando de volta para sua própria tenda – para a tenda de Aelin, não adequada para uma rainha, mas um capitão do exército – quando Nox se aproximava dela. Silencioso e gracioso.

Bem treinado. E provavelmente mais letal do que ele pareceu.

— Então, Erawan sabe que você não é Aelin.

Ela virou a cabeça para ele.

— O que? — Uma pergunta rápida e vaga para ganhar tempo.

Teria Aedion arriscado dizendo a verdade?

Nox deu-lhe um meio sorriso.

— Eu percebi isso quando vi a surpresa no rosto daquele demônio.

— Você deve estar enganado.

— Eu estou? Ou você não se lembra de mim?

Ela fez o melhor que pôde para olhar o nariz para ele, ao mesmo tempo em que o ladrão de mensageiros se erguia sobre ela.

Aelin nunca mencionou um Nox Owen.

— Por que eu deveria me lembrar de um dos lacaios de Darrow?

— Uma tentativa decente, mas Celaena Sardothien pareceu um pouco mais divertida quando cortou os homens em fitas.

Ele sabia – quem era Aelin, o que ela tinha sido. Lysandra não disse nada e continuou andando em direção à tenda. Se ela dissesse a Aedion, com que rapidez poderia o Nox ser enterrado sob a terra congelada?

— Seu segredo está seguro — Nox murmurou. — Celaena – Aelin era uma amiga. Ainda é uma, eu espero.

— Como. — Ela não admitiria mais do que isso em relação ao seu papel nisso.

— Nós lutamos na competição juntos no castelo de vidro. — Ele bufou. — Eu não tinha ideia até hoje. Deuses, eu estava lá para o ministro Joval como espião dos rebeldes. Foi a minha primeira vez fora de Perranth. Minha primeira vez, e acabei involuntariamente treinando ao lado de minha rainha. Ele riu baixo e espantado. — Eu trabalhei com os rebeldes durante anos, mesmo como ladrão. Eles queriam que eu fosse seus olhos internos no castelo, nos planos do rei. Eu relatei os estranhos acontecimentos até que ficou muito perigoso. Até que Cel... Aelin me avisou para fugir. Eu escutei e voltei para cá. Joval está morto. Caiu em uma escaramuça com um bando de rebeldes na fronteira nesta primavera. Darrow me arrancou para ser seu próprio mensageiro e espião. Então aqui estou eu. — Um olhar de soslaio para ela, admiração ainda em seu rosto. — Estou à sua disposição, mesmo que você não seja... você. — Ele inclinou a cabeça. — De qualquer modo, quem é você?

— Aelin.

Nox sorriu conscientemente.

— Justo.

Lysandra parou diante da pequena tenda da rainha, aninhada entre as de Aedion e Ren.

— Qual é o custo do seu silêncio? Ou Darrow já sabe?

— Por que eu contaria a ele? Eu sirvo a Terrasen e a família Galathynius. Eu sempre servi.

— Alguns podem dizer que Darrow tem uma forte reivindicação ao trono, dada a sua relação com Orlon.

— Eu percebi hoje que a assassina que eu vim chamar de amiga é na verdade a rainha que eu acreditava estar morta. Eu acho que os deuses estão me apontando em uma certa direção, não é?

Ela permaneceu entre as abas da tenda. Calor delicioso acenou para dentro.

— E se eu dissesse que precisávamos da sua ajuda hoje à noite, e que há o risco de estar sendo marcado como um traidor?

Nox apenas esboçou um arco.

— Então eu diria que eu devo um favor a minha amiga Celaena por seu aviso no castelo, além de salvar minha vida antes disso.

Ela não sabia porque ela confiava nele. Mas ela desenvolveu um instinto para os homens que sempre provou ser correto, mesmo que ela tivesse sido incapaz de agir sobre isso no passado. Só tinha sido capaz de se preparar para eles.

Mas Nox Owen – a gentileza em seu rosto era verdadeira. Suas palavras eram verdadeiras. Outro aliado, Aelin, tinha brigado por eles, desta vez involuntariamente.

Ela sabia que Aedion concordaria com o plano, mesmo que ele ainda a odiasse. Então Lysandra se inclinou, sua voz caindo para um sussurro.

— Então ouça atentamente.



Foi feito em silêncio e sem deixar vestígios.

Cada intrincado elemento se desenrolou sem problema, como se os próprios deuses os ajudassem.

No jantar, Nox Owen atou o vinho que ele pessoalmente serviu – como um pedido de desculpas por deixar entrar o soldado Valg – aos lordes Darrow, Sloane, Gunnar e Ironwood. Não para matá-los, mas para mandá-los para um sono profundo e sem sonhos.

Até mesmo um urso rugindo não conseguia acordar esse bobo, Ansel de Briarcliff tinha cheirado quando ela se levantou sobre o berço de Lorde Gunnar, levantou seu braço flácido e deixou cair.

O lorde não se mexeu, e Lysandra, usando a forma de um rato de campo e enfiada nas sombras atrás da rainha, considerou a prova suficiente.

Os leais homens de bandeira dos quatro lordes também se viram dormindo profundamente naquela noite, cortesia do vinho que Galan Ashryver, Ilias, Ren e Ravi asseguraram que fosse entregue em seus fogos.

E quando todos acordaram no dia seguinte, só havia neve para as tendas.

O acampamento foi embora.

Com o exército junto.

CAPÍTULO 18

Ninguém em Anielle ou na fortaleza cinzenta que se erguia sobre a borda sul gritava alarmada para o soldado que descia do céu e pousava nas ameias.

As sentinelas que estavam de vigia só tinham sacado as armas, uma correndo para o interior escuro, e as apontaram para Chaol e Yrene enquanto deslizavam para fora do poderoso pássaro.

O frio no mar aberto não era nada comparado ao vento da muralha das montanhas contra a qual a cidade fora construída, ou o frio arrepiante do extenso Lago de Prata que se curvava ao redor, tão plano que parecia um poderoso espelho espalhado sob o céu cinza.

Yrene sabia que o plano de Anielle era tão familiar para Chaol quanto seu próprio corpo – e sabia, pelas lembranças que ela tinha visto em sua alma e pelo que ele lhe dissera naqueles meses, que as telhas cinzentas dos telhados haviam sido cortadas da ardósia nas pedreiras ao sul, a madeira das casas tiradas do emaranhado de Carvalhal espreitando além da planície que beirava o lado sul do lago.

Um pequeno ramo de picos se projetava como um braço do corpo serpenteante do Canino Branco, cercando a cidade entre ele e o Lago de Prata – e era nas encostas áridas que a fortaleza fora construída.

Nível após nível, Westfall subiu da planície para os trechos mais altos da montanha atrás dela, o portão mais baixo se abrindo para a extensão plana de neve, enquanto outros níveis fluíam para a cidade à sua esquerda. Ele foi construído como uma fortaleza, os inúmeros

níveis, ameias e portões, todos projetados para sobreviver a um ataque inimigo. As pedras cinzentas mostravam as cicatrizes de quantos haviam testemunhado e sobrevivido, não mais do que a grossa parede de cortina que cercava a fortaleza.

Intimidante, imponente, implacável – Chaol dissera que a fortaleza nunca fora construída por beleza ou prazer. De fato, não havia bandeiras coloridas batendo ao vento. Nenhum perfume ou especiarias derivavam nele também. Apenas frio, umidade espessa.

Das torres superiores com crosta de líquen, Yrene sabia que era possível monitorar qualquer movimento no lago ou na planície, na cidade ou na floresta, mesmo ao longo das encostas do Canino Branco. Quantas horas o marido havia gasto nas passarelas da torre, olhando para Forte da Fenda, desejando estar em outro lugar que não fosse aquele lugar frio e escuro?

Chaol ficou perto de Yrene, com o queixo alto, enquanto anunciava aos guardas que apontavam as espadas para eles que ele era Lorde Chaol Westfall e desejava ver seu pai. Imediatamente.

Ela nunca o ouviu usar aquela voz. Um tipo diferente de autoridade. Voz de um lorde.

Um lorde – e ela era uma lady, ela supôs. Mesmo se o vôo a tivesse forçado a abandonar seus vestidos usuais em favor de couros rukhin, mesmo que ela tivesse certeza de que seu cabelo trançado tivesse sido chicoteado em uma dúzia de direções e levaria horas de um banho para desembaraçar.

Eles permaneceram nas ameias em silêncio, e a mão enluvada de Chaol deslizou para dentro da dela, o vento agitando os pelos ao longo de seu colarinho pesado. Seu rosto não revelava nada além de uma determinação severa, mas a mão que ele apertava ao redor da dela... Ela sabia o que significava voltar para casa.

Ela nunca esqueceria a lembrança que testemunhou do pai que o derrubara nos degraus de pedra alguns níveis abaixo, concedendo a Chaol a cicatriz escondida logo após a linha do cabelo. Uma criança. Ele jogou uma *criança* naquela escada e o obrigou a ir a pé até Forte da Fenda.

Ela duvidava que sua segunda impressão do sogro fosse melhor. Certamente não como um homem de rosto magro apareceu em uma túnica cinza e disse:

— Venha por aqui.

Nenhum título, nenhum honorífico. Não é bem vindo.

Yrene apertou ainda mais a mão de Chaol. Eles vieram para avisar as pessoas desta cidade – não o bastardo que deixou cicatrizes brutais na alma do marido. Essas pessoas mereciam o aviso, a proteção.

Yrene lembrou-se desse fato quando entraram no interior sombrio da fortaleza.

A passagem alta e estreita não era muito melhor que o exterior.

Janelas esguias colocadas no alto das paredes permitiam pouca luz, e os antigos braseiros lançavam sombras trêmulas nas pedras.

Tapeçarias surradas pendiam intermitentemente, e nenhum som – nem música, nem risos, nem conversas – os saudava.

Esta casa antiga e arrojada tinha sido sua casa? Comparado com o palácio de khagan, era um casebre, não adequado para os ruks se empoleirarem.

— Meu pai — murmurou Chaol para que a escolta não ouvisse, sem dúvida lendo o desânimo no rosto de Yrene — não acredita em desperdiçar seus cofres em melhorias. Se não tiver colapsado, não está quebrado.

Yrene tentou sorrir para a tentativa de humor, tentou fazê-lo por sua causa, mas seu temperamento agitou-se a cada passo no corredor. Sua escolta silenciosa parou por fim diante de duas imponentes portas de carvalho, a madeira tão velha e apodrecida quanto a própria fortaleza e bateu uma vez.

— Entre.

Yrene sentiu o tremor que passou por Chaol com a voz fria e astuta.

As portas se abriram para revelar um corredor escuro, alinhado por colunas, espetado com feixes de luz aquosa.

A única saudação que eles receberiam, aparentemente, já que o homem sentado à cabeceira da comprida mesa de madeira, grande o suficiente para abrigar quarenta homens, não se incomodava em se levantar.

Cada um dos seus passos ecoou pelo corredor, o lar de mamute rugindo a sua esquerda dificilmente tirando a borda do frio. Uma taça do que parecia ser vinho e os restos da refeição da noite jaziam diante do Lorde de Anielle na mesa. Nenhum sinal de sua esposa ou outro filho.

Mas o rosto... era o rosto de Chaol, em algumas décadas. Ou seria, se Chaol se tornasse tão sem alma e frio como o homem diante deles.

Ela não sabia como ele fez isso. Como Chaol conseguiu abaixar a cabeça em um arco.

— Pai.



Chaol nunca se envergonhou do castelo até que ele passasse por ele com Yrene. Nunca havia percebido o quanto precisava de reparos, como fora negligenciado.

O pensamento dela, tão cheia de luz e calor, neste lugar sombrio o fez querer correr de volta para o ruk esperando nos parapeitos e voar para a costa novamente.

E agora, ao vê-la diante de seu pai, que não se dava ao trabalho de levantar-se da cadeira, cujo jantar meio comido estava descartado diante de si, Chaol achou que seu temperamento precisava de uma correia curta.

O manto de pele de seu pai se juntou ao redor dele. Quantas vezes ele o viu nesta cadeira, na cabeceira dessa poderosa mesa, que uma vez tinha sentado alguns dos melhores lordes e guerreiros de Adarlan?

Agora estava vazio, uma casca do que poderia ter sido.

— Você anda — disse o pai, examinando-o da cabeça aos pés.

Sua atenção permaneceu na mão que Chaol ainda mantinha ao redor de Yrene. Ah, ele certamente traria isso em breve. Quando fosse mais profundo. — Da última vez que ouvi, você não podia mexer o dedo do pé.

— É graças a essa mulher — disse Chaol. No entanto, Yrene olhou para o pai com uma frieza que Chaol nunca tinha visto antes.

Como se ela estivesse pensando em apodrecer seus órgãos de dentro para fora. Aqueceu Chaol o suficiente para dizer:

— Minha esposa. Lady Yrene Towers Westfall.

Um grão de surpresa iluminou o rosto do pai, mas desapareceu rapidamente.

— Uma curadora, então — ele meditou, examinando Yrene com uma intensidade que fez Chaol querer começar a quebrar as coisas.

— Towers não é uma casa nobre que eu reconheça.

O desgraçado miserável.

O queixo de Yrene levantou-se ligeiramente.

— Pode não ser, milorde, mas sua linhagem não é menos orgulhosa ou digna.

— Pelo menos ela fala bem — disse seu pai, tomando seu vinho. Chaol apertou a mão livre com tanta força que sua luva gemeu.

— Melhor que a outra – a assassina arrogante.

Yrene sabia. Tudo isso. Ela conhecia cada fragmento da história, sabia a nota que carregava em seu medalhão. Mas não aliviou o golpe, não como seu pai acrescentou:

— Que, no final, é a Rainha de Terrasen. — Uma risada sem alegria. — Que prêmio você poderia ter, meu filho, se tivesse conseguido mantê-la.

— Yrene é a melhor curadora de sua geração — disse Chaol com um silêncio mortal. — Seu valor é maior do que qualquer coroa.

— E nesta guerra, pode muito bem ser.

— Você não precisa se incomodar em provar o meu valor para ele — disse Yrene, com os olhos gelados presos em seu pai. — Eu sei precisamente como sou talentosa. Eu não preciso de sua bênção.

Ela quis dizer todas as malditas palavras.

Seu pai voltou aquele olhar indiferente para ela novamente, a curiosidade enchendo-o por um momento.

Se ele tivesse sido perguntado, minutos atrás, como ele achava que esse encontro poderia acontecer, Yrene não se importando com o pai, e Yrene indo de igual para igual com o pai, não estaria entre os possíveis resultados.

Seu pai se recostou na cadeira.

— Você não veio aqui para finalmente cumprir seu juramento para mim, não é?

— Essa promessa está quebrada e peço desculpas — disse Chaol. Yrene se arrepiou. Antes que ela pudesse dizer a ele para não se incomodar novamente, Chaol continuou: — Nós viemos para avisá-lo.

Seu pai levantou uma sobrancelha.

— Morath está em movimento, isso eu sei. Tomei a precaução de ter sua amada mãe e irmão removidos para as montanhas.

— Morath está em movimento — disse Chaol, lutando contra a decepção de não ver nenhuma das duas pessoas que ele mais precisava ver — e está a caminho diretamente daqui.

Seu pai, por uma vez, ficou imóvel.

— Dez mil soldados — disse Chaol. — Eles vêm para saquear a cidade.

Ele poderia jurar que seu pai empalideceu. — Você sabe disso com certeza?

— Eu naveguei com um exército enviado do khagan, uma legião de seus cavaleiros entre eles. Seus batedores descobriram a informação. Os rukhin voam para cá enquanto falamos, mas seus soldados Darghan não chegam por pelo menos uma semana ou mais.

— Ele se adiantou – apenas um passo. — Você precisa reunir suas forças, preparar a cidade. Imediatamente.

Mas seu pai rodou seu vinho, franzindo a testa para o líquido vermelho dentro.

— Não há forças aqui, nenhuma para fazer um dente em dez mil homens.

— Então comece a evacuação e mova o máximo possível para a fortaleza. Prepare-se para um cerco.

— Na última vez que olhei, garoto, eu ainda era o lorde de Anielle. Você de bom grado virou as costas para o título. Duas vezes.

— Você tem Terrin.

— Terrin é um estudioso. Por que você acha que eu o mandei embora com a mãe dele como um bebê que amamenta? — Seu pai zombou. — Você voltou a sangrar por Anielle? Para sangrar por esta cidade finalmente?

— Não fale com ele desse jeito — disse Yrene com uma calma perigosa.

Seu pai a ignorou.

Mas Yrene se aproximou do lado de Chaol mais uma vez.

— Eu sou a herdeira da curandeira no alto da Torre Cesme. Eu vim a pedido do seu filho, de volta às terras do meu nascimento, para ajudar nesta guerra, junto com duzentos curandeiros da própria Torre.

Seu filho passou os últimos meses forjando uma aliança com o khaganate, e agora *todos* os exércitos de khagan navegam para este continente para salvar *seu* povo. Então, enquanto você se senta aqui em sua fortaleza miserável, lançando insultos a ele, saiba que ele fez o que nenhum outro poderia fazer, e se sua cidade sobreviver, será por causa *dele*, não de você.

Seu pai piscou para ela. Lentamente.

Levou toda a contenção de Chaol para evitar varrer Yrene em seus braços e beijá-la.

Mas Chaol disse a seu pai:

— Preparem-se para um cerco e preparem as defesas. Ou o Lago de Prata ficará vermelho novamente sob as garras das feras de Erawan.

— Eu conheço a história desta cidade tão bem quanto você.

Chaol debateu terminá-lo lá, mas ele perguntou.

— É por isso que você não se ajoelhou para Erawan?

— Ou para o rei fantoche antes dele — disse seu pai, pegando sua comida.

— Você sabia que o antigo rei era possuído por Valg?

Os dedos do pai se acalmaram em uma crosta de pão forte, o único sinal de seu choque.

— Não. Só que ele estava construindo um hospedeiro por toda a terra que não parecia... natural. Eu não sou o laçao do rei, não importa o que você possa pensar de mim. — Ele abaixou a mão mais uma vez. — É claro que, nos meus planos de tirá-lo do perigo, parece que só o levou mais perto disso.

— Porque se importar?

— Eu quis dizer o que eu disse em Forte da Fenda. Terrin não é um guerreiro — não de coração. Eu vi o que estava construindo em Morath, no desfiladeiro Ferian, e exigi que meu filho mais velho estivesse aqui, para pegar a espada se eu caísse. E agora você voltou, na hora em que a sombra de Morath nos rodeou por todos os lados.

— Todos os lados, menos um — disse Chaol, apontando para o Canino Branco pouco visíveis nas janelas altas. Há rumores de que Erawan passou esses meses caçando os homens selvagens do Canino Branco. Se você está com falta de soldados, peça ajuda.

A boca do pai dele se apertou.

— Eles são nômades meio selvagens que adoram matar nosso povo.

— Como os nossos têm gostado de matá-los. Deixe Erawan nos unir.

— E oferecer a eles o que? As montanhas nos pertencem desde antes de Gavin Havilliard se sentar em seu trono.

— Ofereça a maldita lua, se isso for capaz de convencê-los a ajudar — Yrene murmurou.

Seu pai sorriu.

— Você pode oferecer tal coisa, como a herdeira aparente para o curandeiro em alta?

— Cuidado — Chaol rosnou.

Seu pai também ignorou isso.

— Eu prefiro ter minha cabeça em um pique do que dar aos homens selvagens do Canino Branco uma polegada de terra de Anielle, muito menos pedir ajuda.

— Espero que o seu povo esteja de acordo — disse Yrene.

Seu pai soltou uma daquelas risadas sem alegria.

— Eu gosto mais de você do que da rainha assassina, eu acho.

Talvez se casar com a ralé crie uma espinha dorsal em nossa linhagem mais uma vez.

O sangue de Chaol rugiu em seus ouvidos, mas os lábios de Yrene se curvaram em um sorriso.

— Você é exatamente como eu imaginei que você fosse — disse ela. Seu pai apenas inclinou a cabeça.

— Prepare esta cidade, esta guarda — Chaol conseguiu dizer através de seus dentes cerrados. — Ou você merecerá tudo o que você derrubar.

CAPÍTULO 19

Quinze minutos depois, Chaol podia sentir Yrene ainda tremendo quando eles entraram em um quarto pequeno mas quente.

Um dos poucos lugares aconchegantes nesta horrível fortaleza. Uma cama e uma bacia de lavagem meio enferrujada preenchiam a maior parte do espaço, um jarro de água fumegante ao lado.

Não é exatamente um quarto adequado para o filho de um lorde.

Ele lutou contra o calor que aqueceu suas bochechas.

— Eu fui deserdado, lembre-se — disse Chaol, encostado na porta fechada, as mochilas descartadas a seus pés. — Este quarto é para um convidado.

— Tenho certeza que seu pai selecionou apenas para você.

— Eu tenho certeza que ele fez.

Yrene rosou.

— Ele é pior do que você retratou.

Chaol deu-lhe um pequeno sorriso cansado.

— E você foi brilhante. Totalmente brilhante.

Seu pai, pelo menos, concordara em iniciar as evacuações para os que se encontravam na periferia da cidade e, quando chegaram a essa sala, a fortaleza já se animara com a preparação para um cerco.

Se seu pai precisava de ajuda para planejá-lo, o homem não deixou transparecer. Amanhã, depois que descansassem hoje à noite, ele veria por si mesmo o que seu pai tinha em mente.

Mas por enquanto, depois de quase dois dias voando no ar gelado, ele precisava descansar.

E sua esposa, por mais ousada e destemida, precisava descansar também, admitisse ela ou não.

Então Chaol empurrou a porta, rumando para onde Yrene passeava na frente da cama.

— Sinto muito pelo que ele disse para você.

Ela acenou para ele.

— Eu sinto muito que você já teve que lidar com ele por mais tempo do que essa conversa.

Seu temperamento, apesar de tudo o que aparecia, apesar do bastardo governar esta cidade, aqueceu algo nele. O suficiente para que Chaol fechasse a distância entre eles, impedindo-a de andar, segurando a pela mão. Ele passou o polegar sobre sua aliança de casamento.

— Eu gostaria que você fosse encontrá-la em vez disso, minha mãe — ele disse suavemente.

A ferocidade em seus olhos se inclinou.

— Eu também. — Sua boca se curvou para o lado. — Embora eu esteja surpresa que seu pai se importou o suficiente para mandá-los embora em um sussurro de uma ameaça.

— Eles são ativos para ele. Eu não ficaria surpreso se ele os enviasse com uma boa parte do tesouro.

Yrene olhou em volta, indecisa.

— Anielle é um dos territórios mais ricos em Adarlan, apesar do que isso sugere. — Ele beijou os nós dos dedos, seu anel. — Há câmaras cheias de tesouros nas catacumbas. Ouro, jóias, armaduras — há rumores de que a riqueza de um reino inteiro está lá embaixo.

Yrene soltou um zumbido impressionado, mas disse:

— Eu deveria ter dito a Sartaq e Nesryn para trazer mais curadores do que os cinquenta que selecionamos. — Hafiza permaneceria com os soldados de infantaria e cavalaria, mas Eretia, sua segunda em comando, voaria com os ruks para liderar o grupo, Yrene incluída.

— Nós vamos nos contentar com o que temos. Duvido que houvesse um único curandeiro magicamente talentoso nesta cidade

até uma hora atrás.

Sua garganta fechou.

— Isso pode sobreviver a um cerco por tempo suficiente para o exército terrestre chegar aqui? Não parece que aguenta outro inverno, muito menos um exército à sua porta.

— Esta fortaleza durou mais de mil anos – sobreviveu ao segundo exército de Erawan, mesmo quando saquearam Anielle. Vai durar essa terceira guerra dele também.

— Para onde as pessoas vão evacuar? As montanhas já estão cobertas de neve.

— Há passagens através deles – perigosas, mas eles poderiam chegar aos Desertos se ficassem juntos e trouxessem suprimentos suficientes. — Rumo ao norte de Anielle era uma armadilha da morte, com as bruxas segurando o desfiladeiro Ferian, e indo muito longe para o sul os levaria para a porta de Morath. Ir para o leste os levaria ao caminho do exército que eles procuravam superar. — Eles podem ser capazes de se esconder em Carvalhal, ao longo da borda do Canino Branco. — Ele balançou a cabeça. — Não há boas opções, não nesta época do ano.

— Muitos deles não vão conseguir —, ela disse suavemente.

— Eles terão uma chance melhor no Canino Branco do que aqui — disse ele com a mesma tranquilidade. Eles ainda eram seu povo, ainda mostravam-lhe bondade, mesmo quando seu próprio pai não.

— Eu vou fazer com que meu pai mande alguns dos soldados que estão velhos demais para lutar com eles – eles se lembrarão do caminho.

— Eu sei que não sou nada mais do que a turba — disse Yrene, e Chaol deu uma risadinha. — Mas aqueles que escolhem ficar, são deixados na fortaleza... Talvez enquanto esperamos por nossas próprias forças, eu poderia ajudar a encontrar espaço para eles.

Suprimentos. Veja se há algum curandeiro entre eles que possa ter acesso às ervas e ingredientes de que precisamos. Prepare ataduras.

Ele assentiu com orgulho, enchendo seu peito ao ponto da dor.

Uma lady. Se não por sangue, então por nobreza de caráter. Sua esposa era mais uma lady do que qualquer outra que ele conheceu, em qualquer corte.

— Então vamos nos preparar para a guerra, marido — disse Yrene, tristeza e medo enchendo os olhos.

E foi a visão daquele grão de medo, não para si mesma, mas para o que eles estavam, sem dúvida, em breve a participar, para testemunhar, que ele tinha varrendo-a em seus braços e colocando-a sobre a cama.

— A guerra pode esperar até amanhã — disse ele, e baixou a boca para a dela.



A madrugada quebrou e os ruks chegaram.

Tantos ruões que eles apagaram o sol aguado, o burburinho de asas e o farfalhar de penas enchendo os céus.

As pessoas choravam dessa vez, suas vozes anunciavam os gritos que viriam quando aquele exército chegasse à porta deles.

Na planície diante do lado sul da torre de menagem, fluindo para a borda do lago, os ruks se assentaram. Havia muito tempo se mantinha longe do assentamento, a extensão plana crivada de fontes termais e propensa a inundações anuais, embora alguns agricultores persistentes ainda tentassem persuadir as colheitas do solo duro.

Fazia parte do próprio lago, antes que as Cataratas do Oeste, enfiadas no Canino Branco tivessem sido represadas, suas águas barulhentas se aquietassem até um fio que alimentava o lago.

Durante séculos, os ancestrais de Chaol haviam debatido a quebra da represa, deixando o rio revoltado libertar-se uma vez mais, agora que suas antigas forjas haviam cedido espaço a alguns moinhos movidos a água que poderiam facilmente ser transferidos para outro lugar.

No entanto, a destruição que a barragem causaria, mesmo se reunissem todos os usuários de água no reino para controlar o fluxo,

seria catastrófica. Toda a planície inundaria em questão de minutos, parte da cidade sendo varrida também. As águas desciam das montanhas, destruindo tudo em seu caminho em uma onda poderosa que fluiria para o próprio Carvalhal. Os níveis mais baixos da fortaleza, o portão que se abria para a planície, seriam totalmente submersos.

Então a represa ficou e a planície gramada com ela.

Os ruks instalaram-se em filas bem organizadas, e Chaol e Yrene observavam das ameias, outras sentinelas rompendo seus postes para se juntarem a eles, enquanto os cavaleiros comeavam a montar o acampamento com quaisquer suprimentos que suas montarias tivessem carregado. Os curandeiros seriam trazidos mais tarde, embora alguns pudessem permanecer em seu acampamento até que a legião de Morath chegasse.

Duas formas escuras subiram por cima, e as sentinelas voltaram para seus postos quando Nesryn e Sartaq pousaram na muralha, um pequeno falcão pousando ao lado do antigo navio. Falkan Ennar, então.

Nesryn saltou de seu ruk em um movimento fácil, seu rosto grave como qualquer bolso do reino de Hellas.

— Morath está a três dias de distância, possivelmente quatro — disse ela sem fôlego.

Sartaq apareceu atrás dela, os ruks não precisando de um poste de amarração.

— Nós mantivemos a sobrecarga, fora de vista, mas Falkan foi capaz de chegar mais perto. — O metamorfo permaneceu em forma de falcão por Salkhi.

Yrene se adiantou.

— O que você viu?

Nesryn sacudiu a cabeça, sua pele normalmente dourada e brilhante, sem sangue.

— Valgs e os homens, principalmente. Mas todos eles parecem rápidos – cruéis.

Chaol controlou sua careta.

— Nenhum sinal das bruxas?

— Nenhum — disse Sartaq, passando a mão pelo cabelo trançado. — Embora elas possam estar esperando para descer do desfiladeiro Ferian quando o exército chegar aqui.

—Vamos orar que não — disse Yrene, examinando os buracos no vale abaixo.

Mil ruks. Parecia um presente dos deuses, parecia um número incrivelmente grande. E ainda os vendo reunidos na planície...

Até as aves poderosas podem ser varridas na maré da batalha.

CAPÍTULO 20

— Você conhece a história da rainha que atravessou mundos?

Sentada no tapete de musgo de um vale antigo, uma mão brincando com as pequenas flores brancas espalhadas por ela, Aelin sacudiu a cabeça.

Nos imensos carvalhos que formavam uma treliça sobre a clareira, pequenas estrelas piscavam e tremeluziam, como se tivessem sido capturadas pelos próprios galhos. Além delas, banhando a floresta com luz brilhante o suficiente para enxergar, uma lua cheia se elevava. Ao redor delas, um canto fraco e ritmado fluava no ar quente do verão.

— É uma história triste — disse sua tia, um canto de sua boca pintada de vermelho se curvando para cima quando ela se recostou em seu assento esculpido em uma pedra de granito. Seu lugar de costume, enquanto elas tinham essas lições, essas longas e pacíficas conversas nas noites quentes de verão. — É antiga.

Aelin levantou uma sobrancelha.

— Eu não sou um pouco velha para contos de fadas? — Ela realmente comemorou seu vigésimo aniversário há três dias, em outra clareira não muito longe daqui. Metade de Doranelle tinha chegado, parecia, e ainda assim seu parceiro havia encontrado uma maneira de roubá-la da folia. Todo o caminho até uma piscina isolada no coração da floresta. Seu rosto ainda estava aquecido por pensar naquele mergulho ao luar, o que Rowan a fez sentir, como ele a adorou na água aquecida pelo sol.

Parceiro. A palavra ainda era uma surpresa. Como tinha sido chegar aqui no final da primavera e vê-lo ao lado do trono de sua tia

e simplesmente saber. E nos meses seguintes, o namoro deles... Aelin de fato corou ao pensar nisso. O que eles fizeram naquela piscina florestal foi o ponto culminante daqueles meses. E um desencadeamento. As marcas de acasalamento em seu pescoço e no de Rowan provaram isso. Ela não voltaria a Terrasen sozinha quando o outono chegasse.

— Ninguém é velho demais para contos de fadas — disse sua tia, um leve sorriso crescendo. — E como você é parte fada, eu acho que você teria algum interesse nelas.

Aelin sorriu de volta, inclinando a cabeça.

— Justo suficiente, tia.

Tia não era totalmente correto, não com gerações e milênios separando-as, mas era a única coisa que a rainha sugeriu que Aelin a chamasse.

Maeve se acomodou ainda mais em seu assento.

— Há muito tempo, quando o mundo era novo, quando não havia reinos humanos, quando nenhuma guerra havia destruído a terra, uma jovem rainha nasceu.

Aelin cruzou as pernas sob ela, inclinando a cabeça.

— Ela não sabia que ela era uma rainha. Entre seu povo, o poder não foi herdado, mas simplesmente *nasceu*. E quando ela cresceu, sua força aumentou com ela. Ela achou que a terra em que ela morava era pequena demais para esse poder. Muito escuro e frio e sombrio. Ela tinha presentes semelhantes a muitos usados por sua espécie, mas recebera *mais*, seu poder, uma arma mais afiada e intrincada – o suficiente para ser diferente. Seu povo viu esse poder e se inclinou para ele, e ela os governou.

— A notícia se espalhou de seus presentes e três reis vieram procurar sua mão. Formar uma aliança entre o trono deles e o que ela construiu para si mesma, por menor que fosse. Por um tempo, ela pensou que seria a novidade, o desafio que ela sempre desejou. Os três reis eram irmãos, cada um deles poderoso, com seu poder vasto e aterrorizante. Ela escolheu o mais velho entre eles, não por qualquer habilidade ou graça em particular, mas por suas inúmeras

bibliotecas. O que ela poderia aprender em suas terras, o que ela poderia *fazer* com seu poder... Era esse conhecimento que ela ansiava, não o próprio rei.

Uma história estranha. As sobancelhas de Aelin se levantaram, mas sua tia continuou.

— Então eles se casaram e ela deixou seu pequeno território para se juntar a ele em seu castelo. Por um tempo, ela ficou contente, tanto pelo marido quanto pelo conhecimento que sua casa lhe oferecia. Ele e seus dois irmãos foram conquistadores, e passaram grande parte do tempo longe, dando novas terras ao trono compartilhado. Ela não se importava, não quando lhe dava liberdade para aprender como ela. Mas as bibliotecas de seu marido continham conhecimento, mesmo ele não percebia que estava dentro dele.

Conhecimento e sabedoria de mundos há muito tempo transformados em pó. Ela aprendeu que havia de fato *outros* mundos. Não o reino escuro e destruído em que eles viviam, mas mundos além disso, vivendo em cima um do outro e nunca percebendo isso. Mundos onde o sol não era um riacho agitado através das nuvens de cinzas, mas um fluxo dourado de calor. Mundos onde existia o *verde*. Ela nunca tinha ouvido falar de tal cor. Verde. Nem ouvira falar de azul – nem do tom do céu que foi descrito. Ela não podia nem imaginar isso.

Aelin franziu a testa.

— Uma existência lamentável.

Maeve assentiu sombriamente.

— Isso foi. E quanto mais ela lia sobre esses outros mundos, onde os viajantes mortos há tempos vagavam, mais ela queria vê-los.

Para conhecer o beijo do sol em seu rosto. Ouvir as canções da manhã dos pardais, o choro das gaivotas sobre o mar. O mar também era estranho para ela. Um dilúvio interminável de água, com seus próprios humores e profundidades escondidas. Tudo o que tinham em suas terras eram lagos rasos e escuros e riachos meio

secos. Então, enquanto seu marido e seus dois irmãos estavam travando outra guerra, ela começou a refletir sobre como ela poderia encontrar um caminho para um desses mundos. Como ela poderia *sair*.

— Isso é possível? — Algo a incomodou, como se de fato pudesse ser verdade, mas talvez esse fosse um dos contos de sua própria mãe, ou mesmo de Marion, puxando sua memória.

Maeve assentiu.

— Isso foi. Usando a própria linguagem da existência, portas podem ser abertas, ainda que brevemente, entre mundos. Era proibido, banido muito antes de seu marido e seus irmãos nascerem. Uma vez que o último dos antigos viajantes tinha morrido, os caminhos entre os reinos foram selados, seus métodos de caminhar pelo mundo se perderam com eles. Ou então todos pensaram. Mas no fundo da biblioteca particular de seu marido, ela encontrou os antigos feitiços. Ela começou com pequenos experimentos. Primeiro, ela abriu uma porta para o reino do descanso, para encontrar um desses viajantes e perguntar como foi feito corretamente. — Um sorriso de conhecimento. — O viajante se recusou a contar a ela. Então a rainha começou a se ensinar. Abrindo e fechando portas há muito esquecidas ou lacradas. Espiando profundamente o funcionamento do cosmos. Seu próprio mundo se tornou uma gaiola. Ela se cansou da guerra do marido, sua crueldade casual. E quando ele foi embora para a guerra, mais uma vez, a rainha reuniu suas servas mais próximas, abriu uma porta para um novo mundo e deixou aquela em que ela nasceu.

— Ela foi embora? — Aelin desabafou. — Ela – ela apenas *deixou* seu próprio mundo? Permanentemente?

— Nunca tinha sido o mundo dela, não realmente. Ela nasceu para governar os outros.

— Onde ela foi?

Esse sorriso cresceu um pouco.

— Para um mundo lindo e amável. Onde não havia guerra, nem escuridão. Não é como aquele em que ela nasceu. Ela foi feita uma

rainha lá também. Conseguiu esconder-se dentro de um novo corpo para que ninguém soubesse o que ela era por baixo, de modo que nem o próprio marido a reconheceria.

— Ele já a encontrou de novo?

— Não, embora ele procurasse. Descobriu tudo o que aprendeu e ensinou a si mesmo e a seus irmãos. Eles destruíram mundo após mundo para encontrá-la. E quando eles chegaram ao mundo onde ela tinha feito sua nova casa, eles não a conheciam. Mesmo quando eles foram para a guerra, ela não se revelou. Ela ganhou, e dois dos reis, incluindo o marido, foram banidos de volta ao seu próprio mundo. O terceiro permaneceu preso, seu poder quase quebrado. Ele se arrastou para as profundezas da terra, e a rainha vitoriosa passou sua longa e duradoura existência preparando-se para seu retorno, preparando seu *povo* para isso. Pois os três reis haviam ido além de seus métodos de caminhar pelo mundo. Eles haviam encontrado uma maneira de *abrir* permanentemente um portão entre os mundos e haviam feito três chaves para isso. Empunhar essas chaves era controlar *todos* os mundos, ter o poder da eternidade na palma da sua mão. Ela queria encontrá-los, só assim ela poderia ter a força para banir quaisquer inimigos, banir o irmão mais novo de seu marido de volta ao seu reino. Para proteger seu mundo novo e adorável. Era tudo que ela sempre quis: habitar em paz, sem a sombra de seu passado a caçando.

De longe, aquele fantasma de memória foi empurrado. Como se ela tivesse esquecido de apagar uma chama que queimava em seu quarto.

— E a rainha encontrou as chaves?

O sorriso de Maeve ficou triste.

— Você acha que ela encontrou, Aelin?

Aelin considerou. Tantos de seus bate-papos, suas lições neste vale, continham enigmas mais profundos, perguntas para ela trabalhar, para ajudá-la quando ela um dia assumisse seu trono, Rowan ao seu lado.

Como se ela o tivesse chamado, o cheiro de pinho e neve de seu parceiro encheu a clareira. Um farfalhar de asas e lá estava ele empoleirado em forma de falcão em um dos enormes carvalhos. Seu príncipe guerreiro.

Ela sorriu para ele, como fazia há semanas, quando ele veio para acompanhá-la de volta a seus aposentos no palácio do rio. Foi durante aqueles passeios da floresta até a cidade envolta em névoa que ela veio a conhecê-lo, amá-lo. Mais do que ela alguma vez amara alguma coisa.

Aelin voltou a encarar a tia.

— A rainha era inteligente e ambiciosa. Eu acho que ela poderia fazer qualquer coisa, até encontrar as chaves.

— Então você acreditaria. E ainda assim elas escaparam dela.

— Para onde elas foram?

O olhar sombrio de Maeve segurou firmemente o dela.

— Onde você acha que elas foram?

Aelin abriu a boca.

— Eu acho que...

Ela piscou. Pausada.

O sorriso de Maeve voltou, suave e gentil. Como sua tia tinha sido para ela desde o começo.

— Onde você acha que as chaves estão, Aelin?

Ela abriu a boca mais uma vez. E novamente parou.

Como uma corrente invisível a puxou de volta. Silenciou ela.

Corrente – uma corrente. Ela olhou para as mãos, os pulsos.

Como se esperasse que eles estivessem lá.

Ela nunca sentiu uma mordida na sua vida. E ainda assim ela olhou para o lugar vazio em seu pulso onde ela poderia jurar que havia uma cicatriz. Apenas a pele suave e beijada pelo sol permaneceu.

— Se este mundo estivesse em risco, se aqueles três reis terríveis ameaçassem destruí-lo, onde você iria encontrar as chaves?

Aelin olhou para a tia.

Outro mundo. Havia outro mundo. Como um fragmento de sonho, havia outro mundo e nele havia um pulso com uma cicatriz.

Tinha cicatrizes por toda parte.

E seu parceiro, empoleirado acima... Ele tinha uma tatuagem no rosto, pescoço e braço naquele mundo. Uma história triste – sua tatuagem contava uma história triste e terrível. Sobre a perda. Perda causada por uma rainha negra.

— Onde estão as chaves escondidas, Aelin?

Aquele sorriso plácido e amoroso permaneceu no rosto de Maeve. E ainda...

E ainda.

— Não — respirou Aelin.

Algo deslizou nas profundezas do olhar de sua tia.

— Não o quê?

Esta não era sua existência, sua vida. Este lugar, esses meses felizes aprendendo em Doranelle, encontrando seu parceiro...

Sangue e areia e ondas quebrando.

— Não.

Sua voz era um trovão através do vale pacífico.

Aelin mostrou os dentes, os dedos enrolando no musgo.

Maeve soltou uma risada suave. Rowan voou dos galhos para pousar no braço levantado da rainha.

Ele não lutou tanto quando ela envolveu suas finas mãos brancas ao redor do pescoço dele. E partiu.

Aelin gritou. Gritou, agarrando-se a seu peito, à ligação da parceria.



Aelin arqueou-se ao lado do altar e toda parte quebrada e rasgada de seu corpo gritou com ela.

Acima dela, Maeve sorria.

— Você gostou dessa visão, não é?

Irreal. Isso não tinha sido real. Rowan estava vivo, ele estava vivo...

Ela tentou mover o braço. Relâmpago em brasa açoitou-a e ela gritou novamente.

Apenas um rasgo quebrado saiu. Quebrado, assim como o braço dela agora estava Agora leigo...

O osso brilhou, projetando-se por mais lugares do que ela podia contar. Sangue e pele torcida, e...

Não há cicatrizes nos grilhões, mesmo com os destroços.

Neste mundo, este lugar, ela também não tinha cicatrizes.

Outra ilusão, outra cena do sonho Ela gritou novamente. Gritou com o braço arruinado, a pele sem cicatrizes, gritou com o eco persistente do laço de parceria cortado.

— Você sabe o que mais me incomoda, Aelin? — as palavras de Maeve eram suaves como as de um amante. — É que você acredita que sou a vilã nisso.

Aelin soluçou entre os dentes enquanto tentava e não conseguia mexer o braço. Ambos os braços. Ela lançou seu olhar através do espaço, este quarto real e ainda não.

Eles consertaram a caixa. Tinha soldado uma nova placa de ferro sobre a tampa. Então pelos lados. O fundo. Menos ar escorria, as horas ou dias agora passados dentro do calor quase sufocante.

Foi um alívio quando ela finalmente foi acorrentada ao altar.

Sempre que tinha sido. Se isso tivesse acontecido mesmo.

— Não tenho dúvidas de que seu consorte, Elena ou o próprio Brannon encheu sua cabeça de mentiras sobre o que farei com as chaves. — Maeve passou a mão pelo lábio de pedra do altar, através de seu sangue salpicado e fragmentos de tinta e osso. — Eu quis dizer o que eu disse. Eu gosto deste mundo. Eu não desejo destruí-lo. Apenas melhorá-lo. Imagine um reino onde não há fome, nem dor. Não é por isso que você e seus companheiros estão lutando? Um mundo melhor?

As palavras eram uma zombaria. Uma zombaria do que ela prometeu a muitos. O que ela havia prometido a Terrasen, e ainda devia.

Aelin tentou não se mover contra as correntes, contra seus braços quebrados, contra a pressão apertada que empurrava sua pele por dentro. Uma intensidade crescente ao longo de seus ossos, em sua cabeça. Um pouco mais, todos os dias.

Maeve soltou um pequeno suspiro.

— Eu sei o que você pensa de mim, Portadora do Fogo. O que você assume? Mas há algumas verdades que não podem ser compartilhadas. Até para as chaves.

No entanto, a crescente tensão estalou dentro dela, sufocando a dor... talvez pior.

Maeve segurou a bochecha sobre a máscara.

— A rainha que foi prometida. Desejo *salvá-la* desse sacrifício oferecido por uma garota obstinada. — Uma risada suave. — Eu até deixarei você ter Rowan. Vocês dois aqui juntos. Enquanto você e eu trabalhamos para salvar este mundo.

As palavras eram mentiras. Ela sabia disso, embora não conseguisse lembrar onde uma verdade terminava e a mentira começava. Se o parceiro dela pertencesse a outra antes dela. Foi doado. Ou esse foi o pesadelo?

Deuses, a pressão em seu corpo. O sangue dela.

Você não cede.

— Você pode sentir isso, mesmo agora — continuou Maeve. — O desejo do seu corpo de dizer sim. — Aelin abriu os olhos e a confusão deve ter brilhado ali, porque Maeve sorriu. — Você sabe o que ser encapsulado em ferro faz para um portador de magia? Você não sentiria isso imediatamente, mas com o passar do tempo... sua magia precisa ser liberada, Aelin. Essa pressão é a sua magia gritando que você quer se libertar dessas correntes e liberar a tensão.

Seu próprio sangue lhe diz para me dar atenção.

Verdade. Não a parte da submissão, mas a pressão profunda que ela sabia que seria pior do que qualquer dor do esgotamento. Ela sentiu isso uma vez, quando mergulhou o máximo que pôde em seu poder.

Isso não seria nada comparado a isto.

— Estou saindo por alguns dias — disse Maeve.

Aelin ficou quieta.

Maeve balançou a cabeça em uma zombaria de decepção.

— Você não está progredindo tão rapidamente quanto eu desejei, Aelin.

Do outro lado da sala, Fenrys soltou um grunhido de aviso.

Maeve não olhou mais para ele.

— Chegou ao meu conhecimento que nosso inimigo mútuo foi visto novamente nestas terras. Um deles, um príncipe Valg, estava a poucos dias daqui, perto da fronteira sul. Trouxe vários colares, sem dúvida para usar no meu próprio povo. Talvez até em mim.

Não. Não...

Maeve passou a mão pelo pescoço de Aelin, como se traçasse uma linha onde o colar iria.

— Então eu vou pegar o colar para ver o que o servo de Erawan poderia dizer por si mesmo. Eu destruí os príncipes Valg que me encontraram na primeira guerra — ela disse baixinho. Será fácil, suponho, dobrá-los à minha vontade. Bem, dobre *um* à minha vontade e arranque-o do controle de Erawan, uma vez que eu coloque o colar no pescoço.

Não.

A palavra era um canto constante, um grito crescente dentro dela.

— Eu não sei porque eu não pensei nisso antes — Maeve ponderou.

Não.

Maeve cutucou o pulso quebrado de Aelin e Aelin engoliu seu grito.

— Pense nisso. E quando eu voltar, vamos discutir minha proposição novamente. Talvez toda essa tensão crescente faça você ver com mais clareza também.

Um colar. Maeve ia pegar um colar de Pedra de Wyrd...

Maeve se virou, o vestido preto girando com ela. Ela cruzou o limiar e sua coruja voou de seu poleiro em cima da porta aberta para pousar em seu ombro.

— Tenho certeza de que Cairn encontrará maneiras de entretê-la enquanto eu estiver fora.



Ela não sabia quanto tempo ficou deitada no altar depois que os curandeiros entraram com sua fumaça de cheiro adocicado. Eles colocaram as manoplas de metal sobre ela.

A cada hora, a pressão sob sua pele aumentava. Mesmo nesse sono pesado e drogado. Como se uma vez que ela reconhecesse, não seria ignorada. Ou contida.

Seria o menor dos problemas dela, se Maeve colocasse uma colar no pescoço dela.

Fenrys sentou-se junto à parede, com uma preocupação brilhante em seus olhos quando ele piscou. *Você está bem?*

Ela piscou duas vezes. *Não.*

Não, ela não estava nem perto de estar bem. Maeve estava esperando por isso, esperando que essa pressão começasse, pior do que qualquer coisa que Cairn pudesse fazer. E com o colar que Maeve agora foi pessoalmente recuperar...

Ela não podia se deixar contemplar. Uma forma mais horrível de escravidão, uma que ela nunca poderia escapar, nunca será capaz de lutar. Não uma quebra da Portadora do Fogo, mas uma rasura.

Para tomar tudo o que ela era, poder e conhecimento, e arrancá-lo dela. Para tê-la presa dentro, enquanto ela testemunhou sua própria voz render a localização das chaves de Wyrđ. Faça o juramento de sangue para Maeve. Completamente submeta-se a ela.

Fenrys piscou quatro vezes. *Eu estou aqui, estou com você.*

Ela respondeu em espécie. *Eu estou aqui, estou com você.*

Sua magia surgiu, buscando uma saída, preenchendo as lacunas entre a respiração e os ossos. Ela não conseguia encontrar espaço para isso, não podia fazer nada para acalmá-la.

Você não cede.

Ela se concentrou nas palavras. Na voz da mãe dela.

Talvez a magia a devorasse de dentro antes que Maeve retornasse.

Mas ela não sabia como suportaria isso. Aguento mais alguns dias disso, quanto mais a próxima hora. Para aliviar a tensão, apenas uma fração...

Ela desligou os pensamentos que serpenteavam em sua mente.

Ela própria ou Maeve, ela não se importava.

Fenrys piscou de novo, a mesma mensagem repetidamente. *Eu estou aqui, estou com você.*

Aelin fechou os olhos, rezando pelo esquecimento.



— Levante-se.

Uma zombaria de palavras que ela ouviu uma vez.

Cairn estava acima dela, um sorriso torcendo seu rosto odioso.

E a luz selvagem em seus olhos...

Aelin ficou imóvel quando começou a soltar suas correntes.

Guardas entraram. Fenrys rosnou.

A pressão se contorceu contra sua pele, batendo em sua cabeça como um martelo brutal. Pior que as ferramentas de quebrar penduradas no lado de Cairn.

— Maeve quer que você se mude — ele disse, aquela luz febril crescendo enquanto ele a erguia e a levava para a caixa. Deixou-a cair com tanta força que as correntes se chocaram contra seus ossos, seu crânio. Seus olhos lacrimejaram e ela se lançou para cima, mas a tampa se fechou.

Escuridão, quente e apertada, pressionada. O gêmeo do que crescia sob sua pele.

— Com Morath se arrastando para essas praias novamente, ela quer que você se mude para um lugar mais *seguro* até que ela retorne — Cairn cantou através da tampa. Guardas grunhiram e a caixa se levantou, Aelin se mexendo, mordendo o lábio contra o

movimento. — Eu não dou a mínima para o que ela fizer para você quando ela colocar o colar de demônio em torno de sua garganta.

Mas até lá... vou tirar tudo de você, não vou? Um último pequeno divertimento para você e para mim, até que você se encontre com um novo amigo dentro de você.

Pavor enrolou em seu estômago, sufocando a pressão.

Movendo-a para outro local — ela havia alertado uma vez um jovem curador sobre isso. Tinha dito a ela se um atacante tentasse movê-la, eles definitivamente a matariam, e ela deveria tomar uma posição final antes que eles pudessem.

E isso foi sem a ameaça de uma colar de pedra de Wyrld se aproximando a cada dia que passava.

Mas Cairn não a mataria, não quando Maeve precisava dela viva.

Aelin concentrou-se em sua respiração. Dentro e fora, fora e dentro.

Não manteve o medo oleoso e agudo de tomar conta. De fazê-la começar a tremer.

— Você deve se juntar a nós, Fenrys — disse Cairn, com uma risada em sua voz quando Aelin deslizou contra o metal da caixa enquanto subiam as escadas. — Eu não quero que você perca uma batida do coração disso.

CAPÍTULO 21

Rowan conhecia todos os caminhos, viajados e escondidos, para Doranelle. Tanto o exuberante reino quanto a vasta cidade em que ele fora batizado.

O mesmo aconteceu com Gavriel e Lorcan. Eles venderam seus cavalos na noite anterior, Elide barganhando por eles. Os guerreiros feéricos eram muito reconhecíveis, e se seus rostos não fossem notados, a pura presença de seu poder seria. Poucos não saberiam quem eles eram.

Ao contrário da fronteira norte com Wendlyn, nenhum lobo selvagem guardava as estradas do sul para o reino. Mas eles ainda se mantinham escondidos, tomando caminhos meio esquecidos em sua jornada para o norte.

E quando eles estavam a poucos dias dos limites externos da cidade, eles haviam preparado sua armadilha para Maeve.

O que ele sabia que a rainha poderia não ser capaz de resistir a recuperar: colares de pedra Wyrđ.

Aelin ainda não havia quebrado. Ele sabia disso, sentira isso.

Provavelmente estaria deixando Maeve louca. Assim, a tentação de usar um dos colares de pedra de Wyrđ, a arrogância que ele sabia que Maeve possuía permitiria que ela acreditasse que poderia controlar o demônio interior, arrancá-lo do próprio Erawan... de fato seria uma oportunidade muito grande para a rainha passar por cima.

Então eles começaram com rumores, alimentados por Elide em tavernas e mercados, nos lugares onde Rowan sabia que os espiões de Maeve estariam escutando. Sussurros de uma guarnição feérica que havia capturado um príncipe Valg – os estranhos colares que

encontraram nele. A localização: um posto avançado afastado. As coleiras: qualquer um é para levar.

Ele não se incomodou em rezar aos deuses para que Maeve se caísse nisso. Que ela não enviasse um de seus espiões para recuperar os colares ou confirmar sua existência. Um jogo de bobo, mas o único que eles poderiam fazer.

E quando eles escalaram as íngremes colinas do sul que lhes ofereciam finalmente uma visão da cidade velada pela noite, o coração de Rowan tropejou no peito. Eles podem não ter as habilidades de camuflagem de Maeve, mas sem o juramento de sangue, eles poderiam permanecer indetectáveis.

Embora os olhos de Maeve estivessem por toda parte, sua rede de poder se espalhou por toda a terra. E muitas outras.

Sua respiração foi trabalhada enquanto eles se arrastavam até a mais alta das colinas arborizadas. Havia outros caminhos para a cidade, sim, mas nenhum que oferecesse uma visão do terreno diante deles. Rowan não arriscou voar, não quando patrulhas atentas sem dúvida procuravam um falcão de cauda branca, mesmo sob a cobertura da escuridão.

Apenas trinta metros até o cume agora.

Rowan continuou subindo, os outros logo atrás.

Ela estava aqui. Ela esteve aqui o tempo todo. Se eles viessem diretamente para Doranelle...

Ele não se deixou considerar isso. Não quando ele limpou o topo da colina.

Sob o sol de uma lua, a cidade de pedras cinzentas era banhada em branco, coberta de névoa dos rios e cachoeiras circundantes. Elide, em meio a ela ofegante, arquejou.

— Eu, eu pensei que seria como Morath — ela admitiu.

A cidade serena ficava no coração de uma bacia fluvial.

Lanternas ainda brilhavam apesar da hora tardia, e ele sabia que em algumas praças a música estaria tocando.

Casa. Ou era. Seus cidadãos ainda eram seu povo, quando ele se casou com uma rainha estrangeira? Quando ele lutou e matou

muitos deles nas águas de Eyllwe? Ele não procurava as bandeiras pretas de luto pendurados em tantas janelas.

Ao lado dele, ele sabia que Lorcan e Gavriel estavam evitando contá-las também. Durante séculos, eles conheceram essas pessoas, viviam entre eles. Chamava-os de amigos.

Mas alguém sabia quem estava no meio deles? Eles ouviram os gritos dela?

— Esse é o palácio — disse Gavriel para Elide, apontando para o aglomerado de cúpulas e edifícios elegantes na borda leste, ao longo do labelo da enorme cachoeira.

Nenhum deles falou enquanto examinavam o prédio alinhado por colunas que abrigava os aposentos privados da rainha. E suas próprias suítes. Nenhuma luz queimava por dentro.

— Isso não confirma nada — disse Lorcan. — Se Maeve saiu, ou se Aelin permanece.

Rowan ouviu o vento, cheirou, mas não sentiu nada.

— A única maneira de confirmar também é entrar na cidade.

— Essas duas pontes são o único caminho? — Elide franziu o cenho para as pontes gêmeas de pedra nos lados sul e norte de Doranelle. Ambas abertas, ambas visíveis por quilômetros ao redor.

— Sim — disse Lorcan, sua voz firme.

O rio era muito largo, selvagem demais para nadar. E se existissem outras maneiras, Rowan nunca as aprendera.

— Devemos fazer uma ampla varredura da bacia — disse Lorcan, estudando a cidade no coração da planície. Ao norte, os contrafortes da floresta corriam para a imponente parede das montanhas cambrianas. Para o oeste, a planície rolou para terras agrícolas, infinitas e abertas, para o mar. E no leste, além da cachoeira, a planície coberta de grama rendeu-se a florestas antigas, mais montanhas além delas.

Suas montanhas. O lugar que ele já chamou de casa, onde a casa da montanha ficava até ser queimada. Onde ele enterrou Lyria e esperava que um dia fosse enterrado para descansar.

— Também precisamos de uma estratégia de saída — disse Rowan, embora já estivesse considerando isso. Para onde correr depois. Maeve enviaria seu melhores para caçá-los.

Isso uma vez o incluiu. Ele tinha sido enviado para rastrear e despachar os feéricos, que se tornavam monstruosos demais para Maeve, feéricos de estômago-sujo, que não tinha mais negócios com ela. Ele treinou os caçadores que Maeve agora libertaria. Ensinara-lhes os caminhos velados, os lugares que os feéricos preferiam esconder.

Ele nunca considerou que algum dia seria usado contra ele.

— Nós levaremos um dia — disse Lorcan.

Rowan levantou um olhar frio para ele.

— Um dia é mais do que podemos poupar.

Aelin estava lá embaixo. Nessa cidade. Ele sabia disso, podia sentir isso. Ele estava mergulhando em seu poder nos últimos dois dias, preparando-se para o assassinato que ele desencadearia, o vôo que eles fariam. A tensão de segurá-la de volta puxou-o, em qualquer controle prolongado.

Lorcan disse:

— Pagaremos por um plano apressado se não aproveitarmos o tempo. Sua parceira também vai pagar.

O controle de seu ex-comandante também estava na ponta de uma faca. Até mesmo Gavriel, calmo e firme, estava andando de um lado para o outro. Todos eles haviam descido ao seu poder, retirando-o das próprias escórias.

Mas Lorcan estava certo. Rowan diria o mesmo se suas posições fossem invertidas.

Gavriel apontou para um afloramento rochoso no morro abaixo deles.

— Está protegido da vista. Acampamos lá esta noite, fazemos nossas avaliações amanhã. Descansar um pouco.

A ideia era repugnante. Dormir enquanto Aelin estava a poucos quilômetros de distância. Seus ouvidos esticaram, como se ele pudesse pegar seus gritos no vento. Mas Rowan disse:

— Tudo bem.

Ele não precisou declarar que não arriscaria uma fogueira. O ar estava frio, mas suave o suficiente para que pudessem sobreviver.

Rowan desceu o rosto da colina, oferecendo uma mão para Elide para ajudá-la a sair do perigoso e rochoso mergulho. Ela pegou a mão dele com dedos trêmulos.

Ainda assim ela não se recusou a ir com eles, para fazer nada disso.

Rowan encontrou outro ponto de apoio antes de se virar para ajudá-la.

— Você não precisa ir para a cidade. Nós vamos decidir sobre a rota de fuga e você pode nos encontrar lá.

Quando Elide não respondeu, Rowan olhou para ela.

Seus olhos não estavam nele. Mas na cidade a frente.

Amplamente de terror. Seu perfume ficou encharcado nele.

Lorcan estava lá em um piscar de olhos, a mão no ombro dela.

— O que é...

Rowan se virou para a cidade. O topo da colina era uma fronteira.

Não dos limites da cidade, mas de uma ilusão. Uma ilusão bonita e idílica para qualquer escoteiro de suas margens. Pois o que agora cercava a cidade por todos os lados, até mesmo na planície oriental...

Um exército. Um grande exército estava acampado ali.

— Ela convocou a maioria de suas forças — Gavriel respirou, o vento chicoteando seu cabelo em seu rosto.

Rowan contou as fogueiras que cobriam o terreno escuro como um manto de estrelas. Ele nunca tinha visto um anfitrião feérico tão reunido. Aqueles que ele e o caldeirão levaram à guerra não chegaram perto.

Aelin poderia estar em qualquer lugar nessa força. Nos campos ou na própria cidade.

Eles precisariam ser inteligentes. Astutos. E se Maeve não tivesse caído na diversão...

— Ela trouxe um exército para nos manter fora? — Elide perguntou.

Lorcan olhou para Rowan, seus olhos escuros cheios de advertência.

— Ou para manter Aelin dentro.

Rowan examinou o exército acampado. O que aqueles que moravam em Doranelle, que raramente viam qualquer tipo de força além dos guerreiros que às vezes andavam pela cidade, faziam do hospedeiro?

— Temos aliados na cidade — Gavriel ofereceu. — Nós poderíamos tentar fazer contato. Saber onde está Maeve, o que o anfitrião se reuniu aqui para fazer. Se houve alguma menção a Aelin.

O tio de Rowan, Ellys, o chefe de sua casa, permaneceu quando a armada de Maeve tinha navegado. Um macho duro, um macho esperto, mas leal. Ele treinou Enda à sua imagem, para ser um cortesão de mente afiada. Mas ele também treinou Rowan quando pôde, dando a ele algumas de suas primeiras lições de esgrima. Ele cresceu na casa de seu tio, e tinha sido o único lar que conhecera até encontrar aquela montanha. Mas a lealdade de Ellys se voltaria para Maeve ou para sua própria linhagem, especialmente na esteira da traição da Casa de Whitethorn em Eyllwe?

Seu tio já pode estar morto. Maeve poderia tê-lo castigado em nome de todos os primos que Rowan implorou para ajudá-los. Ou Ellys, procurando reentrar nas boas graças de Maeve depois de sua traição, poderia vendê-las antes que pudessem encontrar Aelin.

E quanto aos outros, os poucos aliados que eles poderiam ter...

— Maeve é capaz de se infiltrar na mente de uma pessoa — disse Rowan. — Ela provavelmente sabe quem são nossos aliados e pode já ter comprometido eles. — Ele apoiou a mão no punho de Goldryn, o metal quente um toque reconfortante. — Não nos arriscamos.

Lorcan grunhiu seu acordo.

Elide disse:

— Maeve não me conhece – ou mal sabe. Ninguém aqui me reconheceria, especialmente se eu puder... ajustar minha aparência.

Como eu fiz espalhando essas mentiras sobre o príncipe Valg. Eu poderia tentar entrar na cidade amanhã e ver se há algo para aprender.

— Não.

A resposta de Lorcan foi uma faca no escuro.

Elide disse a ele, fria e imperturbável.

— Você não é meu comandante. Você não está na minha corte.

Ela se virou para Rowan. Mas *e/e* estava.

Ele passou por ela. Rowan tentou não recuar. Aelin havia colocado isso em cima dele.

Lorcan sibilou.

— Ela não sabe o layout da cidade, não sabe como lidar com os guardas...

— Então nós a ensinamos — Gavriel interrompeu. — Esta noite.

Nós ensinamos a ela o que sabemos.

Lorcan mostrou os dentes.

— Se Maeve permanecer em Doranelle, ela vai farejá-la.

— Ela não vai — disse Elide.

— Ela encontrou você naquela praia — retrucou Lorcan.

Elide levantou o queixo.

— Eu vou para a cidade amanhã.

— E o que você vai fazer? Perguntar se Aelin Galathynius está se pavoneando pela cidade? Perguntar se Maeve está disponível para o chá da tarde? — O grunhido de Lorcan rasgou o ar.

Elide não recuou por um instante.

— Eu vou perguntar sobre Cairn.

Todos eles se aquietaram. Rowan não tinha certeza se ele a ouvira corretamente.

Elide os examinou com firmeza.

— Certamente uma mulher jovem e mortal pode perguntar sobre um homem feérico que a abandonou.

Lorcan ficou pálido como a lua acima deles.

— Elide. — Quando ela não respondeu, Lorcan girou para Rowan.

— Vamos explorar, há outro jeito de...

Elide apenas disse a Rowan.

— Encontramos Cairn e encontramos Aelin. E veremos se Maeve permanece.

O medo não mais floresceu nos olhos de Elide. Nenhum vestígio permaneceu em seu perfume.

Então Rowan assentiu, mesmo quando Lorcan ficou tenso.

— Boa caçada, Lady.

CAPÍTULO 22

As planícies cobertas de neve de Terrasen corriam para o sul, até os contrafortes que se estendiam até o horizonte.

No início deste verão, Lysandra cruzou os contrafortes com seus companheiros - com sua rainha.

Tinha assistido Aelin subir e subir para a pedra de granito esculpida que se projetava do topo. O marcador da fronteira entre Adarlan e Terrasen. Sua amiga deu um passo além da pedra e estava em casa.

Talvez isso fizesse Lysandra uma tola, mas ela não tinha percebido que na próxima vez que ela visse o sopé novamente, usando as penas de um pássaro, seria em guerra.

Ou como um batedor de um exército de milhares de soldados fortes, marchando muito atrás dela. Ela deixou o Aedion para descobrir como explicar o desaparecimento repentino de Aelin quando partiu para essa missão de reconhecimento. Para descobrir onde eles poderiam finalmente interceptar as legiões de Morath – e dar ao general uma visão do terreno à frente.

Feéricos batedores em suas próprias formas aviárias tinham voado para o oeste e leste para ver o que eles poderiam aprender também.

As asas de seu falcão prateado agitaram o vento amargo, fazendo-a voar com uma velocidade que disparou relâmpagos líquidos em seu coração. Além do leopardo fantasma, essa forma se tornou uma das favoritas. Rápido, elegante, vicioso – este corpo foi construído para enfrentar os ventos, para atropelar a presa.

A neve tinha parado, mas o céu permaneceu cinzento, nem uma sugestão do sol para aquecê-los. O frio era uma preocupação secundária, suportável por suas camadas de penas.

Por longos quilômetros, ela voou e voou, examinando o terreno vazio. As aldeias pelas quais passaram durante o verão haviam sido esvaziadas, seus habitantes fugindo para o norte. Ela rezou para que eles encontrassem um porto seguro antes das neves, que os portadores de magia dentro dessas aldeias se afastassem das redes de Morath. Havia uma garota em uma das cidades que fora abençoada com um poderoso presente de água – se ela e sua família tivessem sido levadas para trás das grossas paredes de Orynth?

Lysandra pegou uma corrente ascendente e subiu mais alto, o horizonte revelando mais de si mesmo. O primeiro dos contrafortes passava abaixo, cordilheiras de luz e sombra sob o céu nublado.

Conseguir o exército sobre eles não seria uma tarefa simples, mas a Devastação tinha lutado perto daqui antes. Eles, sem dúvida, conheciam o caminho, apesar dos montes de neve empilhados nas cavidades.

O vento gritou, empurrando para o norte. Como se a impedisse de voar para o sul. Implorando para ela não continuar.

Colinas coroadas com pedras apareceram – as antigas marcas da fronteira. Ela passou por eles. Algumas horas demoraram até a escuridão cair. Ela voaria até que a noite e o frio a tornassem incapaz, e encontraria alguma árvore para se agachar até que ela pudesse voltar a explorar a madrugada.

Ela navegou mais ao sul, o horizonte sombrio e vazio.

Até que não foi.

Até que ela viu o que marchou em direção a eles e quase caiu do céu.

Ren ensinou-a a contar os soldados, mas ela perdeu a trilha toda vez que tentava conseguir um número nas linhas limpas que passavam pelas planícies do norte de Adarlan. Bem em direção ao sopé que abarcava os dois territórios.

Milhares. Cinco, dez, quinze mil. Mais.

De novo e de novo, ela tropeçou em contar. Vinte e trinta.

Lysandra subiu mais alto no céu. Mais alto, porque ilken alados voaram com eles, voando baixo sobre as tropas de blindados negros, monitorando tudo o que passava abaixo.

Quarenta. Cinquenta.

Cinquenta mil soldados, supervisionados por ilken.

E entre eles, a cavalo, cavalgavam homens jovens de rosto bonito. Colares pretos na garganta, acima da armadura.

Príncipes Valg. Cinco no total, cada um comandando uma legião.

Lysandra contou a força novamente. Três vezes.

Cinquenta mil soldados. Contra os vinte e cinco mil que eles haviam reunido.

Um dos ilken avistou-a e agitou-se para cima.

Lysandra inclinou-se com força e voltou para o norte, as asas batendo como o inferno.



Os dois exércitos se encontraram nos campos cobertos de neve do sul de Terrasen.

O general-príncipe de Terrasen ordenou que esperassem, em vez de correr para encontrar as legiões de Morath. Permitir que as hordas de Erawan se esgotassem nas colinas e enviassem uma força avançada dos Assassinos Silenciosos para apanhar os soldados que lutavam em meio aos solavancos e cavidades.

Apenas alguns dos assassinos retornaram.

O poder sombrio dos príncipes Valg se espalhou, devorando tudo em seu caminho.

E ainda, a Portadora de Fogo não explodiu o Valg em cinzas.

Não fez nada além de cavalgar ao lado de seu primo.

Ilken desceu em seu acampamento à noite, desencadeando o caos e o terror, destruindo soldados com suas garras escorregadias antes de fugir para os céus.

Eles arrancaram as antigas pedras de fronteira de suas colinas gramadas quando passaram para Terrasen.

Quase sem fôlego, imperturbável pela neve, e dificilmente reduzido, o exército de Morath deixou o último dos contrafortes.

Eles correram pelas encostas, uma onda negra invadindo a terra. Bem nas lanças e escudos da Devastação, a magia dos soldados feéricos mantém o poder dos príncipes Valg na baía.

Não podia resistir aos filhotes, no entanto. Eles passaram por ele como teias de aranha em uma porta, alguns vomitando seu veneno para *derreter* a magia.

Então os ilken aterrissaram, ou quebraram completamente suas defesas. E mesmo um metamorfo na forma de uma serpente alada armado com espinhos envenenados não poderia derrubá-los.

Mesmo um general-príncipe com uma espada antiga e instintos feéricos não podia cortar o pescoço com rapidez suficiente.

No caos, ninguém notou que a Portadora do Fogo não apareceu. Que nem uma brasa de sua chama brilhava na noite gritante.

Então os soldados chegaram até eles.

E aquele exército de pedras começou a se dividir.

O flanco direito quebrou primeiro. Um príncipe valg desencadeou seu poder, homens mortos em seu rastro. Isso levou Ilias dos Assassinos Silenciosos se esgueirando atrás das linhas inimigas para decapitá-lo para o massacre a estancar.

As linhas centrais da Devastação se mantinham, mas eles perdiam jardim após jardim, para garras e presas e espadas e escudos. Tantos inimigos que a realeza dos feéricos e seus parentes não conseguiram sufocar o ar de suas gargantas com rapidez suficiente, o bastante. Quaisquer que sejam os avanços que a magia dos feéricos comprou, não retardaram Morath por muito tempo.

As feras de Morath os empurraram para o norte naquele primeiro dia. E na noite.

E de madrugada no dia seguinte.

Ao cair da noite no segundo, até mesmo a linha da Devastação se dobrou.

Ainda assim, Morath não parou de vir.

CAPÍTULO 23

Elide nunca tinha visto um lugar como Doranelle.

A cidade dos rios, eles chamaram. Ela nunca imaginou que uma cidade poderia ser construída no coração de várias enquanto elas se encontravam e se derramavam em uma poderosa bacia.

Ela não deixou o espanto aparecer em seu rosto enquanto ela caminhava pelas ruas sinuosas e limpas.

O medo era outro companheiro que ela mantinha à distância.

Com o olfato aguçado do feérico, eles podiam detectar coisas como emoção. E embora uma boa dose de medo ajudasse em seu disfarce, muito significaria sua morte.

No entanto, este lugar *parecia* um paraíso. Flores rosa e azuis pendiam das janelas; pequenos canais se estendiam entre algumas ruas, transportando pessoas em barcos longos e brilhantes.

Ela nunca tinha visto tantos feéricos, nunca tinha pensado que eles seriam totalmente normais. Bem, o mais normal possível, com sua graça e aqueles ouvidos e presas. Junto com os animais correndo ao redor dela, passando por tantas formas que ela não conseguia rastreá-los. Tudo perfeitamente contente para cuidar de seus negócios diários, comprando de tudo, de pães crocantes a jarros de algum tipo de óleo a faixas vibrantes de tecido.

Ainda dominando tudo, agachada no palácio no lado oriental de Doranelle, estava Maeve. E essa cidade, dissera Rowan a Elide, fora construída em pedra para impedir que Brannon ou qualquer de seus descendentes a derrubasse ao chão.

Elide lutou contra o manco que crescia a cada passo da cidade – mais longe da magia de Gavriel. Ela os deixou no sopé da floresta

onde eles acamparam na noite anterior, e Lorcan tentou novamente argumentar contra ela. Mas ela vasculhou seus vários pacotes até encontrar o que precisava: bagas que Gavriel havia recolhido ontem, um cinto extra e uma capa verde-escura de Rowan, uma camisa branca amarrotada de Lorcan e um pequeno espelho que ele usava para fazer a barba.

Ela não disse nada quando encontrou as tiras brancas de linho no fundo da bolsa de Lorcan. Esperando pelo próximo ciclo. Ela não conseguiu encontrar as palavras, de qualquer forma. Não com o que iria afundar em peito por sequer pensar neles.

Elide manteve os ombros soltos, embora seu rosto permanecesse apertado enquanto ela se detinha na borda de uma linda praça ao redor de uma fonte borbulhante. Vendedores e compradores passeavam conversando ao sol do meio da manhã.

Elide fez uma pausa na entrada arqueada da praça, colocando-a de volta, e tirou o pequeno espelho do bolso da capa, tomando cuidado para não empurrar as facas escondidas lá também.

Ela abriu o compacto, franzindo a testa para o reflexo dela – metade da expressão não totalmente falsificada. Ela esmagou as frutas ao amanhecer e cuidadosamente alinhou seus olhos com os sucos, tornando-os vermelhos e de aparência miserável. Como se ela estivesse chorando há semanas.

De fato, o rosto que fez cara feia para ela foi bastante infeliz.

Mas não foi o reflexo que ela queria ver. Mas sim o quadrado atrás dela. Examiná-la seriamente poderia levantar muitas questões, mas se ela estivesse apenas olhando para um espelho compacto, não mais do que uma garota autoconsciente tentando consertar sua aparência esgotada... Elide alisou alguns fios de cabelo enquanto monitorava o quadrado além.

Um tipo de hub. Duas tabernas ladeavam seus lados, a julgar pelos barris de vinho que serviam como mesas em frente e os copos vazios em cima deles, ainda a serem recolhidos. Entre as duas tavernas, uma parecia atrair mais homens, alguns em roupas de

guerreiro. Dos três quadrados que ela visitou, as tavernas que ela viu, essa era a única com soldados.

Perfeito.

Elide alisou o cabelo de novo, fechou o estojo e voltou para a praça, erguendo o queixo. Uma garota tentando reunir alguma dignidade.

Deixe-os ver o que eles queriam ver, deixe-os olhar para a camisa branca que ela vestiu em vez da jaqueta de couro das bruxas, a capa verde pendurada no meio do cinto, e a achar uma viajante fora de moda. Uma garota longe de seu elemento nesta linda e bem vestida cidade.

Ela se aproximou dos sete feéricos que estavam do lado de fora da taverna, avaliando quem falava mais, riu mais alto, com quem os cinco machos e duas fêmeas frequentemente se viravam. Uma das fêmeas não era uma guerreira, mas vestia calças femininas macias e uma túnica azul-centáurea que encaixava sua figura exuberante como uma luva.

Elide marcou aquele a quem pareciam olhar mais em confirmação e esperança de aprovação. Uma fêmea de ombros largos, o cabelo escuro cortado perto da cabeça. Ela usava armadura nos ombros e pulsos – mais finos do que os outros homens usavam.

Sua comandante, então.

Elide se demorou a alguns metros de distância, com a mão levantando-se para agarrar sua capa onde ela se estendia sobre seu coração, a outra mexendo no anel de ouro em seu dedo, a inestimável herança pouco mais do que a lembrança de um amante.

Mordendo o lábio, lançou olhos incertos e hesitantes nos soldados, na taverna. Fungou um pouco.

A outra fêmea – a que estava nas finas roupas azuis – notou-a primeiro.

Ela era linda, Elide percebeu. Seu cabelo escuro caindo em uma trança grossa e lustrosa nas costas, sua pele marrom-dourada brilhava com uma luz interior. Seus olhos eram suaves com bondade.

E preocupação.

Elide aceitou essa preocupação como convite e tropeçou para eles, curvando a cabeça.

— Eu... eu... me desculpe interromper — ela desabafou, falando mais para a beleza de cabelos escuros.

A gagueira sempre deixara as pessoas desconfortáveis, sempre as tornara tolamente desprevenidas e ansiosas para fugir. Para dizer a ela o que ela precisava saber.

— Tem alguma coisa errada? — A voz da fêmea era rouca — adorável. O tipo de voz que Elide sempre imaginou grandes belezas possuindo, o tipo de voz que fazia os homens caírem sobre si mesmos. Do jeito que alguns dos homens ao redor dela estavam sorrindo, Elide não tinha dúvida de que a fêmea também tinha esse efeito sobre eles.

Elide balançou o lábio, mastigou.

— Eu estava procurando alguém. Ele disse que estaria aqui, mas... — Ela olhou para os guerreiros e brincou com o anel em seu dedo novamente. — Eu vi seus uniformes e pensei que vocês poderiam conhecê-lo.

A alegria da pequena companhia havia desaparecido, substituída pela cautela. E pena — da beleza. Ou da gagueira ou o que eles tão claramente viram: uma jovem mulher ansiando por um amante que provavelmente não estava lá.

— Qual é o nome dele? — Perguntou a mulher mais alta, talvez a irmã da outra, a julgar pela mesma pele escura e pelos cabelos escuros.

Elide engoliu em seco o suficiente para fazer sua garganta arrepiar-se pateticamente.

— Eu... eu odeio incomodá-los — ela contestou. — Mas todos vocês pareciam muito g... g... gentis.

Um dos homens murmurou alguma coisa sobre pegar outra rodada de bebidas, e dois de seus companheiros decidiram se juntar a ele. Os dois machos que permaneciam pareciam inclinados a ir também, mas um olhar penetrante da comandante fez com que ficassem.

— Não é um incômodo — disse a beleza, acenando com a mão bem cuidada. Ela era tão baixa quanto Elide, embora ela se carregasse como uma rainha. — Você gostaria que nós buscássemos alguma bebida para você?

As pessoas eram fáceis de elogiar, fáceis de enganar, independentemente de terem orelhas pontudas ou redondas.

Elide se aproximou.

— Não, obrigada. Eu não gostaria de incomodar você.

As narinas da fêmea se alargaram quando Elide parou perto o suficiente para tocá-la. Sem dúvida, cheirando as semanas na estrada. Mas ela educadamente não disse nada, embora seus olhos percorressem o rosto de Elide.

— O nome do seu amigo — insistiu a comandante, com a voz rouca ao contrário da da irmã.

— Cairn — Elide sussurrou. — O nome dele é Cairn.

Um dos homens praguejou; a outra examinou Elide da cabeça aos pés.

Mas as duas fêmeas ficaram imóveis.

— E... ele serve a rainha — disse Elide, olhos saltando de cara a cara, o retrato da esperança. — Vocês conhecem ele?

— Nós o conhecemos — disse a comandante, com o rosto sombrio. — Você, você é amante dele?

Elide quis que seu rosto se rubrasse, pensando em todos os momentos mortificantes na estrada: seu ciclo, tendo que explicar quando precisava se aliviar...

— Preciso falar com ele — foi tudo o que Elide disse. Aprender o paradeiro de Maeve viria mais tarde.

A beleza de cabelos escuros disse um tom muito baixo:

— Qual é o seu nome, criança?

— Finnula — Elide mentiu, nomeando sua babá.

— Aqui está um pouco de conselho — o segundo macho falou, tomando sua cerveja. — Se você escapou de Cairn, não vá procurá-lo novamente.

Seu comandante lançou-lhe um olhar.

— Cairn é jurado a nossa rainha.

— Ainda faz dele um idiota — disse o homem.

A fêmea rosou, de maneira tão cruel que o macho sabiamente foi ver suas bebidas.

Elide fez seus ombros se curvarem para dentro.

— Você... você o conhece, então?

— Cairn deveria encontrá-la aqui? — A beleza perguntou em seu lugar.

Elide assentiu.

As duas fêmeas trocaram olhares. A comandante disse:

— Não sabemos onde ele está.

Mentira. Ela viu o olhar entre elas, entre as irmãs. A decisão de não contar a ela, para proteger a garota mortal indefesa que eles acreditavam que ela fosse, ou por alguma lealdade a ele. Ou talvez para todos os feéricos que decidiram encontrar leitões em reinos mortais e depois ignorar as consequências meses depois. Lorcan fora o resultado de tal união e depois descartado à mercê dessas ruas.

O pensamento foi o suficiente para fazê-la trincar os dentes, mas Elide manteve a mandíbula relaxada.

Não fique com raiva, Finnula ensinou-a. Seja esperta.

Ela anotou isso. Não parecer muito patética na próxima taverna.

Ou como um amante abandonada que possa estar carregando seu filho.

Pois ela teria que ir para outra. E se ela obtivesse uma resposta da próxima vez, ela teria que ir para outra depois disso para confirmar.

— A... a rainha está em casa? — Elide disse, aquela suplicante voz choramingando em seus próprios ouvidos. — Ele disse que viaja com ela agora, mas se ela não está aqui...

— Sua Majestade não está em casa — disse a comandante, o suficiente para que Elide soubesse que sua paciência estava se esgotando. Elide não permitiu que seus joelhos se dobrassem, não permitiu que seus ombros caíssem com nada além do que eles

consideravam ser um desapontamento. — Mas onde Cairn está, como eu disse, nós não sabemos.

Maeve não estava aqui. Eles tinham isso a seu favor, pelo menos. Se foi sorte ou devido a sua própria armadilha, ela não se importava. Mas Cairn... Ela não aprenderia nada mais com essas fêmeas. Então Elide inclinou a cabeça.

— Ob... obrigada.

Ela recuou antes que as fêmeas pudessem dizer mais, e fez um bom espetáculo esperando na fonte por cinco minutos. Quinze. O relógio na praça bateu a hora, e ela sabia que ainda estavam observando enquanto fazia sua melhor tentativa de caminhar desanimada até a outra entrada da praça.

Ela manteve-se por alguns quarteirões, vagando sem direção, até que ela se abaixou em uma passagem estreita e soltou um suspiro.

Maeve não estava em Doranelle. Quanto tempo isso permaneceria verdadeiro?

Ela tinha que encontrar Cairn – rapidamente. Ela tinha que fazer sua próxima performance valer a pena.

Ela precisaria ser menos patética, menos carente, menos chorosa. Talvez ela tivesse acrescentado muita vermelhidão ao redor dos olhos.

Elide pegou o espelho. Passando o mindinho debaixo de um olho, ela esfregou algumas das manchas vermelhas. Não se moveu.

Umedecendo a ponta do mindinho com a língua, ela correu o dedo pela pálpebra inferior novamente. Diminuiu ligeiramente.

Ela estava prestes a fazê-lo novamente quando o movimento brilhou no espelho.

Elide se virou, mas tarde demais.

A beleza de cabelos escuros da taverna estava atrás dela.



Lorcan nunca sentiu o peso das horas tão pesadamente sobre ele.

Enquanto ele explorava a fronteira sul daquele exército, observando os soldados em suas rotações, observando as principais

artérias do campo, ele manteve um olho na cidade.

Sua cidade, ou tinha sido. Ele nunca imaginou, mesmo durante a infância que ele passou sobrevivendo em suas sombras, que se tornaria uma fortaleza inimiga. Que Maeve, enquanto ela o açoitava e punia por qualquer desafio ou por sua própria diversão, se tornaria um inimigo tão grande quanto Erawan. E mandar Elide para as garras de Maeve – foi preciso toda a vontade dele para deixá-la ir embora.

Se Elide foi capturada, se ela foi descoberta, ele não ouviria, saberia disso. Ela não tinha mágica para empunhar, a não ser pelos olhos aguçados da deusa em seu ombro e uma habilidade misteriosa de permanecer despercebida, para jogar dentro das expectativas.

Não haveria flash de poder, nenhum sinal para alertá-lo de que ela estava em perigo.

Mas ele ficou longe. Tinha assistido ela cruzar aquela ponte mais cedo, a respiração dele apertada no tórax dele, e passe inquestionável e despercebido pelos guardas postados a um ou outro fim. Enquanto Maeve não permitia que semi-feéricos ou humanos vivessem dentro das fronteiras de Doranelle sem provar seu valor, eles ainda podiam visitar – brevemente.

Então ele foi sobre o escotismo. Ele sabia que Whitethorn tinha ordenado que ele estudasse a borda sul, essa borda, porque era precisamente onde ela emergiria. Se ela emergisse.

Whitethorn e Gavriel haviam dividido os outros campos, o príncipe reclamando o oeste e o norte, o Leão levando o acampamento oriental acima da bacia da cachoeira.

O sol da tarde estava afundando em direção ao mar distante quando voltaram para sua pequena base.

— Alguma coisa? — A pergunta de Rowan ressoou para eles.

Lorcan sacudiu a cabeça.

— Não de Elide, não do meu escotismo. As rotações das sentinelas são rígidas, mas não impenetráveis. Eles postaram batedores nas árvores seis milhas acima. — Ele conheceu alguns deles. Tinha comandado eles. Eles eram agora seus inimigos?

Gavriel se moveu e caiu em uma pedra, igualmente sem fôlego.

— Eles têm patrulhas aéreas no campo leste. E sentinelas na fronteira da floresta.

Rowan encostou-se a um pinheiro imenso e cruzou os braços.

— Que tipo de pássaros?

— Raptors, principalmente — disse Gavriel. — Soldados altamente treinados, então. Eles sempre foram os mais inteligentes dos batedores. — Eu não reconheci nenhum da sua casa.

Ou eles estavam todos naquela armada, agora em Terrasen, ou Maeve os havia abatido.

Rowan passou a mão pelo queixo.

— O acampamento plano ocidental é tão bem guardado. O norte, menos, mas os lobos nos passes provavelmente estão fazendo metade do trabalho para eles.

Eles não se preocuparam em discutir o que o exército poderia ter reunido para fazer. Onde poderia estar indo? Se a derrota de Maeve na costa de Eyllwe pudesse ser o suficiente para levá-la a uma aliança com Morath – e trazer esse exército para finalmente esmagar Terrasen.

Lorcan contemplou a encosta arborizada, os ouvidos esforçando-se por encontrar galhos ou folhas quebrados.

Meia-hora. Ele esperaria meia hora antes de descer aquela colina.

Ele se forçou a ouvir Whitethorn e Gavriel estabelecer pontos de entrada e estratégias de saída para cada campo, forçou-se a participar desse debate. Forçou-se a discutir também as possíveis entradas e saídas da própria Doranelle, onde poderiam ir à cidade, como poderiam atravessar e voltar sem trazer ira daquele exército.

Um exército que eles já supervisionaram e comandaram. Nenhum deles mencionou isso, embora Gavriel continuasse olhando para as tatuagens pintadas em suas mãos. Quantas vidas a mais ele precisaria acrescentar antes de terminar? Seus soldados não foram abatidos por golpes inimigos, mas por sua própria espada?

O sol avançou mais perto do horizonte. Lorcan começou a andar de um lado para o outro.

Demorando demais. Estava demorando demais.

Os outros também ficaram em silêncio. Olhando para baixo da colina. Esperando.

Um ligeiro tremor sacudiu as mãos de Lorcan, e ele fechou os punhos, apertando com força. Cinco minutos. Ele iria em cinco minutos, maldita seja Aelin Galathynius e seu plano.

Aelin havia sido treinado para suportar a tortura. Elide... Ele podia ver aquelas cicatrizes nela dos grilhões. Ver seu pé e tornozelo machucados. Ela já havia sofrido muito sofrimento e terror. Ele não podia permitir que ela enfrentasse outro batimento cardíaco disso...

Galhos quebraram sob os pés claros e Lorcan se levantou, uma mão indo para sua espada.

Whitethorn folheou o machado ao seu lado, uma faca aparecendo na outra mão, e Gavriel desembainhou a espada.

Mas então um apito de duas notas ecoou, e as pernas de Lorcan tremeram tão violentamente que ele se sentou de volta na rocha onde estava empoleirado.

Gavriel assobiou de volta, e Lorcan ficou grato por isso. Ele não tinha certeza de ter respirado.

Então ela estava lá, ofegante da escalada, suas bochechas rosadas no ar fresco da noite.

— O que aconteceu? — Whitethorn perguntou.

Lorcan examinou seu rosto, sua postura.

Ela estava bem. Ela estava ilesa. Não havia inimigo no rastro dela.

Os olhos de Elide encontraram os dele. Desconfiada e incerta.

— Eu conheci alguém.



Elide pensara que ela estava prestes a morrer.

Ou pelo menos acreditava que ela seria vendida para Maeve quando enfrentasse a beleza de cabelos escuros no beco sombrio.

Ela disse a si mesma, nesses batimentos cardíacos, que faria o melhor para resistir à tortura, para manter em segredo a localização de seus companheiros, mesmo que eles quebrassem o corpo dela.

Mas a perspectiva do que eles fariam com ela...

A fêmea levantou uma mão delicada.

— Eu só quero conversar. Em particular. — Ela gesticulou mais abaixo no beco, até um batente de porta coberto com um toldo de metal. Para protegê-las de quaisquer olhos – aqueles no chão e acima.

Elide a seguiu, uma mão deslizando para a faca no bolso. A fêmea liderava o caminho, nenhuma arma para ser vista, seu andar sem pressa.

Mas quando pararam nas sombras sob o toldo, a mulher levantou a mão mais uma vez.

Chama dourada dançou entre seus dedos.

Elide recuou e o fogo desapareceu tão rapidamente quanto aparecera.

— Meu nome é Essar — disse a mulher suavemente. — Eu sou uma amiga de seus amigos, eu acredito.

Elide não disse nada.

— Cairn é um monstro — disse Essar, dando um passo mais perto. — Fique longe dele.

— Eu preciso encontrá-lo.

— Você fez o papel da amante maltratada bem o suficiente. Você tem que saber algo sobre ele. O que ele faz.

— Se você sabe onde ele está, por favor, me diga. — Ela não estava acima de implorar.

Essar examinou Elide. Então ela disse:

— Ele esteve nesta cidade até ontem. Depois saiu para o acampamento do leste. Ela apontou com o polegar por cima do ombro. — Ele está lá agora.

— Como você sabe?

— Porque ele não está aterrorizando os patronos de todos os bons estabelecimentos desta cidade, saturando-se da moeda que Maeve lhe deu quando fez o juramento de sangue.

Elide piscou. Ela esperava que alguns dos feérico pudessem se opor a Maeve, especialmente após a batalha em Eyllwe, mas

encontrar tal desgosto absoluto...

Essar então acrescentou:

— E porque minha irmã... a soldado com quem você falou... me contou. Ela o viu no acampamento esta manhã, sorrindo como um gato.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Porque você está vestindo a camisa de Lorcan e o manto de Rowan Whitethorn. Se você não acredita em mim, informe a eles quem disse e eles acreditarão.

Elide inclinou a cabeça para o lado.

Essar disse suavemente.

— Lorcan e eu estivemos envolvidos por um tempo.

Estavam no meio da guerra e viajaram milhares de quilômetros para encontrar sua rainha, e ainda assim a tensão que se enroscava nas entranhas de Elide com aquelas palavras de alguma forma encontrava espaço. Amante de Lorcan. Essa beleza delicada com uma voz de quarto tinha sido *amante* de Lorcan.

— Sentirão minha falta se eu for por muito tempo, mas diga a eles quem sou. Diga a eles que eu te contei. Se é Cairn eles procuram, é aí que ele deve estar. Sua localização precisa, eu não sei. Essar recuou um passo. — Não pergunte em Cairn em outras tabernas. Ele não é bem visto, mesmo entre os soldados. E aqueles que o seguem... Você não deseja atrair o interesse deles.

Essar fez menção de se virar, mas Elide deixou escapar:

— Aonde Maeve foi?

Essar olhou por cima do ombro. Estudou ela. Os olhos da fêmea se arregalaram.

— Ela tem Aelin do Fogo Selvagem — Essar respirou. Elide não disse nada, mas Essar murmurou: — Isso foi... esse foi o poder que sentimos na outra noite — Essar voltou para Elide.

Agarrou as mãos dela.

— Onde Maeve foi há alguns dias, eu não sei. Ela não anunciou, não levou ninguém com ela. Costumo servi-la, sou solicitada a... Não importa. O que importa é que Maeve não está aqui.

Mas não sei quando ela voltará.

Alívio novamente ameaçou mandar Elide cair no chão. Os deuses, ao que parece, ainda não os haviam abandonado.

Mas se Maeve tivesse levado Aelin ao posto avançado onde eles mentiram que o príncipe Valg tinha sido contido...

Elide agarrou as mãos de Essar, encontrando-as quentes e secas.

— Sua irmã sabe onde Cairn reside no acampamento?

Por longos minutos, depois de uma hora, elas conversaram.

Essar saiu e voltou com Dresenda, sua irmã. E naquele beco, elas haviam tramado.

Elide terminou de contar a Rowan, Lorcan e Gavriel o que ela havia aprendido. Eles se sentaram em silêncio atordoado por um longo minuto.

— Pouco antes do amanhecer — repetiu Elide. — Dresenda disse que o relógio no campo oriental é mais fraco ao amanhecer.

Que ela encontraria um jeito de os guardas estarem ocupados. É a nossa única janela.

Rowan estava olhando para as árvores, como se pudesse ver a planta do acampamento, como se estivesse planejando entrar.

— Ela não confirmou se Aelin estava na tenda de Cairn — Gavriel advertiu. — Maeve se foi. Aelin pode estar com ela também.

— É um risco que assumimos — disse Rowan. Um risco, talvez, eles deveriam ter considerado.

Elide olhou para Lorcan, que ficara em silêncio por todo o tempo. Mesmo que tenha sido sua amante quem os ajudou, talvez guiado pela própria Anneith. Ou pelo menos tinha sido avisada pelo cheiro nas roupas de Elide.

— Você acha que podemos confiar nela? — Elide perguntou a Lorcan, embora ela soubesse a resposta.

Os olhos escuros de Lorcan se voltaram para ela.

— Sim, embora eu não veja porque ela se incomodou.

— Ela é uma boa mulher, é por isso — disse Rowan. Na sobrancelha levantada de Elide, ele explicou: — Essar visitou Defesa

Nebulosa nesta primavera. Ela conheceu Aelin. Ele lançou um olhar para Lorcan. — E me pediu para *lhe* dizer que ela *lhe* envia o melhor.

Elide não tinha visto nada que chegasse perto do rosto de Essar, mas deuses, ela era linda. E inteligente. E gentil. E Lorcan a deixou ir de alguma forma.

Gavriel interrompeu.

— Se nos mudarmos para o campo oriental, precisamos descobrir nosso plano agora. Entre em posição. Está a milhas de distância.

Rowan olhou novamente para aquele acampamento distante.

— Se você está debatendo em voar para lá agora — rosnou Lorcan. — Então você merece qualquer infortúnio que venha da sua estupidez. — Rowan rangeu os dentes, mas Lorcan disse: — Todos entramos. Todos saímos.

Elide assentiu, concordando uma vez. Lorcan pareceu endurecer de surpresa.

Rowan chegou a essa conclusão também, porque se agachou e mergulhou uma faca na terra coberta de musgo.

— Esta é a tenda de Cairn — disse ele sobre o punhal, e pescou por uma pinha próxima. — Esta é a entrada sul do acampamento.

E assim eles planejaram.



Rowan se separou de seus companheiros uma hora atrás, enviando-os para assumir suas posições.

Nem todos entrariam, todos sairiam.

Rowan invadiria o acampamento oriental, tomando a entrada mais ao sul. Gavriel e Lorcan aguardavam seu sinal perto da entrada leste, escondidos na floresta logo depois das colinas ondulantes e gramadas daquele lado do campo. Pronto para libertar o inferno quando ele enviou uma explosão de sua magia, desviando soldados para o lado deles enquanto Rowan fazia sua corrida para Aelin.

Elide esperaria por eles mais longe naquela floresta. Ou para fugir, se as coisas corressem mal.

Ela protestou, mas até mesmo Gavriel disse a ela que ela era mortal. Não treinada. E o que ela fez hoje... Rowan não tinha palavras para expressar sua gratidão pelo que Elide fizera. A inesperado aliada que ela encontrou.

Ele confiava em Essar. Ela nunca gostou de Maeve, disse que não a servia com nenhuma disposição ou orgulho. Mas estas últimas horas antes do amanhecer, quando tantas coisas poderiam dar errado...

Maeve não estava aqui. Isso, pelo menos, deu certo.

Rowan permaneceu nas colinas íngremes acima da entrada sul do acampamento. Ele facilmente se manteve escondido das sentinelas nas árvores, seu vento mascarando qualquer vestígio de seu cheiro.

Lá embaixo, espalhado pela planície leste, o acampamento do exército reluzia.

Ela tinha que estar lá. Aelin tinha que estar lá.

Se eles tivessem chegado tão perto, mas acabassem sendo a mesma coisa que fez com que Maeve levasse Aelin embora de novo, para levá-la ao posto avançado...

Rowan empurrou o peso em seu peito. O vínculo dentro dele estava escuro e adormecido. Nenhuma indicação de sua proximidade.

Essar não fazia ideia de que Aelin estava sendo mantida aqui até que Elide a informou. Quantos outros não sabiam? Quão bem Maeve a ocultou?

Se Aelin não estivesse naquele acampamento amanhã, eles encontrariam Cairn, pelo menos. E obteriam algumas respostas então. Dariam a ele um gostinho do que ele fez...

Rowan excluiu o pensamento. Ele não se deixou pensar no que havia sido feito com ela.

Ele faria isso amanhã, quando visse Cairn. Quando ele pagaria por cada momento de dor.

No alto, as estrelas brilhavam claras e brilhantes, e embora Mala tivesse lhe aparecido apenas uma vez ao amanhecer, no sopé da mesma cidade, embora ela pudesse ser pouco mais do que um ser

estranho e poderoso de outro mundo, ele ofereceu uma oração, de qualquer forma.

Então, implorara a Mala que protegesse Aelin de Maeve quando entrassem em Doranelle, para lhe dar força e orientação e deixá-la sair viva. Então, implorou a Mala que o deixasse ficar com Aelin, a mulher que ele amava. A deusa tinha sido pouco mais que um raio de sol no amanhecer, e ainda assim ele a sentiu sorrir para ele.

Hoje à noite, apenas com o fogo frio das estrelas para companhia, ele implorou a ela mais uma vez.

Uma onda de vento enviava sua oração a essas estrelas, à lua crescente prateando o acampamento, o rio e as montanhas.

Ele havia matado seu caminho pelo mundo; ele havia ido para a guerra e voltado mais vezes do que se lembrava. E apesar de tudo, apesar da raiva, do desespero e do gelo que ele envolveu em seu coração, ele ainda encontrou Aelin. Cada horizonte que ele olhava, incapaz e sem vontade de descansar durante aqueles séculos, todas as montanhas e oceanos que ele tinha visto e se perguntado o que estava além... Era ela. Tinha sido Aelin, o chamado silencioso do elo de parceria que o guiava, mesmo quando ele não podia sentir.

Eles andaram neste caminho escuro juntos de volta para a luz.

Ele não deixaria a estrada terminar aqui.

CAPÍTULO 24

As Crochans a ignoraram. E ignoraram as Treze. Alguns insultos sibilaram quando passaram, mas um olhar de Manon e as Treze manteve os punhos cerrados ao lado do corpo.

As Crochans permaneceram no campo por uma semana para cuidar de seus feridos, e assim Manon e as Treze também permaneceram, ignoradas e odiadas.

— O que é este lugar? — Manon perguntou a Glennis quando ela encontrou a velha polindo a alça de uma vassoura amarrada ao lado do fogo. Duas outras jaziam em um manto próximo. Trabalho humilde para a bruxa encarregada deste acampamento.

— Este é um acampamento antigo... um dos mais antigos que reivindicamos. — Os dedos machucados de Glennis voaram sobre o cabo da vassoura. — Cada uma das sete Grandes Lareiras tem fogo aqui, assim como muitas outras. — De fato, havia muito mais do que sete no acampamento. — Foi um local de encontro para nós depois da guerra e, desde então, tornou-se um lugar para levar algumas das nossas jovens bruxas à idade adulta. É um rito que nós desenvolvemos ao longo dos anos – para enviá-las para as profundezas selvagens por algumas semanas para caçar e sobreviver apenas com suas vassouras e uma faca. Nós permanecemos aqui enquanto elas fazem isso.

Manon perguntou baixinho.

— Você sabe qual é o nosso ritual de iniciação?

O rosto de Glennis se apertou.

— Eu sei. Todas nós sabemos. — Que lareira tinha a bruxa que ela matou aos dezesseis anos? O que sua avó fez com o coração da

Crochan que trouxera de volta para a guarda Bico Negro, usando o manto de seu inimigo como troféu?

Mas Manon perguntou.

— Quando você vai para Eyllwe?

— Amanhã. Aquelas que foram gravemente feridas na escaramuça se curaram o suficiente para viajar... ou sobreviver aqui sozinhas.

O estômago de Manon se apertou, mas ela excluiu o arrependimento.

Glennis estendeu uma das vassouras para Manon, sua base atada com fios de metal comuns.

— Você voa para o sul com a gente?

Manon pegou a vassoura, a madeira ziguezagueando contra a mão dela. O vento sussurrava ao ouvido dela a corrente rápida e perversa entre os picos acima.

Ela e as Treze já haviam decidido dias atrás. Se o sul fosse para onde as Crochans iam, então o sul era para onde elas iriam. Mesmo que cada dia possa significar desgraça para os que estão no norte.

— Nós voamos com você — disse Manon.

Glennis assentiu.

— Essa vassoura pertence a uma bruxa de cabelos negros chamada Karsyn. A anciã virou o queixo para as tendas atrás de Manon. — Ela está de plantão de suas serpentes aladas.



Dorian decidiu que ele não precisava de um lugar escondido para praticar. O que foi uma sorte, já que não havia privacidade no acampamento das Crochans. Não dentro do acampamento, e certamente não ao redor, não com os olhos afiados de suas sentinelas patrulhando dia e noite.

Foi assim que ele acabou sentado diante de Vesta, na lareira de Glennis, a bruxa ruiva meio adormecida de tédio.

— Mudança de aprendizado — resmungou ela, bocejando pela décima vez a essa hora — Parece uma perda de tempo colossal. —

Ela apontou uma mão branca como a neve para o anel de treinamento improvisado onde as Treze mantinham seus corpos e instintos afiados. — Você poderia estar lutando com Lin agora.

— Eu apenas assisti Lin quase bater os dentes de Imogen em sua garganta. Perdoe-me se não estiver com vontade de entrar no ringue com ela.

Vesta arqueou uma sobrancelha ruiva.

— Nenhum macho se gabando em você, então.

— Eu gosto dos meus dentes onde eles estão. — Ele suspirou.

— Estou tentando me concentrar.

Nenhuma das bruxas, nem mesmo Manon, questionou por que ele praticava. Ele mencionou apenas, quase uma semana atrás, que a aranha o fez pensar se ele poderia mudar, usando sua magia crua, e elas deram de ombros.

Seu foco estava nas Crochans. Na viagem a Eyllwe, isso provavelmente aconteceria a qualquer momento.

Ele não tinha ouvido falar de um bando de guerra, mas se pudesse dividir as forças de Morath um pouco para se aventurar no sul para lidar com eles, se distraísse Erawan quando Dorian fosse para a fortaleza do rei Valg... Ele aceitaria.

Ele já havia oferecido a Manon e Glennis o que ele sabia sobre o reino e seus governantes. Os pais de Nehemia e dois irmãos mais novos. O império de Adarlan havia feito todo o seu trabalho na dizimação do exército de Eyllwe, de modo que qualquer esperança naquela frente era impossível, mas se reunissem alguns milhares de soldados para seguir para o norte... Seria uma benção para seus amigos.

Se eles pudessem sobreviver, seria o suficiente.

Dorian fechou os olhos e Vesta ficou em silêncio. Durante dias, ela sentou-se com ele quando seu treinamento e reconhecimento permitiram, observando qualquer mudança que ele tentasse: mudar o cabelo, a pele, os olhos.

Nada disso ocorreu.

Sua magia havia tocado o poder daquele metamorfo roubado – tinha aprendido apenas o suficiente antes de matar a aranha.

Era agora uma questão de convencer sua magia a se tornar como o poder daquele metamorfo. Se ele já havia sido feito com magia crua antes, ele não sabia.

Seja o que você quiser, Cyrene havia dito a ele.

Nada. Ele queria ser nada.

Mas Dorian continuou olhando para dentro. Em todo canto oco e vazio. Ele só precisa fazer isso por tempo suficiente. Para dominar o deslocamento. Para se infiltrar em Morath e encontrar a terceira chave. Para então oferecer tudo o que ele era e tinha sido para o Fecho e o portão.

E então tudo acabaria. Para Erawan, sim e para ele.

Mesmo se isso deixasse Hollin com o direito ao trono. Hollin, que também era filho de um homem infestado de Valg. O demônio tinha passado algum traço para seu irmão?

O menino tinha sido bestial – mas ele tinha sido humano?

Hollin não havia matado o pai deles. Quebrado o castelo.

Deixado Sorscha morrer.

Dorian não ousara perguntar a Damaris. Não tinha certeza do que ele faria se a espada revelasse o que ele era, no fundo.

Então Dorian olhou para dentro, para onde sua magia fluía nele, para onde poderia se mover entre a chama e a água e o gelo e o vento.

Mas não importava o quanto ele desejasse, como ele imaginava cabelos castanhos, pele pálida ou sardas, nada aconteceu.



Ela não era mensageira, mas Manon aceitou a sugestão – e a oferta. Junto com outras três vassouras, todas para bruxas do outro lado do acampamento.

Não bastaria voar com elas para Eyllwe. Não, ela teria que aprender sobre elas. Cada uma dessas bruxas.

Asterin, que estava monitorando do outro lado do fogo, deu um passo ao lado dela, pegando duas das vassouras.

— Eu esqueci que eles usaram a sequóia — disse sua segunda, estudando as vassouras em seus braços. — Muito mais fácil de esculpir do que o pau-ferro.

Manon ainda podia sentir como suas próprias mãos doíam durante os longos dias em que ela havia desbastado sua primeira vassoura do tronco de pau-ferro que encontrara no fundo de Carvalhal. Os dois primeiros empreendimentos resultaram em eixos quebrados, e ela resolveu esculpir sua vassoura com mais cuidado.

Três tentativas, uma para cada face da Deusa.

Ela tinha treze anos, poucas semanas depois de seu primeiro sangramento, que provocara a corrente de zíper de energia que chamava o vento, que fluía pelas vassouras e as levava para o céu.

Cada golpe do cinzel, cada libra do martelo que transformava o bloco de material quase impenetrável, transferira esse poder para a própria vassoura emergente.

— Onde você deixou a sua? — Manon perguntou.

Asterin encolheu os ombros.

— Em algum lugar na guarda Bico Negro.

Manon assentiu. Ela foi descartada na parte de trás de um armário em seu quarto no assento de poder de sua avó. Ela jogou lá depois que a magia desapareceu, a vassoura pouco mais que uma ferramenta de limpeza sem ela.

— Suponho que não vamos recuperá-las agora — disse Asterin.

— Não, não vamos — disse Manon, examinando os céus. — Nós voamos com as Crochans para Eyllwe amanhã. Para nos encontrar com qualquer bando de guerra humana que elas conheçam.

Asterin apertou a boca.

— Talvez nós possamos convencer todas elas – as Crochans, o grupo de guerra Eyllwe a seguir para o norte.

Possivelmente. Se elas tivessem sorte o suficiente. Se não desperdiçassem tanto tempo que Erawan esmagasse o norte em pó.

Elas alcançaram a primeira das bruxas que Glennis havia indicado, e Asterin não disse nada quando Manon fez sinal para ela passar pela vassoura.

O nariz da Crochan se enrugou de desgosto quando ela deixou a vassoura balançar em dois dedos.

— Agora vou precisar de limpeza novamente.

Asterin deu-lhe um sorriso torto que significava que o problema estava se aproximando rapidamente.

Então Manon empurrou-a para outra caminhada, passando entre as tendas em busca das outras donas.

— Você realmente acha que vale a pena o nosso tempo? — Asterin murmurou quando a segunda, em seguida, a terceira bruxa zombou ao receber suas vassouras. — Jogando de serva a estas princesas mimadas?

— Espero que sim — Manon murmurou de volta quando chegaram à última das bruxas. Karsyn. A Crochan de cabelos escuros estava olhando para o anel de serpentes aladas, exatamente onde Glennis dissera que ela estaria.

Asterin limpou a garganta e a bruxa se virou, o rosto de pele de oliva se contraindo.

Mas ela não zombou. Não assobiou.

Missão cumprida, Asterin se virou. Mas Manon disse a Crochan, sacudindo o queixo na direção das serpentes aladas.

— É diferente de usar as vassouras. Mais rápido, mais mortal, mas você também tem que dar comida e água a eles...

Os olhos verdes de Karsyn estavam cautelosos – mas curiosos.

Ela olhou novamente para as serpentes aladas encolhidas contra o frio, a água azul de Asterin pressionada no lado de Abraxos, a asa dele sobre ela.

Manon disse:

— Erawan os criou usando métodos dos quais não temos muita certeza. Ele pegou um modelo antigo e o trouxe à vida. — Porque havia serpentes aladas em Adarlan antes – muito tempo atrás. — Ele

pretendia criar uma série de assassinos irrefletidos, mas alguns não eram assim.

Asterin ficou quieto por uma vez.

Karsyn falou finalmente.

— Sua serpente alada parece mais um cachorro do que qualquer coisa.

Não foi um insulto, Manon se lembrou. As Crochans *mantinham* cães como animais de estimação. Adoravam eles, como os humanos fizeram.

— O nome dele é Abraxos — disse Manon. — Ele é... diferente.

— Ele e a azul são parceiros.

Asterin começou.

— Eles são o que?

A Crochan apontou para a égua azul encolhida ao lado de Abraxos.

— Ele é menor, mas ele adora ela. Aconchega-se ela quando ninguém está olhando.

Manon trocou um olhar com Asterin. Suas montarias flertavam incessantemente, sim, mas para *parceria*...

— Interessante — Manon conseguiu dizer.

— Você não sabia que eles faziam essas coisas? — As sobancelhas de Karsyn se amarraram.

— Nós sabíamos que eles criaram. — Asterin finalmente falou.

— Mas nós não testemunhamos isso por... escolha.

— Por amor — disse a Crochan, e Manon quase revirou os olhos.

— Essas feras, apesar de seu mestre sombrio, são capazes de amar.

Bobagem, mas algum núcleo nela percebeu que era verdade.

Em vez disso, Manon disse, embora ela já soubesse.

— Qual é o seu nome?

Mas a cautela novamente inundou os olhos de Karsyn, como se lembrasse com quem ela falava, que havia outros que poderiam vê-las conversando.

— Obrigada pela vassoura — disse a bruxa, e caminhou entre as tendas.

Pelo menos um das Crochans havia falado com ela. Talvez esta viagem a Eyllwe lhe oferecesse a oportunidade de falar com mais.

Mesmo que ela pudesse sentir cada hora e minuto passando pesando sobre eles.

Corra para o norte, o vento cantou dia e noite. Depressa, Bico Negro.

Quando Karsyn se foi, Asterin permaneceu olhando para Abraxos e Narene, coçando os cabelos.

— Você realmente acha que eles são parceiros?

Abraxos levantou a cabeça de onde descansava sobre as costas de Narene e olhou para elas, como se dissesse: *Você demorou o suficiente para descobrir.*



— O que eu deveria estar vigiando, exatamente?

Sentando o joelho contra o joelho em sua pequena tenda, o vento uivando lá fora, os olhos dourados de Manon se estreitaram enquanto ela olhava para o rosto de Dorian.

— Meus olhos — disse ele. — Apenas me diga se eles mudam de cor.

Ela rosnou.

— Esta mudança de forma é realmente uma coisa urgente para aprender?

— Satisfaça-me — ele ronronou, e alcançou para dentro, sua magia queimando.

Castanho. Você vai mudar de azul para castanho.

Mentiroso — ele achava que ele era um mentiroso por manter suas verdadeiras razões dela. Ele não precisava de Damaris para confirmar.

Ela poderia proibi-lo de ir a Morath, mas havia outra possibilidade, ainda pior do que isso.

Que ela insistiria em ir com ele.

Manon deu-lhe um olhar que poderia ter enviado um homem menor correndo.

— Eles ainda são azuis.

Deuses acima, ela era linda. Ele se perguntou quando pararia de sentir como uma traição pensando assim.

Dorian respirou fundo, concentrando-se novamente. Ignorando a presença sussurrante das duas chaves no bolso do paletó.

— Diga-me se muda de alguma forma.

— É tão diferente da sua magia?

Dorian se recostou, apoiando os braços atrás dele enquanto procurava as palavras para explicar.

— Não é como outros tipos de magia, onde ela flui em minhas veias, e metade do pensamento a muda do gelo para a chama para a água.

Ela o estudou, a cabeça angulada de um jeito que ele testemunhou as serpentes aladas fazendo. Logo antes de devorarem uma cabra inteira.

— Qual você gosta mais?

Uma pergunta extraordinariamente pessoal. Mesmo que na semana passada, graças ao calor relativo e privacidade da tenda, eles passaram horas se enrolando nos cobertores agora embaixo deles.

Ele nunca teve nada parecido com ela. Ele às vezes se perguntava se ela nunca tinha tido nada parecido com ele também.

Ele tinha visto quantas vezes ela encontrou seu prazer quando ele tomou as rédeas, quando seu corpo se contorcia debaixo dele e ela perdeu o controle inteiramente.

Mas as horas nesta tenda não tinham qualquer tipo de intimidade. Apenas abençoada distração. Para ambos. Ele estava feliz por isso, ele disse a si mesmo. Nada disso poderia terminar bem.

Para qualquer um deles.

— Eu gosto mais do gelo — admitiu Dorian, finalmente, percebendo que ele deixara o silêncio pingar. — Foi o primeiro elemento que saiu de mim — não sei por quê.

— Você não é uma pessoa fria.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Essa é sua opinião profissional?

Manon estudou-o.

— Você pode descer a esses níveis quando está com raiva, quando seus amigos estão ameaçados. Mas você não é frio, não de coração. Eu vi homens que são e você não é.

— Nem você — ele disse um pouco em voz baixa.

A coisa errada a dizer.

Manon endureceu, erguendo o queixo.

— Eu tenho cento e dezessete anos de idade — disse ela categoricamente. — Passei a maior parte desse tempo matando. Não se convença de que os eventos dos últimos meses eliminaram isso.

— Continue dizendo isso a si mesma. — Ele duvidava que alguém já tivesse falado com ela de forma tão rala — apreciou que agora ele fez, e manteve a garganta intacta.

Ela rosnou em seu rosto.

— Você é um tolo se você acredita no fato de que eu sou sua rainha limpa a verdade que eu matei dezenas de Crochans.

— Esse fato sempre permanecerá. É como você faz isso valer agora que importa. — *Faça valer a pena.* Aelin tinha dito tanto quanto naqueles primeiros dias depois de ter sido libertado do colar. Ele tentou não se perguntar se a mordida gelada da pedra de Wyrd logo apertaria seu pescoço mais uma vez.

— Eu não sou uma Crochan de bom coração. Eu nunca serei, mesmo que eu use sua coroa de estrelas.

Ele ouvira os sussurros sobre aquela coroa entre as Crochans esta semana — sobre se ela seria encontrada por fim. A coroa de estrelas de Rhiannon Crochan, roubada de seu corpo moribundo pela própria Baba Pernas Amarelas. Para onde foi depois que Aelin matou a matriarca, Dorian não teve a menor ideia. Se tivesse ficado com aquele estranho carnaval com o qual ela viajou, poderia estar em qualquer lugar. Poderia ter sido vendido por moedas rápidas.

Manon continuou.

— Se é isso que as Crochans esperam que eu me torne antes de elas entrarem nesta guerra, então vou deixá-las se aventurar em Eyllwe amanhã.

— É tão ruim, se importar? — Os deuses sabiam que ele estava lutando para fazer isso sozinho.

— Eu não sei *como* — ela rosnou.

Ridículo. Uma mentira descarada. Talvez fosse por causa da grande probabilidade de ele ser colocado de novo em Morath, talvez fosse porque ele era um rei que deixara seu reino sob controle do inimigo, mas Dorian se viu dizendo.

— Você se importa. Você também sabe disso. É o que te deixa tão assustada com tudo isso.

Seus olhos dourados rugiram, mas ela não disse nada.

— Se importar não faz você fraco — ele ofereceu.

— Então por que você não presta atenção ao seu próprio conselho?

— Eu me importo. — Seu temperamento subiu para encontrar o dela. E ele decidiu o inferno com isso – decidiu soltar a coleira que ele colocou em si mesmo. Deixar de lado essa restrição. — Eu me importo com mais do que deveria. Eu até me importo com você.

Outra coisa errada a dizer.

Manon ficou de pé – tão alto quanto a tenda permitiria.

— Então você é um tolo. Ela empurrou as botas e pisou na noite gelada.



Eu até me importo com você.

Manon fez uma careta quando ela se virou durante o sono, encravada entre Asterin e Sorrel. Restavam apenas algumas horas até que se mudassem – para ir a Eyllwe e qualquer força que estivesse à espera para se aliar as Crochans. E precisando de ajuda.

Se importar não faz você fraco.

O rei era um tolo. Pouco mais que um menino. O que ele sabia de alguma coisa?

Ainda as palavras enterradas sob sua pele, seus ossos. *É tão ruim se importar?*

Ela não sabia. Não queria saber.



O alvorecer não estava muito longe quando um corpo quente deslizou ao lado dele.

Dorian disse na escuridão.

— Três para uma tenda não é muito confortável, não é?

— Eu não voltei porque concordo com você — Manon puxou os cobertores sobre si mesma.

Dorian sorriu levemente e adormeceu mais uma vez, deixando sua magia aquecer os dois.

Quando eles acordaram, algo afiado em seu peito havia entorpecido – apenas uma fração.

Mas Manon estava franzindo a testa para ele. Dorian se sentou, gemendo quando ele esticou os braços até onde a tenda permitiria.

— O que foi? — Ele perguntou quando a sobrancelha dela permaneceu franzida.

Manon calçou as botas, depois a capa.

— Seus olhos estão castanhos.

Ele levou a mão ao rosto, mas ela já tinha ido embora.

Dorian ficou olhando para ela, o acampamento já se apressando para sair.

Onde aquela borda tinha entorpecido em seu peito, sua magia agora fluía mais livre. Como se também tivesse sido libertado daquelas restrições internas, ele se soltou um pouco na noite passada. O que ele abriu, revelou para ela. Uma espécie de liberdade, que deixa ir.

O sol mal estava no céu quando começaram o longo vôo para Eyllwe.

CAPÍTULO 25

Cairn a deixou apodrecer na caixa por um tempo.

Estava mais quieto aqui, sem rugido o sem fim do rio.

Nada além daquela pressão, construindo e construindo e construindo sob sua pele, em sua cabeça. Ela não podia fugir disso, mesmo no esquecimento.

Mas ainda os ferros se enterravam, roçando sua pele. A umidade se acumulou sob ela enquanto o tempo passava. Como Maeve indubitavelmente trouxe aquele colar mais perto a cada hora.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que ela comeu.

Ela desceu novamente, em um bolso do escuro, onde disse a si mesma aquela história – a história – repetidas vezes.

Quem ela era, o que ela era, o que ela deveria destruir se cedesse à quase falta de ar da caixa, à tensão crescente.

Não importaria, no entanto. Uma vez que o colar lhe rodeasse o pescoço, quanto tempo demoraria até que o príncipe Valg lhe tirasse tudo o que Maeve desejava saber? Violasse e mergulhasse em todas as barreiras internas para os seus segredos vitais?

Cairn iria começar de novo em breve. Seria miserável. E então os curandeiros voltavam com sua fumaça de cheiro adocicado, como tinham vindo nesses meses, naqueles anos, por mais tempo que tivesse sido.

Mas ela viu além deles, por um instante. Tinha visto um tecido de lona pendurado acima, coberto de tapetes tecidos sob os pés de sandálias. Braseiros ardiavam por toda parte.

Uma tenda. Ela estava em uma tenda. Murmúrios soaram do lado de fora – não perto, mas perto o suficiente para a audição de feérico

se aproximar. Pessoas falando na língua e no idioma antigo, alguém murmurando sobre as condições do acampamento.

Um acampamento do exército, cheio de feéricos.

Um local mais seguro, Cairn dissera. Maeve a queria aqui para protegê-la de Morath. Até que Maeve apertasse a gola fria da pedra de Wyrd em volta do pescoço.

Mas então o esquecimento entrou. Quando ela acordou, limpa e sem dor, soube que Cairn logo começaria. Sua tela fora limpa, pronta para ele pintar de vermelho. Seu terrível e grandioso final, não para obter informações dela, não com o triunfo de Maeve, mas para seu próprio prazer.

Aelin estava pronta também.

Eles não a acorrentaram a um altar neste momento. Mas para uma mesa de metal, colocada no centro da grande tenda. Ele os fez trazer o conforto de casa – ou o que quer que Cairn considerasse *casa*.

Uma cômoda alta ficava ao lado de uma parede de lona. Ela duvidava que segurasse roupas.

Fenrys estava ao lado dela, a cabeça nas patas dianteiras, dormindo. Por uma vez, dormindo. O pesar pesou sobre ele, entorpecendo sua pele, escurecendo seus olhos brilhantes.

Outra mesa havia sido colocada perto daquela em que ela estava deitada. Um pano cobria três objetos corcundas. Ao lado do mais próximo, um pedaço de veludo preto também havia sido deixado de fora. Para os instrumentos que ele usaria nela. A maneira como um comerciante pode exibir suas melhores jóias.

Duas cadeiras estavam de frente uma para a outra do outro lado da segunda mesa, diante do grande braseiro cheio até a borda com troncos crepitantes. A fumaça se curvou para cima, para cima..

Um pequeno buraco foi cortado no teto da tenda. E através disso...

Aelin não podia lutar contra o tremor em sua boca no céu noturno, nas alfinetadas de luz que brilhavam nele.

Estrelas. Apenas duas, mas havia estrelas no céu. O céu em si... não era o peso da noite inteira, mas sim um preto escuro e grisalho.

Alvorecer. Provavelmente uma hora ou mais de distância, se as estrelas permanecessem fora. Talvez ela durasse o suficiente para ver a luz do sol.

Os olhos de Fenrys se abriram e ele levantou a cabeça, as orelhas se contraindo.

Aelin respirou fundo enquanto Cairn empurrava através das abas da tenda, oferecendo um vislumbre de fogueiras e iluminando a escuridão além. Nada mais.

— Aproveitou o seu descanso?

Aelin não disse nada.

Cairn passou a mão pela borda da mesa de metal.

— Eu tenho debatido o que fazer com você, você sabe. Como realmente saborear isso, tornar especial para nós dois antes que o tempo acabe.

O rosado de Fenrys retumbou pela tenda. Cairn apenas varreu o pano da mesa menor.

Pratos de metal baixo em três pernas, empilhados com troncos apagados.

Aelin endureceu quando ele puxou uma e a colocou embaixo do pé da mesa de metal. Um braseiro menor, com as pernas encurtadas para que a tigela ficasse bem acima do solo.

Ele colocou o segundo braseiro abaixo do centro da mesa. O terceiro na cabeceira.

— Já tocamos com as mãos antes — disse Cairn, endireitando-se. Aelin começou a tremer, começou a puxar as correntes que prendiam seus braços acima da cabeça. Seu sorriso cresceu. — Vamos ver como todo o seu corpo reage à chama sem seu pequeno presente especial. Talvez você queime como o resto de nós.

Aelin puxou inutilmente, seus pés deslizando contra o metal ainda frio.

Assim não...

Cairn enfiou a mão no bolso e retirou uma pederneira.

Isso não foi apenas uma quebra de seu corpo. Mas uma quebra dela – do fogo que ela veio amar. Para destruir a parte dela que cantou.

Ele derreteria sua pele e ossos até que ela temesse a chama, até que ela odiasse, como ela odiava os curandeiros que tinham vindo de novo e de novo para consertar seu corpo, para esconder o que era real do que tinha sido um sonho.

O rosnado de Fenrys continuou, sem fim.

Cairn disse suavemente.

— Você pode gritar o quanto quiser, se isso lhe agrada.

A mesa ficaria vermelha, e o cheiro de carne queimada encheria seu nariz, e ela não seria capaz de pará-lo, pará-lo; ela soluçava em agonia, quando as queimaduras eram tão profundas, através da pele e do osso.

A pressão em seu corpo, sua cabeça se desvaneceu. Tornou-se secundária quando Cairn pescou uma bolsa enrolada do outro bolso.

Ele colocou sobre a faixa de veludo preto, e ela podia distinguir os recortes das ferramentas finas dentro.

— Para quando o aquecimento da mesa cresce chato — disse ele, dando um tapinha no kit de ferramentas. — Eu quero ver até onde as queimaduras vão dentro de sua pele.

A bÍlis subiu pela garganta enquanto ele pesava o sílex em suas mãos e se aproximava.

Ela começou a se desgastar então, quem ela era e estava se derretendo enquanto seu próprio corpo logo se derreteria quando esta mesa esquentasse.

A mão que ela recebeu. Era a mão que ela havia recebido e ela suportaria isso. Mesmo quando uma palavra tomou forma em sua língua.

Por favor.

Ela tentou engoli-lo. Tentou mantê-lo trancado enquanto Cairn se agachava ao lado da mesa, com a pedra levantada.

Você não cede.

Você não cede.

Você não cede.

— Espere.

A palavra foi um grasnido.

Cairn fez uma pausa. Levantou de seu agachamento.

— Esperar?

Aelin sacudiu sua respiração entrecortada.

— Espere.

Cairn cruzou os braços.

— Você tem algo que gostaria de dizer finalmente?

Ele a deixaria prometer qualquer coisa para ele, para Maeve. E então ainda acenderia aqueles fogos. Maeve não ouvia falar dela cedendo por dias.

Aelin se obrigou a encará-lo, os dedos cobertos de manoplas pressionando a laje de ferro abaixo dela.

Uma última chance.

Ela viu as estrelas no céu. Foi um presente tão grande quanto o que ela recebeu, maior do que as jóias e vestidos e a arte que ela uma vez cobiou e reuniu em Forte da Fenda. O último presente que ela receberia, se ela jogasse a mão que tinha recebido. Se ela jogasse certo.

Para acabar com isso, acabar com ela. Antes que Maeve pudesse colocar o colar da pedra de Wyrld em volta do pescoço dela.



O amanhecer se aproximava, as estrelas diminuindo uma a uma.

Rowan se esgueirou pela entrada mais ao sul do acampamento, seu poder vibrando.

A tenda de Cairn fica no centro do acampamento. Uma milha e meia estava entre Rowan e sua presa.

Quando os guardas começassem a mudar de turno, ele arrancaria o ar de seus pulmões. Arrancaria o ar dos pulmões de todos os soldados em seu caminho. Quantos ele conheceria?

Quantos ele treinou? Uma pequena parte dele rezava para que o número fosse pequeno. Que se eles o conhecessem, eles seriam

sábios e se afastariam. Ele não tinha intenção de parar, no entanto.

Rowan libertou o machado do seu lado, uma longa faca já cintilando no outro.

Uma matança calma se instalou sobre ele horas atrás. Dias atrás. Meses atrás.

Apenas mais alguns minutos.

Os seis guardas na entrada do acampamento se mexeram em seus relógios. As sentinelas nas árvores atrás dele, inconscientes de sua presença naquela noite, localizariam a ação no momento em que seus companheiros sentinelas caíssem. E certamente localizá-lo no momento em que ele partisse das árvores, atravessando a estreita faixa de grama entre a floresta e o acampamento.

Ele tinha debatido a idéia de voar, mas as patrulhas aéreas circularam a noite toda, e se ele as enfrentasse, gastando mais energia do que precisava enquanto também lutava contra as flechas e magia que certamente estaria sendo disparada de baixo... Ele desperdiçaria reservas vitais de sua energia. Então, a pé, seria uma corrida dura e brutal até o centro do acampamento. Então saia, seja com Aelin ou Cairn.

Continuar vivo. Ele tinha que manter Cairn vivo por enquanto.

Tempo suficiente para limpar este acampamento e chegar a um ponto onde eles poderiam pegar todas as respostas dele.

Vá, uma voz calma pediu. Vá agora.

A irmã de Essar havia aconselhado a esperar até o amanhecer.

Quando a mudança for mais fraca. Quando ela se certificaria de que certos guardas não chegariam na hora certa.

Vá agora.

Aquela voz, quente e insistente, puxou. Empurrou-o para o acampamento.

Rowan mostrou os dentes, sua respiração tornando-se áspera.

Lorcan e Gavriel estariam esperando o sinal, um clarão de sua magia, quando ele chegasse longe o suficiente para o acampamento.

Agora, Príncipe.

Ele conhecia aquela voz, sentiu seu calor. E se a Senhora da Luz sussurrava em seu ouvido...

Rowan não se deu tempo para pensar, para se enfurecer com a deusa que o encorajou a agir, mas sacrificaria alegremente sua parceira para o Fecho.

Então Rowan se fortaleceu, colocando gelo em suas veias.

Calmo. Preciso. Mortal.

Cada balanço de suas lâminas, cada explosão de seu poder, tinha que contar.

Rowan lançou sua magia para a entrada do acampamento.

Os guardas agarraram suas gargantas, frágeis escudos balançando ao redor deles. Rowan quebrou-os com metade de um pensamento, sua magia arrancando o ar de seus pulmões, seu sangue.

Eles desceu um segundo depois.

Sentinelas gritavam das árvores, ordens de "Soem o alarme!"

Mas Rowan já estava correndo. E as sentinelas nas árvores, seus gritos demorando-se no vento enquanto ofegavam, já estavam mortas.



O céu lentamente sangrou em direção ao amanhecer.

De pé na borda da floresta que beirava o lado leste do campo, uns bons três quilômetros de colinas ondulantes e gramadas entre ele e a borda do exército, Lorcan monitorava as tropas em movimento.

Gavriel já havia mudado, e o leão da montanha agora andava perto da linha das árvores, esperando pelo sinal.

Foi um esforço não espiar atrás dele, embora Lorcan não pudesse vê-la. Eles deixaram Elide a alguns quilômetros da floresta, escondida em um bosque de árvores margeando um vale. Se tudo corresse mal, ela teria fugido mais para os bosques montanhosos, para as antigas montanhas. Onde muito mais predadores mortais e espertos do que feéricos ainda rondavam.

Ela não lhe ofereceu uma palavra de despedida, embora desejasse a todos sorte. Lorcan não conseguiu encontrar as palavras certas de qualquer maneira, então ele saiu sem nem olhar para trás.

Mas ele olhou para trás agora. Orou que, se eles não voltassem, ela não iria procurar por eles.

Gavriel parou seu ritmo, orelhas se contorcendo em direção ao acampamento.

Lorcan ficou rígido.

Uma faísca de seu poder despertou e cintilou.

A morte acenou por perto.

— É muito cedo — disse Lorcan, procurando qualquer sinal do sinal de Whitethorn. Nada.

As orelhas de Gavriel estavam apoiadas na cabeça dele. E ainda aqueles tremores da morte gotejavam passado.

CAPÍTULO 26

Aelin engoliu uma vez. Duas vezes. O retrato do medo incerto enquanto ela estava acorrentada na mesa de metal, Cairn esperando por sua resposta.

E então ela disse, com a voz embargada.

— Quando você termina de me quebrar por um dia, como você se sente sabendo que ainda não é nada?

Cairn sorriu.

— Algum fogo sobrou em você, parece. Bom.

Ela sorriu de volta através da máscara.

— Você só recebeu o juramento para isto. Para mim. Sem mim, você não é nada. Você vai voltar a ser nada. Menos que nada, pelo que ouvi.

Os dedos de Cairn se apertaram ao redor da pedra.

— Continue falando, vadia. Vamos ver onde isso leva você.

Uma risada rouca rompeu com ela.

— Os guardas falam quando você está fora, você sabe. Eles esquecem que eu sou feérica também. Posso ouvir como você.

Cairn não disse nada.

— Pelo menos eles concordam comigo em uma coisa. Você é fraco. Tem que amarrar as pessoas para machucá-las porque isso faz com que você se sinta como um macho. — Aelin deu um olhar penetrante entre as pernas. — Inadequado nas maneiras que contam.

Um tremor passou por ele.

— Você gostaria que eu te mostrasse o quão inadequado eu sou?

Aelin bufou outra gargalhada, arrogante e fria, e olhou para o teto, na direção do céu reluzente. A última vez que ela veria, se ela jogou isso certo.

Sempre havia outro, um sobressalente, para ocupar o lugar dela se ela falhasse. Que a morte dela significaria a de Dorian, mandaria aqueles odiosos deuses exigirem sua vida para forjar a Fecho... Não era estranho, se odiar por isso. Ela falhou com pessoas o suficiente, falhou Terrasen, que o peso adicional mal aterrissou. Ela não teria muito mais tempo para sentir isso de qualquer maneira.

Então ela arrastou-se para o céu, as estrelas.

— Ah, eu sei que não vale muito a pena ver a esse respeito, Cairn. E você não é macho suficiente para poder usá-lo sem alguém gritando, não é? — No silêncio dele, ela sorriu. — Eu pensei que sim. Eu lidei com seu tipo na Guilda dos Assassinos. Vocês são tudo a mesma coisa.

Um grunhido profundo.

Aelin apenas riu e ajustou seu corpo, como se estivesse ficando confortável.

— Vá em frente, Cairn. Faça o seu pior.

Fenrys soltou um gemido de aviso.

Ela esperou, esperou, mantendo o sorriso, a frouxidão em seus membros.

Uma mão bateu em seu intestino, forte o suficiente, ela se curvou em torno dele, o ar desaparecendo dela.

Então outro golpe, nas costelas dela, um grito rouco dela.

Fenrys latiu.

Bloqueios clicaram, desbloqueando. O hálito quente fez cócegas no ouvido dela quando ela foi arrancada da mesa.

— As ordens de Maeve podem me segurar, vadia, mas vamos ver o quanto você fala depois disso.

Suas pernas acorrentadas não conseguiram ficar sob ela antes de Cairn agarrar a parte de trás de sua cabeça e bater seu rosto na borda da mesa de metal.

Estrelas explodiram, cegando e agonizando, enquanto metal sobre metal no osso rachava através dela. Ela tropeçou, recuando, seus pés acorrentados a fazendo se esparramar.

Fenrys latiu de novo, frenético e furioso.

Mas Cairn estava lá, agarrando o cabelo dela com tanta força que seus olhos lacrimejaram, e ela gritou mais uma vez quando ele a arrastou pelo chão em direção ao grande braseiro em chamas.

Ele puxou-a pelos cabelos e empurrou o rosto mascarado para a frente.

— Vamos ver como você zomba de mim agora.

O calor instantaneamente a chamuscou, as chamas lambendo tão perto de sua pele. Oh deuses, oh deuses, o calor disso...

A máscara aqueceu seu rosto, as correntes ao longo de seu corpo com ele.

Apesar de seus planos, ela empurrou de volta, mas Cairn a segurou firme. Empurrou-a em direção ao fogo enquanto seu corpo se esforçava, lutando por qualquer bolsa de ar frio.

— Eu vou derreter seu rosto tão mal que até mesmo os curandeiros não poderão consertar você — ele respirou em seu ouvido, abaixando-se, seus membros começando a tremer, o calor chamuscando sua pele, as correntes e a máscara.

Ele a empurrou um centímetro mais perto da chama.

O pé de Aelin deslizou para trás, entre as pernas apoiadas. Agora. Tinha que ser agora.

— Desfrute da respiração do fogo — ele sussurrou, e ela deixou ele empurrá-la outra polegada mais baixa.

Deixe-o desequilibrar-se, apenas uma fração, enquanto ela não bateu o corpo, mas de volta a ele, com o pé enganchado no tornozelo enquanto cambaleava.

Aelin girou, esmagando o ombro em seu peito. Cairn caiu no chão.

Ela correu – ou tentou. Com as correntes a seus pés, em suas pernas, ela mal podia andar, mas ela passou por ele, sabendo que ele já estava se contorcendo, já se levantando.

Corra...

As mãos de Cairn envolveram suas panturrilhas e puxaram. Ela caiu, dentes cantando enquanto batiam contra a máscara, tirando sangue do lábio.

Então ele estava sobre ela, chovendo golpes em sua cabeça, seu pescoço, seu peito.

Ela não podia desalojá-lo, seus músculos tão drenados do desuso, apesar dos curadores manterem a atrofia na baía. Não poderia virá-lo também, embora ela tentasse.

Cairn se atrapalhou atrás deles – por um ferro de engomar, aquecendo no braseiro.

Aelin se debateu, tentando levantar as mãos e passar por cima de sua cabeça, para enlaçar aquelas correntes em volta de seu pescoço. Mas elas foram fisgadas pelos ferros ao lado dela, nas costas dela.

Os latidos e rosnados de Fenrys soaram. A mão de Cairn se atrapalhou novamente para o atizador. Faltando.

Cairn olhou para trás para pegar o atizador, ousando tirar os olhos dela por um instante.

Aelin não hesitou. Ela bateu a cabeça para cima e bateu o rosto mascarado na cabeça de Cairn.

Ele bateu de volta e ela se lançou na direção das abas da tenda.

Ele tinha mais contenção do que ela estimava.

Ele não iria matá-la, e o que ela tinha feito agora, provocando-o...

Ela mal conseguiu se agachar quando as mãos de Cairn agarraram o cabelo dela novamente.

Quando ele a atirou com toda a força contra a cômoda.

Aelin bateu com uma rachadura que ecoou por seu corpo.

Algo em seu lado estalou e ela gritou, o som pequeno e quebrado, quando ela colidiu com o chão.



Fenrys viu o gêmeo enfiar uma faca no coração. Tinha assistido Connall sangrar sobre as telhas e morrer. E então foi ordenado que

se ajoelhasse diante de Maeve com tanto sangue, enquanto ela lhe pedia para *atendê-la*.

Ele ficou sentado em uma sala de pedra por dois meses, testemunhando o que eles fizeram com o corpo de uma jovem rainha, seu espírito. Tinha sido incapaz de ajudá-la quando ela gritou e gritou.

Ele nunca deixaria de ouvir esses gritos.

Mas foi o som que saiu dela quando Cairn a atirou na cômoda onde Fenrys o observara arrumando suas ferramentas, o som que ela fez ao cair no chão, que o estilhaçou por completo.

Um pequeno som quieto. Sem esperança.

Ele nunca ouviu isso dela, nem uma vez.

Cairn se levantou e limpou o nariz quebrado e sangrando.

Aelin Galathynius se mexeu, tentando se erguer sobre os antebraços.

Cairn puxou o atizador incandescente do braseiro. Ele apontou para ela como uma espada.

Fenrys se esforçou contra suas amarras invisíveis enquanto Aelin olhava para ele, na direção de onde ele havia ficado sentado nos últimos dois dias, naquele mesmo local da parede da tenda.

O desespero brilhou nos olhos dela.

Verdadeiro desespero, sem luz nem esperança. O tipo de desespero que desejava a morte. O tipo de desespero que começou a corroer a força, a consumir qualquer resolução para suportar.

Ela piscou para ele. Quatro vezes. *Eu estou aqui, estou com você.*

Fenrys sabia pelo que era. A mensagem final. Não antes da morte, mas antes do tipo de quebra que ninguém iria se afastar.

Antes de Maeve voltar com o colar de pedra de Wyrd Cairn girou o atizador em suas mãos, o calor ondulando em seu ponto.

E Fenrys não podia permitir isso.

Ele não podia permitir isso. Em sua alma despedaçada, no que restava dele depois de tudo que ele tinha sido forçado a ver e fazer, ele não podia permitir isso.

O juramento de sangue manteve seus membros plantados. Uma corrente escura que correu em sua alma.

Ele não permitiria isso. Essa quebra final.

Ele empurrou para cima contra a corrente escura da ligação, gritando, embora nenhum som viesse de sua boca aberta.

Ele empurrou e empurrou e empurrou contra aquelas correntes invisíveis, contra aquela ordem jurada de sangue para obedecer, para ficar para baixo, para assistir.

Ele desafiou isso. Tudo o que o juramento de sangue era.

A dor passou através dele, em seu âmago.

Ele bloqueou como Cairn apontou o atizador fumegante para a jovem rainha com um coração de fogo.

Ele não permitiria isso.

Rosnando, o macho dentro dele se debatendo, Fenrys gritou com a corrente escura que o prendia.

Ele rasgou, mordendo e rasgando com cada fragmento de desafio que possuía.

Deixe isso matá-lo, destruí-lo. Ele não serviria. Não outro batimento cardíaco. Ele não obedeceria.

Ele não obedeceria.

E lentamente, Fenrys se levantou.



A dor estremeceu Aelin quando ela estava esparramada, ofegante, os braços se esticando para segurar a cabeça e o peito do chão.

Não foi Cairn e o atizador que ela olhou.

Mas Fenrys, levantando-se para cima, seu corpo ondulando com tremores de dor, focinho enrugado de raiva.

Até Cairn parou. Olhou para o lobo branco.

— *Fique de pé.*

Fenrys rosnuu, profundo e cruel. E ainda assim ele se esforçou para ficar de pé.

Cairn apontou o atizador para o tapete.

— *Deite. Essa é uma ordem da sua rainha.*

Fenrys ficou espasmódico, com as costelas levantadas. Mas ele estava de pé.

Em pé.

Apesar da ordem, apesar dos comandos do juramento de sangue.

Levante-se.

De longe, as palavras soaram.

Cairn rugiu:

— *Deite-se!*

A cabeça de Fenrys se debatia de um lado para outro, o corpo contra as correntes invisíveis. Contra um juramento invisível.

Seus olhos escuros se encontraram com Cairn.

O sangue começou a correr da narina do lobo.

Matá-lo – para romper o juramento. Isso quebraria sua alma.

Seu corpo iria logo depois disso.

Mas Fenrys colocou uma pata para a frente. Suas garras cavaram no chão.

O rosto de Cairn empalideceu naquele passo. Esse passo impossível.

Os olhos de Fenrys deslizaram para os dela. Nem precisava do código silencioso entre eles para a palavra que ela viu em seu olhar.

A ordem e o fundamento.

Corra.

Cairn leu a palavra também.

E ele sussurrou:

— Não com uma espinha quebrada, ela não pode — antes que ele trouxesse o atizador para as costas de Aelin.

Com um rugido, Fenrys saltou.

E com isso, ele quebrou o juramento de sangue completamente.

CAPÍTULO 27

Lobo e feérico foram caindo no tapete, rugindo e rasgando.

Fenrys se lançou para a garganta de Cairn, seu enorme corpo prendendo o macho, mas Cairn colocou os pés entre eles e chutou.

Aelin levantou-se de um lado para o outro, desejando forças para suas pernas quando ela se ajoelhou ao lado da cômoda. Fenrys bateu na lateral da mesa de metal, mas foi imediatamente se movendo, jogando seu corpo contra Cairn.

Um assobio baixo soou próximo, e Aelin se atreveu a desviar o olhar para encontrar o atizador à sua direita.

Ela torceu os pés em direção a ele. Colocou o centro das correntes que prendiam seus tornozelos no topo da ponta incandescente.

Lentamente, os elos do centro aqueceram.

Lobo e feérico se enfrentaram em um emaranhado de garras, punhos e dentes, depois se separaram.

Quebrando o juramento de sangue, isso o mataria.

Estes foram seus últimos suspiros, seus últimos batimentos cardíacos.

— Eu vou descascar a pele de seus ossos — Cairn ofegou.

Fenrys respirou pesadamente, com sangue escorrendo por entre os dentes enquanto colocava uma pata sobre a outra, circulando. Seu olhar não se partiu de Cairn enquanto eles se moviam, avaliando um ao outro pelo golpe final.

Os elos no centro da corrente começaram a brilhar.

No alto, o céu se tornou cinza.

Fenrys e Cairn circularam novamente, passo a passo.

Vestindo-o, vestindo-o para baixo. Cairn sabia o custo de cortar o juramento de sangue. Sabia que ele só tinha que esperar antes que Fenrys estivesse morto.

Fenrys também sabia disso.

Ele atacou, estalando os dentes pela garganta de Cairn enquanto suas patas passavam pelas canelas do macho.

Aelin agarrou o atizador, plantou os calcanhares e dirigiu a haste para cima. Esticou-se contra os elos aquecidos da corrente, e ela empurrou e empurrou os pés para baixo, os braços curvados.

Cairn e Fenrys rolaram, e Aelin cerrou os dentes, berrando.

A corrente entre as pernas dela estalou.

Era tudo de que ela precisava.

Ela ficou de pé, mas parou. Fenrys, preso por Cairn, encontrou seu olhar. Rosnou em aviso e comando.

Corra.

Cairn virou a cabeça para ela. Na direção da corrente pendurada entre os tornozelos.

— Você...

Mas Fenrys subiu, suas mandíbulas apertando o ombro de Cairn.

Cairn gritou, arqueando, agarrando as costas de Fenrys.

Fenrys a encarou de novo, rasgando o ombro de Cairn mesmo quando o homem os empurrou para a borda da mesa. Martelou a espinha de Fenrys no metal, com força suficiente para que o osso rachasse.

Corra.

Aelin não hesitou. Ela correu para as abas da tenda.

E pela manhã além.



Metade de um quilômetro até o centro do acampamento. Para a tenda.

Os soldados responderam como Rowan antecipou, e ele os matou de acordo.

Aves de rapina mergulharam para ele, atacando com vento e gelo de cima. Ele quebrou sua magia com uma onda própria, enviando-os dispersos.

Um grupo de guerreiros atacou atrás de uma fileira de tendas.

Alguns o viram e correram de volta pelo caminho que tinham vindo. Todos os soldados que ele treinou. E alguns ele não tinha. No entanto, muitos ficaram para lutar.

Rowan rasgou seus escudos, arrancou o ar de seus pulmões.

Alguns acharam seu machado balançando para seus pescoços.

Perto. Tão perto dessa tenda. Ele iria sinalizar Lorcan e Gavriel em um momento. Quando ele estava perto o suficiente para precisar do desvio para a saída.

Outro ataque de soldados correu para ele, e Rowan inclinou a longa faca. Seu poder explodiu suas flechas disparadas, depois detonou os arqueiros.

Transformando-os em lascas ensanguentadas.

CAPÍTULO 28

Aelin correu.

Suas pernas enfraquecidas tropeçaram na grama, suas mãos ainda amarradas restringindo toda a amplitude de movimento, mas ela correu. Escolheu uma direção, qualquer direção, mas o rio estava à sua esquerda e correu.

O sol estava nascendo e o acampamento do exército... Havia movimento atrás dela. Gritando.

Ela bloqueou e apontou para a direita. Em direção ao sol nascente, como se fosse o abraço acolhedor de Mala.

Ela não conseguia obter ar suficiente através da fina fenda da máscara, mas continuava se movendo, passando por tendas, passando por soldados que chicoteavam a cabeça em direção a ela, como se estivessem intrigados. Ela apertou o atizador em suas mãos de ferro, recusando-se a ver qual era a comoção, se Cairn se enfurecesse atrás dela.

Mas então ela os ouviu. Berrando em ordem.

Apressando passos na grama atrás, fechando dentro. Pessoas adiante alertadas por seus gritos.

Com os pés descalços voando sobre o chão, as pernas exaustas gritaram para parar.

Ainda Aelin apontou para o horizonte oriental. Em direção às árvores e montanhas, em direção ao sol que se erguia sobre eles.

E quando o primeiro dos soldados bloqueou seu caminho, gritando para parar, ela inclinou o ferro e não vacilou.



Morte cantou para Lorcan.

Das aves de rapina que avançavam mais e mais no acampamento, ele sabia que Whitethorn estava perto da tenda de Cairn.

Logo, eles receberiam o sinal.

Lorcan e Gavriel firmaram a respiração, preparando o poder. Ele vibrava através deles, ondas gêmeas se formando.

Mas a morte começou a acenar em outro lugar do campo.

Mais perto deles. Se movendo rápido.

Lorcan examinou o céu luminoso, a linha das primeiras tendas.

A entrada com os guardas.

— Alguém está fazendo um movimento desse jeito — Lorcan murmurou para Gavriel. — Mas Whitethorn ainda está lá.

Fenrys. Ou Connall, talvez. Talvez a irmã de Essar, de quem ele nunca gostou. Mas ele não daria a mínima para isso se ela não os tivesse traído.

Ele apontou para o norte da entrada.

— Você toma esse lado. Esteja pronto para atacar pelo flanco.

Gavriel saiu em disparada, um predador pronto para atacar sem ser visto quando Lorcan atacou de frente.

A morte brilhou. Whitethorn estava quase no centro do acampamento. E essa força se aproximando de sua entrada oriental...

Para o inferno com a espera.

Lorcan se separou da cobertura de árvores, o poder negro girando, preparado para encontrar o que quer que fosse que atravessasse a linha de tendas.

Libertando a espada ao seu lado, ele procurou no céu, no acampamento, o mundo como a morte cintilou, como o sol nascente dourava as gramas rolando e ajustou o vapor do orvalho.

Nada. Nenhuma indicação do que, de quem...

Ele alcançou a primeira das cavidades que fluíam para a borda do acampamento, as depressões estreitas e íngremes, quando Aelin Galathynius apareceu.

Lorcan não esperava o soluço em sua garganta enquanto ela corria entre as barracas, quando ele viu a máscara de ferro e as correntes nela, as mãos ainda amarradas.

Quando ele viu o sangue encharcando sua pele, a pequena mudança branca, o cabelo dela, mais longo do que ele tinha visto pela última vez e grudado em sua cabeça com sangue.

Seus joelhos pararam de funcionar, e até mesmo sua magia vacilou diante da visão de sua selvagem e desesperada corrida pela borda do acampamento.

Soldados correram em direção a ela.

Lorcan entrou em movimento, alargando sua magia para cima e para longe. Não para ela, mas para Whitethorn, ainda cobrando o centro do acampamento.

Ela está aqui, ela está aqui, ela está aqui, ele sinalizou.

Mas Lorcan estava longe demais, as colinas e buracos entre eles agora intermináveis, enquanto dez soldados convergiam para Aelin, bloqueando seu caminho em direção ao campo aberto.

Um deles balançou a espada, um golpe que fendia seu crânio em dois.

O idiota não percebeu quem ele enfrentou. O que ele enfrentou.

Que não era uma rainha cuspidora de fogo presa em ferro que o atacou, mas uma assassina.

Com uma torção, levantando os braços, Aelin encontrou a espada de frente.

Assim como ela planejou.

A espada do macho ficou aquém do alvo, mas atingiu exatamente onde ela queria.

No centro das correntes que prendiam suas mãos.

Ferro estalou.

Então a espada do macho estava em suas mãos livres. Então sua garganta estava pulverizando sangue.

Aelin girou, batendo nos outros soldados que estavam entre ela e a liberdade. Mesmo enquanto ele corria para ela, Lorcan só podia ficar boquiaberto com o que se desenrolou.

Ela atacou antes que eles soubessem onde se virar. Corte, estalo, estocada.

Ela colocou a outra mão em uma de suas adagas.

Então acabou. Então não havia nada entre ela e a entrada do campo, mas os seis guardas sacando suas armas.

Lorcan atacou com sua magia, uma rede letal de poder que fez os guardas caírem de joelhos. Pescoço estalou.

Aelin não vacilou quando eles murcharam no chão. Ela passou correndo, mirando diretamente no campo e nas colinas. Para onde Lorcan correu para ela.

Ele sinalizou novamente. *Para mim, para mim.*

Se Aelin reconheceu isso, ou ele, ela ainda correu em sua direção.

Inteiro. Seu corpo parecia inteiro, e ainda assim ela era tão magra, as pernas salpicadas de sangue se esforçando para mantê-la ereta.

Um campo ondulado de saliências íngremes e cavidades ficava entre eles. Lorcan xingou.

Ela não conseguiria, não naquele terreno, não drenada assim – Mas ela conseguiu.

Aelin desapareceu no primeiro mergulho, e a magia de Lorcan explodiu repetidamente. Para ela, para Whitethorn.

E então ela levantou-se, subindo a colina, e ele pôde ver a lentidão tomando conta, a pura exaustão de um corpo em seu limite.

Flechas brotaram de arcos e uma parede deles disparou para o céu. Apontando para ela naquelas colinas expostas.

Lorcan enviou uma onda de seu poder tirando-os.

Ainda mais tiros. Únicos tiros desta vez, de tantas direções, ele não conseguiu rastrear suas fontes. Arqueiros treinados, alguns dos melhores de Maeve. Aelin tinha que...

Ela já estava.

Aelin começou a ziguezaguear, privando-os de um alvo fácil.

Da esquerda para a direita, ela disparou sobre as colinas, mais devagar a cada solavanco que ela limpava, cada passo em direção a

Lorcan enquanto ele corria até ela, a cem metros de distância entre eles.

Uma flecha espetou suas costas, mas Aelin se lançou para o lado, derrapando na grama e na terra. Ela estava de pé novamente em um piscar de olhos, armas ainda na mão, cobrando pelas colinas e cavidades entre eles.

Outra flecha apontada para ela, e Lorcan afastou isso. Uma parede de ouro cintilante chegou primeiro.

Do norte, saltando sobre as cavidades, atacou Gavriel. Aelin desapareceu em um mergulho na terra, e quando ela emergiu, o Leão correu ao lado dela, um escudo dourado ao redor dela. Não perto dela, mas no ar ao redor deles. Incapaz de tocá-la completamente com a máscara de ferro, as correntes envolviam seu torso. As manoplas de ferro nas mãos dela.

Soldados estavam saindo do acampamento, e Lorcan enviou um vento negro chicoteando para eles. Onde os tocou, eles morreram. E aqueles que não encontraram um escudo impenetrável impedindo o caminho para o campo.

Ele espalhou o máximo que pôde. Juramento de sangue ou não, eles ainda eram seu povo. Seus soldados. Ele evitaria suas mortes, se pudesse. Salvaria-os de si mesmos.

Aelin estava tropeçando agora, e Lorcan limpou a última das colinas entre eles.

Ele abriu a boca, para gritar o que, ele não sabia, mas um grito perfurou o céu azul.

O soluço que saiu de Aelin no rugido de fúria do falcão rachou o peito de Lorcan.

Mas ela continuou correndo para as árvores, para a cobertura.

Lorcan e Gavriel ficaram ao lado dela, e quando ela tropeçou novamente, aquelas pernas muito finas se soltando, Lorcan agarrou-a por baixo do braço e puxou-a.

Rápido como uma estrela cadente, Rowan mergulhou para eles.

Ele os alcançou quando passaram pela primeira das árvores, mudando quando ele aterrissou. Eles se detiveram, Aelin se

esparramando no chão coberto de pinheiros.

Rowan estava imediatamente à sua frente, mãos indo para a máscara em seu rosto, as correntes, o sangue cobrindo seus braços, seu corpo rasgado...

Aelin soltou outro soluço e gemeu.

— *Fenrys*.

Lorcan demorou um momento para entender. Levou-a apontando para trás, para o acampamento, como ela disse novamente, como se a fala estivesse além dela.

— *Fenrys*. — Sua respiração era de um grito úmido. Um apelo.

Um apelo quebrado e sangrento.

Fenrys permaneceu com Cairn. No acampamento. Aelin apontou novamente, soluçando.

Rowan se virou de sua parceira.

A raiva nos olhos de Rowan poderia devorar o mundo. E essa raiva estava prestes a extrair o tipo de vingança que apenas um macho parceiro poderia comandar.

Os caninos de Rowan brilharam, mas sua voz era mortalmente suave quando ele disse a Lorcan:

— Leve-a para o vale. — Um puxão de seu queixo para Gavriel. — Você vem comigo.

Com um último olhar para Aelin, sua raiva congelada se transformou em uma tempestade no vento, o Príncipe e o Leão se foram, voltando para o acampamento caótico e sangrento.

CAPÍTULO 29

Com o acampamento em caos absoluto, era muito mais fácil entrar.

O poder de Rowan explodiu para a borda oeste, despedaçando tenda e osso. Qualquer soldado que se demorasse entre a borda leste do acampamento e o centro correu em direção a ele.

Abrindo o caminho. Direito à tenda ele esteve tão perto de alcançar quando o poder de Lorcan se acendeu. Um sinal.

Que eles a encontraram. Ou ela os encontrou, parecia.

E quando Rowan a viu, primeiro dos céus e depois ao lado dela, quando sentiu o cheiro do sangue, tanto dela quanto dos outros, quando viu as correntes e a máscara de ferro presas no rosto, quando *soluçava* à vista dele, terror e desespero revestindo seu perfume...

A raiva que o atravessava não tinha espaço para misericórdia.

Não há espaço para compaixão.

Não havia nem nele quando ele e Gavriel passaram pelo último agrupamento de tendas para o grande situado em um círculo limpo de grama. Como se ninguém pudesse suportar estar perto de Cairn.

Fenrys estava com ela. Ou tinha estado.

Do interior silencioso, ele se perguntou se o lobo estava morto.

Gavriel mudou para sua forma feérica, e libertou uma faca em seu quadril. Um olhar trocado transmitiu a ordem do silêncio enquanto Rowan enviava uma rajada de vento para a tenda.

Ele cantou de volta para ele de duas formas de vida. Ambos feridos. Sangue grosso no ar. Era tudo o que ele precisava.

Silenciosos como a brisa na grama, eles deslizaram entre as abas da tenda. Rowan não sabia onde procurar primeiro.

No macho lobo e feérico, estavam esparramados no chão.

Ou no caixão de ferro do outro lado da tenda.

A caixa de ferro em que a trancaram.

Teve que reforçar, aparentemente, a partir da soldagem desleixada nas grossas lajes em cima.

A caixa era tão pequena. Tão estreita.

O cheiro do sangue dela, o medo dela, saturava a tenda.

Emanava da caixa.

Uma mesa de metal estava por perto.

E abaixo disso...

Rowan examinou os três braseiros acesos embaixo, a corrente se prendeu na cabeça e no pé da mesa e finalmente olhou para o homem feérico ensanguentado, mas ainda vivo, no chão, em frente a Fenrys.

Fenrys, a quem Gavriel já estava agachado, a luz dourada de seu poder envolvia o pêlo ensopado de sangue. Curando ele. O lobo branco não se conscientizou, mas sua respiração se estabilizou. Bom o bastante.

— Cure-o — Rowan disse com letal suavidade. O Leão olhou para cima e descobriu que o olhar de Rowan não estava mais no lobo. Mas em Cairn.

Pedaços de carne haviam sido arrancados do corpo de Cairn.

Um caroco em seu crânio disse a Rowan que fora o golpe que o deixara inconsciente. Como se Fenrys tivesse batido o crânio de Cairn na lateral da mesa de metal. E então desabou a poucos metros de distância.

Desmoronou, talvez não das próprias feridas, mas... Rowan começou. O que aconteceu aqui, o que tinha sido tão terrível que o lobo tinha sido capaz de fazer o impossível para poupar Aelin de suportá-lo?

Os olhos castanhos de Gavriel brilharam com cautela. Rowan apontou para Cairn novamente.

— Cure-o

Eles não tiveram muito tempo. Não para fazer o que ele queria.

O que ele precisava.

Algumas das gavetas do cofre alto tinham sido libertadas.

Ferramentas polidas brilharam por dentro.

Uma bolsa deles também havia sido colocada em um pedaço de veludo preto ao lado da mesa de metal.

Seu sangue cantou para ele de dor e desespero, de terror absoluto.

Sua Coração de Fogo.

A magia de Gavriel brilhava, a luz dourada se instalando sobre Cairn.

Rowan examinou as ferramentas que Cairn havia colocado, as que estavam na gaveta. Cuidadosamente, pensativamente, ele selecionou um.

Uma faca fina e afiada. Uma ferramenta de cura, destinada a incisões suaves e raspagem da podridão.

Cairn gemeu quando a inconsciência cedeu. No momento em que Cairn acordou, acorrentado àquela mesa de metal, Rowan estava pronto.

Cairn viu quem estava em cima dele, a ferramenta na mão tatuada de Rowan, os outros que ele também havia colocado naquele pedaço de veludo, e começou a se debater. As correntes de ferro se mantinham firmes.

Então Cairn viu a raiva congelada nos olhos de Rowan.

Entendeu o que ele pretendia fazer com aquela faca afiada e afiada.

Uma mancha escura se espalhou pela frente das calças de Cairn.

Rowan envolveu um vento gelado na tenda, bloqueando todo o som e começou.

CAPÍTULO 30

O choque de conflitos ecoou pela terra, mesmo a quilômetros de distância. Nas profundezas das colinas da floresta antiga, Elide havia esperado por horas. Primeiro tremendo no escuro, depois vendo o céu sangrar até ficar cinzento, depois finalmente azul. E com a transição final, o clamor começou.

Ela alternava entre passear pelo vale coberto de musgo, vestindo entre os pedregulhos cinzentos espalhados entre as árvores, e sentando-se no silêncio vibrante contra uma das imponentes árvores de troncos largos, fazendo-se tão pequena e quieta quanto possível. Gavriel havia jurado que nenhum dos animais estranhos ou caídos nessas terras iria rondar tão perto de Doranelle, mas ela não queria arriscar. Então ela permaneceu no vale, onde lhe disseram para esperar.

Esperar por eles. Ou esperar que as coisas fiquem mal o suficiente para que ela tenha que encontrar seu próprio caminho.

Talvez ela procurasse Essar se isso acontecesse.

Não chegaria a isso. Ela jurou repetidamente. Não *poderia* chegar a isso.

O sol da manhã começava a esquentar a sombra gelada quando ela os viu.

Os viu, antes que ela os ouvisse, porque seus pés estavam em silêncio no chão da floresta, graças a sua imortal graça e treinamento.

A respiração estremeceu quando Lorcan emergiu entre duas árvores cobertas de musgo, os olhos já fixos nela. E um passo atrás dele, cambaleando...

Elide não sabia o que fazer. Com seu corpo, suas mãos. Não sabia o que dizer enquanto Aelin tropeçou na raiz e nas pedras, a máscara e as correntes rangendo, o sangue encharcando-a. Não apenas sangue de sua própria ferida, mas dos outros.

Ela estava magra, seu cabelo dourado muito mais longo. Muito longo, mesmo com o tempo distante. Caiu quase até o umbigo, a maior parte escura com sangue endurecido. Como se ela tivesse passado por uma chuva disso.

Nenhum sinal de Rowan ou Gavriel. Mas nenhum pesar no rosto de Lorcan, nada além da urgência, dado como ele monitorava o céu, as árvores. Procurando por qualquer perseguição.

Aelin parou na beira da clareira. Seus pés estavam descalços e o fino e curto turno que ela usava não revelava ferimentos graves.

Mas havia um pequeno reconhecimento nos olhos de Aelin, sombreados pela máscara.

Lorcan disse à rainha:

— Vamos esperar aqui por eles.

Aelin, como se o corpo dela não pertencesse a ela, levantou as mãos encadeadas de metal. A corrente que as ligava havia sido cortada e pendurada em pedaços de qualquer uma das algemas. O mesmo com aquelas em seus tornozelos.

Ela puxou uma das fechaduras de metal. Não se moveu.

Ela puxou novamente. A fechadura não mudou muito.

— Tire isso.

Sua voz era baixa, grave.

Elide não sabia a qual deles ela ordenou, mas antes que pudesse atravessar a clareira, Lorcan agarrou o pulso da rainha para examinar as fechaduras.

Um canto de sua boca se apertou. Não havia como libertá-las, então.

Elide se aproximou, seu coxear profundo mais uma vez com a magia de Gavriel ocupada.

As fechaduras foram examinadas no pulso dela, sobrepondo-se ligeiramente ao grilhão. Ambos tinham pequenos buracos de

fechadura. Ambos foram feitos de ferro.

Elide se mexeu levemente, apoiando seu peso na perna não machucada, para ter uma visão de onde a máscara estava presa na parte de trás da cabeça de Aelin.

Aquela fechadura era mais complicada que as outras, as correntes grossas e antigas.

Lorcan encaixou a ponta de uma adaga fina na fechadura da máscara e agora estava inclinando-a, tentando pegar o mecanismo.

— Tire isso. — As palavras guturais da rainha foram engolidas pelas árvores cobertas de musgo.

— Estou tentando — Lorcan disse — não gentilmente, embora certamente sem sua frieza habitual.

A adaga raspou na fechadura, mas sem sucesso.

— Tire. — A rainha começou a tremer.

— Eu estou...

Aelin arrancou a adaga dele, o metal estalando em metal enquanto ela encaixava a ponta da lâmina na fechadura. A adaga sacudiu na sua mão de ferro.

— Tire isso — ela respirou, os lábios se curvando para trás de seus dentes. — *Tire.*

Lorcan tentou agarrar a adaga, mas ela se afastou. Ele retrucou:

— Essas fechaduras são espertas demais. Precisamos de um serralheiro apropriado.

Ofegando através dos dentes cerrados, Aelin cavou e torceu a adaga na fechadura da máscara. Um estalo rompeu a clareira.

Mas não a fechadura. Aelin retirou a adaga para revelar a ponta lascada e quebrada. Um caco de metal caiu da fechadura e entrou no musgo.

Aelin olhou para a lâmina quebrada, para o fragmento na folhagem que amortecia os pés nus e ensanguentados, a respiração ficando mais rápida e mais rápida.

Então ela largou a adaga no musgo. Começou a arranhar as algemas em seus braços, as algemas em suas mãos, a máscara em seu rosto.

— Tire isso — ela implorou quando ela arranhou e puxou e sacudiu. — *Tire!*

Elide estendeu a mão para ela, para impedi-la antes que ela arrancasse a pele dos ossos, mas Aelin se afastou, cambaleando mais fundo na clareira.

A rainha caiu de joelhos, curvando-se sobre eles e arranhou a máscara.

Não se mexeu.

Elide olhou para Lorcan. Ele estava congelado, com os olhos arregalados quando Aelin se ajoelhou no musgo, enquanto sua respiração ficava cortada por soluços.

Ele tinha feito isso. Levou-os a isso.

Elide deu um passo em direção a Aelin.

As manoplas da rainha tiraram sangue onde arranhavam seu pescoço, sua mandíbula, enquanto ela se erguia contra a máscara.

— *Tire isso!* — O pedido se transformou em um grito. — *Tire!*

Mais e mais, a rainha gritou.

— *Tire isso, tire, tire!*

Ela estava chorando em meio aos gritos, o som se despedaçando na floresta antiga. Ela não disse outras palavras.

Suplicou a nenhum deus, nenhum ancestral.

Apenas essas palavras, de novo e de novo e de novo.

Tire, tire, tire.

O movimento atravessou as árvores atrás deles e o fato de Lorcan não ter procurado suas armas disse a Elide quem era. Mas qualquer alívio foi de curta duração quando Rowan e Gavriel emergiram, um enorme lobo branco foi arrastado entre eles. O lobo cujas mandíbulas haviam segurado o braço de Elide, rasgando carne até o osso. Fenrys.

Ele estava inconsciente, a língua atrasada de sua boca ensanguentada. Rowan mal havia entrado na clareira antes de pousar o lobo e ir para Aelin.

O príncipe estava coberto de sangue. Por seus passos desimpedidos, Elide sabia que não era dele.

Do sangue que reveste seu queixo, seu pescoço... Ela não queria saber.

Aelin rasgou a máscara imóvel, ou inconsciente ou despreocupada do príncipe diante dela. Seu consorte, marido e companheiro.

— Aelin.

Tire isso, tire isso, tire isso.

Seus gritos eram insuportáveis. Pior que aqueles naquele dia na praia em Eyllwe.

Gavriel veio para ficar ao lado de Elide, sua pele dourada pálida enquanto ele observava a rainha frenética.

Lentamente, Rowan se ajoelhou diante dela.

— Aelin.

Ela apenas inclinou a cabeça para o dossel da floresta e soluçou.

O sangue escorria de seu pescoço dos arranhões que ela havia cavado em sua pele, misturando-se com o que já a cobria.

Rowan estendeu a mão trêmula, o único sinal da agonia que Elide suspeitava que estava passando por ele. Suavemente, ele colocou as mãos nos pulsos dela; gentilmente, ele fechou seus dedos ao redor deles. Parando os brutais arranhões e escavações.

Aelin soluçou, seu corpo sacudindo com a força disso.

— *Tire isso!*

Os olhos de Rowan piscaram, pânico e coração partido e saudade brilhando lá.

— Eu vou. Mas você tem que ficar quieta, Coração de Fogo. Só por alguns momentos.

— *Tire isso.* — Os soluços diminuíram, indo para algo quebrado e cru. Rowan passou os polegares pelos seus pulsos, por cima das algemas de ferro. Como se não fosse nada além de sua pele.

Lentamente, suas tremedeiras aliviaram.

Não, não aliviaram, Elide percebeu enquanto Rowan ficou de pé e foi por trás da rainha. Mas contido, íntimo. Tremores atravessaram o corpo tenso de Aelin, mas ela ficou quieta enquanto Rowan examinava a fechadura.

Ainda algo como choque, então horror e tristeza passou pelo seu rosto, enquanto ele inspecionava as costas dela. Desapareceu tão rápido quanto tinha aparecido.

Um olhar, Gavriel e Lorcan se desviaram para o seu lado, os passos vagarosos. Não ameaçadores.

Do outro lado da pequena clareira, Fenrys permaneceu de fora, seu pelo branco ensopado de sangue.

Elide apenas caminhou até Aelin e assumiu o lugar onde Rowan estivera.

Os olhos da rainha estavam fechados, como se exigisse toda a sua concentração se controlar por mais uma batida do coração, para permitir que a olhassem, para tirar o ferro.

Então, Elide não disse nada, não exigiu nada dela, a não ser se tornar uma companheira, se é que ela precisava de uma. Atrás de Aelin, o rosto salpicado de sangue de Rowan estava sombrio enquanto ele estudava a fechadura apertando as correntes da máscara na parte de trás de sua cabeça. Suas narinas se dilataram ligeiramente. Raiva – Frustração.

— Eu nunca vi uma fechadura assim — Gavriel murmurou.

Aelin começou a tremer novamente.

Elide pôs a mão no joelho dela. Aelin tinha a pele aberta, lama e grama presos em si, junto com crostas de sangue.

Ela esperou a rainha empurrar a mão, mas Aelin não se moveu.

Manteve os olhos fechados, sua respiração irregular mantendo-se firme.

Rowan segurou uma das correntes que prendiam a máscara e acenou para Lorcan.

— A outra.

Silenciosamente, Lorcan agarrou o extremo oposto. Eles cortariam o ferro se tivessem que fazê-lo.

Elide prendeu a respiração quando os dois machos se esforçaram, os braços tremendo.

Nada.

Eles tentaram novamente. Aelin respirou fortemente. Elide apertou a mão no joelho da rainha.

— Ela conseguiu quebrar as correntes nos tornozelos e nas mãos — Gavriel disse. — Elas não são indestrutíveis.

Mas com as correntes na máscara tão perto de sua cabeça, um golpe de espada era impossível. Ou talvez a máscara tivesse sido feita de ferro mais forte.

Rowan e Lorcan grunhiram enquanto se agitavam contra as correntes. Foi de pouca utilidade.

Arquejando baixinho, eles pararam. Vermelho brilhavam em suas mãos. Sangue.

Eles tentaram usar sua magia para quebrar o ferro.

O silêncio caiu através da clareira. Eles não podiam ficar aqui por mais tempo. Mas tirar Aelin da cela, quando estava tão sedenta por estar livre dela...

Os olhos de Aelin se abriram.

Eles estavam vazios. Totalmente drenada. Uma guerreira aceitando a derrota.

Elide deixou escapar, lutando por qualquer coisa para banir que esvaziasse.

— Tinha alguma chave? Você a viu usando uma chave?

Duas piscadas. Como se isso significasse alguma coisa.

Rowan e Lorcan puxaram de novo, esforçando-se.

Mas o olhar de Aelin caiu no musgo, nas pedras. Estreitou ligeiramente, como se a pergunta tivesse se resolvido. Através do pequeno buraco em sua máscara, Elide mal vê sua boca as palavras.

Uma chave.

— Eu não tenho isto... nós não as temos — Elide disse, sentindo a direção dos pensamentos de Aelin. — Manon e Dorian sim.

— Quieta — Lorcan assobiou. Não ao nível de sua voz, mas a informação mortal que Elide revelou.

Aelin novamente piscou duas vezes com aquela estranha intencionalidade.

Rowan rosou para as correntes, levantando-se novamente.

Mas Aelin estendeu a mão para o musgo e traçou uma forma.

— O que é isso? — Elide se inclinou para frente quando a rainha fez isso novamente, seu rosto ilegível.

Os machos feéricos fizeram uma pausa à sua pergunta e observaram o dedo de Aelin se mover através do verde.

— Uma marca de wyrd. — Rowan disse suavemente. — Para abrir. Aelin observou de novo, muda e imóvel. Como se nenhum deles estivesse ali.

— Elas funcionam em ferro? — Gavriel perguntou, seguindo o dedo de Aelin.

— Ela abriu as portas da biblioteca real de Adarlan com aquele símbolo — Rowan disse. — Mas ela precisava...

Ele deixou suas palavras ficarem inacabadas enquanto pegava a faca quebrada que Aelin tinha jogado no musgo e o cortava a palma da mão.

Ajoelhando-se diante dela, ele estendeu a mão ensanguentada.

— Me mostre, Coração de Fogo. Me mostre novamente. — Ele bateu no tornozelo dela — o grilhão ali.

Silêncio, seus movimentos rígidos, Aelin se inclinou para frente.

Ela cheirou o sangue acumulando em sua mão, suas narinas dilatadas. Seus olhos se ergueram para os dele, como uma pergunta ao ver o sangue.

— Eu sou seu parceiro — Rowan sussurrou, como se fosse a resposta que procurava. E o amor em seus olhos, a maneira como sua voz se quebrou, sua mão ensanguentada transbordando... A garganta de Elide se apertou.

Aelin apenas olhou para o sangue acumulado em sua palma em concha. Seus dedos se curvaram, o grilhão estalou. Como se fosse outra resposta também.

— Ela não pode fazer isso com o ferro — Elide disse. — Se estiver nas mãos dela isso interfere na magia do sangue.

Um piscar dela, aquela linguagem silenciosa.

— É por isso que ela os coloca em você, não é? — Elide disse, seu peito se esforçando. — Para ter certeza de que você não poderia

usar seu próprio sangue com as marcas de wyrd para se libertar. — Como se todo o outro ferro já não fosse suficiente.

Outra piscadela, o rosto ainda oco e frio. Cansado.

A mandíbula de Rowan se apertou. Mas ele apenas mergulhou o dedo no sangue na palma da mão e ofereceu a mão a ela.

— Mostre-me, Coração de Fogo — ele disse novamente.

Elide podia jurar que estremeceu, e não por medo, quando a mão encrustada de metal de Aelin se fechou ao redor da dele.

Ao parar, com pequenos movimentos, ela guiou o dedo para traçar o símbolo no grilhão ao redor do tornozelo.

Um suave clarão de luz esverdeada.

O silvo e o suspiro da fechadura encheram a clareira. O grilhão caiu no musgo.

Lorcan repreendeu.

Rowan ofereceu sua mão, seu sangue novamente. De novo em torno de seu outro tornozelo outra marca de wyrd.

Então as algemas ao redor dos pulsos dela. Então os horríveis grilhões caíram no musgo.

Aelin ergueu as mãos nuas para o rosto, alcançando a fechadura por trás da máscara, mas parou.

— Eu vou fazer isso — Rowan disse, sua voz ainda suave, ainda cheia de amor.

Ele se moveu para trás e Elide olhou para a máscara horrível, os sóis e as chamas esculpidos e gravados ao longo de sua antiga superfície. Um clarão de luz, um estalido de metal e depois se soltou.

Seu rosto estava pálido — tão pálido, todos os vestígios de dourado desaparecidos.

E vazio. Consciente, e ainda não.

Cauteloso.

Elide ficou imóvel, deixando a rainha examiná-la. Os machos se moveram para encará-la e Aelin olhou para eles por sua vez. Gavriel, que baixou a cabeça. Lorcan, que olhou de volta para ela, seu olhar sombrio.

E Rowan. Rowan, cuja respiração ficou irregular, audível.

— Aelin?

O nome parecia ser um desbloqueio também.

Não da rainha que ela conheceu tão brevemente, mas o poder dentro dela. Elide se encolheu com as chamas, douradas e resplandecentes, surgindo em volta da rainha. A mudança queimando em cinzas.

Lorcan arrastou Elide para trás, e ela permitiu, mesmo quando o calor variou. Mesmo quando a chama de energia se contraiu em uma aura ao redor da rainha, uma segunda pele cintilante.

Aelin se ajoelhou ali, queimando e não falou.

As chamas crepitavam ao redor dela, embora o musgo, as raízes, não queimassem. Não fez tanto vapor. Apenas o fogo. O

cabelo agora longo de Aelin escondendo sua nudez, Elide deu uma boa olhada no que havia sido feito com ela.

Além de uma contusão ao longo das costelas, não havia nada.

Nem uma única marca. Nem um único calo.

Nem uma única cicatriz. As que Elide havia visto naqueles dias, antes de Aelin ter sido levada, foram embora.

Como se alguém as tivesse eliminado.

CAPÍTULO 31

Eles levaram suas cicatrizes.

Maeve as levou embora.

Contou ao Rowan o suficiente sobre o que havia sido feito.

Quando ele a viu de volta, a pele macia onde as cicatrizes de Endovier e as cicatrizes da chicotada de Cairn deveriam ter estado, ele suspeitou.

Mas ajoelhada, queimando em nada além de sua pele... Não havia cicatrizes onde deveria ter havido. O quase-colar de cicatrizes de Baba Pernas Amarelas: se foi. As marcas dos grilhões de Endovier: se foram. A cicatriz onde ela foi forçada por Arobynn Hamel a quebrar a própria mão: se foi. E nas palmas das mãos...

Foi nas palmas das mãos expostas que Aelin olhou agora.

Como se percebesse o que estava faltando.

As cicatrizes nas palmas das mãos, uma desde o momento em que haviam se tornado *carranam*, a outra desde seu juramento a Nehemia, haviam desaparecido por completo.

Como se elas nunca estivessem lá.

Suas chamas queimaram mais brilhantes.

Os curandeiros podiam remover cicatrizes, sim, mas a razão mais provável para a falta deles em Aelin, em todos os lugares onde ele os traçara com as mãos, a boca...

Era uma pele nova. Tudo isso. Salvaram seu rosto, já que ele duvidava que eles seriam estúpidos o suficiente para tirar a máscara.

Quase cada centímetro dela estava coberta de pele nova, como neve fresca. O revestimento de sangue dela tinha queimado para revelá-lo.

Nova pele, porque eles precisavam substituir o que havia sido destruído. Para curá-la para que eles pudessem começar de novo e de novo.

Gavriel e Elide haviam se movido para onde Fenrys estava, o campo de batalha que a cura tinha feito no guerreiro provavelmente não era suficiente para manter a morte sob controle.

Gavriel disse para ninguém em particular.

— Ele não tem muito mais tempo.

Ele quebrou o juramento de sangue. Por pura vontade, Fenrys quebrara. E logo pagaria o preço quando sua força de vida sangrasse completamente.

O olhar de Aelin mudou então. De suas mãos, sua pele horrivelmente intocada, para o lobo através da clareira.

Ela piscou duas vezes. E então lentamente se levantou.

Inconsciente ou indiferente de sua nudez, ela deu um passo instável. Rowan estava instantaneamente ali, ou o mais perto que as chamas permitiam.

Ele poderia empurrar, protegendo-se no gelo ou simplesmente cortando o ar que alimentava suas chamas. Mas cruzar essa linha, enfiar-se em suas chamas quando tanto, muito, tinha sido roubado dela... Ele não se permitiu pensar no distante e cauteloso reconhecimento em seu rosto quando o viu – viu eles. Como se ela não tivesse certeza de confiar neles. Confiar isso.

Aelin deu outro passo, oscilando.

Ele vislumbrou o pescoço dela quando ela passou. Até mesmo as marcas de mordidas gêmeas, sua marca de reivindicação, haviam desaparecido.

Envolta em chamas, Aelin caminhou até Fenrys. O lobo branco não se mexeu.

A tristeza suavizou seu rosto, mesmo com aquela distância tranquila. Tristeza e gratidão.

Gavriel e Elide permaneceram no outro lado de Fenrys quando ela se aproximou. Afastaram um passo. Não por medo, mas para dar-lhe espaço neste momento de despedida.

Eles tinham que ir. Permanecer aqui, apesar dos quilômetros entre eles e o acampamento, era loucura. Eles poderiam carregar Fenrys até que terminasse, mas... Rowan não conseguia dizer isso.

Para dizer a Aelin que talvez não seja sensato levar esse adeus do jeito que ela precisava. Eles tinham minutos, na melhor das hipóteses, para poupar antes que eles tivessem que estar em movimento.

Mas se olheiros ou sentinelas os encontrassem, ele se certificaria de que eles não chegassem perto o suficiente para perturbá-la.

Gavriel e Lorcan pareciam estar tendo o mesmo pensamento, seus olhos se encontrando do outro lado da clareira. Rowan apontou o queixo em direção à linha das árvores ocidentais em ordem silenciosa. Eles perseguiram isso.

Aelin se ajoelhou ao lado de Fenrys e sua chama envolveu os dois. O fogo deu lugar a uma aura de ouro avermelhado, um escudo que ele sabia que derreteria a carne de qualquer um que tentasse atravessar. Ele fluiu e ondulou ao redor deles, uma bolha de ar acobreado, e através dele, Rowan observou enquanto ela passava a mão pelo lado machucado do lobo.

Gavriel havia curado a maioria das feridas, mas o sangue permaneceu.

Aelin fez longos e gentis golpes sobre o pêlo, a cabeça angulada enquanto falava baixinho demais para Rowan ouvir.

Lentamente, dolorosamente, Fenrys abriu um olho. A agonia encheu-o – agonia e ainda algo como alívio e alegria, ao ver seu rosto nu. E exaustão. Essa exaustão que Rowan conhecia de que a morte seria um abraço bem-vindo, um beijo da própria Silba, deusa de fins bondosos.

Aelin falou novamente, o som contido ou engolido pelo escudo dela. Sem lágrimas. Apenas essa tristeza e clareza.

O rosto de uma rainha, ele percebeu quando Lorcan e Gavriel pegaram pontos ao longo da borda do vale. Era o rosto de uma rainha que olhava para Fenrys. Uma rainha que pegou sua enorme

pata em suas mãos, empurrando para trás dobras de pele e pele para desembainhar uma garra curva.

Ela deslizou sobre seu antebraço nu, cortando a pele. Deixando sangue em seu rastro.

A respiração de Rowan ficou presa. Gavriel e Lorcan se viraram para eles.

Aelin falou novamente e Fenrys piscou uma vez em resposta.

Ela considerou a resposta o suficiente.

— Deuses sagrados — Lorcan respirou quando Aelin estendeu seu antebraço sangrando para a boca de Fenrys. — Santo deuses no cio.

Para a lealdade de Fenrys, por seu sacrifício, não havia recompensa maior que ela pudesse oferecer. Para mantê-lo longe da morte, não havia outro jeito de salvá-lo.

Só isso. Apenas o juramento de sangue.

E quando Fenrys conseguiu tirar o sangue de sua ferida, enquanto jurava um voto silencioso à rainha, piscando mais algumas vezes, o peito de Rowan ficou insuportavelmente apertado.

Cortar o juramento de sangue para uma rainha havia rompido sua força vital, sua alma. Fazer o juramento de sangue para outra poderia muito bem consertar essa ruptura, a magia antiga ligando a vida de Fenrys a Aelin.

Três bocados. Isso é tudo o que Fenrys levou antes de colocar a cabeça no musgo e fechar os olhos.

Aelin se enrolou ao lado dele, chamuscas envolvendo os dois.

Rowan não conseguia se mexer. Nenhum deles se mexeu.

Aelin murmurou uma pequena, breve palavra.

Fenrys não respondeu.

Ela falou de novo, aquele rosto da rainha inabalável.

Viva.

Ela usaria o juramento de sangue para forçá-lo a permanecer deste lado da vida. Ainda Fenrys não se mexeu.

Através da bolha de chamuscas e calor, Elide colocou a mão sobre a boca, os olhos brilhando. Ela também leu a palavra nos lábios de Aelin.

Aelin falou pela terceira vez, com os dentes piscando enquanto dava a Fenrys seu primeiro pedido. *Viva*.

Rowan não respirou enquanto esperavam. Longos minutos se passaram.

Então os olhos de Fenrys se abriram.

Aelin segurou o olhar do lobo, nada em seu rosto exceto aquele comando grave e inflexível.

Lentamente, Fenrys se mexeu. Suas patas se mexeram embaixo dele, as pernas esticadas. E ele se levantou.

— Eu não acredito — sussurrou Lorcan. — Eu não...

Mas havia Fenrys em pé diante de sua rainha agora ajoelhada.

E lá estava Fenrys, inclinando a cabeça, os ombros mergulhando com ele, uma pata varrendo antes da outra. Curvando-se.

Um fantasma de um sorriso enfeitou sua boca, antes que tomasse forma.

Aelin permaneceu ajoelhada, no entanto. Mesmo quando Fenrys os observou, surpresa e alívio iluminaram seus olhos escuros. Seu olhar encontrou Rowan e Rowan sorriu, inclinando a cabeça.

— Bem-vindo a corte, filhote — disse ele, com a voz rouca.

Uma emoção crua ondulou através daquele rosto de lupino, e então Fenrys se voltou para Aelin.

Ela estava olhando para o nada. Fenrys cutucou o ombro com a cabeça peluda.

Ela passou uma mão ociosa pela pele branca do lobo. O coração de Rowan se apertou.

Maeve tinha se apegado à mente de Rowan para enganar seus próprios instintos.

O que ela fez com ela? O que ela fez nesses meses?

— Precisamos ir — disse Gavriel, sua própria voz grossa quando pegou Fenrys, orgulhoso e vigilante ao lado de Aelin. — Precisamos colocar distância entre nós e o acampamento e encontrar um lugar para parar a noite. — Onde eles reavaliariam como e onde deixar esse reino. Rumo à floresta, em direção às montanhas, seria sua

melhor aposta. Essas árvores ofereciam muita cobertura e muitas cavernas para se esconder.

— Você pode andar? — Lorcan perguntou a Fenrys.

Fenrys deslizou os olhos escuros e sombrios para Lorcan.

Ah, essa luta viria. Essa vingança.

O lobo deu-lhe um breve aceno de cabeça.

Elide pegou uma das mochilas escondidas perto da base de uma árvore.

— Qual o caminho?

Mas Rowan não conseguiu responder.

Silenciosos como fantasmas, eles apareceram do outro lado do vale. Como se simplesmente tivessem surgido à sombra da folhagem.

Pequenos corpos, alguns pálidos, alguns negros como a noite, alguns escalados. Principalmente escondido, salvo por dedos finos e olhos largos e sem piscar.

Elide ofegou.

— O Povo Pequenino.



Elide não tinha visto um sussurro do Povo Pequenino desde os dias antes de Terrasen cair. Então, havia sido lampejos e sussurros dentro da antiga sombra de Carvalhal. Nunca tantos, nunca tão abertamente.

Ou tão aberto quanto eles jamais se permitiriam ser.

A meia dúzia ou mais que havia se reunido na clareira ficava praticamente escondida atrás de raízes, pedras e cachos de folhas.

Nenhum dos machos se moveu, embora as orelhas de Fenrys estivessem inclinadas para eles.

Um milagre – foi o que aconteceu com a rainha e o lobo.

Embora Fenrys parecesse exaurido, seus olhos estavam claros enquanto o Povo Pequenino se reunia.

Aelin mal olhou para eles.

Uma mão pálida e macia ergueu-se sobre uma pedra salpicada de musgo e se enrolou. *Venha.*

Rowan perguntou, a voz como granito.

— Você deseja que a sigamos?

Mais uma vez, a mão fez o movimento. *Venha.*

Gavriel murmurou:

— Eles conhecem essa floresta melhor do que nós.

— E você confia neles? — Lorcan exigiu.

Os olhos de Rowan se fixaram em Aelin.

— Eles salvaram sua vida uma vez. — Naquela noite, o assassino de Erawan havia retornado para Aelin. — Eles vão fazer isso de novo agora.



Silenciosos e invisíveis, eles passaram pelas árvores, rochas e riachos da antiga floresta.

Rowan ficou um passo atrás de Aelin e Fenrys, Gavriel e Elide à frente de sua comitiva, Lorcan na retaguarda, enquanto seguiam o Povo Pequeno.

Aelin não disse nada, não fez nada além de se levantar quando lhe disseram que era hora de partir. Rowan ofereceu a capa a ela, e ela permitiu que ela passasse por sua bolha de chama dourada e clara para envolver seu corpo nu.

Agarrava-a ao peito enquanto andavam, milha após milha, os pés descalços. Se as pedras e raízes da floresta a machucam, ela não vacilou. Ela apenas caminhou, Fenrys ao seu lado dentro daquela esfera de fogo, como se fossem dois fantasmas de memória.

Uma visão antiga, caminhando entre as árvores, a rainha e o lobo.

Os outros falavam raramente enquanto as horas e milhas passavam. Como as colinas cobertas de florestas deram lugar a declives mais íngremes, as pedras maiores, as rochas e árvores quebradas em alguns pontos.

— Das antigas guerras entre os espíritos da floresta — Gavriel sussurrou para Elide quando ele notou ela franzindo a testa em uma encosta cheia de troncos derrubados e pedras lascadas. — Alguns ainda são travados por eles, totalmente inconscientes e despreocupados com os assuntos de qualquer reino, exceto isso.

Rowan nunca tinha visto a raça de seres etéreos muito mais antiga e secreta do que até mesmo o Povo Pequenino. Mas em sua casa na montanha, no alto da faixa em que eles caminhavam, ele às vezes ouvia a quebra de rochas e árvores em noites escuras e sem lua. Quando não havia um sussurro de vento no ar, nem qualquer tempestade para causá-los.

Tão perto... apenas vinte ou mais quilômetros da casa da montanha que ele construiu. Ele planejava levar Aelin para lá um dia, embora não fosse nada além de cinzas desaparecidas. Só para mostrar a ela onde a casa tinha estado, onde enterrara Lyria. Ela ainda estava lá em cima, sua parceira que nunca tinha sido.

E sua verdadeira parceira... Ela caminhou inabalável através das árvores. Não mais que um fantasma.

Ainda seguiam o Povo Pequenino, que acenava de uma árvore, uma pedra e um arbusto à frente e depois desaparecia. Atrás de Lorcan, alguns outros escondiam sua trilha com mãos inteligentes e pequenas magias.

Ele rezou para que eles tivessem um lugar para passar a noite.

Um lugar onde Aelin poderia dormir, e poderia permanecer protegida dos olhos de Maeve quando ela percebesse que tinha sido enganada.

Eles estavam indo para o leste – longe da costa. Rowan não se atreveu a dizer que precisavam encontrar um porto. Ele veria aonde eles os levariam esta noite, e então elaboraria seu plano para retornar ao seu próprio continente.

Mas quando o Povo Pequenino apareceu diante de uma pedra gigantesca, quando eles então desapareceram e reapareceram em uma lasca cortada na própria rocha, mãos ossudas acenando de dentro, Rowan se viu empacando.

A criatura que morava no lago sob a Montanha Bald era uma ameaça amena comparada com as outras coisas que ainda caçavam em lugares escuros e esquecidos.

Mas o Povo Pequeninino acenou novamente.

Lorcan apareceu ao seu lado.

— Pode ser uma armadilha.

Mas Elide e Gavriel caminharam em direção a ela, imperturbável.

E na frente deles, Aelin continuou também. Então Rowan a seguiu, enquanto ele a seguiria até o último suspiro e além dele.

A boca da caverna estava apertada, mas logo se abriu em uma passagem maior. Aelin iluminou o espaço, banhando as paredes de pedra negra em um brilho dourado brilhante o suficiente para ver.

Mas sua chama foi diminuída quando eles entraram em uma enorme câmara. O teto se estendia em escuridão, mas não era a altura da câmara que o fez parar.

Recantos e alcovas tinham sido construídos no lado da rocha, alguns equipados com roupas de cama, alguns com o que pareciam ser pilhas de roupas, e alguns com comida. Um pequeno fogo ardia perto de um deles e, passando por ele, encostado na parede, uma calha de pedra natural brilhava com água, cortesia de um pequeno riacho.

Mas mais adiante na caverna, no outro lado da câmara, fluindo até a rocha negra, um grande lago se estendia na escuridão.

Havia incontáveis lagos e rios subterrâneos sob essas montanhas – lugares tão profundos na terra que até mesmo os feéricos não se incomodaram ou se atreveram a explorar.

Este, parecia, o Povo Pequeninino tinha reivindicado para si, indo tão longe a ponto de equipar o espaço com ramos de bétula contra as paredes. Eles penduraram pequenas guirlandas nos galhos brancos e, entre as folhas, pequenas luzes azuladas cintilavam.

Magia – velha, magia estranha, essas luzes. Como se tivessem sido arrancados do céu noturno.

Elide estava examinando o espaço, temor escrito por suas feições. Gavriel e Lorcan, no entanto, avaliaram-no com um olhar mais

agudo e mais cauteloso. Rowan fez o mesmo. A única saída parecia ser a que eles entraram, e o lago se esticou longe demais para discernir se havia uma margem além dele.

Aelin não parou quando ela andou a passos largos para uma das paredes cintilantes. Não havia nenhuma de suas cautelas usuais, nenhum dardo em seus olhos enquanto ela pesava as saídas e armadilhas, armas potenciais para empunhar.

Um transe – era quase como se ela tivesse entrado em transe, mergulhado em algum oceano profundo dentro de si e chegado tão longe que poderiam muito bem ter sido pássaros sobrevoando sua superfície distante.

Mas ela caminhou em direção àquela parede, os ramos de bétula artisticamente exibidos através dela. Mais do Pequeno Povo dentro, Rowan percebeu. Empoleirado nos galhos, agarrando-se a eles.

Os passos de Aelin ficaram em silêncio na pedra. Fenrys parou ali perto, como se quisesse dar privacidade a ela.

Rowan tinha a vaga sensação de que Lorcan, Elide e Gavriel se dirigiam para a alcova do outro lado da caverna para inspecionar as mercadorias que haviam sido colocadas para fora.

Mas ele permaneceu no centro do espaço quando sua parceira parou diante da parede viva e brilhante. Não havia expressão em seu rosto, nenhuma tensão em seu corpo.

No entanto, ela inclinou a cabeça para o Povo Pequeno meio escondido nos galhos e galhos diante dela. Seu queixo se moveu – falando. Breves palavras curtas.

Ele nunca tinha ouvido falar do Povo Pequeno falando. Mas havia sua rainha, sua esposa, sua parceira, murmurando com eles.

Por fim, ela se virou, o rosto ainda vazio, os olhos de fogo selvagem tão lisos e frios quanto o lago. Fenrys ficou ao lado dela, e Rowan permaneceu no lugar enquanto Aelin apontava para o pequeno fogo.

Segura. O Povo Pequeno deve ter dito a ela que esta caverna estava segura, se ela agora se movesse para o fogo, sua própria esfera ainda queimando brilhante.

Os outros interromperam a avaliação dos suprimentos.

Mas Aelin não prestou atenção, não prestou atenção ao mundo, quando ela pegou um ponto entre o fogo e a parede da caverna, deitou-se sobre a pedra nua e fechou os olhos.

CAPÍTULO 32

Dorian tinha olhos castanhos por três dias antes de descobrir como mudá-los de volta para o azul. Asterin e Vesta o provocaram impiedosamente, enquanto viajavam pela espinha do Canino Branco, lamentando dramaticamente a ausência de seus *lindos olhos azuis* e suspirando até o céu quando a tonalidade safira havia retornado.

Sua magia poderia saltar entre um elemento e outro, mas a habilidade de mudar estava dentro de algo completamente diferente.

Deitada dentro de uma parte dele que sempre ansiava por uma coisa acima de todas as outras: deixar ir. Para ser livre. Como Temis, Deusa das Coisas Selvagens, era livre – liberta. Como ele uma vez desejou ser, quando ele tinha sido pouco mais que um imprudente e idealista príncipe.

Foi o único comando da magia: deixar ir. Deixe de lado quem e o que ele se tornou desde aquele colar e surja em algo novo, algo diferente.

Foi mais fácil perceber do que decretar. Desde que seus olhos voltaram ao azul, como o desenrolar de um fio dentro dele, ele não pôde fazer mais nada. Até mesmo mudá-los para marrom novamente.

As Crochans e as Treze tinham parado para o intervalo do meio-dia sob a cobertura pesada de Carvalhal, as árvores estéreis, mas nenhuma sugestão de neve na terra. Outro dia, e eles alcançariam o ponto de encontro. Uma semana depois de terem prometido aos líderes da guerra de Eyllwe, mas eles chegariam.

Ele estava sentado em um tronco coberto de musgo, roendo a tira de coelho seco. O jantar dele.

— Minha cabeça bate em seu interesse, apenas observando você se esforçar tanto — disse Glennis do outro lado da clareira. Ao redor deles, as Treze comeram em silêncio, Manon monitorando tudo.

As Crochans sentaram-se entre eles, pelo menos. Silenciosamente, mas elas se sentaram lá.

O que significava que todas olhavam para ele agora. Dorian baixou a tira de carne dura e inclinou a cabeça para a velha.

— Minha cabeça está batendo o suficiente para nós dois, eu acho.

— O que você está tentando se transformar exatamente? Ou quem?

O oposto do que ele era. O oposto do homem que ignorou a presença de Sorscha durante anos. E ofereceu-lhe apenas a morte no final. Ele ficaria feliz em soltar, se a magia permitisse.

— Nada — disse ele. Muitos das Treze e Crochans voltaram para suas refeições magras em sua resposta maçante. — Eu só quero ver se é possível, para alguém com minha maneira de magia. Até mesmo mudar características pequenas. — Não uma mentira, não completamente.

Manon franziu a testa, como se tentasse descobrir algum quebra-cabeça que ela não conseguia entender.

— Mas se você tivesse sucesso — pressionou Glennis — quem você gostaria de ser?

Ele não sabia. Não poderia conjurar uma imagem além da escuridão vazia. Damaris, ao seu lado, também não teria resposta.

Dorian olhou para dentro, sentindo o mar de magia que se agitava dentro dele.

Ele traçou sua forma com mãos cuidadosas e invisíveis. Seguiu um fio dentro de si mesmo, não para seu intestino, mas para seu coração ainda rachado.

Quem você quer ser?

Lá, como a semente de poder que Cyrene havia roubado, estava ali — o pequeno grunhido em sua magia. Não um grunhido, mas um

nó – um nó em uma tapeçaria. Um que ele poderia tecer.

Um que ele poderia moldar em algo se ousasse.

Quem você quer ser? ele perguntou a tapeçaria mal tecida dentro de si. Deixe os fios e nós tomarem forma, criando a imagem em sua mente. Começando pequeno.

Glennis riu.

— Seus olhos estão verdes agora, rei.

Dorian começou, coração trovejando. Os outros novamente detiveram os almoços, boquiabertos, alguns se inclinando para olhá-lo mais de perto. Mas ele alimentou sua magia no tear dentro de si, aumentando a imagem emergente.

— Ai, cabelo dourado não combina com você. — Asterin fez uma careta. — Você parece doentio.

Quem ele queria ser? Qualquer um além de si mesmo. Mas o que ele se tornaria.

Sua resposta silenciosa enviou aquele tear mágico caindo de seu aperto invisível, e ele sabia que, se olhasse, seus cabelos escuros e olhos de safira teriam retornado. Asterin suspirou de alívio.

Mas Manon sorriu sombriamente, como se tivesse ouvido sua resposta não dita. E entendido.



A noite estava completa no alto, os fogos das Crochans estalando sob a treliça de árvores sem folhas, quando Glennis perguntou.

— Algum de vocês viu os Desertos?

As Treze piscou para a velha. Ela não costumava abordar todas de uma só vez ou fazer perguntas pessoais.

Mas pelo menos Glennis falou com elas. Três dias de viagem, e Manon não estava mais perto de vencer as Crochans do que ela estava quando elas partiram do Canino Branco. Embora elas falassem com ela e ocasionalmente se juntassem ao lar de Glennis para as refeições, era com o mínimo de palavras que fosse necessário.

Asterin respondeu pelo clã.

— Não. Nenhuma de nós, embora eu tenha passado algum tempo em uma floresta do outro lado das montanhas. Mas nunca tão longe.
— Sorrow tremeluziu nos olhos negros salpicados de ouro da bruxa, como se houvesse mais na história do que isso. De fato, Sorrel e Vesta, até mesmo Manon, olhavam com um pouco daquela tristeza para a bruxa.

Manon perguntou a Glennis, a único Crochan neste fogo sob o dossel.

— Por que você pergunta?

— Curiosidade — disse a velha. — Nenhum de nós também esteve. Nós não nos atrevemos.

— Por medo de nós? — O cabelo dourado de Asterin mudou quando ela se aproximou do fogo. Ela encontrou uma tira de couro no campo para amarrar sua testa — não o preto que ela usara no século passado, mas uma visão familiar, pelo menos. Uma coisa, ao que parece, não havia mudado totalmente.

— Por medo do que nos fará, para ver o que restou de nossa outrora grande cidade, nossas terras.

— Nada além de entulho, eles dizem — Manon murmurou.

— E você iria reconstruí-lo, se você pudesse? — Glennis perguntou. — Reconstruir a cidade por si mesmas?

— Nós nunca discutimos o que faríamos — disse Asterin. — Se pudéssemos ir para casa.

— Um plano, talvez — ponderou Glennis — seria sensato. Uma coisa poderosa para ter. — Seus olhos azuis se fixaram em Manon.

— Não apenas para as Crochans, mas para o seu próprio povo.

Dorian assentiu, embora ele não fizesse parte dessa conversa.

Quem as Treze, as Dentes de Ferro e as Crochans gostariam de ser para construir como povo?

Manon abriu a boca, mas as Sombras irromperam no círculo da lareira, com os rostos apertados. As Treze ficaram instantaneamente de pé.

— Nós procuramos à frente, para o local de encontro — Edda ofegou.

Manon se preparou. Um sussurro de poder percorreu o acampamento, a única indicação de que a magia de Dorian havia se enrolado ao redor deles em um escudo quase impenetrável.

— Cheira a morte — terminou Briar.

CAPÍTULO 33

Elas tinham chegado tarde demais.

Não apenas por uma hora ou um dia. Não, a julgar pelo estado dos corpos na clareira coberta de folhas, 30 quilômetros ao sul, a semana em que haviam sido adiados custara tudo ao bando da guerra de Eyllwe.

Morath havia deixado os guerreiros onde estavam, alguns Crochans de capa vermelha – os que convocaram suas irmãs do norte – entre os caídos. O cheiro de decadência era suficiente para fazer os olhos de Manon se encherem de água enquanto eles examinavam o que restara.

Ela tinha feito isso.

Trouxe isto, atrasando as Crochans através dessa escaramuça.

Um olhar para Dorian, o rei se demorando na beira da clareira com um braço sobre o nariz para evitar o mau cheiro, e ela sabia que ele também pensava. A nitidez em seus olhos falou o suficiente.

— Alguns escaparam – anunciou Edda, o rosto da Sombra sombrio. — Mas a maioria não.

— Eles queriam sobreviventes — disse Bronwen, alto o suficiente para que todos pudessem ouvir. — Semear medo.

Manon estudou as árvores despedaçadas, os antigos carvalhos tão quebrados quanto os corpos no chão da floresta. Prova de quem, exatamente, foi responsável pelo massacre.

Ela também fizera isso.

Bronwen disse, com a voz fria e baixa:

— Que bando mortal poderia esperar sobreviver a um ataque de uma das legiões das Dentes de Ferro? Especialmente quando aquela

legião aérea foi treinada por uma Líder Alada tão habilidosa.

— Escolha suas palavras com cuidado — alertou Asterin.

Mas Una, a bonita Crochan de cabelos castanhos e outra prima de Manon, agarrou a vassoura com capa de prata e disse:

— Você os treinou. Todas vocês – você treinou as bruxas que fizeram *isso*. — Una apontou para os corpos em decomposição, as gargantas rasgadas, a matança que não tinha parado em mortes rápidas. De modo nenhum. — E você espera que a gente esqueça isso?

O silêncio caiu. Mesmo de Asterin. Glennis não disse nada.

As mãos de Manon ficaram frágeis. Estranhas. O ferro dentro delas frágil.

Ela tinha feito isso. Os soldados na grande clareira não eram nada e ninguém para ela, a maioria eram meros mortais, e ainda assim... Uma mulher jazia perto das botas de Manon, seu torso se abriu do umbigo ao esterno. Seus olhos castanhos olhavam sem ver o dossel quebrado acima, a boca ainda aberta de dor.

— Eu posso queimá-los — Dorian ofereceu a ninguém em particular.

Quem ela tinha sido, a guerreira antes dela? Por quem ela lutou? Não reinos ou governantes, mas quem em sua vida tinha valido a pena defender?

— Devemos alertar o rei e a rainha de Eyllwe — dizia Bronwen.

— Avise seus príncipes também. Diga-lhes para se deitarem. Erawan está além de tomar prisioneiros.

Manon olhou e olhou para o guerreiro abatido. O que ela uma vez se deliciara. O que uma vez ela ostentara diante do mundo, e feito com nenhum resquício de arrependimento. Apenas com o desejo que sua avó aprovaria. Que as Dentes de Ferro aprovariam.

Era para isso que elas seriam lembrados.

O que ela seria lembrada.

Cavaleira coroada de Erawan. Sua Líder Alada.

— Não queimem — disse Manon.

O silêncio caiu na clareira.

Mas Manon ajoelhou-se na terra purulenta, desembainhou as unhas de ferro e começou a cavar.

Tirando as luvas, Asterin se abaixou até o chão. Então Sorrel e Vesta. Então o resto das Treze.

A terra fria e firme não cedeu facilmente. Rasgou os dedos de Manon, torceu e se queimou enquanto raspavam sua pele.

Do outro lado da clareira, Karsyn, a bruxa cuja vassoura Manon havia devolvido, também se ajoelhou. Mas Manon levantou uma mão suja e já sangrando. A bruxa parou.

— Somente as Treze — disse Manon. — Nós vamos enterrá-los. — As Crochans olharam para ela, e Manon arrancou o antigo solo. — Vamos enterrar todos eles.



Por horas, Manon e as Treze ajoelharam-se na terra encharcada de sangue e cavaram a sepultura.

Dorian ajudou Bronwen e Glennis a redigir mensagens para o rei e a rainha de Eyllwe e seus dois filhos. Advertindo-os do perigo – e nada mais. Nenhum pedido de ajuda, para exércitos.

Pouco antes do amanhecer, os mensageiros das Crochan retornaram. Seus parentes do sul que os convocara para cá haviam chegado logo após o massacre, tarde demais para salvar o bando de guerra humano ou as poucas bruxas que eles enviaram à frente. Eles voaram direto para Banjali, onde seus quatro clãs agora ajudavam o rei e a rainha de Eyllwe.

Não que a realeza Eyllwe parecesse precisar disso. Não, o outro mensageiro das Crochan havia retornado com uma mensagem do próprio rei: a perda do bando de guerra era realmente grave, mas Eyllwe não foi quebrada por ele. Seus rebeldes e forças reunidas, embora pequenos, continuavam resistindo a Morath, ainda ininterruptos. Eles continuariam a manter a linha no sul e fariam isso até o último suspiro.

Dorian recolheu as palavras não escritas, porém: eles não tinham um único soldado de sobra para Terrasen. Depois do que ele viu,

Dorian estava agora inclinado a concordar.

Eyllwe deu muito, por muito tempo. Era hora de o resto deles arcar com o fardo.

Dorian se perguntou se Manon notou as Crochans que a observavam. Não com ódio, mas com um pequeno grau de respeito.

Juntas, os treze cavaram uma enorme sepultura, nem mesmo pedindo as suas serpentes aladas que levassem a terra.

O sol nasceu e começou a descer. Lentamente, o túmulo tomou forma. Grande o suficiente para cada guerreiro caído.

Ele teria que ir para Morath. Em breve.

Antes disso, ocorreu novamente. Antes que mais uma vala comum fosse cavada. Ele não aguentou o pensamento disso, pior do que o pensamento de outro colar ao redor do seu pescoço.

A noite estava completa quando Dorian conseguiu escapar. No momento em que ele encontrou uma clareira vazia, desenhou as marcas e mergulhou Damaris na terra brilhando com seu próprio sangue.

Sua convocação foi respondida rapidamente desta vez.

No entanto, não foi Gavin que emergiu, brilhando, do ar da noite.

A magia de Dorian explodiu, reunindo-se para atacar, enquanto a figura tomava forma.

Enquanto Kaltain Rompier, vestida com um ônix e cabelos escuros soltos, sorria tristemente para ele.



Cada palavra desapareceu da língua de Dorian.

Mas sua magia permaneceu rodando sobre ele, mãos invisíveis ansiosas para quebrar ossos.

Não que houvesse vida para roubar de Kaltain Rompier.

No entanto, ela ainda erguia a mão esbelta, o vestido transparente e o cabelo sedoso flutuando em um vento fantasma.

— Eu quero dizer você não faz mal.

— Eu não convoquei você. — Era a única coisa que ele poderia pensar em dizer.

Os olhos escuros de Kaltain deslizaram em direção a Damaris, sobressaindo do círculo de marcas de Wyrđ.

— Não?

Ele não queria contemplar por que ou como a espada de alguma forma a chamara, não Gavin. Se a espada tinha vontade própria, ou se o deus que a abençoou havia orquestrado essa reunião. Por qualquer verdade que julgasse necessário mostrá-lo.

— Eu pensei que você tivesse sido destruída em Morath — ele murmurou.

—Eu fui. — Seu rosto era mais suave do que ele já tinha visto na vida. — De muitas maneiras, eu fui.

Manon e Elide disseram a ele o que ela suportou. O que ela fez por eles. Ele abaixou a cabeça.

— Eu sinto muito.

— Pelo que?

Então as palavras caíram, derramando-se de onde ele as manteve desde os pântanos de pedra de Eyllwe.

— Por não ver como eu deveria ter visto. Por não saber onde eles te levaram. Por não te ajudar quando tive a chance.

— Você teve a chance? — A pergunta era calma, mas ele poderia ter jurado uma ponta aguçada em sua voz.

Ele abriu a boca para negar isso. Mas ele se fez olhar para trás — para quem ele tinha sido muito antes do colar, antes de Sorscha.

— Eu sabia que você estava na masmorra do castelo. Eu estava contente em deixar você apodrecer lá. E então Perrington... Erawan, quero dizer, levou você para Morath, e eu não me preocupei em pensar sobre isso. — A vergonha passou por ele. — Sinto muito — ele repetiu.

Um príncipe herdeiro que não tinha servido seu reino ou seu povo, não realmente. Gavin estava certo.

As arestas de Kaltain brilharam.

— Eu não era totalmente inocente, você sabe.

— O que aconteceu com você em Morath não foi culpa sua.

— Não, não foi — ela concordou, uma sombra passando por seu rosto. — Mas fiz minhas próprias escolhas em ir a Forte da Fenda no outono passado, perseguindo minha ambição por você — sua coroa. Eu me arrependo de alguns delas.

Seu olhar deslizou para seu antebraço nu, para a cicatriz que permanecia mesmo na morte.

— Você salvou meus amigos — disse ele, e se ajoelhou diante dela. — Você desistiu de tudo para salvá-los e tirar a chave Wyrd de Erawan.— Ele faria o mesmo, se pudesse sobreviver aos horrores de Morath. — Estou em débito com você.

Kaltain olhou para onde ele se ajoelhava.

— Eu nunca tive amigos meus. Não como você tem. Eu sempre te invejei por isso. Você e Aelin.

Ele levantou a cabeça.

— Você sabe quem ela é?

Uma sugestão de um sorriso.

— A morte tem suas vantagens.

Ele não conseguiu parar sua próxima pergunta.

— É... é melhor lá? Você está em paz?

— Eu não tenho permissão para dizer — Kaltain respondeu suavemente, seus olhos brilhando de compreensão. — E eu não tenho permissão para dizer quem mora aqui comigo.

Ele assentiu, lutando contra o aperto no peito, a decepção. Mas ele inclinou a cabeça para o lado.

— Quem te proíbe de fazer isso? — Se os doze deuses desta terra estavam presos em Erilea, eles certamente não dominavam outros reinos.

Os lábios de Kaltain se curvaram para cima.

— Eu não tenho permissão para dizer, tampouco. — Quando ele abriu a boca para perguntar mais, ela o interrompeu. — Existem outras forças no trabalho. Além do que é tangível e do que é conhecido.

Ele olhou para Damaris.

— Outros deuses?

O silêncio de Kaltain foi resposta suficiente. Mas outra hora. Ele pensaria outra vez.

— Eu nunca pensei em chamá-la — ele admitiu. — Você, que conhecia os verdadeiros horrores de Morath. Eu não percebi... — Ele deixou as palavras sumirem quando ele se levantou.

— Que não sobrou nada de mim para convocar? — Ela terminou. Ele estremeceu. — A chave consumia muito — mas não tudo.

— O terceiro está de fato em Morath, então?

Ela assentiu gravemente. Seu corpo brilhou, desaparecendo rapidamente.

— Embora eu não saiba onde ele guardou. Eu não estava... pronta para receber a segunda antes de tomar o assunto em minhas próprias mãos. Ela passou os dedos delgados sobre a cicatriz negra que serpenteava por seu braço.

Ele nunca falou com ela — não de verdade. Mal lhe dera mais do que um olhar passageiro, ou fez uma careta através de uma conversa educada com ela.

E, no entanto, ali estava ela, a mulher que havia matado um terço de Morath, que devorara um príncipe Valg apenas por vontade própria.

— Como você fez isso? — Ele sussurrou. — Como você se libertou de seu controle? — Ele tinha que saber. Se ele estivesse caminhando para o inferno, se era mais do que provável que ele acabasse com um colar novo em torno de sua garganta, ele tinha que saber.

Kaltain estudou seu pescoço antes que ela encontrasse seu olhar.

— Porque eu me enfureci contra isso. Porque não senti que merecia o colar.

A verdade de suas palavras bateu nele com tanta certeza como se ela tivesse empurrado seu peito.

Kaltain apenas perguntou.

— Você desenhou as marcas de convocação por um motivo. O que você deseja saber?

Dorian afastou a verdade que ela jogou nele, o espelho que ela segurou para tudo o que ele já foi e se tornou. Ele não tinha sido um

verdadeiro príncipe – não em espírito, não em ações. Ele tentou ser, mas tarde demais. Ele agiu tarde demais. Ele duvidava que ele estivesse se saindo muito melhor como rei. Certamente não quando ele dispensou Adarlan de sua própria culpa e raiva, questionou se deveria ser salvo.

Como se houvesse alguma possibilidade que não merecesse.

Ele perguntou finalmente.

— Estou pronto para ir a Morath?

Ela sozinha saberia. Tinha testemunhado coisas muito piores do que qualquer Manon ou Elide tinha visto.

Kaltain olhou novamente para Damaris.

— Você sabe a resposta.

— Você não vai tentar me convencer a não ir?

Mas a boca de Kaltain se apertou quando seu vestido de ônix começou a se misturar na noite reunida.

— Você sabe o que vai enfrentar lá. Não é para mim dizer se você está pronto.

Sua boca ficou seca.

Kaltain disse.

— Tudo o que você ouviu sobre Morath é verdade. É verdade, e ainda há mais que é pior do que você imagina. Fique na fortaleza. É a fortaleza de Erawan e, provavelmente, o único lugar em que ele confiaria para guardar a chave.

Dorian assentiu, seu coração começando a martelar.

— Eu vou.

Ela deu um passo em direção a ele, mas parou enquanto suas bordas ondulavam ainda mais.

— Não demore muito e não atraia a atenção dele. Ele é arrogante e totalmente egocêntrico, e não se preocupará em olhar com muita atenção para o que pode rastejar por seus corredores.

Seja rápido, Dorian.

Um tremor passou por suas mãos, mas ele as fechou em punhos.

— Se eu puder matá-lo, devo aproveitar a chance?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Você não iria se afastar disso. Ele tem uma câmara no meio da fortaleza – é onde ele guarda os colares. Ele vai te levar lá se ele te pegar.

Ele se endireitou.

— Eu...

— Vá para Morath, como você planejou. Recupere a chave e nada mais. Ou você se encontrará com um colar no pescoço novamente.

Ele engoliu em seco.

— Eu mal posso mudar.

Kaltain deu-lhe um meio sorriso quando ela se dissolveu no luar.

— Você não pode?

E então ela se foi.

Dorian olhou para o lugar onde ela estava, as marcas Wyrđ já haviam desaparecido. Apenas Damaris permaneceu de pé ali, testemunhando a verdade que, de alguma forma, sentira que precisava ouvir.

Então, Dorian sentiu o emaranhado em sua magia, o lugar onde o poder bruto se voltava e emergia como ele desejava.

Deixe-me ir – o comando da mágica de mudança. Deixe de lado tudo. Solte a parede que ele construiu em torno de si no momento em que o príncipe Valg o invadiu, e olhe para dentro. Em si mesmo.

Talvez o que a espada lhe pedisse para invocar Kaltain ao invés.

Quem você quer ser?

— Alguém digno dos meus amigos — disse ele na noite tranquila. — Um rei digno de seu reino. — Por um instante, cabelos brancos como a neve e olhos dourados brilharam em sua mente. — Feliz —, ele sussurrou, e passou a mão em torno do punho de Damaris. Deixe de lado aquele pedaço de terror remanescente.

A espada antiga aquecia sua mão, um calor amigável e rápido.

Ele fluiu através de seus dedos, seu pulso. Para aquele lugar dentro dele onde todas aquelas verdades tinham residido, onde se tornou calor afiado com dor mais aguda.

E então o mundo cresceu e se expandiu, as árvores subindo, o chão se aproximando...

Ele foi para tocar seu rosto, mas descobriu que não tinha mãos. Apenas asas negras de fuligem. Apenas um bico de ébano que não permitia palavras passadas.

Um corvo. Um...

Uma inspiração suave do ar fez com que ele torcesse o pescoço – muito mais facilmente sob essa forma – em direção às árvores. Na direção de Manon, de pé nas sombras de um carvalho, sua mão ensanguentada e imunda se apoiou no tronco enquanto ela olhava para ele. Na transformação.

Dorian procurou o fio de poder que o mantinha nessa forma estranha e leve. Instantaneamente, o mundo balançando, ele cresceu e cresceu, de volta ao seu corpo humano, Damaris fria e ainda a seus pés. Suas roupas de alguma forma intactas. Talvez através de quaisquer diferenças existentes entre sua magia crua e o presente de um verdadeiro metamorfo.

Mas o lábio de Manon se curvou para trás de seus dentes. Seus olhos dourados brilhavam como brasas.

— Quando, exatamente, você ia me informar que você estava prestes a recuperar a terceira chave de Wyrd?

CAPÍTULO 34

— Precisamos nos retirar — Galan Ashryver ofegou para Aedion enquanto eles estavam parados perto da tenda de água nas fileiras do exército, o Príncipe Herdeiro com sangue tanto vermelho quanto preto.

Três dias de luta no vento gelado e na neve, três dias sendo empurrados para o norte milha por milha. Aedion tinha os soldados em rotação para as linhas de frente, e aqueles que conseguiram pegar alguns minutos de sono voltaram para a luta com os pés mais pesados e cansados.

Ele mesmo havia deixado a linha de frente a minutos atrás, só depois que Kyllian ordenou que ele o fizesse, indo tão longe a ponto de jogar Aedion atrás dele, a Devastação o passando rudemente até que ele estivesse aqui, o Príncipe Herdeiro de Wendlyn engolindo água pelo mais distantes de suas forças. A pele cor-de-oliva do príncipe estava pálida, os olhos de Ashryver escurecidos enquanto eles monitoravam os soldados correndo ou passando.

— Nós nos retiramos para cá, e devemos ser perseguidos por todo o caminho até Orynth. — A garganta crua de Aedion doía com cada palavra.

Ele nunca tinha visto um exército tão grande. Mesmo em Theralis, todos esses anos atrás. Galan entregou a Aedion seu odre de água, e Aedion bebeu profundamente.

— Vou segui-lo, primo, para que isso termine, mas não podemos continuar assim. Não por outra noite inteira.

Aedion sabia disso. Tinha percebido isso depois que os combates continuaram sob a cobertura da escuridão.

Quando os homens começaram a perguntar por que Aelin do Fogo Selvagem não queimava seus inimigos. Por que pelo menos não lhes deu luz para lutar.

Por que ela havia desaparecido novamente. Lysandra vestira sua forma de serpente alada para lutar contra os ilken, mas ela tinha sido forçada a ceder, a ficar para trás das linhas deles. Boa para matar ilken, sim, mas também um grande alvo para os arqueiros e lançadores de lança de Morath.

À frente, perto demais para o conforto, gritos e armas se erguiam em direção ao céu. Até mesmo a magia da realeza dos feéricos estava começando a vacilar, seus soldados com eles. Onde ele falhou, os Assassinos Silenciosos ficaram esperando, destruindo Valgs e ilkens com eficiência. Mas havia apenas muitos deles. E ainda não há sinal do exército adicional de Ansel de Penhasco dos Arbustos.

Em breve, a rainha ruiva prometera, com poucas pinceladas atípicas, apenas algumas horas antes, a legião com ela já diminuindo rapidamente. O resto do meu exército estará aqui em breve.

Rosnado subiu por perto, cortando o barulho da batalha. O leopardo fantasma não havia vacilado, mal havia parado para descansar.

Ele teve que sair de novo. Tinha que comer alguma coisa e sair de novo. Kyllian poderia manter a ordem por um bom tempo, mas Aedion era seu príncipe. E com Aelin em nenhum lugar à vista... estava em cima dele manter os soldados na linha. Embora essas linhas estivessem afundando, como vazamentos em uma represa.

— O Rio Lanis, de Perranth — murmurou Aedion enquanto Ilias e os Assassinos Silenciosos atiravam ilkens para fora do céu, suas flechas encontrando suas marcas facilmente. Asas primeiro, eles aprenderam da maneira mais difícil. Para tirá-los do ar. Então lâminas na cabeça, para decapitar completamente.

Ou então eles se levantariam novamente. E lembrar de quem tentou matá-los.

— Se recuarmos para o norte — prosseguiu Aedion, — chegar a Perranth e atravessar o rio, poderíamos forçá-los a fazer a travessia também. Escolha-os desse jeito.

— Existe uma ponte? — O rosto de Galan se apertou quando um dos dois príncipes Valgs restantes enviou uma onda de poder sombrio para um grupo de soldados. Homens murcharam como flores em uma geada.

— Uma rajada de vento e gelo respondeu — Sellene ou Endymion. Talvez um dos seus muitos primos.

— Nenhuma ponte grande o suficiente. Mas o sólido congelado do rio podemos atravessá-lo e depois derreter.

— Com Aelin — uma pergunta duvidosa e cuidadosa.

Aedion gesticulou em direção à fonte daquela resposta de magia, agora em guerra com o poder dos príncipes Valg.

— Se os reis feéricos podem fazer gelo, eles podem descongelá-lo. Bem debaixo dos pés de Morath.

Os olhos azul-turquesa de Galan cintilaram, seja no plano ou no fato de que Aelin não seria quem o decretaria.

— Morath pode ver através de nós.

— Há pouca outra opção — de Perranth, eles teriam acesso a mais suprimentos, talvez novas tropas se reunindo para eles da própria cidade. Para recuar, entretanto...

Aedion examinou as linhas sendo escolhidas uma a uma, os soldados em suas últimas pernas.

Retire-se e viva. Lute e morra.

Pois essa resistência seria o fundador, se eles mantivessem isso. Aqui, nas planícies do sul, eles terminariam. Não havia garantia de que Rowan e os outros encontrariam Aelin. Que Dorian e Manon poderiam recuperar a terceira chave de Wyrd e depois entregá-las a sua rainha, se ela se libertasse, caso os encontrasse nesta confusão de um mundo. Não há garantia de quantas Crochans Manon poderia reunir, se nenhuma.

Com a armada espalhada muito fina ao longo da costa de Terrasen para ser de alguma utilidade, apenas Ansel de Penhasco

dos Arbustos poderia oferecer algum alívio. Se eles não tivessem todos os ossos limpos, então. Havia pouca escolha a não ser aguentar até que eles chegassem. Seus últimos aliados.

Porque Rolfe e os micênios... não havia garantia de que eles viriam. Nenhuma palavra.

— Peça o retiro — disse Aedion ao príncipe. — E consiga dizer a Endymion e Sellene que vamos precisar do poder deles assim que começarmos a correr.

Jogar toda a magia deles em um poderoso escudo para proteger as costas deles enquanto tentavam colocar tantos quilômetros entre eles e Morath quanto possível.

Galan assentiu com a cabeça, enfiando o elmo sangrento no cabelo escuro e percorreu a massa caótica de soldados.

Um retiro. Isso em breve, tão rápido. Apesar de todo o seu treinamento, dos anos brutais de aprendizado, luta e liderança, era para isso que chegara.

Eles chegariam a Perranth?



A ordem com que o exército marchou para o sul desmoronou completamente no voo de volta para o norte. As tropas dos feéricos ficaram na retaguarda, com escudos mágicos empenando-se, mas ainda segurando. Mantendo as forças de Morath à distância no sopé das montanhas enquanto elas recuavam em direção a Perranth.

Os resmungos entre os soldados exaustos e mancos passaram por Lysandra enquanto ela se arrastava entre eles, usando a forma de um cavalo. Ela permitiu que um jovem fosse nas costas dela, quando ela viu suas entranhas quase saindo de sua alugada armadura.

Por longos quilômetros, seu sangue vazando aqueceu seus lados enquanto ele estava esparramado sobre ela.

O gotejamento quente havia parado há muito tempo. Congelado.

Então ele tinha. Ela não teve coragem de desalojá-lo, de deixar seu corpo morto no campo para ser pisoteado. Seu sangue o

congelou para ela de qualquer maneira.

Cada passo foi um esforço de vontade, suas próprias feridas se curando mais rápido que os soldados ao seu redor. Muitos caíram durante a marcha em direção a Perranth. Alguns foram apanhados, puxados por seus companheiros ou estranhos.

Alguns não se levantaram novamente. A resistência não deveria se desfazer tão cedo. Os resmungos pioraram quanto mais perto de Perranth eles chegaram, apesar de algumas poucas horas de descanso naquela primeira noite. *Onde está a rainha? Onde está o fogo dela?*

Ela não podia lutar como Aelin – não de forma convincente, e não bem o suficiente para permanecer viva. E quando a Portadora do Fogo lutasse sem chamas... eles poderiam saber então.

Ela fugiu. Novamente. Dois Assassinos Silenciosos notaram na segunda noite que o soldado morto ainda estava deitado nas costas de Lysandra.

Não disseram nada enquanto juntavam água morna para derreter o sangue que o prendiam a ela. Então para lavá-la.

Em sua forma de égua, ela não tinha palavras para oferecê-los, não tinha como perguntar se eles sabiam o que ela era. Eles a trataram com gentileza, no entanto.

Ninguém fez nada para alcançar o cavalo solitário vagando pelo acampamento em ruínas. Alguns soldados construíram tendas.

Muitos só dormiam ao lado do fogo, sob mantos e jaquetas.

Seus ouvidos estavam tinindo. Estivera tinindo desde o primeiro confronto da batalha.

Ela não sabia como encontrara a tenda dele, mas lá estava ela, aberta à noite para revelá-lo de pé com Galan, Ansel e Ren.

As sobranceiras do Lorde de Allsbrook subiram quando ela entrou, a cabeça quase batendo no teto.

Um cavalo. Ela ainda era um cavalo. Ren cambaleou em direção a ela, apesar da exaustão que certamente pesava cada centímetro dele.

Lysandra se atrapalhou com o fio dentro dela, o fio de volta ao seu corpo humano, a luz cintilante que iria encolher nela.

Os quatro apenas olharam quando ela encontrou, lutou contra isso. A magia arrancou a última força dela. No momento em que ela estava novamente em sua própria pele, ela já estava caindo no chão coberto de feno.

Ela não sentiu o frio bater em sua pele nua, não se importou quando ela desabou de joelhos.

Ansel já estava lá, jogando seu manto ao redor dela.

— Onde diabos você estava? — Até a Rainha do Deserto estava pálida, com o cabelo vermelho como vinho colado à cabeça por baixo da terra e do sangue.

Lysandra não tinha mais nenhum discurso nela. Só podia se ajoelhar, segurando o dique.

— Nós nos movemos uma hora antes do amanhecer — disse Aedion, a ordem de uma clara demissão.

Ansel e Galan assentiram, saindo da tenda. Ren apenas murmurou.

— Vou encontrar alguma comida, Lady — antes de sair da tenda.

Botas rangiam no feno e ele estava de joelho a joelho diante dela. Aedion. Não havia nada de bom em seu rosto. Nenhuma pena ou calor. Por um longo minuto, eles apenas se encararam. Então o príncipe rosnou baixinho:

— Seu plano era uma merda.

Ela não disse nada e não pôde impedir que seus ombros se curvassem para dentro.

— Seu plano era uma *merda* — ele respirou, seus olhos brilhando. — Como você poderia ser ela, usar sua pele, e pensar em se safar? Como você pode pensar que você contornaria o fato de que nossos exércitos estava contando com você para queimar o inimigo a cinzas, e tudo que você puder fazer é fugir e emergir como alguma fera em vez disso?

— Você não pode fixar este retiro em mim — ela murmurou. As primeiras palavras que ela falou em dias e dias.

— Você concordou em deixar Aelin ir para a própria morte, e nos deixar aqui para sermos atacados por fitas sangrentas. Vocês duas não contaram a ninguém sobre esse plano, não disseram a nenhum de nós que poderia ter explicado as realidades desta guerra, e que nós precisaríamos uma Portadora de Fogo amaldiçoada por Deus e não uma metamorfa inútil e destreinada contra Morath.

Golpe após golpe, as palavras pousaram em seu coração cansado.

— Nós...

— Se você estava tão disposta a deixar Aelin morrer, então deveria ter deixado ela morrer *depois* que ela incinerasse as hordas de Erawan!

— Isso não impediria Maeve de capturá-la.

— Se você tivesse nos contado, nós poderíamos ter planejado diferente, agido diferente, e nós não estaríamos aqui, maldita!

Ela olhou para o feno lamacento.

— Me tire do seu exército então.

— Você estragou tudo — as palavras dele eram mais frias do que o vento lá fora. — Você, e ela.

Lysandra fechou os olhos. Feno farfalhou, e ela sabia que ele se levantara, sabia como suas palavras saíam por cima de sua cabeça baixa.

— Saia da minha tenda.

Ela não estava certa de que poderia se mover o suficiente para obedecer, embora desejasse. Precisasse.

Lutar de volta. Ela deveria lutar de volta. Raiva para ele como ele atacou ela, precisando de uma saída para o seu medo e desespero.

Ela conseguiu ficar de pé, seu corpo balindo de dor. Conseguiu olhá-lo nos olhos, mesmo quando Aedion disse novamente com um frio calmo:

— Saia.

Descalça na neve, nua sob o manto. Aedion olhou para suas pernas nuas, como se percebesse. E não se importando.

Então Lysandra assentiu, segurando o manto de Ansel, e entrou na noite gelada.

— Onde ela está? — Ren perguntou, uma caneca do que cheirava a sopa aguada em uma mão, um pedaço de pão na outra. O lorde examinou a tenda como se a encontrasse sob o alpendre, o feno.

Aedion olhou para os preciosos troncos queimando no braseiro e não disse nada.

— O que você fez? — Ren respirou. Tudo estava prestes a terminar. Tinha sido condenado desde que Maeve havia roubado Aelin. Já que sua rainha e a metamorfa haviam concordado.

Então não importava o que ele dissesse. Ele não se importava se não era justo, não era verdade.

Não se importava se ele estava tão cansado que não conseguia sentir vergonha ao culpá-la pela derrota certa que eles enfrentariam em questão de dias antes das paredes de Perranth.

Ele desejou que ela tivesse batido nele, gritado com ele.

Mas ela deixou ele se enfurecer. E saiu para a neve, descalça.

Ele prometeu salvar Terrasen, para manter as linhas. Fez isso por anos. E ainda este teste contra Morath, quando tinha contado... ele falhou.

Ele reuniria forças para lutar novamente. Para reunir seus homens. Ele só... ele precisava dormir.

Aedion não percebeu quando Ren saiu, sem dúvida em busca da metamorfa com quem ele estava tão cativado.

Ele deveria convocar seus comandantes da Devastação. Ver como eles pensaram em gerenciar esse desastre.

Mas ele não podia. Não podia fazer nada além de encarar aquele fogo enquanto a longa noite passava.

CAPÍTULO 35

Ela não confiara nesse mundo, esse sonho. Os companheiros que tinham andado com ela a levaram até aqui. O príncipe guerreiro com olhos verde-pinho e que cheirava a Terrasen.

Ele, ela não ousou acreditar de qualquer forma. Não as palavras que ele falou, mas o simples fato de que ele estava *lá*. Ela não confiava que ele tivesse removido a máscara, os ferros. Eles haviam desaparecido em outros sonhos também – sonhos que se provaram falsos. Mas o Povo Pequenino havia dito a ela que era verdade. Tudo isso. Eles disseram que era seguro, e ela deveria descansar, e eles cuidariam dela.

E aquela pressão terrível e implacável contorcendo-se em suas veias – havia diminuído. Apenas o suficiente para pensar, respirar e agir além do puro instinto.

Ela tinha desviado tanto quanto ousou, mas não totalmente.

Certamente não totalmente. Então ela dormiu. Ela fizera isso também naqueles outros sonhos. Tinha vivido dias e semanas de histórias que depois foram arrastadas como pegadas na areia.

No entanto, quando ela abriu os olhos, a caverna permaneceu, mais fraca agora. O poder vibrante se aninhara mais profundo, adormecido. A dor em suas costelas tinha desaparecido, a fatia abaixo de seu antebraço tinha cicatrizado – mas a cicatriz permaneceu.

A única marca nela. Aelin cutucou com um dedo. Dor incômoda ecoou em resposta. Suave – não a cicatriz, mas o dedo dela. Suave como um copo, enquanto ela esfregava as pontas do polegar e do indicador juntos.

Nenhum calo. Não nos dedos dela, nas palmas das mãos.

Totalmente em branco, apagado da impressão dos anos de treinamento, ou do ano em Endovier.

Mas essa nova cicatriz, essa leve palpitação por baixo disso, permaneceu, pelo menos. Enrolada no chão de pedra, ela olhou a caverna. O lobo branco estava deitado de costas, roncando baixinho.

Sua esfera de transparente chama ainda queimava ao redor deles, aliviando a tensão brasa por brasa. Mas não totalmente.

Aelin engoliu em seco, saboreando cinzas.

Sua magia abriu um olho em resposta.

Aelin respirou fundo. Não aqui... *ainda não*.

Ela sussurrou para a chama. *Ainda não*.

Mas a chama ao redor dela e do lobo se alargou e se expressou, apagando a caverna. Ela apertou a mandíbula.

Ainda não, ela prometeu. Não até que isso pudesse ser feito com segurança. Longe deles.

Sua magia empurrou contra seus ossos, mas ela ignorou.

Amarrou isso. A bolha de chamas encolheu, protestou e tornou-se transparente mais uma vez. Através dela, ela conseguia distinguir uma bacia esculpida em água, as formas adormecidas de seus outros companheiros.

O príncipe guerreiro dormia a poucos metros da beira do fogo, enfiado em uma alcova na parede da caverna. A exaustão pesava sobre ele, embora ele não tivesse se desarmado.

Uma espada pendia de seu cinto, seu rubi fumegando à luz de seu fogo. Ela conhecia aquela espada. Uma espada antiga, forjada nessas terras por uma guerra mortal.

Tinha sido sua espada também. Aqueles calos apagados haviam se encaixado perfeitamente em seu punho. E o príncipe guerreiro que agora a carregava encontrara a espada para ela. Em uma caverna como esta, cheia de relíquias de heróis há muito enviadas para o Além-Mundo.

Ela estudou a tatuagem serpenteando pelo lado de seu rosto e pescoço, desaparecendo em suas roupas escuras.

Eu sou seu parceiro.

Ela queria acreditar nele, mas esse sonho, essa ilusão na qual ela esteve girando...

Não é uma ilusão.

Ele veio por ela.

Rowan.

Rowan Whitethorn. Agora Rowan Whitethorn Galathynius, seu marido e rei-consorte. Seu parceiro.

Ela murmurou o nome dele.

Ele veio por ela.

Rowan.

Silenciosamente, tão suavemente que nem mesmo o lobo branco acordou, ela se sentou, uma mão segurando o manto que cheirava a pinho e neve. O manto dele, o cheiro dele tecido pelas fibras.

Ela levantou-se, com as pernas mais duras do que antes. Um pensamento tinha a bolha de chamas se expandindo quando ela cruzou os poucos metros em direção ao príncipe adormecido.

Ela olhou para o rosto dele, bonito e ainda inflexível. Seus olhos se abriram, encontrando os dela como se ele soubesse onde encontrá-la, mesmo dormindo.

Uma pergunta não formulada surgiu naqueles olhos verdes.

Aelin?

Ela ignorou a pergunta silenciosa, incapaz de suportar a abertura daquele canal silencioso entre eles novamente, e examinou as poderosas linhas de seu corpo, o tamanho dele. Um suave vento beijado com gelo e relâmpago roçou sua parede de chamas, um eco de sua pergunta silenciosa.

Sua magia flamejou em resposta, uma onda de poder dançando através dela.

Como se tivesse encontrado um espelho de si mesmo no mundo, como se tivesse encontrado a contra-melodia em sua própria música.

Nem uma vez nessas ilusões ou sonhos isso aconteceu. Tinha sua própria chama saltando de alegria por sua proximidade, seu poder.

Ele estava aqui. Era ele e ele tinha vindo atrás dela.

A chama se fundiu em nada além do ar frio da caverna. Não derretida, mas sim sugada para dentro de si mesma, enrolada, uma grande fera esticando a coleira.

Rowan. Príncipe Rowan.

Ele se sentou lentamente, uma quietude se instalando sobre ele.

Ele sabia. Ele disse isso para ela antes, antes que ela deixasse o esquecimento reivindicá-la. *Eu sou seu parceiro.*

Eles devem ter dito a ele, então. Seus companheiros. Elide e Lorcan e Gavriel. Todos estavam naquela praia onde tudo fora para o inferno.

Sua magia surgiu, e ela rolou os ombros, desejando que ela dormisse, esperasse um pouco mais.

Ela estava aqui. Ambos estavam aqui.

O que ela poderia dizer a ele, para explicar, para acertar? Que ele foi tão maltratado, que sofreu tanto por causa dela?

Havia sangue nele. Tanto sangue, absorvendo suas roupas escuras. Das manchas no pescoço, dos arcos sob as unhas, parecia que ele havia tentado lavar um pouco. Mas o cheiro permaneceu.

Ela conhecia aquele cheiro – a quem pertencia.

Sua espinha se contraiu, seus membros enrijeceram.

Trabalhando além de sua mandíbula apertada, ela inalou bruscamente. Forçou um longo suspiro através dos dentes. Forçou-se a trabalhar além do cheiro do sangue de Cairn. O que isso fez com ela? Sua magia se debateu, uivando.

E ela se obrigou a perguntar a ele, ao príncipe que cheirava a casa.

— Ele está vivo?

Fria fúria cintilou nos olhos de Rowan.

— Não.

Morto. Cairn estava morto. A tensão em seu corpo diminuiu – apenas ligeiramente. Sua chama também se inclinou.

— Como?

Nenhum remorso escureceu seu rosto.

— Uma vez você me disse em Defesa Nebulosa que, se eu chicoteasse você, então você me esfolaria com vida. — Seus olhos não se desviaram dos dela quando ele disse com um silêncio letal — Eu assumi para dar o mesmo destino a Cairn em seu nome. E quando terminei, tomei a liberdade de tirar a cabeça do corpo dele e depois queimar o que restava. — Uma pausa, uma onda de dúvida.

— Sinto muito por não ter lhe dado a chance de fazer isso sozinha.

Ela não tinha isso dentro dela para sentir uma faísca de surpresa, para se maravilhar com a brutalidade da vingança que ele exigiu. Não quando as palavras afundaram. Não quando seus pulmões se abriram mais uma vez.

— Eu não poderia arriscar trazê-lo aqui para você matar — continuou Rowan, examinando seu rosto. — Ou arriscar deixá-lo vivo também.

Ela levantou as palmas das mãos, estudando a pele vazia e sem marcas.

Cairn tinha feito isso. Tinha a despedaçado tão mal que precisavam colocá-la de volta novamente. Tinha apagado todos os vestígios de quem e o que ela tinha sido, o que ela tinha visto e suportado.

Ela baixou as mãos para os lados.

— Estou feliz — disse ela, e as palavras eram verdadeiras.

Um arrepio percorreu Rowan e sua cabeça mergulhou ligeiramente.

— Você está... — Ele pareceu se agarrar à palavra certa. — Posso te abraçar?

A necessidade gritante em sua voz rasgou-a, mas ela recuou.

— Eu... — Ela examinou a caverna, bloqueando a maneira como os olhos dele estavam em sua retirada. Do outro lado da câmara, o grande lago corria suave e plano como um espelho preto. — Eu preciso tomar banho — disse ela, sua voz baixa e crua. Mesmo se não houvesse uma marca nela além dos pés sujos. — Eu preciso lavá-lo — ela tentou novamente.

Compreensão suavizou seus olhos. Ele apontou com uma mão tatuada para o cocho próximo.

— Há alguns panos extras para você se lavar. — Arrastando a mão pelo cabelo prateado, maior do que a última vez que viu — neste mundo, essa verdade, pelo menos — ele acrescentou: — Eu não sei como, mas eles também encontraram algumas das suas roupas velhas de Defesa Nebulosa e as trouxeram aqui.

Mas as palavras estavam se tornando distantes novamente, dissolvendo-se em sua língua.

Sua magia retumbou, pressionando contra o sangue dela, apertando seus ossos. *Fora*, uivou. *Fora*.

Em breve, ela prometeu.

Agora. Ele se debateu. Suas mãos tremiam, curvadas, como se ela pudesse mantê-lo dentro.

Então ela se virou, indo não para o cocho, mas para o lago além.

O ar se moveu atrás dela, e ela o sentiu seguindo. Quando Rowan recolheu onde ela pretendia se banhar, ele avisou:

— Aquela água está pouco acima de zero, Aelin.

Ela apenas deixou cair o manto sobre as pedras negras e entrou na água.

O vapor assobiou, flutuando ao redor dela em nuvens ondulantes. Ela continuou, abraçando a mordida da água a cada passo, mesmo que não conseguisse penetrar no calor dela.

A água estava límpida, embora a penumbra velasse o fundo que se afastava enquanto ela mergulhava sob a superfície gelada.

A água estava em silêncio. Legal, bem-vinda e calma.

Então Aelin soltou a correia — apenas uma fração.

Chamas pularam para fora, devorada pela água gelada.

Consumida por isso.

Afastou essa pressão, aquela névoa sem fim de calor. Acalmou e gelou até que os pensamentos tomaram forma.

A cada golpe sob a superfície, na escuridão, ela podia sentir de novo. Ela própria. Ou o que sobrou disso.

Aelin. Ela era Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius, e ela era a Rainha de Terrasen.

Mais magia ondulou, mas ela segurou firme. Nem tudo – ainda não.

Ela havia sido capturada por Maeve, torturada por ela. Torturada por Cairn, sua sentinela. Mas ela escapou e seu parceiro veio por ela.

Encontrara-a, assim como se haviam encontrado apesar de séculos de derramamento de sangue, perda e guerra.

Aelin. Ela era Aelin, e isso não era uma ilusão, mas o mundo real.

Aelin.

Ela nadou até o lago, e Rowan seguiu o bordo saliente de pedra ao longo da borda da costa.

Deixou-se cair sob a superfície, deixando-se afundar e afundar e afundar, com os dedos dos pés apenas segurando a água fria e aberta, esforçando-se por um fundo que não chegasse.

No escuro, no frio.

A água antiga e gelada afastou a chama, o calor e a tensão.

Puxou e chupou e acenou.

Arrefeceu o núcleo ardente dela até que ela tomou forma, uma lâmina incandescente do fogo mergulhou na água.

Aelin. Isso é quem ela era.



Aquela água do lago nunca tinha visto a luz do sol, fluíra do coração escuro e frio das próprias montanhas. Mataria até os guerreiros feéricos mais endurecidos em questão de minutos.

No entanto, havia Aelin, nadando como se fosse uma piscina de floresta aquecida pelo sol.

Ela pisou na água, mergulhando a cabeça para trás de vez em quando para esfregar o cabelo.

Ele não percebeu que ela estava queimando tão ardentemente até que ela entrou no lago gelado e o vapor subiu.

Silenciosamente, ela mergulhou, nadando abaixo da superfície, a água tão clara que ele podia ver cada golpe de seu corpo levemente brilhante. Como se a água tivesse arrancado a pele da mulher e revelado a alma ardente por baixo.

Mas esse brilho desapareceu a cada respiração que ela emergia, diminuindo ainda mais a cada vez que mergulhava abaixo da superfície.

Teria ela desejado que ele não a tocasse por causa daquele inferno interno, ou simplesmente porque ela queria lavar a mancha de Cairn? Talvez ambos. Pelo menos ela começou a falar, seus olhos clareando um pouco.

Eles permaneceram limpos enquanto ela andava na água, o brilho ainda mal se agarrava, e olhou para onde ele estava em um pedaço de rocha negra projetando-se no lago.

— Você poderia se juntar a mim — disse ela finalmente.

Sem calor em suas palavras, mas ele sentiu o convite. Não para provar seu corpo do jeito que ele ansiava, precisava, para saber se ela estava aqui com ele, mas sim para estar com ela.

— Ao contrário de você — disse ele, tentando acalmar sua voz quando o reconhecimento em seu rosto ameaçou afivelar os joelhos, — eu não acho que minha magia me aqueceria tão bem se eu entrasse. Ele queria, no entanto. Deuses, ele queria entrar. Mas ele se fez acrescentar: — Este lago é antigo. Você deveria sair. Antes que algo se aproxime.

Ela não fez isso, seus braços continuaram seus círculos na água. Aelin apenas olhou para ele de novo daquele jeito grave e cauteloso.

— Eu não quebrei — ela disse baixinho. Seu coração se partiu com as palavras. — Eu não contei nada a eles.

Ela não disse isso por elogios, por se vangloriar. Mas, antes, contar a ele, seu consorte, de onde eles estavam naquela guerra. O que seus inimigos podem saber.

— Eu sabia que você não iria — ele conseguiu dizer.

— Ela... ela tentou me convencer de que esse era o sonho ruim. Quando Cairn terminou comigo, ou durante, eu não sei, ela tentou

entrar na minha mente. — Ela olhou ao redor da caverna, como se pudesse ver o mundo além dela. — Ela criou fantasias que pareciam tão reais... — Ela balançou sob a superfície. Talvez ela precisasse da água refrescante do lago para poder ouvir sua própria voz novamente; talvez ela precisasse da distância entre eles para poder falar essas palavras. Ela emergiu, alisando o cabelo para trás com uma mão. — Eles pareciam assim.

Metade dele não queria saber, mas perguntou: — Que ilusões?

Uma longa pausa.

— Não importa agora.

Muito cedo para empurrar – talvez nunca.

Então ela perguntou baixinho:

— Quanto tempo?

Levou a totalidade de seus três séculos de treinamento para manter a devastação, a agonia para ela, de seu rosto.

— Dois meses, três dias e sete horas.

Sua boca se apertou, ou no tempo, ou o fato de que ele contava cada uma dessas horas separadas.

Ela passou os dedos pelos cabelos, os fios flutuando ao redor dela na água. Ainda muito tempo para dois meses terem passado.

— Eles me curaram depois de cada... sessão. De modo que parei de saber o que tinha sido feito e o que estava em minha mente e onde estava a verdade. — Apagar suas cicatrizes, e Maeve teria uma chance melhor de convencê-la de que nada daquilo era real. — Mas os curandeiros não conseguiam se lembrar de quanto tempo meu cabelo estava, ou Maeve queria me confundir ainda mais, então ele cresceu. — Seus olhos escureceram com a lembrança do porquê, talvez, eles precisavam recuperar o cabelo em primeiro lugar.

— Você quer que eu corte de volta para o comprimento que era quando eu te vi pela última vez? — Suas palavras eram quase guturais.

— Não. — Ondulações estremeceram ao redor dela. — Eu quero isso para que eu possa lembrar.

O que havia sido feito com ela, o que ela havia sobrevivido e o que ela havia protegido. Mesmo com tudo o que ele fez para Cairn, o jeito que ele tinha certeza que o macho era mantido vivo e gritando por toda parte, Rowan desejou que o macho ainda estivesse respirando, se ao menos ele pudesse levar mais tempo matando-o.

E quando ele encontrar Maeve...

Isso não era a sua morte. Ele matou Cairn e não se arrependeu. Mas Aelin... Maeve era dela.

Mesmo que a mulher na água diante dele não parecesse ter vingança em sua mente. Não tanto como uma sugestão da raiva ardente que a alimentou.

Ele não a culpou. Sabia que levaria tempo, tempo e distância para curar as feridas internas. Se eles pudessem se curar de verdade.

Mas ele trabalharia com ela, ajudaria da maneira que ele pudesse. E se ela nunca voltasse a quem ela era antes disso, ele não a amaria menos.

Aelin afundou a cabeça e, quando saiu, disse:

— Maeve estava prestes a colocar um colar Valg no meu pescoço. Ela saiu para recuperá-lo. — O cheiro de seu medo persistente deslizou em direção a ele, e Rowan deu um passo mais perto da beira da água. — É por isso que eu... porque eu fugi. Ela me mandou para o acampamento do exército por segurança, e eu... — Sua voz parou, mas ela encontrou seu olhar. Deixou-o ler as palavras que ela não podia dizer, daquele jeito silencioso que sempre foram capazes de se comunicar. *Escapar não era minha intenção.*

— Não, Coração de Fogo — ele respirou, balançando a cabeça, horror rastejando sobre ele. — Não... não havia colar.

Ela piscou, inclinando a cabeça.

— Isso foi um sonho também?

Seu coração se partiu enquanto ele lutava pelas palavras. Fez-se falá-las.

— Não, era real. Ou Maeve achou que sim. Mas os colares, a presença do Valg... Foi uma mentira que nós criamos. Para atrair

Maeve, esperançosamente para longe de você e Doranelle.

Apenas o leve barulho da água soou.

— Não havia colar?

Rowan se ajoelhou e balançou a cabeça.

— Eu... Aelin, se eu soubesse o que ela faria com o conhecimento, o que você decidiria fazer...

Ele poderia tê-la perdido. Não de Maeve ou dos deuses ou do Fecho, mas de suas próprias escolhas malditas. A mentira que ele tinha criado.

Aelin passou por baixo da superfície novamente. Tão profundo que quando a chama aconteceu, foi pouco mais que uma agitação.

A luz irrompeu dela, ondulando através do lago, iluminando as pedras, o teto liso acima. Uma erupção silenciosa.

Sua respiração se tornou irregular. Mas ela nadou para a superfície novamente, a luz fluindo de seu corpo como gavinhas de nuvens. Quase desaparecera quando ela emergiu.

— Sinto muito — ele conseguiu dizer.

Mais uma vez, esse ângulo da cabeça.

— Você não tem nada para se desculpar.

Ele tinha, no entanto. Ele adicionou a seu terror, seu desespero. Ele...

— Se você não tivesse plantado essa mentira para Maeve, se ela não tivesse me dito, eu não acho que estaríamos aqui agora — disse ela.

Ele tentou conter a torção em seu intestino, o desejo de alcançá-la, implorar por seu perdão. Tentou e tentou.

Ela só perguntou:

— E os outros?

Ela não sabia, não sabia como e por que e onde eles se separaram. Então Rowan disse a ela, da maneira mais sucinta e calma possível.

Quando ele terminou, Aelin ficou em silêncio por longos minutos.

Ela olhou para a escuridão, a ondulação de sua água pisando o único som. Seu corpo quase perdeu aquele brilho recém-forjado.

Então ela girou de volta para ele.

— Maeve disse que você e os outros estavam no norte. Que você foi flagrado por seus espiões lá. Você plantou esse engano nela também?

Ele balançou sua cabeça.

— Lysandra foi minuciosa, parece.

A garganta de Aelin balançou.

— Eu acreditei nela.

Soou como uma confissão, de alguma forma.

Então, Rowan se viu dizendo:

— Eu disse a você uma vez que, mesmo que a morte nos separasse, eu destruiria todo mundo até encontrar você. — Ele deu-lhe um sorriso. — Você realmente acredita que isso me impediria?

Ela franziu a boca e, finalmente, aquelas emoções agonizantes começaram a surgir em seus olhos.

— Você deveria salvar Terrasen.

— Considerando que o sol brilha, eu diria que Erawan ainda não venceu. Então vamos salvar juntos.

Ele não se permitiu pensar no custo final de destruir Erawan. E Aelin também não parecia ter pressa em discutir o assunto, e ela disse:

— Você deveria ter ido a Terrasen. Terrasen precisa de você.

— Eu preciso de você mais. — Ele não recuou da honestidade grossa áspera na sua voz. — E Terrasen vai precisar de você também. Não Lysandra se disfarçando como você, mas você.

Um assentimento superficial.

— Maeve levantou seu exército. Duvido que fosse apenas para me proteger enquanto ela estivesse fora.

Ele colocou o pensamento de lado, para considerar mais tarde.

— Pode ser apenas para reforçar suas defesas, se Erawan vencer o outro lado do mar.

— Você realmente acha que é isso que ela planeja fazer com isso?

— Não — ele admitiu. — Eu não acho.

E se Maeve pretendia trazer o exército para Terrasen, ou se unir a Erawan ou simplesmente ser outra força que agredisse seu reino, atacar quando estivessem mais fracos, eles teriam que se apressar.

Teriam que voltar. Imediatamente. Os olhos de sua parceira brilhavam com o mesmo entendimento e pavor.

Aelin balançou a garganta enquanto sussurrava.

— Estou tão cansada, Rowan.

Seu coração se encolheu novamente.

— Eu sei, Coração de Fogo.

Ele abriu a boca para dizer mais, para persuadi-la a emergir para que ele pudesse pelo menos segurá-la se as palavras não pudessem aliviar seu fardo, mas foi quando ele viu.

Um barco, antigo e cada centímetro dele esculpido, saía da escuridão.

— Volte para a praia — o barco não estava à deriva — estava sendo puxado. Ele mal podia distinguir duas formas escuras deslizando abaixo da superfície.

Aelin não hesitou, mas seus golpes continuaram firmes enquanto ela nadava para ele. Ela não recuou com a mão que ele estendeu, e ele envolveu seu manto ao redor dela enquanto o barco passava.

Criaturas negras, parecidas com enguias, do tamanho de um homem mortal a puxaram. Suas barbatanas passavam por eles como se fossem véus de ébano e, com cada movimento de suas longas caudas, ele vislumbrou olhos brancos leitosos. Cegos.

Eles levaram o navio de fundo plano grande o suficiente para quinze homens feéricos até a beira do lago. Um flash de corpos curtos e finos através da penumbra e do Povo Pequeno tinham-no atracado a uma estalagmite próxima.

Os outros devem ter ouvido sua ordem para Aelin, porque eles emergiram, espadas para fora. Um pé atrás deles, Elide permaneceu com Fenrys, o macho ainda em forma de lobo.

— Eles não podem se importar por nós levarmos isso para as cavernas — Lorcan murmurou.

Mas Aelin se virou para eles, o cabelo pingando na pedra aos pés descalços. Metade de um pensamento dela poderia tê-la secado, mas ela não fez nenhum movimento para fazê-lo.

— Estamos sendo caçados.

— Nós sabemos disso — retrucou Lorcan, e se não fosse pelo fato de Aelin estar permitindo que ele pousasse uma mão no ombro dela, Rowan teria jogado o macho no lago.

Mas os traços de Aelin não mudaram daquela quietude, daquela serena calma.

— O único caminho para o mar é através dessas cavernas.

Foi uma alegação ultrajante. Estavam a cento e cinquenta quilômetros do interior, e não havia registro de que essas montanhas se conectassem a qualquer sistema de cavernas que fluía para o próprio oceano. Para fazer isso, eles teriam que ir para o norte através dessa faixa, depois virariam para o oeste nas Montanhas Cambrianas e navegariam abaixo deles até a costa.

— E suponho que eles lhe disseram isso? — O rosto de Lorcan era duro como granito.

— Cuidado — rosnou Rowan. Fenrys de fato mostrou os dentes para o guerreiro de cabelos escuros, a pele arrepiada.

Mas Aelin disse simplesmente:

— Sim. — O queixo dela não caiu nem um centímetro. — A terra acima está cheia de soldados e espiões. Ir abaixo deles é o único caminho.

Elide deu um passo à frente.

— Eu vou. — Ela cortou um olhar frio em direção a Lorcan. — Você pode ter suas chances acima, se você é tão incrédulo.

A mandíbula de Lorcan se apertou, e uma pequena parte de Rowan adorou ver a delicada Lady de Perranth filmar o guerreiro endurecido por séculos com algumas palavras.

— Considerando as potenciais armadilhas da situação é sábio.

— Nós não temos tempo para considerar — Rowan cortou antes que Elide pudesse expressar a resposta em sua língua.

— Precisamos continuar nos movendo.

Gavriel seguiu em frente para estudar o barco atracado e o que pareciam ser pacotes de suprimentos em suas resistentes tábuas.

— Como vamos navegar no nosso caminho, apesar de tudo?

— Seremos escoltados — respondeu Aelin.

— E se eles nos abandonarem? — Lorcan desafiou.

Aelin ergueu os olhos inexpressivos para ele.

— Então você terá que encontrar uma saída, suponho.

Uma sugestão – apenas uma faísca – de temperamento desmentiu aquelas palavras calmas.

Não havia mais nada para debater depois disso. E eles tinham pouco para embalar. Os outros deram a Aelin privacidade para se vestir junto ao fogo enquanto inspecionavam o barco, e quando sua parceira emergiu novamente, vestida com botas, calças e várias camadas sob o manto cinza, a visão dela em roupas de Defesa Nebulosa foi o suficiente para fazer seu intestino apertar.

Não mais uma prisioneira nua e fugitiva. No entanto, nada dessa maldade, aquela alegria e selvageria descontrolada iluminaram seu rosto.

O resto da festa esperou no barco, sentado nos bancos construídos em seus lados altos. Fenrys e Elide sentaram-se aparentemente tão longe de Lorcan quanto conseguiram, Gavriel um dourado, amortecedor-sofredor entre eles.

Rowan permaneceu na beira da praia, uma mão estendida para Aelin enquanto ela se aproximava. Cada um de seus passos parecia considerado – como se ela ainda se maravilhasse de poder se mover livremente. Como se ainda estivesse se ajustando às pernas dela sem o peso das correntes.

— Por quê? — Lorcan pensou em voz alta, mais para si mesmo.

— Por que ir até esses limites para nós?

Ele obteve sua resposta – todos eles fizeram – uma batida do coração depois.

Aelin parou a poucos metros do barco e da mão estendida de Rowan. Ela voltou para a caverna. O Povo Pequenino espiava daqueles galhos de bétula, das rochas, de trás das estalagmites.

Lentamente, profundamente, Aelin se inclinou para eles.

Rowan poderia ter jurado todas aquelas cabeças minúsculas abaixadas em resposta.

Um par de mãos cinzentas e esbranquiçadas ergueu-se acima de uma rocha próxima, algo reluzente entre elas e colocou o objeto sobre a pedra.

Rowan ficou parado. Uma coroa de prata e pérola e diamante brilhava lá, formada por asas de cisne.

— A Coroa de Mab — Gavriel respirou. Mas Fenrys desviou o olhar, na direção do escuro iminente, com a cauda enrolada ao redor dele.

Aelin cambaleou um passo mais perto da coroa.

— Ela... ela caiu no rio.

Rowan não queria saber como ela tinha encontrado, porque ela tinha visto cair em um rio. Maeve manteve as duas coroas de suas irmãs sob guarda constante, só as trazendo para serem exibidas em sua sala do trono em ocasiões do tempo. Em memória de suas irmãs, ela entou. Rowan às vezes se perguntava se era um lembrete de que ela havia sobrevivido a elas, que mantinha o trono para si no final.

A mão acinzentada escorregou sobre a borda da rocha novamente e cutucou a coroa em um gesto silencioso. *Pegue.*

— Você quer saber por quê? — Gavriel perguntou suavemente a Lorcan enquanto Aelin caminhava em direção à rocha. Nada além de solene reverência em seu rosto. — Porque ela não é apenas a herdeira de Brannon, mas também a de Mab.

Um retrocesso para sua tataravó, Maeve a insultou. Quem herdou sua força, sua vida imortal.

Os dedos de Aelin se fecharam ao redor da coroa, levantando-a gentilmente. Brilhava como o luar vivo entre as mãos dela.

A linhagem da minha irmã Mab era verdadeira, Elide alegou que Maeve dissera na praia. De todas as formas, parecia.

Mas Aelin não fez nenhum movimento para usar a coroa enquanto ela se aproximava dele mais uma vez, sua marcha mais

firme desta vez. Tentando não se debruçar sobre a insuportável maciez de sua mão ao envolvê-la, Rowan a ajudou a subir, depois subiu antes de liberar as cordas que as amarravam na praia.

Gavriel continuou, maravilhado em cada palavra:

— E isso faz dela sua rainha também.

Aelin encontrou o olhar de Gavriel, a coroa quase brilhando em suas mãos.

— Sim — foi tudo o que ela disse enquanto o barco navegava na escuridão.

CAPÍTULO 36

— Quanto tempo levará para chegar à costa? — O sussurro de Elide ecoou nas paredes da caverna esculpida pelo rio.

Ela entrou em pânico quando o barco se aventurou além do brilho da costa e entrou em uma passagem do outro lado do lago, tão escuro que ela não conseguia ver as próprias mãos diante do rosto.

Estar preso em tal escuridão impenetrável por horas, dias, possivelmente mais...

Teria sido assim no caixão de ferro? Aelin não deu indicação de que a escuridão sufocante a incomodava e não mostrara nenhuma inclinação para iluminar seu caminho. Nem sequer convocou uma brasa.

Mas o Povo Pequenino parecia ter vindo preparado. E, contando os batimentos cardíacos ao entrar na passagem do rio negro, uma luz azul se acendeu em uma lanterna pendurada sobre a proa curva.

Não leve, nem mágica. Mas vermes pequenos que brilhavam em azul pálido, como se cada um deles tivesse engolido o coração de uma estrela.

Eles foram reunidos na lanterna, e sua luz suave ondulou sobre as paredes lisas da água. Uma luz suave e calmante. Pelo menos para ela era assim.

Os feéricos estavam alertas, os olhos brilhando com um brilho animalesco, usando a iluminação para marcar as cavernas que eles eram puxados para baixo por aquelas estranhas, bestas serpentina.

— Nós não estamos viajando rapidamente — Rowan respondeu de onde ele se sentou ao lado de Aelin, perto da parte de trás do barco, Fenrys cochilando aos pés da rainha. Era grande o suficiente

para cada um deles se deitar entre os bancos, ou se reunir perto da proa para comer o estoque de frutas e queijos. — E nós não sabemos como diretamente essas passagens fluem. Vários dias pode ser um palpite conservador.

— Levaria três semanas a pé se estivéssemos acima. — explicou Gavriel, seu cabelo dourado prateado pela luz da lanterna.

— Talvez mais.

Elide brincou com o anel em seu dedo, torcendo a faixa ao redor e ao redor. Ela preferiria viajar por um mês a pé do que ficar presa nessas passagens escuras e sem ar.

Mas eles não tinham escolha. Anneith não tinha sussurrado em aviso – não tinha dito nada antes de entrarem neste barco. Antes de Aelin receber a antiga coroa da Rainha das Fadas, seu direito de nascimento e herança.

A rainha havia escondido a coroa de Mab em um de seus pacotes, como se não fosse mais do que um cinto de espada extra.

Ela não tinha falado, e eles também não fizeram nenhuma pergunta.

Em vez disso, ela passou as últimas horas sentada na parte de trás do barco, estudando suas mãos sem marcas, ocasionalmente olhando para as águas negras abaixo delas. O que ela esperava ver além do próprio reflexo ondulante, Elide não queria saber. As criaturas caídas e antigas dessas terras eram numerosas demais para serem contadas, e a maioria não era amigável com os mortais.

Encostando-se à pilha de bolsas, Elide olhou para a esquerda.

Lorcan havia se posicionado ali, ao longo da borda do barco. Mais perto dela do que ele se sentou em semanas.

Sentindo sua atenção, seus olhos escuros deslizaram para ela.

Por longos batimentos cardíacos, ela se deixou olhar para ele.

Ele rastejou atrás de Maeve na praia para salvar Aelin. E ele a encontrara durante a fuga dela – assegurara que Aelin saísse. Isso eliminou o que ele havia feito ao invocar Maeve em primeiro lugar?

Mesmo que Maeve tivesse armado a armadilha, mesmo que ele não soubesse o que Maeve pretendia para Aelin, isso apagaria sua

decisão de chamá-la?

A última vez que eles falaram como amigos, estava a bordo daquele navio horas antes da chegada da armada de Maeve. Ele disse a ela que eles precisavam conversar, e ela assumiu que era sobre o futuro deles, sobre *eles*.

Mas talvez ele estivesse prestes a dizer a ela o que ele tinha feito, que ele estava errado em atuar antes dos planos de Aelin. Elide parou de girar o anel.

Ele fez isso por ela. Ela sabia disso. Ele convocou a armada de Maeve porque acreditava que eles estavam prestes a ser destruídos pela frota de Melisande. Ele fez isso por ela, assim como ele soltou o escudo em volta deles naquele dia em que Fenrys tinha arrancado um pedaço do braço dela, em troca de Gavriel curá-la.

Mas a rainha sentada silenciosamente atrás deles, nenhum traço daquele fogo afiado para ser visto, nem aquele sorriso perverso que ela mostrou a todos que cruzaram seu caminho... Dois meses com um sádico. Com dois sádicos. Esse tinha sido o custo e o fardo que Aelin e todos eles suportariam.

Aquele silêncio, aquele fogo aterrado era por causa dele. Não inteiramente, mas de alguma maneira.

A boca de Lorcan se apertou, como se ele lesse os pensamentos em seu rosto.

Elide olhou para a frente novamente, para onde o teto da caverna afundava tão baixo que ela poderia tocá-lo se estivesse de pé. O espaço apertou mais e mais...

— É provável que seja uma passagem para uma caverna maior — murmurou Lorcan, como se pudesse ver o medo no rosto dela também. Ou cheirar isso.

Elide não se incomodou em responder. Mas ela não pôde evitar o sinal de gratidão.

Eles continuaram na escuridão antiga e silenciosa, e ninguém falou por um tempo depois disso.



O colar não era real.

Mas o exército que Maeve convocara era.

E Dorian, Manon com ele, estava em busca da última chave de Wyrd. Se ele conseguisse isso do próprio Erawan, onde quer que o rei Valg o armazenasse, ele deveria ganhar posse de todos os três...

O bater do rio contra o barco era o único som, havia sido o único som durante algum tempo.

Gavriel manteve a vigília na proa, Lorcan monitorando do lado de estibordo, com a mandíbula apertada. Fenrys e Elide cochilaram, a cabeça da dama encostada em seu flanco, o cabelo negro como tinta caindo sobre uma camada de neve branca.

Aelin olhou para Rowan, sentado ao lado dela, mas sem se tocarem. Seus dedos se enrolaram em seu colo. Um piscar de olhos na penumbra foi a única indicação de que ele estava ciente de todos os seus movimentos.

Aelin respirou seu perfume, deixou sua força se acomodar nela um pouco mais fundo.

Dorian e Manon podem estar em qualquer lugar. Caçar a bruxa e o rei seria uma tarefa tola. Seus caminhos se encontrariam novamente, ou não. E se ele encontrasse a chave final e depois a trouxesse para ela, ela pagaria o que os deuses exigiam. O que ela devia a Terrasen, o mundo.

No entanto, se Dorian decidisse terminar ele mesmo, forjar a fechadura... seu estômago revirou. Ele tinha o poder. Tanto quanto ela, se não mais.

Era para ser seu sacrifício. Seu sangue derramado para salvá-los todos. Para deixá-lo reivindicar isso...

Ela poderia. Ela deve. Com Erawan, sem dúvida, se soltando em Terrasen, com o exército de Maeve provavelmente causando uma dor incalculável, ela poderia deixar Dorian fazer isso. Ela confiava nele.

Mesmo que ela nunca se perdoasse por isso.

Sua dívida, deveria ter sido *sua* dívida a pagar. Talvez a punição por não a fazer seja ter que viver consigo mesma. Ter que viver com

tudo o que tinha sido feito para ela nesses meses também.

A escuridão do rio subterrâneo pressionou, envolveu seus braços ao redor dela e apertou.

Diferente da escuridão da caixa de ferro. A escuridão que ela encontrou dentro de si mesma.

Um lugar que ela nunca poderia escapar, não realmente.

Seu poder se agitou, despertando. Aelin engoliu em seco, recusando-se a reconhecer. Prestou atenção nisso.

Ela não iria. Não conseguiria. Ainda não. Até que ela estivesse pronta.

Ela tinha visto o rosto de Rowan quando ela falou sobre o que o engano dele com o colar a havia levado a fazer. Tinha notado a maneira como seus companheiros olhavam para ela, pena e medo em seus olhos. O que havia sido feito com ela, o que ela havia se tornado.

Um novo corpo. Um estrangeiro, um corpo estranho, como se ela tivesse sido arrancada de um e empurrada para outro. Diferente de se mover entre as formas dela, de alguma forma. Ela não tentou mudar para o corpo humano ainda. Não via motivo.

Sentada em silêncio enquanto o barco era puxado pela escuridão, ela sentiu o peso daqueles olhares. Seu pavor. Sentiu-se perguntando o quão quebrada ela estava.

Você não cede.

Ela sabia que isso era verdade – que tinha sido a voz de sua mãe que falara e nenhuma outra.

Então ela não cederia a isso. O que foi feito. O que restou.

Para os companheiros ao seu redor, para levantar seu desespero, seu medo, ela não cederia.

Ela lutaria por isso, pegaria o caminho de volta, quem ela tinha sido antes. Lembrando-se de dar um jeito, sorrir e piscar. Ela lutaria contra aquela mancha persistente em sua alma, lutaria para ignorá-la.

Usaria essa jornada no escuro para se recompor – o suficiente para convencê-la.

Mesmo que essa escuridão fragmentada agora morasse dentro dela, mesmo que a fala fosse difícil, ela mostraria a eles o que eles queriam ver.

Uma inquebrável Portadora de Fogo. Aelin do Fogo Selvagem.
Ela mostraria ao mundo que mentem também. Os faria acreditar.
Talvez ela um dia acreditasse também

CAPÍTULO 37

Dias de viagem quase silenciosa passaram.

Três dias, se qualquer coisa que Rowan e Gavriel sentissem provasse ser verdade. Talvez o último tenha um relógio de bolso.

Aelin não se importou particularmente.

Ela usou cada um desses dias para considerar o que havia sido feito, o que estava diante dela. Às vezes, o rugido de sua magia afogava seus pensamentos. Às vezes ficava adormecido. Ela nunca deu atenção a isso.

Eles navegaram através da escuridão, o rio abaixo tão negro que eles poderiam estar flutuando no reino de Hellas.

Foi perto do final do quarto dia, através do escuro e da rocha, os seus acompanhantes puxando o barco incansavelmente, que Rowan murmurou:

— Estamos entrando em território de *barrow-wight*.

Gavriel se torceu de seu ponto pela proa.

— Como você sabe?

Esparramado ao lado dele, ainda em forma de lobo, Fenrys inclinou as orelhas para a frente.

Ela não perguntou por que ele permaneceu no corpo de seu lobo.

Ninguém perguntou por que ela permaneceu em sua forma feérica, afinal. Mas ela supôs que se ele vestisse sua forma feérica, ele poderia se sentir inclinado a falar. Para responder a perguntas que talvez ele ainda não estivesse pronto para discutir. Pode começar simplesmente a gritar e a gritar com o que lhes tinha sido feito, a Connall.

Rowan apontou com um dedo tatuado em direção a uma alcova na parede. Sombra velava seus recuos, mas quando a luz azul da lanterna tocou, o ouro brilhou ao longo do chão rochoso. Ouro antigo.

— O que é um *barrow-wight*? — Elide sussurrou.

— Criaturas de malícia e pensamento — respondeu Lorcan, examinando a passagem, uma mão deslizando para o punho de sua espada. — Eles cobiçaram ouro e tesouro e infestam os antigos túmulos de reis e rainhas para que pudessem habitar entre eles. Eles odeiam luz de qualquer tipo. Espero que isso os mantenha longe.

Elide encolheu-se e Aelin sentiu-se inclinada a fazer o mesmo.

Em vez disso, ela desenterrou o suficiente para perguntar a Rowan:

— Esses são os mesmos que estavam sob os túmulos que visitamos?

Rowan se endireitou, os olhos faiscando em sua pergunta – ou no fato de que ela tinha falado acima de tudo. Ele manteve por ela nestes dias, uma presença silenciosa e constante. Mesmo quando dormiram, ele permaneceu a poucos metros de distância, ainda sem tocar, mas apenas *ali*. Perto o suficiente para que o cheiro de pinho e neve dele a deixasse em sono.

Rowan apoiou a mão na borda do barco.

— Há muitos montes de muros em Wendlyn, mas não há outros entre Cambrianas e Doranelle além daqueles que fomos. Até onde sabemos — ele emendou. — Eu não percebi que seus túmulos foram esculpidos tão profundamente.

— Os wights precisavam de alguma maneira, com as portas do túmulo provavelmente fechadas acima — observou Gavriel, estudando uma alcova maior que aparecia à direita. Não uma alcova, mas uma boca de caverna seca que fluía para a beira do rio antes de sair de vista.

— Pare o barco — disse Aelin.

Silêncio na ordem, até mesmo de Rowan.

Aelin apontou para a orla da margem junto à boca da caverna.

— Pare o barco — ela repetiu.

— Eu não acho que podemos — Elide murmurou. De fato, os dois tinham recorrido a usar um balde para atender às suas necessidades nesses poucos dias, os homens participando de qualquer conversa que pudessem para tornar o silêncio mais tolerável.

Mas o barco dirigiu-se para a alcova, sua velocidade bancária.

Fenrys se levantou, farejando o ar quando se aproximaram da borda da praia. Rowan e Lorcan se inclinaram para apoiar as mãos contra a pedra para evitar que colidissem demais.

Aelin não esperou que o barco parasse de balançar antes de pegar uma lanterna e pular no chão liso do rio.

Rowan xingou, pulando atrás dela.

— Fiquem aqui — ele avisou a quem permaneceu no barco.

Aelin não se incomodou em ver quem obedeceu quando ela entrou na caverna.



A rainha tinha sido imprudente antes de Cairn e Maeve trabalharem nela por dois meses, mas parecia que ela tinha algum senso comum esfolado por ela.

Lorcan absteve-se de dizer isso, no entanto, quando se viu sozinho com Elide no barco. Gavriel e Fenrys foram atrás de Rowan e Aelin, o caminho marcado apenas pelo brilho desbotado de luz azul nas paredes.

Não era a luz do fogo. Ela não mostrou uma brasa desde que eles entraram na caverna.

Elide permaneceu sentado à sua frente no lado esquerdo do barco, as costas repousando ao longo da borda curva. Ela ficou em silêncio nos últimos minutos, observando a boca da caverna agora escura.

— *Barrow-wights* não são nada a temer se você estiver armado com magia — Lorcan se viu dizendo.

Seus olhos escuros deslizaram para ele.

— Bem, eu não tenho nenhuma, então me perdoe se eu permanecer alerta.

Não, ela disse uma vez a ele que enquanto a magia fluía na linhagem sanguínea Lochan, ela não tinha nada para falar. Ele nunca disse a ela que ele sempre considerou que sua esperteza era uma poderosa magia por conta própria, independentemente dos sussurros de Anneith.

Elide continuou:

— Não são os wights que me preocupam.

Lorcan avaliou o rio calmo que passava pelas cavernas ao redor deles, antes de dizer.

— Vai levar tempo para ela se reajustar.

Ela olhou para ele com aqueles olhos condenados.

Ele apoiou os antebraços nos joelhos.

— Nós a pegamos de volta. Ela está conosco agora. O que mais você quer? — *De mim*, ele não precisou adicionar.

Elide se endireitou.

— Eu não quero nada. — *De você*.

Ele cerrou os dentes. Este era o lugar onde eles saíam então.

— Quanto tempo mais eu devo expiar?

— Você está ficando entediado com isso?

Ele rosnou.

Ela apenas olhou para ele.

— Eu não percebi que você estava mesmo expiando.

— Eu vim para cá, não é?

— Por quem exatamente? Rowan? Aelin?

— Por ambos. E por você.

Lá. Deixe que seja colocado diante deles.

Apesar do brilho azul da lanterna, ele podia distinguir o rosa que se espalhava por suas bochechas. No entanto, sua boca se apertou.

— Eu lhe disse naquela praia: eu não quero nada com você.

— Então um erro e eu sou seu eterno inimigo?

— Ela é minha *rainha*, e você convocou Maeve, então disse a ela onde as chaves estavam, e você *ficou lá enquanto elas faziam isso*

com ela.

— Você *não* tem ideia do que o juramento pode fazer. *Nenhum.*

— Fenrys quebrou o juramento. Ele encontrou um caminho.

— E se Aelin não estivesse lá para lhe oferecer outro, ele teria *morrido* — ele soltou uma risada baixa e sem alegria. — Talvez seja isso que você preferiria.

Ela ignorou seu último comentário.

— Você nem tentou.

— Eu tentei — ele rosnou. — Eu lutei com tudo que eu tinha. E não foi o suficiente. Se ela tivesse ordenado que eu cortasse sua garganta, eu teria. E se eu tivesse encontrado uma maneira de quebrar o juramento, eu teria *morrido*, e ela poderia muito bem ter te matado ou te levado depois. Naquela praia, meu único pensamento era fazer com que Maeve se esquecesse de você, deixar *você* ir...

— Eu não me importo comigo! Eu não me importei comigo naquela praia!

— *Bem, eu me importo* — suas palavras rosnadas ecoaram pela água e pedra, e ele baixou a voz. Coisas piores do que esposas podem vir cheirando aqui. — Eu me importava com você naquela praia. E a sua rainha também.

Elide balançou a cabeça e desviou o olhar, procurando qualquer lugar, parecia, mas para ele.

Isto foi o que veio de abrir aquela porta para um lugar dentro dele que ninguém jamais violou. Essa bagunça, esse vazio em seu peito que o fez continuar precisando fazer as coisas direito.

— Me ressinta o quanto você quiser — disse ele, condenando a rouquidão de suas palavras. — Eu tenho certeza que vou sobreviver.

Dor brilhou nos olhos dela.

— Tudo bem — ela disse, sua voz quebrada.

Ele odiava essa fragilidade mais do que qualquer coisa que ele já encontrou. Odiava a si mesmo por causar isso. Mas ele tinha limites para o quão baixo ele engatinhava.

Ele disse sua parte. Se ela quisesse lavar as mãos dele para sempre, então ele encontraria uma maneira de respeitar isso. Viveria com isso.

De alguma forma.



A caverna subiu por alguns metros, depois nivelou-se e entrou na pedra. Uma passagem rústica talhada, não pela água ou pela idade, Rowan percebeu, mas pelas mãos mortais. Talvez os reis e senhores há muito mortos tivessem tomado o rio subterrâneo para depositar seus mortos antes de selarem os túmulos à luz do sol e ao ar acima, o conhecimento dos caminhos que terminavam com seus reinos.

Um leve brilho pulsou da lanterna que Aelin segurava, banhando as paredes da caverna em azul. Ele rapidamente alcançou ela, e agora caminhava para o lado dela, Fenrys trotando em seus calcanhares e Gavriel pegando a traseira.

Rowan não se incomodou em liberar suas armas. O aço era de pouca utilidade contra os animais. Apenas magia poderia destruí-los.

Por que Aelin precisava parar, o que ela precisava ver, ele só pode adivinhar quando a passagem se abriu em uma pequena caverna, e o ouro brilhou.

Ouro ao redor - e uma sombra vestida com vestes negras esfarrapadas espreitando pelo sarcófago no centro.

Rowan rosnou em alerta, mas Aelin não atacou.

A mão dela se enrolou ao lado dela, mas ela permaneceu imóvel. A criatura assobiou. Aelin apenas assistiu.

Como se ela não pudesse, não conseguisse tocar em seu poder.

O peito de Rowan estava tenso. Então ele enviou um chicote de gelo e vento através da caverna.

A criatura gritou uma vez e se foi.

Aelin olhou para onde estivera por um instante e depois olhou para ele por cima do ombro. A gratidão brilhou nos olhos dela.

Rowan apenas deu um aceno de cabeça. *Não se preocupe com isso.*

No entanto, Aelin se afastou, desligando aquela conversa silenciosa enquanto inspecionava o espaço.

Tempo. Levaria tempo para ela se curar. Mesmo que ele soubesse que sua Coração de Fogo fingiria o contrário.

Então Rowan também olhou. Do outro lado do túmulo, além do sarcófago e do tesouro, um arco se abria para outra câmara. Talvez outro túmulo, ou uma passagem de saída.

— Nós não temos tempo para encontrar uma saída — Rowan murmurou enquanto entrava no túmulo. — E as cavernas permanecem mais seguras que a superfície.

— Eu não estou procurando uma saída — ela disse naquela voz calma e imóvel. Ela se inclinou, passando um punhado de moedas de ouro estampadas com o rosto de um rei esquecido. — Vamos precisar financiar nossas viagens. E os deuses sabem o que mais.

Rowan arqueou uma sobrancelha.

Aelin encolheu os ombros e enfiou o ouro no bolso do manto.

— A menos que o tilintar lamentável que ouvi da sua bolsa de moedas *não* indicasse que você estava com pouco dinheiro.

Aquela faísca de humor irônico, a provocação... Ela estava tentando. Pelo bem dele, ou dos outros, talvez dela mesma, ela estava tentando.

Ele também não podia oferecer nada menos. Rowan inclinou a cabeça.

— Estamos realmente com extrema necessidade de reabastecer nossos cofres.

Gavriel tossiu.

— Isso pertence aos mortos, você sabe.

Aelin acrescentou outro punhado de moedas ao bolso, iniciando um circuito em volta do túmulo carregado de tesouros.

— Os mortos não precisam comprar passagem em um navio. Ou cavalos.

Rowan deu ao Leão um sorriso cortante.

— Você ouviu a Lady.

Um raio se rompeu de onde Fenrys estivera farejando um baú de jóias e então um macho estava parado ali. Suas roupas cinzentas estavam gastas, mas intactas – em melhor forma do que o olhar oco nos olhos.

Aelin fez uma pausa em sua pilhagem.

A garganta de Fenrys balançou, como se estivesse tentando lembrar a fala. Então ele disse com voz rouca:

— Nós precisávamos de mais bolsos — ele deu um tapinha no seu bolso para dar ênfase.

Os lábios de Aelin se curvaram em uma sugestão de sorriso. Ela piscou para Fenrys – três vezes.

Fenrys piscou uma vez em resposta.

Um código. Eles inventaram algum código silencioso para se comunicar quando ele foi ordenado a permanecer em sua forma de lobo.

O sorriso de Aelin permaneceu, apenas mal, enquanto ela caminhava para o macho de cabelos dourados, sua pele bronzeada pálida. Ela abriu os braços em oferta silenciosa.

Para deixá-lo decidir se ele queria contato. Se ele pudesse suportar isso.

Assim como Rowan iria deixá-la decidir se ela queria tocá-lo.

Um pequeno suspiro saiu de Fenrys antes de dobrar Aelin em seus braços, um tremor percorreu-o. Rowan não podia ver seu rosto, talvez não precisasse, enquanto suas mãos seguravam a jaqueta de Fenrys, com tanta força que elas estavam brancas.

Um bom sinal – um pequeno milagre, que qualquer um deles desejou, que *poderia* ser tocado. Rowan lembrou-se disso, mesmo enquanto uma parte masculina intrínseca dele ficou tensa com o contato. Um bastardo feérico territorial, ela uma vez o chamou.

Ele faria o melhor possível para não cumprir esse título.

— Obrigada — disse Aelin, sua voz pequena de um jeito que fez o peito de Rowan se quebrar ainda mais. Fenrys não respondeu, mas pela angústia em seu rosto, Rowan sabia que nenhum agradecimento estava em ordem.

Eles se afastaram e Fenrys segurou sua bochecha.

— Quando você estiver pronta, nós podemos conversar.

Sobre o que eles suportaram. Desvendar tudo o que aconteceu.

Aelin assentiu, soltando um suspiro.

— Igualmente.

Ela voltou a enfiar ouro nos bolsos, mas olhou de volta para Fenrys, com o rosto desenhado.

— Eu te dei o juramento de sangue para salvar sua vida — ela disse. — Mas se você não quiser, Fenrys, eu... nós podemos encontrar uma maneira de libertar você.

— Eu quero — disse Fenrys, sem nenhum traço de seu habitual humor arrogante. Ele olhou para Rowan e baixou a cabeça. — É uma honra servir a esta corte. E servir você — acrescentou ele a Aelin.

Ela acenou com a mão em despedida, embora Rowan não tenha deixado de notar o brilho em seus olhos enquanto se inclinava para juntar mais ouro. Dando-lhe um momento, ele caminhou até Fenrys e apertou seu ombro.

— É bom ter você de volta. — Ele acrescentou, tropeçando um pouco na palavra — Irmão.

Pois é isso que eles seriam. Nunca tinha sido antes, mas o que Fenrys tinha feito por Aelin... Sim, *irmão* era como Rowan o chamaria.

Mesmo se o próprio Fenrys...

Os olhos escuros de Fenrys cintilaram.

— Ela matou Connall. Fez com que ele se apunhalasse no coração.

Um colar de pérolas e rubis se espalhou pelos dedos de Gavriel.

A temperatura na tumba aumentou, mas não houve clarão de chamas, nenhum redemoinho de brasas.

Como se a magia de Aelin tivesse surgido, apenas para ser controlada novamente.

No entanto, Aelin continuou jogando ouro e joias nos bolsos.

Ela também testemunhou isso. Aquele abate.

Mas foi Gavriel, aproximando-se em pés silenciosos, mesmo com as jóias e o ouro no chão, que segurou o outro ombro de Fenrys.

— Vamos garantir que a dívida seja paga antes do fim.

O Leão nunca pronunciara tais palavras – não em relação à antiga rainha. Mas a fúria queimava no olhar castanho de Gavriel.

Tristeza e fúria.

Fenrys respirou fundo e se afastou, a perda em seu rosto se misturando com algo que Rowan não podia ver. Mas agora não era a hora de perguntar, para bisbilhotar.

Encheram os bolsos com o máximo de ouro que conseguiram, Fenrys indo tão longe a ponto de tirar sua jaqueta cinza para formar um pacote improvisado. Quando quase caía no chão com o ouro, os fios se esticando, ele silenciosamente voltou para o corredor. Gavriel, ainda estremecendo com seus saques desavergonhados, seguiu atrás dele um momento depois.

Aelin continuou escolhendo seu caminho entre o tesouro, no entanto. Ela tinha sido mais seletiva do que o resto deles, examinando peças com o que Rowan achava que era um olho de joalheiro. Os deuses sabiam que ela possuía enfeites suficientes para dizer o que obteria o preço mais alto no mercado.

— Devemos ir — disse ele. Seus próprios bolsos estavam prestes a explodir, cada passo dele pesado.

Ela se levantou de uma caixa de metal enferrujada que ela estava folheando.

Rowan permaneceu imóvel enquanto ela se aproximava, algo apertado em sua palma. Foi só quando ela parou perto o suficiente para ele tocá-la que ela desfraldou os dedos.

Dois anéis de ouro estavam lá.

— Eu não conheço os costumes feéricos — disse ela. O anel mais grosso continha um rubi elegantemente cortado dentro da própria faixa, enquanto o menor tinha uma esmeralda retangular cintilante, a pedra do tamanho de sua unha. — Mas quando os humanos se casam, anéis são trocados.

Seus dedos tremeram – apenas ligeiramente. Muitas palavras não ditas estavam entre elas.

No entanto, agora não era o momento para essa conversa, para aquela cura.

Não quando eles tinham que estar a caminho o mais rápido possível, e essa oferta que ela fez, essa prova de que ela ainda queria o que havia entre eles, os votos que juraram...

— Eu suponho que a esmeralda brilhante é para mim — disse Rowan com um meio sorriso.

Ela bufou uma risada. O som suave e sussurrado era tão precioso quanto os anéis que ela encontrou para eles neste tesouro.

Ela pegou a mão dele, e ele tentou não estremecer de alívio, tentou não cair de joelhos quando ela deslizou o anel de rubi em seu dedo. Se encaixava perfeitamente, o anel sem dúvida forjou para o rei deitado neste carrinho de mão.

Silenciosamente, Rowan segurou a própria mão e apoiou o anel de esmeralda.

— Para qualquer fim — ele sussurrou.

Prata revestia seus olhos.

— Para qualquer fim.

Um lembrete – e uma promessa, mais sagrada do que os juramentos de casamento que eles juraram naquele navio.

Para percorrer este caminho juntos, de volta da escuridão do caixão de ferro. Para enfrentar o que esperavam em Terrasen, promessas antigas aos deuses seriam condenadas.

Ele passou o polegar pelas costas da mão dela.

— Eu vou fazer a tatuagem novamente — ela engoliu em seco, mas assentiu. — E — acrescentou ele. — Gostaria de adicionar outra. Para mim... e para você.

As sobrancelhas dela se levantaram, mas ele apertou a mão dela. *Você terá que esperar e ver, princesa.*

Outra sugestão de um sorriso. Ela não recuou das palavras silenciosas desta vez. *Típico.*

Ele abriu a boca para expressar a pergunta que ele estava morrendo de vontade de fazer por dias agora. *Posso te beijar?* Mas ela puxou a mão da dele.

Admirando a aliança de casamento brilhando em seu dedo, sua boca se apertou quando ela virou a palma da mão.

— Eu precisarei treinar novamente.

Nem um único calo marcava suas mãos.

Aelin franziu a testa para o corpo magro demais.

— E acumular algum músculo novamente — um leve tremor agraciou suas palavras, mas ela enrolou suas mãos em punhos em seus lados e sorriu para suas roupas, as roupas de Defesa Nebulosa.

— Será como nos velhos tempos.

Tentando. Ela estava drenando aquela arrogância e tentando.

Então ele também tentaria. Até ela não precisar mais.

Rowan deu-lhe um sorriso torto.

— Assim como nos velhos tempos — disse ele, seguindo-a para fora do *barrow-wight* e de volta para o rio de ébano. — Mas com muito menos sono.

Ele poderia ter jurado que a passagem estava aquecida. Mas Aelin continuou.

Mais tarde. Aquela conversa, esse negócio inacabado entre eles, viria depois.

CAPÍTULO 38

A rainha e seu consorte precisavam de um momento particular, parecia. Elide ficara mais surpresa ao ver Fenrys em sua bela forma masculina do que o ouro que ele e Gavriel carregavam, quase derramando seus bolsos.

Lorcan riu baixinho enquanto eles guardavam o tesouro em suas bolsas. Mais do que algumas pessoas poderiam sonhar.

— Pelo menos ela está pensando um passo à frente.

Fenrys parou onde se agachava diante de sua bolsa, o ouro em suas mãos cintilando como seu cabelo. Não havia nada remotamente quente em seus olhos escuros.

— Estamos apenas nessa posição por sua culpa.

Elide ficou tensa quando Lorcan se endureceu. Gavriel parou sua embalagem, uma mão deslizando para o punhal ao seu lado.

Mas o guerreiro de cabelos escuros inclinou a cabeça.

— Então eu fui lembrado — disse ele, mas não olhou para Elide.

Fenrys mostrou os dentes.

— Quando isso acabar — ele sussurrou — você e eu iremos resolver as coisas.

O sorriso de Lorcan era um brutal golpe de branco.

— Será meu prazer.

Elide sabia que ele estava falando sério. Ele ficaria feliz em aceitar o que quer que Fenrys lançasse em sua direção, para se envolver nesse conflito devastador e sangrento.

Gavriel soltou um suspiro, seus olhos castanhos se encontrando com Elide. Nada poderia ser dito ou feito para convencê-los do contrário.

No entanto, Elide viu-se inspirando para sugerir que lutar entre si, em vingança ou não, não seria satisfatório, quando Aelin e Rowan saíram da passagem.

Goldryn estava ao lado da rainha, sem dúvida devolvida a ela pelo príncipe. Seu rubi brilhante parecia uma ametista na lanterna azul, balançando com cada um dos passos de Aelin.

Eles mal pisaram no barco quando um assobio saiu da passagem que eles haviam desocupado.

Tenso, Rowan e Gavriel rapidamente empurraram o barco da costa. As criaturas avançaram em movimentos, puxando-as para mais longe no rio.

Lâminas brilhavam, todos os guerreiros imortais mortais ainda.

Aelin não sacou Goldryn, no entanto. Não levantou a mão em chamas. Ela apenas demorou o olhar em Elide, seu rosto como pedra.

O assobio ficou mais alto. Mãos escuras e sombreadas arranhavam o arco da passagem, recuando onde quer que encontrassem a luz.

— Alguém está chateado com o tesouro — murmurou Fenrys.

— Eles podem entrar na fila — disse Aelin, e Elide poderia jurar que o ouro nos olhos da rainha brilhava. Um clarão de luz oculta, depois nada.

Um vento gelado beijou as cavernas. O assobio parou.

Estremecendo, Elide murmurou:

— Eu não acho que deveria me importar de voltar a essas terras.

Fenrys riu, uma risada sensual que não encontrou seus olhos.

— Eu concordo com você, Lady.



Eles entraram na escuridão para outro dia, depois para dois. Ainda assim, o mar não apareceu.

Aelin estava dormindo, um sono sem sonhos e pesado, quando uma mão forte apertou seu ombro.

— Olhe — Rowan sussurrou, sua respiração roçando sua orelha.

Ela abriu os olhos para a luz pálida.

Não o oceano, ela percebeu quando se sentou, os outros despertando, sem dúvida, com a palavra de Rowan.

No alto, agarrando-se ao teto da caverna como se fossem estrelas presas sob a rocha, pequenas luzes azuis brilhavam.

Vaga-lumes, como aqueles na lanterna. Milhares deles, feitos infinitos pelo reflexo na água negra. Estrelas acima e abaixo.

Do canto do olho, Aelin vislumbrou Elide pressionando a mão contra o peito.

Um mar de estrelas – é isso que a caverna se tornou.

Beleza. Ainda havia beleza neste mundo. As estrelas ainda podiam brilhar, ainda queimar, mesmo enterradas sob a terra.

Aelin respirou o ar frio da caverna, a luz azul. Deixou fluir através dela.

Chacoalhar as estrelas. Ela prometeu fazer isso. Tinha feito tanto em relação a isso, ainda mais permaneceu. Eles tiveram que se apressar. Quantos sofreram nas garras de Morath?

A beleza permaneceu – e ela lutaria por isso. *Precisava* lutar.

Era uma constante batida em seu sangue, seus ossos. Bem ao lado do poder que ela empurrou profundamente e descartou a cada respiração. *Lute* – uma última vez.

Ela escapou para que ela pudesse fazer isso. Pensaria em todos aqueles que ainda desafiam Morath, desafiando Maeve, enquanto ela treinava. Ela não hesitaria. Não se atreveria a fazer uma pausa.

Ela faria esse tempo contar. De todas as maneiras possíveis.

A esmeralda de seu anel de casamento brilhava com seu próprio fogo.

Egoísmo da parte dela, impor esse vínculo quando o sangue dela a destinou para um altar de sacrifício, e ainda assim ela havia saído do barco para encontrá-los. Os anéis. Invadir o tesouro foi uma reflexão tardia. Mas se ela não tivesse nenhuma cicatriz nela, nenhum lembrete de onde ela tinha sido e quem ela era e o que ela prometeu, então ela precisava deste pedaço de prova.

Aelin poderia jurar que as estrelas vivas acima cantavam, um coro celestial que flutuava pelas cavernas.

Uma canção estelar carregada ao longo da corrente do rio, correndo ao lado deles, pelos últimos quilômetros até o mar.

CAPÍTULO 39

O exército do inimigo não chegou em três dias, ou quatro, mas cinco.

Uma bênção e uma maldição, Nesryn decidiu. Uma bênção, pelo tempo que lhes foi dado para se preparar, para que os ruks levassem alguns dos mais vulneráveis do povo de Anielle para um acampamento destruído pela neve além das Montanha Canino Branco.

E uma maldição pelo medo que permitia apodrecer na fortaleza, agora repleta daqueles que não queriam ou não podiam fazer a viagem. Ao pôr do sol no quarto dia, eles puderam ver as linhas pretas marchando por eles através das faixas da Floresta Carvalhal que eles derrubaram.

Ao amanhecer do quinto dia, eles estavam perto dos arredores do lago, a planície.

Nesryn sentou-se em cima de Salkhi em uma das torres do castelo, Borte em sua ruk Arcas ao lado dela.

— Para um exército de demônios, eles marcham mais devagar do que a *mãe* da minha própria mãe.

Nesryn bufou.

— Os exércitos têm trens de suprimentos – e este tinha um rio para atravessar e uma floresta para cair.

Borte fungou.

— Parece um monte de problemas para uma cidade tão pequena.

De fato, os ruk não ficaram impressionados com Anielle, certamente não depois de acampar em Antica antes de sua passagem para essas terras.

— Salve esta cidade, pegue o desfiladeiro Ferian ao norte dela e poderemos abrir caminho para o norte. Pode ser um lugar feio, mas é vital.

— Oh, a terra é linda — disse Borte, olhando para o lago cintilando sob a luz do inverno, vapor das fontes termais próximas flutuando em sua superfície. — Mas os edifícios... — ela fez uma careta.

Nesryn riu.

— Você pode estar certa.

Por alguns momentos, eles observaram o exército se aproximar. As pessoas estavam fugindo nas ruas agora, subindo os degraus e ameias da fortaleza da fortaleza.

— Estou surpresa que o Sartaq deixou sua futura imperatriz voar contra eles — disse Borte maliciosamente. A garota a provocou implacavelmente por essas semanas.

Nesryn franziu o cenho.

— Onde está Yeran?

Borte mostrou a língua, apesar do exército se aproximar deles.

— Queimando no inferno, por tudo que eu me importo.

Mesmo longe de suas respectivas forças aéreas e antigas rivalidades, o casal de noivos não aqueceu um ao outro. Ou talvez fosse parte do jogo que os dois jogaram, já vinha jogando há anos.

Para fingir repugnância, quando estava claro que matariam qualquer um que representasse uma ameaça para o outro.

Nesryn ergueu as sobrancelhas e Borte cruzou os braços, as tranças gêmeas soprando ao vento.

— Ele está trazendo os dois últimos curandeiros para a fortaleza.

De fato, um ruk quase negro voou na planície.

— Nenhuma inclinação para finalmente se casar antes da batalha?

Borte recuou.

— Por que eu deveria?

Nesryn sorriu maliciosamente.

— Para então você poder ter sua noite de núpcias?

Borte deu uma risada.

— Quem disse que eu já não tive?

Nesryn ficou boquiaberta.

Mas Borte apenas inclinou a cabeça, estalou a língua para Arcas, a montadora e o ruk mergulharam no céu vivo.

Nesryn ficou olhando para Borte até chegar à planície, passando por Yeran e seu ruk em uma manobra ousada que alguns poderiam ter interpretado como um gesto gigante e vulgar para o guerreiro.

O ruk escuro de Yeran gritou de indignação, e Nesryn sorriu, sabendo que Yeran provavelmente estava fazendo o mesmo, mesmo com os dois curandeiros cavalgando com ele.

No entanto, o sorriso de Nesryn foi de curta duração quando ela novamente viu o exército em marcha cada vez mais perto a cada minuto. Uma massa ininterrupta e incansável de aço e morte.

Acampariam até o amanhecer ou atacariam ao anoitecer? O cerco seria rápido e letal, ou longo e brutal? Ela viu seus trens de suprimentos. Eles estavam preparados para ficar o tempo que levasse para trazer essa cidade a escombros.

E acabando com todas as almas que moravam dentro.



Os tambores de osso começaram ao pôr-do-sol.

Yrene estava no parapeito mais alto da fortaleza, contando as tochas que se esparramavam pela noite, e lutou para manter o jantar baixo.

Não foi diferente das outras refeições que ela comeu hoje, ela disse a si mesma. As refeições que ela lutou para consumir sem engasgar.

O parapeito estava cheio de soldados e espectadores, todos olhando em direção ao exército na fronteira da planície que os separava da borda da cidade, todos escutando em silêncio calmo a implacável bateria.

Uma batida constante e horrível. Significava enfraquecer, quebrar a vontade de alguém.

Ela sabia que eles continuariam a noite toda. Prive-os do descanso, faça-os temer o amanhecer.

A fortaleza estava tão cheia quanto possível, cheia de colchões. Ela e Chaol tinham cedido o quarto a uma família de cinco pessoas, crianças muito jovens para fazer a viagem até os Desertos, mesmo nas costas de um ruk. No ar gelado, uma criança pode ficar azul com o frio em minutos.

Yrene passou a mão pela parede de pedra na altura da cintura.

Pedra grossa e antiga. Ela implorou para que aguentasse.

Catapultas. Havia catapultas no exército abaixo. Ela ouviu o último relatório de Falkan no café da manhã. A planície em si ainda estava repleta de pedras, suficientes desde os dias em que fazia parte do lago que Morath não teria problemas em encontrar coisas para arremessar contra eles.

A advertência manteve Yrene ocupada durante todo o dia, realocando famílias que haviam tomado quartos no lado do lago da fortaleza ou aqueles que dormiam perto demais de janelas ou paredes externas. No último minuto, e tola em não considerar isso antes, mas ela estava tão focada nos últimos cinco dias em fazer com que todos não pensassem em coisas como catapultas e estilhaços de pedras pesadas.

Ela também mudou o material de cura. Para uma câmara interna onde levaria todo o colapso para destruir o que estava dentro. Os curadores da Torre trouxeram o que puderam da frota, mas fizeram mais quando chegaram. Não era seu melhor trabalho, não de maneira alguma, mas Eretia ordenou que as pomadas e os tônicos precisassem apenas funcionar, não ofuscassem e *continuassem misturando*.

Tudo foi definido. Tudo estava pronto. Ou tão pronto quanto eles poderiam estar.

Então Yrene permaneceu nas muralhas, ouvindo os tambores por mais algum tempo.



Chaol disse a si mesmo que não era sua última noite com sua esposa. Ele ainda fez o melhor, e eles descansaram o máximo que podiam antes de levantarem, horas antes do amanhecer.

O resto da fortaleza também estava acordado, os rúgidos inquietos nos telhados e ameias da torre, o clique e a raspagem de suas garras nas pedras ecoando em todos os salões e câmaras.

Os tambores continuaram batendo. Tinha batido a noite toda.

Ele tinha dado um beijo de adeus em Yrene, e ela parecia que queria dizer mais, mas optou por abraçá-lo por um longo e precioso minuto antes de se separarem.

Não seria a última vez que ele a visse, prometeu a si mesmo enquanto partia para as muralhas onde seu pai, Sartaq e Nesryn haviam concordado em se encontrarem ao amanhecer.

O príncipe e Nesryn ainda não haviam chegado, mas seu pai estava em sua armadura que Chaol não vislumbrara desde a infância.

Desde que seu pai havia cavalgado para servir os desejos de Adarlan. Para conquistar este continente.

Ainda se encaixava bem nele, o metal abafado arranhado e amassado. Não é a melhor peça de armadura do arsenal familiar sob a torre de menagem, mas a mais robusta. Uma espada pendia de seu quadril e um escudo estava encostado na parede da muralha. Ao redor deles, sentinelas tentaram não assistir, embora seus olhos de medo seguissem cada movimento.

A bateria bateu.

Chaol apareceu ao lado de seu pai, sua túnica escura reforçada com armadura em seus ombros, antebraços e canelas.

Uma bengala de pau-ferro tinha sido embainhada nas costas de Chaol, para quando a magia de Yrene começasse a desvanecer-se, e sua cadeira esperando apenas dentro do grande salão, para quando seu poder se esgotasse inteiramente.

O que seu pai tinha feito quando Chaol tinha explicado ontem, ele não tinha deixado transparecer. Não disse uma única palavra.

Chaol lançou um olhar de esguelha para o homem que olhava em direção ao exército, cujos fogos começaram a se apagar, um a um, sob a luz crescente.

— Eles usaram os tambores de osso durante o último cerco de Anielle — disse seu pai, sem tremor algum em sua voz. — A lenda diz que eles bateram os tambores por três dias e três noites antes de atacarem, e que a cidade estava tão cheia de terror, tão louca de insônia, que eles não tinham chance. Os exércitos e feras de Erawan os despedaçaram.

— Eles não tinham ruks lutando com eles, então — disse Chaol.

— Vamos ver quanto tempo eles duram.

Chaol rangeu os dentes.

— Se você não tem esperança, então seus homens não durarão muito, também.

Seu pai olhou para a planície, o exército se revelando a cada minuto.

— Sua mãe foi embora — o homem disse finalmente.

Chaol não escondeu seu choque.

Seu pai segurou o parapeito de pedra.

— Ela pegou Terrin e foi embora. Eu não sei para onde eles fugiram. Assim que percebemos que estávamos cercados por inimigos, ela levou suas damas de companhia, suas famílias. Partiu na calada da noite. Apenas seu irmão se deu ao trabalho de deixar uma nota.

Sua mãe, depois de tudo que ela suportou, tudo o que ela tinha sobrevivido nesta casa infernal, finalmente saiu. Para salvar seu outro filho – a promessa de um futuro.

— O que Terrin disse?

Seu pai alisou a mão sobre a pedra.

— Isso não importa.

Isso claramente importava. Mas agora não era hora de empurrar, se importar.

Não havia medo no rosto do pai. Apenas resignação fria.

— Se você não vai liderar esses homens hoje — Chaol rosnou. —
Então eu vou.

Seu pai olhou para ele finalmente, seu rosto grave.

— Sua esposa está grávida.

O choque agitou Chaol como um golpe físico.

Yrene... *Yrene...*

— Ela pode ser uma curandeira habilidosa, mas não é uma mentirosa hábil. Ou você não notou sua mão frequentemente descansando em seu estômago, ou como ela fica verde na hora das refeições?

Palavras tão leves e casuais. Como se seu pai não estivesse rasgando o chão debaixo dele.

Chaol abriu a boca, o corpo tenso. Para gritar com seu pai, correr para Yrene, ele não sabia.

Mas então os tambores de osso pararam.

E o exército começou a avançar.

CAPÍTULO 40

Manon e as Treze haviam enterrado cada um dos soldados massacrados pelas Dentes de Ferro. Suas mãos rasgadas e ensanguentadas latejavam, suas costas doíam, mas elas fizeram isso.

Quando a última parte da terra dura fora aplainada, ela encontrou Bronwen demorando-se na clareira, o resto dos Crochans se afastando para montar o acampamento.

As Treze tinham passado por Manon. Ghislaine, de acordo com Vesta, fora convidada a se sentar na fogueira de uma bruxa com igual interesse naquelas buscas mortais e acadêmicas.

Apenas Asterin permaneceu nas sombras por perto para protegê-la quando Manon perguntou a Bronwen:

— O que é isso?

Ela deveria ter tentado por gentilezas, por diplomacia, mas ela não o fez. Não foi possível reuni-lo.

A garganta de Bronwen balançou, como se estivesse se engasgando com as palavras.

— Você e seu clã agiram honrosamente.

— Você duvidou, vindo da Demônio Branco?

— Eu não acho que as Dentes de Ferro se preocuparam em cuidar de vidas humanas.

Ela não sabia a metade disso. Manon apenas disse:

— Minha avó me informou que eu não sou mais uma Dentes de Ferro, então parece que o que elas fazem ou com o que não se importam já não tem qualquer peso comigo — ela continuou caminhando em direção às árvores onde as Treze tinham

desaparecido, e Bronwen deu um lado ao lado dela. — Era o mínimo que eu poderia fazer — admitiu Manon.

Bronwen olhou para ela de lado.

— De fato.

Manon olhou para as Crochans.

— Você lidera suas bruxas bem.

— As Dentas de Ferro há muito nos deram uma desculpa para sermos altamente treinadas.

Algo como vergonha passou por ela novamente. Ela se perguntou se alguma vez encontraria uma maneira de aliviar, suportar.

— Eu suponho que demos.

Bronwen não respondeu antes de se deslocar para as pequenas fogueiras.

Mas quando Manon foi em busca da fogueira de Glennis, as Crochans olharam em sua direção.

Algumas inclinaram a cabeça para ela. Algumas ofereciam acenos sombrios.

Ela moveu-se para que as Treze cuidassem de suas mãos, e se viu incapaz de se sentar. Para deixar o peso do dia alcançá-la.

Ao redor delas, em torno de cada fogueira, Crochans discutia em voz baixa se voltavam para casa ou se se dirigiriam para o sul em direção a Eyllwe. No entanto, se fossem para Eyllwe, o que fariam?

Manon mal ouviu quando o debate se desenrolou, Glennis deixando cada um dos sete lares dominantes chegar a sua própria decisão.

Manon não ficou para ouvir o que elas escolheram. Não se incomodou em pedir que elas voassem para o norte.

Asterin seguiu para o lado de Manon, oferecendo-lhe uma tira de coelho seco enquanto as Treze comiam, as Crochans continuando seus debates silenciosos. O vento cantava entre as árvores, oco e lúgubre.

— Onde vamos ao amanhecer? — Asterin perguntou. — Nós as seguimos ou seguimos para o norte?

Eles se apegaram a essa busca cada vez mais fútil para conquistá-los ou abandonaram-na?

Manon estudou-a sangrando, mãos doloridas, as unhas de ferro incrustadas de terra.

— Eu sou uma Crochan — disse ela. — E eu sou uma Dente de Ferro. — Ela flexionou os dedos, desejando a rigidez deles. — As Dentes de Ferro são meu povo também. Independentemente do que minha avó possa decretar. Elas são meu povo, como também Sangue Azul e Pernas Amarelas e Bico Negro.

E ela suportaria o peso do que ela criou, do que ela treinou, para sempre.

Asterin não disse nada, embora Manon soubesse que ela ouvia cada palavra. Sabia que as Treze tinham parado de comer para ouvir também.

— Eu quero trazê-las para casa — Manon disse para elas, para o vento que fluía todo o caminho para os Desertos. — Eu quero trazê-las todas para casa. Antes que seja tarde demais... Antes que elas se tornem algo indigno de uma pátria.

— Então, o que você vai fazer? — Asterin perguntou suavemente, mas não fracamente.

Manon terminou a tira de carne seca e bebeu seu odre de água.

A resposta não estava em escolher uma sobre a outra, Crochan sobre Dentes de Ferro. Isso nunca aconteceu.

— Se as Crochans não reunirem uma tropa, então eu encontrarei outra. Uma já treinada.

— Você não pode ir a Morath — Asterin respirou. — Você não vai chegar dentro de cem milhas. A tropa das Dentes de Ferro pode já ter ido longe demais para sequer pensar em tomar o seu lado.

— Eu não estou indo para Morath — Manon deslizou a mão congelada em seu bolso. — Eu estou indo para o desfiladeiro Ferian.

Para qualquer que seja a tropa que permanece lá sob o comando de Petrah Sangue Azul. Para pedir que elas se juntem a nós.

Asterin e as Treze ficaram surpresas em silêncio. Deixando que elas insistissem nisso, Manon havia se voltado as árvores. Pegou o

cheiro de Dorian e o seguiu.

E o viu conversando com o espírito de Kaltain Rompier, a mulher curada e lúcida na morte. Libertada de seu terrível tormento.

Choque havia enraizado Manon no local.

Então ela ouviu os planos de Dorian para se infiltrar em Morath.

Morath, onde a terceira e última chave de Wyrd era mantida. Ele sabia, e não tinha dito a ela.

Kaltain tinha desaparecido no ar da noite e então Dorian havia se transformado em um corvo bonito e orgulhoso.

Ele não estava treinando para se divertir. De modo nenhum.

Manon rosnou.

— Quando exatamente você ia me informar que você estava prestes a recuperar a terceira chave de Wyrd?

Dorian piscou para ela, seu rosto o retrato de segurança calma.

— Quando eu saísse.

— Quando você voasse como um corvo ou uma serpente alada, direto para a rede de Erawan?

A temperatura na clareira despencou.

— Que diferença faz se eu lhe dissesse semanas atrás ou agora?

Ela sabia que não havia nada amável, nada quente em seu rosto. O rosto de uma bruxa. O rosto de uma Bico Negro.

— Morath é suicídio. Erawan irá encontrá-lo em qualquer forma que você usar, e você vai acabar com um colar em torno de sua garganta.

— Eu não tenho outra escolha.

— Nós concordamos — disse Manon, andando de um lado para o outro. — Nós concordamos que procurar as chaves não era mais uma prioridade...

— Eu saiba melhor do que discutir com você sobre isso — seus olhos brilhavam como fogo azul. — Meu caminho não afeta o seu.

Reúna as Crochans e voe para o norte até Terrasen. Meu caminho leva a Morath. Sempre foi assim.

— Como você pode ter olhado para Kaltain e não visto o que espera por você? — ela ergueu o braço e apontou para onde a

cicatriz de Kaltain estava. — Erawan vai *pegar você*. Você não pode ir.

— *Vamos perder essa guerra se eu não for* — ele retrucou. — Como você não se *importa* com isso?

— Eu me importo — ela sussurrou. — Eu me importo se nós perdermos esta guerra. Eu me importo se eu não conseguir reunir as Crochans. Eu me importo se você entrar em Morath e não voltar, não como algo que valha a pena — ele apenas piscou. Manon cuspiu no chão coberto de musgo. — Agora você quer me dizer que me importar não é uma coisa tão ruim? Bem, é isso que vem disso.

— É por isso que eu não disse nada — ele respirou.

Seu coração ficou furioso, seu pulso ecoando através de seu corpo, embora suas palavras fossem frias como gelo.

— Você deseja ir para Morath? — ela rondou ele, e ele não recuou um centímetro. — Então prove isso. Prove que você está pronto.

— Eu não preciso provar nada para você, bruxinha.

Ela deu-lhe um sorriso cruel e perverso.

— Então, talvez prove para si mesmo. Um teste — ele a enganou, mentiu para ela. Esse homem que ela acreditava que não guardava segredos entre eles. Ela não sabia por que a fazia querer destruir tudo à vista. — Nós voamos para o desfiladeiro Ferian com a madrugada. — ele começou a falar, mas ela continuou. — Junte-se a nós. Teremos necessidade de um espião no interior. Alguém que pode passar pelos guardas para nos dizer o que e quem está dentro.

— ela mal se ouviu sobre o rugido em sua cabeça. — Vamos ver o quão bem você pode mudar de forma, então, príncipezinho.

Manon se forçou a segurar seu olhar. Para deixar as palavras dela entre eles.

Então ele se virou, apontando para o acampamento.

— Certo. Mas encontre para si mesma outra barraca para dormir esta noite.

CAPÍTULO 41

Chegaram ao mar sob o manto da escuridão, advertidos sobre sua chegada pelo odor salgado que se infiltrava na caverna, depois pelas águas mais agitadas que passavam e, finalmente, pelo rugido das ondas.

Os olhos de Maeve podiam estar em todo lugar, mas eles não estavam fixos na boca da caverna que se abria para uma enseada ao longo da costa oeste de Wendlyn. Eles também não estavam naquela enseada quando o barco desembarcou em sua praia arenosa, depois sumiu de volta para as cavernas antes que qualquer um pudesse agradecer às criaturas que os haviam transportado sem descanso.

Aelin ficou observando o barco até que ele desapareceu, tentando não olhar por muito tempo para a areia limpa e imaculada sob as botas, enquanto os outros debatiam onde poderiam estar ao longo da costa.

Algumas horas de pressa para o norte, nas terras de Wendlyn, e eles tiveram a resposta; perto o suficiente do porto mais próximo.

A maré estava com eles e, com o ouro que haviam roubado das tochas, era uma questão de Rowan e Lorcan simplesmente cruzaram os braços antes que um navio estivesse seguro. Com a armada de Wendlyn navegando pelas costas de Terrasen, as regras sobre passagens de fronteira haviam sido revogadas. Foram-se as várias transferências de barco para chegar ao continente do outro lado do mar, as medidas de segurança. Nenhum mero tirano agachado em Adarlan, mas um rei Valg com uma legião aérea.

Se tornou mais fácil para as mensagens que ela despachou para sair também. Se a carta para Aedion e Lysandra iria chegar até eles, estava na mão dos deuses, ela supôs, uma vez que eles pareciam obcecados em ser mestres de marionetes. Talvez eles não devessem se incomodar com ela agora, se Dorian estivesse se dirigindo para a terceira chave, se ele pudesse tomar o lugar dela.

Ela não insistiu nisso por muito tempo.

O navio estava um degrau acima, em ruínas, todos os navios mais finos requisitados para a guerra, mas parecia firme o suficiente para fazer a travessia de uma semana. Pelo ouro que pagaram, o capitão entregou seus aposentos a Aelin e Rowan. Se o homem sabia quem eles eram, o que eles eram, ele não disse nada.

Aelin não se importou. Só que eles navegaram com a maré da meia-noite, a magia de Rowan impulsionando-os rapidamente para o mar enluarado.

Longe de Maeve. Das forças reunidas dela.

Da verdade que Aelin poderia ter vislumbrado naquele dia na sala do trono de Maeve, o sangue escuro que se tornara vermelho.

Ela não contou aos outros. Não sabia se aquele momento tinha sido real ou um truque da luz. Se tinha sido outra fantasia de um sonho, ou algum fragmento que se misturara na memória real da morte de Connall.

Ela lidaria com isso mais tarde, decidiu Aelin, enquanto permanecia junto à proa, os outros há muito tempo tinham ido para os seus próprios aposentos. Apenas Rowan permaneceu, empoleirado no mastro principal enquanto examinava todos os horizontes em busca de sinais de perseguição.

Eles evitavam Maeve. Por agora. Hoje à noite, pelo menos, ela não saberia onde encontrá-los. Até que a notícia dos estranhos naquele porto se espalhe, do navio que eles pagaram a fortuna de um rei para levá-los ao inferno devastado pela guerra. As mensagens que Aelin enviara.

Pelo menos Maeve não sabia onde estavam as chaves de Wyrð.

Eles ainda tinham isso a seu favor.

Embora Maeve provavelmente trouxesse seu exército pelo mar para caçá-los. Ou simplesmente ajudar na morte de Terrasen.

O poder de Aelin se agitou, uma nuvem de tempestade gemendo em seu sangue. Ela rangeu os dentes e não prestou atenção.

Tudo dependia deles chegando ao continente antes de Maeve e suas forças; Ou antes que Erawan pudesse destruir muito do mundo.

Aelin se inclinou para a brisa do mar, deixando-a penetrar em sua pele, seu cabelo, deixando-a lavar a escuridão das cavernas, como se a escuridão dos meses anteriores não pudesse ser totalmente aliviada. Deixá-la acalmar seu fogo em brasas adormecidas.

Essas semanas no mar seriam infinitas, mesmo com a magia de Rowan impulsionando-as.

Ela adoraria usar todos os dias para treinar, para trabalhar com espada e adaga e se curvar até as mãos ficarem empoladas, até que novos calos se formem. Até que a magreza retornasse ao músculo.

Ela reconstruiria isso – o que ela tinha sido.

Talvez uma última vez, talvez apenas por um tempo, mas ela faria isso. Mesmo que apenas por Terrasen.

Rowan voou do mastro, deslocando-se quando chegou ao lado dela no trilho. Ele inspecionou o mar negro da noite além deles.

— Você deveria descansar.

Ela deslizou-lhe um olhar.

— Eu não estou cansada. — Não era uma mentira, não em alguns aspectos. — Quer treinar?

Ele franziu a testa.

— O treinamento pode começar amanhã.

— Ou hoje à noite — Ela segurou seu olhar penetrante, combinando seu domínio com o dela próprio.

— Pode esperar algumas horas, Aelin.

— Todo dia conta.

Contra Erawan, até um dia de treinamento contaria. A mandíbula de Rowan se apertou.

— Verdade — ele disse finalmente. — Mas ainda pode esperar. Existem... existem coisas que precisamos discutir.

As palavras silenciosas surgiram em seus olhos brilhantes como animais. *Sobre você e eu.*

Sua boca ficou seca. Mas Aelin assentiu.

Em silêncio, eles entraram em seus aposentos espaçosos, sua única decoração era a parede de janelas que davam para o mar agitado atrás deles. Muito longe de uma câmara da rainha, ou qualquer outra que ela tenha comprado como assassina de Adarlan.

Pelo menos a cama embutida na parede parecia limpa o suficiente, as folhas nítidas e inoxidáveis. Mas Aelin dirigiu-se à mesa de carvalho ancorada ao chão e encostou-se nela enquanto Rowan fechava a porta.

Na fraca luz da lanterna, eles se encararam.

Ela suportou Maeve e Cairn; ela suportou Endovier e incontáveis outros horrores e perdas. Ela poderia ter essa conversa com ele. O primeiro passo para se reconstruir.

Aelin sabia que Rowan podia ouvir seu coração trovejando quando o espaço entre eles ficou tenso. Ela engoliu uma vez.

— Elide e Lorcan lhe contaram... contaram tudo o que foi dito naquela praia.

Um breve aceno de cabeça, cautela inundando seus olhos.

— Tudo o que Maeve disse.

Outro aceno de cabeça. Ela se preparou.

— Que eu sou... somos parceiros.

Compreensão e algo como alívio substituiu essa cautela.

— Sim.

— Eu sou a sua parceira — disse ela, precisando dar voz a isso. — E você é o meu.

Rowan atravessou a sala, mas parou a poucos metros da mesa em que se apoiava.

— E daí, Aelin? — Sua pergunta era baixa, áspera.

— Você não... — Ela esfregou o rosto. — Você sabe o que ela fez com você, para... — Ela não podia dizer o nome dela. Lyria. — Por

causa disso.

— Eu sei.

— E?

— E o que você quer que eu diga?

Ela empurrou a mesa.

— Eu gostaria que você me dissesse como se sente sobre isso. E se...

— Se o que?

— Se você quisesse que não fosse assim.

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Por que eu desejaria isso?

Ela balançou a cabeça, incapaz de responder, e olhou por cima do ombro em direção ao mar. Parecia que ele iria fechar a distância entre eles, mas ele permaneceu onde estava.

— Aelin. — Sua voz ficou rouca. — Aelin.

Ela olhou para ele então, para a dor em suas palavras.

— Você sabe o que eu gostaria? — Ele expôs as palmas das mãos, uma tatuada, a outra não marcada. — Eu gostaria que você tivesse me dito. Quando você percebeu isso. Eu gostaria que você tivesse me dito então.

Ela engoliu a dor na garganta.

— Eu não queria te machucar.

— Por que me machucaria saber a verdade que já estava em meu coração? A verdade que eu esperava?

— Eu não entendi. Eu não entendi como isso era possível. Eu pensei que talvez... talvez você possa ter dois parceiros dentro de uma vida, mas mesmo assim, eu só... — Ela soltou um suspiro. — Eu não queria que você estivesse angustiado.

Seus olhos se suavizaram.

— Se eu lamento que Lyria tenha sido arrastada para isso, que o custo do jogo de Maeve foi sua vida e a vida da criança que poderíamos ter tido? Sim. Eu me arrependo disso, e gostaria que nunca tivesse acontecido — ele levaria a tatuagem para se lembrar dela pelo resto de seus dias. — Mas nada disso foi sua culpa.

Sempre carregarei parte do peso disso, sempre soube que *eu* escolhi deixá-la para a guerra e a glória, e me joguei direto nas mãos de Maeve.

— Maeve queria te enredar para chegar até mim.

— Então foi a escolha dela, não a sua.

Aelin passou a mão pela madeira desgastada da mesa.

— Nessas ilusões que ela mostrou para mim, ela me mostrou variações em uma mais do que todas as outras. — As palavras foram tensas, mas ela as forçou a sair. Forçou-se a olhar para ele. — Ela me deu uma paisagem de sonhos que parecia tão real que eu podia sentir o cheiro do vento dos *Staghorns*.

— O que ela te mostrou? — Uma pergunta sem fôlego.

Aelin teve que engolir antes que ela pudesse responder.

— Ela me mostrou o que poderia ter sido... se não houvesse Erawan, se Elena tivesse lidado com ele apropriadamente e o banido. Se não houvesse Lyria, nada daquela dor ou desespero que você sofreu. Ela me mostrou Terrasen como teria sido hoje, com meu pai como rei e minha infância feliz, e... — Seus lábios tremeram. — Quando fiz 20 anos, você veio com uma delegação de Feéricos para Terrasen, para compensar o abismo entre minha mãe e Maeve. E você e eu olhamos um para o outro na sala do trono do meu pai, e nós sabíamos.

Ela não lutou contra o ardor nos olhos dela.

— Eu queria acreditar que esse era o mundo verdadeiro. Que esse foi o pesadelo do qual eu acordei. Eu *queria* acreditar que havia um lugar onde você e eu nunca conhecíamos esse sofrimento e perda, onde nós nos olhamos e sabíamos que éramos parceiros. Maeve me disse que poderia fazer isso. Se eu desse a ela as chaves, ela tornaria tudo possível. — Ela enxugou a bochecha, uma lágrima que escapou e corria por ela. — Ela me mostrou realidades onde você estava morto, onde você foi morto por Erawan e apenas entregar as chaves para ela eu seria capaz de vingar você. Mas essas realidades me fizeram... eu parei de ser útil para ela quando ela me disse que você tinha ido embora. Ela não conseguia me

convencer a falar, a pensar. No entanto, naquelas em que você e eu nos conhecemos, onde as coisas estavam como deveriam estar... foi quando cheguei mais perto.

Sua deglutição foi audível.

— O que parou você?

Ela limpou o rosto novamente.

— O homem por quem me apaixonei era você. Foi *você*, que conheceu a dor como eu, e que andou comigo através dela, de volta à luz. Maeve não entendeu isso. Que mesmo que ela pudesse criar esse mundo perfeito, não seria você e eu. E eu nunca negocieei aquilo, negocieei isso. Não por nada.

Ele estendeu a mão. Uma oferta e convite.

Aelin colocou a dela em cima da dele, e seus dedos calejados apertaram suavemente.

— Eu queria que fosse você — ele respirou, fechando os olhos. — Por meses e meses, mesmo em Wendlyn, eu me perguntei por que você não era minha parceira. Isso me rasgou, imaginando, mas eu ainda queria — Ele abriu os olhos e eles queimaram como fogo verde. — Todo esse tempo, eu queria que fosse você.

Ela baixou o olhar, mas ele colocou um polegar e indicador no queixo e levantou o rosto.

— Eu sei que você está cansada, Coração de Fogo. Eu sei que o fardo sobre seus ombros é mais do que qualquer um deve suportar — ele pegou as mãos unidas e colocou-as em seu coração. — Mas vamos encarar isso juntos. Erawan, o Fecho, tudo isso. Nós vamos encarar isso juntos. E quando terminarmos, quando você se estabelecer, teremos mil anos juntos. Mais.

Um pequeno som saiu dela.

— Elena disse que o Fecho requer...

— Vamos enfrentá-lo juntos — ele jurou novamente. — E se o custo for realmente você, então vamos pagar juntos. Como uma alma em dois corpos.

Seu coração se esticou ao ponto de se partir.

— Terrasen precisa de um rei.

— Eu não tenho intenção de governar Terrasen sem você. Aedion pode ter o trabalho.

Ela examinou o rosto dele. Ele quis dizer cada palavra.

Ele tirou o cabelo do rosto dela, a outra mão ainda apertando a dela contra o peito, onde seu coração batia um ritmo firme e infalível.

— Mesmo se eu tivesse a minha escolha de qualquer realidade de sonho, qualquer ilusão perfeita, eu ainda escolheria você também.

Ela sentiu a verdade de suas palavras ecoar na coisa inquebrável que ligava suas almas, e inclinou o rosto para o dele. Mas ele não fez nenhum movimento além disso.

Ela franziu a testa.

— Por que você não está me beijando?

— Eu pensei que você poderia querer ser pedida primeiro.

— Isso nunca parou você antes.

— Essa primeira vez, eu queria ter certeza de que você estava... pronta. — Depois de Cairn e Maeve. Depois de meses sem ter nenhuma escolha.

Ela sorriu apesar dessa verdade.

— Estou pronta para ser beijada novamente, Príncipe.

Ele soltou uma risada sombria e murmurou:

— Graças aos deuses — antes de baixar a boca para a dela.

O beijo foi gentil – leve. Deixando-a decidir como guiá-lo. Então ela fez.

Deslizando os braços ao redor do pescoço de Rowan, Aelin pressionou-se contra ele, arqueando-se em seu toque enquanto suas mãos percorriam suas costas. No entanto, sua boca permaneceu leve sobre a dela. Beijos doces e exploratórios. Ele faria isso a noite toda, se fosse o que ela desejava.

Parceiro. Ele era seu parceiro, e ela foi finalmente autorizada a chamá-lo assim, para deixá-lo ser tal...

O pensamento rompeu alguma coisa. Aelin mordeu o lábio inferior, raspando um canino contra ele.

O gesto estalou algo nele também.

Com um rosnado, Rowan a varreu em seus braços, nunca arrancando sua boca da dela enquanto ele a levava para a cama e a colocava suavemente. Lá tiraram as botas, as jaquetas, as camisas e as calças. E então ele estava com ela, a força e calor dele derramando em sua pele nua.

Ela não podia tocá-lo rápido o suficiente, sentir o suficiente dele contra ela. Mesmo quando sua boca percorreu seu pescoço, lambendo o local onde estavam suas marcas reivindicadas. Mesmo quando ele vagou mais longe, adorando seus seios enquanto ela se arqueava em cada lambida e mamada. Mesmo quando ele se ajoelhou entre as pernas dela, os ombros dele abrindo suas coxas largamente, e provando ela, repetidamente, até que ela estava se contorcendo debaixo dele.

Mas algo primitivo nela ficou quieto e imóvel enquanto Rowan se erguia sobre ela novamente, e seus olhos se encontraram.

— Você é minha parceira — disse ele, as palavras quase guturais.

Ele cutucou a entrada dela, e ela moveu seus quadris para atraí-lo, mas ele permaneceu onde estava. Retendo o que ela desejava até que ela ouvisse o que ele precisava.

Aelin inclinou a cabeça para trás, mostrando o pescoço para ele.

— Você é meu parceiro. — Suas palavras foram uma corrida sem fôlego. — E eu sou sua.

Rowan empurrou-se dentro dela em um golpe poderoso quando ele mergulhou seus dentes no lado de seu pescoço.

Ela gritou com a reclamação, a libertação já corria ao longo de sua espinha, mas ele começou a se mover. Movendo-se, enquanto seus dentes permaneciam nela, e ela gemeu com cada movimento de seus quadris, o tamanho dele uma decadência que ela nunca seria capaz de obter o suficiente. Ela arrastou as unhas por suas costas musculosas, depois abaixou, sentindo cada golpe poderoso dele dentro dela.

Rowan retirou os dentes do pescoço dela, e Aelin reivindicou sua boca em um beijo selvagem, seu sangue um toque acobreado em sua língua.

Ele ficou louco com isso, erguendo os quadris para se inclinar mais profundamente, com mais força. O mundo poderia estar queimando em torno deles por tudo que ela se importava, tudo o que ele se importava também.

— Juntos, Aelin — prometeu ele, e ela ouviu o resto das palavras em todos os lugares em que seus corpos se juntaram.

Juntos, eles enfrentariam isso, juntos eles encontrariam um caminho.

Libertação passou dentro dela mais uma vez, um brilho cintilante.

E quando quebrou, Aelin cravou os dentes no pescoço de Rowan, reivindicando-o como ele a reivindicou.

Seu sangue, poderoso e beijado pelo vento, encheu sua boca, sua alma, e Rowan rugiu quando a libertação se estilhaçou através dele também.

Por longos minutos, eles ficaram emaranhados um no outro.

Juntos encontraremos um jeito, a respiração mesclada deles, o mar batendo, pareciam ecoar. *Juntos.*

CAPÍTULO 42

Lorcan recebeu a última vigília da noite, o que lhe permitiu testemunhar o nascer do sol sobre o horizonte agora distante.

Será que ele voltaria a ver Wendlyn, Doranelle, alguma dessas terras do leste?

Talvez não, considerando que eles navegaram para o oeste, e o exército imortal que Maeve sem dúvida tinha colocado em seus calcanhares. Talvez todos estivessem condenados a um nascer do sol limitado.

Os outros despertaram, aventurando-se no convés para aprender o que a manhã trouxe. Nada, ele quase disse a eles de onde ele estava ao lado da proa. Água e sol e um monte de nada.

Fenrys o viu e mostrou os dentes. Lorcan deu-lhe um sorriso zombeteiro.

Sim, essa luta viria depois. Ela seria bem-vinda, a chance de aliviar o aperto de seus ossos, para deixar Fenrys rasgar um pouco nele.

Ele não mataria o lobo, no entanto. Fenrys poderia tentar matá-lo, mas Lorcan não faria isso. Não depois do que Fenrys suportou – o que ele conseguiu fazer.

Elide saiu de dentro do barco, com os cabelos trançados e lisos.

Como se ela tivesse acordado antes do amanhecer. Ela mal olhou em sua direção, embora ele soubesse que ela estava bem ciente de sua localização. Lorcan bloqueou a dor oca no peito.

Mas Aelin o viu, e havia mais clareza em seu rosto do que naqueles últimos dias enquanto andava para onde ele estava. Mais daquela arrogância em sua marcha também.

As mangas da camisa branca haviam sido enroladas até o cotovelo, o cabelo trançado para trás. Goldryn e uma faca comprida pendiam de seu cinto. Pronta para treinamento. Preparada para isto, julgando pela energia eriçada que zumbiu ao redor dela.

Lorcan a encontrou no meio do caminho, descendo as pequenas escadas.

Whitethorn permaneceu por perto, também vestido para lutar, a cautela em seus olhos dizendo a Lorcan o suficiente: o príncipe não tinha ideia do que se tratava.

Mas a jovem rainha cruzou os braços.

— Você planeja navegar conosco para Terrasen? — uma pergunta desnecessária para o amanhecer e no meio do mar.

— Sim.

— E você pretende se juntar a nós nesta guerra?

— Eu certamente não vou para lá para aproveitar o clima — diversão brilhou em seus olhos, embora seu rosto permanecesse sombrio.

— Então é assim que vai funcionar.

Lorcan aguardava a lista de ordens e exigências, mas a rainha apenas o observava, a diversão desaparecendo em algo endurecido pelo aço.

— Você era o segundo em comando de Maeve — disse ela, e Elide se virou para eles. — E agora que você não é, isso deixa você como um macho feérico poderoso cujas alianças eu não conheço ou realmente confio. Não quando o exército de Maeve está em movimento em direção ao continente neste exato momento. Então, eu não posso ter você no meu reino, ou viajando conosco, quando você pode muito bem vender informações para voltar às boas graças de Maeve, posso?

Ele abriu a boca, eriçando o tom arrogante, mas Aelin continuou.

— Então, eu vou fazer uma oferta, Lorcan Salvaterre — ela bateu em seu antebraço nu. — Faça o juramento de sangue para mim, e eu vou deixar você vagar onde quiser.

Fenrys amaldiçoou atrás deles, mas Lorcan mal ouviu sobre o rugido em sua cabeça.

— E o que, exatamente — ele conseguiu dizer, — eu ganho com isso?

Os olhos de Aelin deslizaram por cima do ombro dela. Para onde Elide assistiu, de boca aberta. Quando a rainha encontrou o olhar de Lorcan novamente, um toque de simpatia suavizou a arrogância de aço.

— Você terá permissão para entrar em Terrasen. Isso é o que você vai conseguir. Onde você escolher morar dentro das fronteiras de Terrasen não será minha decisão.

Não a decisão dela, ou a dele. Mas a da mulher de cabelos escuros olhando para eles.

— E se eu recusar? — Lorcan ousou perguntar.

— Então você nunca terá permissão para entrar no meu reino, ou viajar mais conosco — não com as chaves na balança, e o exército de Maeve nas nossas costas. — essa simpatia permaneceu. — Não posso confiar em você o suficiente para permitir que você se junte a nós de outra maneira.

— Mas você vai me deixar jurar o juramento de sangue?

— Eu não quero nada de você e você não quer nada de mim. A única ordem que eu lhe darei é aquela que eu pediria a qualquer cidadão de Terrasen: proteger e defender nosso reino e seu povo.

Você pode morar em uma cabana em Galhada do Cervo por tudo que eu me importo.

Ela quis dizer isso também. Fazer o juramento de sangue, jurar nunca prejudicar seu reino, e ela lhe daria liberdade. E se ele se recusasse...

Ele nunca mais veria Elide.

— Eu não tenho outra escolha — disse Aelin em voz baixa, para que os outros não ouvissem. — Eu não posso arriscar Terrasen — ela ainda segurava o braço em direção a ele. — Mas eu não levaria algo tão precioso para longe de você.

— O que você não percebe é que não é mais uma possibilidade.

Mais uma vez, aquele indício de sorriso e olhar por cima do ombro para Elide.

— É sim — seus olhos turquesa estavam brilhantes quando ela olhou para ele, e havia sabedoria no rosto de Aelin que ele talvez nunca tivesse notado antes. Rosto de uma rainha. — Acredite em mim, Lorcan, é sim.

Ele afastou a esperança que encheu seu peito, estranha e indesejada.

— Mas Terrasen não sobreviverá a esta guerra, *ela* não sobreviverá a esta guerra sem você.

E mesmo se a rainha em frente a ele desse a vida imortal para forjar o Fecho, para deter Erawan, o juramento de sangue de Lorcan para proteger seu reino seria válido.

— A escolha é sua — ela disse simplesmente.

Lorcan se permitiu olhar para Elide, por mais tolo que fosse.

Ela tinha uma mão em sua garganta, seus olhos escuros tão arregalados.

Não importava se ela ainda lhe oferecesse uma casa em Perranth, se a rainha falava verdade.

Mas o que importava era que Aelin Galathynius queria dizer sua promessa: ele era muito poderoso, suas alianças eram muito obscuras, para ela permitir que ele vagasse com ela, para entrar em seu reino sem restrições. Ela o deixaria ir, mantê-lo fora de Terrasen, mesmo que as hordas de Erawan estivessem descendo, apenas para evitar a outra ameaça em suas costas: Maeve.

E Elide não sobreviveria a esta guerra, se todos eles estivessem mortos.

Ele não podia aceitar, essa possibilidade. Tolo e inútil como era, ele não podia permitir que isso passasse. Ter as bestas de Erawan ou seu tio Vernon vindo para reivindicá-la novamente.

Idiota. Ele era um remoto tolo e estúpido.

No entanto, o deus ao seu lado não lhe disse para correr ou lutar.

Sua escolha, então. Ele se perguntou o que a deusa que sussurrava para Elide faria sobre isso.

Perguntou-se o que a mulher ia fazer com isso quando ele disse a Aelin:

— Tudo bem.

— Que os deuses nos poupem — murmurou Fenrys.

Os lábios de Aelin se curvaram naquele indício de sorriso, divertidos e ainda com um toque de crueldade, enquanto ela olhava para o lobo.

— Você vai ter que deixá-lo viver, você percebe — disse ela para Fenrys, levantando uma sobrancelha. — Nenhum duelo à morte.

Nenhuma luta de vingança. Você consegue aguentar isso?

Lorcan se arrepiou quando Fenrys olhou para ele. Lorcan deixou-o ver cada pedacinho de dominância em seu olhar.

Fenrys enviou toda sua fúria de volta. Não tanto quanto o que Lorcan possuía, mas o suficiente para lembrá-lo de que o Lobo Branco de Doranelle poderia morder se quisesse. Letalmente.

Fenrys virou-se para a rainha.

— Se eu te disser que ele é um idiota e um desgraçado miserável para se ter por perto, vai mudar de ideia?

Lorcan rosnou, mas Aelin bufou.

— Não é por isso que amamos Lorcan? — Ela deu-lhe um sorriso que disse a Lorcan que ela se lembrava de todos os detalhes de seus primeiros encontros em Forte da Fenda, quando ele enfiou a cara em uma parede de tijolos. Aelin disse a Fenrys: — Só vamos convidá-lo para Orynth nos feriados.

— Então ele pode arruinar as festividades? — Fenrys franziu o cenho. — Eu, pelo menos, prezo minhas férias. Eu não preciso de um misantropo chovendo sobre elas.

Deuses acima. Lorcan olhou para Rowan, mas o príncipe guerreiro observava a rainha com cuidado. Como se ele soubesse precisamente que tipo de tempestade se formava sob sua pele.

Aelin acenou com a mão.

— Bem, bem. Você não vai tentar matar Lorcan pelo que aconteceu em Eyllwe e, em troca, não vamos convidá-lo para nada — Seu sorriso era nada menos que perverso.

Este era o tipo de corte que ele iria se juntar – esse turbilhão de...

Lorcan não sabia qual era a palavra para isso. Ele duvidava que qualquer um de seus cinco séculos o tivesse preparado para isso, no entanto.

Aelin estendeu a mão.

— Você sabe como isso vai, então. Ou você está velho demais para lembrar?

Lorcan olhou e se ajoelhou, oferecendo a adaga ao seu lado.

Um tolo. Ele era um tolo.

E ainda assim suas mãos tremiam um pouco quando ele deu à rainha a faca.

Aelin pesou a lâmina, um anel de ouro com uma esmeralda obscenamente grande adornando seu dedo. Uma aliança de casamento. Provavelmente do tesouro que ela havia pilhado. Ele olhou para onde Whitethorn estava ao lado. Com certeza, um anel de ouro estava no próprio dedo do guerreiro, um rubi embutido na ponta.

E espiando acima do colarinho da jaqueta de Rowan, estavam duas novas cicatrizes.

Um par delas agora marcava a própria garganta da rainha.

— Acabou de babar? — Aelin perguntou à Lorcan friamente.

Ele franziu o cenho. Mesmo com o ritual sagrado em que estavam prestes a participar, a rainha encontrou uma maneira de ser irreverente.

— Diga.

Seus lábios se curvaram novamente.

— Você, Lorcan Salvaterre, jura pelo seu sangue e alma eterna, ser fiel a mim, à minha coroa e a Terrasen pelo resto de sua vida?

Ele piscou. Maeve tinha entoado uma longa lista de perguntas no Velho Idioma quando jurou seu juramento. Mas ele disse:

— Sim. Eu juro.

Aelin cortou a adaga em seu antebraço, e seu sangue brilhou como o rubi na espada ao seu lado.

— Então beba.

Sua última chance de desistir disso.

Mas ele olhou para Elide novamente. E viu a esperança – apenas um vislumbre dela – iluminando seu rosto.

Então Lorcan pegou o braço da rainha em suas mãos e bebeu.

O gosto dela – jasmim, verbena de limão e brasas crepitantes – enchia sua boca. Encheu sua alma, como algo queimado e resolvido dentro dele.

Uma brasa de calor. Como se um pedaço daquela magia furiosa tivesse entrado em sua alma.

Balançando um pouco, ele soltou o braço dela.

— Bem-vindo à corte — disse Aelin. — Aqui está seu primeiro e único pedido: proteja o Terrasen e seu povo.

O comando também se instalou nele, outra pequena faísca que brilhava fundo.

Então a rainha girou nos calcanhares e foi embora... não, aproximou-se de Elide.

Lorcan tentou e não conseguiu ficar de pé. Seu corpo, parecia, ainda precisava de um momento.

Então ele só podia assistir quando Aelin disse a Elide:

— Eu não vou lhe oferecer o juramento de sangue.

Juramento ou não, ele debateu jogar a rainha no oceano pela a devastação que nublou o rosto de Elide. Mas a Lady de Perranth manteve o queixo alto.

— Por quê?

Aelin pegou a mão de Elide com uma gentileza que esfriava o mau humor de Lorcan.

— Porque quando nós retornarmos a Terrasen, se me for dado o trono, então você não pode estar presa a mim — as sobancelhas de Elide cruzaram. — Perranth é a segunda casa mais poderosa em Terrasen — explicou Aelin. — Quatro de seus lordes decidiram que eu não sou digna do trono. Eu preciso de uma maioria para reconquistá-la.

— E se eu lhe jurar, isso compromete a integridade do meu voto — Elide concluiu.

Aelin assentiu e soltou a mão para se virar para todos eles. No sol nascente, a rainha estava banhada em ouro.

— Terrasen está a mais de duas semanas daqui, se as tempestades de inverno não interferirem. Vamos usar esse tempo para treinar e planejar.

— Planejar o que? — Fenrys perguntou, chegando mais perto.

Um membro desta corte. Da própria corte de Lorcan. Os três mais uma vez ligados – e ainda mais livres do que nunca. Lorcan quase se perguntou por que a rainha não ofereceu o juramento a Gavriel, mas ela falou novamente.

— Minha tarefa não pode ser concluída sem as chaves. Presumo que os novos portadores acabarão por me procurar, se a terceiro for encontrada e eles decidirem não terminar as coisas sozinhos — ela olhou para Rowan, que assentiu. Como se eles já tivessem discutido isso. — Então, em vez de desperdiçar tempo vital percorrendo o continente em busca delas, nós iremos de fato a Terrasen. Especialmente se Maeve estiver trazendo seu exército para suas costas também. E se eu não tiver permissão para liderar do meu trono, então terei apenas que fazê-lo nos campos de batalha.

Ela queria lutar. A rainha – a rainha de *Lorcan* – pretendia lutar contra Morath. E Maeve, se o pior acontecer. E então ela morreria por todos eles.

— Para Terrasen, então — disse Fenrys.

— Para Terrasen — Elide repetiu.

Aelin olhou para o oeste, na direção do reino que era tudo o que ficava entre Erawan e a conquista. Em direção a nova casa de Lorcan. Como se ela pudesse ver as legiões do senhor do terror desencadeando-o. E o hospedeiro imortal de Maeve rastejando em suas costas, um hospedeiro que Lorcan e seus companheiros haviam comandado.

Aelin simplesmente caminhou para o centro do convés, os marinheiros dando-lhes um amplo espaço. Ela desembainhou

Goldryn e sua adaga, depois ergueu as sobrancelhas para Whitethorn em um desafio silencioso.

O príncipe guerreiro obedeceu, desembainhando a espada e a machadinha antes de afundar-se defensivamente.

Treinamento – treinando novamente seu corpo. Nenhum sussurro de seu poder se manifestou, mas seus olhos brilhavam intensamente.

Aelin inclinou suas armas.

— Para Terrasen — disse ela finalmente.

E começou.

CAPÍTULO 43

Dorian começou pequeno.

Primeiro, mudando os olhos para preto. Preto sólido, como o Valg. Então, transformando sua pele em uma sombra gelada e pálida, do tipo que nunca viu a luz do sol. Seu cabelo, ele deixou escuro, mas ele conseguiu fazer seu nariz mais arqueado, sua boca mais fina.

Não é uma mudança completa, mas uma feita em pedaços. Tecendo a imagem em si mesmo, formando a tapeçaria de seu novo rosto, nova pele, durante o longo e silencioso vôo até a espinha do Canino.

Ele não disse a Manon que era uma missão suicida também. Ele mal falava com ela desde a limpeza da floresta. Eles saíram com a aurora, quando ela anunciou para Glennis e as Crochans o que ela planejava fazer. Elas poderiam voar para o desfiladeiro Ferian e voltar para aquele acampamento escondido dentro do Canino em quatro dias, se tivessem sorte.

Ela pediu as Crochans para encontrá-las lá. Confiar nela o suficiente para voltar ao acampamento da montanha e esperar.

Elas disseram sim. Talvez fosse o túmulo que as Treze haviam cavado o dia todo, mas as Crochans disseram que sim. Uma tentativa de confiança – só desta vez.

Então Dorian voou com Asterin. Tinha usado cada hora fria para o norte para lentamente alterar seu corpo.

Você quer ir tanto a Morath, Manon voltou a chiar antes de partirem, então vamos ver se você consegue.

Um teste. Um ele estava contente de se destacar. Se apenas para jogar na cara dela.

Manon sabia de uma porta dos fundos que só as serpentes aladas levavam para o Canino do Norte, junto com qualquer grunhido humano que tivesse o azar de estar preso a este lugar. Asterin e Manon tinham deixado as Treze mais longe nas montanhas antes de se aproximarem, e mesmo assim elas pararam longe o suficiente de quaisquer batedores que passaram horas caminhando a pé, levando a égua de Asterin com eles. Abraxos rosnou e puxou as rédeas, mas Sorrel segurou-o com firmeza.

Os dois picos gigantescos que flanqueiam a abertura aumentaram a cada quilômetro passado. No entanto, quando ele se aproximou do lado sul do Canino, ele não tinha percebido o quão grande, exatamente, eles eram.

Suficientemente grande para segurar um hospedeiro aéreo. Para treiná-los e criá-los.

Isso foi o que seu pai e Erawan haviam construído. O que Adarlan se tornou. Nenhuma serpente alada circulou nos céus, mas seus rugidos e gritos ecoaram da passagem enquanto ele caminhava para os antigos portões que se abriam para a própria montanha. Atrás dele, liderado por uma corrente, seguiu-se a égua azul de Asterin.

Outro treinador trazendo de volta sua montaria depois de uma viagem por um pouco de ar. Os poucos guardas – homens mortais – nos portões mal piscaram quando ele apareceu em volta de uma curva rochosa.

As palmas de Dorian ficaram suadas dentro de suas luvas. Ele rezou para que a transformação fosse mantida.

Ele não teria como saber, embora supusesse que poucos aqui reconheceriam seu rosto natural. Ele escolheu uma coloração perto o suficiente para a sua própria que, se a tapeçaria dentro dele se desfizesse, alguém poderia rejeitar a alteração de seu tom de pele, seus olhos, como um truque da luz.

Narene bufou, puxando as rédeas. Não querendo chegar perto desse lugar.

Ele não a culpou. O cheiro da montanha deixou seus joelhos balançando.

Mas ele passou anos estudando sua expressão contra os perfumes indutores de dor de cabeça que os cortesãos de sua mãe usavam. A que distância esse mundo parecia – aquele palácio de perfume e rendas e música ritmada. Se eles não tivessem resistido a Erawan, ele teria permitido que ainda existisse? Se eles tivessem se curvado a ele, Erawan teria mantido seu artifício como Perrington e governado como um rei mortal?

As pernas de Dorian queimaram, as horas de caminhada cobrando seu preço. Manon e Asterin se escondiam nas proximidades, escondidas na neve e na pedra. Elas sem dúvida marcaram todos os seus movimentos enquanto ele se aproximava dos portões.

Suas palavras de despedida com Manon foram breves. Concisas.

Ele deixou cair as duas chaves de Wyrd na palma da mão dela, o Amuleto de Orynth tilintando levemente contra suas unhas de ferro. Apenas um idiota os traria para uma das fortalezas de Erawan.

— Elas podem não ser sua prioridade — disse Dorian — mas elas continuam sendo vitais para o nosso sucesso.

Os olhos de Manon se estreitaram enquanto ela embolsava as chaves, absolutamente imperturbável em segurar em sua jaqueta um poder grande o suficiente para nivelar os reinos.

— Você acha que eu jogaria fora como lixo?

De repente, Asterin encontrou um pedaço de neve que precisava de cuidadosa atenção.

Dorian encolheu os ombros e desafivelou Damaris, a espada muito boa para um simples treinador de serpente alada. Ele passou para Manon também. Um punhal comum seria sua única arma e a magia em suas veias.

— Se eu não voltar — disse ele enquanto ela amarrava a lâmina antiga em seu cinto — as chaves devem ir para Terrasen. — Era o único lugar em que ele conseguia pensar – mesmo que Aelin não estivesse lá para pegá-las — Você vai voltar — disse Manon. Parecia mais uma ameaça do que qualquer coisa.

Dorian sorriu.

— Você sentiria minha falta se eu não fizesse?

Manon não respondeu. Ele não sabia por que ele esperava que ela fizesse.

Ele deu um passo, quando Asterin apertou seu ombro.

— Dentro e fora, rápido como você puder — ela o avisou. — Cuide de Narene. — A preocupação realmente brilhou nos olhos negros salpicados de ouro da Segunda.

Dorian inclinou a cabeça.

— Com a minha vida — prometeu ele, se aproximou de sua montaria e agarrou as rédeas balançando. Ele não deixou de sentir a gratidão que suavizou as características de Asterin. Ou que Manon já havia se afastado dele.

Um tolo para começar esse caminho com ela. Ele deveria ter sabido melhor.

Os rostos dos guardas ficaram claros. Dorian abraçou o retrato de um manipulador cansado e entediado.

Ele esperou pelo interrogatório, mas nunca veio.

Eles simplesmente acenaram para ele, igualmente cansados e entediados. E frios.

Asterin havia lhe dado um traçado do Canino do Norte e do Ômega em frente a ela, então ele sabia que deveria virar à esquerda ao entrar no corredor imponente. Os foles e grunhidos de serpentes aladas soavam por toda parte, e aquele cheiro apodrecido encheu seu nariz.

Mas ele encontrou os estábulos precisamente onde Asterin disse que eles seriam, a égua azul paciente enquanto ele amarrava suas correntes na âncora na parede.

Dorian deixou Narene com um tapinha reconfortante em seu pescoço e foi ver o que o desfiladeiro Ferian poderia revelar.



As horas que passaram foram as mais longas da existência de Manon.

De antecipação, ela disse a si mesma. Do que ela tinha que fazer.

Abraxos, sem surpresa, encontrou-as dentro de uma hora, suas rédeas cortadas da luta que ele sem dúvida travou e ganhou com Sorrel. Ele esperou, no entanto, ao lado de Manon em silêncio, totalmente focado no portão onde Dorian e Narene haviam desaparecido.

O tempo escorria. A espada do rei era um peso constante ao seu lado.

Ela se amaldiçoou por precisar provar – para ele, para si mesma – que se recusava a deixá-lo entrar em Morath por razões práticas e comuns. Erawan não estava no desfiladeiro Ferian. Seria mais seguro.

Um pouco. Mas se As Matriarcas estivessem lá...

Foi por isso que ele foi embora. Para saber se elas estavam. Para ver se Petrah realmente comandava o anfitrião ali, e quantas Dentes de Ferro estavam presentes.

Ele não tinha sido treinado como um espião, mas ele cresceu em uma corte onde as pessoas usavam sorrisos e roupas como armas. Ele sabia como se misturar, como ouvir. Como fazer as pessoas verem o que elas gostariam de ver.

Ela enviou Elide para as masmorras de Morath, escuridão a amaldiçoou. Mandar o rei de Adarlan para o fosso fúnebre não foi diferente.

Isso não impediu que sua respiração escapasse quando Abraxos endureceu, examinando o céu. Como se ele ouvisse algo que eles não pudessem.

E foi a alegria que brilhou nos olhos de sua montaria que lhe disseram.

Momentos depois, Narene navegou em direção a eles, fazendo um caminho preguiçoso sobre as montanhas, um cavaleiro de cabelos escuros e pele clara em cima dela. Ele realmente conseguiu mudar partes de si mesmo. Tinha feito seu rosto quase irreconhecível. E manteve assim.

Asterin correu em direção à égua, e até Manon piscou enquanto ela jogava os braços em volta do pescoço de Narene. Segurando-a

com força. A égua apenas encostou a cabeça nas costas de Asterin e bufou.

Dorian deslizou da égua, deixando as rédeas balançando.

— Bem? — Manon pediu.

Seus olhos – escuros como os de Valg – brilharam. Ela não tentou explicar que seus joelhos estavam tremendo. Ainda afivelou enquanto ela entregou a espada dele, então as duas chaves, as unhas dela arranhando a mão enluvada dele.

Os olhos de Dorian se iluminaram com aquela safira esmagadora, sua pele tornando-se dourada mais uma vez.

— As Matriarcas não estão lá. Apenas Petrah Sangue Azul e cerca de trezentas Dentes de Ferro de todos os três clãs — Sua boca se curvou em um meio sorriso cruel, frio como os picos ao redor deles. Condenatório. — O caminho está limpo, Majestade.



As patrulhas no desfiladeiro Ferian avistaram elas a quilômetros de distância.

As Treze ainda foram autorizadas a desembarcar no Ômega.

Manon havia deixado Dorian no pequeno desfiladeiro onde eles haviam reunido as Treze. Se elas não retornassem em um dia, ele deveria fazer o que quisesse. Ir para Morath e Erawan, aguardando o abraço, se ele fosse tão imprudente. Não houve despedidas entre eles.

Manon manteve seu batimento cardíaco firme enquanto se sentava em cima de Abraxos, apenas dentro da boca cavernosa que levava ao Ômega, ciente de cada olho inimigo sobre elas, tanto na frente quanto nas costas.

— Eu gostaria de falar com Petrah Sangue Azul — declarou ela ao salão.

Uma voz jovem respondeu:

— Eu supus assim.

A herdeira Sangue Azul apareceu através do arco mais próximo, uma faixa de ferro na testa, vestes azuis fluindo. Manon inclinou a

cabeça.

— Reúna seu anfitrião neste salão.



Manon não tinha demorado muito no que ela diria.

E enquanto as trezentas bruxas Dentes de Ferro entravam no vestíbulo, algumas saindo de suas patrulhas, Manon quase se perguntou se deveria. Elas a observavam, observavam as Treze, com um desdém cauteloso.

Sua Líder Alada em desgraça; sua herdeira caída.

Quando todas estavam reunidos, Petrah, ainda de pé na porta onde ela apareceu, simplesmente disse:

— Minha dívida de vida para uma audiência, Bico Negro.

Manon engoliu em seco, a língua seca como papel. Sentada em cima de Abraxos, ela podia ver cada movimento de mudança na multidão, os olhos arregalados ou as mãos segurando as espadas.

— Eu não vou lhes dizer os detalhes de quem eu sou — disse Manon finalmente. — Eu acho que vocês já os ouviram.

— Vadia Crochan — alguém cuspiu.

Manon pôs os olhos nas Bicos Negros, com a cara de pedra, onde os outros se enchiam de ódio. Foi por elas que ela falou, por elas ela tinha vindo aqui.

— Toda a minha vida — Manon disse, sua voz vacilando apenas ligeiramente — eu tenho sido alimentado com uma mentira.

— Nós não temos que ouvir esse lixo — cuspiu outro sentinela.

Asterin rosou ao lado de Manon e as outras ficaram em silêncio. Mesmo desonradas, as Treze eram mortais.

Manon continuou:

— Uma mentira, sobre quem somos, o que somos. Que somos monstros e nos orgulhosos de ser — ela passou um dedo pelo tecido vermelho que prendia sua trança. — Mas nós fomos feitas assim. Feitas — ela repetiu. — Quando podemos ser muito mais.

O silêncio caiu.

Manon tomou isso como encorajamento suficiente.

— Minha avó não planeja apenas recuperar os Desertos quando esta guerra terminar. Ela planeja governar os Desertos como Grã Rainha. Sua única rainha.

Um murmúrio nisso. Nas palavras, na traição que Manon fez ao revelar os planos particulares da sua Matriarca.

— Não haverá Sangues Azuis, ou Pernas Amarelas, não como vocês são agora. Ela planeja pegar as armas que vocês construíram aqui, planeja usar nossos pilotos de Bico Negro e fazer vocês entrarem em nossos assuntos. E se vocês não se inclinarem para ela, vocês não existirão.

Manon respirou fundo. Outra vez.

— Nós conhecemos apenas derramamento de sangue e violência por quinhentos anos. Nós saberemos disso por outros quinhentos ainda.

— Mentirosa — alguém gritou. — Nós voamos para a glória.

Mas Asterin se moveu, desabotoando a jaqueta de couro e depois erguendo a camisa branca. Levantando-se nos estribos para mostrar seu abdômen cicatrizado e brutalizado.

— Ela não mente.

IMPURA

Lá, a palavra permaneceu estampada. Sempre seria estampada.

— Quantas de vocês — Asterin disse. — Têm a mesma marca? Por sua Matriarca, pela líder do seu clã? Quantas de vocês tiveram suas bruxinhas recém-nascidas queimadas antes de vocês pudessem segurá-las?

O silêncio que caiu agora era diferente de antes. Tremendo — estremecendo.

Manon olhou para as Treze para encontrar lágrimas nos olhos de Ghislaine enquanto ela observava a marca no útero de Asterin.

Lágrimas nos olhos de todas elas, que não sabiam.

E foi por aquelas lágrimas, que Manon nunca tinha visto, que ela enfrentou o anfitrião novamente.

— Vocês serão mortas nesta guerra ou depois dela. E vocês nunca mais verão nossa terra natal.

— O que é que você quer, Bico Negro? — Petrah perguntou do arco.

— Cavalgue conosco — Manon respirou. — Voe conosco. Contra Morath. Contra as pessoas que iriam mantê-la longe de sua terra natal, seu futuro. — Murmúrio explodiu novamente. Manon adiantou: — Uma aliança Dente de Ferro-Crochan. Talvez uma para quebrar nossa maldição finalmente.

Mais uma vez, aquele silêncio estremeado. Como uma tempestade prestes a quebrar.

Asterin sentou-se na sela, mas manteve a camisa aberta.

— A escolha de como o futuro de nosso povo deve ser moldado é sua — Manon disse a cada uma das bruxas reunidas, todos as Bicos Negros que poderiam voar para a guerra e nunca mais voltar.

— Mas eu vou lhes dizer isso. — Suas mãos tremiam, e ela as colocou em suas coxas. — Existe um mundo melhor lá fora. E eu vi isso.

Até as Treze olhavam para ela agora.

— Eu vi bruxas e humanos e Fééricos morarem juntos em paz. E não é uma fraqueza, mas uma força. Eu encontrei reis e rainhas cujo amor por seus reinos, seus povos, é tão grande que o eu é secundário. Cujo amor pelo seu povo é tão forte que, mesmo diante de probabilidades impensáveis, eles fazem o impossível.

Manon levantou o queixo.

— Vocês são meu povo. Se minha avó decreta isso ou não, vocês são meu povo e sempre serão. Mas vou voar contra vocês, se necessário, para garantir que haja um futuro para aqueles que não podem lutar por eles mesmos. Por muito tempo nós atacamos os fracos, adoramos fazê-lo. Já é hora de nos tornarmos melhores que os nossos antepassados. — As palavras que ela dera há treze meses. — Existe um mundo melhor lá fora — ela disse novamente. — E eu vou lutar por isso. — Ela virou Abraxos, em direção ao mergulho atrás deles. — Vocês vão?

Manon acenou para Petrah. Olhos brilhantes, a herdeira apenas acenou de volta. Elas teriam permissão para sair como haviam

chegado: ilesas.

Então Manon cutucou Abraxos, e ele saltou para o céu, as Treze seguindo o exemplo.

Não uma filha de guerra.

Mas de paz.

CAPÍTULO 44

— Como eu vou te esculpir hoje, Aelin?

As palavras de Cairn foram um impulso de respiração quente em seu ouvido enquanto sua faca raspava sua coxa nua.

Não. Não, não poderia ter sido um sonho.

A fuga, Rowan, o navio para Terrasen...

Cairn cravou a ponta da adaga na carne acima do joelho, e ela rangeu os dentes quando o sangue inchou e se derramou. Quando ele começou a torcer a lâmina, um pouco mais a cada rotação.

Ele tinha feito isso tantas vezes agora. Por todo o corpo dela.

Ele só pararia quando tivesse atingido o osso. Quando ela estava gritando e gritando.

Um sonho. Uma ilusão. Sua fuga dele, de Maeve, tinha sido outra ilusão.

Ela disse isso? Ela disse onde as chaves estavam escondidas?

Ela não conseguia parar o soluço que arrancou dela.

Então uma voz fria e culta ronronou:

— Todo esse treinamento, e é isso o que acontece com você?

Irreal. Arobynn, do outro lado do altar, não era real. Mesmo que ele parecesse, seu cabelo vermelho brilhando, suas roupas impecáveis.

Seu antigo mestre deu-lhe um meio sorriso.

— Mesmo Sam se mostrou melhor do que isso.

Cairn torceu a faca novamente, cortando o músculo. Ela arqueou, seu grito soando em seus ouvidos. De longe, Fenrys rosou.

— Você poderia sair dessas correntes, se você realmente quisesse — disse Arobynn, franzindo a testa com desagrado. — Se você

realmente tentasse.

Não, ela não podia, e tudo tinha sido um sonho, uma mentira...

— Você se *deixa* ficar em cativeiro. Porque no momento em que você está livre... — Arobynn riu. — Então você deve se oferecer, um cordeiro para abate.

Ela arranhou e se debateu contra a destruição em sua perna, não ouvindo Cairn enquanto ele zombava. Apenas ouvindo o Rei dos Assassinos, invisível e despercebido ao lado dela.

— No fundo, você espera que esteja aqui o tempo suficiente para que o jovem Rei de Adarlan pague o preço. No fundo, você sabe que está se escondendo aqui, esperando que ele limpe o caminho. — Arobynn se apoiou na lateral do altar, limpando as unhas com um punhal. — No fundo, você sabe que não é realmente justo, que aqueles deuses escolheram você. Que Elena escolheu você em vez dele. Ela comprou seu tempo para viver, sim, mas você ainda foi escolhida para pagar o preço. O preço dela. E dos deuses.

Arobynn passou a mão com os dedos compridos para o lado do rosto dela.

— Você vê o que eu tentei poupar de você todos esses anos? O que você poderia ter evitado se tivesse permanecido Celaena, permanecido comigo? — Ele sorriu. — Você vê, Aelin?

Ela não pôde responder. Não tinha voz.

Cairn bateu no osso e...



Aelin se lançou para cima, as mãos agarrando sua coxa.

Nenhuma corrente a pesava. Nenhuma máscara a sufocou.

Nenhum punhal havia sido torcido em seu corpo.

Respirando com dificuldade, o cheiro de folhas úmidas se agarrando ao nariz, os sons de seus gritos substituídos pelo sonolento chilrear dos pássaros, Aelin esfregou o rosto.

O príncipe que adormeceu ao lado dela já estava correndo a mão pelas costas dela em traços silenciosos e reconfortantes.

Além da pequena janela da pousada desorganizada, em algum lugar perto da fronteira de Charco Lavrado e Adarlan, espessos véus de névoa flutuavam.

Um sonho. Apenas um sonho.

Ela se virou, colocando os pés no carpete puído no piso de madeira desigual.

— O amanhecer é só daqui mais uma hora — disse Rowan.

No entanto, Aelin pegou sua blusa.

— Vou me aquecer, então. — Talvez correr, como ela não era capaz de fazer em semanas e semanas.

Rowan sentou-se, sem perder nada.

— O treinamento pode esperar, Aelin. — Eles vinham fazendo isso há semanas, tão exaustivos e cansativos quanto em Defesa Nebulosa.

Ela enfiou as pernas na calça e depois afivelou o cinto da espada.

— Não, não pode.



Aelin se esquivou para o lado, a espada de Rowan passando por sua cabeça, arrancando algumas mechas do final de sua trança.

Ela piscou, respirando com dificuldade, e mal trouxe Goldryn a tempo de impedir seu próximo ataque. Metal reverberou através das bolhas que cobriam suas mãos.

Novas bolhas – para um novo corpo. Três semanas no mar e seus calos mal haviam se formado novamente. Todos os dias, horas gastas treinando em espadas, arco e flecha e combate, e suas mãos ainda eram macias.

Grunhindo, Aelin se agachou, as coxas queimando enquanto se preparava para saltar.

Mas Rowan parou no pátio empoeirado da estalagem, com o machado e a espada caindo aos lados. Na primeira luz da madrugada, a estalagem poderia ter passado agradável, a brisa do mar da costa próxima flutuando através das folhas persistentes na macieira encurvada no centro do espaço.

Uma tempestade ao norte obrigara o navio a encontrar o porto na noite anterior – e, depois de semanas no mar, nenhum deles hesitara em passar algumas horas em terra. Para saber o que diabos aconteceu enquanto eles tinham ido embora.

A resposta: guerra.

Em toda parte, a guerra se alastrou. Mas onde a luta ocorreu, o velho estalajadeiro não sabia. Barcos não pararam mais no porto – e os grandes navios de guerra apenas passaram. Se eles eram inimigos ou amigos, ele também não sabia. Não sabia de absolutamente nada, parecia. Incluindo como cozinhar. E limpar sua estalagem.

Eles precisariam estar de volta aos mares dentro de um ou dois dias, se fossem para Terrasen rapidamente. Havia muitas tempestades no norte para se arriscar a atravessar diretamente para lá, dissera o capitão. Nesta época do ano, era mais seguro chegar à costa do continente e depois navegar por ela. Mesmo que aquele comando e aquelas tempestades tivessem chegado aqui: em algum lugar entre a fronteira de Charco Lavrado e Adarlan. Com Forte da Fenda alguns dias à frente.

Quando Rowan não retomou o treino, Aelin fez uma careta.

— O que.

Não era tanto uma pergunta, como uma demanda.

Seu olhar era infalível. Como quando ela voltou de sua corrida pelos campos nebulosos além da estalagem e o encontrou encostado na macieira.

— Isso é o suficiente por hoje.

— Nós mal começamos — ela levantou a lâmina.

Rowan manteve a sua baixada.

— Você mal dormiu na noite passada.

Aelin ficou tensa.

— Sonhos ruins — um eufemismo. Ela ergueu o queixo e lançou-lhe um sorriso. — Talvez eu esteja começando a te desgastar um pouco.

Apesar das bolhas, ela recuperou o peso, pelo menos. Tinha observado seus braços irem de finos a músculos com cortes, suas coxas de junco a elegantes e poderosas.

Rowan não retornou seu sorriso.

— Vamos tomar café da manhã.

— Depois daquele jantar ontem à noite, eu não tenho pressa. — Ela não deu a ele um piscar de aviso antes de se lançar para ele, batendo alto com Goldryn e esfaqueando baixo com sua adaga. Rowan encontrou seu ataque, desviando-se facilmente. Eles entraram em confronto, se separaram e entraram em confronto novamente. Seus caninos brilhavam.

— Você precisa comer.

— Eu preciso treinar.

Ela não conseguia parar isso... precisava fazer *alguma coisa*. Estar em movimento. Não importa quantas vezes ela balançasse a lâmina, ela podia senti-las. As algemas. E sempre que ela fazia uma pausa para descansar, ela também podia sentir sua magia. Esperando.

De fato, parecia com abrir um olho e bocejar.

Ela apertou a mandíbula e atacou novamente.

Rowan encontrou cada golpe, e ela sabia que suas manobras estavam descendo em desleixo. Sabia que ele a deixava continuar em vez de aproveitar as muitas aberturas para acabar com isso.

Ela não conseguia parar. A guerra se enfureceu ao redor deles. Pessoas estavam morrendo. E ela estava trancada naquela maldita caixa, desmontada de novo e de novo, incapaz de *fazer* qualquer coisa...

Rowan atacou, tão rápido que ela não conseguiu rastreá-lo. Mas foi o pé que ele deslizou antes do dela que a condenou, enviando-a para o chão. Seus joelhos latiam, esfolando sob suas calças, e sua adaga dispersa de sua mão.

— Eu ganhei — ele ofegou. — Vamos comer.

Aelin olhou para ele.

— Outro round.

Rowan apenas embainhou sua espada.

— Depois do café da manhã.

Ela rosnou. Ele rosnou de volta.

— Não seja idiota — disse ele. — Você perderá todo esse músculo se não alimentar seu corpo. Então coma. E se você ainda quiser treinar depois, eu treinarei com você. — Ele ofereceu a ela uma mão tatuada. — Embora você provavelmente vá vomitar.

Seja do esforço ou da comida suspeita do estalajadeiro. Mas Aelin disse:

— As pessoas estão morrendo. Em Terrasen. Em toda parte. As pessoas estão morrendo, Rowan.

— Seu café da manhã não vai mudar isso. — Seus lábios se curvaram em um grunhido, mas ele a cortou. — Eu sei que as pessoas estão morrendo. Nós vamos ajudá-los. Mas você precisa ter alguma força, ou você não conseguirá.

Verdade. Seu parceiro falou a verdade. E ainda assim ela podia vê-los, ouvi-los. Aquelas pessoas morrendo e assustadas.

Cujos gritos tantas vezes soavam como os dela.

Rowan contorceu os dedos em um lembrete silencioso. *Podemos?*

Aelin franziu o cenho e segurou sua mão, deixando que ele a levasse de pé. *Tão insistente.*

Rowan passou um braço pelos ombros dela. *Essa é a coisa mais educada que você já disse sobre mim.*



Elide tentou não estremecer com o grunhido cinzento que fumegava à sua frente. Especialmente com o estalajadeiro observando das sombras atrás de seu bar da taberna. Sentada em uma das pequenas mesas redondas que enchiam o espaço gasto, Elide chamou a atenção de Gavriel de onde ele empurrou sua própria tigela.

Gavriel levou a colher até a boca. Lentamente.

Os olhos de Elide se arregalaram. Alargou ainda mais quando ele abriu a boca e deu uma mordida.

Sua deglutição foi audível. Seu encolher mal contido.

Elide reinou em seu sorriso ante a pura miséria que entrava no olhar castanho do Leão. Aelin e Rowan estavam terminando uma batalha semelhante quando ela entrou na taberna minutos atrás, a rainha desejando a sua sorte antes de voltar para o pátio.

Elide não a viu ficar parada por mais tempo do que precisava para comer uma refeição. Ou durante as horas em que os instruiu nas Marcas de Wyrð, depois que Rowan pediu que ela os ensinasse. Isso a tirara das correntes, o príncipe havia explicado. E se os ilken fossem resistentes à sua magia, então aprender as marcas antigas seria útil com tudo o que enfrentavam à frente. As batalhas físicas e mágicas.

Essas marcações estranhas e difíceis. Elide não sabia ler seu próprio idioma, não tentava em anos. Não supondo que ela teria a oportunidade em breve. Mas aprendendo estas marcas, se ajudasse seus companheiros de qualquer maneira... ela poderia tentar. *Já havia* tentado o suficiente para conhecer algumas delas agora.

Gavriel ousou dar outro gole no mingau, oferecendo ao estalajadeiro um sorriso apertado. O homem parecia tão aliviado que Elide pegou sua própria colher e engoliu em seco. Sem graça e um pouco azedo – ele colocou sal em vez de açúcar? – mas... estava quente.

Gavriel encontrou seu olhar, e Elide novamente conteve sua risada.

Ela sentiu, em vez de ver, Lorcan entrar. O estalajadeiro encontrou instantaneamente outro lugar para estar. O homem não ficou surpreso ao ver cinco fééricos entrarem em sua estalagem na noite passada, então seu desaparecimento sempre que Lorcan aparecia era certamente devido ao olhar furioso que o macho havia aperfeiçoado.

De fato, Lorcan deu uma olhada em Elide e Gavriel e saiu da sala de jantar.

Eles mal se falaram nessas semanas. Elide não sabia o que dizer.

Um membro desta corte. Sua corte. Para sempre.

Ele e Aelin certamente não se aqueceram um com o outro. Não, apenas Rowan e Gavriel realmente falaram com ele. Fenrys, apesar de sua promessa a Aelin de não lutar com Lorcan, ignorou-o a maior parte do tempo. E Elide... Ela se fez escassa com tanta frequência que Lorcan não se incomodou em se aproximar dela.

Bom. Foi bom. Mesmo que às vezes ela se abrisse para falar com ele. Observando-o enquanto ouvia as lições de Aelin sobre as Marcas de Wyrd. Ou enquanto ele treinava com a rainha, os raros momentos em que os dois não estavam na garganta um do outro.

Aelin havia retornado para eles. Estava se recuperando da melhor maneira possível.

Elide não provou seu próximo gole de mingau. Gavriel, felizmente, não disse nada.

E Anneith não falou também. Nem um sussurro de orientação.

Foi melhor assim. Para ouvir a si mesma. Melhor que Lorcan também mantivesse distância.

Elide comeu o resto do mingau em silêncio.



Rowan estava certo: ela quase vomitou depois do café da manhã. Cinco minutos no pátio e ela tinha que parar, aquele mingau miserável subindo em sua garganta.

Rowan riu quando ela colocou a mão sobre a boca. E então mudou para sua forma de falcão para navegar para a costa próxima e seu navio que aguardava, para checar com seu capitão.

Rolando seus ombros, ela o viu desaparecer nas nuvens. Ele estava certo, é claro. Sobre se deixar descansar.

Se os outros sabiam o que a impulsionou, eles não disseram uma palavra.

Aelin embainhou Goldryn e soltou um longo suspiro. No fundo, seu poder resmungou.

Ela flexionou os dedos.

O rosto frio e pálido de Maeve apareceu diante dos olhos dela.

Sua magia ficou em silêncio.

Soltando outro suspiro trêmulo, sacudindo o tremor de suas mãos, Aelin apontou para os portões abertos da pousada. Uma estrada longa e poeirenta se estendia à frente, os campos além do estéril. Terra inexpressiva e esquecida. Ela mal vislumbrou qualquer coisa em sua corrida ao amanhecer além da neblina e alguns pardais balançando entre as gramas secas de inverno.

Fenrys se sentou em forma de lobo na borda do campo mais próximo, olhando através da extensão. Precisamente onde ele esteve antes do amanhecer.

Ela deixou que ele ouvisse seus passos, suas orelhas se contraindo.

Ele se mexeu quando ela se aproximou e encostou-se à cerca parcialmente apodrecida que cercava o campo.

— Quem você vai chatear para pegar o turno da noite? — Perguntou Aelin, enxugando o suor da testa.

Fenrys bufou e passou a mão pelos cabelos.

— Você acreditaria que eu me ofereci para isso?

Ela arqueou uma sobrancelha. Ele encolheu os ombros, observando o campo novamente, as brumas ainda se agarrando aos seus alcances mais distantes.

— Eu não durmo bem hoje em dia. — Ele lhe deu um olhar de lado.

— Eu não suponho que eu sou o único.

Ela pegou a bolha nascida na mão direita, sibilando.

— Poderíamos começar uma sociedade secreta... para pessoas que não dormem bem.

— Enquanto Lorcan não for convidado, eu estou dentro.

Aelin bufou uma risada.

— Deixe para lá.

Seu rosto ficou de pedra.

— Eu disse que deixaria.

— Você claramente não deixou.

— Eu vou deixar ir quando você parar de se deixar acabada ao amanhecer.

— Eu não estou me deixando acabada. Rowan está supervisionando isso.

— Rowan é a única razão pela qual você não está mancando em todos os lugares.

Verdade. Aelin fechou as mãos doloridas em punhos e as enfiou nos bolsos. Fenrys não disse nada – não perguntou por que ela não esquentava os dedos. Ou o ar ao redor deles.

Ele apenas se virou para ela e piscou três vezes. *Você está bem?*

Um grito de gaivota perfurou o mundo cinzento e Aelin piscou de volta duas vezes. *Não.*

Era tanto quanto ela admitiria. Ela piscou novamente, três vezes agora. *Você está bem?*

Duas piscadas dele também.

Não, eles não estavam bem. Eles poderiam nunca estar. Se os outros soubessem, se eles enxergassem além da arrogância e temperamento, eles não deixariam transparecer.

Nenhum deles comentou que Fenrys não usou uma vez sua magia para saltar entre lugares. Não que houvesse lugar para ir no meio do mar. Mas mesmo quando eles lutaram, ele não usou.

Talvez tenha morrido com Connall. Talvez tivesse sido um presente que ambos compartilhavam, e tocá-lo era insuportável.

Ela não ousou olhar para dentro, para o mar agitado dentro dela. Não foi possível.

Aelin e Fenrys estavam ao lado do campo enquanto o sol se arqueava mais alto, queimando as névoas.

Depois de um longo minuto, ela perguntou:

— Quando você fez o juramento a Maeve, como era o gosto de seu sangue?

Suas sobranceiras douradas se estreitaram.

— Como sangue. E poder. Por quê?

Aelin sacudiu a cabeça. Outro sonho ou alucinação.

— Se ela está em nossos calcanhares com este exército, eu estou apenas... tentando entender isso. Ela, quero dizer.

— Você planeja matá-la.

O mingau no estômago revirou, mas Aelin encolheu os ombros. Mesmo quando ela provou cinzas em sua língua.

— Você prefere fazer isso?

— Eu não tenho certeza se eu sobreviveria — ele disse entre os dentes. — E você tem mais uma razão para reivindicá-lo do que eu.

— Eu diria que temos uma reivindicação igual — seus olhos escuros percorreram seu rosto.

— Connall era um homem melhor... melhor do que como você o viu naquela época. Do que ele estava no final.

Ela agarrou a mão dele e apertou.

— Eu sei.

A última das névoas desapareceu. Fenrys perguntou baixinho:

— Você quer que eu fale sobre isso?

Ele não quis dizer seu irmão.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei o suficiente — ela examinou suas mãos frias e empoladas. — Eu sei o suficiente — ela repetiu.

Ele endureceu, uma mão indo para a espada ao seu lado. Não com as palavras dela, mas...

Rowan mergulhou dos céus, um mergulho total.

Ele se afastou a poucos metros do chão, aterrissando com a graça de um predador enquanto corria os últimos degraus em direção a eles.

Goldryn cantou quando ela desembainhou.

— O que?

Seu parceiro apenas apontou para o céu.

Para o que voou lá.

CAPÍTULO 45

A rocha rugiu contra a rocha, e Yrene apoiou a mão nas pedras estremecidas da Fortaleza Westfall enquanto a torre balançava. No final do corredor, as pessoas gritavam, algumas lamentavam-se, outras atacavam os membros da família para cobri-los com seus corpos enquanto choviam detritos.

O amanhecer mal havia rompido e a batalha já estava em fúria.

Yrene pressionou-se nas pedras, o coração martelando, contando as respirações até que o tremor parou. O último ataque, já tinha sido seis.

Ela chegou a três, felizmente.

Cinco dias disso. Cinco dias desse pesadelo sem fim, com apenas as horas mais negras da noite oferecendo alívio.

Ela mal tinha visto Chaol por mais que um beijo passageiro e abraço. Na primeira vez, ele estava ostentando uma ferida no templo que ela havia curado. No dia seguinte, ele estava se apoiando pesadamente em sua bengala, coberto de sujeira e sangue, mas a maior parte do sangue não era dele.

Era o sangue negro que fez seu estômago revirar. Valg. Havia Valg lá fora. Infestando hospedeiros humanos. Muitos para ela curar. Não, essa parte viria depois da batalha. Se eles sobrevivessem.

Logo, cedo demais, os feridos e os moribundos tinham começado a entrar. Eretia havia organizado uma enfermaria no Grande Salão, e foi lá que Yrene passou a maior parte do tempo. Para onde ela estava indo, depois de administrar algumas horas de sono sem sonhos.

A torre firmou-se e Yrene anunciou a ninguém em particular:

— Os ruks ainda estão segurando a maré. Morath só dispara as catapultas porque elas não conseguem romper as paredes da torre.

Era apenas parcialmente verdade, mas as famílias acoradas no corredor, com suas roupas de cama e poucos pertences preciosos, pareciam se acomodar.

Os buracos de fato tinham desativado muitas das catapultas que Morath havia transportado para cá, mas restavam apenas algumas – apenas o suficiente para martelar a fortaleza, a cidade. E enquanto os ruks poderiam estar segurando a maré, não seria por muito tempo.

Yrene não queria saber quantos haviam caído. Ela só viu o número de cavaleiros no Grande Salão e sabia que seria demais. Eretia ordenara aos réus feridos que se instalassem em um dos pátios interiores, designando cinco curandeiros para supervisioná-los, e o espaço estava tão cheio que mal se podia atravessar.

Yrene se apressou, consciente dos destroços espalhados na escada da torre. Ela quase quebrou o pescoço ontem escorregando em um pedaço de madeira caída.

Os gemidos dos feridos a alcançaram muito antes de ela entrar no Grande Salão, as portas se abrindo para revelar filas e filas de soldados, tanto khagan quanto de Anielle. Os curandeiros não tinham maca para todos, muitos tinham sido colocados em colchonetes. Quando as coisas acabaram, mantos e cobertores empilhados sobre pedras frias foram usados.

Não é suficiente – não há suprimentos suficientes e não há curandeiros suficientes. Eles deveriam ter trazido mais do resto do hospedeiro.

Yrene arregaçou as mangas, indo para a estação de lavagem perto das portas. Várias das crianças cujas famílias se abrigavam na fortaleza tinham assumido a tarefa de esvaziar banheiras sujas e enchê-las de água quente a cada poucos minutos. Junto com as bacias pelos feridos.

Yrene recusara-se a deixar que as crianças testemunhassem tal derramamento de sangue e dor, mas não havia mais ninguém para

fazê-lo. Ninguém mais tão ansioso para ajudar.

O lorde de Anielle poderia ter sido um grande bastardo, mas seu povo era um grupo corajoso e nobre de coração. Um que havia deixado mais de uma marca em seu marido do que seu odioso pai.

Yrene esfregou as mãos, embora as tivesse lavado antes de descer e as sacudiu. Eles não podiam desperdiçar seus preciosos panos na secagem de suas mãos.

Sua magia mal havia se enchido, apesar do sono que ela tinha conseguido. Ela sabia que se ela olhasse para as ameias, ela veria Chaol usando sua bengala, talvez até mesmo no topo do cavalo de batalha que eles tinham equipado com sua cinta. Seu mancar tinha sido profundo quando ela o viu pela última vez, ontem à tarde.

Ele não reclamou, no entanto, não tinha pedido a ela para parar de gastar seu poder. Ele lutaria estando em pé ou usando a bengala ou a cadeira ou um cavalo.

Eretia encontrou Yrene no meio do corredor, sua pele escura brilhando de suor.

— Eles estão trazendo uma cavaleira. Sua garganta foi cortada por garras, mas ela ainda está respirando — Yrene reprimiu seu estremeamento. — Veneno nas garras? — Muitas das feras Valg o possuíam.

— O batedor que voou para nos alertar de sua chegada não tinha certeza — Yrene puxou seu kit de ferramentas da bolsa no quadril, examinando o salão em busca de um lugar para trabalhar na cavaleira que chegava. Não há muito espaço – mas lá, nos lavatórios onde ela limpou as mãos. Espaço suficiente.

— Vou encontrá-los nas portas — Yrene fez pressa para a entrada escancarada. Mas Eretia segurou o braço de Yrene, seus dedos finos cavando suavemente em sua pele.

— Você descansou o suficiente?

— Você descansou? — Yrene atirou de volta.

Eretia ainda estava aqui quando Yrene havia se arrastado até a cama horas atrás, e parecia que Eretia chegara bem antes de Yrene

esta manhã, ou não havia saído. Os olhos castanhos de Eretia se estreitaram.

— Eu não sou aquela que precisa ter cuidado com o quanto eu me esforço.

Yrene sabia que Eretia não queria dizer em relação a Chaol e a ligação entre seus corpos.

— Eu conheço meus limites — disse Yrene rigidamente.

Eretia deu uma olhada para o abdômen imóvel de Yrene.

— Muitos não arriscariam nada.

Yrene fez uma pausa.

— Existe uma ameaça?

— Não, mas qualquer gravidez, especialmente nos primeiros meses, está escoando. Isso é sem os horrores da guerra, ou usando sua magia para até a beira todos os dias.

Por um instante, Yrene deixou as palavras se acalmarem.

— Há quanto tempo você sabe?

— Algumas semanas. Minha magia sentiu isso em você.

Yrene engoliu em seco.

— Eu não disse a Chaol.

— Eu acho que se houvesse algum tempo para fazer isso — disse a curandeira, gesticulando para o estremecimento que os cercava — seria agora.

Yrene sabia disso. Ela estava tentando encontrar uma maneira de dizer a ele por um tempo. Mas colocando esse fardo sobre ele, aquela preocupação por sua segurança e a segurança da vida crescendo nela... Ela não queria distraí-lo. Para aumentar o medo, ela já sabia que ele lutava contra, apenas por tê-la aqui, lutando ao lado dele.

E para Chaol saber que se ele caísse, não seria a vida dela sozinha que agora terminava... Ela não conseguia dizer a ele. Ainda não.

Talvez isso a tenha feito egoísta, talvez estúpida, mas não conseguiu. Mesmo que no momento em que ela percebeu isso na câmara de banho do navio, quando seu ciclo ainda não tinha

chegado e ela começou a contar os dias, ela chorou de alegria. E então percebeu o que, exatamente, carregar uma criança durante a guerra implicaria. Que esta guerra pode muito bem estar ainda em fúria, ou em seus últimos dias horríveis, quando ela der à luz.

Yrene decidiu que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir que não terminasse com o filho nascendo em um mundo de trevas.

— Eu vou dizer a ele quando for a hora certa — disse Yrene, bruscamente sombria.

Das portas do salão aberta, gritos subiram.

— Limpem o caminho! Limpem o caminho para os feridos!

Eretia franziu a testa, mas correu com Yrene para encontrar os habitantes da cidade carregando uma maca já ensanguentada e a cavaleira quase morta em cima dela.



O cavalo embaixo de Chaol se mexeu, mas permaneceu firme onde continuavam ao longo das ameias inferiores das muralhas. Não é um cavalo tão bom quanto Farasha, mas suficientemente sólido. Uma fera corajosa que havia levado bem à sua sela equipada, que era tudo o que ele pedia.

Caminhar, Chaol sabia, não seria uma opção quando ele desmontasse. A tensão em sua espinha lhe disse o suficiente sobre o quão duro Yrene já estava trabalhando, o sol mal subiu. Mas ele poderia lutar tão bem quanto a cavalo – poderia liderar esses soldados do mesmo jeito.

À frente, estendendo-se muito longe para ele contar, o exército de Erawan foi lançado na cidade para mais um dia de assalto às muralhas.

Os ruks subiram, desviando flechas e lanças, arrebatando soldados do chão e separando-os. Em cima dos pássaros, os rukhin desencadearam sua própria torrente de fúria em passes cuidadosos e inteligentes organizados por Sartaq e Nesryn.

Mas depois de cinco dias, até mesmo os poderosos rukhin estavam diminuindo.

E as torres de cerco de Morath, que uma vez haviam quebrado facilmente em pedaços de metal e madeira, agora estavam chegando às paredes.

— Prepare os homens para o impacto — Chaol ordenou que o capitão de cara feia estivesse por perto. O capitão gritou o comando pelas linhas que Chaol havia reunido pouco antes do amanhecer.

Alguns bandos de soldados Morath conseguiram colocar ganchos nas paredes nos últimos dois dias, erguendo escadas de cerco e tropas de soldados com eles. Chaol os havia abatido, e embora os guerreiros de Anielle não tivessem certeza do que fazer com os homens infestados de demônios que vieram para matá-los, eles obedeceram aos seus comandos latidos. Rapidamente estancaram o fluxo de soldados sobre as paredes, cortando os laços que seguravam as escadas para eles.

Mas as torres de cerco que se aproximavam... aquelas não seriam tão facilmente desalojadas. E nem os soldados que atravessaram a ponte de metal que abrangeriam a torre e as muralhas da torre.

Atrás dele, níveis acima, ele sabia que seu pai assistia. Já havia sinalizado através do sistema de lanternas que Sartaq havia demonstrado como usar que precisavam de ruks para voar de volta – para derrubar as torres.

Mas os ruks estavam fazendo um passe na parte de trás do exército de Morath, onde os comandantes mantiveram as linhas Valg em ordem. Tinha sido idéia de Nesryn na noite passada: parar de ir pelas infundáveis linhas de frente e, em vez disso, eliminar aqueles que as ordenavam. Tente semear o caos e desordem.

A primeira torre de cerco se aproximava, o metal gemendo quando as serpentes aladas – acorrentadas ao chão e as asas presas – puxaram-no para mais perto. Soldados já estavam alinhados atrás dele em colunas gêmeas, prontas para atacar para cima.

Hoje machucaria.

O cavalo de Chaol se mexeu embaixo dele novamente, e ele deu um tapinha com mão coberta de luva no pescoço blindado do garanhão. O baque de metal no metal foi engolido pelo ruído.

— Paciência, amigo.

Longe, além do alcance dos arqueiros, a catapulta estava recarregando. Eles haviam lançado uma pedra apenas trinta minutos atrás, e Chaol havia se abaixado sob um arco, rezando para que a base da torre atingida não desmoronasse.

Rezando para que Yrene não estivesse perto disso.

Ele mal a tinha visto durante estes dias de derramamento de sangue e exaustão. Não teve a chance de contar a ela o que ele sabia. Para contar a ela o que estava em seu coração. Ele se estabeleceu para um beijo profundo, mas breve, e depois correu para qualquer parte das ameias que ele precisava.

Chaol sacou a espada, o metal recém-polido se lamentou quando se soltou da bainha. Os dedos de sua outra mão se apertaram ao redor das alças de seu escudo. O escudo de um piloto ruk, leve e destinado a combate rápido. O suporte que o segurava na sela permaneceu firme, as fivelas presas.

Os soldados que revestiam as muralhas se mexeram na torre de cerco que se aproximava. Os horrores por dentro.

— Eles já foram homens — Chaol chamou, sua voz carregando o clamor da batalha além das paredes da torre de menagem — eles ainda podem morrer como eles.

Algumas espadas pararam de tremer.

— Vocês são o povo de Anielle! — continuou Chaol, erguendo o escudo e dobrando a espada. — Vamos mostrar a eles o que isso significa.

A torre de cerco bateu no lado da torre de menagem e a ponte de metal no seu nível mais alto se abaixou, esmagando os parapeitos inferiores.

O foco de Chaol foi frio e calculista.

Sua esposa estava na fortaleza atrás dele. Grávida de seu filho.

Ele não iria falhar com ela.



Uma torre de cerco alcançara as muralhas da fortaleza e agora descarregava soldado após soldado diretamente no antigo castelo.

Apesar da distância, Nesryn podia ver o caos nas ameias. Apenas mal conseguia encontrar Chaol em cima de seu cavalo cinza, lutando no meio dela.

Sobrevoando o exército lançando flechas e lanças para eles, Nesryn inclinou-se para a esquerda, os grilhões atrás de seu traje seguinte.

Do outro lado do campo de batalha, Borte e Yeran, liderando outra facção de rukhin, inclinaram-se para a direita, os dois grupos de rukhin uma imagem invertida que se aproximava um do outro, depois voltando para as linhas traseiras.

Assim como Sartaq, liderando um terceiro grupo, bateu na outra direção.

Eles removeram dois comandantes, mas outros três permaneceram. Não os príncipes, graças aos deuses daqui e aos trinta e seis no khaganato, mas Valgs da mesma forma. As penas blindadas de Salkhi revestidas de sangue preto revestiam cada ruk nos céus.

Ela passou horas limpando Salkhi na noite passada. Todos os rukhin não estavam dispostos a arriscar o sangue velho interferindo em como suas penas capturavam o vento.

Nesryn pegou uma flecha e escolheu seu alvo. Novamente.

O comandante Valg havia evitado o tiro dela pela última vez. Mas ele não iria agora.

Salkhi se abaixou, levando flechas e flechas contra seu peitoral, em suas penas e pele espessas. Nesryn quase vomitou na primeira vez que uma flecha encontrou sua marca dias atrás. Uma vida inteira atrás. Ela agora também passava horas tirando-as do corpo dele a cada noite – como se fossem espinhos de uma planta espinhosa.

Sartaq passou esse tempo indo do fogo ao fogo, confortando aqueles cujas montarias não eram tão afortunadas. Ou acalmando os ruks cujos pilotos não duraram o dia. Uma carroça já havia sido *empilhada* no alto – esperando a última viagem para casa, para ser plantada nas encostas áridas de Arundin.

Quando Salkhi chegou perto o suficiente para arrancar vários Valg de seus cavalos e destruí-los em suas garras, Nesryn atirou no comandante.

Ela não viu se o tiro caiu.

Não quando um chifre cortou pelo barulho.

Um grito subiu do rukhin, todos olhando para o leste. Para o mar.

Para onde a cavalaria e soldados de infantaria Darghan atacavam o flanco oriental desprotegido do exército de Morath, Hasar estava no topo de seu cavalo Muniqi, liderando a hoste dos khagans.



Dois exércitos se enfrentaram na planície do lado de fora de uma cidade antiga, um escuro e outro dourado.

Eles lutaram, brutal e sangrentamente, pelas longas horas do dia cinzento.

Os exércitos de Morath não quebraram, no entanto. E não importa como Nesryn e o rukhin, liderados pelas ordens de Sartaq e Hasar, se uniram atrás de suas novas tropas, os Valgs continuaram lutando.

E ainda a hospedeira de Morath estava entre o exército de khagan e a cidade sitiada, um oceano de trevas.

Quando a noite caiu, muito negra até mesmo para os Valgs lutarem, o exército dos khagan recuou para avaliar. Para se preparar para o ataque ao amanhecer.

Nesryn levou Yrene e Chaol, ensanguentados e exaustos, para baixo das muralhas da fortaleza, para que pudessem se juntar ao conselho de guerra entre as crianças reais dos khagan. Ao redor, os soldados gemeram e gritaram em agonia, curandeiros liderados por

Hafiza se apressando para cuidar deles antes que a noite desse lugar a mais lutas.

Mas quando chegaram à tenda de batalha da princesa Hasar, quando todos se reuniram em torno de um mapa de Anielle, tiveram apenas alguns minutos de discussão antes de serem interrompidos.

Pela pessoa que Chaol menos esperava percorrer os flapes.

CAPÍTULO 46

Perranth apareceu no horizonte, a cidade de pedras escuras aninhada entre um lago de cobalto e uma pequena cordilheira que também levava seu nome.

O castelo fora construído ao longo de uma montanha imponente na fronteira com a cidade, com suas torres estreitas altas o suficiente para rivalizar com as de Orynth. As grandes muralhas da cidade tinham sido demolidas pelo exército de Adarlan e nunca restauradas, os edifícios ao longo das suas extremidades agora a transbordar para os campos além do rio Lanis gelado que corria entre o lago e o mar distante.

Foi nesses campos que Aedion considerou o que eles fariam.

O gelo se manteve enquanto eles cruzavam o rio e organizavam suas linhas reduzidas mais uma vez.

A realeza de Whitethorn e seus guerreiros estavam quase queimados, sua magia era uma mera brisa. Mas eles mantiveram Morath longe por um dia com os seus escudos.

Um dia em que o exército pôde descansar, cortando madeira de qualquer árvore, celeiro ou fazenda abandonada que pudesse encontrar para alimentar seus fogos. Um dia em que Aedion pedira a Nox Owen que fosse seu emissário para Perranth, a cidade natal do ladrão, e ver se homens e mulheres da cidade poderiam vir para preencher suas fileiras esgotadas.

Não muitos. Nox retornou com algumas centenas de guerreiros ainda menos treinados. Nenhum manejador de magia.

Mas eles tinham algumas armas, a maioria velha e enferrujada. Setas frescas, pelo menos. Vernon Lochan havia providenciado para

que seu povo permanecesse desarmado, temendo que a insurreição deles pudesse descobrir que o verdadeiro Herdeiro de Perranth havia sido mantido em cativeiro na torre mais alta do castelo.

Mas o povo de Perranth já tinha o suficiente de seu fantoche, parecia.

E pelo menos eles tinham cobertores e comida de sobra. Os Vagões puxaram-os de hora em hora, junto com curandeiros – nenhum deles magicamente dotado – para consertar os feridos. Aqueles que estavam muito feridos para lutar foram enviados nos vagões de suprimentos para a cidade, alguns empilhados uns sobre os outros.

Mas um cobertor quente e uma refeição quente não aumentariam seus números. Ou manteria Morath à distância.

Então Aedion planejou, mantendo seus comandantes da Devastação próximos. Eles fariam isso. Cada centímetro de terreno, cada arma e soldado.

Ele não viu Lysandra. *Aelin* também não fez aparições.

A rainha os abandonara, os soldados murmuraram.

Aedion fez questão de encerrar a conversa. Rosnou que a rainha tinha sua própria missão para salvar seus traseiros, e se quisesse que Erawan soubesse disso, ela teria anunciado a todos eles, já que eles estavam propensos a fofocar.

Isso aliviou o descontentamento - pouco.

Aelin não os defendera com o fogo, deixara que fossem massacrados.

Alguma parte dele concordou. Perguntou-se se teria sido melhor ignorar as chaves, usar as duas que possuíam e destruir esses exércitos, em vez de destruir sua maior arma para forjar a Fecho.

Inferno, ele teria chorado para ver Dorian Havilliard e seu considerável poder naquele momento. O rei tinha explodido ilken do céu, tinha quebrado seus pescoços sem tocá-los. Ele se curvaria diante do homem se isso os salvasse.

Era meio-dia quando o exército de Morath chegou a eles mais uma vez, sua massa se espalhando pelo horizonte. Uma tempestade

varrendo os campos.

Ele advertiu o povo de Perranth a fugir para Carvalhal, se pudessem. Trancar-se no castelo seria de pouca utilidade. Não tinha suprimentos para sobreviver a um cerco. Ele tinha debatido usá-lo para esta batalha, mas sua vantagem estava no rio congelado, não em deixar-se encurralar para suportar uma morte lenta.

Ninguém estava vindo para salvá-los. Não havia notícias de Rolfe, as forças de Galan estavam esgotadas, seus navios espalhados pela costa e nenhum sussurro do restante dos soldados de Ansel do Penhasco dos Arbustos.

Aedion manteve esse conhecimento de seu rosto enquanto ele montava seu garanhão pelas linhas de frente, inspecionando os soldados.

O cheiro de seu medo embaçava o ar gelado, o peso de seu medo era um poço sem fundo que se abria em seus olhos enquanto o seguiam.

A Devastação começou a golpear suas espadas contra seus escudos. Um batimento cardíaco constante para anular as vibrações dos soldados de Morath marchando em direção a eles.

Aedion não procurou por uma metamorfa nas fileiras. Ilken voava baixo sobre a massa abundante de Morath. Ela, sem dúvida, iria atrás deles primeiro.

Aedion parou seu cavalo no centro de seu hospedeiro, o Lanis gelado quase enterrado sob a neve que caíra na noite anterior. Morath sabia que existia, no entanto. Aqueles príncipes Valg provavelmente estudaram o terreno completamente. Provavelmente já o estudara minuciosamente, sua técnica e habilidade. Ele sabia que enfrentaria um deles antes que fosse feito, talvez todos eles. Não terminaria bem.

No entanto, enquanto eles arriscaram a travessia, ele não se importou. Endymion e Sellene, os únicos Feéricos ainda deixado com um sussurro de poder, estavam posicionados logo atrás do primeiro da Devastação.

Os olhos de seus próprios soldados eram um toque fantasma entre as omoplatas, na cabeça de capacete. Ele não havia preparado um discurso para reuni-los.

Um discurso não impediria que esses homens morressem hoje.

Então Aedion desembainhou a Espada de Orynth, ergueu seu escudo e se juntou à batida constante da Devastação.

Transmitindo todo o desafio e raiva em seu coração, ele colidiu a antiga espada contra o metal redondo amassado.

Escudo de Rhoe.

Aedion nunca contou a Aelin. Queria esperar até que voltassem a Orynth para revelar que o escudo que ele carregara, que nunca perdera, pertencia ao pai dela. E muitos outros antes disso.

Não tinha nome. Até mesmo Rhoe não sabia sua idade. E quando Aedion a tirou do quarto de Rhoe, a única coisa que ele pegou quando chegou a notícia de que sua família tinha sido massacrada, ele havia deixado os outros esquecerem disso também.

Nem mesmo Darrow o reconheceu. Desgastado e simples, o escudo passou despercebido ao lado de Aedion, um lembrete do que ele havia perdido. O que ele defenderia até seu último suspiro.

Os soldados dos exércitos de seus aliados pegaram a batida quando Morath chegou à beira do rio. Um comando latente dos dois príncipes Valg a cavalo fez com que o primeiro dos soldados de infantaria cruzasse o gelo, o ilken segurando-se perto do centro. Para atacar quando eles estivessem desgastados.

Ren Allsbrook e seus arqueiros restantes ficaram escondidos atrás das linhas, escolhendo alvos entre os terrores alados.

Mais e mais, Aedion e seu exército bateram suas espadas contra seus escudos.

Mais perto e mais perto, o exército de Morath se derramou no rio congelado.

Aedion segurou a batida, seu inimigo não percebendo que o som servia a outro propósito.

Para mascarar o craqueamento do gelo no fundo.

Morath avançou até quase atravessarem o rio.

Enda e Sellene não precisaram de ordem gritada. Um vento varreu o gelo, depois bateu nele, entre as rachaduras que eles estavam criando. Então eles afastaram o gelo. Rasgaram em pedaços.

Um batimento cardíaco, Morath estava marchando em direção a eles.

No seguinte, eles mergulharam, espirrando água, gritos e gritos enchendo o ar. O ilken disparou para a frente para pegar soldados que se afogavam sob o peso de sua armadura.

Mas Ren Allsbrook estava esperando, e em sua ordem berrante, os arqueiros dispararam sobre os ilken expostos. Golpes nas asas os enviaram caindo no gelo, na água. Indo abaixo, algum ilken arrastado por seus próprios soldados debulhando.

Os príncipes Valg levantaram a mão, como se fossem de uma só mente. O exército parou na praia. Observando como seus irmãos se afogaram. Observando enquanto Endymion e Sellene continuavam rasgando o gelo, proibindo-o de congelar novamente.

Aedion ousou sorrir ao ver os soldados que se afogavam.

Ele encontrou os dois príncipes Valg sorrindo de volta para ele do outro lado do rio. Um passou a mão sobre o colar preto em sua garganta. Uma promessa e lembrete de precisamente o que eles fariam a ele.

Aedion inclinou a cabeça em um convite zombeteiro. Eles certamente poderiam tentar.

O poder da realeza dos Feéricos finalmente se rompeu, anunciado pelo gelo que se formava sobre os soldados que se afogavam, selando-os sob a água escura.

Uma rajada de vento negro dos príncipes Valg e seus soldados não olharam para baixo quando começaram a marchar sobre o gelo, ignorando os punhos batendo sob seus pés.

Aedion guiou seu cavalo para trás da linha de frente, para onde Kyllian e Elgan estavam montados em seus próprios cavalos. Dois mil inimigos entraram no rio no máximo. Nenhum emergiria.

Apenas um dente na força agora avançando.

Aedion não tinha palavras para seus comandantes, que o conheceram durante a maior parte de sua vida, talvez melhor do que ninguém. Eles não tinham palavras para ele também.

Quando Morath finalmente chegou à costa, espadas brilhantes no dia cinzento, Aedion soltou um rugido e atacou.



O ilken tinha aprendido que um metamorfo estava entre eles, e usava uma pele de serpente alada. Lysandra percebeu isso depois de ter varrido por eles, pulando das fileiras do exército para se juntar a um grupo de três.

Três outros estavam esperando, escondidos na horda abaixo. Uma emboscada.

Ela mal tinha tirado dois, arrancando suas cabeças com sua cauda cravada, antes que suas garras envenenadas a obrigassem a fugir. Então, ela atraiu as pessoas de volta para suas próprias linhas, bem no alcance dos arqueiros de Ren.

Eles tiraram os ilken – mal. Tiros nas asas que permitiram a Lysandra arrancar suas cabeças de seus corpos.

Quando eles caíram, ela mergulhou para o chão, deslocando-se enquanto andava. Ela pousou como um leopardo fantasma e soltou-se sobre os soldados de infantaria que já empurravam os escudos juntos de Terrasen.

A unidade qualificada da Devastação não era nada contra os números absolutos, forçando-os de volta. Os guerreiros Feéricos, os Assassinos Silenciosos – os poucos soldados restantes de Ansel e Galan espalhados entre eles – nenhuma dessas unidades letais poderia detê-los também.

Então ela arranhou e rasgou e se separou, a bile negra queimando sua garganta. A neve se transformou em lama sob as patas. Cadáveres empilhados, homens humanos e Valgs gritavam.

A voz de Aedion quebrou as linhas.

— *Segure o flanco direito!*

Ela se atreveu a olhar através. Os ilken concentraram suas forças lá, batendo nos homens em uma falange de morte e veneno.

Então outra ordem do príncipe:

— *Segure-se à esquerda!*

Ele reposicionou a Devastação entre os flancos direito e esquerdo para explicar sua oscilação nas planícies do sul, mas não foi o suficiente.

Ilken invadiu a cavalaria, cavalos gritando como garras envenenadas arrancavam suas entranhas, cavaleiros esmagados por corpos caindo.

Aedion galopou em direção ao flanco esquerdo, seguindo alguns da sua Devastação.

Lysandra cortou soldado após soldado, flechas voando de ambos os exércitos.

Ainda assim Morath avançou. Avante e mais forte, conduzindo a Devastação de volta como se fossem pouco mais que um galho bloqueando o caminho.

Sua respiração queimava em seus pulmões, suas pernas doíam, mas ela continuava lutando.

Não sobraria nada deles ao entardecer, se eles continuassem assim.

Os outros homens também perceberam isso. Olharam além dos demônios que eles lutaram para as dezenas de milhares que ainda estão em filas ordenadas, esperando para matar, matar e matar.

Alguns de seus soldados começaram a se virar. Fugindo das linhas de frente.

Alguns imediatamente atiraram seus escudos e *correram* para fora do caminho de Morath.

Morath aproveitou. Uma onda quebrando na praia bateu em sua linha de frente. Bem no meio, que nunca quebrou, mesmo quando os outros balançaram.

Eles perfuraram um buraco através dele.

Caos reinou.

Aedion rugiu de algum lugar, do coração do inferno:

— *Reforme as linhas!*

A ordem foi ignorada.

A Devastação tentou e não conseguiu segurar a linha. Ansel de Penhasco dos Arbustos gritou para seus homens em fuga para voltar para a frente, Galan Ashryver ecoando seus comandos para seus próprios soldados. Ren gritou para seus arqueiros permanecerem, mas eles também abandonaram seus postos.

Lysandra cortou as canelas de um soldado Morath, depois arrancou a garganta de outro. Nenhum dos guerreiros de Terrasen permaneceu um passo atrás dela para decapitar os corpos caídos.

Ninguém.

Acabou. Tinha acabado.

Inútil, Aedion chamou-a.

Lysandra olhou para o ilken banquetando-se no flanco direito e soube o que tinha que fazer.

CAPÍTULO 47

Aedion imaginou que todos seriam mortos onde estavam, lutando até o fim. Não apanhados um por um enquanto fugiam.

Ele foi forçado a ficar para trás das linhas quando Morath mergulhou, até mesmo a Devastação tendo que se afastar da frente. Logo, a derrota estaria completa.

As flechas ainda voavam das profundezas de suas fileiras, Rendo tendo tomado alguma ordem, apenas para cobrir sua retirada.

Não é uma marcha ordenada para o norte. Não, soldados correram, empurrando um para o outro.

Um fim vergonhoso, indigno de uma menção, indigno de seu reino.

Ele ficaria – ele ficaria aqui até que eles o cortassem.

Milhares de homens passaram por ele com os olhos arregalados de terror. Morath seguiu em perseguição, seus príncipes Valg sorrindo enquanto esperavam que o banquete viesse.

Feito. Foi feito aqui neste campo sem nome antes de Perranth.

Em seguida, uma chamada foi através das linhas de quebra.

Os homens que fugiam começaram a fazer uma pausa. Para virar na direção da notícia.

Aedion espetou um soldado Morath em sua espada antes de entender completamente as palavras.

A rainha chegou. A rainha está na linha de frente.

Por um tolo batimento cardíaco, ele examinou o céu em busca de uma explosão de chamas.

Nenhuma veio.

Pavor se instalou em seu coração, com medo mais profundo do que qualquer outro que ele conhecesse.

A rainha está na linha de frente - no flanco direito.

Lysandra.

Lysandra tinha assumido a pele de Aelin.

Ele girou em direção ao inexistente flanco direito.

Assim como a rainha de cabelo dourado na armadura emprestada enfrentou dois ilken, uma espada e escudo em suas mãos.

Não.

A palavra foi um soco através de seu corpo, maior do que qualquer golpe que ele sentiu.

Aedion começou a correr, empurrando seus próprios homens. Em direção ao flanco direito muito distante. Em direção a metamorfa que enfrentava aqueles ilken, sem garras ou presas ou qualquer coisa para defendê-la além daquela espada e escudo.

Não.

Ele empurrou os homens para fora do caminho, a neve e a lama impedindo cada passo enquanto os dois ilken se aproximavam da rainha-metamorfa.

Saboreando a matança.

Mas os soldados retardaram a fuga deles. Alguns até reformaram as linhas quando o aviso saiu novamente. *A rainha está aqui. A rainha luta na linha de frente.*

Exatamente por que ela fez isso. Por que ela vestiu a forma humana indefesa.

Não.

O ilken se elevou sobre ela, sorrindo com seus rostos horríveis e mutilados.

Muito longe. Ele ainda estava muito longe para fazer qualquer coisa.

Um dos ilken cortou com um longo braço com garras.

Seu grito enquanto garras envenenadas rasgavam sua coxa soando acima do barulho da batalha.

Ela desceu, escudo subindo para se cobrir.

Ele tomou de volta.

Ele tomou de volta tudo o que ele disse a ela, cada momento de raiva em seu coração.

Aedion empurrou através de seus próprios homens, incapaz de respirar, pensar.

Ele pegou de volta; ele não quis dizer uma palavra, não realmente.

Lysandra tentou se levantar em sua perna machucada. O ilken riu.

— *Por favor* — exclamou Aedion. A palavra foi devorada pelos gritos dos moribundos. — *Por favor!*

Ele faria qualquer barganha, ele venderia sua alma para o deus das trevas, se eles a poupassem.

Ele não quis dizer isso. Ele tomou de volta, todas aquelas palavras.

Inútil. Ele a chamou de *inútil*. Tinha jogado ela na neve nua.

Ele tomou de volta.

Aedion soluçou, lançando-se para ela enquanto Lysandra tentava novamente se levantar, usando seu escudo para equilibrar seu peso.

Homens se reuniram atrás dela, esperando para ver o que a Portadora do Fogo faria. Como ela queimaria os ilken.

Não havia nada para ver, nada para testemunhar. Nada, mas a morte dela.

No entanto, Lysandra se levantou, os cabelos dourados de Aelin caindo em seu rosto enquanto ela levantava o escudo e apontava a espada entre ela e os ilkens.

A rainha veio; a rainha luta sozinha.

Os homens correram de volta para a linha de frente. Viraram-se e correu para ela.

Lysandra manteve a espada firme, manteve-a apontada para o ilken em desafio e raiva.

Pronta para a morte que virá em breve.

Ela estava disposta a desistir desde o início. Tinha concordado com os planos de Aelin, sabendo que poderia chegar a isso.

Uma transformação, uma mudança para a forma de uma serpente alada e ela destruiria o ilken. Mas ela permaneceu no corpo de Aelin. Segurou aquela espada, sua única arma, erguida.

Terrasen era sua casa. E Aelin, sua rainha.

Ela morreria para manter este exército unido. Para evitar que as linhas se quebrem. Para reunir seus soldados uma última vez.

Sua perna vazou sangue na neve, e os dois ilken fungaram, rindo novamente. Eles sabiam – o que se escondia sob sua pele. Que não era a rainha que eles enfrentavam.

Ela se manteve firme. Não deu uma polegada para o ilken, que avançou mais um passo.

Por Terrasen, ela faria isso. Por Aelin.

Ele tomou de volta. Ele levou tudo de volta.

Aedion estava a pouco mais de trinta metros de distância quando o ilken atacou.

Gritou quando o da esquerda varreu com as garras, o outra à direita, como se a atacasse na neve.

Lysandra desviou o golpe para a esquerda com o escudo, fazendo o ilken se esparramar e, com um rugido, cortou para cima com a espada à direita.

Rasgando o ilken atacando do umbigo ao esterno.

Sangue preto jorrou, e o ilken gritou, alto o suficiente para fazer as orelhas de Aedion tinirem. Mas tropeçou, caindo na neve, recuando enquanto agarrava sua barriga aberta.

Aedion corria com mais força, a dez metros de distância, o espaço entre eles claro.

O ilken que estava se esparramando à esquerda não estava acabado. O olhar de Lysandra em quem estava recuando, atacou suas pernas novamente.

Aedion jogou a Espada de Orynth com tudo o que restava nele enquanto Lysandra se voltava para o ilken atacante.

Ela começou a cair para trás, levantando o escudo em sua única defesa, ainda muito devagar para o escapar daqueles que alcançavam as garras.

As pontas escorregadias e cheias de veneno roçaram suas pernas no momento em que sua espada atravessou o crânio da fera.

Lysandra bateu na neve, gritando de dor, e Aedion estava lá, erguendo-a, arrancando a espada da cabeça da ilken e baixando-a no pescoço musculoso. Uma vez. Duas vezes.

A cabeça do ilken caiu na neve e na lama, a outra fera foi instantaneamente engolida pelos soldados de Morath que pararam para assistir.

Quem agora olhava para a rainha e seu general e cobrava.

Apenas para ser atendido por uma onda de soldados Terrasen passando por Aedion e Lysandra, os gritos de batalha se estilhaçando de suas gargantas.

Aedion arrastou a metamorfa mais para o fundo atrás das linhas reformadas, através dos soldados que haviam se reunido para a rainha.

Ele tinha que pegar o veneno, tinha que encontrar um curandeiro que pudesse extraí-lo imediatamente. Apenas alguns minutos até chegar ao coração dela— Lysandra tropeçou, um gemido em seus lábios.

Aedion balançou o escudo nas costas e puxou-a por cima do ombro. Um vislumbre em sua perna revelou pele desfiada, mas nenhum lodo esverdeado.

Talvez os deuses tivessem escutado. Talvez fosse a idéia deles de misericórdia: que o veneno do ilken tivesse se esgotado em outras vítimas antes de chegar a ela.

Mas só a perda de sangue... Aedion pressionou a mão na pele dilacerada e sangrenta para estancar o fluxo. Lysandra gemeu.

Aedion examinou o exército de reagrupamento para qualquer sugestão das faixas brancas dos curandeiros sobre seus capacetes.

Nenhum. Ele girou em direção às linhas de frente. Talvez houvesse um guerreiro Feérico com habilidade suficiente para curar, com magia suficiente Aedion parou. Contemplou o que se quebrou no horizonte.

Bruxas Dentes de Ferro.

Várias dezenas montadas em serpentes aladas.
Mas não no ar. As serpentes caminharam em terra.
Levantando uma gigantesca torre de pedra atrás deles.
Nenhuma torre de cerco comum.
Uma torre de bruxa.

Subiu trinta metros de altura, toda a estrutura foi construída em uma plataforma cuja fabricação ele não podia determinar com o ângulo do chão e as linhas de serpentes acorrentadas arrastando-a pela planície. Mais uma dúzia de bruxas voou no ar em volta, guardando-a. Pedras escuras – pedras de Wyrd – tinham sido usadas para fabricá-las, e fendas de janelas haviam sido intercaladas em todos os níveis.

Não fendas na janela. Portais por meio dos quais se inclinava o poder dos espelhos que revestiam o interior, como Manon Bico Negro havia descrito. Tudo capaz de ser ajustado para qualquer direção, qualquer foco.

Tudo de que precisavam era uma fonte de poder para os espelhos amplificarem e dispararem para o mundo.

Ah, deuses.

— *Recuem!* — Aedion gritou, mesmo enquanto seus homens continuavam a se reunir. — *RECUEM!*

Com sua visão Feérica, ele podia apenas distinguir o nível mais alto da torre, mais aberto aos elementos do que os outros.

Bruxas em vestes escuras estavam reunidas em torno do que parecia ser um espelho curvo inclinado no centro oco da torre.

Aedion girou e começou a correr, carregando a metamorfa com ele.

— *RECUEM!*

O exército viu o que se aproximava. Se eles perceberam que não era uma torre de cerco, eles entenderam sua ordem com clareza suficiente. O viram correndo, Aelin por cima do ombro.

Manon nunca tinha conhecido o alcance da torre, até onde poderia disparar a magia negra reunida dentro dela.

Não havia nenhum lugar para se esconder no campo. Nenhum mergulho na terra onde ele poderia jogar Lysandra e a si mesmo, rezando para a explosão passar por eles. Nada além de neve aberta e soldados frenéticos.

— *RECUEM!* — A garganta de Aedion se esforçou.

Ele olhou por cima do ombro enquanto as bruxas no topo da torre se separavam para passar através de uma pequena figura em vestes de ônix, seu cabelo pálido solto.

Uma luz negra começou a brilhar em torno da figura – a bruxa.

Ela levantou as mãos acima da cabeça, o poder se recuperando.

A Renúncia.

Manon Bico Negro havia descrito isso para eles. As bruxas Dentes de Ferro não tinham mágica a não ser isso. A capacidade de liberar o poder de sua deusa negra em uma explosão incendiária que levaria todos ao seu redor. Incluindo a bruxa em si.

Aquele poder sombrio ainda estava crescendo, crescendo ao redor da bruxa em uma aura profana, quando ela simplesmente saiu da borda do patamar da torre.

Bem no buraco no centro da torre.

Aedion continuou correndo. Não tinha escolha a não ser continuar se movendo, enquanto a bruxa caía no centro revestido de espelhos da torre e soltava o poder sombrio dentro dela.

O mundo estremeceu.

Aedion jogou Lysandra na lama e na neve e atirou-se sobre ela, como se de algum modo a poupasse da força que rugia da torre, bem no seu exército.

Um batimento cardíaco, o flanco esquerdo deles estava lutando quando eles recuaram mais uma vez.

Na seguinte, uma onda de luz negra bateu em quatro mil soldados.

Quando recuou, havia apenas cinza e metal amassado.

CAPÍTULO 48

As forças do khagan haviam infligido uma pancada suficiente a Morath que os tambores de osso haviam cessado.

Não é um sinal de derrota certa, mas o suficiente para fazer os passos mais pesados de Chaol se sentirem mais leves quando ele entrou na ampla tenda de guerra da Princesa Hasar. Seu *sulde* fora plantado do lado de fora, a crina roan soprando ao vento do lago. A própria lança de Sartaq fora afundada na lama fria ao lado da irmã dele. E ao lado da lança do herdeiro...

Apoiado em sua bengala, Chaol parou na lança de ébano que também havia sido plantada, a crina de azeviche ainda brilhando apesar de sua idade. Não para significar a realeza dentro, um marcador de sua herança Darghan, mas para representar o homem que eles serviram. *Crina de marfim para tempos de paz; a ébano para tempos de guerra.*

Ele não tinha percebido que o khagan tinha dado a seu herdeiro o ébano para trazer para essas terras.

Ao lado de Chaol, seu vestido salpicado de sangue, mas olhos claros, Yrene também parou. Eles viajaram por semanas com o exército, ainda vendo o sinal de seu compromisso com esta guerra irradiando os séculos de conquista que tinha supervisionado...

Parecia quase sagrado, aquele *sulde*. *Era sagrado.*

Chaol pôs a mão nas costas de Yrene, guiando-a pelas abas da tenda e entrando no espaço ornamentado. Para uma mulher que chegara a Anielle nem um pouco tarde demais, só Hasar conseguiria, de alguma forma, erguer sua tenda real durante a batalha.

Apoiando a bengala enlameada na plataforma de madeira elevada, Chaol cerrou os dentes enquanto subia o degrau. Mesmo os grossos tapetes de pelúcia não aliviavam a dor que atingia sua espinha, suas pernas.

Ele parou, apoiando-se pesadamente na bengala enquanto respirava, deixando o equilíbrio se reajustar.

O rosto salpicado de sangue de Yrene se apertou.

— Vamos colocar você em uma cadeira — ela murmurou, e Chaol assentiu. Sentar-se, mesmo que por alguns minutos, seria um abençoado alívio.

Nesryn entrou atrás deles e aparentemente ouviu a sugestão de Yrene, pois foi imediatamente até a mesa em torno da qual Sartaq e Hasar se encontravam e puxou uma cadeira de madeira esculpida. Com um aceno de gratidão, Chaol sentou.

— Não há sofá de ouro? — brincou a princesa Hasar, e Yrene corou, apesar do sangue em sua pele marrom dourada, e acenou para a amiga.

O divã que Chaol trouxera consigo do continente do sul – o divã do qual Yrene o curara, do qual ele conquistara o coração – ainda estava a salvo a bordo do navio. Esperando, caso sobrevivessem, ser a primeira peça de mobília da casa que ele construiria para a esposa.

Para a criança que ela carregava.

Yrene parou ao lado de sua cadeira e Chaol pegou sua mão magra na dele, entrelaçando os dedos. Imundo, os dois, mas ele não se importava. Nem ela, a julgar pelo aperto que ela lhe deu.

— Nós superamos a legião de Morath — disse Sartaq, poupando-os da provocação de Hasar, — mas como escolhemos cortá-los enquanto cortamos um caminho para a cidade ainda deve ser cuidadosamente pensado, por isso não gastamos muitas forças aqui.

Quando a luta real ainda estava à frente. Como se esses terríveis dias de cerco e derramamento de sangue, como se os homens hoje cortados, fossem apenas o começo.

Hasar disse:

— Sábio o suficiente.

Sartaq estremeceu ligeiramente.

— Pode não ter acabado assim. — Chaol ergueu uma sobancelha, Hasar fazendo o mesmo, e Sartaq disse: — Se você não tivesse chegado, irmã, eu estava a horas de soltar a represa e inundar a planície.

Chaol começou.

— Você estava?

O príncipe esfregou o pescoço.

— Uma última medida desesperada.

De fato. Uma onda desse tamanho teria varrido parte da cidade, as fontes planas e quentes e as léguas atrás dela. Qualquer exército em seu caminho teria se afogado – sido varrido. Pode até ter atingido o exército do khaganato, marchando para salvá-los.

— Então vamos ficar felizes por não termos feito isso— disse Yrene, com o rosto empalidecendo enquanto ela também considerava a destruição. Quão perto eles chegaram de um desastre. O fato de Sartaq ter admitido isso bastava: ele poderia ser o herdeiro, mas desejava que a irmã soubesse que ele também não estava acima de cometer erros. Que eles tiveram que pensar em qualquer plano de ação, por mais fácil que pareça.

Hasar, ao que parece, entendeu o ponto e assentiu.

Uma garganta limpa atravessou a tenda e todos se voltaram para as abas abertas para encontrar um dos capitães da Darghan, com o *sulde* cerrado na mão suja de lama. Alguém estava aqui para vê-los, gaguejou o homem. Nenhum real perguntou quem quando eles acenaram para o homem entrar.

Um momento depois, Chaol estava feliz por estar sentado.

Nesryn respirou.

— Santos deuses.

Chaol estava inclinado a concordar quando Aelin Galathynius, Rowan Whitethorn e vários outros entraram na tenda.

Eles estavam salpicados de barro, o cabelo trançado da Rainha de Terrasen muito mais longo do que Chaol tinha visto pela última vez.

E os olhos dela... Não o olhar suave e ardente. Mas algo mais antigo. Desgastado.

Chaol se levantou de um pulo.

— Eu pensei que você estivesse em Terrasen — ele desabafou. Todos os relatórios confirmaram isso. No entanto, aqui estava ela, nenhum exército à vista.

Três homens Feéricos - guerreiros imponentes, largos e musculosos como Rowan – haviam entrado, junto com uma delicada mulher humana de cabelos negros.

Mas Aelin estava apenas olhando para ele. Olhando e olhando para ele.

Ninguém falou quando lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela.

Não para ele estando aqui, percebeu Chaol, pegando a bengala e mancando em direção a Aelin.

Mas para ele. Em pé. Caminhando.

A jovem rainha soltou uma risada de alegria e jogou os braços ao redor de seu pescoço. A dor percorreu sua espinha pelo impacto, mas Chaol a segurou de volta, cada pergunta desaparecendo de sua língua.

Aelin estava tremendo quando ela se afastou.

— Eu sabia que você conseguiria — ela respirou, olhando para o corpo dele, para seus pés, depois para cima novamente. — Eu sabia que você faria isso.

— Não sozinho — disse ele densamente. Chaol engoliu em seco, liberando Aelin para estender um braço atrás dele. Para a mulher que ele conhecia estava lá, uma mão sobre o medalhão em seu pescoço.

Talvez Aelin não se lembrasse, talvez seu encontro anos atrás não tenha significado nada para ela, mas Chaol levou Yrene para a frente.

— Aelin, permita-me apresentar...

— Yrene Towers — a rainha respirou quando sua esposa deu um passo para o lado dele.

As duas mulheres se encararam.

A boca de Yrene estremeceu quando ela abriu o medalhão de prata e tirou um pedaço de papel. Mãos trêmulas, ela estendeu para a rainha.

As próprias mãos de Aelin tremeram quando ela aceitou o recado.

— Obrigada — sussurrou Yrene.

Chaol supôs que era tudo o que realmente precisava ser dito.

Aelin desdobrou o papel, lendo a nota que ela havia escrito, vendo as linhas das centenas de dobraduras e releituras nos últimos anos.

— Eu fui para a Torre — disse Yrene, com a voz embargada. — Eu peguei o dinheiro que você me deu e fui para a Torre. E eu me tornei a herdeira da Alta Curandeira. E agora voltei para fazer o que posso. Eu ensinei a todos os curandeiros que eu poderia as lições que você me mostrou naquela noite, sobre autodefesa. Eu não desperdicei – nem uma moeda que você me deu, ou um momento do tempo, a vida que você me comprou. Lágrimas rolavam e rolavam pelo rosto de Yrene. — Eu não perdi nada disso.

Aelin fechou os olhos, sorrindo através das próprias lágrimas e, quando os abriu, pegou as mãos trêmulas de Yrene.

— Agora é a minha vez de agradecer. — Mas o olhar de Aelin caiu sobre a aliança no dedo de Yrene, e quando ela olhou para Chaol, ele sorriu.

— Não mais como Yrene Towers — disse Chaol suavemente, — mas Yrene Westfall.

Aelin soltou uma daquelas risadas sufocadas e alegres, e Rowan se aproximou dela. A cabeça de Yrene se inclinou para trás para absorver toda a altura do guerreiro, os olhos arregalados – não apenas no tamanho de Rowan, mas nas orelhas pontudas, nos caninos ligeiramente alongados e nas tatuagens. Aelin disse:

— Então deixe-me apresentá-la, Lady Westfall, ao meu marido, o príncipe Rowan Whitethorn Galathynius.

Pois aquela era de fato uma aliança de casamento no dedo da rainha, a esmeralda lamacenta mas brilhante. Na própria mão de

Rowan, um anel de ouro e rubi brilhava.

— Meu parceiro — acrescentou Aelin, piscando os olhos para o homem Feérico. Rowan revirou os olhos, mas não conseguiu conter o sorriso quando inclinou a cabeça para Yrene.

Yrene fez uma reverência, mas Aelin bufou.

— Nada disso, por favor. Vai direto à sua cabeça imortal. — O sorriso dela se suavizou quando Yrene corou e Aelin levantou o pedaço de papel. — Posso ficar com isso? — Ela olhou para o medalhão de Yrene. — Ou vai para lá?

Yrene dobrou os dedos da rainha ao redor do papel.

— É seu, como sempre foi. Um pedaço de sua bravura que me ajudou a encontrar a minha própria.

Aelin sacudiu a cabeça, como se quisesse rejeitar a afirmação.

Mas Yrene apertou a mão fechada de Aelin.

— Isso me deu coragem, as palavras que você escreveu. Cada milha que eu viajei, toda longa hora eu estudei e trabalhei, isso me deu coragem. Eu agradeço por isso também.

Aelin engoliu em seco, e Chaol tomou como desculpa suficiente para se sentar novamente, com as costas dando um tom agradecido.

Ele disse à rainha:

— Há outra pessoa responsável por este exército estar aqui. — Ele apontou para Nesryn, a mulher já sorrindo para a rainha. — O rukhin que você vê, o exército reunido, é tanto por causa de Nesryn quanto por minha causa.

Uma faísca iluminou os olhos de Aelin e as duas mulheres se encontraram no meio de um abraço apertado.

— Eu quero ouvir toda a história — disse Aelin. — Cada palavra.

O sorriso submisso de Nesryn se ampliou.

— Então você irá. Mas depois. — Aelin deu um tapinha no ombro e se virou para os dois membros da realeza ainda à mesa. Alto e majestoso, mas tão sujo de lama quanto a rainha.

Chaol disse:

— Dorian?

Rowan respondeu.

— Não está com a gente — ele olhou para a realeza.

— Eles sabem tudo — disse Nesryn.

— Ele está com Manon — disse Aelin simplesmente. Chaol não tinha certeza se deveria ficar aliviado. — Caçando algo importante.

As chaves. Santos deuses.

Aelin assentiu. Mais tarde. Ele pensaria em onde Dorian poderia estar mais tarde. Aelin assentiu novamente. A história completa viria então também.

Nesryn disse:

— Posso apresentar a princesa Hasar e o príncipe Sartaq.

Aelin inclinou-se – baixo.

— Você tem a minha eterna gratidão — disse Aelin, e a voz que saiu dela era de fato de uma rainha.

Qualquer choque que Sartaq e Hasar tivessem mostrado sobre a rainha que se curvava tão baixo estava oculto quando se curvaram para trás, o retrato da graça da corte.

— Meu pai — disse Sartaq, — permaneceu no khaganato para supervisionar nossas terras, junto com nossos irmãos Duva e Arghun. Mas meu irmão Kashin navega com o resto do exército. Ele não estava duas semanas atrás de nós quando saímos.

Aelin olhou para Chaol e assentiu. Algo brilhou em seus olhos com a confirmação, mas a rainha apontou o queixo para Hasar.

— Você recebeu minha carta?

A carta que Aelin enviara meses atrás, implorando por ajuda e prometendo apenas um mundo melhor em troca.

Hasar mexeu as unhas.

— Possivelmente. Recebo cartas demais de outras princesas hoje em dia para lembrar ou responder a todas elas.

Aelin sorriu, como se as duas falassem uma língua que ninguém mais pudesse entender, um código especial entre duas mulheres igualmente arrogantes e orgulhosas. Mas ela fez sinal para seus companheiros, que se adiantaram.

— Permitam-me apresentar meus amigos. Lorde Gavriel, de Doranelle. — Um aceno para o guerreiro de olhos dourados e

cabelos dourados que se curvou. Tatuagens cobriam seu pescoço, suas mãos, mas cada movimento dele era gracioso. — Meu tio, mais ou menos — Aelin acrescentou com um sorriso para Gavriel. Sob as sobancelhas estreitas de Chaol, ela explicou: — Ele é o pai de Aedion.

— Bem, isso explica algumas coisas — resmungou Nesryn.

O cabelo, o rosto largo aplainado... sim, era o mesmo. Mas onde Aedion era fogo, Gavriel parecia ser pedra. De fato, seus olhos eram solenes quando ele disse:

— Aedion é meu orgulho.

Emoção ondulou sobre o rosto de Aelin, mas ela apontou para o macho de cabelos escuros. Não havia alguém com quem Chaol quisesse se misturar, ele decidiu, enquanto examinava as feições de granito, os olhos negros e a boca sem sorriso.

— Lorcan Salvaterre, anteriormente de Doranelle, e agora um membro juramentado de sangue da minha corte. — Como se isso não fosse um choque suficiente, Aelin piscou para o macho imponente. Lorcan franziu o cenho. — Ainda estamos no período de adaptação — ela sussurrou em voz alta, e Yrene riu.

Lorcan Salvaterre. Chaol não conheceu o homem nesta primavera em Forte da Fenda, mas ele ouviu tudo sobre ele. Que ele era o comandante mais confiável de Maeve, seu guerreiro mais leal e feroz. Que ele queria matar Aelin, odiava Aelin. Como isso aconteceu, porque ela não estava em Terrasen com seu exército...

— Você também tem uma história para contar — disse Chaol.

— De fato, eu sei — os olhos de Aelin derreteram, e Rowan colocou uma mão em sua parte inferior das costas. Ruim — algo terrível ocorrera. Chaol examinou Aelin por algum indício disso.

Ele parou quando notou a suavidade da pele em seu pescoço. A falta de cicatrizes. As cicatrizes que faltavam nas mãos dela, as palmas das mãos.

— Mais tarde — disse Aelin suavemente. Ela endireitou os ombros e outro macho de cabelos dourados avançou. Lindo. Essa foi a única

maneira de descrevê-lo. — Fenrys... Você sabe, eu realmente não sei o nome da sua família.

Fenrys deu uma piscadela maliciosa para a rainha.

— Moonbeam.

— Não é — Aelin assobiou, engasgando com uma risada.

Fenrys colocou a mão em seu coração.

— Eu tenho juramento de sangue com você. Eu mentiria?

Outro homem Feérico de sangue em sua corte. Do outro lado da tenda, Sartaq amaldiçoou em sua própria língua. Como se ele tivesse ouvido falar de Lorcan, Gavriel e Fenrys.

Aelin deu a Fenrys um gesto vulgar que pôs Hasar rindo e encarou a realeza.

— Eles são mal domesticados. Dificilmente se encaixa em sua ótima companhia. — Até Sartaq sorriu com isso. Mas foi para a mulher pequena e delicada que Aelin agora gesticulou. — E o único membro civilizado da minha corte, Lady Elide Lochan de Perranth.

Perranth. Chaol vasculhara as árvores genealógicas de Terrasen naquele inverno, vira as listas de tantas famílias reais riscadas, vítimas da conquista há dez anos.

O nome de Elide estava entre eles. Outra realeza de Terrasen que conseguira fugir dos açougueiros de Adarlan.

A jovem bonita deu um passo mancando e fez uma reverência para a realeza. Suas botas escondiam qualquer sinal da origem da lesão, mas a atenção de Yrene foi atirada diretamente em sua perna.

O tornozelo dela.

— É uma honra conhecer todos vocês — disse Elide, sua voz baixa e firme. Seus olhos escuros varreram sobre eles, astutos e claros. Como ela podia ver abaixo de sua pele e ossos, para as almas abaixo.

Aelin limpou as mãos.

— Bem, isso está feito e acabado — ela anunciou, e caminhou até a mesa e mapeou. — Vamos discutir para onde vocês planejam marchar assim que vencermos o exército?

CAPÍTULO 49

Rowan estava falando com o capitão de seu navio quando o ruk passou voando.

De acordo com seu parceiro, o ruk quase bateu direto no navio graças ao denso nevoeiro no mar. Um batedor – de uma armada ao sul.

Uma tripulação esquelética permaneceu entre eles, embora o explorador não tivesse conhecimento dos planos da realeza. Tudo o que ela sabia era que o exército dos khagans tinha ido para Anielle.

Onde eles iriam depois disso – para Forte da Fenda, para Eyllwe – não havia sido decidido.

Então Aelin iria ajudá-los a decidir. Certificar-se de que quando este negócio com Anielle terminasse, o exército de khagan marcharia para o norte. Para Terrasen.

E em nenhum outro lugar. O que quer que ela precisasse fazer para convencê-los, oferecê-los em troca, ela faria. Mesmo se transportar a Anielle significasse atrasar seu próprio retorno a Terrasen.

Ela supôs que seria melhor voltar com um exército atrás dela do que sozinha.

No entanto, agora, parado na tenda de guerra da realeza, Aelin ainda não conseguia acreditar em quantos khagan haviam enviado. Com mais por vir, o príncipe Sartaq havia reivindicado.

Eles passaram pelas tendas organizadas e pelos soldados, tanto a pé quanto a cavalaria imponente e inspiradora. Os Darghan, os lendários cavaleiros das estepes do khaganate. As pessoas da família da real, que tinham tomado o continente por si mesmas.

E então eles viram os ruks, e até mesmo o miserável Lorcan xingou ao admirar os poderosos e belos pássaros enfeitados com armaduras ornamentadas, e os cavaleiros armados em cima deles. O batedor era uma coisa. Um exército deles teria sido glorioso.

Um olhar para Rowan disse a ela que a mente perspicaz já estava calculando um plano.

Então Aelin perguntou casualmente, dando um sorriso para a realza:

— Onde vocês planejam ir depois disso?

Princesa Hasar, tão perspicaz quanto o parceiro de Aelin, devolveu seu sorriso – uma coisa afiada de pouca beleza.

— Sem dúvida, você está prestes a começar um esquema para nos convencer a ir a Terrasen.

O quarto ficou tenso, mas Aelin bufou.

— Começar? Quem disse que eu já não estou no meio disso?

— Deuses nos ajudem — Chaol murmurou. Rowan ecoou o sentimento.

Hasar abriu a boca, mas o príncipe Sartaq interrompeu:

— Para onde marchamos será decidido depois que Anielle estiver garantida. — O rosto do príncipe permaneceu sério, calculista – mas não frio. Aelin decidira em instantes que gostava dele. E gostava ainda mais dele quando descobriu que ele acabara de ser coroado o herdeiro do khagan. Com Nesryn como sua noiva em potencial.

Potencial, para diversão de Aelin, porque Nesryn não estava tão interessada em ser a imperatriz do mais poderoso império do mundo.

Mas o que Sartaq dissera...

Elide deixou escapar:

— Você não quer ir a Terrasen?

Aelin ficou imóvel, os dedos se curvando ao lado do corpo.

O príncipe Sartaq disse cuidadosamente:

— Tinha sido nosso plano inicial ir para o norte, mas pode haver outros lugares como Anielle precisando de libertação.

— Terrasen precisa de ajuda — disse Rowan, seu rosto o retrato de calma de aço enquanto ele pesquisava seus novos aliados e velhos amigos.

— E, no entanto, Terrasen não pediu isso — contrapôs Hasar, totalmente indiferente ao muro de guerreiros Feéricos que a encaravam. Exatamente o tipo de pessoa que Aelin esperava que ela fosse quando ela escreveu para ela todos aqueles meses atrás.

Chaol pigarreou. Deuses acima, Chaol estava *andando* novamente. E casado com Yrene Towers, que o curou.

Um fio em uma tapeçaria. Foi como se sentiu na noite em que ela deixou o ouro para Yrene em Innish. Como puxar um fio em uma tapeçaria, e ver o quão longe e largo foi.

Todo o caminho para o continente do sul, parecia. E ele tinha ondulado de volta com um exército e um amigo feliz e curado. Ou tão feliz quanto qualquer um deles pode estar no momento.

Aelin encontrou o olhar de Chaol.

— Concentre-se em vencer esta batalha — disse ele, acenando uma vez em compreensão para o fogo que ela sabia que ardia em seus olhos — e então vamos decidir.

Princesa Hasar sorriu para Aelin.

— Então, certifique-se de nos impressionar.

Mais uma vez, essa tensão percorreu a sala.

Aelin manteve o olhar da princesa. Sorriu levemente. E não disse nada.

Nesryn se mexeu, como se bem sabendo o que aquele silêncio poderia significar.

— Quão sólidas são as paredes da fortaleza? — Gavriel perguntou a Chaol, gentilmente afastando a conversa.

Chaol esfregou a mandíbula.

— Eles já enfrentaram cercos antes, mas Morath os está martelando há dias. As ameias são sólidas o suficiente, mas outros poucos golpes das catapultas e torres podem começar a cair.

Rowan cruzou os braços.

— As paredes foram quebradas hoje?

— Elas foram — disse Chaol severamente. — Por uma torre de cerco. Os ruks não conseguiram chegar a tempo de derrubá-la. — Nesryn se encolheu, mas a Sartaq não pediu desculpas. Chaol prosseguiu: — Asseguramos as muralhas, mas os soldados Valg cortaram vários de nossos homens — isto é, de Anielle.

Aelin examinou o mapa, bloqueando o desafio da princesa de olhos ferozes que era um espelho de muitas maneiras.

— Então, como nós tocamos? Nós batemos nas linhas, ou as apanhamos uma a uma?

Nesryn apontou um dedo para o mapa, bem em cima do Lago de Prata.

— E se nós os empurrarmos para o lago em si?

Hasar cantarolou, todos os traços de insultos se foram. Morath colocou-se insensatamente em sua ganância para saquear a cidade.

Eles não estimaram serem atropelados pelo Darghan, ou separados pelo rukhin.

Aelin olhou de soslaio para Rowan. Encontrou-o já olhando para ela.

Nós vamos convencê-los a ir para Terrasen, seu parceiro disse em silêncio.

Chaol se inclinou para frente, tremeu um pouco e passou o dedo pela costa oeste do lago.

— Esta parte do lago, infelizmente, está a menos de cem metros da costa. O exército pode ser capaz de sair dali e nos arrastar para a água.

— Algumas horas naquela água — Yrene respondeu, boca uma linha apertada, — iria matá-los. A hipotermia se instalaria rapidamente. Talvez em poucos minutos, dependendo do vento.

— Isso é se o Valg se tornar vítima de tais coisas — disse Hasar. — Eles não morrem como homens verdadeiros em muitos aspectos, e você afirma que eles vêm de uma terra de escuridão e frio. — Então, a realeza realmente sabia sobre seus inimigos. — Nós podemos empurrá-los na água para descobrir que eles não se importam. E, ao fazê-lo, corremos o risco de expor nossas tropas

aos elementos. — A princesa espetou as paredes da fortaleza. — É melhor empurrá-los para a pedra, quebrando-os contra ela.

Aelin estava inclinada a concordar.

Lorcan abriu a boca para dizer alguma coisa, sem dúvida, desagradável, mas passos batendo na lama do lado de fora da tenda fizeram com que se virassem em direção à entrada muito antes de uma jovem bonita de cabelos escuros entrar, com tranças gêmeas balançando.

— Você não acreditaria que...

Ela parou ao ver Aelin. Vendo os machos Feérico. Sua boca estalou em um O.

Nesryn riu.

— Borte, conheça...

Outro conjunto de degraus na lama, mais pesado e mais lento do que os movimentos rápidos de Borte, e então um jovem tropeçou, sua pele não era o marrom dourado de Borte ou a realeza, mas pálida.

— Está de volta — ele arquejou, boquiaberto para Nesryn. — Por dias agora, eu jurei que senti algo, notei mudanças, mas hoje tudo voltou.

Nesryn inclinou a cabeça, a cortina de cabelos escuros deslizando sobre um ombro blindado.

— Quem...

Borte apertou o braço do jovem.

— *Falkan*. É *Falkan*, Nesryn.

O príncipe Sartaq foi para o lado de Nesryn, gracioso como qualquer guerreiro Feérico.

— Como.

Mas o jovem se virou para Aelin, estreitando os olhos. Como se estivesse tentando reconhecê-la.

Então ele disse:

— A assassina do mercado em Xandria.

Aelin arqueou uma sobrancelha.

— Espero que o cavalo que eu roubei não pertença a você.

Uma tosse de Fenrys. Aelin lançou ao guerreiro um sorriso por cima do ombro.

Os olhos do jovem correram pelo rosto dela, depois pousaram na enorme esmeralda em seu dedo. O rubi ainda maior no punho de Goldryn.

Borte disse a Nesryn:

— Um minuto, estávamos jantando na fogueira e depois, Falkan apertou seu estômago como se ele fosse vomitar sua coragem em todo mundo — um olhar de Falkan em Borte. — E então seu cara era jovem. Ele é jovem.

— Eu sempre fui jovem — Falkan murmurou. — Eu apenas não parecia assim. — Seus olhos cinzentos encontraram novamente o de Aelin. — Eu te dei um pedaço da Seda da Aranha.

Por uma batida do coração, o então e o agora se misturaram e vacilaram.

— O comerciante — murmurou Aelin. Ela o viu pela última vez no deserto vermelho parecendo vinte anos mais velho. — Você vendeu sua juventude para uma aranha stygian.

— Vocês dois se conhecem? — Nesryn ficou boquiaberta.

— Os fios do destino se entrelaçam de formas estranhas — disse Falkan, depois sorriu para Aelin. — Eu nunca soube seu nome.

Hasar riu do outro lado da mesa.

— Você já sabe, metamorfo.

Antes que Falkan pudesse descobrir, Fenrys se adiantou.

— Metamorfo?

Mas Nesryn disse:

— E o tio de Lysandra.

Aelin caiu na cadeira ao lado de Chaol. Rowan pousou a mão no ombro dela e, quando olhou para cima, encontrou-o quase às gargalhadas.

— O que é tão engraçado, exatamente? — Ela sussurrou.

Rowan sorriu.

— Que por uma vez, *você* é a única que é derrubada por uma surpresa.

Aelin mostrou a língua. Borte sorriu e Aelin piscou para a garota. Mas Falkan disse a Aelin e seus companheiros:

— Você conhece minha sobrinha.

Seu irmão deve ter sido muito mais velho por ter sido pai de Lysandra. Não havia nada de Falkan no rosto de sua amiga, embora Lysandra também tivesse esquecido sua forma original.

— Lysandra é minha amiga e Lady de Caraverre — disse Aelin.

— Ela não está conosco —, acrescentou em cima do olhar esperançoso de Falkan em direção às abas da tenda. — Ela está no norte.

Borte voltou a estudar os homens Feéricos. Não sua beleza considerável, mas seu tamanho, suas orelhas pontudas, suas armas e caninos alongados. Aelin sussurrou conspiradoramente para a garota: — Faça-os rolar antes de oferecer-lhes um presente.

Lorcan olhou furioso, mas Fenrys se moveu rapidamente, o enorme lobo branco enchendo o espaço.

Hasar xingou, Sartaq recuou um passo, mas Borte sorriu.

— Vocês são todos verdadeiramente Feéricos, então.

Gavriel, sempre o cavaleiro galante, esboçou um arco. Lorcan, o bastardo, apenas cruzou os braços.

No entanto, Rowan sorriu para Borte.

— Na verdade nós somos.

Borte se virou para Aelin.

— Então você é Aelin Galathynius. Você parece exatamente como Nesryn disse.

Aelin sorriu para Nesryn, a mulher encostada no lado de Sartaq.

— Espero que você tenha dito coisas horríveis sobre mim.

— Só o pior — disse Nesryn com um tom inexpressivo, embora sua boca se contorcesse.

Mas Falkan sussurrou:

— A rainha — e caiu de joelhos.

Hasar riu.

— Ele nunca mostrou esse tipo de admiração quando nos conheceu.

Sartaq ergueu as sobrancelhas.

— Você disse a ele para se transformar em um rato e fugir.

Aelin ergueu Falkan pelo ombro.

— Eu não posso ter o tio da minha amiga ajoelhado no chão, posso?

— Você disse que era uma assassina. — Os olhos de Falkan estavam tão arregalados que os brancos ao redor deles brilhavam.

— Você roubou cavalos do Senhor de Xandria...

— Sim, sim — disse Aelin, acenando com a mão. — É uma longa história e estamos no meio de um conselho de guerra, então...

— Cai fora? — Falkan terminou.

Aelin riu, mas olhou para Nesryn e Sartaq. A primeira empurrou o queixo para Falkan.

— Ele se tornou nosso tipo de espião. Ele se junta a nós nessas reuniões.

Aelin assentiu, depois piscou para o metamorfo.

— Eu suponho que você não precisava de mim para matar essa aranha stygian, afinal.

Mas Falkan ficou tenso, sua atenção indo para Nesryn e Sartaq, para Borte, ainda olhando para os homens Feéricos.

— Eles sabem?

Aelin tinha a sensação de que ela precisaria se sentar novamente. Chaol realmente deu um tapinha na cadeira ao lado dele, ganhando uma risada de Yrene.

Fazendo um favor a si mesma, Aelin realmente se sentou, Rowan ocupando seu lugar atrás dela, com as duas mãos pousando em seus ombros. Seu polegar correu ao longo de sua nuca, em seguida, deslizou sobre as marcas de parceria novamente cicatrizando um lado graças à água do mar que eles usaram para selá-las.

Mas enquanto seus músculos se acalmavam sob aquele toque amoroso, sua alma com ela, sua respiração permanecia firme.

Não melhorou quando Nesryn disse:

— As aranhas stygian são Valg.

Silêncio.

— Encontramos seus parentes, os *kharankui*, nas profundezas do Dagul Fells. Eles vieram a este mundo através de uma fissura temporária entre os reinos e ficaram depois para proteger a entrada, caso ela reaparecesse.

— Isso não pode acabar bem — murmurou Fenrys. Elide cantarolou seu acordo.

— Eles se alimentam de sonhos e anos e da vida — disse Falkan, com a mão no próprio peito. — Como meus amigos disseram que os Valgs fazem.

Aelin vira príncipes Valg drenar um humano de toda a última gota de juventude e vigor e deixar apenas um cadáver seco para trás. Ela não passaria pelas aranhas para ter um presente parecido.

— O que isso significa para a guerra? — Rowan perguntou, seus polegares ainda acariciando o pescoço de Aelin.

— Se elas vão se juntar às forças de Erawan é a melhor pergunta — Lorcan desafiou com uma cara de pedra.

— Eles não respondem a Erawan — disse Nesryn em voz baixa, e Aelin sabia. Sabia pelo olhar que Chaol lhe deu, a simpatia e o medo, sabia em seus ossos antes que Nesryn terminasse. — As aranhas stygian, os *kharankui*, respondem à sua rainha Valg. A única rainha Valg. A Maeve.

CAPÍTULO 50

As mãos de Rowan se apertaram nos ombros de Aelin quando as palavras se assentaram nela, vazias e frias.

— Maeve é uma rainha Valg? — Ele respirou.

Aelin não disse nada. Não foi possível encontrar as palavras.

Seu poder se agitou. Ela não sentiu isso.

Nesryn assentiu solenemente.

— Sim. O *kharankui* nos contou toda a história.

E assim Nesryn também. De como Maeve de alguma forma encontrou um caminho para este mundo, fugindo ou entediada com o marido, Orcus. Irmão mais velho de Erawan. De como Erawan, Orcus e Mantyx haviam destruído mundos para encontrá-la, a esposa desaparecida de Orcus, e só pararam aqui porque os Feéricos se levantaram para desafiá-los. Feéricos liderados por Maeve, a quem os reis Valgs não conheciam ou reconheciam, na forma que ela havia tomado.

A vida que ela criou para si mesma. As mentes de todos os Feéricos que existiram e que ela havia invadido, convencendo-os de que havia três rainhas, não duas. Incluindo as mentes de Mab e Mora, as duas rainhas-irmãs que haviam governado Doranelle. Incluindo o próprio Brannon.

— As aranhas alegaram — continuou Nesryn. — Que nem Brannon sabia. Mesmo agora, no Além-Mundo, ele não sabe. Foi assim que os profundos poderes de Maeve entraram em sua mente, em todas as suas mentes. Ela se fez sua verdadeira rainha.

As palavras, a verdade, atacaram Aelin, uma após a outra.

O rosto de Elide estava branco como a morte.

— Mas ela teme os curandeiros. — Um aceno para Yrene. — Ela guarda aquela coruja, você disse... uma curandeira Feérica escravizada... se os Valgs alguma vez a descobrissem.

Pois essa era a outra parte dela. A outra coisa que Nesryn revelou, Chaol e Yrene acrescentando em suas próprias histórias.

Os Valgs eram parasitas. E Yrene poderia curar seus hospedeiros humanos deles. Fizera isso para a princesa Duva. E pode ser capaz de fazer com tantos outros escravizados com anéis ou colares.

Mas o que infestou Duva... Uma princesa Valg.

Aelin recostou-se na cadeira, a cabeça apoiada na parede sólida do corpo de Rowan. Suas mãos tremiam contra seus ombros. Tremiam como ele parecia perceber o que, exatamente, tinha rasgado em sua mente. De onde vinha o poder de Maeve, isso permitia que ela o fizesse. Por que ela permaneceu imortal e sem idade, e sobreviveu a qualquer outra. Porque o poder de Maeve *era* a escuridão.

— É também por isso que ela teme o fogo — disse Sartaq, sacudindo o queixo para Aelin. — Por que ela teme tanto você.

E porque ela queria quebrá-la. Ser como aquela curandeira escrava presa em forma de coruja ao seu lado.

— Eu acho, eu consegui cortá-la uma vez — disse Aelin, finalmente. Aquela escuridão antiga e silenciosa entrou, arrastando-a para baixo, para baixo, para baixo... — Eu vi o sangue dela escorrer em preto. Então mudou para vermelho. — Ela soltou um suspiro, saindo da escuridão, o silêncio que queria devorá-la inteira. Fez-se endireitar. Espreitar Fenrys. — Você disse que seu sangue era comum quando você fez o juramento.

O lobo branco voltou para o seu corpo Feérico. Sua pele de bronze estava pálida, seus olhos escuros nadando com pavor.

— Ele era.

Rowan rosou.

— Não foi nada diferente para mim também.

— Um glamour, como a forma que ela mantém — ponderou Gavriel.

Nesryn assentiu.

— Pelo que as aranhas disseram, parece perfeitamente possível que ela fosse capaz de convencê-lo de que seu sangue parecia e tinha gosto de sangue Feérico.

Fenrys fez um som como se estivesse doente. Aelin estava inclinada a fazer o mesmo.

E de longe – uma memória que não era uma memória agitou. Das noites de verão passadas em um vale de floresta, Maeve instruindo-a. Contando a ela uma história sobre uma rainha que caminhava entre mundos.

Que não se contentou com o reino em que ela nasceu, e encontrou uma maneira de sair, usando o conhecimento perdido de antigos viajantes. Caminhantes do mundo.

Maeve havia dito a ela. Talvez um conto distorcido, tendencioso, mas ela disse a ela. Por quê? Por que tudo isso? Alguma maneira de conquistá-la – ou fazê-la hesitar, se alguma vez chegar a esse ponto?

— Mas Maeve odeia os reis Valgs — disse Elide, e mesmo do lugar silencioso à deriva para o qual Aelin se fora, ela pôde ver a mente afiada revolvendo-se atrás dos olhos de Elide. — Ela está escondida por tanto tempo. Certamente ela não iria aliar-se a eles.

— Ela correu para a chance de conseguir um colar Valg — disse Fenrys sombriamente. — Parecia convencida de que ela poderia controlar o príncipe dentro dele.

Não só através do poder de Maeve, mas porque ela era uma rainha demônio.

Aelin se forçou a respirar novamente. De novo. Seus dedos se curvaram, segurando uma arma invisível.

Lorcan não pronunciara uma palavra. Não tinha feito nada além de ficar ali, pálido e silencioso. Como se ele tivesse parado de estar em seu corpo também.

— Não sabemos os planos dela — disse Nesryn. — Os *kharankui* não a veem há milênios e só ouvem sussurros transmitidos por

aranhas menores. Mas eles ainda a adoram e esperam pelo retorno dela.

Chaol encontrou o olhar de Aelin, seu olhar questionador.

Aelin disse baixinho:

— Eu fui prisioneira de Maeve por dois meses.

Silêncio absoluto na tenda. Então ela explicou – tudo. Por que ela não estava em Terrasen, que agora lutava, onde Dorian e Manon tinham ido.

Aelin engoliu enquanto terminava, apoiando-se no toque de Rowan.

— Maeve desejou que eu revelasse a localização das duas Chaves de Wyrđ. Queria que eu as entregasse, mas consegui tirá-las antes que ela me levasse. Para Doranelle. Ela queria me quebrar a vontade dela. Para me usar para conquistar o mundo, acho. Mas talvez agora pareça que ela queria me usar como escudo contra os Valgs, para protegê-la sempre. — As palavras saíram pesadas e afiadas. — Eu fui cativa dela até quase um mês atrás.— Ela acenou com a cabeça em direção a sua corte. — Quando me livrej, eles me encontraram novamente.

O silêncio caiu novamente, seus novos companheiros perdidos.

Ela não os culpou.

Então Hasar sussurrou:

— Nós faremos a vadia pagar por isso também, não faremos?

Aelin encontrou o olhar sombrio da princesa.

— Sim, nós vamos.



A verdade bateu em Rowan como um golpe físico.

Maeve era Valg.

Uma rainha Valg. Cujo marido afastado invadiu este mundo e, se Chaol estava certo, desejava entrar de novo, se Erawan conseguisse abrir o portal de Wyrđ.

Ele sabia que seu quadro, ou o que quer que fosse chamado agora, estava em choque. Sabia que ele próprio caíra em algum tipo

de estupor.

A fêmea que eles serviram, se curvaram... Valg.

Eles tinham sido tão completamente enganados que nem sequer tinham provado isso em seu sangue.

Fenrys parecia que ia esvaziar o conteúdo do estômago no chão da tenda. Para ele, a verdade seria a mais horrenda.

O rosto de Lorcan permaneceu frio e vazio. Gavriel continuou esfregando a mandíbula, seus olhos nadando com desânimo.

Rowan soltou um longo suspiro.

Uma rainha Valg.

Foi quem segurou a sua Coração de Fogo. Que tipo de poder tentou invadir sua mente.

Que poder *havia* invadido a mente de Rowan. Todas as suas mentes, se ela podia glamourar seu sangue para parecer e saborear comum.

Ele sentiu a tensão aumentando em Aelin, uma tempestade furiosa que quase zumbiu em suas mãos quando ele agarrou seus ombros.

No entanto, suas chamas não fizeram nenhuma aparição. Elas não mostraram tanto quanto uma brasa nessas semanas, apesar do quão duro eles estavam treinando.

Ocasionalmente, ele espiava o rubi de Goldryn brilhando enquanto ela o segurava, como se o fogo brilhasse no coração da pedra. Mas nada mais.

Nem mesmo quando eles se enroscaram na cama deles no navio, quando seus dentes encontraram aquela marca em seu pescoço.

Elide procurou todos eles, seu silêncio e disse aos novos companheiros:

— Talvez devêssemos determinar um plano de ação com relação à batalha de amanhã. — E dar-lhes tempo, mais tarde nesta noite, para resolver essa bagunça colossal.

Chaol assentiu.

— Trouxemos um baú de livros conosco — disse ele a Aelin. — Da Torre. Eles estão todos cheios de Marcas de Wyrd. — Aelin não

piscou, mas Chaol terminou: — Se passarmos por essa batalha, eles são seus para ler. No caso de haver algo que possa ajudar. — Contra Erawan, contra Maeve, contra o terrível destino de sua parceira.

Aelin apenas assentiu vagamente.

Então Rowan se forçou a afastar o choque, desgosto e medo, e se concentrar no plano à frente. Apenas Gavriel parecia capaz de fazer o mesmo, Fenrys permanecendo onde ele estava, e Lorcan apenas olhando e encarando o nada.

Aelin permaneceu em sua cadeira, fervendo. Irritada.

Eles planejaram isso de forma rápida e eficiente: eles retornariam com Chaol e Yrene para a fortaleza, para ajudar na luta de amanhã. A realeza khaganato iria empurrar a partir daqui, Nesryn e o Príncipe Sartaq liderando os ruks, e a Princesa Hasar comandando os soldados de infantaria e a cavalaria Darghan.

Um grupo letal e brilhantemente treinado. Rowan já havia marcado os soldados Darghan, com seus belos cavalos e armaduras, suas lanças e capacetes com crista, enquanto eles caminhavam para esta tenda, e soltou um suspiro de alívio por sua habilidade. Talvez o último suspiro de alívio que ele teria nessa guerra.

Certamente, se as forças do khagan ainda não tivessem decidido para *onde* iriam levar este exército depois.

Ele supunha que era justo – tantos territórios estavam agora no caminho de Morath – mas quando essa batalha terminasse, ele se certificaria de que marchassem para o norte. Para Terrasen.

Mas amanhã – amanhã eles martelariam a legião de Morath contra as muralhas da fortaleza, Chaol e Rowan liderando os homens de dentro, pegando soldados inimigos.

Aelin não se ofereceu para fazer nada. Não indicou que ela os ouviu.

E quando todos consideraram o plano, juntamente com um plano de contingência, se tudo desse errado, Nesryn apenas disse:

— Nós vamos encontrá-lo para transportá-lo de volta para a fortaleza — antes de Aelin invadir a noite fria, Rowan mal acompanhando ela.

Nenhuma brasa a seguiu. A lama não assobiou embaixo de suas botas.

Não houve fogo algum. Não uma faísca.

Como se Maeve tivesse apagado aquela chama. Fizesse ela temer isso.

Odiar isso.

Aelin atravessou as tendas ordenadamente organizadas, passando por cavalos e seus cavaleiros blindados, passando por soldados a pé ao redor de fogueiras, passando pelos cavaleiros ruk e seus poderosos pássaros, que o encheram de tanta admiração que ele não teve palavras para isso. Todo o caminho até a borda leste do acampamento e as planícies que se estendiam, o espaço amplo e oco após a proximidade do exército.

Ela não parou até chegar a um riacho que eles cruzaram apenas algumas horas atrás. Estava quase congelado, mas uma batida de sua bota tinha o gelo rachando. Rompendo para revelar a água escura beijada com a luz das estrelas prateadas.

Então ela caiu de joelhos e bebeu.

Bebeu e bebeu, colocando a água na boca. Tinha que ser frio o suficiente para queimar, mas ela continuou até que ela apoiou as mãos nos joelhos e disse:

— Eu não posso fazer isso.

Rowan afundou em um joelho, o escudo que ele mantinha ao redor dela enquanto ela espreitava aqui, selando o vento frio da planície aberta.

— Eu... eu não *posso*... — Ela respirou estremecendo e cobriu o rosto com as mãos molhadas.

Suavemente, Rowan agarrou seus pulsos e os abaixou.

— Você não enfrentará isso sozinha.

Angústia e terror encheram aqueles belos olhos, e seu peito se apertou ao ponto de doer quando ela disse:

— É um tiro tolo contra Erawan. Mas contra ele e Maeve? Ela reuniu um exército para ela. Provavelmente está trazendo o exército

para Terrasen agora. E se Erawan convocar seus dois irmãos, se os outros reis retornarem...

— Ele precisa das outras duas chaves para fazer isso. Ele não as tem.

Seus dedos se curvaram, cavando em suas palmas com força suficiente para que o cheiro de seu sangue enchesse o ar.

— Eu deveria ter ido atrás das chaves. Imediatamente. Não vir aqui. Não fazer isso.

— É a tarefa de Dorian agora, não a sua. Ele não falhará com isso.

— É a minha tarefa, e sempre foi...

— Nós fizemos a escolha de vir aqui, e vamos nos ater a essa decisão — ele rosnou, não se incomodando em moderar seu tom. — Se Maeve de fato está trazendo seu exército para Terrasen, isso apenas confirma que estávamos certos em vir para cá. Que devemos convencer as forças do khagan a ir para o norte depois disso. É a única chance que temos de sucesso.

Aelin passou as mãos pelos cabelos. Fluxos de sangue mancharam o ouro.

— Eu não posso ganhar contra eles. Contra um rei e uma rainha Valg. — Sua voz se transformou em um grito. — Eles já venceram.

— Eles não venceram. — E apesar de Rowan odiar cada palavra, ele rosnou: — E você sobreviveu dois meses contra Maeve sem magia para protegê-la. Dois meses de uma rainha Valg tentando invadir sua cabeça, Aelin. Para *te* quebrar.

Aelin sacudiu.

— Ela fez, no entanto.

Rowan esperou por isso.

Aelin sussurrou:

— Eu *queria* morrer no final, antes que ela me ameaçasse com o colar. E mesmo agora, sinto que alguém me *arrancou* de mim mesma. Como se eu estivesse no fundo do mar, e quem eu sou, quem eu era, está bem acima da superfície e *nunca* mais voltarei lá.

Ele não sabia o que dizer, o que fazer além de puxar delicadamente os dedos das palmas das mãos.

— Você acreditou na presunção, na arrogância? — Ela exigiu, voz quebrando. — Os outros o fizeram? Porque eu tenho tentado. Eu tenho tentado como o inferno para me convencer de que é real, me lembrando que eu só preciso fingir ser como eu era apenas por tempo suficiente.

Tempo suficiente para forjar o Fecho e morrer.

Ele disse suavemente:

— Eu sei, Aelin. — Ele não tinha acreditado nas piscadelas e nos sorrisos por um segundo.

Aelin soltou um soluço que rachou algo nele.

— Eu não posso *me* sentir... sentir a *mim mesma*. É como se ela tivesse apagado. Me arrancado disso. Ela e Cairn, e tudo o que fizeram comigo. — Ela engoliu ar, e Rowan a envolveu em seus braços e a puxou para seu colo. — Estou tão cansada — ela chorou. — Estou tão cansada, Rowan.

— Eu sei. — Ele acariciou o cabelo dela. — Eu sei. — Era tudo que realmente havia para dizer.

Rowan a segurou até que seu choro diminuísse e ela ficou imóvel, aninhada contra o peito dele.

— Eu não sei o que fazer — ela sussurrou.

— Você luta — ele disse simplesmente. — Nós lutamos. Até que não possamos mais. Nós lutamos.

Ela sentou-se, mas permaneceu no colo dele, olhando para o rosto dele com uma crueza que o destruiu.

Rowan colocou a mão em seu peito, bem em cima daquele coração ardente.

— Coração de Fogo.

Um desafio e uma convocação.

Ela colocou a mão sobre a dele, quente apesar da noite gelada. Como se aquele fogo ainda não tivesse acabado completamente. Mas ela apenas olhou para as estrelas. Para o Senhor do Norte, vigiando.

— Nós lutamos — ela respirou.



Aelin encontrou Fenrys por um fogo quieto, contemplando as chamas crepitantes.

Ela se sentou no tronco ao lado dele, crua, aberta e trêmula, mas... o sal de suas lágrimas tinha lavado um pouco disso. Firmou ela. Rowan a havia estabilizado e continuava, enquanto observava as sombras além do fogo.

Fenrys levantou a cabeça, os olhos tão vazios quanto ela sabia que os dela tinham sido.

— Sempre que você precisar falar sobre isso — ela disse, sua voz ainda rouca — eu estou aqui.

Fenrys assentiu com a boca, uma linha apertada.

— Obrigado.

O acampamento estava se preparando para a partida, mas Aelin chegou mais perto e sentou-se ao lado dele em silêncio por longos minutos.

Dois curandeiros, marcados apenas pelas faixas brancas ao redor de seus bíceps, passaram apressados, com os braços cheios de ataduras.

Aelin ficou tensa. Focada em sua respiração.

Fenrys marcou sua linha de visão.

— Eles ficaram horrorizados, você sabe — ele disse baixinho. — Toda vez que ela os trouxe para... consertar você.

Os dois curandeiros desapareceram em volta de uma tenda.

Aelin flexionou os dedos, sacudindo a leveza deles.

— Isso não os impediu de fazer isso.

— Eles não tiveram escolha.

Ela encontrou seu olhar sombrio. A boca de Fenrys se apertou.

— Ninguém teria deixado você naqueles estados. Ninguém.

Quebrada e sangrenta e queimada...

Ela agarrou o punho de Goldryn. Desamparada.

— Eles a desafiaram à sua maneira — continuou Fenrys. — Às vezes, ela ordenava que eles a trouxessem de volta à consciência. Muitas vezes, eles alegaram que não poderiam, que você caiu muito no esquecimento. Mas eu sabia – acho que Maeve também – que eles te colocaram lá. Pelo maior tempo possível. Para comprar seu tempo.

Ela engoliu em seco.

— Ela os castigou?

— Eu não sei. Nunca foram os mesmos curandeiros.

Maeve provavelmente o fez. Provavelmente destruíra suas mentes por seu desafio.

Aelin apertou a espada ao seu lado.

Desamparada. Ela estava desamparada. Como muitos nesta cidade, em Terrasen, neste continente, estavam desamparados.

O punho de Goldryn aqueceu na mão dela.

Ela não estaria assim de novo. Por qualquer hora que ela partisse.



Gavriel aproximou-se de Rowan, deu uma olhada para a rainha e Fenrys e murmurou:

— Não era as notícias que precisávamos ouvir.

Rowan fechou os olhos por um instante.

— Não, não foi.

Gavriel colocou a mão no ombro de Rowan.

— Não muda nada, em alguns aspectos.

— Como.

— Nós a servimos. Ela era... como é o que Aelin é. Que uma rainha deveria ser. Nós sabíamos disso muito antes de sabermos a verdade. Se Maeve quer usar o que ela é contra nós, aliar-se a Morath, isso muda as coisas. Mas o passado acabou. Acabou, Rowan. Saber que Maeve é Valg ou apenas uma pessoa miserável não muda o que aconteceu.

— Saber que uma rainha Valg quer escravizar minha parceira, e quase o fez, muda muito.

— Mas nós sabemos o que Maeve teme, porque ela teme — Gavriel respondeu, seus olhos castanhos brilhantes. — Fogo e os curandeiros. Se Maeve vier com esse exército dela, não estamos indefesos.

Era verdade. Rowan poderia ter se amaldiçoado por não ter pensado nisso. Outra questão formada, no entanto.

— O exército dela — disse Rowan. — É feito de Feéricos.

— Assim foi a sua armada — disse Gavriel cautelosamente.

Rowan passou a mão pelos cabelos.

— Você será capaz de viver com isso... lutando contra o nosso próprio povo? — Matando-os.

— Você vai? — Gavriel respondeu.

Rowan não respondeu.

Gavriel perguntou depois de um momento:

— Por que Aelin não me ofereceu o juramento de sangue?

O macho não perguntou essas semanas. E Rowan não tinha certeza do porque Gavriel perguntou agora, mas ele deu a verdade.

— Porque ela não vai fazer isso até que Aedion tenha feito o juramento primeiro. Para oferecer a você antes dele... ela quer que Aedion o tenha primeiro.

— Caso ele não queira que eu esteja perto de seu reino.

— Então, Aedion sabe que ela colocou suas necessidades antes das suas.

Gavriel inclinou a cabeça.

— Eu diria que sim, se ela oferecesse.

— Eu sei — Rowan bateu seu mais antigo amigo nas costas. — Ela também sabe.

O Leão olhou para o norte.

— Você acha que... nós não ouvimos nenhuma notícia de Terrasen.

— Se tivesse caído, se Aedion tivesse caído, saberíamos. As pessoas aqui saberiam.

Gavriel esfregou seu peito.

— Nós fomos à guerra. *Ele* esteve em guerra. Lutando nos campos de batalha quando *criança*, os deuses sejam condenados. — A raiva cintilou no rosto de Gavriel. Não pelo que Aedion fizera, mas pelo que fizera por destino e infortúnio. O que Gavriel não estava lá para impedir. — Mas ainda tenho pavor a cada dia que passa e não ouvimos nada. Temo todos os mensageiros que vemos.

Um terror que Rowan nunca conhecera, diferente de seu medo por sua parceira, sua rainha. O medo de um pai por seu filho.

Ele não se permitiu olhar para Aelin. Para lembrar seus sonhos enquanto caçava por ela. A família que ele viu. A família que eles fizeram juntos.

— Temos que convencer a realeza dos khaganato a marchar para o norte quando esta batalha acabar. — Gavriel amaldiçoou baixinho.

Rowan assentiu.

— Se conseguirmos esmagar esse exército amanhã e convencer a realeza de que Terrasen é o único curso de ação, então poderíamos estar indo para o norte em breve. Você pode estar lutando ao lado do Aedion por Yulemas.

As mãos de Gavriel se apertaram ao lado do corpo, tatuagens se espalhando sobre os nós dos dedos.

— Se ele me permitir essa honra.

Rowan faria Aedion permitir isso. Mas ele apenas disse:

— Reúna Elide e Lorcan. Os ruks estão quase prontos para partir.

CAPÍTULO 51

Lorcan permaneceu na beira do acampamento dos ruks, mal observando os magníficos pássaros ou seus cavaleiros armados enquanto se acomodavam para a noite. Alguns, ele sabia, ainda não tinham encontrado seu descanso, ao invés disso, suportando-os pelo resto da noite e precisavam levar suprimentos para a fortaleza que se erguia sobre a cidade e a planície.

Ele não se importou, não se maravilhou que ele logo estaria no ar em uma dessas feras incríveis. Não se importava com o fato de que, amanhã, todos lutariam contra o exército de trevas reunidas no além.

Ele lutou em mais batalhas, mais guerras, do que ele gostaria de lembrar. Amanhã seria um pouco diferente, por causa dos demônios que eles matariam, ao invés de homens ou feéricos.

Demônios como sua ex-rainha, aparentemente.

Ele se oferecera a ela, queria-a ou acreditava que sim. E ela riu dele. Ele não sabia o que significava. Sobre ela, sobre si mesmo.

Ele pensou que sua escuridão, os presentes de Hellas, tinham sido atraídos para ela, que eles tinham sido correspondidos.

Talvez o deus das trevas quisesse não que ele jurasse fidelidade a Maeve, mas matasse-a. Para chegar perto o suficiente para fazê-lo.

Lorcan não ajustou sua capa contra a rajada de ar frio do distante lago. Em vez disso, ele se inclinou para o frio, para o gelo ao vento. Como se isso pudesse levar a verdade.

— Estamos indo embora. — A voz baixa de Elide interrompeu o silêncio de seus pensamentos. — Os ruks estão prontos — acrescentou.

Não havia medo ou pena em seu rosto, seus cabelos negros dourados pelas tochas e fogueiras. De todas elas, ela dominou as notícias com pouca dificuldade, se aproximando da mesa como se tivesse nascido em um campo de batalha.

— Eu não sabia — disse ele, com a voz tensa.

Elide sabia o que ele queria dizer.

— Temos coisas maiores para nos preocupar de qualquer maneira.

Ele deu um passo em direção a ela.

— Eu não sabia — ele disse novamente.

Ela inclinou a cabeça para trás para estudar seu rosto e franziu a boca, um músculo de sua mandíbula contraindo.

— Você quer que eu lhe dê algum tipo de perdão por isso?

— Eu a servi por quase quinhentos anos. Quinhentos anos, e eu apenas pensei que ela fosse imortal e fria.

— Isso soa como a definição de um Valg para mim.

Ele mostrou os dentes.

— Viva por eras e veja o que isso faz com você, *lady*.

— Eu não sei porque você está tão chocada. Mesmo com ela sendo imortal e fria, você a amava. Você deve ter aceitado essas características. Que diferença faz o que nós a chamamos então?

— Eu não a amava.

— Você certamente agiu como se amasse.

Lorcan rosou:

— Por que esse é o ponto para o qual você continua voltando, Elide? Por que é a única coisa que você não pode deixar ir?

— Porque eu estou tentando entender. Como você poderia amar um monstro?

— Por quê? — Ele se aproximou. Ela não hesitou nem um passo.

De fato, os olhos dela estavam brilhando quando ela sussurrou:

— Porque isso vai me ajudar a entender como eu fiz o mesmo.

A voz dela ficou presa nas últimas palavras, e Lorcan se acalmou quando se acomodaram nelas. Ele nunca... ele nunca teve alguém que...

— É uma doença? — Ela exigiu. — É algo quebrado dentro de você?

— Elide. — Seu nome pesou em seus lábios. Lorcan ousou estender a mão para ela.

Mas ela saiu do alcance.

— Se você pensa que porque você fez o juramento de sangue para Aelin, isso significa alguma coisa para você e para mim, você está muito enganado. Você é imortal – eu sou humana. Não vamos esquecer esse pequeno fato também.

Lorcan quase recuou com as palavras, sua horrível verdade. Ele tinha quinhentos anos de idade. Ele deveria ir embora, ele não deveria estar tão incomodado com nada disso. E, no entanto, Lorcan rosnou:

— Você está com ciúmes. Isso é o que realmente te corrói.

Elide soltou uma risada que ele nunca ouviu, cruel e afiada.

— Ciúmes? Ciúmes de quê? Daquele demônio que você serviu?

— Ela endireitou os ombros, como uma onda que se abateu antes de se chocar contra a costa. — A única coisa da qual eu tenho ciúmes, Lorcan, é que ela está livre de você.

Lorcan odiou que as palavras parecessem como um golpe. Que ele não tinha defesas onde precisava no momento.

— Sinto muito — disse ele. — Por tudo isso, Elide.

Lá, ele disse, e colocou diante dela.

— Sinto muito — ele repetiu.

Mas o rosto de Elide não esquentou.

— Eu não me importo — disse ela, girando em seus calcanhares. — E eu não me importo se você sair desse campo de batalha amanhã.



Com ciúmes. A ideia disso, de ter ciúmes de Maeve por ter comandado a afeição de Lorcan por séculos. Elide mancou em direção à festa de preparação de ruks, rangendo os dentes com tanta força que sua mandíbula doía.

Ela estava quase no primeiro dos pássaros selados quando uma voz disse atrás dela:

— Você deveria ter ignorado ele.

Elide parou, encontrando Gavriel a seguindo.

— Perdão?

O rosto normalmente aquecido do Leão era grave – desaprovação.

— Você pode muito bem ter chutado um macho já caído.

Elide não tinha pronunciado uma palavra afiada para Gavriel em todo o tempo que ela o conhecia, mas ela disse:

— Eu não vejo como isso é da sua conta.

— Eu nunca ouvi Lorcan pedir desculpas por nada. Mesmo quando Maeve o chicoteou por um erro, ele não se desculpou com ela.

— E isso significa que ele ganha meu perdão?

— Não. Mas você tem que perceber que ele fez o juramento de sangue para Aelin por você. Para mais ninguém. Então ele poderia ficar perto de você. Mesmo sabendo muito bem que você terá uma vida mortal.

Os pássaros se moveram em seus pés, farfalhando suas asas em antecipação ao vôo.

Ela sabia. Sabia disso no momento em que ele se ajoelhou diante de Aelin. Semanas depois, Elide não sabia o que fazer com isso, o conhecimento de que Lorcan havia feito isso por ela. O desejo de falar com ele, trabalhar com ele como eles tinham. Ela se odiava por isso. Por não tentar segurar sua raiva por mais tempo.

Foi por isso que ela foi atrás dele hoje à noite. Não para castigá-lo, mas ela mesma. Para se lembrar para quem ele vendeu a rainha, quão profundamente equivocada ela tinha sido.

E sua linha de despedida para ele... era uma mentira. Uma mentira repugnante e odiosa.

Elide se virou para Gavriel novamente.

— Eu não...

O Leão tinha partido. E para o voo frio sobre o exército, então, sobre o mar de escuridão que se estendia entre ele e a cidade antiga, até mesmo aquela voz sábia que sussurrara durante toda a sua vida tinha ficado quieta.



Nesryn permaneceu por Salkhi, uma mão no lado emplumado de sua montaria, e assistiu a festa subir nos céus. Os vinte ruks não tinham apenas suportado Aelin Galathynius e seus companheiros, Chaol e Yrene incluídos, mas também mais curandeiros, suprimentos e alguns cavalos, encapuzados e encurralados em canetas de madeira que os pássaros podiam carregar. Incluindo o próprio cavalo de Chaol, Farasha.

— Eu gostaria de poder ir com eles — Borte suspirou de onde ela estava esfregando Arcas. — Para lutar ao lado do fééricos.

Nesryn lançou-lhe um olhar divertido e de esguelha.

— Você vai ter essa oportunidade em breve, se nós marcharmos para Terrasen depois disso.

Perto dali, um riso distintamente masculino de escárnio soou.

— Vai escutar outra pessoa, Yeran — disparou Borte para seu noivo.

Mas o capitão Berlad respondeu apenas:

— Uma boa comandante que você é, contemplando os Feéricos como uma garota de olhos de corça.

Borte revirou os olhos.

— Quando eles me ensinarem suas técnicas de morte e eu usar para limpar você do mapa em nossa próxima coleta, você pode me contar tudo sobre meu olhar.

O belo capitão saiu de seu próprio ruk, e Nesryn abaixou a cabeça para esconder o sorriso, encontrando-se imensamente interessada em escovar as penas marrons de Salkhi.

— Então você será minha esposa, de acordo com sua barganha com minha mãe — ele disse, cruzando os braços. — Seria impróprio para você matar seu próprio marido no Encontro.

Borte sorriu com doçura envenenada para seu noivo.

— Eu só vou ter que matar você em outro momento, então.

Yeran sorriu de volta, o retrato de diversão perversa.

— Outra hora, então — ele prometeu.

Nesryn não deixou de notar a luz que brilhava nos olhos do capitão. Ou a maneira como Borte mordeu o lábio, quase sem fôlego.

Yeran se inclinou para sussurrar algo no ouvido de Borte que fez os olhos da garota se arregalarem. E, aparentemente, atordoou-a o suficiente para que, quando Yeran rondasse para o seu ruk, o retrato de orgulhosa arrogância, Borte corou furiosamente e voltou a limpá-la.

— Não pergunte — ela murmurou.

Nesryn levantou as mãos.

— Eu não sonharia com isso.

O rubor de Borte permaneceu por alguns minutos depois, sua limpeza quase frenética.

Passos fáceis e graciosos soaram na neve, e Nesryn sabia quem se aproximava antes que o rukhin se endireitasse até a atenção. Não pelo fato de que Sartaq era o príncipe e o herdeiro, mas que ele era o capitão deles. De todos os rukhin nessa guerra, não apenas do ninho Eridun.

Ele acenou para eles, examinando o céu noturno e os ruks ainda subindo, protegidos por Rowan Whitethorn de qualquer flecha inimiga. Sartaq mal havia chegado ao lado de Nesryn quando Borte deu um tapinha em Arcas, jogou o pincel no maço de suprimentos e entrou na noite.

Não para lhes dar privacidade, Nesryn percebeu. Não quando Yeran rondou do lado de seu próprio ruk logo depois, arrastando Borte a um ritmo preguiçoso. A menina olhou por cima do ombro uma vez, e não havia nada além de aborrecimento em seu rosto quando notou Yeran em seus calcanhares.

Sartaq riu.

— Pelo menos eles são um pouco mais claros sobre isso agora.

Nesryn bufou, roçando as penas de Salkhi.

— Estou tão confusa como sempre.

— Os cavaleiros cujas tendas estão em ambos os lados da de Borte não estão.

As sobrancelhas de Nesryn se levantaram, mas ela sorriu.

— Bom. Não sobre os cavaleiros, mas sobre eles.

— A guerra faz coisas estranhas para as pessoas. Torna tudo mais urgente. — Ele passou a mão pela parte de trás da cabeça dela, os dedos entrelaçados no cabelo dela antes de murmurar em seu ouvido: — Venha para a cama.

Calor brilhou através de seu corpo.

— Nós temos uma batalha para lançar amanhã. Novamente.

— E um dia de morte me fez querer te abraçar — disse o príncipe, dando-lhe aquele sorriso desarmado que ela não tinha defesa contra. Especialmente quando acrescentou: — E fazer outras coisas com você.

Os dedos de Nesryn se enrolaram em suas botas.

— Então me ajude a terminar de limpar Salkhi.

O príncipe avançou tão rápido para a escova que Borte descartou que Nesryn riu.

CAPÍTULO 52

As Crochans haviam retornado ao acampamento em Canino Branco e esperado.

Manon e as Treze desmontaram das serpentes aladas.

Algo se agitava em seu estômago a cada passo em direção ao fogo de Glennis. A tira de tecido vermelho no final de sua trança se tornou uma pedra de moinho, pesando a cabeça para baixo.

Elas estavam quase na lareira de Glennis quando Bronwen deu um passo ao lado de Manon.

Asterin e Sorrel, ficando para trás, ficaram tensas, mas não interferiram. Especialmente não quando Bronwen perguntou:

— O que aconteceu?

Manon olhou de esguelha para a prima.

— Pedi a eles que considerassem sua posição nessa guerra.

Bronwen franziu a testa para o céu, como se esperasse ver as Dentes de Ferro seguindo-as.

— E?

— E vamos ver, suponho.

— Eu pensei que você fosse lá para reuni-las.

— Eu fui — Manon disse, mostrando os dentes — Para fazê-las contemplar quem eles querem ser.

— Eu não achava que as Dentes de Ferro fossem capaz de tais coisas.

Asterin rosnou.

— Cuidado, bruxa.

Bronwen lançou-lhe um sorriso zombeteiro por cima do ombro e disse a Manon:

— Elas deixaram você sair viva?

— Elas de fato deixaram.

— Elas lutarão... elas se voltarão contra Morath e as outras Dentes de Ferro?

— Eu não sei. — Ela não sabia. Ela realmente não sabia.

Bronwen ficou em silêncio durante alguns passos. Manon tinha acabado de entrar no anel da lareira de Glennis quando a bruxa disse:

— Nós não deveríamos nos dar ao trabalho de esperar, então.

Manon não teve resposta, então ela se afastou, as Trezes não dando a Bronwen um rápido olhar.

Manon encontrou Glennis mexendo as brasas de sua lareira, o fogo sagrado e em seu centro uma brilhante chama de fogo que não precisava de madeira para queimar. Um presente de Brannon – um pedaço da rainha de Terrasen aqui.

Glennis disse:

— Devemos sair amanhã de manhã. Ficou decidido: devemos retornar para nosso lar.

Manon apenas sentou-se na pedra mais próxima da velha, deixando as Treze arrumarem qualquer comida que conseguissem encontrar.

Dorian havia permanecido com as serpentes aladas. A última vez que o tinha visto, minutos atrás, algumas Crochans estavam se aproximando dele. Seja por prazer ou informação, Manon não sabia.

Ela duvidava que ele compartilhasse sua cama novamente em breve.

Especialmente se ele permanecesse determinado a ir a Morath.

O pensamento não se encaixou muito bem.

Manon disse a Glennis.

— Você acha que as Dentes de Ferro são capazes de mudar?

— Você saberia responder melhor.

Ela sabia, e ela não estava totalmente certa se ela gostou da conclusão que ela achou.

— Rhiannon achava que poderíamos ser? Ela acha que *eu* poderia ser?

Os olhos de Glennis se suavizaram, uma sugestão de tristeza os enfeitou quando ela acrescentou outro tronco na chama.

— Sua meia-irmã era o seu oposto, de muitas maneiras. E como seu pai em muitos aspectos. Ela era aberta e honesta e falava seus sentimentos, independentemente das consequências. Frágil, alguns a chamavam. Você pode não saber de como eles agem agora — a velha disse, sorrindo um pouco. — Mas havia mais do que alguns em torno desses vários lares que não gostavam dela. Quem não quis ouvir suas palestras sobre nossas pessoas falidas, sobre como uma solução melhor existia. Como nossos povos podem encontrar a paz.

Todos os dias, ela falava em voz alta e para qualquer um que pudesse ouvir sobre a possibilidade de um Reino Unido da Bruxaria.

A possibilidade de um futuro onde não precisássemos nos esconder, ou sermos tão espalhadas. Muitos a chamavam de idiota. Pensei que ela era uma tola, especialmente quando ela foi procurar por você.

Para ver se você concordava com ela, apesar do que sua história sangrenta sugeriu.

Ela morreu por esse sonho, essa possibilidade de um futuro. Manon a matou por isso.

Glennis disse:

— Então se Rhiannon achou as Dentes de ferro eram capazes de mudar? Ela poderia ter sido a única bruxa das Crochans que o fez, mas ela acreditava em cada fragmento de seu ser. — Sua garganta flácida balançou. — Ela acreditava que vocês duas poderiam governar juntas — o Reino das Bruxas. Você lideraria as Dentes de Ferro, e ela as Crochans, e juntas vocês reconstruiriam o que foi quebrado há muito tempo.

— E agora há apenas eu — jogando nos dois lados.

— Agora é só você — o olhar de Glennis se tornou direto, implacável. — Uma ponte entre nós.

Manon aceitou o prato de comida que Asterin lhe entregou antes da segunda sentar ao seu lado.

Asterin disse:

— As Treze virão. Você verá.

Sorrel grunhiu da rocha mais próxima, desacordo escrito em seu rosto.

Asterin deu a terceira em comando um gesto vulgar.

— Elas vão voltar. Eu juro.

Glennis ofereceu um pequeno sorriso, mas Manon não disse nada enquanto cavava sua comida.

Esperança, ela tinha dito a Elide todos aqueles meses atrás.

Mas talvez não houvesse nenhuma para elas depois de tudo.



Dorian permaneceu com as serpentes aladas para responder às perguntas até das Crochans que não queriam, ou talvez estivessem muito nervosas para perguntar às Treze o que havia ocorrido no desfiladeiro Ferian.

Não, um anfitrião não estava se unindo atrás deles. Não, ninguém os havia rastreado. Sim, Manon havia falado com as Dentes de Ferro e pedido que elas se juntassem.

Sim, eles entraram e saíram vivos. Sim, ela falara tanto como Dentes de Ferro quanto Crochan. Pelo menos, Asterin havia dito isso no longo vôo de volta para cá. Falando com Manon, discutindo seus próximos passos... Ele não se incomodou. Ainda não. E quando a própria Asterin ficou quieta, ele mergulhou nos pensamentos. Refletiu tudo o que ele tinha visto no desfiladeiro Ferian, cada salão e câmara e cova torcida que cheirava a dor e medo.

O que seu pai e Erawan haviam construído. O tipo de reino que ele herdou.

As chaves de Wyrd se mexeram, sussurrando. Dorian ignorou-as e passou a mão sobre o punho de Damaris. O ouro permaneceu quente apesar do frio intenso.

Uma espada da verdade, sim, mas também uma lembrança do que Adarlan tinha sido uma vez. O que poderia se tornar novamente.

Se ele não vacilasse. Não duvidasse de si mesmo. Por qualquer hora que ele tivesse saído.

Ele poderia fazer isso certo. Tudo isso. Ele poderia fazer isso certo.

Damaris aqueceu em um silencioso conforto e confirmação.

Dorian deixou a pequena multidão de Crochans e caminhou a passos largos para uma porção de terra que dava para um mergulho mortal em um abismo coberto de neve e pedras.

Montanhas brutais ondulavam em todas as direções, mas ele lançou seu olhar para o sudeste. Para Morath, aparecendo muito além da vista.

Ele foi capaz de se transformar em um corvo naquela noite na floresta Eyllwe. Agora ele supôs que só precisava aprender a voar.

Ele chegou para dentro, para aquele turbilhão de poder bruto. O calor floresceu nele, ossos gemendo, o mundo se alargando.

Ele abriu o bico e um grasnar gutural surgiu dele.

Esticando suas asas de fuligem, Dorian começou a praticar.

CAPÍTULO 53

Alguém ateara fogo na coxa dela.

Não Aelin, porque Aelin se fora, selada em um caixão de ferro e levada pelo mar.

Mas alguém a queimou até o osso, tão completamente que o menor dos movimentos de onde quer que ela estivesse – uma cama? Uma maca? – A agonia doentia atravessou-a.

Lysandra abriu os olhos, um gemido baixo subindo pela garganta ressecada.

— Calma — uma voz profunda retumbou.

Ela conhecia aquela voz. Sabia o cheiro – como um riacho claro e grama nova. Aedion.

Ela arrastou os olhos pesados e queimados em direção ao som.

Seu cabelo brilhante pendia flácido, emaranhado de sangue. E aqueles olhos turquesa estavam roxos por baixo – e totalmente sombrios. Vazios.

Uma tenda áspera estava ao redor deles, a única luz fornecida por uma lanterna balançando no vento amargo que penetrava através das abas. Ela estava amontoada de cobertores, embora ele se sentasse em um balde revirado, ainda em sua armadura, sem nada para aquecê-lo.

Lysandra tirou a língua do céu da boca e ouviu o mundo além da tenda escura.

Caos. Gritos. Alguns homens gritando.

— Nós perdemos em Perranth — disse Aedion com voz rouca. — Estamos fugindo há dois dias agora. Mais três dias e chegaremos a Orynth.

Suas sobrancelhas se estreitaram ligeiramente. Ela ficou inconsciente por tanto tempo?

— Nós tivemos que colocá-la em uma carroça com os outros feridos. Esta é a primeira vez que nos atrevemos a parar. Uma tempestade atingiu o sul. Está atrasando Morath... apenas o suficiente.

Ela tentou engolir em seco. A última vez que ela se lembrava, ela estava enfrentando aqueles ilken, nunca tão consciente das limitações de um corpo mortal, de como até mesmo Aelin, que parecia tão alta quanto seu andar intimidador pelo mundo, foi diminuída pelas criaturas. Então essas garras se rasgaram em sua perna. E ela conseguiu fazer um golpe perfeito. Para derrubar um deles.

— Você reuniu o nosso exército — disse ele. — Nós perdemos a batalha, mas eles não correram envergonhados.

Lysandra conseguiu puxar a mão de debaixo dos cobertores e se esforçou para pegar o jarro de água ao lado da cama. Aedion foi imediatamente em movimento, enchendo um copo.

Mas quando os dedos dela se fecharam, ela notou a cor deles, a forma deles.

Suas próprias mãos. Seu próprio braço.

— Você... mudou — disse Aedion, notando seus olhos arregalados. — Enquanto o curandeiro costurava sua perna. Eu acho que a dor... Você mudou de volta para este corpo.

Horror, rugindo e nauseante, agitou através dela.

— Quantas pessoa viram? — Suas primeiras palavras, cada uma áspera e seca como uma lixa.

— Não se preocupe com isso.

Ela engoliu a água.

— Todos eles sabem?

Um aceno solene.

— O que você disse a eles... sobre Aelin?

— Que está em uma missão vital com Rowan e os outros. E isso é tão secreto que não nos atrevemos a falar sobre isso.

— E os soldados?

— Não se preocupe com isso — ele repetiu. Mas ela podia ver isso na cara dele. A tensão.

Eles se reuniram com a rainha, apenas para perceber que tinha sido uma ilusão. Que o poder da Portadora do Fogo não estava com eles. Não os protegeria contra o exército em seus calcanhares.

— Eu sinto muito — ela respirou.

Aedion pegou o copo vazio de água antes de agarrar a mão dela, apertando suavemente.

— Eu sinto muito, Lysandra. Por tudo isso. — Sua garganta se mexeu. — Quando eu vi o ilken, quando eu vi você contra eles...

Inútil. Vadia mentirosa. As palavras que ele jogou nela, se enfureceu com ela, a arrastou ainda mais da névoa de dor. Afiado seu foco.

— Você fez isso — disse ele, baixando a voz. — Por Terrasen. Por Aelin. Você estava disposta a morrer por isso, pelos deuses.

— Eu estava. — Suas palavras saíram frias como aço.

Aedion piscou quando ela retirou a mão da dele. Sua perna doía e latejava, mas ela conseguiu se sentar. Para encontrar seu olhar.

— Fui degradada e humilhada de muitas maneiras, por tantos anos — disse ela, com a voz tremendo. Não por medo, mas pelo maremoto que varreu tudo dentro dela, queimando ao lado da ferida em sua perna. — Mas nunca me senti tão humilhada como quando me jogou na neve. Quando você me chamou de vadia mentirosa na frente de nossos amigos e aliados. *Nunca.* — Ela odiava as lágrimas de raiva que feriam seus olhos. — Uma vez fui forçada a rastejar diante dos homens. E pelos Deuses, eu quase me arrastei por você nesses meses. E é preciso me ver quase morrendo para você perceber que você tem sido um idiota? Me ver quase morrendo por você para você me ver como humana novamente?

Ele não escondeu o arrependimento em seus olhos. Ela passou anos lendo homens e sabia que toda emoção agonizante em seu rosto era genuína. Mas isso não apagou o que foi dito e feito.

Lysandra pôs a mão no peito, bem em cima do próprio coração despedaçado.

— Eu queria que fosse você — disse ela. — Depois de Wesley, depois de tudo, eu queria que fosse você. O que Aelin me pediu para fazer não tinha nada a ver com isso. O que ela me pediu para fazer nunca pareceu um fardo, porque eu queria que fosse você no final de qualquer maneira. — Ela não enxugou as lágrimas que escorreram por suas bochechas. — E você me jogou na neve.

Aedion caiu de joelhos. Alcançando por sua mão.

— Eu nunca vou parar de me arrepender. Lysandra, nunca esquecerei por um segundo, nunca irei parar de me por isso. E eu estou tão...

— Não. — Ela pegou de volta sua mão. — Não se ajoelhe. Não se incomode. — Ela apontou para as abas da tenda. — Não há mais nada que eu tenha para lhe dizer. Ou você para mim.

Agonia novamente ondulou em seu rosto, mas ela ignorou o que fez com ela. O que ela fez para ver Aedion se levantar, gemendo suavemente com alguma dor não especificada em seu poderoso corpo. E, no meio da respiração, ele apenas olhou para ela.

Então ele disse:

— Eu quis dizer todas as promessas que fiz para você naquela praia em Baía da Caveira.

E então ele se foi.



Aedion passou boa parte de sua vida se odiando pelas várias coisas que fez.

Mas vendo as lágrimas no rosto de Lysandra por causa dele... Ele nunca se sentiu mais como um bastardo.

Ele mal ouviu os soldados ao seu redor, tensos e nervosos na neve que soprava entre as tendas rapidamente erguidas. Quantos mais feridos morreriam esta noite?

Ele já havia tirado a patente para cuidar de Lysandra dos melhores curadores que eles tinham deixado. E ainda não foi bom o

suficiente, os curandeiros não dotados magicamente. E apesar das habilidades de cura mais rápidas de Lysandra, eles ainda tinham que costurar sua perna. E agora mudava as bandagens a cada poucas horas. A ferida tinha sido fechada, felizmente, provavelmente rápido o suficiente para evitar a infecção.

Muitos dos feridos entre eles não podiam dizer o mesmo. As feridas podres, o sangue purulento dentro de suas veias... Todas as manhãs, mais e mais corpos tinham sido deixados para trás na neve, o chão congelado demais e sem tempo para queimá-los.

— Comida para os animais de Erawan — os soldados murmuraram quando eles saíram. Eles também podem oferecer ao inimigo uma refeição grátis.

Aedion encerrou a conversa, junto com qualquer tipo de assobio sobre a fuga deles. No momento em que eles acamparam esta noite, um bom terço dos soldados, membros da Devastação incluídos, receberam várias tarefas para mantê-los ocupados. Para deixá-los tão cansados depois de um dia em fuga, que eles não tinham energia para reclamar.

Aedion apontou para sua própria tenda, situada do lado de fora do círculo de tendas dos curandeiros, onde Lysandra estava deitada. Dando a ela uma tenda privada, outro privilégio que ele usou sua posição para adquirir.

Ele quase alcançou a pequena tenda – não adiantou em construir sua tenda de guerra quando voltaria com a fuga em poucas horas – quando avistou as figuras amontoadas perto do fogo.

Ele diminuiu seus passos para passos leves.

Ren se levantou, com o rosto apertado sob o capuz pesado.

No entanto, foi o homem ao lado de Ren que fez o temperamento de Aedion se tornar uma coisa perigosa.

— Darrow — disse ele. — Eu pensava que você estava em Orynth agora.

O lorde vestido em peles não sorria.

— Eu vim para entregar a mensagem, já que meu mensageiro mais confiável parece inclinado a escolher outra lealdade.

O velho bastardo sabia então. Sobre Lysandra se disfarçando de Aelin. E o papel de Nox Owen em tirar seu exército de seu alcance.

— Vamos acabar com isso, então — disse Aedion.

Ren ficou tenso, mas não disse nada.

Os finos lábios de Darrow se curvaram em um sorriso cruel.

— Por seus atos de rebelião irresponsável, por sua falha em atender nosso comando e tomar suas tropas onde foram ordenadas, por sua total derrota na fronteira e pela perda de Perranth, você foi retirado de sua posição.

Aedion mal ouviu as palavras.

— Considere-se agora um soldado da Devastação, se eles quiserem você. E quanto a impostora que você ficou desfilando por aí...

Um sorriso de desprezo para as tendas dos curandeiros.

Aedion rosnou.

Os olhos de Darrow se estreitaram.

— Se ela for novamente pega fingindo ser a Princesa Aelin... — Aedion quase rasgou sua garganta com essa palavra, *Princesa*. — Então teremos pouca escolha senão assinar sua ordem de execução.

— Eu gostaria de ver você tentar.

— Eu gostaria de ver você nos parar.

Aedion sorriu.

— Ah, não sou eu quem você estaria lidando. Boa sorte para qualquer homem que tente prejudicar uma metamorfa tão poderosa.

Darrow ignorou a promessa e estendeu a mão.

— A Espada de Orynth.

Ren falou:

— Você está fora de si, Darrow.

Aedion apenas o olhou. O antigo lorde disse:

— Essa espada pertence a um verdadeiro general de Terrasen, ao seu príncipe-comandante... Como você não é mais o portador desse título, a espada retornará a Orynth. Até que um portador novo e apropriado possa ser determinado.

Ren rosnou:

— Essa espada está em nossa posse, Darrow, por causa de Aedion. Se ele não tivesse ganhado de volta, ainda estaria enferrujado no tesouro de Adarlan.

— Ele sempre terá nossa gratidão por isso. Então apenas a esse respeito, pelo menos.

Um rugido surdo encheu a cabeça de Aedion. A mão de Darrow permaneceu estendida.

Ele merecia isso, ele supunha. Por seu fracasso nesses campos de batalha, seu fracasso em defender a terra que prometera a Aelin que ele salvaria. Pelo que ele fez com a metamorfa que segurou seu coração desde o momento em que ela se despedaçou naqueles soldados Valg nos esgotos de Forte de Fenda.

Aedion soltou a espada antiga do cinto. Ren soltou um som em protesto.

Mas ele ignorou o lorde e jogou a Espada de Orynth em Darrow.

A leveza onde aquela espada estava tinha sumido.

O velho olhou para a espada em suas mãos. Até foi tão longe a ponto de passar o dedo pelo pomo do osso, o odioso bastardo incapaz de conter sua admiração.

Aedion apenas disse:

— A Espada de Orynth é apenas um pedaço de metal e osso. Sempre foi. É o que a espada inspira no portador que importa. O verdadeiro coração de Terrasen.

— Poético da sua parte, Aedion — foi a resposta de Darrow antes de se virar, apontando para onde sua escolta esperava além da borda do acampamento. — Seu comandante, Kyllian, é agora general da Devastação. Reporte-se a ele por ordens.

A neve rodopiantes devoraram o velho lorde a poucos passos.

Ren rosou:

— Como diabos você não é general?

— Os lordes de Terrasen decretam isso, e assim será.

— Por que você não está lutando contra isso? — Os olhos de Ren brilharam. — Você acabou de entregar essa espada...

— Eu não dou a mínima. — Aedion não se preocupou em manter sua exaustão, sua decepção e raiva, de sua voz. — Deixe-o ter a espada e o exército. Eu não dou a mínima.

Ren não o parou quando Aedion entrou em sua tenda e não emergiu até o amanhecer.



Os lordes de Terrasen haviam despojado o general Ashryver de sua espada.

A notícia se espalhou de fogueira para fogueira, ondulando pelas fileiras.

O soldado era novo na Devastação. Tinha sido aceito em suas fileiras só neste verão. Uma honra, mesmo com a guerra contra eles. Uma honra, embora a família do soldado tenha chorado ao vê-lo partir.

Lutar pelo Príncipe Aedion, lutar por Terrasen – valera a pena, o peso de deixar sua fazenda para trás. Deixando para trás a filha do fazendeiro de cara doce a quem ele nunca teve a chance de beijar.

Tinha valido a pena então. Mas agora não.

Os amigos que ele fez nos meses de treinamento e luta estavam mortos.

Amontoados ao redor da fogueira pequena demais, o soldado era o último deles, os recrutas mais novos que estavam tão ansiosos para se testar contra o Valg no começo do verão.

No coração do inverno, ele agora se chamava de idiota. Se ele se incomodasse em falar.

Palavras se tornaram desnecessárias, diferentes. Tão estranho quanto seu corpo meio congelado, que nunca se aqueceu, embora tivesse dormido tão perto do fogo quanto se atrevia. Se o sono o encontrasse, com os gritos dos feridos e morrendo. O conhecimento do que os caçava para o norte.

Não havia mais ninguém para ajudá-los. Salva-los. A rainha que eles pensaram que estava entre eles tinha sido uma mentira. O

engano de uma metamorfa. Onde Aelin Galathynius lutava agora, o que ela considerava mais importante que eles, ele não sabia.

A noite gelada pressionou, ameaçando devorar o pequeno fogo diante dele. O soldado avançou mais perto da chama, estremeando sob o manto gasto, cada dor e arranhão do dia latejando.

Ele não abandonaria este exército, no entanto. Não como alguns dos outros estavam murmurando. Mesmo com o Príncipe Aedion despojado de seu título, mesmo com a rainha ausente, ele não abandonaria este exército.

Ele jurara um juramento para proteger Terrasen. Para proteger sua família. Ele aguentaria isso.

Mesmo que agora soubesse que ele nunca mais os veria.



A neve ainda estava caindo quando eles continuaram seu caminho.

Caiu pelos dois dias seguintes, perseguindo-os para o norte a cada longa milha.

O decreto de Darrow teve pouca influência. Kyllian se recusou a fazer qualquer ordem sem a aprovação de Aedion. Recusou-se a vestir armaduras de seu posto. Recusou-se a tomar a tenda de guerra.

Aedion sabia que ele havia conquistado essa lealdade há muito tempo. Assim como a Devastação ganhou a dele. Mas isso não o impediu de odiar, só um pouquinho. Desejando que Kyllian assumisse completamente.

A perna de Lysandra estava curada o suficiente para andar, mas ele viu pouco dela. Ela manteve-se ao lado de Ren, os dois viajando perto dos curandeiros, se seus pontos fossem puxados. Quando Aedion a vislumbrou, ela frequentemente o encarava até que ele quisesse vomitar.

No terceiro dia, os batedores estavam correndo para eles. Relatando que Morath havia ganhado e estava se aproximando – rápido.

Aedion sabia como isso iria. Viu cada passo de marcha e cara de fome ao redor dele.

Orynth estava a meio dia de folga. Se o terreno fosse fácil, eles teriam uma chance de ficar atrás de suas antigas muralhas. Mas entre eles e a cidade ficava o rio Florine. Demasiadamente largo para atravessar sem barcos. A ponte mais próxima está muito ao sul para arriscar.

Nesta época do ano, podia não ter congelado ainda. E, mesmo assim, com o rio tão largo e profundo, a camada de gelo que muitas vezes o revestia estava profunda. Para o exército deles cruzar, eles teriam que arriscar o gelo em colapso.

Havia outras maneiras para Orynth. Para ir direto para o norte, para os *Staghorns*, e recuar para o sul, para a cidade aninhada ao pé deles. Mas cada hora atrasada permitia que o hospedeiro de Morath ganhasse terreno.

Aedion estava cavalgando ao lado de Kyllian quando Elgan galopou ao lado deles, puxando cachos de ar quente para o dia coberto de neve.

— O rio está a dez quilômetros a frente — disse Elgan. — Temos que tomar nossa decisão agora.

Arriscar a ponte para o sul, ou o tempo que levaria para ir para a longa rota para o norte. Ren, avistando sua reunião, empurrou o cavalo para mais perto.

Kyllian esperou pela ordem. Aedion arqueou uma sobrancelha.

— Você é o general.

— Merda — cuspiu Kyllian.

Aedion só se voltou para Elgan.

— Alguma palavra sobre o estado do gelo?

Elgan sacudiu a cabeça.

— Nenhuma palavra sobre isso, ou a ponte.

A neve infinita e rodopiante estava à frente. Aedion não ousou olhar para trás nas linhas de soldados arrastadas e inclinadas.

Ren, tão silenciosamente quanto ele veio, recuou para onde ele cavalgava ao lado de Lysandra.

Asas voavam pelo vento e pela neve, e então um falcão disparava para o céu, com uma perna meio desajeitada por baixo.

— Continue andando — foi tudo disse Aedion para seus companheiros



Lysandra retornou em uma hora. Ela se dirigiu a Ren. E, sozinho, o jovem lorde estava galopando ao lado de Aedion, onde Kyllian e Elgan ainda cavalgavam.

O rosto de Ren ficou pálido.

— Não há gelo no florim. E a escolta de Morath se adiantaram e arrasaram a ponte do sul.

— Eles estão nos levando para o norte — murmurou Elgan.

Ren assentiu.

— Eles estarão conosco amanhã de manhã.

Eles não teriam tempo para pensar em correr pela entrada norte de Orynth. E com o Florine a poucos quilômetros à frente, amplo e profundo demais para atravessar, gelado demais para ousar nadar, e Morath se aproximando por trás, eles estavam totalmente presos.

CAPÍTULO 54

Chaol alimentou com uma maçã Farasha, a linda égua negra nervosa após seu voo sem precedentes.

Parecia que até mesmo o cavalo de Hellas podia estar assustado, embora Chaol supusesse que qualquer pessoa sábia iria achar centenas de metros no ar ser enervante.

— Alguém poderia fazer isso por você. — Encostada na parede do estábulo da fortaleza, Yrene observou-o trabalhar, monitorando cada passo profundamente manco. — Você deveria descansar.

Chaol sacudiu a cabeça.

— Ela não sabe o que diabos está acontecendo. Eu gostaria de tentar acalmá-la antes que ela se deite.

Antes da batalha de amanhã – antes que eles tenham uma chance de realmente salvar Anielle.

Ele ainda estava trabalhando em tudo o que havia acontecido nesses meses em que ele tinha ido embora. As batalhas e perdas. Onde Dorian tinha ido com Manon e as Treze. Chaol só podia rezar para que seu amigo fosse bem sucedido – e que ele não carregasse o fardo de forjar o Fecho.

Precisando desvendar tudo o que ele aprendeu, ele deixou Aelin e os outros perto do Grande Salão para encontrar qualquer alimento que pudessem, trazendo imediatamente Farasha para cá com ele.

Principalmente para a segurança de todos ao redor do cavalo Muniqi, já que Farasha tentara tirar um pedaço do soldado mais próximo dela no momento em que seu capuz se soltou. Até mesmo o capuz não escondia dela o que, exatamente, estava acontecendo com o caixote superdimensionado que eles colocaram ela.

Mas Farasha não mordeu a mão dele antes de mordiscar a maçã, então Chaol rezou para que ela o perdoasse pelo voo áspero. Parte dele meio que se perguntou se a égua sabia que suas costas doíam, que ele precisava da bengala, mas que ele escolheu estar aqui.

Ele passou a mão pela juba de ébano e deu um tapinha no pescoço forte dela.

— Pronta para esmagar alguns Valgs barulhentos amanhã, minha amiga?

Farasha bufou, olhando-o com olhos escuros como se dissesse: *Você está?*

Chaol sorriu e Yrene riu baixinho.

— Eu deveria voltar para o corredor. — Disse sua esposa. — Ver quem precisa de ajuda. — Mas ela permaneceu.

Seus olhos se encontraram nas poderosas costas de Farasha.

Ele deu a volta no cavalo, ainda consciente de sua mordida.

— Eu sei — ele disse baixinho.

Yrene inclinou a cabeça.

— Sabe o que?

Chaol entrelaçou os seus dedos. E então colocou as mãos em cima do abdômen ainda plano.

— Ah. — Foi tudo o que Yrene disse, sua boca se abrindo. — Eu... como?

O coração de Chaol trovejou.

— É verdade, então.

Seus olhos dourados examinaram os dele.

— Você quer que seja?

Chaol deslizou uma mão contra sua bochecha.

— Mais do que eu havia percebido.

O sorriso de Yrene era largo e adorável o suficiente para fraturar seu coração.

— É verdade — ela respirou.

— Quanto tempo?

— Quase dois meses.

Ele estudou seu estômago, o lugar que logo incharia com a criança crescendo dentro dela. Seu filho.

— Você não me disse, estou assumindo, que você não queria que eu me preocupasse.

Yrene mordeu o lábio.

— Algo parecido.

Ele bufou.

— E quando você estivesse gingando por aí, com a barriga quase explodindo?

Yrene deu um tapa no braço dele.

— Eu não vou gingar.

Chaol riu e puxou-a em seus braços.

— Você vai gingar lindamente, era o que eu queria dizer. — A risada de Yrene reverberou nele, e Chaol beijou o topo de sua cabeça, sua têmpora. — Estamos tendo um filho — ele murmurou em seu cabelo.

Seus braços vieram ao redor dele.

— Nós estamos — ela sussurrou. — Mas como você sabia?

— Meu pai — Chaol resmungou. — Aparentemente possui melhores habilidades de observação do que eu.

Ele sentiu, mais do que viu, ela se encolher.

— Você não está com raiva que eu não contei a você?

— Não. Eu teria gostado de ouvir de seus lábios primeiro, mas eu entendo porque você não quis dizer nada ainda. Por mais idiota que seja. — Acrescentou ele, beliscando a orelha dela. Yrene espetou-o nas costelas e ele riu novamente. Riu, apesar de todos os dias que eles lutaram nesta batalha, todos os adversários que ele enfrentou, que ele temeu cometer um erro fatal. Não tinha conseguido esquecer que se ele caísse, ele levaria os dois com ele.

Seus braços se apertaram ao redor dele, e Yrene aninhou sua cabeça contra seu peito.

— Você será um pai brilhante. — Ela disse suavemente. — O mais brilhante que já existiu.

— Um grande elogio, vindo de uma mulher que queria me jogar da janela mais alta da Torre há alguns meses.

— Uma curandeira nunca seria tão pouco profissional.

Chaol sorriu e respirou seu perfume antes de se afastar e roçar sua boca contra a dela.

— Estou mais feliz do que posso expressar, Yrene, por compartilhar isso com você. Tudo o que você precisar, eu sou seu para comandar.

Seus lábios se contraíram.

— Palavras perigosas.

Mas Chaol passou o polegar sobre sua aliança de casamento.

— Vou ter que vencer essa guerra rapidamente, então, posso ter nossa casa construída no verão.

Ela revirou os olhos.

— Uma razão nobre para derrotar Erawan.

Chaol roubou outro beijo dela.

— Por mais que eu gostaria de mostrar a você o quanto estou ao seu comando — ele disse contra a boca dela. — Eu tenho outro assunto para lidar antes de dormir.

As sobrancelhas de Yrene subiram.

Ele fez uma careta.

— Eu preciso apresentar Aelin ao meu pai. Antes que eles se encontrem. — O homem não estava perto do corredor quando eles chegaram, e Chaol estava muito preocupado com o bem-estar de Farasha para incomodá-lo.

Yrene se encolheu, embora a diversão brilhou em seus olhos.

— É ruim que eu queira me juntar a você? E levar petiscos?

Chaol colocou um braço ao redor de seus ombros, dando a Farasha uma afagada de despedida antes de partirem. Apesar da bengala, cada passo era manco, e a dor nas costas dele descia por suas pernas, mas era secundária. Tudo isso, até mesmo a maldita guerra, era secundário à mulher ao seu lado.

Para o futuro que eles construiriam juntos.

Assim como a conversa de Yrene com Chaol tinha sido, foi assim que as coisas foram mal entre Aelin Galathynius e seu pai.

Yrene não levou petiscos, mas foi só porque quando chegaram ao Salão Principal, interceptaram seu pai. Indo em direção a sala onde Aelin e seus companheiros tinham ido para um descanso.

— Pai — disse Chaol, andando até lado dele.

Yrene não disse nada, monitorando os movimentos de Chaol. A dor nas costas tinha que ser grande, se ele estava mancando profundamente, mesmo enquanto sua magia se enchia de novo. Ela não tinha ideia de onde ele havia deixado sua cadeira – se ela tivesse sido esmagada por detritos caindo. Ela rezou para que não tivesse.

Seu pai estalou:

— Você não poderia me acordar quando a rainha de Terrasen chega ao meu castelo?

— Não era uma prioridade. — Chaol parou diante da porta que se abria para a pequena câmara que havia sido desocupada para a rainha e bateu.

Um grunhido foi a única confirmação antes que o marido de Yrene abrisse a porta o suficiente para enfiar a cabeça dentro.

— Meu pai — disse Chaol para quem estava dentro, presumivelmente a rainha. — Gostaria de ver você.

Silêncio, depois o farfalhar de roupas e passos.

Yrene recuou quando Aelin Galathynius apareceu, com o rosto e as mãos limpas, mas as roupas ainda sujas. Ao seu lado, estava o imponente guerreiro Feérico de cabelos prateados – Rowan Whitethorn. De quem a realeza tinha falado com tanto medo e respeito meses atrás. Na sala, Lady Elide estava sentada na parede oposta, com uma bandeja de comida ao lado, e o gigante lobo branco jazia esparramado no chão, monitorando com os olhos semicerrados.

Um choque para ver a mudança, perceber que esses Feéricos eram poderosos e antigos, mas eles ainda tinham um pé na floresta. A rainha, ao que parece, preferia a forma também, suas orelhas delicadamente pontudas meio escondidas pelos cabelos soltos. Atrás dela, não havia sinal do guerreiro melancólico, de cabelos dourados, Gavriel, ou do totalmente aterrorizante Lorcan. Agradeça a Silba por isso, pelo menos.

Aelin deixou a porta aberta, embora os dois membros da corte permanecessem sentados. Entediados, quase.

— Bem — foi tudo o que a rainha disse quando ela entrou no corredor.

O pai de Chaol olhou para o príncipe guerreiro ao seu lado.

Depois virou a cabeça para Chaol e disse:

— Suponho que eles se encontraram em Wendlyn. Depois que você a mandou para lá.

Yrene ficou tensa com a provocação na voz do homem. Desgraçado. Bastardo horrível.

Aelin estalou a língua.

— Sim, sim, vamos tirar tudo isso do caminho. Embora eu não ache que seu filho realmente se arrependa disso, não é? — Os olhos de Aelin se voltaram para Yrene, e Yrene tentou não se mexer sob aquele olhar turquesa e dourado. Diferente do fogo, ela vira aquela noite em Innish, mas ainda cheia daquela consciência afiada. Diferente – ambas eram diferentes das meninas que tinham sido. Um sorriso curvou a boca da rainha. — Eu acho que ele fez muito bem para si mesmo. — Ela franziu a testa para seu consorte. — Yrene, pelo menos, não parece ser do tipo que usa os cobertores e ronca nos ouvidos a noite toda.

Yrene tossiu quando o príncipe Rowan apenas sorriu para a rainha.

— Eu não me importo de seu ronco — disse ele suavemente.

A boca de Aelin se contraiu quando ela se virou para o pai de Chaol. A própria risada de Yrene morreu com a falta de luz no rosto

do homem. Chaol estava tenso como uma corda de arco quando a rainha disse ao pai:

— Não perca seu fôlego com insultos. Estou cansada e com fome e não vai acabar bem para você.

— Esta é minha fortaleza.

Aelin fez uma boa demonstração de espanto no teto, nas paredes, no chão.

— Realmente?

Yrene teve que abaixar a cabeça para esconder seu sorriso. Chaol também.

Mas Aelin disse ao Lorde de Anielle:

— Eu confio que você não vai entrar em nosso caminho.

Uma linha na areia. A respiração de Yrene ficou presa na garganta.

O pai de Chaol disse simplesmente:

— Da última vez que olhei você não era a Rainha de Adarlan.

— Não, mas seu filho é a Mão do Rei, o que significa que ele supera você. — Aelin sorriu com uma doçura terrível para Chaol. — Você não disse isso a ele?

Yrene e Aelin não eram mais as meninas que elas tinham sido em Innish, sim, mas esse fogo ainda permanecia no espírito da rainha. Incêndio com um toque de insanidade.

Chaol encolheu os ombros.

— Eu diria a ele quando chegasse a hora.

Seu pai ficou furioso.

O príncipe Rowan, no entanto, disse ao homem:

— Você defendeu e preparou seu pessoal de maneira admirável. Não temos planos de tirar isso de você.

— Eu não preciso da aprovação de um brutamontes Feérico — o lorde zombou.

Aelin deu um tapinha no ombro de Rowan.

— Brutamonte. Eu gosto disso. Melhor que Busardo, certo?

Yrene não tinha ideia do que a rainha estava falando, mas ela segurou sua risada de qualquer maneira.

Aelin esboçou uma reverência zombeteira ao Lorde de Anielle.

— Nessa linda nota de despedida, vamos terminar nossos jantares. Aproveite sua noite, vamos vê-lo nas ameias amanhã e, por favor, apodreça no inferno.

Então Aelin estava se afastando, uma mão guiando o marido para dentro. Mas não antes de a rainha lançar um sorriso por cima do ombro para Yrene e Chaol e disse, com os olhos brilhantes – com alegria e calor desta vez.

— Parabéns.

Como ela sabia, Yrene não fazia ideia. Mas os Feéricos possuíam um olfato sobrenatural.

Yrene sorriu do mesmo jeito quando ela abaixou a cabeça – pouco antes de Aelin bater a porta no rosto do Lorde Anielle.

Chaol se virou para o pai, qualquer indício de diversão habilmente escondido.

— Bem, você a viu.

O pai de Chaol estremeceu com o que Yrene supôs ser uma combinação de raiva e humilhação e se afastou. Era uma das melhores visões que Yrene já vira.

Pelo sorriso de Chaol, ela sabia que seu marido sentia o mesmo.



— Que homem horrível. — Elide terminou sua perna de galinha antes de entregar a outra a Fenrys, que tinha mudado de volta para sua forma Feérica. Ele rasgou com um grunhido de apreciação. — Pobre Lorde Chaol.

Aelin, com as pernas doloridas esticadas diante dela, encostou-se à parede, terminou a própria porção de frango e cavou um pedaço de pão escuro.

— Pobre Chaol, pobre mãe dele, pobre irmão dele. Pobre todo mundo que tem que lidar com ele.

Na janela estreita e solitária da sala, monitorando o exército escuro centenas de metros abaixo, Rowan bufou.

— Você estava em forma rara hoje à noite.

Aelin saudou-o com seu pedaço de pão de aveia.

— Qualquer um que interrompa meu jantar corre o risco de pagar o preço.

Rowan revirou os olhos, mas sorriu. Assim como Aelin o vira sorrir quando ambos sentiram o cheiro de Yrene. A criança nela.

Ela estava feliz por Yrene – pelos dois. Chaol merecia essa alegria, talvez mais do que qualquer um. Tanto quanto seu próprio parceiro...

Aelin não deixou os pensamentos viajarem mais longe. Não quando ela terminou o pão e foi até a janela, encostada no lado de Rowan. Ele deslizou um braço ao redor de seus ombros, casual e fácil.

Nenhum deles mencionou Maeve.

Elide e Fenrys continuaram a comer em silêncio, dando-lhes a privacidade que podiam no pequeno quarto vazio que dividiam, dormindo nos colchões de dormir. O Lorde de Anielle, ao que parece, não compartilhava seu apreço pelo luxo. Ou confortos básicos para seus convidados. Como banhos quentes. Ou camas.

— Os homens estão apavorados — disse Rowan, olhando para os níveis da fortaleza abaixo. — Você pode sentir o cheiro.

Eles mantiveram essa fortaleza por dias agora. Eles sabem o que está esperando por eles ao amanhecer.

— O medo deles — disse Rowan, apertando a mandíbula. — É a prova de que eles não confiam em nossos aliados. Prova de que eles não confiam no exército dos khagan para salvá-los. Isso os fará lutadores desleixados. Poderia criar uma fraqueza onde não deveria haver uma.

— Talvez você devesse ter dito a Chaol — disse Aelin. — Ele poderia lhes dar algum discurso motivacional.

— Tenho a sensação de que Chaol lhes deu muitos. Esse tipo de medo apodrece a alma.

— O que deve ser feito para isso, então?

Rowan sacudiu a cabeça.

— Eu não sei.

Mas ela sentiu que ele sabia. Sentiu que ele queria dizer outra coisa, e ou a companhia atual ou algum tipo de hesitação o barraram.

Então Aelin não empurrou, e inspecionou as ameias com seus soldados de patrulha, o exército escuro alastrando adiante. Latidos e uivos alugam a noite, os sons sobrenaturais o bastante para arrastar um arrepio por sua espinha.

— Uma batalha terrestre é mais fácil ou pior que uma no mar? — Aelin perguntou ao marido, seu parceiro, olhando para o rosto tatuado.

Ela só enfrentou os navios em Baía da Caveira e mesmo isso tinha acabado de forma relativamente rápida. E contra os ilken que os enxameavam nos pântanos de pedra, tinha sido mais um extermínio do que qualquer coisa. Não o que os esperava amanhã. Não o que seus amigos lutaram no Mar Estreito, enquanto ela e Manon estavam no espelho, depois com Maeve na praia.

Rowan considerou.

— Eles são tão confusos, mas de maneiras diferentes.

— Eu prefiro lutar em terra — resmungou Fenrys.

— Porque ninguém gosta do cheiro de cachorro molhado? — Aelin perguntou por cima do ombro.

Fenrys riu.

— Exatamente por causa disso. — Pelo menos ele estava sorrindo novamente.

A boca de Rowan se contorceu, mas seus olhos estavam duros enquanto ele inspecionava o exército inimigo.

— A batalha de amanhã será brutal — disse ele. — Mas o plano é sólido.

Eles estariam nas ameias com Chaol, preparando-se para qualquer manobra desesperada que Morath pudesse tentar quando se encontrassem sendo conduzidos e esmagados pelo exército de khagan. Elide estaria com Yrene e os outros curandeiros no Grande Salão, ajudando os feridos.

Onde Lorcan e Gavriel estariam, Aelin só podia supor. Os dois haviam se separado ao chegar, o último vigiando em algum lugar, e o primeiro provavelmente pensativo. Mas provavelmente eles estariam lutando ao lado deles.

Como se seus pensamentos o tivessem convocado, Gavriel entrou no quarto.

— O exército parece quieto o bastante — disse ele, cumprimentando-o, depois, sem cerimônia, caiu no chão ao lado de Fenrys e puxou o prato de frango para ele. — Os homens estão cheios de medo, no entanto. Dias de defesa a esses muros desgastaram eles.

Rowan assentiu, sem se incomodar em dizer ao Leão que eles tinham acabado de discutir isso quando Gavriel rasgou a comida.

— Temos que ter certeza que eles não vão reclamar amanhã, então.

De fato.

— Eu estava pensando — Elide disse para nenhum deles em particular depois de um momento. — Já que Maeve é uma impostora, quem governaria Doranelle se ela fosse banida com todos os outros Valgs?

— Ou queimada até ficar crocante — murmurou Fenrys.

Aelin poderia ter sorrido sombriamente, mas a pergunta de Elide se instalou nela.

Gavriel devagar pousou o frango.

O braço de Rowan caiu dos ombros de Aelin. Seus olhos verdes-pinho estavam arregalados.

— Você.

Aelin piscou.

— Há outros da linha de Mab. Galan, ou Aedion...

— O trono passa pela linha materna... para uma mulher apenas. Ou deveria ter sido feito isso — disse Rowan. — Você é a única mulher com uma reivindicação direta e não diluída da linhagem de Mab.

— E sua casa, Rowan. — disse Gavriel. — Alguém em sua casa teria uma reivindicação sobre a metade do trono de Mora.

— Sellene. Ele iria para ela. — Mesmo como um príncipe, a herança de Rowan, conectando-o à linhagem de Mora, tinha diminuído ao ponto de ser apenas no nome. Aelin estava mais relacionada com Elide, provavelmente com Chaol também, do que com Rowan, apesar de sua ancestralidade distante.

— Bem, Sellene pode tê-lo — disse Aelin, limpando as mãos de poeira que não estava lá. — Doranelle é dela.

Ela não voltaria a pisar naquela cidade, com ou sem Maeve. Ela não tinha certeza se isso a tornava covarde. Ela não se atreveu a alcançar o ronco reconfortante de sua magia.

— O Povo Pequenino realmente sabiam — Fenrys pensou, esfregando o queixo. — O que você era.

Eles sempre a conheceram, o Povo Pequenino. Tinha salvado sua vida dez anos atrás e salvou suas vidas nas últimas semanas. Eles a conheceram e deixaram presentes para ela. Homenagem, ela pensou, a herdeira de Brannon. Não para...

Gavriel murmurou:

— A Rainha Feérica do Oeste.

Silêncio.

Aelin deixou escapar:

— Isso é um título real?

— Agora é — murmurou Fenrys. Aelin lançou-lhe um olhar.

— Com Sellene como a Rainha Feérica do Oriente — ponderou Rowan.

Ninguém falou por um bom minuto.

Aelin suspirou.

— O que é outro título extravagante, eu suponho?

Eles não responderam, e Aelin tentou não deixar o peso desse título se acertar demais. Tudo isso implicava. Que ela possa não apenas cuidar do Povo Pequenino neste continente, mas com a equipe, começar uma nova pátria para qualquer Feérico que queira se juntar a eles. Para qualquer um dos Feéricos que sobreviveram ao

massacre em Terrasen dez anos atrás e que talvez desejassem retornar.

O sonho de uma tola. Um que ela provavelmente não viria a ver. A criar.

— Rainha Feérica do Oeste — disse Aelin, provando as palavras em sua língua.

Imaginando quanto tempo ela iria se chamar assim.

Do silêncio pesado, ela sabia que seus companheiros estavam contemplando o mesmo. E pela dor nos olhos de Rowan, a raiva e determinação, ela sabia que ele já estava calculando se de alguma forma poderia poupá-la do altar do sacrifício.

Mas isso viria depois. Depois de amanhã. Se eles sobrevivessem.



Havia um portão e a eternidade estava além de seu arco preto.

Mas não para ela. Não, não haveria Além-Mundo para ela.

Os deuses haviam construído outro caixão, dessa vez criando a pedra escura e cintilante.

Pedra que seu fogo nunca poderia derreter. Nunca furar. A única maneira de escapar era se transformar – dissolver-se nele como espuma do mar numa praia.

Cada respiração era mais fraca que a anterior. Eles não haviam colocado buracos nesse caixão.

Além de seus confins, ela sabia que um segundo caixão estava ao lado dela. Sabia, porque os gritos abafados ainda a alcançavam aqui.

Duas princesas, uma de ouro e uma de prata. Uma jovem e uma antiga. Ambas o custo de selar esse portal para a eternidade.

O ar acabaria em breve. Ela já perdeu muito disso em sua frenética tentativa de arranhar a pedra. As pontas dos dedos dela pulsavam onde ela quebrou as unhas e a pele.

Aqueles gritos femininos ficaram mais quietos.

Ela deveria aceitar, compreender. Só quando ela fizesse, a tampa seria aberta.

O ar estava tão quente, tão precioso. Ela não conseguia sair, não conseguia sair...



Aelin se colocou em estado de vigília. A sala permaneceu escura, a respiração profunda de seus companheiros se manteve firme.

Ar fresco e aberto. As estrelas apenas visíveis através da janela estreita.

Nenhum caixão de pedra de Wyrđ. Nenhum portal preparado para devorar ela toda.

Mas ela sabia que eles estavam observando, de alguma forma. Aqueles deuses miseráveis. Mesmo aqui, eles estavam observando. Esperando.

Um sacrifício. Isso é tudo que ela era para eles.

A náusea se agitou em seu intestino, mas Aelin ignorou, ignorando os tremores que a percorriam. O calor sob sua pele.

Aelin virou para o lado dela, aninhando-se mais perto do calor sólido de Rowan, os gritos abafados de Elena ainda ecoando em seus ouvidos.

Não, ela não estaria indefesa novamente.

CAPÍTULO 55

Estar em uma forma feminina não era inteiramente o que Dorian esperava.

O jeito que ele andava, o jeito que ele movia seus quadris e pernas – estranho. Tão desconcertantemente estranho. Se alguma das Crochans notou uma jovem bruxa entre elas andando em círculos, agachando-se e esticando as pernas, eles não pararam o trabalho enquanto se preparavam para partir.

Então havia a questão de seus seios, que ele nunca imaginou ser tão... pesados. Não desagradável, mas o choque de bater os braços neles, a necessidade de ajustar sua postura para acomodar seu peso leve, ainda estava fresco depois de algumas horas.

Ele tinha mantido a transformação o mais simples que podia: ele havia escolhido uma jovem Crochan na noite anterior, uma das novatas que poderia não ser necessária a qualquer hora ou notada com muita frequência, e estudou-a até que ela provavelmente o considerasse um idiota.

Esta manhã, a imagem de seu rosto e forma ainda plantada em sua mente, ele chegou à beira do acampamento, e simplesmente quis.

Bem, talvez não simplesmente. A mudança não foi uma sensação inteiramente agradável enquanto os ossos se ajustavam, seu formigamento no couro cabeludo com os longos cabelos castanhos que cresciam em ondas brilhantes, o nariz fazendo cócegas enquanto era transformado em uma curva delicada.

Por longos minutos, ele apenas olhou para si mesmo. Nas mãos delicadas, os pulsos menores. Incrível, quanta força os minúsculos

ossos continham. Alguns tapinhas sutis entre suas pernas lhe disseram o suficiente sobre as mudanças lá.

E então ele esteve aqui nas últimas duas horas, aprendendo como o corpo feminino se movia e operava. Totalmente diferente de aprender como um corvo voava – como se agitava o vento.

Ele pensava que ele sabia tudo sobre o corpo feminino. Como fazer uma mulher ronronar de prazer. Ele estava meio tentado a encontrar uma barraca e aprender em primeira mão o que certas coisas eram.

Não é um uso efetivo de seu tempo. Não com o acampamento se preparando para viajar.

As Treze estavam no limite. Elas ainda não tinham decidido para onde ir. E não foram convidadas a viajar com as Crochans para qualquer um dos seus lares. Até mesmo Glennis.

Nenhuma delas, no entanto, tinha olhado para o lado enquanto elas rondaram. Nenhuma o reconheceria.

Dorian tinha acabado de completar outro circuito de caminhada em sua pequena área de treinamento quando Manon se aproximou, cabelos prateados fluindo. Ele fez uma pausa, não mais do que uma cautelosa sentinela Crochan, e observou-a atravessar a neve e a lama como se ela fosse uma lâmina no mundo.

Manon quase passou pela sua área de treinamento quando ela ficou rígida.

Lentamente, ela se virou, as narinas dilatadas.

Aqueles olhos dourados passaram por ele, rápidos e cortantes.

Suas sobrancelhas se contraíram. Dorian apenas deu a ela um sorriso preguiçoso em troca.

Então ela rondou em direção a ele.

— Estou surpresa que você não esteja tateando.

— Quem disse que eu não estive?

Outro olhar de avaliação.

— Eu teria pensado que você escolheria uma forma mais bonita.

Ele franziu o cenho para si mesmo.

— Eu acho que ela é bonita o suficiente.

A boca de Manon se apertou.

— Eu suponho que isso significa que você está prestes a ir para Morath.

— Eu disse alguma coisa do tipo? — Ele não se incomodou em soar agradável.

Manon deu um passo em direção a ele, seus dentes aparecendo. Neste corpo, ele estava mais baixo que ela. Ele odiava a emoção que disparou através de seu sangue quando ela se inclinou para rosnar para ele.

— Temos o suficiente para lidar com hoje, príncipezinho.

— Eu pareço estar no seu caminho?

Ela abriu a boca e depois fechou.

Dorian soltou uma risada baixa e se virou. Uma mão com pontas de ferro agarrou seu braço.

Estranho, para aquela mão se sentir grande em seu corpo.

Grande, e não a coisa esbelta e mortal que ele se acostumara.

Seus olhos dourados brilhavam.

— Se você quer uma mulher de coração afetado que chore por escolhas difíceis e acabe se recusando, então você está na cama errada.

— Eu não estou na cama de ninguém agora.

Ele não tinha ido a sua tenda nenhuma dessas noites. Não desde aquela conversa em Eyllwe.

Ela respondeu sem sequer hesitar.

— Sua opinião não importa para mim.

— Então por que você está aqui?

Mais uma vez, ela abriu e fechou a boca. Então rosnou:

— Mude para fora dessa forma.

Dorian sorriu novamente.

— Você não tem coisas melhores para fazer agora, Sua Majestade?

Ele honestamente pensou que ela poderia desembainhar os dentes de ferro e arrancar sua garganta. Metade dele queria que ela

tentasse. Ele chegou a ponto de levar uma daquelas mãos fantasmas ao longo de sua mandíbula.

— Você acha que eu não sei porque você não quer que eu vá para Morath?

Ele poderia jurar que ela tremeu. Poderia ter jurado que ela arqueou o pescoço, só um pouquinho, apoiando-se naquele toque fantasma.

Dorian correu os dedos invisíveis pelo seu pescoço, arrastando-os ao longo de sua clavícula.

— Diga-me para ficar — disse ele, e as palavras não tinham calor, nem bondade. — Diga-me para ficar com você, se é isso que você quer. — Seus dedos invisíveis cresceram garras e raspam sobre sua pele. A garganta de Manon balançou. — Mas você não vai dizer isso, vai, Manon? — Sua respiração ficou irregular. Ele continuou a acariciar seu pescoço, sua mandíbula, sua garganta, acariciando a pele que ele provou repetidamente. — Você sabe por quê?

Quando ela não respondeu, Dorian deixou uma daquelas garras fantasmas cavar um pouco.

Ela engoliu em seco e não foi por medo.

Dorian se inclinou para perto, inclinando a cabeça para trás para olhar em seus olhos enquanto ele ronronava:

— Porque enquanto você pode ser imortal, pode ser mortal em milhares de maneiras diferentes, no fundo, você está com medo. Você não sabe como me pedir para ficar, porque tem medo de admitir para si mesma que você quer. Você está com medo. De si mesma mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Você está com medo.

Por vários segundos, ela apenas olhou para ele.

Então ela rosnou:

— Você não sabe do que está falando — e se afastou.

Sua risada baixa ecoou atrás dela. Sua espinha se enrijeceu.

Mas Manon não voltou atrás.



Medo. De admitir que ela sentia algum tipo de apego.

Foi um absurdo.

E talvez fosse verdade.

Mas não era problema dela. Não agora.

Manon entrou no acampamento, onde tendas estavam sendo desmontadas e dobradas, as malas sendo embaladas. As Treze estavam com as serpentes aladas, os suprimentos guardados em alforjes.

Algumas das Crochans tinham franzido a testa. Não com raiva, mas algo como desapontamento. Descontentamento. Como se achassem que a despedida era uma má ideia.

Manon se absteve de dizer que ela concordava. Mesmo se as Treze as seguissem, as Crochans encontrariam uma maneira de perdê-las. Usar seu poder para ligar as serpentes aladas por tempo suficiente para desaparecer.

E ela não se abaixaria, abaixaria as Treze, para se tornarem cães perseguindo seus senhores. Elas poderiam estar desesperadas por ajuda, poderiam ter prometido a seus aliados, mas ela não se rebaixaria ainda mais.

Manon parou no acampamento de Glennis, a única lareira com fogo ainda aceso. Um fogo que sempre permaneceria aceso.

Um lembrete da promessa que ela fez para honrar a rainha de Terrasen. Uma única e solitária chama contra o frio.

Manon esfregou o rosto enquanto ela caía sobre uma das pedras que cobriam a lareira.

Uma mão descansou em seu ombro, quente e ligeira. Ela não se incomodou em se afastar.

Glennis disse:

— Estamos partindo em poucos minutos. Eu pensei em dizer adeus.

Manon olhou para a bruxa antiga.

— Voe bem.

Foi tudo o que restou para dizer. O fracasso de Manon não foi devido a Glennis, não por causa de ninguém além dela, ela supôs.

Você está com medo.

Era verdade. Ela tentou, mas não realmente *tentou* ganhar as Crochans. Para deixá-las ver qualquer parte dela que significasse alguma coisa. Para deixá-las ver o que havia feito com ela, para descobrir que ela tinha uma irmã e que ela a havia matado. Ela não sabia como e nunca se preocupou em aprender.

Você está com medo.

Sim ela estava. De tudo.

Glennis baixou a mão do ombro de Manon.

— Que seu caminho a leve em segurança até a guerra e finalmente de volta para casa.

Ela não sentia vontade de dizer à bruxa que não havia casa para ela, ou para as Trezes.

Glennis virou o rosto para o céu, suspirando uma vez.

Então suas sobrancelhas brancas se estreitaram. Suas narinas se alargaram.

Manon ficou de pé.

— Corra — Glennis respirou. — Corra agora.

Manon desembainhou Ceifadora do Vento e não fez o que Glennis falou.

— O que é isso?

— Elas estão aqui. — Como Glennis tinha sentindo-os no vento, Manon não se importava.

Não quando três serpentes aladas se separaram das nuvens, se espalhando pelo acampamento.

Ela as conhecia, quase tão bem quanto conhecia as três mulheres que enviaram as Crochans a um frenesi de movimento.

As Matriarcas dos clãs de bruxas das Dentes de Ferro haviam a encontrado. E vieram para terminar o que Manon tinha começado naquele dia em Morath.

CAPÍTULO 56

As três Grã-bruxas vieram sozinhas.

Isso não impediu as Crochans de se reagruparem, vassouras prontas no ar – algumas delas tremendo com o que só poderia ser reconhecimento.

O aperto de Manon na Ceifadora do vento se contraiu com o leve tremor em sua mão quando as três bruxas aterrissaram na beira do fogo de Glennis, suas serpentes aladas esmagando tendas abaixo delas.

Asterin e Sorrel estavam instantaneamente ao lado dela, o murmúrio de sua Segunda engolido pelo estalo das barracas.

— As Sombras estão no ar, mas não sinalizaram nenhum sinal de outra unidade.

— Nenhum de seus clãs?

— Não. E nenhum sinal de Iskra ou Petrah.

Manon engoliu em seco. As Matriarcas realmente vieram sozinhas. Tinham vindo de onde quer que elas estivessem reunidos, e de alguma forma as encontraram.

Ou as rastrearam.

Manon não deixou o pensamento se fixar. Que ela pode ter levado as três Matriarcas para este acampamento. Os rosnados suaves das Crochans em volta dela, apontados para Manon, disseram o suficiente de sua opinião.

As serpentes aladas se instalaram, suas longas caudas enrolando-se ao redor delas, aqueles espinhos mortais envenenados prontos para infligir a morte.

Passos apressados rangiam através da neve gelada, parando ao lado de Manon, assim como o cheiro de Dorian em volta dela.

— Essas são...

— Sim. — ela disse baixinho, o coração trovejando quando as Matriarcas desmontaram e não levantaram as mãos a pedido de discussão. Não, elas apenas se aproximaram da lareira, para a preciosa chama ainda queimando. — Não se envolva. — Manon avisou a ele e aos outros, e caminhou para encontrá-las.

Não era a batalha do rei, não importa o poder que habitava em suas veias.

Glennis já estava armada, uma espada antiga em suas mãos ressequidas. A mulher era tão velha quanto a Matrona das Pernas Amarelas, mas permaneceu alta, de frente para as três Grã-Bruxas...

Cresseida Sangue Azul falou primeiro, seus olhos tão frios quanto a coroa de ferro cravando sua testa sardenta.

— Tem sido uma eternidade, Glennis.

Mas o olhar de Glennis, Manon percebeu, não estava na Matriarca Sangue Azul. Ou mesmo na própria avó de Manon, suas vestes negras ondulando enquanto ela zombava de Manon.

Estava na Matriarca das Pernas Amarelas, curvada e odiosa entre elas. Na coroa de estrelas no topo do cabelo branco desbastado da velha.

A espada de Glennis tremeu ligeiramente. E assim que Manon percebeu o que a Matriarca usava aqui, Bronwen apareceu ao lado de Glennis e respirou:

— A coroa de Rhiannon.

Vestida pela Matriarca das Pernas Amarelas para zombar destas bruxas. Cuspir nelas.

Um rugido surdo começou nos ouvidos de Manon.

— Que companhia você mantém hoje em dia, neta — disse a avó de Manon, com os cabelos escuros listrados de prata trançados fora de seu rosto.

Sinal suficiente de suas intenções, se o cabelo de sua avó estivesse nessa trança. Batalha. Aniquilação.

O peso da atenção das três Grã-Bruxas pressionou-a. As Crochans reunidos atrás dela se mexiam enquanto esperavam por sua resposta.

No entanto, foi Glennis que rosnou, numa voz que Manon ainda não tinha ouvido.

— O que é que você quer?

A avó de Manon sorriu, revelando dentes de ferro manchados de ferrugem. O verdadeiro sinal da idade dela.

— Você cometeu um grave erro, Manon Matadora de Parentes, quando procurou transformar nossas forças contra nós. Quando você semeou essas mentiras entre nossas sentinelas em relação aos nossos planos... meus planos.

Manon manteve o queixo alto.

— Eu falei apenas a verdade. E deve ter te assustado o suficiente para que você reunisse essas duas para me caçar e provar sua inocência em tramar contra elas.

As outras duas Matriarcas não piscaram. As garras de sua avó tinham que ter afundado profundamente. Ou elas simplesmente não se importavam.

— Nós viemos — Cresseida fervia, o oposto de muitas maneiras da filha que dera a Manon a chance de falar — para finalmente nos livrar de um espinho em nossos lados.

Petrah foi punida por deixar Manon sair do Ômega viva? A Herdeiro Sangue Azul ainda respirava? Cresseida uma vez gritara em terror e dor de mãe quando Petrah quase caíra para a morte. Esse amor, tão esquisito e estranho, ainda é verdade? Ou o dever e o antigo ódio venceram?

Por causa da ameaça que você representa para aquele monstro que você chama de avó.

— Você veio — continuou Manon, com Ceifadora do Vento subindo uma fração. — Porque você está com medo.

Manon deu um passo além de Glennis, sua espada se erguendo mais.

— Você veio — disse Manon — porque você não tem poder verdadeiro além do que lhe damos. E você está morrendo de medo de que estamos prestes a tirá-lo. — Manon virou a Ceifadora do Vento em sua mão, inclinando a espada para baixo e desenhou uma linha na neve entre eles. — Você veio sozinha para esse medo. Que os outros possam ver do que somos capazes. A verdade que você sempre procurou esconder.

Sua avó se queixou.

— Ouça a si mesma. Soando como uma Crochan com esse absurdo de pregação.

Manon a ignorou. Ignorou-a e apontou Ceifadora do Vento diretamente para a Matriarca das Pernas Amarelas enquanto ela rosnavava:

— Essa não é a sua coroa.

Algo como hesitação ondulou sobre o rosto da Cresseida Sangue Azul. Mas a Matriarca das Pernas Amarelas acenou para Manon com unhas de ferro tão longas que se curvaram para baixo.

— Então venha e busque isso de mim, traidora.

Manon foi além da linha que ela desenhara na neve.

Ninguém falou atrás dela. Ela se perguntou se algum deles estava respirando.

Ela não ganhou contra a avó. Mal havia sobrevivido e apenas graças à sorte. Naquela luta, ela estava pronta para encontrar seu fim. Para dizer adeus.

Manon inclinou a Ceifadora do Vento para cima, seu coração em uma batida constante e violenta.

Ela não iria cumprimentar o abraço da Escuridão hoje.

Mas elas iriam.

— Isso parece familiar — sua avó demorou, pernas mudando para a posição de ataque. As outras duas matronas fizeram o mesmo. — A última rainha Crochan. Segurando a linha contra nós.

Manon rachou a mandíbula e dentes de ferro desceram. Uma flexão de seus dedos tinha suas unhas de ferro desembainhando.

— Não apenas uma rainha Crochan dessa vez.

Havia dúvida nos olhos azuis de Cresseida. Como se ela tivesse percebido o que as outras duas Matriarcas não tinham.

Lá, foi lá que Manon atacaria primeiro. Aquela que agora se perguntava se de alguma forma cometera um grave erro ao vir aqui. Um erro que lhes custaria o que elas tinham vindo proteger.

Um erro que lhes custaria esta guerra.

E suas vidas.

Pois Cresseida viu a firmeza da respiração de Manon. Viu a clara convicção em seus olhos. Viu a falta de medo em seu coração quando Manon avançou mais um passo.

Manon sorriu para a Matriarca Sangue Azul como se dissesse sim.

— Você não me matou antes — disse Manon à sua avó. — Eu não acho que você será capaz agora.

— Veremos — sua avó sibilou e avançou.

Manon estava pronta.

Um movimento ascendente da Ceifadora do Vento atingiu os dois primeiros golpes de sua avó, e Manon se abaixou no terceiro. Virando-se para a investida da Matriarca das Pernas Amarelas, que se arrastava com velocidade antinatural, pés quase voando sobre a neve, e golpeava pelas costas expostas de Manon.

Manon desviou o ataque da velha, enviando a bruxa de volta.

Assim como Cresseida se lançou em Manon.

Cresseida não era uma lutadora treinada. Não como eram as Matriarcas Bico Negro e Pernas Amarelas. Muitos anos passados lendo as entranhas e examinando as estrelas em busca de respostas para os enigmas da Deusa de Três Faces.

Um passo à esquerda Manon facilmente evitou a varredura das unhas de Cresseida, e um contra-ataque fez Manon enfiar o cotovelo no nariz da Matriarca Sangue Azul.

Cresseida tropeçou. A Matriarca das Pernas Amarelas e sua avó atacaram novamente.

Tão rápido. Seus três assaltos aconteceram no espaço de alguns piscar.

Manon manteve os pés sob ela. Viu onde uma Matriarca se moveu e a outra deixou uma lacuna perigosa exposta.

Ela não era uma Comandante Alada desmiolada e insegura de seu lugar no mundo.

Ela não estava envergonhada da verdade diante dela.

Ela não estava com medo.

A avó de Manon liderou o ataque, as manobras mais mortais.

Foi dela que a primeira fatia de dor apareceu. Um rasgo de pregos de ferro no ombro de Manon.

Mas Manon balançou a espada, repetidas vezes, passando o ferro em aço pelos picos gelados.

Não, ela não estava com medo.



Dorian nunca tinha visto uma luta como a que se desenrolava diante dele. Nunca tinha visto nada tão rápido, tão letal. Nunca tinha visto alguém se mover como Manon, um redemoinho de aço e ferro.

Três contra um – as chances não estavam a favor dela. Não quando ficar de pé contra uma delas deixara Manon no limiar da morte meses antes.

No entanto, onde elas atacavam, ela já tinha ido embora. Já desviando. Ela não acertou muitos golpes, mas os manteve à distância.

No entanto, elas também não acertaram muitos.

A magia de Dorian se contorcia, procurando uma saída, para impedir isso. Mas ela ordenou que ele não interferisse. E ele obedeceria.

Ao redor dele, as Crochans vibravam com medo e pavor. Seja pela luta que se desenrolava ou pelas três Matriarcas que os encontraram.

Mas Glennis não tremeu. Ao seu lado, Bronwen cantarolou com a energia ansiosa para saltar para a luta.

Manon e as Grã-bruxas se separaram, respirando pesadamente.

Sangue azul vazou pelo ombro de Manon e pequenas fatias apimentaram as três Matriarcas.

Manon ainda permanecia do outro lado da linha que ela desenhara. Ainda segurava.

A bruxa de cabelos escuros em vestes negras volumosas cuspiu sangue azul sobre a neve. A avó de Manon.

— Patética. Tão patética quanto sua mãe. — Um sorriso de desprezo por Glennis. — E seu pai.

O grunhido que saiu da garganta de Manon soou pelas montanhas.

Sua avó soltou um grasnido de corvo.

— Isso é tudo que você pode fazer, então? Rosnar como um cachorro e balançar sua espada como uma sujeira humana? Nós vamos acabar com você eventualmente. Melhor ajoelhar-se agora e morrer com alguma honra intacta.

Manon apenas estendeu a mão com uma pontas de ferro atrás dela, os dedos se espalhando em demanda enquanto seus olhos permaneciam fixos nas Matriarcas.

Dorian procurou por Damaris, mas Bronwen se moveu primeiro.

A Crochan jogou sua espada, aço brilhando sobre a neve e o sol. Os dedos de Manon se fecharam no cabo, a lâmina cantando enquanto ela girava para encarar as Grã-Bruxas novamente.

— Rhiannon Crochan manteve os portões durante três dias e três noites, e ela não se ajoelhou diante de você, mesmo no final. — Um sorriso cortante. — Eu acho que farei o mesmo.

Dorian poderia ter jurado que a chama sagrada que queimava à sua esquerda estava mais brilhante. Poderia jurar que Glennis respirou fundo. Que cada Crochan assistindo fazia o mesmo.

Os joelhos de Manon se dobraram, espadas erguendo-se.

— Vamos terminar o que começou antes, também.

Ela atacou, lâminas piscando. Sua avó concedeu passo a passo, as outras duas Matriarcas não conseguiram romper suas defesas.

Se foi a bruxa que dormiu e desejou a morte. Se foi a bruxa que se enfureceu com a verdade que a tinha rasgado em pedaços. E em

seu lugar, lutando como se fosse o próprio vento, contra as Matriarcas, estava alguém que Dorian ainda não conheceria.

Se encontrava uma rainha de dois povos.

A Matriarca das Pernas Amarelas lançou uma ofensiva que fez com que Manon desse um passo, depois outro, com espadas erguendo-se contra cada golpe.

Rendendo apenas esses poucos passos e nada mais.

Porque Manon com convicção em seu coração, com total destemor em seus olhos, era completamente imparável.

A Matriarca das Pernas Amarelas empurrou Manon perto o bastante da linha que seus calcanhares quase tocaram. As outras duas bruxas haviam recuado, como se esperassem para ver o que poderia acontecer.

Para uma velha encurvada, a bruxa das Pernas Amarelas era o retrato de pesadelos. Pior do que Baba Pernas Amarelas jamais fora. Seus pés mal pareciam tocar o chão, e suas unhas de ferro curvadas tiravam sangue onde quer que cortassem.

As espadas de Manon bloquearam golpe após golpe, mas ela não fez nenhum movimento para avançar. Para empurrar de volta, embora Dorian tenha visto várias chances de fazê-lo.

Manon levou os cortes que deixaram seu braço e lado sangrando. Mas ela não cedeu mais terreno. Uma parede contra a qual a Matriarca das Pernas Amarelas não poderia avançar. A velha soltou um rosnado, atacando de novo e de novo, sem sentido e furiosa.

Dorian viu a armadilha no momento em que aconteceu.

Viu o lado que Manon deixou aberto, a isca colocada em uma bandeja de prata.

Trabalhando em uma fúria, a Matriarca das Pernas Amarelas não pensou duas vezes antes de atacar, garras para fora.

Manon estava esperando.

Perdida em sua sede de sangue, o rosto horrível da Matriarca Pernas Amarelas se iluminou com triunfo enquanto ela procurava o fácil golpe mortal que arrancaria o coração de Manon.

A Matriarca Bico Negro latiu em alerta, mas Manon já estava se movendo.

Assim que aquelas garras curvadas rasgaram o couro e a pele, Manon virou-se para o lado e derrubou Ceifadora do Vento no pescoço esticado da Matrona Amarela.

Sangue azul espirrou na neve.

Dorian não desviou o olhar dessa vez para a cabeça que caiu no chão. No corpo de manto marrom que caiu com ela.

As duas Matriarcas restantes pararam. Nenhum das Crochans atrás de Dorian falava tanto quanto Manon encarava impiedosamente o torso ensangüentado da Matriarcas das Pernas Amarelas.

Ninguém parecia respirar enquanto Manon mergulhava a espada de Bronwen na terra gelada abaixo e se inclinava para pegar a coroa de estrelas da cabeça caída da bruxa amarela.

Ele nunca tinha visto uma coroa como essa.

Uma coisa viva e brilhante que brilhava em sua mão. Como se nove estrelas tivessem sido arrancadas dos céus e se pusessem a brilhar ao longo da simples faixa prateada.

A luz da coroa dançou sobre o rosto de Manon quando ela a ergueu acima da cabeça e colocou sobre o cabelo branco solto.

Até o vento da montanha parou.

No entanto, uma brisa fantasma deslocou os fios do cabelo de Manon enquanto a coroa brilhava, as estrelas brancas brilhando com núcleos de cobalto, rubi e ametista. Como se estivesse dormindo há muito, muito tempo. E agora acordado.

Aquele vento fantasma puxou o cabelo de Manon para o lado, fios de prata roçando seu rosto.

E ao lado dele, ao redor dele, as Treze tocaram dois dedos em suas sobrancelhas em deferência.

Em fidelidade à rainha que olhou para baixo para as duas Grã-bruxas restantes.

A rainha Crochan, coroada de novo.

O fogo sagrado saltou e dançou, como se em boas-vindas alegres.

Manon pegou a espada de Bronwen, erguendo-a e Ceifadora do Vento, e disse para a Matriarca Sangue Azul, a bruxa aparecendo apenas alguns anos mais velha que a própria Manon:

— Vá.

A bruxa Sangue Azul piscou, os olhos arregalados com o que só poderia ser medo e pavor.

Manon empurrou o queixo em direção a serpente alada esperando atrás da bruxa.

— Diga a sua filha que todas as dívidas entre nós são pagas. E ela pode decidir o que fazer com você. Tire essa outra serpente alada daqui.

A avó de Manon se arrepiou, os dentes de ferro brilhando como se ela fosse latir um contra-comando para a Matriarca Sangue Azul, mas a bruxa já estava correndo para o sua serpente alada.

Poupada pela Rainha Crochan em nome da filha que dera a Manon o dom de falar com as Dentes de Ferro.

Em poucos segundos, a Matriarca Sangue Azul estava no céu, a serpente alada da bruxa das Pernas Amarelas voando ao lado dela.

Deixando a avó de Manon sozinha. Deixando Manon com as espadas levantadas e uma coroa de estrelas brilhando em sua testa.

Manon estava brilhando, como se as estrelas em cima de sua cabeça pulsassem através de seu corpo. Uma beleza maravilhosa e poderosa, como nenhuma outra no mundo. Como ninguém jamais foi, ou seria de novo.

E lentamente, como se saboreando cada passo, Manon andou em direção a sua avó.



Os lábios de Manon se curvaram em um pequeno sorriso enquanto ela avançava em sua avó.

Uma luz quente e dançante fluía através dela, tão infalível quanto o que havia derramado em seu coração nos últimos minutos

sangrentos.

Ela não recuou. Não temeu.

O peso da coroa era leve, como se tivesse sido feito de luar. No entanto, sua força alegre era uma canção, sem se mexer antes da única Grã-bruxa deixada de pé.

Então Manon continuou andando.

Ela deixou a espada de Bronwen a alguns metros de distância. Deixou Ceifadora de Vento vários pés depois.

Unhas de ferro, dentes prontos, Manon parou a apenas cinco passos de sua avó.

Um pedaço de existência odioso e desperdiçado. Isso é o que sua avó era.

Ela nunca havia percebido o quão menor a Matriarca era. Quão estreitos eram os ombros dela, ou como os anos de raiva e ódio haviam afligido ela.

O sorriso de Manon cresceu. E ela poderia jurar que sentiu duas pessoas em pé no ombro dela.

Ela sabia que ninguém estaria lá se olhasse. Sabia que ninguém mais podia vê-los, senti-los, em pé com ela. De pé com a filha deles contra a bruxa que os destruiu.

Sua avó cuspiu no chão, mostrando seus dentes enferrujados.

Esta morte, no entanto...

Não era sua morte para reivindicar.

Não pertencia aos pais cujos espíritos permaneciam ao seu lado, que poderiam estar lá o tempo todo, levando-a a isso. Quem não a deixou, mesmo com a morte separando-os.

Não, também não lhes pertencia.

Ela olhou para trás. Para sua Segunda esperando ao lado de Dorian. Lágrimas escorregaram pelo rosto de Asterin. De orgulho – orgulho e alívio.

Manon acenou para Asterin com uma mão com ponta de ferro. Neve triturou, e Manon girou, inclinando-se para tomar o peso do ataque.

Mas sua avó não tinha cobrado. Não para ela.

Não, a Matriarca Bico Negro correu para a sua serpente alada.
Fugindo.

As Crochans ficaram tensas, o medo cedendo à ira enquanto sua avó se arrastava para a sela.

Manon levantou a mão.

— Deixe ela ir.

Um estalo das rédeas e sua avó estava no ar, as grandes asas da serpente alada explodindo com o vento sujo.

Manon observou enquanto a serpente alada subia cada vez mais alto. Sua avó não olhou para trás antes de desaparecer no céu.

Quando não havia vestígios das Matriarcas restantes, mas sangue azul e um cadáver sem cabeça manchando a neve, Manon virou-se para as Crochans.

Seus olhos estavam arregalados, mas não fizeram nenhum movimento. As Treze permaneceram onde estavam, com Dorian com elas.

Manon pegou as duas espadas, embainhou Ceifadora do Vento pelas costas e foi até onde Glennis e Bronwen estavam, monitorando cada respiração dela.

Sem palavras, Manon entregou sua espada a Bronwen, assentindo em agradecimento.

Então ela removeu a coroa de estrelas e estendeu-a para Glennis.

— Isso pertence a você — ela disse, sua voz baixa.

As Crochans murmuraram, se mexendo.

Glennis pegou a coroa e as estrelas escureceram. Um pequeno sorriso enfeitou o rosto da velha.

— Não — ela disse. — Não pertence.

Manon não se moveu quando Glennis levantou a coroa e a colocou novamente na sua cabeça.

Então a bruxa antiga se ajoelhou na neve.

— O que foi roubado foi restaurado; o que foi roubado voltou para casa de novo. Eu te saúdo, Manon Crochan, Rainha das Bruxas.

Manon ficou de pé contra o tremor que ameaçava apertar suas pernas.

Parou rápido enquanto as outras Crochans, Bronwen com elas, caíam de joelhos. Dorian, de pé entre eles, sorriu, mais brilhante e mais livre do que ela já tinha visto.

E então as Treze ajoelharam-se, dois dedos indo para suas sobrancelhas enquanto baixavam a cabeça, um feroz orgulho iluminando seus rostos.

— Rainha das Bruxas — Crochan e Bico Negro declararam como uma só voz.

Como um povo.

CAPÍTULO 57

Uma hora antes do amanhecer, a fortaleza e os dois exércitos além estavam se mexendo.

Rowan mal havia dormido e, em vez disso, ficou acordado ao lado de Aelin, escutando sua respiração. O fato dos outros terem dormido profundamente era prova de sua exaustão, embora Lorcan não os tivesse encontrado novamente. Rowan estava disposto a apostar que era por escolha.

Não foi o medo ou a antecipação da batalha que manteve Rowan acordado – não, ele dormiu bem o suficiente durante outras guerras. Mas, em vez disso, o fato de que sua mente não parava de passar de pensamento para pensamento para pensamento.

Ele viu os números acampados do lado de fora. Valgs, homens humanos leais a Erawan, alguns animais feridos, mas nada como os ilken ou os Cães de Caça de Wyrð, ou mesmo as bruxas.

Aelin podia acabar com eles antes que o sol se elevasse completamente. Algumas explosões de seu poder e esse exército desapareceria.

No entanto, ela não apresentou como uma opção em seu planejamento na noite passada.

Ele tinha visto a esperança brilhando nos olhos das pessoas na fortaleza, a admiração das crianças quando ela passava. *A Portadora do Fogo*, eles sussurraram. *Aelin do Fogo Selvagem*.

Em quanto tempo esse temor e esperança desmoronariam hoje quando não se desencadear uma centelha desse fogo? Em quanto tempo o medo dos homens se tornaria patente quando a Rainha de Terrasen não apagasse as legiões de Morath?

Ele não foi capaz de perguntar a ela. Tinha dito a si mesmo, tinha rugido para si mesmo para perguntar nas últimas semanas, quando até mesmo seu treinamento não tinha chamado uma brasa.

Mas ele não conseguia perguntar por que ela não usava seu poder, por que eles não viram ou sentiram nada depois daqueles primeiros dias de liberdade. Não podia perguntar o que Maeve e Cairn haviam feito para possivelmente fazê-la temer ou odiar sua magia o suficiente para que ela não tocasse nela.

Preocupação e pavor o roendo, Rowan escorregou do quarto, o barulho de preparativos o cumprimentou no momento em que entrou no corredor. Um segundo depois, a porta se abriu atrás dele, e os passos entraram em sincronia com os dele, junto com um cheiro familiar e perverso.

— Eles a queimaram.

Rowan olhou de soslaio para Fenrys.

— O quê?

Mas Fenrys acenou para um curandeiro que passava.

— Cairn e Maeve, através de suas ordens.

— Por que você está me dizendo isso? — Fenrys, juramento de sangue ou não, o que ele fez para Aelin ou não, não estava a par destes assuntos. Não, era entre ele e sua parceira, e mais ninguém.

Fenrys lançou-lhe um sorriso que não encontrou seus olhos.

— Você estava olhando para ela metade da noite. Eu pude ver em seu rosto. Você está só pensando nisso – por que ela simplesmente não queima o inimigo para o inferno?

Rowan apontou para a estação de lavagem no final do corredor. Alguns soldados e curandeiros estavam ao lado da calha de metal, esfregando os rostos para sacudir o sono ou os nervos.

Fenrys disse:

— Ele a colocou naquelas manoplas de metal. E uma vez, ele os aqueceu por um braseiro aberto. Lá... — Ele tropeçou em palavras e Rowan mal conseguia respirar. — Os curandeiros levaram duas semanas para consertar o que ele fez com as mãos e os pulsos. E

quando ela acordou, não havia nada além de pele curada. Ela não sabia o que tinha sido feito e o que era um pesadelo.

Rowan pegou um dos jarros que algumas das crianças encheram a cada instante e jogou em sua cabeça. Água gelada mordeu sua pele, abafando o rugido em seus ouvidos.

— Cairn fez muitas coisas assim. — Fenrys pegou uma jarra e espirrou água em suas mãos antes de esfregá-las sobre o rosto. As mãos de Rowan tremiam enquanto ele observava o funil de água em direção à bacia abaixo do cocho. — Suas marcas de reivindicação, no entanto. — Fenrys enxugou o rosto novamente. — Não importa o que eles fizeram com ela, elas permaneceram. Mais do que qualquer outra cicatriz, elas ficaram.

No entanto, o pescoço dela tinha estado suave quando ele a encontrou.

Lendo esse pensamento, Fenrys disse:

— A última vez que eles a curaram, logo antes dela escapar. Foi quando elas desapareceram. Quando Maeve disse a ela que você tinha ido para Terrasen.

As palavras soaram como um golpe. Quando ela perdeu a esperança de que ele estava vindo por ela. Mesmo os maiores curandeiros do mundo não conseguiram tirar isso dela até então.

Rowan limpou o rosto no braço do casaco.

— Por que você está me dizendo isso? — Ele repetiu.

Fenrys levantou-se do cocho, secando o rosto com a mesma falta de cerimônia.

— Para você poder parar de se perguntar o que aconteceu. Concentre-se em outra coisa hoje. — O guerreiro manteve o ritmo ao lado dele enquanto se dirigiam para onde eles disseram que um café da manhã magro seria preparado. — E deixe que ela venha até você quando ela estiver pronta.

— Ela é minha parceira — rosnou Rowan.

— Você acha que eu não sei disso? — Fenrys poderia enfiar o focinho nos negócios de outra pessoa. Fenrys levantou as mãos. — Você pode ser brutal, quando você quer alguma coisa.

— Eu nunca a obrigaria a me dizer qualquer coisa que ela não estivesse pronta para dizer. — Essa foi a barganha desde o começo. Parte do motivo pelo qual ele se apaixonou por ela.

Ele deveria saber então, durante aqueles dias em Defesa Nebulosa, quando ele se viu compartilhando partes de si mesmo, sua história, que ele nunca contou a ninguém. Quando ele se viu precisando dizer a ela, em fragmentos e pedaços, sim, mas ele queria que ela soubesse. E Aelin queria ouvir isso. Tudo isso.

Eles descobriram Aelin e Elide já na mesa do bufê, com o rosto sombrio enquanto pegavam pedaços de pão, queijo e frutas secas. Nenhum sinal de Gavriel ou Lorcan.

Rowan veio por trás de sua parceira e deu um beijo no pescoço dela.

Direto de onde suas novas marcas de reivindicação estavam.

Ela cantarolou e ofereceu-lhe uma mordida do pão que ela já havia mordido enquanto reunia o resto de sua comida. Ele obedeceu, o pão grosso e saudável, então disse:

— Você estava dormindo quando eu saí há alguns minutos atrás, mas você de alguma forma me bateu na mesa do café da manhã. — Outro beijo em seu pescoço. — Por que não estou surpreso?

Elide riu ao lado de Aelin, empilhando comida em seu próprio prato. Aelin apenas lhe deu uma cotovelada quando ele entrou na fila ao lado dela.

Os quatro comeram depressa, encheram de novo os odres de água da fonte num pátio interior e começaram a encontrar armaduras. Havia poucas nos níveis superiores adequadas para o uso, então eles desceram para a fortaleza, cada vez mais fundo, até encontrarem uma sala trancada.

— Devemos, ou é rude? — Aelin meditou, olhando para a porta de madeira.

Rowan enviou uma lança de seu vento apontando para a fechadura e a estilhaçou.

— Parece que já estava aberto quando chegamos aqui — disse ele suavemente.

Aelin deu-lhe um sorriso perverso, e Fenrys tirou uma lanterna do suporte no estreito corredor de pedra para iluminar o aposento.

— Bem, agora sabemos por que o resto da fortaleza é um pedaço de merda — disse Aelin, examinando o tesouro. — Ele manteve todo o ouro e coisas divertidas aqui.

De fato, a ideia de diversão de sua parceira era a mesma de Rowan: armaduras e espadas, lanças e bastões antigos.

— Ele não poderia ter distribuído isso? — Elide franziu a testa para as prateleiras de espadas e punhais.

— É tudo herança — disse Fenrys, aproximando-se de uma tal prateleira e estudando o punho de uma espada. — Antiga, mas ainda é boa. Muito boa — acrescentou ele, puxando uma lâmina da bainha. Ele olhou para Rowan. — Isso foi forjado por um ferreiro Asterion.

— De uma época diferente — refletiu Rowan, maravilhado com a lâmina impecável, sua condição impecável. — Quando Feéricos não eram tão temidos.

— Nós vamos apenas pegar? Sem a permissão de Chaol? — Elide mordeu o lábio.

Aelin deu uma risadinha.

— Vamos nos considerar espadas de aluguel. E, como tal, temos taxas que precisam ser pagas. — Ela levantou um escudo dourado e redondo, com as bordas lindamente gravadas com um motivo de ondas. Também feito por Asterion, julgando pelo artesanato. Provavelmente para o Lorde de Anielle – o Lorde do Lago de Prata. — Então, vamos pegar o que nos é devido pela batalha de hoje, e poupar o senhorio da tarefa de ter que vir aqui mesmo.

Deuses, ele a amava.

Fenrys piscou para Elide.

— Eu não vou dizer se você não fizer, lady.

Elide corou e depois os guiou para frente.

— Colete seus ganhos, então.

Rowan fez. Ele e Fenrys encontraram armaduras que poderiam ser usadas em certas áreas. Eles tiveram que abrir mão do traje

inteiro, mas pegaram peças para reforçar seus ombros, antebraços e canelas. Rowan acabara de amarrar grevas nas pernas quando Fenrys disse:

— Devemos levar um pouco disso para Lorcan e Gavriel.

Na verdade eles deveriam. Rowan olhou para outras peças e começou a colecionar adagas e lâminas extras, depois seções de outro traje que caberia a Lorcan, Fenrys fazendo o mesmo para Gavriel.

— Você deve cobrar muito pelos seus serviços — Elide murmurou. Mesmo enquanto a Lady de Perranth amarrava algumas adagas em seu próprio cinto.

— Eu preciso de alguma forma pagar por meus gostos caros, não é? — Aelin demorou, pesando um punhal em suas mãos.

Mas ela não tinha vestido nenhuma armadura ainda, e quando Rowan deu a ela um olhar indagador, Aelin empurrou seu queixo em direção a ele.

— Suba as escadas, siga Lorcan e Gavriel. Eu vou te encontrar em breve.

Seu rosto estava ilegível pela primeira vez. Talvez ela quisesse um momento sozinha antes da batalha. E quando Rowan tentou encontrar alguma palavra em seus olhos, Aelin se virou para o escudo que ela reivindicou. Como se contemplasse.

Então Rowan e Fenrys se dirigiram para o andar de cima, Elide ajudando a transportar seus equipamentos roubados. Ninguém os parou. Não com o céu ficando cinza, e os soldados correndo para suas posições nas ameias.

Rowan e Fenrys não tinham para onde ir. Eles estariam estacionados nos portões do nível mais baixo, onde os aríetes poderiam vir voando se Morath se desesperasse o suficiente.

No nível acima deles, Chaol estava montado em seu magnífico cavalo preto, a respiração da égua se curvando em suas narinas. Rowan levantou a mão em saudação, e Chaol saudou de volta antes de olhar em direção ao exército inimigo.

O khaganato faria a primeira manobra, o impulso inicial para fazer Morath se mover.

— Eu sempre esqueço o quanto eu odeio essa parte — murmurou Fenrys. — A espera antes de começar.

Rowan grunhiu em acordo.

Gavriel rondou até eles, Lorcan uma tempestade escura atrás dele. Rowan entregou sem palavras ao último a armadura que ele reuniu.

— Cortesia do Lorde de Anielle.

Lorcan lançou-lhe um olhar que dizia que ele sabia que Rowan estava cheio de merda, mas começou a vestir a armadura com eficiência, Gavriel fazendo o mesmo. Se os soldados ao redor deles marcaram aquela armadura, se Chaol a reconheceu, ninguém disse uma palavra.

Longe, o céu acinzentado ainda mais claro, Morath se mexeu para descobrir que o exército de ouro do khaganato já estava no lugar.

E quando um solitário guinchou seu desafio, o khaganato avançou.

Soldados de infantaria em linhas perfeitas marchavam, lanças, escudos bloqueados na borda. A cavalaria dos Darghan ladeava os dois lados, uma força da natureza pronta para levar Morath até onde eles queriam. E acima, batendo nos céus, o rukhin preparou seus arcos e marcou seus alvos.

— Pronto agora — Chaol chamou os homens de sua fortaleza.

A armadura bateu quando os homens mudaram, o medo se enchendo no nariz de Rowan.

Isso seria hoje. Essa esperança permaneceria ou se fraturaria.

O céu que despertava já revelava duas torres de cerco sendo puxadas em direção a eles. Direito à parede. Muito mais perto do que Rowan notara pela última vez quando voou sobre a cabeça na noite anterior. Morath, ao que parecia, também não estivera dormindo.

Os ruks permaneceriam atrás com seu próprio exército, levando Morath à fortaleza. Para serem pegos aqui, um por um.

— Temos minutos até que a primeira torre faça contato com a parede — observou Gavriel.

Uma varredura das ameias, os soldados em cima deles, não revelou nenhum sinal de Aelin.

Lorcan na verdade murmurou:

— É melhor que alguém diga a ela para parar de se arrumar e chegar aqui.

Rowan rosnou em aviso.

O choque de pés e escudos blindados era tão familiar quanto qualquer música. Os soldados de Morath apontavam para as muralhas, as lanças prontas. No outro extremo do exército, soldados enfrentaram, lanças e lanças inclinadas para interceptar o exército do khaganato.

Uma buzina explodiu nas profundezas das fileiras do khaganato e flechas voaram.

A massa de soldados Morath nem sequer recuou ou olhou para trás para ver o que acontecia com suas linhas traseiras.

— Escadas — Fenrys murmurou, apontando com o queixo em direção à ondulação através das linhas. Escadas de cerco maciças de ferro separaram a multidão.

— Então, eles estão fazendo o ataque total deles — disse Lorcan com a mesma tranquilidade. Todos eles cuidadosos para não deixar os homens próximos ouvirem. — Eles vão tentar invadir a fortaleza antes que o khaganato possa quebrá-los.

— Arqueiros! — O rugido de Chaol soou. Atrás deles, nas ameias, os arcos gemiam.

Fenrys soltou o arco nas costas e colocou uma flecha no lugar.

Rowan manteve seu próprio arco amarrado nas costas, o tremor intocado, Gavriel e Lorcan fazendo o mesmo. Não há necessidade de desperdiçá-los em alguns soldados quando o seu objetivo pode ser necessário com alvos muito piores no final do dia.

Mas um deles tinha que ser notado como se sentisse soldados. Por tudo o que faria para reunir seus espíritos. E Fenrys, como um arqueiro tão bom quanto Rowan, ele admitiria, faria muito bem.

Rowan seguiu a linha da ponta de flecha de Fenrys até onde ele havia marcado um dos portadores de uma escada de cerco.

— Faça isso ser impressionante — ele murmurou.

— Cuide da sua vida — Fenrys murmurou de volta, rastreando seu alvo com a ponta de sua flecha enquanto aguardava a ordem de Chaol.

Se Aelin não chegasse em outro momento, ele teria que deixar as ameias para encontrá-la. O que diabos a segurou?

Lorcan desenhou sua antiga lâmina, que Rowan testemunhara derrubando soldados em reinos distantes daqui, em guerras muito mais longas que essa.

— Eles vão para os portões quando a torre de cerco atracar — disse Lorcan, olhando das ameias para o portão a um nível abaixo, o pequeno bastião de homens à sua frente. Árvores haviam sido derrubadas para escorar as portas de metal, mas se um grupo sólido de soldados inimigos a enxergasse, eles poderiam derrubar aqueles suportes e as pesadas trancas em poucos minutos. E abrir os portões para as hordas além.

— Nós não os deixaremos chegar tão longe — disse Rowan, olhando para a enorme torre se aproximando. Soldados pulavam atrás, esperando para escalar seu interior. — Chaol trouxe a torre no outro dia sem nossa ajuda. Isso pode acontecer novamente.

— *Voleio!* — O rugido de Chaol ecoou nas pedras, e flechas cantaram.

Como um enxame de gafanhotos, eles atacaram os soldados que marchavam abaixo. A flecha de Fenrys encontrou sua marca com precisão letal.

Dentro de um piscar de olhos, outra estava em sua cauda. Um segundo soldado na escada do cerco caiu.

Onde *diabos* estava Aelin...

Morath não parou. Marchando por cima dos soldados que caíram em suas linhas de frente.

O pulso do medo humano pelas ameias ondulou contra sua pele. O grupo teria que atacar rápido e atacar bem, para afastá-lo.

A torre de cerco se aproximou mais. Um olhar de Rowan fez com que ele e seus amigos se movessem em direção ao local que agora inegavelmente atingiria as ameias. Perto o suficiente das escadas até o portão. Morath havia escolhido bem o local.

Alguns dos soldados que eles passaram estavam rezando, um estremeção de palavras no ar gelado da manhã.

Lorcan disse a um deles:

— Salve sua respiração para a batalha, não para os deuses.

Rowan lançou-lhe um olhar, mas o homem, boquiaberto com Lorcan, acalmou-se.

Chaol ordenou outro voleio e flechas voaram, Fenrys atirando enquanto andava. Como se ele estivesse apenas incomodado.

Ainda assim, as orações sussurradas continuaram pela linha, as espadas tremendo junto com elas.

Perto de Chaol, os soldados se mantiveram firmes, rostos sólidos.

Mas aqui, nesse nível das ameias... aqueles rostos estavam pálidos.

De olhos arregalados.

— É melhor alguém dizer algo inspirador — disse Fenrys com os dentes cerrados, disparando outra flecha. — Ou esses homens vão se mijar em um minuto.

Por um minuto foi tudo o que restou, enquanto a primeira torre de cerco se aproximava.

— Você tem o rosto bonito — retrucou Lorcan. — Você faria um trabalho melhor.

— É tarde demais para discursos — interrompeu Rowan antes que Fenrys pudesse responder. — É melhor mostrar a eles o que podemos fazer.

Eles se posicionaram na parede. Bem no caminho da ponte que se abateria sobre a ameia.

Ele sacou a espada, depois folheou o machado ao seu lado. Gavriel desembainhou lâminas gêmeas de suas costas, caindo na posição de flanco à direita de Rowan. Lorcan se plantou à sua

esquerda. Fenrys assumiu a retaguarda, para pegar qualquer um que conseguisse passar pela rede.

Os homens mortais se agruparam atrás deles. Os portões estremeeceram sob o impacto de Morath.

Rowan estabilizou sua respiração, preparando sua magia para rasgar os pulmões de um Valg. Ele derrubou alguns com suas lâminas primeiro. Para mostrar com que facilidade isso poderia ser feito, que Morath estava desesperado e que a vitória *estaria* próxima. A magia viria depois.

A torre de cerco gemeu quando diminuiu a velocidade até parar.

Assim que a parede abaixo deles estremeceu com o impacto, Fenrys sussurrou.

— Deuses sagrados.

Não por causa da ponte que se abateu, soldados pulando nas profundezas escuras lá dentro.

Mas por causa de quem saiu do arco da torre atrás deles. O que surgiu.

Rowan não sabia para onde olhar. Para soldados que saíam da torre de cerco, pulando nas ameias ou para Aelin.

Na Rainha de Terrasen.

Ela encontrou uma armadura abaixo da fortaleza. Armadura de ouro linda e pálida que brilhava como um alvorecer de verão. Segurando o cabelo trançado, um diadema jazia contra sua cabeça. Não um diadema, mas um pedaço de armadura. Parte de um conjunto antigo para uma lady há muito tempo enterrada.

Uma coroa para guerra, uma coroa para usar na batalha. Uma coroa para liderar exércitos.

Não havia medo em seu rosto, sem dúvida, quando Aelin levantou seu escudo, jogando Goldryn em sua mão uma vez antes que o primeiro dos soldados de Morath estivesse sobre ela.

Um rápido golpe ascendente partiu em um grunhido o Morath do umbigo ao queixo. Seu sangue negro espirrou, mas ela já estava se movendo, fluindo como um riacho ao redor de uma rocha.

Rowan se lançou em movimento, suas lâminas encontrando suas marcas, mas ainda assim ele a observou.

Aelin bateu o escudo contra um guerreiro que se aproximava, Goldryn cortando outro antes de mergulhar a lâmina no soldado que ela havia desviado.

Ela fez isso de novo e de novo.

Tudo enquanto se dirigia para a torre de cerco. Desimpedida.
Livre.

Uma chamada seguiu pela linha abaixo. *A rainha chegou.*

Soldados esperando a vez deles se virar para eles.

Aelin levou três soldados Valgs e os deixou morrendo nas pedras.

Ela plantou sua linha antes da boca aberta daquela torre de cerco, bem no caminho das hordas cheias de gente. Cada momento do treinamento que ela fez no navio aqui, na estrada, cada nova bolha e calo – tudo para se reconstruir para isso.

A rainha chegou.

Goldryn inalterando, o escudo dela uma extensão do braço dela, Aelin brilhou como o sol que agora quebrou o exército do khagan enquanto ela engajava cada soldado que se lançava em seu caminho.

Cinco, dez – ela moveu-se e moveu-se e moveu-se, abaixando-se e passando, empurrando e sacudindo, sangue negro pulverizando, seu rosto o retrato da vontade severa e irrefletida.

— *A rainha!* — Gritavam os homens. — *Para a rainha!*

E enquanto Rowan lutava para chegar mais perto, quando esse grito desceu pelas ameias e os homens de Anielle correram para ajudá-la, ele percebeu que Aelin não precisava de uma grama de fogo para inspirar os homens a seguirem. Que ela estava esperando, puxando o pedaço, para mostrar a eles o que ela, sem magia, sem qualquer poder divino, poderia fazer.

Ele nunca tinha visto uma visão tão gloriosa. Em todas as terras, em todas as batalhas, ele nunca tinha visto nada tão glorioso quanto Aelin diante da garganta da torre de cerco, segurando a linha.

Ao amanhecer, Rowan soltou um grito de guerra e atacou Morath.

Esta primeira batalha daria o tom.

Isso daria o tom e enviaria uma mensagem. Não para Morath.

Nos impressione, disse Hasar.

Então ela faria. Então ela escolheu a armadura dourada e sua coroa de batalha. E esperou até o amanhecer, até que a torre de cerco bateu nas ameias, antes de se soltar.

Para impedir que os homens aqui quebrem, para enxugar o medo que infecciona em seus olhos.

Para convencer a realeza khaganato do que ela poderia fazer, o que ela *pode* fazer. Não é uma ameaça, mas um lembrete.

Ela não era uma princesa indefesa. Ela nunca tinha sido.

Goldryn cantou com cada golpe, sua mente tão fria e afiada quanto a lâmina enquanto avaliava cada soldado inimigo, suas armas, e as derrubou de acordo. Ela sabia vagamente que Rowan lutava ao seu lado, Gavriel e Fenrys lutando perto de seu flanco esquerdo.

Mas ela estava profundamente consciente dos homens mortais que saltaram para a briga com gritos de desafio. Eles chegaram até aqui.

Eles iriam sobreviver hoje também. E a realeza khaganato saberia disso.

Os cascos galopantes afogaram a batalha, e então Chaol estava lá, com a espada piscando, dirigindo na interminável maré que corria da entrada da torre.

— *Para o Lorde Chaol! Para a rainha!*

Quão longe eles estavam de Forte da Fenda. Da assassina e do capitão.

Flechas se ergueram do exército além da muralha, mas uma onda de vento gelado as quebrou em lascas antes que pudessem encontrar alguma marca.

Um borrão escuro passou, e então Lorcan estava na boca da torre de cerco, sua espada balançando tão rápido que Aelin mal conseguia

seguiu-o. Ele lutou seu caminho através da ponte de metal da torre, na escada além. Como se ele fosse lutar pelas rampas e entrar no campo de batalha ele mesmo.

Abaixo, um *boom* começou. Morath trouxera o aríete deles.

Aelin sorriu sombriamente. Ela os derrubaria. Então Erawan. E então ela se soltaria em cima de Maeve.

No extremo oposto do campo, o exército de khagan empurrou, ganhando o campo passo a passo.

Não desamparada. Não contida. Nunca mais.

A morte tornou-se uma melodia em seu sangue, cada movimento uma dança quando a maré de soldados que vinham da torre diminuía. Como se Lorcan estivesse de fato forçando seu caminho pelo interior. Aqueles que passaram por ele encontraram sua espada, ou Rowan. Um flash de ouro, e Gavriel abateu-se na torre de cerco também, lâminas gêmeas num redemoinho.

O que Lorcan e o Leão fariam ao chegar ao fundo, como desalojariam a torre, ela não sabia. Não pensou nisso.

Não deste lugar de matadouro e movimento, de respiração e sangue. De liberdade.

A morte tinha sido sua maldição e seu presente e sua amiga por esses longos, longos anos. Ela estava feliz em cumprimentá-la novamente sob o sol da manhã de ouro.

CAPÍTULO 58

Elide não estava nem nas ameias, e ela já desejava nunca mais suportar outra guerra.

Os soldados que foram transportados, seus ferimentos... Ela não sabia como os curandeiros estavam tão calmos. Como Yrene Westfall trabalhava com tanta firmeza enquanto um homem gritava, gritava enquanto seus órgãos internos passavam pelo corte em sua barriga.

A fortaleza tremia de vez em quando, e Elide se odiava por estar feliz por ela não saber o que significava. Mesmo quando isso corroía ela não saber como seus companheiros se saíram. Se o exército de khagan estivesse perto o suficiente para que esse pesadelo pudesse terminar em breve.

Ainda faltavam horas, a curandeira de pele escura e olhos afiados chamado Eretia alegou quando Elide vomitou ao ver um homem cuja tíbia estava presa na perna. Ainda faltavam horas para o término da cura, o terapeuta repreendeu, então é melhor terminar de vomitar e voltar ao trabalho.

Não que houvesse muita coisa que Elide pudesse fazer. Apesar do dom generoso de poder que corria pela linhagem de sangue Lochan, ela não possuía mágica, nem dons além de ler as pessoas e mentir. Mas ela ajudou os curandeiros a segurar os homens. Correu para pegar ataduras, água quente e qualquer outra pomada ou ervas que os curandeiros pedissem com calma.

Nenhum deles gritava. Eles apenas levantavam suas vozes, a magia brilhando ao redor deles, se um soldado gritava alto demais para que suas palavras fossem ouvidas.

O sol mal chegava ao horizonte, a julgar pela luz das janelas no alto do Grande Salão, e muitos já estavam feridos. Muitos.

Ainda assim eles continuaram chegando, e Elide continuou se movendo, seu mancar se tornando uma dor surda, depois uma dor aguda. Uma dor menor, comparada com o que os soldados suportaram. Comparado com o que eles enfrentaram nas ameias.

Ela não se deixou pensar em seus amigos. Não se permitiu pensar em Lorcan, que não tinha ido à câmara ontem à noite e não os procurou hoje de manhã. Como se ele não quisesse ficar perto dela.

Como se ele tivesse tomado todas as palavras de ódio que ela falou no coração.

Então Elide ajudou os curandeiros de olhos limpos, segurou os gritos, homens implorando e não parou.



Farasha não recuou dos soldados Morath que entraram nas ameias. Dos que emergiram da segunda torre de cerco que atracou na parede, ou daqueles que subiram as escadas.

Não, aquele magnífico cavalo os atropelou, destemido e perverso, exatamente como Chaol previra. Um cavalo cujo nome significava *borboleta* – pisando em todos os soldados Valg.

Se o fôlego não fosse uma lufada no peito, Chaol poderia ter sorrido. Se os homens não tivessem sido abatidos ao redor dele, ele poderia ter rido um pouco também.

Mas Morath estava se lançando nas paredes e portões com um furor que ainda não haviam testemunhado. Talvez soubessem quem tinha vindo a Anielle e agora os derrubava. Aelin e Rowan lutavam de costas um para o outro, e Fenrys abriu caminho pelas ameias para se juntar a Chaol pela segunda torre de cerco.

O braço da espada de Chaol não vacilou, apesar do cansaço que começou a se arrastar quando uma hora, depois duas se passaram. Do outro lado do mar de soldados inimigos, os exércitos rukhin e Darghan reuniram e esmagaram Morath entre suas forças, levando-os para as muralhas da fortaleza.

Morath, ao que parece, não pensou em se render. Apenas para infligir destruição, para invadir a fortaleza e abater tantos quantos pudessem antes de atingir o seu fim.

Seu escudo ensanguentado e amassado, seu cavalo um demônio enfurecido debaixo dele, Chaol continuou balançando sua espada. Sua esposa estava dentro da fortaleza atrás dele. Ele não iria falhar com ela.



Nesryn ficou sem flechas cedo demais.

Morath não fugiu, mesmo com o poder dos cavaleiros Darghan e os soldados a pé sobre eles. Então eles avançaram lentamente, deixando corpos vestidos de preto e também de armadura dourada em seu rastro. Mais soldados Morath do que os seus, mas era difícil – quase insuportável – ver tantos caírem. Ver os belos cavalos do Darghan sem cavaleiro. Ou abatidos.

Os rukhin sofreram perdas, mas não tantas. Não agora que um exército lutava abaixo deles.

Sartaq liderou o centro e, de onde Nesryn comandava o flanco esquerdo, ela manteve um olho nele e em Kadara. De olho em Borte e Yeran, liderando o flanco direito para o lado oeste da batalha, Falkan Ennar em forma de ruk com eles. Talvez ela tenha imaginado, mas Nesryn poderia jurar que o metamorfo lutou com vigor renovado.

Como se os anos retornassem para ele e aumentassem sua força.

Nesryn cutucou Salkhi e eles mergulharam novamente, os cavaleiros atrás dela seguindo o exemplo. Flechas e lanças subiram para encontrá-los, alguns soldados Morath fugindo. Nesryn e Salkhi voltaram para o ar coberto de mais sangue negro.

Sobrecarga alta, duas patrulhas rukhin monitoravam a batalha.

Enquanto Nesryn limpava o sangue negro do rosto, um cavaleiro mergulhou – direto para Sartaq.

Sartaq estava subindo uma batida depois.

Nesryn sabia que ele iria chutar sua bunda por isso, mas ela gritou para o capitão rukhin atrás dela para manter a formação, e mandou Salkhi atrás o príncipe.

— *Volte para a linha* — ordenou Sartaq ao vento, sua pele excepcionalmente pálida.

— O que há de errado? — Ela perguntou. Salkhi bateu mais forte, alinhando-se com o ruk do príncipe.

Sartaq apontou para frente. Para a parede de montanhas além do lago e da cidade.

Para a represa que ele mencionou tão casualmente, quebrando para limpar o exército de Morath.

Com cada aba das asas de Salkhi, ficou mais claro. O que o enviou em uma corrida louca.

Um grupo de soldados Morath tinha tomado a noite não para descansar, mas para se esgueirar pela cidade abandonada. Para escalar os contrafortes, depois o muro da montanha. Para a barragem em si.

Onde eles agora, com aríetes e esperteza perversa, procuravam soltá-la.

Salkhi se aproximou. Nesryn pegou uma flecha. Seus dedos se curvaram ao redor do ar.

Sartaq, no entanto, tinha duas flechas e disparou contra os trinta e tantos soldados de Morath, jogando um enorme aríete no centro da represa. Madeira e pedra e ferro, antigos e preditos. Algumas rachaduras, e desabaria.

E então o lago e o rio superior, encurralados atrás dele, irromperiam através da planície.

Morath não se importava se suas próprias forças fossem lavadas. Eles perderiam hoje de qualquer maneira.

Eles não permitiriam que o exército dos khagans também saísse da planície.

Ambas as flechas de Sartaq encontraram suas marcas, mas os dois soldados que desceram não fizeram os outros derrubarem o

aríete. Mais uma vez, eles puxaram o aríete para trás – e o balançaram para frente.

A explosão de madeira na madeira ecoou até eles.

Eles subiram o suficiente para que as forças de ferro na ponta do aríete se tornassem claras. Invólucro de ferro grosso, tampado com espinhos destinados a triturar e furar. Se Salkhi e Kadara pudessem alcançá-lo, poderiam arrancar o aríete de suas mãos. Metal gemeu e bateu, e o grito de aviso de Sartaq quebrou no ar.

Salkhi inclinou-se instintivamente, espiando o enorme ferrolho de ferro antes de Nesryn. Um raio disparado de um dispositivo de aparência pesada que eles devem ter enrolado aqui. Para manter os ruks longe.

O raio se alargou, batendo na rocha da montanha.

Ele teria perfurado o peito de Salkhi, diretamente em seu coração.

Com o estômago revirando, Nesryn subiu novamente, avaliando os soldados abaixo.

Sartaq sinalizou de perto, *Entrelace em duas direções diferentes.*

Encontre no centro.

Os ventos gritaram em seus ouvidos, mas Nesryn puxou as rédeas e Salkhi inclinou-se em um amplo arco. Sartaq virou Kadara, a imagem no espelho da manobra de Nesryn.

— O mais rápido que você puder, Salkhi! — Nesryn gritou para sua ruk.

Ganhando na represa, nos soldados, Salkhi e Kadara subiram em direção um ao outro, cruzaram caminhos e se curvaram para fora novamente. Tecendo rápido como o próprio vento. Negando aos arqueiros um alvo fácil.

Um ferrolho disparou para Sartaq e atravessou o ar acima dele, quase roçando a cabeça.

O aríete bateu na madeira novamente.

Uma rachadura estilhaçada soou desta vez. Um gemido profundo, como uma terrível fera despertando de um longo sono.

Outro ferrolho disparou para eles e errou. Nesryn e Sartaq passaram um pelo outro, voando tão rápido que seus olhos

correram.

O vento cantou, cheio das vozes dos moribundos e feridos. E então eles estavam lá, as garras de Salkhi esticadas quando ele bateu na máquina de ferro que tinha lançado esses parafusos, rasgando-a. Soldados gritaram quando o ruk caiu sobre eles também.

Aqueles no aríete entraram em outra explosão trovejante contra a represa antes que Sartaq e Kadara caíssem neles. Os homens foram voando, alguns atingindo a represa. Alguns pousando em pedaços.

Kadara arremessou o aríete na face da montanha próxima, a madeira estilhaçando com o impacto. Rolou nas rochas e desapareceu.

Com o coração trovejando, a batalha na planície abaixo ainda furiosa, Nesryn girou Salkhi e avaliou a parede da represa, Sartaq fazendo o mesmo ao lado dela.

O que eles viram os fez voar de volta para a fortaleza tão rapidamente quanto os ventos poderiam levá-los.



Lorcan lutara para descer ao interior sombrio e apertado da primeira torre de cerco, matando os soldados em seu caminho.

Gavriel seguiu atrás dele, logo se aproximando enquanto Lorcan se encontrava segurando a entrada da torre contra os incontáveis soldados que tentavam entrar.

Os dois estenderam a maré, mesmo quando alguns dos Morath passaram por suas espadas. Whitethorn e a rainha estariam esperando para pegá-los.

Lorcan perdeu a noção de quanto tempo ele e Gavriel mantiveram a entrada da torre de cerco – quanto tempo levou até que suas forças pudessem desalojá-la.

Sua magia seria inútil. A coisa toda foi construída de ferro. As escadas também. Como se Morath tivesse antecipado a presença deles.

Apenas o gemido do metal em colapso os avisou que a torre estava descendo e os enviou correndo para o campo de batalha.

Onde eles se encontraram do lado de fora dos portões. Fenrys e Lorde Chaol tinham aparecido nas muralhas com arqueiros e atiravam nos soldados que corriam para Lorcan e Gavriel.

Mas ele e o Leão já tinham marcado o próximo alvo: o aríete ainda batendo nos portões cada vez mais enfraquecidos. E com os arqueiros cobrindo de cima, eles começaram a abater o caminho para isso. E, em seguida, abateu seu caminho ao longo do próprio aríete, até que ele caiu no chão, então foi esquecido na onda de soldados Morath que vieram para eles.

A respiração de Lorcan tinha sido uma batida constante, uma força de aterramento enquanto os corpos se empilhavam ao redor deles.

Eles precisavam apenas segurar o portão por tempo suficiente para que o exército do khagan supere o exército dos Morath.

Do alto, um vento rápido e brutal se somava à dança da morte, arrancando o ar dos pulmões de soldados que os atacavam, mesmo sabendo que Whitethorn continuava lutando nas ameias.

Lorcan perdeu novamente a noção do tempo. Apenas sabia vagamente que o sol estava se formando no céu.

Mas o exército de khagan estava ganhando o campo, centímetro por centímetro.

O suficiente para que os ruks arrancassem as escadas de cerco das paredes da torre. O suficiente para que Lorde Chaol gritasse até ele e Gavriel para escalar uma escada de cerco e *voltar o inferno de volta pra cá*.

Gavriel obedeceu, avistando a escada de ferro limpa dos soldados Morath, sendo mantida no lugar apenas por tempo suficiente para que eles subissem de volta para as ameias.

Mas as forças do khagan estavam próximas. E uma cutucada no ombro de Lorcan disse-lhe para não correr, mas para lutar.

Então Lorcan ouviu. Ele não se incomodou em gritar para Gavriel, agora meio subindo a escada, antes de mergulhar na briga.

Ele foi criado para a batalha. Independentemente de qual rainha ele servia, se ela era Feérica ou Valg ou humana, *isso* era o que ele havia sido treinado para fazer. O que alguma parte dele cantou para fazer.

Lorcan lançou seu próprio caminho em direção às linhas khagan avançadas, alguns soldados Morath fugindo em seu rastro. Alguns caindo antes de alcançá-los, sua magia tirando suas vidas.

Logo agora. Eles ganhariam o campo em breve, e a música em seu sangue seria silenciosa.

Parte dele não queria que acabasse, mesmo quando seu corpo começou a gritar para descansar.

No entanto, quando a batalha terminasse, o que restaria?

Nada. Elide deixara isso claro o suficiente. Ela o amava, mas ela se odiava por isso.

Ele não a merecia de qualquer maneira.

Ela merecia uma vida de paz, de felicidade. Ele não sabia dessas coisas. Tinha pensado que ele tinha vislumbrado isso durante os meses que eles viajaram juntos, antes que tudo fosse para o inferno, mas agora ele sabia que não era nada parecido.

Mas este campo de batalha, essa canção da morte ao redor dele... Isso, ele poderia fazer. Isso, ele poderia saborear.

Os capacetes dourados do exército de khagan ficaram claros, seus cavalos de fogo infalíveis. Melhor do que qualquer batalha que ele lutou ao lado de um reino mortal. Em muitos reinos imortais também.

Obedecendo ao canto da morte em seu sangue, Lorcan deixou seus escudos caírem. Ele não queria que fosse fácil. Ele queria *sentir* cada golpe, ver a vida do inimigo escoar sob sua espada.

Ele não se importou com o que veio disso. Ninguém se importaria se ele voltasse para a fortaleza de qualquer maneira. Ele não recuou quando engajou os dez soldados que cobraram por ele.

Talvez ele merecesse o que aconteceu em seguida. Mereceu por seus pensamentos patéticos, ou sua arrogância em abaixar seus escudos.

Um momento, ele estava enviando o soldado Morath de volta ao seu criador das trevas. Um momento, ele estava sorrindo, mesmo quando ele saboreou seu sangue vil pulverizando o ar.

Um flash de metal nas costas dele. Lorcan girou, a espada subindo, mas tarde demais.

A lâmina do soldado Valg subiu. Lorcan arqueou, berrando enquanto a carne rasgava sua espinha. Nenhuma armadura – não havia armadura para encaixar em seus troncos.

O soldado Morath se moveu de novo, mais hábil que os outros.

Talvez o homem que ele tinha infestado tivesse alguma habilidade no campo de batalha, algo que o demônio usava para sua vantagem.

Lorcan mal conseguia levantar a espada antes de o soldado mergulhar a sua no intestino de Lorcan.

Lorcan caiu, com a espada fazendo barulho. A lama gelada sugou seu rosto, como se o engolissem inteiro. Puxou-o para as profundezas sombrias do reino de Hells, onde ele merecia estar.

A terra tremeu sob os cascos trovejantes e flechas gritaram no alto.

Então houve rugido. E depois escuridão.

CAPÍTULO 59

O exército de khagan não fez prisioneiros.

Alguns dos soldados de Morath tentaram fugir para a cidade. De pé ao lado de Aelin nas ameias de vigia, Rowan observava os ruks os apanharem com eficiência letal.

Seus ouvidos ainda tocavam com o barulho da batalha, sua respiração uma batida rouca ecoada por Aelin. As pequenas feridas já haviam começado a cicatrizar, uma coceira sob as roupas manchadas. O corte que ele levou na perna, no entanto, precisaria de mais tempo.

Do outro lado da planície, estendendo-se em direção ao horizonte, o exército de khagan assegurou-se de que suas mortes continuassem baixas. Espadas e lanças brilhavam à luz da tarde enquanto subiam e desciam, cortando cabeças. Rowan sempre se lembrava do caos e do rush da batalha, mas isso – as consequências confusas e cansadas – isso, ele havia esquecido.

Os curandeiros já avançavam pelo campo de batalha, com as bandeiras brancas contra o mar de preto e dourado. Aqueles que precisavam de ajuda mais intensiva foram levados por ruks e levados diretamente para o caos do Grande Salão.

No topo das ameias escorregadias, seus aliados e companheiros ao redor deles, Rowan entregou a Aelin o coldre de água. Ela bebeu profundamente, depois entregou a Fenrys.

Um desencadeamento e liberação. Isso é o que a batalha tinha sido para sua parceira.

— Perdas mínimas — dizia a princesa Hasar, com uma mão apoiada em uma pequena seção da muralha que não estava coberta

de sangue negro ou vermelho. — Os soldados de infantaria foram os mais atingidos; o Darghan permanece praticamente intacto.

Rowan assentiu. Impressionante – mais que impressionante. O exército de khagan era uma força lindamente coordenada, movendo-se pela planície como se fossem agricultores colhendo trigo. Se ele não tivesse sido arrastado para a dança da batalha, ele poderia ter parado para se maravilhar com eles.

A princesa virou-se para Chaol, sentado em uma cadeira de rodas, com o rosto sombrio. — No seu fim?

Chaol olhou para o pai, que observou o campo de batalha com os braços cruzados. Seu pai disse sem olhar para eles: — Muitos. Nós vamos deixar por isso mesmo.

A dor pareceu cintilar nos olhos do bastardo, mas ele não disse mais nada.

Chaol fez uma careta de desculpas para Hasar, apertando as mãos nos braços da poltrona. Os soldados de Anielle, por mais bravamente que tivessem lutado, não eram uma unidade treinada.

Muitos dos que sobreviveram eram guerreiros experientes que lutaram com os homens selvagens no Desfiladeiro, disse Chaol a Rowan antes. A maioria dos mortos não tinha.

Hasar finalmente olhou para Aelin.

— Eu ouvi que você arrasou hoje.

Rowan se preparou.

Aelin saiu do campo de batalha e inclinou a cabeça.

— Você parece como se tivesse arrasado também.

De fato, a armadura ornamentada de Hasar estava salpicada de sangue negro. Ela estava no meio dela, no topo do cavalo Muniqi, e tinha ido até os portões. Mas a princesa não fez mais comentários.

A irritação, profunda e quase oculta, brilhou nos olhos de Aelin.

No entanto, ela não falou de novo – não pressionou a princesa sobre os próximos passos. Ela apenas assistiu ao campo de batalha mais uma vez, mordendo o lábio.

Ela mal parou durante a batalha, parando apenas quando não havia mais Valg para matar. E nos minutos desde que as paredes

foram limpas, ela permaneceu quieta – distante. Como se ela ainda estivesse saindo daquele lugar calmo e calculista em que desceu enquanto lutava. Ela não se incomodou em remover sua armadura. A coroa de batalha de bronze estava coberta de sangue, o cabelo emaranhado com ela.

O pai de Chaol olhara para a armadura dela, para Rowan, e ficara branco de raiva. No entanto, Chaol tinha simplesmente empurrado a cadeira para o lado do pai, rosando algo muito suave para Rowan ouvir, e o homem recuou.

Por enquanto. Eles tinham coisas maiores a considerar. Coisas que levaram sua parceira a morder o lábio. Quando o exército do príncipe Kashin chegasse, se eles realmente se dirigissem para o norte, para Terrasen. Se hoje tivesse sido o suficiente para conquistá-los.

Duas formas tomaram forma no céu. Kadara e Salkhi, voando para a fortaleza a uma velocidade quase incontrolável.

As pessoas correram para fora do caminho dos ruks enquanto Sartaq e Nesryn pousavam nas ameias, escorregando das selas e seguindo até eles.

—Temos um problema. — disse Nesryn, com o rosto pálido.

De fato, os lábios de Sartaq estavam sem sangue. Ambos os aromas estavam encharcados de medo.

As rodas da cadeira de Chaol se espalharam pelo sangue poeirento.

— O que é?

Aelin se endireitou, Gavriel e Fenrys ainda parados.

Nesryn apontou para a cidade, para a muralha das montanhas.

— Nós interceptamos um grupo de soldados Morath no final da batalha – tentando derrubar aquela represa.

Rowan xingou e Chaol repetiu.

— Estou supondo que eles não tiveram sucesso graças a você.

— disse Aelin, olhando para aquela barragem perto demais, para as águas furiosas do lago e do rio superior que ficava a distância.

—Parcialmente. — disse Sartaq, um músculo emplumado em sua mandíbula. — Mas chegamos depois de muito dano já ter sido feito.

— Fale logo — Hasar sibilou.

Os olhos escuros de Sartaq brilharam. — Precisamos evacuar nosso exército da planície. Agora mesmo.

—Vai quebrar? — Perguntou o pai de Chaol.

Nesryn estremeceu. — Provavelmente vai.

— Poderia estourar a qualquer momento. — Sartaq apontou para o exército de khagan na planície. — Precisamos tirá-los de lá.

— Não há para onde ir.— disse o pai de Chaol. — A água rugirá por quilômetros e essa fortaleza não poderá conter todas as suas forças.

De fato, Rowan percebeu que a fortaleza, apesar de sua alta posição, não cabia o tamanho do exército na planície. Nem mesmo perto. E a fortaleza, bem acima, seria a única coisa que poderia suportar a onda de água gelada que varreria das montanhas e através da planície. Obliterando tudo em seu caminho.

Hasar fixou seu olhar ardente em Chaol.

— Para onde nós lhes dizemos para correr?

— Convoque os ruks. — disse Chaol. — Peça-lhes que recolham o máximo que puderem, voem para este pico atrás de nós.

— Ele apontou para a pequena montanha na qual a fortaleza fora construída. — Coloque-os nas pedras, coloque-os em qualquer lugar.

— E aqueles que não chegarem aos ruks? — A princesa pressionou, algo como pânico rompendo seu rosto feroz.

O próprio coração de Rowan trovejou. Eles haviam vencido a batalha, apenas para o inimigo ter a palavra final em sua vitória.

Morath não permitiria que o exército dos khagan saísse da planície.

Isso destruiria esse exército, esse fragmento de esperança, em um golpe simples e brutal.

— Foi uma armadilha o tempo todo? — Chaol esfregou o queixo.

— Erawan sabia que eu estava trazendo um exército. Ele escolheu Anielle para *isso*? Sabendo que eu viria, e ele usaria a represa para

acabar com nossa armada?

— Pense nisso depois. — alertou Aelin, com o rosto tão sério quanto o de Rowan. Ela examinou a planície. — Diga a eles para correrem. Se eles não conseguirem um ruk, então *corram*. Se eles chegarem à beira de Carvalhal, eles terão uma chance se conseguirem subir em uma árvore.

Seu parceiro não mencionou que com uma onda desse tamanho, essas árvores seriam submersas. Ou arrancadas de suas raízes.

Gavriel perguntou:

— Não há como consertar o dano causado?

— Nós checamos. — Sartaq disse, balançando a cabeça. — Morath sabia onde atacar.

— E quanto à sua magia? — perguntou Fenrys a Rowan. — Você poderia congelar o rio?

Ele já havia pensado nisso. Rowan sacudiu a cabeça.

— É muito profundo e sua corrente é muito forte. — Talvez se ele tivesse todos os seus primos, mas Enda e Sellene estavam no norte, seus irmãos e parentes com eles.

— Abra os portões. — Chaol disse calmamente. — Qualquer um nas proximidades deve correr para cá. Os mais afastados terão que fugir para a floresta.

Rowan encontrou o olhar de Aelin.

Suas mãos começaram a tremer.

Isso não pode terminar aqui, ela parecia dizer. Pânico – o pânico de fato explodiu em seus olhos. Rowan agarrou sua mão trêmula e apertou.

Mas não havia verdade ou mentira que pudesse acalmá-la.

Nenhuma verdade ou mentira para salvar o exército na planície.



Elide encontrou seus companheiros e aliados não em uma sala do conselho, mas reunidos nas ameias. Como se corpos e sangue não estivessem ao redor deles.

Ela se encolheu a cada passo através do sangue, preto e vermelho, tentando não encontrar os olhos cegos dos soldados mortos. Ela fora enviada por Yrene para ver como Chaol se saía – uma pergunta ofegante e assustada de uma mulher que não ouvira falar de seu destino desde o início da batalha.

Depois de horas ajudando os curandeiros, Elide estava desesperada para escapar do quarto que cheirava a sangue e recusa.

No entanto, qualquer alívio ao ar livre, na batalha final, durou pouco quando ela viu as ameias ensanguentadas. Quando ela notou os rostos pálidos de seus companheiros, suas palavras tensas. Todos eles estavam olhando entre as montanhas e o campo de batalha.

Algo deu errado. Algo *estava* errado.

O campo de batalha se estendia à distância, curandeiros correndo entre os corpos derrubados com faixas brancas altas para indicar sua localização. Muitos. Tantos mortos e feridos. Um mar deles.

Elide alcançou o lado de Chaol no momento em que Nesryn Faliq pulou em cima de seu belo ruk, lançando-se em um mergulho para o exército abaixo. Não, os outros ruks.

Elide pousou a mão no ombro de Lorde Chaol, chamando a atenção de onde observava Nesryn voar. Sangue salpicado, mas seus olhos de bronze estavam claros.

E cheio de terror.

Qualquer mensagem que Yrene deu a Elide desapareceu de sua memória.

— O que há de errado?

Foi Aelin quem respondeu, sua armadura ensanguentada era estranha e antiga. Uma visão do passado.

— A represa vai quebrar. — disse a rainha com voz rouca. — E matar qualquer um que estiver na planície.

Oh deuses. Oh deuses.

Elide olhou entre eles e soube a resposta para sua próxima pergunta: *o que pode ser feito?*

Nada.

Ruks foram para o céu, batendo na direção deles, soldados em suas garras e agarrados às costas.

— Alguém avisou aos curandeiros? — Elide apontou para os estandartes brancos acenando tão longe na planície. — A curandeira no comando? — Hafiza estava lá embaixo, dissera Yrene.

Silêncio. Então o príncipe Sartaq praguejou em sua própria língua e correu para o seu ruk de ouro. Ele estava no campo de batalha em segundos, seus gritos ecoando. Kadara mergulhou a cada poucos momentos, e quando ela se levantou novamente, outra figura pequena estava em suas garras. Curandeiros. Agarrando o máximo deles que podia.

Elide se virou para seus companheiros quando os soldados começaram a correr para a fortaleza, atropelando cadáveres e feridos igualmente. Ordens saíram na língua do continente do sul, e mais soldados no campo de batalha entraram em ação.

— O que mais – o que mais podemos fazer? — Elide exigiu.

Aelin e Rowan só olhavam para o campo de batalha, observando Fenrys e Gavriel enquanto os ruks corriam para salvar o máximo que podiam. Atrás deles, a princesa Hasar andava de um lado para o outro, e Chaol e seu pai murmuravam sobre onde poderiam caber a todos na fortaleza. Aqueles que sobreviveram.

Elide olhou para eles novamente. Olhou para todos eles.

E então perguntou baixinho:

— Onde está Lorcan?

Nenhum deles se virou.

Elide perguntou, mais alto:

— Onde está Lorcan?

Os olhos castanhos de Gavriel examinaram os dela, a confusão dançando lá.

— Ele... ele saiu para o campo de batalha durante a luta. Eu o vi pouco antes de as tropas do khagan chegarem a ele.

— Onde ele *está*? — A voz de Elide se quebrou. Fenrys a encarou agora. Então Rowan e Aelin. Elide implorou, com voz embargada, — *Onde está Lorcan?*

De seu silêncio atordoado, ela sabia que eles não tinham se perguntado.

Elide se virou para o campo de batalha. Para aquele trecho interminável de corpos caídos. Soldados fugindo. Muitos dos feridos foram abandonados onde estavam.

Tantos corpos. Então, muitos soldados lá embaixo.

—Onde. — Ninguém respondeu. Elide apontou para o campo de batalha e rosnou para Gavriel, — *Onde* você o viu se juntar às forças do khagan?

— Quase do outro lado do campo. — respondeu Gavriel, a voz tensa e apontou para a planície. — Eu – eu não o vi depois disso.

—Merda. — Fenrys respirou.

Rowan disse para ele — Use sua mágica. Salte para o campo, encontre-o e traga-o de volta.

O alívio amassou o peito de Elide.

Até que Fenrys disse: — Eu não posso.

— Você não usou uma vez durante a batalha. — Rowan desafiou. — Você deve estar totalmente preparado para fazê-lo.

Fenrys empalideceu sob o sangue no rosto e lançou olhos suplicantes para Elide.

— Eu não posso.

O silêncio caiu nas ameias.

Então Rowan rosnou:

— Você não vai. — Ele apontou com um dedo sangrento para o campo de batalha. — Você o deixaria morrer e por quê? Aelin o perdoou. — Sua tatuagem se encolheu quando ele rosnou novamente. — *Salve ele.*

Fenrys engoliu em seco. Mas Aelin disse: — Deixe isso, Rowan.

Rowan rosnou para ela também.

Ela rosnou de volta.

— *Deixa para lá.*

Alguma conversa silenciosa passou entre eles, e a esperança que ardia no peito de Elide saiu quando Rowan recuou. Deu a Fenrys um

aceno de desculpas. Fenrys, parecendo que ele ia ficar doente, apenas encarou o campo de batalha novamente.

Elide recuou um passo. Então outro.

Lorcan não podia estar morto.

Ela saberia se ele estivesse morto. Ela saberia, em seu coração, sua alma, se ele fosse embora.

Ele estava lá embaixo. Ele estava lá embaixo naquele exército, talvez ferido e sangrando— Ninguém a parou quando Elide correu dentro da fortaleza. Cada passo mancava, dor rompendo sua perna, mas ela não vacilou quando bateu na escada interior e mergulhou no caos.

Ela o fizera uma promessa.

Ela havia jurado a ele um juramento, todos aqueles meses atrás.

Eu sempre vou te encontrar.

Soldados e curandeiros subiram as escadas, passando por Elide. A gritaria era quase ensurdecadora, saltando das pedras antigas. Ela lutou para descer, soluçando entre os dentes.

Eu sempre vou te encontrar.

Empurrando, acotovelando-se, berrando para as pessoas frenéticas que passavam por ela, Elide lutou por cada passo para baixo. Para os portões.

As pessoas gritavam, uma inundação interminável subindo as escadas. Ainda assim Elide desceu, perdendo um passo aqui, outro ali. Eles nem sequer olharam para ela, até tentaram abrir caminho enquanto corriam para cima. Foi só quando Elide perdeu mais um passo que ela rugiu na escadaria,

— *Limpem o caminho para a rainha!*

Ninguém ouviu, então ela fez de novo. Ela encheu sua voz com comando, com cada grama de poder que ela viu os Feéricos machos usarem para intimidar seus oponentes. — *Limpem o caminho para a rainha!*

Desta vez, as pessoas pressionaram contra as paredes. Elide pegou a pequena abertura e gritou seu pedido de novo e de novo, o tornozelo latindo a cada passo.

Mas ela fez isso. Chegou ao caótico nível inferior, aos portões abertos cheios de soldados. Além deles, corpos se estendiam no horizonte. Guerreiros e curandeiros e os portadores dos feridos correram para qualquer escada que pudessem encontrar.

Elide conseguiu todos os cinco passos mancando em direção ao portão aberto antes que ela soubesse que seria impossível.

Atravessar o campo, encontrá-lo na planície interminável, antes que a represa explodisse e ele fosse levado embora. Antes ele fosse embora para sempre.

Ele não estava morto.

Ele não estava morto.

Eu sempre vou te encontrar.

Elide examinou os portões, os céus, procurando algum sinal de um ruk que pudesse levá-la. Mas eles subiram para os níveis superiores, rastejando com soldados e curandeiros, alguns até depositando suas cargas na própria face da montanha. E no nível do solo, ninguém a ouviria pedindo socorro.

Nenhum soldado iria parar também.

Elide examinou a outra extremidade da entrada dos portões.

Observou os cavalos sendo levados para fora de seus estábulos por manipuladores frenéticos, as bestas resistindo ao pânico ao redor deles enquanto eram arrastadas para as rampas cheias.

Uma égua negra se levantou, seu grito um aviso agudo antes que ela cortasse seus cascos contra o manipulador. A égua do Lorde Chaol. O condutor guinchou e caiu para trás, mal agarrando as rédeas enquanto a égua o pisava, as orelhas apoiadas na cabeça.

Elide não pensou. Não reconsiderou. Ela mancava para os cavalos e os estábulos.

Ela disse para o manipulador frenético, ainda se afastando da égua meio selvagem.

— Eu vou pegá-la.

O homem, de cara branca, atirou as rédeas.

— Boa sorte. — Então ele também correu.

A égua – Farasha – puxou com tanta força as rédeas que Elide quase foi arremessada através das pedras. Mas ela plantou seus pés, com as pernas gritando, e disse a égua: — Eu preciso de você, coração feroz. — Ela encontrou os olhos escuros e furiosos de Farasha.

— Eu preciso de você. — Sua voz quebrou. — Por favor.

E deuses acima, a égua se acalmou. Piscou.

Cavalos e manipuladores passaram por eles, mas Elide se manteve firme. Esperou até que Farasha abaixasse a cabeça, como se tivesse permissão.

Os estribos eram baixos o suficiente graças às longas pernas de Lorde Chaol, que Elide podia alcançá-los. Ela ainda mordeu o grito enquanto seu peso se acomodava em seu tornozelo ruim, enquanto ela empurrava e se erguia na sela bem firme de Farasha. Uma pequena misericórdia, que eles nem tiveram tempo de desmontar os cavalos depois da batalha. Um conjunto do que parecia ser suspensórios pendia de seus lados, certamente para manter Lorde Chaol estabilizado, e Elide os desenrolou. Qualquer peso, qualquer coisa para retardá-la, tinha que ser descartado.

Elide reuniu as rédeas.

— *Para o campo de batalha, Farasha.*

Com um grito estridente, Farasha mergulhou na briga.

Soldados saltaram de seu caminho, e Elide não parou para se desculpar, não parou para ninguém, enquanto ela e a égua negra avançavam em direção aos portões. Então através deles.

E na planície.

CAPÍTULO 60

Rowan sabia que sua magia simplesmente atrasaria o inevitável.

Ele tinha debatido a ideia de voar até a represa, para ver se poderia manter a estrutura no lugar por tempo suficiente, se não conseguisse parar o rio por completo, mas a força da coisa do outro lado... não poderia ser detida.

Soldados e curandeiros corriam para a fortaleza, os ruks correndo pelo campo de batalha para levar primeiro os que estavam na trilha da água para a segurança. Mas não rápido o suficiente.

Mesmo sem saber quando a represa iria quebrar, não seria rápido o suficiente.

Lorcan estava atualmente entre aqueles correndo, ou ele tinha conseguido subir em um ruk?

— O poder — Fenrys disse baixinho para ele, segurando a parede escorregadia. — Foi a única coisa que Connall e eu compartilhávamos.

— Eu sei. — Disse Rowan. Ele não deveria ter pressionado. — Eu sinto muito. — Fenrys apenas assentiu. — Eu não consegui engolir isso desde então. Eu nem tenho certeza de que posso usá-lo novamente — Ele disse, e repetiu: — Sinto muito.

Rowan deu um tapinha no ombro dele. Outra coisa pela qual ele faria Maeve pagar. — Você poderia nem ter encontrado ele, de qualquer maneira.

A mandíbula de Fenrys se apertou. — Ele poderia estar em qualquer lugar.

— Ele poderia estar morto. — murmurou a princesa Hasar.

— Ou ferido. — Chaol cortou, dirigindo-se à borda da parede para inspecionar o campo de batalha abaixo e a represa distante além dela.

Aelin, a poucos metros de distância, olhava para ela também, com os cabelos encharcados de sangue se soltando da trança no vento forte. Fluindo em direção àquelas montanhas, a destruição que em breve seria desencadeada.

Ela não disse nada. Não tinha feito nada desde que Nesryn e Sartaq trouxeram a notícia. Seu tipo exato de pesadelo, ele percebeu, ser incapaz de ajudar, ser forçada a assistir enquanto outros sofriam.

Nenhuma palavra poderia confortá-la, nenhuma palavra poderia consertar isso. Parar isso.

— Eu poderia tentar localizá-lo. — Gavriel ofereceu.

Rowan sacudiu seu medo arrepiante. — Eu vou voar por aí, tentar localizá-lo e sinalizar de volta para você— — Não se preocupem. — Disse a princesa Hasar, e Rowan estava prestes a soltar sua resposta quando apontou para o campo de batalha. — Ela já está à sua frente.

Rowan girou, os outros seguindo o exemplo.

— Não. — Fenrys respirou.

Lá, galopando pela planície em um familiar cavalo negro, estava Elide.

— Farasha. — Murmurou Chaol.

— Ela vai ser morta. — Disse Gavriel, enrijecendo como se ele pudesse pular das ameias e persegui-la. — Ela será— Farasha saltou sobre corpos caídos, entrelaçando-se entre os feridos e os mortos, Elide se contorcendo na sela. E, à distância, Rowan pôde ver sua boca se movendo, gritando uma palavra, um nome, repetidamente. *Lorcan.*

— Se algum de vocês for até lá. — Advertiu Hasar — também será morto.

Foi contra todos os instintos, contra os séculos de treinamento e luta que ele fez com Lorcan, mas a princesa estava certa. Perder

uma vida era melhor que várias. Especialmente quando ele precisaria tanto de sua equipe durante o resto da guerra.

Lorcan concordaria – ensinara Rowan a fazer esse tipo de decisão.

Ainda assim, Aelin permaneceu em silêncio, como se tivesse descido profundamente dentro de si e olhasse para o campo de batalha.

Na pequena cavaleira e na poderosa égua correndo por ele.



Farasha era uma tempestade embaixo dela, mas a égua não procurou destronar Elide enquanto eles trovejavam pela planície cheia de corpos.

— *Lorcan!*

Seu grito foi engolido pelo vento, pelos gritos de soldados e pessoas fugindo, pelo grito dos ruks acima. — *Lorcan!*

Ela procurou em cada cadáver por qual passou por uma sugestão daquele cabelo preto brilhante, aquele rosto severo. Muitos.

O campo dos mortos se estendia para sempre, os corpos se acumulavam em várias profundezas.

Farasha saltou sobre eles, cortando curvas fechadas quando Elide girou para procurar, procurar e procurar.

Cavalos e cavaleiros darghan passavam correndo. Alguns para a fortaleza, alguns para a floresta distante ao longo do horizonte.

Farasha se misturou entre eles, mordendo os que estavam em seu caminho.

— *Lorcan!* — Quão pequeno seu grito soou, quão fraco.

Ainda a represa segurou.

Eu sempre vou te encontrar.

E suas palavras, suas palavras idiotas e odiosas para ele... Ela fez isso? Trouxe isto sobre ele? Pediu a algum deus para fazer isso?

Suas palavras tinham desaparecido no momento em que ela percebeu que ele não estava nas ameias. Os últimos meses tinham desaparecido completamente.

— *Lorcan!*

Inquietando-se, Farasha continuou andando, sua juba preta flutuando ao vento.

A barragem tinha que segurar. Iria se segurar. Até que ela o trouxesse de volta para a fortaleza.

Então Elide não parou, não olhou para a desgraça que espreitava, esperando para ser solta.

Ela cavalgou e cavalgou e cavalgou.



No topo da ameia, Chaol não sabia o que assistir: a represa, as pessoas fugindo da destruição que se aproximava, ou a jovem Lady de Perranth, correndo pelo campo de batalha em cima de sua égua.

Uma mão quente pousou em seu ombro e ele sabia que era Yrene sem se virar.

— Acabei de ouvir sobre a represa. Eu tinha enviado Elide para ver se você estava... — as palavras de sua esposa foram interrompidas quando ela viu a cavaleira solitária se afastando das massas que trovejavam pela fortaleza.

— Silba a salve. — Yrene sussurrou.

— Lorcan está lá embaixo. — Foi tudo o que Chaol disse como explicação.

Os machos feéricos estavam tensos como cordas de arco enquanto a jovem cruzava o campo de batalha pouco a pouco. As chances de ela encontrar Lorcan, ainda mais antes da represa estourar...

Ainda assim, Elide continuou cavalgando. Correndo contra a própria morte.

Princesa Hasar disse em voz baixa: — A garota é uma tola. A mais corajosa que eu já vi, mas uma tola da mesma forma.

Aelin não disse nada, seus olhos distantes. Como se ela tivesse recuado para si mesma ao perceber que essa lasca de esperança estava prestes a ser lavada. Seus amigos com isso.

— Hellas guarda Lorcan — murmurou Fenrys. — E Anneith, sua consorte, vigia Elide. Talvez eles se encontrem.

— O cavalo de Hellas. — Disse Chaol.

Eles se viraram para ele, afastando os olhos do campo.

Chaol balançou a cabeça e gesticulou para o campo, para a égua negra e seu cavaleiro. — Eu chamo Farasha de cavalo de Hellas. Eu fiz isso desde o momento em que a conheci.

Como se conhecer aquele cavalo, trazê-la aqui, não fosse tanto para ele como era para isso. Para esta corrida desesperada através de um campo de batalha sem fim.

Yrene apertou a mão dele, como se ela também entendesse.

O silêncio caiu ao longo de sua seção da ameia. Não havia palavras para dizer.



— *Lorcan!*

A voz de Elide quebrou no choro. Ela perdeu a conta de quantas vezes ela gritou agora.

Nenhum sinal dele.

Ela apontou para o lago. Mais perto da represa. Ele teria escolhido o lago por suas vantagens defensivas.

Corpos eram um borrão embaixo, ao redor deles. Tantos Valgs deitados no campo. Alguns alcançavam as mãos pálidas para Farasha. Como se eles a agarrariam, a rasgariam, implorando por ajuda.

A égua pisoteou-os na lama, ossos quebrando e crânios estalando.

Ele tinha que estar aqui fora. Tinha que estar em algum lugar.

Vivo, machucado – mas vivo.

Ela sabia disso.

O lago era uma mancha cinza à sua esquerda, uma zombaria do inferno a ser desencadeada a qualquer momento.

— *Lorcan!*

Eles alcançaram o coração do campo de batalha, e Elide reduziu a velocidade de Farasha o suficiente para ficar de pé nos estribos, mordendo a agonia em seu tornozelo. Ela nunca se sentiu tão pequena, tão inconsequente. Uma partícula de nada neste mar condenado.

Elide recostou-se na sela, cutucou o cavalo com os calcanhares e puxou Farasha mais para a extensão de prata cintilante. Ele tinha que ter ido para o lago.

O cavalo mergulhou em movimento, seu peito arfando como um fole poderoso.

Mais e mais, armaduras pretas e douradas, sangue e neve e lama. A represa ainda se segurava.

Mas lá –

Elide puxou as rédeas, desacelerando o cavalo.

Lá, não muito longe da beira da água, havia um punhado de soldados Morath abatidos. Uma faixa deles. Nem um único conjunto de armadura dourada. Mesmo onde o exército de khagan varreu, eles perderam soldados.

A distribuição pelo campo de batalha não tinha sido uniforme, mas havia cadáveres em armaduras douradas entre a massa de negros.

No entanto, aqui não havia nenhum. Sem flechas ou lanças, para explicar o abate de tantos.

Uma verdadeira estrada de demônios Valgs fluía à frente.

Elide seguiu. Examinou todos os cadáveres, todos os caras com capacete, sua boca ficando seca. Mais e mais, o rastro de sua destruição ia.

Muitos. Ele matou tantos.

Sua respiração raspou em sua garganta quando se aproximaram do fim da trilha da morte, onde corpos de ouro novamente começaram a aparecer.

Nada. Elide parou Farasha. Gavriel disse que o viu pela última vez aqui. Ele havia mergulhado atrás das linhas de seus aliados e saído de lá?

Ele poderia ter saído desse campo, ela percebeu. Poderia estar de volta à fortaleza ou na Floresta Carvalhal, e ela teria cavalgado aqui por nada.

— *Lorcan!* — Ela gritou, tão alto que era uma maravilha sua garganta não sangrar.

— *Lorcan!*

A barragem permaneceu intacta. Quais de suas respirações seriam as últimas?

— *LORCAN!*

Um gemido de dor respondeu por trás.

Elide se torceu na sela e examinou o caminho de Valgs mortos atrás dela.

Uma mão larga e bronzeada ergueu-se debaixo de uma pilha grossa deles e lutou por vantagem contra um peitoral de um soldado.

Não a seis metros de distância.

Um soluço estalou e Farasha trotou em direção àquela mão esticada e ensanguentada. O cavalo derrapou até parar, sangue voando de seus cascos. Elide se jogou da sela antes de se aproximar dele.

Armaduras e lâminas a cortavam, carne morta batendo contra sua pele enquanto ela empurrava cadáveres demoníacos, grunhindo com o peso deles. Lorcan a encontrou no meio do caminho, aquela mão se tornando um braço, depois dois – empurrando os corpos empilhados em cima dele.

Elide chegou a ele assim que ele conseguiu desalojar um soldado esparramado sobre ele.

Elide deu uma olhada na lesão no meio de Lorcan e tentou não cair de joelhos.

Seu sangue vazava por toda parte, a ferida não foi fechada – não do jeito que os feéricos deveriam ser capazes de se curar. A lesão que o derrubara teria sido catastrófica, se tivesse tomado todo o seu poder para curá-lo um pouco.

Mas ela não disse isso. Não disse nada além de: — A barragem está prestes a quebrar.

O sangue negro salpicava o rosto pálido de Lorcan, seus olhos escuros embaçados pela dor. Elide apoiou os pés, engoliu o grito de dor e segurou-o por baixo dos ombros.

— Nós precisamos tirar você daqui.

A respiração dele era um grito úmido quando ela tentou levantá-lo. Ele poderia muito bem ter sido um pedregulho, também poderia ter sido tão imutável quanto a própria fortaleza.

— Lorcan. — Ela implorou, com a voz quebrando. — Temos que tirar você daqui.

Suas pernas mexeram, causando um gemido agonizante. Ela nunca o ouvira nem choramingar. Nunca o tinha visto incapaz de se levantar.

— Levante-se. — Disse ela. — *Levante-se.*

As mãos de Lorcan seguraram sua cintura, e Elide não pôde parar seu grito de dor com o peso que ele colocou nela, os ossos em seu pé e tornozelo rangendo juntos. Com as pernas nem mesmo ajoelhadas debaixo dele, ele fez uma pausa.

— *Faça isso.* — Ela implorou. — *Levante-se.*

Mas seus olhos escuros se voltaram para o cavalo.

Farasha se aproximou, pisou sobre os cadáveres. Ela nem sequer se encolheu quando Lorcan agarrou as alças inferiores da sela, a outra mão no ombro de Elide e moveu as pernas para baixo dele novamente.

Sua respiração ficou irregular. Sangue fresco escorria de seu estômago, fluindo sobre os restos de crosta de sua jaqueta e calça.

Quando ele começou a se levantar, Elide viu a ferida cortando o lado esquerdo de suas costas.

A carne estava aberta – osso espiando por dentro.

Oh deuses. Oh deuses.

Elide se abaixou ainda mais embaixo dele, até que o braço dele estava pendurado nos ombros dela. Com as coxas ardendo, o tornozelo gritando, Elide se levantou.

Lorcan puxou ao mesmo tempo, Farasha segurando firme. Ele gemeu novamente, seu corpo oscilando — — *Não pare.* — sussurrou Elide. — *Não se atreva a parar.*

Sua respiração veio em suspiros rasos, mas Lorcan colocou seus pés sob ele, centímetro por centímetro. Deslizando o braço do ombro de Elide, ele se agitou para segurar a sela. Para se apegar a isso.

Ele ofegou e arquejou, sangue fresco escorrendo de suas costas também.

Esse passeio seria agonizante. Mas eles não tinham escolha.

Nenhuma mesmo.

— Agora em cima. — Ela não o deixou ouvir seu terror e desespero. — Suba nessa sela.

Ele apoiou a testa contra o lado sombrio de Farasha.

Balançando o suficiente, Elide passou um braço cuidadoso ao redor de sua cintura.

— Você não morreu rasgado. — Ela retrucou. — E você ainda não está morto. *Nós* ainda não estamos mortos. *Então suba nessa sela.*

Quando Lorcan não fez mais do que respirar, respirar e respirar, Elide falou novamente.

— Eu prometi sempre encontrar você. Eu prometi a você e você me prometeu. Eu vim por você, por causa disso; Eu estou aqui por causa disso. Eu estou aqui por *você*, entendeu? E se não subirmos nesse cavalo agora, não teremos chance contra essa represa. Nós vamos morrer.

Lorcan ofegou por outro batimento cardíaco. Então outro. E então, rangendo os dentes, as mãos brancas na sela, ele levantou a perna o suficiente para deslizar um pé no estribo.

Agora seria o verdadeiro teste: aquele poderoso empurrão para cima, o balanço de sua perna sobre o corpo de Farasha, para o outro lado da sela.

Elide se posicionou em suas costas, tão cuidadosa com o golpe terrível em seu corpo. Seus pés afundaram até o tornozelo na lama congelante. Ela não se atreveu a olhar para a represa. Ainda não.

— Levante-se. — Seu comando latiu sobre os gritos de pânico dos soldados em fuga. — Suba nessa sela agora.

Lorcan não se mexeu, seu corpo tremendo.

Elide gritou: — Levante-se agora! — E empurrou-o para cima.

Lorcan soltou um berro que soou em seus ouvidos. A sela gemeu com seu peso, e o sangue jorrou de suas feridas, mas então ele estava se erguendo no ar, em direção às costas do cavalo.

Elide jogou seu peso nele, e algo estalou em seu tornozelo, tão violentamente que a dor explodiu através dela, cegando e sem fôlego.

Ela tropeçou, perdendo o controle. Mas Lorcan estava de pé, com a perna do outro lado do cavalo. Ele se debruçou sobre ele, um braço embalando seu abdômen, cabelos escuros baixos o suficiente para escovar as costas de Farasha.

Apertando a mandíbula contra a dor no tornozelo, Elide se endireitou e olhou a distância.

Um longo braço ensanguentado caiu em sua linha de visão.

Uma oferta.

Ela ignorou isso. Ela o colocou na sela. Ela não estava prestes a mandá-lo voar novamente.

Elide recuou um passo, mancando.

Não se permitindo registrar a dor, Elide deu alguns passos para Farasha e saltou.

A mão de Lorcan segurou a parte de trás de sua jaqueta, a respiração saindo dela quando seu estômago atingiu o lábio implacável da sela, e Elide arranhou para conseguir.

A força no braço de Lorcan não vacilou quando ele a puxou quase em seu colo.

Como ele grunhiu de dor enquanto ela se endireitava.

Mas ela fez isso. Colocou as pernas de cada lado do cavalo e pegou as rédeas. Lorcan passou o braço em volta da cintura dela, o corpo brutalizado de uma massa sólida nas costas dela.

Elide finalmente se atreveu a olhar para a represa. Um ruk subiu, agitando freneticamente uma faixa dourada.

Em breve. Ela iria quebrar em breve.

Elide reuniu as rédeas de Farasha. — Para a fortaleza, amiga — Disse ela, colocando os calcanhares no lado do cavalo. — Mais rápido que o vento.

Farasha obedeceu. Elide recuou para Lorcan quando a égua disparou a galope, ganhando outro gemido de dor. Mas ele permaneceu na sela, apesar dos passos rápidos que deleitavam respirações agonizantes.

— *Mais rápido, Farasha!* — Elide chamou o cavalo enquanto a conduzia para a fortaleza, a montanha em que ela havia sido construída.

Nada parecia tão distante.

Longe o suficiente para que ela não pudesse ver se o portão inferior do castelo ainda estava aberto. Se alguém segurasse, esperasse por eles.

Segure o portão.

Segure o portão.

Cada batida trovejante dos cascos de Farasha, sobre os cadáveres dos mortos, ecoava a prece silenciosa de Elide enquanto corriam pela planície interminável.

Segure o portão.

CAPÍTULO 61

Agonia era uma canção no sangue de Lorcan, seus ossos, sua respiração.

Cada passo do cavalo, cada salto que ele fazia sobre o corpo e detritos, enviava-o de novo. Não havia fim, sem misericórdia nisso. Era tudo o que ele podia fazer para se manter na sela, para se agarrar à consciência.

Para manter o braço em volta de Elide.

Ela veio para ele. Encontrara-o, de algum modo, nesse infundável campo de batalha.

O nome dele nos lábios dela tinha sido uma convocação que ele nunca poderia negar, mesmo quando a morte o segurou tão gentilmente, aninhada debaixo de todos aqueles que ele havia derrubado, e esperado por seus últimos suspiros.

E agora, indo em direção àquela fortaleza distante demais, tão distante dos montes de soldados e cavaleiros que corriam para os portões, ele se perguntou se esses minutos seriam os últimos dele. Os últimos dela.

Ela veio para ele.

Lorcan conseguiu olhar para a represa à direita. Para o piloto ruk sinalizando que era apenas uma questão de minutos até que desencadeou o inferno sobre a planície.

Ele não sabia como ficou enfraquecido. Não se importou.

Farasha saltou sobre uma pilha de corpos Valg e Lorcan não conseguiu parar seu choro quando o sangue quente escorreu pela frente e pelas costas.

Ainda assim, Elide continuava insistindo com o cavalo, mantendo-os em linha reta em direção à fortaleza distante quanto possível.

Nenhum ruk viria removê-los. Não, sua sorte foi gasta em sobreviver a tanto tempo, ao encontrá-lo. Seu poder não faria nada contra essa água.

As linhas mais distantes de soldados em pânico apareceram, e Farasha passou correndo por eles.

Elide soltou um soluço e ele seguiu a linha de sua visão.

Para o portão de sustento, ainda aberto.

— *Mais rápido, Farasha!* — Ela não escondeu o terror cru em sua voz, o desespero.

Uma vez que a barragem se rompeu, levaria menos de um minuto para que a onda chegasse até eles.

Ela veio para ele. Ela o encontrou.

O mundo ficou quieto. A dor em seu corpo se desvaneceu em nada. Em algo secundário.

Lorcan deslizou seu outro braço ao redor de Elide, trazendo sua boca perto de seu ouvido quando disse: — Você tem que me deixar ir.

Cada palavra era grave, sua voz se esticava quase ao ponto da inutilidade.

Elide não mudou seu foco da fortaleza à frente.

— Não.

Aquele suave silêncio fluiu ao redor dele, limpando a névoa de dor e batalha.

— Você tem que deixar. Você tem que deixar, Elide. Eu sou muito pesado... e sem o meu peso, você pode chegar à torre a tempo.

— Não.

O sal das lágrimas dela encheu seu nariz.

Lorcan passou a boca pela bochecha úmida, ignorando a dor que rugia em seu corpo. O cavalo galopou e galopou, como se ela pudesse superar a própria morte.

— Eu te amo — ele sussurrou no ouvido de Elide. — Eu te amei desde o momento em que você pegou o machado para matar os

ilken. — Suas lágrimas passaram por ele ao vento. — E eu estarei com você... — Sua voz quebrou, mas ele fez a si mesmo dizer as palavras, a verdade em seu coração. — Eu estarei *sempre* com você.

Ele não estava com medo do que viria para ele uma vez que ele caísse do cavalo. Ele não estava assustado, se isso significava que ela alcançaria a fortaleza.

Então Lorcan beijou a bochecha de Elide novamente, permitiu-se respirar seu cheiro uma última vez.

— Eu te amo — ele repetiu, e começou a retirar os braços ao redor de sua cintura.

Elide colocou a mão em seu antebraço. Cavou suas unhas, direto em sua pele, feroz como qualquer ruk.

— Não.

Não havia lágrimas em sua voz. Nada além de aço sólido e firme.

— Não — ela disse novamente. A voz da Lady de Perranth.

Lorcan tentou mover o braço, mas seu aperto não foi desalojado.

Se ele caísse do cavalo, ela iria com ele.

Juntos. Eles ou fugiriam disso ou morreriam juntos.

— Elide...

Mas Elide bateu os calcanhares nos lados do cavalo.

Bateu com os calcanhares no flanco escuro e gritou:

— *VOE, FARASHA.* — Ela estalou as rédeas. — *VOE, VOE, VOE!*

E os deuses a ajudaram, a égua a ajudou.

Como se o deus que a criara enchesse os pulmões da égua com a própria respiração, Farasha deu uma onda de velocidade.

Mais rápido que o vento. Mais rápido que a morte.

Farasha limpou a primeira da cavalaria de Darghan em fuga. Passou por cavalos e cavaleiros desesperados em um galope para os portões.

Seu coração poderoso não vacilou, mesmo quando Lorcan sabia que estava enfurecido ao ponto de explodir.

Menos de uma milha estava entre eles e a fortaleza. Mas um estalo trovejante e estridente partiu o mundo, ecoando no lago, nas montanhas.

Não havia nada que ele pudesse fazer, nada que um bravo e valente cavalo pudesse fazer, enquanto a represa se rompera.



Rowan começou a rezar pelos que estavam na planície, para o exército prestes a ser varrido, quando a represa se rompeu.

A poucos metros de distância, Yrene também sussurrava suas preces. Para Silba, a deusa das mortes suaves. *Que seja rápido, que seja indolor.*

Uma parede de água, grande como uma montanha, se soltou. E correu para a cidade, a planície, com a ira de mil anos de confinamento.

— Eles não vão conseguir — sussurrou Fenrys, olhando para Lorcan e Elide, galopando na direção deles. Tão perto... tão perto, e ainda assim essa onda chegaria em questão de segundos.

Rowan ficou parado ali, para assistir aos últimos momentos da Lady de Perranth e seu ex-comandante. Era tudo o que ele podia oferecer: testemunhar suas mortes, para que ele pudesse contar a história para aqueles que encontrasse. Então eles não seriam esquecidos.

O rugido da onda que se aproximava tornou-se ensurdecedor, mesmo a quilômetros de distância.

Ainda Elide e Lorcan corriam, Farasha passando cavalo atrás de cavalo atrás de cavalo.

Mesmo aqui em cima, eles escapariam do alcance da onda? Rowan ousou examinar as ameias, para avaliar se ele precisava pegar os outros, precisava levar Aelin para um lugar mais alto.

Mas Aelin não estava ao seu lado.

Ela não estava na ameia.

O coração de Rowan parou. Simplesmente parou de bater quando um ruk marrom-avermelhado caiu dos céus, lançado pelo centro da planície.

Arcas, o ruck de Borte. Uma mulher de cabelos dourados pendurada em suas garras.

Aelin. Aelin estava...

Arcas se aproximou da terra, garras se espalhando. Aelin bateu no chão, rolando, rolando, até que ela se desenrolou de pé.

Bem no caminho dessa onda.

— Ah deuses — Fenrys respirou, vendo-a também.

Todos eles a viram.

A rainha na planície.

A interminável parede de água surgindo para ela.

As pedras da fortaleza começaram a estremecer. Rowan estendeu a mão para se preparar, medo como nada que ele conhecesse rasgava através dele quando Aelin levantou os braços acima da cabeça.

Uma coluna de fogo subiu em volta dela, levantando o cabelo com ela.

A onda rugiu e rugiu para ela, para o exército atrás dela.

O tremor na fortaleza não era da onda.

Não foi dessa parede de água.

Rachaduras se formaram na terra, se dividindo. Saindo de Aelin.

— As fontes termais — Chaol respirou. — O chão do vale está cheio de veias na própria terra.

No coração ardente do mundo.

O fortaleza tremeu, mais violentamente desta vez.

O pilar de fogo foi sugado de volta para Aelin. Ela estendeu a mão diante dela, o punho fechado.

Como se isso parasse a onda em suas trilhas.

Ele sabia então. Ou como seu parceiro ou carranam, ele sabia.

— Três meses — Rowan respirou.

Os outros pararam.

— Três meses — ele disse novamente, seus joelhos balançando.

— Ela tem feito a descida em seu poder por três meses.

Todos os dias ela estava com Maeve, ligada em ferro, ela foi mais fundo. E ela não tinha tocado muito nesse poder desde que eles a libertaram porque ela continuava imergindo.

Para reunir todo o poder de sua magia. Não para o Fecho, não para Erawan.

Mas para o golpe da morte de Maeve.

Algumas semanas de descendência levaram seus poderes a níveis devastadores. Três meses disso...

Santos deuses. Deuses sagrados no cio.

E quando seu fogo atingiu a parede de água que agora se erguia sobre ela, quando colidiram.

— *SE ABAIXEM!* — Rowan berrou, sobre as águas gritando. — *SE ABAIXEM AGORA!*

Seus companheiros caíram nas pedras, qualquer que estivesse ao alcance da mão fazendo o mesmo.

Rowan mergulhou em seu poder. Mergulhou rápido e forte, arrancando qualquer fragmento de magia restante.

Elide e Lorcan ainda estavam longe demais dos portões.

Milhares de soldados ainda estavam longe demais dos portões quando a onda se elevou acima deles.

Quando Aelin abriu a mão em direção a ela.

Fogo irrompeu.

Fogo de cobalto. A alma furiosa de uma chama.

Um maremoto dele.

Mais alto que as águas revoltas, explodiu dela, queimando largamente.

A onda bateu nela. E onde a água encontrou uma parede de fogo, onde mil anos de confinamento se encontraram com três meses dela, o mundo explodiu.

Vapor empolando, capaz de derreter carne do osso, atravessava a planície.

Com um rugido, Rowan jogou tudo o que restava de sua magia para o ataque de vapor, uma parede de vento que a empurrou para o lago, as montanhas.

Ainda assim as águas vieram, quebrando-se contra as chamas que não davam nem um centímetro.

O golpe da morte de Maeve. Gasto aqui para salvar o exército que pode significar a salvação de Terrasen. Para poupar as vidas na planície.

Rowan rangeu os dentes, ofegando contra seu poder desgastante. Um esgotamento espreitava, mortalmente próximo.

A onda furiosa se jogou para a parede de chamas.

Rowan não viu se Elide e Lorcan conseguiram entrar no castelo. Se os outros soldados e cavaleiros na planície pararam para ficar boquiabertos.

A princesa Hasar disse, levantando-se ao lado dele: — Esse poder não é uma bênção.

— Diga isso a seus soldados — rosnou Fenrys, de pé também.

— Eu não quis dizer dessa maneira — Hasar reclamou, e a admiração era de fato gritante em seu rosto.

Rowan se apoiou nas ameias, ofegando enquanto lutava para impedir que o vapor letal fluísse em direção ao exército.

Enquanto ele esfriava e mandava para longe.

Mãos sólidas deslizaram sob seus braços, e então Fenrys e Gavriel estavam lá, apoiando-o entre eles.

Um minuto se passou. Então outro.

A onda começou a diminuir. Ainda o fogo queimava.

A cabeça de Rowan bateu, sua boca ficou seca.

O tempo escorregou dele. Uma espiga acobreada encheu sua boca.

A onda baixou mais, águas furiosas se aquietaram.

Então rugidos se transformaram em corredeiras, corredeiras em redemoinhos.

Até que a parede de fogo começou a baixar também.

Seguindo as águas para baixo e para baixo e para baixo. Deixando-os se infiltrarem nas fendas da terra.

Os joelhos de Rowan se dobraram, mas ele segurou sua magia por tempo suficiente para que o vapor diminuísse. Para isso, também, ser acalmado.

Encheu a planície, transformando o mundo em névoa flutuante. Bloqueando a visão da rainha em seu centro.

Então silêncio. Silêncio absoluto.

O fogo cintilou através da neblina, azul se transformando em ouro e vermelho. Um brilho mudo e pulsante.

Rowan cuspiu sangue nas pedras da muralha, sua respiração como cacos de vidro em sua garganta.

As chamas brilhantes se encolheram, o vapor passou. Até que havia apenas um fino pilar de fogo, velado na planície envolta em névoa.

Não um pilar de fogo.

Mas Aelin.

Brilhando branco, quente. Como se ela tivesse se entregado tão completamente à chama que ela mesma se transformara em fogo.

A Portadora do Fogo, alguém sussurrou nas ameias.

A névoa ondulou e ondulou, lançando-a em nada além de uma efígie incandescente.

O silêncio ficou reverente.

Um vento suave do norte varreu. O véu de névoa recuou e lá estava ela.

Ela brilhava por dentro. Brilhava dourado, mechas de seus cabelos flutuando em um vento fantasma.

— A Herdeira de Mala — Yrene respirou.

Na planície, Elide e Lorcan haviam parado.

O vento afastou mais a neblina, limpando a terra além de Aelin.

E onde aquela poderosa onda letal havia aparecido, onde a morte havia se lançado para eles, nada permanecia.



Durante três meses, ela cantou para a escuridão e para a chama, e eles cantaram de volta.

Por três meses, ela se enterrou tão profundamente em seu poder que saqueara profundidades não descobertas. Enquanto Maeve e

Cairn trabalhavam nela, ela mergulhara. Nunca deixando que eles soubessem o que ela extraía, o que ela reunia para ela, dia a dia.

Um golpe mortal. Um para limpar uma rainha negra da terra para sempre.

Ela manteve esse poder enrolado em si mesma mesmo depois de ter sido libertada dos ferros. Tinha lutado para mantê-lo baixo estas semanas, a tensão enorme. Alguns dias, tinha sido mais fácil mal falar. Alguns dias, arrogância tinha sido a chave para ignorá-lo.

No entanto, quando viu aquela onda, quando viu Elide e Lorcan escolhendo a morte juntos, quando viu o exército que poderia salvar Terrasen, ela sabia. Ela sentiu o fogo dormindo debaixo desta cidade, e sabia que eles tinham vindo aqui por uma razão.

Ela veio aqui por este motivo.

Um rio ainda fluía da represa, inofensivo e pequeno, indo em direção ao lago.

Nada mais.

Aelin ergueu uma mão brilhante diante dela como abençoando, o vazio refrescante a encheu finalmente.

Lentamente, a partir da ponta dos dedos, o brilho desapareceu.

Como se ela fosse forjada novamente, forjada de volta em seu corpo.

De volta a Aelin.

Clareza, nítida e cristalina, encheu seu rastro. Como se ela pudesse ver novamente, respirar novamente.

Centímetro a centímetro, o brilho dourado se enfraqueceu na pele e nos ossos. Em uma mulher mais uma vez.

Um falcão de cauda branca já se lançava para o céu.

Mas quando o último resplendor desapareceu, desaparecendo pelos dedos dos pés, Aelin caiu de joelhos.

Caiu de joelhos no silêncio absoluto do mundo e se enrolou de lado.

Ela tinha a vaga sensação de braços fortes e familiares pegando-a. De ser transportada para uma ampla costas de penas, ainda naqueles braços.

De voar pelos céus, a última névoa ondulando no sol da tarde.
E então doce escuridão.

CAPÍTULO 62

As Crochans não se dispersaram aos ventos.

Como um, as Treze e as Crochans voaram para o sudoeste, em direção ao alcance externo do Canino Branco. Para outro acampamento secreto, já que a localização do outro estava bem e verdadeiramente comprometida. Mais distante de Terrasen, mas mais perto de Morath, pelo menos.

Um pequeno conforto, pensou Dorian, quando encontraram um lugar seguro para acampar durante a noite. As serpentes aladas poderiam ter conseguido continuar, mas as Crochans em suas vassouras não podiam voar por tanto tempo. Elas voaram até a escuridão quase cegar todas elas, aterrissando apenas depois que as Sombras e Crochans concordaram em um lugar seguro para ficar.

Vigias foram colocados, tanto no chão quanto no céu. Se as duas Matriarcas sobreviventes fossem retaliar por sua derrota humilhante, seria agora. As Crochans e Asterin passaram grande parte do seu tempo hoje, colocando pistas enganosas, mas só o tempo diria se elas escaparam.

A noite estava tão gelada que elas demoraram a erguer tendas, as serpentes aladas se amontoando contra uma das saliências rochosas. E, embora nenhum fogo fosse mais sábio, o frio ameaçava ser tão letal que Glennis pegou a chama sagrada do orbe de vidro, onde foi segurada enquanto viajava e acendeu seu fogo.

Outras a seguiram, e enquanto glamoures estavam no lugar para esconder o acampamento, os fogos, dos olhos inimigos, Dorian não podia esquecer inteiramente que as Matriarcas Dentes de Ferro os haviam encontrado independentemente.

Elas não tinham falado onde elas estavam indo em seguida. O que elas fariam. Se elas se separariam finalmente ou permaneceriam como um grupo unido.

Manon não perguntou ou empurrou-as para uma aliança, para ir à guerra. Não exigira saber para onde elas voariam, tal era a sua extrema necessidade de se afastar do acampamento esta manhã.

Mas amanhã, Dorian pensou quando ele deslizou sob os cobertores de seu saco de dormir, um lampejo de sua própria chama aquecendo o espaço, amanhã os forçaria a confrontar algumas coisas.

Com os ossos cansados, gelados, apesar da magia que o aquecia, Dorian afundou a cabeça contra o rolo de suprimentos que usava como travesseiro.

O sono quase o arrastou para baixo quando uma rajada de frio escorregou na tenda, depois desapareceu. Ele sabia quem era antes de se sentar ao lado do saco de dormir e, quando abriu os olhos, encontrou Manon de joelhos, braços apoiados sobre eles.

Ela olhou para a escuridão de sua tenda, o espaço iluminado com a luz prateada das estrelas brilhantes em sua testa.

— Você não tem que usá-la o tempo todo — disse ele. — Estamos autorizados a tirá-las.

Olhos dourados deslizaram em direção a ele.

— Eu nunca vi você usar uma coroa.

— Os últimos meses não deram muito acesso à coleção real. — Ele se sentou. — E eu odeio usá-las de qualquer maneira.

Elas cavam impiedosamente na minha cabeça.

Uma sugestão de um sorriso.

— Isso não é tão pesado.

— Já que parece feito de luz em si, eu não imagino. — Embora essa coroa pesasse pesadamente de outras maneiras, ele sabia.

— Então você está falando comigo — disse ela, sem se preocupar em seguir graciosamente.

— Eu falei com você antes.

— É porque agora sou rainha?

— Você era rainha antes de hoje.

Seus olhos dourados se estreitaram, examinando-o pela resposta que procurava. Dorian deixou ela fazer isso e devolveu o favor. Sua respiração estava firme, sua postura à vontade pela primeira vez.

— Eu pensei que seria mais satisfatório. Vê-la correr. — Sua avó.
— Quando você matou seu pai, o que você sentiu?

— Raiva. Ódio. — Ele não recuou da verdade em suas palavras, a feiura.

Ela mordeu o lábio inferior, sem sinal daqueles dentes de ferro. Uma rara e silenciosa admissão de dúvidas.

— Você acha que eu deveria tê-la matado?

— Alguns podem dizer sim. Mas humilhá-la desse jeito — disse ele, considerando — pode enfraquecer ela e as forças das Dentes de Ferro mais do que a morte dela. Matá-la poderia ter reunido os Dentes de Ferro contra você.

— Eu matei a Matriarca das Pernas Amarelas.

— Você a matou, poupou a bruxa Sangue Azul e sua avó fugiu. Essa é uma derrota desmoralizante. Se você tivesse matado todas elas, até mesmo matado apenas sua avó e a Matriarca das Pernas Amarelas, poderia ter transformado suas mortes em nobres sacrifícios em nome dos Clãs de Dentes de Ferro.

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos dourados fixos nele novamente com aquela clareza e quietude sobrenatural.

— Sinto muito — disse ela. — Por como falei quando soube dos seus planos de ir a Morath.

Ele ficou atordoado o suficiente para que ele apenas piscasse.

Atordoado o suficiente para que o humor fosse seu único escudo, ele disse:

— Parece que o comportamento de fazer o bem de Crochan está passando por você, Manon.

Um meio sorriso para isso.

— Mãe me ajude se eu me tornar tão sem graça.

Mas a diversão de Dorian desapareceu.

— Eu aceito suas desculpas.

Ele segurou seu olhar, deixando-a ver a verdade nele.

Parecia resposta suficiente para ela. Resposta, e de alguma forma a pista final para o que ela procurava. Seus olhos dourados gotejaram.

— Você está indo embora — ela respirou. — Amanhã.

Ele não se incomodou em mentir.

— Sim.

Já era tempo. Ela havia enfrentado a avó e desafiara o que ela havia feito. Era hora de ele fazer o mesmo. Ele não precisava do calor de confirmação de Damaris ou dos espíritos dos mortos para lhe dizer isso.

— Como?

— Vocês bruxas têm vassouras e serpentes aladas. Eu aprendi a fazer minhas próprias asas.

Por algumas respirações, ela não disse nada. Então ela abaixou os joelhos, se virando para encará-lo completamente.

— Morath é uma armadilha da morte.

— É mesmo.

— Eu... nós não podemos ir com você.

— Eu sei.

Ele poderia ter jurado medo em seus olhos. No entanto, ela não se enfureceu com ele, rugiu para ele, não rosnou. Ela só perguntou:

— Você não está com medo de ir sozinho?

— Claro que estou com medo. Qualquer pessoa em sã consciência estaria. Mas minha tarefa é mais importante que o medo, eu acho.

A raiva cintilou no rosto, os ombros tensos. Então desapareceu e foi substituído por algo que ele havia visto apenas hoje cedo — aquele rosto da rainha. Firme e sábio, afiado com tristeza e brilhante com clareza. Seus olhos mergulharam para o saco de dormir, depois levantaram para encontrar os seus.

— E se eu pedisse para você ficar?

A pergunta também pegou de surpresa. Ele cuidadosamente pensou em sua resposta.

— Eu preciso de uma razão muito convincente, suponho.

Seus dedos foram para as fivelas e botões de seus couros e começaram a soltá-los.

— Porque eu não quero que você vá. — foi tudo o que ela disse.

Seu coração trovejou quando ela revelou centímetros após centímetros de pele nua e sedosa. Não é uma remoção sedutora de sua roupa, mas sim uma oferta desnudada.

Seus dedos começaram a tremer, e Dorian se moveu finalmente, ajudando-a a tirar as botas, depois o cinto da espada. Ele deixou sua jaqueta aberta, as ondas de seus seios apenas visíveis entre as lapelas. Eles se levantaram e caíram em um ritmo irregular que só se tornou mais instável quando ela alcançou entre eles e começou a tirar sua própria jaqueta.

Dorian deixou. Deixou ela tirar a jaqueta e depois tirar a camisa por baixo.

Lá fora o vento uivava.

E quando se ajoelharam diante um do outro, nus da cintura para cima, aquela coroa de estrelas ainda em cima de sua cabeça, Manon disse suavemente:

— Poderíamos fazer uma aliança. Entre Adarlan e as Crochans. E qualquer Dentes de Ferro que possa me seguir.

Foi a resposta dela, ele percebeu. A seu pedido por uma razão convincente para permanecer.

Ela pegou a mão dele e entrelaçou os dedos.

Era mais íntimo do que qualquer coisa que eles compartilhavam, mais vulnerável do que ela jamais se permitira ser.

— Uma aliança — ela disse, balançando a garganta — entre você e eu.

Seus olhos dourados se ergueram para os dele, a oferta brilhando ali.

Casar. Unir seus povos nos termos mais fortes e inquebráveis.

— Você não quer isso — disse ele com igual tranquilidade. — Você nunca iria querer ser algemada a qualquer homem assim.

Ele podia ver a verdade ali, em seu lindo rosto. Que ela concordava com ele. Mas ela balançou a cabeça, a luz das estrelas

dançando em seus cabelos.

— As Crochans não se ofereceram para voar para a guerra.

Eu ainda não ousei perguntar a elas. Mas se eu tivesse a força de Adarlan ao meu lado, talvez elas pudessem estar convencidas afinal.

Se elas não tivessem sido convencidas pelo triunfo de hoje, nada mudaria de ideia. Até mesmo sua rainha oferecendo a liberdade que tanto ansiava.

Que Manon até consideraria isso, embora...

Dorian enrolou uma onda de seu cabelo prateado em volta do dedo. Por um instante, ele se permitiu beber nela.

Ela seria sua esposa, sua rainha. Ela já era sua igual, sua combinação, seu espelho de muitas maneiras. E com a união deles, o mundo saberia disso.

Mas ele podia ver as barras da gaiola que se aproximariam mais e mais a cada dia. E quebraria ela completamente, ou transformaria-a em algo que nenhum deles desejava que ela alguma vez fosse.

— Você se casaria comigo, tudo para que pudéssemos ajudar Terrasen nessa guerra?

— Aelin está disposta a morrer para acabar com esse conflito.

Por que ela deveria suportar o peso do sacrifício?

E lá estava a resposta dela, embora ele soubesse que ela não percebia isso.

Sacrifício.

A outra mão de Dorian foi para os botões de suas calças e as libertou com algumas manobras hábeis. Revelando a cicatriz longa e grossa em seu abdômen.

Teria ele mostrado a restrição que Manon fez hoje, se ele tivesse enfrentado a avó dela?

Absolutamente não.

Ele passou os dedos pela cicatriz. Por cima e depois pelo estômago. Para cima e para cima, sua pele se retorcendo sob seu toque, até que ele parou logo acima de seu coração. Até que ele colocou a palma da mão contra ela, a curva de seu peito subindo para encontrar sua mão com cada respiração instável que ela tomou.

— Você estava certo — ela disse baixinho. — Eu estou com medo.
— Manon colocou a mão sobre a dele. — Receio que você vá a Morath e retorne como algo que eu não conheço. Algo que eu terei que matar.

— Eu sei. — Esses mesmos medos assombraram seus passos.
Seus dedos apertaram os dele, pressionando com mais força.
Como se ela estivesse tentando imprimir sua mão no coração correndo abaixo.

— Você ficaria aqui, se tivéssemos essa aliança entre nós?
Ele ouviu cada palavra que não foi dita.
Então Dorian roçou sua boca contra a dela. Manon soltou um pequeno som.

Dorian a beijou novamente, e sua língua encontrou a dele, com fome e procurando. Então suas mãos estavam mergulhando em seu cabelo, ambos subindo em seus joelhos para encontrar-se no meio do caminho.

Ela gemeu, as mãos deslizando do cabelo dele para o peito, até as calças. Ela o acariciou através do material, e Dorian gemeu em sua boca.

O tempo girou e havia apenas Manon, uma lâmina viva em seus braços. Suas calças se juntaram as suas camisas e jaquetas no chão, e então ele estava colocando-a em seu saco de dormir.

Manon tirou as mãos dele para remover a coroa brilhante no topo da cabeça, mas ele a deteve com um toque fantasma.

— Não — ele disse, a voz quase gutural. — Deixe-a aí.
Seus olhos se voltaram para o ouro fundido, com as pálpebras pesadas enquanto ela se contorcia, inclinando a cabeça para trás.

Sua boca ficou seca com a beleza que ameaçava desfazê-lo, a tentação que todos os seus instintos rugiam para reivindicar. Não o corpo, mas o que ela tinha oferecido.

Ele quase disse sim, então.
Era quase egoísta o suficiente, ganancioso o suficiente para ela, que quase disse sim. Sim, ele a tomaria como sua rainha. Assim, ele

nunca teria que dizer adeus a isso, para que essa bruxa magnífica e feroz permanecesse ao seu lado por todos os seus dias.

Manon estendeu a mão para ele, os dedos cavando em seus ombros, e Dorian se levantou sobre ela, encontrando sua boca em um beijo saqueador.

Uma mudança de seus quadris, e ele foi enterrado, a seda aquecida dela o suficiente para fazê-lo esquecer que eles tinham um acampamento ao redor deles, ou reinos para proteger.

Ele não se incomodou com toques fantasmas. Ele a queria por si mesmo, pele a pele.

Cada impulso dentro dela, Manon respondeu com um movimento, demandando o seu próprio. *Fique*. A palavra ecoou em cada respiração.

Dorian pegou uma de suas pernas e ergueu-a mais alto, inclinando-a para mais perto. Ele gemeu com a perfeição, e Manon engoliu o som com um beijo próprio, uma mão apertando em seu traseiro para impulsioná-lo mais forte, mais rápido.

Dorian deu a Manon o que ela queria. Deu a si mesmo o que ele queria. De novo e de novo e de novo.

Como se isso durasse para sempre.



A respiração de Manon estava tão irregular quanto a de Dorian quando eles finalmente se separaram.

Ela mal conseguia mover seus membros, mal conseguia respirar o suficiente enquanto olhava para o teto da tenda. Dorian, tão gasto quanto ela, não se incomodou em tentar falar.

O que foi deixado para ser dito de qualquer maneira?

Ela expôs o que ela queria. Tinha falado tanto da verdade quanto ousou expressar.

Na sua esteira, uma espécie de claridade saciada brilhou. Tal como ela não se sentia há muito, muito tempo.

Seus olhos de safira se demoraram no rosto dela, e Manon se virou para ele. Lentamente removeu sua coroa de estrelas e

colocou-a de lado.

Então ela puxou os cobertores em volta dos dois.

Ele não recuou quanto ela se aproximou mais, no sólido músculo de seu corpo.

Não, Dorian apenas colocou um braço sobre ela, e puxou-a firmemente contra ele.

Manon ainda ouvia a respiração dele quando ela adormeceu, aquecida em seus braços.



Ela acordou de madrugada em uma cama fria.

Manon deu uma olhada no lugar vazio onde o rei estivera, na falta de suprimentos e naquela antiga espada, e sabia disso.

Dorian foi para Morath. E levou as duas chaves de Wyrd com ele.

CAPÍTULO 63

Aedion e Kyllian mantiveram suas tropas em pânico enquanto marchavam, até as margens do Florine.

Não adiantava correr para o norte. Não quando os tambores de osso começaram a bater. E ficou mais alto a cada minuto que Aedion ordenou sua legião em formação.

Perseguindo pelas linhas de frente, sua armadura tão pesada que poderia ter sido feita de pedra, a falta da antiga espada ao lado dele como um membro fantasma, Aedion disse a Ren: — Eu preciso que você me faça um favor.

Ren, curvando-se em seu tremor, não se incomodou em olhar para cima.

— Não me diga para correr.

— Nunca.

Perto – eles estavam tão perto de Theralis. Quão apropriado teria sido morrer no campo onde Terrasen havia caído uma década atrás. Ter seu sangue encharcado na terra onde tantos da corte que ele amava morreram, por seus ossos se unirem a eles, sem identificação na planície.

— Eu preciso de você para pedir ajuda.

Ren olhou para cima então. Seu rosto marcado era mais magro do que há algumas semanas. Quando foi a última vez que algum deles teve uma refeição adequada? Ou uma noite inteira de descanso? Onde Lysandra estava, que forma ela usava, Aedion não sabia. Ele não a procurara na noite anterior, e ela ficara longe dele por completo.

— Eu não sou ninguém agora — disse Aedion, as linhas de soldados se separando para eles. Devastação e Fééricos, Assassinos Silenciosos e Wendlynianos e soldados dos Desertos também. — Mas você é o lorde de Allsbrook. Mande mensageiros. Mande Nox Owen. Chame por ajuda. Despache-os para todas as direções, para qualquer um que eles possam encontrar. Diga a Nox e aos outros que implorem se precisarem, mas diga a eles que Terrasen pede ajuda.

Apenas Aelin tinha autoridade para fazê-lo, ou Darrow e seu conselho, mas Aedion não se importava.

Ren parou, e Aedion parou com ele, bem ciente dos soldados ao alcance da voz. Da audiência dos Fééricos, muitos possuíam.

Endymion e Sellene já estavam na linha de frente do flanco esquerdo, com os rostos sérios e cansados. Uma casa — era o que eles perderam, o que eles agora lutavam para ganhar. Se algum devesse sobreviver a isso. O que seu pai faria de seu filho, lutando ao lado de seu povo finalmente?

— Alguém virá? — Ren perguntou, ciente dos ouvidos atentos também. Consciente dos rostos sombrios que permaneciam com eles, apesar da morte que marcharam em suas costas.

Aedion colocou o capacete na cabeça, o metal frio.

— Ninguém veio há dez anos. Mas talvez alguém se incomode neste momento.

Ren segurou seu braço, puxando-o para perto.

— Pode não haver mais nada a defender, Aedion.

— Mande a ligação de qualquer maneira.

Ele empurrou o queixo para as linhas pelas quais passaram.

Ilias estava polindo suas lâminas entre um grupo de assassinos de seu pai, sua atenção presa no inimigo à frente. Preparando-se para fazer uma última parada nesta planície de neve tão longe de seu deserto quente. — Você insiste que ainda sou seu general? Então aqui está o meu pedido final. Peça ajuda.

Um músculo emplumado na mandíbula de Ren. Mas ele disse: — Considere isto feito.

Então ele foi embora.

Eles não se deram ao trabalho de despedir-se. Sua sorte era ruim o suficiente.

Então Aedion continuou sozinho nas linhas de frente. Dois soldados da Devastação se afastaram para dar espaço, e Aedion ergueu o escudo, encaixando-o perfeitamente entre a frente unificada.

A parede de metal contra a qual Morath atacaria primeiro e mais forte.

As neves rodaram, velando tudo além de cem pés.

No entanto, os tambores de osso bateram mais alto. Logo a terra tremeu sob os pés em marcha.

Sua posição final, aqui em um campo sem nome antes do Florine. Como isso aconteceu?

Aedion desembainhou a espada, os outros soldados seguiram o exemplo, o grito de metal tocando cortando o vento uivante.

Morath apareceu, uma linha de preto sólido emergindo da neve.

Cada pé que eles ganhavam, mais aparecia atrás. A que distância estava aquela torre de bruxas? Em quanto tempo seu poder seria liberado?

Ele orou, por causa de seus soldados, que fosse rápido e relativamente indolor. Que eles não encontrassem muito medo antes de serem transformados em cinzas.

A Devastação não colidiram suas espadas em seus escudos desta vez. Havia apenas a marcha de Morath e dos tambores.

Se eles tivessem ido a Orynth quando Darrow exigiu, eles teriam conseguido. Teriam tempo para atravessar a ponte ou pegar a rota do norte.

Essa derrota, essas mortes, repousavam apenas sobre seus ombros.

Abaixo da linha, o movimento chamou sua atenção – no exato momento em que uma cabeça enorme e difusa cutucou entre o Príncipe Galan e um de seus soldados restantes. Um leopardo fantasma.

Olhos verdes deslizaram em sua direção, drenados e sombrios.

Aedion desviou o olhar primeiro. Isso seria ruim o suficiente sem saber que ela estava aqui. Que Lysandra, sem dúvida, ficaria até que ela também caísse.

Ele rezou para que ele fosse primeiro. Então ele não iria testemunhar isso.

Morath se aproximou o suficiente para que a ordem de Ren para os arqueiros soasse.

Flechas voaram, desaparecendo na neve.

Morath enviou uma rajada de respostas que apagou a luz aquosa.

Aedion inclinou seu escudo, agachando-se baixo. Todo impacto reverberou através de seus ossos.

Grunhidos e gritos encheram seu lado do campo de batalha.

Quando a rajada parou, quando se endireitaram novamente, muitos homens não se levantaram com eles.

Não foram apenas flechas que foram disparadas, e agora salpicavam a neve.

Mas cabeças. Cabeças humanas, muitas ainda em seus capacetes. Suportando o rugido de insígnia da loba de Ansel de Penhasco dos Arbustos.

O resto do exército que ela prometeu. Que eles estavam esperando.

Eles devem ter interceptado Morath – e foram obliterados.

Gritos se ergueram do exército atrás dele quando a percepção se espalhou pelas fileiras. Uma voz feminina, em particular, carregava o ruído, seu grito triste ecoando através do capacete de Aedion.

Os olhos grandes e leitosos da cabeça decapitada que havia pousado perto de suas botas olhavam para o céu, a boca ainda aberta em um grito de terror.

Quantos Ansel conhecia? Quantos amigos haviam estado entre eles?

Não era hora de procurar a jovem rainha para oferecer suas condolências. Não quando nenhum deles provavelmente sobreviveria

ao dia. Não quando poderia ser a cabeça de seus próprios soldados que foram lançados nas paredes de Orynth.

Ren ordenou outra rajada, suas flechas tão poucas comparadas com o que havia sido desencadeado segundos antes.

Um respingo de chuva comparado a um aguaceiro. Muitos encontraram suas marcas, soldados de armadura escura descendo.

Mas eles foram substituídos por aqueles atrás deles, meras engrenagens em alguma máquina terrível.

— Nós lutamos como um — Aedion chamou a linha, obrigando-se a ignorar as cabeças espalhadas. — Nós morremos como um.

Uma buzina soou nas profundezas das fileiras inimigas. Morath começou sua corrida total em sua linha de frente.

As botas de Aedion se enterraram na lama quando ele apoiou o braço do escudo. Como se pudesse conter a maré que se estende até o horizonte.

Ele contou suas respirações, sabendo que elas eram limitadas.

O rosnado de um leopardo fantasma rasgou a linha, um desafio para o exército atacante.

Cinquenta pés. Os arqueiros de Ren ainda disparavam menos e menos flechas. Quarenta. Trinta.

A espada em sua mão não era igual à lâmina antiga que ele usava com tanto orgulho. Mas ele fazia funcionar. Vinte. Dez.

Aedion respirou fundo. Os olhos negros e profundos dos soldados Morath ficaram claros sob seus capacetes.

A linha de frente de Morath inclinava suas espadas, suas lanças— Um rugido de fogo explodiu do flanco esquerdo.

Seu flanco esquerdo.

Aedion não se atreveu a tirar o foco do inimigo sobre ele, mas vários dos soldados de Morath fizeram isso.

Ele os abateu por isso. Abateu seus companheiros atordoados também, enquanto se voltavam para outra explosão de chamas.

Aelin. Aelin—

Soldados atrás dele gritaram. Em triunfo e alívio.

— Feche a abertura — Aedion rosnou para os guerreiros em ambos os lados dele, e recuou o suficiente para ver a fonte de sua salvação, finalmente livre e segura...

Não foi Aelin quem soltou fogo no flanco esquerdo.

Não fora a Aelin quem subiu através do rio coberto de neve.

Navios encheram o Florine, quase fantasmas nas neves rodopiantes. Alguns traziam as bandeiras de sua frota unida.

Mas muitos, tantos que ele não podia contar, traziam uma bandeira de cobalto adornada com um dragão do mar verde.

A frota de Rolfe. Os Mycenianos.

No entanto, não havia sinal dos antigos dragões marinhos que haviam entrado em combate com eles. Apenas soldados humanos marchavam pela neve, cada um com uma engenhoca familiar, lenços sobre a boca.

Lançadores de fogo.

Um chifre explodiu do rio. E então os lançadores dispararam chamas quentes e brancas nas filas de Morath, como se fossem plumas do inferno. Dragões, todos eles, vomitando fogo sobre seu inimigo.

Chama derreteu armadura e carne. E queimou os demônios que temiam calor e luz.

Como se fossem fazendeiros queimando seus campos colhidos para o inverno, os Mycenianos de Rolfe marchavam em frente, com os vapores vomitando, até formarem uma linha entre Aedion e seu inimigo.

Morath se virou e correu.

Tudo correu rápido, seus gritos de alerta se elevaram acima das chamas berrando. *A Portadora do Fogo os armou! Seu poder queima de novo!*

Os tolos não perceberam que não havia magia – nenhum além da pura sorte e bom tempo.

Então uma voz familiar soou.

— *Rapidamente! A bordo, todos vocês!*

Rolfe.

Pois os navios no rio tinham parado, corredores rebaixados e barcos a remo já na costa.

Aedion não perdeu tempo.

— *Para o rio! Para a frota!*

Seus soldados não hesitaram. Eles correram para a armada que aguardava, para qualquer navio que pudessem alcançar, saltando para os escaleres. Caótico e bagunçado, mas com Morath em retiro por apenas os deuses sabiam quanto tempo, ele não se importava.

Aedion manteve sua posição na linha de frente, garantindo que nenhum soldado ficaria para trás.

Abaixo da linha, o príncipe Galan e uma forma peluda manchada fizeram o mesmo. Ao lado deles, cabelos ruivos balançando ao vento, Ansel de Penhasco dos Arbustos segurava sua espada apontada para o inimigo. Lágrimas deslizaram por suas bochechas sardentas. As cabeças de seus homens estavam espalhadas na neve ao redor dela.

E à frente deles, ainda liberando chamas, os Mycenianos de Rolfe deram-lhes tempo para se retirarem.

Cada segundo gotejava, mas lentamente, aqueles barcos encheram. Lentamente, seu exército deixou a costa, cada barco que partiu foi substituído por outro. Muitos Fééricos se tranfomaram, aves de rapina enchendo o céu cinzento enquanto subiam sobre o rio.

E quando não restavam mais que alguns barcos, entre eles um belo navio com um mastro esculpido depois de um dragão do mar que atacava, Rolfe rugiu do leme:

— *Voltem, todos vocês!*

Os Mycenianos e seus lançadores fizeram uma rápida retirada, apressando-se para as lanchas retornando à costa.

Lysandra e Ansel correram com eles, e Aedion fez o mesmo.

Foi a mais longa arrancada de sua vida.

Mas então ele estava na prancha do navio de Rolfe, o rio fundo o suficiente para que eles pudessem chegar perto da costa. Lysandra, Galan e Ansel já passavam por ele e Aedion mal havia aberto o

convés quando o corredor foi levantado. Abaixo, em volta, os Mycenianos saltavam em suas lanchas e remavam como o inferno.

Nenhum soldado foi deixado para trás. Apenas os mortos.

A luz brilhou e Aedion girou em direção ao leme da navio a tempo de ver Lysandra mudar de leopardo fantasma para mulher, nua como no dia em que nasceu.

Rolfe, para seu crédito, apenas pareceu levemente surpreso quando ela lançou os braços ao redor de seu pescoço. E para seu crédito mais uma vez, o Lorde Pirata envolveu seu manto ao redor dela antes de agarrá-la de volta.

Aedion chegou até eles, ofegando e tão aliviado que ele poderia vomitar nas tábuas brilhantes.

Rolfe soltou Lysandra, oferecendo-lhe seu manto completamente. Quando a metamorfa o envolveu, ele disse: — Você parecia estar precisando de um resgate.

Aedion apenas abraçou o homem, depois assentiu em direção às mãos enluvadas de Rolfe.

— Eu suponho que temos o seu mapa para agradecer.

— Acontece que é bom para algo diferente de saquear.

— Rolfe sorriu. — Ravi e Sol de Suria nos interceptaram perto da fronteira norte — admitiu ele. — Eles pensaram que você poderia estar em apuros e nos enviou assim. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Eles permanecem com o que resta da sua frota, guardando a costa. Se Morath atacar do mar, eles não terão navios suficientes para ter uma chance. Eu disse a eles, e eles ainda me mandaram aqui. — O rosto bronzeado do Lorde Pirata se apertou. — Então aqui estou.

Aedion quase não notou os marinheiros e soldados fazendo a navegação rápida para o outro lado do rio.

— Obrigado — ele respirou. E agradeço aos deuses por Ravi e Sol.

Rolfe balançou a cabeça, olhando para a massa de soldados Morath ainda recuando.

— Nós os surpreendemos, mas isso não os deterá por muito tempo.

Lysandra deu um passo para o lado de Rolfe. Aedion tentou não se encolher com a visão de seus pés descalços e pernas, seus ombros descobertos, enquanto o vento amargo do rio mordeu eles.

— Nós só precisamos chegar a Orynth e atrás de suas paredes. De lá, podemos nos reagrupar.

— Eu não posso carregar todo o seu exército para Orynth — disse Rolfe, apontando para os soldados reunidos na margem distante. — Mas eu posso apoiar você lá agora, se você desejar chegar com antecedência para se preparar. — O Lorde Pirata estudou a praia, como se estivesse procurando por alguém. — Ela não está aqui, está.

Lysandra sacudiu a cabeça.

— Não.

— Então vamos nos virar —, disse Rolfe, o retrato do comando frio. Seus olhos verde-marinhos deslizaram para onde Ansel de Penhasco dos Arbustos estava na amurada do navio, olhando para o campo de cabeças deixado na neve.

Nenhum deles falou quando a jovem rainha caiu de joelhos, a armadura grudou no convés e inclinou a cabeça.

Aedion murmurou:

— Deixe-me enviar uma mensagem às nossas tropas para marchar até Orynth e depois navegaremos para a cidade.

— Eu vou fazer isso — disse Lysandra, sem olhar para ele.

Ela não se incomodou em dizer mais nada. Com a capa caindo nas tábuas, ela se transformou em um falcão e apontou para onde Kyllian agora saía de um barco. Trocaram apenas algumas palavras antes de Kyllian se virar para Aedion e levantar a mão em despedida.

Aedion levantou um em resposta, e então Lysandra mudou novamente. Quando ela desembarcou no navio, retornando à sua forma humana e pegando o manto, foi para Ansel que ela andou.

Em silêncio, a metamorfa pôs a mão no ombro blindado da rainha. Ansel não fez mais que olhar para cima. Aedion perguntou a Rolfe:

— Quantos desses lançadores de fogo você tem?

O Lorde Pirata tirou o olhar de Ansel para a massa negra que desaparecia atrás deles. Sua boca se apertou.

— Não o suficiente para sobreviver a um cerco.

E até os fogos não fariam nada, absolutamente nada, uma vez que as torres de bruxas atingissem as muralhas de Orynth.

CAPÍTULO 64

Horas depois, Yrene ainda estava tremendo.

No desastre que eles evitavam por pouco, nas mortes que ela havia testemunhado antes daquela onda ter atingido o poder da rainha na planície. O poder do príncipe, que impedira que o vapor resultante fervesse vivo qualquer um que fosse capturado em seu caminho.

Yrene se jogou de volta na cura durante o caos desde então.

Tinha deixado a realeza e seus comandantes para supervisionar as consequências e retornou ao Grande Salão. Os curandeiros entraram no campo de batalha, procurando por aqueles que precisavam de ajuda.

Todos eles, cada pessoa na fortaleza, nos céus ou no campo de batalha, ficavam olhando em direção à abertura agora vazia entre os dois picos das montanhas. Para a cidade inundada, dizimada, e a linha de demarcação entre a vida e a morte.

A água e os escombros haviam destruído a maior parte de Anielle, o primeiro agora escorrendo em direção ao Lago de Prata.

Uma visão do que teria restado deles, não fosse por Aelin Galathynius.

Yrene se ajoelhou sobre uma cavaleira ruk, o peito da mulher se abriu com um golpe de espada e estendeu as mãos ensanguentadas e brilhantes.

Mágica, limpa e brilhante, fluía dela para a mulher, remendando pele e músculo rasgados. A perda de sangue levaria tempo para se recuperar – mas a mulher não perdera tanto que Yrene precisasse gastar sua energia para reabastecer seus níveis.

Ela precisaria descansar em breve. Por algumas horas.

Ela foi convidada a inspecionar a rainha quando ela foi levada para uma câmara privada pelo príncipe Rowan, os dois carregados pela planície por Nesryn. Yrene não conseguiu impedir que suas mãos tremessem enquanto as pairava sobre o corpo inconsciente de Aelin.

Não havia sinal de dano além de alguns cortes e arranhões já curados da própria batalha. Nada além de uma mulher adormecida e cansada.

Quem segurava o poder de um deus dentro de suas veias.

Yrene então inspecionou o príncipe Rowan, que parecia em uma situação muito pior, um corte considerável serpenteando em sua coxa. Mas ele acenou para ela, alegando que ele chegara perto de um esgotamento, e só precisava descansar também.

Então Yrene os deixara, apenas para cuidar de outro.

Para Lorcan, cujos ferimentos... Yrene precisava convocar Hafiza para ajudá-la com um pouco. Para emprestar seu poder, já que Yrene estava tão esgotada.

O guerreiro inconsciente, que aparentemente tinha caído direto de Farasha enquanto ele e Elide passavam pelos portões, não se mexeu enquanto trabalhavam nele.

Isso foi há horas atrás. Dias atrás, parecia.

Sim, ela precisava descansar.

Yrene apontou para a estação de água no fundo do corredor, com a boca seca como papel. Um pouco de água, um pouco de comida e talvez um cochilo. Então ela estaria pronta para trabalhar novamente.

Mas um chifre, claro e brilhante, brilhou de fora.

Todos pararam e correram para as janelas. O sorriso de Yrene cresceu quando ela também encontrou um lugar para espiar o campo de batalha.

Para onde o resto do exército de khagan, o príncipe Kashin à sua frente, marchou em direção a eles.

Graças aos deuses. Todos no salão murmuraram palavras semelhantes.

Da fortaleza, um chifre de resposta cantou bem-vindo.

Não apenas um exército havia sido poupado aqui hoje, percebeu Yrene, voltando-se para a estação de água. Se essa onda tivesse chegado a Kashin...

Sortudos. Todos eles tinham sido tão, tão sortudos.

No entanto, Yrene se perguntou quanto tempo essa sorte duraria. Se os visse através da marcha brutal em direção ao norte e às muralhas de Orynth.



Lorcan soltou um gemido baixo ao emergir do caloroso e pesado abraço da escuridão.

— Você é um bastardo sortudo.

Cedo demais. Muito cedo depois de pairar perto da morte para ouvir o sotaque de Fenrys.

Lorcan abriu um olho, encontrando-se deitado em uma cama em uma câmara estreita. Uma vela solitária iluminava o espaço, dançando no cabelo dourado do guerreiro Féérico, sentado em uma cadeira de madeira ao pé da cama.

O sorriso de Fenrys era de um golpe branco.

— Você está fora por um dia. Eu me dei mal e tive que cuidar de você.

Uma mentira. Por alguma razão, Fenrys escolheu estar aqui.

Lorcan mexeu o corpo – levemente.

Nenhuma sugestão de dor além de um latejar surdo nas costas e um aperto forte em seu estômago. Ele conseguiu erguer a cabeça o suficiente para arrancar o pesado cobertor de lã que cobria seu corpo nu. Onde ele foi capaz de ver seu interior, apenas uma cicatriz vermelha espessa permaneceu.

Lorcan bateu a cabeça no travesseiro.

— Elide.

Seu nome raspava em sua língua.

A última vez que ele se lembrou, eles passaram pelos portões, o poder profano de Aelin Galathynius passou. Então o esquecimento entrou.

— Ajudando com a cura no Grande Salão — disse Fenrys, esticando as pernas diante dele.

Lorcan fechou os olhos, algo apertado em seu peito aliviou.

— Bem, já que você não está morto — Fenrys começou, mas Lorcan já estava dormindo.



Lorcan acordou mais tarde. Horas, dias, ele não sabia.

A vela ainda ardia no peitoril estreito, até a base. Horas, então.

A menos que ele tivesse dormido tanto tempo, que haviam substituído a vela por outra.

Ele não se importou. Não quando a luz fraca revelou a delicada mulher deitada de bruços na extremidade de sua cama, a metade inferior de seu corpo ainda na cadeira de madeira onde Fenrys estivera. Seus braços embalaram sua cabeça, um estendido para ele.

Alcançando sua mão, a poucos centímetros da dela.

Elide.

Seus cabelos escuros se derramaram sobre o cobertor, através de suas canelas, cobrindo muito de seu rosto.

Estremecendo com a dor persistente em seu corpo, Lorcan esticou o braço apenas o suficiente para tocar seus dedos.

Eles estavam frios, suas pontas muito menores que as dele.

Eles se contraíram, afastando-se enquanto ela sugava uma respiração aguda e desperta.

Lorcan saboreou cada característica enquanto ela fazia uma careta com um torcicolo no pescoço. Mas seus olhos se fixaram nele.

Ela ficou quieta enquanto o encontrava olhando para ela, acordado e absolutamente maravilhado com a mulher que havia atravessado o inferno para encontrá-lo...

Cansada. Ela parecia exausta, mas seu queixo permanecia levantado.

Lorcan não tinha palavras. Ele deu a ela tudo na parte de trás do cavalo de qualquer maneira.

Mas Elide perguntou:

— Como você se sente?

Dolorido. Exausto. No entanto, encontrá-la sentada ao seu lado...

— Vivo — disse ele, e quis dizer isso.

Seu rosto permaneceu ilegível, mesmo quando seus olhos mergulharam em seu corpo. O cobertor havia deslizado o suficiente para revelar a maior parte de seu torso, embora ainda escondesse a ferida em seu abdômen. No entanto, ele nunca se sentiu tão profundamente nu.

Foi um esforço para manter a respiração estável sob o olhar aguçado.

— Yrene disse que você teria morrido, se eles não tivessem chegado a você quando eles o fizeram.

— Eu teria morrido — disse ele, voz como cascalho, — se você não tivesse enfrentado o inferno para me encontrar.

Seu olhar se ergueu para o dele.

— Eu te fiz uma promessa.

— Então você disse.

Isso era uma sugestão de cor roubar suas bochechas pálidas?

Mas ela não recuou.

— Você disse algumas coisas interessantes também.

Lorcan tentou se sentar, mas seu corpo deu uma explosão de dor em protesto.

Elide explicou:

— Yrene avisou que, embora as feridas estejam curadas, alguma dor persistirá.

Lorcan cerrou os dentes ao sentir da pontada aguda nas costas, no estômago. Ele conseguiu se apoiar nos cotovelos e considerou que progrediu o suficiente.

— Já faz um tempo desde que eu estive gravemente ferido. Eu esqueci o inconveniente que é.

Um leve sorriso apareceu em sua boca.

Seu coração parou. O primeiro sorriso que ela lhe dera em meses e meses. Desde aquele dia no navio, quando ele tocou a mão dela enquanto balançavam em suas redes.

Seu sorriso desapareceu, mas a cor em suas bochechas permaneceu.

— Você quis dizer isso? O que você disse.

Ele segurou seu olhar. Deixou alguma parede interna dentro dele desmoronar. Só para ela. Para esta pequena mentirosa, esperta e perspicaz que tinha escapado por todas as regras de defesa que ele já fizera para si mesmo. Ele deixou ela ver isso em seu rosto. A deixou ver tudo isso, como ninguém jamais havia feito antes.

— Sim. — Sua boca se apertou, mas não em desgosto. Então Lorcan disse suavemente: — Eu quis dizer cada palavra. — Seu coração trovejou, tão descontroladamente que era uma maravilha que ela não pudesse ouvir. — E eu vou até o dia em que eu desaparecer no Além Mundo.

Lorcan não respirou quando Elide gentilmente estendeu a mão.

E entrelaçaram seus dedos.

— Eu te amo — ela sussurrou.

Ele estava feliz por estar deitado. As palavras o teriam deixado de joelhos. Mesmo agora, ele estava meio inclinado a se curvar diante dela, a verdadeira dona de seu coração antigo e perverso.

— Eu te amei — continuou ela — desde o momento em que você veio lutar por mim contra Vernon e os ilken. — A luz em seus olhos roubou sua respiração. — E quando soube que você estava em algum lugar naquele campo de batalha, a única coisa que eu queria era poder dizer isso a você. Era a única coisa que importava.

Uma vez, ele poderia ter zombado. Declarado que coisas muito maiores importavam, especialmente nessa guerra. E ainda a mão agarrando a dele... Ele nunca conheceu nada mais precioso.

Lorcan passou o polegar pelas costas da mão dela.

— Eu sinto muito, Elide. Por tudo isso.

— Eu sei — ela disse suavemente, e nenhum arrependimento ou mágoa ofuscou seu rosto. Apenas a calma clara e inabalável brilhava

ali. O rosto da mulher poderosa em que ela estava se transformando, e já se tornara, e que governaria Perranth com sabedoria em uma mão e compaixão na outra.

Eles se encararam por alguns minutos. Por uma eternidade abençoada.

Então Elide desembaraçou as mãos e se levantou.

— Eu deveria voltar para ajudar Yrene.

Lorcan pegou a mão dela novamente.

— Fique.

Ela arqueou uma sobrancelha escura.

— Eu estou indo apenas para o Grande Salão.

Lorcan acariciou o polegar nas costas da mão dela mais uma vez.

— Fique — ele respirou.

Por um instante, ele achou que ela diria que não e estava preparada para aceitar, aceitar esses últimos minutos como mais um presente do que ele merecia.

Mas então Elide sentou-se na beira da cama, bem ao lado do ombro, e passou a mão pelo cabelo dele. Lorcan fechou os olhos, inclinando-se para o toque, incapaz de parar o profundo ronronar que rolou pelo peito dele.

Ela fez um ruído baixo de admiração, talvez algo mais, e seus dedos o tocaram novamente.

— Diga — ela sussurrou, os dedos em seus cabelos.

Lorcan abriu os olhos, encontrando o olhar dela.

— Eu te amo.

Ela engoliu em seco e Lorcan cerrou os dentes quando se sentou totalmente. Tão perto, ele havia esquecido o quanto ele se elevava sobre ela. Em cima daquele cavalo, ela tinha sido uma força da natureza, uma tempestade desafiadora. Seu cobertor escorregou perigosamente baixo, mas ele deixou-o ficar onde ele se acumulava em seu colo.

Ele não perdeu o olhar dela. Ou o longo arrasto de seus olhos ao longo de seu torso. Ele quase podia sentir isso, demorando-se em todos os músculos e cicatrizes.

Um gemido suave saiu dele enquanto ela continuava a parecer preenchida. Pedindo coisas que ele com certeza não estava em condições de lhe dar. E que ela talvez ainda não esteja pronta para dar a ele, declarações à parte.

Ele foi imediatamente desafiado a provar sua determinação enquanto Elide passava os dedos pela nova cicatriz em seu abdômen.

— Yrene disse que você pode pra sempre ter isso — disse ela, sua mão misericordiosamente caindo.

— Então será a cicatriz que mais valorizo.

Fenrys iria rir até gritar ao ouvi-lo falar assim, mas Lorcan não se importava. Para o inferno com o resto deles.

Outro daqueles sorrisos pequenos curvou seus lábios, e as mãos de Lorcan se apertaram nos lençóis com o esforço necessário para não provar aquele sorriso, adorá-lo com sua própria boca.

Mas essa coisa nova e frágil zumbindo entre eles... Ele não arriscaria por todo o mundo.

Elide, graças aos deuses, não tinha essas preocupações.

Nenhuma, ao que parecia, quando ela levou a mão ao rosto dele e passou o polegar ao longo dele. Cada respiração era um esforço de controle.

Lorcan permaneceu absolutamente imóvel quando ela levou a boca à dele. Roçando seus lábios nos dele.

Ela se afastou.

— Descanse, Lorcan. Eu estarei aqui novamente quando você acordar.

Qualquer coisa que ela pedisse, ele daria a ela. Qualquer coisa mesmo.

Muito abalado por aquele beijo suave e bonito para se incomodar com as palavras, ele se deitou de novo.

Ela sorriu para sua total obediência e, como se não pudesse se conter, se inclinou mais uma vez.

Esse beijo demorou. Sua boca traçou a dele, e à ligeira pressão de seus lábios, o pedido gentil, ele respondeu com o seu próprio.

O gosto dela ameaçou desfazê-lo por completo, e a tentativa de roçar sua língua contra a dele atraiu outro ronronar do profundo peito dele. Mas Lorcan deixou Elide explorá-lo, devagar e docemente, dando-lhe tudo o que ela pedisse.

E quando a boca dela se tornou mais insistente, quando a respiração dela ficou irregular, ele deslizou uma mão ao redor do pescoço dela até a nuca dela. Ela se abriu para ele e, com seu gemido baixo, Lorcan pensou que ele sairia da sua pele.

Sua mão escorregou de sua nuca para correr pelas costas, saboreando o corpo quente e inquebrável sob as camadas de roupa.

Elide arqueou-se ao toque, outro daqueles pequenos barulhos vindo dela. Como se ela estivesse tão faminta por ele.

Mas Lorcan se obrigou a se afastar. Fez-se retirar a mão da parte inferior das costas. Ofegante, dividindo a respiração, ele disse em sua boca:

— Mais tarde. Vá ajudar os outros.

Os olhos escuros brilharam de desejo, e Lorcan ajustou a queda do cobertor sobre o colo.

— Vá ajudar os outros — ele repetiu. — Eu estarei aqui quando você estiver pronta para dormir.

O pedido não dito demorou, e Elide recuou, estudando-o mais uma vez.

— Dormir apenas — disse Lorcan, sem se incomodar em esconder o calor que subia em seu olhar. — Por enquanto.

Até que ela estivesse pronta. Até que ela disse a ele, mostrasse a ele, ela quisesse compartilhar tudo com ele. Essa alegação final.

Mas até então, ele a queria aqui. Dormindo ao seu lado, onde ele poderia cuidá-la. Como ela havia cuidado dele.

O rosto de Elide ficou vermelho quando ela se levantou, suas mãos tremendo. Não por medo, mas pelo mesmo esforço que agora tomava Lorcan para não alcançá-la.

Ele gostaria muito de deixá-la louca. Devagar ensinando tudo o que ele sabia sobre prazer, sobre querer. Ele tinha pouca dúvida de que também aprenderia um bom número de coisas com ela.

Elide pareceu ler isso em seu rosto e suas bochechas se avermelharam ainda mais.

— Mais tarde, então — ela respirou, mancando para a porta.

Lorcan enviou um lampejo de seu poder para envolver seu tornozelo. O mancar desapareceu.

Com uma mão na maçaneta, ela deu um pequeno e grato aceno de cabeça.

— Eu senti falta disso.

Ele ouviu as palavras não ditas enquanto ela desaparecia no corredor ocupado.

Senti sua falta.

Lorcan se permitiu um sorriso raro.

CAPÍTULO 65

Dorian foi para Morath.

Tinha voado do acampamento em asas de sua própria autoria.

Ele teria escolhido algum tipo de pássaro pequeno e comum, Manon sabia. Algo que até as Treze não notariam.

Manon ficou na beira da penhasco, olhando para o leste.

A neve esmagada disse a ela que Asterin se aproximava.

— Ele saiu, não foi?

Ela assentiu, incapaz de encontrar palavras. Ela lhe oferecera tudo e pensara que ele pretendia aceitá-lo. Pensou que ele tinha *aceitado*, com o que eles fizeram depois.

No entanto, foi uma despedida. Uma última ligação antes de se aventurar nas garras da morte. Ele não a prenderia, não aceitaria o que ela havia dado.

Como se ele a conhecesse melhor do que ela mesma.

— Vamos atrás dele?

À luz do amanhecer, o acampamento estava se mexendo.

Hoje, hoje elas decidiriam para onde ir. Hoje, ela ousaria pedir as Crochans para seguirem. Elas a seguiriam?

Mas dirigir-se a Morath, onde seriam reconhecidas muito antes de se aproximarem, para voltar ao inferno...

O sol nasceu, cheio e dourado, como se fosse a nota solitária de uma canção enchendo o mundo.

Manon abriu a boca.

— Terrasen pede ajuda! — A voz de uma jovem Crochan soou através do acampamento.

Manon e Asterin se viraram, outras seguindo o exemplo enquanto a bruxa corria para a tenda de Glennis. A velha surgiu quando a bruxa derrapou até parar. Uma batedora, sem dúvida, sem fôlego e cabelo jogado pelo vento.

— Terrasen pede ajuda — a batedora ofegou, apoiando as mãos nos joelhos enquanto se agachava para engolir a respiração. — Morath os mandou para a fronteira, depois para Perranth, e avança em Orynth enquanto falamos. Eles vão saquear a cidade dentro de uma semana.

Notícias piores do que Manon havia previsto. Mesmo que ela precisasse, esperasse por isso.

As Treze fecharam-se, Bronwen um passo atrás, e Manon não se atreveu a respirar quando Glennis olhou para a chama imortal que ardia na fogueira a poucos metros de distância. A Chama da Guerra.

Então ela se virou para Manon.

— O que você diz, Rainha das Bruxas?

Uma provocação e um desafio.

Manon ergueu o queixo nos dois caminhos diante dela.

Um para o leste, para Morath. O outro para o norte, para Terrasen e batalha.

O vento cantou e, nela, ela ouviu a resposta.

— Vou responder ao chamado de Terrasen — disse Manon.

Asterin foi para o lado dela, destemida enquanto ela examinava o acampamento reunido.

— Assim como eu vou.

Sorrel flanqueou direito de Manon.

— Assim fará as Treze.

Manon esperou, mal ousando reconhecer a coisa que começou a queimar em seu peito.

Então Bronwen se aproximou, seu cabelo escuro soprando no vento gelado.

— O lar Vanora voará para o norte.

Outra bruxa endireitou os ombros.

— Assim fará o Silian.

E assim foi.

Até que as líderes de todos os sete dos grandes lares estivessem reunidas ali.

Até que Glennis disse a Manon:

— Há muito tempo atrás, Rhiannon Crochan cavalgou ao lado do rei Brannon na batalha. Assim a sua semelhança renasceu, assim as antigas alianças serão forjadas novamente. — Ela gesticulou para a chama eterna. — Acenda a Chama da Guerra, Rainha das Bruxas, e convoque seu anfitrião.

O coração de Manon disparou, tão descontroladamente que pulsou nas palmas das mãos, mas ela pegou um galho de bétula entre os gravetos.

Ninguém falou enquanto ela mergulhava na chama eterna.

Vermelho, dourado e azul saltaram sobre a madeira, devorando-a. Manon retirou o galho apenas quando foi pego, profundo e verdadeiro.

Até o vento não acertou a chama quando Manon a ergueu, uma tocha no novo dia.

A multidão de Crochan se separou, revelando um caminho reto em direção ao coração de Bronwen. A bruxa já estava esperando, seu clã se reuniu em torno dela.

Cada passo foi uma batida de guerra. Uma resposta a uma pergunta feita há muito tempo.

Os olhos de Bronwen estavam brilhantes quando Manon parou.

Manon apenas disse:

— Sua rainha convoca você para a guerra.

E tocou a chama dela na lareira de Bronwen.

Luz queimada, brilhante e dançante.

Bronwen pegou um ramo próprio, uma longa lenha queimando no fogo.

— Vanora vai voar.

Ela retirou a madeira e seguiu para a lareira do próximo clã, onde ela mergulhou o núcleo do fogo sagrado em seu buraco. Mais uma

vez a luz incendiou-se, tal como Bronwen declarou, alto e claro como o dia que os rodeava,

— A sua rainha convoca você para a guerra. Os Vanora voam com ela. Você vai?

O líder da lareira disse apenas:

— Redbriar voará — e acendeu sua própria tocha antes de se apressar para o fogo do próximo clã.

Lareira para lareira. Até que todos os sete no acampamento tivessem aceitado e acendido o fogo.

Então, e só então, a jovem batedora do último clã pegou sua tocha acesa, pegou sua vassoura e saltou para o céu. Para encontrar o próximo clã, dizer-lhes que a ligação havia sido apagada.

Manon e as Treze, as Crochans à sua volta, observaram até que a batedora não passasse de um pontinho fumegante contra o céu, então nada.

Manon fez uma oração silenciosa ao vento de que a chama sagrada que a jovem batedora levava queimasse firme ao longo dos longos e perigosos quilômetros.

Todo o caminho para os campos de matança de Terrasen.



Lareira à lareira, a Chama da Guerra foi.

Sobre as montanhas cobertas de neve e entre as árvores das florestas emaranhadas, escondendo-se dos inimigos que rondavam os céus. Através de longas e amargas noites frias, onde o vento uivava enquanto tentava apagar qualquer traço daquela chama.

Mas o vento não teve sucesso, não contra a chama da rainha.

Então, de lareira à lareira, foi.

Para as aldeias remotas onde as pessoas da população gritavam e se dispersavam quando uma mulher de rosto jovem desceu do céu em uma vassoura, acenando com a tocha para o alto.

Não para sinalizá-los, mas as poucas mulheres que não correram. Quem caminhou em direção à chama, a cavaleira, quando ela gritou:

— *Sua rainha o chama para a guerra. Você vai voar?*

Troncos escondidos em sótãos foram abertos. Faixas dobradas de pano vermelho puxadas por dentro. Vassouras deixadas em armários, ao lado de portas, enfiadas debaixo de camas, eram trazidas para fora, amarradas em ouro ou prata ou fio.

E as espadas – antigas e bonitas – eram puxadas de baixo das tábuas do assoalho, ou puxadas de cima de cascos de haxixe, seu metal brilhando tão brilhante e fresco quanto no dia em que tinham sido forjados em uma cidade que agora estava em ruínas.

Bruxas, os habitantes da cidade sussurravam, os maridos de olhos arregalados e incrédulos enquanto as mulheres subiam aos céus, mantos vermelhos ondulando. *Bruxas entre nós todo esse tempo.*

Aldeia a aldeia, onde lareiras que nunca haviam ficado completamente escuras brilharam em resposta. Sempre uma cavaleira saindo, para encontrar o próximo lar, o próximo bastião do povo.

Bruxas, aqui entre nós. Bruxas, agora indo para a guerra.

Uma maré crescente de bruxas, que subiram aos céus em suas capas vermelhas, espadas amarradas às costas, vassouras derramando anos de poeira a cada quilômetro ao norte.

Bruxas que se despediam de suas famílias, não oferecendo nenhuma explicação antes de beijarem seus bebês adormecidos e desaparecerem na noite estrelada.

Milha após milha, através do mundo que escurecia, a chamada se apagava, incessante e interminável como a chama eterna que passava de lar para lar.

— *Voe, voe, voe!* — Elas gritaram. — *Para a rainha! Para a guerra!*

De longe, através da neve, da tempestade e do perigo, as Crochans voaram.

CAPÍTULO 66

Aelin acordou com o cheiro de pinho e neve e soube que estava em casa. Não em Terrasen, ainda não, mas no sentido de que ela estaria sempre em casa, se Rowan estivesse com ela.

Sua respiração constante encheu sua orelha direita, o som de completa e verdadeiramente adormecido, e o braço que ele colocou em seu meio era um peso sólido e quente. A luz prateada cobria as antigas pedras do teto.

Manhã – ou um dia nublado. Os corredores além do quarto ofereciam fragmentos de som que ela separava, pedaço por pedaço, como se estivesse montando um espelho quebrado que pudesse revelar o mundo além.

Aparentemente, fazia três dias desde a batalha. E o resto do exército do Khagan, liderado pelo príncipe Kashin, seu terceiro filho mais velho, havia chegado.

Foi esse detalhe que a fez despertar completamente à consciência, uma mão deslizando para o braço de Rowan. Uma carícia de um toque, só para ver o quão profundamente o sono rejuvenescedor o segurava. Três dias, eles dormiram lá, sem saber do mundo. Um momento perigoso e vulnerável para qualquer portador de magia, quando seus corpos exigiam um sono profundo para se recuperar de gastar tanto poder.

Essa foi outra lasca que ela pegou: Gavriel estava sentado do lado de fora da porta. Na forma de leão da montanha. As pessoas se calavam quando se aproximavam, sem perceber que, assim que passavam por ele, seus sussurros sobre *aquele gato estranho e aterrorizante* podiam ser detectados por ouvidos Feéricos.

Aelin passou um dedo pela costura da manga de Rowan, sentindo o músculo amarrado embaixo. Límpida – a cabeça dela, o corpo dela estava límpido. Como a primeira respiração gelada inalada numa manhã de inverno.

Durante os dias em que dormiram, nenhum pesadelo a acordou, a perseguiu. Um pequeno e misericordioso alívio.

Aelin engoliu em seco, a garganta seca. O que tinha sido real, o que Maeve tentara plantar em sua mente – importava se a dor havia sido verdadeira ou imaginada?

Ela tinha saído, se afastado de Maeve e Cairn. Encarar os pedaços quebrados dentro dela viria depois.

Por enquanto, foi o suficiente para ter essa clareza de volta. Mesmo tendo liberado seu poder, gastar aquele poderoso golpe ali, não tinha sido seu plano.

Aelin deslizou seu olhar em direção a Rowan, cujo rosto severo suavizara-se em beleza durante o sono. E limpo – o sangue que havia se espalhado nos dois desapareceu. Alguém deve tê-los lavado enquanto dormiam.

Como se ele pressentisse a atenção dela, ou apenas sentisse a mão demorada em seu braço, os olhos de Rowan se abriram. Ele examinou-a da cabeça aos pés, certificando-se de que estava tudo certo, e encontrou seu olhar.

— Exibida — ele murmurou.

Aelin deu um tapinha no braço dele.

— Você faz uma cena e tanto também, Príncipe.

Ele sorriu, sua tatuagem se enrugando.

— Essa exibição será a última das suas surpresas, ou haverá mais por vir?

Ela debateu isto – lhe falando, revelando. *Talvez.*

Rowan se sentou, o cobertor escorregando dele. *É este o tipo de surpresa que terminará com meu coração parando morto no meu peito?*

Ela bufou, apoiando a cabeça com o punho enquanto traçava marcas ociosas sobre o cobertor arranhado.

— Enviei uma carta quando estávamos naquele porto em Wendlyn.

Rowan assentiu.

— Para Aedion.

— Para Aedion — disse ela, em voz baixa o suficiente para que Gavriel não pudesse ouvir de onde estava, do lado de fora da porta.

— E para o seu tio. E para Essar.

As sobrancelhas de Rowan se levantaram.

— Dizendo o que?

Ela cantarolou para si mesma.

— Dizendo que eu estava de fato aprisionada por Maeve e que, enquanto eu era cativa dela, ela traçava alguns planos bastante nefastos.

Seu parceiro ficou parado.

— Com qual objetivo em mente?

Aelin sentou-se e olhou as unhas.

— Convencendo-os a debandar seu exército. Começar uma revolta em Doranelle. Chutar Maeve do trono. Você sabe, pequenas coisas.

Rowan apenas olhou para ela. Depois esfregou o rosto.

— Você acha que uma carta poderia fazer isso?

— Foi fortemente formulada.

Ele ficou boquiaberto.

— Que tipo de planos nefastos você mencionou?

— O desejo de conquistar o mundo, sua total falta de interesse em poupar vidas Feéricas em uma guerra, seu interesse em coisas dos Valgs. — Ela engoliu em seco. — Eu posso ter mencionado que ela é possivelmente Valg.

Rowan deu um pulo.

Aelin encolheu os ombros.

— Foi um palpite de sorte. As melhores mentiras estão sempre misturadas com a verdade.

— Sugerir que Maeve é Valg é uma mentira bastante estranha, mesmo para você. Mesmo que se prove verdade.

Ela acenou com a mão.

— Vamos ver se alguma coisa vai sair disso.

— Se funcionar, se eles de alguma forma se revoltarem e o exército se voltar contra ela... — Ele balançou a cabeça, rindo baixinho. — Seria uma vantagem nesta guerra.

— Eu esquematizo e minto tão grandiosamente, e isso é todo o crédito que recebo?

Rowan sacudiu seu nariz.

— Você receberá crédito se o exército dela não aparecer. Até lá, nós nos preparamos como se fossem. O que é altamente provável. — Ao franzir de cenho dela, ele disse: — Essar não exerce muito poder, e meu tio não assume muitos riscos. Não como Enda e Sellene. Se eles derrubassem Maeve... seria monumental. Se eles ainda sobrevivessem.

O estômago dela se revirou.

— A escolha é deles, o que eles farão. Eu apenas expus os fatos. — Fatos cuidadosamente formulados e meios palpites. Uma aposta absoluta, se ela estivesse sendo honesta.

Rowan sorriu.

— E além de tentar derrubar o trono de Maeve? Alguma outra surpresa que eu deva saber a respeito?

Seu sorriso desapareceu quando ela se deitou, Rowan fazendo o mesmo ao lado dela.

— Não há mais nada. — Ao arquear das sobrancelhas dele, ela acrescentou: — Eu juro pelo meu trono. Não há mais nenhuma.

A diversão em seus olhos derreteu.

— Eu não sei se isso me deixa aliviado.

— Tudo o que eu sei, você sabe. Todas as cartas estão na mesa agora.

Com os vários exércitos que se reuniram, com o Fecho, com tudo isso.

— Você acha que poderia fazer de novo? — Ele perguntou. — Assimilar tanto poder?

— Eu não sei. Acho que não. Seria necessário ser... contida. Com os ferros.

Uma sombra escureceu seu rosto, e ele rolou para o lado, sustentando a cabeça.

— Eu nunca havia visto nada assim.

— Você nunca mais verá. — Isso era verdade.

— Se o custo desse poder é o que você suportou, então eu ficarei feliz em não ver.

Aelin passou a mão pelos poderosos músculos de sua coxa, os dedos se prendendo no rasgo de tecido logo acima do joelho.

— Eu não senti você receber essa ferida através do laço de parceria — disse ela, roçando a linha grossa da nova cicatriz. Um troféu da batalha. Ela se fez encontrar seu olhar penetrante. *De alguma forma, Maeve quebrou essa parte? Essa parte de nós?*

— Não — ele expirou e acariciou o cabelo de sua testa. — Eu percebi que o laço só transmite a dor das feridas mais graves.

Ela tocou o local em seu ombro, onde a flecha de Asterin Bico Negro o havia perfurado todos aqueles meses atrás. O momento em que ela soube o que ele era para ela.

— Foi por isso que eu não sabia o que estava acontecendo com você na praia. — Rowan disse, rouco. Porque o chicote, brutal e insuportável como tinha sido, não a tinha levado à beira da morte. Apenas a um caixão de ferro.

Ela fez uma careta.

— Se você está prestes a me dizer que você se sente culpado por isso...

— Nós dois temos coisas para lidar, sobre o que aconteceu nesses meses.

Um olhar de relance para ele, e ela sabia que ele estava bem ciente do que ainda nublava sua alma. E porque ele era a única pessoa que viu tudo o que ela era e não se afastou, Aelin disse:

— Eu queria que aquele fogo fosse para Maeve.

— Eu sei. — Palavras tão simples, e ainda assim significava tudo — essa compreensão.

— Eu queria que isso melhorasse as coisas... — Ela soltou um longo suspiro. — Para limpar tudo. — Toda a memória e pesadelo e mentira.

— Vai demorar um tempo, Aelin. Para enfrentar isso, lidar com isso.

— Eu não tenho um tempo.

Sua mandíbula ficou tensa.

— Isso veremos.

Ela não se incomodou em discutir. Não quando admitiu:

— Eu quero que isso acabe.

Ele ficou completamente parado, mas lhe concedeu o espaço para pensar, falar.

— Eu quero que isso termine de uma vez por todas — ela disse com voz rouca. — Esta guerra, os deuses, o portão de Wyrd e o Fecho. Tudo isso. — Ela esfregou as têmporas, empurrando o peso, a mancha persistente que nenhum fogo poderia limpar. — Eu quero ir para Terrasen, para lutar, e então eu quero que isso acabe.

Ela queria que acabasse desde que descobriu o verdadeiro custo de forjar um novo Fecho. Queria que terminasse com cada um dos açoites de Cairn na praia em Eyllwe. E tudo o que ele fez com ela depois. O que quer que isso pudesse trazer, como quer que pudesse acabar, ela queria que terminasse.

Ela não sabia quem e o que isso fazia dela.

Rowan permaneceu em silêncio por um longo momento antes de dizer:

— Então nós vamos nos certificar de que os exércitos do khagan vão para o norte. Depois voltaremos a Terrasen e esmagaremos os exércitos de Erawan. — Ele levou suas mãos à boca para um beijo rápido. — E então, depois de tudo isso, vamos ver sobre este maldito Fecho. — Uma determinação irreduzível encheu cada respiração sua, o ar em torno deles.

Ela deixou que fosse o suficiente para os dois. Escondeu suas palavras, seu voto, todas aquelas promessas entre os dois e estendeu a palma da mão no ar entre eles.

Ela convocou a magia a gota de água que a linhagem de sua mãe lhe dera. A linhagem de Mab.

Uma pequena bola de água tomou forma em sua mão. Sobre os calos que foram cuidadosamente reconstruídos. Ela deixou o suave e refrescante poder transbordar sobre ela. Deixou-o alisar os pedaços irregulares dentro de si e cantar para dormirem. O presente da mãe dela.

Você não cede.

Quando o Fecho levasse tudo, também reivindicaria esta parte? Esta parte mais preciosa de seu poder?

Ela afastou esses pensamentos também.

Concentrando-se, cerrando os dentes, Aelin ordenou que a bola de água girasse em sua palma.

Uma oscilação foi tudo o que ela conseguiu em resposta.

Ela bufou.

— Rainha Feérica do Oeste, de fato.

Rowan bufou uma risada silenciosa.

— Continue praticando. Em mil anos, você pode realmente ser capaz de fazer algo com isso.

Ela bateu no braço dele, a gotícula de água encharcando a manga da camisa dele.

— É uma maravilha que eu aprendi alguma coisa com você com esse tipo de incentivo. — Ela sacudiu a umidade de sua mão. Bem na cara dele.

Rowan mordeu de leve o nariz dela.

— Eu mantenho um registro, princesa. De todas as coisas horríveis que saem da sua boca.

Seus dedos dos pés se curvaram e ela arrastou os dedos pelos cabelos dele, deleitando-se nos fios sedosos.

— Como vou pagar por isso?

Do outro lado da porta, ela poderia jurar que os pés macios do gato rapidamente se afastaram.

Rowan sorriu, como se sentisse a rápida saída de Gavriel também. Então sua mão se achatou em seu abdômen, sua boca roçando a

parte inferior de sua mandíbula.

— Eu estive pensando em algumas maneiras.

Mas a mão que ele colocou na barriga desceu para baixo apenas o suficiente para que Aelin soltasse uma exclamação. E percebesse que ela esteve adormecida por três dias, assim como sua bexiga. Ela estremeceu, se colocando rapidamente de pé. Ela balançou, e ele estava instantaneamente lá, estabilizando-a.

— Antes que você me arrebate completamente — declarou ela. — Preciso encontrar um banheiro.

Rowan riu, inclinando-se para recolher o cinto da espada, deixado cuidadosamente junto à parede ao lado da dela. Somente Gavriel os teria arranjado com tanto cuidado.

— Essa necessidade de fato supera o que eu havia planejado.



As pessoas ficaram boquiabertas nos corredores, alguns sussurrando enquanto passavam.

A rainha e seu consorte. Onde você acha que eles estiveram nesses últimos dias?

Ouvi dizer que eles foram para as montanhas e trouxeram os homens selvagens de volta com eles.

Ouvi dizer que eles teceram feitiços pela cidade para protegê-la contra Morath.

Rowan ainda sorria quando Aelin saiu do banheiro feminina.

— Viu? — Ela deu um passo ao lado dele enquanto seguiam não para o quarto e para o arrebatamento, mas para o corredor onde a comida tinha sido colocada. — Você está começando a gostar da notoriedade.

Rowan arqueou uma sobrancelha.

— Você acha que em todos os lugares que eu passei nos últimos trezentos anos, os sussurros não me seguiam? — Ela revirou os olhos, mas ele riu. — Isso é muito melhor do que *desgraçado de coração frio* ou *eu ouvi dizer que ele matou alguém com uma perna de mesa*.

— Você matou alguém com uma perna de mesa.

O sorriso de Rowan cresceu.

— E você é um desgraçado de coração frio — ela completou.

Rowan bufou.

— Eu nunca disse que esses sussurros eram mentiras.

Aelin passou o braço pelo dele.

— Eu vou começar um boato sobre você, então. Algo verdadeiramente grotesco.

Ele gemeu.

— Eu temo pensar no que você pode inventar.

Ela adotou um sussurro áspero quando passaram por um grupo de soldados humanos .

— *Você voou de volta para o campo de batalha para bicar os olhos dos nossos inimigos?* — Seu suspiro ecoou na rocha. — *E comeu aqueles olhos?*

Um dos soldados tropeçou, os outros viraram a cabeça para eles.

Rowan beliscou seu ombro.

— Obrigado por isso.

Ela inclinou a cabeça.

— De nada.

Aelin continuou sorrindo enquanto eles encontravam comida e almoçavam rápido – era meio dia, eles descobriram – sentados lado a lado em uma escada empoeirada e meio esquecida. Muito parecido com os dias que passaram em Defesa Nebulosa, joelho a joelho e ombro a ombro na cozinha enquanto ouviam as histórias de Emrys.

Embora, bem diferente daqueles meses da primavera, quando Aelin pousou o prato entre os pés, passou os braços pelo pescoço de Rowan e a boca dele instantaneamente encontrou a dela.

Não, certamente não era nem um pouco como em Defesa Nebulosa enquanto ela rastejava no colo de Rowan, não se importando inteiramente que alguém pudesse subir ou descer as escadas, e o beijava sem reservas.

Eles pararam, sem fôlego e de olhos arregalados, antes que ela pudesse decidir que não seria realmente uma má ideia tirar a calça

dele ali mesmo, ou que a mão dele, discretamente e preguiçosamente esfregando aquele maldito ponto entre suas coxas, deveria estar dentro dela.

Para ser honesta consigo mesma, ela ainda estava considerando levá-lo ao armário mais próximo quando eles partiram para encontrar seus companheiros. Uma olhada nos olhos vidrados de Rowan e ela sabia que ele estava pensando o mesmo.

No entanto, até mesmo o desejo de aquecer seu sangue esfriou quando entraram no antigo escritório perto do topo da fortaleza e viram o grupo reunido. Fenrys e Gavriel já estavam lá, Chaol com eles, nenhum sinal de Elide ou Lorcan.

Mas o pai de Chaol, infelizmente, estava presente. E olhou com raiva quando eles entraram na reunião que parecia bem encaminhada. Aelin deu-lhe um sorriso zombeteiro e caminhou até a grande mesa.

Um homem alto, de ombros largos, estava com Nesryn, Sartaq e Hasar, bonito e cheio de uma espécie de energia impaciente. Seus olhos castanhos eram acolhedores, seu sorriso era fácil. Ela gostou dele imediatamente.

— Meu irmão — disse Hasar, acenando com a mão sem levantar os olhos do mapa. — Kashin.

O príncipe esboçou uma reverência graciosa. Aelin ofereceu uma reverência, Rowan fez o mesmo.

— Uma honra — disse Aelin. — Obrigada por ter vindo.

— Você pode realmente agradecer ao meu pai por isso. E Yrene — disse Kashin, seu uso de sua linguagem tão impecável quanto seus irmãos.

De fato, Aelin tinha muito a agradecer à curandeira.

Os olhos agudos de Nesryn examinaram Aelin da cabeça aos pés.

— Você está se sentindo bem?

— Só precisava descansar — Aelin empurrou o queixo para Rowan. — Ele exige cochilos frequentes em sua velhice.

Sartaq tossiu, mantendo a cabeça baixa enquanto continuava estudando o mapa. Fenrys, no entanto, riu.

— De volta ao seu bom humor, eu vejo.

Aelin sorriu para o pai de costas retas de Chaol.

— Vamos ver quanto tempo dura. — O homem não disse nada.

Rowan apontou para a escrivainha e perguntou à realeza:

— Vocês já decidiram... onde devem marchar agora? — Uma pergunta tão casual e calma. Como se o destino de Terrasen não dependesse disso.

Hasar abriu a boca, mas Sartaq a interrompeu.

— Norte. Nós iremos de fato para o norte com você. Se apenas para recompensá-lo por salvar nosso exército – nosso povo.

Aelin tentou não parecer muito aliviada.

— Gratidão à parte — Hasar disse, soando nem um pouco grata.

— Os batedores de Kashin confirmaram que Terrasen é onde Morath está concentrando seus esforços. Então é para lá que iremos.

Aelin desejou não ter comido tanto no almoço.

— Quão ruim é?

Nesryn sacudiu a cabeça, respondendo pelo príncipe Kashin:

— Os detalhes eram nebulosos. Tudo o que sabemos é que hordas foram vistas marchando para o norte, deixando um rastro de destruição em seu caminho.

Aelin manteve os punhos ao lado do corpo, evitando a vontade de esfregar o rosto.

O pai de Chaol disse:

— Espero que o seu poder possa ser convocado novamente.

Aelin deixou uma brasa daquela energia arder em seus olhos.

— Obrigada pela armadura — ela murmurou.

— Considere isso um presente de coração precoce — o Lorde de Anielle respondeu com um sorriso zombeteiro.

Sartaq limpou a garganta.

— Se você e seus companheiros estiverem recuperados, seguiremos para o norte assim que pudermos. — Não houve objeções de Hasar.

— E marchar pelas montanhas? — Rowan perguntou, examinando o mapa. Aelin traçou o caminho que eles seguiriam. — Nós teríamos

que passar diretamente antes do desfiladeiro Ferian. Nós mal iríamos limpar a outra extremidade deste lago antes de estarmos em outra batalha.

— Então nós os atraímos para fora — disse Hasar. — Vamos enganá-los para que evacuem quaisquer forças que esperem no desfiladeiro, e depois nos esgueiramos furtivamente por trás.

— Adarlan controla todo o Avery — disse Chaol, desenhando uma linha invisível no interior de Forte da Fenda. — Para passar para o norte, temos que atravessar o rio de qualquer maneira. Ao escolher o desfiladeiro como nosso campo de batalha, vamos evitar a bagunça que viria com a luta no meio da Floresta Carvalhal. Os ruks, pelo menos, seriam capazes de fornecer cobertura aérea. Não muito com as árvores.

Rowan assentiu.

— Precisaríamos levar a maioria do exército para as montanhas, para chegar ao desfiladeiro de onde menos esperariam. É um terreno acidentado, no entanto. Precisamos escolher nossa rota com cuidado.

O pai de Chaol resmungou. Aelin ergueu as sobrancelhas, mas seu filho respondeu:

— Eu enviei emissários no dia seguinte à batalha – nos Caninos. Para entrar em contato com os homens selvagens que vivem lá, para ver se eles se eles poderiam saber de caminhos secretos através das montanhas para o desfiladeiro.

Antigos inimigos desta cidade.

— E?

— Eles sabem. Mas há um custo.

— Um que não será pago — o Lorde de Anielle estalou.

— Deixe-me adivinhar: território — disse Aelin.

Chaol assentiu. Daí a tensão nesta sala.

Ela bateu um pé enquanto inspecionava o Lorde de Anielle.

— E você não vai dar uma fatia de terra para eles?

Ele apenas a olhou.

— Aparentemente não — Fenrys murmurou.

Aelin encolheu os ombros e virou-se para Chaol.

— Bem, está resolvido, então.

— O que está resolvido? — Seu pai grasnou.

Aelin ignorou-o e piscou para o amigo.

— Você é a Mão do Rei de Adarlan. Você supera ele. Você está autorizado a agir em nome de Dorian. — Ela apontou para o mapa.

— A terra pode ser uma parte de Anielle, mas pertence a Adarlan. Vá em frente e barganhe.

Seu pai começou.

— Você...

— Estamos indo para o norte — disse Aelin. — Você não vai ficar no nosso caminho. — Ela novamente deixou um pouco de fogo acender em seus olhos, deixou o ouro neles queimando. — Eu parei aquela onda. Considere esta aliança com os homens selvagens uma maneira de retribuir o favor.

— Aquela onda destruiu metade da minha cidade — rosnou o homem.

Fenrys soltou uma risada baixa e incrédula. Rowan rosnou baixinho.

Chaol rosnou para seu pai:

— Você é um desgraçado.

— Cuidado com a língua, garoto.

Aelin assentiu com simpatia para Chaol.

— Eu vejo por que você foi embora.

Chaol, para seu crédito, estremeceu e voltou ao mapa.

— Se conseguirmos passar pelo desfiladeiro Ferian, continuamos para o norte.

Passando Endovier. Esse caminho os levaria para além de Endovier. O estômago de Aelin se apertou. A mão de Rowan roçou a dela.

— Temos que decidir em breve — declarou Sartaq. — No momento, estamos entre o desfiladeiro Ferian e Morath. Seria muito fácil para Erawan enviar tropas para nos esmagarem entre eles.

Hasar se virou para Chaol.

— Yrene está em algum lugar perto de terminar?
Ele apoiou um cotovelo no braço da cadeira de rodas.
— Mesmo com os poucos sobreviventes, há muitos deles.
Ficaríamos aqui semanas.
— Quantos feridos? — Perguntou Rowan.
Chaol sacudiu a cabeça.
— Não feridos. — Sua mandíbula apertou. — Valgs.
Aelin franziu a testa.
— Yrene está curando os Valgs?
Hasar sorriu.
— Em uma maneira de falar.
Aelin acenou a mão para ela.
— Posso ver?



Eles encontraram Yrene não na fortaleza, mas em uma tenda nos restos do campo de batalha, inclinando-se sobre um homem humano se debatendo em cima de um catre. O homem havia sido imobilizado em âncoras no chão, com correntes em seus pulsos e tornozelos.

Aelin deu uma olhada nessas correntes e teve que engolir.

Rowan colocou a mão na parte inferior das costas dela, e Fenrys se aproximou do seu lado.

Yrene fez uma pausa, as mãos cobertas de luz branca. Borte, com a espada, permaneceu por perto.

— Há algo errado? — Perguntou Yrene, o brilho em suas mãos desaparecendo. O homem caiu, ficando imóvel quando o ataque da curandeira ao demônio dentro dele parou.

Chaol dirigiu sua cadeira para mais perto dela, as rodas equipadas para terrenos mais ásperos.

— Aelin e seus companheiros querem uma demonstração. Se você estiver bem para isso.

Yrene alisou o cabelo que escapara da trança.

— Não é realmente nada que você possa ver. O que acontece é sob a pele... mente para mente.

— Você enfrenta os demônios Valgs diretamente — disse Fenrys, com uma boa dose de admiração.

— Eles são odiosos, covardes miseráveis — Yrene cruzou os braços e franziu o cenho para o homem amarrado ao berço. — Totalmente patético — ela cuspiu em direção a ele, ao demônio dentro dele.

O homem assobiou. Yrene apenas sorriu. O homem, o demônio, choramingou.

Aelin piscou, sem saber se devia rir ou cair de joelhos.

— Mostre-me. Faça o que quer que você faça, mas mostre-me.

Então a curandeira o fez. Mãos brilhando, ela as colocou sobre o peito do homem. Ele gritou e gritou e gritou.

Yrene ofegou, franzindo as sobrancelhas. Por longos minutos, os gritos continuaram.

Borte disse:

— Não é muito emocionante com eles amarrados, é?

Sartaq lançou-lhe um olhar exasperado. Como se esta fosse uma conversa que eles já tiveram muitas vezes.

— Você pode limpar os estábulos, se preferir.

Borte revirou os olhos, mas virou-se para Aelin, olhando-a com uma franqueza que Aelin só podia apreciar.

— Alguma outra missão para mim?

Aelin sorriu.

— Ainda não. Logo, talvez.

Borte sorriu de volta.

— Por favor. Por favor, me poupe do tédio disso.

Aelin olhou para a curandeira radiante de luz.

— Quantos com esse você fez hoje?

— Dez — resmungou Borte.

Aelin perguntou a Chaol:

— E quantos ela pode fazer todos os dias?

— Quinze, no máximo. Alguns exigem mais energia do que outros para expulsar, então, nesses dias, é menos.

Aelin tentou fazer as contas de quantos soldados infestados foram deixados no campo.

— E uma vez que eles estão curados? O que você faz com eles então?

— Nós os interrogamos — disse Chaol, franzindo a testa. — Descobrimos as histórias deles, como acabaram sendo capturados. Onde suas alianças estão.

— E você acredita neles? — Perguntou Fenrys.

Hasar deu um tapinha no cabo de sua elegante espada.

— Nossos interrogadores são hábeis em recuperar a verdade.

Aelin ignorou a agitação em seu estômago.

— Então você os liberta — disse Gavriel, em silêncio por alguns minutos agora. — E depois os tortura?

— Isso é guerra — Hasar disse simplesmente. — Nós os deixamos em condições funcionais. Mas não vamos arriscar poupar suas vidas apenas para encontrar um novo exército às nossas costas.

— Alguns se juntaram voluntariamente a Erawan — disse Chaol em voz baixa. — Alguns estavam dispostos a aceitar o anel. Yrene pode dizer, quando ela está lá, quem queria ou não. Ela não se incomoda em salvar aqueles que de bom grado se ajoelharam. Então, a maioria dos que ela salva eram tolos ou foram forçados.

— Alguns querem lutar por nós — disse Sartaq. — Aqueles que passam pelo nosso processo de habilitação estão autorizados a começar a treinar com os soldados de infantaria. Não muitos deles, mas alguns.

Bem. Tudo bem.

Yrene engasgou, sua luz brilhante o suficiente para que Aelin piscasse. O homem atado ao catre tossiu, se arqueando. Vômito preto e nocivo saiu dele.

Borte fez uma careta, afastando o cheiro. Então a fumaça negra que ondulava de sua boca.

Yrene caiu para trás, Chaol disparando um braço para segurá-la. A curandeira só se empoleirou no braço da poltrona, com a mão no peito arfante.

Aelin deu-lhe um momento para recuperar o fôlego. Administrar tal façanha era notável. E fazê-la durante a gravidez... Aelin sacudiu a cabeça, maravilhada.

Yrene disse, para ninguém em particular:

— Esse demônio não queria sair.

— Mas agora se foi? — Perguntou Aelin.

Yrene apontou para o homem no catre, abrindo os olhos.

Marrom, não preto, olhou para cima.

— Obrigado — foi tudo o que o homem disse, sua voz bruta. E humana. Totalmente humana.

CAPÍTULO 67

Rowan seguiu Aelin enquanto ela serpenteava pelo campo de batalha, até a borda do Lago de Prata. Ela parou apenas de vez em quando para pegar quaisquer armas do inimigo que valessem a pena.

Havia poucas.

Os outros se dispersaram, Gavriel demorando-se para aprender como Yrene curava o Valg, Fenrys saindo com Chaol para se encontrar com emissários dos homens selvagens, e a realeza do khaganato indo cuidar de suas tropas.

Eles partiriam em dois dias, se o clima durasse. Dois dias e depois eles seguiriam para o norte.

Graças aos deuses. Apesar de serem os últimos seres que Rowan desejava agradecer.

Aelin parou na costa rochosa, espiando a extensão plana espelhada agora cheia de escombros. Ela descansou a mão em cima do punho de Goldryn, chamuscas dançando em seus dedos, parecendo estar na própria pedra vermelha.

— Levaria anos, — observou ela, — para curar todos os infectados pelos Valgs.

— Cada um desses soldados tem uma família, amigos que gostariam que tentássemos.

— Eu sei. — O vento frio chicoteou o cabelo em seu rosto, soprando para o norte.

— Então por que a caminhada aqui fora? — Ela estava contemplativa durante a reunião na tenda, com a testa franzida.

— Yrene poderia curá-los? Erawan e Maeve? Eu não sei porque eu não pensei nisso.

— O corpo de Erawan é feito por ele ou roubado? E o de Maeve?
— Rowan balançou a cabeça. — Eles podem ser totalmente diferentes.

— Não vejo como posso pedir a Yrene que faça isso. Pedir a Chaol. — Aelin engoliu em seco. — Sequer colocar Yrene *perto* de Erawan ou Maeve... eu não posso fazer isso.

Rowan também não seria capaz. Não, por mil razões diferentes.

— Mas é um erro colocar a segurança de Yrene acima de todo o mundo?

Aelin meditou, examinando um dos punhais de inimigos que ela havia pilhado. Uma lâmina fina incomum, provavelmente roubada, em primeiro lugar. — Ela é a maior arma que temos, se as chaves não estiverem em jogo. Somos tolos por não nos forçarmos a usá-la?

Não era sua escolha, sua decisão. Mas ele poderia oferecer a ela uma reflexão. — Você será capaz de viver consigo mesma se algo acontecer a Yrene, ao seu filho ainda não nascido?

— Não. Mas o resto do mundo viverá, pelo menos. Minha culpa seria secundária a isso.

— E se você não forçar Yrene a tentar destruí-los, e Erawan ou Maeve vencerem – e depois?

— Ainda há o Fecho. Ainda há a mim.

Rowan engoliu em seco. Viu a razão pela qual ela precisou ficar longe dos outros, precisava andar. — Yrene é um raio de esperança para você. Para nós. Que você pode não precisar forjar o Fecho mais.

Você ou Dorian.

— Os deuses exigem isso.

— Os deuses podem ir para o inferno.

Aelin jogou fora o punhal. — Eu odeio isso. Eu realmente odeio.

Ele deslizou um braço ao redor dos ombros dela. Era tudo o que ele podia lhe oferecer.

Acabasse, ela disse que queria que acabasse. Ele faria tudo o que pudesse para fazer isso.

Aelin encostou a cabeça no peito dele e eles encararam o lago gelado em silêncio. — Você me deixaria fazer isso, se eu fosse Yrene? Se eu estivesse carregando nosso filho?

Ele não conseguiu bloquear a imagem daquele sonho – de Aelin, grávida, seus filhos ao seu redor. — Eu não deixo você fazer nada.

Ela acenou com a mão. — Você sabe o que eu quero dizer.

Ele levou um momento para responder. — Não. Mesmo que o mundo acabasse por causa disso, eu não suportaria.

E com o Fecho, ele poderia muito bem ter que tomar essa decisão também.

Rowan correu os dedos sobre as marcas que a reclamavam em seu pescoço. — Eu te falei que o amor era uma fraqueza. Seria muito mais fácil se todos nos odiassemos.

Ela bufou. — Dê algumas semanas na estrada com este exército, naquelas montanhas, e podemos mais não ser aliados tão agradáveis.

Rowan beijou o topo de sua cabeça. — Que os deuses nos ajudem.

Mas Aelin se afastou com as palavras, a frase que caiu de sua língua.

Ela franziu a testa em direção ao exército acampado.

— O quê? — Ele perguntou.

— Eu quero ver aqueles livros de marcas de Wyrd que Chaol e Yrene trouxeram com eles.



— O que isso diz? — Aelin perguntou a Borte, tocando um dedo em uma linha rabiscada de texto em Halha, a língua do continente do sul.

Sentada ao lado dela na mesa da tenda de guerra do príncipe Sartaq, a cavaleira ruk esticou o pescoço para estudar a nota

manuscrita ao lado de uma longa coluna de marcas de Wyrd. *Um bom feitiço para encorajar seus canteiros a crescer.*

Do outro lado da mesa, Rowan bufou. Um livro estava aberto diante dele, seu progresso através dele muito mais lento que o de Aelin.

A maioria dos volumes era totalmente escrita em marcas de Wyrd, mas anotações rabiscadas nas margens a levaram a procurar a jovem rukhin. Borte, completamente entediada em ajudar Yrene, aproveitou a oportunidade para ajudá-los, passando o dever de Valg para seu carrancudo prometido.

Mas nas duas horas que Aelin e Rowan tinham lido a coleção que Chaol e Yrene tinham trazido da biblioteca proibida de Hafiza no topo da Torre, nada se provou útil.

Aelin suspirou no teto de lona da grandetenda do príncipe. Feliz que Sartaq trouxe esses baús com ele, ao invés de deixá-los com sua armada, mas... exaustão a visitou, enevoando a intrincada rede de símbolos nas páginas amareladas.

Rowan se endireitou. — Este abre algo, — disse ele, lançando o livro para ela. — Eu não conheço os outros símbolos, mas um deles diz "aberto". — Mesmo com as horas de instrução na viagem de volta a este continente, Rowan e os outros não dominaram totalmente a linguagem das marcas meio esquecidas. Mas seu parceiro se lembrava de mais – como se tivessem sido plantadas em sua mente.

Aelin estudou cuidadosamente a linha de símbolos na página.

Leu uma segunda vez. — Não é o que estamos procurando. — Ela puxou seu lábio inferior. — É um feitiço para abrir um portal entre locais – apenas neste mundo.

— Como o que Maeve pode fazer? — Perguntou Borte.

Aelin encolheu os ombros. — Sim, mas isso é para viajar de perto. Mais parecido com o que Fenrys pode fazer. — Ou uma vez foi capaz de fazer, antes de Maeve ter quebrado isso dele.

A boca de Borte se curvou para o lado. — Qual é o sentido disso, então?

— Entreter as pessoas em festas? — Aelin devolveu o livro a Rowan.

Borte riu e recostou-se no banco, brincando com o final de uma longa trança. — Você acha que o feitiço existe – de encontrar uma maneira alternativa de selar o portão de Wyrd? — A pergunta era pouco mais que um sussurro, e ainda assim Rowan disparou à garota um olhar de advertência. Borte apenas acenou para ele.

Não. Elena teria dito a ela, ou Brannon, se tal coisa tivesse existido.

Aelin passou a mão na página antiga e seca, os símbolos se apagando. — Vale a pena dar uma olhada, não é?

Rowan, de fato, retomou sua cuidadosa navegação e decodificação. Ele ficaria aqui por horas, ela sabia. E se eles não encontrassem nada, ela sabia que ele se sentaria aqui e releria todos eles só para ter certeza.

Uma saída – um caminho alternativo. Para ela, para Dorian.

Para qualquer um deles que pagaria o preço para forjar o Fecho e selar o portão. Uma desesperada, tola esperança.

As horas passaram, as pilhas de livros diminuindo. Fenrys se juntou a eles depois de um tempo, solenemente incomum enquanto procuravam e procuravam. E não encontraram nada.

Quando não havia mais livros no baú, quando Borte estava cochilando e Rowan estava andando pela tenda, Aelin fez um favor a todos e ordenou que voltassem para a fortaleza.

Valeu a pena dar uma olhada, ela disse a si mesma. Mesmo se o peso pesado em seu intestino dissesse o contrário.



Chaol encontrou seu pai onde ele o deixou, fervendo em seu escritório.

— Você não pode dar um único acre deste território para os homens selvagens, — seu pai sibilou quando Chaol entrou no quarto e fechou a porta.

Chaol cruzou os braços, sem se incomodar em parecer apaziguador. — Eu posso, e eu vou.

Seu pai ficou de pé e apoiou as mãos na mesa. — Você cuspiria sobre as vidas de todos os homens de Anielle que lutaram e morreram para manter este território de suas mãos imundas?

— Se oferecer um pequeno pedaço de terra significa que as futuras gerações de homens e mulheres de Anielle não terão que lutar ou morrer, então eu pensaria que nossos ancestrais ficariam satisfeitos.

— Eles são bestas, mal servem para serem seus próprios mestres.

Chaol suspirou, recostando-se na cadeira. Uma vida inteira disso — é isso que Dorian havia colocado sobre ele. Como Mão, ele teria que lidar com lordes e governantes que seriam exatamente como o pai dele. Se eles sobrevivessem. Se Dorian sobrevivesse também. O pensamento foi o suficiente para Chaol dizer: — Todos nesta guerra estão fazendo sacrifícios. De longe, muito maiores do que algumas milhas de terra. Seja grato que isso é tudo o que estamos pedindo de você.

O homem zombou. — E se eu fosse negociar com você?

Chaol revirou os olhos, virando sua a cadeira para a porta.

Seu pai levantou um pedaço de papel. — Você não quer saber o que seu irmão escreveu para mim?

— Não o bastante para parar com essa aliança, — disse Chaol, girando a cadeira para longe.

Seu pai desdobrou a carta de qualquer maneira, e leu: — *“Eu espero que Anielle queime ao chão. E você junto.”* — Um pequeno e odioso sorriso. — Isso é tudo que seu irmão disse. Meu herdeiro — é assim que ele se sente sobre esse lugar. Se ele não vai proteger Anielle, então o que será dela sem você?

Outra abordagem, para culpá-lo em ceder. Chaol disse: — Eu aposto que a consideração de Terrin por Anielle está ligada a seus sentimentos por você.

O lorde idoso se sentou mais uma vez no assento. — Eu gostaria que você soubesse o que Anielle vai enfrentar, se você falhar em

protegê-la. Estou disposto a negociar, garoto. — Ele riu. — Embora eu saiba o quão bem você aguenta o fim das coisas.

Chaol levou o golpe. — Eu sou um homem rico e não preciso de nada que você possa me oferecer.

— Nada? — Seu pai apontou para um tronco perto da janela. — E quanto a algo mais inestimável que ouro?

Quando Chaol não falou, seu pai foi até o baú, destrancou-o com uma chave do bolso e virou a tampa pesada. Rodando mais perto, Chaol olhou para o seu conteúdo.

Cartas. O baú inteiro estava cheio de cartas com seu nome em uma elegante letra.

— Ela descobriu o baú. Logo antes de recebermos a notícia de Morath marchando até nós. — Seu pai disse, seu sorriso zombeteiro e frio. — Eu deveria ter queimado elas, é claro, mas algo me levou a salvá-las. Para este exato momento, eu acho.

O baú estava cheio de cartas. Todas escritas por sua mãe. Para ele.

— Há quanto tempo. — ele disse muito baixo.

— Desde o dia em que você partiu. — O desdém de seu pai permaneceu.

Anos. Anos de cartas, de uma mãe de quem ele não tinha ouvido nada, acreditara que não queria falar com ele, que cedera aos desejos de seu pai.

— Você a deixou acreditar que eu não escrevi de volta, — disse Chaol, surpreso ao descobrir a voz ainda calma. — Você nunca as enviou e deixou-a acreditar que eu não a escrevi de volta.

Seu pai fechou o baú e trancou novamente. — Parece que sim.

— Por quê? — Era a única questão que importava.

Seu pai franziu a testa. — Eu não poderia permitir que você se afastasse do seu direito de nascimento, de Anielle, sem consequências, poderia?

Chaol se agarrou aos braços de sua cadeira para evitar envolver as mãos ao redor da garganta do homem. — Você acha que me mostrando este baú de cartas vai me fazer querer negociar com você?

Seu pai bufou. — Você é um homem sentimental. Observar você com aquela esposa sua, só prova isso. Eu acho que você negociaria um pouco para poder ler essas cartas.

Chaol apenas olhou para ele. Piscou uma vez, como se fosse reprimir o rugido em sua cabeça, seu coração.

Sua mãe nunca se esquecera dele. Nunca parara de escrever para ele.

Chaol sorriu ligeiramente.

— Mantenha as cartas, — disse ele, dirigindo a cadeira de volta para as portas. — Agora que ela te deixou, pode ser a sua única maneira de lembrar dela. — Ele abriu a porta do escritório e olhou por cima do ombro.

Seu pai permaneceu ao lado do baú, rígido como uma espada.

— Eu não faço barganhas com desgraçados. —, disse Chaol, sorrindo novamente quando ele entrou no corredor além. — E eu certamente não vou começar com você.



Chaol deu aos homens selvagens dos Caninos um pequeno pedaço de território no Sul Anielle. Seu pai havia se enfurecido, recusando-se a reconhecer o ofício, mas ninguém tinha dado atenção a ele, para a diversão eterna de Aelin.

Dois dias depois, uma pequena unidade desses homens chegou ao oeste da borda da cidade, perto do buraco onde a barragem tinha estado, e seguiram o caminho.

Cada um dos homens barbudos montava um pônei de montanha desgrenhado e, embora peles pesadas escondessem muito de seus corpos volumosos, suas armas estavam em nítida exibição: machados, espadas e facas brilhavam na luz cinzenta.

O povo de Cain — ou eles tinham sido. Aelin decidiu não mencioná-lo durante sua breve introdução. E Chaol, sabiamente, absteve-se de admitir que ele matou o homem.

Outra vida. Outro mundo.

Sentado em cima de um belo cavalo Muniqi que Hasar lhe emprestara, Aelin cavalgava na frente da companhia, como ela marchara de Anielle, Chaol em Farasha à esquerda, Rowan em seu próprio cavalo Muniqi à sua direita. Seus companheiros estavam espalhados atrás, Lorcan curado o suficiente para cavalgar, Elide ao lado dele.

E atrás deles, serpenteando na distância, o exército do khagan se movia.

Parte dele, pelo menos. Metade dos ruks e dos cavalheiros Darghan marchariam sob a bandeira de Kashin no lado leste das montanhas, para atrair as forças do desfiladeiro Ferian para a batalha aberta no vale. Enquanto eles se escondiam atrás, bem pela porta dos fundos.

A neve estava pesada nos Caninos, o céu cinzento ameaçando mais, mas os batedores rukhin e homens selvagens tinham avaliado que nenhum mau tempo iria atingi-los por um tempo ainda – não até que eles chegassem ao desfiladeiro, pelo menos.

Cinco dias de caminhada, com o exército e as montanhas. Seria três para o exército que marchava ao longo da margem do lago e rio.

Aelin inclinou o rosto para o céu frio quando começaram a série interminável de mudanças nas encostas das montanhas. O rukhin podia carregar muito dos mais pesados equipamentos, graças aos deuses, mas a subida para as montanhas seria o primeiro teste.

Os exércitos do khagan tinham atravessado todos os terrenos, no entanto. Montanhas, desertos e mares. Eles não recuariam agora.

Então, Aelin supunha que ela também não o faria. Por qualquer tempo restante que ela tivesse, até que acabasse.

Este impulso final para o norte, para casa... Ela sorriu sombriamente para as imponentes montanhas, para o exército se afastando atrás deles.

E só porque ela podia, só porque eles estavam indo para Terrasen, finalmente, Aelin soltou um lampejo de seu poder. Alguns dos porta-estandartes atrás murmuraram em surpresa, mas Rowan

apenas sorriu. Sorriu com aquela feroz esperança, aquela determinação brutal que brilhou em seu próprio coração, quando ela começou a queimar.

Ela deixou a chama envolvê-la, um brilho dourado que ela sabia que poderia ser espiado até mesmo das linhas mais distantes do exército, da cidade e mantê-los para trás.

Um farol brilhando nas sombras das montanhas, nas sombras das forças que os esperavam, Aelin iluminou o caminho para o norte.

PART TWO
Gods and Gates

CAPÍTULO 68

As torres negras de Morath erguiam-se acima das forjas fumegantes e fogueiras do vale abaixo como um aglomerado de espadas escuras erguidas para o céu.

Elas se projetavam nas nuvens baixas, algumas quebradas e lascadas, algumas ainda de pé orgulhosas. A ira e o ato final de Kaltain Rompier escrita por todas elas.

Espalhando suas asas cor de fuligem largas, Dorian pegou um vento que cheirava a ferro e carniça e cercou a fortaleza. Ele aprendeu a aproveitar os ventos durante esses longos dias de viagem, e embora ele tenha coberto grande parte da jornada como um falcão veloz e de cauda vermelha, ele havia mudado esta manhã para um corvo comum.

Bandos deles circulavam Morath, seus dentes tão abundantes quanto o toque de martelos em bigornas por todo o vale. Mesmo com o inferno desencadeado no norte, ainda havia mais acampado aqui.

Mais tropas, mais bruxas.

Dorian seguiu o exemplo dos outros corvos e deu às serpentes aladas uma ampla volta, voando baixo enquanto legião após legião seguiam com relatórios ou treinamento. Tantas Dentes de ferro.

Todas esperando.

Ele circulou as torres mais altas de Morath, examinando a fortaleza, o exército no vale, as serpentes aladas em seus lugares elevados. Com cada batida de suas asas, o peso do que ele escondera em um afloramento rochoso a dez quilômetros ao norte ficava mais pesado.

Teria sido uma loucura trazer as duas chaves aqui. Então ele as tinha enterrado na pedra de xisto, nem mesmo ousando marcar o local. Ele só podia rezar que estivessem longe o suficiente para evitar a detecção de Erawan.

Ao lado de uma torre, dois servos carregando roupas de lavanderia emergiram de uma pequena porta e seguiram para a escada exterior, cabeças inclinadas como se tentando ignorar o exército que ondulava muito abaixo. Ou as serpentes aladas, cuja respiração ecoava na rocha negra.

Lá. Aquela porta.

Dorian se agitou em direção a ela, desejando que seu coração se acalmasse, seu cheiro – a única coisa que poderia condená-lo – a permanecer sem identificação. Mas nenhuma das Dentes de Ferro voando em cima notou o corvo-que-não-cheirava-como-um-corvo. E

as duas lavadeiras que subiam as escadas da torre não gritaram quando ele pousou no pequeno corrimão de pedra e dobrou suas asas ordenadamente.

Um pulo e ele estava nas pedras.

Uma mudança, músculos e ossos queimando e o mundo ficou menor, infinitamente mais mortal.

E infinitamente menos consciente de sua presença.

Os bigodes de Dorian se contorciam, suas orelhas enormes se inclinando. O rugido das serpentes aladas balançaram através de seu pequeno corpo peludo, e ele cerrou os dentes – grandes, quase grandes demais para sua pequena boca. O cheiro desagradável cresceu quase nauseante.

Ele podia sentir o cheiro... de tudo. O frescor persistente da roupa lavada que tinha passado por ele. O cheiro de algum tipo de caldo agarrado às lavadeiras depois do almoço. Ele nunca pensou em ratos como extraordinários, mas mesmo subindo como um falcão, ele não sentira esse estado de alerta, esse nível de estar *acordado*.

Em um mundo projetado para matá-los, ele supôs que os ratos precisavam de tal nitidez para sobreviver.

Dorian permitiu-se um longo suspiro antes de se apertar sob o fecho porta. E na própria Morath.



Seus sentidos poderiam ter sido mais nítidos, mas ele nunca tinha percebido o quão assustador um conjunto de escadas era, realmente, sem pernas humanas.

Ele manteve-se nas sombras, infiltrado em poeira e melancolia com cada par de pés que passavam. Alguns eram blindados, alguns eram botados, alguns em sapatos. Todos os usuários pálidos e miseráveis.

Nenhuma bruxa, graças aos deuses. E nenhum príncipe Valg ou seus grunhidos.

Certamente nenhum sinal de Erawan.

A torre em que ele entrou era uma escada de serviço, uma que Manon havia contado durante uma de suas várias explicações para Aelin. Foi graças a ela que ele seguiu um mapa mental, confirmado por sua sobrevivência pelas últimas horas.

A torre de Erawan – é onde ele deveria começar. E se o rei Valg estivesse lá ele descobriria. Se ele pudesse retribuir a Erawan por tudo que ele fez, independentemente do aviso de Kaltain.

Sua respiração irregular, Dorian chegou ao fundo dos degraus sinuosos, enrolando sua longa cauda ao redor dele enquanto olhava para o corredor escuro à frente.

A partir daqui, ele precisaria atravessar todo o nível, subir mais uma escada, outro corredor, e então, se ele tivesse sorte, a torre de Erawan estaria lá.

Manon nunca teve acesso a ela. Nunca soube o que esperava lá em cima. Só que era guardada por Valg a todas as horas. Um bom lugar para começar a sua caçada.

Seus ouvidos se contraíram. Não havia passos próximos. Sem gatos, felizmente.

Dorian virou a esquina, seu pêlo castanho acinzentado se misturando à rocha, e afundou ao longo do sulco onde a parede

encontrava o chão. Um guarda estava de guarda no final do corredor, olhando para o nada. Ele parecia grande como uma montanha, à medida que Dorian se aproximou.

Dorian estava quase alcançando o guarda e a encruzilhada que ele monitorava quando sentiu – a agitação e depois o silêncio.

Até a guarda se endireitou, olhando para a fenda de uma janela atrás dele.

Dorian parou, colocando-se em uma sombra.

Nada. Sem choros ou gritos, ainda...

O guarda retornou ao seu posto, mas examinou o corredor.

Dorian permaneceu imóvel e quieto, esperando. Eles descobriram a presença dele? Enviaram um chamado?

Não poderia ter sido tão fácil quanto parecia. Erawan sem dúvida tinha armadilhas para alertá-lo de qualquer presença inimiga.

Correndo, passos leves soaram ao virar da esquina, e o guarda virou-se para eles. — O que é isso? — O homem exigiu.

O servo que se aproximava não checou o ritmo dele. — Quem sabe esses dias com a companhia que mantemos? Eu não estou ansioso para descobrir. — Então o homem se apressou, passando por Dorian.

Não correndo em direção a algo, mas se afastando.

Os bigodes de Dorian se agitaram enquanto ele cheirava o ar.

Nada.

Esperar em um corredor não seria bom. Mas mergulhar à frente, procurar o que quer que esteja acontecendo... Não seria sábio também.

Havia um lugar onde ele poderia ouvir alguma coisa. Onde as pessoas sempre estavam fofocando, mesmo em Morath.

Então Dorian se aventurou a voltar pelo corredor. Abaixo de outro conjunto de escadas, suas pequenas pernas mal conseguindo se mover rápido o suficiente. Para as cozinhas, quentes e brilhantes com a luz da grande lareira.

Lady Elide trabalhara aqui – conhecia essas pessoas. Não Valg, mas as pessoas recrutadas em serviço. Pessoas que, sem dúvida,

falariam sobre as idas e vindas dessa fortaleza. Assim como no palácio de Forte da Fenda.

Os vários criados e cozinheiros esperavam de fato. Olhando para as escadas no lado oposto da cozinha cavernosa. Assim como o gato magro e de olhos verdes do outro lado do aposento.

Dorian se fez o menor possível. Mas a besta não lhe deu atenção, sua atenção fixa nas escadas. Como se soubesse também.

E depois passos – rápidos e silenciosos. Duas mulheres entraram, bandejas vazias em suas mãos. Ambas pálidas e trêmulas.

Um homem que tinha que ser o cozinheiro chefe perguntou às mulheres:

—Você viu alguma coisa?

Uma das mulheres sacudiu a cabeça. — Eles não estavam na sala do conselho ainda. Graças aos deuses.

As mãos de sua companheira balançaram quando ela pousou a bandeja. — Eles estarão em breve, entretendo.

— Sorte que você saiu antes que eles chegassem, — alguém disse — ou você poderia também ter feito parte do almoço.

Sorte mesmo. Dorian permaneceu, mas a cozinha retomou seus ritmos, satisfeita que dois dos seus conseguiram voltar em segurança.

A sala do conselho – talvez a mesma que Manon havia descrito.

Onde Erawan preferia ter suas reuniões. E se o próprio Erawan estivesse indo para lá...

Dorian fugiu, atendendo ao mapa mental que Manon havia criado. Um tolo– apenas um tolo iria de bom grado ver Erawan.

Arriscar.

Talvez ele tivesse um desejo de morte. Talvez ele realmente fosse um tolo. Mas ele queria vê-lo. Tinha que vê-lo, essa criatura que arruinou tantas coisas. Quem estava preparado para devorar seu mundo.

Ele tinha que olhar para ele, essa coisa que ordenou que ele fosse escravizado, que tinha massacrado Sorscha. E se ele tivesse sorte, talvez ele o matasse.

Ele poderia permanecer nesta forma e atacar. Mas seria muito mais satisfatório retornar ao seu próprio corpo, desembainhar Damaris e acabar com ele. Deixar Erawan ver a faixa pálida em torno de sua garganta e saber quem o matou, que ele não o quebrou ainda.

E então Dorian encontraria essa chave.

O silêncio mostrou-lhe o caminho, talvez mais do que o mapa mental que ele tinha memorizado.

Salões esvaziaram. O ar ficou denso e frio. Como se a corrupção de Erawan vazasse dele.

Não havia guardas, humanos ou Valgs, vigiando diante das portas abertas.

Ninguém para marcar a figura encapuzada que entrou, capa preta fluindo.

Dorian se apressou, deslizando atrás da figura assim que as portas se fecharam. Sua magia inchou, e ele quis que se acalmasse, enrolasse, um predador pronto para atacar.

Um golpe para derrubar Erawan, então ele mudaria e desembainharia Damaris.

A figura parou, o manto balançando, e Dorian correu para a sombra mais próxima – pela fenda entre a porta e o chão.

A câmara era comum, exceto por uma mesa de vidro preto no centro. E o homem de cabelos e olhos dourados sentou-se.

Manon não mentiu: Erawan realmente tinha trocado a pele de Perrington por algo muito mais justo.

Embora ainda vestido com elegância, Dorian percebeu como o rei Valg se erguia, sua jaqueta cinza e calça perfeitamente ajustadas.

Nenhuma arma estava ao seu lado. Nenhum indício da chave de Wyrð.

Mas ele podia sentir o poder de Erawan, que parecia errado saindo dele. Podia senti-lo, e lembrar, o modo que aquele poder tinha estado dentro dele, coalhando sua alma.

O gelo rachava em suas veias. Rápido, ele precisava ser rápido.

Atacar agora.

— Este é um deleite inesperado, — disse Erawan, sua voz jovem e ainda não. Ele gesticulou para a propagação de comida – frutas e carnes curadas. — Podemos?

A magia de Dorian vacilou quando duas mãos esbeltas e pálidas da lua se ergueram das dobras do manto negro e empurraram o capuz para trás.

A mulher abaixo não era bonita, não da maneira clássica. Ainda assim com seus cabelos negros, seus olhos escuros, seus lábios vermelhos... Ela era marcante. Hipnotizante.

Aqueles lábios vermelhos se curvaram, revelando dentes brancos como ossos.

O frio lambia a espinha de Dorian nas orelhas pontudas e delicadas que espreitavam acima a cortina de cabelos escuros.

Feérica. A mulher, fêmea – era feérica.

Ela tirou o manto para revelar um vestido esvoaçante de púrpura mais profundo antes de acomodar-se na mesa de Erawan. Nem um pingo de hesitação ou medo vinha de seus movimentos graciosos. — Você sabe por que eu vim, então.

Erawan sorriu ao sentar-se, servindo uma taça de vinho para a fêmea, depois para ele mesmo. E todos os pensamentos de morte desapareceram da cabeça de Dorian quando o Rei Valg perguntou a ela: — Há algum outro motivo para você se dignar a visitar Morath, Maeve?

CAPÍTULO 69

Orynth não estava tão quieto desde o dia em que Aedion e os remanescentes da corte de Terrasen marcharam para Theralis.

Mesmo assim, houve um zumbido na cidade antiga erguida entre a foz do Florine e a borda das montanhas de galhada do cervo, e a floresta corvinal uma ondinha de madeira a oeste.

Então, as paredes brancas ainda estavam brilhando.

Agora eles estavam manchados e acinzentados, tão sombrios quanto o céu, enquanto Aedion, Lysandra e seus aliados atravessavam as portas de metal do portão oeste. Ali, as paredes tinham um metro e oitenta de espessura, os blocos de pedra tão pesados que a lenda dizia que Brannon recrutara gigantes dos Staghorns para colocá-los no lugar.

Aedion daria qualquer coisa para aqueles gigantes há muito esquecidos encontrarem seu caminho para a cidade agora. Para que as antigas Tribos do Lobo descessem correndo os altos picos atrás da cidade, os feéricos de Terrasen perdidos estavam com eles. Para qualquer um dos antigos mitos, emergir das sombras do tempo, como Rolfe e seus micênicos haviam feito.

Mas ele sabia que sua sorte tinha acabado.

Seus companheiros também sabiam disso. Até mesmo Ansel de Penhasco dos Arbustos ficou tão silenciosa quanto Ilias e seus assassinos, os ombros curvados. Ela tinha estado assim desde que os chefes de seus guerreiros haviam aterrissado entre suas fileiras, seus cabelos vermelho-vinho sem brilho, seus passos pesados. Ele conhecia seu horror, sua culpa. Desejou ter um momento para consolar a jovem rainha além de um rápido pedido de desculpas.

Mas, aparentemente, Ilias assumira a responsabilidade de fazer exatamente isso, cavalgando ao lado de Ansel em companhia firme e tranquila.

A cidade tinha sido colocada aos pés do castelo imponente, quase mítico, construído sobre um pedaço de rocha saliente. Um castelo que subia tão alto que suas torretas superiores pareciam perfurar o céu. Certa vez, aquele castelo brilhava, rosas e plantas rastejantes cobriam as pedras aquecidas pelo sol, o canto de mil fontes cantando em todos os corredores e pátios. Certa vez, os banners orgulhosos bateram nas torres incrivelmente altas, observando as montanhas, a floresta, o rio e a planície de Theralis abaixo.

Agora ele tinha virado um mausoléu.

Ninguém falou enquanto subiam as ruas íngremes e sinuosas.

Pessoas de rostos sombrios pararam para olhar ou continuaram correndo para se preparar para o cerco.

Não havia como fugir disso. Não com as Montanhas Galhada do Cervo às suas costas, a Floresta Carvalhal a oeste e o exército avançando do sul. Sim, eles podem fugir para o leste através das planícies, mas para onde? Para Suria, onde seria apenas uma questão de tempo antes de serem encontrados? Para o sertão além das montanhas, onde os invernos eram tão brutais que alegavam que nenhum mortal poderia sobreviver? O povo de Orynth estava tão preso quanto o seu exército.

Aedion sabia que deveria endireitar seus ombros. Deve sorrir para essas pessoas – seu povo – e oferecer-lhes um pouco de coragem.

No entanto, ele não podia. Não conseguia parar de pensar em quantas pessoas perderam a família, amigos, na batalha no rio. Nas semanas de luta antes disso. Quantos ainda estavam orando para que as filas de soldados que se dirigiam para a cidade revelassem um ente querido.

Sua culpa, seu fardo. Suas escolhas os levaram até aqui. Suas escolhas haviam deixado tantos corpos na neve, um verdadeiro caminho deles desde a fronteira sul, até o Florine.

O castelo branco apareceu, maior com cada colina que eles subiram. Pelo menos eles tinham isso – a vantagem de ter um terreno mais alto.

Pelo menos eles tinham isso.



Darrow e os outros lordes estavam esperando.

Não na sala do trono, mas na espaçosa câmara do conselho do outro lado do palácio.

A última vez que Aedion estivera na sala, um predador de Adarlan de araque havia presidido a reunião. O vice-rei de Terrasen, ele se chamava.

Parecia que o homem havia tirado suas roupas, cadeiras e tapeçarias, e fugiu no momento em que o rei foi morto.

Assim, uma mesa de trabalho antiga servia agora de mesa de guerra, uma variedade de cadeiras meio apodrecidas de vários cômodos do castelo ao redor. Atualmente ocupado por Darrow, Sloane, Gunnar e Ironwood. Murtaugh, para surpresa de Aedion, estava entre eles.

Eles se levantaram enquanto Aedion e seus companheiros entravam. Não por qualquer respeito a Aedion, mas pela realeza com ele.

Ansel de Penhasco dos Arbustos examinou o espaço pobre, como ela fez durante toda a caminhada pelo castelo sombrio e triste, e soltou um assobio baixo.

— Você não estava brincando quando disse que Adarlan invadiu seus cofres. — Suas primeiras palavras em horas. Dias.

Aedion grunhiu.

— Para o cobre. — Ele parou diante da mesa.

Darrow perguntou:

— Onde está Kyllian?

Aedion deu-lhe um sorriso que não alcançou seus olhos. Ren ficou tenso, lendo o aviso naquele sorriso.

— Ele me pediu para ir em frente, enquanto ele liderava o exército aqui. — Mentira.

Darrow revirou os olhos e fixou-os em Rolfe, que ainda estava franzindo a testa para o castelo decaído. — Temos que agradecer pela retirada de sorte, eu acredito.

Rolfe fixou seu olhar verde-mar sobre o homem.

— Isso você faz.

Darrow sentou-se novamente, os outros lordes seguiram o exemplo.

— E você é?

— Soldado Rolfe —, o pirata disse suavemente. — Comandante na Armada de Sua Majestade. E herdeiro do povo micênico.

Os outros lordes se endireitaram.

— Os micênicos desapareceram há muito tempo —, disse Lord Sloane. Mas o homem notou a espada ao lado de Rolfe, o pomo do dragão do mar. Não tinha dúvidas de que a frota subia o Florine.

— Desapareceu, mas não morreu —, respondeu Rolfe. — E nós viemos para cumprir uma dívida antiga.

Darrow esfregou a têmpora. Velho — Darrow realmente parecia a idade dele enquanto se inclinava contra a borda da mesa.

— Bem, nós temos os deuses para agradecer por isso.

Lysandra disse, fervendo de raiva:

— Você tem que agradecer a Aelin por isso.

O homem estreitou os olhos e o temperamento de Aedion se transformou em algo letal. Mas a voz de Darrow estava esgotada — pesada, como ele perguntou:

— Sem fingir hoje, *Lady*?

Lysandra apenas apontou para Rolfe, depois para Ansel e depois para Galan. Levou o braço para as janelas, para onde a realeza dos Feéricos e Ilias dos Assassinos Silenciosos cuidavam dos seus próprios nos terrenos do castelo.

— Todos eles. Todos eles vieram aqui por causa de *Aelin*. Não por você. Então, antes que você desdenhe que não há Armada de Sua

Majestade, permita-me dizer-lhe que *existe*. E você não faz parte disso.

Darrow soltou um longo suspiro, esfregando a têmpora novamente.

— Você deve sair desta sala.

— Não, ela não deve —, Aedion rosnou.

Mas Murtaugh interrompeu:

— Há alguém, Lady, que gostaria de ver você. — Lysandra levantou as sobrancelhas e o velho estremeceu.

— Eu não queria arriscar deixá-la sozinha em Allsbrook.

Evangeline está na torre do norte – no quarto da minha ex-neta. Ela viu sua aproximação da janela e foi tudo que eu pude fazer para convencê-la a esperar.

Uma maneira educada e inteligente de desarmar a tempestade.

Aedion debateu dizendo Lysandra que ela poderia ficar, mas Lysandra já estava se movendo, cabelos escuros fluindo atrás dela.

Quando ela saiu, Aedion disse:

— Ela lutou nas linhas de frente em todas as batalhas. Quase morreu contra nossos inimigos. Eu não vi nenhum de vocês se incomodando em fazer o mesmo.

O grupo de velhos lordes franziu a testa com desagrado. No entanto, foi Darrow quem se mexeu na cadeira – levemente. Como se Aedion tivesse atingido uma ferida infeccionada.

— Ser velho demais para lutar — disse Darrow em voz baixa — enquanto homens e mulheres mais jovens morrem não é tão fácil quanto você pensa, Aedion. — Ele olhou para baixo, para a espada sem nome ao lado de Aedion.

— Não é nada fácil.

Aedion debateu dizendo a ele para perguntar às pessoas que morreram se *isso* não fosse fácil, mas o Príncipe Galan limpou a garganta.

— Que preparativos estão em andamento para o cerco?

Os lordes Terrasen não pareciam gostar de ser questionados, mas eles abriram suas odiosas bocas e falaram.

Uma hora depois, os outros, vistos em seus quartos, depois em banhos e refeições quentes, Aedion se viu seguindo seu aroma.

Ela não tinha ido para a torre norte e para a enfermaria que a esperava, mas para a sala do trono.

As imponentes portas de carvalho estavam rachadas, os dois cervos empinados esculpidos nelas olhando-o para baixo. Certa vez, a filigrana de ouro cobriu a chama imortal que brilhava entre seus chifres orgulhosos.

Durante a última década, alguém tirou o ouro. Quer por despeito ou por moeda rápida.

Aedion escorregou pelas portas, a câmara cavernosa como o fantasma de um velho amigo.

Quantas vezes ele se lamentara de ter sido forçado a se vestir com suas roupas e ficar ao lado dos tronos no alto do estrado, no fundo da sala cheia de colunas? Quantas vezes ele pegou Aelin cochilando durante um interminável dia de pompa?

Depois, as bandeiras de todos os territórios de Terrasen estavam penduradas no teto. Então, o chão de mármore pálido tinha sido tão polido que ele podia ver seu reflexo neles.

Então, um trono de galhadas havia se sentado no estrado, alto e primitivo. Construído a partir dos chifres do imortal cervo da Floresta Carvalhal.

Os cervos que agora eram massacrados e queimados, como o trono de galhadas havia sido depois da batalha de Theralis. O rei ordenou que fosse feito no campo de batalha.

Foi antes daquela plataforma vazia que Lysandra se levantou.

Olhando para o mármore branco como se ela pudesse ver o trono que uma vez esteve lá. Ver os outros tronos menores que se sentaram ao lado dele.

— Eu não percebi que Adarlan destruiu este lugar tão completamente —, disse ela, ou farejando-o ou reconhecendo a cadência de seus passos

— Os ossos ainda estão intactos —, disse Aedion. — Por quanto tempo isso permanecerá verdadeiro, eu não sei.

Os olhos verdes de Lysandra deslizaram para ele, sombrios de exaustão e tristeza. — No fundo —, ela disse calmamente, — uma parte de mim pensou que eu viveria para vê-la sentada aqui. Ela apontou para o estrado, para onde o trono de galhadas tinha sido uma vez.

— No fundo, achei que poderíamos realmente fazer isso de alguma forma. Mesmo com Morath, a Fechadura e tudo isso.

Não havia esperança no rosto dela.

Foi talvez por isso que ela se incomodou em falar com ele.

— Eu também pensava —, disse Aedion com igual silêncio, embora as palavras ecoassem na vasta e vazia câmara. — Também pensei.

CAPÍTULO 70

A rainha dos Feéricos veio a Morath.

Dorian forçou seu coração a se acalmar, sua respiração se estabilizou enquanto Maeve tomava um gole de vinho.

— Você não me conhece, então — disse a Rainha dos Feéricos, estudando o rei Valg.

Erawan fez uma pausa, cálice meio erguido aos lábios.

— Você não é Maeve, Rainha de Doranelle?

Aelin. Maeve trouxe Aelin aqui? Para ser vendida para Erawan?

Deuses, deuses.

Maeve inclinou a cabeça para trás e riu.

— Milênios à parte, e você esqueceu até mesmo sua própria cunhada.

Dorian ficou feliz por ele ser pequeno, quieto e sem identificação. Ele poderia ter sido muito influenciado.

Erawan ficou parado.

— Você.

Maeve sorriu.

— Eu.

Aqueles olhos dourados percorreram a Rainha dos Feéricos.

— Em uma pele de Feéricos. Todo esse tempo.

— Estou desapontada por você não ter descoberto.

O pulso do poder de Erawan deslizou sobre Dorian. Tão similar... tão terrivelmente semelhante ao poder oleoso daquele príncipe Valg.

— Você sabe o que você... — O rei Valg se calou. Endireitou os ombros. — Suponho que deveria agradecer-lhe, então — disse Erawan, dominando-se. — Sem você traindo meu irmão, eu não

teria descoberto este mundo maravilhoso. E não ficaria preparado para conquistá-lo. — Ele tomou um gole de sua taça. — Mas a questão permanece: por que vir aqui? Por que se revelar agora? Minha antiga inimiga... talvez inimiga não mais.

— Eu nunca fui sua inimiga — disse Maeve, sua voz serena. — Seus irmãos, no entanto, eram meus.

— E ainda assim você se casou com Orcus sabendo muito bem como ele é.

— Talvez eu devesse ter casado com você quando você ofereceu. — Um pequeno sorriso – tímido e horrível. — Mas eu era tão jovem então. Facilmente enganada.

Erawan soltou uma risada baixa que fez o estômago de Dorian virar.

— Você nunca foi essas coisas. E agora aqui estamos.

Se Aelin estivesse aqui, se Dorian pudesse encontrá-la, talvez eles pudessem enfrentar a rainha Valg e o rei...

— Aqui estamos — disse Maeve. — Você, pronto para varrer este continente. E eu, disposta a ajudá-lo.

Erawan cruzou um tornozelo sobre um joelho.

— Novamente: por quê?

Os dedos de Maeve alisaram as facetas de sua taça.

— Meu povo me traiu. Depois de tudo o que fiz por eles, de tudo o que os protegi, eles se levantaram contra mim. O exército que eu havia reunido se recusou a marchar. Meus nobres, meus servos, recusaram-se a se ajoelhar. Eu não sou mais a rainha de Doranelle.

— Eu posso adivinhar quem pode estar por trás de uma coisa dessas — disse Erawan.

A escuridão cintilou no quarto, terrível e fria.

— Eu tinha Aelin do Fogo Selvagem contida. Eu esperava trazê-la para você quando ela estivesse... pronta. Mas a sentinela que designei para supervisionar seus cuidados cometeu um grave erro. Eu mesma admitirei que fui enganada. E agora ela está novamente livre. E encarregou-se de enviar cartas para alguns indivíduos influentes em Doranelle. Ela provavelmente já está neste continente.

Alívio estremeceu através dele.

Erawan acenou com a mão.

— Em Anielle. Gastando seu poder de maneira descuidada.

Os olhos de Maeve brilharam.

— Ela me custou meu reino, meu trono. Meu círculo de guerreiros confiáveis. Qualquer neutralidade que eu pudesse ter nessa guerra, qualquer misericórdia que eu pudesse ter oferecido, desapareceu no momento em que ela e seu parceiro partiram.

Eles a encontraram. De alguma forma, eles a encontraram. E Anielle... ele ousou esperar que Chaol também estivesse lá?

Dorian poderia ter rugido sua vitória. Mas Maeve continuou:

— Aelin Galathynius virá por mim, se ela sobreviver a você. Não pretendo permitir-lhe a chance de fazê-lo.

O sorriso de Erawan cresceu.

— Então você pensa em se aliar comigo.

— Só juntos podemos garantir que a linhagem de Brannon seja derrubada para sempre. Nunca mais se levante.

— Então por que não matá-la, quando você a teve?

— Você teria feito isso, irmão? Você não teria tentado transformá-la?

O silêncio de Erawan foi uma confirmação suficiente. Então o rei Valg perguntou:

— Você coloca um grande acordo diante de mim, irmã.

Você espera que eu acredite em você tão prontamente?

— Eu previ isso. — Seus lábios se curvaram. — Afinal, não tenho mais nada a não ser meus próprios poderes.

Erawan não disse nada, como se estivesse bem ciente da dança em que a rainha o guiava.

Ela estendeu uma mão branca como a lua em direção ao centro da sala.

— Há algo mais que eu poderia trazer para a mesa, se isso lhe interessar.

Um movimento de seus dedos finos e um buraco simplesmente apareceu no coração da câmara.

Dorian começou a se enrolar na sombra e na poeira. Não se incomodando em esconder o tremor dele quando um horror que só a verdadeira escuridão poderia criar apareceu do outro lado daquele buraco. O *portal*.

— Eu tinha esquecido que você domina esse dom — disse Erawan, seus olhos dourados queimando na coisa que agora se curvava para eles, com suas pinças estalando.

A aranha.

— E eu esqueci que elas ainda se incomodaram em responder a você — continuou Erawan.

— Quando os Feéricos me expulsaram — disse Maeve, sorrindo fracamente para a enorme aranha. — Voltei para aquelas que sempre foram leais a mim.

— As aranhas stygian se tornaram suas próprias criaturas — retrucou Erawan. — Sua lista de aliados continua curta.

Maeve balançou a cabeça, o cabelo escuro brilhando.

— Estas não são as aranhas stygian.

Através do portal, Dorian podia distinguir rocha irregular e cinzenta. Montanhas.

— Estes são as *kharankui*, como as pessoas do continente sulista os chamam. Minhas servas mais leais.

O coração de Dorian trovejou quando a aranha se curvou novamente.

O rosto de Erawan ficou frio e entediado.

— Que uso eu teria para elas? — Ele gesticulou para as janelas além, a paisagem que ele criou. — Eu criei *exércitos* de feras leais a mim. Eu não preciso de algumas centenas de aranhas.

Maeve não vacilou tanto.

— Minhas criadas são engenhosas, suas teias de longo alcance. Elas me contam sobre o que acontece no mundo. E falaram comigo da próxima... fase de seus grandes planos.

Dorian se preparou. Erawan ficou rígido.

Maeve demorou.

— As princesas Valgs precisam de anfitriões. Você teve dificuldade em garantir os poderosos o suficiente para mantê-los. A princesa khaganate conseguiu sobreviver à que você plantou nela e é amante de seu próprio corpo mais uma vez.

Princesas Valg. No sul do continente. Chaol...

— Estou ouvindo — disse Erawan.

Maeve apontou para a aranha que ainda se curvava no portal – o portal para o continente meridional, aberto tão facilmente quanto uma janela.

— Por que se preocupar com hospedeiros humanos para as seis princesas restantes quando você pode criar as mais poderosas? E dispostas.

Os olhos de ouro de Erawan deslizaram para a aranha.

— Você e suas parentes permitiriam isso? — Suas primeiras palavras para a criatura.

As pinças da aranha estalaram, seus olhos horríveis piscando.

— Seria uma honra provar nossa lealdade à nossa rainha.

Maeve sorriu para a aranha. Dorian estremeceu.

— Exércitos imortais e poderosos — Maeve ronronou ao rei Valg.
— Com seus dons inatos, imagine como as princesas podem prosperar dentro delas. Tanto a aranha como a princesa se tornam *mais*. Tornando-se um horror além de todos os cálculos.

Erawan não disse nada e Maeve sacudiu os dedos, o portal e a aranha desaparecendo. Ela se levantou graciosa como uma sombra.

— Vou deixar você considerar essa aliança, se é isso que você deseja. As *kharankui* fará o que eu lhes pedir... e ficará feliz em marchar sob sua bandeira.

— Mas o que direi ao meu irmão quando o vir de novo?

Maeve inclinou a cabeça.

— Você planeja ver Orcus novamente?

— Por que você acha que eu passei tanto tempo construindo este exército, preparando este mundo, se não para saudar meus irmãos mais uma vez? Se não para impressioná-los com o que fiz aqui?

Erawan levaria os reis Valg de volta a Erilea, se tivesse a chance. E se ele fizer...

Maeve estudou o rei sentado.

— Diga a Orcus que fiquei entediada de esperar que ele voltasse para casa depois de suas conquistas. — Um sorriso de aranha. — Eu preferiria me juntar a ele.

Erawan piscou, o único sinal de sua surpresa. Então ele acenou com uma mão elegante e as portas se abriram em um vento fantasma.

— Vou pensar nisso, irmã. Por sua ousadia em se aproximar de mim, vou permitir que você fique como minha convidada até eu decidir. — Dois guardas apareceram no corredor, e Dorian se preparou, as patas tensionando as pedras. — Eles vão mostrar o seu quarto.

Permanecer nesta câmara por muito tempo pode levar à sua exposição, mas ele não havia percebido a chave do rei Valg. Mais tarde, ele poderia continuar olhando mais tarde. Contemplar a melhor maneira de matar o rei também. Se ele fosse tolo o suficiente para arriscar. Por enquanto...

Maeve reuniu o manto e o rodeou, e Dorian correu para a frente, mergulhando em suas sombras mais uma vez quando a Rainha dos Feéricos saiu.

Os guardas a levaram por um corredor, até uma escada em espiral, e em uma torre adjacente a Erawan. Ela foi bem decorada em móveis de carvalho polido e lençóis de linho. Provavelmente um remanescente dos anos, esta tinha sido uma fortaleza humana e não um lar de horrores.

Quando a porta se fechou atrás de Maeve, ela se inclinou na madeira cravejada de ferro e suspirou.

— Você pretende se esconder dessa forma patética o dia todo?

Dorian se lançou para o espaço entre a porta e o chão, mas o pé de botas negras bateu na cauda dele.

A dor atravessou seus ossos, mas seu pé permaneceu no lugar. Sua magia surgiu, chicoteando, mas um vento escuro envolveu

garras ao redor, asfixiando. Sufocando.

A Rainha dos Feéricos sorriu para ele.

— Você não é um espião muito habilidoso, rei de Adarlan.

CAPÍTULO 71

A magia de Dorian lutou, rugindo enquanto seu poder negro o mantinha em sua rede. Se ele pudesse se transformar em uma serpente alada e arrancar sua cabeça...

Mas Maeve sorriu, cansada e divertida, e levantou o pé do seu pobre rabo. Então soltou seu aperto em sua magia.

Ele estremeceu com o poder obscuro e purulento enquanto acariciava as garras por sua magia, roçava o núcleo cru e brilhante e desaparecia.

Foi um esforço para não amordaçar, não tocar a faixa pálida no pescoço só para ter certeza de que tinha sumido.

O sorriso de Maeve permaneceu em sua boca vermelha, sua magia ainda tremendo enquanto a sensação de seu poder permanecia. O poder de invadir a mente, destruir a psique. Um tipo diferente de inimigo. Um que exigiria outro caminho. Uma rota imprudente e idiota. O caminho de um cortesão.

Então ele mudou, pele tornando-se pele, patas em mãos.

Quando ele finalmente se levantou diante da Rainha Feérica, homem mais uma vez, seu sorriso cresceu.

— Como você é bonito.

Dorian esboçou uma reverência. Ele não se atreveu a alcançar Damaris ao seu lado. — Como você sabia?

— Você não acha que eu vi você, seu perfume e a sensação do seu poder, nas memórias de Aelin? — Ela inclinou a cabeça. — Embora meu espião não tenha relatado seu interesse em transformação.

Cyrene. Horror rastejou através dele.

Maeve entrou mais fundo no aposento e se sentou no banco diante do pé da cama, tão ricamente quanto se sentasse em seu trono. — Como você acha que as Matriarcas sabiam onde encontrar vocês?

— Cyrene esteve no acampamento por apenas um dia. — Ele conseguiu dizer.

— Você realmente acredita que não há outras aranhas lá em cima nas montanhas? Todas elas respondem a ela e a mim. Ela precisava apenas sussurrar uma vez, para as pessoas certas, e elas me encontraram. E encontraram as Dentes de Ferro. — Maeve passou a mão pelo colo do vestido. — Se Erawan sabe de seus dons, ainda precisa ser descoberto. Antes de você a matar, Cyrene certamente me informou que você era... diferente.

Ele não se arrependeu de matá-la nem um pouco.

— Mas isso não é nem aqui nem ali. Cyrene está morta e você está muito longe dos braços de Manon Bico Negro.

Dorian apoiou a mão no punho de Damaris.

Maeve sorriu para a espada antiga. — Parece que a rainha de Terrasen aprendeu a compartilhar. Ela adquiriu bastante o tesouro, não é? — Dorian começou. Se Maeve soubesse tudo que Aelin possuía...

— Eu também sei disso. — Disse Maeve com os olhos escuros sem profundidade. Damaris se aqueceu em seu aperto. — E saiba que a aranha não adivinhou essa verdade, pelo menos. — Ela examinou-o. — Onde elas estão agora, Dorian Havilliard?

Algo deslizante e afiado deslizou ao longo de sua mente.

Tentando entrar –

A magia de Dorian rugiu. Uma camada de gelo bateu naquelas garras mentais. Explodindo-as.

Maeve riu e Dorian piscou, encontrando o quarto também coberto de gelo. — Um método dramático, mas eficaz.

Dorian sorriu para ela — Você acha que eu seria tolo o bastante para permitir que você entrasse em minha mente? — Ainda mantendo uma mão na espada, ele deslizou a outra em um bolso,

apenas para esconder seu tremor. — Ou para lhe dizer onde elas estão escondidas?

— Valeu a tentativa. — Disse Maeve.

— Por que não soar o alarme? — Foi sua única resposta.

Maeve recostou-se, estudando-o novamente. — Você quer o que eu quero. Erawan tem isso. Isso não faz de você e eu algum tipo de aliados?

— Você deve estar louca, ao pensar que eu lhe daria as chaves.

— Eu estou? O que você fará com elas, Dorian? Iria as destruir? — O que você faria? Conquistar o mundo? — Maeve riu. — Ah, nada tão comum assim. Eu me certificaria de que Erawan e seus irmãos nunca pudessem voltar. — Damaris permaneceu quente em sua mão. A rainha falava a verdade. Ou alguma parte disso.

— Você admitirá tão facilmente que planeja trair Erawan?

— Por que você acha que eu vim aqui? — Perguntou Maeve. — Meu povo me expulsou e imaginei que você procuraria Morath em breve.

O calor de Damaris não vacilou, mas Dorian disse: — Você não pode pensar que eu acredito que você veio aqui para ganhar minha lealdade. Não quando eu vi que você planejava oferecer suas aranhas a Erawan para ajudar suas princesas. — Ele não queria saber o que as princesas Valgs podiam fazer. Por que Erawan havia atrasado a liberação delas?

— Um pequeno sacrifício da minha parte para ganhar sua confiança. — Damaris se manteve quente. — Nós não somos tão diferentes, você e eu. E eu não tenho nada a perder agora, graças a sua amiga.

Verdade, verdade, verdade.

E lá estava a abertura que ele estava esperando Mantendo sua mente revestida naquela parede de gelo, sua magia avaliando o inimigo diante deles, Dorian deixou a mão deslizar do cabo de Damaris. Deixe-a ver sua desconfiança de degelo quando ele disse: — Aelin parece ser hábil em destruir os reinos de outras pessoas enquanto protege o seu.

— E deixar os outros pagarem suas dívidas.

Dorian ficou quieto, embora sua magia continuasse em vigília, monitorando seu poder sombrio enquanto percorria a barreira até sua mente.

— Não é por isso que você está aqui? — Perguntou Maeve. — Para ser o sacrifício para que Aelin não precise se destruir? — Ela estalou a língua. — Um desperdício tão terrível – para qualquer um de vocês pagar o preço pela tolice de Elena.

— É verdade.

— Posso te dizer o que Aelin revelou para mim, durante esses momentos eu fui capaz de espreitar em sua mente?

Dorian não ousou procurar Damaris novamente. — Você a escravizou — Ele rosnou. — Eu não quero ouvir nada sobre isso.

Maeve encostou a cortina de cabelo no ombro, cantarolando. — Aelin está feliz que seja você. — Ela simplesmente disse. — Ela está esperando que seja tarde demais para retornar. Que você vai conseguir o que você se propôs a fazer e poupá-la de uma escolha terrível.

— Ela tem um parceiro e um reino. Eu não a culpo. — A nitidez em suas palavras não era totalmente falsa.

— E você não? Você não tem um reino para cuidar, um não menos poderoso e nobre que Terrasen? — Quando ele não respondeu, Maeve disse: — Aelin foi libertada faz semanas agora. E ela não veio para encontrar você.

— O continente é um lugar grande. Um sorriso conhecedor. — Ela poderia encontrá-lo, se quisesse.

E ainda assim ela foi para Anielle.

Ele sabia que tipo de jogo ela jogava. Sua magia escorregou uma fração. Uma abertura.

A própria Maeve atacou, procurando uma maneira de entrar. Ela mal cruzou o limiar quando ele rangeu os dentes e a jogou de sua mente novamente, a parede de gelo colidindo com ela.

— Se você quer que eu me alie a você, você está escolhendo uma maneira errada de mostrar isso.

Maeve riu suavemente. — Você pode me culpar por tentar?

Dorian não respondeu, e olhou para ela por um longo minuto.

Fez uma demonstração de consideração. Cada pedacinho de intriga e treinamento da corte mantinha seu rosto ilegível. — Você acha que eu trairia meus amigos tão facilmente?

— É traição? — Refletiu Maeve. — Encontrar uma alternativa para você e Aelin Galathynius pagar o preço final? Era o que eu pretendia para ela o tempo todo: impedi-la de ser um sacrifício para deuses insensíveis.

— Esses deuses são seres poderosos.

— Então, onde estão eles agora? — Ela apontou para o quarto, a fortaleza. Silêncio respondeu. — Eles estão com medo. De mim, de Erawan. Das chaves. — Ela deu a ele um sorriso de serpente. — Eles estão com medo de você. Você e Aelin Portadora do Fogo.

Poderosos o suficiente para mandá-los para casa – ou condená-los.

Ele não respondeu. Ela não estava totalmente errada.

— Por que não os desafia? Por que se curvar aos seus desejos?

O que eles já fizeram por você?

O rosto dolorido de Sorscha brilhou diante de seus olhos.

— Não há outro caminho. — Disse ele por fim. — Para acabar com isso.

— As chaves podem acabar com isso.

Para empunhá-las, em vez de selá-las de volta ao portão.

— Elas podem fazer qualquer coisa. — Continuou Maeve. — Destruir Erawan, banir os deuses de volta para sua casa, se é isso que eles querem. — Ela inclinou a cabeça. — Abra outra porta para reinos de paz e descanso.

À mulher que sem dúvida estaria lá.

O poder sombrio e predatório que espreitava sua mente desapareceu, puxado de volta para sua amante.

Aelin fizera isso uma vez. Abriu uma porta para ver Nehemia.

Era possível. Os encontros com Gavin e Kaltain só confirmaram isso.

— E se você não apenas se aliasse comigo — Ele perguntou por fim — mas com o próprio Adarlan?

Maeve não respondeu. Como se ela estivesse surpresa com a oferta.

— Uma aliança maior do que simplesmente trabalhar em conjunto para encontrar a chave. — Dorian pensou, e encolheu os ombros. — Você não tem reino e claramente quer outro. Por que não emprestar seus poderes para Adarlan, para mim? Traga suas aranhas para o nosso lado.

— Uma respiração atrás, você estava lívido por eu ter escravizado sua amiga.

— Ah, eu ainda estou. No entanto, não tenho tanto orgulho em recusar a possibilidade. Você quer um reino? Então junte-se ao meu.

Junte-se a mim, trabalhe comigo para conseguir o que precisamos de Erawan, e eu farei de você rainha. De um território muito maior, com um povo que não se levantará contra você. Um novo começo, suponho.

Quando ela ainda não falou, Dorian encostou-se à porta. O retrato da indiferença cortês. — Você acha que estou tentando enganar você. Talvez eu esteja.

— E Manon Bico Negro? Quais são suas promessas para ela?

— Eu não fiz nenhuma promessa sobre o meu trono, e ela não quer nada com ele, de qualquer maneira. — Ele não escondeu a amargura quando deu de ombros novamente. — Casamentos foram construídos em fundações muito mais voláteis do que esta.

— Aelin do Fogo Selvagem pode muito bem marcá-lo como um inimigo, se fizermos uma verdadeira união.

— Aelin não arriscará matar um aliado — não agora. E ela descobrirá que ela não é a única capaz de salvar este mundo. Talvez ela venha até me agradecer, se ela estiver tão ansiosa para evitar ser sacrificada como você diz.

A boca vermelha de Maeve se curvou para cima.

— Você é jovem e ousado.

Dorian esboçou um arco novamente.

— Eu também sou extremamente bonito e disposto a oferecer meu trono em um gesto de boa fé.

— Eu poderia vender você para Erawan agora e ele me recompensaria generosamente.

— Recompensar você, como se você fosse um cão trazendo de volta um faisão ao seu dono. — Dorian riu, e seus olhos brilharam. — Foi você quem acabou de fazer essa aliança entre nós, não eu. Mas considere isso: você vai se ajoelhar, ou você vai governar, Maeve? — Ele bateu em seu pescoço, bem sobre a faixa pálida através dele. — Eu me ajoelhei e descobri que não tenho interesse em fazê-lo novamente. Não para Erawan, ou para Aelin, ou para qualquer outra pessoa. — Outro encolher de ombros. — A mulher que eu amo está morta. Meu reino está em pedaços. O que eu tenho a perder? — Ele deixou um pouco do velho gelo, o vazio em seu peito, subir ao seu rosto. — Estou disposto a jogar este jogo. Você está?

Maeve ficou em silêncio novamente. E lentamente, aquelas mãos fantasmas penetraram nos cantos de sua mente.

Ele deixou ela ver. Ver a verdade que ela procurava.

Ele resistiu, aquele toque de sondagem.

Por fim, Maeve soltou um suspiro pelo nariz. — Você veio para Morath por uma chave e partirá com uma noiva.

Ele quase caiu de alívio. — Eu vou sair com os dois. E rapidamente.

— E como você propõe que encontremos o que buscamos?

Dorian sorriu para a Rainha Feérica. A Rainha Valg.

— Deixe isso comigo.



No topo da torre mais alta de Morath horas depois, Dorian olhou para as fogueiras do exército espalhadas pelo chão do vale, as penas de seu corvo ondulavam com o vento gelado dos picos circundantes.

Os gritos e rosnados se aquietaram, pelo menos. Como se até mesmo os mestres de masmorras de Morath mantivessem horas

ordinárias de trabalho. Ele pode ter achado a ideia sombria e engraçada, se ele não soubesse que tipo de coisa estava sendo quebrada e criada aqui.

O primo dele, Roland, acabara aqui. Ele sabia disso, embora ninguém nunca tivesse confirmado isso. Teria ele sobrevivido à transição para príncipe Valg, ou teria sido apenas uma refeição para um dos terrores que rondavam esse lugar?

Ele levantou a cabeça, examinando o céu nublado. A lua era um borrão pálido atrás deles, um fio de luz que parecia ansioso para permanecer escondido dos olhos vigilantes de Morath.

Um jogo perigoso. Ele estava jogando um inferno de um jogo perigoso.

Gavin o observava agora, de onde quer que ele descansasse? Teria ele descoberto a que tipo de monstro Dorian se aliara?

Ele não se atreveu a convocar o rei aqui. Não com Erawan tão perto.

Perto o suficiente para que Dorian pudesse ter atacado. Talvez ele tivesse sido um tolo em não ter atacado. Talvez ele fosse um tolo ao tentar, como Kaltain havia avisado, quando poderia revelar sua missão. Quando Erawan tinha esses colares na mão.

Dorian lançou um olhar para a torre adjacente, onde Maeve dormia. Um perigoso, perigoso jogo.

A torre escura além dela parecia pulsar com poder. A sala do conselho no final do corredor ainda estava acesa. E no corredor – movimento. Pessoas passando pelas tochas. Apressando-se.

Estúpido. Totalmente estúpido, e ainda assim ele encontrou-se batendo na noite gelada. Encontrou-se na beirada, em seguida, mergulhando para uma janela quebrada ao longo do corredor.

Ele empurrou a janela um pouco mais para dentro com o bico e escutou.

— Meses que eu estive aqui, e agora ele recusa meu conselho?

Um homem alto e magro pisou no corredor. Longe da sala do conselho de Erawan. Em direção à porta da torre no final do corredor e os guardas de rosto branco parados ali.

Ao seu lado, dois homens mais baixos lutavam para o acompanhar. Um deles disse:

— Os motivos de Erawan são misteriosos, Lorde Vernon. Ele não faz nada sem razão. Tenha fé nele.

Dorian congelou.

Vernon Lochan. Tio de Elide.

Sua magia surgiu, gelo caindo sobre o peitoril da janela.

Dorian seguiu o Lorde esguio enquanto ele passava, com a capa de pele escura caindo nas pedras.

— Eu tive fé nele além do que poderia ser esperado. — Disparou Vernon.

O Lorde e seus lacaios deram um amplo espaço à porta da torre quando passaram por ela, viraram a esquina e desapareceram, suas vozes desaparecendo com eles.

Dorian examinou o corredor vazio. A sala do conselho no outro extremo. A porta ainda está entreaberta.

Ele não hesitou. Não se deu tempo para reconsiderar enquanto elaborava seu plano. E esperou.



Erawan surgiu uma hora depois.

O coração de Dorian trovejou através dele, mas ele manteve sua posição no corredor, manteve os ombros retos e as mãos atrás das costas. Precisamente como ele apareceu para os guardas quando ele dobrou a esquina, tendo voado para um corredor silencioso antes de mudar e caminhar por aqui.

O rei Valg examinou-o uma vez e sua boca se apertou. — Eu pensei que tinha dispensado você pela noite, Vernon.

Dorian inclinou a cabeça, disposto a manter sua respiração estável a cada passo que Erawan fazia em sua direção. Sua magia se mexeu, recuando aterrorizada pela criatura que se aproximava, mas ele a forçou para baixo. Para um lugar onde Erawan não o detectaria.

Como ele não havia detectado Dorian antes. Talvez a magia crua nele também apagasse qualquer cheiro rastreável.

Dorian inclinou a cabeça.

— Eu tinha retornado aos meus aposentos, mas percebi que tinha uma questão persistente, milorde.

Ele rezou para que Erawan não notasse as roupas diferentes. A espada que ele mantinha meio escondida sob o manto. Rezou que Erawan decidisse que Vernon tinha voltado para o seu quarto, se trocado e retornado. E rezou para que ele falasse o suficiente como o Lorde de Perranth para ser convincente.

Um homem roncando e rastejando – o tipo que venderia sua sobrinha a um demônio rei.

— O que é isso. — Erawan seguiu pelo corredor até a sua torre, um pesadelo envolto em um corpo bonito.

Golpeie-o agora. Mate ele.

E, no entanto, Dorian sabia que ele não tinha vindo aqui para isso. De modo nenhum.

Ele manteve a cabeça baixa, voz baixa. — Por quê?

Erawan deslizou os olhos dourados e brilhantes para ele. Os olhos de Manon.

— Porque o que?

— Você pode ter se tornado lorde de uma dúzia de outros territórios, e ainda assim você nos agraciou com este. Há muito tempo me pergunto por que.

Os olhos de Erawan se estreitaram em fendas, e Dorian manteve seu rosto no retrato de uma curiosidade rastejante. Vernon perguntou isso antes?

Uma aposta estúpida. Se Erawan percebesse a espada ao seu lado.

— Meus irmãos e eu planejamos conquistar este mundo, para adicioná-lo ao tesouro que nós já tínhamos levado. Os cabelos dourados de Erawan dançaram com a luz das tochas enquanto ele caminhava pelo longo corredor. Dorian tinha a sensação de que quando chegassem à torre no final, a conversa terminaria. —

Chegamos a este, encontramos uma quantidade surpreendente de resistência e eles foram banidos de volta. Eu não podia fazer nada menos enquanto estava preso aqui do que retribuir este mundo pelo golpe que eles nos causaram. Então, eu vou fazer deste mundo um espelho de nossa terra natal – honrar meus irmãos e prepará-lo para o retorno deles.

Dorian vasculhou inúmeras lições sobre as casas reais de suas terras e disse:

— Eu também sei o que é ter uma rivalidade fraternal.

— Ele deu um sorriso simpático ao rei.

— Você matou os seus. — Disse Erawan, entediado já. — Eu amo meus irmãos muito.

A ideia era cômica.

Metade do corredor permaneceu até a porta da torre. — Você realmente vai dizimar este mundo, então? Todos os que moram nele?

— Aqueles que não se ajoelharem.

Maeve, pelo menos, queria preservá-lo. Para governar, mas preservá-lo.

— Eles receberiam colares e anéis ou uma morte limpa?

Erawan o examinou de lado. — Você nunca se perguntou pelo bem do seu povo. Nem mesmo em nome de sua sobrinha, falha que ela era.

Dorian se encolheu e curvou a cabeça. — Peço desculpas novamente por isso, milorde. Ela é uma garota inteligente.

— Tão inteligente, parece, que um confronto com você e você se assustou.

Dorian novamente inclinou a cabeça. — Eu vou caçar ela, se é isso que você deseja.

— Estou ciente de que ela não tem mais o que eu procuro e agora está perdida para mim. Uma perda que você provocou. — A Chave de Wyrld que Elide carregou, dada a ela por Kaltain.

Dorian se perguntou se Vernon estava realmente esperando a poeira abaixar há meses – evitando essa conversa. Ele se encolheu

novamente. — Diga-me como corrigi-lo, milorde, e isso será feito.

Erawan parou e a boca de Dorian ficou seca. Sua magia se enrolou dentro dele, preparando-se.

Mas ele se fez olhar o rei no rosto. Conhecer os olhos da criatura que causou tanto sofrimento.

— Sua linhagem se provou inútil para mim, Vernon. — Erawan disse em um tom suave demais. — Devo encontrar outro uso para você aqui em Morath?

Dorian sabia precisamente que tipo de usos o homem teria. Ele ergueu as mãos suplicantes. — Eu sou seu servo, milorde.

Erawan olhou para ele por longos batimentos cardíacos. Então ele disse: — Vá.

Dorian se endireitou, deixando Erawan andar mais alguns metros em direção à torre. Os guardas de rosto inexpressivo postados na porta se afastaram quando ele se aproximou.

— Você realmente os odeia? — Dorian deixou escapar.

Erawan se virou na direção dele.

Dorian perguntou: — Os humanos. Aelin Galathynius. Dorian Havilliard. Todos eles. Você realmente os odeia? — *Por que você nos faz sofrer tanto?*

Os olhos dourados de Erawan gotejaram. — Eles me afastaram dos meus irmãos. — Ele disse. — Eu não vou deixar nada ficar no caminho da minha reunião com eles.

— Certamente pode haver outra maneira de reunir vocês. Sem uma guerra tão grande.

O olhar de Erawan varreu-o e Dorian ficou quieto, desejando que seu cheiro permanecesse normal, a transformação para manter sua forma. — Onde estaria a diversão nisso? — Perguntou o rei Valg, e voltou-se para o corredor.

— O ex-rei de Adarlan fez essas perguntas? — As palavras saíram dele.

Erawan novamente pausou. — Ele não era tão fiel como você poderia acreditar. E veja o que isso lhe custou.

— Ele lutou com você. — Não é bem uma pergunta.

— Ele nunca se curvou. Não completamente. — Dorian ficou atordoado o suficiente para abrir a boca. Mas Erawan começou a andar novamente e disse sem olhar para trás: — Você faz muitas perguntas, Vernon. Muitas perguntas. Eu as acho cansativas.

Dorian curvou-se, mesmo com as costas de Erawan para ele.

Mas o rei Valg continuou, abrindo a porta da torre para revelar um interior sem luz, e fechou-a atrás dele.

Um relógio soou à meia-noite, desordenado e odioso, e Dorian voltou a andar pelo corredor, encontrando outra rota para os aposentos de Maeve. Uma rápida mudança em uma alcova sombria fez com que ele corresse pelo chão novamente, os olhos de seu rato vendo bem o suficiente no escuro.

Apenas brasas permaneceram na lareira quando ele deslizou por baixo da porta.

No escuro, Maeve disse da cama: — Você é um tolo.

Dorian mudou de novo, de volta para seu próprio corpo. — Por quê?

— Eu sei onde você foi. Quem você procurou. — Sua voz deslizou pela escuridão. — Você é um tolo. — Quando ele não respondeu, ela perguntou: — Você planejava matá-lo?

— Eu não sei.

— Você não podia enfrentá-lo e viver.

Palavras casuais e duras. Dorian não precisou tocar em Damaris para saber que elas eram verdadeiros. — Ele teria colocado outro colar em torno de sua garganta.

— Eu sei. — Talvez ele deveria ter aprendido onde o rei Valg os mantinha e destruído o esconderijo.

— Esta aliança não funcionará se você estiver se esgueirando e agindo como um garoto imprudente — Sussurrou Maeve.

— Eu sei. — Ele repetiu, as palavras vazias.

Maeve suspirou quando ele não disse mais nada. — Você pelo menos encontrou o que estava procurando?

Dorian deitou-se diante do fogo, enrolando um braço sob a cabeça. — Não.

CAPÍTULO 72

De longe, o desfiladeiro Ferian não se parecia com o posto avançado de um bom número da legião aérea de Morath.

Nem parecia, decidiu Nesryn, como se estivesse criando serpentes aladas há anos.

Ela supunha que a falta de quaisquer sinais óbvios de presença de um rei Valg era parte da razão pela qual permaneceu em segredo por tanto tempo.

Navegando mais perto dos imponentes picos gêmeos que flanqueavam um dos lados – o Canino Norte em um, o Ômega do outro – e separavam o Canino Branco das montanhas Ruhnn, Nesryn mal conseguia distinguir as estruturas embutidas em qualquer uma delas. Como o ninho Eridun, e ainda assim não de todo. A casa da montanha do Eridun estava cheia de movimento e vida. O que havia sido construído no desfiladeiro, conectado por uma ponte de pedra perto do topo, ficou em silêncio. Frio e sombrio.

Neve quase cegou Nesryn, mas Salkhi varreu em direção aos picos, permanecendo alto. Borte e Arcas vieram do norte, pouco mais que sombras escuras em meio ao branco imenso.

Bem atrás deles, na planície do vale além do desfiladeiro, metade do exército deles esperava, os ruks com eles. Esperando que Nesryn e Borte, junto com os outros batedores que saíram, relatassem que era hora de atacar. Eles fizeram a travessia do rio sob a cobertura da escuridão da noite passada, e aqueles que os ruks não podiam carregar foram trazidos em barcos.

Uma posição precária para se estar nessa planície antes do desfiladeiro. O Avery bifurcava em suas costas, efetivamente

impedindo-os de entrar. Grande parte dele estava congelada, mas não quase espessa o suficiente para se arriscar a atravessar a pé. Se esta batalha acabar mal, não haverá para onde fugir.

Nesryn cutucou Salkhi, contornando a presa do norte pelo lado sul. Lá embaixo, as neves rodopiantes estavam limpas o suficiente para revelar o que parecia ser um portão dos fundos da montanha.

Nenhum sinal de sentinelas ou quaisquer serpentes aladas.

Talvez o tempo os tenha levado para dentro.

Ela olhou para o sul, para os Caninos. Mas não havia sinal da segunda metade de seu exército, marchando para o norte pelos próprios picos para chegar ao desfiladeiro pela entrada oeste. Uma jornada muito mais traiçoeira do que a que eles fizeram.

Mas se eles cronometrassem bem, se eles puxassem o hospedeiro no desfiladeiro para a planície antes que os outros chegassem do oeste, eles poderiam esmagar as forças de Morath entre eles. E isso era sem o poder desencadeado de Aelin Galathynius. E seu consorte e corte.

Salkhi arqueou-se ao redor do Canino do Norte. Distantemente, Nesryn pôde ver Borte fazendo o mesmo ao redor do Ômega. Mas não havia sinal de seu inimigo.

E quando Nesryn e Borte fizeram outra passagem pelo desfiladeiro Ferian, indo tão longe a ponto de voar entre os dois picos, também não encontraram nenhum sinal.

Como se o inimigo tivesse desaparecido.



Os Caninos Brancos eram totalmente implacáveis.

Os homens selvagens que os guiavam impediam que as montanhas fossem fatais, sabendo que passagens poderiam ser destruídas pela neve, que poderia ter uma plataforma de gelo instável, que estava aberta demais para qualquer olho que voasse sobre sua cabeça. Mesmo com o exército se arrastando para trás, Chaol se maravilhou com a velocidade de sua viagem, e depois de

três dias eles limpavam as montanhas e pisaram nas planícies planas do lado oeste.

Ele nunca pisou no território, embora tecnicamente fosse dele. A fronteira oficial de Adarlan reivindicou as planícies além do Canino por uma boa distância antes que eles cedessem aos territórios sem nome dos Desertos. Mas ainda *parecia* o Desertos, estranhamente quieto e amplo, uma estranha extensão que se estendia, sem abrir caminho, até o horizonte.

Mesmo os estóicos guerreiros khaganato não pareciam muito em direção aos Desertos à sua esquerda enquanto cavalgavam para o norte. À noite, eles se aproximavam de seus fogos.

Todos eles fizeram. Yrene se agarrava um pouco mais à noite, sussurrando sobre a estranheza da terra, seu silêncio oco. *Como se a terra em si não cantasse*, ela disse algumas vezes agora, estremecendo ao fazê-lo.

Um lugar muito melhor, pensou Chaol enquanto seguiam para o norte, contornando a borda do Canino à direita, para que Erawan fizesse seu império. Inferno, eles poderiam ter dado a ele se ele tivesse montado sua fortaleza nas profundezas da planície e mantido.

— Estamos a um dia do desfiladeiro. — Disse um dos homens selvagens – Kai – a Chaol enquanto eles passavam por uma manhã excepcionalmente ensolarada. — Acamparemos ao sul do Canino Norte hoje à noite, e a marcha de amanhã de manhã nos levará para o fosso em si.

Havia outra razão pela qual os homens selvagens haviam se aliado a eles, além do território que tinham para ganhar. As bruxas tinham caçado sua espécie nesta primavera – clãs e acampamentos inteiros deixados em fitas ensanguentadas. Muitos foram reduzidos a cinzas, e os poucos sobreviventes haviam sussurrado de uma mulher de cabelos escuros com poder profano. Chaol estava disposto a apostar que fora Kaltain, mas não dissera aos homens selvagens que aquela ameaça em particular, pelo menos, fora apagada. Ou se incinerou no final.

Não importaria para eles de qualquer maneira. Dos duzentos homens selvagens que haviam se juntado ao exército desde que haviam deixado Anielle, todos tinham ido para o desfiladeiro Ferian para extrair vingança das bruxas. Em Morath, Chaol se absteve de mencionar que ele próprio matara um de seus semelhantes há quase um ano.

Pode muito bem ter sido uma década atrás, por tudo o que aconteceu desde que ele matou Cain durante seu duelo com Aelin.

Yulemas ainda estava a semanas de distância – se eles sobrevivessem tempo suficiente para celebrá-lo.

Chaol disse para o homem magro e barbado, que compensou a falta do grosso dos homens do clã com perspicácia e olhos penetrantes:

— Há algum lugar que possa esconder um exército tão grande hoje à noite?

Kai sacudiu a cabeça.

— Não tão perto. Esta noite será o maior risco.

Chaol olhou para os vagões dos curandeiros distantes onde Yrene cavalgava, trabalhando em qualquer soldado que tivesse ficado doente ou ferido na jornada. Ele não a tinha visto desde que eles acordaram, mas ele sabia que ela passou a cavalgar hoje – o aperto em sua espinha cresceu a cada quilômetro.

— Vamos apenas rezar. — Disse Chaol, voltando-se para a imponente montanha tomando forma diante deles.

— Os deuses não vêm para essas terras. — Foi tudo o que Kai disse antes de voltar com um grupo de seu próprio povo.

Um cavalo se acomodou ao lado do seu e encontrou Aelin empacotada em um manto forrado de pele, uma mão no punho de Goldryn. Gavriel foi atrás dela, Fenrys ao seu lado. O primeiro mantinha um olho nas planícies do oeste; o último monitorando a parede de picos à sua direita. Ambos os homens feéricos de cabelos dourados permaneceram em silêncio, no entanto, quando Aelin franziu a testa para a forma de desaparecimento de Kai.

— Aquele homem tem um talento para o drama que deveria ter garantido a ele um lugar em alguns dos melhores palcos de Forte da Fenda.

— Belo elogio, de fato, vindo de você.

Ela piscou, dando um tapinha no pomo de rubi de Goldryn. A pedra pareceu brilhar em resposta.

— Eu conheço um espírito parecido quando vejo um.

Apesar da batalha que aguardava à frente, Chaol riu.

Mas, então, Aelin disse:

— Rowan e a equipe estiveram escavando o poder deles nos últimos dias. — Ela assentiu por cima do ombro para Fenrys e Gavriel, depois para onde Rowan cavalgava à frente da companhia, o cabelo prateado do Príncipe Feérico brilhando como o sol sobre a neve ao redor deles. — Eu também. Vamos garantir que nada prejudique este exército hoje à noite. — Um olhar conhecedor em direção aos vagões dos curandeiros. — Certas áreas serão especialmente protegidas.

Ele viu o suficiente de Fenrys e Gavriel lutando em Anielle para saber que, mesmo sem tanta magia, eles seriam letais. E Lorcan...

Chaol não olhou por cima do ombro para onde Lorcan e Elide cavalgavam. Os poderes do guerreiro das trevas não eram nada que Chaol quisesse enfrentar.

Com um aceno de resposta, Aelin trotou para o lado de Rowan, o rubi no punho de Goldryn como um pequeno sol. Fenrys seguiu, guardando as costas da rainha, mesmo entre os aliados. No entanto, Gavriel permaneceu, guiando seu cavalo ao lado de Farasha. A égua negra olhou para o castrado roan do guerreiro, mas não fez nenhum movimento para mordê-lo. Graças aos deuses.

O Leão deu-lhe um leve sorriso.

— Eu não tive a chance de parabenizá-lo por suas boas notícias.

Uma coisa estranha para o guerreiro dizer, dado que eles mal falaram além dos conselhos, mas Chaol inclinou a cabeça.

— Obrigado.

Gavriel olhou para a neve e as montanhas – em direção ao norte distante.

— Não tive a oportunidade de estar presente desde o início. Para ver meu filho crescer em um homem.

Chaol pensou nisso – na vida que crescia no ventre de Yrene, na criança que criariam. Pensou no que Gavriel não tinha experimentado.

— Eu sinto muito. — Foi a única coisa, realmente, a dizer.

Gavriel balançou a cabeça, olhos castanhos brilhando dourados, manchas de esmeralda surgindo no sol ofuscante.

— Eu não lhe disse por simpatia. — O Leão olhou para ele, e Chaol sentiu o peso de cada um dos séculos de Gavriel pesando sobre ele. — Mas, para dizer o que você talvez já saiba: saborear cada momento.

— Sim. — Se eles sobrevivessem a esta guerra, ele iria. Cada segundo maldito.

Gavriel inclinou as rédeas, como se quisesse levar seu cavalo de volta para seus companheiros, mas Chaol disse: — Eu estou supondo que Aedion não tenha facilitado que você aparecesse em sua vida.

O rosto sério de Gavriel se contorceu.

— Ele tem todos os motivos para não fazer isso.

E embora Aedion fosse filho de Gavriel, Chaol disse:

— Tenho certeza de que você já sabe disso, mas Aedion é tão teimoso e impetuoso como eles vêm. — Ele apontou o queixo para Aelin, indo em frente, dizendo alguma coisa para Fenrys que fez Rowan rir – e Fenrys dar uma risada. — Aelin e Aedion poderiam muito bem ser gêmeos. — Que Gavriel não o impediu, disse a Chaol que ele leu a ferida nos olhos do Leão bem o suficiente. — Os dois costumam dizer uma coisa, mas significam algo completamente diferente. E depois negam até o último suspiro. — Chaol balançou a cabeça. — Dê tempo a Aedion. Quando chegamos a Orynth, tenho a sensação de que Aedion ficará mais feliz em vê-lo do que deixa transparecer.

— Estou trazendo de volta sua rainha e cavalgando com um exército. Eu acho que ele ficaria feliz em ver seu inimigo mais odiado, se eles fizessem isso por ele. — A preocupação empalideceu as características bronzeadas do Leão. Não pelo reencontro, mas pelo que seu filho poderia estar enfrentando no norte.

Chaol considerou.

— Meu pai é um bastardo. — Ele disse baixinho. — Ele esteve na minha vida desde a minha concepção. No entanto, ele nunca se preocupou em fazer as perguntas que você faz. — Disse Chaol. — Ele nunca se importou o suficiente para fazer isso. Ele nunca se preocupou. Essa será a diferença.

— Se Aedion escolher me perdoar.

— Ele vai — disse Chaol. Ele faria o Aedion fazer isso.

— Por que você está tão certo?

Chaol considerou suas palavras cuidadosamente antes que ele encontrasse novamente o impressionante olhar de Gavriel.

— Porque você é o pai dele. — Ele disse. — E não importa o que possa estar entre você, Aedion sempre *irá querer* te perdoar. — Lá estava ela, sua própria vergonha secreta, ainda guerreando dentro dele depois de tudo que seu pai fizera. Mesmo depois do baú cheio das cartas de sua mãe. — E Aedion perceberá, à sua própria maneira, que você foi salvar Aelin não por ela ou por Rowan, mas por ele. E que você ficou com eles, e marcha neste exército, por causa dele também.

O Leão olhou para o norte, os olhos piscando.

— Eu espero que você esteja certo. — Nenhuma tentativa de negação – que tudo o que Gavriel tinha feito e faria seria apenas para Aedion. Que ele estava marchando para o norte, para o inferno, por Aedion.

O guerreiro começou a passar por cima de seu cavalo novamente, mas Chaol se viu dizendo: — Eu gostaria de ter tido a sorte de ter você como meu pai.

Surpresa e algo muito mais profundo passou pelo rosto de Gavriel. Sua garganta tatuada balançou.

— Obrigado. Talvez seja a nossa sorte – nunca ter os pais que desejamos, mas ainda esperar que eles possam superar o que são, as falhas e tudo mais.

Chaol se absteve de dizer a Gavriel que ele já era mais que suficiente.

Gavriel disse baixinho:

— Vou me esforçar para ser digno do meu filho.

Chaol estava prestes a murmurar que Aedion deveria considerar o Leão digno quando duas formas tomavam forma nos céus do alto.

Grandes, escuras e em movimento rápido.

Chaol agarrou o arco amarrado nas costas enquanto os soldados gritavam, o próprio arco de Gavriel já apontado para o céu, mas Rowan gritou acima da rixa:

— Segure o seu fogo! — Os cascos galopavam em direção a eles, então Aelin e o Príncipe Feérico estavam lá, o último anunciando: — É Nesryn e Borte.

Em poucos minutos, as duas mulheres tinham descido, os seus casacos cobertos de gelo do ar acima dos picos.

— Quão ruim é isso? — perguntou Aelin, agora acompanhada por Fenrys, Lorcan e Elide.

Borte estremeceu.

— Isso não faz sentido. Nada disso.

Nesryn explicou antes que Chaol pudesse dizer à garota para chegar ao ponto:

— Nós já passamos pelo desfiladeiro três vezes. Até pousamos no Ômega. Ela balançou a cabeça. — Está vazio.

— Vazio? — Chaol perguntou. — Não tem uma alma lá?

Os guerreiros Feéricos se entreolharam.

— Alguns dos fornos ainda estavam funcionando, então alguém deve estar lá. — Disse Borte. — Mas não havia uma bruxa ou uma serpente alada. Quem fica para trás é mínimo – provavelmente não mais que treinadores ou criadores.

O fosso fúnebre estava vazio. A legião de Dentes de Ferro desapareceu.

Rowan examinou o pico à frente.

— Precisamos aprender o que eles sabem, então.

O aceno de Nesryn foi sombrio.

— O Sartaq já tem pessoas nisso.

CAPÍTULO 73

Dorian andou por Morath em cem peles diferentes.

Nos pés silenciosos de um gato, ou andando pelo chão como uma barata, ou pendurado em um caibro como um morcego, ele passou a maior parte da semana ouvindo. Olhando.

Erawan ainda permanecia inconsciente de sua presença. Talvez a natureza de sua magia crua de fato lhe proporcionasse anonimato – e Maeve só sabia reconhecê-lo graças ao que quer que ela tenha arrancado da mente de Aelin.

À noite, Dorian voltava para a câmara da torre de Maeve, onde eles iriam ver tudo o que ele tinha visto. O que ela fez durante o dia para impedir que Erawan notasse a presença pequena e em constante mudança que caçava em seus corredores, ela não revelou.

Ela trouxe as aranhas, no entanto. Dorian ouvira os sussurros aterrorizados dos criados sobre o portal fugaz que a rainha abria para permitir que seis das criaturas fossem para as catacumbas.

Onde elas, através de alguma magia terrível, conceberia com as princesas Valg. Dorian não conseguia decidir se era um alívio que ele não tivesse encontrado esses híbridos ainda. Embora ele tenha visto os corpos humanos emaciados, meras cascas, que ocasionalmente eram arrastados pelos corredores. Jantar, os guardas que os carregavam tinham sibilado para os criados petrificados. Para alimentar uma fome sem fundo. Para prepará-los para a batalha.

O que as criações de princesa-aranha poderiam fazer, o que fariam com seus amigos no Norte... Dorian não conseguia parar de lembrar o que Maeve dissera a Erawan. Que as princesas Valg foram mantidas aqui para a segunda fase do que ele estava planejando.

Talvez para garantir que eles fossem bem e verdadeiramente destruídos quando a maior parte de seus exércitos passasse.

Isso afiava seu foco enquanto ele caçava. Empurrou-o e empurrou-o para frente, mesmo quando a razão e o instinto lhe disseram para fugir daquele lugar. Mas ele não faria. Não conseguia.

Não sem a chave.

Às vezes, ele podia jurar que ele sentia isso. A chave. A horrível presença sobrenatural.

Mas quando ele perseguia o poder miserável pelas escadarias e pelos antigos corredores, apenas pó e sombras o saudavam.

Muitas vezes, isso o levou de volta à torre de Erawan. Para a porta de ferro trancada e os guardas Valgs postados do lado de fora.

Um dos poucos lugares restantes que ele não ousara procurar.

Embora outras possibilidades ainda permanecessem.

O cheiro desagradável da câmara subterrânea alcançou Dorian muito antes de ele descer a escada sinuosa, a passagem sombria cavernosa e iminente aos sentidos de sua mosca. Foi a forma mais segura do dia. O gato da cozinha estava à espreita mais cedo, e as bruxas Dentes de Ferro se apressaram ao redor da fortaleza, preparando-se para o que ele só podia supor ser uma ordem para marchar para o norte.

Ele estava caçando a chave desde o amanhecer, Maeve ocupando a atenção de Erawan nas catacumbas ocidentais do outro lado da fortaleza. Onde aquelas aranhas-princesas testaram seus novos corpos.

Ele nunca foi tão profundo sob a fortaleza. Abaixo das salas de armazenamento. Abaixo das masmorras. Ele só encontrou a escada pelo cheiro que havia vazado por trás da porta comum em seu topo, o cheiro detectado pelo notável olfato da mosca. Ele passou pela porta tantas vezes agora em sua caça infrutífera, considerando-a um mero armário de

suprimentos – até que o acaso tivesse intervindo hoje.

Dorian contornou a última curva da escada em espiral e quase caiu do ar quando o cheiro atingiu-o completamente. Mil vezes pior

nessa forma, com esses sentidos.

Um cheiro de morte, de podridão, de ódio e desespero. O cheiro que só o Valg poderia invocar.

Ele nunca esquecera disso. Nunca deixara isso para trás.

Volte. O aviso foi um sussurro em sua mente. *Volte.*

O corredor inferior estava iluminado com apenas algumas tochas em suportes de ferro enferrujados. Não havia guardas postados ao longo de seu comprimento ou pela solitária porta de ferro no final.

O mau cheiro pulsou ao longo do corredor, emanando daquela porta. Acenando.

Erawan deixaria a chave tão desprotegida? Dorian enviou sua magia ao longo do corredor, testando qualquer armadilha escondida.

Não encontrou nenhuma. E quando chegou à porta de ferro, recuou. Ele fugiu.

Ele colocou seu poder de volta em si mesmo, colocando-o mais perto.

A porta de ferro estava amassada e arranhada com a idade.

Nove travas estavam ao longo de sua borda, cada uma mais complicada que a anterior. Fechaduras antigas e estranhas.

Ele não hesitou. Ele apontou para o pequeno espaço entre as pedras e a porta de ferro e mudou de posição. A mosca encolheu em um mosquito, tão pequeno que era quase um grão de poeira. Ele voou para baixo da porta, bloqueando o cheiro, o terrível pulsar contra seu sangue.

Levou um momento para entender o que ele olhava na câmara de vigas grosseiras, iluminada por uma pequena lanterna pendurada no teto arqueado. Uma lambida de chama esverdeada dançou dentro.

Não é uma chama deste mundo.

Sua luz deslizou sobre a pilha de pedras negras no centro da sala. Pedacos de um sarcófago.

E tudo ao redor, construído em prateleiras esculpidas na própria montanha, brilhava com colares de pedras de Wyrđ.



Apenas os instintos de seu corpo pequeno e inconsequente mantinham Dorian no ar. Manteve-o circulando a câmara sem luz. Os escombros no centro do espaço.

Tumba de Erawan – diretamente abaixo de Morath. O local onde Elena e Gavin o prenderam e então construíram a fortaleza no topo do sarcófago que não podia ser movido.

Onde toda essa confusão começou. Onde, séculos depois, seu pai alegara que ele e Perrington se aventuraram na juventude, usando a chave de Wyrd para destrancar a porta e o sarcófago e, sem querer, libertar Erawan.

O rei demônio havia se apoderado do corpo do duque. O pai dele...

O coração de Dorian acelerou quando ele passou por colar após colar, ao redor da sala. Erawan não precisava de um para conter seu pai, não quando o homem não possuía magia em suas veias.

No entanto, Erawan havia dito que o homem não havia se curvado – não totalmente. Lutou contra ele por décadas.

Ele não se deixou pensar sobre isso na semana passada. Sobre se as palavras finais de seu pai no topo do castelo de vidro foram de fato verdade. Como ele o matou, sem a desculpa do colar para justificá-lo.

Sua cabeça latejava enquanto ele continuava a circular o túmulo. Os colares vazaram seu fedor profano no mundo, pulsando no tempo com seu sangue.

Eles pareciam dormir. Pareciam esperar.

Um príncipe espreitou dentro de cada um? Ou essas conchas estavam prontas para serem preenchidas?

Kaltain avisara-o desta câmara. Este lugar onde Erawan o traria, caso ele fosse pego. Por que Erawan havia escolhido este lugar para guardar seus colares... Talvez fosse um santuário, se tal coisa pudesse existir para um rei Valg. Onde Erawan poderia vir a contemplar o método de sua própria prisão, e lembrar a si mesmo

que ele não seria contido novamente. Que ele usaria essas coleiras para escravizar aqueles que tentassem selá-lo de volta ao sarcófago.

A magia de Dorian se agitou, impaciente e frenética. Havia um colar aqui designado para ele? Para Aelin?

Ao redor e ao redor, ele voou pelo sarcófago e pelos colares.

Nenhum sinal da chave.

Ele sabia como os colares se sentiriam contra sua pele. A mordida gelada da pedra de Wyrd.

Kaltain lutou contra isso. Destruiu o demônio dentro.

Ainda podia sentir o peso do joelho de seu pai se cravando em seu peito enquanto o prendia no chão de mármore de um castelo de vidro que não existia mais. Ainda sente a pedra escorregadia da gola contra o pescoço dele quando ela está selada. Ainda vê a mão mole de Sorscha enquanto ele tenta alcançá-la uma última vez.

A sala girou e girou, seu sangue latejando com isso.

Não um príncipe, não um rei.

Os colares estendidos para ele com dedos invisíveis e arranhando.

Ele não era melhor que eles. Aprendera a gostar do que o príncipe Valg lhe mostrara. Tinha despedaçado bons homens e deixado o demônio se alimentar de seu ódio, sua raiva.

A sala começou a espiralar, arrastando-o em suas profundezas.

Não humano – não inteiramente. Talvez ele não quisesse ser.

Talvez ele permanecesse em outra forma para sempre, talvez ele apenas se submetesse— Um vento escuro atravessou a sala. Agarrou-o em sua boca aberta e o arrastou.

Ele se debateu, gritando em silêncio.

Ele não seria levado. Não assim, não de novo.

Mas isso o afastou dos colares. Debaixo da porta e fora do quarto.

Na palma da mão pálida. Olhos escuros e profundos olhavam para ele. Uma enorme boca vermelha se separou para revelar dentes brancos como ossos.

— Garoto idiota. — Maeve sibilou. As palavras foram um trovão.

Ele ofegou, o corpo do mosquito tremendo da ponta das asas para a ponta das asas. Um toque no dedo dela e ele teria ido

embora.

Ele se preparou, esperando por isso.

Mas Maeve manteve a palma da mão aberta. E quando ela começou a andar pelo corredor, longe da câmara selada, ela disse: — O que você sentiu lá — é por isso que eu deixei o mundo deles. — Ela olhou para frente, uma sombra escurecendo seu rosto. — Todos os dias, era isso que eu sentia.



Ajoelhado no chão em um canto da câmara de Maeve, Dorian jogou o conteúdo de seu estômago no balde de madeira.

Maeve assistiu da cadeira ao lado do fogo, diversão cruel em seus lábios vermelhos.

— Você viu os horrores das masmorras e não ficou doente. — Disse ela quando ele vomitou novamente. A pergunta não dita brilhou em seus olhos. *Por que hoje?*

Dorian levantou a cabeça, limpando a boca no ombro da jaqueta.

— Esses colares... — Ele passou a mão pelo pescoço. — Eu não acho que isso me afetaria assim. Para vê-los novamente.

— Você foi imprudente ao entrar naquela câmara.

— Eu teria sido capaz de sair, se você não tivesse me encontrado? — Ele não perguntou como ela fez isso, como ela sentiu o perigo. Esse poder dela, sem dúvida, manteve o controle dele onde quer que fosse.

— Os colares não podem fazer nada sem estarem conectados a um hospedeiro. Mas essa sala é um lugar de ódio e dor, a memória dela gravada nas pedras. — Ela examinou as unhas compridas. — Ele te pegou. Você se deixa pegar.

Kaltain não disse quase a mesma coisa sobre os colares?

— Isso me pegou de surpresa.

Maeve soltou um zumbido, bem ciente de sua mentira. Mas ela disse:

— Os colares são uma de suas criações mais brilhantes.

Nenhum de seus irmãos era inteligente o suficiente para chegar a isso. Mas Erawan, ele sempre teve um presente para idéias. — Ela se recostou na cadeira, cruzando as pernas. — Mas esse presente também o tornou arrogante. — Ela acenou para ele. — Que ele deixou você permanecer em Forte da Fenda com seu pai, ao invés de trazer você aqui, só prova isso. Ele pensou que poderia controlar você de longe. Se ele tivesse sido mais cauteloso, ele teria trazido você para Morath imediatamente. Começado a trabalhar em você.

Os colares brilharam diante de seus olhos, deixando seu cheiro envenenado e oleoso no mundo, acenando, esperando por ele.

Dorian respirou de novo.

Maeve soltou uma risada baixa que passou garras por sua espinha. Seu temperamento.

Dorian dominou-se e virou-se para ela.

— Você deu essas aranhas para as princesas dele, sabendo o que elas suportariam, sabendo como seria se sentir preso assim, embora de uma maneira diferente. — Como, ele não disse. *Como você pôde fazer isso quando conheceu esse tipo de terror?*

Maeve ficou em silêncio por um momento, e ele poderia jurar que algo como arrependimento passara por seu rosto.

— Eu não teria feito isso, a menos que a minha necessidade de provar a minha lealdade me obrigou. — Sua atenção se dirigiu para onde Damaris estava ao seu lado. — Você não deseja verificar minha reivindicação?

Dorian não tocou o cabo de ouro.

— Você quer que eu o faça?

Ela clicou a língua.

— Você é diferente mesmo. Eu me pergunto se alguns dos Valgs atravessaram quando seu pai reproduziu com sua mãe.

Dorian se encolheu. Ele ainda não ousara perguntar a Damaris sobre isso – se ele era humano. Se importava agora.

— Por quê? — Ele perguntou, apontando para a torre ao redor deles. — Por que Erawan faz algo assim? — Uma semana depois de

ele ter perguntado ao próprio rei Valg, Dorian ainda queria – *precisava* saber.

— Porque ele pode. Porque Erawan se delicia com essas coisas.

— Você fez soar como se ele fosse o mais brando dos três irmãos.

— Ele é. — Ela passou a mão sobre a garganta. — Orcus e Mantyx são aqueles que lhe ensinaram tudo o que ele sabe. Se eles retornarem aqui, o que Erawan cria nestas montanhas parecerá cordeiros.

Ele havia atendido ao aviso de Kaltain, pelo menos. Ele não se atreveu a se aventurar nas cavernas além do vale. Para os altares de pedra e as monstruosidades que Erawan fez sobre eles.

Ele perguntou:

— Você nunca teve filhos? Com Orcus?

— Meu futuro marido realmente deseja saber?

Dorian se acomodou em seus calcanhares.

— Eu quero entender meu inimigo.

Ela pesou as palavras dele.

— Eu não permiti que meu corpo amadurecesse, pronto para crianças. Uma pequena rebelião e minha primeira contra Orcus.

— Os príncipes e princesas valgs são descendentes dos outros reis?

— Alguns são, outros não. Nenhum herdeiro digno deu um passo adiante. Embora quem sabe o que ocorreu no mundo deles nesses milênios. — O mundo deles. Não dela mesma. — Os príncipes que Erawan convocou não foram fortes – não como eram.

Tenho certeza de que irrita Erawan sem fim.

— É por isso que ele trouxe as princesas?

Um aceno de cabeça.

— As fêmeas são as mais mortais. Mas mais difícil de conter quando se trata de um hospedeiro.

A faixa branca de pele em seu pescoço parecia queimar, mas ele manteve o estômago para baixo: desta vez.

— Por que você deixou seu mundo?

Ela piscou para ele, como se estivesse surpresa.

— O quê? — Ele perguntou.

Ela inclinou a cabeça.

— Faz muito, muito tempo que conversei com alguém que me conhece pelo que sou. E com alguém cuja mente permaneceu totalmente própria.

— Até mesmo Aelin?

Um músculo em seu maxilar fino emplumado.

— Até Aelin do Fogo Selvagem. Eu não pude me infiltrar em sua mente completamente, mas pequenas coisas... aquelas, eu poderia convencê-la a ver.

— Por que você a capturou e torturou? — Uma maneira tão simples de descrever o que aconteceu em Eyllwe e depois dela.

— Porque ela nunca concordaria em trabalhar comigo. E ela nunca teria me protegido de Erawan ou do Valg.

— Você é forte – por que não se proteger? Por que não usar essas aranhas a seu favor?

— Porque nosso tipo só tem medo de certos presentes. Os meus, infelizmente, não são essas coisas. — Ela brincou com uma mecha de seu cabelo preto. — Eu costumo manter outra mulher feérica comigo. Uma com poderes que funcionam contra os Valg.

Diferente daqueles que Aelin Galathynius possui. — Que ela não especificou o que aqueles poderes foram disse a Dorian para não desperdiçar sua respiração em perguntar a ela. — Ela fez o juramento de sangue para mim há muito tempo e raramente saiu do meu lado desde então. Mas não ousei trazê-la a Morath. Tê-la aqui não teria convencido Erawan de que eu vinha de boa fé. — Ela girou a mecha de cabelo ao redor do dedo. — Então você vê, eu estou tão indefesa contra Erawan quanto você.

Dorian duvidou muito disso, mas finalmente levantou-se, apontando para a mesa onde a água e a comida haviam sido dispostas. Uma boa propagação, para o castelo de um demônio-rei no auge do inverno. Ele se serviu de um copo de água e engoliu o conteúdo.

— É a verdadeira forma de Erawan?

— Em uma maneira de falar. Nós não somos como os humanos e os feéricos, onde suas almas são, invisíveis. Nossas almas têm uma forma para elas. Nós temos corpos que podemos moldar ao redor delas – adorná-las, como jóias. A forma que você vê em Erawan sempre foi sua decoração preferida.

— O que suas almas parecem abaixo?

— Você as acharia desagradáveis.

Ele reprimiu um estremeamento.

— Suponho que isso nos faça mudar de forma também. — Refletiu Maeve quando Dorian apontou para a cadeira ao lado da dela. Ele passou as noites dormindo no chão na frente do fogo, um olho observando a rainha cochilando na cama com dossel atrás dele.

Mas ela não fez nenhum movimento para prejudicá-lo. Nenhum.

— Você se sente Valg ou Feérica?

— Eu sou o que eu sou. — Por um instante, ele quase podia vislumbrar o peso de suas eras de existência em seus olhos.

— Mas quem você quer ser? — Uma pergunta cuidadosa.

— Não como Erawan. Ou seus irmãos. Eu nunca quis.

— Isso não é exatamente uma resposta.

— Você sabe quem e o que você deseja ser? — Um desafio – e uma pergunta genuína.

— Eu estou entendendo. — Disse ele. Estranho. Tão estranho ter essa conversa. Poucando os dois por enquanto, Dorian esfregou o rosto. — A chave está em sua torre. Estou certo disso.

A boca de Maeve se contorceu.

Dorian disse:

— Não há como entrar – não com os guardas. E eu voei o exterior o suficiente para saber que não há janelas, nem rachaduras para eu sequer passar por ela. — Ele segurou seu olhar de outro mundo. Não se encolheu. — Precisamos entrar. Se só para confirmar que está lá. — Ela já segurou as chaves – sabia como elas se sentiam. Que ela tinha chegado tão perto então...

— E eu suponho que você espera que eu faça isso?

Ele cruzou os braços.

— Não consigo pensar em mais ninguém que Erawan admitisse lá dentro.

A piscada solitária de Maeve foi seu único sinal de surpresa.

— Seduzir e traír um rei – um dos truques mais antigos do livro, como vocês humanos dizem.

— Erawan pode ser seduzido por alguém?

Ele poderia jurar ter repugnado seu rosto pálido antes que ela dissesse:

— Ele pode.



Eles não perderam tempo. Não esperaram.

E até mesmo Dorian se viu incapaz de desviar o olhar quando Maeve passou a mão para si mesma e seu vestido roxo se desfez, substituído por um vestido preto liso. Pouco mais que um manto. Fios de ouro haviam sido entrelaçados, artisticamente escondendo as partes dela que somente quem removeria a roupa veria, e quando ela se virasse do espelho, seu rosto estava sério.

— Você não vai gostar do que você está prestes a testemunhar. — Então ela pendurou seu manto ao redor dela, escondendo aquele corpo exuberante e vestido pecaminoso, e abriu a porta.

Ele se transformou em um inseto deslizando, rápido e flexível, e seguiu-a, demorando-se em seus calcanhares enquanto Maeve passava pelos corredores. Para a base dessa torre.

Ele enfiou-se numa fresta na parede negra, quando Maeve disse ao Valg postado lá fora:

— Você sabe quem eu sou. O que eu sou. Diga a ele que eu vim.

Ele poderia ter jurado que as mãos de Maeve tremiam um pouco.

Mas um dos guardas – Dorian nunca vira uma vez ou seja – virou-se para uma porta, bateu uma vez e entrou.

Ele surgiu momentos depois, retomou seu posto e não disse nada.

Maeve esperou. Então, passeando soaram do interior da torre.

E quando a porta se abriu de novo, o vento e a noite rodopiante ameaçaram mandá-lo correndo. Erawan, ainda vestido com roupas da tarde tardia, ergueu como sobancelhas.

— Nós temos uma reunião amanhã, irmã.

Maeve deu um passo mais perto.

— Eu não vim para discutir a guerra.

Erawan ficou quieto. E disse aos guardas: — Deixe-nos.

CAPÍTULO 74

Como um só, os guardas do lado de fora da torre de Erawan se afastaram.

Sozinho, o rei Valg permanecia bloqueando a entrada de sua torre quando Maeve disse:

— Isso significa que sou bem-vinda? — Ela afrouxou o aperto em seu manto e as dobras da frente se abriram para revelar o vestido transparente.

Os olhos dourados de Erawan examinaram cada centímetro.

Então o rosto dela.

— Embora você não acredite, você é a esposa do meu irmão.

Dorian piscou com isso. Na honra do demônio dentro do corpo masculino.

— Eu não tenho que ser — murmurou Maeve, e Dorian sabia, então, por que ela o havia avisado antes que eles fossem embora.

Uma sacudida de cabeça e seu espesso cabelo preto tornou-se dourado. Sua pele branca como a lua escureceu levemente, para um bronzeado. O rosto angular arredondado ligeiramente, olhos escuros clareando a turquesa e ouro.

— Nós poderíamos jogar assim, se você preferir.

Até a voz pertencia a Aelin.

Os olhos de Erawan brilharam, seu peito subindo em meio a uma respiração irregular.

— Isso atrairá você? — Maeve deu um meio sorriso que Dorian só tinha visto no rosto da rainha de Terrasen.

Repulsa e horror o agitaram. Ele sabia – sabia que não havia desejo verdadeiro nos olhos de Erawan por Aelin. Nenhum desejo

verdadeiro além da alegação, a dor.

A aparência de Maeve mudou novamente. O dourado dos cabelos empalideceu até chegar ao branco e os olhos turquesa queimaram até se tornarem da cor do ouro.

Raiva gelada, pura e não diluída rasgou Dorian enquanto Manon agora estava em pé diante do rei Valg.

— Ou talvez esta forma, bonita além de todos os cálculos — ela olhou para si mesma, sorrindo. — Ela era sua rainha pretendida quando esta guerra acabou, a Líder Alada? Ou apenas uma égua reprodutora de prêmios?

As narinas de Erawan se dilataram e Dorian se concentrou em sua respiração, nas pedras abaixo dele, qualquer coisa para impedir que sua magia explodisse com o desejo — o desejo verdadeiro — que passou pelo rosto de Erawan.

Mas se isso levasse Maeve para dentro daquela torre — Erawan piscou e esse desejo se apagou.

— Você é a esposa do meu irmão — disse ele. — Não importa de quem você veste a pele. Se precisar se liberar, enviarei alguém para seus aposentos.

Com isso, ele fechou a porta. E não surgiu novamente.



Maeve trouxe Dorian para sua reunião na manhã seguinte.

No bolso da capa, como rato de campo, Dorian ficou quieto e escutou.

— Depois de todo aquela algazarra da noite passada. — Erawan estava dizendo. — Você desviou o que lhe enviei.

De fato, quinze minutos depois que voltaram para a torre de Maeve, uma batida soou. Um jovem de rosto inexpressivo ficou ali, lindo e frio. Não um príncipe — não com o anel que ele usava. Apenas um humano escravizado. Maeve o mandou embora, embora não fosse bondade alguma.

Não, Dorian sabia que o homem tinha sido poupado de seus deveres por causa de sua própria presença e nada mais. Maeve

tinha dito a ele antes que caísse no sono.

— Eu esperava vinho — disse Maeve suavemente. — E não uma cerveja aguada.

Erawan riu e o papel farfalhou.

— Eu estive considerando mais detalhes desta aliança, irmã — o título era uma farpa, uma provocação da rejeição da noite passada.

— E eu tenho pensado: o que mais você trará para isso? Você tem mais a ganhar do que eu, afinal de contas. E oferecer seis de suas aranhas é relativamente pouco, mesmo que tenham sido anfitriãs receptivas às princesas.

As orelhas de Dorian se esticaram enquanto ele esperava pela resposta de Maeve. Ela disse baixinho, mais tenso do que ele a ouviu falar antes:

— O que é que você quer, irmão?

— Traga o resto do *kharankui*. Abra um portal e transporte-os aqui.

— Nem todos serão anfitriões tão dispostos.

— Não anfitriões. Soldados. Não pretendo arriscar. Não haverá segunda fase.

O estômago de Dorian se torceu. Maeve hesitou.

— Há uma chance, você sabe, que mesmo com tudo isso, mesmo se eu convocar o *kharankui*, de que você pode enfrentar Aelin Galathynius e falhar — uma pausa. — Anielle confirmou seus medos mais sombrios. Eu ouvi o que aconteceu. O poder que ela convocou para deter o rio. — Maeve cantarolou. — Isso foi feito para mim, você sabe. A explosão. Mas se ela convocar novamente, digamos, contra você em um campo de batalha... Você seria capaz de ir embora, irmão?

— É por isso que esta pressão para o norte com suas aranhas será vital — foi a única resposta de Erawan.

— Talvez — Maeve respondeu. — Mas não se esqueça que você e eu juntos poderíamos vencer. Sem as aranhas. Sem as princesas. Até mesmo Aelin Galathynius não podia ficar de pé contra nós dois.

Podemos ir para o norte e obliterá-la. Mantenha as aranhas em reserva para outros reinos. Outros tempos.

Ela não queria sacrificá-las. Como se ela tivesse algum carinho pelos seres que permaneceram leais por milênios.

— E, além disso — continuou Maeve. — Você sabe muito sobre caminhar entre mundos. Mas nem tudo. — Sua mão deslizou no bolso, e Dorian se preparou enquanto os dedos dela corriam por suas costas. Como se lhe dissesse para ouvir.

— E suponho que só vou descobrir quando você e eu vencermos esta guerra — disse Erawan por fim.

— Sim, embora eu esteja disposta a lhe dar uma exibição. Amanhã, depois de me preparar — mais uma vez, aquele silêncio horrível até que Maeve continuou: — Eles são fortes demais, poderosos demais para eu abrir um portal entre os reinos para permitir que eles passem. Eles desestabilizariam muito a minha magia no esforço de trazer tudo o que são para este mundo. Mas eu poderia mostrá-los a você - só por um momento. Eu poderia te mostrar seus irmãos. Orcus e Mantyx.

CAPÍTULO 75

Darrow e os outros lordes de Terrasen haviam passado seu tempo com sabedoria nos últimos meses, graças aos deuses, e Orynth estava bem abastecida contra o cerco que marchava mais perto a cada hora que passava.

Alimentos, armas, suprimentos de cura, planos de onde os cidadãos poderiam dormir caso eles fugissem para o castelo, reforços nos locais ao longo da cidade e nas muralhas do castelo, onde a pedra antiga enfraquecera – Aedion sentia-se um pouco culpado.

No entanto, depois de uma noite de sono no seu antigo quarto no castelo – horrível, estranho e frio – ele estava rondando uma das torres inferiores quando a madrugada começou. Dali de cima, o vento era muito mais selvagem, mais gelado.

Passos constantes, denunciando a ele que estava sendo seguido, soavam no arco atrás dele.

— Eu te vi vindo até aqui enquanto seguia para o café da manhã — disse Ren a título de saudação. Os aposentos da corte de Allsbrook sempre estiveram na torre adjacente a de Aedion – quando eram meninos, eles passaram um verão planejando um sistema de sinalização para os quartos um do outro usando uma lanterna.

Foi o último verão que eles permaneceram com a amizade, uma vez que tinha começado a ficar claro para o pai de Ren que Aedion era favorecido quanto a fazer o juramento de sangue. E então a rivalidade começou.

Um verão: grosseiro e selvagem como ladrões. O seguinte: infundáveis competições de mijo, tudo, desde corridas pelos pátios até empurrões nas escadas até brigas no Grande Salão. Rhoe tentara desarmá-lo, mas Rhoe nunca fora um mentiroso confortável. Tinha se recusado a negar ao pai de Ren que Aedion era quem faria aquele juramento. E no final daquele verão, até mesmo o príncipe herdeiro começou a olhar para o outro lado quando os dois meninos se lançaram em mais uma briga no chão. Não que isso importasse agora.

Seu próprio pai, Gavriel, teria encorajado a rivalidade? Ele supôs que isso não importava também. Mas por um instante, Aedion tentou imaginá-lo – Gavriel aqui, presidindo seu treinamento. Seu pai e Rhoe, ensinando-o juntos. E ele sabia que Gavriel teria encontrado alguma maneira de acalmar a competição, muito no modo como ele mantinha a paz no quadro. Que tipo de homem ele teria se tornado, se o Leão estivesse aqui? Gavriel provavelmente teria sido massacrado com o resto da corte, mas... ele estaria aqui.

O caminho de um tolo pensar dessa forma. Aedion era quem ele era e, na maioria das vezes, não se importava nem um pouco. Rhoe tinha sido seu pai da maneira que contava. Mesmo que houvesse ocasiões em que Aedion olhara para Rhoe, Evalin e Aelin e ainda se sentisse apenas como um convidado.

Aedion sacudiu o pensamento de sua cabeça. Estar aqui, neste castelo, o havia adulterado. Arrastou-o para um reino de fantasmas.

— Não espere que Darrow distribua um café da manhã como os que costumávamos ter — disse Aedion. Não que ele esperasse ou quisesse um. Ele comeu apenas porque seu corpo exigia que ele o fizesse, porque ele era forte, e ele precisaria disso, seu povo precisaria, em pouco tempo.

Ren inspecionou a cidade, depois a planície de Theralis além. O horizonte ainda se encontrava vazio.

— Vou organizar os arqueiros hoje. E garanta que os soldados nos portões saibam como manejar esse óleo fervente.

— *Você* sabe como empunhar isso? — Aedion arqueou uma sobrancelha.

Ren bufou.

— O que há aprender? *Você* joga um caldeirão gigante no lado das paredes. Dano feito.

Certamente exigia um pouco mais de habilidade do que isso, mas era melhor que nada. Pelo menos Darrow se certificara de que eles tivessem esses suprimentos.

Aedion orou para que eles tivessem a chance de usá-los. Com as torres de bruxas de Morath, as chances eram que eles fossem explodidos em escombros antes que o hospedeiro inimigo chegasse a um dos dois portões da cidade.

— O que realmente poderíamos usar é algum fogo do inferno — Ren murmurou. — Isso os manteria longe dos portões.

E potencialmente derreter todos ao seu redor também.

Aedion abriu a boca para concordar quando suas sobrancelhas se estreitaram.

Ele examinou a planície, o horizonte.

— Fora com isso — disse Ren.

Aedion guiou Ren de volta para a entrada da torre.

— Precisamos conversar com Rolfe.



Nenhum sinal do fogo do inferno nos portões sul e oeste. De modo nenhum.

Eles esperaram até a cobertura da escuridão, quando os espiões de Morath não puderam identificar o pequeno grupo deles que se arrastou, milha após milha, através da Planície de Theralis.

Vestidos em preto de batalha, eles se moveram sobre o campo que mais uma vez seria banhado em sangue. Quando chegaram aos marcos que Aedion e Ren usaram as horas do dia para planejar, Aedion levantou a mão.

Os Assassinos Silenciosos fizeram jus ao nome deles quando Ilias sinalizou de volta e eles se espalharam. Entre eles, moviam-se os

Micênicos de Rolfe, carregando suas cargas pesadas.

Mas foi a metamorfa que começou a trabalhar primeiro. Transformando-se em um texugo gigante, maior que um cavalo, que escavou a terra congelada com patas fortes e hábeis.

O cheiro do sangue dela encheu o ar, mas Lysandra não parou de cavar.

E, quando terminou o primeiro buraco, ela passou para o seguinte, deixando o grupo de Assassinos Silenciosos e Micênicos para colocar a armadilha deles, então enterrá-lo mais uma vez.

O vento brutal gemia por eles. No entanto, eles trabalharam durante a noite, usaram cada minuto dado a eles. E quando eles terminaram, eles desapareceram de volta para a cidade, invisíveis mais uma vez.



Morath apareceu no horizonte um dia depois.

Das torres e passarelas mais altas do castelo, todas as linhas de marcha podiam ser contadas. Uma após a outra após a outra.

Com as mãos ainda machucadas e enfaixadas por cavar através da terra congelada, Lysandra ficou com uma variedade de seus aliados em uma dessas passarelas, Evangeline se agarrando a ela.

— São quinze mil — Ansel de Penhasco dos Arbustos anunciou quando surgiu outra linha. Ninguém disse nada. — Vinte.

— Morath deve estar vazio para agora ter tantos aqui — murmurou o príncipe Galan.

Evangeline tremeu, não inteiramente por conta do frio, e Lysandra apertou o braço ao redor da garota. Descendo a parede da passarela, Darrow e os outros lordes de Terrasen falavam em voz baixa. Como se sentisse a atenção de Lysandra, Darrow lançou um olhar estreito para ela – que então mergulhou para o pálido, sacudindo Evangeline. Darrow não disse nada e Lysandra não se deu ao trabalho de parecer agradável, antes de se voltar para seus companheiros.

— São trinta — disse Ansel.

— Podemos contar — Rolfe cortou.

Ansel ergueu uma sobrancelha vermelha como vinho.

— Você pode realmente?

Apesar do exército que marcha sobre eles, a boca de Lysandra se contraiu para cima.

Rolfe apenas revirou os olhos e voltou a observar o exército que se aproximava.

— Eles não vão chegar até o amanhecer, o mais cedo — observou Aedion, com o rosto sombrio.

Ela ainda não havia decidido que forma tomar. Onde lutar. Se ilken ainda voasse em suas fileiras, então seria uma serpente alada, mas se quartos mais próximos fossem necessários, então... ela não tinha decidido. Ninguém lhe pedira para estar em nenhum lugar em particular, embora o pedido de Aedion na outra noite para ajudar em seu plano selvagem tivesse sido um alívio raro dos dias de espera e temor.

Ela ficaria feliz em passar os dias nesse ritmo em vez do que se aproximava deles.

— Cinquenta mil — disse Ansel, lançando um olhar irônico para Rolfe.

Lysandra engoliu em seco contra o aperto na garganta. Evangeline pressionou o rosto na lateral do corpo de Lysandra.

E então as torres de bruxas tomaram forma.

Como lanças maciças se projetando do horizonte, elas apareciam através da luz cinzenta da manhã. Três delas se espalharam igualmente em meio ao exército que continuava a fluir atrás delas.

Até mesmo Ansel parou de contar agora.

— Não achei que seria tão terrível — sussurrou Evangeline, as mãos cravadas no manto pesado de Lysandra. — Eu não achei que seria tão miserável.

Lysandra deu um beijo no topo de seu cabelo vermelho-dourado.

— Nada de ruim lhe ocorrerá.

— Não tenho medo por mim — disse Evangeline. — Estou com medo por meus amigos.

Aqueles olhos citrinos de fato brilhavam com lágrimas de terror, e Lysandra afastou uma delas antes de ver as torres de bruxa avançando em direção a eles. Ela não tinha palavras para consolar a garota.

— A qualquer momento agora — murmurou Aedion, e Lysandra olhou para a planície coberta de neve.

Para as figuras que surgiram debaixo da neve, vestidas de branco. Flechas flamejantes colocadas em seus arcos. As linhas de frente de Morath estavam quase em cima deles, mas esses soldados não eram seus alvos.

Abaixo a parede, Murtaugh agarrou as pedras antigas quando uma figura que teve que ser Ren deu a ordem. Flechas flamejantes se arquearam e voaram, soldados Morath se escondendo sob seus escudos.

Eles não se incomodaram em olhar sob seus pés.

Nem as bruxas que lideravam suas três torres.

As flechas flamejantes atingiram a terra com uma precisão mortal, graças aos Assassinos Silenciosos que manejavam aqueles arcos.

Bem no topo das linhas de fusíveis que fluíam diretamente nos poços que eles cavaram. Assim quando as torres de bruxas passaram por eles.

Flashes cegantes separaram o mar negro do exército. Então o poderoso *boom*.

E então uma chuva de pedras, todas as forças de Morath se voltando para ver. Proporcionando a distração correta, Ren, Ilias e os Assassinos Silenciosos correram a pé para os cavalos brancos escondidos atrás de um monte de neve.

Quando o flash clareou, quando a fumaça se foi, um suspiro de alívio desceu pela passarela.

Duas daquelas torres de bruxas estavam diretamente sobre os poços. Poços que haviam enchido com os reatores químicos e pós que alimentavam os bastidores de Rolfe, depois escondidos sob a terra – esperando por uma faísca para acendê-los.

Aquelas duas torres agora jaziam na ruína dispersa, suas serpentes aladas quebradas abaixo delas, soldados espremidos sob pedras caindo.

No entanto, uma ainda estava de pé, a cova que estava mais perto de explodir cedo demais. Um das serpentes aladas que a havia puxado fora atingida por escombros de outra torre – e estava morta ou ferida.

E aquela terceira torre restante havia parado.

Um mau chifre baixo soou do hospedeiro inimigo e o exército parou também.

— Agradeça aos deuses no cio — disse Rolfe, curvando a cabeça.

Mas Aedion ainda estava olhando para a planície – para as figuras a cavalo galopando para as paredes de Orynth. Certificando-se de que todos retornaram.

— Quanto tempo isso vai impedi-los? — Perguntou Evangeline.

Todos, inclusive Darrow, se voltaram para a garota. Ninguém teve uma resposta. Nenhuma mentira para oferecer.

Então eles novamente enfrentaram o exército reunido na planície, seus confins mais distantes agora visíveis.

— Cem mil — Ansel de Penhasco dos Arbustos anunciou suavemente.

CAPÍTULO 76

— É possível mostrar um mundo diferente? — Dorian perguntou a Maeve quando eles estavam novamente no quarto da torre.

Maeve sentou-se numa cadeira, seu rosto distante.

— Usando espelhos, sim.

Dorian levantou uma sobrancelha.

— Você viu por si mesma o poder dos espelhos de bruxa. O que isso fez com Aelin Galathynius e Manon Bico Negro. Quem você acha que ensinou as bruxas tal poder? Não foram os fééricos. — Uma pequena risada. — E como você acha que eu pude ver até agora, ouvir as vozes dos meus olhos, por todo o caminho desde Doranelle? Existem espelhos para espionar, para viajar, para matar. Mesmo agora, Erawan usa-os a seu favor com as Dentes de Ferro. — Com as torres de bruxas.

Maeve descansou, uma rainha sem coroa.

— Eu posso mostrar a ele o que ele deseja ver.

Dorian abriu a boca, e depois considerou as palavras.

— Uma ilusão. Você não planeja mostrar a ele Orcus ou Mantyx de jeito nenhum.

Ela deu um olhar frio para ele.

— Um truque de mão, enquanto você entra na torre.

— Eu não posso entrar.

— Eu sou uma caminhante do mundo — disse Maeve. — Eu viajei entre universos. Você acha que se mover entre quartos será tão difícil?

— Alguma coisa impediu você de ir a Terrasen todos esses anos.

A mandíbula de Maeve se apertou.

— Brannon Galathynius estava ciente dos meus dons para se mover entre os lugares. As proteções ao redor de seu reino me impedem.

— Então você não poderia transportar os exércitos de Erawan para ele.

— Não. Eu só posso entrar a pé. Há muitos deles, de qualquer maneira, para eu segurar o portal por tanto tempo.

— Erawan está ciente do seu dom, então ele provavelmente terá tomado medidas para proteger seu próprio quarto.

— Sim, e eu gastei meu tempo aqui, lentamente, desvendando-os. Ele não é um especialista em feitiços tão habilidoso quanto pensa.

— Um sorriso arrogante e triunfante.

No entanto, Dorian perguntou:

— Por que não fazer isso desde o começo?

— Porque eu ainda não tinha decidido que valia a pena o risco.

Porque ele ainda não tinha me forçado a trazer minhas criadas aqui, para serem meras soldadas de infantaria.

— Você se preocupa com elas – as aranhas.

— Você vai descobrir, Sua Majestade, que um amigo leal é uma coisa rara, de fato. Não são tão fáceis de sacrificar.

— Você ofereceu seis delas àquelas princesas.

— E vou me lembrar disso enquanto eu viver — disse Maeve, e algum grão de emoção realmente dançou em seu rosto. — Elas foram de bom grado. Eu digo a mim mesma que sempre que olho para elas agora e não vejo nada das criaturas que eu conhecia. Elas queriam me ajudar. — Seus olhos encontraram os dele. — Nem todos os Valg são maus.

—Erawan é.

— Sim — ela disse, e seus olhos escureceram. — Ele e seus irmãos... são os piores da nossa espécie. Seu reinado foi através do medo e dor. Eles se deliciam com essas coisas.

— E você não?

Maeve enrolou um fio de tinta em torno de um dedo. E não respondeu.

Bem. Dorian continuou.

— Então você deve quebrar as alas de Erawan em seu quarto, abrir o portal para mim, e eu vou entrar enquanto você o distrai com uma ilusão sobre seus irmãos. — Ele franziu a testa. — Assim que eu encontrar a chave, ele saberá que você o enganou. Teremos que sair rapidamente.

Sua boca se curvou.

— Nós vamos. E vamos para onde quer que você tenha escondido as outras.

Dorian manteve todas as expressões longe de seu rosto.

— Você tem certeza de que ele não saberá que está sendo enganado?

— Orcus é seu irmão. Mas Orcus também era meu marido. A ilusão será real o suficiente.

Dorian pensou.

— A que horas fazemos o nosso movimento?



Ao anoitecer.

Foi quando Maeve disse a Erawan para se encontrarem. Esse espaço liminar entre luz e escuridão, quando uma força cederia a outra. Quando ela abriria o portal para Dorian de quartos a distância.

Quando o sol se pôs – não que Dorian pudesse vê-lo com as nuvens e a escuridão de Morath – ele se viu olhando para a parede do quarto de Maeve.

Ela tinha saído minutos atrás, com nada mais do que um olhar de despedida. Sua rota de fuga havia sido traçada, uma alternativa com ela. Tudo deve ir de acordo com o plano.

E o corpo que ele usava agora, o cabelo dourado e os olhos dourados... Se alguém, exceto o próprio Erawan, tropeçasse na torre, eles a encontrariam ocupada por seu mestre.

Ele não tinha espaço em si mesmo por medo, por dúvida. Não pensava nos colares de pedra de Wyrđ sob a fortaleza, ou em todas as salas e calabouços que ele atravessou. A escuridão caiu sob o quarto.

Dorian se recuou quando as pedras ficaram escuras, escuras, escuras – depois desapareceram.

O fedor da morte, da podridão e do ódio fluía. Muito mais pútrido que os níveis de tumba abaixo.

Ameaçou dobrar os joelhos, mas Dorian desenhou Damaris.

Usou seu poder e levantou a mão esquerda, uma leve luz dourada brilhando de seus dedos. Fogo.

Com uma prece a qualquer deus que se importasse em ajudá-lo, Dorian entrou no portal.

CAPÍTULO 77

Dorian não sabia o que esperar do quarto de um rei Valg, mas a cama de dossel de madeira preta esculpida, o lavatório e a escrivaninha, teria sido baixa em sua lista de suposições.

Nada de extraordinário. Não há tesouros roubados, armas antigas ou heranças, nem poções ou livros de feitiços borbulhantes, nem bestas rosnando no canto. Nenhum adicional de colares de pedra de Wyrđ.

Um quarto e nada mais.

Ele examinou a sala circular, indo tão longe a ponto de observar a escada. Um tiro direto para a porta de ferro e guardas postados do lado de fora. Sem armários. Sem alçapões.

Ele abriu o armário para encontrar fileira após fileira de roupas limpas. Nenhuma das gavetas continha nada – e não havia compartimentos escondidos.

Mas ele sentiu isso. Aquela presença do outro mundo, terrível.

Podia sentir tudo ao seu redor...

Um pequeno ruído o fez girar.

Dorian olhou para a cama então. No que sentira falta, deixara entre os lençóis de obsidiana, que quase engoliu seu corpo frágil e pequeno.

A jovem mulher. Seu rosto estava oco, vazio. No entanto, ela olhou para ele. Como se ela tivesse acordado.

Uma garota bonita de cabelos escuros. Não mais do que vinte.

Uma quase gêmea de Kaltain.

Bile queimou sua garganta. E quando a garota se sentou mais longe, os lençóis se afastaram para revelar um corpo nu e

desperdiçado, revelando um braço muito fino e a horrenda cicatriz arroxeadada perto do pulso... Ele sabia por que ele sentira a presença da chave por toda a fortaleza. Movendo-se. Desaparendo.

Estava andando. Arrastando seu mestre. Sua escravizadora.

Um colar de pedra negra estava preso em torno de sua garganta.

E ainda assim ela se sentou naquela cama amarrotada. Olhando para ele.

Oco e vago – e com dor.

Ele não tinha palavras. Houve apenas um toque de silêncio.

Kaltain destruiu o príncipe Valg dentro dela, mas a chave de Wyrd a enlouqueceu. Tinha a dado poder terrível, mas arrancou sua mente.

Dorian devagar, com cuidado, deu um passo para mais perto da cama.

—Você está acordada — disse ele, mudando sua voz para o sotaque do rei Valg. Sabendo que era o seu captor, ela viu.

Um piscar de olhos.

Dorian havia testemunhado os experimentos de Erawan, os horrores de suas masmorras. No entanto, esta jovem mulher, tão faminta, os hematomas em sua pele, a coisa profana em seu braço, a coisa profana que ele conheceu tinha compartilhado esta cama com ela...

Ele se atreveu a desenrolar um fio de seu poder. Ele se aproximou do braço e recuou.

Sim, a chave estava lá.

Ele se aproximou, querendo que ela não olhasse para o portal na parede.

A jovem tremia – apenas ligeiramente.

Ele se obrigou a não vomitar. Não para fazer nada, mas olhá-la com um comando legal quando ele disse:

— Dê-me seu braço.

Seus olhos castanhos examinaram seu rosto, mas ela estendeu o braço.

Ele quase cambaleou de volta ao ferimento, as veias negras subindo a partir dele. Vazando seu veneno para ela. Como a ferida de Kaltain parecia sem dúvida e por que a cicatriz permaneceu, mesmo na morte.

Mas ele embainhou Damaris e tomou o braço dela nas mãos dele. Gelo. Sua pele era como gelo.

— Deite-se — disse ele.

Ela tremeu, mas obedeceu. Se preparando. Para ele.

Kaltain. Ah deuses, Kaltain. O que ela suportou...

Dorian libertou a faca ao seu lado – a que Sorrel lhe dera – e inclinou-a sobre o braço dela. Kaltain fizera o mesmo para libertá-la, dissera Manon.

Mas Dorian enviou um lampejo de sua magia de cura para o braço dela. Para entorpecer e acalmar. Ela se debateu, mas ele se manteve firme. Deixe sua mágica fluir através dela. Ela engasgou, arqueando, e Dorian se aproveitou de sua súbita quietude para mergulhar na faca, rápido e hábil.

Três movimentos, sua magia de cura ainda trabalhando através dela, acalmando-a o melhor que podia, e o fragmento ensangüentado estava em seus dedos. Pulsando seu poder oco e doentio através dele.

A chave de Wyrđ final.

Ele largou o braço dela, colocando a chave de Wyrđ no bolso e se virou para o portal.

Mas uma mão envolveu a dele, fraca e trêmula.

Ele girou, uma mão indo para Damaris, e a encontrou olhando para ele. Lágrimas escorreram pelo rosto dela.

— Me mate — ela respirou. Dorian piscou. — Você, você empurrou de volta. — não a chave, mas o demônio dentro dela, ele percebeu. De alguma forma, com aquela magia de cura... — Mate-me — ela disse, e começou a soluçar. — *Mate-me*, por favor.

Damaris se aqueceu em sua mão. Verdade. Ele ficou boquiaberto com horror.

— Eu não posso.

Ela começou a arranhar o colar em torno de sua garganta.

Como se ela fosse libertar.

— *Por favor* — ela soluçou. — *Por favor.*

Ele não teve tempo. Para encontrar uma maneira de tirar esse colar. Não tinha certeza se poderia sair, sem o anel de ouro que Aelin usara nele.

— Eu não posso.

Desespero e agonia inundaram seus olhos.

— Por favor — foi tudo o que ela disse. — Por favor.

Damaris permaneceu quente. Verdade. O pedido não passava de verdade.

Mas ele tinha que ir – tinha que ir *agora*. Ele não podia levá-la com ele. Sabia que aquela coisa dentro dela, no entanto sua magia tinha empurrado de volta, iria emergir novamente. E gritar para Erawan onde ele estava. O que ele roubou.

Ela chorou, as mãos rasgando seu corpo brutalizado.

— *Por favor.*

Seria uma misericórdia matá-la? Seria um crime pior deixá-la aqui, com Erawan? Escravizado para ele e o demônio Valg dentro dela?

Damaris não respondeu a suas perguntas silenciosas.

E ele deixou a mão cair da lâmina completamente enquanto olhava para a garota chorosa.

Manon teria terminado isso. Libertou-a no único caminho que restou. Chaol a teria levado com ele e amaldiçoado as consequências. Aelin... Ele não sabia o que ela teria feito.

Quem você quer ser?

Ele não era nenhum deles. Ele era – ele não era nada além de si mesmo.

Um homem que conheceu a perda e a dor, sim. Mas um homem que conheceu a amizade e a alegria.

A perda e a dor – elas não o haviam quebrado completamente.

Sem elas, os momentos de felicidade seriam tão brilhantes? Sem elas, ele lutaria tanto para garantir que isso não acontecesse

novamente?

Quem você quer ser?

Um rei digno de sua coroa. Um rei que iria reconstruir o que havia sido destruído, tanto dentro dele como em suas terras.

A garota soluçou e soluçou, e a mão de Dorian foi em direção ao punho de Damaris.

Então um estalo soou. Osso estalando.

Um momento, a garota estava chorando. No seguinte, a cabeça dela virou para o lado, sem ver os olhos.

Dorian girou, um grito em seus lábios quando Maeve entrou no quarto.

— Considere isso um presente de casamento, Majestade — disse ela, seus lábios se curvando. — Por poupá-lo dessa decisão.

E era o sorriso no rosto dela, o andar predatório de seus passos que tinha sua magia tinha reunido.

Maeve apontou para o bolso dele.

— Bem feito.

Seu poder sombrio saltou sobre sua mente.

Ele não teve a chance de agarrar Damaris antes de ser preso em sua teia escura.

CAPÍTULO 78

Ele estava no quarto de Erawan e não estava.

Maeve ronronou para ele:

— A chave, se você quiser.

A mão de Dorian deslizou em seu bolso. Para a lasca dentro.

— E então vamos recuperar as outras — continuou ela, e acenou para o portal através do qual ambos tinham vindo. Ele a seguiu, puxando o fragmento do bolso. — Tantas coisas que planejei para nós, Majestade. Para a nossa união. Com as chaves, eu poderia mantê-lo eternamente jovem. E com seu poder, incomparável a ninguém, nem mesmo Aelin Galathynius, você nos protegerá de qualquer um que possa tentar retornar a este mundo novamente.

Eles emergiram em seu quarto e um golpe da mão de Maeve fez o portal desaparecer.

— Rapidamente agora — ela ordenou a ele. — Partiremos. A serpente alada nos espera.

Dorian parou no meio da câmara.

— Você não acha rude sair sem um bilhete.

Maeve se virou para ele, mas tarde demais.

Tarde demais, quando as garras que ela tinha cravado em sua mente ficaram atoladas. Quando a chama, quente e ardente, fechou-se sobre o pedaço, ela inconscientemente tentando capturá-lo.

Uma armadilha dentro de uma armadilha. Uma que ele havia formado desde o momento em que a viu. Foi um truque simples. Para *mudar* sua mente, como se ele estivesse mudando seu corpo. Para fazê-la ver uma coisa quando vislumbrou dentro dela.

Para fazê-la ver o que ela queria acreditar: seu ciúme e ressentimento de Aelin; seu desespero; sua tolice ingênua. Ele deixou sua mente se tornar essas coisas, deixar que ela a atraísse. E toda vez que ela chegava perto, caindo naqueles deslizamentos em seu poder, sua magia havia estudado a dela. Assim como havia estudado o núcleo roubado de mudança de forma de Cyrene, também aprendera a capacidade de Maeve de penetrar na mente, aproveitá-la.

Tinha sido apenas uma questão de esperar que ela fizesse seu movimento, para deixá-lo colocar a armadilha que ela fechava para selá-lo nela para sempre.

— Você — um sorriso dele, e Maeve parou de ser capaz de falar.

Dorian disse no escuro abismo de sua mente, *eu fui escravo uma vez. Você realmente não acha que eu me permitiria ser novamente, não é?*

Ela se debateu, mas ele a segurou firme. *Você vai me libertar*, ela sussurrou, e a voz não era de uma bela rainha, mas de algo cruel e frio. Faminto e odioso.

Você é velha como a Terra, e ainda assim pensou que eu realmente aceitaria sua oferta. Ele riu, deixando um pouco de fogo queimar. Maeve gritou, silenciosa e interminável em suas mentes.

Estou surpreso que você caiu na minha armadilha.

Eu vou te matar por isso.

Não se eu te matar primeiro. Seu fogo se tornou uma coisa viva, envolvendo sua garganta pálida. No mundo real, no lugar onde seus corpos existiam.

Você machucou minha amiga, ele disse com calma letal. *Não será tão difícil acabar com você por isso.*

É este o rei que você deseja ser? Torturando uma mulher indefesa?

Ele riu novamente. *Você não é indefesa. E se eu pudesse, eu iria selar você em uma caixa de ferro por toda a eternidade.* Dorian olhou para as janelas. Para a noite além. Ele teve que ir – depressa.

Mas ele ainda disse: *O rei que eu quero ser é o oposto do que você é.* Deu um sorriso a Maeve. *E há apenas uma bruxa que será minha rainha.*

Um gemido roncou pela montanha abaixo deles. Morath estremeceu.

Os olhos de Maeve se arregalaram ainda mais.

Uma rachadura mais alta que o trovão ecoou pelas pedras. A torre balançou.

A boca de Dorian se curvou para cima. *Você não acha que eu passei todas aquelas horas apenas procurando, não é?*

Ele não permitiria que existisse outro dia – aquela câmara com os colares. Não mais um dia.

Então ele traria a maldição toda em cima.

Não foi difícil. Pequenos fragmentos de magia, de gelo mais frio, que atravessavam as rachaduras da fundação de Morath. Isso corroeu a pedra antiga. Pouco a pouco, uma teia de instabilidade crescia com cada sala e sala que ele procurava. Até que toda a metade oriental da fortaleza estivesse equilibrada apenas com sua vontade.

Até agora. Até que em meio pensamento teve sua magia se expandindo através dessas rachaduras, caindo sobre eles.

E então Morath começou a desmoronar.

Sorrindo para Maeve, Dorian se retirou. Afastou-se, mesmo quando ele segurou sua mente.

A torre estremeceu novamente. A respiração de Maeve engatou.

Você não pode me deixar assim. Ele vai me encontrar, ele vai me levar...

Como você teria me levado? Dorian se transformou em um corvo, batendo no ar da câmara.

Morath gemeu novamente e, acima dele, ouviu-se um grito de raiva, tão penetrante e sobrenatural que seus ossos estremeeceram.

Diga Erawan, Dorian disse, parando no peitoril da janela, *que eu fiz isso por Adarlan.*

Por Sorscha e Kaltain e todos aqueles destruídos por ele.

Como a próprio Adarlan tinha sido destruída. Mas da ruína total, pode ser construído novamente. Se não por ele, então por outros.

Talvez esse seja seu primeiro e único presente para Adarlan como seu rei: uma lousa limpa, caso sobrevivam a essa guerra.

Gritos encheram os corredores. Ele marcou onde os servos humanos trabalhavam, onde moravam. Eles perceberiam, enquanto fugissem, que suas passagens permaneceriam estáveis. Até que todos eles estivessem fora.

Por favor, Maeve implorou, cambaleando de joelhos quando a torre balançou novamente. *Por favor.*

Ele deveria deixar Erawan encontrá-la. Condenar ela para a vida que ela pretendia para ele. Por Aelin.

Maeve se enrolou sobre os joelhos, sua mente e poder contidos. Esperando em desespero pelo rei sombrio a quem ela tentou tanto escapar. Ou para a fortaleza estremecida desmoronar ao seu redor.

Ele sabia que iria se arrepender. Sabia que ele deveria matá-la. Mas condená-la ao que ele suportou...

Ele não desejaria isso a ninguém. Mesmo que isso lhes custe esta guerra.

Ele não achou que isso o enfraquecesse. De modo nenhum.

Além da janela, Dentes de Ferro dispararam para o céu, suas serpentes aladas gritando quando as pedras de Morath começaram a ceder. No vale abaixo, o exército parou para espiar a montanha que se erguia acima deles. A torre tremendo construída sobre ela.

Por favor, Maeve disse novamente. Níveis abaixo deles, outro grito de raiva trovejou de Erawan – mais perto agora.

Então Dorian voou para a noite caótica.

O grito silencioso de desespero de Maeve seguiu em seus calcanhares. Todo o caminho até os picos com vista para Morath e aquele afloramento rochoso – para as duas chaves de Wyrd enterradas sob o xisto.

Ele mal conseguia se lembrar do próprio nome quando as colocou no outro bolso. Com todas as três chaves de Wyrd que agora estavam sobre ele.

Então ele voltou para a mente ainda amarrada a ele.

Foi simples como uma incisão. Para cortar o elo entre as mentes deles e separar outra parte dela. Para amarrar o presente que lhe permitiu saltar entre os lugares.

Para abrir esses portais.

Caminhante do mundo não mais, ele disse enquanto sua magia crua mudava a dela. Mudava sua essência. *Eu sugiro que você invista em um bom par de sapatos.*

Então ele soltou a mente de Maeve.

Um grito odioso e interminável foi a única resposta.

Dorian mudou novamente, tornando-se grande e cruel, não mais do que uma serpente alada do bando voando para o norte para trazer suprimentos para a legião aérea.

Um rei – ele poderia ser um rei para Adarlan nestes últimos dias que restaram para ele. Limpe a mancha e a podridão do que se tornou. Então pode começar de novo. Torne-se quem desejou ser.

Dorian pegou um vento rápido, navegando forte e rápido.

E quando ele olhou para trás, na montanha e no vale que cheirava a morte, no lugar onde tantas coisas terríveis haviam começado, Dorian sorriu e derrubou as torres de Morath.

CAPÍTULO 79

Yrene odiava o desfiladeiro Ferian, Odiava aquele ar sufocante entre os dois picos gigantesco, odiava os ossos e odiava o refúgio das serpentes aladas pelo chão rochoso, odiava o cheiro que saía das aberturas cavadas nas montanhas.

Pelo menos não havia ninguém. Por mais que eles ainda não tivessem decidido se isso era bom.

Os dois exércitos preenchiam o desfiladeiro, os soldados de Hasar já se preparando para fazer o cruzamento de volta sobre o Rio Avery até o emaranhado da Floresta de Carvalhal. *Essa* caminhada iria demorar uma era, mesmo com os rugin carregando os vagões e os suprimentos mais pesados. E então o impulso em direção ao norte pela floresta, indo pela rota antiga que margeava o ramo norte do Avery.

— Me passe aquela faca — Yrene disse para Lady Elide apontando com o queixo para a caixa de suprimentos. Deitado em um cobertor no fundo de um vagão coberto, estava um soldado Darghan, inconsciente, suor frio brilhando em sua testa. Ele não tinha ido ver uma curandeira depois de ter levado um corte na batalha de Anielle, e depois de ele ter caído do cavalo de manhã, ele havia fora conduzido até ali.

As mãos de Elide se mantiveram firmes quando ela pegou a faca e a passou para Yrene.

— Isso irá acordá-lo? — Ela perguntou enquanto Yrene se curvou sobre o guerreiro inconsciente e examinou a ferida infectada que era horrível o suficiente para causar náuseas na maioria dos estômagos.

— Minha magia o colocou em um sono profundo — Yrene girou a faca — Ele continuará inconsciente até eu decidir acordá-lo.

Elide, bom para ela, não vomitou quando Yrene começou a limpar a ferida, retirando as partes mortas e infectadas.

— Não há sinal de infecção no sangue, graças aos deuses. — Yrene anunciou quando o pano junto ao homem ficou cheio de carne podre descartada — Mas nós precisaremos colocar um líquido especial para ter certeza.

— Sua magia não pode simplesmente passar por ele? — Elide jogou o pano sujo em uma lata de lixo perto e pegou outro.

— Pode, e é isso que vai acontecer — Yrene disse, lutando contra sua máscara quando cheiro do ferimento se enfiou em suas narinas — mas talvez isso não seja o suficiente, se a infecção realmente quiser dar um show.

— Você fala de doenças como se elas fossem criaturas vivas.

— Elas são, em certo ponto — Yrene disse. — Com seus próprios segredos e temperamentos. Você às vezes precisa enganá-las, assim como você faria com qualquer inimigo Yrene pegou a lanterna espelhada do lado da cama e ajustou as placas internas para fazer brilhar um feixe de luz na ferida infectada.

Quando o brilho revelou que não havia mais sinais de carne apodrecida, ela se sentou largando a lanterna e a faca.

— Não era tão ruim como eu havia imaginado — ela admitiu e estendeu suas mãos na ferida ensanguentada.

Calor e luz floresceram dentro dela, como a memória de um verão na passagem dessas montanhas gélidas. Suas mãos brilhavam, a magia de Yrene a guiou pelo corpo do homem. A magia fluiu pelo sangue, tendão e osso, costurando e remendando, escutando as dores e a febre fugindo desenfreadas, deixando-as calmas, varrendo-as para longe.

Ela estava ofegante quando terminou mas a respiração do homem normalizou. O suor na testa havia secado.

— Explêndido. — Elide falou baixou, boquiaberta diante da perna agora lisa do guerreiro.

Yrene apenas virou a cabeça para o lado e vomitou na lata de lixo.

Elide se apressou para ajudá-la,

Mas Yrene levantou uma mão, limpando a boca com a outra.

— Por mais maravilhoso que seja saber que eu serei mãe em breve, a realidade dos primeiros meses não é tão maravilhosa.

Elide mancou até um jarro de água e serviu um copo.

— Aqui, há alguma coisa que eu posso te trazer? Você pode se curar? Ou precisa de outra pessoa?

Yrene tomou um gole da água, deixando-a limpar a bile amarga.

— O vômito é sinal de que o bebê está progredindo ela pôs as mãos no ventre. — Não é algo que possa ser curado, ao menos que eu tivesse uma curandeira dia e noite diminuindo as náuseas.

— É tão ruim assim? — Elide franziu a testa.

— Hora horrível para engravidar, eu sei — Yrene suspirou — A melhor coisa é gengibre — qualquer coisa de gengibre. Mas eu prefiro economizar para os estômagos famintos dos nossos soldados. Hortelã também ajuda — Ela apontou para a mochila — Eu tenho algumas folhas secas ali, bote elas em um copo cheio de água quente e eu ficarei bem. — Atrás delas, havia uma brasa e uma chaleira fumegante usada para desinfetar instrumentos e não para chá.

Elide foi preparar o chá enquanto Yrene à observava.

— Eu posso curar sua perna, sabia?

Elide parou, a mão alcançando a chaleira.

— Sério?

Yrene esperou até que a Lady a entregasse um copo cheio de chá de hortelã até assentir em direção às botas dela.

— Posso ver o ferimento?

Elide hesitou, mas sentou no banquinho ao lado. Yrene arrancou suas botas, e a meia por baixo.

Yrene analisou as cicatrizes, o osso torcido. Elide tinha contado dias atrás porque ela tinha aquele ferimento.

— Não infeccionou, você é sortuda — Yrene tomou outro gole do chá que ainda estava muito quente, e o deixou de lado e deu um tapinha no colo. Elide obedeceu e colocou sua perna na coxa de Yrene. Cuidadosamente, Yrene tocou as cicatrizes e os ossos mutilados, sua magia fazendo a mesma coisa.

A brutalidade do ferimento foi o suficiente para deixar Yrene com a respiração pesada. E a fez pressionar os dentes ao pensar o quão Elide era nova, quanta dor ela não tinha sentido – sabendo que o próprio tio havia feito isso.

— Tem algo errado? — Elide perguntou.

— Nada... quer dizer, não mais do que você já sabe.

Tanta crueldade, terrível e imperdoável.

Yrene puxou a magia para dentro de si, mas manteve as mãos no tornozelo de Elide.

— Esse ferimento vai exigir semanas de trabalho e reparação, e nas nossas circunstâncias atuais, eu acho que nenhuma de nós tem condições de passar por isso — Elide concordou — Mas se nós sobrevivermos à guerra, eu posso te ajudar, se você quiser.

— E o que isso implicaria?

— Você tem duas opções — Yrene disse, deixando um pouco da magia correr pela perna de Elide, acalmando os músculos doloridos, onde o osso pressionava o músculo sem amortecimento.

Elide suspirou.

— O primeiro passo é o mais complicado. Eu tenho que reestruturar seu pé e tornozelo. O que quer dizer que eu vou ter que quebrar osso, tirar as partes que se curaram ou se fundiram incorretamente, e regenerá-los. Você não poderá andar enquanto isso, e mesmo que eu possa te dar algo para amenizar a dor, seria agonizante. — Não havia porque esconder a verdade — Eu precisaria de três semanas para quebrar os ossos e recolocá-los, mas você precisaria de, no mínimo, um mês de repouso e teria que reaprender a andar.

O rosto de Elide empalideceu.

— E a outra opção?

— A outra opção seria não curar o ferimento – mas lhe dar um profilático – como aquele que Lorcan te deu com a magia dele – para te ajudar com a dor. Mas eu já lhe aviso: a dor nunca irá sumir totalmente, do jeito que seus ossos se colocam juntos aqui — ela tocou gentilmente um ponto no pé de Elide. — A artrite já está se estabelecendo, essa dor que você sente quando caminha, só vai piorar. Pode chegar a um ponto daqui a alguns anos – talvez daqui há 5 anos ou 10 – é difícil dizer, a dor será tão forte que nenhuma magia irá ajudar.

— Então eu precisarei fazer o tratamento de qualquer maneira.

— Depende se você decidir quando quer fazer o tratamento. Eu só quero que você tenha noção do que lhe espera. — Ela sorriu para a Lady — Depende de como você quer encarar isto.

Yrene deu uma batida no pé de Elide, e ela o pôs no chão antes de recolocar a meia, então sua bota. Eficiente, movimentos fáceis.

Yrene continuou a beber seu chá, agora em uma temperatura mais agradável. A energia fresca da hortelã a percorreu, acalmando seu estômago.

Elide disse:

— Eu não sei se consigo encarar aquela dor novamente.

Yrene assentiu.

— Esse tipo de ferimento requer que você encare muitas coisas no seu interior — ela encarou a entrada do vagão. — Eu e meu marido vivemos uma longa jornada juntos.

— Foi difícil?

— Muito. Mas ele conseguiu. Nós conseguimos.

Elide considerou o que ela disse e então encolheu os ombros.

— Imagino que precisamos sobreviver à esta guerra primero. E se sobrevivermos, então podemos conversar sobre isso de novo.

— Muito justo.

Elide franziu a testa em direção ao teto do vagão.

— Eu imagino o que eles acharam lá em cima.

Em cima do Canino do Norte e Ômega, onde Chaol e os outros estavam agora se encontrando com os reprodutores e vaqueiros que

foram deixados para trás.

Yrene não queria saber mais que isso, e Chaol não tinha nenhuma ideia de como eles extraíam qualquer informação daqueles homens.

— Espero que seja algo que faça valer a pena a visita a este lugar horrroso — Yrene murmurou, e então bebeu o resto do seu chá. Quando mais cedo eles saíssem dali, melhor.

Como se os deuses tivessem rindo dela – delas duas. Uma batida nas portas do vagão fez Elide mancar até elas, um pouco antes de Borte aparecer. Seu rosto solene.

Yrene se segurou mas o montador ruk estava falando com Elide.

— Você tem que vir comigo — Borte disse, sem fôlego.

Atrás da garota, Arcas esperava, como um pardal empoleirado na sela. Falkan Ennar. Não um companheiro, mas um guarda a mais.

Elide perguntou:

— Tem algo errado?

Borte moveu-se com impaciência ou nervosismo. Yrene não soube diferenciar.

— Eles encontraram alguém na montanha. Eles te querem lá em cima – para decidir o que fazer com ele.

Elide congelou.

Yrene perguntou:

— Quem?

A boca de Borte se apertou.

— O tio dela.



Elide se perguntou se os rukhin iriam evitá-la para sempre se ela vomitasse em Arcas. De fato, durante o voo rápido e íngreme que atravessa o Canino do Norte e Ômega, tudo que ela não poderia fazer era derramar tudo do seu estômago nas penas do pássaro.

— Eles o encontraram se escondendo no Canino do Norte — Borte disse antes de puxar Elide para a sela. Falken voou até a face da passagem. — Ele estava tentando se passar por um domador de

serpente alada, mas um dos outros domadores o dedurou. A Rainha Aelin te chamou assim que eles o tinham contido. Seu tio, eu quis dizer, não o domador.

Elide não foi capaz de responder, apenas assentiu.

Vernon estava lá. No desfiladeiro. Não em Morath com o seu mestre, mas *aqui*.

Gavriel e Fenrys estavam esperando quando Arcas aterrissou na entrada cavernosa dentro do Canino do Norte. A pedra áspera parecia uma boca escancarada, o fedor do que se encontrava em seu interior fez o seu estômago revirar-se novamente. Como carne apodrecida ou pior. Cheiro Valg, sem dúvida, mas também o cheiro de ódio e crueldade entupindo os corredores apertados sem ar.

Os dois machos feéricos silenciosamente se postaram ao seu lado quando ela entrou. Sem sinal de Lorcan ou Aelin, ou do seu tio.

Homens mortos estavam jogados nos corredores escuros pelos quais Fenrys e Gavriel a guiavam, mortos pelos rukhin quando eles invadiram a caverna. Nenhum deles vazava sangue preto, mas eles ainda tinham aquele fedor. Como se esse lugar tivesse infectado suas almas.

— Eles estão ali em cima Gavriel disse, baixo, gentilmente.

As mãos de Elide começaram a tremer, e Fenrys colocou a sua no seu ombro.

— Ele esta bem preso.

Ela sabia que não era com meras cordas e correntes.

Provavelmente preso com gelo e fogo e talvez também o poder negro de Lorcan.

Mas isso não a impediu de tremer, de se sentir pequena e frágil ela se sentiu quando virou o corredor e viu Aelin, Rowan e Lorcan de pé na frente de uma porta fechada. Mais longe no corredor, Nesryn e Sartaq junto com o Lorde Chaol, esperado. Esperando uma decisão.

Deixando Elide decidir.

O rosto sério de Lorcan estava congelado de raiva, seus olhos sem fundo pareciam piscinas frígidas de noite. Ele disse, baixo.

— Você não precisa entrar lá.

— Nós a trouxemos aqui — Aelin disse, o rosto era a expressão de raiva contida. — Para você decidir o que faremos com ele, se você quiser falar com ele antes de nós falarmos.

Um olhar para as facas ao lado de Rowan e Lorcan, para os dedos enrolados da rainha e ela sabia bem o que envolveria a conversa que eles teriam.

— Você quer dizer, torturá-lo por informação? — Ela não ousou olhar nos olhos de Aelin.

— Antes dele receber o que merece. — Lorcan grunhiu.

Elide olhou de relance para o homem que ela amava e para a rainha que ela servia. Seu andar manco nunca pareceu tão evidente, tão óbvio, quando ela deu um passo à frente.

— Porque ele está aqui?

— Ele ainda não falou, mas irá — Rowan disse. — E por mais que nós ainda não confirmamos que você está aqui, ele suspeita — ele olhou de relance para Lorcan. — A escolha é sua, Lady.

— Vocês vão matá-lo independente do que eu decidir?

— Você quer que a gente o mate? — Lorcan perguntou.

Há meses atrás ela havia pedido para que ele o matasse, e Lorcan concordou. Isso tinha sido antes Vernon e os Ilken tentaram sequestrá-la — na noite que ela estava decidida a abraçar a escuridão do que voltar à Morath.

Elide olhou para dentro de si mesma. Eles lhe concederam a cortesia do silêncio.

— Eu gostaria de conversar com ele antes de decidirmos o seu destino.

Um aceno de Lorcan foi a única resposta que ela obteve antes dele abrir a porta diante dele.

Tochas cintilavam, a câmara estava vazia salvo por uma escrivaninha contra uma das paredes.

E por seu tio encadeado por ferro grosso, sentado em uma cadeira de madeira. Sua atitude fina estava gasta, seus cabelos negros, descabelados, como se ele tivesse lutado contra o encarceramento.

De fato, havia sangue seco em uma de suas narinas e seu nariz estava inchado.

Destruído.

Um olhar de relance para Lorcan, confirmou que ele tinha sangue nas juntas.

Vernon endireitou-se quando Elide parou a vários passos de distância, a porta estava fechada. Aelin e Lorcan estavam a poucos passos atrás dela. Os outros ficaram no corredor.

— Você está andando com uma companhia poderosa ultimamente, Elide — disse Vernon.

Aquela voz. Mesmo com o nariz quebrado, aquela horrível voz de seda a atingiu como garras arranhando sua pele. Mas Elide manteve o queixo alto, manteve os olhos sobre o tio.

— Porque você está aqui?

— Primeiro você joga aquele bruto em cima de mim Vernon apontou para Lorcan. — E depois você envia uma garota doce para me persuadir a responder suas perguntas. — ele sorriu para Aelin — Uma técnica sua, Majestade?

Aelin se apoiou contra a parede de pedra, as mãos deslizando para os bolsos. Nada humano em seu rosto. Elide percebeu que mesmo que as mãos da rainha estivessem tapadas, elas se modificaram.

Se envolveram de ferro.

Há apenas semanas atrás era a rainha que estava na posição de Vernon. E agora parecia que ela permanecia ali por vontade própria.

Ela estava ali pronta para arrancar informações de Vernon, pelo bem de Elide.

Isso a deu força suficiente para que Elide falasse para o tio.

— Suas respirações estão contadas, eu sugiro que as use sabiamente.

— Cruel — Vernon sorriu — O sangue de bruxa correndo em suas veias mostrou ao que veio no fim das contas.

Ela não conseguia aguentar. Estar naquele cômodo com ele.

Respirar o mesmo ar que o mesmo homem que sorriu enquanto seu pai era executado, sorriu enquanto ele a prendeu na torre por dez anos, sorriu enquanto tocava Kaltain, feito coisa pior até, depois tentou vender Elide para Erawan para reprodução.

— Porque? — Ela perguntou. Era a única dúvida que ela podia imaginar, que realmente importava. — Porque fazer isso?

— Já que minhas respirações estão limitadas — disse Vernon. Eu suponho que não faz nenhuma diferença o que digo para você. — Um pequeno sorriso curvou seus lábios. — Porque eu podia. — Disse seu tio. Lorcan rosnou. — Porque meu irmão, seu pai era um bruto insuportável, cuja única qualificação para governar era a ordem de nosso nascimento. Um guerreiro-bruto. — Cuspiu Vernon, zombando de Lorcan. Então de Elide. — A preferência da sua mãe parece ter passado para você também. — Um abalo odioso da cabeça. — Que pena. Ela era uma beleza rara, você sabe. É uma pena que ela tenha sido morta, defendendo Sua Majestade. — O calor se espalhou pelo quarto, mas o rosto de Aelin permaneceu imóvel. — Pode ter havido um lugar para ela em Perranth se ela não tivesse...

— Chega — disse Elide suavemente, mas não fracamente. Ela deu outro passo em direção a ele. — Então você estava com inveja. Do meu pai. Inveja da sua força, seu talento. De sua esposa. — Vernon abriu a boca, mas Elide levantou a mão. — Eu ainda não terminei.

Vernon piscou.

Elide manteve a respiração firme, ombros para trás.

— Eu não me importo porque você está aqui. Não me importo o que eles planejam fazer com você. Mas eu quero que você saiba que uma vez que eu saia desta sala, eu nunca vou pensar em você novamente. Seu nome será apagado de Perranth, de Terrasen, de Adarlan. Nunca haverá nem um sussurro que seja de você, nem nenhum lembrete. Você será esquecido.

Vernon empalideceu – apenas ligeiramente. Então ele sorriu.

— Apagado de Perranth? Você diz isso como se você não soubesse, *Lady* Elide. — Ele se inclinou para a frente, tanto quanto

suas correntes permitiram. — Perranth agora está no mãos de Morath. *Sua* cidade foi saqueada.

As palavras ondularam através dela como um golpe, e até mesmo Lorcan respirou fundo.

Vernon se inclinou para trás, presunçoso como um gato.

— Vá em frente e me apague, então. Com os escombros, não será difícil de fazer.

Perranth havia sido capturada por Morath. Elide não precisou olhar por cima do ombro para saber que os olhos de Aelin estavam quase brilhando. Ruim — isso foi muito pior do que eles previram. Eles tinham que se mexer rapidamente. Ir para o norte o mais rápido que pudessem.

Então Elide se virou para a porta, Lorcan se aproximando para abri-la para ela.

— É isso? — Vernon exigiu.

Elide fez uma pausa. Se virou lentamente.

— O que mais eu poderia ter a dizer para você?

— Você não me pediu detalhes — outro sorriso de cobra. — Você ainda não aprendeu a jogar o jogo, Elide.

Elide devolveu seu sorriso com um de seus próprios.

— Não há nada mais que eu gostaria de ouvir de você — ela olhou para Lorcan e Aelin, em direção aos seus companheiros reunidos no corredor. — Mas eles ainda tem dúvidas.

O rosto de Vernon ficou da cor de leite estragado.

— Você quer me deixar nas mãos deles, totalmente indefeso?

— Eu estava indefesa quando você deixou minha perna permanecer sem cura — disse ela, com um tipo estável de calma sobre ela. — Eu era criança e sobrevivi. Você é um homem adulto. — Ela deixou seus lábios se curvarem em outro sorriso. — Vamos ver se você sobrevive também.

Ela não tentou esconder seu mancar quando ela saiu. Quando ela pegou a atenção dos olhos de Lorcan e viu o orgulho brilhando lá.

Não um sussurro — nem um sussurro daquela voz que a guiara.

Não por medo, mas... Talvez ela não precisasse de Anneith, Lady das Coisas Sábias. Talvez a deusa soubesse que ela mesma não era necessária.

Não mais.



Aelin sabia que uma palavra dela e Lorcan arrancariam a garganta de Vernon. Ou talvez começasse quebrando seus ossos.

Ou a esfolar ele vivo, como Rowan tinha feito com Cairn.

Enquanto seguia Elide, a Lady de Perranth com a cabeça erguida, Aelin forçou sua própria respiração para permanecer estável.

Para se preparar para o que estava por vir. Ela poderia passar por isso. Empurrar além do tremor das mãos dela, o suor frio nas costas dela. Para descobrir o que eles precisavam, ela poderia encontrar alguma maneira de suportar esta próxima tarefa.

Elide parou no corredor, Gavriel, Rowan e Fenrys dando um passo mais perto. Nenhum sinal de Nesryn, Chaol, ou Sartaq, embora um grito provavelmente os convocasse neste labirinto supurado.

Deuses, o fedor deste lugar. A sensação disso.

Ela debateu durante a última hora se valia a sanidade e o estômago mudar de volta à sua forma humana – ao abençoado menor olfato que oferecia.

Elide disse para nenhum deles em particular:

— Eu não me importo com o que você faça com ele.

— Você se importa se ele sair vivo? — Lorcan disse com calma mortal.

Elide estudou o homem cujo coração ela segurava.

— Não.

Bom, Aelin quase disse. Elide acrescentou:

— Mas faça isso rápido — Lorcan abriu a boca. Elide sacudiu a cabeça. — Meu pai gostaria que fosse assim.

Puna todos eles, Kaltain fez Aelin prometer. E Vernon, pelo que Elide havia dito a Aelin, parecia estar no topo da lista de Kaltain.

— Precisamos questioná-lo primeiro — disse Rowan. — Ver o que ele sabe.

— Então faça — disse Elide. — Mas quando for a hora, faça isso rápido.

— Rápido — Fenrys pensou. — Mas não indolor?

O rosto de Elide estava frio, inflexível.

— Você pode decidir.

O sorriso brutal de Lorcan disse a Aelin o suficiente. O mesmo aconteceu com o machado, gêmeo de Rowan, brilhando ao seu lado.

Suas palmas ficaram suadas. Tinha estado suando desde que amarraram Vernon, desde que ela viu as correntes de ferro.

Aelin alcançou sua magia. Não a chama furiosa, mas a gotícula refrescante de água. Ela escutou sua música silenciosa, deixando-a passar por ela. E no seu rastro, ela sabia o que queria fazer.

Lorcan deu um passo em direção à porta da câmara, mas Aelin bloqueou seu caminho. Ela disse:

— Tortura não vai tirar qualquer coisa dele.

Até Elide piscou com isso.

Aelin disse:

— Vernon gosta de jogar jogos. Então eu vou jogar.

Os olhos de Rowan se fecharam. Como se ele pudesse sentir o suor em suas mãos, como se soubesse que fazer isso maneira antiquada... ela iria mandá-la vomitando acima da borda do Canino do Norte.

— Nunca subestime o poder de quebrar alguns ossos — retrucou Lorcan.

— Veja o que você pode tirar dele — Rowan disse a ela em seu lugar. Lorcan girou, abrindo a boca, mas Rowan rosnou: — Podemos decidir, aqui e agora, o que queremos ser como uma corte. Nós agimos como nossos inimigos? Ou encontramos métodos alternativos para quebrá-los?

Seu parceiro encontrou seu olhar, entendimento brilhando lá.

Lorcan ainda parecia pronto para discutir.

Acima da picada fantasma de correntes nos pulsos, o peso de uma máscara no rosto, Aelin disse:

— Faça do meu jeito primeiro. Você ainda pode matá-lo, mas nós tentaremos o meu caminho primeiro. — Quando Lorcan não objetou, ela disse: — Precisamos de um pouco de cerveja.



Aelin deslizou a caneca de cerveja gelada pela mesa até onde Vernon agora estava sentado, as correntes soltaram o suficiente para ele usar as mãos.

Um movimento em falso, e o fogo dela o derreteria.

Apenas o Leão e Fenrys estavam na câmara, posicionados perto das portas.

Rowan e Lorcan rosnaram com a ordem dela para ficar no corredor, mas Aelin declarou que eles só iria atrapalhar seus esforços aqui.

Aelin tomou um gole de sua caneca e cantarolou.

— Um dia estranho, quando se tem que elogiar o bom gosto do seu inimigo em cerveja.

Vernon franziu a testa para a caneca.

— Não esta envenenado — disse Aelin. — Derrotaria o propósito se estivesse.

Vernon tomou um pequeno gole.

— Eu suponho que você pense que me dá cerveja e falar como se fossemos amigos vai te dar o que você quer saber.

— Você preferiria a alternativa? — Ela sorriu levemente. — Eu certamente não.

— Os métodos podem ser diferentes, mas o resultado final será o mesmo.

— Diga-me algo interessante, Vernon, e talvez isso mude.

Seus olhos percorreram ela.

— Se eu soubesse que você se tornaria uma rainha, talvez eu não tivesse me incomodado em me ajoelhar para Adarlan — um sorriso

malicioso. — Tão diferente dos seus pais. Seu pai já torturou um homem?

Ignorando a provocação, Aelin bebeu, passando a cerveja na boca, como se pudesse lavar a mancha deste lugar.

— Você tentou e não conseguiu ganhar poder para si mesmo. Primeiro, roubando-o de Elide, depois tentando vendê-la para Erawan. Morath saqueou Perranth e, sem dúvida, esta marchando para Orynth, e ainda assim nós te encontramos aqui. Escondido. — Ela bebeu novamente. — Pode-se pensar que o favorecimento de Erawan mudou para outro lugar.

— Talvez ele tenha me colocado aqui por uma razão, Majestade.

Sua magia já o havia sentido. Para garantir que nenhum coração de ferro ou pedra de Wyrld batia em seu peito.

— Eu acho que você foi posto de lado — disse ela, inclinando-se para trás e cruzando os braços. — Eu acho que você sobreviveu sua utilidade, especialmente depois que você não conseguiu recapturar Elide, e Erawan não se sentiu como se livrando inteiramente de um laçao, mas também não queria que você se esquivasse. Então você está aqui. — Ela acenou mão para a câmara, a montanha acima deles. — O adorável desfiladeiro Ferian.

— É lindo na primavera — disse Vernon.

Aelin sorriu.

— Mais uma vez, me diga algo interessante, e talvez você viva para ver isso.

— Você jura? Pelo seu trono? Que você não vai me matar? — Um olhar para Fenrys e Gavriel, com o rosto de pedra atrás dela. — Nem nenhum dos seus companheiros?

Aelin bufou.

— Eu estava esperando que você aguentasse mais tempo antes de mostrar sua mão — ela drenou o resto de sua cerveja. — Mas sim. Eu juro que nem eu, nem nenhum dos meus companheiros te matará se você nos disser o que você sabe.

Fenrys começou. Toda a confirmação de Vernon precisava que ela falava sério — que eles não tinham planejado isto.

Vernon bebeu profundamente da cerveja. Então disse:

— Maeve chegou a Morath.

Aelin ficou feliz por ela estar sentada. Ela manteve seu rosto entediado, sem graça.

— Para ver Erawan?

— Para se unir a ele.

CAPÍTULO 80

A sala estava girando um pouco. Até mesmo a gotícula da magia de sua mãe não conseguiu estabilizá-la.

Pior. Pior do que tudo que Aelin imaginara ouvir nos lábios de Vernon.

— Maeve trouxe seu exército? — Sua fria, serena voz soou longe, muito longe.

— Ela não trouxe ninguém além de si mesma.

— Nenhum exército – nenhum mesmo?

Vernon bebeu de novo.

— Não que eu tenha visto antes que Erawan me mandasse em uma serpente alada na calada da noite. Afirmado que eu tinha feito muitas perguntas e estava *mais preparado* para estar estacionado aqui.

Erawan ou Maeve deviam saber. De alguma forma. Que eles acabariam aqui e plantaram Vernon em seus caminho. Para dizer isso.

— Ela disse onde estava seu exército? — Não em Terrasen... se tivesse ido em frente para Terrasen...

— Ela não disse, mas eu assumi que suas forças haviam sido deixadas perto da costa, para esperar ordens de onde velejar.

Aelin empurrou sua náusea crescente para o lado.

— Você descobriu o que Maeve e Erawan planejam fazer?

— Enfrentar você, eu aposto.

Ela se obrigou a recostar-se em seu assento, seu rosto entediado, casual.

— Você sabe onde Erawan mantém a terceira chave de Wyrd?

— O que é isso? — Não era uma pergunta enganosa.

— Uma lasca de pedra negra – como a que foi plantada no braço de Kaltain Rompier.

Os olhos de Vernon se fecharam.

— Ela também tinha o dom de fogo, você sabe. Eu tremo ao pensar no que poderia acontecer se Erawan colocasse a pedra dentro de *seu* braço. — Ela o ignorou.

— Bem?

Vernon terminou sua cerveja.

— Eu não sei se ele tinha outra além da que estava no braço de Kaltain.

— Ele tinha. Ele tem.

— Então eu não sei onde está, eu sei? Eu só sabia da que a minha pequena sobrinha roubou.

Aelin absteve-se de ranger os dentes. Maeve e Erawan – unidos. E nenhum sussurro de onde Dorian e Manon estavam com as outras duas chaves.

Ela não reconheceu as paredes que começaram a pressionar, o suor frio escorrendo novamente pelas costas dela.

— Por que Maeve se aliou a Erawan?

— Eu não estava a par daquela discussão. Eu fui despachado para cá rapidamente — um lampejo de aborrecimento. — Mas Maeve de alguma forma tem... Influência sobre Erawan.

— O que aconteceu com as Dentes de Ferro estacionadas aqui no desfiladeiro?

— Foram chamadas para o norte. Para Terrasen. Tiveram ordens para se juntar à legião já a caminho depois de derrotar o exército na fronteira, depois em Perranth.

Ah, deuses. Custou todo o seu treinamento para pensar além do rugido em sua cabeça.

— Cem mil soldados marcham em Orynth — disse Vernon, rindo.

— Esse seu fogo será suficiente para detê-los?

Aelin pôs a mão no punho de Goldryn, com o coração trovejando.

— Quão longe eles estão da cidade?

Vernon encolheu os ombros.

— Eles já estavam a poucos dias de marcha quando a legião das Dentes de Ferro saiu daqui.

Aelin calculou a distância, o terreno, o tamanho de seu próprio exército. Eles estavam a duas semanas no máximo – se o tempo não os impedisse. Duas semanas através de floresta densa e território inimigo.

Eles nunca chegariam a tempo.

— Maeve e Erawan vão se juntar a eles?

— Eu diria que sim. Não com o grupo inicial, por razões que não me disseram, mas eles vão para Orynth. E enfrentarão você lá.

Sua boca ficou seca.

Vernon franziu o cenho para ela.

— Você não quer perguntar se eu sei das fraquezas de Erawan, ou qualquer surpresa disponíveis para você?

— Eu tenho tudo o que preciso saber — ela empurrou o queixo para Fenrys e Gavriel e o primeiro se afastou da parede para abrir a porta, mas o último começou a apertar mais uma vez as correntes de Vernon, ancorando-o à cadeira, atando as mãos aos braços

— Você não vai me soltar? — Vernon questionou — Eu te dei o que você queria.

Aelin deu um passo para o corredor, notando a fúria no rosto de Lorcan. Ele tinha ouvido todas as palavras – incluindo seu juramento de não deixá-lo bater em Vernon. Aelin lançou a Vernon um sorriso torto por cima do ombro.

— Eu não disse nada sobre soltar você.

Vernon ficou imóvel.

Aelin encolheu os ombros.

— Eu disse que nenhum de *nós* iria te matar. Não é nossa culpa se você não pode sair dessas correntes, não é?

O sangue drenou do rosto de Vernon.

Aelin disse em voz baixa:

— Você acorrentou e trancou minha amiga em uma torre por dez anos. Vamos ver como você aproveita a experiência — ela deixou

seu sorriso se tornar violento. — Embora, uma vez que os treinadores aqui terminem, eu não acho que haverá alguém para te alimentar. Ou te trazer água. Ou até mesmo ouvir seus gritos. Então duvido que você consiga chegar a dez anos antes do fim, mas dois dias? Três? Eu posso aceitar isso, eu acho.

— Por favor — disse Vernon quando Gavriel chegou para a maçaneta da porta, para selar o homem dentro.

— Marion salvou minha vida — disse Aelin, segurando o olhar do homem. — E você alegremente se curvou para o homem que a matou. Talvez até tenha dito ao rei de Adarlan onde nos encontrar. Todos nós.

— Por favor! — gritou Vernon.

— Você deveria ter conservado aquela caneca de cerveja — foi tudo o que Aelin disse antes de acenar para Gavriel.

Vernon começou a gritar quando a porta se fechou. E Aelin girou a chave.

O silêncio encheu o corredor.

Aelin encontrou o olhar arregalado de Elide, Lorcan selvagemmente satisfeito ao seu lado.

— Não será rápido assim — disse Aelin, estendendo a chave para Elide. O resto da questão ficou pendurado ali.

Vernon continuou gritando, implorando para que eles voltassem, para libertá-lo. Elide estudou a porta selada.

O homem desesperado por trás disso. A Lady de Perranth pegou a chave estendida. Guardou no bolso.

— Devemos encontrar uma maneira melhor de selar essa sala.



— Nossos piores medos foram confirmados — disse Aelin a Rowan, debruçado sobre uma grade de uma das varandas do Canino Norte, olhando para o exército reunido no chão do desfiladeiro. Para onde seus companheiros agora se dirigiam, a tarefa de selar permanentemente a câmara na qual Vernon estava acorrentado

completa. Onde eles deveriam estar indo também. Mas ela parou aqui. Levou um momento.

Rowan pousou a mão no ombro dela.

— Vamos enfrentá-los juntos. Maeve e Erawan.

— E os cem mil soldados que marcham em Orynth?

— Juntos, Coração de Fogo — foi tudo o que ele disse. Ela encontrou apenas séculos de treinamento e cálculo frio em seu rosto. Aquela vontade inquebrável.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele, a têmpora cavando a armadura leve.

— Vamos conseguir fazer isso? Sobrará alguma coisa, afinal?

Ele tirou o cabelo do rosto dela.

— Nós tentaremos. Isso é o melhor que podemos fazer. — As palavras de um comandante que andou e partiu matando campos durante séculos.

Ele juntou as mãos deles e juntos eles olharam para o exército abaixo. O fragmento de salvação que oferecia.

Teria ela sido uma tola de gastar aqueles três meses duramente conquistados em seu poder naquele exército, em vez de em Maeve? Maeve e Erawan? Mesmo se ela começasse agora, não seria, nunca poderia ser o mesmo.

— Não se sobrecarregue com as hipóteses — disse Rowan, lendo as palavras em seu rosto.

Eu não sei o que fazer, ela disse silenciosamente.

Ele beijou o topo de sua cabeça. *Juntos*.

E enquanto o vento uivava através dos picos, Aelin percebeu que seu parceiro, talvez, também não tivesse a solução.

CAPÍTULO 81

— Cem mil.

Ren expirou, aquecendo suas mãos no fogo que queimava no Grande Salão. Eles perderam dois dos Assassinos Silenciosos para os arqueiros de Morath que estavam procurando retaliação pela destruição das torres das bruxas, mas não mais do que isso, graças a deus.

Ainda assim, o jantar tinha sido sombrio. Ninguém comeu de verdade, não quando a escuridão havia caído e o campo do inimigo fora aceso. Muito mais soldados do que eles poderiam contar.

Aedion permaneceu enquanto todos os outros terem se arrastado para suas camas. Apenas Ren ficou enquanto Lysandra acompanhava Evangeline, que ainda tremia, para seu quarto. O que a manhã traria, apenas os deuses sabiam.

Talvez os deuses o haviam abandonado novamente, agora o único caminho de volta para casa era trancado em uma caixa de ferro. Ou focar todos os seus esforços em Dorian Havilliard.

Ren soltou um longo suspiro.

— É isto, não é? Não há mais ninguém para vir ao nosso resgate.

— Não será um fim bonito — Aedion admitiu, se escorando na lareira. — Especialmente depois deles conseguirem que aquela terceira torre volte a funcionar.

Eles não iriam ter outra chance de pegar Morath de surpresa.

Ele apontou o queixo para o jovem lorde.

— Você deveria descansar um pouco.

— E você?

Aedion apenas encarou as chamas.

— Teria sido uma honra — Ren disse. — Ter servido a esta corte, com você.

Aedion fechou os olhos, engolindo seco.

— Teria sido mesmo uma honra Ren bateu-lhe o ombro. Então seus passos se arrastaram pelo corredor.

Aedion permaneceu sozinho na luz pulsante da fogueira por mais alguns minutos antes de voltar para a cama e para quaisquer horas de sono que ele conseguisse.

Ele a recém estava na entrada da torre oeste quando a viu.

Lysandra parou, e estava com o que parecia ser uma caneca de leite fervido em suas mãos.

— Para Evangeline — ela disse — Ela não consegue dormir.

A garota tremeu o dia inteiro. Parecia que ela ia vomitar em cima da mesa.

Aedion apenas perguntou.

— Posso falar com ela?

Lysandra abriu a boca como se ela fosse dizer não, e ele estava prestes a deixar para lá mas, então, ela assentiu com a cabeça.

Eles caminharam em silêncio o caminho todo até a torre norte, e então subiram as escadas, para o antigo quarto da Rose. A porta estava aberta, e luz dourada estava se derramando pelo entrada.

— Eu lhe trouxe um pouco de leite — Lysandra disse, respirando pesadamente devido a subida — E companhia — ela adicionou quando Aedion entrou no cômodo confortável. Apesar dos anos de abandono, o quarto de Rose no castelo real permaneceu intocado - o que aconteceu com apenas alguns cômodos.

Os olhos de Evangeline alargaram-se quando ela o viu, e Aedion ofereceu um sorriso à garota antes de empoleirar-se do lado de sua cama. Ela pegou o leite que Lysandra ofereceu assim que a metamorfa sentou na outra ponta do colchão, e deu um gole, suas mãos pálidas envolta da caneca.

— Antes da minha primeira batalha — Aedion disse para a garota — eu passei a noite inteira na privada.

Evangeline chiou.

— Você?

Aedion sorriu.

— Ah sim, Quinn, a antiga Capitã da Guarda, disse que era um milagre eu ter qualquer coisa dentro de mim ao amanhecer.

Uma antiga dor atingiu o peito de Aedion com a menção do seu antigo mentor e amigo, um homem que ele tanto admirava. Quem fez a sua batalha final, como Aedion faria, naquela planície perto desta cidade.

Evangeline se permitiu uma pequena risada.

— Isso é nojento.

— Foi mesmo — Aedion disse, e pode ter certeza que Lysandra estava sorrindo um pouco. — Então você já é bem mais corajosa do que eu.

— Eu vomitei antes — Evangeline cochichou.

Aedion disse em um cochicho zombeteiro.

— Muito melhor que cagar nas calças, querida.

Evangeline soltou uma risada que a fez segurar o copo para o impedir de cair.

Aedion sorriu, e despenteou seu cabelo dourado-avermelhado.

— A batalha não será bonita — ele disse enquanto Evangeline tomava seu leite — E é possível que você vomite de novo. Mas apenas lembre que esse seu medo significa que você está lutando por algo que vale a pena - algo que significa tanto pra você que perder este algo é a pior coisa que você pode imaginar.

Ele apontou para as janelas cobertas de gelo.

— Esses bastardos na planície? Eles não tem isso.

Ele tocou a mão dela e lhe deu um aperto de leve.

— Eles não tem *nada* pelo o que lutar. E por mais que nós não tenhamos números, *nós* temos algo que vale a pena defender, e por causa disso, nós podemos superar o nosso medo, nós podemos lutar contra eles até o fim. Pelos nossos amigos, pela nossa família...

Ele apertou a mão dela de novo.

— Por aqueles que amamos... — Ele se ousou a olhar para Lysandra, cujos olhos verdes eram forrados em prata. — Por aqueles

que amamos, nós podemos superar o medo. Lembre-se disso amanhã. Mesmo que você vomite, mesmo que você passe a noite inteira na privada. Lembre-se que nós sempre teremos algo pelo que lutar, e isso sempre triunfará.

Evangeline assentiu.

— Eu irei.

Aedion bagunçou seu cabelo mais uma vez e caminhou para a porta, parando um pouco antes. Ele viu que Lysandra o encarava, os olhos dela brilhando como esmeralda.

— Eu perdi minha família dez anos atrás. Amanhã eu lutarei pela nova família que fiz.

Não apenas por Terrasen, pela sua corte, e pelo seu povo.

Mas também pelas duas ladies daquele quarto.

Eu queria que tivesse sido você no final.

Ele quase a respondeu; quase às repetiu para Lysandra quando tristeza e saudade passou pelo seu rosto.

Mas Aedion saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

Lysandra mal dormiu. Toda vez que ela fechava os seus olhos, ela via a expressão de Aedion quando ele ouviu suas palavras.



Ele não esperava sobreviver à batalha. Não esperava que nenhum deles sobrevivesse.

Ela deveria ter ido atrás dele. Ter descido as escadas correndo atrás dele.

Mas ainda assim, ela não fez isso.

O amanhecer chegou, e trouxe o dia com ele. Então eles poderiam ver o tamanho do exército esperando por eles com mais clareza.

Lysandra trançou o cabelo de Evangeline, a garota estava mais ereta do que ontem. Devia isso à Aedion. Pelas palavras que ele disse que fizeram a garota dormir de noite.

Elas caminharam em silêncio, Evangeline estava com o queixo levantado, descendo para o Grande Salão para o que poderia ser o

seu último café da manhã.

Eles estavam quase lá quando uma voz velha disse:

— Eu queria dar uma palavrinha.

Darrow.

Evangeline se virou antes de Lysandra.

O velho lorde parou na porta do que parecia ser um escritório, e acenou para elas entrarem.

— Isso não irá demorar — ele disse ao notar o desprazer no rosto de Lysandra.

Ela já estava cheia de ser *legal* para homens nos quais ela não tinha interesse em ser *legal*.

Evangeline a olhou questionando silenciosamente, mas Lysandra sacudiu o queixo em direção ao velho.

— Muito bem.

O escritório estava abarrotado de pilhas e pilhas de livros encostados na parede. Mais de mil. Alguns desmoronando devido a idade.

— Os últimos textos sagrados da Biblioteca de Orynth — Darrow disse, apontando para a mesa cheia de papéis encostada em uma janela de vidro estreita.

—Tudo que os Mestres Estudiosos conseguiram salvar dez anos atrás.

Tão poucos. Tão poucos comparados com o que Aelin disse que existia naquela biblioteca quase mística.

— Eu os trouxe do esconderijo depois da morte do rei — Darrow disse, sentando-se atrás da mesa — Um otimismo bobo, eu imagino.

Lysandra caminhou para uma das pilhas, espreitando um dos títulos em uma língua que ela não conseguia reconhecer.

— Os restos de uma grande civilização — Darrow disse grosseiramente.

E foi esse tom de voz que fez Lysandra se virar. Ela abriu a boca para perguntar o que ele queria, e então observou o que estava na sua mão direita.

Envolto em cristal, não maior do que uma carta de baralho, uma flor vermelho-alaranjada que estava dentro do recipiente parecia brilhar - assim como o poder daquele que o nomeava.

— A Chama do Rei — ela suspirou, incapaz de se conter enquanto se aproximava.

Aelin e Aedion a haviam contado sobre a flor lendária, que floresceu pelos campos e montanhas no dia que Brannon pisou neste continente, prova da paz que ele trouxe consigo.

E desde esses dias antigos, apenas flores únicas haviam sido vistas, tão raras que sua aparição era considerada um sinal de que aquela terra abençoava qualquer que seja a pessoa estava sentada no trono de Terrasen. Que o reino era pura paz.

Aquela que estava enclausurada em cristal na mesa de Darrow, Aelin tinha dito, apareceu durante o reinado de Orlon. Orlon, o amor da vida de Darrow.

— Os Mestres Estudiosos pegaram os livros quando Adarlan invadiu — Darrow disse, sorrindo tristemente à flor — Eu peguei isto.

O trono de chifre, a coroa - tudo isso, destruído. Tirando esse único tesouro, tão grandioso quanto qualquer pertence da Casa Galathynius.

— É muito bonito — Evangeline disse, se aproximando da mesa — Mas muito pequeno.

Lysandra podia jurar que os lábios do homem tremeram em um pequeno sorriso.

— É mesmo — Darrow disse — Assim como você.

Ela não estava esperando a leveza da sua voz, a bondade. E também não estava esperando suas próximas palavras.

— A batalha estará sobre nós antes do meio-dia — Darrow disse para Evangeline — Eu acho que eu vou precisar de que alguém com sagacidade e pés ligeiros para me ajudar aqui. Para enviar mensagens para os comandantes neste castelo e me trazer suprimentos que sejam necessários.

Evangeline torceu o pescoço.

— Você quer que eu te ajude?

— Você treinou com guerreiros durante suas viagens. Eu quero.

Evangeline olhou para Lysandra perguntando e ela acenou em aceitação. Todos eles observaram Evangeline aprender o básico de luta de espadas e arco-e-flecha durante a estrada.

A garota olhou para o velho.

— Eu tenho alguma habilidade, mas não como Aedion.

— Poucos tem — Darrow disse ironicamente — Mas eu vou precisar de uma pessoa com um coração corajoso e uma mão firme para me ajudar. Você é essa pessoa?

Evangeline não olhou para Lysandra dessa vez.

— Eu sou — ela disse, com o queixo levantado.

Darrow deu um pequeno sorriso.

— Então vá para o Grande Salão. Coma seu café da manhã, e quando você voltar, terá uma armadura lhe esperando.

Os olhos de Evangeline alargaram-se à menção de uma armadura, nenhum sinal de medo os escurecendo.

Lysandra murmurou:

— Vá, eu estarei com você em um minuto.

Evangeline disparou para fora, suas tranças voando em suas costas.

Apenas quando Lysandra teve *certeza* de que ela desceu as escadas, ela perguntou.

— Porque?

— Eu assumo que essa questão significa que você está deixando eu comandar a sua protegida.

— Porque?

Darrow pegou o cristal contendo a chamado-rei.

— Nox Owen não me serve agora que sua lealdade ficou clara, e aparentemente agora ele sumiu para só os deuses sabem onde, muito provavelmente a pedido de Aedion.

Ele girou o cristal com seus dedos finos.

— Mas além disso, nenhuma criança deveria assistir seus amigos sendo mortos. Mantê-la ocupada, lhe dando um propósito e um

pequeno poder será melhor do que trancá-la na torre norte, assustada sem razão, a cada som horrível de morte.

Lysandra não sorriu, não curvou a cabeça.

— Porque você faria isso pela protegida de uma prostituta?

Darrow largou o cristal.

— O rosto das crianças é o que eu mais lembro de dez anos atrás. Até mais do que o rosto de Orlon. E o rosto de Evangeline ontem, quando ela olhou para aquele exército - foi o mesmo desespero que eu vi naquela época. Então você pode achar que eu sou o maior dos bastardos, como Aedion diria, mas eu não são tão sem coração como você acredita. — Ele assentiu em direção à porta aberta. — Eu vou cuidar dela.

Ela não estava certa sobre o que dizer em seguir não sabia se deveria cuspir na cara dele e mandá-lo para o inferno, ele e a sua oferta.

Mas, ainda assim, o brilho nos olhos de Evangeline, o jeito que ela correu para fora dali...era com propósito. Darrow a tinha oferecido orientação e um propósito.

Então ela se virou em direção à porta, dando as costas àquele tesouro precioso, que valia mais que ouro, e àqueles companheiros fúnebres e silenciosos dele.

— Obrigada.

Darrow abanou a mão para ela e voltou a estudar aqueles papéis que estavam sobre a mesa - entretanto era perceptível que seus olhos não se mexiam.



As paredes da muralha da cidade estavam tapadas de soldados.

Cada um deles com a cara rígida, esperando o que viria a seguir.

A torre das bruxas ainda estava caída, graças aos deuses. Mas mesmo longe, Aedion conseguia ver os soldados trabalhando para reparar a roda danificada. No entanto, sem uma serpente alada para substituir aquela caída ontem, aquela roda não iria se mover em breve.

Mas isso não facilitaria o dia de hoje. Não, o dia de hoje seria doloroso.

— Eles estarão ao alcance dos arqueiros em aproximadamente uma hora — Elgan informou. Que se ferrem as ordens de Darrow.

Kyllian ainda era general, mas cada informação que seu amigo recebia, Aedion recebia também.

— Lembrem eles de fazer cada tiro contar. Escolham alvos.

A Devastação já sabia disso sem precisar falar. Já os outros soldados, eles provaram sua coragem nessas batalhas, mas um lembrete nunca faria mal.

Elgan apontou para as seções da cidade que Ren e os nobres feéricos concordaram que os arqueiros teriam maior vantagem.

Contra cem mil soldados, a única coisa que restava a ser feita era emagrecer as linhas de combate do inimigo, entretanto seria loucura total deixar o inimigo adentrar às muralhas sem nenhuma resistência, não se poderia arruinar as esperanças das pessoas antes delas conhecerem seu fim.

— O que é aquilo? — Ren murmurou, apontando para o horizonte.

Os olhos do Ren deveriam ser mais afiados do que o da maioria dos humanos, pois Aedion não via nada, apenas um borrão.

Um segundo depois. O borrão escuro começou a criar forma, subindo em direção ao céu azul.

Voando na direção deles.

— Ilken? — Ren apertou os olhos ao proteger-se do brilho.

— Muito grande — Aedion disse.

Mais perto, a massa voando acima do exército abundante se tornou mais clara, e mais larga.

— Serpentes aladas — Aedion disse com o pavor acumulando em seu estômago.

A legião aérea das Dentes de Ferro foi solta por fim.

— Meu deus — Ren suspirou.

Contra o cerco terrestre, Orynth talvez sobrevivesse alguns dias ou semanas, a tomada da cidade seria demorada.

Mas com mil ou mais Bruxas Dentes de Ferro que estava indo em direção a eles naquelas serpentes aladas, eles não iriam precisar daquelas torres infernais para destruir a cidade, o castelo, para derrubar os muros e deixar as hordas de Morath entrar.

Os soldados começaram a ver as serpentes. As pessoas choravam pelas ameaças, olhando para as serpentes que sobrevoavam o castelo em círculos.

O cerco não teria nem chance de ser um cerco.

Iria acabar hoje, em algumas horas.

Aedion correu pela cidade até encontrar Lysandra, ofegante.

— Diga-me o que fazer, onde ir — Seus olhos esmeralda estavam alargados em puro terror e desespero.

— Eu posso me transformar em uma serpente alada, tentar mantê-las...

— Tem mais de mil Dentes de Ferro — Aedion disse, sua voz oca em seus ouvidos. O medo dela aguçou algo afiado e perigoso dentro dele, mas ele o segurou para não dar importância.

— Não há nada que você ou nós podemos fazer.

Algumas dúzias de Dentes de Ferro saquearam Forte da Fenda em questão de horas.

E esse exército...

Aedion focou na sua respiração, em manter sua cabeça alta para que os soldados que estavam abandonando suas posições o vissem.

Isso é inaceitável.

— FIQUEM ONDE ESTÃO — ele gritou. — MANTENHAM A FORMAÇÃO, E NÃO HESITEM

O comando pareceu surtir efeito naqueles que estavam fugindo, pelo menos. Mas não conseguiu parar a tremedeira de espadas, e o fedor do medo.

Aedion virou para Lysandra e Ren.

— Peguem os lançadores de fogo do Rolfe e os levem para as torres e para os prédios mais altos. Veja se eles conseguem queimar as Dentes de Ferro do céu.

Quando Ren abriu a boca, Aedion rosnou.

— Faça isso, *agora*.

Ren então correu em direção para onde o Lorde dos Piratas estava com os seus soldados Mycenianos.

— Não vai adiantar muita coisa, né? — Lysandra disse, dócil.

Aedion apenas disse.

— Leve Evangeline e vá. Há um pequeno túnel no subsolo do castelo que leva às montanhas. Pegue ela e vá.

Ela balançou a cabeça.

— Porque? Morath vai nos encontrar de qualquer jeito.

Seus comandantes estavam correndo em direção a ele, e pela primeira vez desde que os conheceu havia pavor brilhando nos olhos da Devastação. Nos olhos de Elgan.

Mas Aedion manteve sua atenção em Lysandra.

— Por favor, eu estou implorando. Eu estou *implorando pra você*, Lysandra, vá, fuja.

Ela levantou o queixo.

— Você não está pedindo que os nossos aliados fujam.

— Porque eu não estou apaixonado pelos nossos aliados.

Por um segundo, ela piscou pra ele.

Então seu rosto se amassou e Aedion a encarou, sem medo das palavras que ele acabara de dizer. Apenas com medo daquela massa negra que estava sendo varrida na direção deles, em formação, acima daquele exército infinito. Com medo do que aquela legião de bruxas faria com ela e com Evangeline.

— Eu deveria ter te dito — Aedion disse, com a voz embargando.

— Depois que eu soube disso, todos aqueles meses, eu deveria ter te dito isso todos os dias.

Lysandra começou a chorar, e ele afastou suas lágrimas.

Os generais o alcançaram pálidos e ofegantes.

— Ordens, general?

Ele nem se importou de corrigi-los, dizer que ele não era o seu general. Não importava a merda da qual ele seria chamado daqui algumas horas.

Ainda assim, Lysandra continuava do lado dele. Não fez nenhum movimento.

— Por favor — ele disse para ela.

Lysandra apenas juntou os dedos aos seus em uma resposta silenciosa, e em desafio.

O seu coração quebrou diante da recusa, a mão tremendo do frio, encostada na sua.

Ele apertou os dedos dela com força, e não soltou enquanto ele encarava seus comandantes e disse.

— Nós...

— *Serpentes Aladas ao norte!*

O grito de aviso desestabilizou as ameias, e Aedion e Lysandra abaixaram-se quando se viraram para o ataque vindo às suas costas.

Treze serpentes aladas saíram das montanhas mergulhando em direção aos portões da cidade.

Enquanto elas disparavam em direção a Orynth, pessoas e soldados gritaram e fugiram delas, o sol bateu na pequena serpente que estava conduzindo o ataque.

Levantando as asas como prata viva.

Aedion conhecia aquela serpente. Conhecia sua montadora de cabelos brancos.

— SEGURAR FOGO! — ele berrou para as linhas de soldado.

Seus comandantes repetiram a ordem, e todas as flechas apontadas para o alto descansaram.

— É... — Lysandra respirou, sua mão soltando a de Aedion quando ela deu um passo à frente, atordoada.

— É...

Soldado recuaram das muralhas enquanto Manon Bico Negro e suas Treze aterrissaram, bem na frente de Aedion e Lysandra. Ela não era a mesma bruxa que ele tinha visto naquela praia em Eyllwe.

Não, não havia nada mais daquele frio estranho naquela criatura que sorriu sombriamente pra ele. Não havia nada dela naquela notável coroa de estrelas no topo da sua testa.

Uma coroa de estrelas.

Para a última Rainha Crochan.

Ofegante, alguém com respiração áspera se aproximou, e Aedion olhou por cima de Manon Bico Negro para ver Darrow correr para as muralhas, boquiaberto pela bruxa e sua serpente, e por Aedion não estar atirando nela - ela, que Darrow acreditava ser o inimigo, ele veio negociar antes do abate.

— Nós não vamos nos render — Darrow cuspiu.

Asterin Bico Negro com sua serpente alada azul próximo à Manon deixou escapar uma risada baixa.

De fato, os lábios de Manon se curvaram em entretenimento frio enquanto ela disse para Darrow.

— Nós viemos para nos certificar que você não irá se render, mortal.

Darrow sibilou.

— Então porque o seu mestre te enviou para conversar conosco?

Asterin riu novamente.

— Nós não temos mestre — disse Manon Bico Negro, e com certeza era com uma voz de rainha que ela disse isso. Seus olhos dourados brilhavam — Viemos honrar uma amiga.

Não havia sinal de Dorian entre as Treze, mas Aedion estava tão atordoado que ele não perguntou.

— Nós viemos — Manon disse, alto o suficiente para que toda a muralha ouvisse. — Para honrar uma promessa feita a Aelin Galathynius. Para lutar pelo que *ela* nos prometeu.

E Darrow perguntou baixo:

— E o que ela prometeu?

Manon sorriu para ele.

— Um mundo melhor.

Darrow recuou um passo. Como se não tivesse acreditando no que se passava na sua frente, em desafio à legião que entrou na cidade deles.

Manon apenas olhou para Aedion, aquele sorriso persistente.

— Há muito tempo, as Crochan lutaram ao lado de Terrasen, para honrar a dívida que devíamos ao rei feérico Brannon, por ter nos

garantido um lar. Por séculos, nós fomos seus amigos e aliados mais próximos.

A coroa de estrelas de Manon ardeu brilhante em cima de sua cabeça.

— Nós ouvimos seu pedido de ajuda.

Lysandra começou a chorar.

— E nós viemos ajudar.

— Quantas? — Aedion suspirou, analisando os céus, as montanhas. — Quantas? — ele repetiu.

Orgulho e temor preencheram o rosto da Rainha das Bruxas, seus olhos dourados, ponteados por prata, apontaram em direção às Montanhas Galhada do Cervo.

— Veja você mesmo.

E então, entre os picos das montanhas, elas apareceram.

Mantos vermelhos voando ao vento, eles preencheram os céus do norte. Tantas que era impossível contar, nem as espadas, nem os arcos e armas que elas carregavam nas costas, suas vassouras voando retas e inabaláveis.

Milhares. Milhares delas desceram sobre Orynth. Milhares delas voando sobre a cidade, soldados olhando pra cima, para aquele mar vermelho destemido e não se deixando perturbar pelas forças inimigas escurecendo o horizonte. Uma por uma, elas aterrissaram nas ameias vazias do castelo.

Uma força aérea para desafiar as Dentes de Ferro.

Enfim, as Crochans haviam retornado.

CAPÍTULO 82

Toda Crochan que conseguia voar e empunhar uma espada tinha vindo.

Durante dias, elas voaram para o norte, mantendo-se por dentro das montanhas, depois voando baixo pelo Carvalhal, antes de fazer um longo desvio para evitar serem detectadas por Morath.

De fato, enquanto Manon e as Treze se colocavam nas muralhas da cidade, as Crochan voando por cima de suas cabeças tentavam achar um local para aterrizar entre as ameias do castelo. Era difícil acreditar que elas tinham conseguido.

Sem nenhuma hora de sobra.

Quanto mais elas voavam para o norte, mais Crochans se juntavam às linhas de combate, era como se a coroa de estrelas que Manon usava fosse uma espécie de ímã natural às convocando.

A cada quilômetro, mais bruxas apareciam das nuvens, das montanhas, das florestas. Bruxas novas e velhas, com um olhar de sabedoria ou com a cara fresca, elas vinham.

Até que cinco mil seguiam atrás de Manon e das Treze.

— Elas paralisaram totalmente — falou a metamorfa do lado de Aedion, apontando para o campo de batalha.

Bem longe, os exércitos de morath estavam parados.

— Sua avó está com eles — Asterin sibilou para Manon. — Posso sentir.

— Eu sei — Manon se virou para o jovem general-príncipe. — Nós conseguiremos lidar com as Dentes de Ferro.

Seus olhos turquesa estavam brilhantes como o céu daquele dia enquanto ele fazia um gesto em direção à planície.

— Por todos os meios necessários, vá em frente.

A boca de Manon se curvou para o lado, então ela apontou o queixo para as as Treze.

— Nós estaremos nas ameias, eu vou deixar uma das minhas sentinelas com você, se você precisar comunicar alguma coisa — ela apontou para Vesta, e a bruxa ruiva voou em direção à eles enquanto as outras se distribuíram em direção ao grande e imponente palácio.

Manon nunca tinha visto nada como aquilo – até o antigo castelo de vidro em Forte da Fenda não era nada comparado ao castelo de Terrasen.

Manon sorriu para o velho que tinha sibilado para ela, mostrando todos os seus dentes.

— De nada — ela disse, e com um estalo de rédeas ela já estava no ar.



Morath tinha paralisado completamente.

Como se estivesse revendo a sua estratégia agora que as Crochans haviam aparecido das névoas da lenda. Não estavam sendo caçadas a ponto de serem extintas, como eles haviam imaginado.

Isso deu à Manon e para o exército que ela havia levantado uma chance de respirar um pouco, pelo menos.

E uma noite de sono, intermitente. Ela iria se encontrar com os líderes mortais durante a noite, quando ficou claro que Morath não iria acabar com eles hoje.

Cinco mil Crochans não iriam ganhar esta guerra. Elas não iriam parar cem mil soldados. Mas elas poderiam manter a legião das Dentes de Ferro na baía – impedir que elas saqueassem a cidade e deixassem entrar uma horda de demônios.

Segurar as Dentes de Ferro por tempo suficiente até acontecer qualquer milagre que Manon ainda desconhecia. Ela não se atreveu

a perguntar, e, nenhum dos mortais, tinha colocado isso em questão ainda.

Poderia a cidade segurar cem mil soldados martelando suas muralhas e portões? Talvez.

Mas não com aquela torre ainda funcionando na planície. Ela não tinha dúvida de que a torre estava sendo consertada, e uma nova serpente alada sendo atrelada a ela. Talvez seja por isso que eles tenham paralisado – para dar a eles tempo de levantar a torre novamente. E explodir as Crochans para o esquecimento.

Apenas o amanhecer iria revelar o que as Dentes de Ferro escolheram fazer. O que elas tinham conseguido fazer.

Manon, as Treze, Bronwen e Glennis passaram horas organizando as Crochans, às designando para certos flancos das Dentes de Ferro, baseando-se no conhecimento de Manon acerca das formações do inimigo.

Ela que tinha criado essas formações. Ela planejava liderá-las.

E quando isto estava pronto, quando o encontro com os líderes mortais tinha acabado, todos ainda um pouco carrancudos mas não em pânico total, Manon encontrou um quarto para ela e as Trezes dormirem.

Algumas velas queimavam no quarto espaçoso, mas não havia móveis. Não havia nada, a não ser os colchões que elas haviam trago consigo. Manon tentou não olhar muito para o seu colchão, para não se lembrar daquele cheiro que desaparecia gradualmente à medida em que ela voava mais ao norte.

Onde estava Dorian, o que ele estava fazendo... ela não se deixou pensar nisso. Porque se ela se deixasse, ela iria voar de volta para o Sul, por todo o caminho até Morath.

No quarto escuro, Manon sentou-se no colchão e as Treze sentaram-se à sua volta, e escutaram o caos no castelo.

O lugar era um pouco mais do que uma tumba, os fantasmas da sua antiga riqueza assombrando cada canto. Ela se perguntou o que aquele quarto teria sido – uma sala de reuniões, um lugar para dormir, um escritório... não havia nada que indicasse a resposta.

Manon encostou a cabeça contra as parede de pedras frias às suas costas, sua coroa jogada perto de suas botas.

Asterin falou primeiro, cortando o silêncio.

— Nós sabemos todos os movimentos, todas as armas e agora as Crochan também sabem. As Matriarcas devem estar em pânico.

Ela nunca vira a avó em pânico, mas Manon bufou uma risada sombria.

— Acho que veremos isso amanhã — ela encarou as Treze. — Vocês vieram comigo até aqui, mas amanhã iremos enfrentar suas similares. Vocês podem acabar lutando contra amigos, amantes e até membros da família — ela engoliu seco. — Eu não as culparei se vocês não tiverem a coragem de enfrentá-los.

— Nós chegamos até aqui — Sorrel disse. — Porque estamos todas preparadas para o que o amanhã trará.

De fato, todas as Treze concordaram. Asterin disse:

— Não estamos com medo.

Não, elas não estavam. Olhando nos seus olhos, Manon pode ver isso.

— Eu esperava que pelo menos *algumas* bruxas do desfiladeiro de Ferian tivessem se juntado à nós — Vesta disse.

— Elas não entenderam nem o que a gente ofereceu — lamentou Ghislaine.

Liberdade, liberdade das Matriarcas que as forjaram como armas de destruição.

— Um desperdício — Asterin resmungou, Até as gêmeas com os olhos verdes demoníacos concordaram.

O silêncio havia voltado. Apesar dos olhos brilhantes, suas Treze sabiam das limitações de cinco mil Crochans contra as Dente de Ferro e o exército abaixo.

Então Manon disse, olhando nos olhos de cada uma:

— Eu prefiro voar com vocês do que com dez mil Dentes de Ferro — ela sorriu de leve. — Amanhã mostraremos para elas porquê.

Seu grupo sorriu em desafio e perversamente. Tocaram dois dedo nas testas em reverência.

Manon repetiu o gesto, abaixando a cabeça.

— Nós somos as Treze, agora e até que a Escuridão nos reivindique — ela disse.



Evangeline decidiu que ela não queria mais ser pajem do Lorde Darrow, e sim ser uma bruxa Crochan.

Uma daquelas mulheres veio até a garota dos olhos alargados para lhe dar um manto vermelho extra, o qual Evangeline ainda usava quando Lysandra a colocou para dormir. Ela iria ajudar Darrow amanhã como Evangeline havia prometido, mas só depois de ter certeza que as Crochans já tiveram todo o auxílio necessário.

Lysandra sorriu para aquilo, mesmo que as apostas não estivessem favoráveis. Manon Bico Negro – agora Manon Crochan, ela supôs, tinha sido contundente em sua avaliação. As Crochans poderiam manter as Dentes de Ferro na baía, talvez as derrotassem se elas tiverem sorte, mas os exércitos de Morath ainda estavam lá para enfrentá-los. Assim que o exército marchasse novamente, os planos para defender as muralhas ainda eram os mesmos.

Sem poder nem querer adormecer no berço ao lado da cama de Evangeline, Lysandra se viu percorrendo os salões do antigo castelo. Seria um ótimo lar para ela e Evangeline. Seria uma grande corte.

Talvez ela inconscientemente havia seguido o seu cheiro, Lysandra não se surpreendeu quando entrou no Grande Salão e viu Aedion na frente do fogo em brasas.

Ele estava de pé, sozinho, ela não tinha dúvida de que ele já estava assim fazia algum tempo.

Ele se virou logo depois que ela passou pela porta. Observou cada passo seu.

Porque eu não estou apaixonado pelos nossos aliados. Muito engraçado como essas palavras mudaram tudo, e nada ao mesmo tempo.

— Você deveria estar dormindo.

Aedion lhe concedeu um meio sorriso.

— Você também.

O silêncio preencheu o salão enquanto eles se olhavam.

Ela poderia permanecer a noite inteira daquele jeito. Já havia passado muitas noites assim, na pela de outra besta, apenas o observando, absorvendo as poderosas linhas de seu corpo, a vontade inquebrável em seus olhos.

— Eu achei que íamos morrer hoje — ela disse.

— Nós íamos.

— Eu ainda estou brava com você — ela disse. — Mas...

Suas sobrancelhas arquearam, ela viu uma luz que fazia tempo que não avistava em seu rosto.

— Mas?

Ela fez uma careta.

— Mas pensarei no que você me disse. Isso é tudo.

Um sorriso familiar perverso enfeitou seus lábios.

— Você vai pensar no que eu disse?

Lysandra levantou o queixo, olhando para ele enquanto a encarava.

— Sim, eu pensarei sobre isso. É o que planejo fazer.

— Sobre o fato de eu estar apaixonado por você.

— Hm — ele sabia que aquela arrogância iria botá-la fora de ordem. — Se é assim que quer chamar.

— Há algum outro jeito que eu deveria chamar? Ele deu um único passo em direção à ela, deixando-a decidir se ela iria permitir outro. Ela permitiu.

— Só... — Lysandra pressionou os lábios juntos. — Não morra amanhã, é tudo que lhe peço.

— Para você ter tempo para pensar o que fazer a respeito da minha declaração.

— Exatamente.

O sorriso de Aedion se tornou predatório.

— Então posso te pedir uma coisa?

— Eu acho que você não está em posição de me pedir nada, mas tudo bem.

Aquele sorriso lupino permaneceu quando ele cochichou na sua orelha.

— Então se eu não morrer amanhã, posso te beijar quando o dia acabar?

O rosto de Lysandra aqueceu, quando ela recuou um passo, ela era uma cortesã treinada, os deuses sabiam. *Altamente* treinada. E mesmo assim esse simples pedido deixou seus joelhos trêmulos.

Ela restaurou o controle, endireitando os ombros.

— Se você não morrer amanhã, Aedion, então nós vamos conversar. E vamos ver o que acontece.

O sorriso lupino de Aedion não vacilou.

— Até amanhã de noite então.

O inferno os esperava amanhã, Talvez a sua ruína. Mas ela não iria beijá-lo, não agora. Não iria dar aquele tipo de promessa ou adeus.

Então Lysandra saiu do salão, com o coração batendo rápido.

— Até amanhã.

CAPÍTULO 83

Dorian voou e voou. Ao longo da espinha dorsal das montanhas do Canino Branco, com a Floresta do Carvalhal à sua direita, a expressão mais pura do inverno, ele voou para o norte durante dois dias inteiros antes de se atrever a parar.

Escolheu uma clareira em meio a um emaranhado de árvores antigas, e, ao aterrissar ele se chocou contra galhos, mal sentindo as batidas através do couro espesso da serpente alada. Ele desmontou assim que atingiu a neve, sua magia instantaneamente derreteu o gelo do lugar.

Então ele se ajoelhou e bebeu, ofegante, o gelo derretido, dando profundos goles.

Encontrar comida foi mais fácil do que ele havia imaginado. Ele não precisou de flechas ou laço para pegar um coelho acovardado que passou por ali. Nem precisou de facas para lhe retirar a pele, nem de um espeto.

Depois de saciar sua fome e sede, Dorian viu, ao olhar para o céu, que o inimigo se aproximava. Dorian desenhrou as marcas de Wyrđ, apenas mais uma vez.

Ele tinha que partir em breve. Mas por causa disso, ele poderia adiar seu voo para o norte mais um pouco. Damaris, pelo jeito, concordou com isso. As marcas invocaram quem quiseram desta vez.

Gavin apareceu no centro das marcas de Wyrđ sangrentas, pálido e ao mesmo tempo sombrio naquela luz da manhã.

— Você a achou, então — o antigo rei disse. — E deixou Erawan com muita sujeira para limpar.

— Eu achei — Dorian colocou a mão no bolso, naquele poder terrível vibrando lá. Desde que saiu de Morath, a chave havia exigido cada milímetro de sua concentração para evitar que seu chiado fosse escutado. Seu arrepio não provinha apenas do ar gelado.

— Então porque me invocou?

Dorian encontrou o seu olhar. De rei para rei.

— Eu queria te dizer que eu o conseguir... então você talvez tenha a chance de dizer adeus. Para Elena, quero dizer. Antes do Fecho ser forjado.

Gavin ficou parado. Dorian não se reprimiu diante do olhar avaliador de Gavin.

Depois de um minuto, Gavin relaxou e disse:

— Então eu acho que também lhe darei adeus.

Dorian assentiu. Ele estava pronto. Não tinha outra escolha além de estar pronto.

Gavin perguntou:

— Então você se decidiu? Você que irá se sacrificar?

— Aelin está no norte — Dorian disse. — Quando encontrá-lá, iremos decidir o que fazer.

Quem irá juntar as três chaves, e não hesitar.

— Mas... — ele admitiu. — Eu espero que ela tenha encontrado outra solução, também para Elena.

Aelin escapou de Maeve. Talvez ela foi também sortuda ao ponto de conseguir escapar do próprio destino.

Um vento fantasmagórico soprou as mechas do longo cabelo de Gavin no seu rosto.

— Muito obrigado — ele disse com a voz rouca.

— Muito obrigado por apenas considerar a opção — luto brilhou nos olhos do rei. Ele sabia muito bem o quão impossível seria encontrar outra solução.

Então Dorian disse.

— Me desculpe, pois sei as consequências para nós dois casos o Fecho funcione.

A garganta de Gavin secou.

— Minha parceira fez sua escolha há muito tempo atrás. Ela sempre esteve pronta para encarar as consequências, mesmo quando eu não estava.

Assim como Sorscha também fez as próprias. Seguiu seu próprio caminho.

E pela primeira vez, a memória dela não foi dolorosa. Ao invés, ela brilhou, em desafio. Para fazer valer. Por ela, e por muitos outros. E por ele, também.

— Não desista da vida tão facilmente — Gavin disse. — É a vida que tive com Elena que deixa eu me despedir dela. Uma boa vida... tão boa quanto eu pude esperar — ele torceu a cabeça. — Eu desejo o mesmo para você.

Antes de Dorian poder verbalizar o que surgiu em seu coração, Gavin olhou para o céu. Suas sobrancelhas negras se alinharam.

— Você precisa ir.

Uma crescente de asas preencheu o ar. Milhares de asas.

A legião das Dentes de Ferro tinha sobrevivido depois do colapso da Fortaleza. E agora fazia seu longo voo em direção à Orynth, ansiosas para estraçalhar seus amigos.

Ele torceu para que Maeve não estivesse naquela multidão, esperou que ela ainda estivesse em Morath lambendo suas feridas com Erawan, pelo menos até que todos os seus horrores marchassem, a princesa-aranha com eles.

Apesar do exército que se aproximava, Dorian tocou o cabo de Damaris e disse.

— Eu vou cuidar de Adarlan. Por todo o tempo que me resta. Não irei abandoná-lo.

A espada brilhou em calor.

E Gavin, apesar da perda que se aproximava dele, sorriu de leve.

— Eu sei — ele disse. — Eu sempre soube disso.

Dorian engoliu seco.

— Quando os Portais de Wyrld forem fechados, eu poderei abrir esse tipo de portal novamente?

Poderei te ver? Buscar conselho?

Gavin abaixou a cabeça.

— Eu não sei — ele adicionou silenciosamente. — Mas eu espero que sim.

Dorian pôs a mão no seu coração e curvou-se. Gavin desapareceu entre o sol e a neve, e, Dorian poderia jurar que ele se curvou de volta.

Minutos depois, quando asas borraram o céu, ninguém percebeu a serpente alada solitária que levantou voo da Floresta do Carvalho e se juntou ao exército fervilhante.

CAPÍTULO 84

Não havia armadura no arsenal esgotado do castelo. E

nenhuma teria se encaixado nas serpentes aladas de qualquer maneira.

O que sobreviveu à ocupação de Adarlan ou foi adquirido desde que sua queda foi distribuída, e embora o Príncipe Aedion tenha oferecido um ferreiro para soldar chapas de metal para formar couraças, Manon deu uma olhada nas portas reaproveitadas que eles usavam e sabia que iriam ser muito pesadas. Contra a legião das Dentes de Ferro, velocidade e agilidade seriam seus maiores aliados.

Então eles iriam para a batalha como sempre fizeram: com nada além de suas espadas, seus dentes e unhas de ferro e sua astúcia.

De pé em uma grande varanda no topo da torre mais alta do castelo de Orynth, o exército de Morath se espalhava muito abaixo, Manon observou o nascer do sol e sabia que poderia muito bem ser o último.

Mas as Treze, muitas delas encostados no corrimão da varanda, não olhavam para o leste.

Não, a atenção delas estava no inimigo, mexendo na luz ascendente. Ou nas duas Crochans que estavam com Manon, com as vassouras na mão e espadas presas nas costas.

Não foi um choque ver Bronwen chegar esta manhã vestida para a batalha. Mas Manon fez uma pausa quando Glennis emergiu com uma espada, o cabelo trançado para trás.

Elas já haviam analisado os detalhes. E tinha feito isso três vezes na noite passada. E agora, à luz do dia de rompimento, elas

permaneciam no topo da antiga torre.

Longe, nas profundezas de Morath, ouviu-se uma buzina.

Lentamente, uma grande fera despertando de um sono profundo, a aliança de Morath começou a se mover.

— Já é hora — Asterin murmurou ao lado de Manon, seu cabelo trançado preso com uma tira de couro em sua testa.

As serpente aladas das Dentes de Ferro ficaram no ar, pesando contra o peso de sua armadura.

Não ganharia o dia, no entanto. Não, as Dentes de Ferro, depois de um começo pesado, logo encheram os céus. Pelo menos mil.

Onde estava a anfitriã do Desfiladeiro Ferian Manon não queria saber. Ainda não.

Nas torres do castelo, nos telhados da cidade e ao longo das muralhas, o exército das Crochan endireitou as vassouras ao lado do corpo, pronto para o sinal para voar.

Um sinal de Bronwen, do chifre esculpido a seu lado. O chifre estava rachado e bronzeado com a idade, os símbolos entalhados tão desgastados que mal eram visíveis.

Observando o olhar de Manon, Bronwen disse:

— Uma relíquia do antigo reino. Pertenceu a Telyn Vanora, um jovem guerreiro inexperiente durante os últimos dias da guerra, que estava perto dos portões quando Rhiannon caiu. Meu ancestral — ela passou a mão pelo chifre. — Ela tocou a buzina para avisar nosso povo que Rhiannon havia sido morto e para fugirmos da cidade. Logo depois que ela recebeu o aviso, Matriarca Sangue Azul a abateu. Mas deu ao nosso pessoal tempo suficiente para correr. Para sobreviver. — prata cobriu os olhos escuros de Bronwen. — É uma honra soprar esta buzina de novo hoje. Não para avisar nosso povo, mas para reuni-lo.

Nenhum das Treze olhou para Bronwen, mas Manon sabia que eles ouviam cada palavra.

Bronwen pôs a mão no peitoral de couro.

— Telyn está aqui hoje. Nos corações de toda Crochan que saiu, que chegou até aqui. Todos os que caíram nas guerras das bruxas

estão conosco, mesmo que não possamos vê-los.

Manon pensou naquelas duas presenças que ela sentiu enquanto lutava contra as matronas e sabia que as palavras de Bronwen eram verdadeiras.

— É para eles que lutamos. disse Bronwen, seu olhar caindo para o exército que se aproximava. — E para o futuro, temos a ganhar.

— Um futuro que todas nós podemos ganhar. — disse Manon, e encontrou os olhos das Treze. Embora não sorrissem, a ferocidade em seus rostos falava o suficiente.

Manon se virou para Glennis.

— Você realmente pretende lutar?

Glennis assentiu, firme e inflexível.

— Quinhentos anos atrás, minha mãe escolheu o futuro da linhagem real no lugar de lutar ao lado de seus entes queridos. E embora ela nunca tenha se arrependido de sua escolha, o peso do que ela deixou para trás a afetou. Eu carreguei seu fardo por toda a minha vida — a anciã gesticulou para Bronwen e depois para Asterin.

— Todos nós que lutamos aqui hoje o fazemos com alguém que está invisível atrás de nós.

Os olhos negros salpicados de ouro de Asterin suavizaram-se um pouco.

— Sim — foi tudo que a imediata de Manon disse quando a mão dela chegou ao seu abdômen.

Não em memória da palavra odiosa marcada lá, do que tinha sido feito para ela.

Em memória da bruxa morta que havia sido jogada pela avó de Manon no fogo antes que Asterin tivesse a chance de segurá-la.

Em memória do caçador que Asterin amara, como nenhuma Dentes de Ferro jamais amou um homem e nunca voltou, por vergonha e medo. O caçador que nunca parou de esperar que ela voltasse, mesmo quando ele era um homem velho.

Para eles, para a família que ela perdeu, Manon sabia que ela lutaria hoje. Então, para que isso nunca pudesse acontecer

novamente.

Manon lutaria hoje para se certificar de que nunca o faria também.

— Então chegamos a isso depois de quinhentos anos — disse Glennis, sua voz inabalável ainda distante, como se puxada para as profundezas da memória. O sol nascente banhava as paredes brancas de Orynth em ouro. — A posição final das Crochans.

Como se as próprias palavras fossem um sinal, Bronwen levou o chifre de Telyn Vanora aos lábios e soprou.



A maioria acreditava que o rio Florine descia de Galhada do Cervo, passando pela margem oeste de Orynth antes de atravessar as terras baixas.

Mas a maioria não sabia que o antigo rei féérico havia construído sua cidade com sabedoria, escavando esgotos e rios subterrâneos que levavam a água fresca da montanha diretamente para a própria cidade. Todo o caminho abaixo do castelo.

Uma tocha erguida no alto, Lysandra olhou para um desses canais subterrâneos, a água escura se formando enquanto fluía pelo túnel de pedra e saía pelas muralhas da cidade. Sua respiração se curvou na frente dela quando ela disse para o grupo de soldados da Devastação que a acompanhavam.

— Tranque a grade uma vez que eu esteja fora.

Um grunhido era sua única confirmação.

Lysandra franziu a testa para a pesada grade de ferro que atravessava o rio subterrâneo, as bandas de metal grossas como o antebraço. Foi Lorde Murtaugh que sugeriu essa rota particular de ataque, seu conhecimento dos cursos d'água abaixo da cidade e do castelo além da consciência de Aedion.

Lysandra se preparou para o mergulho, sabendo que a água estaria fria. Além do frio.

Mas Morath estava se movendo, e se ela não se posicionasse logo, ela poderia muito bem estar atrasada.

— Deuses estejam com você — disse um dos soldados da Devastação.

Lysandra deu ao homem um sorriso apertado.

— E com todos vocês.

Ela não se deixou reconsiderar. Acabando por sair da borda de pedra.

O mergulho foi rápido, sem fundo. O frio arrancou o ar de seus pulmões, mas ela já estava mudando, a luz e o calor enchendo seu corpo enquanto seus ossos entortavam, enquanto a pele desaparecia. Sua magia pulsou, drenando rapidamente a despesa fazendo este corpo requerido, mas então foi feito.

Distante, acima da superfície, a Devastação praguejou. Seja por medo ou admiração, ela não se importava.

Surgindo o suficiente para engolir a respiração, Lysandra submergiu novamente. Mesmo nessa forma, o frio rasgou-a, a água turva e escura, mas ela nadou com a correnteza, deixando-a guiá-la em seu caminho para fora do antigo túnel.

Abaixo das muralhas da cidade. No vasto floreiio, onde o frio cresceu quase insuportável. Blocos grossos de gelo flutuavam acima, ocultando-a dos olhos inimigos.

Ela nadou pelo rio, bem ao longo do flanco leste da aliança de Morath, e esperou por seu sinal.



As Crochans levaram para o céu uma onda de vermelho que varreu a cidade e suas muralhas.

No topo da seção sul da parede, Ren ao seu lado, Aedion inclinou a cabeça para trás enquanto os observava voar no ar acima da planície.

— Você realmente acha que elas podem lutar contra isso? — Ren acenou com a cabeça em direção ao mar das bruxas e serpentes aladas com Dentes de Ferro.

— Acho que não temos outra escolha a não ser esperar que eles possam — disse Aedion, soltando o arco de suas costas. Ren fez o

mesmo.

Ao sinal silencioso, arqueiros ao longo das muralhas da cidade pegaram seus arcos.

Espalhados entre eles, os mycenianos de Rolfe posicionaram seus fogos, apoiando as engenhocas de metal na própria parede.

Morath marchou. Não haveria mais atrasos, não haveria mais surpresas. Esta batalha se desdobraria.

Aedion olhou para a curva do floreio, os lençóis de gelo brilhando no sol da manhã. Ele excluiu o medo em seu coração. Eles estavam muito desesperados, em desvantagem, para ele negar a Lysandra a tarefa que ela tinha assumido hoje.

Um olhar por cima do ombro tinha confirmado Aedion que os soldados da Devastação tinham as catapultas preparadas no topo das ameias, a realeza dos fééricos pronta para usar sua magia esgotada para levar os enormes blocos de pedra do rio no lugar. E nas muralhas da cidade, os arqueiros fééricos permaneceram atentos enquanto esperavam pelo próprio sinal.

Aedion colocou uma flecha em seu arco, movendo o braço enquanto puxava a corda.

Como um só, o exército reunido nas muralhas da cidade fez o mesmo.

— Vamos fazer disso uma luta digna de uma música — disse Aedion.

CAPÍTULO 85

Manon e as Treze se atiraram nos céus enquanto o exército das Crochan fluía abaixo, uma maré vermelha correndo em direção ao mar negro à frente.

Forçando a legião de Dentes de Ferro a escolher: seus antigos inimigos ou seus novos inimigos.

Foi um teste e um que Manon queria fazer cedo. Para ver quantas Dentes de Ferro atenderiam à ordem de avançar, e quantos poderiam romper com suas ordens, a tentação de lutar contra as Treze demais para suportar. E um teste, ela supunha, para as Matriarcas e as herdeiras que lideravam sua legião – elas cairiam nisso? Dividiriam suas forças para enxamear as Dentes de Ferro, ou continuariam seu ataque as Crochans?

Mais e mais alto, Manon e as Treze se levantaram, os dois exércitos se aproximando.

As Crochans não hesitaram quando suas espadas brilharam ao sol, apontando para as serpentes aladas que se aproximavam.

As Dentes de Ferro não treinaram contra um inimigo capaz de revidar. Um inimigo que poderia estar no ar, menor e mais rápido, e atacar onde eles estavam mais fracos: as montadoras. Esse era o objetivo das Crochans – derrubar as montadoras, não as bestas.

Mas, para isso, precisavam enfrentar as mandíbulas e as caudas, o veneno cobrindo-as. E se eles pudessem navegar pelas serpentes aladas, então a questão permaneceria de enfrentar as flechas voadoras, e as guerreiras treinadas sobre as feras. Não seria fácil e não seria rápido.

As Treze ficaram tão alto que o ar ficou rarefeito. Alto o suficiente para que Manon pudesse ver a parte de trás da aliança, onde o horrível e inconfundível volume da serpente alada de Iskra Pernas Amarelas voou.

Um desafio e uma promessa de um confronto por vir. Manon sabia, apesar da distância, que Iskra a havia marcado.

Nenhum sinal de Petrah. Ou das duas Matriarcas restantes.

Quem substituiu a velha Pernas Amarelas para se tornar Grã-Bruxa, Manon não sabia. Ou não se importava. Talvez sua avó os tivesse convencido a não nomear Iskra ou uma nova ainda – para abrir caminho para seu próprio reinado.

Assim que a cabeça de Manon iluminou a altitude, mais ou menos cinquenta serpente aladas se afastaram da aliança inimiga.

Voando para cima – correndo para eles, animais livres de suas amarras. Com fome de glória e direito de se gabar que ganhariam ao matar as Treze.

Manon sorriu.

Os dois exércitos bateram um no outro.

Perdendo o fôlego, Manon puxou uma vez as rédeas de Abraxos.

Sua serpente alada de coração feroz abriu as asas enquanto arqueava – e despencou.

O mundo inclinou-se enquanto eles se contorciam e mergulhavam para baixo, para baixo, as Treze caindo com eles. Eles rasgaram através das nuvens, o exército em confronto, o castelo e a cidade se aproximando.

E quando as Dentes de Ferro estavam perto o suficiente para que Manon pudesse ver que eles eram Pernas Amarelas e Sangue Azul, Abraxos inclinou-se para um lado e uma corrente lançou-o diretamente no coração deles.

As Treze formaram-se atrás dela, um aríete que esmagou as Dentes de Ferro.

O arco de Manon cantou quando ela disparou flecha após flecha.

No primeiro borribo de sangue azul, parte dela escapou.

Mas ela continuou atirando. E Abraxos continuou voando, rasgando as asas e a garganta com a cauda e os dentes.

E assim começou.



Mesmo no rio, o trovão de pés marchando passou por Lysandra.

Eles não viram o grande focinho branco que periodicamente atravessava os blocos de gelo para respirar fundo. O céu estava escuro agora, espesso com o choque de serpentes aladas e Crochans.

Corpos ocasionalmente mergulhavam no rio, Dentes de Ferro e Crochan igualmente.

As Crochans que se debateram, que ainda estavam vivos, Lysandra transportou secretamente para a margem distante. O que elas fizeram delas, elas não disseram. Ela não demorou o suficiente para deixá-las dizerem.

As Dentes de Ferro que caíram no rio foram arrastadas até o fundo e presas às rochas.

Ela teve que desviar o olhar cada vez que fazia isso.

O focinho de Lysandra quebrou a superfície quando um chifre afiado esmagou sobre o ruído, vindo das muralhas da cidade. Não é uma chamada de aviso, mas um desencadeamento.

Lysandra mergulhou no fundo. Mergulhou e depois empurrou para *cima*, a cauda poderosa se debatendo para lançá-la em direção à superfície.

Ela quebrou o gelo e a água, arqueando-se no ar e bateu direto no flanco leste de Morath.

Soldados gritaram quando ela se soltou em um redemoinho de dentes e garras e uma enorme cauda estalando.

Onde o dragão do mar branco se movia, sangue negro pulverizou.

E justamente quando os soldados dominaram seu terror o suficiente para lançar flechas e lanças nas escamas opalescentes reforçadas com seda de aranha, ela se contorceu e voltou ao rio profundo, desaparecendo sob o gelo. Lanças mergulharam nas

águas azul-turquesa, errando o alvo, mas Lysandra já estava correndo.

O corpo do dragão do mar – dragão do rio, ela supôs – não diminuiu. Ela empurrou até o limite, os grandes pulmões funcionando como um fole.

O rio curvou-se e ela aproveitou a vantagem ao pular de novo da água.

Os soldados, tão focados no dano que ela tinha feito antes, não olharam para ela até que ela estivesse em cima deles.

Ela olhou para as muralhas da cidade, onde uma onda de preto se chocou contra eles, escadas de cerco erguendo-se e flechas voando, rajadas de fogo em meio a tudo isso, antes que ela voltasse para as profundezas geladas do rio.

Sangue preto escorria de sua boca, de suas caudas e garras, quando ela se afastou, a sombra das bruxas guerreando acima do gelo acima dela.

Então ela lutou, o gelo banhando seu escudo. Atacando, depois se movendo; desestabilizando o flanco oriental com cada assalto, forçando-os a fugir da borda do rio para aglomerar as fileiras centrais.

Lentamente, as águas azul-turquesa do Florine nublaram o azul e o preto.

Ainda assim, Lysandra continuou rasgando mordidas do lado do gigante que se lançou sobre Orynth.



O calor dos fogos queimava a bochecha de Aedion, aquecendo seu capacete quase ao desconforto.

Um pequeno preço, quando as rajadas de fogo mandaram os soldados valg às muralhas se arrastarem para trás. Onde seus arqueiros derrubaram o inimigo, vieram mais. E onde os fogos os derreteram, apenas a terra queimada e a armadura derretida permaneceram. Mas não havia o suficiente – nem perto disso.

Acima, além das muralhas, as Dentes de Ferro e Crochans entraram em confronto.

Tão violentamente, tão rapidamente, que uma névoa azul pairou nos céus do derramamento de sangue.

Ele não conseguia determinar quem tinha a vantagem. As Treze lutaram entre eles e, onde mergulharam na briga, Dentes de Ferro e suas montarias tombaram. Esmagando os soldados valg abaixo deles.

Escadas de cerco de ferro ergueram-se novamente, apontando para as muralhas da cidade. Respondendo as explosões dos bombeiros enviaram os que já estavam para o chão como cadáveres carbonizados. Mas mais valgs subiram, o medo da chama não foi suficiente para detê-los.

Correndo para a escada mais próxima, Aedion pegou uma flecha após a outra, disparando contra os soldados que subiam seus degraus. Tiros certos através das lacunas na armadura escura.

Os arqueiros ao redor dele fizeram o mesmo, e os soldados da Devastação atrás dele se estabeleceram em posições de combate, esperando que o primeiro violasse as muralhas.

Nos portões da cidade, chamas explodiram e se enfureceram.

Ele concentrou muitos dos mycenianos em um dos dois portões em Orynth, sua fraqueza mais vulnerável ao longo das paredes.

O fogo continuava a acender-se, o que já lhe dissera o suficiente: Morath estava fazendo todo seu esforço ali.

O pedido de Rolfe para *Conservar o fogo!* colocou um buraco de pavor se formando em seu intestino, mas Aedion se concentrou na escada do cerco. Seu arco estremeceu e outro soldado foi embora.

Então outro.

Abaixo na parede, Ren tinha assumido a outra escada de cerco próxima, o arco do senhor cantando.

Aedion ousou um olhar para o exército à frente. Eles haviam acumulado perto o suficiente agora.

Recuando, deixando um arqueiro tomar o seu lugar, ele levantou a espada, sinalizando a Devastação para as catapultas, a realza dos

fééricos e arqueiros perto deles.

— *Agora!*

A madeira estalou e gemeu. Pedregulhos do tamanho de vagões sobrevoavam as paredes. Cada um tinha sido lubrificado e brilhava ao sol enquanto eles se levantavam.

E quando os pedregulhos atingiram o pico, quando começaram a despencar em direção ao inimigo, os arqueiros fééricos soltaram suas flechas flamejantes.

Elas atingiram as pedras escorregadias antes que as pedras batessem na terra.

A chama entrou em erupção, fluindo direto para os buracos que Aedion ordenou que perfurassem nas rochas, diretamente no ninho de pós explosivos que haviam tirado das preciosas reservas das lanças de fogo de Rolfe.

Os pedregulhos se separaram em bolas de fogo e pedra.

Ao longo das muralhas da cidade, soldados aplaudiram a carnificina que as ruínas fumegantes revelaram. Nada além de derretidos, esmagados ou destruídos valgs grunhiam. Cada lugar onde as seis catapultas haviam disparado agora tinha um anel de terra carbonizada ao redor.

— *Reposicionar!* — Aedion rugiu. A Devastação já estava se levantando contra as rodas que giravam as catapultas em suas arquibancadas de madeira. Em poucos segundos, eles apontaram para outro ponto; em poucos segundos, a realeza dos fééricos estava levantando mais pedras oleadas do estoque que Darrow havia adquirido ao longo de semanas e semanas.

Ele não deu a Morath uma chance de se recuperar.

— *Fogo!*

Pedregulhos subiram, flechas flamejantes seguindo.

As explosões no campo de batalha sacudiram as muralhas da cidade desta vez.

Outro aplauso subiu e Aedion fez sinal para que a os fééricos e a Devastação parassem. Deixe Morath pensar que seu estoque estava esgotado, que eles só tiveram alguns tiros de sorte em seu arsenal.

Aedion voltou para a escada de cerco quando o primeiro dos grunhidos dos valgs limpou as paredes.

O homem foi morto antes que seus pés terminassem de tocar o chão, cortesia de um soldado da Devastação que esperava.

Aedion soltou o escudo de suas costas e inclinou sua espada enquanto a onda de soldados coroava as paredes.

Mas não foi um soldado da valg que apareceu em seguida, subindo a escada com facilidade.

O rosto do jovem estava frio como a morte, seus olhos negros iluminados pela fome profana.

Um colar preto estava preso em torno de sua garganta.

Um príncipe valg havia chegado.

CAPÍTULO 86

— Concentre-se na escada — Aedion rosnou para os soldados encolhendo do belo príncipe demônio que pisou nas muralhas da cidade como se estivesse apenas entrando em uma sala.

Ele não usava armadura. Nada além de uma túnica preta cortou seu corpo ágil.

O príncipe Valg sorriu.

— Príncipe Aedion — ronronou a coisa dentro dela, tirando uma espada de uma bainha escura ao seu lado. — Estamos esperando por você.

Aedion atacou.

Ele não tinha magia, não tinha nada para combater o poder das trevas nas veias do príncipe, mas ele tinha velocidade. Ele tinha força.

Aedion fintou com sua espada, aquela espada comum e sem nome, e o príncipe balançou com sua própria lâmina – assim como Aedion bateu seu escudo no lado do homem.

Conduzindo-o de volta. Não em direção à escada, mas ao micênico que empunhava a fogueira...

O micênico estava morto.

O príncipe riu e um chicote de poder negro atacou Aedion.

Aedion se abaixou, escudo se erguendo. Como se fizesse alguma coisa contra esse poder.

A escuridão atingiu metal, e o braço de Aedion cantou com as reverberações.

Mas a dor, a agonia que drena a vida, não ocorreu.

Aedion instantaneamente defendeu, um golpe para cima que o príncipe Valg se esquivou com um pulo para o lado.

Os olhos do demônio estavam arregalados quando ele pegou o escudo. Então Aedion.

Então o príncipe Valg sibilou:

— Feérico bastardo.

Aedion não sabia o que significava, não se importou quando ele pegou outra explosão em seu escudo, as ameias já escorregadias com sangue preto e vermelho. Se o micênico nas proximidades estivesse morto, então havia outro na escada de Ren...

O príncipe Valg desencadeou explosão atrás de explosão de poder.

Aedion pegou cada uma em seu escudo, o poder do príncipe saltando como se fosse um jato de água sobre pedra. E por cada explosão de poder que lhe foi enviada, Aedion brandiu a espada.

Aço encontrou aço; a escuridão se chocou com metal antigo. Aedion tinha a vaga sensação de soldados Valgs e humanos parados enquanto ele e o príncipe demônio batalharam pela parede da cidade.

Ele manteve os pés debaixo dele, como Rhoe lhe ensinara. Como Quinn havia ensinado a ele, e Cal Lochan. Como todos os seus mentores e os guerreiros que ele admirava acima de todos os outros lhe ensinaram. Para este momento, quando ele seria chamado para defender as próprias paredes de Orynth.

Foi por eles que ele brandiu a espada, por eles, ele levou golpe após golpe.

O príncipe Valg sibilou a cada explosão, como se enfurecido que seu poder não pudesse quebrar esse escudo.

Escudo de Rhoe.

Não havia mágica nisso. Brannon nunca tinha suportado isso. Mas um deles forjou-o, um da linha ininterrupta de reis e rainhas que vieram depois dele, que amavam seu reino mais do que suas próprias vidas. Que levaram esse escudo para a batalha, para a guerra, para defender Terrasen.

E enquanto Aedion e o príncipe Valg lutavam ao longo das muralhas, como aquele escudo antigo se recusava a ceder, ele se perguntou se haveria um tipo diferente de poder no metal. Um que o Valg nunca poderia e nunca entenderia. Não é mágica de verdade, não como Brannon e Aelin tinham. Mas algo tão forte quanto— mais forte.

Que o Valg nunca poderia quebrar, não importa o quanto tentasse.

A espada de Aedion cantou, e o príncipe Valg rugiu quando Aedion conectou-se com seu braço, cortando profundamente.

Sangue preto pulverizado. Aedion saltou sobre a vantagem, empurrando com o escudo e apunhalando com sua lâmina.

Mas o príncipe estava esperando.

Tinha colocado uma armadilha, seu próprio corpo como isca.

E quando Aedion bateu no príncipe Valg, o demônio tirou uma adaga do cinto da espada e atacou. Bem onde a armadura de Aedion expôs apenas uma lasca perto de sua axila, vulnerável com a posição estendida de seu braço.

A faca mergulhou, rasgando carne e músculo e osso.

Dor, branca, quente e ofuscante, ameaçou fazê-lo abrir a mão, soltar sua espada. Apenas o treinamento de Aedion, apenas aqueles anos de trabalho, manteve seus pés sob ele quando ele saltou para trás, se soltando da faca.

O príncipe Valg riu, e Aedion estava vagamente consciente da luta ao longo das muralhas, dos gritos e agonias e chamas de fogo, enquanto o príncipe sorria para o punhal ensanguentado.

Trazendo-o para sua boca sensual, o príncipe arrastou sua língua ao longo da lâmina. Lambeu o sangue de Aedion.

— Extraordinário — o demônio respirou, estremecendo de prazer.

Aedion recuou outro passo, seu braço queimando e queimando e queimando, sangue acumulando-se dentro de sua armadura.

O príncipe seguiu atrás dele.

Um chicote de poder das trevas foi lançado para Aedion, e ele novamente o pegou em seu escudo. Deixou-o cair no chão,

aterrissando em cima do corpo encouraçado de alguém da Devastação.

Sua respiração ficou afiada como a faca que o esfaqueara.

O príncipe parou diante de Aedion.

— Festejar com você será uma delícia.

Aedion ergueu o escudo sobre si mesmo, preparando-se para o golpe.

O príncipe levantou a adaga ensanguentada para sua boca novamente, os olhos revirando em sua cabeça.

Aqueles olhos se arregalaram quando uma flecha quebrou a pele de sua garganta. Logo acima do colar.

O príncipe amordaçou, girando em direção à flecha que não vinha de Aedion, mas por trás. Bem no caminho de Ren Allsbrook e o fogo que ele trazia em seus braços. Ren bateu a mão na escotilha de liberação e a chama irrompeu.

Aedion se abaixou, enrolando seu corpo sob o escudo enquanto a chama ameaçava derreter seus próprios ossos.

O mundo era calor e luz. Então nada. Apenas os gritos de batalha e homens morrendo.

Aedion conseguiu baixar o escudo.

Onde o príncipe Valg havia estado, uma pilha de cinzas e uma gola negra da pedra Wyrđ permaneceu.

Aedion ofegou, uma mão indo para seu lado sangrando.

— Eu tinha ele.

Ren apenas sacudiu a cabeça e girou em uma bota, soltando a chama sobre os soldados Valg mais próximos.

O lorde de Allsbrook voltou-se para ele, com a boca aberta para dizer alguma coisa. Mas a cabeça de Aedion nadou, seu corpo mergulhando em uma frieza que ele nunca conhecera. Então não havia nada.



A batalha foi muito pior do que Evangeline imaginara.

Só o som a fez tremer em seus ossos, e apenas entregando mensagens para Lorde Darrow, onde ele estava em uma das varandas superiores do castelo a salvou de se enrolar em uma bola.

O fôlego dela era uma coisa áspera e seca quando ela correu de volta para a varanda, para onde Darrow estava junto ao corrimão de pedra, dois outros lordes Terrasen ao lado dele.

— De Kyllian — Evangeline conseguiu dizer, fazendo uma reverência, como sempre fazia quando transmitia uma mensagem.

Batalhas não eram lugar para boas maneiras, ela sabia – Aelin certamente teria dito isso. Mas ela continuou fazendo isso, a reverência, mesmo quando suas pernas tremiam. Não conseguiu se conter.

O mensageiro de Kyllian a encontrou nas escadas do castelo e agora aguardava a resposta de Darrow. Foi o mais perto da luta que ela tinha conseguido. Não que estar aqui em cima fosse melhor.

Pressionando-se contra as pedras da parede da torre, Evangeline deixou que Darrow lesse a carta. As Crochans e as serpentes aladas estavam muito mais próximos daqui. Esta alta, ela estava em seu nível, o mundo um borrão abaixo. Evangeline colocou as palmas das mãos contra as pedras geladas, como se pudesse extrair alguma força delas.

Mesmo com o rugido da batalha, ela ouviu Darrow declarar aos outros senhores:

— Aedion foi ferido.

O estômago de Evangeline caiu, náusea – oleosa e espessa – surgindo.

— Ele está bem?

Os outros dois lordes a ignoraram, mas Darrow olhou em sua direção.

— Ele perdeu a consciência e foi levado para um prédio perto da parede. Os curandeiros estão trabalhando nele enquanto falamos.

Eles o trarão para cá assim que ele for capaz de resistir.

Evangeline cambaleou até o corrimão da sacada, como se pudesse ver aquele prédio em meio ao mar de caos junto às

muralhas da cidade.

Ela nunca teve um irmão ou um pai. Ela ainda não tinha decidido qual deles gostaria que Aedion fosse. E se ele estava tão ferido que justificava uma mensagem para Darrow – Ela apertou a mão contra o estômago, tentando conter a bile que queimava sua garganta.

Murmúrios soaram, e então havia uma mão em seu ombro.

— Lorde Gunnar cuidará da minha resposta — disse Darrow. — Você vai ficar aqui comigo. Eu posso precisar de você.

As palavras eram severas, mas a mão em seu ombro era gentil.

Evangeline apenas assentiu, doente e infeliz, e agarrou-se ao corrimão da sacada, como se o aperto dela pudesse de alguma forma manter Aedion deste lado da vida.

— Refrescos quentes, Sloane — ordenou Darrow, sua voz não abrindo espaço para discussões.

O outro lorde se afastou. Evangeline não sabia quanto tempo passou depois disso. Quanto tempo demorou até que o lorde chegou, e Darrow apertou uma caneca escaldante em seus dedos.

— Bebida.

Evangeline obedeceu, achando que fosse algum tipo de caldo.

Carne, talvez. Ela não se importava.

Seus amigos estavam lá embaixo. Sua família, a que ela fez.

Longe, perto do rio, um borrão de movimento era sua única indicação de que Lysandra ainda vivia.

Nenhuma palavra chegou sobre o destino de Aedion.

Então, Evangeline permaneceu na torre, Darrow em silêncio ao lado dela, e rezou.

CAPÍTULO 87

Mesmo se movendo o mais rápido que podiam, o exército de khagan era muito lento. Muito lento e muito grande para alcançar Terrasen a tempo.

Na semana em que eles estavam indo para o norte, Aelin implorando a Carvalhal, o Povo Pequeninino, e Brannon por perdão quando ela arrasou um caminho através da floresta, eles estavam apenas agora se aproximando de Endovier, e a fronteira a poucos quilômetros além dela. De lá, se tivessem sorte, seriam mais dez dias até Orynth. E provavelmente se tornaria um desastre se Morath mantivesse as forças estacionadas em Perranth depois da captura da cidade.

Então, eles escolheram contornar a cidade em seu flanco ocidental, contornando as Montanhas Perranth em vez de cortar as terras baixas para a jornada mais fácil pela terra. Com Carvalhal como capa, eles podem ser capazes de se aproximar de Morath em Orynth.

Se houvesse alguma coisa de Orynth no momento em que eles chegassem. Eles ainda estavam longe demais para os cavaleiros do ruk fazerem qualquer tipo de reconhecimento, e nenhum mensageiro havia cruzado seus caminhos. Mesmo os homens selvagens dos Caninos, que permaneceram com eles e agora juraram marchar até Orynth para vingar seus parentes, não sabiam de um caminho mais rápido.

Aelin tentou não pensar nisso. Ou sobre Maeve e Erawan, onde quer que estejam. O que quer que eles possam ter planejado.

Endovier, o único posto avançado da civilização que eles viram em uma semana, seria a primeira notícia desde que deixaram o desfiladeiro Ferian.

Ela também tentou não pensar nisso. Do fato de que eles estariam passando por Endovier amanhã ou no dia seguinte. Que ela veria aquelas montanhas cinzentas que haviam abrigado as minas de sal.

Deitada de bruços em cima do catre – não adiantava fazer com que alguém montasse uma cama de verdade para ela e Rowan quando eles marchariam dentro de algumas horas – Aelin fez uma careta contra a ardência nas costas.

O tilintar das ferramentas de Rowan e o crepitar dos braseiros eram os únicos sons em sua tenda.

— Será feito hoje à noite? — Ela perguntou quando ele parou para mergulhar a agulha no pote de tinta salgada.

— Se você parar de falar — foi sua resposta seca.

Aelin bufou, levantando-se sobre os cotovelos para espiar por cima do ombro para ele. Ela não conseguia ver o que ele pintava, mas conhecia o design. Uma réplica do que ele escreveu nas costas dela nesta primavera, as histórias de seus entes queridos e suas mortes, escritas exatamente onde estavam suas cicatrizes. Exatamente onde elas estavam, como se ele tivesse sua memória gravada em sua mente.

Mas outra tatuagem estava lá agora. Uma tatuagem que se esparramava sobre os ossos do ombro, como se fosse um par de asas abertas. Ele desenhava para ela.

A história deles. Rowan e Aelin.

Uma história que começou em raiva e tristeza e se tornou algo completamente diferente.

Ela estava feliz por tê-lo deixado assim. Na felicidade.

Aelin descansou o queixo sobre as mãos.

— Nós estaremos perto de Endovier em breve.

Rowan voltou a trabalhar, mas ela sabia que ele ouvia cada palavra, pensou em sua resposta.

— O que você quer fazer sobre isso?

Ela estremeceu com a picada de um ponto particularmente sensível perto de sua espinha.

— Queimar ao chão. Explodir as montanhas em escombros.

— Bom. Vou te ajudar.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios.

— O lendário príncipe-guerreiro não me diria para evitar gastar minha força descuidadamente?

— O lendário príncipe-guerreiro diria a você para manter o curso, mas se destruir Endovier vai ajudar, então ele vai estar lá com você.

Aelin ficou em silêncio enquanto Rowan continuava trabalhando por mais alguns minutos.

— Eu não me lembro da tatuagem demorando tanto da última vez.

— Eu fiz melhorias. E você está recebendo uma marcação totalmente nova.

Ela cantarolou, mas não disse mais nada por um tempo.

Rowan continuou, limpando o sangue quando necessário.

— Eu não acho que posso — respirou Aelin. — Eu não acho que posso suportar olhar para Endovier e muito menos destruí-lo.

— Você quer que eu faça? — Uma pergunta calma e de guerreiro. Ele sabia, ela sabia. Se ela pedisse a ele, ele voaria para Endovier e o transformaria em pó.

— Não — ela admitiu. — Os superintendentes e escravos foram todos embora. Não há ninguém para destruir e ninguém para salvar. Eu só quero passar e nunca mais pensar nisso. Isso me faz uma covarde?

— Eu diria que isso te faz humana. — Uma pausa. — Ou qualquer que seja um ditado semelhante para Feéricos.

Ela franziu a testa para os dedos entrelaçados sob o queixo.

— Parece que eu sou mais Feérica nos dias de hoje do que qualquer outra coisa. Eu até esqueço às vezes — quando foi a última vez que eu estava no meu corpo humano.

— Isso é uma coisa boa ou ruim? — Suas mãos não vacilaram.

— Eu não sei. Eu sou humana, no fundo, o absurdo da Rainha dos Feéricos à parte. Eu tive pais humanos, e os pais deles eram humanos, principalmente, e mesmo com a linha de Mab sendo verdadeira... eu sou uma humana que pode se transformar em Feérica. Uma humana que usa um corpo Feérico. — Ela não mencionou o tempo de vida imortal. Não com tudo o que eles tinham pela frente.

— Por outro lado — Rowan respondeu. — Eu diria que você era uma humana com instintos Feéricos. Talvez mais do que humanos. — Ela sentiu o sorriso dele. — Territorial, dominante, agressiva...

— Suas habilidades quando se trata de elogiar as mulheres são incomparáveis.

Sua risada foi uma onda de ar quente ao longo de sua espinha.

— Por que você não pode ser humana e Feérica? Por que escolher em tudo?

— Porque as pessoas sempre parecem exigir que você seja uma coisa ou outra.

— Você nunca se preocupou em dar a mínima para o que as outras pessoas exigem.

Ela sorriu levemente.

— Verdade.

Ela cerrou os dentes quando a agulha perfurou sua espinha.

— Estou feliz que você esteja aqui, que eu verei Endovier novamente pela primeira vez com você aqui.

Para enfrentar essa parte de seu passado, esse sofrimento e tormento, se ela ainda não pudesse olhar muito de perto nos últimos meses.

Suas ferramentas, a dor entorpecente, pararam. Então seus lábios roçaram a parte superior de sua coluna, logo acima do início da nova tatuagem. A mesma tatuagem que ele tinha, Gavriel e Fenrys pintando por conta própria nos últimos dias, sempre que eles pararam para a noite.

— Estou feliz por estar aqui também, Coração de Fogo.

Por mais tempo que os deuses permitissem.

~

Elide caiu em seu catre, gemendo baixinho enquanto se inclinava para desamarrar os laços de suas botas. Um dia ajudando Yrene na carroça não era tarefa fácil, e a perspectiva de esfregar salve no tornozelo e no pé parecia nada menos que divina. O trabalho, pelo menos, mantinha os pensamentos fervilhantes à distância: o que ela havia feito a Vernon, o que acontecera com Perranth, o que os esperava em Orynth e o que eles poderiam fazer para derrotá-lo.

Do catre oposto ao dela, Lorcan apenas observou, uma maçã meio descascada em suas mãos.

— Você deveria descansar mais vezes.

Elide acenou para ele, arrancando a bota dela, depois a meia.

— Yrene está grávida – e vomitando a cada hora, mais ou menos. Se ela não descansar, eu não vou.

— Eu não tenho certeza se Yrene é totalmente humana. — Embora a voz fosse rouca, o humor brilhou nos olhos de Lorcan.

Elide pegou a lata de pomada do bolso. Eucalipto, dissera Yrene, citando uma planta de que Elide nunca ouvira falar, mas cujo cheiro – agudo e ainda reconfortante – ela gostava muito. Sob a erva pungente, havia lavanda, alecrim e algo mais misturado com o linimento opaco e pálido.

Um farfalhar de roupas e, em seguida, Lorcan estava ajoelhado diante dela, o pé de Elide nas mãos. Quase engolido pelas mãos dele, na verdade.

— Deixe-me — ele ofereceu.

Elide ficou atordoada o suficiente para que, de fato, permitisse que ele tirasse a lata de suas mãos e observou em silêncio Lorcan mergulhar os dedos na pomada. Então começou a esfregar em seu tornozelo.

Seu polegar encontrou o local em seu tornozelo onde osso contra o osso. Elide soltou um gemido. Ele cuidadosamente, com quase reverência, começou a aliviar a dor.

Essas mãos abateram seus reinos. Suportou as cicatrizes fracas para provar isso. E ainda assim ele segurou o pé dela como se fosse um pequeno pássaro, como se fosse algo... sagrado.

Eles não tinham compartilhado uma cama – não quando esses catres eram pequenos demais, e Elide desmaiava depois do jantar. Mas eles compartilharam essa barraca. Ele tinha sido cuidadoso, talvez muito cuidadoso, às vezes pensava, para lhe dar privacidade quando trocava de roupa e tomava banho.

De fato, uma banheira fumegava no canto da tenda, mantida quente por cortesia de Aelin. Muitos dos banhos do acampamento eram calorosos graças a ela, para a eterna gratidão dos soldados.

Alternando longos movimentos com pequenos círculos, Lorcan lentamente estimulou a dor do pé. Parecia contente em fazer exatamente isso a noite toda, se ela quisesse.

Mas ela não estava meio adormecida. Por uma vez. E cada pincelada de seus dedos em seu pé a fez se sentar, algo aquecendo em seu núcleo.

O polegar dele empurrou o arco do pé dela, e Elide soltou um pequeno ruído. Não com a dor, mas...

Calor brilhou em suas bochechas. Ficou mais quente quando Lorcan olhou para ela sob seus cílios, uma faísca de malícia iluminando seus olhos escuros.

Elide ficou boquiaberta. Então bateu no ombro dele. Músculo duro a cumprimentou.

— Você fez isso de propósito.

Ainda segurando seu olhar, a única resposta de Lorcan foi repetir o movimento.

Bom – isso foi malditamente *bom*...

Elide tirou o pé do aperto dele. Fechou as pernas. Firmemente.

Lorcan deu-lhe um meio sorriso que fez os dedos dos pés enrolarem.

Mas então ele disse:

— Você é bem e verdadeiramente Lady de Perranth agora.

Ela sabia. Ela pensara nisso incessantemente durante esses duros dias de viagem.

— É sobre isso que você realmente quer falar?

Seus dedos não pararam seu trabalho milagroso e pecaminoso.

— Nós não falamos sobre isso. Sobre Vernon.

— O que é que tem? — ela disse, tentando e falhando em indiferença. Mas ele olhou para ela por baixo de seus cílios grossos. Bem ciente de sua evasão. Elide soltou um suspiro, olhando para o teto pontudo da tenda. — Isso me faz melhor do que Vernon... como eu escolhi puni-lo no final?

Ela não se arrependera no primeiro dia. Ou no segundo. Mas estas longas milhas, como ficou claro que Vernon provavelmente estava morto, ela se perguntou.

— Só você pode decidir isso, eu acho — disse Lorcan. No entanto, seus dedos pararam no pé dela. — Pelo que vale, ele mereceu. — Seu poder sombrio retumbou pela sala.

— Claro que você diria isso.

Ele deu de ombros, sem se importar em negar isso.

— Perranth vai se recuperar, você sabe — ele ofereceu. — Do saque de Morath. E tudo o que Vernon fez antes.

Esse foi o outro pensamento que pesava a cada quilômetro ao norte. Que sua cidade, a cidade do seu pai e da sua mãe tinha sido dizimada.

— Isso se vencermos esta guerra — disse Elide.

Lorcan retomou seus golpes calmantes.

— Perranth será reconstruída — foi tudo o que ele disse. — Vamos ver que vai.

— Você já fez isso? Reconstruiu uma cidade?

— Não — ele admitiu, seus polegares persuadindo a dor de seus ossos doloridos. — Eu só as destruí. — Seus olhos se ergueram para os dela, procurando e abertos. — Mas eu gostaria de tentar. Com você.

Ela viu a outra oferta ali... não apenas para construir uma cidade, mas uma vida.

Juntos.

Calor subiu para suas bochechas quando ela assentiu.

— Sim — ela sussurrou. — Por quanto tempo nós tivermos.

Pois, se sobreviveram a essa guerra, ainda havia aquela entre eles: sua imortalidade.

Algo se fechou nos olhos de Lorcan, e ela pensou que ele diria mais, mas sua cabeça mergulhou. Então ele começou a soltar o outro pé.

— O que você está fazendo? — Suas palavras foram uma corrida sem fôlego.

Seus destros dedos – deuses acima, aqueles dedos – fizeram o trabalho rápido de seus laços.

— Você deveria pôr de molho esse pé. E pôr em geral. Como eu disse, você trabalha tão duro.

— Você disse que eu deveria descansar mais.

— Porque você trabalha muito duro. — Ele empurrou o queixo em direção ao banho quando ele tirou a bota e a ajudou a se levantar. — Eu vou encontrar alguma comida.

— Eu já comi...

— Você deve comer mais.

Dando-lhe privacidade sem o constrangimento de precisar pedir por isso. Isso é o que ele estava tentando fazer.

Descalça diante dele, Elide olhou para o rosto cortado de granito. Tirou o casaco, depois a jaqueta. A garganta de Lorcan vibrou.

Ela sabia que ele podia ouvir seu coração quando começou a correr. Poderia provavelmente acentuar cada emoção dela. Mas ela disse:

— Eu preciso de ajuda. Entrando no banho.

— Você precisa, agora. — Sua voz era quase gutural.

Elide mordeu o lábio, os seios ficaram pesados, formigando.

— Eu posso escorregar.

Seus olhos percorreram seu corpo, mas ele não fez nenhum movimento.

— Um momento perigoso, hora do banho.

Elide descobriu a si mesma andando em direção à banheira de cobre. Ele arrastou alguns pés atrás, dando a ela espaço. Deixando ela dirigir isso.

Elide parou ao lado da banheira, com vapor passando. Ela puxou a bainha de sua camisa de suas calças.

Lorcan observou cada movimento. Ela não estava inteiramente certa de que ele estava respirando.

Mas suas mãos pararam. Incertas. Não dele, mas esse aumento, esse caminho.

— Mostre-me o que fazer — ela respirou.

— Você está indo muito bem — Lorcan disse.

Mas ela deu-lhe um olhar desamparado e ele se aproximou. Seus dedos encontraram a bainha solta de sua camisa.

— Posso? — ele perguntou baixinho.

Elide sussurrou:

— Sim.

Lorcan ainda estudou os olhos dela, como se estivesse lendo a sinceridade daquela palavra. Considerando se era verdade.

Delicadamente, ele puxou o tecido dela. O ar fresco beijou sua pele, se agitando. A faixa flexível em torno dos seios permaneceu, mas o olhar de Lorcan permaneceram nela.

— Diga-me o que você quer em seguida — ele disse asperamente.

Com a mão tremendo, Elide passou um dedo pela faixa.

As próprias mãos de Lorcan tremiam quando ele soltou a faixa. Quando ele a revelou para o ar, para ele.

Seus olhos pareciam ficar totalmente negros quando ele examinou seus seios, sua respiração irregular.

— Linda — ele murmurou.

A boca de Elide se curvou quando a palavra se estabeleceu dentro dela. Deu coragem suficiente para que ela levasse as mãos a jaqueta dele e começasse a abrir, desabotoando. Até que o peito de Lorcan estivesse vazio, e ela passou os dedos pelo cabelo escuro dos planos esculpidos.

— Lindo — ela disse.

Lorcan tremeu – com moderação, com emoção, ela não sabia. Aquele ronronar querido de seu estrondo nela enquanto ela pressionava sua boca contra seu peitoral.

As mãos dele deslizaram para o cabelo dela, cada golpe de sua trança.

— Nós só vamos tão longe quanto você quiser — disse ele. No entanto, ela se atreveu a olhar para o corpo dele, para o que estava sob as calças dele.

Sua boca ficou seca.

— Eu... eu não sei o que estou fazendo.

— Tudo o que você fizer será suficiente — disse ele.

Ela levantou a cabeça, examinando o rosto dele.

— Suficiente para o que?

Outro meio sorriso.

— O suficiente para me agradar. — Ela zombou da arrogância, mas Lorcan roçou a boca no pescoço dela. A mão dele segurou sua cintura, seus polegares roçando suas costelas. Mas não mais alto.

Elide arqueou-se ao toque, um pequeno som escapou enquanto seus lábios roçavam logo abaixo de sua orelha. E então sua boca encontrou a dela, gentil e calorosa.

As mãos dela entrelaçaram ao redor do pescoço dele, e Lorcan a ergueu, levando-a não para o banho, mas para a cama atrás deles, os lábios dele nunca deixando os dela.

Casa. Isso com ele. Esta era a casa, como ela nunca teve. Por quanto tempo eles pudessem compartilhá-lo.

E quando Lorcan a colocou sobre a cama, sua respiração tão irregular quanto a dela, quando ele fez uma pausa, deixando-a decidir o que fazer, onde levar isso, Elide o beijou novamente e sussurrou:

— Mostre-me tudo.

Então Lorcan mostrou.



Havia um portão e um caixão.

Ela não escolheu nenhum dos dois.

Ela estava em um lugar que não era um lugar, a névoa a envolvia e olhava para eles. Suas escolhas.

Um baque bateu dentro do caixão, gritos abafados femininos e implorando subindo.

E o portão, o arco negro na eternidade – o sangue escorria pelos lados, infiltrando-se na pedra escura. Quando o portão terminou com o jovem rei, esse sangue era tudo o que restava.

— Você não é melhor que eu — disse Cairn.

Ela se virou para ele, mas não era o guerreiro que a atormentava nas névoas.

Doze deles espreitavam lá, sem forma e ainda presentes, antigos e frios. Como um eles falaram.

— Mentirosa. Traidora. Covarde.

O sangue no portão encharcou a pedra, como se o próprio portão devorasse até mesmo este último pedaço dela. Aquela que tinha ido em seu lugar. Aquela que ela deixara ir em seu lugar.

A batida de dentro do caixão não cessou.

— Essa caixa nunca vai abrir — disseram eles.

Ela piscou, e ela estava dentro da caixa – a pedra tão fria, o ar sufocante. Piscou, e ela estava batendo na tampa, gritando e gritando. Piscou e havia correntes nela, uma máscara presa no rosto...



Aelin acordou com os braseiros e o cheiro de pinho e neve de seu parceiro em volta dela. Do lado de fora da tenda, o vento uivava, deixando as paredes da lona balançando e inchando.

Cansada. Ela estava tão cansada.

Aelin olhou para o escuro por longas horas e não voltou a dormir.



Mesmo com a cobertura de Carvalhal, apesar do caminho mais amplo que Aelin incinerou em ambos os lados da antiga estrada que subia pelo continente como uma veia murcha, ela podia sentir Endovier se aproximando. Podia sentir as Montanhas Ruhn projetando-se em direção a elas, uma parede contra o horizonte.

Ela andava perto da frente da companhia, não dizendo muito como a manhã, então a tarde passou. Rowan ficou ao lado dela, permanecendo sempre à sua esquerda – como se ele pudesse ser um escudo entre ela e Endovier – enquanto ela enviava plumas de chamas que derreteram árvores antigas à frente. O vento de Rowan sufocou qualquer fumaça de alertar o inimigo de sua aproximação.

Ele terminou as tatuagens na noite anterior. Tinha levado um pequeno espelho de mão para mostrar a ela o que ele tinha feito. A tatuagem que ele fez para eles.

Ela deu uma olhada nas asas abertas – as asas de um falcão – nas costas e então o beijou. Beijou-o até que suas próprias roupas se foram, e ela estava montada nele, nem se incomodando com as palavras, ou sendo capaz de encontrá-las.

Suas costas haviam cicatrizado pela manhã, embora permanecesse tenro em alguns pontos ao longo de sua espinha, e nas horas em que eles se aproximavam de Endovier, ela achava que o peso invisível da tinta estava se estabilizando.

Ela saiu. Ela sobreviveu.

De Endovier e Maeve.

E agora estava em cima dela para cavalgar como o inferno pelo norte, para tentar salvar seu povo antes que Morath os limpasse para sempre. Antes que Erawan e Maeve chegassem para fazer exatamente isso.

Mas isso não impediu o peso, que puxou para o oeste. Para olhar para o lugar que ela levou tanto tempo para escapar, mesmo depois de ter sido libertada fisicamente.

Depois do almoço, encontrou Elide à sua direita, andando em silêncio sob as árvores. Cavalgando mais alto do que ela viu a garota antes. Um rubor nas bochechas dela.

Aelin tinha a sensação de que sabia exatamente porque aquele rubor desabrochava ali, que se olhasse para trás, para onde Lorcan cavalgava, o encontraria com um sorriso satisfeito e puramente masculino.

Mas as palavras de Elide eram tudo menos aquelas de uma donzela apaixonada.

— Eu não achei que eu realmente veria Terrasen novamente, uma vez que Vernon me tirou de Perranth.

Aelin piscou. E até o rubor no rosto de Elide se desvaneceu, sua boca se apertou.

De todos eles, apenas Elide vira Morath. Morou lá. Sobreviveu.

Aelin disse:

— Houve uma época em que pensei que nunca mais veria isso novamente.

O rosto de Elide ficou contemplativo.

— Quando você era uma assassina, ou quando você era uma escrava?

— Ambos. — E talvez Elide tivesse chegado ao seu lado só para fazê-la falar, mas Aelin explicou: — Foi uma tortura de outro tipo, quando eu estava em Endovier, saber que aquela casa ficava a quilômetros de distância. E que eu não seria capaz de ver uma última vez antes de morrer.

Os olhos escuros de Elide brilharam com compreensão.

— Eu pensei que morreria naquela torre, e ninguém se lembraria de que eu existira.

Ambos tinham sido cativas, escravas – de um tipo. Ambos usavam algemas. E suportaram as cicatrizes delas.

Ou Elide fez. A falta delas em Aelin ainda a rasgava, uma ausência que ela nunca pensou que iria se arrepender.

— Nós conseguimos sair no final — disse Aelin.

Elide estendeu a mão para apertar a mão de Aelin.

— Sim, nós fizemos.

Mesmo que agora ela desejasse que terminasse. Tudo isso. Cada respiração dela se sentia sobrecarregada por ele, esse desejo.

Eles continuaram depois disso, e assim que Aelin viu a bifurcação na estrada – a encruzilhada que os levaria às próprias minas de sal – um grito de alerta surgiu do rukhin, voando ao longo da borda entre a floresta e as montanhas.

Aelin instantaneamente retirou Goldryn. Rowan se armou ao lado dela, e o exército inteiro parou enquanto examinavam a floresta, os céus.

Ela ouviu o aviso no momento em que uma forma escura passou, tão grande que apagou o sol acima do dossel da floresta.

Serpente alada.

Arcos gemeram, e os ruks estavam correndo, perseguindo aquela serpente alada. Se uma batedora Dentes de Ferro os avistou. Aelin preparou sua magia. A serpente alada inclinou-se para eles, pouco visível através da treliça de galhos.

Mas a luz se acendeu então. Arrancou o rukhin – inofensivamente.

Não leve. Mas gelo, piscando e piscando antes de se transformar em chamas.

Rowan também reconheceu isso. Rugiu a ordem para segurar seu fogo.

Não foi Abraxos que pousou na encruzilhada. E não havia sinal de Manon Bico Negro.

A luz brilhou novamente. E então Dorian Havilliard ficou ali, com o casaco e a capa manchados e gastos.

Aelin galopou pela estrada em direção a ele, Rowan e Elide a seu lado, os outros em suas costas.

Dorian levantou a mão, seu rosto grave como a morte, mesmo quando seus olhos se arregalaram ao vê-la.

Mas Aelin sentiu isso então.

O que Dorian carregava?

As Chaves de Wyrð.

Todas as três.

CAPÍTULO 88

O braço e as costelas de Aedion estavam em chamas.

Pior do que o calor escaldante dos fogos, pior do que qualquer nível do reino em chamas de Hells.

Ele recuperou a consciência quando a curandeira começou seus primeiros pontos. Tinha apertado o pedaço de couro que ela tinha oferecido e rugiu ao redor da dor enquanto ela o costurava.

Quando ela terminou, ele desmaiou de novo. Ele acordou minutos depois, de acordo com os soldados designados para ter certeza de que ele não morreria, e achou a dor aliviada, mas ainda afiada o suficiente para que usar o braço da espada fosse quase impossível. Pelo menos até que sua herança feérica o curasse – mais rápido que os homens mortais.

Que ele não tinha morrido de perda de sangue e poderia tentar mover o braço ao ordenar que sua armadura o prendesse e tropeçasse nas ruas da cidade, mirando na parede, graças a essa herança feérica. Da mãe dele, sim, mas principalmente do pai dele.

Gavriel tinha ouvido, através do mar ou onde quer que a caça por Aelin o tivesse levado, que Terrasen estava prestes a cair? Ele se importaria?

Não importava. Mesmo que parte dele desejasse que o Leão estivesse lá. Rowan e os outros certamente, mas a presença constante de Gavriel teria sido um bálsamo para esses homens.

Talvez para ele.

Aedion cerrou os dentes, balançando enquanto ele subia as escadas escorregadias até as muralhas da cidade, esquivando-se de corpos humanos e Valg. Uma hora, ele tinha caído por uma hora.

Nada havia mudado. Valgs ainda cercavam as muralhas e os portões sul e oeste; mas as forças de Terrasen os impediram. Nos céus, o número de Crochans e Dentes de Ferro diminuía, mas pouco. As Treze eram um aglomerado distante e cruel, destruindo quem quer que voasse em seu caminho.

E no rio... sangue vermelho manchou as margens cobertas de neve. Muito sangue vermelho.

Ele tropeçou um passo, perdendo a visão do rio por um momento enquanto os soldados despachavam os grunhidos Valgs diante dele. Quando eles passaram, Aedion mal podia respirar enquanto examinava os bancos ensanguentados. Soldados jazem mortos por toda parte, mas... lá. Mais perto das muralhas da cidade do que ele percebeu.

Branca contra a neve e gelo, ela ainda lutou. Sangue escorrendo pelos seus lados. Sangue vermelho.

Mas ela não recuou para a água. Manteve-se no chão.

Foi uma tolice desnecessária. Emboscá-los foi muito mais eficaz.

No entanto, Lysandra lutou, com espinhos no rabo e a boca gigante arrancando as cabeças, bem no ponto em que o rio passava pela cidade. Ele sabia que algo estava errado então. Além do sangue nela.

Sabia que Lysandra aprendera algo que eles não sabiam. E, segurando-se no chão, tentou sinalizá-los nas paredes.

Com a cabeça girando, braço e costelas latejando, Aedion examinou o campo de batalha. Um grupo de soldados atacou-a. Um golpe de sua cauda teve as lanças quebradas, seus portadores junto com elas.

Mas outro grupo de soldados tentou passar por ela, à beira do rio.

Aedion viu o que eles carregavam, o que eles tentavam carregar e xingou. Lysandra esmagou um barco com a cauda, mas não conseguiu alcançar o segundo grupo de soldados - suportando outro.

Eles alcançaram as águas geladas, o barco espirrando e Lysandra se lançou. Assim que ela foi invadida por outro grupo de soldados,

tantas lanças e lanças que ela não teve escolha a não ser enfrentá-los. Permitindo que o barco e os soldados que o transportam passassem.

Aedion observou para onde esses soldados estavam indo e começou a gritar suas ordens. Sua cabeça nadou com cada comando.

Em Lysandra se esgueirando para o rio através dos túneis, ela teve o elemento surpresa. Mas também revelara a Morath que outro caminho existia na cidade. Um logo abaixo de seus pés.

E se eles passassem pela grade, se conseguissem entrar nas paredes...

Lutando contra a imprecisão crescente em sua cabeça, Aedion começou a sinalizar. Primeiro para a metamorfa segurando a linha, tentando tão valentemente manter essas forças à distância. Então, para as Treze, perigosamente altas nos céus, para voltar para as muralhas – para impedir Morath de rastejar antes que fosse tarde demais.



No alto, os gritos do vento sangrando nos agonizantes e feridos, Manon viu o sinal do general, o padrão cuidadoso de luz que ele havia mostrado na noite anterior.

Um comando para correr para as paredes – imediatamente.

Apenas ela e as Treze.

As Crochans mantinham a maré de Dentes de Ferro à distância, mas para recuar, para *sair*...

O Príncipe Aedion voltou a sinalizar. *Agora. Agora. Agora.*

Algo estava errado. Muito errado.

Rio, ele sinalizou. *Inimigo.*

Manon lançou seu olhar para a terra bem abaixo. E viu o que Morath estava tentando fazer secretamente.

— *Para as paredes!* — Ela chamou as Treze, ainda um martelo atrás dela, e fez com que Abraxos dirigisse para a cidade, puxando as rédeas para que ele voasse alto acima da batalha.

O grito de aviso de Asterin chegou a ela um pouco tarde demais. Disparando de baixo, um predador emboscando a presa, o enorme touro apontado para Abraxos.

Manon conhecia o cavaleiro quando o touro bateu em Abraxos, garras e dentes cavando fundo.

Iskra Pernas Amarelas já estava sorrindo.

O mundo inclinou e girou, mas Abraxos, rugindo de dor, manteve-se no ar, continuou agitando.

Mesmo quando o touro de Iskra puxou a cabeça para trás, apenas para fechar a boca em torno da garganta de Abraxos.

CAPÍTULO 89

O touro de Iskra agarrou-o pelo pescoço, mas Abraxos manteve-os no ar.

Ao ver aquelas mandíbulas poderosas ao redor da garganta de Abraxos, o medo e a dor em seus *olhos...*

Manon não conseguia respirar. Não podia pensar em torno do terror que corria através dela, tão ofuscante e repugnante que por alguns segundos ela ficou congelada. Totalmente congelada.

Abraxos, Abraxos...

Dela. Ele era dela, e ela era dele, e as Trevas os escolheram para ficarem juntos.

Ela não tinha noção do tempo, nenhum senso de quanto tempo havia passado entre aquela mordida e quando ela tinha se movido novamente. Poderia ter sido um segundo, poderia ter sido um minuto.

Mas logo ela estava puxando uma flecha de sua aljava quase vazia. O vento ameaçava arrancá-la de seus dedos, mas ela a encaixou no arco, o mundo girando girando, o vento rugindo, e mirou.

O touro de Iskra sacudiu quando a flecha aterrissou – apenas um fio de cabelo no olho dele.

Mas ele não soltou.

Ele não tinha agarrado profundo o suficiente para arrancar a garganta de Abraxos, mas se ele mordesse por tempo suficiente, se ele cortasse o suprimento de ar de sua montaria...

Manon soltou outra flecha. O vento mudou o suficiente para que ela atingisse a mandíbula da fera, mal cravando no couro espesso.

Iskra estava rindo. Rindo enquanto Abraxos lutava e não conseguia se libertar.

Manon procurou qualquer uma das Treze, para que alguém os salvasse. Salvasse ele.

Aquele que mais importava do que qualquer outro, com quem trocaria de lugar se a Deusa de Três Rostos permitisse, teria sua própria garganta presa naquelas terríveis mandíbulas.

Mas as Treze haviam se dispersado, o grupo de Iskra abrindo suas fileiras. Asterin e a segunda de Iskra estavam garra-a-garra enquanto suas serpentes aladas trancavam as garras e mergulhavam em direção ao campo de batalha.

Manon avaliou a distância até o touro de Iskra, até as mandíbulas ao redor do pescoço. Pesou a força das correias nas rédeas. Se ela pudesse balançar para baixo, se tivesse sorte, ela poderia ser capaz de cortar a garganta do touro, apenas o suficiente para libertá-lo...

Mas as asas de Abraxos vacilaram. Sua cauda, tentando valentemente atacar o touro, começou a desacelerar.

Não.

Não.

Assim não. Tudo menos isso.

Manon pendurou o arco nas costas dela, os dedos meio congelados mexendo nas correias e nas fivelas da sela.

Ela não aguentaria. Não suportaria, essa morte, a dor dele e o medo antes disso.

Ela poderia estar soluçando. Poderia ter gritado quando as batidas das asas dele falharam novamente.

Ela pularia no vento maldito dos deuses, arrancaria aquela cadela da sela e cortaria a garganta de sua montaria...

Abraxos começou a cair.

Não cair. Mas mergulhar – tentando ir mais baixo. Para alcançar o chão, transportando aquele touro com ele.

Para que Manon pudesse sobreviver.

— *POR FAVOR.* — Seu grito para o Iskra atravessou o campo de batalha, através do mundo. — *POR FAVOR.*

Ela imploraria, ela rastejaria, se isso desse a ele a chance de viver. Sua montaria com um coração de guerreiro. Quem a salvara muito mais vezes do que ela jamais o salvara.

Quem a salvara da maneira que mais importava.

— *POR FAVOR*. — Ela gritou isso – gritou com todos os pedaços de sua alma rasgada.

Iskra apenas riu. E o touro não soltou, mesmo quando Abraxos tentou e tentou aproximá-los do chão.

Suas lágrimas se rasgaram ao vento, e Manon soltou a última das fivelas em sua sela. A distância entre as serpentes era impossível, mas ela já tivera sorte antes.

Ela não se importava com nada disso. Com os Desertos, com as Crochans e com as Dentes de Ferro, com a sua coroa. Ela não se importava com nada disso, se Abraxos não estivesse lá com ela.

As asas de Abraxos se esticaram, lutando com aquele coração poderoso e amoroso para alcançar o ar mais baixo.

Manon avaliou a distância até o flanco do touro, arrancando suas luvas para liberar suas unhas de ferro. Tão fortes quanto qualquer gancho.

Manon se levantou na sela, deslizando uma perna por baixo dela, o corpo tenso para dar o salto adiante. E ela disse para Abraxos, tocando sua espinha.

— Eu te amo.

Era a única coisa que importava no final. A única coisa que importava agora.

Abraxos se debateu. Como se ele tentasse impedi-la.

Manon concentrou a força em suas pernas e braços e respirou fundo, talvez a última...

Disparando do céu, mais rápido do que uma estrela correndo pelo céu, uma forma rugindo se chocou contra o touro de Iskra.

As mandíbulas se soltaram do pescoço de Abraxos, e então eles estavam caindo, rodopiando no ar.

Manon teve o bom senso para se segurar na sela, agarrar-se a ela com tudo o que tinha enquanto o vento ameaçava arrancá-la dela.

Seu sangue correu para cima enquanto eles caíam, mas então suas asas se abriram, e ele estava voando, agitando-as. Ele se estabilizou o suficiente para que Manon voltasse para a sela, amarrando-se enquanto girava para ver o que havia acontecido atrás dela. Quem os tinha salvado.

Não era Asterin.

Não era nenhuma das Treze.

Mas Petrah Sangue Azul.

E atrás da Herdeira do Clã Bruxo Sangue Azul, agora batendo de frente com a legião aérea de Morath de onde eles se arrastavam para o campo de batalha de cima das nuvens, estavam as Dentes de Ferro.

Centenas delas.

Centenas de bruxas Dentes de Ferro e suas serpentes aladas se chocaram contra sua própria espécie.

Petrah e Iskra se separaram, a herdeira Sangue Azul voando em direção a Manon enquanto Abraxos lutava para ficar em pé.

Mesmo com o vento, com a batalha, Manon ainda ouviu Petrah enquanto a Herdeira Sangue Azul disse a ela:

— Um mundo melhor.

Manon não tinha palavras. Nenhuma, além de olhar para a muralha da cidade, para a força que tentava entrar pelas grades do rio.

— As paredes...

— Vá. — Então Petrah apontou para onde Iskra tinha parado no meio do ar para olhar o que tinha acontecido. No ato de desafio e rebeldia tão impensável que muitos das Dentes de Ferro de Morath ficaram igualmente aturdidos. Petrah mostrou os dentes, revelando ferro que brilhou sob a luz do sol. — *Ela é minha.*

Manon olhou entre as muralhas da cidade e Iskra, voltando-se para elas mais uma vez. Dois contra um, e elas certamente a esmagariam em pedaços.

— *Vá* — rosou Petrah. E quando Manon novamente hesitou, Petrah apenas disse: — Por Keelie.

Pela serpente alada que Petrah tinha amado – como Manon amava Abraxos. Quem tinha lutado por Petrah até o seu último suspiro, enquanto o touro de Iskra a matava.

Então Manon assentiu.

— Que a escuridão te abrace.

Abraxos começou a subir para a muralha, suas batidas de asa instáveis, sua respiração rasa.

Ele precisava descansar, precisava ver um curandeiro...

Manon olhou para trás assim que Petrah se chocou contra Iskra.

As duas herdeiras foram caindo em direção à terra, entrando em confronto novamente, as serpentes se golpeando.

Manon não podia se afastar mesmo se ela quisesse.

Não quando as serpentes se separaram e depois se inclinaram, executando curvas perfeitas e afiadas que as fizeram se encontrar mais uma vez, erguendo-se para o céu, as caudas arrebatando enquanto encaixavam as garras.

Para cima e para cima, Iskra e Petrah voaram. As serpentes cortando e mordendo, garras travando, mandíbulas estalando. Acima dos níveis de luta nos céus, acima de Crochans e Dentes de Ferro, acima das nuvens.

Uma corrida, uma zombaria da dança de acasalamento das serpentes, de subir ao ponto mais alto do céu e depois despencar para a terra como um só.

Dentes de Ferro pararam suas lutas. Crochans pararam no ar. Mesmo no campo de batalha, os soldados de Morath ergueram os olhos.

As duas herdeiras dispararam cada vez mais alto e mais alto. E quando chegaram a um lugar onde até mesmo as serpentes não podiam extrair ar suficiente em seus pulmões, elas dobraram suas asas, prenderam as garras e mergulharam de cabeça em direção à terra.

Manon viu a armadilha antes de Iskra.

Viu o momento em que Petrah se libertou, cabelos dourados escorrendo enquanto ela sacou a espada e sua serpente começou a

voar em círculos.

Círculos apertados e precisos ao redor de Iskra e seu touro enquanto eles despencavam.

Tão pertos que o touro de Iskra não tinha espaço para abrir suas asas. E quando tentou, a serpente de Petrah estava lá, sua cauda ou mandíbula estalando. Quando tentou, a espada de Petrah estava lá, cortando tiras na fera.

Iskra percebeu a armadilha nesse momento.

Percebeu isso enquanto eles caíram e caíram e caíram, e Petrah circulou em volta deles, tão rápido que Manon se perguntou se a Herdeira Sangue Azul esteve praticando por meses, treinando para este momento.

Pela vingança merecida por ela e Keelie.

O mundo pareceu parar.

Petrah e sua serpente circulavam e circulavam, o sangue da serpente de Iskra chovendo para cima, a fera ficava mais frenética a cada metro mais perto da terra.

Mas Petrah também não abriu as asas de sua serpente. Não havia puxado as rédeas para fazer sua montaria subir.

— Puxe — Manon respirou. — Suba agora.

Petrah não puxou. Duas serpentes aladas caíram em direção à terra, como estrelas negras caindo do céu.

— *Pare* — gritou Iskra.

Petrah não se dignou a responder.

Eles não podiam parar nessa velocidade. E logo Petrah não conseguiria subir de forma alguma. Ela se quebraria no chão, bem ao lado de Iskra.

— *Pare!* — O medo transformou a ordem de Iskra em um grito agudo.

Nenhuma pena por ela se acendeu em Manon. Nenhuma mesmo.

O chão se aproximava, brutal e inflexível.

— *Sua cadela louca, eu disse pare!*

Duzentos metros para a terra. E depois cem. Manon não conseguia respirar.

Cinquenta metros.

E quando o chão parecia se levantar para encontrá-las, Manon ouviu as únicas palavras de Petrah para o Iskra como se elas tivessem sido levadas pelo vento.

— *Por Keelie.*

A serpente alada de Petrah abriu as asas, tentando subir com mais força do que qualquer outra que Manon já tivesse visto. Levantando-se, a ponta da asa roçou o chão gelado antes que ela voltasse para os céus.

Deixando Iskra e seu touro chocarem-se na terra.

O estrondo passou por Manon, trovejando pelo mundo.

Iskra e seu touro não se levantaram novamente.

Abraxos soltou um gemido de dor e Manon se torceu na sela com o coração em fúria.

Iskra estava morta. A Herdeira das Pernas Amarelas estava morta.

Não a encheu de alegria como deveria ter sido. Não com aquela grade vulnerável na muralha da cidade sob ataque.

Então ela estalou as rédeas, e Abraxos subiu para as muralhas da cidade, e então Sorrel e Vesta estavam ao lado dela, Asterin vindo rápido por trás. Elas voaram baixo, abaixo das Dentes de Ferro agora lutando contra Dentes de Ferro, e Dentes de Ferro ainda lutando contra Crochans. Em direção aos pontos onde o rio fluía até o lado delas.

Uma embarcação já havia chegado. Flechas já estavam voando da pequena grade – guardas frenéticos para manter o inimigo à distância.

Os soldados de Morath estavam tão preocupados com o alvo que não olharam para trás até Abraxos estar sobre eles.

O sangue deles espirrou nela quando a serpente aterrissou, estalando com garras, dentes e cauda. Sorrel e Vesta cuidaram dos outros, a embarcação logo em lascas.

Mas não foi suficiente. Nem mesmo de perto.

— As rochas — Manon respirou, dirigindo Abraxos para o outro lado do rio.

Ele entendeu. Seu coração se encolheu a ponto de doer, mas ele subiu para o outro lado do rio e puxou um dos pedregulhos menores para o outro lado. As Treze viram o plano dela e seguiram, velozes e inflexíveis.

Cada uma das batidas de suas asas era mais lenta que a anterior. Ele perdeu altura a cada metro que cruzavam do rio.

Mas então ele conseguiu, logo quando outro grupo de soldados de Morath estava tentando entrar na pequena e vulnerável passagem. Manon bateu a pedra na água antes dela. As Treze também largaram as pedras, os respingos que percorriam as muralhas da cidade.

Cada vez mais, cada viagem pelo rio era mais lenta que a anterior.

Mas então havia pedras empilhadas, acima da superfície. E depois mais acima, bloqueando todo o acesso ao túnel do rio. Alto o suficiente apenas para selá-lo – mas não ao alcance dos soldados de Morath que se amontoavam no outro lado.

A respiração de Abraxos estava cansada, a cabeça dele cedendo.

Manon torceu na sela para ordenar a sua Segunda para parar de empilhar as pedras, mas Asterin já havia feito isso. Sua Segunda apontou para as muralhas da cidade acima deles.

— *Entre!*

Manon não perdeu tempo discutindo. Pegando as rédeas de Abraxos, Manon o enviou voando pelas muralhas da cidade, seu sangue chovendo nos soldados que lutavam lá.

Ele chegou às ameias do castelo antes que sua força cedesse.

Antes que ele batesse nas pedras e deslizasse, o estrondo do impacto ecoando por Orynth.

Ele bateu na lateral do castelo, as asas bambas, e Manon se livrou instantaneamente da sela enquanto ela gritava por um curandeiro.

A ferida no pescoço dele era muito pior do que ela pensava.

E ainda assim ele lutou por ela. Ficou nos céus.

Manon empurrou as mãos contra a ferida profunda da mordida, o sangue passando por seus dedos como água através de uma represa

rachada.

— A ajuda está chegando — ela disse a ele, e descobriu que sua voz era um grito quebrado. — Eles estão vindo.

As Treze aterrissaram, Sorrel correndo para o castelo sem dúvida para arrastar um curandeiro se fosse necessário, e então havia onze pares de mãos no pescoço de Abraxos.

Estancando o fluxo de seu sangue. Pressionando como um, para manter esse precioso sangue dentro dele enquanto um curandeiro era encontrado.

Manon não conseguia olhar para elas, não conseguia fazer nada além de fechar os olhos e rezar para a Escuridão, para a Mãe de Três Rostos enquanto ela apertava as mãos sobre os cortes sangrentos.

Passos apressados soaram sobre as pedras da muralha, e então Sorrel estava ao lado de Manon, suas mãos levantando para cobrir as feridas também.

Uma mulher mais velha desempacotou um kit, alertando-as para continuarem aplicando pressão.

Manon não se incomodou em dizer a ela que elas não iam a lugar nenhum. Nenhuma delas iria.

Mesmo enquanto a batalha se desenrolava nos céus e na terra abaixo.



Lysandra mal podia respirar, cada batida de suas asas era mais pesada que a anterior, enquanto ela ia em direção ao lugar onde viu Manon Bico Negro e seu coven pousarem nas ameias do castelo.

Ela havia se transformado em uma serpente alada, usando o caos da chegada das rebeldes Dentes de Ferro como uma distração, mas a drenagem de sua magia tinha cobrado o preço. E as lutas, as feridas que nem ela conseguia estancar...

Lysandra viu as duas figuras carregando um familiar guerreiro de cabelo dourado pelas escadas do castelo, assim que ela pousou nas ameias, as bruxas se virando para ela.

Mas Lysandra se forçou a mudar, forçando seu corpo a fazer isso uma última vez, para retornar a essa forma humana. Ela mal tinha acabado de enfiar as calças e a camisa que escondia em uma mochila perto da muralha do castelo quando Ren Allsbrook e um soldado da Devastação chegaram ao topo das ameias, um Aedion semi-consciente entre eles.

Havia muito sangue nele.

Lysandra correu para eles, ignorando sua perna mancando profundamente, a dor estilhaçada ondulando em sua perna esquerda, em seu ombro direito. Nas ameias, uma curandeira trabalhava no ferido Abraxos, as Treze, cobertas do sangue dele, agora em vigília.

— O que aconteceu? — Lysandra derrapou até parar na frente de Aedion, que conseguiu levantar a cabeça para lhe dar um sorriso sombrio.

— Príncipe Valg — disse Ren, seu próprio corpo coberto de sangue, o rosto pálido de exaustão.

Ah deuses.

— Ele não se afastou — disse Aedion.

Ren retrucou:

— E você não descansou o suficiente, seu bastardo estúpido. Você rasgou os seus pontos.

Lysandra passou as mãos pelo rosto de Aedion, por sua testa.

— Vamos levá-lo para um curandeiro.

— Eu já vi um — Aedion resmungou, colocando os pés no chão e tentando se endireitar. — Eles me trouxeram aqui para *descansar*. — Como se isso fosse uma ideia ridícula.

Ren soltou o braço de Aedion de seu ombro.

— Sente-se, antes de cair e quebrar a cabeça nas pedras. — Lysandra estava inclinada a concordar, mas depois Ren disse: — Estou voltando para as muralhas.

— Espere.

Ren se virou para ela, mas Lysandra não falou até que o soldado da Devastação ajudou Aedion a se sentar contra a parede do próprio

castelo.

— Espere — ela disse novamente para Ren quando ele abriu a boca, seu coração trovejando, náuseas enrolando em seu intestino. Ela assobiou e Manon Bico Negro e as Treze olharam em sua direção. Ela acenou para elas, seu braço latejando de dor.

— Você está ferida — Aedion rosnou.

Lysandra o ignorou enquanto as bruxas se aproximavam, tanto sangue e sangue em todas elas.

Ela perguntou a Manon:

— Abraxos viverá?

Um assentimento superficial, os olhos dourados da Rainha-Bruxa estavam sombrios.

Lysandra não tinha visto isso como um alívio. Não com as notícias que ela havia voltado tão desesperadamente para entregar. Ela engoliu a bÍlis em sua garganta e apontou para o campo de batalha. Para o coração escuro e enevoado.

— Eles têm a torre de bruxa de pé novamente. Está se movendo para cá. Eu acabei de ver com os meus próprios olhos. As bruxas se reuniram em cima dela.

Silêncio absoluto.

E como se respondesse, a torre entrou em erupção.

Não para eles, mas para o céu. Um flash de luz, um estrondo mais alto que um trovão, e então uma parte do céu ficou vazia.

Onde Dentes de Ferro, as rebeldes e as fiéis estavam brigando, onde as Crochan estavam se entrelaçando entre elas, não havia nada.

Apenas cinzas.

A voz de Lysandra quebrou enquanto a torre continuava se movendo. Uma linha reta e inquebrável em direção a Orynth.

— Elas pretendem destruir a cidade.



Mãos e braços cobertos pelo sangue de Abraxos, Manon olhou para o campo de batalha. Olhou para onde todas aquelas bruxas, Dentes

de Ferro e Crochan lutando por um dos dois exércitos, tinham apenas... desaparecido.

Tudo o que sua avó havia falado sobre as torres de bruxas era verdade.

E não foi Kaltain e seu fogo sombrio que alimentou aquela explosão de destruição, mas sim bruxas Dentes de Ferro.

Jovens bruxas Dentes de Ferro que se ofereceram. Que faziam a Renúncia enquanto saltavam para o fosso forrado de espelhos dentro da torre.

Uma Renúncia comum podia matar vinte, trinta bruxas ao seu redor. Talvez mais, se ela fosse mais velha e mais poderosa.

Mas uma Renúncia amplificada pelo poder daqueles espelhos de bruxa... Uma explosão, e o castelo acima deles seria escombros. Outra explosão, talvez duas, e Orynth viraria escombros também.

Dentes de Ferro envolveram a torre, uma parede cruel que mantinha as Crochans e as rebeldes Dentes de Ferro do lado de fora.

Algumas Crochans de fato tentaram romper essas defesas.

Seus corpos vestidos de vermelho caíram na terra em pedaços.

Petra, agora com o que sobrou de seu clã, até correu para a torre. Para derrubá-la.

Elas foram espancadas por uma multidão de Dentes de Ferro.

A torre avançou. Cada vez mais perto e mais perto.

Estaria dentro do alcance em breve. Mais alguns minutos, e essa torre estaria perto o suficiente para que sua explosão alcançasse o castelo. Para destruir este exército, essa resistência remanescente, para sempre.

Não haveria sobreviventes. Não haveria segundas chances.

Manon se virou para Asterin e disse baixinho:

— Eu preciso de outra serpente.

Sua Segunda apenas olhou para ela.

Manon repetiu:

— *Eu preciso de outra serpente.*

Abraxos não estava em condições de voar. Não estaria bem o suficiente por horas ou dias.

Aedion Ashryver disse:

— Ninguém irá atravessar a parede de Dentes de Ferro.

Manon mostrou os dentes.

— *Eu vou.* — Ela apontou para a metamorfa. — Você pode me carregar.

Aedion rosnou:

— *Não.*

Mas Lysandra sacudiu a cabeça, tristeza e desespero em seus olhos verdes.

— Eu não consigo – minha magia está drenada. Se eu tivesse uma hora...

— Temos cinco minutos — retrucou Manon. Ela se virou para as Treze. — Nós treinamos para isso. Para separar as fileiras inimigas. Nós podemos passar por elas. Destruir essa torre.

Mas todas elas se entreolharam. Como se tivessem conversado e entrado em um acordo.

As Treze foram para suas próprias montarias. Sorrel apertou o ombro de Manon quando ela passou, e então subiu nas costas da sua serpente. Deixando Asterin perto de Manon.

Sua segunda, sua prima, sua amiga, sorriu, os olhos brilhantes como estrelas.

— Viva, Manon.

Manon piscou.

Asterin sorriu mais abertamente, beijou a testa de Manon e sussurrou novamente:

— *Viva.*

Manon não viu o golpe chegando.

O soco no estômago dela, tão forte e preciso que deixou-a sem ar. Deixou-a de joelhos.

Ela estava lutando para respirar fundo, para se levantar, quando Asterin alcançou Narene e montou a serpente azul, juntando as rédeas.

— Leve o nosso povo para casa, Manon.

Manon soube então. O que elas iriam fazer.

Suas pernas falharam, seu corpo falhou, enquanto ela tentava ficar de pé. Enquanto ela murmurava.

— *Não.*

Mas Asterin e as Treze já estavam nos céus.

Já estavam formação, aquele aríete que as servira tão bem. Voando em direção ao campo de batalha. Em direção à torre de bruxas que se aproximava.

Manon abriu caminho até a borda da muralha e ficou de pé. Inclinou-se contra as pedras, ofegando, tentando fazer entrar ar em seus pulmões para que pudesse encontrar algum jeito de decolar, encontrar alguma Crochan e roubar sua vassoura...

Mas não havia bruxas aqui. Nenhuma vassoura poderia ser encontrada. Abraxos permanecia inconsciente.

Manon estava distantemente ciente da metamorfa e do Príncipe Aedion chegando ao lado dela, Lorde Ren com eles. Distantemente ciente do silêncio que caiu sobre o castelo, a cidade, as muralhas.

Enquanto todos eles assistiam aquela torre de bruxas se aproximar, a destruição se reunindo dentro dela.

Quando as Treze voaram em sua direção, voaram contra o vento e contra a própria morte.

Uma parede de Dentes de Ferro levantou-se diante da torre, bloqueando o caminho.

Cem contra doze.

Dentro da torre das bruxas, agora perto o suficiente que Manon podia ver através do arco aberto do nível mais alto, uma jovem bruxa de vestes negras se aproximando do interior escavado.

Aproximando-se para onde a avó de Manon estava, gesticulando para o buraco abaixo.

As Treze se aproximaram do inimigo em seu caminho e não vacilaram.

Manon enfiou os dedos nas pedras com tanta força que as unhas de ferro estalaram. Começou a sacudir a cabeça, algo em seu peito

se quebrando completamente.

Quebrando enquanto as Treze bateram no bloqueio de Dentes de Ferro.

A manobra foi perfeita. Mais impecável do que qualquer uma que elas já haviam feito. Uma fileira letal que atravessou as fileiras do inimigo. Em direção a torre.

Segundos. Elas tinham segundos até que a jovem bruxa convocasse o poder e desencadeasse a Renúncia em uma explosão de escuridão.

As Treze atravessaram as Dentes de Ferro, espalhando-se largamente, empurrando-as para o lado.

Abrindo um caminho direto para a torre enquanto Asterin entrava pelas costas, indo para o nível mais alto.

Imogen caiu primeiro.

Depois Lin.

E Ghislaine, sua serpente, cortada pelo seu inimigo.

Depois Thea e Kaya, juntas, como sempre estiveram.

Depois as gêmeas-demônio de olhos verdes, rindo enquanto caíam. Depois as Sombras, Edda e Briar, flechas ainda disparando. Ainda encontrando seus alvos.

Depois Vesta, rugindo seu desafio para os céus.

E depois Sorrel. Sorrel, que segurava o caminho aberto para Asterin, uma parede sólida para a Segunda de Manon enquanto ela subia. Uma parede contra a qual as ondas de Dentes de Ferro se quebraram e quebraram.

A jovem bruxa dentro da torre começou a brilhar na cor de ébano, a passos do poço.

Ao lado de Manon, Lysandra e Aedion abraçaram-se. Pronto para o fim.

E então Asterin estava lá. Asterin estava indo em direção a esse trecho aberto de ar, para a torre em si, uma chance comprada com as vidas das Treze. Com o suporte final.

Manon só podia assistir, vigiar e observar e observar, sacudindo a cabeça como se ela pudesse voltar no tempo, enquanto Asterin

tirava as roupas de couro, a camisa embaixo.

Enquanto Asterin se levantava na sela, soltando-se das fivelas, uma adaga na mão enquanto sua serpente alada apontava diretamente para a torre.

A avó de Manon se virou então. Longe do buraco, onde a pupila estava prestes a pular para dentro e destruir todos eles.

Asterin arremessou sua adaga.

A lâmina voou de verdade.

Ela mergulhou nas costas da pupila, enviando a bruxa esparramada sobre as pedras. A trinta centímetros de distância da queda para o fosso.

Asterin puxou as espadas gêmeas das bainhas em seus quadris e bateu com a sua serpente no lado da torre. O barulho de ossos se quebrando contra a rocha ecoou pelo mundo.

Mas Asterin já tinha pulado. Já cortava o ar, as espadas levantadas, o corpo de Narene caindo embaixo, quebrado com o impacto.

Manon começou a gritar então.

Gritando, sem fim e sem palavras, enquanto aquela coisa em seu peito, enquanto seu coração, se despedaçava.

Quando Asterin pousou no arco aberto da torre das bruxas, espadas balançaram nas bruxas que correram para matá-la. Elas poderiam muito bem terem sido folhas de grama. Poderiam muito bem terem sido neblina, pela facilidade com que Asterin as derrubou, uma após a outra, dirigindo-se para a frente, em direção à matrona, que havia marcado as letras brutais no abdômen de Asterin.

IMPURA

Girando, torcendo, lâminas voando, Asterin abateu seu caminho em direção a avó de Manon.

A Alta Bruxa do Clã Bico Negro se afastou, sacudindo a cabeça. Sua boca se moveu, como se ela respirasse.

— *Asterin, não...*

Mas Asterin já estava lá.

E não era escuridão, mas luz – luz, brilhante e pura como o sol na neve, que irrompeu de Asterin.

Luz, enquanto Asterin fez a Renúncia.

Enquanto as Treze, seus corpos quebrados espalhados pela torre em um círculo próximo, também fizeram a Renúncia.

Luz. Todas elas queimaram com isso. Irradiaram.

Luz que fluiu de suas almas, de seus corações ferozes enquanto se entregavam a esse poder. Tornaram-se incandescentes com isso.

Asterin atacou a Matrona Bico Negro no chão, a avó de Manon era pouco mais que uma sombra contra o brilho. Depois era pouco mais que um pedaço de ódio e memória quando Asterin explodiu.

Quando ela e as Treze renunciaram completamente, e se explodiram e a torre das bruxas se despedaçou até as cinzas.

CAPÍTULO 90

Manon afundou nas pedras das ameias do castelo e não se moveu por muito, muito tempo.

Ela não ouviu aqueles que falaram com ela, que tocaram seu ombro. Não sentiu o frio.

O sol subiu e desceu.

Em algum momento, ela deitou-se sobre as pedras, encolhida contra a parede. Quando ela acordou, uma asa a cobriu, e um hálito quente sussurrou em sua cabeça enquanto Abraxos cochilava.

Ela não tinha palavras dentro dela. Nada além de um silêncio.

Manon levantou-se, saindo da asa que a protegera.

O amanhecer estava chegando.

E onde estava aquela torre de bruxas, onde o exército estivera, só restava a maldita terra.

Morath recuou. Bem para trás.

A cidade e as muralhas ainda estavam de pé.

Ela despertou Abraxos colocando uma mão no seu lado.

Ele não podia voar, ainda não, então eles caminhariam juntos.

Descendo os degraus da muralha. Para fora dos portões do castelo e pelas ruas da cidade além deles.

Ela não se importava que os outros a seguissem. Muitos e muitos deles.

As ruas estavam cheias de sangue e entulho, tudo dourado pelo sol nascente.

Ela não sentiu o calor daquele sol em seu rosto enquanto caminhavam pelo portão sul e para a planície além. Ela não se importava que alguém tivesse aberto o portão para eles.

Ao seu lado, Abraxos empurrou as pilhas de soldados Valg, abrindo caminho para ela. Para todos aqueles que seguiram atrás dela.

Estava tão quieto. Dentro dela e na planície.

Tão quieto e vazio.

Manon cruzou o campo de batalha. Não parou até chegar ao centro do raio da explosão. Até que ela ficou em cima de seu coração.

Não havia um vestígio da torre. Ou daqueles que estiveram nela, ao redor dela. Até as pedras foram fundidas e se transformaram em nada.

Não havia um traço das Treze, ou das bravas e nobres serpentes aladas.

Manon caiu de joelhos.

As cinzas subiram, esvoaçantes, suaves como a neve, enquanto se agarravam às lágrimas em seu rosto.

Abraxos estava deitado ao lado dela, sua cauda enrolada ao redor dela enquanto ela se curvava sobre os joelhos e chorava.

Atrás dela, se ela tivesse olhado, ela teria visto Glennis. E Bronwen. E Petrah Sangue Azul.

Aedion Ashryver e Lysandra e Ren Allsbrook.

Príncipe Galan e o capitão Rolfe e Ansel de Penhasco dos Arbustos, Ilias e a realeza feérica ao lado deles.

Se ela tivesse olhado, ela teria visto as pequenas flores brancas que eles carregavam. Teria ficado imaginando como e onde eles as conseguiram bem no meio do inverno.

Se ela tivesse olhado, ela teria visto as pessoas se reunirem atrás deles, tantas que se estendiam até os portões da cidade. Teria visto os humanos de pé lado a lado com as Crochans e Dentes de Ferro.

Todos vieram para honrar as Treze.

Mas Manon não olhou. Mesmo quando os líderes que tinham vindo com ela, que caminharam com ela todo esse caminho, começaram a colocar suas flores sobre a maldita terra

ensanguentada. Mesmo quando suas lágrimas corriam, caindo nas cinzas ao lado de suas oferendas de tributo.

Eles não falaram. E nem a fila de pessoas que vieram depois delas. Alguns levavam flores, mas muitos traziam pequenas pedras para colocar no local. Aqueles que não tinham nada que pudessem oferecer. Até o local da explosão estar coberto, como se um jardim tivesse crescido de um campo de sangue.

Glennis ficou até o final.

E quando elas estavam sozinhas no campo de batalha silencioso, a bisavó de Manon colocou a mão no ombro dela e disse em voz baixa, com a voz de alguma forma distante:

— Seja a ponte, seja a luz. Quando o ferro se derreter, quando as flores brotarem de campos de sangue – deixe a terra ser testemunha, e retorne ao lar.

Manon não ouviu as palavras. Não notou até mesmo quando Glennis retornou para a cidade atrás dela.

Por horas, Manon se ajoelhou no campo de batalha, Abraxos ao seu lado. Como se ela pudesse ficar com elas, suas Treze, por mais algum tempo.

E bem longe dali, atravessando as montanhas cobertas de neve, em uma planície estéril diante das ruínas de uma cidade outrora grande, uma flor começou a florescer.

CAPÍTULO 91

Dorian não acreditou nisso – não ousou esperar pelo que viu.

Um exército estrangeiro marchando para o norte. Um exército que ele cresceu estudando. Havia os soldados de infantaria dos khagan e a cavalaria de darghan. Havia os lendários ruks, magníficos e orgulhosos, subindo acima deles em um mar de asas.

Ele apontou o mais próximo possível do chefe do exército, perguntando-se qual dos membros da realeza tinha vindo.

Imaginando se Chaol estava com eles. Se a presença desse exército milagroso significasse que seu amigo tinha sucesso contra todas as probabilidades.

Os ruks o haviam espiado então.

Perseguiu-o e ele começou a sinalizar enquanto se aproximava.

Esperando que eles parassem.

Mas então ele pousou na encruzilhada. E então ele os viu. Viu ela.

Aelin, galopando para ele. Rowan ao seu lado, Elide e os outros com ela.

Maeve acreditava que Aelin se dirigira a Terrasen. E aqui estava ela, com o exército do khagan.

O sorriso de Aelin desapareceu no momento em que ela se aproximou. Como se ela sentisse o que ele furava.

— Onde está Manon? — foi tudo o que ela perguntou.

— Terrasen — ele respirou, ofegante, ligeiramente. — E provavelmente com as Crochans, se aconteceu conforme o planejado.

Ela abriu a boca, os olhos arregalados, mas outro cavaleiro veio galopando pela estrada.

O mundo ficou quieto.

O cavaleiro que se aproximava parou, outra – uma bela mulher que Dorian só podia descrever como dourada – logo atrás.

Mas Dorian olhou para o cavaleiro diante dele. Na postura do corpo, o assento dominante que ele possuía.

E quando Chaol Westfall desmontou e correu os últimos metros em direção a Dorian, o rei de Adarlan chorou.



Chaol não escondeu suas lágrimas, o tremor que o atingiu quando ele colidiu com Dorian e abraçou seu rei.

Ninguém disse uma palavra, embora Chaol soubesse que todos estavam reunidos. Sabia que Yrene estava atrás dele, chorando com eles.

Ele apenas segurou seu amigo, seu irmão.

— Eu sabia que você faria isso — disse Dorian, voz crua. — Eu sabia que você encontraria um jeito. Por tudo isso.

O Exército. O fato de que ele estava agora de pé.

Chaol apenas agarrou Dorian com mais força.

— Você tem uma história infernal para contar a si mesmo.

Dorian se afastou, com o rosto solene.

Uma história, Chaol percebeu, que poderia não ser tão feliz quanto a dele.

No entanto, antes que qualquer desgraça que Dorian carregasse pudesse cair sobre eles, Chaol gesticulou para onde Yrene desmontara e agora enxugava as lágrimas.

— A mulher responsável por isso — Chaol disse, apontando para sua posição, sua caminhada, para o exército que se estendia pela estrada. — Yrene Towers. Um curandeira da Torre Cesme. E minha esposa.

Yrene fez uma reverência e Chaol poderia ter jurado que um lampejo de tristeza escureceu os olhos de Dorian. Mas então seu rei estava tomando as mãos de Yrene, levantando-a de seu arco. E

embora essa tristeza ainda afinasse seu sorriso, Dorian disse a ela:

— Obrigado.

Yrene ficou escarlate.

— Eu ouvi muito sobre você, Sua Majestade.

Dorian apenas piscou, um fantasma do homem que ele tinha sido antes.

— Todas as coisas ruins, eu espero.

Yrene riu, e a alegria em seu rosto – a alegria que Chaol sabia que era pelo os dois – fez com que ele a amasse de novo.

— Eu sempre quis uma irmã — disse Dorian, e inclinou-se para beijar Yrene em cada bochecha. — Bem-vinda a Adarlan, Lady.

O sorriso de Yrene ficou mais suave – mais profundo, e ela colocou a mão em seu abdômen.

— Então você ficará feliz em saber que em breve você será tio.

Dorian se virou para ele. Chaol assentiu, incapaz de encontrar as palavras para transmitir o que inundou seu coração.

Mas o sorriso de Dorian diminuiu quando ele olhou para onde Aelin agora se apoiava contra uma árvore, Rowan e Elide ao lado dela.

— Eu sei — disse Aelin, e Chaol sabia que ela não quis dizer sobre a gravidez.

Dorian fechou os olhos, e Chaol colocou a mão no ombro do rei em qualquer que fosse o peso que ele estivesse prestes a revelar.

— Eu recuperei a terceira chave, de Morath — disse Dorian.

Os joelhos de Chaol se dobraram e Yrene ficou imediatamente ali, com um braço ao redor de sua cintura.

As chaves de Wyrd.

Chaol perguntou a Dorian:

— Você tem todos as três agora?

Dorian assentiu com a cabeça uma vez.

Um olhar de Rowan fez com que o seu quadro saísse para garantir que nenhum do exército chegasse perto o suficiente para ouvir.

— Eu entrei em Morath para pegar a terceira — disse Dorian.
— Deuses sagrados — respirou Aelin. Chaol apenas piscou.
— Essa foi a parte fácil — disse Dorian, empalidecendo. A realeza khaganato emergiu das fileiras e Dorian sorriu para Nesryn.

Então acenou para a realeza. Apresentações viriam mais tarde.

— Maeve estava lá — disse Dorian para Aelin.

Chamas dançaram na ponta dos dedos de Aelin enquanto descansava a mão em cima de Goldryn. O fogo pareceu afundar na lâmina, o rubi cintilando.

— Eu sei — ela disse baixinho.

As sobancelhas de Dorian se levantaram. Aelin apenas balançou a cabeça, fazendo-o sinal para continuar enquanto o quadro retornava.

— Maeve descobriu a minha presença, e... — Dorian suspirou, e toda a história caiu.

Quando terminou, Chaol ficou contente que Yrene mantivesse o braço ao redor de sua cintura. O silêncio caiu, grosso e tenso. Dorian destruiu Morath.

— Eu tenho pouca dúvida — admitiu Dorian. — que tanto Erawan quanto Maeve sobreviveram ao colapso de Morath.

Provavelmente só serviu para enfurecê-los.

Não impediu Chaol de se maravilhar com seu amigo, os outros ficaram boquiabertos.

— Muito bem — disse Lorcan, examinando o rei da cabeça aos pés. — Bem feito, de fato.

Aelin soltou um assovio impressionado.

— Eu gostaria de ter visto — disse ela para Dorian, balançando a cabeça. Então ela se virou para Rowan. — Seu tio e Essar vieram, então. Eles chutaram Maeve para o meio-fio.

O príncipe feérico bufou.

— Você disse que sua carta foi fortemente formulada. Eu deveria ter acreditado em você — Aelin esboçou um arco. Chaol não fazia a menor ideia do que estavam falando, mas Rowan continuou: —

Então, se Maeve não pode ser a rainha dos feéricos, ela encontrará outro trono.

— Vadia — cuspiu Fenrys. Chaol estava inclinado a concordar.

— Nossos piores temores foram confirmados, então — disse o príncipe Sartaq, olhando para os irmãos. — Um rei Valg e uma rainha unidos. — um aceno para Elide. — Seu tio não mentiu.

— Maeve não tem exército agora — Dorian lembrou. — Apenas o poder dela.

Nesryn se encolheu.

— Os híbridos que ela criou com as princesas podem ser desastrosos o suficiente.

Chaol olhou para Yrene, a mulher que segurava a maior arma contra o Valg dentro de seu próprio corpo.

— Quando você deixou Morath? — perguntou Rowan.

— Três dias atrás — disse Dorian.

Rowan virou-se para Aelin, pálido quando ela permaneceu encostada na árvore. Chaol se perguntou se ela faria isso apenas porque suas próprias pernas poderiam não ser capazes de sustentá-la.

— Então, pelo menos, sabemos que Erawan ainda não chegou a Terrasen.

— Sua anfitriã Dentes de Ferro foi à frente dele — disse Dorian.

— Nós sabemos — disse Chaol. — Elas já estão em Orynth.

Dorian sacudiu a cabeça.

— Isso é impossível. Eles saíram logo depois que eu fiz. Eu estou surpreso que você não os viu voando nos Ruhnns.

Silêncio.

— A aliança completa das Dentes de Ferro ainda não está em Orynth — disse Aelin suavemente. Demasiado suavemente — Eu contei mais de mil no hospedeiro com o qual eu voei — disse Dorian.

— Muitos suportaram soldados com eles — todos Valg.

Chaol fechou os olhos e o braço de Yrene se apertou ao redor dele em conforto silencioso.

— Sabíamos que o rukhin estariam em desvantagem de qualquer maneira — disse Nesryn.

— Não haverá mais nada de Terrasen para os rukhin defenderem — disse o príncipe Kashin, esfregando a mandíbula. — Mesmo se as Crochans chegarem antes de nós.

A rainha de Terrasen afastou-se finalmente da árvore.

— Nós temos duas escolhas, então — ela disse, sua voz inabalável, apesar do inferno que varreu sobre eles. — Continuamos para o norte o mais rápido que podemos. Veja o que há para lutar quando chegarmos a Terrasen. Eu posso ser capaz de derrubar um bom número dessas serpentes aladas.

— E a outra opção? — perguntou a princesa Hasar.

O rosto de Aelin era gritante.

— Nós temos as três chaves de Wyrd. Nós temos eu. Eu posso terminar isso agora. Ou pelo menos tirar Erawan do jogo antes que ele possa nos encontrar, roubar essas chaves e governar este mundo e todos os outros.

Rowan começou, balançando a cabeça. Mas Aelin levantou a mão. E até o príncipe feérico se levantou.

— Não é minha escolha sozinha.

E Chaol percebeu que era de fato uma rainha em pé diante deles, não a assassina que ele arrastara para fora de uma mina de sal a alguns quilômetros de estrada. Nem mesmo a mulher que ele viu em Forte da Fenda.

Dorian endireitou os ombros.

— A escolha também é minha.

Lentamente, tão devagar, Aelin olhou para ele. Chaol se preparou. Sua voz era mortalmente suave quando ela disse a Dorian:

— Você recuperou a terceira chave. Seu papel nisso foi feito.

— O inferno que foi — disse Dorian, olhos de safira piscando. — O mesmo sangue, a mesma dívida, corre nas minhas veias.

As mãos de Chaol se curvaram ao lado dele enquanto ele lutava para manter a boca fechada. Rowan parecia estar fazendo o mesmo enquanto os dois governantes se enfrentaram.

O rosto de Aelin permaneceu imóvel – distante.

— Você está tão ansioso para morrer?

Dorian não recuou.

— Você está?

Silêncio. Silêncio absoluto na clareira.

Então Aelin deu de ombros, como se o peso de mundos inteiros não estivesse na balança.

— Independentemente de quem vai colocar as chaves de volta no portão, esse é um destino que pertence a todos nós. Então todos nós devemos decidir — o queixo dela ergueu. — Continuamos a guerra, esperamos que cheguemos a Orynth a tempo e depois destruimos as chaves? Ou nós destruimos as chaves agora, e então vocês continuam para o norte. — uma pausa, horrível e insuportável.

— Sem mim.

Rowan estava tremendo, seja com moderação ou com medo, Chaol não sabia dizer.

Aelin disse, inabalada e calma:

— Eu gostaria de colocá-la em votação.



Uma votação.

Rowan nunca ouvira falar de nada tão absurdo.

Mesmo quando parte dele brilhava de orgulho que ela escolhera agora, aqui, como o momento em que o novo mundo que ela prometera se levantaria.

Um mundo em que alguns não detinham todo o poder, mas muitos. Começando com isso, esta escolha mais vital. Este destino insuportável.

Todos eles haviam se movido mais adiante na estrada, e não se perdeu em Rowan que eles estavam em uma encruzilhada. Ou que Dorian, Aelin e Chaol estavam no coração daquela encruzilhada, a poucos quilômetros das minas de sal. Onde tanto disso começou, há pouco mais de um ano.

Houve um rugido surdo nos ouvidos de Rowan enquanto o debate acontecia.

Ele sabia que deveria cair de joelhos e agradecer a Dorian por recuperar a terceira chave. Mas ele odiava o rei mesmo assim.

Ele odiava esse caminho que eles foram colocados mil anos atrás. Odiava que essa escolha estivesse diante deles, quando eles já haviam lutado tanto, dado tanto.

O príncipe Kashin estava dizendo:

— Marchamos sobre cem mil soldados inimigos, possivelmente mais. Esse número não será alterado quando o portal de Wyrd estiver fechado. Vamos precisar da portadora do fogo para cortá-los.

Princesa Hasar sacudiu a cabeça.

— Mas há a possibilidade de que o colapso do exército ocorra assim que Erawan desaparecer. Corte a cabeça da besta e o corpo pode morrer.

— Isso é um grande risco a tomar — disse Chaol, com a mandíbula apertada. — A remoção de Erawan de tudo isso pode ajudar, ou talvez não. Um exército inimigo tão grande, cheio de Valg que poderia estar ansioso para ocupar seu lugar, poderia ser impossível parar neste momento.

— Então por que não usar as chaves? — Nesryn perguntou. — Por que não levar as chaves para o norte e usá-las, destruir o exército e...

— As chaves não podem ser manuseadas — Dorian interrompeu. — Não sem destruir o portador. Não estamos totalmente certos de que um mortal possa resistir ao poder. — ele assentiu com a cabeça em direção a Aelin, silencioso e atento, enquanto tomava todo o treinamento de Rowan para não vomitar suas entranhas. — Apenas colocá-las de volta no portão requer tudo. — ele acrescentou com firmeza: — De um de nós.

Rowan sabia que ele deveria estar argumentando contra isso, deveria estar gritando.

Dorian continuou:

— Eu deveria fazer isso.

— Não — a palavra saiu de Chaol — e Aelin. Sua primeira palavra desde o início desse debate.

Mas foi Fenrys quem perguntou a Chaol, com uma voz mortalmente macia.

— Você preferiria que minha rainha morresse do que seu rei?
Chaol ficou rígido.

— Eu prefiro que nenhum dos meus amigos morra. Eu prefiro que nada disso aconteça.

Antes que Fenrys pudesse grunhir sua resposta, Yrene interrompeu.

— Então, quando o Fecho for forjado e o portal de Wyrd estiver selado, os deuses terão sumido?

— Boa viagem — murmurou Fenrys.

Mas Yrene endureceu com a despedida casual e pôs a mão sobre o coração.

— Eu amo Silba. Carinhosamente. Quando ela se for deste mundo, meus poderes deixarão de existir? — ela gesticulou para o grupo reunido.

— Duvidoso — disse Dorian. — Esse custo, pelo menos, nunca foi exigido.

— E os outros deuses deste mundo? — Nesryn perguntou, franzindo a testa. — Os trinta e seis do khaganato. Eles não são deuses também? Eles serão mandados embora ou apenas estes doze?

— Talvez nossos deuses sejam de um tipo diferente — pensou a princesa Hasar.

— Eles não podem nos ajudar, então? — Yrene perguntou, pena da deusa que a abençoou ainda escurecendo seus olhos dourados.

— Eles não podem intervir?

— Há de fato outras forças em ação neste mundo — disse Dorian, tocando o punho de Damaris. O deus da verdade — é quem abençoou a espada de Gavin. — Mas acho que se essas forças pudessem nos ajudar dessa maneira, já teriam feito isso.

Aelin bateu com o pé no chão.

— Esperar ajudas divinas é um desperdício do nosso tempo. E não o tópico em questão — ela fixou seu olhar ardente em Dorian.
— Também não estamos debatendo quem pagará o custo.

— Por quê? — a baixa pergunta de Rowan estava pronta antes que ele pudesse interrompê-la.

Lentamente, sua parceira se virou para ele.

— Porque nós não estamos — palavras afiadas, geladas. Ela olhou para Dorian e o rei de Adarlan abriu a boca. — Nós não estamos — ela rosnou.

Dorian abriu a boca novamente, mas Rowan chamou sua atenção. Manteve seu olhar e deixou que ele lesse as palavras lá.

Mais tarde. Vamos debater isso depois.

Se Aelin notou sua conversa silenciosa, se ela viu o sutil aceno de Dorian, ela não deixou transparecer. Ela só disse:

— Não temos tempo a perder com um debate interminável.

Lorcan assentiu.

— Cada momento que temos todas as três chaves é um risco de Erawan nos encontrar e, finalmente, ganhar o que ele procura. Ou Maeve — acrescentou ele, franzindo a testa. — Mas, mesmo com isso, eu iria para o norte — deixando que Aelin penetrasse as legiões de Morath.

— Seja objetivo — rosnou Aelin. Ela pesquisou todos eles. — Finja que você não me conhece. Finja que não sou ninguém e nada para você. Finja que sou uma arma. Você me usa agora ou mais tarde?

— Você não é ninguém — disse Elide calmamente. — Não para muitas pessoas.

— As chaves voltam no portão — disse Aelin um pouco friamente.
— Em algum momento ou outro. E eu vou com elas.

Estamos decidindo se isso é agora ou daqui a algumas semanas.

Rowan não aguentou. Para ouvir outra palavra.

— Não.

Todos pararam mais uma vez.

Aelin mostrou os dentes.

— Não fazer nada não é uma opção.

— Nós as escondemos de novo — disse Rowan. — Ele as perdeu por milhares de anos. Podemos fazer isso de novo. — ele apontou para Yrene. — Ela poderia destruí-lo sozinha.

— Isso não é uma opção — grunhiu Aelin. — Yrene está com uma criança...

— Eu posso fazer isso — disse Yrene, saindo do lado de Chaol.

— Se houver um jeito, eu poderia fazer isso. Veria se os outros curandeiros poderiam ajudar...

— Haverão milhares de valgs para você destruir ou salvar, Lady Westfall. — disse Aelin com o mesmo tom frio. — Erawan poderia matá-la antes mesmo de você ter a chance de tocá-lo.

— Por que você está autorizada a desistir de sua vida por isso, e mais ninguém não? — Yrene desafiou.

— Eu não sou aquela que carrega uma criança dentro de mim.

Yrene piscou devagar.

— Hafiza pode ser capaz de...

— Eu não vou jogar um jogo de hipóteses e mitos — disse Aelin, em um tom que Rowan tinha ouvido tão raramente. Aquele tom da rainha. — Nós votamos. Agora. Colocamos as chaves de volta no portão imediatamente, ou continuamos para Terrasen e depois o fazemos se conseguirmos parar esse exército?

— Erawan pode ser detido — empurrou Yrene, imperturbada pelas palavras da rainha. Sem medo de sua ira. — Eu sei que ele pode. Sem as chaves, podemos detê-lo.

Rowan queria acreditar nela. Queria mais do que qualquer coisa que ele já desejara em sua vida acreditar em Yrene Westfall. Chaol, olhando para Dorian, parecia inclinado a fazer o mesmo.

Mas Aelin apontou para a princesa Hasar.

— Qual seu voto?

Hasar segurou o olhar de Aelin. Considerado por um momento.

— Eu voto para fazer isso agora.

Aelin apenas apontou para Dorian.

— Você?

Dorian ficou tenso, o debate inacabado ainda em seu rosto. Mas ele disse:

— Faça agora.

Rowan fechou os olhos. Mal ouvi os outros governantes e seus aliados enquanto eles davam suas respostas. Ele andou até a beira das árvores, preparado para correr se começasse a vomitar.

Então Aelin disse:

— Você é o último, Rowan.

— Eu voto não. Não agora, nem nunca.

Seus olhos estavam frios, distantes. O jeito que eles estiveram em Defesa Nebulosa.

— Está decidido, então — disse Chaol calmamente. — Infelizmente.

— Ao amanhecer, a fechadura será forjada e as chaves voltarão para o portão — Dorian terminou.

Rowan apenas olhou e olhou para sua parceira. Sua razão para respirar.

Elide perguntou baixinho:

— Qual é o seu voto, Aelin?

Aelin arrancou os olhos de Rowan e ele sentiu a ausência daquele olhar como um vento gelado enquanto ela dizia:

— Não importa.

CAPÍTULO 92

Aelin não disse que pedir a eles para votar não era apenas deixá-los decidir, como povos livres do mundo, como selar seu destino. Ela não disse que também foi algo covarde de se fazer. Para deixar alguém decidir por ela. Para escolher a estrada adiante.

Acamparam naquela noite em Endovier, as minas de sal a apenas cinco quilômetros da estrada.

Rowan fez com que montassem sua tenda real. Sua cama real.

Ela não comeu com os outros. Mal podia tocar a comida que Rowan colocava na mesa. Ela ainda estava sentada na frente dela, o coelho assado agora frio, examinando aqueles livros inúteis com marcas de Wyrđ quando Rowan disse do outro lado da mesa:

— Eu não aceito isso.

— Eu aceito — as palavras eram planas, mortas.

Como ela seria, antes do sol nascer completamente. Aelin fechou o antigo tomo diante dela.

Apenas alguns dias os separavam da fronteira de Terrasen.

Talvez ela devesse ter concordado em fazer isso agora, mas com a condição de que estivesse em solo de Terrasen. Solo de Terrasen, ao invés de Endovier.

Mas todo dia que passava era um risco. Um risco terrível.

— Você nunca aceitou nada em sua vida — rosnou Rowan, colocando-se de pé e apoiando as mãos na mesa. — E agora você está de repente disposta a fazê-lo?

Ela engoliu a dor na garganta. Inspecionou os livros que ela vasculhou três vezes sem sucesso.

— O que eu devo fazer, Rowan?

— Você manda tudo para o inferno! — ele bateu com o punho na mesa, sacudindo os pratos. — Você manda os planos deles para o inferno, suas profecias e destinos, e você faz o seu próprio! Você faz *qualquer coisa* menos aceitar isso!

— O povo de Erilea decidiu.

— Para o inferno com isso também — ele rosnou. — Você pode começar seu mundo livre *depois* dessa guerra. Deixe que eles votem em seus próprios reis e rainhas, se quiserem.

Ela soltou um grunhido por conta própria.

— Eu não quero esse fardo por mais um segundo. Eu não quero escolher e aprender que fiz a escolha errada em atrasá-lo.

— Então você teria votado contra isso, então. Você teria ido para Terrasen.

— Isso importa? — ela olhou para seu pé. — Os votos não estavam a meu favor de qualquer maneira. Ouvir que eu queria ir a Orynth, para lutar uma última vez, teria apenas influenciado.

— Você é quem está prestes a morrer. Eu diria que você consegue ter uma voz nisso.

Ela mostrou os dentes.

— Este é meu *destino*. Elena tentou me tirar disso. E veja onde isto a levou — com vários deuses vingativos jurando acabar com sua alma eterna. Quando a fechadura for forjada, quando eu fechar o portão, estarei destruindo outra vida ao lado da minha.

— Elena teve mil anos de existência, seja vivendo ou como um espírito. Perdoe-me se eu não dou a mínima que seu tempo agora chegou ao fim, quando você só recebeu vinte anos.

— Eu cheguei aos vinte anos por causa dela.

Nem mesmo vinte. Seu aniversário ainda estava a alguns meses de distância. Em uma primavera que ela não veria.

Rowan começou a andar de um lado para o outro, seus passos de perseguição devorando o tapete.

— Essa bagunça é por causa dela também. Por que você deveria suportar seu fardo sozinha?

— Porque sempre foi meu para começar.

— Besteira. Poderia ter sido facilmente Dorian. Ele está disposto a fazer isso.

Aelin piscou

— Elena e Nehemia disseram que Dorian não estava pronto.

— Dorian entrou e saiu de Morath, ficou frente a frente com Maeve e derrubou todo o maldito lugar. Eu diria que ele está tão pronto quanto você.

— Eu não vou permitir que ele se sacrifique no meu lugar.

— Por quê?

— Porque ele é meu *amigo*. Porque não vou poder *viver* comigo mesma se o deixar morrer.

— Ele disse que faria isso, Aelin.

— Ele não sabe o que ele quer. Ele mal está emergindo dos horrores que sofreu.

— E você está? — Rowan desafiou, totalmente perturbado. — Ele é um homem adulto. Ele pode fazer suas próprias escolhas...

podemos fazer escolhas sem você dominá-las.

Ela mostrou os dentes.

— *Foi decidido.*

Ele cruzou os braços.

— Então você e eu faremos isso. Juntos.

Seu coração parou em seu peito.

Ele continuou:

— Você não irá forjar o Fecho sozinha.

— Não — suas mãos começaram a tremer. — Isso não é uma opção.

— De acordo com quem?

— De acordo comigo — ela não conseguia respirar em torno do pensamento... dele sendo apagado da existência. — Se fosse possível, Elena teria me dito. Alguém com a minha linhagem *precisa* pagar.

Ele abriu a boca, mas viu a verdade em seu rosto, suas palavras. Ele balançou sua cabeça.

— Eu prometi a você que iríamos encontrar uma maneira de pagar essa dívida... juntos.

Aelin examinou os livros espalhados. Nada — os livros, aquele pedaço de esperança que eles ofereceram não correspondiam a *nada*.

— Não há alternativa — ela arrastou as mãos pelos cabelos. — Eu não tenho uma alternativa — ela emendou. Nenhuma carta na manga, nenhuma grande revelação. Não para isso.

— Nós não faremos isso amanhã, então — ele falou. — Nós esperamos. Diga aos outros que queremos alcançar Orynth primeiro.

Talvez a Biblioteca Real tenha alguns textos...

— Qual é o sentido de uma votação se ignorarmos o resultado?

Eles decidiram, Rowan. Amanhã estará acabado.

As palavras soaram vazias e doentias dentro dela.

— Deixe-me encontrar outro jeito — sua voz quebrou, mas seu ritmo não vacilou. — Eu *vou* encontrar outro caminho, Aelin.

— Não há outro caminho. Você não entende? Tudo isso — ela sussurrou, braços abertos. — Tudo *isso* foi para mantê-lo vivo. *Todos* vocês.

— Com você como o preço pedido. Para reparar alguma culpa prolongada.

Ela bateu a mão sobre a pilha de livros antigos.

— Você acha que eu *quero* morrer? Você acha que alguma coisa disso é fácil, olhar para o céu e pensar se será o último que veremos? Para olhar para você e se perguntar sobre aqueles anos que não teremos?

— Eu não sei o que você quer, Aelin — rosnou Rowan. — Você não está sendo totalmente acessível.

Seu coração trovejou.

— Eu quero que isso acabe, de uma forma ou de outra — seus dedos se fecharam em punhos. — Eu quero que isso *termine*.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu sei. E sei o que você passou, que aqueles meses em Doranelle foram um inferno, Aelin. Mas você não pode parar de lutar.

Agora não.

Seus olhos ardiam.

— Eu aguentei por isto. Para *este* propósito. Para então poder colocar as chaves de volta no portão. Quando Cairn me destruiu, quando Maeve arrancou tudo que eu sabia, era apenas lembrar que essa tarefa dependia da minha sobrevivência que me impedia de quebrar. Sabendo que, se eu falhasse, todos vocês morreriam — sua respiração ficou irregular,afiada. — E desde então, eu fui tão *idiota* em pensar que talvez eu não tivesse que pagar a dívida, que eu pudesse ver Orynth novamente. Que Dorian poderia fazer isso em vez disso — ela cuspiu no chão. — Que tipo de pessoa isso me faz ser? Ter sido preenchida com medo quando ele chegou hoje?

Rowan novamente abriu a boca para responder, mas ela o interrompeu, sua voz se quebrando.

— Eu pensei que poderia escapar disso... só por um momento. E assim que eu fiz, os deuses trouxeram Dorian de volta ao meu caminho. Diga-me que não é intencional. Diga-me que aqueles deuses, ou quaisquer *forças* que também governem este mundo, não estão rugindo que eu ainda deveria ser a único a forjar o Fecho.

Rowan apenas olhou para ela por um longo momento, seu peito arfando. Então ele disse:

— E se essas forças não trouxeram Dorian ao nosso caminho para que você não pagasse a dívida sozinha?

— Eu não entendo.

— E se eles te conduziram *juntos*? Para não escolher um ou outro, mas compartilhar o fardo. Um com o outro.

Até o fogo nos braseiros pareceu parar.

Os olhos de Rowan brilharam quando ele brilhou à frente.

— Naquele dia quando vocês destruíram o castelo de vidro... quando vocês uniram as mãos, o seu poder... eu nunca vi nada parecido. Vocês foram capazes de fundir seus poderes, para se tornar *um*. Se o Fecho exige tudo de *você*, então por que não dar metade? Metade de *cada* um de vocês... quando *vocês dois* carregam o sangue de Mala?

Aelin deslizou lentamente para a cadeira.

— Eu... nós não sabemos se vai funcionar.

— É melhor do que entrar na sua própria execução com a cabeça baixa.

Ela rosnou.

— Como eu poderia pedir a ele para fazer isso?

— Porque não é seu fardo sozinha, é por isso. Dorian sabe disso. Aceitou. Porque a alternativa é perder você — a raiva em seus olhos se fraturou, junto com sua voz. — Eu iria em seu lugar, se pudesse.

Seu próprio coração se partiu.

— Eu sei.

Rowan caiu de joelhos diante dela, colocando a cabeça no colo dela enquanto seus braços envolviam sua cintura.

— Eu não vou suportar isso, Aelin. Eu não posso.

Ela enfiou os dedos pelos cabelos dele.

— Eu quero esses mil anos com você — disse ela suavemente. — Eu quero ter filhos com você. Eu quero ir pro Além-Mundo com você — suas lágrimas caíram em seu cabelo.

Rowan levantou a cabeça.

— Então lute por isso. Mais uma vez. Lute por esse futuro.

Ela olhou para ele, para a vida que viu em seu rosto. Tudo o que ele ofereceu.

Tudo o que ela poderia ter também.



— Eu preciso pedir-lhe para fazer uma coisa.

A voz de Aelin despertou Dorian de um sono intermitente. Ele sentou-se em sua cama. Do silêncio do acampamento, tinha que ser a calada da noite.

— O que?

Rowan estava de guarda atrás dela, observando o acampamento do exército sob as árvores. Dorian alcançou seu olhar de esmeralda — viu a resposta que ele já precisava.

O príncipe havia cumprido sua promessa silenciosa antes.

A garganta de Aelin balançou.

— Juntos — disse ela, com a voz embargada. — E se forjássemos o Fecho juntos?

Dorian conhecia seu plano, sua desesperada esperança, antes que ela o expusesse. E quando ela terminou, Aelin apenas disse:

— Lamento até mesmo perguntar a você.

— Me desculpe por não ter pensado nisso — ele respondeu, e ficou de pé, puxando suas botas.

Rowan se virou para eles agora. Esperando por uma resposta que ele sabia que Dorian daria.

Então, Dorian disse a ambos:

— Sim.

Aelin fechou os olhos, e ele não podia dizer se era de alívio ou arrependimento. Ele colocou a mão no ombro dela. Ele não queria saber como tinha sido a discussão entre ela e Rowan para conseguir que ela concordasse, aceitasse isso. Para Aelin ter dito mesmo sim...

Seus olhos se abriram, e apenas uma resolução sombria estava dentro.

— Nós fazemos isso agora — disse ela com voz rouca. — Antes dos outros. Antes de despedidas. Dorian assentiu. Ela só perguntou: — Você quer que o Chaol esteja lá?

Ele pensou em dizer não. Pensou em poupar seu amigo de outro adeus, quando havia tanta alegria no rosto de Chaol, tal paz.

Mas Dorian ainda disse.

— Sim.

CAPÍTULO 93

Os quatro caminharam em silêncio pelas árvores. Descendo a antiga estrada para as minas de sal.

Era o único lugar onde os batedores não estavam assistindo.

Cada passo mais perto a deixava enjoada, com um suor lento percorrendo sua espinha. Rowan manteve a mão ao redor dela, o polegar roçando sua pele.

Aqui, neste lugar horrível e morto de tanto sofrimento – aqui era onde ela enfrentaria seu destino. Como se ela nunca tivesse escapado, na verdade não.

Sob a cobertura da escuridão, as montanhas nas quais as minas eram esculpidas eram pouco mais que sombras. A grande muralha que cercava o campo da morte não passava de uma mancha de escuridão.

Os portões haviam sido deixados abertos, um quebrado em suas dobradiças. Talvez os escravos libertados tivessem tentado arrancá-lo quando saíram.

Os dedos de Aelin apertaram os de Rowan quando passaram por baixo do arco e entraram no terreno aberto das minas. Lá, no centro – havia os postes de madeira onde ela fora chicoteada. Em seu primeiro dia, em tantos dias.

E lá, na montanha à sua esquerda, era onde estavam os poços.

Os poços sem luz que eles a empurraram.

Os edifícios dos superintendentes das minas estavam escuros.

Cascas.

Levou todo o seu autocontrole para não olhar para os pulsos, onde as cicatrizes do grilhão haviam estado. Para não sentir o suor

frio escorrendo pelas suas costas e também não sabia se havia cicatrizes ali. Apenas a tatuagem de Rowan, pintada sobre a pele lisa.

Como se esse lugar fosse um sonho – um pesadelo invocado por Maeve.

A ironia não foi perdida por ela. Ela escapou dos grilhões duas vezes agora – só para voltar aqui. Uma liberdade temporária. Tempo emprestado.

Ela deixou Goldryn em sua tenda. A espada seria de pouca utilidade para onde eles estavam indo.

— Eu nunca pensei que veríamos este lugar novamente — murmurou Dorian. — Certamente não assim. — nenhum dos passos do rei vacilou, seu rosto sombrio quando ele agarrou o punho de Damaris. Pronto para atender o que os esperava.

A dor que ela sabia estava chegando.

Não, ela nunca havia realmente escapado, não é mesmo?

Eles pararam perto do centro do pátio de terra. Elena a encaminhou a forjar o Fecho, colocando as chaves de volta no portão.

Embora não houvesse uma grande exibição de magia, nenhuma ameaça a qualquer ao redor deles, ela queria estar longe. Longe de qualquer outra pessoa.

À luz da lua, o rosto de Chaol estava pálido.

— O que você precisa que nós façamos?

— Estejam aqui — disse Aelin simplesmente. — É suficiente.

Era a única razão pela qual ela ainda era capaz de suportar ficar aqui, neste lugar odioso.

Ela encontrou o olhar indagador de Dorian e assentiu. Não adiantava desperdiçar tempo.

Dorian abraçou Chaol, os dois falando muito baixo para que Aelin ouvisse.

Aelin só começou a esboçar uma marca de Wyrd na terra, grande o suficiente para ela e Dorian ficarem. Haveria duas, sobrepostas um ao outro: Abrir. Fechar.

Bloquear. Desbloquear.

Ela aprendeu desde o começo. Usou-as ela mesma.

— Sem despedidas doces, princesa? — Rowan perguntou enquanto traçava a marca com o pé.

— Elas parecem dramáticas — disse Aelin. — Extremamente dramática, mesmo para mim.

Mas Rowan a deteve, o segundo símbolo pela metade.

Derrubou o queixo.

— Mesmo quando você estiver... lá — disse ele, seus olhos verde-pinho tão brilhantes sob a lua. — Eu estarei com você — ele colocou a mão em seu coração. — Aqui. Eu estou com você aqui.

Ela colocou a própria mão em seu peito e respirou seu perfume profundamente em seus pulmões, seu coração.

— Como eu estou com você. Sempre.

Rowan a beijou.

— Eu te amo — ele sussurrou em sua boca. — Volte para mim.

Então Rowan recuou, um pouco além das marcas inacabadas.

A ausência de seu cheiro, seu calor, encheu-a de frio. Mas ela manteve os ombros para trás. Manteve a respiração firme enquanto ela memorizava as linhas do rosto de Rowan.

Dorian, os olhos brilhando, pisou nas marcas. Aelin disse a Rowan:

— Sele o último quando terminarmos.

Seu príncipe, seu parceiro, assentiu.

Dorian retirou um pedaço de pano dobrado de sua jaqueta. Abriu para revelar duas lascas de pedra negra. E o amuleto de Orynth.

Seu estômago revirou, náusea em seu outro mundo ameaçando deixá-la de joelhos. Mas ela tomou o Amuleto de Orynth dele.

— Eu pensei que você poderia ser a única que quisesse abri-lo — disse Dorian em voz baixa.

Aqui no lugar onde ela sofreu e suportou, aqui no lugar onde tantas coisas haviam começado.

Aelin pesou o antigo amuleto nas palmas das mãos, passou os polegares pela costura dourada das bordas. Por um segundo, ela

estava novamente naquele quarto aconchegante em uma propriedade à beira-rio, sua mãe ao lado dela, deixando o amuleto sob seus cuidados.

Aelin passou os dedos pelas marcas da Wyrd nas costas. As runas que explicaram seu destino odioso: Inominável é o meu preço.

Escrito aqui, todo esse tempo, por muitos séculos. Um aviso de Brannon e uma confirmação. Seu sacrifício. Seu sacrifício.

Brannon havia se enfurecido com aqueles deuses, havia marcado o amuleto e colocado todas aquelas pistas para que um dia encontrasse. Então ela pode entender. Como se ela pudesse de alguma forma desafiar esse destino. A esperança de um tolo Aelin virou o amuleto de novo, passando os dedos pelo cervo imortal na frente.

Tempo emprestado. Tudo tinha sido tempo emprestado.

O selo de ouro do amuleto se dissolveu em suas mãos, sibilando quando caiu sobre a terra gelada. Com uma torção, ela separou os dois lados do amuleto.

O cheiro desagradável da terceira chave a atingiu, acenando.

Sussurrou em idiomas que não existiam em Erilea e nunca existiriam.

Aelin só jogou a lasca da chave de Wyrd na mão esperando de Dorian. Ele tocou contra os outros dois, e o som poderia ter ecoado na eternidade, em todos os mundos.

Dorian estremeceu, Chaol e Rowan recuaram.

Aelin embolsou as duas metades do amuleto. Um pedaço de Terrasen para levar com ela. Onde quer que eles estivessem prestes a ir.

Aelin encontrou o olhar de Rowan uma última vez. Viu as palavras lá. *Volte para mim.*

Ela tomaria essas palavras, essa cara com ela também. Mesmo quando o Fecho exigia tudo, isso permaneceria. Sempre permaneceria.

Ela engoliu o aperto na garganta. O olhar penetrante de um Rowan despedaçado. E então cortou a palma da mão dela. Então

Dorian.

As estrelas pareciam se aproximar, as montanhas espiando por cima dos ombros de Aelin e Dorian, enquanto ela cortava sua faca pela terceira vez, abaixo de seu antebraço. Profundo e largo, pele se dividindo.

Para abrir o portão, ela deve se *tornar* o portão.

Erawan havia começado o processo de transformar Kaltain Rompier naquele portão – colocara a pedra em seu braço não por segurança, mas para preparar seu corpo para as outras pedras. Para transformá-la em um portal de Wyrd vivo que ele poderia controlar.

Apenas uma lasca em seu corpo destruiu Kaltain. Para colocar todos os três em seu próprio ...

Meu nome é Aelin Ashryver Galathynius, e não terei medo.

Eu não terei medo.

Eu não terei medo.

— Pronto? — Aelin respirou.

Dorian assentiu.

Com um olhar final para as estrelas, um último olhar para a constelação do Senhor do Norte sobre Terrasen a poucos quilômetros de distância, Aelin pegou os cacos da palma estendida de Dorian.

E quando ela e Dorian juntaram as mãos ensanguentadas, enquanto a magia deles rugia através deles e se entrelaçava, ofuscada e eterna, Aelin bateu as três chaves de Wyrd na ferida aberta de seu braço.



Rowan selou as marcas de Wyrd com um golpe de seu pé através da terra gelada.

Assim como Aelin bateu a palma da mão no braço dela, selando as três chaves de Wyrd em seu corpo enquanto a outra mão segurava a de Dorian.

Isso tinha que funcionar. Tinha que ter sido por isso que seus caminhos se cruzaram, porque Aelin e Dorian haviam se encontrado

duas vezes agora, neste exato lugar. Ele não podia aceitar outra alternativa. Ele não poderia tê-la deixado de outra forma.

Rowan não respirou. Ao lado dele, ele não tinha certeza se Chaol também respirava.

Mas enquanto Aelin e Dorian ainda estavam lá, as cabeças erguidas, apesar do medo que ele sentia por elas, seus rostos estavam vazios. Esvaziar.

Sem flash de luz.

Nenhum sinal de poder.

Aelin e Dorian simplesmente ficaram de pé, mãos unidas e olharam para a frente.

Em branco. Sem ver. Congelados.

Se foram.

Aqui, mas foram embora. Como se seus corpos fossem conchas.

— O que aconteceu? — Chaol respirou.

A mão de Aelin caiu de onde ela havia sido colocada no braço dela e balançou frouxamente ao lado dela. Revelando essa ferida aberta. As lascas negras de rocha empurraram dentro dela.

Alguma coisa no peito de Rowan, intrincada e essencial, começou a se esgotar. Começou a ficar tenso.

O laço de parceria.

Rowan deu um passo para frente, uma mão no peito dele.

Não. O laço de parceria contorcia-se, como se em agonia, como se estivesse aterrorizado. Ele parou, o nome de Aelin em seus lábios.

Rowan caiu de joelhos quando as três chaves de Wyrđ dentro do braço de Aelin se dissolveram em seu sangue.

Como orvalho no sol.

CAPÍTULO 94

Como tinha sido uma vez antes, então foi novamente.

O começo e fim e a eternidade, uma torrente de luz, da *vida* que fluía entre eles, duas metades de uma linhagem clivada.

A névoa rodou, velando o chão sólido abaixo. Uma ilusão, talvez – para suas mentes suportarem onde estavam agora. Um lugar que não era um lugar, em uma câmara de muitas portas. Mais portas do que eles poderiam esperar contar. Alguns feitos de ar, alguns de vidro, alguns de chama e ouro e luz.

Um novo mundo além de cada um; um novo mundo acenando.

Mas eles permaneceram lá, na encruzilhada de todas as coisas.

Nos corpos que não eram seus corpos, eles ficavam em meio a todas aquelas portas, seu poder jorrando, reunindo-se diante deles.

Misturando e fundindo, uma bola de luz, de criação, pairando no ar.

Cada brasa que fluía deles para a esfera crescente diante deles, para a forma de fechamento, não retornaria. Não seria reabastecer.

Um poço correndo seco. Para sempre.

Mais e mais e mais, arrancando-os a cada respiração. Criação e destruição.

A esfera girou, suas bordas entortando, encolhendo. Formando a forma que eles escolheram, uma coisa de ouro e prata. O Fecho que selaria todas essas portas infinitas para sempre.

Mesmo que eles dessem todos os seus poderes, o Fecho demandava mais.

E começou a doer.



Ela era Aelin e ainda assim não era.

Ela era Aelin e ainda assim ela era infinita; ela era todos os mundos, ela era...

Ela era Aelin.

Ela era *Aelin*.

E ao deixar as chaves nela, eles entraram no *verdadeiro* portão de Wyrd. Um passo, um pensamento ou um desejo permitiria que eles acessassem qualquer mundo que desejassem. Qualquer possibilidade.

Um arco permanecia atrás deles. Um arco que cheiraria a pinheiros e neve.

Lentamente, o Fecho se formou, a luz se transformou em metal – em ouro e prata.

Dorian estava ofegante, a mandíbula esticada, enquanto davam e davam e davam seu poder para isso. Nunca mais ver isso.

Foi agonia. Agonia como nada que ela conhecesse.

Ela era Aelin. Ela era Aelin e não as coisas que ela colocou em seu braço, não este lugar que existia além da razão. Ela era Aelin; ela era Aelin; e ela veio aqui para fazer alguma coisa, tinha vindo aqui prometendo fazer *algo*...

Ela lutou contra seu grito crescente enquanto seu poder se movia para longe, como se descascasse a pele de seus ossos.

Precisamente como Cairn tinha feito isso, se deleitava com isso. Ela havia sobrevivido a ele, no entanto. Tinha escapado das garras de Maeve. Ela sobreviveu a ambos. Para fazer isso. Para vir aqui.

Mas ela estava errada.

Ela não aguentou. Não aguentou, essa perda e dor e crescente loucura como uma nova verdade se tornou clara: Eles não sairiam deste lugar. Não teria sobrado nada de qualquer maneira. Eles se dissolveriam, névoa para flutuar na névoa ao redor deles.



Era uma agonia como se Dorian nunca tivesse conhecido. Seu próprio eu, desvendado fio por fio.

A forma do Fecho, Elena disse a Aelin, não importava. Poderia ter sido um pássaro, uma espada ou uma flor para todo esse lugar, esse portão, cuidado. Mas as mentes deles, o que sobrou deles enquanto se desgastavam, escolheram a forma que conheciam, a que fazia mais sentido. O olho de Elena, nascido de novo – o Fecho mais uma vez.

Aelin começou a gritar. Gritando e gritando.

Sua magia arrancou daquele lugar sagrado e perfeito dentro dele.

Isso os mataria para forjar. Isso mataria os dois. Eles tinham vindo aqui da desesperada esperança de que *ambos* fossem embora.

E se eles não parassem, se não parassem com isso, nem o fariam.

Ele tentou mover a cabeça. Tentou dizer a ela. *Pare*.

Sua magia arrancou-se dele, o Fecho bebendo tudo, uma força que não poderia ser controlada. Uma fome insaciável que os devorou.

Pare. Ele tentou falar. Tentou puxar de volta.

Aelin estava soluçando agora – soluçando entre os dentes.

Em breve. Logo, o Fecho levaria tudo. E essa destruição final seria a mais brutal e dolorosa de todas.

Os deuses os fariam assistir enquanto eles reivindicassem a alma de Elena? Ele teria a chance, a habilidade, de tentar ajudá-la, como ele havia prometido a Gavin? Ele sabia a resposta.

Pare.

Pare.

— *Pare*.

Dorian ouviu as palavras e, por um instante, não reconheceu o orador.

Até que um homem apareceu de uma dessas portas impossíveis, mas possíveis. Um homem que parecia de carne e osso, como eles eram, e ainda brilhava em suas bordas.

O pai dele.

CAPÍTULO 95

Seu pai estava lá. O homem que ele tinha visto pela última vez em uma ponte em um castelo de vidro, e ainda não era.

Havia gentileza em seu rosto. Humanidade.

E tristeza. Essa dor terrível e dolorosa.

A mágica de Dorian vacilou.

Até a magia de Aelin diminuiu de surpresa, a torrente diminuindo até um fio, um dreno constante e agonizante.

— Pare — o homem respirou, cambaleando em direção a eles, olhando para a faixa de energia, cegante e pura, alimentando a formação do Fecho.

Aelin disse:

— Isso não pode ser parado.

Seu pai balançou a cabeça.

— Eu sei. O que começou não pode ser interrompido.

O pai dele.

— Não — disse Dorian. — Não, você não pode estar aqui.

O homem apenas olhou para baixo – para o lado de Dorian.

Para onde uma espada poderia estar.

— Você não me chamou?

Damaris. Ele estava usando Damaris dentro daquele anel de marcas de Wyrđ. Em seu mundo, sua existência, ele ainda fazia.

A espada, o deus sem nome que servia, aparentemente achava que tinha uma verdade a ser enfrentada. Mais uma verdade, antes do seu fim.

— Não — Dorian repetiu. Era tudo o que ele conseguia dizer quando olhava para ele, o homem que fizera coisas terríveis a todos

eles.

Seu pai levantou as mãos em súplica.

— Meu menino — ele só respirou.

Dorian não tinha nada a dizer para ele. Odiava que este homem estivesse aqui, no final e no começo.

No entanto, seu pai olhou para Aelin.

— Deixe-me fazer isso. Deixe-me terminar isso.

— O quê? — a palavra saiu de Dorian.

— Você não foi escolhido — disse Aelin, embora a frieza em sua voz vacilasse.

— Inominável é o meu preço — disse o rei.

Aelin ficou imóvel.

— Inominável é o meu preço — repetiu o pai. O aviso de uma bruxa antiga, as palavras condenatórias escritas nas costas do Amuleto de Orynth. — Para a marca nascida bastarda que você carrega, você é inominável, mas eu também não sou assim? — ele olhou entre eles, os olhos arregalados. — Qual é o meu nome?

— Isso é ridículo — Dorian disse entre os dentes. — Seu nome é...

Mas onde deveria ter havido um nome, apenas existia um buraco vazio.

— Você... — Aelin respirou. — Seu nome é ... Como é que você não tem um, que não sabemos?

A raiva de Dorian escorregou. E a agonia de ter sua magia, sua alma, rasgada dele tornou-se secundária como seu pai disse:

— Erawan aceitou. Limpou da história, da memória. Um feitiço antigo e terrível, tão poderoso que só poderia ser usado uma vez. Tudo para que eu possa ser seu servo mais fiel. Mesmo eu não sei mais o meu nome. Eu perdi isso.

— Inominável é o meu preço — murmurou Aelin.

Dorian olhou então. No homem que tinha sido seu pai.

Realmente olhou para ele.

— Meu menino — seu pai sussurrou novamente. E foi amor — amor e orgulho e tristeza que brilhou em seu rosto.

Seu pai que tinha sido possuído como ele, que tentou salvá-los à sua maneira e falhou. Seu pai, que tirou tudo dele, mas nunca se curvou para Erawan – não inteiramente.

— Eu quero te odiar — disse Dorian, com a voz embargada.

— Eu sei — disse seu pai.

— Você destruiu tudo — ele não conseguia parar suas lágrimas. A mão de Aelin apenas apertou a dele.

— Eu sinto muito — seu pai respirou. — Eu sinto muito por tudo isso, Dorian.

E até o jeito que o pai dizia o nome dele – nunca o ouvira falar assim.

Dispense ele. Jogue-o em algum mundo do inferno. Isso é o que ele deveria fazer.

E, no entanto, Dorian sabia por quem ele realmente derrubara Morath. Por quem ele enterrou aquela sala de colares, a odiosa tumba em volta deles.

— Sinto muito — disse o pai novamente.

Ele não precisava de Damaris para dizer que as palavras eram verdadeiras.

— Deixe-me pagar essa dívida — disse seu pai, aproximando-se.
— Deixe-me pagar isso, faça isso. O sangue de Mala também não corre pelas minhas veias?

— Você não tem magia, não como nós — disse Aelin, com os olhos tristes.

Seu pai encontrou o olhar de Aelin.

— Eu tenho o suficiente, apenas o suficiente no meu sangue.

Para ajudar.

Dorian olhou por cima do ombro, em direção ao arco que se abria para Erilea. Para casa.

— Então deixe-o — disse ele, embora as palavras não saíram com a frieza que ele desejava. Apenas peso e exaustão.

Aelin disse baixinho para o pai:

— Eu planejei isso antes de chegar ao fim.

— Então você não estará sozinha agora — respondeu o pai. Então o homem sorriu para ele – uma visão do rei, o pai, ele poderia ter sido. Sempre fora, apesar do que lhe acontecera. — Eu sou grato, que eu pude ver você de novo. Uma última vez.

Dorian não tinha palavras, não conseguia encontrá-las. Não quando Aelin se virou para ele, lágrimas correram pelo rosto dela quando ela disse:

— Um de nós tem que governar.

Antes que Dorian pudesse entender, antes que ele pudesse perceber o acordo que ela acabara de fazer, Aelin arrancou sua mão da dele.

E empurrou-o através daquele portal atrás deles. De volta ao seu próprio mundo.

Rugindo, Dorian caiu.

Quando o reino nebuloso do portal de Wyrd desapareceu, Dorian viu Aelin pegar a mão de seu pai.

CAPÍTULO 96

Rowan não se moveu pelas horas em que ficaram ao lado de Aelin e Dorian e os observou olhando para o nada. Chaol não tinha se movido também.

A noite passou, as estrelas girando sobre esse lugar odioso e frio. E então Dorian arqueou, engolindo ar – e desmoronou de joelhos. Aelin permaneceu onde estava. Permaneceu em pé e simplesmente soltou a mão de Dorian.

A própria alma de Rowan parou.

— Não — Dorian murmurou, arrastando-se em direção a ela, tentando segurar sua mão novamente, para se juntar a ela. Mas a ferida na mão de Aelin estava selada.

— Não, não! — Dorian gritou, e Rowan soube então.

Sabia o que ela tinha feito.

O engano final, a última mentira.

— O que aconteceu? — Chaol exigiu, chegando para levantar Dorian para seus pés. O rei soluçou desafivelando a antiga espada do seu lado e atirando-a para longe. Damaris fez um barulho oco quando bateu na terra.

Rowan apenas olhou para Aelin.

Para sua parceira, que mentiu para ele. Para todos eles.

— Não foi o suficiente... nós dois juntos. Isso teria destruído nós dois — chorou Dorian. — E ainda Damaris de alguma forma convocou meu pai e... ele tomou o meu lugar. Ele se ofereceu para tomar o meu lugar para que ela... — Dorian pulou, pegando a mão de Aelin, mas ele deixou o anel das Marcas de Wyrd.

Eles agora o mantinham de fora.

Uma parede que selou Aelin dentro.

O laço de parceria se esticava mais fino e mais fino.

— Ela e ele... eles vão acabar com isso — disse Dorian, tremendo.
Rowan mal ouviu as palavras.

Ele deveria saber. Deveria saber que, se o plano falhasse, Aelin jamais aceitaria de bom grado sacrificar um amigo. Mesmo por isso.
Mesmo por seu próprio futuro.

Ela sabia que ele tentaria impedi-la de forjar o Fecho se ela tivesse mencionado essa possibilidade, o que ela faria se tudo fosse para o inferno. Tinha concordado em deixar Dorian ajudá-la apenas a se colocar aqui. Iria provavelmente soltar a mão de Dorian sem que seu pai aparecesse.

Acabar – ela dissera tantas vezes que desejava acabar. Ele deveria ter escutado.

Chaol agarrou Dorian e o jovem lorde disse a Rowan, suave e tristemente.

— Sinto muito.

Ela mentiu.

Sua Coração de Fogo havia mentido.

E ele agora a assistia morrer.



De mãos dadas com seu inimigo, Aelin permitiu que a magia fluísse novamente. Permitiu que ela se enfurecesse.

O poder do rei sem nome não era nada comparado ao de Dorian. Mas era apenas o suficiente, como ele disse. Apenas o suficiente para ajudar.

Ela nunca tinha pretendido que Dorian se destruísse por isso. Só para ele dar apenas o suficiente. E então ela o teria jogado de volta para Erilea. Para que então ela pudesse terminar isso sozinha.

Pagamento por dez anos de egoísmo, dez anos longe de Terrasen, dez anos fugindo.

A agonia se tornou um rugido entorpecedor. Até o velho rei estava ofegando com a dor.

Feche agora. As alças de ouro e os círculos do Fecho solidificaram-se.

Ainda era necessário mais. Para ligar este lugar, ligar todos os mundos.

Ele nunca iria perdoá-la.

Seu parceiro.

Ela precisava que ele a deixasse ir, precisava que ele aceitasse.

Ela nunca teria sido capaz de fazer isso, de vir aqui, se ele estivesse implorando para ela não fazer isso, se ele estivesse chorando como ela queria chorar quando ela o beijou uma última vez.

Volte para mim, ele sussurrou.

Ela sabia que ele esperaria. Até que ele desaparecesse no Além-Mundo, Rowan esperaria que ela voltasse. Para voltar para ele.

A magia de Aelin arrancou dela, um pedaço tão vital e profundo que ela gritou, balançando. Apenas o aperto do rei a impediu de cair.

O Fecho estava quase pronto, os dois círculos sobrepostos do Olho quase completos.

Sua magia se contorceu, implorando para ela parar. Mas ela não podia. Não faria.

— A qualquer momento agora — prometeu o rei.

Ela encontrou o homem sorrindo.

— Recebi uma mensagem para você — ele disse suavemente. Suas bordas borradas, enquanto o último de seu poder era drenado. Mas ele ainda sorria. Ainda parecia em paz. — Seus pais estão... Eles estão muito orgulhosos de você. Eles me pediram para te dizer que eles te amam muito. — Ele estava quase invisível agora, suas palavras pouco mais que um sussurro de vento. — E que a dívida foi paga o suficiente, Coração de Fogo.

Então ele foi embora. O restante dele fluindo para o Fecho.

Enxugado da existência.

Ela mal sentiu as lágrimas no rosto quando caiu de joelhos.

Enquanto ela dava e dava magia, dava ela mesma. *Meu nome é Aelin Ashryver Galath...*

Um grito sufocante saiu dela quando o último do Fecho foi selado.
Enquanto o Fecho tornou-se forjado mais uma vez, tão real quanto sua própria carne.
Enquanto a magia de Aelin desapareceu completamente.

CAPÍTULO 97

Ela mal conseguia se mexer. Mal conseguia pensar.

Se foi. Onde a luz e a vida fluíram dentro dela, não havia nada.

Nem uma brasa. Apenas uma gotícula, apenas uma, de água.

Ela se agarrou a ela, protegendo-a quando eles apareceram, doze figuras através do portal atrás dela.

Filtrando neste lugar de lugares, esta encruzilhada de eternidade.

— Está feito, então — disse o homem com muitos rostos, aproximando-se do Fecho que pairava no ar. Um movimento de uma mão fantasmagórica e em constante mudança e o Fecho flutuou em direção a Aelin. Pousou em seu colo, dourado e brilhante.

— Invoque-nos nosso mundo, menina — disse aquele com uma voz como aço e gritos. — E nos deixe ir embora para casa finalmente.

A quebra final. Para mandá-los de volta, selar o portão. Ela usaria seu último grão, a última gotícula, para selar o portão com o Fecho. E então ela iria embora.

Era uma vez, em uma terra há muito tempo queimada até as cinzas, lá vivia uma jovem princesa que amava seu reino...

— Agora — um com uma voz como ondas quebrando ordenou. — Nós esperamos o suficiente.

Aelin conseguiu levantar a cabeça. Para olhar suas figuras cintilantes. Coisas de outro mundo.

Mas entre eles, pressionados em suas fileiras como se eles a mantivessem cativa...

Os olhos de Elena estavam arregalados. Agonizados.

Que amava seu reino...

Um deles estalou os dedos fantasmagóricos para Aelin.

— Já chega disso.

Aelin olhou para ela, para a deusa que falara. Ela conhecia aquela voz. Deanna.

Silenciosamente, Aelin os examinou. Achou a com uma aurora cintilante, o coração de uma chama.

Mala não olhou para ela. Ou para Elena, sua própria filha.

Aelin se afastou da Portadora do Fogo. E disse a nenhum deles em particular:

— Eu gostaria de fazer uma barganha com vocês.

Os deuses pararam. Deanna sussurrou.

— Uma barganha?

Você se atreve a pedir uma barganha?

— Eu ouviria — disse alguém cuja voz era gentil e amorosa.

A coisa em seu braço se contorceu, e Aelin quis que revelasse o que procuravam.

O portal para o reino deles. A luz do sol sobre um campo verdejante quase a cegou.

Eles rodaram em direção a ela, alguns suspirando com a visão.

Mas Aelin disse:

— Uma negociação. Antes de você cumprir o *seu* fim.

As palavras eram distantes, tão difíceis e dolorosas. Mas ela as forçou a sair.

Os deuses pararam. Aelin só olhou para Elena. Sorriu suavemente.

— Você jurou levar Erawan com você. Para destruí-lo — disse Aelin, e aquele com uma voz como a morte a enfrentou. Como se lembrassem que eles realmente haviam prometido uma coisa tão ultrajante.

— Eu gostaria de negociar. — ela disse novamente. E conseguiu apontar, com aquele braço que segurava toda a eternidade dentro dela. — A Alma de Erawan pela de Elena.

Mala se virou para ela agora. E olhou fixamente.

Aelin disse em silêncio:

— Deixe Erawan para Erilea. Mas em troca, deixe Elena. Deixe sua alma permanecer no Além-Mundo com aqueles que ela ama.

— Aelin — Elena sussurrou, e lágrimas como prata escorriam por suas bochechas.

Aelin sorriu para a antiga rainha.

— A dívida foi paga o suficiente.

Ela queria que eles debatessem – seus amigos. Tinha pedido uma votação no portão não apenas para facilitar o peso da escolha, mas para ouvir isso deles, para ouvi-los dizer que eles poderiam derrotar Erawan por conta deles. Que Yrene Towers poderia ter uma chance de destruí-lo.

Assim, ela poderia fazer essa barganha, esse negócio, e não selar sua desgraça por completo.

— Não faça isso — Elena implorou. Implorou a todos aqueles deuses frios e impassíveis. — Não concorde com isso.

Aelin disse-lhes:

— Deixem-a ir e vão.

— *Aelin, por favor* — disse Elena, chorando agora.

Aelin sorriu.

— Você me comprou esse tempo extra. Então eu pude viver.

Deixe-me comprar isso para você.

Elena cobriu o rosto com as mãos e chorou.

Os deuses olharam entre si. Então Deanna se moveu, graciosa como um cervo através de uma madeira.

Aelin soltou um suspiro, curvando-se sobre os joelhos, enquanto a deusa se aproximava de Elena.

Ninguém além dela mesma. Ela não permitiria que ninguém além dela fosse sacrificada nessa tarefa final.

Deanna colocou as mãos em ambos os lados do rosto de Elena.

— Eu esperava por isso.

Então ela apertou as mãos, a cabeça de Elena apertou entre elas.

Um clarão de luz de Mala, em advertência e dor, quando os olhos de Elena se arregalaram. Enquanto Deanna apertava.

E então Elena se rompeu. Em mil peças cintilantes que se desvaneceram quando caíram.

O grito de Aelin morreu em sua garganta, seu corpo incapaz de se levantar enquanto Deanna limpava suas mãos fantasmagóricas, e disse:

— Não fazemos barganhas com mortais. Não mais. Mantenha Erawan, se é isso que você deseja.

Então a deusa atravessou o arco em seu próprio mundo.

Aelin olhou para o lugar vazio onde Elena tinha estado apenas a alguns batimentos cardíacos antes.

Nada permaneceu.

Nem mesmo uma brasa cintilante para enviar de volta ao Além-Mundo, para o parceiro deixado para trás.

Nada mesmo.

CAPÍTULO 98

Estava se partindo.

O laço de parceria.

Curvado sobre os joelhos, Rowan ofegou, uma mão no peito enquanto o vínculo se desgastava.

Ele se agarrou a ela, envolveu sua magia, sua alma ao redor, como se pudesse mantê-la, onde quer que ela estivesse, de ir a um lugar que ele não podia seguir.

Ele não aceitou. Nunca aceitaria esse destino. Nunca.

Distantemente, ele ouviu Dorian e Chaol debatendo algo. Ele não se importou.

A ligação de parceria estava se quebrando.

E não havia nada que ele pudesse fazer além de se segurar.



Um por um, os deuses atravessaram o arco em direção ao seu próprio mundo. Alguns zombaram dela enquanto eles passavam.

Eles não levariam Erawan.

Não... não fariam nada.

Seu peito era oco, sua alma destruída, e ainda assim...

E ainda assim...

Aelin agarrou o chão envolto em névoa que não era chão enquanto os últimos desapareciam. Até que apenas um permaneceu.

Um pilar de luz e chama. Brilhando nas névoas.

Mala permaneceu no limiar de seu mundo.

Como se ela se lembrasse.

Como se lembrasse de Elena e Brannon, e que se ajoelharam diante dela. Sangue do sangue dela. o destinatário de seu poder. Sua herdeira.

— Sele o portão, Portadora do Fogo — Mala disse suavemente.

Mas a Senhora da Luz ainda hesitou.

E de longe, Aelin ouviu a voz de outra mulher.

Certifique-se de que eles sejam punidos algum dia. Cada um deles.

Eles serão, ela jurou a Kaltain.

Eles mentiram. Traíra Elena e Erilea, como eles acreditavam trair.

Seu mundo verde e banhado pelo sol ondulou à frente.

Gemendo, Aelin ficou de pé.

Ela não era cordeiro para o abate. Nenhum sacrifício em um altar do bem maior.

E ela ainda não terminou.

Aelin encontrou o olhar ardente de Mala.

— Faça isso — Mala disse calmamente.

Aelin olhou além dela, em direção àquele mundo intocado pelo qual eles haviam procurado voltar por tanto tempo. E percebeu que Mala sabia – viu os pensamentos em sua própria cabeça.

— Você não vai me impedir?

Mala apenas estendeu a mão.

Nela havia um grão de poder branco-quente. Uma estrela caída.

— Pegue. Um último presente para minha linhagem — ela poderia jurar que Mala sorriu. — Pelo que você ofereceu a favor dela.

Por lutar por ela. Por todos eles.

Aelin cambaleou os poucos passos para a deusa, para o poder que ela oferecia na mão.

— Eu me lembro — disse Mala suavemente, e as palavras eram alegria, dor e amor. — Eu lembro. — Aelin pegou o núcleo de poder da palma da mão.

Era o nascer do sol contido em uma semente.

— Quando estiver pronta, feche o portão e pense em casa. As marcas irão guiá-la.

Aelin piscou, o único sinal de confusão que ela podia transmitir enquanto aquele poder a preenchia e preenchia e preenchia, fundindo-se nas partes quebradas, nos lugares vazios.

Mala estendeu a mão novamente e uma imagem se formou dentro dela. Da tatuagem nas costas de Aelin.

A nova tatuagem, de asas abertas, a história dela e e Rowan escrita no Antigo Idioma entre as penas.

Um movimento dos dedos de Mala e os símbolos se elevaram.

Escondido dentro das palavras, as penas.

Marcas de Wyrd.

Rowan havia escondido Marcas de Wyrd em sua tatuagem.

Tinha pintado a Marcas de Wyrd por toda parte.

— Um mapa para casa — disse Mala, a imagem desaparecendo.
— Para ele.

Ele suspeitou, de alguma forma. Que poderia chegar a isso.

Tinha pedido a ela para ensiná-lo para que ele pudesse fazer essa aposta.

E quando Aelin olhou para trás, para o arco em seu próprio mundo, ela realmente podia... *sentir* elas. Como se as Marcas de Wyrd que ele secretamente cobriu nela fossem uma corda. Uma corda para casa.

Uma tábua de salvação para a eternidade Um último engano.

Outra voz sussurrou depois, um fragmento de memória, falado no telhado do Forte da Fenda. *E se continuarmos, só para mais dor e desespero?*

Então não é o fim.

Esse poder fluiu e fluiu para Aelin. Seus lábios se curvaram para cima.

Não era o fim. E ela não acabou.

Mas eles acabaram.

— Para um mundo melhor — disse Mala, e atravessou a porta para entrar.

Um mundo melhor.

Um mundo sem deuses. Nenhum mestre do destino.

Um mundo de liberdade.

Aelin se aproximou do arco ao reino dos deuses. Para onde Mala agora atravessou a grama reluzente, pouco mais que um raio de luz do sol.

A Dama de Luz parou e levantou um braço em despedida.

Aelin sorriu e curvou-se.

Longe, caminhando sobre as colinas, os deuses pararam.

O sorriso de Aelin se transformou em um sorriso largo. Mau e furioso.

Não vacilou quando encontrou o mundo que procurava.

Enquanto ela mergulhava naquele eterno e terrível poder.

Ela tinha sido uma escrava e uma peã uma vez antes. Ela nunca mais seria assim novamente.

Não para eles. Nunca para eles.

Os deuses começaram a gritar, correndo em sua direção, quando Aelin abriu um buraco no céu.

Direto em um mundo que ela havia visto apenas uma vez. Tinha acidentalmente aberto um portal em uma noite em um castelo de pedra. Uivos latentes e distantes soltaram-se do vazio cinzento e sombrio.

Um portal para um reino infernal. Uma porta agora se abriu.

Aelin ainda estava sorrindo quando fechou o arco no mundo dos deuses.

E os deixou para lá, os sons de seus gritos indignados e assustados soando.



Ainda havia uma última tarefa para selar o portão para sempre.

Aelin desenrolou a palma da mão, estudando a Fechadura que ela havia forjado. Ela deixou flutuar no coração deste espaço enevado cheio de portas.

Ela não estava com medo. Não quando ela abriu a outra palma e o poder se derramou.

O último presente de Mala. E desafio.

A força de mil sóis explodindo se rompeu na palma de Aelin.

Bloquear. Fechar. Selar.

Ela quis, quis e quis. Desejou fechar enquanto oferecia seu poder.

Mas não aquele último pedaço de si mesma.

A dívida já foi paga o suficiente.

Um mapa para casa, um mapa com as palavras dos universos, mostraria o caminho.

Mais e mais e mais. Mas nem tudo.

Ela não desistiria disso. Seu eu mais profundo.

Ela não se renderia.

Eles não aceitariam esse núcleo persistente dela.

Ela não cederia.

A luz fluía pela Fechadura, fraturando como um prisma, atirando para todas aquelas portas infinitas.

Fechando e selando e fechando. Um arco para todos os lugares agora selando.

Eles não a destruíram. Eles não seriam *autorizados* a tomar isso.

Volte para mim.

Mais e mais e mais, o último poder de Mala saindo dela e entrando na Fechadura.

Eles não ganhariam. Eles não aguentaram, não podiam tê-la.

Ela recusou.

Ela estava gritando agora. Gritando e rugindo seu desafio.

Um raio de luz disparou para o arco atrás dela. Começando a selar também.

Ela iria viver. Ela *viveria* e todos poderiam ir para o inferno.

Um mundo melhor. Sem deuses, sem destino.

Um mundo que eles mesmos criariam.

Aelin gritou e berrou, o som soando em todos os mundos.

Eles não iriam vencê-la. Eles não conseguiriam pegar isso, esse núcleo essencial de si mesma. De alma.

Era uma vez, em uma terra há muito queimada até as cinzas, lá vivia uma jovem princesa que amava seu reino...

O reino dela. Sua casa. Ela iria ver de novo.

Não acabou.

Atrás dela, a arcada foi selada lentamente.

As chances eram pequenas; as probabilidades eram insuperáveis. Ela não estava destinada a escapar disso – para chegar a esse ponto e ainda estar respirando.

A mão de Aelin flutuou para o coração e ficou ali.

É a força disso que importa, sua mãe havia dito, há muito tempo.

Onde quer que você vá, Aelin, não importa o quão longe, isso vai levar você para casa.

Não importa onde ela estivesse.

Não importa a distância.

Mesmo que isso a levasse além de todos os mundos conhecidos.

Os dedos de Aelin se curvaram, a palma pressionando o coração palpitante abaixo. *Isso vai levar você para casa.*

O arco para Erilea se fechou.

Caminhante do mundo. Viajante.

Outros haviam feito isso antes. Ela também encontraria um caminho. Um caminho para casa.

Não mais a rainha que foi prometida. Mas a rainha que andou entre mundos.

Ela não iria em silêncio.

Ela não estava com medo.

Então Aelin arrancou seu poder. Arrancou um pedaço do que Mala havia lhe dado, uma força para nivelar um mundo e atirou-o na direção da Fechadura.

O pedaço final. O último pedaço.

E então Aelin saltou pelo portão.

CAPÍTULO 99

Ela estava caindo.

Caindo e sendo jogada.

O Portal de Wyrđ estava selado atrás dela e, no entanto, ela não estava em casa.

Ao fechar, todos os mundos se sobrepuseram.

E ela agora caía através deles.

Um após o outro, após o outro. Mundos de água, mundos de gelo, mundos de escuridão.

Ela bateu através deles, mais rápido que uma estrela cadente, mais rápido que a luz.

Casa.

Ela tinha que encontrar sua *casa*— Mundos de luzes, mundos de torres que se estendiam até os céus, mundos de silêncio.

Muitos.

Havia tantos mundos, todos milagrosos, todos tão preciosos e perfeitos que mesmo quando ela caiu através deles, seu coração se partiu para vê-los.

Casa. O caminho de *casa*...

Apalpou a corda, o laço em sua alma. Marcado em sua carne.

Volte para mim.

Aelin mergulhou mundo após mundo após mundo.

Muito rápido.

Ela ia para seu próprio mundo rápido demais e sentia falta dele completamente.

Mas ela não podia diminuir. Não poderia parar.

Caindo, virando-se, passou através deles um por um, um por um.

É a força disso que importava. Onde quer que você vá, Aelin, não importa o quão longe, isso vai levar você de volta.

Aelin rugiu, uma faísca piscando no céu. A corda ficou mais forte. Mais apertada. Enrolando-a. Muito rápido. Ela teve que desacelerar.

Ela mergulhou no último instante, no que restava, com qualquer poder para retardar sua corrida.

Passou por um mundo onde uma grande cidade tinha sido construída ao longo da curva de um rio, os edifícios impossivelmente altos e cintilando com luzes.

Passou por um mundo verde.

Rugindo, ela tentou diminuir a velocidade.

Ela passou por um mundo de oceanos sem terra para ser vista.

Perto. O lar estava tão perto que ela podia sentir o cheiro do pinho e da neve. Se ela o perdesse, se ela passasse direto...

Ela passou por um mundo de montanhas cobertas de neve e estrelas brilhantes. Passou por cima de uma daquelas montanhas, onde um macho alado, ao lado de uma fêmea grávida, olhava para as próprias estrelas. Feéricos... Eles eram Feéricos.

Mas esse não era o mundo dela.

Ela levantou a mão, como se os sinalizasse, como se pudessem de alguma forma ajudá-la quando ela não fosse algo mais que invisível.

O macho alado, bonito além da razão, estalou a mão em direção a ela enquanto ela se arqueava em seu céu estrelado.

Ele levantou a mão, como se estivesse cumprimentando.

Uma explosão de poder sombrio, como uma suave noite de verão, bateu nela. Não para atacar – mas para atrasá-la.

Uma parede, um escudo, que ela rasgou e mergulhou.

Mas isso a desacelerou. O poder daquele macho alado a diminuiu, apenas o suficiente.

Aelin desapareceu de seu mundo sem um sussurro.

E lá estava.

Lá estava, o pinho e a neve, a espinha sinuosa das montanhas até o continente, o emaranhado da floresta Carvalhall para a direita,

os Desertos para a esquerda. Uma terra de muitos povos, muitos seres.

Ela viu todos eles, familiares e estrangeiros, lutando e em paz, em cidades que se alastravam ou escondiam dentro dos campos.

Tantas pessoas, reveladas a ela. Erilea.

Ela se jogou nela. Agarrou a corda e berrou enquanto se arrastava em direção a ela. Abaixo.

Casa.

Casa.

Casa.

Não era o fim. Ela não tinha acabado.

Ela se forçou, quis que o mundo parasse. Assim como o Portal de Wyrd bateu com um estrondoso crack, todas as outras portas com ele.

E Aelin mergulhou de volta em seu próprio corpo.



As Marcas de Wyrd se desvaneceram no solo rochoso quando o sol se ergueu sobre Endovier.

Rowan estava de joelhos diante de Aelin, preparando-se para os últimos suspiros dela, para o fim que ele esperava de alguma forma o levaria também.

Ele faria o seu fim. Quando ela fosse, ele iria.

Mas então ele sentiu isso. Enquanto o sol se levantava, ele sentiu, a baixa no desgastamento do laço de parceria.

Uma explosão de calor e luz que soldava os fios quebrados.

Ele não se atreveu a respirar. A ter esperança.

Mesmo quando Aelin caiu de joelhos, onde estavam as Marcas de Wyrd.

Rowan foi imediatamente lá, alcançando seu corpo flácido.

Um batimento cardíaco ecoou em seus ouvidos, em sua própria alma. E esse era o peito dela, subindo e descendo. E aqueles eram seus olhos, abrindo devagar.

O cheiro das lágrimas de Dorian e Chaol substituiu o sal de Endovier quando Aelin olhou para Rowan e sorriu.

Rowan segurou-a contra o peito e chorou à luz do sol nascente.

Uma mão fraca pousou em suas costas, correndo sobre a tatuagem que ele pintou. Como se traçasse os símbolos que estavam escondido lá, em uma desesperada e selvagem esperança.

— Eu voltei — ela disse asperamente.



Ela estava quente, mas... fria, de alguma forma. Uma estranha em seu próprio corpo.

Aelin se sentou, gemendo com a dor ao longo de seus ossos.

— O que aconteceu? — Dorian perguntou, segurando o braço que Chaol tinha em volta da cintura.

Aelin segurou as palmas das mãos diante dela. Uma pequena chama de fogo apareceu dentro deles.

Nada mais.

Ela olhou para Rowan, depois para Chaol e Dorian, os rostos deles tão abatidos sob a luz do dia.

— Se foi — ela disse baixinho. — O poder. — Ela virou as mãos, a chama rolando sobre eles.

— Apenas uma brasa permanece.

Eles não falaram.

Mas Aelin sorriu. Sorriu pela falta daquele bem dentro dela, aquele mar agitado de fogo. E o que permaneceu – um presente significativo, sim, mas nada além do comum.

Tudo o que restava do que Mala lhe dera, em agradecimento por Elena.

Mas...

Aelin alcançou o interior, em direção àquele lugar dentro de sua alma.

Ela colocou a mão no peito. Colocou uma mão lá e sentiu o coração batendo por dentro.

O coração dos Feéricos. O custo.

Ela deu tudo de si mesma. Tinha desistido de sua vida.

A vida humana. Sua mortalidade. Queimada, tornou-se nada além de poeira entre mundos.

Não haveria mais mudanças. Apenas este corpo, esta forma.

Ela lhes disse isso. E contou a eles o que havia ocorrido.

E quando ela terminou, quando Rowan permaneceu segurando-a, Aelin estendeu a mão mais uma vez, só para ver.

Talvez tenha sido um presente final de Mala também. Preservar esta parte dela que agora se formava na mão dela – esta gotícula de água.

O presente da mãe dela.

O que Aelin havia guardado até o final, não queria se separar, até a última gota dela fossem entregues ao Fecho, ao Portal de Wyrd.

Aelin estendeu a outra mão e o grão de chamas cuspiu em vida dentro dela.

Um presente comum. Não mais a Portadora de Fogo.

Mas Aelin mesmo assim.

CAPÍTULO 100

Um chute incansável de Kyllian acordou Aedion antes do amanhecer.

Ele gemeu quando se esticou na cama no Grande Salão, o espaço ainda escuro. Inúmeros outros soldados dormiam em volta dele, a respiração pesada enchendo o quarto.

Ele olhou para a pequena lanterna que Kyllian segurava acima dele.

— Chegou a hora — disse Kyllian, com os olhos cansados e avermelhados.

Todos pareciam melhores. Estiveram melhores.

Mas eles ainda estavam vivos. Uma semana depois das Treze terem se sacrificado e recuado a maré de Morath, eles estavam vivos. As vidas das bruxas lhes deram um dia inteiro de descanso. Um dia, e então Morath havia marchado novamente pelas paredes de Orynth.

Aedion pendurou a pesada capa de pele que usava para colocar um cobertor sobre os ombros, encolhendo-se pela dor latejando no braço esquerdo. Uma ferida descuidada, quando ele tirou sua atenção de seu escudo por um momento e um soldado Valg tinha conseguido cortá-lo.

Mas pelo menos ele não estava mancando. E pelo menos a ferida que o príncipe Valg lhe dera havia sarado.

Jogando seu escudo sobre o mesmo ombro, ele pegou sua espada e a colocou na cintura, ele pegou o caminho pelo labirinto de corpos adormecidos e exaustos. Um aceno para Kyllian tinha o homem caminhando para as muralhas da cidade.

Mas Aedion virou à esquerda ao sair do Salão Principal, apontando para a torre norte.

Foi uma caminhada solitária e fria até o quarto que ele procurava. Como se o castelo inteiro fosse um túmulo.

Ele bateu levemente na porta de madeira perto do topo da torre, e imediatamente abriu e fechou, Lysandra deslizou no corredor antes que Evangeline pudesse se mexer em sua cama.

Na cintilação da luz da vela de Aedion, as sombras gravadas no rosto de Lysandra de uma semana de lutas do nascer do sol ao pôr do sol eram mais rígidas, mais profundas.

— Pronta? — Ele perguntou baixinho, voltando-se para as escadas abaixo.

Tornou-se a tradição deles – ele via Lysandra no andar de cima à noite, depois ia encontrá-la de manhã. O único ponto brilhante em seus longos e horríveis dias. Às vezes, Evangeline acompanhava eles, narrando seu tempo administrando as mensagens e recados para Darrow. Às vezes, eram apenas os dois se arrastando.

Lysandra ficou em silêncio, seu andar gracioso mais pesado a cada passo que desciam.

— Café da manhã? — Perguntou Aedion enquanto se aproximavam do fundo.

Um aceno de cabeça. Os ovos e as carnes curadas deram lugar a caldo quente e mingau. Duas noites atrás, Lysandra tinha voado em forma serpente alada depois que a luta tinha cessado para o dia, e retornou uma hora depois com um cervo apertado em cada pé com garras.

Essa carne preciosa tinha ido embora cedo demais.

Eles atingiram o fundo da escada da torre, e Aedion estava indo para o refeitório quando ela o parou com uma mão no braço. Na escuridão, ele se virou para ela.

Mas Lysandra, aquele lindo rosto tão cansado, apenas deslizou os braços ao redor de sua cintura e pressionou sua cabeça em seu peito. Ela inclinou o suficiente de seu peso nele para que Aedion

pousasse a vela em um borda próxima e envolvesse seus braços firmemente ao redor dela.

Lysandra cedeu, inclinando-se ainda mais para ele. Como se o peso da exaustão fosse insuportável.

Aedion descansou o queixo sobre a cabeça dela e fechou os olhos, respirando seu perfume em constante mudança.

Sua batida do coração trovejou contra a dele enquanto ele passava a mão por sua espinha. Afagos longos e suaves.

Eles não tinham compartilhado uma cama. Não havia lugar para isso de qualquer maneira. Mas isso, segurar um ao outro – ela iniciou na noite em que as Treze haviam se sacrificado. Tinha parado ele neste mesmo lugar e apenas o segurou por longos minutos. Até que a dor e o desespero diminuíssem o suficiente para que pudessem fazer a caminhada até o andar de cima.

Lysandra se afastou, mas não completamente fora de seus braços.

— Pronto?



— Estamos com poucas flechas — disse Petrah Sangue Azul a Manon na luz cinza-azulada pouco antes alvorecer. Elas caminharam pelo ninho improvisado sobre uma das torres do castelo. — Podemos querer considerar atribuir alguns dos clãs menores para ficarem para trás hoje para produzir mais.

— Faça isso — disse Manon, examinando as serpentes aladas ainda não familiares que dividiam o espaço com Abraxos.

Sua montaria já estava acordada. Olhando para fora, solitário e frio, em direção ao campo de batalha além das paredes da cidade. Na direção do maldito trecho de terra que nenhuma neve conseguiu apagar completamente.

Ela passou horas olhando para ele. Mal conseguia passar por cima durante a luta interminável a cada dia.

Seu peito, seu corpo, fora esvaziado.

Apenas se movendo, passando por todos os movimentos comuns, impedia que ela se enrolasse em um no canto de um ninho e nunca emergisse.

Ela precisava continuar andando. Tinha que continuar andando.

Ou então ela deixaria de funcionar.

Ela não se importava se fosse óbvio para os outros. Ansel de Penhasco dos Arbustos a procurou no Grande Salão ontem à noite por causa disso. A guerreira ruiva tinha deslizado para o banco ao lado dela, sua cor vinho sem perder nada da comida que Manon mal comeu.

— Sinto muito — dissera Ansel.

Manon apenas olhou para o prato praticamente intocado.

A jovem rainha havia examinado o solene salão ao redor delas.

— Eu perdi a maioria dos meus soldados — ela disse, seu rosto sardento pálido. — Antes de você chegar. Morath os matou.

Foi um esforço para Manon desenhar seu rosto em direção a Ansel. Para encontrar seu olhar pesado. Ela piscou uma vez, a única confirmação que ela poderia se incomodar em fazer.

Ansel pegou a fatia de pão de Manon, tirando um pedaço e comendo.

— Nós podemos compartilhar isso, você sabe. Os Desertos. Se você quebrar essa maldição.

Na longa mesa, algumas das bruxas ficaram tensas, mas não olharam para elas.

Ansel continuou:

— Honrarei as antigas fronteiras do Reino das Bruxas, mas guarde o resto — levantou-se, levando o pão de Manon com ela. — Apenas algo a considerar, se a oportunidade surgir.

Então ela se foi, saltando para seu próprio grupo de soldados restantes.

Manon não a encarou, mas as palavras, a oferta, permaneceram.

Para compartilhar a terra, recuperar o que elas tinham, mas não a totalidade dos Desertos... *Traga o nosso povo para casa, Manon.*

As palavras não pararam de ecoar em seus ouvidos.

— Você poderia ficar fora do campo de batalha hoje também — Petrah Sangue Azul agora disse, uma mão no flanco de sua montaria. — Use o dia para ajudar os outros. E descansar.

Manon olhou para ela.

Mesmo com duas Matriarcas mortas, Iskra com elas e nenhum sinal da mãe de Petrah, as Dentes de Ferro tinham conseguido permanecer organizadas. Para manter Manon, Petrah e as Crochans ocupadas.

Todos os dias, menos e menos saíam do campo de batalha.

— Ninguém mais descansa — disse Manon friamente.

— Todo mundo consegue dormir, no entanto — disse Petrah. Quando Manon segurou o olhar da bruxa, Petrah disse sem pestanejar: — Você acha que eu não vejo você, deitada acordada a noite toda?

— Eu não preciso descansar.

— Exaustão pode ser tão mortal quanto qualquer arma. Descanse hoje e depois nos ajude amanhã.

Manon mostrou os dentes.

— A última vez que chequei, você não estava no comando.

Petrah não abaixou a cabeça.

— Lute, então, se é isso que você deseja. Mas considere que muitas vidas dependem de você, e se você cair porque está tão cansada que se torna desleixada, *todos* sofrem por isso.

Foi um sábio conselho. Uma sonora recomendação.

No entanto, Manon olhou para o campo de batalha, o mar de trevas apenas se tornando visível. Em uma hora ou assim, os tambores de osso bateram novamente, e o estridente grito de guerra se renovaria.

Ela não conseguia parar. Não pararia.

— Eu não vou descansar. — Manon se virou para procurar Bronwen nos aposentos dos Crochans. Ela, pelo menos, não teria tais noções ridículas. Mesmo que Manon soubesse que Glennis ficaria do lado de Petrah.

Petrah suspirou, o som ressoando pela espinha de Manon.

— Então eu te verei no campo de batalha.



O rugido e o boom da guerra se tornaram um burburinho distante nos ouvidos de Evangeline ao meio-dia. Mesmo com o vento gelado, suor escorria por suas costas sob suas pesadas camadas de roupas enquanto ela fazia outra arracanda até as escadas ameias, mensagem na mão. Darrow e os outros velhos lordes ficaram como tinham ficado nestas últimas duas semanas: ao longo das muralhas do castelo, monitorando a batalha além da cidade.

A mensagem que ela recebeu, diretamente de uma Crochan que havia pousado tão brevemente que seus pés tinham mal tocado o chão, tinha vindo de Bronwen.

Raros, Evangeline aprendera, tanto para as Dentes de Ferro quanto para as Crochans relatarem qualquer coisa aos humanos. Que o soldado Crochan a encontrara, sabia quem ela era... Era orgulho, mais que medo, que fez com que Evangeline subisse as escadas, depois atravessasse as ameias até lorde Darrow.

Lorde Darrow, Murtaugh ao seu lado, já haviam estendido a mão no momento em que Evangeline deslizou para um parada.

— Cuidado — Murtaugh avisou. — O gelo pode ser traiçoeiro.

Evangeline assentiu, embora planejasse ignorá-lo. Mesmo que ela tivesse levado um tombo nas escadas ontem que felizmente ninguém tinha testemunhado. Especialmente Lysandra. Se ela tivesse vislumbrado o hematoma que agora floresce sobre a perna de Evangeline, o correspondente em seu antebraço, ela teria trancado ela na torre.

Lorde Darrow leu a mensagem e franziu a testa para a cidade.

— Bronwen informa que elas viram Morath carregando uma torre de cerco para a muralha oeste. Nos alcançará em uma ou duas horas.

Evangeline olhou além do caos nas muralhas da cidade, onde Aedion e Ren e a Devastação lutaram valentemente, sob a confusão

nos céus, onde as bruxas lutaram com bruxas e Lysandra voou em forma de serpente alada.

Com certeza, uma forma maciça foi pesada em direção a eles.

O estômago de Evangeline caiu de pé.

— É... é uma daquelas torres de bruxa?

— Uma torre de cerco é diferente — disse Darrow com sua aspereza habitual. — Graças aos deuses.

— Ainda mortal — disse Murtaugh. — Só de uma maneira diferente. — O velho franziu o cenho para Darrow. — Eu vou até lá embaixo.

Evangeline piscou com isso. Nenhum... nenhum dos lordes mais velhos tinha ido para a frente.

— Para avisá-los? — Darrow perguntou cuidadosamente.

Murtaugh deu um tapinha no cabo de sua espada.

— Aedion e Ren estão magros. Kyllian também, se você quer continuar dizendo a si mesmo que ele é quem os lidera. — Murtaugh não abaixou seu queixo para Darrow, que endureceu. — Eu vou lidar com o muro ocidental. E aquela torre de cerco. — Piscou para Evangeline. — Todos nós podemos ser bravos mensageiros, não podemos?

Evangeline se obrigou a sorrir, embora o pavor se misturasse nela.

— Devo... devo avisar Aedion que você estará lá?

— Eu vou dizer a ele eu mesmo — Murtaugh disse, e bagunçou seus cabelos enquanto ele passava. — Tenha cuidado com o gelo — ele a avisou novamente.

Darrow não tentou detê-lo quando Murtaugh saiu das ameias. Lento. Ele parecia tão lento e velho e frágil. E ainda assim ele manteve o queixo alto. Costas retas.

Se ela pudesse escolher um avô para si mesma, teria sido ele.

O rosto de Darrow estava apertado quando Murtaugh finalmente desapareceu.

— Velho idiota — disse Darrow, com preocupação nos olhos enquanto se voltava para a batalha que se desenrolava à frente.

CAPÍTULO 101

Não mais humana.

A respiração de Aelin raspou em suas orelhas – suas permanentemente imortais e arqueadas orelhas – com cada passo de volta para o exército acampado. Rowan continuava a seu lado, uma mão ao redor de sua cintura.

Ele não a tinha deixado ir nem por um minuto. Nem por um minuto desde que ela voltou. Desde que ela tinha caminhado pelos mundos. Ela conseguia vê-los ainda.

Mesmo andando silenciosamente sob as árvores, as trevas cedendo em direção à luz acinzentada antes do amanhecer, ela conseguia ver cada um daqueles mundos pelos quais ela passara.

Talvez ela nunca pararia de vê-los. Talvez apenas ela neste mundo e todos os outros soubesse o que estava além das paredes invisíveis que os separavam. Quanta *vida* habitava e prosperava. Amava e odiava e lutava para viver.

Tantos mundos. Mais do que ela poderia contemplar. Seria seus sonhos para sempre atormentados por eles?

Ter-los vislumbrados, mas ser incapaz de explorá-los... essa vontade criaria raízes?

Os ramos de Carvalhal formavam uma aérea estrutura esquelética. Barras de uma cela.

Como o corpo dela e esse mundo poderiam ser.

Ela mandou o pensamento embora. Ela tinha sobrevivido – sobrevivido, quando ela deveria ter morrido. Mesmo que sua parte mortal... aquela parte havia morrido.

As bordas externas do acampamento apareceram em sua visão, e Aelin olhou para as mãos dela. Frias – aquele era um traço frio que agora permanecia com ela.

Alterado em todas as formas.

Dorian disse enquanto eles se aproximavam ao primeiro do eukhin.

— O que você dirá a eles?

As primeiras palavras que haviam sido trocadas entre eles desde que começaram a caminhada de volta aqui.

— A verdade — Aelin disse.

Ela achava que era tudo que tinha para oferecer a eles, depois do que tinha feito.

Ela disse a Dorian:

— Sinto muito pelo seu pai.

O vento frio tirou os cachos de Dorian de sua testa.

— Eu também sinto — ele disse, descansando a mão sobre o punho de Damaris.

A seu lado, Chaol se manteve em silêncio, apesar de olhar para o rei de vez em quando. Ele cuidaria de Dorian. Como ele sempre fizera, Aelin supôs.

Eles passaram o primeiro dos ruks, os pássaros olhando para eles e encontraram Lorcan, Fenrys, Gavriel e Elide esperando na entrada das tendas.

Chaol e Dorian murmuraram algo sobre juntar os outros nobres, e se foram.

Aelin permaneceu ao lado de Rowan enquanto eles se aproximavam da corte.

Fenrys olhou para ela da cabeça aos pés, narinas se dilatando enquanto ele a cheirava. Ele se aproximou um passo, horror passando por seu rosto. Gavriel ficou pálido.

Elide disse:

— Você fez, não fez?

Mas foi Lorcan quem respondeu, enrijecendo, como se sentisse a mudança que havia ocorrido nela.

— Você... você não é humana.

Rowan rosnou um aviso. Aelin apenas os encarou, encarou as pessoas que deram tanto e escolheram seguir ela até aqui, seu destino permanecendo inalterado. Para ter sucesso, e ainda sim falhar completamente.

Erawan ainda estava vivo. Seu exército ainda estava vivo.

E não haveria nenhuma Portadora do Fogo, nenhuma chave de Wyrđ, nenhum deus para pará-los.

— Eles se foram? — Elide perguntou.

Aelin assentiu. Ela explicaria depois. Explicaria para todos eles.

Matadora de deuses. Isso é o que ela era. Uma matadora de deuses, e ela não se arrependia. Nem um pouco.

Elide perguntou ao Lorcan:

— Você... você se sente diferente?

A falta dos deuses que haviam observado eles suas vidas inteiras.

Lorcan olhou para as árvores acima de sua cabeça, como se lendo a resposta em seus galhos emaranhados. Como se procurasse por Hellas ali.

— Não — ele disse.

— O que isso significa? — Gavriel perguntou enquanto os primeiros raios de sol tocavam seu cabelo dourado. — O que significa eles terem ido embora? Existe um reino infernal no qual o seu trono agora se encontra vazio?

— É muito cedo para essa besteira filosófica — Fenrys disse e ofereceu a Aelin um meio sorriso que não chegou a seus olhos. Reprovação se encontrava ali — não pela escolha dela, mas por não contar a eles. Mas ainda sim ele tentava criar alguma luz disso.

Condenado aquele sorriso encantador e lupino por poder estar em seus últimos dias de existência.

Todos eles poderiam estar em seus últimos dias de existência agora. Por causa dela.

Rowan leu isso em seus olhos, em seu rosto. Sua mão se apertou na cintura dela.

— Vamos encontrar os outros — disse ele.

~

De pé dentro de uma das belas tendas de guerra de khagan, Dorian estendeu as mãos diante de um fogo de sua própria fabricação e estremeceu.

— Essa reunião poderia ter sido melhor.

Chaol, sentado do outro lado do fogo, Yrene no colo brincou com a ponta da trança da esposa.

— Realmente poderia ter sido.

Yrene franziu a testa.

— Eu não sei como ela não saiu e deixou todo mundo apodrecendo. Eu teria.

— Nunca subestime o poder da culpa quando se trata de Aelin Galathynius — disse Dorian, e suspirou. O fogo que ele convocou flutuou.

— Ela selou o portão de Wyrd — Yrene franziu o cenho. — O mínimo que eles podem fazer é ser grato por isso.

— Ah, eu não tenho dúvida de que estão — disse Chaol, franzindo a testa agora também. — Mas o fato é que Aelin prometeu uma coisa e fez o oposto.

De fato. Dorian não sabia bem o que pensar da escolha de Aelin. Ou que ela até contou a eles sobre isso – sobre trocar Erawan por Elena. Os deuses a traíram por sua vez.

E então Aelin os destruiu por isso.

— Típico — disse Dorian, tentando humor e fracassando. Alguma parte dele ainda se sentia como se estivesse naquele lugar.

Especialmente quando alguma parte dele havia desistido.

A magia que havia sentido sem fundo apenas ontem agora tinha um ponto de parada muito real e muito sólido. Um poderoso presente, sim, mas ele não achava que jamais seria capaz de quebrar castelos de vidro ou fortalezas inimigas.

Ele ainda não havia decidido se era um alívio.

Era mais poder, pelo menos, do que Aelin tinha ficado. Aelin tinha queimado todas as brasas de sua própria magia. O que ela agora

possuía era tudo o que restava do que Mala lhe dera para selar o portão – punir os deuses que haviam traído os dois.

A ideia ainda deixava Dorian enjoado. E a lembrança de Aelin escolhendo expulsá-lo daquele não-lugar ainda fazia com que ele rangesse os dentes. Não a sua escolha, mas que seu pai – Ele pensaria em seu pai mais tarde. Nunca.

Seu pai sem nome, que veio para ele no final.

Chaol não perguntou sobre isso, não pressionou. E Dorian sabia que sempre que ele estivesse pronto para falar sobre isso, seu amigo estaria esperando.

Chaol disse:

— Aelin não matou Erawan. Mas pelo menos Erawan nunca podera trazer seus irmãos. Ou usar as chaves para destruir todos nós. Nós temos isso. Ela... vocês dois fizeram isso.

Não haveria mais colares. Não há mais quartos debaixo de uma fortaleza escura para segurá-los.

Yrene passou os dedos pelos cabelos castanhos de Chaol e Dorian tentou lutar contra a dor no peito ao ver. No amor que fluía tão livremente entre eles.

Ele não se ressentiu de Chaol por sua felicidade. Mas isso não impediu o corte afiado em seu peito toda vez que ele os viu. Toda vez que via os curandeiros da Torre, desejava que Sorscha os encontrasse.

— Então o mundo só foi parcialmente salvo — disse Yrene. — Melhor que nada.

Dorian sorriu para isso. Ele adorava já a esposa do amigo. Provavelmente teria se casado com ela também, se ele tivesse tido a chance.

Mesmo que seus pensamentos ainda se movessem para o norte – para uma bruxa de olhos dourados que caminhava com a morte ao lado dela e não temia isso. Ela pensava nele?

Imaginava o que aconteceu com ele em Morath?

— Aelin e eu ainda temos magia — disse Dorian. — Não como era antes, mas ainda temos isso. Nós não somos totalmente indefesos.

— O suficiente para enfrentar Erawan? — Chaol disse, seus olhos de bronze cautelosos. Bem ciente da resposta. — E Maeve?

— Teremos que descobrir um caminho — disse Dorian. Ele rezou para que fosse verdade. Mas não havia deuses para orar por todos.



Elide manteve um olho em Aelin enquanto eles se lavavam na tenda da rainha. Um olho na água deliciosamente quente que havia sido trazida.

E mantido quente pela mulher na banheira ao lado dela.

Como se desafiando o horrível encontro que tiveram com a realeza khaganato com o inesperado retorno de Aelin.

Triunfante. Mas apenas em alguns aspectos.

Uma ameaça derrotada.

Aelin havia escondido bem, mas a rainha tinha seus segredos também. Sua absoluta quietude – o ângulo predatório de sua cabeça. O primeiro estava presente esta manhã. Absoluta quietude enquanto ela foi questionada, criticada, gritada. A rainha não esteve tão quieta desde o dia em que escapara de Maeve.

E não foi trauma que abaixou sua cabeça, mas culpa. Pavor. Vergonha.

Quase na altura dos ombros nas banheiras altas e compridas, Elide foi quem sugeriu um banho. Para dar ao príncipe Rowan a chance de voar alto e largo e tirar um pouco do seu temperamento. Para dar a Aelin um momento para se acomodar.

Ela planejou tomar banho esta manhã de qualquer maneira. Embora ela tenha imaginado um parceiro diferente no banho ao lado dela.

Não que Lorcan soubesse disso. Ele só beijou sua têmpora antes de caminhar pela manhã – para se juntar a Fenrys e Gavriel ao preparar o exército para sair. Continuar indo para o norte.

Aelin esfregou os cabelos compridos, a massa fluindo sobre o corpo dela. À luz dos braseiros, as tatuagens nas costas da rainha pareciam fluir como um rio negro vivo.

— Então a sua magia ainda está lá? — Elide deixou escapar.

Aelin deslizou os olhos turquesa para ela.

— Sua água está quente?

Elide bufou, arrastando os dedos pela água.

— Sim.

— Você quer saber o quanto, exatamente.

— Eu tenho permissão para saber?

— Eu não estava mentindo na reunião — disse Aelin, a voz ainda oca. Ela ficou lá e tirou cada pergunta da princesa Hasar, cada careta de desaprovação do príncipe Sartaq. — É... — Ela levantou os braços e posicionou as mãos no ar uma acima da outra, com um espaço entre elas. — Aqui é onde o fundo estava antes — disse ela, contorcendo os dedos inferiores. Ela levantou a mão de baixo até que pairou dois centímetros de sua mão superior. — Aqui é onde está agora.

— Você já testou?

— Eu posso sentir isso. — Aqueles olhos turquesa, apesar de tudo o que ela fez, eram pesados. Solene. — Eu nunca senti um fundo antes. Senti sem ter que procurar. — Aelin afundou o couro cabeludo ensaboado na água, limpando as bolhas e óleos.

— Não é tão impressionante, é?

— Eu nunca me importei se você tivesse magia ou não.

— Por quê? Todo mundo fez. — Uma pergunta simples. Sim, quando eles eram crianças, muitos temiam que tipo de poder Aelin possuía. Em que ela cresceria.

— Quem você é não é a sua magia — Elide disse simplesmente.

— Não é? — Aelin descansou a cabeça na parte de trás da banheira. — Eu gostei da minha magia. Amei.

— E ser humana? — Elide sabia que ela não deveria ter ousado perguntar, mas escapou Aelin olhou de soslaio para ela.

— Eu ainda sou humana, no fundo, sem um corpo humano para possuir?

Elide considerou.

— Eu suponho que você é a única pessoa que pode decidir isso.

Aelin cantarolou, mergulhando debaixo d'água novamente.

Quando ela saiu, Elide perguntou:

— Você está com medo? De enfrentar Erawan em batalha?

Aelin abraçou os joelhos, a tatuagem se flexionando pelas costas. Ela ficou quieta por um longo tempo.

— Tenho medo de não chegar a Orynth a tempo — disse ela por fim. — Se Erawan escolher arrastar sua carcaça até lá para lutar comigo, eu vou lidar com isso então.

— E Maeve? E se ela chegar com Erawan também?

Mas Elide sabia a resposta. Eles iriam morrer. Todos eles.

Tinha que haver algum jeito – alguma maneira de derrotar os dois. Ela supôs que Anneith não ajudaria agora. E talvez fosse hora de ela confiar em si mesma de qualquer maneira. Mesmo que o tempo pudesse ter sido muito melhor.

— Tantas perguntas, Lady de Perranth.

Elide corou e pegou o sabonete, esfregando os braços.

— Desculpe.

— Você vê agora porque eu não fiz você fazer o juramento de sangue?

— Os machos Feéricos desafiam você o tempo todo.

— Sim, mas eu gosto de ter você não ligada a mim. — Um suspiro suave. — Eu não planejei nada disso.

— Para quê?

— Para sobreviver ao Fecho. O portão. Para realmente ter que... governar. Viver. Eu estou em território desconhecido, parece.

Elide considerou. Então puxou o anel de ouro do dedo dela. O anel de Silba, não o da Mala.

— Aqui — disse ela, estendendo o anel entre suas banheiras, espuma pingando de seus dedos.

Aelin piscou para o ringue.

— Por quê?

— Porque entre nós duas, é mais provável que você enfrente Erawan ou Maeve.

Aelin não alcançou o anel.

— Eu prefiro que você mantenha.

— E eu prefiro que você tenha — Elide desafiou, segurando o olhar da rainha. Ela perguntou baixinho: — Você não deu o suficiente, Aelin? Você não vai deixar que um de nós faça alguma coisa por você?

Aelin olhou para o ringue.

— Eu falhei. Você percebe isso, não é?

— Você colocou as chaves de volta no Portal. Isso não é fracasso. E mesmo se você tivesse falhado nisso, eu daria este anel para você.

— Eu devo a sua mãe para ver que você sobrevive a isso.

O peito de Elide se apertou.

— Você deve isso a minha mãe para viver, Aelin. — Ela se inclinou mais perto, praticamente empurrando o anel no rosto de Aelin.— Pegue. Se não fosse por mim, então por ela.

Aelin olhou para o anel novamente. E então pegou.

Elide tentou não suspirar quando a rainha deslizou em seu dedo.

— Obrigada — murmurou Aelin.

Elide estava prestes a responder quando as abas da tenda se abriram, o ar gelado uivando – junto com Borte.

— Você não me convidou para um banho? — A rukhin perguntou, franzindo a testa dramaticamente para a rainha.

Os lábios de Aelin se curvaram para cima.

— Eu pensei que rukhin eram muito difíceis para banhos.

— Você vê o quão legal os homens ficam com os cabelos? Você acha que isso não implica uma obsessão com a limpeza? Borte atravessou a tenda real e se sentou no banquinho ao lado da banheira da rainha. Parecendo não se importar que a rainha ou Elide estivessem nus.

Levou toda a vontade de Elide de não se cobrir. Pelo menos com Aelin na banheira adjacente, o lábio do banho era alto o suficiente para lhes oferecer privacidade. Mas com Borte sentado acima delas assim...

— Aqui estão os meus pensamentos — declarou Borte, sacudindo a ponta de uma de suas tranças.

Aelin sorriu ligeiramente.

— Hasar é irritadiça e fria. O Sartaq é acostumado com essas condições e não se importa. Kashin está tentando fazer o melhor possível, porque ele é tão legal, mas eles estão todos um pouco nervosos que nós estamos marchando em cem mil soldados, potencialmente mais a caminho, e que Erawan não está fora de comissão. Tampouco esta Maeve. Então eles estão chateados. Eles gostam de você, mas eles estão chateados.

— Eu me segurei tanto — disse Aelin secamente. — Quando Hasar me chamou de vaca estúpida.

Levou toda a restrição de Elide para não se lançar à princesa. E do grunhido que vinha dos machos Feéricos, até os de Lorcan, ela sabia que tinha sido igualmente difícil para eles.

Aelin apenas inclinou a cabeça para a princesa e sorriu. Assim como ela estava sorrindo agora.

Borte acenou com as palavras de Aelin.

— Hasar chama a todos de vaca estúpida. Você está em boa companhia. — Outro sorriso de Aelin para isso. — Mas eu não estou aqui para falar sobre isso. Eu quero falar sobre você e eu.

— Meu assunto favorito — disse Aelin rindo um pouco.

Borte sorriu.

— Você está viva. Você conseguiu. Todos nós pensamos que você estaria morta.

Ela desenhou uma linha em seu pescoço para dar ênfase, e Elide se encolheu.

— Sartaq provavelmente vai me levar para um dos flancos na batalha, mas eu fiz isso. Fui boa nisso. — Aquele sorriso se alargou.

— Eu quero levar o *seu* flanco.

— Eu não tenho um flanco.

— Então, com quem você cavalgará na batalha?

— Eu não tinha chegado tão longe — disse Aelin, levantando uma sobrancelha. — Eu esperava estar morta.

— Bem, quando você fizer isso, espere que eu esteja nos céus acima de você. Eu odiaria que a batalha fosse chata.

Apenas o rukhin de olhos arregalados teria a coragem de atacar cem mil soldados abatidos.

Mas antes que Aelin pudesse dizer qualquer coisa, ou Elide poderia perguntar a Borte se os ruks estavam prontos contra os wyverns, o ruk rider já havia partido. Quando Elide olhou para Aelin, o rosto da rainha estava sombrio.

Aelin assentiu para as abas da tenda.

— Está nevando.

— Está nevando com pouco descanso há dias.

O engolir de Aelin foi audível.

— É neve do norte.



A tempestade atingiu o acampamento, tão feroz que Nesryn e Sartaq deram ordens aos ruks para se agacharem dia e noite.

Como se cruzar Terrasen dias antes tivesse oficialmente colocado eles no inverno brutal.

— Continuamos indo para o norte — Kashin estava dizendo, descansando perto do fogo na barraca de Hasar.

— Como se houvesse outra opção — Hasar disse, tomando um gole de vinho quente. — Chegamos até aqui. Nós também podemos ir até Orynth.

Nesryn, sentada em um sofá baixo com a Sartaq, ainda se perguntava o que, exatamente, estava fazendo nessas reuniões. Perguntou-se sobre o fato de que ela se sentou com os irmãos reais, o Herdeiro do khaganato ao seu lado.

Imperatriz. A palavra parecia pairar sobre ela a cada respiração, cada movimento.

Sartaq disse:

— Nosso povo tem enfrentado dificuldades como essa antes. Nós vamos enfrentá-los novamente.

De fato, Sartaq tinha ficado acordado até tarde da noite nessas semanas lendo as contas e diários de guerreiros e líderes khaganato de gerações passadas. Eles trouxeram um baú deles do khaganato —

por esse motivo. A maioria do Sartaq já havia lido, ele disse a ela. Mas nunca faz mal refrescar a mente.

Se eles comprassem um tiro contra cem mil soldados, ela não reclamaria.

— Nós não estaremos na frente deles se essa tempestade não diminuir — disse Hasar, franzindo a testa em direção às abas da tenda selada.

— Quando eu voltar para Antica, nunca mais vou embora.

— Não gosto de aventura, irmã? — Kashin sorriu fracamente.

— Não quando está em um inferno congelado — Hasar resmungou.

Nesryn soltou uma risada suave e Sartaq passou o braço pelos ombros dela. Um pouco casual e descuidado de contato.

— Continuamos — disse Sartaq. — Todo o caminho até as paredes de Orynth. Juramos isso e não renegamos nossas promessas.

Nesryn teria se apaixonado por ele só por essa afirmação. Ela se inclinou para ele, saboreando seu calor, em agradecimento silencioso.

— Então vamos orar — disse Kashin — que essa tempestade não nos atrapalhe tanto que não resta mais nada de Orynth para defender.

CAPÍTULO 102

Eles limpam uma pequena câmara perto do Grande Salão para sua visão.

A sala iluminada por quaisquer velas que pudessem ser poupadas, as pedras antigas foram projetadas em um tremeluzente relevo ao redor da mesa onde elas o tinham deitado.

Lysandra permaneceu na porta enquanto olhava para o corpo coberto por lençol no fundo da sala.

Ren se ajoelhou diante dele, a cabeça inclinada. Como ele havia feito por horas agora. Desde que a notícia chegara ao entardecer, Murtaugh havia caído.

Derrubado por soldados de infantaria de Valg enquanto tentava estancar seu fluxo sobre as muralhas da cidade, cortesia de uma de suas torres de cerco.

Eles carregaram Murtaugh de volta da muralha da cidade, uma multidão de soldados ao seu redor.

Mesmo vindo dos céus, voando com as bruxas depois que Morath deu a ordem para parar mais uma vez, Lysandra ouviu o grito de Ren.

Tinha visto de cima quando Ren desceu as ameias para o corpo carregado pelas ruas da cidade.

Aedion estava lá em poucos segundos. Tinha mantido Ren na posição vertical enquanto o jovem lorde soluçava, e metade o carregara para cá, apesar das novas feridas no príncipe.

E assim Aedion ficou. Vigília permanente ao lado de Ren todo esse tempo, uma mão no ombro dele.

Lysandra tinha vindo com Evangeline. Tinha segurado a garota atordoada enquanto ela chorava, e demorou-se enquanto Evangeline caminhava para o corpo de Murtaugh para pressionar um beijo em sua testa. Tanto quanto a folha lhes permitiria ver, depois do que o Valg fizera.

Ela havia acompanhado a enfermaria da câmara assim que Darrow e os outros chegaram.

Lysandra não se incomodou em olhar para Darrow, para qualquer um deles que não ousasse fazer o que Murtaugh tinha feito.

Sua morte, eles aprenderam, tinha reunido os homens na parede. Fez com que eles derrubassem a torre de cerco. Uma vitória cara e sortuda.

Lysandra ajudara Evangeline a se banhar, garantir que ela fizesse uma refeição quente e a colocasse na cama antes de voltar.

Encontrando Aedion ainda ao lado de Ren, a mão ainda no ombro do lorde ajoelhado.

Então ela permaneceu ali, na porta. Sua própria vigília, enquanto o poço de seu poder se encheu, enquanto as feridas que ela sofreu cicatrizaram centímetro por centímetro.

Aedion murmurou algo para Ren e retirou a mão. Ela se perguntou se eram as primeiras palavras dele em horas.

Aedion se virou para ela então, piscando. Esvaziado. Estripado.

Exausto, sofrendo e suportando um peso que ela não suportava ver.

Até o habitual andar de perseguição de Aedion era pouco mais do que um avanço.

Ela o seguiu, olhando de volta apenas uma vez para onde Ren ainda se ajoelhava, a cabeça inclinada.

Silêncio tão terrível em torno dele.

Lysandra manteve o passo ao lado de Aedion quando ele se virou para o refeitório. A esta hora, a comida seria escassa, mas ela encontraria. Para ambos. Iria caçar se ela precisasse.

Ela abriu a boca para dizer a Aedion apenas isso.

Mas lágrimas escorreram pelo rosto, cortando sangue e sujeira.

Lysandra parou, puxando-o para um canto.

Ele não encontrou os olhos dela enquanto enxugava as lágrimas de uma bochecha. Então da outra.

— Eu deveria estar no muro oeste — ele disse com a voz embargada.

Ela sabia que nenhuma palavra o confortaria. Então ela enxugou as lágrimas de Aedion novamente, lágrimas que ele só mostraria neste salão sombrio, depois que todos os outros tivessem encontrado suas camas.

E quando ele ainda não encontrou seu olhar, ela segurou seu rosto, levantando a cabeça.

Por um instante, pela eternidade, eles se entreolharam.

Ela não aguentou, a tristeza, a dor, em seu rosto.

Não aguentou.

Lysandra subiu na ponta dos pés e roçou a boca sobre a dele.

Um sussurro de um beijo, uma promessa de vida quando a morte pairava.

Ela se afastou, encontrando o rosto de Aedion tão distraído quanto antes.

Então ela o beijou novamente. E permaneceu por sua boca enquanto ela sussurrava:

— Ele era um bom homem. Um homem corajoso e nobre — ela o beijou pela terceira vez. — E quando esta guerra acabar, por mais que possa terminar, eu ainda estarei aqui, com você. Seja nesta vida ou na próxima, Aedion.

Ele fechou os olhos, como se estivesse respirando em suas palavras. Seu peito realmente se erguia, seus ombros largos tremendo.

Então ele abriu os olhos, e eles eram puros chama turquesa, alimentados por aquela dor e raiva e desafio à morte em torno deles.

Ele agarrou a cintura dela com uma mão, a outra mergulhando em seu cabelo, e inclinou a cabeça para trás enquanto a boca dele encontrava a dela.

O beijo a queimou até os ossos em constante mudança, e ela colocou os braços ao redor de seu pescoço enquanto o segurava com força.

Sozinha no corredor escuro e silencioso, a morte agachada no campo de batalha nas proximidades, Lysandra se entregou àquele beijo ardente, Aedion, incapaz de pará-la, gemeu quando sua língua tocou a dela.

O som foi o seu desencadeamento, e Aedion os virou, apoiando-a contra a parede. Ela arqueou, desesperada para senti-lo contra tudo dela. Ele rosnou em sua boca, e a mão em seu quadril deslizou para sua coxa, içando-a ao redor de sua cintura enquanto ele se apertava contra ela, exatamente onde ela precisava dele.

Aedion arrancou sua boca da dela e começou a explorar seu pescoço, sua mandíbula, sua orelha. Ela respirou o nome dele, passando as mãos por suas costas poderosas enquanto se flexionava sob o toque dela.

Mais. Mais. Mais.

Mais desta vida, este fogo para queimar todas as sombras.

Mais dele.

Lysandra deslizou as mãos para o peito dele, os dedos cavando no peito de sua jaqueta, procurando a pele quente por baixo. Aedion apenas beliscou sua orelha, arrastou seus dentes ao longo de sua mandíbula, e agarrou sua boca em outro beijo saqueador que a fez gemer novamente.

Passos se arrastaram pelo corredor, junto com uma tosse pontuda, e Aedion se acalmou.

Barulhentos – eles devem ter sido tão barulhentos Mas Aedion não se mexeu, apesar de Lysandra desembrulhar sua perna ao redor de sua cintura. Assim como a sentinela passou, os olhos para baixo.

Passou rapidamente.

Aedion rastreou o homem o tempo todo, nada humano nos olhos de Aedion. Um predador que encontrou sua presa finalmente.

Não, não presa. Nunca com ele.

Mas seu companheiro. Seu parceiro.

Quando a sentinela desapareceu na esquina, sem dúvida correndo para contar a todos o que ele havia interrompido, quando Aedion se inclinou para beijá-la novamente, Lysandra parou com uma mão gentil em sua boca.

— Amanhã — ela disse suavemente.

Aedion soltou um grunhido – embora sem qualquer mordida.

— Amanhã — disse ela, e beijou-o na bochecha, saindo de seus braços.

— Viva até amanhã, lute até amanhã, e nós vamos... continuar Sua respiração estava irregular, olhos cautelosos.

— Foi por pena? — Uma pergunta infeliz e quebrada Lysandra deslizou a mão contra a bochecha coberta de barba por fazer e pressionou a boca contra a dele. Deixou-se saboreá-lo novamente.

— É porque estou farta de toda essa morte. E eu precisei de você.

Aedion fez um som baixo e dolorido, então Lysandra o beijou pela última vez. Foi tão longe a correr a língua ao longo da costura de seus lábios. Ele se abriu para ela, e então eles se entrelaçaram novamente, dentes e línguas e mãos vagando, tocando, saboreando.

Mas Lysandra conseguiu se extrair novamente, sua respiração tão irregular quanto a dele.

— Amanhã Aedion.



— Temos o suficiente no nosso arsenal para nossos arqueiros usarem por mais três dias, talvez quatro, se conservarem suas reservas — disse Lorde Darrow, de braços cruzados enquanto lia a contagem.

Manon não detestava o velho – parte dela até admirava seu controle de punho de ferro. Mas esses conselhos de guerra a cada noite estavam começando a cansá-la.

Especialmente quando trouxeram notícias mais sombrias e sombrias.

Ontem, havia mais uma posição nesta câmara.

Lorde Murtaugh.

Hoje, apenas seu neto se sentava em uma cadeira, com os olhos avermelhados. Um fantasma vivo.

— Lojas de alimentos? — perguntou Aedion do outro lado da mesa. O general-príncipe também tinha visto melhores dias. Todos eles tiveram. Cada rosto nesta sala tinha a mesma expressão sombria e maltratada.

— Temos comida por um mês, pelo menos — disse Darrow.

Mas nada disso importará sem ninguém para defender os muros.

O capitão Rolfe aproximou-se da mesa.

— Os bombardeamentos são até os resíduos. Nós teremos sorte se eles durarem até amanhã.

— Então, também os conservamos — disse Manon. — Use-os apenas para qualquer Valg de classificação mais alta que ultrapasse as muralhas da cidade.

Rolfe assentiu. Outro homem que ela a contragosto admirava — embora seu arrogância pudesse ralar.

Foi um esforço não olhar para as portas seladas da câmara.

Onde Asterin e Sorrel deveriam estar esperando. Defendendo.

Em vez disso, Petrah e Bronwen ficaram lá. Não como sua nova segunda e terceira, mas apenas representantes de suas próprias facções.

— Vamos dizer que fazemos as flechas durarem quatro dias — Ansel de Penhasco dos Arbustos disse, franzindo a testa profundamente. — E fazemos os bombardeios durarem por três, se usados de maneira conservada. Quando eles estão fora, o que resta?

— As catapultas ainda funcionam — disse uma das realezas Feérica de cabelos grisalhos. A fêmea.

— Eles estão infligindo danos longe no campo. — disse o príncipe Galan, que, como Aedion, tinha os olhos de Aelin. — Não perto de lutar.

— Então nós temos nossas espadas — disse Aedion com voz rouca. — Nossa coragem.

O último, Manon sabia, estava acabando também.

— Podemos manter as Dentes de Ferro afastadas — disse Manon.
— Mas também não podemos ajudá-lo nas paredes.

Eles estavam de fato lutando contra uma maré implacável que não diminuía.

— Então, este é o fim, então? — Perguntou Ansel. — Em quatro, cinco dias, oferecemos nossos pescoços a Morath?

— Nós lutamos até o último de nós — Aedion rosnou. — Até o último.

Até o Lorde Darrow não se opôs a isso. Então eles partiram, se encontrando.

Não havia mais nada para discutir. Dentro de alguns dias, todos seriam uma grande festa para os corvos.

CAPÍTULO 103

A tempestade havia parado completamente o exército deles.

Na primeira manhã, ela se enfureceu tão ferozmente que Rowan não foi capaz de ver alguns pés antes dele. Ruks estavam de castigo e apenas o mais robusto dos batedores havia sido enviado – em terra.

Então o exército ficou lá. Não cinquenta milhas sobre a fronteira de Terrasen. Uma semana de Orynth.

Se Aelin possuísse seus plenos poderes...

Não seus poderes completos. Não mais, Rowan lembrou a si mesmo enquanto se sentava em sua tenda de guerra, sua parceira e esposa e rainha no sofá baixo ao lado dele.

Os poderes completos de Aelin eram agora... ele não sabia bem. Onde eles estiveram em Defesa Nebulosa, talvez. Quando ela ainda tinha aquele amortecedor auto-infligido. Não tão pouco quanto quando ela chegou, mas não tanto quanto quando ela cercou toda a Doranelle com sua chama.

Certamente não o suficiente para enfrentar Erawan e ir embora. E Maeve.

Ele não se importou. Não dava a mínima se ela tinha todo o poder do sol, ou nem uma brasa. Nunca importou para ele de qualquer maneira.

Lá fora o vento uivava, a tenda estremecia.

— É sempre tão ruim assim? — Perguntou Fenrys, franzindo a testa para as paredes tremulantes da tenda.

— Sim — Elide e Aelin disseram, em seguida, compartilharam um sorriso raro.

Um milagre, aquele sorriso na boca de Aelin.

Mas o de Elide sumiu quando ela disse:

— Essa tempestade pode durar dias. Poderia despejar três pés.

Lorcan, demorando-se perto do braseiro, grunhiu.

— Mesmo quando a neve parar, haverá isso para enfrentar. Soldados perdem dedos para o frio e o molhado.

O sorriso de Aelin desapareceu completamente.

— Eu vou derreter o máximo que puder.

Ela iria. Ela se levaria a beira do esgotamento para fazer isso. Mas juntos, se eles ligassem seus poderes, a força da magia de Rowan poderia ser suficiente para derreter um caminho. Para manter o exército aquecido.

— Nós ainda teremos um exército que chega em Orynth exausto — disse Gavriel, esfregando o queixo.

Quantos dias Rowan o viu olhar para o norte, em direção ao filho que lutou em Orynth? Imaginando, sem dúvida, se Aedion ainda vivia.

— Eles são profissionais — disse Fenrys secamente. — Eles podem lidar com isso.

— Percorrer o longo caminho apenas aumentará a exaustão — disse Lorcan.

— A última vez que ouvimos — disse Rowan — Morath manteve Perranth. — Um estremecimento de Elide por causa disso.

— Não vamos nos arriscar a cruzar muito perto disso. Não quando isso significaria potencialmente ficar enredado em um conflito que apenas atrasaria nossa chegada a Orynth e diminuiria nossos números.

— Eu olhei os mapas uma dúzia de vezes — Gavriel franziu a testa para onde eles estavam dispostos sobre a mesa de trabalho. — Não há caminho alternativo para Orynth — não sem chegar muito perto de Perranth.

— Talvez tenhamos sorte — disse Fenrys. — E essa tempestade terá atingido todo o norte. Talvez congelar algumas das forças de Morath para nós.

Rowan duvidou que eles tivessem essa sorte. Ele tinha a sensação de que qualquer sorte que possuíam fora gasto com a mulher sentada ao lado dele.

Aelin olhou para ele, séria e cansada. Ele não conseguia imaginar como era. Ela havia cedido tudo sozinha. Tinha desistido de sua humanidade, sua magia. Ele sabia que era o primeiro que deixava ver aquele olhar assombrado e machucado em seus olhos. Isso fez dela uma estranha em seu próprio corpo.

Rowan tinha tomado o tempo a noite passada para readquiri-la com certas partes daquele corpo. E o seu próprio. Passou muito tempo fazendo isso também. Até que o olhar assombrado desapareceu, até que ela se contorcia embaixo dele, queimando enquanto ele se movia nela. Ele não impediu que suas lágrimas caíssem, mesmo quando elas se transformaram em vapor antes de baterem em seu corpo, e havia lágrimas em seu próprio rosto, brilhantes como prata na chama, enquanto ela o segurava com força.

No entanto, esta manhã, quando ele a acariciou com beijos em sua mandíbula, seu pescoço, aquele olhar assombrado havia retornado. E se demorou.

Primeiro as cicatrizes dela. Então seu corpo humano mortal.

O suficiente. Ela deu o suficiente. Ele sabia que ela planejava dar mais.

Uma batedora rukhin chamou a rainha das abas da tenda, e Aelin deu um comando discreto para entrar. Mas a batedora só cutucou em sua cabeça, seus olhos arregalados. A neve cobria o capuz, as sobancelhas, os cílios.

— Sua Majestade. Majestades — ela corrigiu, olhando para ele. Rowan não se incomodou em dizer que ele era simplesmente e seria para sempre *Sua Alteza*.

— Você deve vir. — A batedora ofegou com força suficiente para sua respiração se enrolar no ar gelado que vazava através das abas da tenda. — Todos vocês.

Levou alguns minutos para colocar suas camadas e equipamentos mais quentes, para se proteger da neve e do vento.

Mas então eles estavam todos avançando pelos montes, a batedora os guiando por tendas semi-enterradas. Mesmo sob as árvores, havia pouco abrigo.

No entanto, eles estavam na beira do acampamento, as nevascas cegando ao redor. Encobrimo o que a batedora apontou quando ela disse:

— Olhe.

Ao seu lado, Aelin tropeçou um passo. Rowan estendeu a mão para impedi-la de cair.

Mas ela não estava caindo. Ela estava cambaleando, como se fosse para frente.

Rowan viu finalmente o que ela viu. Quem surgiu entre as árvores.

Contra a neve, ele estava quase invisível com seu pelo branco. Teria sido invisível, não fosse a chama de ouro cintilando entre seus chifres orgulhosos e imponentes.

O Senhor do Norte.

E a seus pés, ao redor dele... o Povo Pequeninno.

Com a neve agarrada aos cílios, um pequeno som saiu de Aelin quando a criatura mais próxima curvou a mão, acenando. Como se dissesse: *Siga-nos*.

Os outros ficaram boquiabertos diante do magnífico e orgulhoso veado que viera cumprimentá-los.

Para guiar para casa a rainha de Terrasen.

Mas então o vento começou a sussurrar, e não era a música que Rowan costumava ouvir.

Não, foi uma voz que todos ouviram enquanto passava por eles.

Desgraça está sobre Orynth, herdeira de Brannon. Você deve se apressar.

Um calafrio que não tinha nada a ver com o frio deslizou pela pele de Rowan.

— A tempestade — Aelin desabafou, as palavras engolidas pela neve.

Você deve se apressar. Vamos mostrar-lhe o caminho, rápido e invisível.

Aelin ficou quieta. Disse aquela voz, tão antiga quanto as árvores, tão antigas quanto as rochas entre elas:

— Você já me ajudou tantas vezes.

E você deu muito a si mesma, herdeira de Brannon. Nós que nos lembramos dele sabemos que ele teria feito tal escolha, se tivesse sido capaz de fazê-la. Carvalhal nunca esquecerá Brannon ou sua herdeira.

Aelin se endireitou, examinou as árvores, o vento açoitado pela neve.

Dríade. Essa foi a palavra que ele procurou. Dríade. Um espírito de árvore.

— Qual é o seu custo? — Aelin perguntou, sua voz mais alta agora.

— Você realmente quer perguntar? — Fenrys murmurou. Rowan rosnou para ele.

Mas Aelin ficou imóvel enquanto esperava que a dríade respondesse. A voz de Carvalhal, do Povo Pequenino e criaturas que há muito tempo se importavam com isso.

Um mundo melhor, a dríade respondeu finalmente. *Até para nós.*



O exército era uma onda de atividade enquanto se preparava para marchar – para correr para o norte.

Mas Aelin arrastou Rowan para a tenda. Para a pilha de livros que Chaol e Yrene trouxeram do continente sulista.

Ela passou o dedo pelos títulos, procurando, digitalizando.

— O que você está fazendo? — Perguntou seu parceiro.

Aelin ignorou a pergunta e cantarolou ao encontrar o livro que procurava. Ela folheou, tomando cuidado para não rasgar as páginas antigas.

— Uma vaca estúpida que eu poderia ser — ela murmurou, girando o livro para mostrar a Rowan a página que procurava. — Mas não sem opções.

Os olhos de Rowan dançaram. *Você está me incluindo nesse esquema em particular, princesa?*

Aelin sorriu. *Eu não quero que você se sintá de fora.*

Ele inclinou a cabeça.

— Precisamos nos apressar, então.

Ouvindo o tumulto do exército de preparação além de sua tenda, Aelin assentiu. E começou.

CAPÍTULO 104

Com o suor e o sangue sobre ele rapidamente congelando, Aedion ofegou quando se encostou nas paredes da cidade e observou o inimigo acampado recuar para a noite.

Uma piada doentia, um tormento cruel, para Morath parar a cada pôr do sol. Como se fosse algum tipo de civilidade, como se as criaturas que infestavam tantos dos soldados abaixo precisassem de luz.

Ele sabia por que Erawan pedira isso. Usá-los dia após dia, para quebrar seus espíritos, em vez de deixá-los sair em furiosa glória.

Não foi apenas a vitória ou conquista que Erawan desejou, mas a sua completa rendição. Eles implorando para que isso acabe, para que ele termine com eles, governe-os.

Aedion rangeu os dentes enquanto ele mancava pelas ameias, a luz desaparecendo rapidamente, a temperatura despencando.

Cinco dias.

As armas que eles estimaram esgotar em três ou quatro dias duraram até hoje. Até agora.

Descendo a parede, um dos micênicos enviou uma nuvem de chamas para o Valg ainda tentando escalar a escada de cerco. Onde ela queimou, demônios sumiram.

Rolfe ficou ao lado da mulher empunhando a firma, com o rosto ensanguentado e suado como o de Aedion.

Uma mão de armadura negra agarrou a ameia ao lado de Aedion quando ele passou, lutando pela vantagem.

Mal olhando, Aedion bateu seu antigo escudo.

Um grito agudo e desvanecido foi sua única confirmação de que o soldado desonesto havia caído no chão.

Rolfe sorriu sombriamente quando Aedion parou, com o peso de sua armadura como mil pedras. Lá em cima, Crochans e Dentes de Ferro voavam lentamente de volta pelas muralhas da cidade, as capas vermelhas caíam sobre as vassouras, as asas coriáceas batiam irregularmente. Aedion observou o céu até que ele viu a serpente alada sem cavaleiro que ele procurava todos os dias, todas as noites.

Ao avistá-lo também, Lysandra inclinou-se e começou uma lenta e dolorosa descida em direção à muralha da cidade.

Tantos mortos. Mais e mais a cada dia. Aquelas vidas perdidas pesavam a cada passo dele. Nada que ele pudesse fazer daria certo... não realmente.

— Os arqueiros estão fora — disse Aedion para Rolfe, cumprimentando-a quando Lysandra se aproximou, com sangue tanto dela como de outros nas asas, no peito. — Não há mais flechas.

Rolfe apontou o queixo para o guerreiro micênico que ainda soltava sua fogueira em ataques e explosões cuspidores.

Lysandra pousou, mudando em um flash, e foi instantaneamente para o lado de Aedion, debaixo do braço do escudo. Um beijo suave e rápido foi sua única saudação. A única coisa que ele ansiava por todas as noites.

Às vezes, uma vez que eles estavam enfaixados e comiam alguma coisa, ele conseguia mais do que isso.

Muitas vezes, eles não se incomodaram em se lavar antes de encontrar uma alcova sombreada. Então não era nada além dela, a pura perfeição dela, os pequenos sons que ela fazia quando ele lambia sua garganta, quando suas mãos devagar, tão devagar, exploravam cada centímetro dela. Deixando-a definir o ritmo, mostrar-lhe e dizer-lhe até onde ela queria ir. Mas não essa junção final, ainda não. Algo para os dois viverem – esse era o voto não dito deles.

Ela cheirava a sangue Valg, mas Aedion ainda pressionava outro beijo na têmpora de Lysandra antes de olhar de volta para Rolfe. O Lorde Pirata sorriu sombriamente.

Bem ciente de que esses provavelmente seriam seus últimos dias. Horas.

O guerreiro micênico dirigiu-se contra ela novamente, e o persistente Valg caiu na escuridão, pouco mais do que ossos derretidos e panos esvoaçantes.

— Esse é o último — Rolfe disse calmamente.

Demorou a Aedion uma batida do coração para perceber que ele não quis dizer o soldado final da noite.

O guerreiro micênico pousou seu fogo com um baque pesado e metálico.

— Os bombardeamentos estão concluídos — disse Rolfe.



A escuridão caiu sobre Orynth, tão espessa que até as chamas do castelo murcharam.

Nas ameias do castelo, Darrow silencioso ao seu lado, Evangeline observou as linhas trôpegas de soldados vindo das muralhas, dos céus.

Os tambores de osso começaram a bater.

Um batimento cardíaco, como se o exército inimigo na planície fosse uma enorme e crescente besta agora se preparando para devorá-los.

Na maioria dos dias, eles só batiam de sol a sol, o barulho bloqueado pelo barulho da batalha. Que eles começaram de novo quando o sol desapareceu... Seu estômago revirou.

— Amanhã — Lorde Sloane murmurou de onde estava ao lado de Darrow. — Ou no dia seguinte. Isso será feito então.

Não a vitória. Evangeline sabia disso agora.

Darrow não disse nada e Lorde Sloane deu um tapinha no ombro dele antes de entrar.

— O que acontece no final? — Evangeline ousou perguntar a Darrow.

O velho olhou através da cidade, o campo de batalha cheio de uma escuridão tão terrível.

— Ou nos rendemos — disse ele, com a voz rouca. — E Erawan faz todos nós escravos, ou lutamos até sermos todos carneiros.

Palavras duras. No entanto, ela gostou daquilo — que ele não suavizou nada para ela.

— Quem decidirá o que fazemos?

Seus olhos cinzentos esquadriharam seu rosto.

— Isso cairia sobre nós, os Lordes de Terrasen.

Evangeline assentiu. Fogueiras inimigas cintilavam para a vida, suas chamas pareciam ecoar a batida de seus tambores de osso.

— O que você decidiria? — A pergunta de Darrow era silenciosa, hesitante.

Ela considerou isso. Ninguém nunca lhe perguntou isso.

— Eu teria gostado muito de morar em Caraverre — admitiu Evangeline. Ela sabia que ele não reconhecia isso, mas isso não importava agora, não é? — Murtaugh me mostrou a terra — os rios e montanhas bem perto, as florestas e colinas. — Uma dor latejava em seu peito. — Eu vi os jardins perto da casa, e eu teria gostado de tê-los visto na primavera. — Sua garganta se apertou. — Eu gostaria que essa fosse minha casa. Por isso... por todos em Terrasen terem sido minha casa.

Darrow não disse nada, e Evangeline pôs a mão nas pedras do castelo, olhando para o oeste agora, como se pudesse ver todo o caminho até Allsbrook e o pequeno território em sua sombra. Para Caraverre.

— É isso que Terrasen sempre significou para mim, você sabe — continuou Evangeline, falando mais para si mesma. — Assim que Aelin libertou Lysandra e se ofereceu para nos deixar juntar-nos a sua corte, Terrasen sempre quis dizer casa. Um lugar onde... onde o tipo de pessoas que nos ferem não consegue viver. Onde qualquer um, independentemente de quem são e de onde vieram e qual é sua

posição, pode viver em paz. Onde podemos ter um jardim na primavera e nadar nos rios no verão. Eu nunca tive tal coisa antes. Uma casa, quero dizer. E eu gostaria que Caraverre, Terrasen, fosse minha. Ela mordeu o lábio. — Então eu escolheria lutar. Até o fim. Por minha casa, nova como é. Eu escolho lutar.

Darrow ficou em silêncio por tanto tempo que ela olhou para ele.

Ela nunca tinha visto seus olhos tão tristes, como se o peso de todos os seus anos realmente se ajustasse a eles.

Então ele só disse:

— Venha comigo.

Ela o seguiu pelas ameias e entrou no calor do castelo, ao longo dos vários corredores sinuosos, até o Salão Principal, onde uma refeição noturna muito pequena estava sendo preparada. Uma das últimas.

Ninguém se incomodou em levantar os olhos de seus pratos quando Evangeline e Darrow passaram entre as longas mesas abarrotadas de soldados drenados e feridos.

Darrow também não olhou para eles, enquanto ia até a fila de pessoas que esperavam a comida. Até Aedion e Lysandra, seus braços se enrolaram enquanto esperavam a sua vez. Como deveria ter sido desde o começo – os dois juntos.

Aedion, percebendo a abordagem de Darrow, virou-se. O general parecia desgastado.

Ele sabia então. Que amanhã ou o dia seguinte seria o último. Lysandra deu a Evangeline um pequeno sorriso e Evangeline sabia que ela também estava ciente disso. Tentaria encontrar uma maneira de tirá-la antes do final.

Mesmo que Evangeline nunca permitisse isso.

Darrow soltou a espada ao seu lado e estendeu-a para Aedion.

O silêncio começou a ondular pelo corredor ao ver a espada... a espada de Aedion. A Espada de Orynth.

Darrow segurou entre eles, o antigo pomo de osso cintilando.

— Terrasen é a sua casa.

O rosto abatido de Aedion permaneceu impassível.

— Desde o dia em que cheguei aqui.

— Eu sei — disse Darrow, olhando para a espada. — E você defendeu isso muito mais do que qualquer filho natural seria esperado. Além do que qualquer um poderia razoavelmente ser solicitado a dar. Você fez isso sem reclamar, sem medo, e serviu seu reino nobremente. — Ele estendeu a espada. — Você vai perdoar um velho orgulhoso que também tentou fazê-lo.

Aedion tirou o braço do ombro de Lysandra e segurou a espada nas mãos.

— Servir este reino tem sido a grande honra da minha vida.

— Eu sei — repetiu Darrow. — E olhou para Evangeline antes de olhar para Lysandra. — Alguém muito sábio recentemente me disse que Terrasen não é apenas um lugar, mas um ideal. Um lar para todos aqueles que vagueiam, para aqueles que precisam de um lugar para recebê-los de braços abertos. — Ele inclinou a cabeça para Lysandra. — Reconheço formalmente Caraverre e suas terras e você como sua lady.

Os dedos de Lysandra encontraram os de Evangeline e apertaram com força.

— Por sua inabalável coragem diante do inimigo reunido em nossa porta, por tudo que você fez para defender esta cidade e reino, Caraverre será reconhecido, e seu para sempre. — Um olhar entre ela e Aedion. — Qualquer herdeiro que você tiver, herdará, e seus herdeiros depois deles.

— Evangeline é minha herdeira — disse Lysandra, repousando uma mão quente no ombro dela.

Darrow sorriu levemente.

— Eu também sei disso. Mas gostaria de dizer mais uma coisa sobre esta noite que talvez seja nossa última. — Ele inclinou a cabeça para Evangeline. — Nunca fui pai de nenhum filho nem adotei nenhum. Seria uma honra nomear uma jovem tão inteligente e corajosa como minha herdeira.

Silêncio absoluto. Evangeline piscou e piscou novamente.

Darrow continuou, aturdido:

— Eu gostaria de encarar meus inimigos sabendo que o coração de minhas terras, deste reino, vai bater no peito de Evangeline. Que não importa a sombra da reunião, Terrasen sempre viverá com alguém que entende sua essência sem precisar ser ensinado. Que incorpora suas melhores qualidades. — Ele gesticulou para Lysandra. — E isso for agradável para você.

Para torná-la sua ala e uma lady... Evangeline apertou a mão de Darrow. Ele apertou de volta.

— Eu... — Lysandra piscou e se virou para ela, os olhos brilhantes. — Não é minha escolha, é?

Então, Evangeline sorriu para Darrow.

— Eu gostaria muito disso.



Os tambores de osso bateram a noite toda.

Que novos horrores seriam desencadeados com o amanhecer, Manon não sabia.

Sentada ao lado de Abraxos na torre aérea, ela olhava para ele no infinito mar de negrume.

Acabaria em breve. A desesperada esperança de Aelin Galathynius havia se apagado.

Alguém poderia escapar quando as muralhas da cidade fossem quebradas? E onde eles iriam? Depois que a sombra de Erawan se assentasse, haveria alguém para impedi-lo?

Dorian – Dorian poderia. Se ele tivesse pegado as chaves. Se ele tivesse sobrevivido.

Ele pode estar morto. Pode estar marchando neles agora, um colar preto em volta da garganta.

Manon inclinou a cabeça contra o lado quente do couro de Abraxos.

Ela não seria capaz de ver seu povo em casa. Para trazê-las para os Desertos.

Amanhã, em seus ossos velhos e perversos, ela sabia que seria amanhã que as muralhas da cidade finalmente caíram. Eles não

tinham mais armas além das espadas e seu próprio desafio. Isso duraria apenas tanto tempo contra a força infinita que os esperava.

Abraxos moveu sua asa para protegê-la do vento.

— Eu gostaria de ter visto — Manon disse baixinho. — Os Desertos. Só uma vez.

Abraxos bufou, cutucando-a suavemente com a cabeça. Ela passou a mão pelo focinho dele.

E mesmo com a escuridão agachada no campo de batalha, ela podia imaginá-lo – o verde vibrante e ondulante que fluía para um mar agitado e cinzento.

Uma cidade brilhante ao longo de sua costa, bruxas voando em vassouras ou serpentes aladas nos céus acima dela. Ela podia ouvir o riso dos bruxas nas ruas, a música há muito esquecida de seu povo flutuando no vento. Um espaço amplo e aberto, exuberante e sempre verde.

— Eu gostaria de ter visto — Manon sussurrou novamente.

CAPÍTULO 105

O sangue choveu no campo de batalha.

Sangue e flechas, tantos que quando encontraram marcas no flanco de Lysandra, suas asas, mal se registraram.

Morath estava reservando seu arsenal. Até hoje.

Com o amanhecer, eles haviam desencadeado uma torrente de flechas que entrar no céu tinha sido um desafio letal. Ela não queria saber quantas Crochans tinham caído, apesar dos melhores esforços das Dentes de Ferro para protegê-las com os corpos de suas serpentes aladas.

Mas a maioria tinha chegado ao ar – e direto ao ataque da legião de Dentes de Ferro.

Lá embaixo, Morath estava repleto de uma urgência que ela ainda não havia testemunhado. Um mar negro que caiu contra as muralhas da cidade, quebrando-o de vez em quando.

Escadas de cerco subiram mais rápido do que poderiam ser derrubadas, e agora, o sol mal batendo, as torres de cerco avançavam.

Lysandra entrou em uma bruxa dente de ferro – uma Bico Negro, pela faixa de couro tingido em sua testa – e a arrancou da sela antes de arrancar a garganta de sua serpente alada.

Uma. Apenas uma fora da massa nos céus.

Ela mergulhou, escolhendo outro alvo.

Então outro. E outro. Não seria o suficiente.

E onde a legião de Dentes de Ferro havia se contentado em engajá-los em batalha nas últimas semanas, hoje eles pressionaram.

Conduziu-os de volta a pé em direção a Orynth.

E não havia nada que Lysandra, nem qualquer das Crochans ou dos rebeldes Dentes de Ferro, pudesse fazer para detê-lo.

Então as bruxas morreram.

E abaixo deles, nas muralhas da cidade, soldados de tantos reinos também morreram.

A última posição, as últimas horas, de sua desesperada aliança.



O fôlego de Manon era um rasgo na garganta, o braço da espada doendo.

De novo e de novo, eles se reuniram e dirigiram contra a legião de Dentes de Ferro.

De novo e de novo, eles foram empurrados para trás. De volta para Orynth. Para as paredes.

As linhas de Crochan estavam caindo. Até mesmo os rebeldes Dentes de Ferro começaram a voar de maneira desleixada.

Como eles lutaram e lutaram e ainda chegam a isso? As Treze haviam desistido de suas vidas; Seu peito estava vazio, o barulho da batalha ainda era um rugido distante sobre o silêncio em sua cabeça.

E, no entanto, chegara a isso.

Se eles mantivessem isso, seriam invadidos ao anoitecer. Se eles não reconfigurassem seu plano de ataque, não teriam mais nada até o amanhecer. Bastante permaneceu de seu espírito desfiado para achar isto inaceitável. Para se enfurecer contra esse fim.

Eles tiveram que se retirar para as muralhas da cidade. Para reagrupar e usar Orynth, as montanhas atrás dele, a seu favor.

Quanto mais tempo permanecessem ao ar livre, mais mortífero se tornaria.

Manon libertou o chifre do lado dela e soprou duas vezes.

Crochan e Dentes de Ferro se voltaram para ela, os olhos arregalados em choque. Manon tocou a buzina novamente.

Voltem a buzina disse. Voltem para a cidade.

O portão oeste da cidade estremeceu.

Onde intrincados entalhes antigos haviam enfeitado as placas de ferro, agora só restavam os amassados e o sangue salpicado.

Um estrondo ensurdecedor ecoou por toda a cidade, as montanhas, e Aedion, ofegando enquanto lutava sobre as ameias acima dos portões, ousou desviar o olhar de seu último oponente. Ousou inspecionar o rastro do último golpe do aríete.

Soldados encheram a passagem para o portão, mais alinhando as ruas além dela. Tantos quanto poderiam ser poupados das paredes.

Logo agora. Logo o portão ocidental renderia. Depois de milhares de anos, finalmente se separaria.

A Espada de Orynth estava escorregadia em sua mão sangrenta, seu antigo escudo coberto de sangue.

As pessoas já estavam fugindo para o castelo. As corajosas almas que haviam permanecido na cidade todo esse tempo, esperando contra a esperança de que pudessem sobreviver. Agora eles corriam, crianças em seus braços, para o castelo que seria o bastião final contra as hordas de Morath. Por quanto tempo isso fosse.

Horas, talvez.

Manon dera a ordem de recuar, e Crochans e Dentes de Ferro aterrissaram na muralha junto ao portão sul ainda firme, alguns se juntando à batalha, outros segurando a linha contra a legião aérea inimiga em suas caudas.

O portão ocidental estremeceu novamente, balançando para dentro, a madeira, metal e correntes que eles reforçaram com flambagem.

Aedion sentiu o inimigo correndo à esquerda exposta e ergueu o escudo, infinitamente pesado. Mas uma serpente alada sem cavaleiro interceptou o soldado, rasgando o homem em dois antes de lançar seus restos fora das ameias.

Com um flash de luz, Lysandra estava lá, pegando roupas, espada e escudo de um Assassino Silencioso caído.

— Diga-me onde ordenar Manon e as outras estacionarem na cidade — disse ela ofegante. Um corte correu por seu braço, com sangue vazando por toda parte, mas ela não pareceu notar.

Aedion tentou afundar naquele lugar legal e calculista que o guiara através de outras batalhas, outras quase derrotas. Mas isso não foi quase uma derrota.

Isso seria uma derrota pura e brutal. Um abate.

— Aedion — seu nome era um apelo frenético.

Um soldado Valg correu, e Aedion separou o homem do umbigo ao nariz com um golpe da Espada de Orynth. Lysandra mal piscou para o sangue negro que espirrou em seu rosto.

O portão ocidental se dobrou, o ferro gritou quando começou a se soltar.

Ele tinha que ir — tinha que descer até lá para liderar a luta no portão.

Onde ele faria sua última parada. Onde ele encontraria seu fim, defendendo o lugar que ele mais amava. Era o mínimo que ele podia fazer, com todos os guerreiros que haviam caído graças a ele, a suas escolhas. Se apaixonar por Terrasen.

Uma morte digna de uma música. Um fim digno de ser contado em torno de uma fogueira.

Se no novo mundo de escuridão de Erawan, as chamas fossem permitidas de existir.

A legião de Dentes de Ferro atacou seus parentes rebeldes; as exaustas Crochans pousaram nas pedras enquanto bebiam água, verificaram ferimentos. Um suspiro antes do empurrão final.

Ao longo da muralha, soldados Valg surgiram e surgiram e surgiram sobre as ameias.

Então Aedion se inclinou e beijou Lysandra, beijou a mulher que deveria ter sido sua esposa, sua parceira, uma última vez.

— Eu te amo.

A tristeza encheu seu lindo rosto.

— E eu você — ela gesticulou para o portão oeste, para os soldados que esperavam sua clivagem final. — Até o fim?

Aedion levantou seu escudo, lançando a Espada de Orynth em sua mão, liberando a rigidez que havia tomado seus dedos.

— Eu vou encontrá-la novamente — ele prometeu a ela. — Em qualquer que seja a vida depois disso.

Lysandra assentiu.

— Em toda vida.

Juntos, eles se voltaram para as escadas que os levariam até os portões. Para a morte aguardando abraço.

Um chifre se partiu pelo ar, pela batalha, pelo mundo.

Aedion ficou imóvel.

Girou em direção à direção daquele chifre, ao sul. Além das filas cheias de Morath. Além do mar de negrume, até os contrafortes que cercavam a borda da vasta planície de Theralis.

Mais uma vez, aquela buzina soou, um rugido de desafio.

— Isso não é chifre de Morath — Lysandra respirou.

E então eles apareceram. Ao longo da borda dos montes. Uma linha de guerreiros de armadura dourada, soldados de infantaria e cavalaria. Mais e mais e mais, uma grande linha se espalhando pela crista da colina final.

Enchendo os céus, estendendo-se no horizonte, voou poderosos pássaros armados com cavaleiros. Ruks E diante de todos eles, a espada ergueu-se para o céu quando a buzina soprou uma última vez, o rubi no pomo da lâmina queimando como um pequeno sol...

Antes de todos eles, cavalgando no Senhor do Norte, estava Aelin.

CAPÍTULO 106

Através dos antigos e esquecidos caminhos de Carvalhal, através das montanhas de Perranth, o Senhor do Norte e do Pequeno Povo os havia guiado. Rápidos e inflexíveis, correndo contra a desgraça, deram o último impulso para o norte.

Eles mal pararam para descansar. Haviam deixado suprimentos desnecessários para trás.

Os batedores ruk não se atreviam a voar à frente por medo de serem descobertos por Morath. Por medo de arruinarem a vantagem surpresa.

Seis dias de marcha, aquele grande exército correndo atrás dela.

Terreno plano e inóspito. Pequenos rios congelaram durante sua passagem. As árvores bloqueavam a neve que caía.

Eles viajaram durante a noite ontem. E quando amanheceu, o Senhor do Norte se ajoelhou ao lado de Aelin e se ofereceu como montaria.

Não havia sela para ele; nenhuma jamais seria permitida ou necessária. Qualquer cavaleiro que ele permitisse subir nas suas costas, Aelin sabia, nunca cairia.

Alguns se ajoelharam quando ela passou. Até mesmo Dorian e Chaol tinham inclinado a cabeça.

Rowan, no topo de um cavalo Darghan de olhos ferozes, apenas assentiu. Como se ele sempre esperasse que ela terminasse aqui, à frente do exército que galopava nas últimas horas até a borda de Orynth.

Ela encaixara sua coroa de batalha na cabeça, junto com a armadura que havia reunido em Anielle, e se equipado com

quaisquer armas extras que Fenrys e Lorcan lhe entregassem.

Yrene, Elide e os curandeiros permaneceriam na retaguarda – até que os ruks pudessem levá-los a Orynth. Dorian e Chaol lideravam os homens selvagens do Canino no flanco direito, a realeza khaganato na esquerda, Sartaq e Nesryn nos céus com os ruks. E

Aelin e Rowan, com Fenrys, Lorcan e Gavriel, tomariam o centro.

O exército se espalhou quando eles se aproximaram das encostas de Orynth, as colinas que os levariam até a borda da planície de Theralis, e ofereceria sua primeira visão da cidade além dela.

Com o coração martelando, o Senhor do Norte inalterado, Aelin subiu ao último daqueles montes, o mais alto e mais íngreme deles, e olhou para Orynth pela primeira vez em dez anos.

Um terrível silêncio pulsante passou por ela.

Onde uma linda cidade branca uma vez brilhou entre rio e planície e montanha...

Fumaça e caos e terror reinavam. O Florine turquesa corria negro.

O tamanho, a *explosão* do enorme exército que trovejava contra suas paredes, nos céus acima dele...

Ela não tinha percebido. O quão grande o exército de Morath seria. O quão pequena e preciosa Orynth parecia antes.

— Eles estão quase no portão oeste — murmurou Fenrys, sua visão feérica devorando detalhes.

O exército do khagan se espalhou ao redor deles, do outro lado da colina. A crista de uma onda prestes a se romper. No entanto, até mesmo os soldados de Darghan hesitaram, os cavalos se deslocando, para o exército entre eles e a cidade.

O rosto de Rowan estava sério – bem sério, mas destemido, enquanto ele observava o inimigo.

Eram muitos. Muitos soldados. E a legião das Dentes de Ferro acima deles.

— As Crochans lutam nas muralhas da cidade — observou Gavriel.

De fato, ela mal conseguia distinguir as capas vermelhas.

Manon Bico Negro não havia quebrado sua promessa.

E nem ela.

Aelin olhou para a mão, escondida por baixo da luva. Para onde uma cicatriz deveria estar.

Eu prometo a você que não importa o quão longe eu vá, não importa o custo, quando você pedir minha ajuda, eu irei.

Não haveria tempo para discursos. Não há tempo para reunir os soldados atrás dela.

Eles estavam prontos. E ela também.

— Soe o sinal — ordenou Aelin a Lorcan, que levou um chifre aos lábios e soprou.

Abaixo da linha, os mensageiros do khaganato soaram seus próprios chifres em resposta. Até que todos eles se tornaram uma grande nota, correndo em direção a Orynth.

Eles tocaram os chifres novamente.

Aelin tirou Goldryn de sua bainha pelas costas e segurou o escudo enquanto ela erguia a espada para o céu. Ao mesmo tempo, um fio de sua magia atravessou o rubi no pomo e o fez brilhar.

Os soldados de Darghan apontaram seus *suldes* para a frente, a madeira rangendo, a crina chicoteando ao vento.

Abaixo da linha, a princesa Hasar e o príncipe Kashin treinaram suas próprias lanças no exército inimigo. Dorian e Chaol puxaram suas lâminas e apontaram para a frente.

Rowan desembainhou a espada, uma machadinha na outra mão, o rosto como pedra. Inquebrável.

Os chifres tocaram a terceira e última vez, o grito de guerra cantando através da planície sangrenta.

O Senhor do Norte ergueu-se, projetando Goldryn mais alto no céu, e Aelin soltou um flash de fogo através do rubi – o sinal que o exército atrás dela esperava.

Por Terrasen. Tudo isso por Terrasen.

O Senhor do Norte pousou, a chama imortal dentro de seus chifres brilhando quando ele começou a carregar. O exército ao redor e atrás dela descia pela encosta, ganhando a cada passo, indo em direção às filas de trás de Morath.

Empurrando em direção a Orynth.
Para casa.



Avançando para a batalha eles atacaram, destemidos e furiosos.

A rainha em cima do cervo branco não recuou a cada pé ganho em direção às legiões que esperavam. Ela só virou a espada na mão – uma vez, duas vezes, com o braço protetor apertado.

Os guerreiros imortais ao seu lado também não hesitaram, os olhos fixos no inimigo à frente.

Mais rápido e mais rápido, a cavalaria do khaganato galopava ao lado dela, formando a linha de frente, segurando-se, enquanto se aproximavam da primeira linha de trás de Morath.

O inimigo virou-se para eles agora. Lanças pontiagudas; arqueiros correndo em posição.

O primeiro impacto iria doer. Muitos iriam cair antes mesmo de alcançá-lo.

Mas a linha de frente tinha que fazer isso. Eles não podiam quebrar.

Das linhas inimigas, surgiu uma ordem.

— *Arqueiros!*

Cordas de arco gemeram, alvos foram marcados.

— *Fogo!*

Grandes flechas de ferro bloqueavam o sol, mirando a cavalaria de corrida.

Mas os ruks, dourados e marrons e pretos como a noite, mergulharam, mergulharam, mergulharam dos céus, voando de asa em asa. E quando aquelas flechas se armaram em direção à terra, os ruks as interceptaram, suportando o impacto enquanto protegiam o exército que os atacava.

Os ruks caíram.

E até mesmo a rainha que liderava o ataque chorou de raiva e pesar quando os pássaros e seus cavaleiros se chocaram contra a

terra. Acima dela, levando flecha após flecha, escudo erguido para os céus, um jovem cavaleiro rugiu seu grito de guerra.

As linhas de frente não podiam quebrar.

As bruxas Dentes de Ferro em suas serpentes aladas inclinaram-se em direção a eles, em direção às ruks que voavam em busca de suas costas expostas.

Na cidade, ao longo das paredes de Orynth, uma rainha de cabelos brancos berrou:

— *Empurrem! Empurrem! Empurrem!*

As bruxas exaustas subiram aos céus, nas vassouras e nas feras, espadas erguendo-se. Correndo para a frente da legião aérea se voltando para os ruks. Para esmagar a legião de Dentes de Ferro entre eles.

No chão ensanguentado, Morath apontava lanças, lanças, espadas, qualquer coisa que levassem à cavalaria trovejante.

Não foi o suficiente para detê-los.

Não quando os escudos do vento, da chama e da morte mais negra se encaixavam – e cortavam as linhas de frente de Morath.

Derrubando os soldados preparados para a batalha. Expondo aqueles que ainda estavam esperando para levantar as armas.

Deixando Morath bem aberto para o exército de ouro, quando este se chocou contra eles com a força de um maremoto.

CAPÍTULO 107

O fôlego de Rowan era uma lufada constante em sua garganta enquanto ele investia através das linhas de soldados Valg, gritando em volta dele. Perto dali, cortando um caminho através das massas de Morath, Aelin e o Senhor do Norte lutaram. Soldados invadiam, mas nem a rainha nem o cervo recuavam.

Não quando a chama de Aelin, reduzida como estava, impedia que qualquer um em seus pontos cegos lhe desse um golpe.

A cavalaria dos Darghan empurrou Morath para trás e, acima deles, ruks e serpentes aladas entraram no confronto.

Bestas, emplumadas e escamadas, colidiram com a terra.

Ainda assim, Borte lutou acima da rainha, protegendo-a das Dentes de Ferro que avistaram aquele cervo branco, quase uma bandeira em meio ao mar de escuridão, e apontaram para ela. Ao lado de Borte, seu noivo guardava um de seus flanco, e Falkan Ennar, na forma de ruk, protegia o outro.

Com seu cavalo Darghan destemido, Rowan moveu seu braço esquerdo, a machadinha cantando. Uma cabeça de Valg caiu, mas Rowan já estava enfiando sua espada em seu próximo oponente.

A sorte estava contra eles, mesmo com o planejamento que eles fizeram. No entanto, se eles pudessem libertar a cidade, reagrupar e reabastecer, antes que Erawan e Maeve chegassem, eles teriam uma chance.

Porque Erawan e Maeve viriam. Em algum momento, eles viriam e Aelin gostaria de enfrentá-los. Rowan não tinha a intenção de deixá-la fazer isso sozinha.

Rowan olhou para Aelin. Ela estava mais adiante, a linha de frente se estendendo, multidão de soldados Morath entre eles. Ficar perto. Ele tinha que ficar perto.

Uma Crochan passou voando, passando por Rowan para subir, subir e subir – direto para o desprotegido ventre de uma serpente de uma bruxa Dentes de Ferro.

Espada erguida, a bruxa cortou ao longo de sua parte inferior, rápida e brutal. Onde ela passou, sangue e sangue choveu.

A besta gemeu, as asas se abriram e Rowan lançou uma rajada de vento. A serpente alada caiu sobre as fileiras de Morath com um estrondo que assustou seu próprio maldito cavalo.

Quando as asas trêmulas se acalmaram, quando Rowan firmou seu cavalo e derrubou os soldados que o atacavam, ele novamente procurou por Aelin.

Mas sua parceira não estava mais perto dele.

Não, bem mais a frente, uma visão de ouro e prata, Aelin se afastou tanto que estava quase fora de vista. Não havia sinal de Gavriel também.

No entanto, Fenrys lutava perto do outro lado de Rowan, Lorcan à sua esquerda – um vento escuro e mortal que chicoteava no tempo com sua espada.

Antigamente, eles tinham sido pouco mais do que escravos de uma rainha que os libertaram ao redor do mundo. Juntos, eles tomaram exércitos e dizimaram cidades.

Ele não tinha se importado se sobrevivesse àqueles campos de batalha distantes. Não tinha se importado se esses reinos caíram ou sobreviveram. Ele recebera suas ordens e as executara.

Mas aqui, hoje... Aelin não lhes deu nenhuma ordem, nenhum comando além do que eles juraram obedecer: proteger Terrasen.

Então eles fariam isso. E juntos, eles fariam isso, mais uma vez.

Eles lutariam por este reino – sua nova corte. Sua nova casa.

Ele podia ver nos olhos de Fenrys enquanto ele cortava um soldado em dois com uma fatia profunda no meio. Podia ver aquela

visão de um futuro no rosto furioso de Lorcan enquanto o guerreiro usava magia e lâmina para rasgar as fileiras inimigas.

Eram ainda mais que uma equipe. Irmãos – os guerreiros que lutavam ao seu lado eram seus irmãos. Tinham permanecido ao lado dele ao longo de tudo isso. E continuariam ao seu lado agora.

Isso o fortaleceu tanto quanto o pensamento de sua parceira, ainda lutando à frente. Ele tinha que chegar até ela, ficar perto. Todos eles tinham. Orynth dependia disso.

Não eram mais escravos. Não mais furiosos e quebrados.

Um lar. Esta seria a casa deles. O futuro deles. Juntos.

Os soldados de Morath caíram diante deles. Alguns correram quando viram de perto quem lutava.

Talvez por isso Maeve os havia reunido em primeiro lugar. No entanto, ela nunca foi capaz de aproveitar totalmente – o potencial deles, seu verdadeiro poder. Tinha escolhido algemas e dor para controlá-los. Incapaz de compreender, e até considerar, que a glória e as riquezas somente não eram suficientes.

Mas um verdadeiro lar, e uma rainha que os via como machos e não como armas... É algo pelo qual vale a pena lutar. Nenhum inimigo poderia suportar isso.

Lorcan e Fenrys lutando ao seu lado, Rowan rangeu os dentes e incitou seu cavalo atrás de Aelin, no caos e na morte que se enfureceram e se enfureceram e não pararam.



Aelin tinha vindo.

Tinha escapado de Maeve e chegado.

Aedion não podia acreditar. Mesmo quando ele viu o exército que lutava junto com ela. Mesmo quando ele viu Chaol e Dorian liderando o flanco direito, atacando com as linhas de frente e os homens selvagens dos Caninos, a mágica do rei explodiu em farpas de gelo no inimigo.

Chaol Westfall não havia falhado com eles. E de alguma forma convencera o khagan a enviar o que parecia ser a maioria de seus

exércitos.

Mas aquele exército estava avançando em direção a Orynth, ainda muito além de Theralis.

Morath não parou de atacar os dois portões de Orynth. O sul ficou forte. Mas o portão oeste estava começando a ceder.

Lysandra havia se transformado em uma serpente alada e disparou com o desesperado empurrão final de Manon Bico Negro e das Crochans em direção à legião de Dentes de Ferro, na esperança de esmagá-las entre eles e os ruks. A metamorfa agora lutava lá, perdida no meio da briga.

Então Aedion avançou até o portão oeste, um grito de guerra em seus lábios enquanto seus homens o levavam até as portas de ferro e o exército inimigo apenas visível através das placas quebradas. No momento em que o portão se abrisse, tudo estaria acabado.

As pernas enfraquecidas de Aedion tremeram, os braços tensos, mas ele se manteve firme. Por quaisquer poucas respirações restantes que ele tivesse.

Aelin tinha vindo. Era o suficiente.



A magia de Dorian fluiu dele, derrubando os soldados que atacavam. Lado a lado com Chaol, os homens selvagens dos Caninos ao redor deles, eles abriram caminho através das fileiras de Morath, suas espadas mergulhando e levantando, sua respiração queimando em suas gargantas.

Ele nunca tinha visto uma batalha. Sabia que ele nunca queria ver novamente. O caos, o barulho, o sangue, os cavalos gritando...

Mas ele não estava com medo. E Chaol, cavalgando perto dele, quebrando soldados entre eles, sem hesitar. Apenas abatidos para a frente, os dentes cerrados.

Por Adarlan – pelo que havia sido feito a ela e pelo que ela poderia se tornar.

As palavras ecoaram em sua respiração ofegante. *Por Adarlan.*

O exército de Morath se estendia à frente, ainda entre eles e as paredes maltratadas de Orynth.

Dorian não se permitiu pensar em quantos permaneceram. Ele só pensava na espada e no escudo em suas mãos, Damaris já banhada em sangue, da magia que ele empunhava para suplementar seus ataques. Ele não se transformaria – ainda não. Não até que suas armas e sua magia começassem a falhar. Ele nunca lutou de outra forma, mas tentaria. Como uma serpente alada ou um ruk, ele tentaria.

Em algum lugar acima dele, Manon Bico Negro voou. Ele não ousou olhar tempo suficiente para procurar um brilho de cabelos branco-prateados, ou para o brilho das asas enxertadas de Abraxos.

Ele não viu nenhuma das Treze. Ou reconheceu qualquer uma da Crochans enquanto elas passavam por cima.

Então Dorian continuou lutando, seu irmão de alma e braços ao lado dele.

Ele só se deixaria contar no final do dia. Se eles sobrevivessem. Se eles chegassem às muralhas da cidade.

Só então ele registraria os mortos.



Havia apenas a cidade sitiada de Aelin, e o inimigo antes dela, e a antiga espada em sua mão.

Torres de cerco se aproximavam das muralhas, três agrupadas perto do portão sul, cada uma repleta de soldados.

Ainda muito longe para alcançar. E muito distante para a magia dela.

Magia que já estava drenando, rápida e fugaz, de suas veias.

Não havia mais uma fonte interminável de poder. Ela precisava conservá-lo e usá-lo para obter a melhor vantagem.

E usar o treinamento que lhe foi dado nos últimos dez anos. Ela tinha sido uma assassina muito antes de dominar o seu poder.

Não foi difícil recorrer a essas habilidades. Para deixar Goldryn tirar sangue, atacar vários soldados e deixá-los sangrando atrás

dela.

O Senhor do Norte era uma tempestade debaixo dela, seu casaco branco manchado de vermelho e preto.

Aquela chama imortal entre seus chifres não fazia tanto barulho.

No céus chovia sangue, bruxas, serpentes aladas e ruk morrendo e lutando. Borte ainda a cobria, envolvendo qualquer Dentes de Ferro que voasse de cima.

Minutos eram horas, ou talvez o contrário fosse verdade. O sol atingiu o pico e começou sua descida, as sombras se alongando.

Rowan e os outros estavam espalhados pelo campo, mas uma rajada de vento gelada de vez em quando lhe dizia que seu parceiro ainda lutava, ainda matava para abrir seu caminho através das fileiras. Ainda tentando alcançar seu lado mais uma vez.

Lentamente, Orynth começou a se aproximar. Lentamente, as muralhas foram de um marcador distante para uma presença imponente.

As torres de cerco atingiram as muralhas e os soldados caíram sem controle sobre as ameias.

Ainda assim, os portões ainda aguentavam.

Aelin ergueu a cabeça para dar a ordem a Borte e Yeran para derrubarem as torres de cerco. Bem a tempo de ver as seis serpentes aladas e cavaleiros Dentes de Ferro baterem nos ruks.

Enviando Borte, Falkan e Yeran espalhando, ruk e serpente gritando enquanto batiam na terra e rolavam.

Limpendo o caminho acima para uma gigantesca serpente alada vir mergulhar na direção de Aelin.

Ela explodiu uma parede de chamas no céu enquanto a serpente estendia suas garras para ela, para o Senhor do Norte. A serpente inclinou-se, levantou-se e mergulhou novamente.

O Senhor do Norte ergueu-se, mantendo-se firme enquanto a serpente tentava alcançá-los.

Mas Aelin saltou de suas costas e deu um tapa no flanco com a parte plana de sua espada, a garganta tão quebrada pelo rugido que ela não conseguiu formar as palavras. *Vá.*

O Senhor do Norte apenas abaixou a cabeça quando a serpente avançou na direção deles.

Ela não tinha magia suficiente – não para transformar a coisa em cinzas.

Então Aelin jogou sua magia ao redor do cervo. E saiu do orbe de fogo, com o escudo levantado e a espada preparada.

Ela se preparou para o impacto, analisou todos os detalhes da armadura da serpente, onde estava mais fraca, onde poderia atacar se conseguisse desviar das mandíbulas.

O mau cheiro em sua respiração era uma explosão quente quando a boca se abriu. A cabeça da serpente foi caindo no chão. Não só caindo como sendo esmagada.

Embaixo de uma cauda espinhosa e cravada. Pertencente ao ataque de uma serpente alada com olhos de esmeralda.

Aelin se agachou enquanto a serpente sem cavaleiro se voltava para a bruxa Dentes de Ferro, ainda em cima de sua montaria decapitada.

Com um único golpe da cauda, a serpente de olhos verdes empalou a bruxa em seus espinhos – e mandou seu corpo voando pelo campo.

Então um flash e um brilho. E um leopardo fantasma agora se aproximava dela e Aelin ia em direção a ele.

Ela jogou os braços ao redor do leopardo enquanto ele se erguia, o corpo pesado quase derrubando-a no chão.

— Boa hora, minha amiga — foi tudo o que Aelin conseguiu dizer ao abraçar Lysandra.

Uma corneta soou da cidade – um pedido desesperado de ajuda.

Aelin e Lysandra se voltaram para Orynth. Para as três torres de cerco contra as muralhas pelo portão sul.

Olhos esmeralda encontraram aqueles de turquesa e ouro. O rabo de Lysandra balançou.

Aelin sorriu.

— Devemos?

Ele tinha que chegar ao lado dela novamente.

Um campo de batalha separando-os, Rowan abateu todos no seu caminho em direção a Aelin, Fenrys e Lorcan se mantendo perto.

A dor tornou-se um rugido surdo em seus ouvidos. Ele há muito tempo perdeu a noção de suas feridas. Ele se lembrou delas apenas por causa do pedaço de ferro que uma flecha no ombro havia deixado quando ele a quebrou.

Um erro tolo e precipitado. O caco de ferro era o suficiente para impedi-lo de mudar de forma voar até ela. Ele não se atreveu a parar tempo suficiente para retirá-lo, não com a multidão de inimigos. Então ele continuou lutando, seu grupo lutando junto com ele.

Seus cavalos atacaram audaciosos e destemidos embaixo deles, ganhando terreno, mas ele não podia ver Aelin.

Via apenas o Senhor do Norte, saltando pelo campo de batalha, em direção à Carvalhal. Como se ele tivesse sido libertado.

Fenrys, com o rosto salpicado de sangue negro, gritou:
— Onde ela está?

Rowan examinou o campo com o coração trovejando. Mas a ligação em seu peito brilhava forte, brilhante como fogo.

Lorcan apenas apontou para a frente. Para as muralhas da cidade pelo portão sul.

Para o leopardo fantasma que corria através das tropas de soldados Morath, jorros de chamas a acompanhavam enquanto um guerreiro de armadura dourada corria ao seu lado.

Para as três torres de cerco causando estragos nas paredes.

Com os lados abertos das torres, Rowan podia ver tudo conforme se desenrolava.

Podia ver Aelin e Lysandra correndo pela rampa, cortando e destruindo soldados entre elas, nível após nível. Onde uma não via um soldado, a outra o derrubava. Onde uma atacava, a outra protegia.

Todo o caminho até a pequena catapulta perto de seu topo.

Soldados gritaram, alguns pulando da torre enquanto Lysandra os despedaçava. Enquanto Aelin se atirava nos degraus que revestiam a base de rodas da catapulta, começando a empurrar.

Virando a catapulta. Para longe de Orynth, do castelo.

Exatamente como Aelin lhe dissera que Sam Cortland havia feito na Baía da Caveira, os mecanismos da catapulta permitiram que ela girasse sua base. Rowan se perguntou se o jovem assassino estava sorrindo agora, sorrindo ao vê-la colocando a catapulta em posição.

Empurrando-a por todo o caminho até a torre de cerco à sua esquerda.

Na segunda torre, uma figura ruiva lutou até chegar ao nível superior. E estava girando a catapulta para a terceira e última torre.

Ansel de Penhasco dos Arbustos.

Um lampejo da espada de Ansel e a catapulta estalou, arremessando a pedra que continha. Assim como Aelin abaixou Goldryn na catapulta diante dela.

Pedras gêmeas subiram.

E bateram nas torres de cerco ao lado delas.

Ferro gemeu; madeira quebrou.

E as duas torres começaram a cair. Onde Ansel de Penhasco dos Arbustos correu para escapar da destruição, Rowan não pôde segui-la.

Não enquanto Aelin permaneceu no topo da primeira torre de cerco, e saltou sobre o braço agora estendido da catapulta, projetando-se sobre o campo de batalha abaixo. Não quando ela gritou para Lysandra, que se moveu novamente, uma serpente alada surgindo do salto de um leopardo fantasma.

Agarrando o braço esticado da catapulta em um pé com garras enquanto segurava Aelin em outro.

Com um poderoso golpe, Lysandra arrancou a catapulta de seus parafusos no topo da torre.

E torcendo, ela a colocou na última torre de cerco.

Enviando a torre direto para o chão. À direita em uma horda de soldados Morath tentando abrir seu caminho através do portão sul. De olhos arregalados, os três guerreiros feéricos piscaram. — É onde Aelin está — foi tudo o que Fenrys disse.



Salkhi permaneceu no ar. Da mesma forma permaneceu Sartaq, Kadara com ele.

Isso era tudo o que Nesryn sabia, tudo com o que ela se importava, enquanto eles enfrentavam serpentes atrás de serpentes. Eles eram muito piores na batalha do que ela tinha pensado. O que os ruks tinham em rapidez e coragem, as serpentes aladas tinham em tamanho. As farpas envenenadas em suas caudas. E cavaleiros sem alma que não tinham medo de destruir suas montarias se isso significasse derrubar um ruk com eles.

Mais perto agora. O exército do khaganato se aproximou cada vez mais da sitiada Orynth, flamejante e destruída. Se eles pudessem continuar a manter a vantagem, eles poderiam muito bem quebrá-los contra as paredes, já que eles haviam destruído a legião de Morath em Anielle.

Eles tiveram que agir rapidamente, no entanto. O inimigo invadiu os dois portões da cidade, determinado a invadir o local. O portão do sul se mantinha, as torres de cerco que o haviam atacado momentos atrás agora estavam em ruínas.

Mas o portão oeste... não permaneceria fechado por muito tempo.

Salkhi se levantou do tumulto para recuperar o fôlego, Nesryn se atreveu a avaliar quantos rukhin ainda voavam. Apesar das Crochans e das rebeldes Dentes de Ferro, eles estavam em menor número, mas os rukhin eram novos. Preparados e ansiosos pela batalha.

Não foi o número de rukhin restantes que arrancou o fôlego de seu peito.

Mas o que surgiu por trás deles.

Nesryn mergulhou. Mergulhou atrás de Sartaq, Kadara arrancando a garganta de um serpente em pleno voo.

O príncipe estava ofegante, salpicado de sangue azul e preto, quando Nesryn chegou ao seu lado.

— Soe o chifre — ela gritou por cima do barulho, o rugido do vento. — Chegue às muralhas da cidade! Para o portão sul!

Os olhos de Sartaq se estreitaram sob o elmo e Nesryn apontou para trás.

Para o segundo exército da escuridão rastejando em suas costas. Direto de Perranth, onde sem dúvida eles estavam escondidos.

O resto das criaturas de Morath. Bruxas Dentes de Ferro e serpentes aladas com elas.

Esta batalha foi uma armadilha. Para atraí-los aqui, fazê-los gastarem suas forças derrotando este exército.

Enquanto o resto se esgueirava por trás e os prendia contra as paredes de Orynth.



O portão oeste finalmente cedeu.

Aedion estava preparado quando isso aconteceu. Quando o aríete bateu, o ferro gemeu enquanto se rendia. E depois havia soldados de Morath em todos os lugares.

Escudos lado a lado um do outro, Aedion tinha organizado seus homens em uma parede de escudos para cumprimentá-los.

Ainda assim não foi o suficiente. A Devastação não pôde fazer nada para impedir a maré que chegava do campo de batalha, empurrando-os para trás, para trás, de volta ao corredor. E mesmo Ren, liderando os homens em cima das muralhas, não conseguiu deter o fluxo que se abateu sobre eles.

Eles tinham que fechar o portão novamente. Tinham que encontrar uma maneira de fechá-lo.

Aedion mal conseguia respirar, mal conseguia manter-se de pé.

Uma buzina de alerta soou. Morath havia enviado um segundo exército. A escuridão encobria a extensão total de suas fileiras.

Príncipes Valg – muitos deles. Morath tinha ficado esperando.

Ren gritou para ele sobre a briga:

— Eles limpam o portão sul! Eles estão recebendo o máximo de forças que podem por trás dos muros!

Reagrupar e reunir-se antes de enfrentar o segundo exército. Mas com o portão do oeste ainda aberto, Morath entrando, eles nunca teriam uma chance.

Ele tinha que fechar o portão. Aedion e a Devastação esfaquearam e cortaram, uma parede para Morath enfrentar. Mas isso não seria suficiente.

Uma serpente alada veio em direção ao portão, deslizando no chão enquanto ela se aproximava. Aedion se preparou para o impacto, para aquele enorme corpo se despedaçar no último portão.

No entanto, a fera abatida parou, esmagando soldados embaixo do seu tamanho, bem no arco.

Bloqueando o caminho. Uma barricada na frente do portão oeste.

Intencionalmente, Aedion percebeu que um guerreiro de cabelo dourado saltou da sela da serpente, a bruxa Dentes de Ferro morta ainda pendurada ali, a garganta jorrando sangue azul pela sela de couro.

O guerreiro correu na direção deles, uma espada em uma mão e na outra uma adaga. Correu em direção a Aedion, seus olhos castanhos examinando-o da cabeça aos pés.

Seu pai.

CAPÍTULO 108

Os soldados de Morath se agarraram e se arrastaram por cima da serpente caída que bloqueava o caminho. Eles ocuparam o arco, a passagem.

Um escudo de ouro os manteve à distância. Mas não por muito tempo.

No entanto, o atraso que Gavriel lhes deu permitiu que a Devastação drenasse as últimas gotas de seus odres de água, pegasse as armas caídas.

Aedion arquejou, um braço contra a passagem do portão. Atrás do escudo de Gavriel, o inimigo fervilhava e rugia.

— Você está ferido? — perguntou seu pai. Suas primeiras palavras para ele.

Aedion conseguiu levantar a cabeça.

— Você encontrou Aelin — foi tudo o que ele disse.

O rosto de Gavriel se suavizou.

— Sim. E ela selou o portão de Wyrd.

Aedion fechou os olhos. Pelo menos isso.

— Erawan?

— Não.

Ele não precisava dos detalhes sobre o porquê o bastardo não estava morto. O que havia dado errado.

Aedion se afastou da parede, oscilando. Seu pai firmou-o com uma mão no cotovelo.

— Você precisa descansar.

Aedion arrancou o braço do aperto de Gavriel.

— Diga isso para os soldados que já caíram.

— Você também vai cair — disse o pai, mais afiado do que jamais ouvira. — Se você não se sentar por um minuto.

Aedion encarou o macho de cima a baixo. Gavriel olhou de volta. Nenhuma mentira, nenhum espaço para discussão. O rosto do Leão.

Aedion apenas balançou a cabeça.

O escudo de ouro de Gavriel se curvou sob o ataque dos Valg que se acumulavam além dele.

— Temos que fechar o portão de novo — disse Aedion, apontando para as duas portas, intactas, empurradas contra as paredes. O acesso a elas estava bloqueado pelos grunhidos de Morath que ainda tentava romper o escudo de Gavriel. — Ou eles vão invadir a cidade antes que nossas forças possam se reagrupar. — Atrás das muralhas não faria diferença se o portão oeste estivesse aberto.

Seu pai seguiu sua linha de visão. Olhou para os soldados que tentavam passar por suas defesas, seu fluxo querendo atravessar a serpente alada que tão cuidadosamente se abateu diante deles.

— Então vamos fechá-las — disse Gavriel, e sorriu sombriamente. — Juntos.

A palavra era mais uma pergunta, sutil e dolorosa.

Juntos. Como pai e filho. Como os dois guerreiros que eles eram.

Gavriel, seu pai. Ele veio.

E olhando para aqueles olhos castanhos, Aedion sabia que não era por Aelin ou por Terrasen que seu pai fizera aquilo.

— Juntos — disse Aedion.

Não apenas esse obstáculo. Não apenas esta batalha. Mas o que viesse depois, eles iriam sobreviver. Juntos.

Aedion podia jurar ter visto algo como alegria e orgulho enchendo os olhos de Gavriel. Alegria e orgulho e tristeza, pesada e velha.

Aedion caminhou de volta para a linha da Devastação, pedindo ao soldado do lado dele para dar o lugar a Gavriel para que ele se juntasse à sua formação. Um grande impulso agora, e eles assegurariam o portão. Seu exército entraria pelo sul, e eles encontrariam um jeito de se reunir antes que o novo exército

chegasse à cidade. Mas o oeste, eles limpariam o caminho e o fechariam. Permanentemente.

Pai e filho, eles fariam isso. Derrotariam isso.

Mas quando seu pai não se juntou ao seu lado, Aedion se virou.

Gavriel foi diretamente para o portão. Para a linha dourada de seu escudo, agora empurrando para trás, para trás, para trás.

Empurrando aquela parede de soldados inimigos com ela, sincronizando com cada batida do coração. Abaixo da passagem.

Através do arco.

Não.

Gavriel sorriu para ele.

— Feche o portão, Aedion — foi tudo o que seu pai disse.

E então Gavriel foi para fora dos portões. Aquele escudo dourado se espalhando.

Não.

A palavra se formou, um grito crescente na garganta de Aedion.

Mas os soldados da Devastação estavam correndo para as portas do portão. Fechando-as.

Aedion abriu a boca para rugir para eles pararem. *Parem, parem, parem.*

Gavriel levantou sua espada e seu punhal, um brilho dourado à luz do dia. O portão se fechou atrás dele. Deixando-o do lado de fora.

Aedion não conseguia se mexer.

Ele nunca havia parado, nunca parou de se mover. No entanto, ele não conseguia ajudar os soldados, que empilhavam madeira, correntes e metal contra o portão oeste.

Gavriel poderia ter ficado. Poderia ter ficado e segurado o escudo tempo suficiente para eles fecharem os portões. Ele poderia ter permanecido aqui— Então Aedion correu.

Muito devagar. Seus passos eram lentos demais, seu corpo muito grande e pesado, enquanto ele empurrava seus homens.

Enquanto ele corria para as escadas até as muralhas.

Luz dourada brilhou no campo de batalha.

E depois ficou escuro.

Aedion correu mais rápido, um soluço queimando sua garganta, saltando sobre soldados caídos, tanto mortais quanto Valgs.

E depois ele estava no topo das muralhas. Correndo até a borda.

Não. A palavra foi uma batida junto com seu coração.

Aedion abateu o Valg em seu caminho, matou qualquer um que viesse pela escada do cerco.

A escada. Ele poderia dar um jeito de descer por ela, chegar ao campo de batalha, chegar até seu pai...

Aedion moveu a espada com tanta força contra o soldado Valg diante dele que a cabeça do homem caiu dos ombros.

E então ele estava na muralha. Procurando um espaço pelo portão.

O aríete estava em lascas.

Valgs estavam amontoados ao fundo. Antes do portão. Ao redor das serpentes.

Eram tantos que o acesso ao portão ocidental foi obstruído.

Tantos que o portão estava seguro, uma ferida aberta agora estancada.

Quanto tempo ele ficou lá, incapaz de se mover? Ficou parado, incapaz de fazer alguma coisa enquanto seu pai fazia *isso*?

Ele viu primeiro o cabelo dourado.

Atrás do monte de Valgs ele tinha empilhado. Atrás do portão que ele tinha fechado para eles. Atrás da cidade que ele tinha salvado.

Um pressentimento terrível tomou conta do corpo de Aedion.

Ele parou de ouvir a batalha. Parou de ver a luta ao redor dele, acima dele.

Parou de ver tudo menos o guerreiro caído, que olhava para o céu que escurecia com olhos desfocados.

Sua garganta tatuada arrancada. A espada ainda estava em sua mão.

Gavriel.

Seu pai.



O exército de Morath recuou do portão oeste seguro. Recuou e recuou para os braços do exército que avançava. Para o resto dos seres de Morath.

Mancando por causa de um corte profundo em sua perna, seu ombro dormente devido à ponta da flecha que permaneceu alojada nele, Rowan dirigiu sua lâmina através do rosto de um soldado em fuga. Sangue preto espirrou, mas Rowan já estava se movendo, indo em direção ao portão oeste.

Onde as coisas tinham se acalmado, tão calmas.

Ele só tomou o rumo do portão quando viu Aelin lutando em direção ao distante portão sul, Ansel com ela, depois que elas trouxeram as torres de cerco ao redor dele. Foi através do portão seguro que a maior parte do seu exército agora se apressou, as forças do khagan correndo para ficar atrás das muralhas da cidade antes de serem seladas.

Eles tinham uma hora, no máximo, antes de Morath atacá-los novamente, antes de serem forçados a fechar o portão do sul também, bloqueando qualquer coisa que ficasse de fora e que seria empurrada contra as paredes.

O portão oeste permaneceria selado. A serpente alada morta e os montes de corpos ao redor dela assegurariam isso, junto com quaisquer defesas internas.

Rowan tinha visto a luz dourada queimando minutos atrás. Tinha lutado e aberto seu caminho até aqui, amaldiçoando o pedaço de ferro em seu braço que o impedia de mudar. Fenrys e Lorcan se afastaram para apanhar os grunhidos Morath que tentavam atacar os que fugiam para o portão sul e, no alto, os ruks carregando os curandeiros, Elide e Yrene com eles, pousaram na cidade em pânico.

Ele tinha que encontrar Aelin. Pôr seus planos em prática antes que seja tarde demais.

Ele sabia quem provavelmente marchava com o novo exército que avançava. Ele não tinha a intenção de deixá-la enfrentá-los sozinha.

Mas essa tarefa – ele sabia o que estava por vir. Sabia, e ainda foi junto.

Rowan encontrou Gavriel diante do portão oeste, dezenas de mortos empilhados ao redor dele.

Um verdadeiro muro entre o portão e o exército inimigo.

A luz desaparecia a cada minuto. Soldados de Morath e Dentes de Ferro foram em direção aos seus reforços que se aproximavam.

O exército do khagan tentou matar o máximo que puderam, enquanto eles se dirigiam para o portão sul.

Eles tinham que entrar na cidade. Por qualquer meio possível.

Levantando escadas de cerco que haviam sido derrubadas na terra apenas alguns minutos ou horas antes, o exército do khagan escalou as muralhas, alguns carregando os feridos nas costas.

Com sua magia um pouco mais que uma brisa, Rowan cerrou os dentes devido a perna e ao ombro latejantes e afastou os corpos de Morath meio esparramados sobre Gavriel.

Séculos de existência, anos de guerra e jornada pelo mundo – se foram. Não renderam em nada, terminaram neste corpo imóvel, nesta concha descartada.

Os joelhos de Rowan ameaçaram se dobrar. Cada vez mais e mais dos seus exércitos escalavam as muralhas da cidade, uma subida organizada, mas rápida, para um refúgio temporário.

Continuar. Eles tinham que continuar. Gavriel gostaria que ele continuasse. Dera sua vida por isso.

No entanto, Rowan abaixou a cabeça.

— Espero que você tenha encontrado paz, meu irmão. E no Além-Mundo, espero que você a encontre novamente.

Rowan se inclinou, grunhindo com a dor em sua coxa, e puxou Gavriel, colocando-o em cima do seu ombro bom. E então ele subiu.

Até a escada de cerco ainda ancorada ao lado do portão oeste.

Nas muralhas. Cada passo mais pesado que o anterior. Cada passo uma lembrança de seu amigo, uma imagem dos reinos que eles tinham visto, dos inimigos contra os quais eles tinham lutado, dos momentos de silêncio que nenhuma música jamais mencionaria.

No entanto, as canções mencionariam isto – que o Leão caiu na frente do portão oeste de Orynth, defendendo a cidade e o filho dele.

Se eles sobrevivessem hoje, se de algum modo vivessem, os bardos cantariam sobre isso.

Mesmo com o caos dos soldados do khaganato e da cavalaria de Darghan fluindo para a cidade, o silêncio caiu onde Rowan desceu as escadas da muralha, levando Gavriel.

Mal conseguiu dar um aceno agradecido e aliviado para Enda e Sellene, espancados e ensanguentados, recuperando o fôlego com um grupo de primos apoiados no que restavam de suas catapultas.

Eram do seu sangue e seus parentes, mas o guerreiro por cima do ombro – Gavriel, também era da família. Mesmo quando ele não tinha percebido isso.

O peso impossível e hediondo em seu ombro piorou a cada passo até onde Aedion estava ao pé da escada, a Espada de Orynth pendurada em sua mão.

— Ele poderia ter ficado — foi tudo o que Aedion disse enquanto Rowan gentilmente colocou Gavriel no primeiro degrau. — Ele poderia ter ficado.

Rowan olhou para o amigo caído. Seu amigo mais próximo.

Quem tinha ido com ele em tantas guerras e perigos. Quem merecia essa nova casa tanto quanto qualquer outra.

Rowan fechou os olhos cegos de Gavriel.

— Eu te verei no Além-Mundo.

Os cabelos dourados de Aedion pendiam manchados de sangue e suor, a antiga espada nas mãos sujas de sangue negro. Soldados passavam correndo por ele, descendo as escadas, mas Aedion apenas olhou para o pai. Uma rocha ensanguentada no fluxo da guerra.

Então, Aedion entrou nas ruas. Lágrimas e gritos viriam depois.

Rowan seguiu-o.

— Precisamos nos preparar para a segunda parte desta batalha — disse Aedion com a voz rouca. — Ou não sobreviveremos a essa

noite. — Enda e Sellene já estavam usando sua magia para puxar blocos de escombros caídos contra o portão oeste. As pedras tremeram, mas se moveram. Era mais poder do que Rowan poderia reivindicar.

Rowan se virou para subir as muralhas e não se atreveu a olhar para trás – para onde ele sabia que os soldados estavam levando Gavriel mais para dentro da cidade. Para algum lugar seguro.

Se foi. Seu amigo, seu irmão tinha ido embora.

— Sua Alteza — um cavaleiro ruk ofegante, salpicado de sangue estava na parede da muralha. Ele apontou para o horizonte.

— A escuridão oculta a maior parte, mas temos uma estimativa para o exército que se aproxima — Rowan se preparou. — Vinte mil no mínimo. — A garganta do cavaleiro balançou. — Suas fileiras estão cheias de Valg – e seis *kharankui*.

Não *kharankui*. Mas as seis princesas Valg que as infestaram.

Rowan se obrigou a mover. Seu corpo se recusou.

Rangendo os dentes, ele tirou a armadura do ombro e estendeu a mão para a ferida. Mas ela já havia se fechado. Prendendo o fragmento de ferro. Evitando que ele mudasse de forma e voasse atrás de Aelin. Onde quer que ela estivesse.

Ele tinha que chegar até ela. Tinha que encontrar Fenrys e Lorcan e encontrá-la. Antes que fosse tarde demais.

Mas enquanto a noite caía, enquanto ele pegou uma adaga e a ergueu para o ferimento fechado em seu ombro, Rowan sabia que já poderia ser tarde demais.

Embora os deuses já tivessem partido, Rowan ainda se encontrava rezando. Através da agonia enquanto ele abria o ombro, ele orou. Que ele pudesse alcançar Aelin a tempo.

Eles sobreviveram por tanto tempo, contra todas as probabilidades e desafiando antigas profecias. Rowan enfiou a faca mais fundo, procurando o pedaço de ferro preso ali dentro.

Depressa – ele tinha que se apressar.

CAPÍTULO 109

As costas de Chaol se esticaram, a dor açoitando sua espinha. Se era por causa de sua esposa curando dentro das muralhas do castelo ou das horas de luta, ele não fazia ideia.

Não se importou, enquanto ele e Dorian galopavam através do portão sul até Orynth, os dois eram pouco mais do que cavaleiros não marcados em meio ao exército que corria para dentro. Preparando-se para o impacto do novo exército marchando em direção a eles.

A noite logo cairia. Morath não esperaria até o amanhecer. Não com a escuridão que pairava acima deles como uma nuvem horrível.

O que voava e se afundava naquela escuridão, o que esperava por eles...

Dorian estava quase caído em sua sela, com o escudo amarrado nas costas, Damaris embainhada ao seu lado.

— Você parece como eu me sinto — Chaol conseguiu dizer.

Dorian deslizou os olhos de safira para ele, uma faísca de humor iluminando as profundezas assombradas.

— Eu sei que um rei não deve relaxar a postura — disse ele, esfregando o rosto sujo de sangue e sujeira. — Mas eu não consigo me importar.

Chaol sorriu sombriamente.

— Temos coisas piores com o que nos preocupar.

Muito piores.

Eles correram em direção ao castelo, subindo a colina que os levaria até as portas, quando um som atravessou o campo de batalha.

Um aviso.

Com a vista que a colina oferecia, eles podiam ver claramente. O que enviou os soldados correndo em direção a eles com urgência renovada.

Morath estava ganhando velocidade.

Como se percebessem que a presa estava em seus últimos passos e não queriam deixá-los se recuperar.

Chaol olhou para Dorian e eles puxaram os cavalos de volta para as muralhas da cidade. Os soldados do khagan também fizeram isso, descendo as colinas que estavam escalando.

De volta para as ameias. E o inferno logo seria liberado sobre elas mais uma vez.



Apoiada contra uma serpente alada morta, Aelin drenou o último gole de seu odre de água.

Ao lado dela, Ansel de Penhasco dos Arbustos ofegava entre os dentes cerrados, enquanto a magia da curandeira fechava as bordas de sua ferida. Um corte desagradável e profundo no braço de Ansel.

Ruim o suficiente para que Ansel não conseguisse segurar uma arma. Então elas pararam, assim como a maré da batalha havia mudado, o inimigo agora fugindo das muralhas de Orynth.

A cabeça de Aelin nadou, sua magia drenada até a última gota, seus membros como chumbo. O rugido da batalha ainda zumbia em seus ouvidos.

Coberta de sangue e lama, ninguém reconheceu a rainha pela qual eles caíam de joelhos, tão perto dos portões do sul. Soldados passaram correndo, tentando entrar na cidade antes que o exército às suas costas chegasse.

Só um minuto. Ela precisava apenas recuperar o fôlego por um minuto. Então eles se apressariam para o portão sul. Para Orynth.

Para sua casa.

Ansel praguejou, oscilando e a curandeira estendeu a mão para segurá-la.

Não era bom. De modo nenhum.

Aelin sabia o que e quem marchava em direção a eles.

Lysandra havia retornado aos céus há muito tempo, reunindo-se às rebeldes Dentes de Ferro e Crochans. Onde Rowan estava agora, onde a equipe dele estava, ela não sabia. Tinha-os perdido horas ou dias ou vidas atrás.

Rowan estava a salvo – o elo de parceria lhe dizia o suficiente. Nenhuma ferida mortal. E através do juramento de sangue, ela sabia que Fenrys e Lorcan ainda respiravam.

Se ela poderia dizer o mesmo para o resto de seus amigos, ela não sabia. Não queria saber, ainda não.

A curandeira terminou com Ansel e, quando a mulher se virou, Aelin levantou a mão.

— Vá ajudar alguém que precisa — Aelin disse.

A curandeira não hesitou antes de sair correndo, correndo em direção ao som de gritos.

— Precisamos entrar na cidade — Ansel murmurou, inclinando a cabeça contra o couro encoberto atrás dela. — Antes de fecharem o portão.

— Nós precisamos — disse Aelin, desejando ter força em suas pernas exaustas para que ela pudesse ficar de pé. Avaliando a que distância esse exército final e esmagador estava.

Um plano. Ela tinha um plano para isso. Todos eles tinham.

Mas o tempo não estava do lado dela. Talvez a sorte dela tivesse desaparecido com os deuses que ela havia destruído.

Aelin engoliu a secura da boca e grunhiu ao se levantar. O mundo oscilou, mas ela ficou de pé. Conseguiu pegar as rédeas de um cavaleiro Darghan que estava passando e ordenar que ela parasse.

Para levar a rainha ruiva meio delirante no chão.

Ansel mal protestou quando Aelin a colocou na sela atrás da soldado.

Aelin ficou ao lado da serpente alada abatida, observando sua amiga até que ela passou pelo portão sul. Para dentro de Orynth.

Lentamente, Aelin se virou para a crescente onda de escuridão. Ela os amaldiçoou.

Atrás dela, o portão sul se fechou. O estrondo ecoou em seus ossos.

Soldados deixados no campo gritaram em pânico, mas as ordens foram dadas. Forme as linhas. Preparem para a batalha.

Ela poderia fazer isso. Ajustar o plano.

Ela ainda examinava os céus em busca de um falcão de cauda branca.

Nenhum sinal dele.

Bom. Bom, ela disse a si mesma.

Aelin fechou os olhos por um instante. Colocou uma mão no peito. Como se pudesse estabilizá-la, prepará-la, para o que se agachou na escuridão que se aproximava.

Soldados gritaram quando se reuniram, os gritos dos feridos e daqueles morrendo soando por toda parte, as asas explodindo por toda parte.

Ainda assim, Aelin permaneceu ali por mais um instante, logo depois dos portões de sua cidade. Sua casa. Ainda apertou a mão contra o peito, sentindo o coração trovejando por baixo, sentindo a poeira de cada estrada pela qual viajara durante esses dez anos para voltar aqui.

Para esse momento. Para esse propósito.

Então ela sussurrou para si mesma, uma última vez. A história.

A história dela.

Era uma vez, numa terra há muito queimada até virar cinzas, lá viveu uma jovem princesa que amava o seu reino...



Yrene havia parado sua cura apenas por alguns minutos. Seu poder fluiu, forte e brilhante, sem se mexer, apesar do trabalho que vinha fazendo há horas.

Mas ela parou, precisando ver o que tinha acontecido. Ouvindo que seus soldados, com a vitória na mão, tinham fugido de volta

para as muralhas da cidade, só a mandaram correr para as muralhas do castelo o mais rápido possível, Elide com ela. Do mesmo jeito que ela esteve o dia todo, ajudando-a.

Elide fez uma careta ao subir as escadas até as ameias, mas não se queixou. A lady examinou o espaço lotado, procurando por alguém, alguma coisa. Seu olhar se fixou em um homem velho, uma criança com notáveis cabelos ruivos ao lado dele. Mensageiros se aproximaram dele, então se afastaram.

Um líder – alguém no comando, percebeu Yrene depois de Elide, já mancando para eles.

O velho encarou-as quando elas se aproximaram e começou. Ao sinal de Elide.

Yrene parou de se importar com as apresentações quando seu olhar pousou no campo de batalha.

No exército – *outro exército* – marchando sobre eles, meio velado na escuridão. Seis *kharankui* em suas linhas de frente.

Os soldados dos khagans se reuniram nas muralhas, tanto fora quanto dentro da cidade. O portão sul agora estava fechado.

Não era o suficiente. Não era o suficiente para enfrentar o que marchava, fresco e inebriante. As *criaturas* que ela mal conseguia distinguir em suas fileiras. Princesas Valg – havia princesas Valg entre elas.

Chaol. Onde estava *Chaol*...

Elide e o velho estavam falando.

— Não podemos enfrentar esse número de soldados e ir embora — disse a lady, sua voz tão diferente de qualquer tom que Yrene ouvira dela. Imponente e frio. Elide apontou para o campo de batalha. As trevas – santos deuses, as trevas – que se acumulavam sobre ela.

Um frio deslizou sobre o corpo de Yrene.

— Você sabe o que são essas coisas? — Elide perguntou baixinho.
— Porque eu sei.

O velho só engoliu em seco.

Yrene soube então. O que estava naquela escuridão. Quem estava nela.

Erawan.

Os últimos raios de sol desapareceram, deixando as neves ensanguentadas em tons de azul.

Um flash de luz se acendeu atrás deles, e a criança girou, um soluço saindo de sua garganta quando uma mulher belíssima, ensanguentada e machucada apareceu. Ela envolveu um manto em volta do corpo nu como um vestido, nem mesmo tremendo de frio.

Uma metamorfa. Ela abriu os braços para a garota, abraçando-a.

Lysandra, era como Chaol a tinha chamado. Uma lady na corte de Aelin. A sobrinha desconhecida de Falkan Ennar.

Lysandra se virou para o velho.

— Aedion e Rowan enviaram a ordem, Darrow. Qualquer um que possa deve evacuar imediatamente.

O velho Darrow olhou para o campo de batalha. Sem palavras, enquanto o exército se aproximava cada vez mais e mais.

Enquanto duas figuras tomaram forma à medida que se aproximavam.

E andaram, desimpedidos, em direção às muralhas da cidade, as trevas rodeando em torno deles.

Erawan. O jovem de cabelos dourados. Ela saberia disso mesmo se fosse cega.

Uma mulher de cabelos escuros e pele pálida caminhava ao seu lado, com vestes ondulando ao seu redor em um vento fantasma.

— Maeve — Lysandra respirou.

As pessoas começaram a gritar então. De terror e desespero.

Maeve e Erawan tinham vindo.

Para supervisionar pessoalmente a queda de Orynth.

Eles seguiram em direção aos portões da cidade, a escuridão atrás deles se reunindo, o exército em suas costas crescendo. Flashes se viam dentro daquela escuridão. Criaturas que poderiam devorar a vida, alegria.

Ah deuses.

— Lorde Darrow — interrompeu Elide, afiada e dominadora. — Existe alguma maneira de sair da cidade? Algum tipo de porta dos fundos pelas montanhas que as crianças e idosos poderiam tomar?

Darrow afastou os olhos do rei e da rainha Valg que se aproximavam.

Foi o desamparo e o desespero que os preencheram. Isso quebrou sua voz quando ele disse:

— Nenhuma rota que lhes permita escapar a tempo.

— Diga-me onde fica — ordenou Lysandra. — Assim eles podem tentar, pelo menos. — Ela agarrou o braço da menina. — Para que Evangeline possa tentar fugir.

Uma derrota. O que parecia uma vitória triunfante estava prestes a se tornar uma derrota absoluta. Um massacre.

Liderados por Maeve e Erawan, agora a meros cem metros das muralhas da cidade.

Apenas pedra e ferro antigos estavam entre eles e Orynth.

Darrow hesitou. Chocado. O velho estava em choque.

Mas Evangeline apontou um dedo. Em direção aos portões, em direção a Maeve e Erawan.

— Veja.

E lá estava ela.

No azul profundo da noite descendente, em meio a neve começando a cair, Aelin Galathynius apareceu diante do portão sul selado.

Tinha aparecido antes de Erawan e Maeve.

Seu cabelo solto ondulava ao vento como uma bandeira dourada, um último raio de luz com a morte do dia.

O silêncio caiu. Até os gritos pararam quando todos se voltaram para o portão.

Mas Aelin não recuou. Não fugiu da rainha e do rei Valg, que pararam como se estivessem deliciados com a figura solitária que se atreveu a enfrentá-los.

Lysandra deixou escapar um soluço estrangulado.

— Ela, ela não tem mais magia. — A voz da metamorfa quebrou.
— Ela não tem mais nada.
Ainda assim Aelin levantou a espada.
Chamas corriam pela lâmina.
Uma chama contra a escuridão que se reuniu.
Uma chama para acender a noite.
Aelin ergueu o escudo e as chamas também o cercaram.
Queimando brilhante, queimando sem medo. Uma visão antiga,
renasceu mais uma vez.
O grito desceu as ameias do castelo, pela cidade, ao longo das muralhas.
A rainha finalmente chegou em casa.
A rainha havia chegado para segurar o portão.

CAPÍTULO 110

O nome dela era Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius.

E ela não teria medo.

Maeve e Erawan pararam. E da mesma forma o exército que posicionava atrás deles, o golpe final do martelo, pronto para acertar Orynth.

A magia em suas veias era pouco mais que uma brasa cuspidada.

Mas eles não sabiam disso.

Suas mãos trêmulas ameaçaram soltar as armas, mas ela se manteve firme. Segurou rápido.

Não dariam mais um passo.

Ela não permitiria que eles dessem mais um passo em direção a Orynth.

Maeve sorriu.

— Você viajou por um caminho muito longo, Aelin.

Aelin apenas levantou Goldryn. Encarou o olhar de ouro de Erawan.

Os olhos dele brilharam enquanto ele observava a espada.

Lembrando-se dela.

Aelin mostrou os dentes. Deixando a chama que ela envolveu na espada brilhar mais forte.

Maeve se virou para o rei Valg.

— Vamos, então?

Mas Erawan olhou para Aelin. E hesitou.

Ela não teria muito tempo. Não demoraria muito até que eles percebessem que o poder que o fazia hesitar não existia mais.

Mas ela não tinha permanecido do lado de fora do portão sul para derrotá-los.

Estava ali apenas para ganhar tempo.

Para que aqueles na cidade que ela tanto amava pudessem fugir. Correr e viver para poderem lutar amanhã.

Ela tinha chegado em casa.

Era o suficiente.

As palavras ecoaram com ela a cada respiração. Afiara sua visão, fortalecendo sua espinha. Uma coroa de chamas apareceu em cima de sua cabeça, girando e inquebrável.

Ela nunca poderia ganhar lutando contra ambos.

Mas ela não tornaria isso fácil. Levaria um deles com ela, se pudesse. Ou pelo menos os atrasaria tempo suficiente para que os outros executem o plano, encontrem uma maneira de detê-los ou derrotá-los. Mesmo que qualquer uma das opções parecesse improvável. Sem esperança.

Mas foi por isso que ela permaneceu aqui.

Para dar a eles aquele pequeno fio de esperança. Aquela força de vontade para continuar lutando.

No final, se isso fosse tudo o que ela pudesse fazer contra Erawan e Maeve, ela poderia ir para o Além-Mundo com o queixo erguido. Ela não teria vergonha de ver aqueles que amara com o seu coração de fogo.

Então Aelin fez uma reverência para Erawan e disse com todo o resto de bravura que ela possuía:

— Nós nos encontramos algumas vezes, mas nunca como somos de verdade. — Ela piscou para ele. Mesmo quando seus joelhos tremeram, ela piscou para ele. — Por mais que essa forma seja bonita, Erawan, acho que sinto falta de Perrington. Só um pouquinho.

As narinas de Maeve se alargaram.

Mas os olhos de Erawan se abriram em diversão.

— Você acha que foi o destino que nós tenhamos nos encontrado em Forte da Fenda sem reconhecer um ao outro?

Palavras tão casuais e fáceis vindas de tal sujeira horrível e corrupta. Aelin se obrigou a dar de ombros.

— Destino, ou sorte? — Ela apontou para o campo de batalha, sua cidade destruída. — Este é um cenário muito mais grandioso para o nosso confronto final, você não acha? Muito mais digno de nós.

Maeve soltou um assobio.

— Já chega disso.

Aelin arqueou uma sobrancelha.

— Eu passei o último ano da minha vida – dez anos, se você considerar de outra forma – esperando por esse momento. — Ela estalou a língua. — Perdoe-me se eu quiser saboreá-lo. Conversar com o meu grande inimigo por mais de um momento.

Erawan riu e o som rangeu em seus ossos.

— Alguém pode pensar que você está tentando nos atrasar, Aelin Galathynius.

Ela acenou para as muralhas da cidade atrás dela.

— De que? As chaves se foram, os deuses com eles. — Ela lançou-lhes um sorriso. — Você sabe disso, não sabe?

A diversão desapareceu do rosto de Erawan.

— Eu sei. — Morte... uma morte tão terrível soou em sua voz com isso.

Aelin deu de ombros novamente.

— Eu te fiz um favor, você sabe.

Maeve murmurou:

— Não deixe ela falar. Nós terminamos isso agora.

Aelin riu.

— Alguém poderia pensar que *você* está com medo, Maeve. De qualquer tipo de atraso. — Ela se virou para Erawan mais uma vez.

— Os deuses tinham planejado arrastar você com eles. Para te despedaçar. — Aelin deu-lhe um meio sorriso. — Eu pedi a eles que não fizessem isso. Para que você e eu pudéssemos ter este nosso grande duelo.

— Como é que você sobreviveu? — perguntou Maeve.

— Eu aprendi a compartilhar — Aelin ronronou. — Depois de todo esse tempo.

— Mentira — cuspiu Maeve.

— Eu tenho uma pergunta para você — disse Aelin, olhando entre os dois governantes sombrios, separados dela apenas pela neve rodopiante. — *Você* irá compartilhar o seu poder? Agora que vocês dois estão presos aqui. — Ela gesticulou para Maeve com seu escudo em chamas. — Da última vez que ouvi, você estava decidida a mandar *ele* para casa. E reuniu um pequeno exército de curandeiros em Doranelle para que você pudesse destruí-lo no momento em que tivesse a chance.

Erawan piscou devagar.

Aelin sorriu.

— O que você *vai fazer* com todos aqueles curandeiros agora, Maeve? Vocês dois discutiram isso?

Escuridão girou em torno dos dedos de Maeve.

— Eu já suportei o suficiente desta tagarelice.

— Eu não — disse Erawan, seus olhos dourados em chamas.

— Bom — disse Aelin. — Eu *era* prisioneira dela, você sabe. Por meses. Você ficaria surpreso com o quanto eu descobri. Sobre o marido dela – seu irmão. Sobre a biblioteca em seu castelo, e como Maeve aprendeu tantas coisas interessantes sobre andar através dos mundos. Você compartilhará esse conhecimento, Maeve, ou isso não faz parte de sua barganha?

Dúvida. Era a dúvida que começava a escurecer os olhos de Erawan.

Aelin pressionou:

— Ela quer você morto, você sabe. Que desapareça. O que ela disse a você quando a sua chave de Wyrd desapareceu? Deixe-me adivinhar: o Rei de Adarlan entrou em Morath, matou a garota que você escravizou para ser a sua conexão com a vida, destruiu seu castelo e Maeve chegou bem a tempo de tentar impedi-lo – mas não conseguiu? Você sabia que ela trabalhou com ele por dias e dias? Tentando pegar a chave de você?

— Isso é *mentira* — retrucou Maeve.

— É mesmo? Devo repetir algumas das coisas que você disse em suas reuniões mais privadas com o Lorde Erawan aqui? As coisas que o rei de Adarlan me contou?

O sorriso de Erawan cresceu.

— Você sempre teve um talento para o drama. Talvez você esteja mentindo, como minha irmã afirma.

— Talvez sim, talvez não. Embora eu ache que a verdade da traição de sua nova aliada é muito mais interessante do que qualquer mentira que eu possa inventar.

— Vamos lhe contar outra verdade? — exclamou Maeve. — Você quer saber quem matou seus pais? Quem matou a Lady Marion?

Aelin ficou quieta.

Maeve acenou com a mão para Erawan.

— Não foi ele. Não era nem mesmo o rei de Adarlan. Não, ele enviou um príncipe Valg de baixo escalão para fazer isso. Ele nem se incomodou em ir sozinho. Não achava que alguém importante fosse realmente necessário para realizar a tarefa.

Aelin olhou para a rainha. Para o rei Valg.

E então arqueou uma sobrancelha.

— Isso é alguma tentativa de me irritar? Você tem milhares de anos, e isso é tudo em que conseguiu pensar para dizer? — Ela riu novamente e apontou para Erawan com Goldryn. Ela poderia jurar que ele se afastou da lâmina flamejante. — Eu sinto muito por você, sabe. Que você agora se acorrentou a esse buraco imortal. — Ela chupou por entre os dentes. — E quando Maeve te trair, suponho que vou me sentir um pouco triste por você também.

— Veja como ela fala? — Maeve assobiou. — Essa sempre foi sua estratégia: distrair e balbuciar enquanto...

— Sim. Sim. Mas, como eu disse: você tem o domínio do campo de batalha. Não há mais nada que possa realmente impedi-lo.

— Exceto por você — disse Erawan.

Aelin pressionou o escudo contra o peito.

— Estou lisonjeada que você ache isso. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Embora eu ache que os duzentos curandeiros que temos na cidade agora podem ficar um pouco ofendidos por você ter se esquecido deles. Especialmente quando eu assisti eles expulsarem tão diligentemente seus monstros Valgs dos anfitriões que eles infectaram.

Erawan ficou quieto. Apenas por uma fração de segundo.

— Ou isso é outra mentira? — Aelin meditou. — Uma coisa arriscada para você fazer, então – entrar nesta cidade. Minha cidade, suponho. Para ver quem está esperando por você. Ouvi dizer que você teve muita dificuldade para tentar matar um dos meus amigos neste verão. Herdeira de Silba. Se eu fosse você, eu teria sido mais cuidadosa ao tentar acabar com ela. Ela está aqui, você sabe. Veio até aqui para ver você e retribuir o favor. Aelin deixou sua chama se tornar mais brilhante enquanto Erawan novamente hesitava. — Maeve sabia. Ela sabe que os curandeiros estão aqui, esperando por você. E os guiará até você. Pergunte a ela onde está a coruja – a curandeira que ela mantém acorrentada a ela. Para protegê-la de você.

— Não ouça os absurdos dela — cuspiu Maeve.

— Ela até fez uma barganha: poupar suas vidas em troca de livrá-la de você. — Aelin acenou para Goldryn em direção a Orynth.

— Você está entrando em uma armadilha no momento em que entra na cidade. Você e todos os seus pequenos amigos Valgs. E apenas Maeve ficará de pé no final, dona de tudo.

As sombras de Maeve subiram em uma onda.

— Eu já tive o suficiente disso, Aelin Galathynius.

Aelin sabia que Maeve continuaria em frente, sem Erawan. Trabalharia sem ele, se fosse necessário.

O rei sombrio olhou para Maeve e pareceu perceber isso também.

O cabelo preto de Maeve flutuava ao redor dela.

— Onde está o rei de Adarlan? Nós gostaríamos de conversar com ele. — Fervendo, raiva feroz pulou da rainha.

Aelin encolheu os ombros.

— Lutando em algum lugar. Provavelmente não se incomodando em pensar sobre você. — Ela inclinou a cabeça. — Um esforço valente, Maeve, para tentar desviar a conversa. — Ela se virou para Erawan. — Os curandeiros estão esperando por você lá. Você verá que estou dizendo a verdade. Embora eu suponha que nesse momento será tarde demais.

Dúvida. Isso era realmente dúvida nos olhos de Erawan. Apenas uma rachadura. Uma porta aberta.

E agora caberia a Yrene – Yrene e os outros – aproveitá-la. Ela não queria pedir, planejar isso. Não queria arrastar mais ninguém.

Mas ela confiava nelas. Em Yrene, suas amigas. Ela confiava nelas para enfrentar isso. Quando ela fosse embora. Ela confiava nelas.

Maeve se adiantou.

— Espero que você tenha se divertido nesses últimos momentos. — Ela mostrou seus dentes brancos demais, todos os traços daquela graça delicada desapareceram. Até mesmo Erawan pareceu piscar de surpresa – e novamente hesitou. Como se estivesse se perguntando se as palavras de Aelin tinham sido verdadeiras. — Espero que você esteja entretida com a sua idiotice tagarela.

— Eternamente — disse Aelin com uma reverência zombeteira. — Eu suponho que estarei mais entretida ainda quando eu limpar você da face da terra. — Ela suspirou para o céu. — Deuses acima, que visão será.

Maeve estendeu a mão diante dela, a escuridão girando em sua palma em concha.

— Temo que não há deuses para assistir. E não há deuses para ajudá-la agora, Aelin Galathynius.

Aelin sorriu e Goldryn ficou mais brilhante.

— Eu sou uma deusa.

Ela disparou para cima deles.



Rowan tirou o pedaço de ferro do ombro enquanto Maeve e Erawan chegavam.

Enquanto Aelin foi encontrá-los diante das muralhas de Orynth.

Sua magia gotejava em suas veias, mas ele levou a mão ao braço sangrando enquanto corria para o portão sul. Desejando a cura.

A carne ardia quando se unia – muito devagar. Muito lentamente.

Mas ele não poderia voar com uma asa rasgada, a qual ele certamente teria se mudasse de forma agora. Bloco após bloco, pela cidade que teria sido sua casa, ele correu para o portão sul.

Ele tinha que chegar até ela.

Um grito de aviso das ameias fez com que ele levantasse um escudo por instinto. Ao mesmo tempo em que uma escada de cerco colidiu com a parede acima dele.

Os soldados de Morath subiram, indo em direção às lâminas que os aguardavam e eram tanto dos soldados do khagan quanto dos guerreiros da Devastação. Eram muitos.

Dentes de Ferro colidiram com Crochans acima deles – Dentes de Ferro carregando vários soldados de Morath cada uma. Elas os depositaram nas ameias, nas ruas.

Pessoas gritavam. Mais para dentro da cidade, as pessoas estavam gritando. Fugindo.

Apenas a alguns quarteirões do portão sul... para Aelin.

E ainda assim... aqueles gritos de terror e dor continuaram. Famílias. Crianças.

Casa. Esta seria sua casa. Já era, se Aelin estivesse com ele. Ele iria defendê-la.

Rowan sacou a espada e a machadinha.

O fogo explodiu além das paredes, banhando a cidade em ouro. Ela não podia ter mais do que uma brasa. Contra Erawan e Maeve, ela já deveria estar morta. No entanto, sua chama ainda estava enfurecida. O vínculo da parceria era forte.

Um flash branco brilhou ao lado dele, e então lá estava Fenrys, manchado de sangue e rosnando para os soldados que corriam pelas paredes. Um se aproximou deles, e um golpe de uma poderosa pata foi o suficiente para o monstro estar em pedaços.

Um golpe – e depois uma rajada de vento negro. Lorcan.

Eles pararam durante um batimento cardíaco. Ambos os machos olhavam para ele em questionamento. Eles sabiam muito bem onde Aelin estava. Qual era o plano.

Outra explosão de chamas além das muralhas.

Mas os gritos dos inocentes na cidade... Ela nunca iria perdoá-lo por isso. Se ele fosse embora.

Então Rowan inclinou suas armas. Virou-se para os gritos.

— Fizemos um juramento à nossa rainha e à esta corte — ele rosnou, avaliando os soldados que jorravam pelas paredes. — Nós não vamos quebrá-lo.



Mesmo três das grandes potências do reino lutando na frente dos portões da cidade não foram suficientes para deter a guerra à sua volta.

Morath se multiplicava e o exausto exército do khaganato se virou para encontrá-los mais uma vez. Para enfrentar os novos horrores que surgiram, bestas de dentes estalando que uivavam, ilken voando acima deles. Nenhum sinal das princesas Valgs, ainda não. Mas Elide sabia que elas estavam lá fora. Morath havia esvaziado seus buracos mais sombrios para essa destruição final.

E na planície, diante dos portões, o fogo e a escuridão eram mais negros do que a noite caída.

Elide não sabia para onde olhar: a batalha entre os exércitos, ou entre Maeve e Erawan, e Aelin.

Yrene permaneceu ao lado dela, Lorde Darrow, Lysandra e Evangeline observando junto com eles.

Um clarão de luz, uma onda de escuridão respondendo.

Aelin era um redemoinho de fogo entre Maeve e Erawan, a luta rápida e brutal.

Ela não tinha mais poder. Antes que o portal de Wyrd o tivesse arrancado dela, Aelin poderia ter sido capaz de enfrentar um deles e sair triunfante. Mas restando apenas um sussurro de poder, e depois de um dia manejando-o neste campo de batalha...

Maeve e Erawan não sabiam.

Eles não sabiam que Aelin estava apenas desviando, não atacando. Que essa dança prolongada não era para o espetáculo, mas sim porque ela estava comprando tempo para todos eles.

Lá no escuro, além das muralhas, soldados morreram e morreram. E na cidade, quando as escadas de cerco romperam as ameias, Morath entrou em Orynth.

Ainda assim, Aelin segurou o portão contra Erawan e Maeve. Não permitiu que eles chegassem mais perto da cidade. O sacrifício final de Aelin Galathynius por Terrasen.

No momento em que percebessem que Aelin não tinha mais nada, tudo acabaria. Qualquer divertimento que sentissem nessa troca superficial de poder e habilidade desapareceria.

Onde estavam os outros? Onde estava Rowan, ou Lorcan ou Dorian? Ou Fenrys e Gavriel? Onde eles estavam, ou eles não sabiam o que ocorria na frente dos portões da cidade?

A respiração de Lysandra era superficial. Nada – a metamorfa não poderia fazer nada contra eles. E oferecer assistência à Aelin poderia ser a única coisa que faria Erawan e Maeve perceberem que a rainha estava enganando-os.

Não havia uma voz gentil acima do ombro de Elide. Não mais.

Nunca mais ela ouviria aquela voz sussurrante e sábia guiá-la.

Veja, Anneith sempre murmurou para ela. *Veja*.

Elide examinou o campo, a cidade, a rainha lutando contra os governantes dos Valgs.

Aelin não faz nada sem uma razão. Tinha ido lá para ganhar tempo para eles. Para usar os governantes Valgs, só um pouquinho.

Mas Aelin não conseguiria derrotá-los.

Havia somente uma pessoa que podia.

Os olhos de Elide pousaram em Yrene, o rosto da curandeira pálido enquanto observava Aelin.

A rainha nunca perguntaria. Nunca pediria isso a eles, a Yrene.

Mas ela poderia deixar um caminho aberto. Eles deveriam, Yrene deveria, aproveitá-lo...

Percebendo seu olhar, Yrene desviou sua atenção da batalha.

— O que?

Elide olhou para Lysandra. E depois para as muralhas da cidade, para o flash de gelo e chama ao longo deles.

Ela viu o que eles tinham que fazer.

CAPÍTULO 111

Nesryn não havia previsto o ilken. O quão terrível algumas dúzias seriam.

Ágeis e cruéis, eles percorreram as linhas de frente das fileiras cheias de Morath. Pretos como a noite caída e mais do que ansiosos para encontrar os ruks em combate.

Sartaq dera a ordem de disparar quaisquer flechas que conseguissem encontrar. O calor de uma delas queimou os dedos de Nesryn quando ela escolheu um alvo em meio a luta e disparou.

A chama cravou na noite, certa para um ilken que estava pronto para rasgar um cavalo Darghan. A flecha ficou emperrada e o grito do ilken alcançou até mesmo aos ouvidos de Nesryn. O cavaleiro de Darghan apunhalou profundamente com seu *sulde*, e o grito do ilken foi cortado. Um golpe de sorte e corajoso.

Nesryn estava alcançando outra flecha e suprimentos quando o cavaleiro Darghan caiu.

Ele não estava morto – o ilken não estava morto, mas sim fingindo. O grito de dor do belo cavalo atravessou a noite enquanto garras rasgavam seu peito. Outra ataque e o esterno do cavaleiro foi triturado.

Nesryn procurou a pedra para acender o pano encharcado de óleo ao redor da ponta da flecha.

Para cima e para baixo no campo de batalha, os ilken atacavam. Cavaleiros, ambos equinos e rukhin, caíram.

E aparecendo na parte de trás do campo de batalha, como se esperassem por sua grande entrada, esperando para pegar o que restava deles, um novo tipo de escuridão se aproximou.

Os príncipes Valg. Em seus novos corpos kharankui. A surpresa final de Erawan.

Nesryn apontou e disparou sua flecha, procurando por Sartaq. O príncipe levava uma unidade de rukhin mais para dentro das linhas inimigas, Borte, Falkan e Yeran o ladeavam.

Uma última desesperada tentativa.

Uma da qual nenhum deles provavelmente andaria ou voaria para longe.



A respiração de Yrene estava apertada em sua garganta, seu coração era uma batida selvagem através de todo o seu corpo, mas o medo para o qual ela pensou que cederia não tinha assumido. Ainda não.

Não como quando Lysandra, em sua forma, pousou nas muralhas da cidade, o suficiente para que Yrene e Elide pudessem desmontar rapidamente. Exatamente onde Chaol e Dorian lutavam, um esforço desesperado para manter os Valg longe das paredes.

A menor das suas preocupações. Abatendo seu caminho para mais perto – aqueles eram ilken.

Silba salvou todos eles.

Chaol a viu primeiro. Seus olhos brilharam com puro terror.

— *Volte para o castelo.*

Yrene não fez isso. E quando Dorian se virou, ela disse ao rei:

— Precisamos de você, Sua Majestade.

Chaol empurrou a parede, mancando profundamente.

— *Volte para o castelo.*

Yrene ignorou-o novamente. Assim como Dorian quando o rei destruiu o Valg antes dele, empurrou o demônio sobre a parede e correu para Yrene.

— O que é?

Elide apontou para o portão sul. Para o fogo que se acendeu na escuridão do ataque.

O rosto salpicado de sangue de Dorian foi drenado de cor.

— Ela não tem mais nada.

— Nós sabemos — disse Elide, apertando a boca. — É por isso que precisamos de você.

Chaol deve ter percebido o plano antes do rei. Porque seu marido se virou para ela, escudo e espada pendurados ao lado do corpo.

— Você não pode.

Elide rapidamente, de maneira sucinta, explicou sua idéia imprudente e louca. A ideia da Lady de Perranth.

Yrene tentou não tremer. Tentou não tremer quando ela percebeu que eles estavam, de fato, prestes a fazer isso.

Mas Elide simplesmente subiu nas costas de couro da metamorfa e chamou o rei para segui-la. E Dorian, para seu crédito, não hesitou.

No entanto, Chaol deixou cair a espada e o escudo nas pedras ensanguentadas e agarrou o rosto de Yrene entre as mãos.

— Você não pode — ele disse novamente, a voz quebrando. — *Você não pode.*

Yrene colocou as mãos em cima de Chaol e trouxe-lhes a testa.

— Você é minha alegria — foi tudo o que ela disse para ele.

Seu marido, seu amigo mais querido, fechou os olhos. O cheiro de sangue e metal de Valg se agarrava a ele, e ainda sob ele – abaixo dele, esse era seu cheiro. O cheiro de casa.

Chaol finalmente abriu os olhos, o bronze deles tão vívido. Vivo. Totalmente vivo. Cheio de confiança, compreensão e orgulho.

— Vá salvar o mundo, Yrene — ele sussurrou, e beijou sua testa.

Yrene deixou aquele beijo afundar em sua pele, uma marca de proteção, de amor que ela levaria para o inferno e além dele.

Chaol se virou para onde Dorian estava sentado com Elide no topo da metamorfa, o amor no rosto do marido endurecendo em algo feroz e determinado.

— Mantenha-a segura — foi tudo o que Chaol disse. Talvez a única ordem, Yrene percebeu, que ele jamais daria ao seu rei. Ao rei deles.

Era por isso que ela o amava. Por que ela sabia que a criança em seu ventre nunca passaria um único momento se perguntando se era amada.

Dorian inclinou a cabeça.

— Com a minha vida. — Então o rei ofereceu uma mão para ajudar Yrene a subir nas costas de Lysandra. — Vamos fazer valer a pena.



O peito de Manon queimava a cada inspiração, mas Abraxos voou sem desfalecer através do combate corpo a corpo.

Muitos. Haviam muitos.

E os novos horrores que Morath desencadeara, os ilken entre eles...

Gritos e sangue encheram os céus. Crochan e Dentes de Ferro e Ruks – aqueles eram ruks – lutavam por sua própria existência.

Qualquer esperança de vitória que Aelin Galathynius trouxesse com ela estava se esvaindo.

Manon e Abraxos se chocaram contra as linhas das Dentes de Ferro, mergulhando para rasgar a infantaria e os soldados de infantaria. A Ceifadora de Vento estava pesada em sua mão. Ela não conseguia mais discernir seu suor de sangue.

A rainha de Terrasen tinha vindo, um exército com ela, e ainda não seria suficiente.



Lorcan sabia que Maeve tinha vindo. Podia sentir a presença dela em seus ossos, uma canção sombria e terrível através do mundo. Uma música Valg.

Ele lutou ao longo das muralhas da cidade, Whitethorn e Fenrys por perto, Aedion desencadeando-se de soldado a soldado com uma ferocidade que Lorcan sabia ter vindo de um sofrimento profundo e brutal.

Gavriel estava morto. Tinha morrido para dar ao seu filho e aos do portão oeste a chance de fechá-los novamente.

Lorcan afastou a pontada no peito ao pensar nisso. Que o Leão não existia mais. Qual deles seria o próximo?

A luz se alargou além da parede. E a escuridão devorou. Muito rapidamente, muito facilmente.

Aelin tinha que ser louca. Deve ter perdido toda a inteligência, se ela pensou que poderia enfrentar não apenas Maeve, mas Erawan também.

No entanto, Rowan parou. Teria sido atropelado por um soldado Valg se Lorcan não tivesse atirado uma adaga diretamente no rosto do demônio.

Com um aceno para Lorcan e Fenrys, Rowan mudou de forma, um falcão pairando instantaneamente sobre as paredes.

Lorcan olhou para Fenrys. Encontrou o macho eriçado. Consciente da mudança além das paredes. Já era tempo.

— Nós vamos terminar isso juntos — rosnou Fenrys, e mudou também, um lobo branco pulando saltando para fora das muralhas e nas ruas da cidade abaixo. Em direção ao portão.

Lorcan olhou para o castelo, onde ele sabia que Elide estava assistindo.

Ele disse sua despedida silenciosa, enviando o que restava de seu coração ao vento para a mulher que o salvara de todas as formas que importavam.

Então Lorcan correu para o portão – para a rainha das trevas que ameaçava tudo o que ele queria, que ele esperava. Ele tinha esperança. Descobriu que havia algo melhor lá fora. Alguém melhor.

E ele iria cair lutando para defender tudo isso.



Era uma dança, e uma para qual Aelin tinha passado toda a sua vida praticando.

Não apenas os movimentos de sua espada, seu escudo. Mas o sorriso que ela mantinha em seu rosto quando ela encontrava cada

explosão de escuridão, quando percebeu de novo e de novo quem eram seus parceiros de dança.

Onde avançavam um passo, Aelin enviava uma nuvem de fogo. Não deixou sua própria dúvida aparecer, não se atreveu a saber se eles poderiam dizer que o fogo era principalmente de cor e luz.

Eles ainda se esquivavam. Evitavam.

Esperando que ela mergulhasse fundo, para fazer aquele golpe mortal que eles anteciparam.

E embora seu fogo desviasse a escuridão, embora Goldryn fosse uma canção em chamas em sua mão, ela sabia que seu poder iria romper em breve.

As chaves se foram. Assim como a Portadora do Fogo.

Eles não teriam utilidade para ela. Nenhuma necessidade de escravizá-la, exceto para atormentá-la.

Poderia ir de qualquer jeito. Morte ou escravidão.

Mas não haveria chaves, nenhuma habilidade de Erawan para criar mais pedras de Wyrð, ou trazer seus Valgs para possuir outros.

Aelin atacou com Goldryn, avançando para Erawan enquanto levantava seu escudo contra Maeve. Ela enviou uma onda de chamas queimando por seus lados, juntando-os mais perto.

Erawan mandou de volta, mas Maeve parou. Parou enquanto Aelin saltou um passo, ofegando.

O cheiro acobreado de sangue cobria sua boca. Um arauto do esgotamento iminente.

Maeve observou a chama de Aelin chiar através da neve, derretendo-a até a grama seca de Theralis. Um mar ondulante de verde nos meses mais quentes. Agora uma ruína encharcada de sangue.

— Para uma deusa — disse Maeve, suas primeiras palavras desde que esta dança havia começado, minutos, horas ou uma eternidade atrás. — Você não parece tão disposta a nos ferir.

— Símbolos têm poder — Aelin ofegou, sorrindo enquanto virava Goldryn em sua mão, a chama sibilando pelo ar. — Derrubá-los rapidamente e vai arruinar o impacto. — Aelin elaborou todos os

fragmentos de arrogância e piscou para Erawan. — Ela quer que eu te use, você vê. Quer que eu te canse, então aqueles curandeiros no castelo podem acabar com você sem problemas.

— *Chega.* — Maeve apagou o poder e Aelin ergueu o escudo, desviando o ataque.

Mas por pouco. O impacto ondulou em seus ossos, seu sangue.

Aelin não se permitiu mais do que estremecer enquanto lançava um chicote de chamas em direção a Maeve, e a rainha negra dançou de volta.

— Apenas espere, ela vai fechar a armadilha em breve.

— Ela é uma mentirosa e uma tola — cuspiu Maeve. — Ela procura nos afastar porque sabe que podemos derrotá-la juntos. — Novamente, aquele poder sombrio se reuniu em torno de Maeve.

O rei sombrio apenas olhou para Aelin com aqueles olhos dourados e ardentes, e sorriu.

— De fato. Você...

Ele fez uma pausa. Aqueles olhos dourados ergueram-se acima de Aelin. Acima dos portões e da parede atrás dela. Para algo bem acima.

Aelin não se atreveu a olhar. Desviar sua atenção deles por tanto tempo. Ter esperança.

Mas os olhos dourados de Erawan brilharam. Brilharam... com raiva e talvez com uma centelha de medo.

Ele virou a cabeça para Maeve.

— Existem curandeiros naquele castelo.

— Claro que existem — retrucou Maeve.

No entanto, Erawan ficou quieto.

— Existem curandeiros *habilidosos* lá. Cheios de poder.

— Direto da Torre Cesme — disse Aelin, assentindo solenemente.

— Como eu lhe disse.

Erawan apenas olhou para Maeve. E essa dúvida voltou a cintilar.

Ele olhou para Aelin. Para o fogo dela, a espada dela. Ela inclinou a cabeça.

Erawan sussurrou para Maeve:

— Se ela falou a verdade, você é carniça.

E antes que Aelin pudesse reunir uma brasa, uma forma escura e vigorosa varreu a escuridão atrás de Erawan e o arrebatou. Um ilken.

Aelin não desperdiçou seu poder tentando derrubá-los, não com as defesas do ilken contra a magia. Não com Maeve rastreando Erawan enquanto ele era carregado para o céu. Sobre a cidade.

Contra dois governantes Valg, ela já deveria estar morta. Contra a fêmea antes dela, Aelin sabia que ainda era apenas uma questão de tempo. Mas se Yrene, se seus amigos, pudessem derrubar Erawan...

— Só nós, então — disse Maeve, com os lábios curvados naquele sorriso de aranha. O sorriso das criaturas horrendas que se lançaram em Orynth.

Aelin levantou Goldryn novamente.

— É exatamente assim que eu queria — disse ela. Verdade.

— Mas conheço o seu segredo, Herdeira do Fogo — Maeve cochichou e atacou novamente.

CAPÍTULO 112

No alto da torre mais alta do castelo de Orynth, na ampla sacada que dava para o mundo lá embaixo, a curandeira enviou outro sinal de poder.

O brilho branco queimou a noite, lançando as pedras da torre em total relevo.

Um farol, um desafio para o rei sombrio que lutava com Aelin Galathynius abaixo.

Aqui estou eu, o poder cantou durante a noite. Aqui estou.

Erawan respondeu.

Sua raiva, seu medo, seu ódio encheram o vento enquanto ele entrava, carregado nos membros desajeitados de um ilken. Ele sorriu para a jovem curandeira, cujas mãos brilhavam com pura luz, como se já estivesse provando seu sangue. Saboreando a destruição do que ela ofereceu, o presente que ela recebeu.

Sua pura presença fez as pessoas no castelo abaixo fugirem gritando.

Não a morte encarnada, mas algo muito pior. Algo quase tão antigo e quase tão poderoso.

O ilken varreu a torre, largando-o sobre as pedras do balcão.

Erawan aterrissou com a graça de um gato, quase sem fôlego enquanto se endireitava.

Enquanto ele sorria para ela.



— Eu nunca pensei que você faria isso, você sabe — disse Maeve, seu poder negro enrolando em torno dela enquanto Aelin ofegava.

Uma cãibra começou em suas costas e agora subia por sua espinha, descendo por suas pernas. — Que você seria tola o suficiente para colocar as chaves de volta no portão. O que aconteceu com aquela visão gloriosa que você me mostrou uma vez, Aelin? De vocês nesta mesma cidade, com suas massas adoradoras chorando o seu nome. Foi simplesmente muito chato para você ser reverenciada?

Aelin se recompôs a cada respiração, Goldryn ainda ardendo.

Deixe-a falar – deixe-a se vangloriar e divagar. Cada segundo que ela tinha para se recuperar, para recuperar uma fração de sua força, era uma bênção.

Erawan mordera a isca, deixará a dúvida que ela havia plantado criar raízes em sua mente. Ela sabia que era apenas uma questão de tempo até sentir o poder de Yrene. Ela apenas rezou para que Yrene Towers estivesse pronta para encontrá-lo.

— Eu sempre esperei que você e eu fôssemos iguais, de certa forma — continuou Maeve. — Que você, mais que Erawan, entendia a verdadeira natureza do poder. Do que significa exercê-lo. Que decepção que, no fundo, você queria ser tão comum.

O escudo se tornou insuportavelmente pesado. Aelin não se atreveu a olhar para trás para ver onde Erawan tinha ido. O que ele estava fazendo. Ela sentiu o ímpeto do poder de Yrene, ousou esperar que pudesse ser um sinal, uma atração, mas nada desde então. Ela havia arrastado Erawan para longe. O que era suficiente.

A escuridão ao redor de Maeve se contorceu.

— A rainha que foi prometida não existe mais — disse ela, estalando a língua. — Agora você não é nada além de um assassina com uma coroa. E o dom da magia de um plebeu.

Chicotes gêmeos de poder brutal dispararam para o lado de Aelin.

Levantando o escudo, balançando Goldryn com o seu outro braço, Aelin desviou, chama piscando.

O escudo se dobrou, mas Goldryn ficou firme.

Mas ela sentiu aquilo. A dor familiar e interminável. As sombras que poderiam devorar. Pressionando mais perto. Comendo o poder dela.

Maeve olhou para a espada flamejante.

— Esperto de você, imbuir a espada com seus próprios dons. Sem dúvida feito antes de você entregar tudo ao portar de Wyrd.

— Uma precaução, caso eu não volte — Aelin ofegou. — Uma arma para matar Valg.

— Vamos ver. — Maeve atacou novamente. Novamente.

Forçando Aelin a conceder um passo. Então outro.

De volta para a linha invisível que ela havia desenhado entre eles e o portão sul.

Maeve avançou, seus cabelos escuros e mantos ondulando.

— Você me negou duas coisas, Aelin Galathynius. As chaves que eu procurava. — Outro chicote de poder cortado por Aelin. Sua chama mal desviou desta vez. — E o grande duelo que me foi prometido.

Como se Maeve abrisse a tampa para um baú em seu poder, nuvens de escuridão irromperam.

Aelin golpeou com Goldryn, o fogo dentro da lâmina inalterado. Mas não foi suficiente. E quando Aelin recuou outro passo, uma daquelas plumas estalou por suas pernas.

Aelin não conseguiu parar o grito que se estilhaçou em sua garganta. Ela caiu, escudo espalhado na lama gelada.

O treinamento mantendo seus dedos cerrados em Goldryn.

Mas a pressão, insuportável e escorregadia, começou a empurrar em sua cabeça.

— Acorde.

O mundo mudou. Neve substituída pela luz do fogo. O chão por uma laje de ferro.

A pressão em sua cabeça se contorceu, e Aelin se inclinou sobre os joelhos, recusando-se a reconhecer. Real... essa batalha, a neve e o sangue, isso era real.

— Acorde, Aelin — sussurrou Maeve.

Aelin piscou. E se encontrou no caixão de ferro, Maeve inclinándose sobre a tampa aberta. Sorridente.

— Estamos aqui — disse a Rainha dos Feéricos.

Não feérica. Valg. Maeve era Valg...

— Você está sonhando — disse Maeve, passando um dedo pela máscara ainda presa ao rosto. — Esses estranhos sonhos errantes, Aelin.

Não. Não, tinha sido real. Ela conseguiu levantar a cabeça o suficiente para olhar para si mesma. Na forma e no corpo muito magro. As cicatrizes ainda estavam nela. Ainda lá. Não apagadas. Nenhuma pele nova.

— Eu posso tornar isso fácil para você — Maeve continuou, escovando o cabelo de Aelin para trás com carinhos suaves e amorosos. — Diga-me onde estão as chaves de Wyrd, faça o juramento de sangue, e essas correntes, esta máscara, esta caixa... tudo isso irá embora.

Eles ainda não haviam começado. A despedaçá-la.

Tudo aquilo era um sonho. Um longo pesadelo. As chaves permaneciam livres, o Fecho não era válido.

Um sonho, enquanto eles navegavam até lá. Onde quer que fosse.

— O que você diz, sobrinha? Você vai poupar a si mesma? Ceder para mim?

Você não cede.

Aelin piscou.

— É mais fácil, não é — Maeve ponderou, apoiando seus antebraços contra a borda do caixão. — Permanecer aqui. Para você não precisar fazer escolhas tão terríveis. Deixar os outros compartilharem o fardo. Suportar seu custo. — Uma sugestão de um sorriso. — No fundo, é isso que te assombra. Esse desejo de ser livre.

Liberdade, ela conhecia isso. Não conhecia?

— É o que você mais teme, não eu, ou Erawan, ou as chaves. Que o *seu* desejo de estar livre do peso de sua coroa, do seu poder, irá consumir você. Irá amargura-lá até não reconhecer seu próprio eu. — Seu sorriso se alargou. — Eu quero poupar você disso.

Comigo, você será livre de uma maneira que você nunca imaginou, Aelin. Eu juro.

Um juramento.

Ela havia feito um juramento. Para Terrasen. Para Nehemia. Para Rowan.

Aelin fechou os olhos, afastando a rainha acima dela, a máscara, as correntes, a caixa de ferro.

Irreal.

Isso não era real.

Não era?

— Eu sei que você está cansada — continuou Maeve, gentil e persuasiva. — Você deu, deu e deu, e ainda não foi o suficiente. Nunca será suficiente para eles, será?

Não seria. Nada que ela já fizera ou faria seria o suficiente. Mesmo se ela salvasse Terrasen, salvasse Erilea, ela ainda precisaria dar mais, fazer mais. O peso disso já havia a esmagado.

— Cairn — disse Maeve.

Passos calmos soavam nas proximidades. Arrastando na pedra. Tremores a sacudiram, incontroláveis e sem som. Ela conhecia a marcha, sabia...

O rosto odioso e zombeteiro de Cairn apareceu ao lado de Maeve, os dois estudando-a.

— Como devemos começar, Majestade?

Ele falou as palavras para ela. Eles haviam feito essa dança tantas vezes.

Bile cobriu sua garganta. Ela não conseguia parar de tremer. Ela sabia o que ele faria, como ele iria começar. Nunca pararia de sentir isso, o sussurro da dor.

Cairn passou a mão pela borda do caixão.

— Eu quebrei uma parte de você, não é?

Eu te nomeio Elentiya, Espírito que não pode ser quebrado.

Aelin traçou seus dedos incrustados de metal sobre a palma da mão. Onde uma cicatriz deveria estar. Onde ainda estava. Ficaria para sempre, mesmo que ela não pudesse ver.

Nehemia... Nehemia, que dera tudo para Eyllwe. E ainda...
E, no entanto, Nehemia ainda sentia o peso de suas escolhas.
Ainda queria estar livre de seus fardos.

Isso não havia tornado ela fraca. Nem um pouco.

Cairn examinou seu corpo acorrentado, avaliando por onde ele iria começar. Sua respiração se aguçou em deleite antecipado.

Suas mãos se fecharam em punhos. O ferro gemeu.

Espírito que não pode ser quebrado.

Você não cede.

Ela suportaria aquilo novamente, se fosse preciso. Ela faria isso.

Cada hora brutal e cada pedaço de agonia. E doeria e ela gritaria, mas enfrentaria. Sobreviveria contra isso.

Arobynn não a havia quebrado. Nem Endovier.

E ela não permitiria que esse desperdício de existência o fizesse agora.

Os tremores aliviaram, seu corpo se acalmando. Esperando.

Maeve piscou para ela. Só uma vez.

Aelin respirou fundo – afiada e fria.

Ela não queria que acabasse. Qualquer coisa.

Cairn desapareceu no vento. E então as correntes desapareceram com ele.

Aelin sentou-se no caixão. Maeve recuou um passo.

Aelin examinou a ilusão, tão artisticamente trabalhada. A câmara de pedra, com seus braseiros e o gancho do teto. O altar de pedra. A porta aberta e rugido do rio além.

Ela se obrigou a olhar. Para enfrentar aquele lugar de dor e desespero. Sempre deixaria uma marca, uma mancha nela, mas ela não deixaria que isso a definisse.

Ela não era uma história de trevas.

Esta não seria a história. Ela ia guardar em si mesma, esse lugar, esse medo, mas essa não seria toda a história. Não seria a história dela.

— Como — Maeve simplesmente perguntou.

Aelin conhecia o mundo e o campo de batalha que estava além delas. Mas ela se permitiu ficar na câmara de pedra. Subiu no caixão de ferro.

Maeve apenas olhou para ela.

— Você deveria ter sabido melhor — disse Aelin, as brasas persistentes dentro dela brilhando. — Você, que temia o cativo e fez tudo isso para evitá-lo. Você deveria saber melhor do que me prender. Deveria saber que eu encontraria um jeito.

— Como — Maeve perguntou novamente. — Como você não quebrou?

— Porque eu não tenho medo — disse Aelin. — Seu medo de Erawan e de seus irmãos te levou, destruiu você. Se é que havia alguma coisa que valesse a pena destruir.

Maeve sibilou e Aelin riu.

— E então havia o seu medo de Brannon. De mim. Veja o que isso provocou. — Ela gesticulou para o quarto ao redor delas, o mundo além dele. — Isso é tudo o que você terá de Doranelle. Esta ilusão.

O poder de Maeve roncou pela sala.

Os lábios de Aelin se afastaram dos dentes.

— Você machucou meu parceiro. Machucou a mulher que você o fez pensar que era sua parceira. a Matou e o quebrou.

Maeve sorriu levemente.

— Sim, e eu aproveitei cada momento.

Aelin respondeu ao sorriso da rainha com um dos seus.

— Você esqueceu o que eu te disse naquela praia em Eyllwe?

Quando Maeve simplesmente piscou para ela novamente, Aelin atacou.

Explodindo com um escudo de fogo, ela levou Maeve para o lado e jogou uma lança de fogo azul.

Maeve evitou o ataque com uma muralha de poder sombrio, mas Aelin partiu para a ofensiva, atacando de novo e de novo e de novo. Aquelas palavras que ela gritou para Maeve em Eyllwe soaram entre elas: *Eu vou te matar.*

E ela o faria. Pelo que Maeve tinha feito, com ela, com Rowan e Lyria, com Fenrys, Connall e tantos outros, ela a limparia da memória.

Metade de um pensamento e Goldryn estava novamente em sua mão, a lâmina cantando em chamas.

Mesmo que tomasse seus últimos suspiros, ela iria acabar isso.

Maeve a encontrou a cada golpe e elas queimaram e se enfureceram pelo quarto.

O altar quebrou. Derreteu.

O gancho do teto se dissolveu em minério derretido que assobiou nas pedras.

Ela detonou o local onde Fenrys se sentara, acorrentado por laços invisíveis.

De novo e de novo, as últimas brasas de seu fogo se reunindo, suor escorrendo em sua testa, Aelin atacou Maeve.

O caixão de ferro aqueceu, brilhando vermelho. Só aqui, nesta ilusão, ela poderia fazê-lo.

Maeve pensou em aprisioná-la mais uma vez.

Mas a rainha não iria embora desta vez.

Aelin girou, trazendo Maeve de volta. Para o caixão fumegante.

Passo a passo, ela a pressionou para isso. Arrebanhando ela.

A escuridão se espalhou pela sala, bloqueando a chuva de flechas de fogo que atingiram Maeve, e a rainha se atreveu a olhar por cima do ombro para o destino quente que a esperava.

O rosto de Maeve ficou mais branco que a morte.

Aelin soltou uma risada e angulou Goldryn, reunindo seu poder uma última vez.

Mas um lampejo de movimento chamou sua atenção – para a direita.

Elide.

Elide ficou ali, com terror escrito sobre suas feições. Ela estendeu a mão para Aelin em aviso.

— Assista.

Maeve enviou um chicote preto para a dama de Perranth.

Não...

Aelin investiu, fogo saltando para Elide, para bloquear aquele golpe fatal.

Ela percebeu seu erro em um piscar de olhos. Percebeu quando suas mãos passaram pelo corpo de Elide e a sua amiga desapareceu.

Uma ilusão. Ela havia caído em uma ilusão e baixado sua guarda, vulnerável.

Aelin voltou-se para Maeve, as chamas subindo novamente, mas tarde demais.

As mãos da sombra envolveram sua garganta. Imóveis. Eternas.

Aelin arqueou, ofegando por um pouco de ar quando aquelas mãos apertaram e apertaram...

A câmara se dissipou. As pedras abaixo dela se tornaram lama e neve, o rugido do rio foi substituído pelo barulho da batalha. Eles brilharam entre uma batida do coração e a próxima, entre a ilusão e a verdade. Ar quente para o vento amargo, a vida para a morte certa.

Aelin envolveu as mãos em chamas, rasgando a sombra em volta de sua garganta.

Maeve estava diante dela, com as vestes ondulando enquanto ofegava.

— Aqui está o que vai acontecer, Aelin Galathynius.

Plumas de sombra dispararam para ela, estalando e rasgando, e nenhuma chama, nenhuma quantidade de pura vontade poderia mantê-las afastadas. Não quando se apertaram, arrancando qualquer fôlego para gritar.

Seu fogo gotejou.

— Você vai jurar o juramento de sangue para mim. E então você e eu consertaremos essa bagunça que você fez. Você e o Rei de Adarlan consertarão o que você fez. Você pode não ser mais a Portadora de Fogo, mas você ainda terá utilidade.

Um vento gelado passou por ela. *Não.*

Outro flash de luz atrás de Aelin e Maeve fez uma pausa.

As sombras se apertaram e Aelin arqueou novamente, um grito silencioso rompendo-a.

— Você pode estar se perguntando por que eu acho que você concordaria com isso. O que eu posso ter contra você. — Uma risada baixa. — As mesmas coisas que você procura proteger – é isso que eu devo destruir, se você me desafiar. O que é mais precioso para você. E quando terminar de fazer isso, você vai se ajoelhar.

Não. Não...

A escuridão pulsou de Maeve, e a visão de Aelin vacilou.

Uma onda de vento gelada soprou de volta.

Apenas o suficiente para ela respirar fundo. Para levantar a cabeça e ver a mão tatuada que agora se estendia para ela. Alcançando ela... uma oferta para se erguer. Rowan.

Atrás dele, outros dois apareceram. Lorcan e Fenrys, o último em forma de lobo.

A equipe, que não havia parado naquele dia para ajudá-la em Defesa Nebulosa – mas que o fazia agora.

Mas Rowan manteve a mão estendida para Aelin, aquela oferta para permanecer firme, e não tirou os olhos de Maeve mostrando seus dentes e rosnando.

Mas foi Fenrys quem atacou primeiro. Quem estava esperando por este momento, esta oportunidade.

Com as presas à mostra, a pele arrepiada, ele atacou Maeve. Indo diretamente para sua garganta pálida.

Aelin lutou e Rowan gritou sua advertência, mas era tarde demais.

Perdido em sua vingança, sua fúria, o lobo branco pulou para Maeve. Um chicote de escuridão cortou por ele.

O grito de dor de Fenrys ecoou pelos ossos de Aelin antes que ele caísse no chão. Sangue vazou da ferida – um corte profundo no rosto dele.

Tão rápido. Apenas mais que um piscar de olhos.

O poder de Rowan e Lorcan aumentou, se juntando para atacar. Fenrys lutou para ficar de pé. Mais uma vez, a escuridão se

apoderou dele. Rasgou seu rosto. Como se Maeve soubesse exatamente onde atacar.

Fenrys caiu novamente, sangue espirrando na neve. Um flash de luz, e ele mudou para sua forma feérica. O que ela fez no rosto dele...

Não. Não...

Aelin conseguiu reunir ar suficiente para gritar:

— *Corra.*

Rowan olhou para ela então. Avisando.

Assim como Maeve que atacou mais uma vez.

Como se ela estivesse segurando seu poder... esperando por eles. Por isso.

Uma onda de escuridão envolveu seu parceiro. Lorcan e Fenrys também foram envolvidos.

A magia deles acendeu, iluminando a escuridão como um raio atrás de uma nuvem. No entanto, não foi suficiente para eles libertarem-se do aperto de Maeve. Gelo e vento sopravam contra ela, de novo e de novo. Greves brutais e calculadas.

O poder de Maeve inchou.

O gelo e o vento pararam. A outra magia dentro da escuridão parou. Como se tivessem sido engolidos.

E então eles começaram a gritar.

Rowan começou a gritar.

CAPÍTULO 113

Erawan ofegou quando se aproximou.

— Curandeira — ele respirou, seu poder profano emanando dele como uma aura negra.

Ela recuou um passo, mais perto do corrimão da varanda. O rei das trevas a seguiu, um predador se aproximando de uma presa há muito esperada.

— Você sabe quanto tempo eu procurei por você? — O vento jogou seus cabelos dourados. — Você sabe o que você pode fazer?

Ela hesitou, batendo na grade da sacada atrás dela, a queda tão horrivelmente interminável.

— Como você acha que pegamos as chaves em primeiro lugar? — Um sorriso odioso e horrível. — No meu mundo, o seu tipo existe também. Não são curandeiras para nós, mas carrascos. Donzelas da morte. Capazes de curar – mas também de não curar. Desatando o próprio tecido da vida. Dos mundos. — Erawan sorriu. — Então nós levamos o seu tipo. Usamos eles para desvincular o portal de Wyrđ. Para rasgar os três pedaços dele de sua própria essência. Maeve nunca aprendeu – e nunca irá aprender. — Sua respiração irregular se aprofundou enquanto saboreava cada palavra, cada passo mais perto. — Foram preciso todos eles para cortar as chaves do portão – cada um dos curandeiros entre os meus. Mas você, com seus dons, só levaria você para fazê-lo novamente. E agora as chaves voltaram para o portão... — Outro sorriso. — Maeve pensa que eu parti para te matar, te destruir. Sua pequena Rainha do Fogo também acha isso. Ela não podia conceber que eu queria encontrar você. Antes de

Maeve. Antes que qualquer dano pudesse acontecer a você. E agora que eu a tenho... Que diversão você e eu teremos, Yrene Towers.

Outro passo mais perto. Mas nenhum outro.

Erawan ficou parado. Tentou e não conseguiu se mover.

Então olhou para as pedras da varanda. Na maldita marca pela qual ele atravessou, muito focado em sua presa para perceber.

Uma marca de Wyrđ. Para segurar. Para prender.

A jovem curandeira sorriu para ele, e a luz branca em torno de suas mãos piscou quando seus olhos mudaram de ouro para safira.

— Eu não sou Yrene.



Erawan sacudiu a cabeça para o céu enquanto Lysandra, em sua forma Ruk, veio varrendo a torre de onde ela estava se escondendo do outro lado, Yrene agarrada em suas garras.

O poder de Erawan inchou, mas Yrene já estava brilhando, brilhando como o amanhecer distante.

Lysandra abriu as garras, deixando cair Yrene delicadamente nas pedras da sacada, a luz saindo dela enquanto corria diretamente para Erawan.

Dorian se transformou de volta para seu próprio corpo, a luz curativa jorrando dele também, enquanto ele rodeava seu poder ao redor da marca de Wyrđ que segurava Erawan. A porta da torre se abriu, Elide voou para fora ao mesmo tempo que Lysandra mudou de forma, pousando com os pés silenciosos de um leopardo fantasma na sacada.

Erawan não parecia saber onde olhar. Não quando Dorian enviou um soco de sua luz de cura que o desequilibrou. Não quando Lysandra saltou sobre o rei escuro, imobilizando-o nas pedras.

Não quando Elide, com Damaris em suas mãos, mergulhou a lâmina profundamente através do intestino de Erawan, e entre as pedras abaixo.

Erawan gritou. Mas o som não era nada comparado ao que saiu dele quando Yrene o alcançou, mãos como estrelas em chamas, e

bateu-as em seu peito.

O mundo desacelerou e entortou.

No entanto, Yrene não estava com medo.

Não tinha medo de toda a luz branca ofuscante que irrompeu dela, queimando em Erawan.

Ele arqueou, gritando, mas Damaris o segurou, aquela antiga lâmina inabalável.

Seu poder sombrio cresceu, uma onda para devorar o mundo.

Yrene não deixou o poder tocar nela. Em qualquer um deles.

Esperança.

Era a esperança que Chaol dissera que Yrene levava com ela. Esperança que agora crescia em seu ventre.

Por um futuro melhor. Por um mundo livre.

Foi a esperança que guiou duas mulheres em extremos opostos do continente há dez anos. Esperança que tinha orientado a mãe de Yrene a pegar aquela faca e matar o soldado que teria queimado Yrene viva. Esperança que tinha guiado Marion Lochan quando ela escolheu ganhar tempo para uma jovem herdeira correr pela própria vida.

Duas mulheres que nunca se conheceram, duas mulheres que o mundo considerou comuns. Duas mulheres, Josefin e Marion, que haviam escolhido a esperança em face da escuridão.

Duas mulheres, no final, que os ganharam esse momento. Essa chance em um futuro.

Por elas, Yrene não estava com medo. Pela a criança que ela carregava, ela não estava com medo.

Pelo o mundo que ela e Chaol construiriam para aquela criança, ela não estava com medo.

Os deuses poderiam ter ido embora, Silba com eles, mas Yrene podia jurar que sentiu aquelas mãos quentes e gentis a guiando. Empurrando o peito de Erawan enquanto ele se debatia, a força de mil sóis escuros tentando destruí-la.

Seu poder rasgou todos eles.

Rasgou e rasgou e rasgou ele, o verme se contorcendo que estava por dentro.

O parasita. A infecção que se alimentou de vida, de força, de alegria.

Distante, longe, Yrene sabia que ela era incandescente como a luz, mais brilhante que um sol do meio-dia. Sabia que o rei sombrio sob ela não era nada mais do que um poço de serpentes se contorcendo, mordendo-a, tentando envenenar sua luz.

Você não tem poder sobre mim, Yrene disse a ele. No corpo que abrigava aquele parasita de parasitas.

Eu vou te despedaçar, ele assobiou. *Começando com esse bebê em sua...*

Um pensamento e o poder de Yrene ficou ainda mais brilhante.

Erawan gritou.

O poder da criação e destruição. Era isso que estava dentro dela.

Doadora de vida. Criadora de Mundos.

Pouco a pouco, ela o queimou. Começando pelos seus membros, trabalhando para dentro.

E quando a magia dela começou a diminuir, Yrene estendeu a mão.

Ela não sentiu a dor da palma de sua mão sendo cortada.

Apenas sentiu a pressão da mão calejada que se ligava à dela.

Mas quando a magia pura de Dorian Havilliard caiu dentro dela, Yrene ofegou.

Ofegou e se transformou em luz das estrelas, em calor e força e alegria.



O poder de Yrene era a própria vida. Vida pura e não diluída.

Quase trouxe Dorian de joelhos quando encontrou com o seu próprio poder. Ao entregar seu poder a ela, de bom grado e feliz, Erawan se prostrou diante deles. Empalado.

O rei demônio gritou.

Feliz. Ele deveria estar contente com essa dor, aquele grito. O fim que certamente estava por vir.

Por Adarlan, por Sorscha, por Gavin e Elena. Por todos eles, Dorian deixou seu poder fluir através de Yrene.

Erawan se debatia, seu poder subindo apenas para atacar uma parede de luz impenetrável.

E, no entanto, Dorian se viu dizendo:

— O nome dele.

Yrene, focada na tarefa diante dela, olhou de relance para ele.

Mas Erawan, através de seus gritos, encontrou o olhar de Dorian.

O ódio nos olhos do rei demônio era suficiente para devorar o mundo.

Mas Dorian disse:

— O nome do meu pai — sua voz não vacilou. — Você o pegou.

Ele não percebeu que ele queria. Que precisava tanto disso.

Um homem patético e covarde, Erawan fervilhava. *Como você é...*

— Diga-me o nome dele. Devolva.

Erawan riu através de seus gritos. *Não.*

— Devolva.

Yrene olhou para ele agora, dúvida em seus olhos. Sua magia pausou – apenas por uma batida de um coração.

Erawan saltou, seu poder em erupção.

Dorian explodiu de volta, e se lançou para o rei demônio. Para Damaris.

O grito de Erawan ameaçou quebrar as pedras do castelo enquanto Dorian empurrava a lâmina mais fundo. Torcendo. Enviando o poder deles afunilando através dele.

— Diga-me o nome dele — ele ofegou entre os dentes. Yrene, agarrando-se a sua outra mão, murmurou sua advertência. Dorian mal ouviu.

Erawan apenas riu de novo, sufocando enquanto o poder deles o queimava.

— Isso importa? — Yrene perguntou suavemente.

Sim. Ele não sabia porque, mas importava.

Seu pai havia sido varrido do Além-Mundo, de todos os domínios da existência, mas ele ainda podia ter seu nome devolvido a ele.

Se apenas para pagar a dívida. Se apenas Dorian pudesse conceder ao homem algum fragmento de paz.

O poder de Erawan avançou contra eles novamente. Dorian e Yrene empurraram de volta.

Agora. Tinha que ser agora.

— Diga-me o seu nome — rosnou Dorian.

Erawan sorriu para ele. *Não.*

— Dorian — avisou Yrene. O suor deslizou pelo rosto dela. Ela não podia segurá-lo por muito mais tempo. E arriscar ela...

Dorian enviou o poder deles ondulando pela lâmina. O punho de Damaris brilhava.

— Conte-me.

É o seu próprio.

Os olhos de Erawan se arregalaram quando as palavras saíram dele. Quando Damaris tirou isso dele. Mas Dorian não se maravilhou com o poder da espada.

O nome do pai dele...

Dorian.

Tomei seu nome, cuspiu Erawan, contorcendo-se enquanto as palavras fluíam de sua língua sob o poder de Damaris. Eu limpei da existência. No entanto, ele se lembrou uma vez. Apenas uma vez. A primeira vez que ele viu você.

Lágrimas deslizaram pelo rosto de Dorian diante daquela verdade insuportável.

Talvez seu pai tivesse inconscientemente escondido seu nome dentro dele, um último núcleo de desafio contra Erawan. E nomeou seu filho para esse desafio, um marcador secreto que o homem dentro ainda lutava. Nunca havia parado de lutar.

Dorian. O nome do meu pai.

Dorian soltou o punho de Damaris.

A respiração de Yrene ficou irregular. Agora, tinha que ser agora.

Mesmo com o rei Valg à sua frente, algo no peito de Dorian aliviou. Curado.

Então Dorian disse para Erawan, suas lágrimas queimando sob o calor de sua magia.

— Eu destruí sua fortaleza. — Ele sorriu selvagememente. — E agora nós vamos destruí-lo também.

Então ele acenou para Yrene.

Os olhos de Erawan brilharam como carvão quente. E Yrene liberou seu poder mais uma vez.



Erawan não pôde fazer nada. Nada contra essa magia pura, unindo-se a de Yrene, entrelaçando-se nesse poder de fazer mundos.

A cidade inteira, a planície, tornou-se incrivelmente brilhante. Tão brilhante que Elide e Lysandra protegeram os olhos. Até Dorian fechou os dele.

Mas Yrene viu então. O que estava no núcleo de Erawan.

A criatura distorcida e odiosa por dentro. Velho e fervendo, pálido como a morte. Pálido, de uma eternidade na escuridão tão completa que nunca havia visto a luz do sol.

Nunca tinha visto a luz dela, que agora escaldava sua carne antiga e branca como a lua.

Erawan se contorceu, contorcendo-se no chão do que quer que este lugar estivesse dentro dele.

Patético, Yrene simplesmente disse.

Olhos dourados queimavam, cheios de raiva e ódio.

Mas Yrene apenas sorriu, convocando o rosto adorável de sua mãe para o coração dela. Mostrando para ele.

Desejando saber como a mãe de Elide tinha parecido para que ela pudesse mostrar a ele Marion Lochan também.

As duas mulheres que ele matou, direta ou indiretamente, e nunca pensou duas vezes sobre isso.

Duas mães, cujo amor por suas filhas e esperança por um mundo melhor, eram maiores do que qualquer poder que Erawan pudesse

exercer. Maior que qualquer chave de Wyrd.

E foi com a imagem de sua mãe ainda brilhando diante dele, mostrando-lhe o erro que ele nunca tinha conhecido que fez, que Yrene cerrou os dedos em um punho.

Erawan gritou.

Os dedos de Yrene se apertaram mais e distantemente, ela sentiu sua mão física fazendo o mesmo. Sentiu a picada de suas unhas cortando suas palmas.

Ela não ouviu os pedidos de Erawan. Suas ameaças.

Ela apenas apertou o punho. Mais e mais.

Até que ele não era nada além de uma chama escura dentro dela.

Até que ela apertou o punho, uma última vez, e aquela chama escura apagou.

Yrene teve a sensação de cair, de cair de volta em si mesma. E ela estava realmente caindo, balançando de volta no corpo peludo de Lysandra, sua mão escorregando de Dorian.

Dorian se lançou para a mão dela para renovar o contato, mas não havia necessidade.

Não há necessidade de seu poder, ou de Yrene.

Não quando Erawan, olhos dourados abertos e sem ver como eles olhavam para o céu noturno acima, cediam às pedras da sacada.

Não como sua pele ficou cinza, então começou a murchar, a decair.

Uma vida apodrecendo por dentro.

— Queime — Yrene raspou, uma mão indo para sua barriga. Um pulso de alegria, uma centelha de luz, respondeu de volta.

Dorian não hesitou. Chamas saltaram, devorando o corpo em decadência diante deles.

Eles eram desnecessários.

Antes mesmo de começar a transformar suas roupas em cinzas, Erawan se dissolveu. Um pouco de carne e ossos frágeis.

Dorian queimou ele de qualquer maneira.

Eles assistiram em silêncio enquanto o rei Valg se convertia em cinzas.

Como um vento de inverno varreu a varanda da torre, e levou-as longe, muito longe.

CAPÍTULO 114

Ela estava morta.

Aelin estava morta.

Seu corpo sem vida tinha sido cravado nos portões de Orynth, com o cabelo raspado no couro cabeludo.

Rowan se ajoelhou diante dos portões, os exércitos de Morath passando por ele. Não era real. Não era possível. No entanto, o sol aqueceu seu rosto. O cheiro da morte encheu seu nariz.

Ele rangeu os dentes, se libertando, para longe desse lugar. Desse pesadelo acordado.

Mas o sonho não vacilou.

Uma mão roçou seu ombro, suave e pequena.

— Você trouxe isso para si mesmo, você sabe — disse uma voz feminina cadenciada.

Ele conhecia aquela voz. Nunca se esqueceria dela.

Lyria.

Ela ficou atrás dele, olhando para Aelin. Vestida com a armadura escura de Maeve, seu cabelo castanho trançado para trás de seu rosto delicado e adorável.

— Você também trouxe isso sobre ela, suponho — sua parceira... sua parceira de mentira refletiu.

Morta. Lyria estava morta era Aelin quem deveria sobreviver...

— Você ia escolher ela ao invés de mim? — Lyria exigiu, seus olhos castanhos se enchendo. — É o tipo de macho que você se tornou?

Ele não conseguiu encontrar nenhuma palavra, nada para explicar, para se desculpar.

Aelin estava morta.
Ele não conseguia respirar. Não queria.



Connall estava sorrindo para ele.

— Tudo o que aconteceu comigo foi por sua causa.

Ajoelhando-se naquela varanda em Doranelle, em um palácio que ele esperava nunca mais ver, Fenrys lutou contra a bile que subia em sua garganta.

— Eu sinto muito.

— Desculpe, mas você mudaria? Eu era o sacrifício que você estava disposto a fazer para conseguir o que queria?

Fenrys sacudiu a cabeça, mas de repente era a cabeça de um lobo... o corpo que ele outrora amou com tanto orgulho e ferocidade. A forma de um lobo – sem capacidade de falar.

— Você levou tudo o que eu sempre quis — continuou seu gêmeo. — Tudo. Você ficou de luto por mim? Sequer se importou?

Ele precisava dizer a ele – dizer a seu irmão gêmeo tudo o que ele queria dizer, queria ter sido capaz de falar. Mas a língua daquele lobo não podia falar a linguagem dos homens e feéricos. Sem voz.

Ele não tinha voz.

— Estou morto por sua causa — respirou Connall. — Eu sofri por sua causa. E nunca vou esquecer isso.

Por favor. A palavra queimou em sua língua. Por favor..



Ela não podia suportar aquilo.

Rowan ajoelhado ali, gritando.

Fenrys soluçando em direção aos céus escuros.

E Lorcan... Lorcan em absoluto silêncio, os olhos cegos enquanto algum incontável horror se desenrolava.

Maeve cantarolou para si mesma.

— Você vê o que eu posso fazer? Como eles são impotentes?

Rowan gritou mais alto, os tendões do pescoço inchados. Lutando contra Maeve com tudo o que ele tinha.

Ela não aguentava aquilo. Não podia suportar.

Não era ilusão, não havia sonho. Isso, a dor deles... era real.

Os poderes Valg de Maeve, sendo finalmente revelados. O mesmo poder infernal que os príncipes Valg possuíam. O mesmo poder que ela suportou. Derrotado com chama.

Mas ela não tinha nenhuma chama para ajudá-los. Nenhuma sequer.

— Na verdade, não há mais nada que você possa negociar — Maeve disse simplesmente. — A não ser você mesma.

Tudo menos isso. Tudo menos isso.



— Você é nada.

Elide estava diante dele, as altas torres de uma cidade que Lorcan nunca tinha visto, a cidade que deveria ter se tornado a sua casa, acenando no horizonte. O vento açoitava o cabelo escuro dela, tão frio quanto a luz em seus olhos.

— Um ninguém nascido bastardo — ela continuou. — Você acha que eu ficaria com você?

— Eu acho que você pode ser minha parceira — ele disse asperamente.

Elide riu.

— Parceira? Por que você pensaria que você tem direito a tal coisa depois de tudo que fez?

Não poderia ser real – não era real. E ainda aquela frieza no rosto dela, a distância...

Ele tinha ganhado isso. Merecia isso.



Maeve os examinou, os três machos que haviam sido seus escravos, perdidos no seu poder sombrio enquanto ela rasgava suas mentes, suas memórias e ria.

— Uma pena o que aconteceu com Gavriel. Pelo menos ele caiu nobremente.

Gavriel...

Maeve se virou para ela.

— Você não sabia, não é? — Um clique de sua língua. — O Leão não rugirá mais, sua vida foi o preço pedido por defender seu filhote.

Gavriel estava morto. Ela sentiu a verdade nas palavras de Maeve. Deixou as perfurar um buraco no seu coração.

— Você não podia salvá-lo, ao que parece — continuou Maeve. — Mas você pode salvá-los.

Fenrys gritou. Rowan ficou em silêncio, seus olhos verdes vazios. O que quer que ele tinha visto o levou do grito, para além do choro.

Dor. Dor indizível e inimaginável. Como a que ela havia suportado... e talvez pior.

E ainda...

Aelin não deu tempo a Maeve para reagir. Ou tempo de até virar a cabeça quando ela agarrou Goldryn onde estava ao lado dela e atirou contra a rainha.

Errando Maeve por uma pategada, a rainha Valg se contorceu para o lado antes que a lâmina se enterrasse no meio da neve, fumegando por onde pousou. Ainda queimando.

Era tudo o que Aelin precisava.

Ela atacou, chamas se espalhando pelo mundo.

Mas não para Maeve.

Ele bateu em Rowan, em Fenrys e em Lorcan. Golpeando seus ombros, com força e profundo.

Queimando eles. Marcando-os.



Aelin estava morta. Ela estava morta e ele falhou com ela.

— Você é um macho menor — disse Lyria, ainda estudando o portão onde o corpo de Aelin oscilava. — Você merece isso. Depois do que fizeram comigo, você merece isso.

Aelin estava morta.

Ele não queria viver neste mundo. Nem por um batimento cardíaco.

Aelin estava morta. E ele...

Seu ombro se contorceu. E então queimou.

Como se alguém tivesse pressionado uma marca para isso. Uma marca muito quente.

Uma chama.

Ele olhou para baixo, mas não viu nenhuma ferida.

Lyria continuou:

— Você só traz sofrimento para aqueles que ama.

As palavras soavam distantes. Secundárias aquela ferida ardente.

Ela chamuscou de novo, uma ferida fantasma, uma lembrança...

Não era uma memória. Não era uma memória, mas uma tábua de salvação jogada no escuro. Em uma ilusão.

Uma âncora.

Como ele havia a ancorado uma vez, puxando-a do aperto de um príncipe Valg.

Aelin.

Suas mãos se enrolaram ao lado do corpo. Aelin, que conhecia o sofrimento como ele. A quem havia sido mostrada vidas pacíficas e que ainda havia escolhido ele, exatamente como ele era, pelo que ambos haviam suportado. Ilusões – isso tinha sido ilusões.

Rowan rangeu os dentes. Sentiu aquela coisa enrolada em sua mente. Mantendo ele em um cativeiro.

Ele soltou um grunhido baixo.

Ela já havia feito isso – feito isso antes. Rasgado sua mente. Tinha torcido e tirado a coisa que ele tinha de mais importante. Aelin.

Ele não deixaria que ela tirasse novamente.



Lorcan rugiu com a marca que rasgou seus sentidos, através das palavras zombeteiras de Elide, através da imagem de Perranth, o lar

que ele tanto queria e que talvez nunca visse.

Rugiu e o mundo ondulou. Tornou-se neve, escuridão e batalha.

E Maeve. Posicionada diante deles, seu rosto pálido estava lívido.

Seu poder se lançou para ele, uma pantera impressionante...

Elide estava agora deitada em uma cama grande e opulenta, a mão ressequida alcançando a dele. Uma mão envelhecida, crivada de marcas, as delicadas veias azuis se entrelaçando como os muitos rios ao redor de Doranelle.

E o rosto dela... Seus olhos escuros estavam transparentes, suas rugas profundas. Seu cabelo branco como a neve.

— Esta é uma verdade que você não pode superar — disse ela, com a voz rouca. — Uma espada acima de nossas cabeças.

Seu leito de morte. Isso é o aquilo era. E a mão que ele roçou contra a dela – permanecia jovem. Ele havia permanecido jovem.

Bile subiu a sua garganta.

— Por favor. — Ele colocou a mão no peito, como se fosse parar com as rachaduras implacáveis.

Uma dor latejante e fraca respondeu de volta.

As respirações de Elide raspavam contra seus ouvidos. Ele não podia assistir isso, não podia...

Ele enfiou a mão com mais força no peito. Para a dor lá.

Vida – a vida era dor. Dor e alegria. Alegria por causa da dor.

Ele viu no rosto de Elide. Em cada linha e marca de idade. Em todo o cabelo branco. Uma vida vivida juntos. A dor da despedida por causa de como foi maravilhoso.

A escuridão além de diluída. Lorcan enfiou a mão no ferimento em chamas em seu ombro.

Elide soltou uma tosse seca que o destruiu, mas ele tomou em seu coração, cada pedacinho. Tudo o que o futuro pode oferecer.



De novo e de novo, Connall morreu. De novo e de novo.

Connall estava deitado no chão da varanda, seu sangue vazando para o rio enevoado lá embaixo.

Seu destino... isso deveria ter sido seu destino.

Se ele passasse da borda da varanda, para o rio rugindo, alguém marcaria sua passagem? Se ele saltasse, com seu irmão em seus braços, o rio acabaria rapidamente com ele?

Ele não merecia um final rápido. Ele merecia sangrar de forma lenta e brutal.

Sua punição, sua justa recompensa pelo que ele fez ao seu irmão. A vida que ele tinha permitido ser colocada à sua sombra, sempre soube que permaneceu em sua sombra e não tinha tentado, na verdade, compartilhar a luz.

Uma queimadura violenta e inflexível atravessou-o. Como se alguém tivesse empurrado seu ombro em uma fornalha.

Ele merecia aquilo. Ele acolheu em seu coração.

Ele esperava que o destruísse.



Dor. A coisa que ela mais temia infligir a eles, que ela lutou e lutou para mantê-los longe.

O cheiro de carne queimada picou suas narinas, e Maeve soltou uma risada baixa.

— Isso era um escudo, Aelin? Ou você estava tentando tirá-los da miséria deles?

Ao se ajoelhar ao lado dele, a mão de Rowan se contraiu com qualquer horror que ele estivesse vendo, bem acima da borda de sua machadinha descartada.

O pinho e a neve e o aroma acobreado de sangue se misturaram, erguendo-se para encontrá-la enquanto sua palma se cortava com a força daquela contração.

— Podemos continuar com isso, você sabe — continuou Maeve. — Até Orynth virar ruínas.

Rowan olhou sem enxergar a frente, a palma da mão vazando sangue na neve.

Seus dedos se curvaram. Levemente.

Um gesto acenando, pequeno demais para que Maeve notasse. Para qualquer um notar, exceto por ela. Exceto pela linguagem silenciosa entre eles, a forma como seus corpos se falavam desde o momento em que se encontraram naquele beco empoeirado em Varese.

Um pequeno ato de desafio. Como ele uma vez desafiou Maeve diante do seu trono em Doranelle.

Fenrys soluçou de novo e Maeve olhou para ele.

Aelin deslizou a mão pela ferida em Rowan, a dor sussurrando através de seu corpo.

Seu parceiro tremeu, lutando contra a mente que o invadirá mais uma vez.

— Que desperdício — disse Maeve, voltando-se para eles. — Para estes bons machos deixar o meu serviço, apenas para acabar com uma rainha com apenas algumas gotas de poder.

Aelin fechou a mão ao redor de Rowan.

Uma porta se abriu entre eles. Uma porta de volta para si mesmo, para ela.

Os dedos dele se fecharam ao redor dos dela.

Aelin soltou uma risada baixa.

— Eu posso não ter mágica — disse ela. — Mas meu parceiro tem.

Esperando para atacar do outro lado da porta escura, Rowan levantou Aelin enquanto seus poderes, suas almas, se fundiam.

A força da magia de Rowan a atingiu, antiga e furiosa. Gelo e vento se transformaram em chamas abrasadoras.

Seu coração cantou, rugindo, o poder que fluía de Rowan para ela. Ao seu lado, seu parceiro segurou rápido. Inquebrável.

Rowan sorriu feroz, feroz e perverso. Uma coroa de chamas, gêmea da dela própria, apareceu em cima de sua cabeça.

Como um, eles olharam para Maeve.

Maeve sibilou, seu poder sombrio se acumulando novamente.

— Rowan Whitethorn não tem o poder brutal que você já teve.

— Talvez ele não tenha — disse Lorcan um passo atrás deles, seus olhos claros e livres. — Mas juntos, nós temos.

Ele olhou para Aelin, uma mão subindo para a queimadura vermelha que estragava seu peito.

— E além de nós — disse Aelin, desenhando uma marca na neve com o sangue que ela derramou — o sangue dela e o de Rowan.

— Eu acho que eles também têm muito.

A luz brilhou a seus pés e o poder de Maeve aumentou, mas tarde demais.

O portal foi aberto. Exatamente como as marcas Wyrd nos livros que Chaol e Yrene trouxeram do continente meridional haviam prometido.

Precisamente onde Aelin pretendia. Onde ela tinha vislumbrado quando ela caiu de volta pelo portal de Wyrd. Onde ela e Rowan se aventuraram dias atrás, testando este mesmo portal.

O vale da floresta era prateado ao luar, a neve era espessa. Árvores estranhas e antigas — mais antigas que as de Carvalhal. Árvores que só podiam ser encontradas ao norte de Terrasen, no interior do país.

Mas não foram as árvores que fizeram Maeve parar. Não, era a massa fervilhante de pessoas, suas armaduras e armas brilhando sob suas pesadas peles. Entre eles, grandes como cavalos, lobos rosnaram. Lobos com cavaleiros.

Abaixo do campo de batalha, portal após portal foram abertos. Bem onde Rowan e os outros os haviam desenhado com seu próprio sangue enquanto lutavam. Tudo para ser aberto sobre este feitiço. Este comando. E além de cada portal, aquela multidão de gente abundante podia ser vista. O Exército.

— Ouvi dizer que você planejou vir aqui, sabe — disse Aelin a Maeve, o poder de Rowan, uma sinfonia em seu sangue. — Ouvi dizer que você planejou trazer as princesas *kharankui* com você. — Ela sorriu. — Então eu pensei em trazer alguns amigos meus.

A primeira das figuras além do portal surgiu, montando um grande lobo prateado. E mesmo com as peles sobre sua armadura

pesada, as orelhas arqueadas da fêmea podiam ser vistas.

— Os Feéricos que moravam em Terrasen não foram eliminados completamente. — disse Aelin. Lorcan começou a sorrir. — Eles encontraram uma nova casa com a Tribo dos Lobos. — Pois também haviam humanos montando aqueles lobos. Como todos os mitos haviam afirmado. — E você sabia disso enquanto muitos deles vieram aqui com Brannon? E você sabia que enquanto muitos deles vieram aqui com Brannon, havia um clã inteiro de Feéricos que chegou do continente do sul? Fugindo de você, eu acho. Todos eles, na verdade, não gostam muito de você, lamento dizer.

Mais e mais Feéricos e cavaleiros de lobo se aproximaram do portal, com as armas para fora. Além deles, estendendo-se para longe, o anfitrião fluía.

Maeve recuou um passo. Apenas um.

— Mas você sabe quem eles odeiam ainda mais? — Aelin apontou com Goldryn em direção ao campo de batalha. — Aquelas aranhas. Nesryn Faliq me contou tudo sobre como seus ancestrais lutaram contra eles no continente sulista. Como eles fugiram quando você tentou manter seus curandeiros acorrentados, e então acabaram tendo que lutar com suas amiguinhas. E quando chegaram a Terrasen, eles ainda se lembravam. Algumas partes da verdade foram perdidas, se tornaram confusas, mas eles se lembram. Eles ensinaram seus filhos. Treinaram eles.

Os Feéricos e seus lobos além dos portais agora fixaram suas visões nos híbridos *kharankui* finalmente emergindo na planície.

— Eu disse a eles que eu também lidaria com você — disse Aelin, e Rowan riu. — Mas as aranhas... Ah, as aranhas são todas deles. Eu acho que eles estão esperando há um tempo por isso, na verdade. As bruxas Dentes de Ferro também. Aparentemente, as Pernas Amarelas não foram muito gentis com aqueles que estavam presos em suas formas animais nestes últimos dez anos.

Aelin soltou um clarão de luz. O único sinal que ela precisava dar.

Para um povo que pedira apenas uma coisa quando Aelin implorou para que lutassem, para se juntar a essa última batalha:

voltar para casa. Para retornar a Orynth depois de uma década se escondendo.

Sua chama dançou sobre o campo de batalha. E os Feéricos de Terrasen, a lendária Tribo dos Lobos, que os haviam omitido e protegido, atacaram pelos portais. Direto nas filas desavisadas de Morath.

Maeve ficou mortalmente pálida. Empalideceu ainda mais quando a magia explodiu e subiu e aqueles híbridos de aranha caíram, seus gritos de surpresa silenciados sob as lâminas de Asterion.

No entanto, a mão de Rowan apertou a de Aelin e ela olhou para o parceiro. Mas seus olhos estavam em Fenrys. Sobre o poder sombrio que Maeve ainda estava envolvido em torno dele.

O macho permaneceu esparramado na neve, as lágrimas silenciosas e intermináveis. Seu rosto era uma ruína sangrenta.

Através do rugido do poder de Rowan, Aelin sentiu os fios que partiam de seu coração, sua alma.

Olhe para mim. Seu comando silencioso ecoou pelo juramento de sangue – a Fenrys.

Olhe para mim.

— Eu suponho que você pensa que agora pode acabar comigo de uma maneira grandiosa — disse Maeve para ela e Rowan, aquele poder sombrio inchando. — Você, quem eu mais prejudiquei.

Olhe para mim.

Seu rosto esfarrapado vazando sangue, Fenrys olhou, seus olhos cegamente voltados para os dela. E clareando – apenas ligeiramente.

Aelin piscou quatro vezes. *Eu estou aqui, estou com você.*

Sem resposta.

— Você entende o que significa ser uma rainha Valg? — Maeve perguntou a eles, com triunfo em seu rosto apesar dos feéricos e lobos perdidos no campo de batalha além deles. — Eu sou tão vasta e eterna quanto o mar. Erawan e seus irmãos me procuraram pelo meu poder.

Sua magia fluiu em torno dela em uma aura profana.

— Você acredita ser uma assassina de Deuses, Aelin Galathynius? O que eles eram, além de criaturas vaidosas trancadas neste mundo? O que eles eram, além das coisas que sua mente humana não pode compreender?

Ela levantou os braços.

— Eu sou uma Deusa.

Aelin piscou novamente para Fenrys, o poder de Rowan se reunindo em suas veias, preparando-se para o primeiro e provável golpe final que eles conseguiriam ter, o poder de Lorcan reunindo-se ao lado deles. No entanto, de novo e de novo, Aelin piscou para Fenrys, para aqueles olhos vazios.

Eu estou aqui, estou com você.



Estou aqui, estou com você.

Uma rainha dissera isso a ele. Em sua linguagem secreta e silenciosa. Durante as horas indescritíveis de tormento, eles disseram isso um para o outro.

Ele não estava sozinho.

Ele não estava sozinho naquela época e ela também não.

A varanda em Doranelle e as neves ensangüentadas do lado de fora de Orynth se misturaram e brilharam.

Eu estou aqui, estou com você.

Maeve ficou lá. Antes de Aelin e Rowan, queimarem com poder. Antes de Lorcan, com seu poder sombrio – uma sombra ao redor dele. Feéricos – tantos Feéricos e lobos, alguns os montando – derramando-se no campo de batalha através de buracos no ar.

Isso funcionou, então. O plano louco deles, a ser promulgado quando todos fossem para o inferno, quando não tivessem mais nada.

No entanto, o poder de Maeve inchou.

Os olhos de Aelin permaneceram sobre ele, ancorando-o. Puxando-o daquela varanda ensangüentada. Para um corpo tremendo de dor. Um rosto que queimava e latejava.

Eu estou aqui, estou com você.

E Fenrys se viu piscando de volta. Só uma vez.

Sim.

E quando os olhos de Aelin se moveram novamente, ele entendeu.



Aelin olhou para Rowan. Encontrou seu companheiro já sorrindo para ela. Consciente do que provavelmente os aguardava.

— Juntos — ela disse baixinho. O polegar de Rowan roçou o dela. No amor e adeus.

E então eles entraram em erupção.

Chama, incandescente e cegante, rugiu em direção a Maeve.

Mas a Rainha Negra estava esperando. Ondas gêmeas de escuridão se arquearam em cascata contra eles.

Apenas para serem paradas por um escudo de vento negro. As jogando de lado.

Aelin e Rowan atacaram novamente, rápido como uma víbora. Flechas e lanças de chamas que fizeram Maeve ceder um passo. E então outro.

Lorcan a golpeou de lado, forçando Maeve a recuar outro passo.

— Eu diria — Aelin ofegou, falando acima do glorioso rugido de magia através dela, a canção inquebrantável dela e Rowan. — Que não fomos os mais prejudicados por você.

Como socos alternados, Lorcan atacou com eles. Fogo, e então a morte da meia noite.

As sobrancelhas escuras de Maeve se estreitaram.

Aelin arremessou uma parede de fogo que empurrou Maeve outro passo para trás.

— Mas ele, ah, ele tem uma conta para resolver com você.

Os olhos de Maeve se arregalaram e ela se virou. Mas não rápido o suficiente.

Não foi rápido o suficiente, pois Fenrys desapareceu de onde ele se ajoelhava e reapareceu – bem atrás de Maeve.

Goldryn ficou brilhante quando ele a mergulhou nas costas de Maeve.

Bem no coração escuro dentro dela.

CAPÍTULO 115

O sangue escuro de Maeve vazou na neve quando ela caiu de joelhos, os dedos arranhando a espada ardente presa no peito.

Fenrys andou em volta dela, deixando a espada onde ele a havia empalado enquanto caminhava para o lado de Aelin.

Brasas giravam em torno dela e de Rowan, Aelin se aproximou da rainha.

Afastando os dentes, Maeve sibilou enquanto tentava e não conseguia se libertar a lâmina.

— *Tire isso.*

Aelin apenas olhou para Lorcan.

— Tem alguma coisa a dizer?

Lorcan sorriu sombriamente, examinando os feéricos e os cavaleiros de lobo causando estragos nas aranhas.

— Vida longa a rainha.

A Rainha dos Feéricos do Oeste.

Maeve rosnou, e não era o som de um feérico ou de um humano. Mas Valg. Valg puro, não diluído.

— Bem, olhe quem parou de fingir — disse Aelin.

— Eu irei a qualquer lugar que você escolher para me banir — Maeve se irritou. — *Apenas tire isso.*

— Qualquer lugar? — Perguntou Aelin, soltando a mão de Rowan.

A falta de sua magia, sua força, bateu nela como o mergulhar em um lago gelado.

Mas ela tinha muito o que fazer.

Não mágica, nunca mais como antes, mas uma força maior, mais profunda que isso.

Coração de Fogo, sua mãe havia chamado ela assim.

Não pelo poder dela. O nome nunca havia sido sobre seu poder.

Maeve sibilou novamente, arranhando a lâmina.

Envolvendo os dedos em chamas, Aelin ofereceu a mão a Maeve.

— Você veio aqui para escapar de um marido que você não amava. Um mundo que você não amava.

Maeve fez uma pausa, estudando a mão de Aelin. Os novos calos nela. Ela estremeceu – estremeceu de dor com a lâmina rasgando seu coração, mas não a matando.

— Sim — Maeve respirou.

— E você ama este mundo. Você ama Erilea.

Os olhos escuros de Maeve examinaram Aelin, depois Rowan e Lorcan, antes de responder.

— Sim. Do jeito que eu posso amar qualquer coisa.

Aelin manteve a mão estendida. A oferta não dita nela.

— E se eu escolher banir você, você irá a qualquer lugar que decidirmos. E nunca nos incomodar de novo ou de qualquer outra.

— Sim — Maeve estalou, fazendo uma careta para a lâmina imortal perfurando seu coração. A rainha inclinou a cabeça, ofegante e segurou a mão estendida de Aelin.

Aelin se aproximou. Só para deslizar algo no dedo de Maeve.

E sussurrou no ouvido de Maeve.

— Então vá para o inferno.

Maeve recuou, mas tarde demais.

Tarde demais, já que o anel de ouro – o anel de Silba, o anel de Athril – brilhava em sua mão pálida.

Aelin recuou para o lado de Rowan quando Maeve começou a gritar.

Gritando e gritando em direção ao céu escuro, em direção às estrelas.

Maeve queria o anel não para proteção contra Valg. Não, ela era Valg. Ela queria que ninguém mais o tivesse.

No entanto, quando Elide o entregou a Aelin, não foi para destruir uma rainha Valg. Mas para manter Aelin segura. E Maeve nunca

saberia disso – esse dom e poder: amizade.

O que Aelin sabia impediu a rainha de se tornar um espelho. O que a salvou e a esse reino.

Maeve se debateu, Goldryn queimando, gêmea da luz em seu dedo.

Imunidade contra Valg. E veneno para eles.

Maeve gritou, o som alto o suficiente para abalar o mundo.

Eles apenas ficaram entre a neve caindo, com os rostos imóveis, e a observavam. Testemunhando aquela morte por todos aqueles que ela destruiu.

Maeve se contorceu, agarrando-se a si mesma. Sua pele pálida começou a se desfazer como tinta velha.

Revelando pedaços da criatura abaixo do glamour. A pele que ela criou para si mesma.

Aelin só olhou para Rowan, para Lorcan e Fenrys, uma pergunta silenciosa em seus olhos.

Rowan e Lorcan assentiram. Fenrys piscou uma vez, seu rosto espancado ainda sangrando.

Então Aelin se aproximou da rainha gritando, a criatura embaixo. Andou atrás dela e arrancou Goldryn.

Maeve afundou na neve e na lama, mas o anel continuou a rasgá-la por dentro.

Maeve ergueu os olhos escuros e odiosos quando Aelin levantou Goldryn.

Aelin apenas sorriu para ela.

— Vamos fingir que minhas últimas palavras para você foram algo digno de uma música.

Ela balançou a espada em chamas.

A boca de Maeve ainda estava aberta em um grito quando a cabeça dela caiu na neve.

Sangue preto espirrou e Aelin se moveu novamente, esfaqueando Goldryn pelo crânio de Maeve. Na terra abaixo.

— Queime ela — Lorcan falou.

A mão de Rowan, quente e forte, encontrou Aelin novamente. E quando ela olhou para ele, havia lágrimas no rosto dele.

Não pela rainha Valg morta diante deles. Ou até mesmo pelo que Aelin fizera.

Não, seu príncipe, seu marido e seu parceiro olhava para o sul. Para o campo de batalha.

Até mesmo enquanto seu poder se fundia, e ela queimava Maeve em cinzas e memória, Rowan olhou para o campo de batalha.

Onde linha após linha de soldados Valg caíram de joelhos no meio da luta com os feéricos, os lobos e a cavalaria Darghan.

Onde os ruks se agitaram maravilhados quando as pessoas caíam dos céus, como se tivessem sido mortos.

Longe, vários gritos estridentes cortaram o ar... e depois silenciaram.

Um exército inteiro, no meio da batalha, no meio do golpe, desmoronando.

Ele ondulou para fora, esse colapso, a quietude. Até que todo o hospedeiro de Morath permanecesse imóvel. Até que as Dentes de Ferro lutando acima perceberam o que estava acontecendo e viraram para o sul, fugindo dos rukhin e bruxas que agora as perseguiram.

Até que a sombra escura que cercava o exército caído também se afastou pelo vento.

Aelin sabia com certeza então. Onde Erawan tinha ido.

Quem o havia derrubado finalmente.

Então Aelin soltou sua espada da pilha de cinzas que havia sido Maeve. Ela a ergueu para o céu noturno, para as estrelas e deixou que seu choro de vitória enchesse o mundo. Deixou o nome que ela gritou tocar os soldados no campo, na cidade, atendendo a chamada até que todos em Orynth estava cantando com ela. Até alcançar as estrelas brilhantes do Senhor do Norte, que brilhavam acima deles, não precisava mais guiar o caminho dela de volta para casa.

Yrene.

Yrene.

Yrene.

CAPÍTULO 116

Chaol acordou com mãos quentes e delicadas acariciando sua testa, sua mandíbula.

Ele conhecia esse toque. Conheceria se ele fosse cego.

Um momento, ele estava lutando em suas ameias. O próximo – esquecimento. Como se qualquer onda de poder tivesse passado por Yrene não só enfraquecera sua espinha, mas sua consciência.

— Eu não sei se começo a gritar ou chorar — disse ele, gemendo quando ele abriu os olhos e encontrou Yrene ajoelhada diante dele. Um batimento cardíaco fez com que ele avaliasse os arredores: algum tipo de escada, onde ele estava esparramado nos degraus mais baixos perto de um patamar. Um arco aberto à noite gelada revelou um céu estrelado e claro além. Nenhuma serpente alada nele.

E vivas. Vitoriosos e selvagens vivas.

Não é um tambor de osso. Não um rosnado ou rugido.

E Yrene, ainda acariciando seu rosto, sorria para ele. Lágrimas nos olhos dela.

— Sinta-se livre para gritar o quanto quiser — disse ela, algumas daquelas lágrimas se soltando.

Mas Chaol apenas ficou boquiaberto quando lhe ocorreu exatamente o que tinha acontecido. Por que essa onda de poder havia acontecido.

O que esta mulher notável antes dele tinha feito.

Pois eles estavam chamando o nome dela. O exército, o povo de Orynth estava chamando seu nome.

Ele estava feliz por estar sentado.

Mesmo que não tenha ficado surpreso com ele, Yrene fez o impossível.

Chaol passou os braços pela cintura dela e enterrou o rosto no pescoço dela.

— Acabou, então — ele disse contra sua pele, incapaz de parar o tremor que assumiu, a mistura de alívio e alegria e terror fantasma remanescente.

Yrene apenas passou as mãos pelos seus cabelos, pelas suas costas e ele a sentiu sorrir.

— Acabou.

No entanto, a mulher que ele segurava, a criança crescendo dentro Erawan poderia ter acabado, sua ameaça e o exército com ele. E

Maeve também.

Mas a vida, Chaol percebeu – a vida estava apenas começando.



Nesryn não acreditou. O inimigo acabara de... desmoronar. Mesmo os híbridos kharankui.

Era tão improvável quanto os Feéricos e os lobos que simplesmente apareceram através de buracos no mundo. Um exército perdido, que não perdeu tempo se lançando em Morath. Como se soubessem exatamente onde e como atacar. Como se tivessem sido convocados dos antigos mitos do Nesryn pousou nas muralhas da cidade encharcadas de sangue, observando os rukhin e as bruxas aliadas perseguirem as Dentes de Ferro em direção ao horizonte. Ela estaria com eles, não fosse pelas marcas de garras que cercam o olho de Salkhi. Pelo sangue.

Ela mal tinha fôlego para gritar por um curandeiro enquanto desmontava. Mal tinha respiração para separar o ruk, murmurando para o pássaro como ela fez. Tanto sangue, as linhas de cinzas da profunda sentinela. Nenhum brilho de veneno, mas...

— Você está ferida? — Sartaq. Os olhos do príncipe estavam arregalados, o rosto ensanguentado, enquanto ele a examinava da

cabeça aos pés. Atrás dele, Kadara ofegava nas ameias, suas penas tão sangrentas quanto seu cavaleiro. Sartaq agarrou seus ombros. — Você está ferida? — Ela nunca tinha visto tanto pânico em seu rosto. Nesryn apenas apontou para o inimigo que agora era ainda incapaz de encontrar as palavras. Mas outros fizeram. Uma palavra, um nome, repetidamente.

Yrene.

Curandeiros correram pelas ameias, mirando nas duas frentes, e Nesryn se permitiu deslizar os braços ao redor da cintura de Sartaq. Para pressionar o rosto dela contra o peito blindado dele.

— Nesryn — seu nome era uma pergunta e um comando. Mas Nesryn apenas segurou-o com força. Tão perto. Eles tinham chegado tão perto da absoluta derrota.

Yrene. Yrene. Yrene, os soldados e as pessoas da cidade gritaram. Sartaq passou a mão pelo cabelo emaranhado.

— Você sabe o que vitória significa, não sabe?

Nesryn levantou a cabeça, as sobrancelhas se estreitando. Atrás deles, Salkhi pacientemente se levantou enquanto a magia da curandeira acalmava seus olhos.

— Uma boa noite de sono, espero — disse ela.

Sartaq riu e deu um beijo em sua têmpora.

— Isso significa — disse ele contra sua pele, — que estamos indo para casa. Que você está voltando para casa... omigo.

E mesmo com a batalha acabada, mesmo com os mortos e feridos em volta deles, Nesryn sorriu. Casa. Sim, ela iria para casa com ele para o continente sul. E para todos que esperaram lá.



Aelin, Rowan, Lorcan e Fenrys permaneceram na planície do lado de fora dos portões da cidade até terem certeza de que o exército caído não iria subir. Até que as tropas do khagan foram entre os soldados inimigos, cutucando e cutucando. E não receberam resposta.

Mas eles não decapitaram. Não separaram e terminaram o trabalho.

Não para aqueles com anéis pretos ou colares pretos.

Aqueles que os curadores ainda podem salvar.

Amanhã. Isso viria amanhã.

A lua tinha atingido o seu pico quando eles decidiram que tinham visto o suficiente para determinar que o exército de Erawan nunca voltaria a subir. Quando os ruks, Crochans e as rebeldes Dentes de Ferro haviam desaparecido, perseguindo a última legião aérea durante a noite.

Então Aelin se virou para o portão sul de Orynth.

Como se em resposta, rangeu em abertura para encontrá-la.

Dois braços abertos largamente.

Aelin olhou para Rowan, sua coroa de chamas ainda queimando, sem feridas. Tomou a mão dele.

Com o coração trovejando através de todos os ossos do corpo dela, Aelin deu um passo em direção ao portão. Em direção a Orynth. Para casa.

Lorcan e Fenrys entraram atrás deles. As feridas deste último ainda vazaram pelo rosto, mas ele recusou as ofertas de Aelin e Rowan para curá-lo. Tinha dito que ele queria um lembrete. Eles não ousaram perguntar do que – ainda não.

Aelin ergueu o queixo alto, os ombros em quadratura quando se aproximaram da arcada.

Soldados já se alinhavam em ambos os lados.

Não os soldados do khagan, mas homens e mulheres na armadura de Terrasen. E civis entre eles também – admiração e alegria em seus rostos.

Aelin olhou para o limiar do portão. Nas pedras antigas e familiares, agora cheias de sangue e horror.

Ela enviou um sussurro de chamas sobre eles. Os últimos resíduos de seu poder.

Quando o fogo desapareceu, as pedras foram novamente limpas.

Novas. Como esta cidade seria renovada, levaria a maiores alturas, maiores esplendores. Um farol de aprendizado e luz mais uma vez.

Os dedos de Rowan se apertaram ao redor dos dela, mas ela não olhou para ele quando cruzaram a soleira, passando pelo portão.

Não, Aelin apenas olhou para o seu povo, sorrindo ampla e livremente, quando ela entrou em Orynth, e eles começaram a aplaudir, dando-lhe as boas vindas finalmente em sua casa.

CAPÍTULO 117

Aedion lutou até que o soldado inimigo antes dele caiu de joelhos como se estivesse morto.

Mas o homem, um anel preto no dedo, não estava morto.

Apenas o demônio dentro dele.

E quando soldados de incontáveis nações começaram a aplaudir, quando se espalhou a notícia de que um curador da Torre Cesme havia derrotado Erawan, Aedion simplesmente se afastou das ameias.

Ele o encontrou pelo cheiro sozinho. Mesmo na morte, o cheiro persistia, um caminho que Aedion percorria pelas ruas destruídas e multidões de pessoas comemorando e chorando.

Uma vela solitária tinha sido acesa na sala de quartéis vazia, onde eles colocaram seu corpo em cima de uma mesa de trabalho.

Foi lá que Aedion se ajoelhou diante do pai.

Quanto tempo ele ficou lá, cabeça baixa, ele não sabia. Mas a vela quase queimara até a base quando a porta se abriu e um cheiro familiar entrou.

Ela não disse nada quando se aproximou em pés silenciosos.

Nada quando ela se mexeu e se ajoelhou ao lado dele.

Lysandra apenas se inclinou para ele, até que Aedion colocou o braço ao redor dela, apertando-a com força.

Juntos, eles se ajoelharam ali e ele sabia que a dor dela era tão real quanto a dele. Sabia que sua dor era por Gavriel, mas também por sua própria perda.

Os anos que ele e o pai não teriam. Os anos que ele percebeu que queria ter, as histórias que ele queria ouvir, o macho que ele

queria conhecer. E nunca poderia.

Gavriel sabia disso? Ou ele tinha acreditado que seu filho não queria nada com ele?

Ele não podia suportar, essa verdade em potencial. Seu peso seria insuportável. Quando a vela crepitou, Lysandra se levantou e levou-o com ela.

Um grande enterro, Aedion silenciosamente prometeu. Com toda honra, cada fragmento de regalias imponentes que poderiam ser encontrados no rescaldo dessa batalha. Ele enterraria seu pai no cemitério real, entre os heróis de Terrasen. Onde ele mesmo seria enterrado um dia. Ao lado dele.

Era o mínimo que ele podia fazer. Para se certificar de que seu pai sabia no Além-Mundo.

Eles entraram na rua e Lysandra parou para enxugar as lágrimas. Beijar suas bochechas e depois sua boca. Toques amorosos e gentis.

Aedion deslizou os braços ao redor dela e segurou-a com força sob as estrelas e a luz da lua.

Quanto tempo eles ficaram na rua, ele não sabia. Mas então alguém limpou a garganta nas proximidades, e eles se separaram para se voltarem para sua fonte.

Um jovem, com menos de trinta anos, estava ali. Olhando para Lysandra.

Não um mensageiro ou um soldado, embora usasse as roupas pesadas do rukhin. Havia um propósito auto-possuído para ele, uma espécie de força quieta em sua estrutura alta enquanto ele engolia.

— Você é... você é Lady Lysandra?

Lysandra inclinou a cabeça.

— Eu sou.

O homem deu um passo e Aedion reprimiu a vontade de empurrá-la para trás. Para desembainhar a espada no homem cujos olhos cinzentos se arregalaram – e brilhavam de lágrimas.

Que sorriu para ela, largo e alegre.

— Meu nome é Falkan Ennar — disse ele, colocando a mão em seu peito. O rosto de Lysandra permaneceu o retrato de uma

confusão desconfiada. O sorriso de Falkan não vacilou. — Eu tenho procurado por você por muito, muito tempo.

E então saiu, as lágrimas de Falkan fluindo quando ele disse a ela. O tio dela. Ele era o tio dela.

Seu pai tinha sido muito mais velho que ele, mas desde que Falkan tinha aprendido sobre sua existência, ele estava procurando por ela. Dez anos, ele havia caçado a filha abandonada de seu irmão morto, visitando Forte da Fenda sempre que podia. Nunca percebendo que ela poderia ter seus dons também – talvez não usasse nenhuma das características de seu irmão.

Mas Nesryn Faliq o encontrou. Ou eles encontraram um ao outro. E então eles descobriram, um pouco de chance neste vasto mundo.

Sua fortuna como comerciante era dela para herdar, se ela quisesse.

— O que você quiser — disse Falkan. — Você nunca mais vai precisar querer nada novamente.

Lysandra estava chorando, e era pura alegria em seu rosto quando ela lançou seus braços ao redor de Falkan e abraçou-o com força.

Aedion observou, silencioso e aberto. Ainda feliz por ela, ele sempre seria feliz por ela, por qualquer raio de luz que encontrasse.

Lysandra se afastou de Falkan, no entanto. Ainda sorrindo brilhante, mais adorável que o céu noturno acima. Ela entrelaçou os dedos com Aedion e apertou com força quando ela finalmente respondeu ao tio:

— Eu já tenho tudo o que preciso.



Horas depois, ainda sentado na varanda onde Erawan tinha sido destruído, Dorian não acreditou.

Ele ficou olhando para aquele ponto, a mancha escura nas pedras, Damaris se sobressaindo. O único traço restante.

O nome do pai. O nome dele. O peso disso assentou nele, não uma coisa totalmente desagradável.

Dorian flexionou seus dedos ensanguentados. Sua magia jazia em pedaços, o cheiro de sangue persistente em sua língua. Um esgotamento que se aproxima. Ele nunca teve um antes. Ele supôs que seria melhor se acostumar com eles.

Com as pernas tremendo, Dorian arrancou Damaris das pedras. A lâmina ficou preta como ônix. Um golpe de seus dedos para baixo o mais cheio revelou que era uma mancha que não seria limpa.

Ele precisava sair desta torre. Encontrar Chaol. Encontrar os outros. Começar a ajudar os feridos. E os soldados inconscientes na planície. Aqueles que não tinham sido possuídos já haviam fugido, perseguidos pelo estranho Feérico que havia aparecido, os lobos gigantes e seus cavaleiros entre eles.

Ele deveria ir. Deveria sair.

E ainda assim ele olhou para a mancha escura. Tudo o que restou.

Dez anos de sofrimento, tormento e medo, e a mancha era tudo o que restava.

Ele girou a espada em sua mão, seu peso era mais pesado do que antes. A espada da verdade.

Qual tinha sido a verdade no final? Qual era a verdade, mesmo agora?

Erawan tinha feito isso, abatido e escravizado tantos, para que ele pudesse ver seus irmãos novamente. Ele queria conquistar seu mundo, punir, mas ele queria se reunir com eles. Milênios à parte, e Erawan não havia esquecido seus irmãos. Ansiava por eles.

Ele teria feito o mesmo por Chaol? Por Hollin? Ele teria destruído um mundo para encontrá-los novamente?

A lâmina negra de Damaris não refletia a luz. Não cintilou nada.

Dorian ainda apertou a mão em torno do cabo de ouro e disse:

— Eu sou humano.

Aqueceu em sua mão.

Ele olhou para a lâmina. A lâmina de Gavin. Uma relíquia de uma época em que Adarlan tinha sido uma terra de paz e abundância.

E seria assim mais uma vez.

— Eu sou humano — ele repetiu, para as estrelas agora visíveis acima da cidade.

A espada não respondeu de novo. Como se soubesse que ele não precisava mais disso.

Asas explodiram, e então Abraxos estava pousando na varanda. Uma cavaleira de cabelo branco em cima dele.

Dorian ficou de pé, piscando, enquanto Manon Bico Negro desmontava. Ela o examinou, depois a mancha escura nas pedras da sacada.

Seus olhos dourados se ergueram para os dele. Cansados, pesados... mas brilhante.

— Olá, Príncipezinho — ela respirou.

Um sorriso floresceu em sua boca.

— Olá, Bruxinha.

Ele examinou os céus além dela para as Treze, para Asterin Bico Negro, sem dúvida rugindo sua vitória para as estrelas.

Manon disse baixinho:

— Você não as encontrará. Neste céu ou em qualquer outro.

Seu coração se esforçou ao entender. Como a perda daquelas doze vidas ferozes e brilhantes esculpíram outro buraco dentro dele. Uma que ele não esqueceria, uma que ele honraria. Silenciosamente, ele cruzou a sacada.

Manon não recuou quando ele deslizou os braços ao redor dela.

— Eu sinto muito — disse ele em seu cabelo.

Timidamente, lentamente, as mãos dela passaram por suas costas. Então se estabeleceu, abraçando-o.

— Eu sinto falta delas — ela sussurrou, estremeendo.

Dorian só a apertou mais, e deixou Manon se apoiar nele pelo tempo que ela precisasse, Abraxos olhando para aquela maldita porção de terra na planície, em direção a parceira que nunca voltaria, enquanto a cidade abaixo comemorava.



Aelin caminhou com Rowan pelas ruas íngremes de Orynth.

Seu povo se alinhava naquelas ruas, com velas nas mãos. Um rio de luz, de fogo, que apontava o caminho de casa.

Direto para os portões do castelo.

Para onde Lorde Darrow estava, Evangeline ao seu lado. A garota radiante de alegria.

O rosto de Darrow estava frio como pedra. Duro como o Staghorns além da cidade enquanto permanecia bloqueando o caminho.

Rowan soltou um grunhido baixo, o som ecoou por Fenrys, um passo atrás deles.

No entanto, Aelin soltou a mão de seu parceiro, suas coroas de chama piscando enquanto ela cruzava os últimos metros até o arco do castelo. Para Darrow.

O silêncio caiu na rua iluminada e dourada.

Ele negaria sua entrada. Aqui, antes do mundo, ele a jogaria fora. Um tapa final e envergonhado.

Mas Evangeline puxou a manga de Darrow... como se o lembrasse.

Parecia estimular o velho a falar.

— Minha jovem vigia e eu fomos informados de que, quando você foi enfrentar Erawan e Maeve, sua magia estava muito esgotada.

— Sim. E permanecerá assim para sempre.

Darrow sacudiu a cabeça.

— Por quê?

Não sobre sua magia ser reduzida a nada. Mas por que ela foi enfrentá-los, com pouco mais que brasas em suas veias.

— Terrasen é minha casa — disse Aelin. Era a única resposta em seu coração.

Darrow sorriu só um pouquinho.

— Sim, ela é. — Ele abaixou a cabeça. Então o corpo dele. — Bem-vinda — disse ele, em seguida, acrescentou quando ele se levantou: — Sua Majestade.

Mas Aelin olhou para Evangeline, a garota ainda radiante.

Reconquiste meu reino, Evangeline.

Sua ordem para a menina, todos aqueles meses atrás.

E ela não sabia como Evangeline tinha feito isso. Como ela havia mudado esse velho lorde diante deles. Ainda havia Darrow, apontando para os portões, para o castelo atrás dele.

Evangeline piscou para Aelin, como se confirmasse.

Aelin apenas riu, pegando a garota pela mão, e levou a promessa do futuro brilhante de Terrasen para o castelo.



Todo salão antigo e cheio de cicatrizes a traria de volta. Afastou o fôlego e deixou as lágrimas escorrerem. Na memória, como eles foram. Como eles agora pareciam tristes e desgastados. E o que eles se tornariam mais uma vez.

Darrow levou-os para o refeitório, para encontrar qualquer comida e bebida que pudessem estar disponíveis na calada da noite, depois de uma batalha como essa.

No entanto, Aelin deu uma olhada em quem esperou na grandeza desbotada do Salão Principal e esqueceu sua fome e sede.

O corredor inteiro ficou em silêncio enquanto ela se dirigia para Aedion, e se jogou nele com tanta força que eles balançaram um passo para trás.

Casa finalmente; em casa, juntos.

Ela tinha a vaga sensação de Lysandra se juntando a Rowan e os outros atrás dela, mas não se virou. Não como sua risada alegre morreu ao ver o rosto cansado e abatido de Aedion. A tristeza nisso.

Ela colocou a mão em sua bochecha.

— Eu sinto muito.

Aedion fechou os olhos, inclinando-se em seu toque, a boca tremendo.

Ela não observou o escudo nas costas dele – o escudo de seu pai. Ela nunca havia percebido que ele o carregava.

Em vez disso, ela perguntou baixinho:

— Onde ele está?

Sem palavras, Aedion a levou do refeitório. Descendo as passagens sinuosas do castelo, seu castelo, para uma pequena sala à luz de velas.

Gavriel havia sido colocado em uma mesa, um cobertor de lã obscurecendo o corpo que ela sabia que estava rasgado embaixo. Apenas seu rosto bonito visível, ainda nobre e gentil na morte.

Aedion permaneceu na porta quando Aelin se aproximou do guerreiro. Ela sabia que Rowan e os outros estavam ao lado dele, seu parceiro com uma mão no ombro de Aedion. Sabia que Fenrys e Lorcan inclinavam a cabeça.

Ela parou diante da mesa onde Gavriel havia sido colocado.

— Eu queria esperar para lhe oferecer o juramento de sangue até depois que seu filho tivesse tomado — disse ela, sua voz calma ecoando nas pedras. — Mas eu ofereço agora a você, Gavriel. Com honra e gratidão, ofereço-lhe o juramento de sangue. — As lágrimas dela caíram sobre o cobertor que o cobria, e ela limpou uma antes de puxar a adaga da bainha ao seu lado. Ela puxou o braço dele debaixo da cobertura.

Um movimento da lâmina a fez cortar a palma da mão. Nenhum sangue fluiu além de um ligeiro inchaço. No entanto, ela esperou até que uma gota deslizesse para as pedras. Então abriu o próprio braço, mergulhou os dedos no sangue e deixou cair três gotas em sua boca.

— Deixe o mundo saber — disse Aelin, com voz embargada. — Que você é um homem de honra. Que você esteve ao lado do seu filho e desse reino e ajudou a salvá-lo. — Ela beijou a testa fria. — Nós estamos ligados pelo juramento de sangue. E você será enterrado aqui como tal. — Ela se afastou, acariciando sua bochecha uma vez. — Obrigada.

Foi tudo o que restou para dizer.

Quando ela se virou, não foi apenas Aedion que tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ela os deixou lá. A equipe, a irmandade, que agora queria se despedir do seu próprio jeito.

Fenrys, com o rosto ensanguentado ainda descuidado, caiu de joelhos ao lado da mesa. Um instante depois, Lorcan fez o mesmo.

Ela chegou à porta quando Rowan se ajoelhou também. E começou a cantar as palavras antigas – as palavras de luto, tão antigas e sagradas quanto a própria Terrasen. As mesmas orações que ela cantava e cantava enquanto ele a tatuava.

A voz clara e profunda de Rowan enchendo a sala, Aelin passou o braço por Aedion e deixou que ele se apoiasse nela enquanto voltavam para o Grande Salão.

— Darrow me chamou de *Sua Majestade* — disse ela depois de um minuto.

Aedion deslizou seus olhos avermelhados para ela. Mas uma faísca os acendeu – só um pouquinho.

— Devemos estar preocupados?

A boca de Aelin se curvou.

— Eu pensei a mesma coisa.



Tantas bruxas. Havia tantas bruxas, Dentes de Ferro e Crochan, nos corredores do castelo.

Elide examinou seus rostos enquanto trabalhava com os curandeiros no Salão Principal. Um lorde das trevas e uma rainha negra foram derrotados, mas os feridos permaneceram. E desde que ela tinha força nela, ela ajudaria de qualquer maneira que pudesse.

Mas quando uma bruxa de cabelos brancos mancou no corredor, uma Crochan ferida entre ela e outra bruxa que Elide não reconheceu... Elide estava no meio do espaço, do outro lado do corredor onde ela passara tantos dias felizes na infância, no momento em que ela percebeu que ela se moveu.

Manon fez uma pausa ao vê-la. Deu a Crochan ferida para sua irmã de armas. Mas não fez nenhum movimento para se aproximar.

Elide viu a tristeza em seu rosto antes de chegar a ela. O embotamento e a dor nos olhos dourados.

Ela ficou imóvel.

— Quem?

A garganta de Manon balançou.

— Todas.

Todas as Treze. Todas aquelas bruxas ferozes e brilhantes. Se foram.

Elide levou a mão ao coração, como se isso pudesse impedir que ele se quebrasse.

Mas Manon diminuiu a distância entre elas e, mesmo com aquela dor no rosto machucado e ensanguentado, pôs a mão no ombro de Elide. Em conforto.

Como se a bruxa tivesse aprendido a fazer essas coisas.

A visão de Elide ardeu e borrou, e Manon enxugou a lágrima que escapou.

— Viva, Elide — foi tudo o que a bruxa disse para ela antes de sair do corredor mais uma vez. — Viva.

Manon desapareceu no corredor lotado, balançando a trança. E Elide se perguntou se o comando fora destinado a ela.



Horas depois, Elide encontrou Lorcan em vigília pelo corpo de Gavriel.

Quando ela ouviu, ela chorou pelo macho que lhe mostrou tal gentileza. E do jeito que Lorcan se ajoelhava diante de Gavriel, ela sabia que ele acabara de fazer o mesmo.

Sentindo-a na porta, Lorcan levantou-se, um movimento lento e dolorido dos verdadeiramente exaustos. Havia de fato tristeza em seu rosto. Dor e arrependimento.

Ela abriu os braços e a respiração de Lorcan saiu dele quando ele a puxou contra ele.

— Eu ouvi — disse ele em seu cabelo. — Que devo agradecer a você pela destruição de Erawan.

Elide se retirou de seu abraço, conduzindo-o daquele quarto de tristeza e luz de velas.

— Na verdade, foi a Yrene — disse ela, andando até encontrar um local tranquilo perto de um banco de janelas com vista para a cidade de celebração. — Só tive a ideia.

— Sem essa ideia, estaríamos enchendo as barrigas das feras de Erawan.

Elide revirou os olhos, apesar de tudo o que acontecera, tudo o que estava diante deles.

— Foi um esforço de grupo, então. — Ela mordeu o lábio. — Perranth... você ouviu alguma coisa de Perranth?

— Um piloto de ruk chegou há algumas horas. É o mesmo como está aqui: com o desaparecimento de Erawan, os soldados que seguravam a cidade entraram em colapso ou fugiram. Seu povo recuperou o controle, mas aqueles que estavam possuídos precisarão de curadores. Um grupo deles será levado amanhã para começar.

O alívio ameaçou apertar seus joelhos.

— Agradeça a Anneith por isso. Ou Silba, suponho.

— Elas foram embora. Agradeça a você mesmo.

Elide acenou para ele, mas Lorcan a beijou.

Quando ele se afastou, Elide respirou:

— O que foi isso?

— Peça-me para ficar — foi tudo o que ele disse.

Seu coração começou a correr.

— Fique — ela sussurrou.

Luz, uma luz tão linda encheu seus olhos escuros.

— Peça-me para ir a Perranth com você.

Sua voz falhou, mas ela conseguiu dizer:

— Venha para Perranth comigo.

Lorcan assentiu, como se em resposta, e seu sorriso era a coisa mais linda que já vira.

— Peça-me para casar com você.

Elide começou a chorar, mesmo rindo.

— Quer casar comigo, Lorcan Salvaterre?

Ele a pegou nos braços, enterrando beijos no rosto dela. Como se alguma parte final e acorrentada dele tivesse sido libertada.

— Vou pensar sobre isso.

Elide riu, batendo no ombro dele. E então riu de novo, mais alto.

Lorcan a colocou no chão.

— O que?

A boca de Elide se balançou quando ela tentou impedi-la de rir.

— É só que... eu sou a Lady de Perranth. Se você se casar comigo, você vai levar o nome da minha família.

Ele piscou.

Elide riu novamente.

— Lorde Lorcan Lochan?

Parecia tão ridículo.

Lorcan piscou para ela e depois uivou.

Ela nunca ouviu um som tão alegre.

Ele varreu-a em seus braços novamente, girando-a.

— Vou usá-lo com orgulho a cada maldito dia pelo o resto da minha vida — disse ele em seu cabelo, e quando ele a colocou no chão, seu sorriso havia desaparecido. Substituído por uma ternura infinita quando ele afastou o cabelo dela, prendendo-o sobre uma orelha. — Eu vou casar com você, Elide Lochan. E orgulhosamente me chamarei Lorde Lorcan Lochan, mesmo quando todo o reino rirem quando ouvi-lo. — Ele a beijou gentil e amorosamente. — E quando formos casados — ele sussurrou. — Eu vou atar minha vida à sua. Então nunca conheceremos um dia de diferença. Nunca ficará sozinha, nunca mais.

Elide cobriu o rosto com as mãos e soluçou, no coração que ele ofereceu, na imortalidade que ele estava disposto a desistir por ela. Por *elas*.

Mas Lorcan apertou seus pulsos, gentilmente tirando as mãos do rosto dela. Seu sorriso era hesitante.

— Se você quiser, é claro — disse ele.

Elide deslizou os braços ao redor de seu pescoço, sentindo seu coração trovejando contra o dela, deixando seu calor afundar em

seus ossos.

— Eu gostaria disso mais do que qualquer coisa — ela sussurrou de volta.

CAPÍTULO 118

Yrene desabou no banco de três pernas em meio ao caos do Grande Salão. A história era familiar, embora o cenário fosse ligeiramente diferente: outra câmara poderosa tinha se transformado em uma enfermaria temporária. O amanhecer não estava longe, mas ela e os outros curadores continuaram trabalhando. Aqueles que estavam sangrando não conseguiriam sobreviver sem eles.

Humanos e Feéricos e bruxas e Lobos – Yrene nunca tinha visto tantas pessoas em um só lugar.

Elide chegou em algum momento, brilhando apesar dos feridos ao redor deles.

Yrene supôs que todos tivessem o mesmo sorriso. Embora o seu tenha vacilado na última hora, enquanto a exaustão tomava conta. Ela foi forçada a descansar depois de lidar com Erawan, e esperou até que seu poço de energia tivesse enchido apenas o suficiente para começar a trabalhar novamente.

Ela não conseguia ficar quieta. Não quando ela via a coisa que estava debaixo da pele de Erawan toda vez que fechava os olhos. Havia desaparecido para sempre, sim, mas... ela se perguntava quando o esqueceria. Da sensação escura e oleosa dele. Horas atrás, ela não tinha sido capaz de dizer se a ânsia que surgiu depois foi por causa da memória dele ou do bebê em seu ventre.

— Você deveria encontrar o seu marido e ir para a cama — disse Hafiza, mancando e franzindo a testa. — Quando foi a última vez que você dormiu?

Yrene levantou a cabeça – mais pesada do que há alguns minutos.

— A última vez que você dormiu, eu aposto — dois dias atrás.
Hafiza estalou a língua.

— Matando um lorde das trevas, curando os feridos... é um milagre que você não esteja inconsciente agora, Yrene.

Yrene estava prestes a desmaiar, mas a desaprovação na voz de Hafiza lhe endureceu a espinha.

— Eu posso trabalhar.

— Eu estou ordenando que você encontre aquele seu marido arrojado e vá dormir. Pelo bem da criança em seu ventre.

Ah. Quando a Alta-Curandeira coloca *assim*...

Yrene gemeu enquanto se levantava.

— Você é impiedosa.

Hafiza apenas deu um tapinha no ombro dela.

— Bons curandeiros sabem que o esgotamento contribui para decisões descuidadas. E decisões descuidadas...

— Custam vidas — terminou Yrene. Ela ergueu os olhos para o alto teto abobadado, bem acima. — Você nunca para de ensinar, não é?

A boca de Hafiza se abriu em um sorriso.

— Essa é a *vida*, Yrene. Nós nunca paramos de aprender.

Mesmo na minha idade.

Há muito tempo, Yrene suspeitava que o amor pelo aprendizado era o que mantinha a Alta-Curandeira com um coração jovem todos esses anos. Ela apenas sorriu de volta para sua mentora.

Mas os olhos de Hafiza se suavizaram. Ficaram contemplativos.

— Permaneceremos enquanto formos necessários — até que os soldados do khagan possam ser transportados para casa. Vamos deixar alguns para trás para cuidar de todos os feridos restantes, mas em algumas semanas iremos.

A garganta de Yrene se contraiu.

— Eu sei.

— E você — continuou Hafiza, pegando a mão dela. — Não voltará conosco.

Seus olhos queimaram, mas Yrene sussurrou:

— Não, eu não vou.

Hafiza apertou os dedos de Yrene, a mão quente. Forte como o aço.

— Eu terei que encontrar um nova herdeira, então.

— Sinto muito — ela sussurrou.

— Pelo que?— Hafiza riu. — Você encontrou amor e felicidade, Yrene. Não há nada mais que eu poderia desejar para você.

Yrene enxugou a lágrima que escorreu.

—Eu só... eu não quero que você pense que eu desperdicei o seu tempo.

Hafiza gargalhou.

— Desperdiçar o meu tempo? Yrene Towers... Yrene Westfall. — A mulher segurou o rosto de Yrene com suas mãos fortes e antigas. — Você salvou *todos* nós. — Yrene fechou os olhos quando Hafiza deu um beijo em sua testa. Uma bênção e uma despedida.

— Você vai ficar nessas terras — disse Hafiza, com um sorriso inabalável. — Mas mesmo com o oceano nos dividindo, vamos continuar ligadas aqui. — Ela tocou o peito, bem em cima do coração. — E não importa quantos anos se passem, você sempre terá um lugar na Torre. Sempre.

Yrene colocou a mão trêmula sobre o próprio coração e assentiu.

Hafiza apertou o ombro dela e começou a andar de volta para os pacientes.

Mas Yrene disse:

— E se...

Hafiza se virou, as sobrancelhas erguendo-se.

— Sim?

Yrene engoliu em seco.

— E se, uma vez que eu me estabelecer em Adarlan, e tiver esse bebê... Quando for a hora certa, e se eu estabelecer minha própria Torre aqui?

Hafiza inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo a cadência da afirmação enquanto ecoava em seu coração.

— A Torre Cesme do Norte.

Yrene continuou:

— Em Adarlan. Em Forte da Fenda. Uma nova Torre para reabastecer o que Erawan destruiu. Ensinar as crianças que podem não perceber que têm o dom e aqueles que nascerão com ele. — Porque muitos dos feéricos que vinham do campo de batalha eram descendentes dos curandeiros que haviam presenteado as mulheres da Torre com seus poderes – há muito tempo. Talvez eles gostariam de ajudar novamente.

Hafiza sorriu de novo.

— Eu gosto muito dessa ideia, Yrene Westfall.

Com isso, a Alta-Curandeira voltou para a batalha da cura e da dor.

Mas Yrene permaneceu em pé ali, levando uma mão ao ligeiro inchaço em sua barriga.

E ela sorriu – ampla e inabalavelmente – para futuro que se abria diante dela, brilhante como o amanhecer que se aproximava.



O nascer do sol estava próximo, mas Manon não conseguia dormir. Não se preocupou em encontrar um lugar para descansar, não enquanto as Crochans e as Dentes de Ferro continuassem feridas, e ela ainda não tinha terminado a contagem de quantos haviam sobrevivido à batalha. À guerra.

Havia um espaço vazio dentro dela onde doze almas haviam queimado ferozmente.

Talvez fosse por isso que ela não encontrara sua cama, nem mesmo quando soube que Dorian provavelmente procurara um lugar para dormir. O porquê ela ainda permanecera no ninho, Abraxos cochilando ao lado dela, e olhou para o campo de batalha silencioso.

Quando os corpos fossem retirados, quando a neve derretesse, quando a primavera chegasse, um pedaço de terra queimado se estenderia na planície em frente à cidade? Permaneceria para sempre assim, um marcador de onde elas caíram?

— Temos uma contagem final — disse Bronwen atrás dela, e Manon encontrou a Crochan e Glennis emergindo da escadaria da torre, Petrah em seus calcanhares.

Manon preparou-se para isso enquanto acenava com uma mão em um pedido silencioso.

Ruim. Mas não tão ruim quanto poderia ter sido.

Quando Manon abriu os olhos, as três apenas olharam para ela.

Dentes de Ferro e Crochan, juntas em paz. Como aliadas.

— Vamos recolher os mortos amanhã — disse Manon, com a voz baixa. — E queimá-los ao nascer da lua.— Como ambas Crochans e Dentes de Ferro faziam. Uma lua cheia amanhã – o ventre da Mãe. Uma boa lua para ser queimada. Ser devolvida à Deusa de Três Rostos e renascer dentro daquele útero.

— E depois disso? — Petrah perguntou. — O que faremos então?

Manon olhou de Petrah para Glennis e Bronwen.

— O que vocês gostariam de fazer?

Glennis disse suavemente:

— Ir para casa.

Manon engoliu em seco.

— Você e as Crochans podem ir quando vocês...

— Para o deserto — disse Glennis. — Juntas.

Manon e Petrah trocaram um olhar. Petrah disse:

— Nós não podemos.

Os lábios de Bronwen se curvaram para cima.

— Vocês podem.

Manon piscou. E piscou novamente quando Bronwen estendeu o punho em direção a Manon e abriu-o.

Dentro havia uma flor roxa pálida, pequena como a unha de Manon. Linda e delicada.

— Uma legião de Crochans acabou de chegar aqui – um pouco atrasada, mas elas ouviram o chamado e vieram. Percorreram todo o caminho ao longo do Deserto.

Manon olhou e olhou para aquela flor roxa.

— Elas trouxeram isso. Da planície antes da Cidade das Bruxas.

A planície árida e sangrenta. A terra que não produzira flores, nem vida além de grama e musgo e...

A visão de Manon ficou embaçada e Glennis pegou a mão dela, guiando-a na direção de Bronwen antes que a bruxa colocasse a flor na palma da mão de Manon.

— Só juntas poderia ser desfeito — Glennis sussurrou. — Seja a ponte. Seja a luz.

Uma ponte entre os dois povos, como Manon se tornara.

Uma luz – como as Treze tinham explodido em luz, não escuridão, em seus momentos finais.

— Quando o ferro derreter — Petrah murmurou, seus olhos azuis nadando com lágrimas.

As Treze derreteram aquela torre. Derreteram as Dentes de Ferro dentro dela. E elas mesmas.

— Quando as flores nascerem em campos de sangue — continuou Bronwen.

Os joelhos de Manon se dobraram enquanto ela olhava para aquele campo de batalha. Onde incontáveis flores foram colocadas sobre o sangue e as ruínas onde as Treze encontraram seu fim.

Glennis concluiu:

— Que a terra seja testemunha.

O campo de batalha onde os governantes e cidadãos de tantos reinos, tantas nações, vieram prestar tributo. Para testemunhar o sacrifício das Treze e honrá-las.

O silêncio caiu, e Manon sussurrou, sua voz tremendo quando ela segurou aquela flor pequena e impossivelmente preciosa em sua palma.

— E volte para casa.

Glennis inclinou a cabeça.

— E assim a maldição está quebrada. E assim iremos juntas para casa... como um povo só.

A maldição foi quebrada.

Manon apenas olhou para elas, sua respiração se tornando irregular. Então ela despertou Abraxos, e estava na sela dentro de

poucas batidas do coração. Ela não lhes ofereceu qualquer explicação, nenhum adeus, enquanto eles saltavam na noite.

Enquanto ela guiava sua serpente alada para o pedaço de terra destruída no campo de batalha. Direto ao seu coração.

E sorrindo através de suas lágrimas, rindo de alegria e tristeza, Manon colocou aquela preciosa flor dos Desertos no chão.

Em agradecimento e amor.

Assim, elas saberiam, assim Asterin saberia, no reino onde ela, seu caçador e sua criança andavam de mãos dadas, que elas tinham conseguido.

Que elas estavam indo para casa.



Aelin queria, mas não conseguia dormir. Tinha ignorado as ofertas para encontrar um quarto, uma cama, no caos do castelo.

Em vez disso, ela e Rowan tinham ido ao Grande Salão, para conversar com os feridos, para oferecer a ajuda que podiam para aqueles que mais precisavam.

Os Feéricos perdidos de Terrasen, seus lobos gigantes e o adotado grupo humano com eles, queriam falar com ela tanto quanto os cidadãos de Orynth. Como eles haviam encontrado a Tribo dos Lobos há uma década, como eles haviam se encontrado com eles nas florestas e montanhas além, era uma história que ela logo aprenderia. O mundo aprenderia.

Seus curandeiros encheram o Grande Salão, juntando-se às mulheres da Torre. Todos descendiam daqueles no continente do sul – e aparentemente foram treinados por eles também. Dezenas de curandeiros revigorados, cada um com suprimentos muito necessários. Eles caíram perfeitamente no trabalho ao lado daqueles da Torre. Como se tivessem feito isso por séculos.

E quando os curandeiros, tanto humanos como Feéricos, os enxotaram, Aelin vagou.

Por cada corredor e andar, olhando para os quartos tão cheios de fantasmas e memórias. Rowan caminhara ao seu lado, uma

presença silenciosa e inabalável.

Nível a nível eles subiram cada vez mais.

Eles estavam se aproximando do topo da torre norte quando amanheceu.

A manhã estava brutalmente fria, ainda mais no alto da torre que ficava no alto do mundo, mas o dia seria claro. Brilhante.

— Então aqui está — disse Aelin, apontando para a mancha escura nas pedras do balcão. — Onde Erawan encontrou o seu fim nas mãos de uma curandeira. — Ela franziu a testa. — Espero que saia depois de lavado.

Rowan bufou, e quando ela olhou por cima do ombro, o vento chicoteando em seus cabelos, ela o encontrou encostado na porta da escada, com os braços cruzados.

— Estou falando sério — ela disse. — Vai ser odioso ter a sujeira dele ali. E eu pretendo usar essa varanda para me bronzear. Ele vai estragar tudo.

Rowan riu e empurrou a porta, indo para o corrimão da varanda.

— Se não sair, jogaremos um tapete em cima disso.

Aelin riu e juntou-se a ele, apoiando-se no calor dele enquanto o sol deixava dourado o campo de batalha, o rio, as Montanhas Galhadas do Cervo.

— Bem, agora você já viu todos os corredores, salas e escadarias. O que você acha da sua nova casa?

— Um pouco pequena, mas lidaremos com isso.

Aelin cutucou-o com um cotovelo e empurrou o queixo para a torre oeste ali perto. Na mesma medida em que a torre norte era alta, a torre oeste era larga. Grande. Perto de seus níveis superiores, pairando sobre a perigosa queda, um jardim de pedras muradas brilhava à luz do sol. O jardim do rei.

Da Rainha, ela supôs.

Não havia mais nada a não ser um emaranhado de espinhos e neve. No entanto, ela ainda se lembrava disso, quando ele pertencia a Orlon. As rosas e a treliça pendente das glicínias, as fontes que

havam se espalhado pela beirada do jardim e para o ar livre lá embaixo, a macieira com flores como flocos de neve na primavera.

— Eu nunca percebi o quão conveniente seria para Ligeirinha — disse ela sobre o jardim privado secreto. Reservado *apenas* para a família real. Às vezes apenas para o rei ou para a rainha. — Não ter que descer as escadas da torre toda vez que ela precisar fazer xixi.

— Tenho certeza de que seus ancestrais tinham em mente os hábitos de higiene caninos quando o construíram.

— Eu teria — resmungou Aelin.

— Ah, eu acredito — disse Rowan, sorrindo. — Mas você pode me explicar por que não estamos lá agora, dormindo?

— No Jardim?

Ele tocou o nariz dela.

— Na suíte além do jardim. No nosso quarto.

Ela o levou rapidamente pelo espaço. Ainda preservado bem o suficiente, apesar da ruína do resto do castelo. Um dos companheiros adarlanianos, sem dúvida, o usara.

— Eu quero limpá-lo de qualquer vestígio de Adarlan antes de ficar lá — ela admitiu.

— Ah.

Ela soltou um suspiro, sugando o ar da manhã.

Aelin ouviu-os antes que os visse, farejando-os. E quando eles se viraram, encontraram Lorcan e Elide caminhando na varanda da torre, Aedion, Lysandra e Fenrys seguindo. Ren Allsbrook, hesitante e cauteloso, surgiu atrás deles.

Como eles sabiam onde encontrá-los, e o porquê eles vieram, Aelin não tinha ideia. As feridas de Fenrys tinham se fechado pelo menos, embora havia duas cicatrizes vermelhas indo de sua testa até a mandíbula. Ele não pareceu notar ou se importar.

Ela também não deixou de notar a mão que Lorcan mantinha nas costas de Elide. O brilho no rosto da lady.

Aelin poderia adivinhar bem de onde esse brilho vinha. Até os olhos escuros de Lorcan estavam brilhantes.

Isso não impediu que Aelin captasse o olhar de Lorcan. E lhe desse um olhar de advertência que transmitia tudo o que ela não se importava em dizer: se ele quebrasse o coração da Senhora de Perranth, ela o flambaria. E convidaria Manon Bico Negro para assar um pouco de comida sobre o seu cadáver em chamas.

Lorcan revirou os olhos, e Aelin considerou a aceitação o suficiente quando ela perguntou a todos:

— *Alguém* se incomodou em dormir?

Apenas Fenrys levantou a mão.

Aedion franziu a testa para a mancha escura nas pedras.

— Estaremos colocando um tapete sobre isso — disse Aelin.

Lysandra riu.

— Algo brega, eu espero.

— Estou pensando em rosa e roxo. Bordado com flores. Apenas o que Erawan teria amado.

Os homens Feéricos ficaram boquiabertos, Ren piscando. Elide abaixou a cabeça quando ela riu.

Rowan bufou novamente.

— Pelo menos esta Corte não será chata.

Aelin pôs a mão no peito, o retrato da indignação.

— Você honestamente estava preocupado que seria?

— Deuses nos ajudem — resmungou Lorcan. Elide lhe deu uma cotovelada.

Aedion disse a Ren, o jovem lorde que permanecia na arcada, como se ainda estivesse considerando sair rapidamente:

— Agora é a sua chance de escapar, você sabe. Antes que você seja sugado para esse absurdo sem fim.

Mas os olhos escuros de Ren encontraram os de Aelin. Analisando-os.

Ela ouviu falar sobre Murtaugh. Sabia que agora não era a hora de mencioná-lo, a perda escurecendo os olhos dele. Então ela manteve o rosto aberto. Honesto. Caloroso.

— Nós poderíamos sempre precisar de mais um para participar desse absurdo — disse Aelin, uma mão invisível estendida.

Ren a examinou novamente.

— Você desistiu de tudo e ainda voltou aqui. Ainda lutou.

— Tudo isso por Terrasen — ela disse baixinho.

— Sim, eu sei — disse Ren, a cicatriz no rosto austero iluminada pelo sol nascente. — Eu entendo isso agora. — Ele ofereceu-lhe um pequeno sorriso. — Eu acho que eu poderia precisar de um pouco do absurdo, depois dessa guerra.

Aedion murmurou:

— Você vai se arrepender de dizer isso.

Mas Aelin esboçou um sorriso.

— Ah, ele certamente vai. — Ela sorriu para os machos reunidos. — Eu juro para você, eu não vou te entediar até às lágrimas. Juramento da rainha.

— E o que não vai nos entediar, então? — perguntou Aedion.

— Reconstrução — disse Elide. — Muita reconstrução.

— Negociações comerciais — disse Lysandra.

— Treinar uma nova geração em magia — prosseguiu Aelin.

Mais uma vez, os machos piscaram para elas.

Aelin inclinou a cabeça, piscando de volta para eles.

— Vocês não tem nada que valha a pena para contribuírem? — Ela estalou a língua. — Três de vocês são antigos como o inferno, você sabe. Eu esperava mais de velhos safados.

As narinas deles se alargaram. Aedion sorriu, Ren sabiamente apertando os lábios para não fazer o mesmo.

Mas Fenrys disse:

— Quatro. Quatro de nós somos velhos como o inferno.

Aelin arqueou uma sobrancelha.

Fenrys sorriu, o movimento esticando suas cicatrizes.

— Vaughan ainda está lá fora. E agora livre.

Rowan cruzou os braços.

— Ele nunca será pego novamente.

Mas o sorriso de Fenrys mostrava conhecimento. Ele apontou para o exército Feérico acampado na planície, os lobos e os humanos entre eles.

— Tenho a sensação de que alguém lá em baixo poderia saber por onde poderíamos começar. — Ele olhou para Aelin. — Se você for favorável à que outro velho rabugento se junte a essa corte.

Aelin encolheu os ombros.

— Se você pode convencê-lo, eu não vejo porque não — Rowan sorriu e observou o céu, como se pudesse ver o seu amigo que faltava pairando lá.

Fenrys piscou.

— Eu prometo que ele não é tão miserável como Lorcan — Elide bateu em seu braço, e Fenrys se afastou, com as mãos para cima enquanto ele ria. — Você vai gostar dele — prometeu a Aelin. — Todas as senhoras gostam — acrescentou ele com outra piscadela para ela, Lysandra e Elide.

Aelin riu, o som mais claro, mais livre do que qualquer outro que ela tinha feito, e enfrentou o reino em movimento.

— Prometemos a todos um mundo melhor — disse ela depois de um momento, voz solene. — Então, vamos começar com isso.

— Começando pequeno — disse Fenrys. — Eu gosto disso.

Aelin sorriu para ele.

— Eu gostei de toda a coisa do vamos-votar-sobre-as-chaves-de-Wyrd que fizemos. Então vamos começar com um pouco mais disso também.

Silêncio. Então Lysandra perguntou:

— Votando sobre o quê?

Aelin encolheu os ombros, colocando as mãos nos bolsos.

— Coisas.

Aedion arqueou uma sobrancelha.

— Como sobre o jantar?

Aelin revirou os olhos.

— Sim, jantar. Jantar para a Corte.

Elide tossiu.

— Eu acho que Aelin está pensando sobre coisas vitais. Sobre como administrar esse reino.

— Você é a rainha — disse Lorcan. — O que há para votar?

— As pessoas devem opinar sobre como são governadas.

Políticas que os afetam. Eles devem ter uma palavra sobre como esse reino é reconstruído. — Aelin ergueu o queixo. — Eu serei rainha e meus filhos... — Suas bochechas se aqueceram enquanto sorria para Rowan. — Nossos filhos — ela disse suavemente. — Vão governar. Um dia. Mas Terrasen deveria ter voz. Cada território, independentemente dos senhores que o governam, deve ter voz. Um escolhido pelo próprio povo.

Os integrantes da corte olharam um para o outro. Rowan disse:

— Havia um reino... ao leste. Muito tempo atrás. Eles acreditavam em tais coisas. — O orgulho brilhava em seus olhos, mais brilhante do que o amanhecer. — Era um lugar de paz e aprendizado. Um farol em uma parte distante e violenta do mundo. Assim que a Biblioteca de Orynth for reconstruída, pediremos aos estudiosos que encontrem o que puderem sobre isso.

— Poderíamos ir ao próprio reino — disse Fenrys. — Ver se alguns de seus estudiosos ou líderes podem querer vir aqui. Para nos ajudar. Ele encolheu os ombros. — Eu poderia fazer isto. Viajarei até lá, se desejar.

Ela sabia o que ele queria dizer com isso — viajar como seu emissário. Talvez trabalhar com tudo o que ele viu e suportou. Para fazer as pazes com a perda do irmão dele. Com ele mesmo. Ela tinha a sensação de que as cicatrizes em seu rosto só desapareceriam quando ele quisesse.

Mas Aelin assentiu. E enquanto ela alegremente enviaria Fenrys aonde ele desejasse...

— A biblioteca? — ela desabafou.

Rowan apenas sorriu.

— E o Teatro Real.

— Não havia teatro... não como em Forte da Fenda.

O sorriso de Rowan cresceu.

— Haverá.

Aelin acenou para ele.

— Preciso te lembrar que, apesar de vencer essa guerra, não estamos mais cheios de ouro?

Rowan deslizou o braço ao redor dos ombros dela.

— Preciso te lembrar que desde que você decapitou Maeve, eu sou um Príncipe de Doranelle mais uma vez, com acesso aos meus bens e propriedades? E que, com Maeve considerada uma impostora, metade da riqueza dela vai para você... e a outra para os Whitethorns?

Aelin piscou para ele devagar. Os outros sorriram. Até mesmo Lorcan.

Rowan a beijou.

— Uma nova biblioteca e um Teatro Real — ele murmurou em sua boca. — Considere-os como os meus presentes de casamento para você, Coração de Fogo.

Aelin recuou, examinando o rosto dele. Vendo sinceridade e convicção.

E, jogando os braços ao redor dele, rindo para o céu iluminado, ela começou a chorar.



Era para ser um dia de muitas reuniões, Aelin decidiu isso enquanto ela estava em uma câmara quase vazia e empoeirada e sorriu para os seus aliados. Seus amigos.

Ansel de Penhasco dos Arbustos, ferida e cheia de arranhões, sorriu de volta.

— Sua metamorfa era uma boa mentirosa — disse ela. — Eu tenho vergonha de não ter percebido isso.

O príncipe Galan, igualmente machucado, soltou uma risada.

— Em minha defesa, eu nunca conheci você. — Ele inclinou a cabeça para Aelin. — Então, olá, prima.

Aelin, encostada na mesa meio decadente que servia como a única peça de mobília da sala, sorriu maliciosamente para ele.

— Eu vi você de longe uma vez.

Os olhos de Galan Ashryver se acenderam.

— Assumo que tenha sido durante a sua antiga profissão e obrigado por não me matar.

Aelin riu, mesmo quando Rolfe revirou os olhos.

— Sim, capitão?

Rolfe agitou uma mão tatuada, o sangue ainda se agarrava por baixo das unhas.

— Vou me abster de comentar.

Aelin sorriu.

— Você é o herdeiro do povo myceniano — disse ela. — Brigas mesquinhas estão agora abaixo de você.

Ansel bufou. Rolfe lançou-lhe um olhar.

— O que você pretende fazer com eles agora? — Perguntou Aelin. Ela supôs que o resto de sua corte deveria ter estado aqui, mas quando ela despachou Evangeline para reunir seus aliados, ela optou por deixá-los descansar. Rowan, pelo menos, fora procurar Endymion e Sellene. Aparentemente, esta última estava prestes a aprender muito sobre seu próprio futuro. O futuro de Doranelle.

Rolfe deu de ombros.

— Temos que decidir para onde ir. Se retornamos à Baía da Caveira, ou...

Seus olhos verde-marinhos se estreitaram.

— Ou? — Aelin perguntou docemente.

— Ou decidir se nós preferimos reconstruir nossa antiga casa em Ilium.

— Por que você não se decide? — Perguntou Ansel.

Rolfe acenou com a mão tatuada.

— Eles ofereceram suas vidas para lutar nesta guerra. Eles devem ser capazes de escolher onde querem viver depois disso.

— Sábio — disse Aelin, estalando a língua. Rolfe endureceu, mas relaxou ao ver o calor em seu olhar. Mas ela olhou para Ilias, a armadura do assassino amassada e arranhada. — Você falou alguma coisa durante toda essa guerra?

— Não — Ansel respondeu por ele. O filho do Mestre Silencioso olhou para a jovem rainha. Manteve o olhar dela.

Aelin piscou ao olhar que passou entre eles. Nenhuma animosidade – nenhum medo. Ela poderia jurar que Ansel corou.

Poupando sua velha amiga, Aelin disse a todos eles:

— Obrigada.

Eles a encararam novamente.

Ela engoliu e colocou a mão sobre o coração.

— Obrigada por terem vindo quando eu pedi. Obrigada em nome de Terrasen. Estou em débito com vocês.

— Nós estávamos em dívida com você — retrucou Ansel.

— Eu não estava — Rolfe murmurou.

Aelin lançou-lhe um sorriso.

— Nós vamos nos divertir, você e eu. — Ela examinou seus aliados, cansados e exaustos de batalha, mas ainda de pé. Todos eles ainda estavam de pé. — Acho que vamos nos divertir bastante.



Ao meio-dia, Aelin encontrou Manon em um dos ninhos das bruxas, Abraxos olhando para o campo de batalha.

Ataduras cobriam sua lateral e suas asas, e cobriam sua Líder Alada.

— Rainha das Crochans e das Dentes de Ferro — disse Aelin em saudação, soltando um assobio baixo que fez Manon girar devagar. Aelin olhou as unhas dela. — Impressionante.

No entanto, o rosto que se virou para ela...

Repleto de exaustão. Luto.

— Eu ouvi sobre elas — disse Aelin baixinho, abaixando as mãos, mas não se aproximando.

Manon não disse nada, seu silêncio transmitindo tudo o que Aelin precisava saber.

Não, ela não estava bem. Sim, isso a destruiu. Não, ela não queria falar sobre isso.

Aelin apenas disse:

— Obrigada.

Manon assentiu vagamente. Então Aelin caminhou na direção da bruxa, depois passou por ela. Direto para onde Abraxos estava sentado, olhando em direção a Theralis. O maldito pedaço de terra.

Seu coração se esticou ao vê-lo. A serpente alada e a terra e a bruxa atrás dela. Mas Aelin sentou-se ao lado da serpente. Escovou a mão sobre a cabeça de couro. Ele se inclinou com seu toque.

— Haverá um monumento — disse ela a Abraxos, a Manon. — Se você quiser, vou construir um monumento ali mesmo. Então, ninguém jamais esquecerá o que foi dado. Quem nós temos que agradecer.

O vento cantava através da torre, oco e rápido. Mas então os passos rangeram no feno, e Manon sentou-se ao lado dela.

No entanto, Aelin não falou de novo e não fez mais perguntas. E Manon, percebendo isso, deixou os ombros dela se curvarem, deixando a cabeça se curvar. De um jeito ela nunca poderia agir com mais ninguém. De um jeito que ninguém mais poderia entender, o peso que ambas suportavam.

Em silêncio, as duas rainhas olharam para o campo dizimado. Para o futuro além dele.

CAPÍTULO 119

Demorou dez dias para que tudo fosse organizado.

Dez dias para limpar a sala do trono, esfregar os corredores inferiores, encontrar a comida e os pratos de que precisavam. Dez dias para limpar a suíte real, encontrar roupas adequadas e arrumar a sala do trono em esplendor.

Guirlandas perenes pendiam dos bancos e caibros, e enquanto Rowan estava no estrado da sala do trono, monitorando a multidão reunida, ele teve que admitir que Lysandra tinha feito um trabalho impressionante. Velas cintilavam por toda parte, e neve fresca caía na noite anterior, cobrindo as cicatrizes ainda remanescentes da batalha.

Ao seu lado, Aedion se mexeu, Lorcan e Fenrys olhando para a frente.

Todos eles lavavam e escovavam e usavam roupas que os faziam parecer... principescos.

Rowan não se importou. Sua jaqueta verde, enfiada em prata, era a coisa menos prática que ele já tinha visto. Ao seu lado, pelo menos, ele levava a espada, Goldryn pendurado no outro quadril.

Felizmente, Lorcan parecia tão desconfortável quanto ele, vestido de preto. *Se você usasse qualquer outra coisa, Aelin havia comentado com Lorcan, o mundo giraria em sua cabeça. Então é preto de enterro.*

Lorcan revirou os olhos. Mas Rowan tinha vislumbrado o rosto de Elide quando a viu com Lysandra no corredor da sala do trono momentos antes. Tinha visto o amor e desejo quando ela viu Lorcan

em suas roupas novas. E se perguntou em quanto tempo este salão seria um casamento.

Uma olhada em Aedion, vestido verde de Terrasen também, e Rowan sorriu levemente. Dois casamentos, provavelmente antes do verão. Embora nem Lysandra nem Aedion tivessem mencionado isso.

O último de seus convidados acabou de entrar no espaço lotado, e Rowan examinou os governantes e aliados sentados nas primeiras fileiras. Ansel de Penhasco dos Arbustos continuava mexendo em sua igualmente nova calça e jaqueta, Rolfe colocando um braço sobre o banco atrás dela enquanto ele sorria de seu desconforto. Ilias, vestido com as roupas brancas de seu povo, sentou-se no outro lado de Ansel, o rosto sereno e calmo. Uma fila à frente, Galan descansou em sua regalia principesca, queixo alto. Ele piscou quando seus olhos de Ashryver se encontraram com Rowan.

Rowan apenas inclinou o queixo para o jovem. E então inclinou-se para seus primos, Enda e Sellene, sentados perto do corredor, a última precisou de algumas poucas horas sentada em silêncio quando Rowan lhe disse que ela era agora a rainha de Doranelle. A Rainha Feérica do Oriente.

Sua prima de cabelos grisalhos não se vestira para o novo título de hoje, embora – como Enda, ela tivesse optado por qualquer roupa que fosse menos usada em combate.

Tais mudanças viriam para Doranelle – aquelas que Rowan sabia que ele não poderia prever. A família Whitethorn governaria, a linha de Mora finalmente seria restabelecida, mas ficaria a cargo deles, até Sellene, como esse reino se moldaria. Como os Feéricos escolheriam se moldar sem uma rainha negra dominando sobre eles.

Quantos daqueles Feéricos escolheriam ficar aqui, em Terrasen, permaneceriam para serem vistos. Quantos desejariam construir uma vida neste reino devastado pela guerra, optar por anos de difícil reconstrução ao retornar à facilidade e riqueza? Os guerreiros Feéricos que ele encontrou nessas duas semanas não lhe deram nenhuma indicação, mas ele viu alguns deles olhando para as

montanhas, em direção a Carvalhal, com saudade. Como se eles também ouvissem o chamado selvagem do vento.

Então havia o outro fator: os Feéricos que moraram aqui antes da queda de Terrasen. Quem havia respondido ao apelo desesperado de Aelin e retornado à sua casa secreta entre a Tribo dos Lobos no interior para se preparar para a jornada até aqui. Para retornar a Terrasen finalmente. E talvez tragam alguns desses lobos com eles.

Ele trabalharia para tornar este reino digno de seu retorno. Digno de todos os que moravam aqui, humanos ou Feéricos ou bruxas. Um reino tão grande quanto antes – maior. Tão grande quanto o que morava no extremo sul, do outro lado do Mar Estreito, prova de que uma terra de paz e abundância poderia existir.

Os khagans da realeza haviam falado muito sobre o reino deles hoje em dia – suas políticas, seus povos. Eles agora se sentaram juntos do outro lado da sala do trono, Chaol e Dorian com eles. Yrene e Nesryn também estavam sentadas ali, ambas lindas em vestidos que Rowan só podia supor que haviam sido emprestados. Não havia lojas abertas – e nenhuma com suprimentos. De fato, foi um milagre que algum deles tivesse roupas limpas.

Manon, pelo menos, recusara a elegância. Ela usava o couro de bruxa – embora sua coroa de estrelas estivesse sobre a testa, lançando sua luz sobre Petrah Sangue Azul e Bronwen Crochan, sentadas em ambos os lados dela.

A entrada de Aedion foi audível e Rowan olhou para as portas abertas. Então, para onde Lorde Darrow estava ao lado do trono vazio.

Não era um trono oficial – apenas uma cadeira maior e melhor que havia sido escolhida entre as tristes candidatas.

Darrow também olhou fixamente para as portas abertas, o rosto impassível. Ainda seus olhos brilhavam.

As trombetas soaram.

Uma convocação de quatro notas. Repetida três vezes.

Bancos gemeram quando todos se viraram para as portas.

Atrás do estrado, escondido atrás de uma tela de madeira pintada, um pequeno grupo de músicos começou a tocar uma processional. Não a grande e extensa orquestra que poderia acompanhar um evento dessa magnitude, mas melhor do que nada.

Não importava de qualquer maneira.

Não como Elide apareceu em um vestido lilás, uma guirlanda de fitas sobre o cabelo preto trançado. Cada passo mancava, e Rowan sabia que era porque pedira a Lorcan que não apoiasse o pé. Ela queria fazer isso, andar pelo longo corredor em seus próprios dois pés.

Empertigada e graciosa, a Lady de Perranth manteve os ombros para trás enquanto segurava o buquê de azevinho diante dela e caminhou até o estrado. Lady de Perranth – e uma das servas de Aelin. Por hoje.

Para a coroação de Aelin.

Elide estava na metade do corredor quando Lysandra apareceu, vestida de veludo verde. Pessoas murmuraram. Não apenas pela beleza notável, mas pelo que ela era.

A metamorfa que defendera o reino deles. Ajudou a derrubar Erawan.

O queixo de Lysandra permaneceu alto enquanto ela deslizava pelo corredor, e a cabeça de Aedion se levantou ao vê-la. A Lady de Caraverre.

Então veio Evangeline, fitas verdes em seus cabelos vermelho-dourados, radiantes, aquelas cicatrizes estendidas em total alegria. A jovem Lady de Arran. A aprendiz de Darrow. Quem de alguma forma tinha derretido o coração do lorde o suficiente para convencer os outros lordes a concordar com isso.

Para o direito de Aelin ao trono.

Eles entregaram os documentos há dois dias. Assinado por todos eles.

Elide ocupou um lugar no lado direito do trono. Então Lysandra.

Então Evangeline.

O coração de Rowan começou a trovejar enquanto todos olhavam para o corredor agora vazio. Enquanto a música subia e subia, a Canção de Terrasen ecoava.

E quando a música atingiu seu pico, quando o mundo explodiu com som, real e inflexível, ela apareceu.

Os joelhos de Rowan se dobraram quando todos se levantaram.

Vestida de verde, esvoaçante e prateado, com os cabelos dourados soltos, Aelin parou no limiar da sala do trono.

Ele nunca tinha visto alguém tão bonito.

Aelin olhou para o longo corredor. Como se pesasse cada passo que ela dava ao estrado.

Para o trono dela.

O mundo inteiro pareceu parar com ela, demorando-se naquele limiar.

Brilhando mais do que a neve lá fora, Aelin ergueu o queixo e começou sua última caminhada para casa.



Cada passo, cada caminho que ela tomara, a levava até aqui.

Os rostos de seus amigos, seus aliados, ficaram borrados quando ela passou.

Para o trono que esperou. Para a coroa que Darrow colocaria em sua cabeça.

Cada um de seus passos parecia ecoar através da terra. Aelin deixou algumas de suas brasas passarem, balançando-se na esteira da cauda de seu vestido enquanto ele corria atrás dela.

Suas mãos tremiam, mas ela agarrou o buquê mais apertado.

Evergreen – pela eterna soberania de Terrasen.

Cada passo em direção àquele trono assomava e ainda assim chamava.

Rowan ficou à direita do trono, com os dentes arreganhados em um sorriso feroz que até mesmo seu treinamento não pôde conter.

E havia Aedion no trono à esquerda. Cabeça alta e lágrimas escorrendo pelo rosto, a Espada de Orynth pendurada ao seu lado.

Foi por ele que ela sorriu. Para as crianças que tinham sido, pelo que haviam perdido.

O que eles ganharam agora.

Aelin passou por Dorian e por Chaol e fez um aceno com a cabeça na direção deles. Piscou para Ansel de Penhasco dos Arbustos, enxugando os olhos na manga do casaco.

E então Aelin estava nos três degraus do tablado e Darrow foi até a borda.

Como ele havia instruído na noite anterior, como ela havia praticado várias vezes em uma escadaria empoeirada, Aelin subiu os três degraus e se ajoelhou no primeiro andar.

A única vez em seu reinado que ela iria se curvar.

A única coisa por qual ela se ajoelhariá.

Sua coroa. Seu trono. Seu reino.

O salão permaneceu em pé, mesmo quando Darrow fez sinal para que se sentassem.

E então vieram as palavras proferidas no Velho Idioma. Sagrado e antigo, falado sem falhas por Darrow, que coroara o próprio Orlon todas aquelas décadas atrás.

Você oferece sua vida, seu corpo, sua alma ao serviço de Terrasen?

Ela respondeu no Idioma Antigo, como ela também havia praticado com Rowan na noite passada até que sua língua se tornou pesada.

Eu ofereço tudo o que sou e tudo o que tenho para Terrasen.

Então fale seus votos.

O coração de Aelin disparou, e ela sabia que Rowan podia ouvir, mas inclinou a cabeça e disse: *Eu, Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius, juro por minha alma imortal que devo guardar, cuidar e honrar Terrasen desde hoje até a minha última vez.*

Então será assim, respondeu Darrow e estendeu a mão.

Não para ela, mas para Evangeline, que se adiantou com um travesseiro de veludo verde.

A coroa em cima.

Adarlan destruiu seu trono de galhadas. Derreteria a coroa dela.

Então eles fizeram uma nova. Nos dez dias desde que tinha sido decididos que ela seria coroada aqui, na frente do mundo, eles tinham encontrado um mestre ourives para forjar um ouro remanescente que eles roubaram do carrinho de mão em Wendlyn.

Faixas retorcidas, como galhadas tecidas, ergueram-se para sustentar a gema em seu centro.

Não é uma verdadeira jóia, mas uma infinitamente mais preciosa. Darrow a tinha dado ele mesmo.

O pedaço de cristal que continha a flor de reis do reinado de Orlon.

Mesmo entre os brilhantes metais da coroa, a flor vermelha e laranja brilhava como um rubi, deslumbrante à luz do sol da manhã, enquanto Darrow tirava a coroa do travesseiro.

Ele levantou-a em direção ao raio de luz que entrava pelo banco de janelas atrás do estrado. A cerimônia escolhida para este tempo, esse raio de sol. Esta benção, da própria Mala.

E embora a Senhora da Luz tivesse ido embora para sempre, Aelin poderia jurar que sentiu uma mão quente no ombro quando Darrow ergueu a coroa para o sol.

Poderia jurar que ela sentia todos eles ali com ela, aqueles a quem ela amara com seu coração de fogo. Cujas histórias foram novamente cobertas pela sua pele.

E quando a coroa desceu, quando ela apoiou a cabeça, o pescoço, o coração, Aelin deixou seu poder brilhar. Para aqueles que não tinham conseguido, para aqueles que tinham lutado, para o mundo que assistia.

Darrow colocou a coroa em sua cabeça, seu peso mais pesado do que ela pensava.

Aelin fechou os olhos, deixando que o peso, o fardo e o presente se instalassem nela.

— Levante-se — disse Darrow — Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius, Rainha de Terrasen.

Ela engoliu um soluço. E lentamente, respirando firme apesar dos batimentos cardíacos que ameaçavam saltar de seu peito, Aelin se levantou.

Os olhos cinzentos de Darrow estavam brilhantes.

— Vida longa à Rainha!

E quando Aelin se virou, a chamada subiu pelo corredor, ecoando nas pedras antigas e na cidade reunida além do castelo.

— Salve, Aelin! Rainha de Terrasen!

O som dos lábios de Rowan, de Aedion, ameaçou deixá-la de joelhos, mas Aelin sorriu. Manteve o queixo alto e sorriu.

Darrow gesticulou para o trono que aguardava, para os dois últimos passos.

Ela se sentaria e a cerimônia seria feita.

Mas ainda não.

Aelin virou para a esquerda. Para Aedion. E disse baixinho, mas não fracamente:

— Isto tem sido seu desde o dia em que você nasceu, o Príncipe Aedion.

Aedion ficou imóvel quando Aelin afastou a manga transparente do vestido, expondo seu antebraço.

Os ombros de Aedion tremeram com a força de suas lágrimas.

Aelin não lutou contra as delas quando ela perguntou, os lábios balançando.

— Você vai jurar o juramento de sangue para mim?

Aedion caiu de joelhos diante dela.

Rowan entregou-lhe silenciosamente uma adaga, mas Aelin fez uma pausa enquanto a segurava no braço.

— Você lutou por Terrasen quando ninguém mais pode. Contra todas as probabilidades, além de toda esperança, você lutou por este reino. Por mim. Por essas pessoas. Você vai jurar continuar fazendo isso, enquanto você respirar?

A cabeça de Aedion se curvou enquanto ele respirava.

— Sim. Nesta vida e em todas as outras, eu servirei a você. E Terrasen.

Aelin sorriu para Aedion, do outro lado para sua moeda justa, e abriu o antebraço antes de estendê-lo para ele.

— Então beba, Príncipe. E seja bem-vindo.

Gentilmente, Aedion pegou o braço dela e colocou a boca na ferida.

E quando ele se retirou, o sangue dela em seus lábios, Aelin sorriu para ele.

— Você disse que queria jurar diante do mundo inteiro — ela disse para que só ele ouvisse. — Bem, aqui vai.

Aedion soltou uma risada e se levantou, jogando os braços ao redor dela e apertando com força antes de recuar para o seu lugar do outro lado do trono.

Aelin olhou para Darrow, ainda esperando.

— Onde nós estávamos?

O velho lorde sorriu levemente e gesticulou para o trono.

— A última peça desta cerimônia.

— Então, *almoço* — murmurou Fenrys, suspirando.

Aelin reprimiu o sorriso e deu dois passos para o trono.

Ela parou de novo quando se virou para se sentar.

Parou nas pequenas figuras que cutucaram suas cabeças ao redor das portas da sala do trono. Um pequeno suspiro escapou dela, o suficiente para que todos se virassem para olhar.

— O Povo Pequeninino — as pessoas murmuraram, algumas se afastando enquanto pequenas figuras corriam pelas sombras ao longo do corredor, as asas farfalhando e escamas brilhando.

Um deles se aproximou do tablado e, com mãos esguias e esverdeadas, pôs a oferenda aos pés dela.

Uma segunda coroa. A coroa de Mab.

Retirado de seus alforjes — onde quer que tenham terminado depois da batalha. Com eles, parecia. Como se não deixassem que se perdesse mais uma vez. Não a deixaria esquecer.

Aelin pegou a coroa que haviam colocado a seus pés, boquiaberta para a pequena reunião que se agrupava nas sombras além dos bancos, seus olhos escuros e arregalados piscando.

— A Rainha dos Feéricos do Oeste — Elide disse suavemente, embora todos tenham ouvido.

Os dedos de Aelin tremeram, seu coração se encheu ao ponto da dor, enquanto ela inspecionava a coroa antiga e cintilante. Então olhou para o Povo Pequeno.

— Sim — ela disse a eles. — Eu vou servir vocês também. Até o fim dos meus dias.

E Aelin se inclinou para eles então. As pessoas quase invisíveis que a salvaram tantas vezes e não pediram nada. O Senhor do Norte, que sobrevivera, como ela, contra todas as probabilidades. Quem nunca a esqueceu. Ela os serviria, pois serviria a qualquer cidadão de Terrasen.

Todos no estrado inclinaram-se também. Então todos na sala do trono.

Mas o Povo Pequeno já tinha ido embora.

Então ela colocou a coroa de Mab sobre a de ouro e cristal e prata, a antiga coroa assentando perfeitamente atrás dela.

E finalmente, Aelin sentou-se em seu trono.

Pesava sobre ela, aninhada contra seus ossos, aquele novo fardo. Não é mais uma assassina. Não é mais uma princesa desonesta.

E quando Aelin ergueu a cabeça para examinar a multidão animada, quando ela sorriu, Rainha de Terrasen e a Rainha dos Feéricos do Oeste, ela brilhou como uma estrela.



O ritual não acabou. Ainda não.

Quando os sinos ecoaram pela cidade, declarando sua coroação, a cidade reunida além do aplauso.

Aelin foi cumprimentá-los.

Até os portões do castelo, sua corte, seus amigos, seguindo-a, a multidão da sala do trono atrás. E quando ela parou nos portões lacrados, o antigo metal esculpido aparecendo, a cidade e o mundo esperando por ele, Aelin se virou para eles.

Para todos aqueles que tinham vindo com ela, que os tinham chegado até hoje, este toque alegre dos sinos.

Ela chamou sua corte para frente.

Depois sorriu para Dorian e Chaol, para Yrene, Nesryn, Sartaq e seus companheiros. E acenou para eles também.

Sobrancelhas subindo, eles se aproximaram.

Mas Aelin, coroada e brilhante, apenas disse:

— Ande comigo. — Ela gesticulou para os portões atrás dela. — Todos vocês.

Este dia não pertencia a ela sozinha. De modo nenhum.

E quando todos recusaram, Aelin avançou. Tomou Yrene Westfall pela mão para guiá-la para a frente. Então Manon Bico Negro. Elide Lochan. Lysandra. Evangeline. Nesryn Faliq. Borte e Hasar e Ansel.

Todas as mulheres que lutaram ao seu lado ou de longe. Quem sangrou e sacrificou e nunca perdeu a esperança de que esse dia chegasse.

— Caminhem comigo — disse Aelin para eles, os homens e machos caindo para trás. — Meus amigos.

Os sinos ainda tinindo, Aelin acenou para os guardas nos portões do castelo.

Eles finalmente se abriram e o rugido da multidão reunida foi alto o suficiente para sacudir as estrelas.

Como um, eles saíram. Na cidade aplaudindo.

Nas ruas, onde as pessoas dançavam e cantavam, onde choravam e apertavam as mãos ao coração ao ver o desfile de acenar, sorrir. Governantes e guerreiros e heróis que tinham salvado seu reino, suas terras. Ao ver a rainha recém-coroadada, a alegria iluminou seus olhos.

Um novo mundo.

Um mundo melhor.

CAPÍTULO 120

Dois dias depois, Nesryn Faliq ainda estava se recuperando da baile que durou até o amanhecer.

Mas que celebração tinha sido.

Nada tão majestoso quanto qualquer coisa no continente do sul, mas a pura alegria e riso no Grande Salão, o banquete e a dança...

Ela nunca esqueceria isso, enquanto vivesse.

Mesmo que isso possa levá-la até o dia da morte para se sentir descansada novamente.

Seus pés ainda doíam de dançar, dançar e dançar, e ela viu Aelin e Lysandra falando sobre isso na mesa do café há apenas uma hora.

A rainha dançou, porém, uma visão que Nesryn nunca esqueceria também.

A primeira dança tinha sido de Aelin para liderar, e ela selecionou seu parceiro para se juntar a ela. Tanto a rainha quanto o consorte haviam mudado de roupa para a festa, Aelin em um vestido preto entremeado de ouro, Rowan em preto bordado com prata. E

que casal eles tinham sido, sozinhos na pista de dança.

A rainha parecia chocada – encantada – quando o Príncipe Feérico a levou a uma valsa e não vacilou um passo. Tão feliz que ela coroou os dois com chammas.

Aquilo foi o começo disso.

A dança tinha sido... Nesryn não tinha palavras para a rapidez e a graça de sua dança. Sua primeira como rainha e consorte. Seus movimentos tinham sido uma pergunta e uma resposta um para o outro, e quando a música acelerou, Rowan girou e mergulhou e

girou-a, as saias de seu vestido preto revelando os pés de Aelin, vestidos com chinelos dourados.

Pés que se moviam tão rapidamente sobre o chão que brasas cintilavam em seus calcanhares. Arrastada na esteira de seu vestido arrebatador.

Mais rápido e mais rápido, Aelin e Rowan haviam dançado, girando, girando, girando, a rainha brilhando como se tivesse sido forjada na hora em que a música se juntou em um confronto.

E quando a valsa bateu em sua nota final triunfante, eles pararam – uma parada perfeita e súbita. Logo antes de a rainha jogar os braços em volta de Rowan e beijá-lo.

Nesryn ainda sorria, com os pés doloridos e tudo, quando estava em pé na câmara empoeirada que se tornara o quartel-general da realeza dos khaganate e ouvia-os falarem.

— A Alta Curandeira diz que serão mais cinco dias até que o último dos nossos soldados esteja pronto — o Príncipe Kashin estava dizendo aos seus irmãos. Para Dorian, que foi convidado para esta reunião hoje.

— E você vai partir então? — Dorian perguntou, sorrindo um pouco tristemente.

— A maioria de nós — disse Sartaq, sorrindo com igual tristeza.

Pois foi a amizade que cresceu aqui, mesmo na guerra.

Verdadeira amizade, para durar além dos oceanos que os separariam mais uma vez.

Sartaq disse a Dorian:

— Nós lhe pedimos para vir aqui hoje porque temos um pedido bastante incomum.

Dorian levantou uma sobrancelha.

Sartaq estremeceu.

— Quando visitamos o desfiladeiro Ferian, alguns de nossos rukhin encontraram ovos de serpentes aladas Indiferentes e abandonados. Alguns deles agora desejam ficar aqui. Para cuidar deles. Para treiná-los.

Nesryn piscou, junto com Dorian. Ninguém havia mencionado isso para ela.

— Eu... eu pensei que os rukhin nunca deixavam seus ninhos — Nesryn deixou escapar.

— Estes são jovens pilotos — disse Sartaq com um sorriso. — Apenas duas dúzias. — Ele se virou para Dorian. — Mas eles me pediram para perguntar se seria permissível para eles ficarem quando sairmos.

Dorian considerou.

— Eu não vejo por que eles não poderiam — algo provocou em seus olhos, uma idéia formada e depois colocada de lado. — Eu ficaria honrado, na verdade.

— Só não deixe que tragam as serpentes aladas para casa — Hasar reclamou. — Eu nunca quero ver outra serpente alada enquanto eu viver.

Kashin deu um tapinha na cabeça dela. Hasar estalou os dentes para ele.

Nesryn riu, mas seu sorriso desapareceu quando ela encontrou Dorian sorrindo tristemente para ela também.

— Acho que estou prestes a perder outro capitão da guarda — disse o Rei de Adarlan.

Nesryn inclinou a cabeça.

— Eu... — Ela não tinha previsto essa conversa. Não agora, pelo menos.

— Mas eu ficarei feliz — Dorian continuou, — de ganhar outra rainha a quem eu possa chamar de amiga.

Nesryn corou. Aprofundou-se quando Sartaq sorriu e disse:

— Não rainha. Imperatriz.

Nesryn se encolheu e Sartaq riu, Dorian com ele.

Então o rei abraçou-a com força.

— Obrigado, Nesryn Faliq. Por tudo que você fez.

A garganta de Nesryn estava muito apertada para falar, então ela abraçou Dorian de volta.

E quando o rei foi embora, quando Kashin e Hasar foram almoçar cedo, Nesryn virou-se para Sartaq e se encolheu novamente.

— Imperatriz? Mesmo?

Os olhos escuros de Sartaq brilharam.

— Nós vencemos a guerra, Nesryn Faliq — ele puxou-a para perto. — E agora vamos para casa.

Ela nunca ouviu palavras tão bonitas.



Chaol olhou para a carta em suas mãos.

Ele havia chegado uma hora atrás, e ele ainda não tinha aberto.

Não, ele tinha acabado de tirar do mensageiro – um da frota de crianças comandada por Evangeline – e trouxe de volta para seu quarto.

Sentado em sua cama, a luz das velas bruxuleando através da câmara desgastada, ele ainda não conseguiu quebrar o lacre de cera vermelho.

A maçaneta girou e Yrene entrou, cansada, mas com olhos brilhantes.

— Você deveria estar dormindo.

— Você também deveria — disse ele com um olhar aguçado para o abdômen.

Ela acenou para ele, tão facilmente quanto ela acenou com os títulos de *Salvadora* e *Heroína de Erilea*. Tão facilmente como ela acenou fora os olhares impressionados, as lágrimas, quando ela passou por eles.

Então Chaol ficaria orgulhoso de ambos. Contaria a seus filhos a bravura dela, seu brilho.

— O que é essa carta? — Perguntou ela, lavando as mãos, depois o rosto, no jarro perto da janela. Além do vidro, a cidade estava em silêncio – dormindo, após um longo dia de reconstrução.

Os homens selvagens do Canino Branco haviam permanecido para ajudar, um ato de bondade que Chaol asseguraria que não ficaria

sem recompensa. Ele já havia investigado onde poderia expandir seu território – e a paz entre eles e Anielle.

Chaol engoliu em seco.

— É da minha mãe.

Yrene fez uma pausa, o rosto ainda pingando.

— Sua... Por que você não abriu?

Ele encolheu os ombros.

— Nem todos nós somos corajosos o suficiente para enfrentar os Lordes das Trevas, você sabe.

Yrene revirou os olhos, enxugou o rosto e se sentou na cama ao lado dele.

— Você quer que eu leia primeiro?

Ele queria. Maldito seja ele, mas ele queria. Sem palavras, Chaol entregou a ela.

Yrene não disse nada enquanto abria o pergaminho lacrado, seus olhos dourados passeavam pelas palavras escritas. Chaol bateu um dedo no joelho dele. Depois de um longo dia de cura, ele sabia melhor do que tentar andar. Mal conseguira voltar aqui com a bengala antes de afundar na cama.

Yrene levou a mão à garganta ao virar a página e ler as costas.

Quando ela levantou a cabeça novamente, lágrimas deslizaram por suas bochechas. Ela entregou-lhe a carta.

— Você deveria ler você mesmo.

— Apenas me diga. — Ele leria mais tarde. — Apenas diga-me o que diz.

Yrene enxugou o rosto. Sua boca tremia, mas havia alegria em seus olhos. Pura diversão.

— Diz que ela ama você. Diz que ela sente sua falta. Diz que se você e eu somos receptivos a isso, ela gostaria de vir morar conosco. Seu irmão Terrin também.

Chaol pegou a carta, examinando o texto. Ainda não acreditando nisso. Não até ele ler.

Eu te amei desde o momento em que soube que você estava crescendo no meu ventre.

Ele não impediu que suas próprias lágrimas caíssem.

Seu pai me informou do que ele fez com minhas cartas para você. Eu o informei que não voltaria a Anielle.

Yrene encostou a cabeça no ombro dele enquanto ele lia e lia.

Os anos foram longos e o espaço entre nós distante, sua mãe havia escrito. Mas quando você estiver resolvido com sua nova esposa, seu bebê, eu gostaria de visitá-los. Para ficar mais tempo do que isso, Terrin comigo. Se isso desse certo para você.

Palavras nervosas, hesitantes. Como se a mãe dele também não acreditasse que ele concordaria.

Chaol leu o resto, engolindo em seco quando chegou às linhas finais.

Eu estou tão orgulhosa de você. Eu sempre estive e sempre estarei. E espero vê-lo em breve.

Chaol largou a carta, enxugou as bochechas e sorriu para a esposa.

— Vamos ter que construir uma casa maior — disse ele.

O sorriso de resposta de Yrene era tudo o que ele esperava.



No dia seguinte, Dorian encontrou Chaol e Yrene na enfermaria que havia sido transferida para os níveis mais baixos, o primeiro em sua cadeira de rodas, ajudando sua esposa a cuidar de uma Crochan ferida, e chamou-os para segui-lo.

Eles seguiram, não fazendo perguntas, até que encontraram Manon no topo do ninho. Selando Abraxos para seu passeio matinal.

Onde ela estava todos os dias, entrando em uma rotina que Dorian sabia era tanto para manter a dor à distância quanto para manter a ordem.

Manon se calou quando ela os viu, as sobrancelhas se estreitando. Ela conheceu Chaol e Yrene há alguns dias, a reunião deles era silenciosa, mas não fria, apesar de quão mal o primeiro encontro de Chaol com a bruxa havia acontecido. Yrene só tinha abraçado a bruxa, Manon segurando-a rigidamente, e quando elas

se separaram, Dorian poderia jurar que parte da palidez, a magreza, tinha desaparecido do rosto de Manon.

Dorian perguntou à Rainha das Bruxas:

— Onde você vai, quando todo mundo sair?

Os olhos dourados de Manon não deixaram seu rosto.

Ele não se atreveu a perguntar a ela. Eles não ousaram falar sobre isso. Assim como ele ainda não havia falado de seu pai, seu nome. Ainda não.

— Para os Desertos — disse ela por fim. — Para ver o que pode ser feito.

Dorian engoliu em seco. Ele ouviu as bruxas, tanto Dentes de Ferro e Crochans, falando sobre isso. Sentira seus nervos e excitação crescentes.

— E depois?

— Não haverá depois.

Ele sorriu ligeiramente para ela, um sorriso secreto, sabendo.

— Não haverá?

Manon perguntou:

— O que você quer?

Você, ele quase disse. *Tudo de você*.

Mas Dorian disse:

— Uma pequena facção do rukhin está permanecendo em Adarlan para treinar os filhotes serpentes aladas. Eu quero que eles sejam minha nova legião aérea. E eu gostaria que você e as outras Dentes de Ferro os ajudassem.

Chaol tossiu e olhou-o como se dissesse: *Você ia me dizer isso quando?*

Dorian piscou para o amigo e se virou para Manon.

— Vá para os Desertos. Reconstrua-o. Mas considere... voltar. Se não para ser minha cavaleira coroada, então para treiná-los. — Ele acrescentou um pouco em voz baixa: — E para dizer olá de vez em quando.

Manon olhou para ele.

Ele tentou não parecer como se estivesse prendendo a respiração, como esta idéia que ele tinha feito há meros minutos atrás na câmara da realeza khagan não estava correndo por ele, brilhante e fresca.

Então Manon disse:

— São poucos dias de serpente alada dos Desertos até Forte da Fenda. — Os olhos dela eram cautelosos, mas ainda assim era um leve sorriso. — Eu acho que Bronwen e Petrah serão capazes de liderar se eu ocasionalmente fugir. Para ajudar o rukhin.

Ele viu a promessa em seus olhos, naquele indício de um sorriso. Os dois ainda estão de luto, ainda quebrados em alguns lugares, mas neste novo mundo deles... talvez eles possam se curar.

Juntos.

— Vocês poderiam se casar — disse Yrene, e Dorian virou a cabeça para ela, incrédulo. — Isso tornaria mais fácil para vocês dois, então vocês não precisariam fingir.

Chaol ficou boquiaberto com a esposa.

Yrene encolheu os ombros.

— E seria uma forte aliança para nossos dois reinos.

Dorian sabia que seu rosto estava vermelho quando ele se virou para Manon, desculpas e negações em seus lábios.

Mas Manon sorriu para Yrene, o cabelo branco prateado se elevando na brisa, como se buscasse o povo unido que logo voaria para o oeste. Esse sorriso suavizou quando ela montou Abraxos e juntou as rédeas.

— Vamos ver — disse Manon Bico Negro, Grã Rainha das Crochans e Dentes de Ferro, antes que ela e sua serpente alada saltassem para o céu.

Chaol e Yrene começaram a discutir, rindo, mas Dorian foi até a beira do ninho.

Assistiu aquela mulher de cabelos brancos e a serpente alada com asas prateadas se distanciarem enquanto navegavam em direção ao horizonte.

Dorian sorriu. E encontrou-se, pela primeira vez em tempos, ansioso pelo amanhã.

CAPÍTULO 121

Rowan sabia que este dia seria difícil para ela.

Para todos eles, que se tornaram tão próximos nessas semanas e meses.

No entanto, uma semana depois da coroação de Aelin, eles se reuniram novamente. Desta vez não para comemorar, mas para dizer adeus.

O dia amanheceu, claro e ensolarado, mas ainda brutalmente frio. Como seria por um tempo.

Aelin pediu a todos para ficarem na noite passada. Esperar os meses de inverno e partir na primavera. Rowan sabia que ela sabia que seu pedido provavelmente não seria concedido.

Alguns pareciam inclinados a pensar, mas no final, todos, menos Rolfe, decidiram ir.

As Dentes de Ferro e Crochans tinham partido antes da primeira luz, desaparecendo rápida e silenciosamente. Indo para o oeste em direção a sua antiga casa.

Rowan estava ao lado de Aelin no pátio do castelo, e ele podia sentir a tristeza, o amor e a gratidão que fluíam através dela quando ela os recebeu. Os khagans da realeza e rukhin já haviam se despedido, Borte o mais relutante em dizer adeus, e o abraço de Aelin em Nesryn Faliq foi longo. Elas tinham sussurrado juntas, e ela sabia o que Aelin oferecia: companheirismo, mesmo a milhares de quilômetros de distância. Duas jovens rainhas, com poderosos reinos para governar.

Os curandeiros tinham ido com eles, alguns a cavalo com os Darghan, alguns em carroças, alguns com o rukhin. Yrene Westfall

soluçava quando abraçava os curandeiros, a Alta Curandeira, uma última vez. E então soluçou nos braços do marido por um bom tempo depois disso.

Então Ansel, com o que restava de seus homens. Ela e Aelin trocaram insultos, depois riram e depois choraram, abraçadas. Outra ligação que não seria tão facilmente quebrada apesar da distância.

Os Assassinos Silenciosos saíram em seguida, Ilias sorrindo para Aelin enquanto ele partia.

Então o príncipe Galan, cujos navios permaneciam sob a guarda de Ravi e Sol em Suria, e que iria para lá antes de partir para Wendlyn. Ele abraçou Aedion, depois apertou a mão de Rowan antes de se virar para Aelin.

Sua esposa, sua parceira, sua rainha dissera ao príncipe:

— Você veio quando eu pedi. Você veio sem conhecer nenhum de nós.

Eu sei que já disse isso, mas serei eternamente grata.

Galan sorriu.

— Era uma dívida longa, prima.

Então ele também partiu, seu povo com ele. De todos os aliados que eles montaram, apenas Rolfe permaneceria no inverno, pois agora ele era o Lorde de Ilium. E Falkan Ennar, o tio de Lysandra, que queria aprender o que sua sobrinha sabia da mudança de forma.

Talvez construa seu próprio império mercantil aqui e ajude com os acordos de comércio exterior que eles precisam rapidamente fazer.

Mais e mais partiram sob o sol de inverno até que apenas Dorian, Chaol e Yrene permaneceram.

Yrene abraçou Elide, as duas mulheres jurando escrever com frequência. Yrene, sabiamente, apenas acenou para Lorcan, depois sorriu para Lysandra, Aedion, Ren e Fenrys antes de se aproximar de Rowan e Aelin.

Yrene continuava sorrindo enquanto olhava entre eles.

— Quando seu primeiro filho estiver perto, procure por mim e eu virei. Para ajudar com o nascimento.

Rowan não tinha palavras para a gratidão que ameaçava curvar seus ombros. Partos feéricos... Ele não se deixou pensar nisso. Não quando ele abraçou a curadeira.

Por um momento, Aelin e Yrene apenas se encararam.

— Estamos muito longe de Innish — sussurrou Yrene.

— Mas não mais — Aelin sussurrou de volta, a voz se quebrando quando elas se abraçaram. As duas mulheres que tinham mantido o destino de seu mundo entre elas. Que o salvaram.

Atrás deles, Chaol enxugou o rosto. Rowan, abaixando a cabeça, fez o mesmo.

Seu adeus a Chaol foi rápido, seu abraço firme. Dorian permaneceu mais tempo, gracioso e firme, mesmo quando Rowan se viu lutando para falar além da tensão em sua garganta.

E então Aelin se postou diante de Dorian e Chaol, e Rowan recuou, alinhando-se ao lado de Aedion, Fenrys, Lorcan, Elide, Ren e Lysandra. Sua nova corte – a corte que mudaria esse mundo.

Reconstruiria-o.

Dando espaço a sua rainha para este último e mais difícil adeus.



Ela sentiu como se tivesse chorado sem fim por alguns minutos agora.

Ainda esta despedida, esta despedida final...

Aelin olhou para Chaol e Dorian e soluçou. Abriu os braços para eles e chorou enquanto se abraçavam.

— Eu amo vocês dois — ela sussurrou. — E não importa o que aconteça, não importa quão longe possamos estar, isso nunca mudará.

— Nós vamos vê-la novamente — disse Chaol, mas até mesmo sua voz estava cheia de lágrimas.

— Juntos — Dorian respirou, tremendo. — Vamos reconstruir este mundo juntos.

Ela não aguentou, essa dor no peito. Mas ela se obrigou a se afastar e sorrir para os rostos riscados de lágrimas, uma mão no

coração.

— Obrigada por tudo que você fez por mim.

Dorian inclinou a cabeça.

— Essas são palavras que eu nunca pensei que ouviria de você.

Ela soltou uma risada rouca e deu-lhe um empurrão.

— Você é um rei agora. Tais insultos estão abaixo de você.

Ele sorriu, enxugando o rosto.

Aelin sorriu para Chaol, para a esposa que esperava além dele.

— Desejo-lhe toda a felicidade — ela disse a ele. Para os dois.

Essa luz brilhava nos olhos de bronze de Chaol – que ela nunca vira antes.

— Vamos nos ver de novo — ele repetiu.

Então ele e Dorian se viraram para os cavalos, em direção ao dia claro além dos portões do castelo. Para o seu reino ao sul.

Quebrado agora, mas não para sempre.

Não para sempre.



Aelin ficou quieta por um longo tempo depois, e Rowan ficou com ela, seguindo quando ela caminhou até as ameias do castelo para assistir Chaol, Dorian e Yrene descendo a estrada que cortava a planície selvagem de Theralis. Até que eles desapareceram no horizonte.

Rowan manteve o braço ao redor dela, respirando o cheiro dela enquanto ela descansava a cabeça contra o ombro dele.

Rowan ignorou a dor fraca que permaneceu lá das tatuagens que ela ajudou a pintar na noite anterior. O nome de Gavriel, traduzido no idioma antigo. Exatamente como o Leão uma vez tatuou os nomes de seus guerreiros caídos em si mesmo.

Fenrys e Lorcan, uma tentativa de paz entre eles, também agora usavam a tatuagem – exigiram uma assim que souberam do que Rowan planejava fazer.

Aedion, no entanto, pedira a Rowan um design diferente. Para adicionar o nome de Gavriel ao nó de Terrasen já coberto no o

coração dele.

Aedion estava quieto enquanto Rowan trabalhava – quieto o suficiente para Rowan começar a contar as histórias. História após história sobre o Leão. As aventuras que eles compartilharam, as terras que eles viram, as guerras que eles travaram. Aedion não tinha falado enquanto Rowan tinha falado e trabalhado, o cheiro de sua dor transmitindo o suficiente.

Era um perfume que provavelmente duraria muitos meses por vir.

Aelin soltou um longo suspiro.

— Você vai me deixar chorar na cama pelo resto do dia como um verme patético — perguntou finalmente — se eu prometer começar a trabalhar na reconstrução amanhã?

Rowan arqueou uma sobrancelha, a alegria fluindo através dele, livre e brilhante como um riacho descendo uma montanha.

— Você gostaria que eu lhe trouxesse bolos e chocolates para que seu luto pudesse ser completo?

— Se você puder encontrar algum.

— Você destruiu as Chaves de Wyrð e matou Maeve. Acho que consigo encontrar alguns doces para você.

— Como você me disse uma vez, foi um esforço em grupo.

Também pode exigir um para adquirir bolos e chocolate.

Rowan riu e beijou o topo de sua cabeça. E por um longo momento, ele apenas se maravilhou que ele pudesse fazer isso.

Poderia ficar com ela aqui, neste reino, nesta cidade, neste castelo, onde eles fariam sua casa.

Ele podia ver agora: os salões restauravam seu esplendor, a planície e o rio cintilando além, os Cervos correndo. Ele podia ouvir a música que ela trazia para esta cidade e o riso das crianças nas ruas.

Nestes salões. Na suíte real deles.

— O que você está pensando? — Ela perguntou, olhando para o rosto dele.

Rowan deu um beijo na boca dela.

— Que eu cheguei aqui. Com você.

— Há muito trabalho a ser feito. Alguns podem dizer que é tão ruim quanto lidar com Erawan.

— Nada será tão ruim assim.

Ela bufou.

— Verdade.

Ele a colocou mais perto.

— Estou pensando em como sou muito grato. Que nós fizemos isso. Que eu te encontrei. E como, mesmo com todo esse trabalho a ser feito, não me importarei um momento porque você está comigo.

Ela franziu a testa, seus olhos umedecendo.

— Vou ter uma dor de cabeça terrível por causa de todo esse choro e você não está ajudando.

Rowan riu e beijou-a novamente.

— Muito rainha de sua parte.

Ela cantarolou.

— Eu também acho, é o que diz o contrato real.

Ele riu contra sua boca.

— E humilde. Não vamos nos esquecer disso.

— Ah, sim — disse ela, enrolando os braços ao redor de seu pescoço. Seu sangue aqueceu, provocando um poder maior que qualquer força que um Deus ou uma Chave de Wyrld pudesse invocar.

Mas Rowan se afastou, apenas o suficiente para descansar sua testa contra a dela.

— Vamos levá-la para seus aposentos, Majestade, para que você possa começar a relaxar.

Ela tremeu de rir.

— Eu posso ter outra coisa em mente agora.

Rowan soltou um grunhido e beliscou sua orelha, seu pescoço.

— Eu também.

— E amanhã? — Ela perguntou sem fôlego, e ambos pararam para olhar um para o outro. Sorriram. — Você vai trabalhar para reconstruir este reino, este mundo, comigo, amanhã?

— Amanhã e todos os dias depois disso. — Todos os dias dos mil anos abençoados que foram concedidos juntos. E além.

Aelin beijou-o novamente e pegou a mão dele, guiando-o para o castelo. Em sua casa.

— Para qualquer fim? — Ela respirou.

Rowan a seguiu, como ele teve toda a sua vida, muito antes de eles terem se conhecido, antes que suas almas surgissem.

— Para qualquer fim, Coração de Fogo. — Ele olhou de soslaio para ela. — Posso dar uma sugestão para o que devemos reconstruir primeiro?

Aelin sorriu e a eternidade se abriu diante deles, brilhante e gloriosa e adorável.

— Diga-me amanhã.

Um Mundo Melhor

O inverno brutal deu lugar a primavera. Durante os meses de infinitas geadas todos tinham trabalhado. Na reconstrução de Orynth, em todo o comércio, sobre como fazer laços com reinos que ninguém tinha contatado em cem anos. Os feéricos perdidos de Terrasen, muitos dos cavaleiros lobos com eles, e quando voltaram imediatamente lançaram-se em reconstrução ao lado de vários feéricos de Doranelle que tinham optado por permanecer, mesmo quando Endymion e Sellene tinham voltado para suas terras.

Por todo o continente, poderia jurar que soavam os martelos, de tantos povos que surgiram uma vez mais.

E no sul, nenhuma terra se esforçava mais para reconstruir do que Eyllwe. Suas perdas tinham sido devastadora, mas ainda assim permaneceram intactos. A carta que Aelin escrevera para os pais de Nehemia tinha sido a mais alegre de sua vida. Ela havia escrito que tinham consertado esse mundo. *Sim* – eles haviam respondido. *Nehemia pensaria assim*. Aelin tinha guardado a carta em sua mesa durante meses. Não é por causa de uma cicatriz brilhante, mas uma promessa de amanhã, para fazer o futuro como Nehemia tinha sonhado que poderia ser.

E, quando finalmente a primavera rastejou sobre os *Staghorns*, o castelo ficou ouro e azul, as pedras manchadas do castelo limpas e tudo o que Aelin não sabia era por que ela acordara com o amanhecer. O que a afogou para baixo do braço que qual Rowan a cobrira enquanto ela dormia.

Seu parceiro permaneceu adormecido, exausto como ela estava – exausto como todos eles estavam, todas as noites.

Exaustos, ambos, e sua corte, mas felizes. Elide e Lorcan – agora Lorde Lorcan Lochan, para diversão eterna de Aelin – tinha voltado para Perranth, apenas uma semana atrás, para começar a reconstrução lá, agora que os curandeiros haviam terminado seu trabalho no último dos possuídos por Valgs.

Eles retornarão em três semanas, no entanto. Juntamente com todos os outros lordes que tinham ido a suas fazendas uma vez que o inverno havia aliviado. Todos seguiriam para Orynth, então. Para o casamento de Aedion e Lysandra.

Não mais um príncipe de Wendlyn, mas um verdadeiro Lorde de Terrassen.

Aelin sorriu ao pensar nisso enquanto vestia o roupão, arrastando os pés nos chinelos forrados de couro. Mesmo com a primavera completamente neles, as manhãs eram frias. De fato, Ligeirinha jazia ao lado do fogo em sua pequena cama almofadada, enrolada com força. E tão igualmente exausta quanto Rowan, aparentemente. A cadelinha não se incomodou em abrir um olho.

Aelin jogou os cobertores de volta sobre o corpo nu de Rowan, sorrindo para ele quando ele não se mexeu tanto assim. Preferia muito mais a reconstrução física – trabalhando durante horas para consertar construções e as muralhas da cidade – para a *besteira côrtes*, como ele a chamava. Significava que isso exigisse que ele vestisse roupas bonitas.

No entanto, ele prometeu dançar com ela no casamento de Lysandra e Aedion. Tais habilidades de dança inesperadamente boas, seu parceiro tinha. *Apenas para ocasiões especiais*, ele avisou depois de sua coroação.

Mostrando a língua para ele, Aelin se afastou da cama e se inclinou para os ventos que levavam à ampla varanda com vista para a cidade e a planície mais além. Seu ritual matinal – sair da cama, passar pelas cortinas e sair para a varanda para respirar o ar da manhã. Olhar para o reino dela, o reino deles, e ver que isso aconteceu.

Via o verde da primavera, e cheirava o pinho e a neve do vento da Galhada do Cervo. Às vezes, Rowan se juntava a ela, segurando-a em silêncio quando tudo o que aconteceu pesava em um membro fantasma. Mas às vezes, nos dias em que ela acordava de olhos e sorrisos, ele mudava de direção e navegava pelos ventos da montanha, sobrevoando a cidade, ou Carvalhal, ou a Galhada do Cervo. Como ele adorava fazer, como fazia quando seu coração estava perturbado ou cheio de alegria.

Ela nunca deixaria de ser grata por isso. Parada à porta da varanda. Pela luz, pela *vida* nos olhos de Rowan.

A mesma luz que ela sabia que brilhava em seus próprios olhos.

Aelin alcançou as pesadas cortinas, procurando o puxador da porta da sacada. Com um sorriso para Rowan, ela entrou no sol da manhã e na brisa gelada.

Ela ficou quieta, com as mãos afrouxadas ao lado do corpo, enquanto observava o que a aurora havia revelado.

— Rowan — ela sussurrou.

O farfalhar de lençóis, ela sabia que ele estava instantaneamente acordado. Indo em direção a ela, mesmo sendo empurrado em suas calças. Mas Aelin não se virou quando correu para a sacada. E parou também.

Em silêncio, eles olharam. Campainhas começaram a tocar, as pessoas gritaram. Não com medo. Mas, maravilhadas. Com a mão subindo para a boca, Aelin examinou a ampla varredura do mundo.

O vento da montanha afastou suas lágrimas, levando consigo uma canção antiga e adorável. Do coração do Carvalhal. O coração da terra. Rowan entrelaçou os dedos nos dela e sussurrou, admirando cada palavra.

— Para você, Coração de Fogo. Tudo isso é para você.

Aelin chorou então. Chorou de alegria que iluminou seu coração, mais brilhante do que qualquer magia jamais poderia ser. Para além de todas as montanhas, espalhando-se por baixo do dossel verde do Carvalhal, cobrindo toda a planície de Terrasen, o reino estava florescendo.

AGRADECIMENTOS

Terminar uma série em que trabalhei (literalmente) metade da minha vida não é tarefa fácil. Mas encontrar uma maneira de agradecer devidamente a todas as pessoas que fizeram parte desse sonho meu é igualmente intimidante.

Suponho que deveria começar com meus pais, a quem este livro é dedicado e cujo amor pela leitura inspirou os meus. Obrigado por ler para mim todas as noites quando eu estava crescendo, por nunca me dizer que eu era muito velha para contos de fadas, e por me capacitar a seguir meus sonhos.

Nada disso teria sido possível sem minha destemida e adorável agente, Tamar Rydzinski. Tamar: Você me assinou quando eu era um escritor inédito de vinte e dois anos, e acreditou nessa série quando ninguém mais fez. Trabalhar com você nesses últimos dez anos tem sido um privilégio e uma alegria - obrigada por ser minha campeã, minha fada madrinha e, mais importante, minha amiga.

Ao longo desta série, tive a honra de trabalhar com vários editores fantásticos. A Margaret Miller: obrigada por ter tido uma chance neste livro e por sua perspicaz e genial orientação editorial ao longo dos anos. Eu sou um escritora melhor por ter trabalhado com você. Para Michelle Nagler e Cat Onder: obrigada por seu apoio, sua visão e sua gentileza. Para Laura Bernier: obrigada por toda sua ajuda com o *Torre do Alvorecer* - trabalhar com você foi uma delícia. Para Bethany Strout: Muito obrigada por todo seu feedback maravilhoso e crucial sobre o *Reino das Cinzas*. Você me ajudou a transformar este livro em algo de que realmente me orgulho. E para Kamilla Benko: nós não trabalhamos juntos há tanto tempo, mas já é um prazer!

Para Lynette Noni: obrigada, obrigada, obrigada por suas anotações insanamente brilhantes sobre este livro, por tê-lo lido várias vezes e por todas aquelas capturas de última hora. Estou tão feliz que nossos caminhos se cruzaram na Austrália todos esses anos atrás.

Para toda a equipe da Bloomsbury, presente e passada, que trabalhou incansavelmente nesses livros: Cindy Loh, Cristina Gilbert, Kathleen Farrar, Nigel Newton, Rebecca McNally, Emma Hopkin, Lizzy Mason, Erica Barmash, Emily Ritter, Alona Fryman, Alexis Castellanos, Courtney Griffin, Beth Eller, Jenny Collins, Phoebe Dyer, Nick Parker, Lily Yengle, Frank Bumbalo, Marca Donna, Candel John, Yelena Safronova, Melissa Kavonic, Oona Patrick, Liz Byer, Diane Aronson, Kerry Johnson, Christine Ma, Linda Minton, Chandra Wohleber, Jill Amack, Emma Saska, Donna Gauthier, Doug White, Igreja Nicholas, Claire Henry, Lucy MacKay-Sim, Elise Burns, Andrea Kearney, Maia Fjord, Laura Main Ellen, Sian Robertson, Emily Moran, Ian Cordeiro, Emma Bradshaw, Fabia Ma, Grace Whooley, Alice Grigg, Joanna Everard, Jacqueline Vende, Tram-Anh Doan, Beatrice Cross, Jade Westwood, Cesca Hopwood, Jet Purdie, Saskia Dunn, Sonia Palmisano, Catriona Feeney, Hermione Davis, Ana Temby, Grainne Reidy, Kate Sederstrom, Hali Baumstein, Charlotte Davis, Jennifer González, Veronica González, Elizabeth Tzetzso. Obrigada do fundo do meu coração por tornar esta série uma realidade. Eu adoro todos vocês.

Para a equipe da Agência Literária Laura Dail: vocês são bandidos e eu amo vocês. Para Giovanna Petta e Grace Beck: muito obrigada pela sua ajuda. A Jon Cassir e à equipe da CAA: obrigada por serem tão fantásticas de trabalhar e por encontrar bons lares para meus livros. Para Maura Wogan e Victoria Cook: obrigada por ser uma equipe legal tão estelar. Para David Arntzen: obrigada por toda sua orientação e bondade nesses anos. Para Cassie Homer: obrigada por ser a melhor assistente, porra! Para Talexi: obrigada pelas lindas capas!

Um sincero e enorme obrigado a todos os meus maravilhosos editores em todo o mundo: Bósnia: Sahinpasic, Brasil: Record, Bulgária: Egmont, China: Honghua Culture, Croácia: Fokus, República Tcheca: Albatros, Dinamarca: Tellerup, Estônia: Pikoprit, Finlândia: Gummerus, França: Editions du Seuil, Geórgia: Palitra, Alemanha: DTV Junior, Grécia: Psivhogios, Hungria: Konyvmolykepzo, Israel: Kor'im, Itália: Mondadori, Japão: Villagebooks, Coréia: Athena, Lituânia: Alma Littera, Holanda: Meulenhof / Van Goor, Noruega: Gyldendal, Polônia: Wilga, Portugal: Marcador, Romênia: RAO, Rússia: Azbooka Atticus, Sérvia: Laguna, Eslováquia: Slovart, Eslovênia: Učila International, Espanha: Santillana e Planeta, Suécia: Modernista, Taiwan: Sharp Point Press, Tailândia: Nanmee Books, Turquia: Dogan Kitap, Ucrânia: Vivat. Estou com os dedos cruzados para poder encontrar todos vocês pessoalmente, um dia!

Eu não teria chegado tão longe se não fosse por alguns dos meus primeiros leitores: a comunidade Fictionpress. Como posso transmitir minha gratidão por tudo que você fez? Seu amor por esses personagens e este mundo me deu a coragem de tentar ser publicado. Obrigada por ficar até o final.

Uma das melhores partes desta jornada tem sido os amigos que fiz ao longo do caminho. Obrigado e interminável amor a Louisie Ang, Steph Brown, Jennifer Kelly, Alice Fanchiang, Laura Ashforth, Jessica Santiago, Jessica Reigle, Jennifer Armentrout, Christina Hobbs, Lauren Billings e Kelly Grabowski. Para Charlie Bowater: Conhecer você tem sido um dos destaques da minha carreira, e sua incrível arte me inspirou de muitas maneiras. Obrigada por todo seu trabalho duro (e por ser um gênio total).

Para minha família: Obrigada por seu amor inabalável. Isso me levou mais longe do que você imagina. Para os meus sogros, Linda e Dennis: obrigada por cuidar tão bem de Josh e eu nesses últimos meses (tudo bem, vamos ser honestos: pelos últimos quatorze anos!), E por serem tão maravilhosos e altruístas. Para meus avós.

Para *você*, caro leitor: Obrigada do fundo do meu coração por tudo. Nada disso teria sido possível sem *você*. Eu poderia escrever outras mil páginas sobre como sou grata e sempre serei. Mas no final, tudo o que posso pensar é que espero que seus sonhos, sejam eles quais forem, se tornem realidade. Espero que *você* busque esses sonhos com todo seu coração; Espero que *você* trabalhe para eles, não importa quanto tempo leve, não importa quão improváveis sejam as chances. acredite em si mesmo, mesmo que pareça que o mundo não acredita. acredite em si mesmo e isso o levará mais longe do que *você* imagina. *Você* consegue. *Voce* vai conseguir. Eu estou torcendo por *você*.

Para Annie, minha companheira canina e (outra) melhor amiga: *Você* sentou ao meu lado (... ou no meu colo, ou no sofá, ou aos meus pés) enquanto eu escrevia esses livros. Se eu pudesse, daria a *você* um suprimento infinito de coelho para todo seu amor incondicional - e para toda a felicidade que *você* me trouxe. Eu te amo para todo o sempre, baby filhote.

Para Josh, meu marido, meu carranam, meu parceiro: O que eu posso dizer? Eu conheço *você* há quase tanto tempo quanto tenho trabalhado nesses livros - e que jornada tem sido. Todos os dias, acordei com alegria e gratidão em meu coração, porque eu ando nessa estrada com *você*. Obrigada por cuidar tão bem de mim, por ser meu melhor amigo, por me fazer rir e por me carregar quando senti que não poderia continuar. Eu não teria conseguido sem *você*, e estou muito animada e abençoada por poder ir nessa próxima etapa da jornada com *você*.

E finalmente, para Taran: *Você* era o destino o tempo todo, amigo. *Você* foi a coisa para a qual eu andei em direção a minha vida inteira sem nem mesmo saber disso. *Você* é perfeito, *você* é maravilhoso, *você* é meu orgulho. *Você* não vai se lembrar desses primeiros meses, mas acho estranho que esses livros terminaram no mesmo momento em que *você* chegou. É verdadeiramente um capítulo da minha vida que se fecha e o próximo começa.

Então, agora que estou nesta encruzilhada, quero que você saiba que não importa onde seu próprio caminho o leve, Taran, espero que você encontre alegria, e maravilha, e sorte ao longo do caminho. Espero que você seja guiado pela coragem, compaixão e curiosidade. Espero que você mantenha seus olhos e seu coração abertos, e que você sempre tome a estrada menos percorrida. Mas principalmente, eu espero que você saiba que não importa a estrada, não importa o quão longe ela te carrega, eu te amo. Para qualquer fim.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.